



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

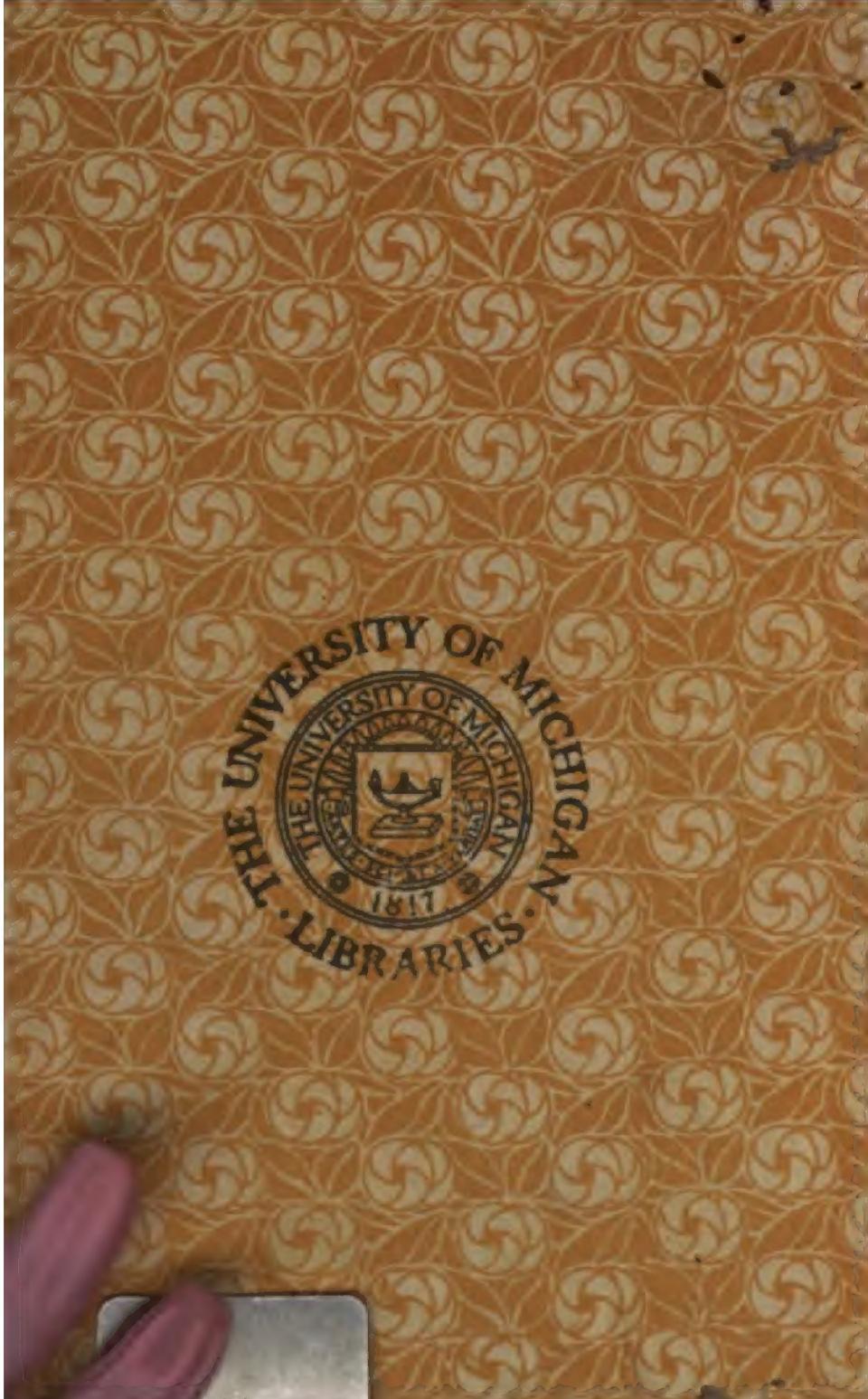
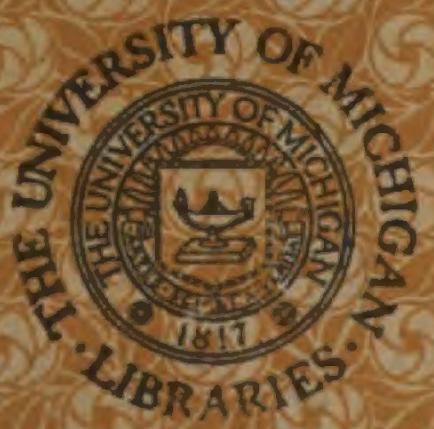
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presumá que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

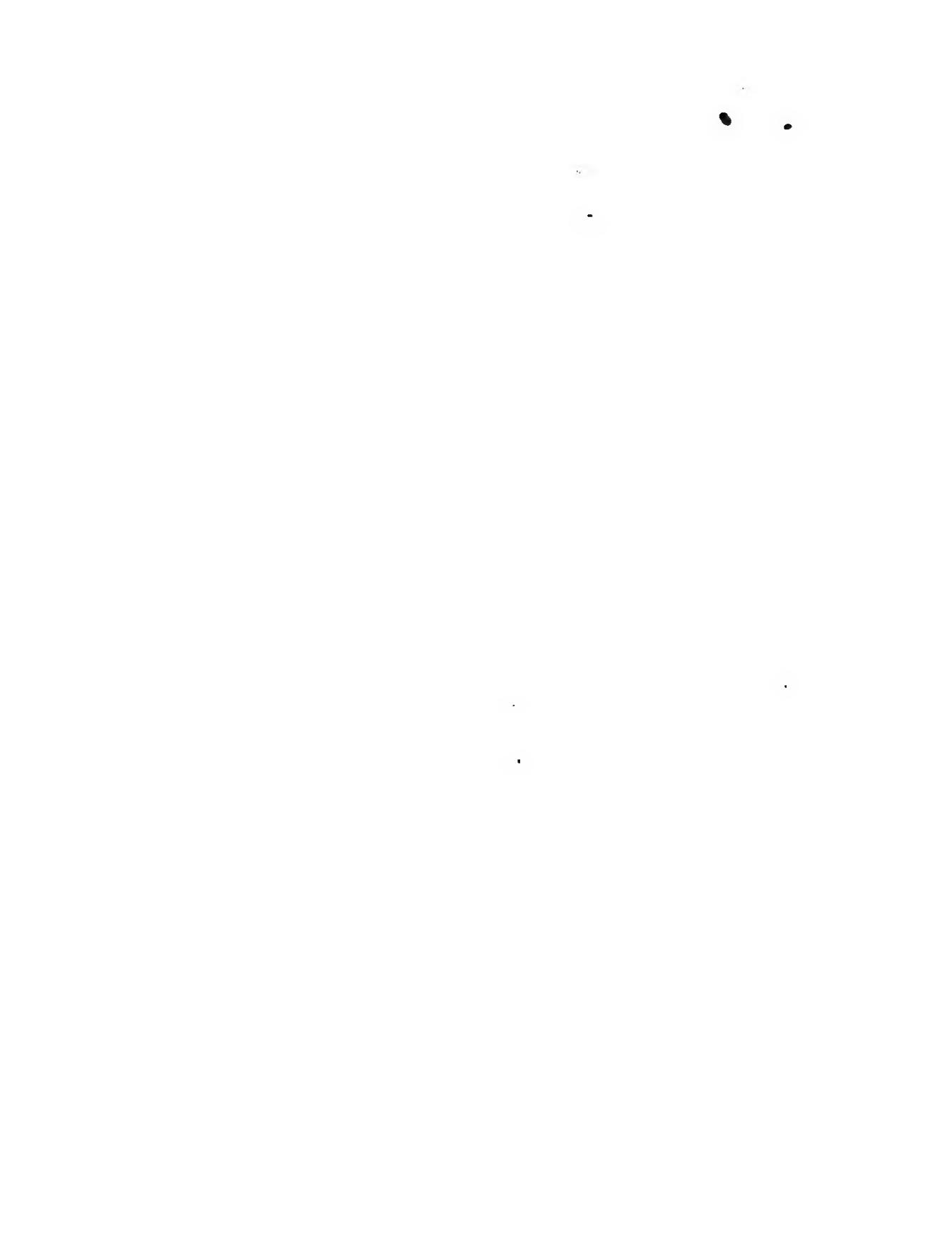
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

A 459728 DPL









Carlos Baptista Coelho



O
RYSOSTOMO PORTUGUEZ

OU

O PADRE ANTONIO VIEIRA

DA COMPANHIA DE JESUS

UM ENSAIO DE FLUENCIA COMPILEADO DOS SEUS VERMOS

SEGUNDO OS PRINCIPAIS

DA ORATORIA SAGRADA

POR PADRE ANTONIO HONORATO

Da mesma Companhia

Vede se regras que estao da ordem
do gabinete que me guideram para este
novo espirito.

(VIEIRA, PROF. AL. J. P. LIMA, 1880.)

PRIMEIRO VOLUME

Sermões da Quaresma

LISBOA

LIBRARIAS EDITÓRIAS DE MATOS MOREIRA & C.º

16 - Praça de D. Pedro - 44

1880



O HRYSOSTOMO PORTUGUEZ

OU

O PADRE ANTONIO VIEIRA

DA COMPANHIA DE JESUS

N'UM ENSAIO DE ELOQUENCIA COMPILEADO DOS SEUS SERMÕES

SEGUNDO OS PRINCÍPIOS

DA ORATORIA SAGRADA

PELO PADRE ANTONIO MONORATI

DA MESMA COMPANHIA

Verás as regras não sei se da arte ou
do genio, que me guiaram por este novo
caminho.

(VIEIRA, pref. do 1.º tom. dos Serm.)

PRIMEIRO VOLUME — SERMÕES DA QUARESMA

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATOS MOREIRA & C.[°]

68, Praça de D. Pedro, 68

1878

BX
1756
.V67

v.1

74800 - 190

AO EXC.^{MO} E REV.^{MO} SR.

ANTONIO DE MACEDO COSTA

BISPO DO GRAN-PARÁ

COGNOMINADO

POR SUA ELOQUENCIA E ZELO APOSTOLICO

O CHRYSOSTOMO BRAZILEIRO

OFFERECE ESTE PRIMEIRO VOLUME

O CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ

Em testemunho de respeito e admiração

O COMPILADOR

—

PROLOGO DO COMPILADOR

Mostrar na eloquencia de Vieira a de Chrysostomo e indicar practicamente quaes os principios e qual a forma mais propria da pregação evangelica, eis o fim da presente compilação.

Digo compilação: pois não é meu intento dar uma nova edição dos sermões do grande orador portuguez, mas sim offerecer ao publico amante das letras e principalmente aos oradores principiantes um largo trabalho que sobre os mesmos sermões emprehendi, coodernando-os e deixando de parte tudo o que n'elles introduziu o mau gosto do seculo XVII.

As interpretações forçadas, inconvenientes e talvez falsas dos textos da Escriptura sagrada, as largas citações de autores profanos, as subtilezas de conceitos abstrusos ou re-quintados, os equivocos e trocadilhos (lastimoso tributo que o sabido ingenho de Vieira pagou ao seu seculo tão dado ao gongorismo); quem não sabe quanto escurecem a belleza, trouxam o impeto, diminuem a auctoridade e rebaixam a nobreza de sua eloquencia?

À vista de um facto tão prejudicial para a oratoria portugueza fui indagando se era possivel tirar dos sermões de Vieira tudo o que é desfeituoso sem alterar a elegancia da linguagem e a força do raciocinio: se era possivel reduzir este classico portuguez ás regras da estheticá, pouco mais ou menos como Jouvency reduziu os classicos latinos ás regras da moralidade. Que em alguns sermões se conseguisse não podia haver duvida; sendo bem pouco e muito accessorio o que, por contrario á estheticá, n'elles se devia supprimir. Mas na maior parte, e nos que mais avultam por thesouros de doutrina e rasgos de eloquencia, taes desfeitos se antolhavam, que não havia presumir de antemão o exito da tentativa.

Apezar d'esta incerteza sobrejou-me ousadia para o empredimento; e o leitor ahí tem deante dos olhos uma parte do resultado.

Não dissimularei douos reparos ou escrupulos que, parece, me deviam dissuadir d'este arrojo: o primeiro a novidade do trabalho, o segundo a presumpção que elle argui.

Mas atepdi que a novidade das emprezas não é culpa de que se deva fazer consciencia quem se aloita a ellas em serviço da sociedade; antes titulo de gloria muito para espertar brios e alentar emulações. Não é o tempo e a antiguidade, mas a razão e o merecimento das obras que lhes grangeia crédito e abona auctoridade. Que seria do mundo se o reparo da novidade tivesse o peso que se pretende? Ter-se-iam dado nas sciencias e artes os aguantados passos que hoje admiramos?

Tam pouco foi dificultoso lançar fóra o escrupulo de presumpção. Sabido é que um pygmeu sobre um gigante pode ver mais do que elle: mas nem por isso deixa de ser pygmeu. Lá disse tambem a fabula que o leão, rei dos animaes, colhido em una rede, foi solto e posto em liberdade por obra de um ratinho. Acaso o ratinho ficaria por isso tão presumido que se julgasse um leão? — Ás vezes os mais tenues servem muito. — Disposição amorosa da Providencia

para que os homens, dependendo uns dos outros, se amem e ajudem mutuamente.

Confesso, porém, que pouco valem n'esta materia as razões que se chamam *a priori*; e só a leitura da compilação pôde excluir todos os reparos e resolver todas as dificuldades. Por isso o prologo poderia acabar aqui. Mas porque contra o compilador e o objecto da compilação pôde haver outros preconceitos, que a simples leitura d'estes sermões não dissiparia tão facilmente, julgo necessário explicar em distintos parágraphos:

- 1.^o Qual a natureza e ordem da compilação.
- 2.^o Porque não foram estes sermões emendados pelo proprio auctor.
- 3.^o Qual o genero de eloquencia em que se funda principalmente o titulo de Chrysostomo portuguez.
- 4.^o Quanta similituña ha entre Vieira e Chysostomo.

§ 1.^o

Sendo tres as partes rhetoricas de todo discurso escripto, invenção, disposição e elocução, é de advertir que por esta ultima principalmente se qualificam os escriptores; por quanto no exprimir com exactão e graça os pensamentos por meio de locuções correctas, puras, claras, proprias e elegantes está a maior dificuldade da litteratura. Obras de grande volume, em saindo á luz, foram sepultadas no desprezo ou no esquecimento: porque não as animará uma dicção purada; e no entanto, desde largos seculos vem o mundo traditio relendo e admirando elegantissimas ninharias de Maureonte e de Catullo, nem, ao que parece, deixará de admirar-as jámais; e porque? Pelo primor da elocução.

*Qual a natureza
e ordem
da compilação*

Quanto, pois, aos sermões de Vieira, se não obstante os usertos que todos apontam e muitos exageram, são ainda estudados em nossos dias; d'onde lhes vem seu maior atractivo, senão da elocução verdadeiramente admirável pela elegancia, propriedade e clareza com que exprime tudo o

que quer, até as verdades mais remontadas e menos accessíveis à intelligencia humana? Por esta razão os seus sermões, ainda integralmente retidos, nunca hão de morrer; e no escuro de seus mesmos desleitos saberão sempre os amadores da litteratura portugueza achar lustrosas perolas de linguagem absolutamente classica, quaes debalde buscariam em outros livros de melhor gosto.

Então advertimos ser tão opulenta a elocução do nosso orador, que cerceadas as demasiais, ainda ella se mostra bem ornada e por ventura mais formosa. Assim pois, o meu primeiro cuidado e poncto de partida para o novo commettimento foi que não se alterasse a elocução d'aquelle Vieira que na opinião geral abonada pelo erudito Francisco Dias Gomes — tem por si só tanta auctoridade, como todos os prosistas anteriores a elle. — Por isso mesmo os poucos trechos que houvevemos de accrescentar, quando foi preciso dar ordem diferente ao discurso, e bem assim todas as phrases e palavras nossas que em muitos logares era forçoso introduzir, vão escrupulosamente extremadas do texto original por meio de comas.

D'aqui se segne que o maior trabalho do compilador não esteve na terceira parte rhetorica, mas na segunda e na primeira; porque ainda que na maior parte d'estes sermões não se fez mais que cortar ou transferir (o que altera a disposição do original); comtudo em outros foi necessário suprir alguma falta da mesma invenção; ou porque estava viadiado o assumpto, ou porque as provas não concluiam. Por onde é manifesto que não se podem dar (salva a verdade) todos os argumentos como genuinos de Vieira: mas nem por isso, se o amor proprio me não cega, ficam menos plausiveis; sendo as razões como o dinheiro, que tem nas mãos de todos o mesmo valor. A natureta d'este trabalho pedia que o compilador não copiasse sem exame o que achava escripto, fundando-se na auctoridade do grande orador portuguez (posto que merecedora da maior veneração); senão que examinasse o valor intrínseco das razões;

deixando de parte tudo o que não respondia ao officio do pregador evangelico, se empenhasse em reduzir á ordem de sermões regulares o muito em que a eloquencia de Vieira esplandece bella, elegante, grandiosa, sublime, apostolica; mostrando-o a todas as luzes um CIRYSOSTOMO PORTUGUEZ. Mas em quantos passos se desviará esta compilação de um fim tão nobre e digno de louvor? Não duvido que será em muitos, embora tenha já conferido com litteratos muitos nas obras de Vieira todos os additamentos e mudanças que fiz. Bem agradecido ficarei a quem por cortezia me indicar o que precisa de emenda, para quando em serviço da religião e da literatura se fizer com melhores auspicios uma nova edição.

Quanto á ordem da presente segue-se a das materias, como a mais propria para o fim da compilação. Cada matéria quer o seu estylo: assim, para que se distinga o de da omnia, importa extremar o que é homogeneo. Em consequencia d'este principio sairão em diversos volumes mais ou menos da mesma grandeza: 1.^o Os sermões da quaresma: 2.^o Os da paschoa, advento, natal, *infra annum*: 3.^o Os panegyricos de Nossa Senhora e dos sanctos: 4.^o Os oratularios, eucharisticos, funebres e politicos: 5.^o Os sermões populares, practicas, exhortações domesticas e os quinze de S. Francisco Xavier: 6.^o Finalmente, os trinta do Rorío.

Agora vê a luz o primeiro volume; aguardando que do publico seja bem acolhido o meu trabalho para sairem a que os outros que estão já promptos para a estampa. Deixe este pelo sermão da sexagesima; pois o mesmo autor quiz que fosse posto em primeiro logar como prologo e demais. Seguem os sermões da quaresma, pela maior parte pregados em Lisboa; ficando para o volume dos sermões populares quasi todos os pregados no Maranhão: que vai d'elles aos outros grande diferença de estylo; como agora diziamos, cumpre-nos evitar a união de estylos heterogeneos como prejudicial ao bom gosto.

E noto aqui de passagem que a falta de tão necessaria advertencia faz que muitos julguem em desabono de Vieira uma qualidade que bastaria para o seu maior elogio. Vieira, como verdadeiro orador, pregava sempre no modo que convinha a cada auditorio e que pediam as circunstancias. O fallar sempre igual dos pregadores vulgares, que andam como realejos tocando em toda a parte as mesmas peças, não era de seu gosto; e com razão. A oratoria não é a arte de persuadir? Pois não ha persuadir a todos com as mesmas razões e o mesmo modo de fallar, visto que não tem todos o mesmo alcance, nem sempre as mesmas disposições. Ouçamos como a este respeito se declara o proprio Vieira escrevendo da Bahia ao conego Francisco Barreto:

Quanto à egualdade desigual de todos (os servos), a qual se lhe deve tratar com a diferente materia de cada um, discorro v. m. com a certeza e comprehensão de seu alto e profundo juizo. Com a mesma omnipotencia e sabedoria fez Deus o corpo e o pavão, e posto que um colerto de lucro e outro de gala, ambos, cada um em seu genero, perfeitos - porque, o que nos chamamos natureza, não é outra cousa senão a arte do mesmo Deus. É verdade que aos nossos olhos, muitas vezes quando uns abertos, mais cegos, parece que os pés do pavão poderiam estar melhor calçados; mas foi particular providencia sua e domínica nossa, para que apprendessemos a perdoar a ignorância humana o que não podemos deixar de tener na sabedoria divina.

E nove annos antes lhe tinha escripto:

Sempre me pareceu que não havia de desagradar a vossa merced a traça com que na peregrinação da mae dos Zebedeus foram despachados e consultados todos os videntes da corte, e mais aquelles que eram mais notados, quando o mesmo servido foi feito - isto é, a mae e filhos governavam ambos os quartos do palacio pelo valimento d'el rei D. Affonso. Esta desgraça tem o fallar a propósito da tempo, que sendo dito em um o que se imprime em outro, as rosettas que convinham com grande propriedade às infernidades passadas, applicadas as presentes, tem menor energia. Agora vai o quarto tomo e n'elle o evangello do banquete, commentado pelas circumstancias do anno em que se pregou com tão propria applicação, que tudo o que se estava vendo na corte o no reino se ouvia no pupitro. Note vossa merced quo para agora se a penultima sentença me podia servir.

Eis ahi como intendeu Vieira o prejuizo que lhe havia de causar a falta de advertencia de que fallamos. Esta falta

quiz elle remedial-a notando ao principio da maior parte dos sermões o logar e o anno em que os prégou. Mas quem attende a estas circumstancias? Se todos o fizessem, não se dariam dos mesmos sermões tão severos juizos.

Segue-se da mesma advertencia outra conclusão, que desculpa ao menos em parte os seus defeitos. Entre um escriptor e um orador ha esta diferença, que o orador depende mais do gosto dos seus contemporaneos, que o escriptor. Se o orador não persuadir aos que o estão ouvindo, perdeu o tempo e o sermão: mas o escriptor, como falla aos contemporaneos e aos vindouros, se não for attendido dos primeiros (como a grandes homens não raras vezes tem acontecido), pôde esperar justiça dos que vierem depois; e portanto em matérias de bom gosto releva-lhe seguir livremente o dictame da discreta natureza. Essa é a razão porque os desacertos e defeitos que reprovamos em Vieira não eram tanto do orador como dos ouvintes, que só gostavam de paradoxos e só se abalavam com exagerações. Fenelon no terceiro dialogo sobre a eloquencia desculpa os defeitos oratórios dos Santos Padres com esta mesma observação. Fallando em particular de Sancto Ambrosio tem estas palavras muito dignas de reparo:—Sancto Ambrosio segue algumas vezes a moda do seu tempo, enfeitando os seus sermões com atavios de que então se fazia conta. Pôde ser que estes grandes homens, que tinham a vista em ponctos mais altos que as regras ordinarias da eloquencia, seguissem o gosto do seu tempo, para que os ouvintes se agradassem da palavra de Deus e recebessem as verdades da religião. —

Certo é que Vieira protestou não raras vezes contra o mau gosto do seu tempo e mais de propósito no sermão da sexagesima. E comtudo, (notavel dizer!) no mesmo sermão em que tão eloquentemente declamava contra elle, senão de todo, ao menos em parte o seguia manifestamente. Tanta força tem sobre nós o seculo em que nascemos!

§ 2.^o

*Porque não
foram estes ser-
mões emendados
pelo proprio
auctor?*

Dir-me-heis que esta defeza do nosso auctor pôde valer para os sermones que pregou, mas não para os que escreveu e deu à imprensa. Pois se é proprio do escriptor fallar aos vindouros, e se por isso deve observar as regras da estheticá, porque não emendou Vieira os seus sermones quando os imprimiu? E se elle os não emendou, porque toma ou-trem esta ousadia?

A esta replica e dificuldade principal que se pôde fazer no meu trabalho, responderá o mesmo Vieira em sua e minha defeza; e a resposta facil é de achar na prefação que elle pôz ao primeiro volume e em varias cartas escriptas a seus amigos. Vou referir primeiro estes documentos e depois deduzirei a resposta. Eis a prefação:

Leitor. Da folha que fica atraç (se a lêste) haverás intedido a primeira razão ou obrigação, porque começo a tirar da sepultura estes meus borboes, que, sem a voz que os animava, ainda resuscitados são cadavres.

A esta obrigação (da obediencia a el-rei) que chamei primaria como vassalo, se juntou outra também primaria com o religioso, que foi a obediencia do maior de meus prelados, o reverendissimo P. João Paulo Oliva, Preposito geral da nossa Companhia. Esta só approvação te bastará para que me conmeves a ler com melhor concerto d'quelle que formarás depois de lido. Assim hizengo aos pais o amor dos filhos; e assim honram os sumamente grandes aos pequenos.

Sobre estas duas razões acrescentavam outras outras, para mim de menor momento. E não era a menor d'ella a corrupção com que andam estampados debaixo do meu nome e traduzidos em diferentes linguas muitos sermones ou supostos totalmente, num sendo meus, ou sendo meus na substancia, tomados so de memoria e por isso informes; ou finalmente impressos por copias desfeituosas e depravadas; com que em todos ou quasi todos vieram a ser maiores os erros dos que eu conheci sempre ou propriamente originais.

Este conhecimento (que ingenuamente lo confesso) foi a total razão, por que nunca me persisti a ser à luz com similar genero de escriptura, de que o mundo está tão cheio. Nem me animava a isto (pusto que muitos m'lo alisgassem) o rumo particular que segui sem outro exemplo; porque se dos que são dignos de imitação se literam os exemplares. Se chegar a receber a ultima forma um livro que tenho ideado com titulo de

Pátor e Ouente chritão, o elle verás as regras não sei se da arte, se do
do que me guiram por este novo caminho. Entretanto se quizeres sa-
as causas porque me apartei do mais seguido o ordinario, no sermão
Sermon est verbum Dei as acharas: o qual por isso se pôi no primeiro
ar como prologo dos demais.

Se gostas da affectaçāo e pompa de palavras, e do estylo que chamam
lo, não me leias Quando este estylo mais floreia, nasceraam as primei-
verduras do meu (que perdonarás quando as encontraras), mas va-
me tanto sempre a clareza, que só porque me intendiam conhecê a
ouvido; e o conseguaram também a ser os que reconheceram o seu en-
do e mal se entendiam a si mesmos.

O nome de primeira parte com que sali este tomo, promette outras. Se
perguntas quantas serão? Só te pôde responder com certeza o autor
vula. Se esta durar a proporção da materia, a que se acha nos meus
seis bastante é a formar d'el corpora d'esta mesma e ainda maior es-
ta. Em cada um d'elles irei mettendo douz ou tres sermones dos ja
im-
os, restitudos á sua original intelreza, e os que se não reimprimi-
o entre os demais suppõe que não são meus.

Os que de presente tens nas mãos (e mais ainda os seguintes) serão
os versos e não continuados; esperando tu porventura que saisse
os que chamas quaresmaes, sanctoraes e mariaes inteiros como se
Mas o meu intento não é fazer sermonarios; é estanciar os sermones
fiz. Assim como foram pregaos acaso e sem orden, assim l'os offe-
ro. Porque hav de saber que havendo trinta e sete annos que as voltas
mundo me arrebataram da minha província do Brazil e me trazem
da Europa, nunca pude professar o exercicio de prégador e muito
los o de prégador ordinario, por não ter lugar certo nem tempo; já
deido a outras ocupações em serviço de Deus e da pátria, já impe-
io de minhas frequentes infermidades, por occasião das quaes deixei
leitar alguns sermones não poucos que ja tinha prevenidos e tambem
a se daria a estampa.

Além d'esta diversidade geral, acharas ainda n'ellas outra maior pelas
tas occasões em que os sucessos extraordinarios da nossa edade e
os minhas peregrinações por diferentes terras e mares me obrigaram
dar em publico. E assim uns serão panegyricos, outros gratulatórios,
os apologeticos, outros politicos, outros belicos, outros nauticos, ou
funeraes, outros totalmente asceticos; mas todos quanto a materia o
mittia (e mais do que em taes casas se costuma), moraes.

O meu primeiro intento era dividir estas matérias e reduzi-las a to-
particulares, havendo numero em cada uma para justo volume; mas
seriam necessarios muitos mais dias para esta separação e para ex-
er e vestir os que estão só em apontamentos, por não dilatar o le-
jo (o qual tanto mais te agradeço, quanto menos m'o deves) irão saindo
e a desfilada os que estiverem mais promptos. E creio te não será
na grata esta mesma variedade para alternar assim e aliviar o fastio
costuma causar a similitude.

Por fim não te quero empenhar com a promessa de outras obras; por
o bem entre o pó das minhas memorias se acharão como na officina
ulcana muitas peças meio surjadas, nem elles se podem ja bater por
de forças, e muito menos aperfeiçoar e polir por estar embotada a
com o gosto e gastada com o tempo. Só sentirei que este me falte
por a ultima mão aos quatro livros latinos de *Regno Christi in terris*
minato, por outro nome *Clavis prophetarum*; em que se abre nova
fa a facil intelligencia dos prophetas, e tem sido o maior emprego da

meus estudos (...) Mas porque estas vulgares são mais universais, o desejo de servir a todos libes da por agora a preferencia.

Se tirares d'elles algum proveito espiritual (que é o que só pretendo) roga-me a Deus pela vida; e se ouvires que sou morto, le o ultimo sermão d'este livro, para que te desenganes d'ella; e tomaras o conselho que eu tenho tomado. Deus te guarde.

Quanto ás suas cartas, logo depois de publicar o primeiro volume dos sermões (o que fez quasi septuagenario), em quanto preparava o segundo escreveu a Duarte de Macedo:

Todo o tempo que posso poupar emprego em reduzir e pôr em alguma ordem a confusão dos meus borrões, com quo nem eu me intendo por muitas e espedaçadas, como de quem não fazia d'elles mais caso que o que merecem e nunca teve pensamento de que saíssem à luz. Farer todo o que puder na fraqueza em que me acho, e se Deus der vida e forças não serão só sermões.

Tornando depois ao Brazil assim respondeu da Bahia ao doutor Sebastião de Mattos e Sousa, que solicitava com cortezas instâncias a impressão dos outros volumes:

Porque o melhor estado em que a morte nos pode tornar aos religios, é a obediencia, cu me conformo por este dictame, em quanto o permitem os annos a que faltam poucos meses para os oitenta e os setenta, que não sã poucos. Todo o mais tempo o applyco a estes apontamentos, de que nunca fiz conta de imprimir. A isto se acrescenta com a falta dos sentidos a das mesmas potencias da alma; porque já a memoria não se lembrá, nem o entendimento discorre, nem a mesma vontade enfastiada se applica com gosto, ao que sem elle é violencia e martyrio.

E douz annos depois.

Vossa mered pela mered que faz aos meus borrões me insta a que os dê a estampa; o que não podia ser sem os alimpar primeiro, e com a joera não ser muito sua, tudo se me val em alimpaduras.

(...) Em uma carta a D. Rodrigo Meneses fallando do maior cuidado que tinha para acabar esta obra fin - Nam me fallie - v.º em mafalda, por que havia regado o ar que remetia no correr passado dia o mesmo prezado a que me tem de ho levar o salvo, de dizer o que, e se em total desonra de povo, mas ainda nesse estado, quando o espero se veste com algum alien - que discorre o v.º de tantos e solos aquella obra de que ultimamente falhei o v.º v.º a qual exa molto admira - e é interessante advertir o para que o ouvirei adeus longuir permane - São poucos dias de ouvir este exato sermão e tanto prazer podia trazer ao homem de lho ouvir quanto por uma vila charactre como o de juiz, imperio governado por seu amo, D. João IV já morto mas que para isso havia de ressucitar! Assim se encantava ainda os grandes homens em aguardar os parcos de serem ganhos a vonta de de lhevar o prelado se juntassem tanto das suas eloquias italiane como do seu mesmo latuno intitulado a Afraca. E se não formam as suas rhymes italiane, quanto faltaria hoje de Petrarcha?

E passado outro biennio tornou a responder-lhe da mesma Bahia escrevendo :

Eu totalmente estava resoluto a não mandar livro este anno, assim pelo mal que me parecem os outros, como pelas muitas ocupações que não deixam tempo a forja, quanto mais a lima : mas esta carta de vossa mestre com seus fôlegos me encorajou de maneira que não pude deixar de obediêr mais necessaria que livremente. La vai o nono tomo entretecido de discursos panegyricos e moraes, procurando em todos e mais nos do segundo genero copiar os desenganos da minha idade e os que em toda ella ouvi pregar ao mundo.

A Diogo Marchão Themudo escrevia do mesmo lugar do Brazil :

O divino serviço é só o que me obriga a tornar nos meus annos tão molesto trabalho como o de pôr os borbões em estyo que se possa ler. Ja em Lisboa está o b' reacio volume, e agora fôr o quarto; e também mando as erratas do segundo, que em muitas partes são intoleraveis, mas como v. m. sem embargo d'ellas o approva e me exhorta a continuacão, tanto que a saude me der lugar, o farei assim, tornand o para o meu deserto, se ainda n'elle me não perturbarem a quietação, que tem na immundidade do habitat, bem no retiro do mundo esta segura.

Finalmente, pouco antes do fim da sua vida tornando a responder a Francisco Barreto, lhe diz :

Lembrado estou que no primeiro sermão do ultimo tomo necessariamente por obrigação do assumpto houve de repetir as duas palavras admiravel e admirativo; mas não com a mesma sentença ou clausula do sermão das turbas : o que de nenhum modo fizera, se então me não pareceram mal diferentes ; mas pois v. m. julgou o contrario, muito grande mercê me fez em as haver riscado : porque não pode haver encontro para min que teuha mais de azar, que encontrar-me comigo.

Ao poncto agora. Perguntava-se-me: por que razão não reduziu o mesmo Vieira seus sermões ás regras do bom gosto; e porque pretendo eu fazer o que não sez o auctor? Ouvimos como este respondeu nos citados documentos em sua e minha deseza. Em sua deseza disse :

1.^a Que nunca teve intenção de publicar pela imprensa os seus sermões, e só o fez movido pela obediencia de seus superiores, pelas instancias de seus amigos e pela necessidade que havia de declarar ao publico quaes sermões eram seus e quaes suppostos ; o que para um homem de tanta

fama era causa de não pouca consequencia; pois tinha sofrido por seus escriptos gravissimas tribulações no tribunal do Sancto Officio de Portugal. Livros estampados com estas disposições de animo, assaz difficultoso é que saiam apurados no estylo.

2.º Que para aperfeiçoar e polir os seus sermões estava embotada a lima com o gosto e gastada com o tempo. Sainiente observado. Nas artes passa o mesmo que nos alimentos. Quem se acostuma a temperos muito fortes perde a sensibilidade do gosto; e o que aos outros faz arder a bocca e tira lagrimas, elle o mastiga e leva sem alguma dificuldade.

3.º Que para um velho septuagenario, octogenario e quasi nonagenario, joeirar como convinha e pôr em ordem de estampa mais de duzentos sermões, tão largos e muitos delles só em apontamentos, o trabalho era muito e as forças poucas; ainda mais que, além dos achaques da velhice, que se seguiram á vida trabalhosa de missionario e tal missionario, sofreu naquelle tempo graves infermidades até ficar quasi cego, foi o alvo das mais aleivasas perseguições e teve o cargo de visitador geral dos religiosos da Companhia no Brazil; cargo que só por si lhe devia tirar todo o tempo ocupando-o em negocios de tão vasta missão. A estas occupações, perseguições e infermidades é que se refere nas cartas que citamos.

4.º E que diremos da dura condição em que se viu forçosamente de preparar no Brazil o que se havia de imprimir na Europa; e isto em tempo que era tão difficultoso o corresponder-se entre o velho e o novo mundo? Mal ajuiza das obras de Vieira quem as supõi tiradas a limpo na quietação e com todas as commodidades que para compor e polir as suas lograram e ainda logram, outros autores.

As causas que elle escreveu na ultima edade extendendo, como diz, e vestindo os sermões que só estavam em apontamentos, alimpando-os, ainda que confessse que a joeira não é muito fina, e procurando copiar nelles os desenganos da

sua edade, estas cousas, digo, hão de ser as que admiramos como mais conformes ás regras do bom gosto. E por isso é que alguns sermones dos que se acham na compilação pediram tão poucas omissões ou emendas, que quasi vão trasladados na sua integra.

Assim pois, dos documentos citados se conclui que se Vieira não emendou cabalmente os seus sermones foi porque não pôde pelas circumstancias em que os publicou. Mas tambem se collige que não era contra a sua intenção que em melhores circumstancias o fizesse outrem, seguindo os seus principios. Eis-aqui as razões:

1.º Diz o auctor que quando mais florescia o estylo que chamam culto, todo affectão e pompa de palavras, nasceram as verduras do seu; este porém, a seu juizo, não merecia imitação nem elogio, mas perdão. Logo elle mesmo reconhece que em alguns dos seus sermones havia verduras de estylo falso e affectado que reprovava. Temol-o por consissão ainda mais clara no sermão de S. Pedro; onde protesta que deixava correr aqueles defeitos mais para satisfazer ao uso e gosto alheio, que por seguir o genio e dictado proprio. Portanto não pode ser contra o seu intento remover esses defeitos, quando já o gosto apurado do seculo os não pede nem consente.

2.º Em outra parte nota que não pode haver encontro para elle, que tenha mais de azar, que o encontrar-se comigo; e que por isso Diogo Marchão Themudo lhe fez muito grande mercê em haver riscado dos seus sermones palavras que produziam este encontro. Logo não pôde o grande orador levar a mal o que se fez no ensaio, para mostrar como os seus principios em materia de estylo e de pregação evangelica concordam com os seus sermones.

3.º Finalmente a nossa compilação não destrói os sermones originaes, mas ensina o modo de estudal-os com fructo; pois mostra claramente, ainda aos poucos sabedores da arte, como a eloquencia, que empeçada pelos excessos e requintes d'um prodigioso ingenho parecia mais deformé

do que bella, mais ficticia do que real; em despindo esses falsos enfeites, brilha para logo desassombrada, realçando sobre a formosura natural verdaderas e primorosas galas. Ora poderia elle reprovar um trabalho cujo fim é tornar mais claros e conhecidos os dotes admiraveis da sua oratoria, por modo que, reconhecendo-lhe todos o foro até hoje variamente pleiteado de pregador eloquente e zeloso, o conguominem a uma voz Chrysostomo portuguez? A fé que não reprovava; e se alguém me convencesse do contrario, não me abalançava eu a publicar esta compilacão, como um estudo e commento (que outra cousa não é,) dos sermones originaes.

Estou ouvindo uma replica. Vieira no prologo citado queixa-se fortemente que debaixo de seu nome se tinham publicado sermones que eram seus só na substancia; e por isso os quiz restituir à sua original interreza. Respondo que a razão d'esta queixa foi, porque os taes sermones eram, como diz o mesmo auctor, tomados só de memoria e por isso informes; isto é, sem a propriedade e elegancia de seu estylo e a força do seu raciocinio: com que, conclua elle, vieram a ser maiores os erros dos que eu conheci sempre nos proprios originaes. Mas não ha tal na nossa compilacão, onde a sua eloçião é tão escrupulosamente respeitada; e onde nada que não seja seu heará debaixo de seu nome.

Poco depois da morte do grande erador saiu á luz em Lisboa uma obra que tem algumas analogia com a nossa; intitulada *Vieira abbreviado*. É uma verdadeira compilacão de trechos tirados dos seus sermones e dispostos em ordem alfabética segundo as materias; porém sem regla de bom gesto e, o que é pior, despidos da forma caracteristica da sua eloçencia. Certamente que a Vieira não lhe agradaria um trabalho d'esta natureza que tira a seus sermones o mais precioso e admiravel, deixando-lhes só os defeitos.

§ 3.^o

E pelo que respeita ao nome de CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ, no hei-de no paragrapho seguinte declarar quanto ao isto vem quadrando no nosso orador, não só pelos dotes eloquencia, senão tambem pela condicão e sanctidade sua vida; limito-me por agora a explicar o genero oratio em que principalmente se funda.

Se bem se reparar nas obras de S. João Chrysostomo, par-se-hão tres especies de homilias. A primeira expõe um trecho da Escriptura sagrada simples e familiarmente levantar algum assumpto; e suas partes veem a ser, irdio, exposição e conclusão. A segunda dá sermones reares, cujos assumptos e argumentos são todos, ou quasi os, tirados da analyse de algum trecho ou clausula da triptura; como faz por exemplo no primeiro sermão ao antiocheno, analysando o texto *Utere nádico em pter stomachum* e tirando d'elle contra toda a expectação dos ouvintes um dos sermones mais praticos e mais orios. A terceira tracta do mesmo modo algum poncto moral ou algum acontecimento da vida humana, com mentos já da razão e já da Escriptura, sem dar-lhes em a unidade da segunda especie com reduzil-a á interação de um só lugar. Assim o faz na terceira homilia mesmo povo, persuadindo-o a confiar que o seu bispo italiano, que por amor da cidade ia caminho de Constantino, aleançaaria do imperador Theodosio o perdão do celestacato que o povo fizera ás suas estatutas.

Mando d'este segundo e terceiro genero de pregação auctor moderno, que, com seu acrysolado juizo não em materias litterarias que nas philosophicas e ogicas está prestando não leves serviços á sociedade, tem a sua importancia com estas palavras — *Cujus (ber da homilia oratoria) ultimam usus frequentior sit!*

*Qual o genero
de eloquencia
em que se
fundam principal-
mente os trois
de Chrysostomo
portuguez.*

*Kirchgen
het dient
p. 4 L. 6 c. 4*

Nam et praestantem litterarum sacrarum usum habet, neque tamen caret ea vi, quae ex justae orationis artificio nascitur.

Mas muito mais a encarece Fenelon, que em materia de bom gosto e no argumento de que se tracta, é auctoridade que vale por muitas. Este grande theologo, orador e poeta recommends tanto aos oradores sagrados este genero de pregação, que o prefere a qualquer outro, dizendo no mesmo logar dos seus dialogos — Respeito á pregação, o melhor conselho é imitar a solidez com que S. João Chrysostomo explica a Escriptura Achareis n'elle todas as verdades necessarias para a direccão e reforma dos varios costumes da vida humana, não só revestidas de uma auctoridade e belleza maravilhosa, mas com uma abundancia de applicações que nunca lhe acaba. Estudando a Escriptura, descobrirete sempre sem alguma dificuldade documentos novos e grandes para pregar. É lastimoso ver este thesouro tão pouco avaliado pelos mesmos que de continuo o temem nas mãos. Se se observasse este antigo uso de fazer homilias, teriamos dous generos de pregadores. Os que não tivessem vivacidade nem genio poetico explicariam com simplicidade a Escriptura sem tomar o gyro grandioso e emphatico que é proprio dos livros sanctos; e com tanto que o fizsessem com solidez de palavras e exemplaridade de costumes, nem por isso deixariam de ser bons pregadores. Teriam, como prescreve sancto Ambrosio, uma elocução pura, simples, clara, cheia de unção, sem affectação de eloquencia, nem descuido do agrado e da doçura. Os que tivessem genio poetico a explicariam com estylo e figuris que são proprias da mesma Escriptura: de sorte que ella estaria (por assim dizer) viva e inteira n'elles, como pôde estar em homens que não fallam por inspiração sobrenatural — E foi isto exactamente o que fez Vieira; reunindo em si á imitação do seu Chrysostomo, conforme o pediam as circumstancias do tempo, do logar e dos ouvintes, os dous generos de pregadores que desejava o grande arcebispo de Cambrai.

Diz o mesmo Vieira em um dos sermões do Rosario, que — não é lícito ao prégador (se quer ser prégador) apartar-se do thema, que é o texto ou trecho da Escriptura de que se tira a materia do sermão — Parece esta regra severa de mais; mas elle inviolavelmente a observou; e se tivessemos o livro do *Prégador e Ouvinte* de que nos fallou na prefação, veríamos as razões que seu genio lhe dictou para seguir este rumo particular sem outro exemplo. —

Contudo, de algum modo as podemos arguir do sermão da sexagesima; e sobretudo onde com similhança de uma arvore dá o methodo de compôr um sermão. Não é necessário repetir aqui o que muitos sabem de cór, e todos podem ler nas primeiras paginas d'esta compilação. Só desejamos que sejam mais observados os preceitos d'aquelle arvore simul, o qual é tão adequado e conveniente, que tem força por si só de argumento demonstrativo.

Em conclusão, o genero oratorio mais proprio do pulpito o das homilias; e já se vê que estas devem tractar da scriptura e fundar-se n'ella.

Pois não poderá ser assumpto de homilia algum ponto e philosophia moral, considerado, não já em quanto prende as suas raizes com a palavra de Deus, mas tão somente em quanto fundado na razão? Não, porque n'esse caso não illaria um orador sagrado, mas um philosopho. *Pro Christo agatione fungimur, tanquam Deo exhortante per nos:* deve ser com S. Paulo todo o prégador. Oficio do embaixador referir pontualmente o que manda dizer aquelle que envia com sua carta de crença: declaral-o seguindo a enção do seu principe; e nada mais. O orador sagrado embaixador de Jesus Christo: logo é Deus que ha de falar por bocca d'elle. Não conhecemos outra palavra de Deus, senão a revelada nos livros inspirados, e em toda a dicação escripta e oral, de que a sancta Egreja é fiel depositaria. Logo quem propriamente pregar a palavra de Deus, não pode recorrer a outra fonte.

José Ignacio Roquete no *Manual de eloquencia sagrada*

tem uma nota ácerca de Vieira que não posso inteiramente approvar — Quem ler (diz elle) com attenção os sermões d'aquelle prégador original, achará que era mania sua exegitar conceitos, e desencantar trechos para encher o discurso sem se apartar do thema, mórmiente quando o tirava do Evangelho. Se tivesse sido menos escravo d'esta regra e tivesse sempre deixado correr seu atilado raciocinio pela estrada real da sã dialectica e sua secunda imaginacão pelos amenos vergeis do bello e do sublime, teria a nossa lingua um orador profundo como Bossuet, persuasivo com o Bordonne e mais engracado e conceituoso que Massillon. —

Não nego que em Vieira ha algum abuso de Escriptura e de dialectica; pois principalmente por tal abuso empreguei este trabalho. Com licença porém d'este auctor, parece-me que aos jovens que se preparam ao ministerio do pulpite, podia dar da eloquencia do grande orador uma idea muito mais vantajosa. Primeiramente advirto, que, para elle deixar — correr seu atilado raciocinio pela estrada real da sã dialectica, e sua secunda imaginacão pelos amenos vergeis do bello e do sublime — não está o poncto perdido, como a Roquete se aligurou; pois em muitos sermões só merecem cortadas algumas demasias, em outros basta fazer algumas poucas alterações nem sempre difficultosas. Mas o que menos posso admittir, é dizer-se de Vieira — que era mania sua exegitar conceitos e desencantar textos para encher o discurso sem se apartar do thema, mórmiente quando o tirava do Evangelho: — pois acho muito indigno apodar tão geralmente de mania um methodo de prégar, que profundando com analyse constante diferentes logares da Escriptura sagrada, e com todo o rigor do raciocinio comparando umas com outras variadas expressões da mesma palavra de Deus, mostra o nexo logico que ha nas verdades reveladas, e não persuade menos com a força da dialectica do que enleva com o agrado da eloquencia.

E o desencantar textos para encher o discurso o que é? Eu o direi. Tinha Vieira continuamente ante os olhos e dentro





1

2

do seu coração apostolico o quanto é vantajoso e necessário ao povo christão saber as verdades que Deus quiz que elle soubesse, sendo para nosso ensinamento, conforme o dizer do Apostolo, que as consignou nos livros sanctos : *Quaecunque enim scripta sunt, ad nostram doctrinam scripta sunt; ut per patientiam et consolationem scripturarum spem habeamus.* Por esta razão em todas as occasões que se oferecem ao nosso orador para instruir, consolar e animar a seus ouvintes com a palavra da Escriptura sagrada, eil-o allegando e declarando não só os textos que todos sabem, mas outros menos conhecidos que foram também escriptos para se saberein. Se, pois, o texto assim desencantado não vem a proposito do argumento, ou não está explicado segundo o contexto, reprove-se muito embora e seja eliminado do sermão. Mas quando elle é appropiado, porque não louvarei e admirarei o orador que me faz aprender dos livros sanctos alguma cousa que eu ainda não tinha ouvido? — A primeira qualidade do orador é instruir (diz Fenelon no mesmo dialogo que havemos citado): mas é necessário ter instrucção para dar-a aos outros. Falla-se continuamente ao povo da Escriptura, da Egreja, das duas leis, dos sacrificios, de Moyés, de Arão, de Melchisedech, dos prophetas, dos apostolos, sem ter o cuidado de declarar as qualidades destas cousas e destas pessoas. Muitos pregadores ouvir-se-hiam vinte annos sem que um ouvinte chegasse a aprender como deve a religião. — Mas esta instrucção não se pode dar atando alguns textos mais obvios e nada mais. É neoessencial discorrer francamente pelas varias partes da Escriptura; pois cada uma dellas é uma nova luz que accrescenta a luz das outras. Não é logo para encher o discurso com textos desencantados que Vieira os busca em toda a parte; mas para instruir o seu auditorio conforme o ensino do Apóstolo, tão zelosamente commentado no dialogo a que nos referimos. Tão secundo era o ingenho do orador portuguez que em todos os lances do ministerio evangelico bem podia parar-lhe materia mais que abundante para largamente

fallar sobre qualquer argumento. Mas a razão e a auctoridade divina e humana lhe ensinavam que para dar a sens ouvintes instrucção não superficial ácerca da nossa fé, devia pregar e não superficialmente a Escriptura.

Mas é tempo de comparar mais de proposito o grande orador portuguez com o maior de Constantinopla, e mostrar como em paizes e tempos tão diversos a Providencia os deu á Egreja similbantes nas feições que mais avultam a olhos observadores: posto que a natureza e á graça, o grau e a educação pozeraam diferença nas proporções da estatura.

§ 4.^o

Quanta similaridade ha entre Vieira e Chrysostomo.

Primeiramente é de notar que estes douos luzeiros da oratoria sagrada chegaram ao apogeu de seus resplendores vingando os arduos caminhos da virtude a par e passo que subiam nos da sciencia. Ambos na primeira edade freqüentaram as aulas publicas que estavam em maior fama no seu tempo e se formaram o bom gosto litterario no estudo dos classicos, e ambos tambem se retiraram do seculo e foram encerrar-se em claustros religiosos; onde Chrysostomo se consagrou á contemplação, Vieira se votou á cultura de indios boæas. Verdadeiros gigantes desde o principio de sua carreira! Qua sacrificiar a Deus o proprio ingenho é o mais custoso passo da perfeição christã.

Ambos, pelos rares talentos com que a natureza e a graça os enriquecera, foram chamados de seus claustros e pretendidos para o episcopado; e se Chrysostomo, muito a seu pezar, não se pôde defender d'esta honra, bem se livrou d'ella o nosso Vieira, quando ao rei de Portugal, na occasião de se ter espalhado que elle para ser bispo sairia da Companhia, asseverou — não ter sua majestade tantas miseras em toda a sua monarchia pelas quaes elle houvesse de trocar a pobre roupeta da Companhia de Jesus; e que se

chegasse a ser tão grande a sua desgraça que a Companhia o despedisse, da parte de fóra das suas portas se não apartaria jamais, perseverando em pedir ser outra vez admittido n'ella, senão para religioso ao menos para servo dos que o eram; que se nem para servo o quizessem admittir, ali estaria, sem mais alimento que o seu pranto, até acabar a vida juneto d'aquellas amadas portas, dentro das quaes lhe tinha ficado o coração.—Homem tão heroicamente morto ao mundo, bem se vê com quanto zelo e efficacia podia pregar contra as honras e vaidades do mundo.

Ambos oppozeram um peito de bronze à prepotencia dos grandes por zelo da honra de Deus e em prol de desvalidos; e quanto não soffreram por isso! Que trabalhos, que perseguições não encontraram, porque, verdadeiros embaxadores do rei dos reis, reprehenderam com liberdade apostolica os vicios das cortes de seu tempo! Não só principes seculares se levantaram contra elles, senão tambem eclesiasticos de todas as jerarchias. E ambos na furia de tantas perseguições não tiveram outras armas para se defender senão a paciencia, a oração, a fé, e tambem, quando a honra de Deus o pedia, a força de sua maravilhosa eloquencia. Por vezes desterrados e até lançados em prisão pelos mesmos de quem eram tão benemeritos, sempre os tornaram a servir com o mesmo amor e desinteresse.

Finalmente, ambos estimados, como mereciam, do Supremo Pastor da Egreja acharam n'elle defesa e protecção de sua innocencia. Deus porém, querendo purisical-os como ouro no chrysol, permitiu que morressem tambem ambos sob o impeto da tribulação, e não fossem com acto publico rehabilitados na opinião dos homens, senão depois da morte. Assim morreram um e outro na propria cruz, pregando como o apostolo S. Paulo, com as palavras e com o exemplo a Christo crucificado. Espiritos d'esta tempera não admirariam eloquencia tão robusta e triumphadora.

E para mais particularizar a eloquencia de ambos, tres qualidades caracteristicas nota Isidoro Pelusióta na de Chry-

sermão, avisam desde logo a quem lê o maior ou menor porte das mudanças e alterações que no discurso se fizeram. Um (*) indica que pouco se mudou ou tirou, permanecendo intacta a ordem dos argumentos. Dous (**) dizem que esta ordem foi alterada em alguma parte e se tirou e ajuntou mais. Tres (***) que tendo-se dado outro gyro a toda a argumentação do auctor, as mudanças e additamentos são muito maiores.

3.º No fim de cada sermão cita-se a edição antiga e moderna, para que os estudiosos, querendo, os possam confrontar com os originaes em qualquer edição que encontrarem.

4.º Quanto á orthographia julguei mais razoavel seguir a etymologica, como mais adoptada em nossos dias; e segui-a mais coerentemente do que outros costumam, persuadido, não sei se por engano, de que aos homens versados na questão agradaria esta constancia.

SERMÃO DA SEXAGESIMA **

PRÉGADO NA CAPELLA REAL

Este sermão pregou o auctor no anno de 1655, vindo da missão do Maranhão, onde achou as dificuldades que n'elle se apontam: as quaes vencidas, com novas ordens reaes voltou logo para a mesma missão.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR — O sermão da sexagesima é um donto e elegante compêndio theoretico-práctico de oratoria sagrada e como um programma do modo com que Vieira promette que ha de pregar. N'ella da os preceitos da homilia oratoria e juntamente faz ver com a práctica qual deve ser, pois desde o principio ate ao fim nunca perde de vista o evangelho, e em cada clausula acha o que é necessário para o seu assumpto, sem fazer alguma violencia ao texto. Este é o maior merecimento de tal genero de pregação.

Semen est verbum Dei.
Luc. 8.

E se quizesse Deus que este tão illustre e tão numeroso auditório saisse hoje tão desenganado da pregação, como veiu enganado com o pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçam-lo todo: que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

Ecce exiit, qui seminat, seminare. Diz Christo que saiu o pregador evangélico a semear a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas faz também caso do sair. *Exiit:* porque no dia da messe hão-nos de medir a semeadura, e hão-nos de contar os passos. O mundo, aos que lavrais com elle, nem lhes satisfaz do que dispendeis, nem vos paga o que andais. Ius não é assim. Para quem lava com Deus até o sair é semear; porque também das passadas colhe fructo. Entre os regadores do Evangelho ha uns que saem a semear, ha outros que semeam sem sair. Os que saem a semear, são os que vão pregar á India, á China, ao Japão: os que semeam sem sair, são os que se contentam com pregar na patria. Todos terão sua razão; mas tudo tem sua conta. Aos que lavram em casa, pagar-lhes-hão a semeadura: aos que vão bus-

Engano dos
ouvintes à res-
pecta do eraldo,

O sair do se-
meador é o de-
pregador
evangélico.

car a seara tão longe, hão-lhes de medir a semeadura, e hão-lhes de contar os passos. Ah dia do juiz! Ah pregadores! Os de cá achar-vos-heis com mais «applausos», os de lá com mais «mercenários». *Exult seminare.*

Os animais do carro de Ezequiel os quase tornaram a não significarem os pregadores evangélicos.

S. Ezequiel 17.

Por que os pregaadores podem ter razões de ir e voltar para tornarem a ir.

Os criaturas que embaraçaram o semeador evangélico.

Mas d'aqui mesmo vejo que notais (e me notais) que diz Christo que o semeador do Evangelho saiu; porém não diz que tornou; porque os pregadores evangélicos, os homens que professam pregar e propagar a fé, é bem que saiam, mas não é bem que tornem. Aqueles animais de Ezequiel, que tiravam pelo carro triumphal da gloria de Deus e significavam os pregadores do evangelho que propriedades tinham? *Nec revertebantur cum ambularent;* uma vez que iam, não tornavam. As redeas por que se governavam, era o impeto do espirito, como diz o mesmo texto: mas esse espirito tinha impulsos para os levar, não tinha regresso para os trazer: porque sair para tornar, melhor é não sair. Assim arguis com muita razão; e eu também assinti o digo.

Mas pergunto: e se o semeador evangélico, quando saiu achasse o campo tomado; se se armasset contra elle os espiinhos; se se levantassem contra elle as pedras e se lhe fechassem os caminhos; que havia de fazer? Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-hia ocioso no campo, só porque tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse a casa a buscar instrumentos com que alimpar a terra das pedras e dos espiinhos, seria isto desistir? Não por certo. Porque «quem vai e volta para tornar a ir, não desiste.»

Diz Christo que o semeador evangélico começou a semear, mas com pouca ventura. Uma parte do trigo caiu entre espiinhos e afogaram-no os espinhos: *Aliud cecidit inter spinas; et simul eructae spinae suffocaverunt illud.* Outra parte caiu sobre pedras, e secou-se nas pedras por falta de humidade: *Aliud cecidit super petram; et natum aruit quia non habebat humorum.* Outra parte caiu no caminho; e pizaram-no os homens e comeram-na as aves: *Aliud cecidit secus viam; et concudebatum est; et volucres ocelli comedenterunt illud.* Ora vede como todas as criaturas do mundo se armaram contra esta sementeira. Todas as criaturas, quantas ha no mundo, se reduzem a quatro generos: criaturas rationaes, como os homens; criaturas sensitivas, como os animaes; criaturas vegetativas, como as plantas, e criaturas insensivelis como as pedras, e não ha mais. Faltou alguma d'estas, que se não armasse contra o semeador? Nenhuma. A natureza insensivel o perseguiu nas pedras, a vegetativa nos espiinhos, a sensitiva nas aves, a racional nos homens. E nota a desgraça do trigo, que onde só podia esperar razão, alli achou

ior agravo. As pedras seccaram-no, os espinhos afogaram-no, aves comeram-no, e os homens? Pizaram-no: *Conculcatum ab hominibus*, diz a Glossa. Poderamos arguir ao lavrador do evangelho, de não cortar os espinhos, e de não arrancar as dras antes de semejar: mas «elle o não fez, porque não appaziam então nem as pedras nem os espinhos: não as pedras, sis estavam escondidas debaixo da terra, posto que não era hora: *Aliud cecidit super petrosa, ubi non habuit terram multum; et statim exortum est, quia non habebat altitudinem terrae;*» declara S. Marcos: não os espinhos, pois não nasceram ainda do mesmo trigo: *Et simul exortae spinae:* nota S. Lucas. Ia foi a razão, pela qual o semeador do evangelho não torrou atraç, como eu fiz, a buscar instrumentos com que alimtar a terra, que parecia bem disposta á sementeira; e esta é a sua da sua desgraça.

Mas nem por isso ficou elle desconsolado; porque uma parada de trigo caiu em terra boa: *Aliud cecidit in terram bonam;* e com tanta felicidade que n'esta quarta e ultima parte se curaram com vantagem as perdas do demais: nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se, medio-se; achou-se que um grão multiplicara cento: *Et fecit fructum centuplum,* que grandes esperanças me dà esta sementeira! Dá-me esperanças, porque ainda que se perderam os primeiros trabalhos, lograram-se os últimos. Já que se perderam as tres paradas da vida: já que uma parte da edade a levaram os espinhos; que outra parte a levaram as pedras; já que outra parte a levaram os caminhos e tantos caminhos; esta quarta e ultima, o ultimo quartel da vida, porque se perderá também? Por não dará fructo? Porque não terá também a vida o que o anno? O anno tem tempo para as flores, e tempo para fructos. Porque não terá também o seu ouvono a vida? As umas caem, outras seccam, outras murcham, outras levam fruto: aquellas poucas que se pegam ao tronco e se convertem fructo, só essas são as venturoosas, só essas são as duram, só essas são as que aproveitam, só essas são as instantâneas o mundo. Será bem que o mundo morra á fome? bem que os ultimos dias se passem em flores? Não será nem Deus quer que seja, nem ha de ser. Eis aqui, por que dizia ao principio, que vindes enganados com o pregador. Mas para que possais ir desenganados com o sermão, traz-n'ele uma matéria de grande peso e importancia. Servirá de prologo aos sermones que vos hei de pregar, e aos que ouvirdes esta quaresma.

Mat. 6

Luc. 8

*Portém não
perderam tudo a
sementeira.
Esperarás do
mestre por esta
parte da pa-
rabola*

*Explicação que
o mesmo di-
vino Mestre deu
da parábola
da sementeira.*

II. *Semen est verbum Dei.* O trigo que semear o pregador evangelico, diz Christo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa, em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias; e nestes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e nestes secca-se a palavra de Deus; e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das cousas do mundo; umas que vão, outras que veem, outras que atravessam, e todas que passam; e nestes é pizada a palavra de Deus: porque ou a desatendem, ou a desprezam. Finalmente a terra boa, são os corações bons, ou os homens de bom coração, e nestes prende e fructifica a palavra divina com tanta fecundidade e abundancia, que se colhe cento por um.

*Hoje a palavra
divina faz pou-
co fructo, e
pouco.
Esta dúvida
é o assunto
do sermão.*

Este grande fructificar da palavra de Deus, é o em que reparo hoje: e é uma duvida ou admiração, que me traz suspenso e confuso depois que subo ao pulpito. Se a palavra de Deus é tão elicaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fructo da palavra de Deus? Diz Christo que a palavra de Deus fructifica cento por um; e já eu me contentara com que fructificasse um por cento. Se com cada em sermão se convertera e emendaria um homem, já o mundo fôra sancto. Este argumento de fé, fundado na auctoridade de Christo, se aperta ainda mais na experiença, comparando os tempos passados com os presentes. Léde as historias eclesiasticas, e achal-as-heis todas cheias de admiraveis effets da pregação da palavra de Deus. Tantos peccadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformação de costumes! Os grandes desprezando as riquezas e vaidades do mundo; os reis renunciando os sceptros e as corôas; as mocidades e as gentilezas mettendo-se pelos desertos e pelas covas; e hoje? Nada d'isto. Nunca houve na Egreja de Deus tantas pregações, nem tantos pregadores, como hoje. Pois se tanto se semear a palavra de Deus, como é tão pouco o fructo? Não ha um homem, que em um sermão entre em si, e se resolva: não ha um moço, que se arrependa: não ha um velho, que se desengane; que é isto? Assim como Deus não é hoje menos omnipotente; assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que antes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores; porque não vemos hoje nenhum fructo da palavra de Deus?

Esta tão grande e tão importante duvida será a materia do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será o

tambem a vós. A mim para aprender a pregar: a vós para que rendais a ouvir.

III. Fazer pouco fructo a palavra de Deus no mundo pôde ceder «d'estes tres principios: da parte do pregador, da parte ouvinte, e da parte de Deus.» Para uma alma se converter meio de um sermão ha de haver tres concursos: ha de correr o pregador com a doutrina persuadindo: ha de conter o ouvinte com o entendimento percebendo: ha de conter Deus com a graça allumiando. Para um homem se a si mesmo, são necessarias tres causas: olhos, espelho &c. Se tem espelho e é cego, não pôde ver, por falta de olhos; se tem espelho e olhos e é noite, não pôde ver por falta de luz. Logn ha mister luz, ha mister espelho e ha mister olhos. Que causa é a conversão de uma alma, se não entrar homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta causa são necessarios olhos, é necessaria luz e é necessario espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina: Deus concorre com a luz, que é a graça: o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora supposto que a conversão das almas por meio da pregação depende de tres concursos, de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual «ou por quaes» d'elles havemos de intender que

primeiramente por parte de Deus não falta, nem pôde faltar. Não é por parte de Deus.
A proposição é de fé, definida no concilio tridentino; e no evangelho a temos. Do trigo que deitou à terra o semeador parte se logrou, e tres se perderam. E porque se perderam estas tres? A primeira perdeu-se, porque afogaram-na os espinhos; a segunda, porque a secaram as pedras; a terceira, porque a pizaram os homens e a comeram as aves. Isto que diz Christo: mas notas o que não diz. Não diz que alguma d'aquelle trigo se perdesse por causa do sol ou da chuva. A causa por que ordinariamente se perdem as sementes, é pela desigualdade e pela intemperança dos tempos ou porque falta ou sobeja a chuva, ou porque falta ou sobra o sol. Pois porque não introduz Christo na parabola do semeador algum trigo que se perdesse por causa do sol ou da chuva? Porque o sol e a chuva são as influencias da parte de Deus; e deixar de fructificar a semente da palavra de Deus, é por falta do céu, sempre é por culpa nossa. Deixará de fructificar a sementeira, ou pelo embarranco dos espinhos, ou por careza das pedras, ou pelos descaminhos dos caminhos; ou por falta das influencias do céu, isso nunca é, nem pôde

ser. Sempre Deus está prompto de sua parte com o sol para aqueitar e com a chuva para regar: com o sol para alumiar e com a chuva para amolecer, se os nossos corações quizerem: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos; et pluit super justos et infustos.* Se Deus dá o seu sol e a sua chuva aos bons e aos maus; aos maus que se quizerem fazer bons como a negra? Este ponelo é tão claro, que não ha para que nos determos em mais prova. *Quid debui facere vineae meae et non feci?* Disse o mesmo Deus por Isaías.

Sendo pois certo que a palavra divina não deixa de fructificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador, ou por falta dos ouvintes, «ou finalmente por falta de uma e de outra parte.» Por qual será? Os pregadores deitam a culpa aos ouvintes e os ouvintes aos pregadores; mas todos se enganam; porque a culpa é de todos. Se fôr só dos ouvintes, ainda que não fizera muito fructo, fizera muito efeito.» Provo. Os ouvintes ou são maus, ou são bons: se são bons, faz n'elles grande fructo a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça fructo, faz efeito. No evangelho o temos. O trigo que caiu nos espinhos, não nasceu, mas afogaram-n'o: *Simul exortas spinas suffocaverunt illud.* O trigo que caiu nas pedras, nasceu também, mas secou-se: *Et natum aruit.* O trigo que caiu na terra boa, nasceu e fructificou com grande multiplicação: *Et natum fecit fructum centuplum.* De maneira que o trigo que caiu na boa terra, nasceu e fructificou; o trigo que caiu na má terra, não fructificou, mas nasceu; porque a palavra de Deus é tão secunda, que nos bons faz muito fructo; e tão eficaz, que nos maus, ainda que não faça fructo, faz efeito; lançada nos espinhos não fructificou, mas nasceu até nos espinhos; lançada nas pedras não fructificou, mas nasceu até nas pedras. Os peiores ouvintes que ha na Egreja de Deus, são as pedras e os espinhos; e porque? Os espinhos por agudos e as pedras por duras. Ouvintes de intendimentos agudos e ouvintes de vontades indurecidas, são os peiores que ha. Os ouvintes de intendimentos agudos, são maus ouvintes; porque veem só a ouvir subtilezas, a esperar galanteios, a avaliar pensamentos e às vezes também a picar a quem os não pica. O trigo não picou os espinhos; antes os espinhos o picaram a elle: O mesmo sucede cá. Gundais que o sermão vos picou a vós; o não é assim; vós sois os que picais o sermão. Por isto são maus ouvintes os de intendimentos agudos. Mas as vontades indurecidas ainda são peiores: porque um intendimento agudo pode-se ferir pelos mesmos fins e vencer-se uma agudeza com outra maior; mas contra vontades indurecidas nenhuma causa aproveita a agudeza, antes damao mais: porque quanto

*Nem só por
parte dos ou-
vintes:
mas também
por parte dos
pregadores.*

Isai. 3.

Missa. 5.

as settas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra. Oh! Deus nos livre de vontades indurecidas, que ainda são peiores que as pedras. A vara de Moysés abrandou as pedras e não ponde abrandar uma vontade indurecida : *Per-
tinet virga his silicem et egressae sunt aquae largissimae. In-
duratum est cor Pharaonis.* E com os ouvintes de intendimentos agudos e os ouvintes de vontades indurecidas, serem os mais rebeldes, é tanta a força da divina palavra, que apesar da dureza nasce nos espinhos; e apesar da dureza nasce nas pedras. «E se a palavra de Deus até nas pedras e nos espinhos nasce, não triunfar dos alvedrios hoje a palavra de Deus e não nascer nos corações, como pôde ser culpa só dos ouvintes? É necessário confessá-lo: não é só dos ouvintes, mas também dos pregadores.» Sabem, pregadores, porque não faz fructo «nem leito» a palavra de Deus? Por culpa nossa.

*Ezod. 7.
Rum. 20.*

IV. Mas como em um pregador ha tantas qualidades e em uma regação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas; em qual «ou em quais» consistirá essa culpa? No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a sciencia, materia, o estylo, a voz. A pessoa que é, a sciencia que tem, a literaria que tracta, o estylo que segue, a voz com que fala. Todas las circumstâncias temos no evangelho. Vamos-as considerando por uma; e veremos porque a palavra de Deus não faz fructo. E primeiramente é pela circunstância da pessoa que prega. Antigamente os pregadores eram sanctos, eram varões apostólicos e exemplares; e hoje os pregadores são eu e outros como eu. A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Christo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão que semeador. Reparae. Não diz Christo: saio a semejar o semeador; senão, saiu a semear o que semeador: *Ecce exiit,
seminat, seminare.* Entre o semeador e o que semeador há grande diferença. Uma cousa é o soldado, e outra cousa é o peleja; uma cousa é o governador, e outra cousa o que governa. Da mesma maneira uma cousa é o semeador, e outra o que semeador; uma cousa é o pregador, e outra o que prega. O semeador e o pregador, é nome; o que semeador e o que prega, ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao pulpito, é: cuidais que é? É o conceito que de sua vida teem os ouvintes. Antigamente convertia-se o mundo: hoje porque se nãoverte ninguem? Porque hoje pregam-se palavras e pensa-

Qualidades de
um bom pre-
gador

Onde deve ser
a sua pessoa.

Matt. 13

mentos; antigamente prágavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiro sem bala; atroam, mas não ferem. A funda de David derrubou ao gigante; mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra. As vozes da sua barpa lançaram fóra os demônios do corpo de Saúl; mas não eram vozes pronunciadas com a boca, eram vozes formadas com a mão. Para falar ao vento bastam palavras; para falar ao coração são necessárias obras.

O Verbo, que é
palavra de
Deus, não con-
verte o mundo
senão quanto
fallida, mas o
exemplo.

Joh. 1.

Diz o evangelho que a palavra de Deus fructificou cento por um. Que quer isto dizer? Quer dizer que de poucas palavras nasceram muitas obras. Pois palavras que fructificam obras, vêde se podem ser só palavras! Quiz Deus converter o mundo, e que-faz? Mandou ao mundo seu Filho feito homem. Notae. O Filho de Deus, em quanto Deus, é palavra de Deus e não é obra de Deus: *Genitum non factum*. O Filho de Deus, em quanto Deus e Homem, é palavra de Deus e obra de Deus junctamente: *Verbum caro factum est*. De maneira que na união da palavra de Deus com a maior obra de Deus, consistiu a efficacia da salvação do mundo. Verbo divino é palavra divina: mas importa pouco que as nossas palavras sejam divinas, se forem desacompanhadas de obras. A razão d'isto é, porque as palavras ouvem-se, as obras vêm-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos: e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos. No céu ninguem ha que não ame a Deus, nem possa deixar de o amar. Na terra ha tão poucos que o amem; todos o offendem. Deus não é o mesmo e tão digno de ser amado no céu como na terra? Pois como no céu obriga e necessita a todos ao amarem, e na terra não? A razão é, porque Deus no céu é Deus visto; Deus na terra é Deus ouvido. No céu entra o conhecimento de Deus á alma pelos olhos: *Videbimus eum sicuti est*. Na terra entra o conhecimento de Deus pelos ouvidos: *Fides ex auditu*; e o que entra pelos ouvidos crê-se; o que entra pelos olhos necessita. Viram os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós; e o abalo e os efeitos do sermão seriam muito outros.

A melhor for-
mação à C. o
exemplo do
pregador.

Pregação do
Baptista

Vai um pregador pregando a paixão: chega ao pretorio de Pilatos; conta como a Christo o fizeram rei de zombaria; diz que tomaram uma purpura, e lhe poseram aos homens: ouve aquillo o auditório muito attento. Diz que teceram uma corba de espinhos, e que lhe pregaram na cabeça: ouvem todos com a mesma attenção. Diz mais que lhe ataram as mãos e lhe meteram n'ellas uma canna por sceptro: continha o mesmo silêncio e a mesma suspensão nos ouvintes. Corre-se n'este espaço uma cortina: aparece a imagem do *Ecce-Homo*: eis todos prostrados por terra, eis todos a bater nos peitos, eis as lagrimas,

eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas; que é isto? Que apareceu de novo n'esta egreja? Tudo o que descobriu aquella cortina, tinha já dicto o prégador. Já tinha dicto d'aquella purpura; já tinha dicto d'aquella corda e d'aquellos espinhos; já tinha dicto d'aquelle sceptro e d'aquelle canna. Pois se isso então não fez abalo nenhum, como faz agora tanto? Porque então era *Ecce-Homo* ouvido; e agora é *Ecce-Homo* visto: a relação do prégador entra pelos ouvidos; a representação d'aquella figura entra pelos olhos. Sabem, padres prégadores, porque fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não pregamos aos olhos, pregamos só aos ouvidos. Porque converteria o Baptista tantos peregradores? Porque assim como as suas palavras pregavam aos ouvidos, o seu exemplo pregava aos olhos. As palavras do Baptista pregavam penitencia: *Agite poenitentiam*: homens, fazei penitencia; e o exemplo clamava: Eis aqui está o homem que é o retrato da penitencia e da aspereza. As palavras do Baptista pregavam jejum e reprehendiam os regalos e demasias da gula; e o exemplo clamava: Eis aqui está o homem que se sustenta de gasulhos e mel silvestre. As palavras do Baptista pregavam composição e modestia, e condemnavam a soberba e a vaidade das galas; e o exemplo clamava: Eis aqui está o homem vestido de pelle de camello, com as cordas e cilicio à raiz da carne. As palavras do Baptista pregavam despegos e退iros do mundo, e fugir das ocasiões e dos homens; e o exemplo clamava: Eis aqui o homem que deixou as cidades e as cidades, e vive num deserto e numa cova. Se os ouvintes ouvem uma cousa e vêm outra, como se hão de converter? Se quando os ouvintes percebem os nossos conceitos, tem diante dos olhos as nossas manchas, como hão de «practicar» a virtude? Se a minha vida é apologia contra a minha doutrina; se as minhas palavras não já refutadas nas minhas obras; se uma cousa é o semeador e outra o que semea, como se ha de fazer fructo?

«Pouco ha, dizia-vos eu que o fructo da прégação evangelical depende tambem das circumstancias do estylo, do assumpto, da ciencia e atâ da voz do prégador. Declaremós tudo isto.» O estylo que hoje se usa nos pulpitos é tão empeçado, tão difficultoso, tão dictado, tão encontrado a toda arte e a toda a natureza, que me não admira fazerem tão pouco fructo as прégações. O eslylo ha de ser muito facil e muito natural. Por isso Christo compara o regar ao semeiar; porque o semeiar é uma arte que tem mais a natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte. Na musica tudo se faz por compasso; na architectura tudo se faz «com» figura; na arithmetica tudo se faz por conta; na geometria tudo se faz por medida. O semeiar não é assim: é arte sem arte;

Matt. 3.

2.º Qual o estylo.

cája onde cair. Vêde como semeava o nosso lavrador do evangelho. Caia o trigo nos espinhos e nascia; caia o trigo nas pedras e nascia; caia o trigo na terra boa e nascia; ia o trigo caindo e ia nascendo. Assim ha de ser o pregar: hão de cair as coisas e hão de nascer: tão naturaes que vão caindo, tão proprias que vão nascendo.

Há de ser tão natural como a semente que cai

Que diferente é o estylo violento e tyrannico que hoje se usat Ver vir os tristes passos da Escriptura, como quem vem ao martyrio; uns veem acarretados, outros veem estirados, outros veem torcidos, outros veem despedaçados, só atados não veem. Ha tal tyrania? Então no meio d'isto: Que bem levantado está aquillo! Não está a cosa no levantar, está no cair: *Ceculit*. Notac una allegoria propria da nossa lingua. O trigo do semeador, ainda que caiu quatro vezes, só de tres nascceu. Para o sermão vir nascendo ha de ter tres modos de cair: ha de cair com queda, ha de cair com cadencia, ha de cair com caso. A queda é para as coisas; porque hão de vir bem trazidas e em seu lugar: hão de ter queda. A cadencia é para as palavras; porque não hão de ser escabrosas, nem dissonantes: hão de ter cadencia. O caso é para a disposição; porque ha de ser tão natural e tão desaffecteda que pareça caso e não estudo.

A disposição e clareza das palavras ha de ser como a das preciosas e raras das estrelas.
Pa. 18.

Já que fallo contra os estylos modernos quero allegar por mim o estylo do mais antigo pregador que houve no mundo. E qual foi elle? O mais antigo pregador que houve no mundo foi o céu: *Cordi enarrant gloriam Dei; et opera manuum ejus annuntiant firmamentum*. Supposto que o céu é pregador, deve de ter sermones, e deve de ter palavras. Sim, tem, diz o mesmo Davíd: tem palavras e tem sermones, e mais muito bem ouvidos: *Non sunt loquela neque sermones, quorum non audiantur voces eorum*. E quais são estes sermones e estas palavras do céu? As palavras são as estrelas; os sermones a composição, a ordem, a harmonia e o curso d'ellas. Vêde como diz o estylo de pregar do céu com o estylo que Christo ensinou na terra. Um e outro é semear, a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregar ha de ser como quem semea e não como quem ladrilha ou azuleja; ordenado, mas como as estrelas. Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influencia, não é ordem que faz lavor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, da outra ha de estar negro: se de uma parte está dia, da outra ha de estar noite: se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra: se de uma parte dizem desceu, da outra hão de dizer subiu. Basta que não havemos de ver n'um sermão

duas palavras em paz: todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrario. Aprendamos do ceu o estylo da disposição e tambem das palavras. Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas, e muito claras. Assim ha de ser o estylo da pregação, muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estylo baixo: as estrelas são muito distintas e muito claras e altissimas. O estylo pôde ser muito claro e muito alto: tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender n'elle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrellas para a sua laboura, e o mareante para a sua navegação, e o matheematico para as suas observações e para os seus juizos. De maneira que o rustico e o mareante que não sabem ler, nem escrever intendem as estrellas; e o matheematico que tem lido quanto escreveram, não alcança intender quanto n'ellas ha. Tal pôde ser o sermão: estrellas que todos as vêem, e muito poucos as medem.

Sim, Padre: porém esse estylo de pregar não é pregar culto. Mas fossel Este desventurado estylo que hoje se usa, os que o querem honrar, chiamam-lhe culto; os que o condeinnam, chamam-lhe escuro; mas ainda lhe fazem muita honra. O tal estylo culto não é escuro, é negro e negro boçal e muito cerrado. É possivel que somos portuguezes e havemos de ouvir um pregador em portuguez e não havemos de intender o que diz? Assim como ha lexicon para o grego e calepino para o latim, é necessario haver um vocabulario para o pulpite? Eu ao menos o tomara para os nomes proprios; porque os cultos teem desbaptizado os sanctos, e cada auclor que allegam e um enigma. Assim o disse o Sceptro penitente: assim o disse a Aguaia da África, o Favo de Claraval, a Purpura de Belem, a Bocca de ouro. Ha tal modo de allegar? Se houvesse um advogado que allegasse assim a Bartolo e Baldo, hacieis de fiar d'ele o vosso pleno? Se houvesse um homem que assim fallasse na conversação, não o hacieis de ter por nescio? Pois o que na conversação seria necedade, como ha de ser discrição no pulpite? Seja pois o estylo muito claro e distinto, muito facil e natural.

Do mesmo modo se enganam os que em um só sermão levantam muitos assumptos. Quem levanta muita caça e não segue nenhuma, não é muito que se recolha com as mãos vasias. O sermão ha de ter um só assumpto e uma só materia. Por isso Christo disse que o lavrador do evangelho não semeára muitos generos de sementes, senão uma só. Lançou uma semente só, e não muitas: porque o sermão ha de ter uma só materia, e não muitas matérias. Se o lavrador semeára primeiro trigo; e sobre o trigo

*Esta verdade
bem pouco se
entende.*

*3.º Qual o só
assumpto?
O assumpto é
o sermão ha de
ser único.*

semeára o centeio; e sobre o centeio semeára o milho grosso e miúdo; e sobre o milho semeára a cevada; que havia de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões d'este gênero. Como semearam tanta variedade, não podem colher cousa certa. Quem semearam mixturas, mal pôde colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste e outro para oeste; como poderia fazer viagem? Por isso nos pulpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. Um assumpto vai para um vento; outro assumpto vai para outro vento; que se ha de colher se não vento? O Baptista convertia a muitos em Judéa; mas quantas matérias tomava? Uma só matéria: *Parate viam Domini*: a preparação para o reino de Christo. Jonas converteu os ninivitas; mas quantos assumptos tomou? Um só assumpto: *Adhuc quadruplicata dies et Ninives subvertetur*: a subversão da cidade. De maneira que Jonas em quarenta dias pregou um só assumpto; e nós queremos pregar quarenta assumptos em uma hora? Por isso não pregamos nenhum. O sermão ha de ser de uma só côr; ha de ter um só objecto, um só assumpto, uma só matéria.

MATA. 3.

JONAS. 3.

*Quo se deve
declarar o as-
sumpto.*

Ha de tomar o pregador uma só matéria; ha de definil-a, para que se conheça; ha de dividil-a, para que se distingua; ha de proval-a com a Escritura; ha de declaral-a com a razão; ha de confirmal-a com o exemplo; ha de amplifical-a com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; e ha de responder ás duvidas; ha de satisfazer ás dificuldades; ha de impugnar e refutar com toda a força da eloquencia os argumentos contrários; e depois d'isto ha de colher, ha de apertar, ha de concluir, ha de persuadir, ha de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto, é fallar de mais alto. Não nego, nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos; mas estes hão de nascer todos da mesma matéria e continuáre a acabar n'ella. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vede. Uma árvore tem raízes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem flores, tem fructos: assim é o sermão. Ha de ter raízes fortes e solidas; porque ha de ser fundado no evangelho; ha de ter tronco; porque ha de ter um só assumpto e tractar uma só matéria. D'este tronco hão de nascer diversos ramos, que são diversos discursos; mas nascidos da mesma matéria e continuados n'ella. Estes ramos não hão de ser secos, sendo cobertos de folhas; porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de palavras. Ha de ter flores, que são as sentenças; e o em remate de tudo ha de ter fructos, que

é o fructo e o lim a que se ha de ordenar o sermão. De maneira que ha de haver flores, ha de haver folhas, ha de haver ramos; mas tudo nascido e fundado em um só tronco; que é uma só materia. Se tudo são troncos; não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos; não é sermão, são maravalhas. Se tudo são folhas; não é sermão, são versas. Se tudo são flores; não é sermão, é ramalhete. Serem tudo fructos, não pôde ser; porque não ha fructos sem arvore. Assim que nessa arvore, a que podemos chamar arvore da vida, ha de haver o proveitoso do fructo, o formoso das flores, o vestido das folhas, o extendido dos ramos; mas tudo isto nascido e formado de um só tronco; e esse não levantado no ar, senão fundado nas raizes do evangelho: *Seminare semen.* Eis aqui como hão de ser os sermões; eis aqui como não são; e assim não é muito que se não faça fructo com elles.

• Não raras vezes é isto devido à falta de scienza que ha em muitos pregadores, que vivem do que não colheram e semearam o que não trabalharam. Depois da sentença de Adão a terra não costuma dar fructo, senão a quem come o seu pão com o suor do seu rosto. Por isso diz Christo que semeou o lavrador do evangelho o trigo seu: *Semen suum.* Semeou o seu e não o alheio; porque o alheio e o furtado não é bom para semear, ainda que o farto seja de scienza. O alheio é bom para comer, não é bom para semear: é bom para comer, porque dizem que é saboroso; não é bom para semear, porque não nasce! Alguem terá experimentado que o alheio lhe nasce em casa; mas esteja certo que se nasce, não ha de deixar raizes; e o que não tem raizes, não pôde dar fructo. Eis aqui porque muitos pregadores não fazem fructo: porque pregam o alheio e não o seu: *Semen suum.* O pregar é entrar em batalha com os vicios; e armas alheias, ainda que sejam de Achilles, a ninguem deram victoria. Quando David saiu a campo com o gigante, offereceu-lhe Saul as suas armas: mas elle não as quiz accitar. As armas de Saul só servem a Saul, e as de David a David; e mais aproveita um cajado e uma funda propria, que a espada e a lança alheia. Pregador que peleja com as armas alheias, não hajais medo que derrube gigante.

Fez Christo aos apostolos pescadores dos homens, que foi ordenal-os de pregadores; e que faziam os apostolos? Diz o texto que estavam refazendo as redes suas: *Resicientes retia sua:* eram as redes dos apostolos, e não eram alheias. Notae: *Retia sua:* não diz que eram suas, porque lhes custavam o seu dinheiro, senão porque lhes custaram o seu trabalho. D'esta maneira eram as redes suas, e porque d'esta maneira eram suas,

6.º Qualidade
scientia
de pregadores
que
não
alheia.

Por isso Jesus
Christo chama
os apostolos
apostolos
quando refe-
riam as
mesmas redes

por isso eram redes de pescadores que haviam de pescar homens. Com redes alheias, ou feitas por mão alheia, podem-se pescar peixes; homens não se podem pescar. A razão d'isto é; porque n'esta pesca de intendimentos só quem sabe fazer a rede, sabe fazer o lanço. Como se faz uma rede? Do fio e do nó se compõe a malha: quem não entia, nem ata, como ha de fazer a rede? E quem não sabe enfiar, nem sabe atar, como ha de pescar homens? A rede tem chumbada que cae ao fundo, e tem cortiça que nada em cima da agua. A pregação tem umas cousas de mais peso e de mais fundo, e tem outras mais superficiaes e mais leves; e o governar o leve e o pesado só o sabe fazer quem faz a rede. Na boca de quem não faz a pregação ate o chumbo é cortiça. As razões não hão de ser enxertadas, hão de ser nascidas. O pregar não é recitar. As razões proprias nascem do intendimento, as alheias vão pegadas á memoria; e os homens não se convencem pela memoria senão pelo intendimento.

*Confundit se
cum o mysterio
da ciencia do
Espirito
Sancto*

A. 3.

Vem o Espírito Santo sobre os apóstolos; e quando as línguas desceram do céu, cuidava eu que se lhes haviam de pôr na boceia; mas elas foram-se pôr na cabeça. Pois porque na cabeça e não na boceia, que é o logar da língua? Porque o que ha de dizer o pregador, não lhe ha de sair só da boceia; ha-lhe de sair pela boceia, mas da cabeça. O que sae só da boceia, pára nos ouvidos, o que nasce do juízo penetra e convence o intendimento. Ainda tem mais mysterio estas línguas do Espírito Santo. Diz o texto que não se poseram todas as línguas sobre todos os apóstolos; senão cada uma sobre cada um: *Apparuerunt dispersitiae linguae tanquam ignis, sed itque supra singulos eorum.* E porque cada uma sobre cada um, e não todas sobre todos? Porque não servem todas as línguas a todos, senão a cada um a sua. Uma língua só sobre Pedro; porque a língua de Pedro não serve a André. Outra língua só sobre André, porque a língua de André não serve a Philippe; outra língua só sobre Philippe; porque a língua de Philippe não serve a Bartolomeu; e assim dos maiores. E senão vêdes no estylo de cada um dos apóstolos, sobre que desceu o Espírito Santo. Só de cinco temos escripturas; mas a diferença com que escreveram, como sabem os doutos, é admiravel. As pennas eram todas das avas d'aquelle pombo divina; mas o estylo tão diverso, tão particular e tão proprio de cada um, que bem mostra que era seu: Mattheus facti, Iohannes mysterioso, Pedro grave, Jacob o forte, Thadeu sublimis; e todos com tal valentia no dizer, que cada palavra era um trovão, cada clausola um raio e cada razão um triunpho. Ajuncetae a estes cinco S. Lucas e S. Marcos, que também

alli estavam; e achareis o numero d'aqueles sete trovões que ouviu S. João no Apocalipse: *Locuta sunt septem tonitrua voces suas.* Eram trovões que fallavam e dearticulavam as vozes; mas essas vozes eram suas: *voces suas: suas e não alheias, como notou Ausberto: Non alienas sed suas.* Emfim pregar o alheio é pregar o alheio; e com o alheio nunca se faz cousa boa.

«Em ultimo logar deve-se também no prégador fazer caso da voz.» Antigamente a primeira parte do prégador era boa voz e bom peito. E na verdade, como o mundo se governa tanto pelos sentidos, podem às vezes mais os brados que a razão. «E não falta o exemplo de Christo» n'esta mesma parábola do semeador. Tanto que Christo acabou a parábola, diz o evangelho que começou o Senhor a bradar: *Huc dicens clamabat.* Bradou o Senhor, porque era tal o auditorio; que com elle podiam mais os brados que a razão?

Perguntaram ao Baptista quem era? Respondeu elle: *Ego vox clamantis in deserto:* eu sou uma voz que anda bradando n'este deserto. D'esta maneira só deliniu o Baptista. A delinição do prégador cuidava eu que era: voz que arrazoa e não voz que brada. Pois porque se deliniu o Baptista pelo bradar e não pelo arrazoar? Porque ha muita gente n'este mundo, com quem mais podem os brados que a razão, e taes eram aqueles a quem o Baptista pregava.

Vede-o claramente em Christo. Depois que Pilatos examinou as acusações que contra elle se davam, lavou as mãos e disse: Eu nenhuma causa acho n'este homem: *Ego nullam causam invenio in homine isto.* N'este tempo todo o povo e os escribas bradavam de fôra que fosse crucificado: *At illi magis clamabant: Crucifigatur.* De maneira que Christo tinha por si a razão, e tinha contra si os brados. E qual pôde mais? Poderam mais os brados que a razão. A razão não valeu para o livrar; os brados bastaram para o pôr na cruz. E como os brados no mundo podem tanto, bem é que bradem algumas vezes os prégadores, bem é que gitem. Por isso Isaías chamou aos prégadores nuvens: *Qui sunt isti qui ut nubes volant?* A nuvem tem relâmpago, tem trovão e tem raio: Relâmpago para os olhos, trovão para os ouvidos, raio para o coração: com o relâmpago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relâmpago a muitos, o trovão a todos. Assim ha de ser a voz do prégador: um trovão do céu que assombra e faça tremer o mundo.

«Bem sei que todo o sermão não deve ir em brados, se é que o prégador evangelico quer dizer com Moysés:» *Concrescat ut fluvia doctrina mea; fluat ut ros eloquum meum:* desça minha

Apoc. 10.

5.^a Qual a voz
do pregador?
Muitas vezes
podem mais os
brados que a
razão.

Exemplo do
Baptista

Joan. 3.

Como foi que
Pilatos con-
denou a
Christo.

Luc. 23.

Matth. 27.

Isai. 60.

Porém o ser-
mão não deve
ir todo em
brados.

Deut. 32.

doutrina como chuva do céu, e a minha voz e as minhas palavras como orvalho, que se distilla brandamente e sem ruido. E não ha duvida que o practicar familiarmente não só concilia maior attenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra e mette na alma. «Mas como o prêgador será ouvido em um grande auditório, se não tiver boa voz? E se não for ouvido, qual será o fructo da sua pregação?»

*Aumentado
dos sancios pa-
dras que
confirman en-
tos presentes.*

*Comento a ra-
zão principal
de ovo fazer
fructo a prega-
ção ainda não
muito
explicada*

*A razão pri-
ncipal i porque as
pregações de
hoje não são
palavras de
Deus.
Mas são vento*

de 4

Anexo 12

Tudo o que tenho dicto podera demonstrar largamente não só com os preceitos dos Aristoteles, dos Tullios, dos Quintilianos; mas com a practica observada do principio dos oradores evangélicos S. João Chrysostomo, de S. Basilio Magno, S. Bernardo, S. Cipriano e com as famosissimas orações de S. Gregorio Nazianzeno mestre de ambas as Egrejas.

V. «Confesso porém que isto mesmo que acabo de declarar, ainda que prova que a pregação de hoje não é muito secunda de conversões, não explica porque é que faz tão pouco fructo.» Moyses tinha fraca voz; Amós tinha grosseiro estylo; Salomão multiplicava e variava os assumptos; Balaão não tinha exemplo da vida; o seu animal não tinha sciencia; e com tudo todos estes fallando persuadiam e convenciam. Pois se nenhuma d'estas razões que discorremos nem todas elles juntas são a causa principal nem bastante do pouco fructo que hoje faz a palavra de Deus, qual diremos finalmente que é a verdadeira causa?

As palavras que tomei por thema o dizem: *Semen est verbum Dei*. Sabeis, christãos, a causa por que se faz hoje tão pouco fructo com tantas pregações? E porque as palavras dos prêgadores são palavras, mas não são palavras de Deus. Fallo do que ordinariamente se ouve. A palavra de Deus (como dizia) é tão poderosa e tão elicaz que não só na bona terra faz fructo, mas ate nas pedras e nos espinhos nasce. Mas se as palavras dos prêgadores não são palavras de Deus, que muito que não temham a eficacia e os efeitos da palavra de Deus? *Ventum se-
minabunt et turbinem colligent*, diz o Espírito Santo: quem sembra ventos, colhe tempestades. Se os pregadores semearam ventos, se o que se prega é vaidade, se não se prega a palavra de Deus; como não ha a Egreja de correr tormenta em vez de colher fructo? *Enim Semen est verbum Dei*: a semementeira que dá fructo, é só a palavra de Deus. Mas dir-me-heis; Padre, os pregadores de hoje não pregam do evangelho? Não pregam das sagradas escripturas? Pois como não pregam a palavra de Deus? Esse é o mal. Pregam palavras de Deus; mas não pregam a palavra de Deus: *Qui habet sermonem meum, loquatur in nomine meum vere*, as palavras de Deus pregadas no sentido em quo Deus as disse, são palavras de Deus; mas prega-

das no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes pôde ser palavra do demônio.

Tentou o demônio a Christo a que fizesse das pedras pão. Respondeu o Senhor: *Non in solo pane vixit homo, sed in omni verbo quod procedit de ore Dei.* Esta sentença era tirada do capítulo oitavo do Deuteronomio. Vendo o demônio que o Senhor se defendia da tentação com a Escriptura, leva-o ao templo; e allegando o logar do psalmo noventa, diz-lhe d'esta maneira: *Mitte te deorsum: scriptum est enim, quia Angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus etis tuis: dei-
late d'ahi abaiixo, porque promettilo está nas sagradas escripturas que os anjos te tomarão nos braços, para que te não faças mal.* De sorte que Christo defendeu-se do demônio com a Escriptura e o demônio tentou a Christo com a Escriptura. Todas as Escripturas são palavra de Deus. Pois se Christo toma Escriptura para se defender do demônio, como toma o demônio a Escriptura para tentar a Christo? A razão é, porque Christo tomava as palavras da Escriptura em seu verdadeiro sentido; o demônio tomava as palavras da Escriptura em sentido alheio e torcido; e as mesmas palavras que tomadas em verdadeiro sentido são palavras de Deus, tomadas em sentido alheio são armas do demônio: as mesmas palavras, que tomadas no sentido em que Deus as disse, são deleza, tomadas no sentido em que Deus as não disse, são tentação. Eis aqui a tentação com que então quiz o demônio derribar a Christo, e com que hoje lhe faz a mesma guerra do pinnaculo do templo. O demônio tentou a Christo no deserto, tentou-o no monte, e tentou-o no templo. No deserto tentou-o com a gula, no monte intou-o com a ambição, e no templo tentou-o com as Escripturas mal interpretadas; e essa é a tentação de que mais parece hoje a Egreja, e que em muitas partes tem derribado d'ella, não a Christo, a sua fé.

Dizei-me, pregadores, (aqueles com que fallo, indignos verdadeiramente de tão sagrado nome) dizei-me: esses assuntos inuteis, que tantas vezes levantais, essas empresas ao seu parecer agudas que proseguiis, achastel-as alguma vez os profetas do testamento velho, ou nos apostolos e evangelistas do testamento novo, ou no auctor de ambos os testamentos, Christo? É certo que não: porque desde a primeira palavra do Genesis até à ultima do Apocalypse não ha tal cousa em todas as Escripturas. Pois se nas Escripturas não ha o que digo o que pregais, como cuidais que pregais a palavra de Deus? Mais, Nesses logares, nesses textos que allegais para prova do que dizeis, é esse o sentido em que Deus os disse?

A Escriptura
mai interpretada
pode ter
palavra do de-
mônio.

Mat. 4.

Ps. 90.

Com elle não
se conversa
o iniciado.

É esse o sentido em que os intendem os padres da Egreja? É esse o sentido da mesma grammatica das palavras? Não por certo: porque muitas vezes as tornais pelo que loam e não pelo que significam; e talvez nem pelo que loam. Pois se não é esse o sentido das palavras de Deus, segue-se que não são palavras de Deus. E se não são palavras de Deus, por que nos queixamos de que não façam fructo as pregações? Basta que haveremos de trazer as palavras de Deus a que digam o que nós queremos e não havemos de querer dizer o que elas dizem! E então ver cahecer o auditório a estas cousas, quando deviamos dar com a cabeça pelas paredes de as ouvir! Verdadeiramente não sei de que mais me espante: se dos nossos conceitos, se dos vossos aplausos! Oh! que bem levantou o pregador! Assim é: mas que levantou? Um falso testemunho ao texto, outro falso testemunho ao sancto, outro ao entendimento e sentido de ambos e muitos ao mesmo Deus. Ah Senhor, quantos falsos testemunhos vos levantam! Quantas vezes ouço pregar que dizeis o que nunca dissesseis! Quantas vezes ouço pregar que são palavras vossas o que são imaginações minhas (que me não quero excluir d'esse numero)! Que muito logo que as nossas imaginações não tenham a efficacia da palavra de Deus? Que muito que o mundo se não converta com as nossas fabulas?

Maus tempos.
Maus pregadores.

S. Tom. L.
Ha comedias
que não comedias.

Miseraveis de nós e miseraveis dos nossos tempos! Pois n'elles se veio a cumprir a propriedade de S. Paulo: Virá tempo em que os homens não sofrerão a doutrina sã; mas para seu appetite terão grande numero de pregadores feitos a montão e sem escolha; os quaes não façam mais que adolar-lhes as orelhas: fecharão os ouvidos á verdade e abrيل-os-hão ás fabulas: *Erit tempus cum sanum doctrinam non sustinebunt; sed ad sua desideria coacerrabunt sibi magistros pruriētes auribus, a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem conseruentur.*

Fábula tem duas significações: quer dizer fingimento e quer dizer comedia; e tudo são muitas pregações d'este tempo. São fingimento: porque são subtilezas e pensamentos aereos sem fundamento de verdade: são comedia; porque os ouvintes veem a pregação como a comedia; e ha pregadores que veem ao pulpite como comediantes. Não cuideis que encareço em chamar comedias a muitas pregações das que hoje se usam. Tomara ter aqui as comedias de Terencio; e verieis se não achaveis n'ellas muitos desenganos da vida e vaidade do mundo, muitos ponctos de doutrina moral muito mais verdadeiros e muito mais solidos do que hoje se ouvem nos pulpitos. Grande miseria por certo, que se achem maiores documentos para a vida

nos versos de um poeta profano e gentio, que nas pregações de um orador christão!

Antes pouco disse S. Paulo em lhes chamar comedias; porque muitos sermones ha, que não são comedias, são farças. Sube talvez ao pulpite um pregador professando ser morto ao mundo com seu habito monastico ou «clerical»: o nome é de reverencia, a materia de compuncão, a dignidade de oraculo, o lugar e a espectação de silencio; e quando este se rompeu, que é que seouve? Se n'este auditório estivesse um estrangeiro que nos não conhecesse, e visse entrar este homem a falar em publico n'aquelle trajos e em tal lugar, cuidaria que havia de ouvir uma trombeta do céu, que cada palavra sua havia de ser um raio para os corações, que havia de pregar com zelo e com o fervor de um Elias, que com a voz, com o gesto e com as acções havia de fazer em pó e em cinza os vicios. Isto havia de cuidar o estrangeiro; e nós que e o que vemos? Vemos sair da boca Paquelle homem, assim n'aquelle trajos, uma voz muito allegrada e muito polida; e logo com muito desgarro começar o que? A motivar desvelos, a acrediitar empenhos, a requistar bezas, a lisongear precipios, a brilhar auroras, a derreterystaes, a desmaiar jasmins, a toucar primaveras e outras mil dignidades d'estas. Não é isto farça a mais digna de riso, se o fôra tambem para chorar? Na comedia o rei veste como o e falla como o rei; o lacaio veste como o lacaio e falla como lacaio; o rustico veste como rustico e falla como rustico: mas o pregador vestir como pregador e fallar como... não o pôr dizer em reverencia do lugar. Já que o pulpite é theatro o sermão comédia, sequer não faremos bem a figura? Não rão as palavras com o vestido e com o ofício? Assim pregava Paulo? Assim pregavam os outros apostolos? Não louvamos não admiramos o seu pregar? Não nos presamos de seus deulos? Pois porque os não imitamos?

Dir-me-heis o que a mim me dizem e o que já tenho experimentado, que se pregarmos assim zombam de nós os ouvintes e não gostam de ouvir. Oh boa razão para um servo de Jesus Christo! Zombem e não gostem embora; e façamos nós o seu ofício. A doutrina de que elles zombam, a doutrina que desestimam, essa é a que lhe devemos pregar, e por isso é que caiu no caminho comeram-nos as aves. Estas aves, explicou o mesmo Christo, são os demonios, que tiram a graça de Deus dos corações dos homens: *Venit diabolus et verbum de corde ipsorum.* Pois porque os demonios não eram o trigo que caiu entre os espinhos, ou o trigo que

Antes não farçava?

Os demonios
não se temem
destes ser-
vidores.

2. 12. 14.

*o gosto das
ouvintes roubado
de ser roubado
lo prender*

caiu nas pedras, senão o trigo que caiu no caminho? Porque o trigo que caiu no caminho, *Concideatum est ab hominibus*, diz a Glória n'este lugar do evangelho: pisaram-n'o os homens; e a doutrina que os homens pisam, a doutrina que os homens despresam, esta é a de que os demonios se temem. D'ess'outros conceitos, d'ess'outros pensamentos, d'ess'outras subtilezas, que os homens estimam e presam, d'essas não se temem nem se cautelam os demonios; porque sabem que não são essas as pregações que lhes vão de tirar as almas das unhas. Mas d'aquelle doutrina que cão *secus viam*; d'aquelle doutrina que parece *communum, secus viam*; d'aquelle doutrina que parece trivial, *secus viam*; d'aquelle doutrina que nos põe em caminho e em via da nossa salvação (que é a que os homens pisam e a que os homens despresam); essa é a de que os demonios receiam e se cautelam, essa é a que procuram comer e tirar do mundo; e por isso mesmo essa é a que deviam pregar os pregadores e a que deviam buscar os ouvintes. Mas se elles não o fizeram assim e zombaram de nós, zombemos nós também de suas zombarias, como dos seus aplausos. O pregador ha de saber pregar com fama e com infamia, diz o apostolo: *Per infamiam et bonam famam*. Pregar o pregador para ser afamado, isso é mentiro; mas infamado e pregar o que convém, ainda que seja com descredito de sua fama, isso é ser pregador de Jesus Christo.

Pois o gostarem ou não gostarem os ouvintes! Oh que adversidade tão daga! Que medico ha que repare no gosto do inferno, quando tracta de lhe dar saúde? Sarem, e não gostem; sarem, e amargue-lhes: que para isso somos medicos das almas. Quaes vos parece que são as pedras sobre que caiu parte do trigo do Evangelho? Explicando Christo a parabola, diz que as pedras são aquelles que oovem a pregação com gosto: *Hui sunt qui cum gaudio suscipiunt verbum*. Pois será bem que os ouvidos gostem, e que no cabo liquem pedras? Não gostem e abrandem-se: não gostem e quebrem-se: não gostem, e fructifiquem. Este é o modo com que fructificou o trigo, que caiu na boa terra: *Et fructum afferunt in patientia*, conclue Christo. De maneira que o fructifilar não se juncta com o gostar, senão com o padecer. Fructifiquemos nós, e tenham elles paciencia. A pregação que fructifica, a pregação que aproveita, não é aquella que dá gosto ao ouvinte, é aquella que lhe dá pena. Quando o ouvinte a cada palavra do pregador treme; quando cada palavra do pregador é um torcoetor para o coração do ouvinte; quando o ouvinte vai do sermão para casa confuso e attonito sem saber parte de si, então é a pregação qual convém, então

se pôde esperar que faça fructo : *Et fructum afferunt in patientia.*

VI. Emfim, para que os prégadores saibam como hão de pregar e os ouvintes a quem hão de ouvir, acabo com um exemplo. Prégavam em Coimbra dous famosos pregadores, ambos bem conhecidos por seus espiritos. Altercou-se entre alguns doutores da Universidade, qual dos dous fosse maior pregador ; e como não ha juizo sem inclinação, uns diziam : este, outros, aquelle. Mas um lente, que entre os mais tinha maior autoridade, concluiu d'esta maneira : Entre dous sujeitos tão grande s não me atrevo a interpor juizo ; só direi uma diferença que sempre experimento : quando ouço um, saio do sermão muito contente do pregador ; quando ouço outro, saio muito descontente de mim.

Exemplo de
dos pregadores
que agradavam
descontentando
a seus ouvintes.

Com isto tenho acabado. Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões : não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si ; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, o seu passatempo, as suas ambições, e emlme todos os seus peccados. Contanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós. *Si hominibus placuerem, Christi serrus non essem,* dizia o maior de todos os prégadores. S. Paulo : se eu contentara aos homens, não seria servo de Deus. Oh ! contentemo-nos a Deus e acabemos de não fazer caso dos homens ! Advirtamos que n'esta mesma egreja ha tribunas mais altas que as que vemos : *Spectaculum facti sumus Deo et angelis e hominibus.* Acima das tribunas dos reis, estão as tribunas dos anjos, está a tribuna e o tribunal de Deus, que nos ouve e nos ha de julgar. Que conta ha de dar a Deus um pregador no dia de juizo ? O ouvinte dirá : Não m'o disseram. Mas o pregador ? *Vae milu quia tacui :* ai de mim que não disse o que convinha ! Não seja mais assim, por amor de Deus e de nós. Estamos ás portas da quaresma, que é o tempo em que principalmente se seméa a palavra de Deus na Egreja, e em que ella se arma contra os vícios. Prêgoemos e armemo-nos todos contra os peccados, contra as soberbas, contra os odios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as sensualidades. Veja o céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o inferno que ainda ha na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fructo : *Et fecit fructum centuplum.*

1. SERMÃO

02. 1.

1. CER. 4.

1. MAR. 6.

(Edição antiga tomo I, sermão I, edição moderna tomo I, sermão X.)



I

SERMÃO NA QUARTA FEIRA DE CINZA **

Em Roma, na egreja de Sancto Antonio dos Portuguezes,
no anno de 1670.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Nada é mais difficultoso ao prégador que tractar com alguma novidade o assumpto d'este sermão. Vieira o tracta tres vezes e cada vez com diverso cunho de originalidade. Estes tres sermões, ingenhosamente tirados do mesmo thema, são muito eloquentes e practicos, ainda que ao principio o não parecem. O primeiro se distingue por figuratas oratorias muito grandiosas e elegantes.

*Memento homo quia pulvis es et
in pulvorem reverteris.*

Duas cousas prega hoje a Egreja a todos os mortaes; ambas grandes, ambas tristes, ambas temerosas, ambas certas; mas una de tal maneira certa e evidente, que não é necessario intendimento para a crer; outra de tal maneira certa e difficultosa, que nenhum intendimento basta para a alcançar. Uma é presente, outra é futura: mas a futura vêem-na os olhos; a presente não a alcança o intendimento. E que duas cousas enigmáticas são estas? *Pulvis es, et in pulvorem reverteris:* sois ^{O pó que somos} e em pó vos haveis de converter. Sois pó, é a presente; e o pó vos haveis de converter, é a futura. O pó futuro, o pó que nos havemos de converter, vêem-no os olhos; o pó ^{o o po que se-} ^{remos.} presente, o pó que somos, nem os olhos o vêem, nem o intendimento o alcança. Que me diga a Egreja que hei de ser pó: *pulvarem reverteris;* não é necessario fé nem intendimento a o crer. N aquellas sepulturas ou abertas ou cerradas o não vendo os olhos. Que dizem aquellas letras? que cobrem aquellas pedras? As letras dizem pó, as pedras cobrem pó; e só o que alli ha, é o nada que havemos de ser: tudo pó.

Há maior
dificuldade em
crer o pô que
vemos do que
em crer o pô
que seremos.
Bíblia se está
dificuldade.

De sorte que para eu crêr que hei de ser pô, não é necessario fé nem intendimento: basta a vista. Mas que me diga o me pregue hoje a mesma Egreja, regra da fe e da verdade, que não só hei de ser pô de futuro, senão que já sou pô de presente. *Pulvis es;* como o pôde alcançar o intendimento, se os olhos estão vendo o contrario? É possivel que estes olhos que vêem, estes ouvidos que ouvem, esta lingua que fala, estas mãos e estes braços que se movem, estes pés que andam e pisam, tudo isto já é pô, *Pulvis es?* Nenhuma causa nos podia estar melhor que não ter resposta nem solução esta duvida. Mas a resposta e solução d'ella, será a materia do nosso discurso. Para que eu acerte a declarar esta dificultosa verdade, e todos nos saibamos aproveitar d'este tão importante desengano, peçamos áquelle Senhora, que só foi excepção d'este pô, se digne de nos alcançar graça. *Ave-Maria.*

Sentença que
Deus
pronunciou ao
primeiro ho-
mem e a todos
seus
descendentes

Gen. 3.

A vida humana
é um círculo
de pô a pô
por que todo
o homem é pô

Ad. 10

II. Entim, senhores, que não só havemos de ser pô, mas já somos pô: *Pulvis es.* Esta sentença universal foi pronunciada definitiva e declaradamente por Deus ao primeiro homem e a todos os seus descendentes, e não admite interpretação, nem pôde ter duvida. Mas como pôde ser? Como pôde ser que eu que o digo, vós que o ouvis e todos os que vivemos, sejamos pô: *Pulvis es?* No mesmo texto, se bem se considera, temos a resposta: porque as segundas palavras d'elle não só contêm a declaração, senão também a razão das primeiras: *Pulvis es,* sois pô, e porque? Porque fostes pô, e haveis de tornar a ser pô: *In pulcerem reverteris.* Esta é a força da palavra *reverteris*, a qual não só significa o pô que havemos de ser, senão também o pô que somos. Por isso não diz *converteris*; converter-vos-heis em pô: senão *reverteris*, tornareis a ser o pô que fostes. Quando dizemos que os mortos se convertem em pô, falamos impropriamente: porque aquillo não é conversão, é reversão. *reverteris*: é tornar a ser na morte o pô que somos no campo damasceno; e porque somos pô e havemos de tornar a ser pô, *in pulcerem reverteris*, por isso já somos pô: *Pulvis es.* Não é exposição miuba, senão formalidade do mesmo texto, com que Deus pronunciou a sentença de morte contra Adão: *Donec reverteris in terram de qua sumptus es; qua pulvis es;* ale que tornes a ser a terra de que foste formado, porque és pô. • De maneira que ser pô e haver de tornar a ser pô, são duas coisas que andam unidas, e uma declara-se pela outra.

Notas. Esta nossa chamada vida, não é mais que um circulo que fazemos de pô a pô; do pô que somos ao pô que havemos de ser. Uns fazem o círculo maior, outros menor, outros mais pequeno, outros minimo: *De utero translatus ad tumulum;* mas

ou o caminho seja largo ou breve ou brevissimo, como é círculo de pó a pó, sempre e em qualquer ponto da vida somos pó. Quem vai circularmente de um ponto para o mesmo ponto, quanto mais se aparta «de um lado», tanto mais se chega «para o outro, até que volta ao mesmo ponto d'onde se partiu.» O pó que foi nosso princípio, esse mesmo e não outro, é o nosso fim; e porque caminhamos circularmente d'este pó para este pó, quanto mais parece que nos apartamos d'ele, tanto mais nos chegamos para elle: o passo que nos aparta «do princípio, esse mesmo nos chega» para o fim: o dia que faz a vida, esse mesmo o lessaz; e como esta roda anda e desanda juntamente, sempre nos vai inoendo, sempre somos pó. Assim que desde o primeiro instante da vida até o ultimo, nos devemos persuadir e assentar connosco que não só somos e havemos de ser pó, senão que já o somos; «porque nunca saímos d'este círculo fatal de pó a pó.»

• É verdade certa, ainda que pouco entendida, que tudo o que vive, é o que foi e o que ha de ser; por isso do que foi e do que ha de ser deve tomar o nome e a definição. Cito um exemplo.» No dia aprasado em que Moyses e os Magos do Egypcio haviam de fazer prova e ostentação de seus poderes diante d'el-rei Pharaó, Moyses estava só com Arão de uma parte e todos os magos da outra. Deu signal o rei: mandou Moyses a Arão que lançasse a sua vara, e converteu-se subitamente em uma serpente, viva e tão temerosa, como aquella de que o mesmo Moyses no deserto se não dava por seguro. Fizeram todos os Magos o mesmo: começaram a saltar e servir serpentes: porém a de Moyses investiu e avançou a todas elles intrepida e senhorilmente; e assim vivas como estavam, sem matar, nem despedaçar, comeu e engoliu a todas. Refere o caso a Escriptura, e diz estas palavras: *Decoravit virga Atron virgas eorum: a vara de Arão comeu e engoliu as dos egypcios.* Aqui reparo. Parece que não havia de dizer: a vara, senão, a serpente. A vara não tinha boca para comer, nem dentes para mastigar, nem garganta para engolir, nem estomago para recolher tanta multidão de serpentes: a serpente é que a vara se converteu, sim; porque era um dragão vivo, voraz e terrível, capaz de tamanha batalla e de tanta façanha. Pôis porquê diz o texto que a vara foi a que fez tudo isto e não a serpente? Porque cada um é o que foi e o que ha de ser. A vara de Moyses antes de ser serpente foi vara, e depois de ser serpente tornou a ser vara; e serpente que foi vara e ha de tornar a ser vara, não é serpente, é vara: *Virga Aaron.* É verdade que a serpente d'aquelle tempo estava viva, andava e comia e batinhava e vencia e triunhava:

Todo o que vive
deve tomar o
nome e a defini-
ção do que foi
e do que ha de
ser.

Exemplo
da vara de Arão
transformada
em serpente.

Exod. 9.

mas como tinha sido vara e havia de tornar a ser vara, não era serpente, era vara.

Como a serpente chama-se vara, assim o homem se pode chamar po. Tudo o que vive n'este mundo é o que foi e o que ha de ser.

Ah! serpentes astutas do mundo vivas e tão vivas, não vos fiets da vossa vida nem da vossa viveza: não sois o que cuidais, sois o que fostes e o que haveis de ser. Por mais que vos vejais agora um dragão coroado e vestido de armas douradas, com a cauda levantada e retorcida, agitando os ventos, o peito inchado, as azas estendidas, o collo encrespado e soberbo, bocca aberta, dentes agudos, lingua trisulca, olhos scintillantes, garras e unhas roropentes: se esse dragão foi vara e ha de ser vara, é vara; se foi terra e ha de ser terra, é terra; se foi nada e ha de ser nada, é nada: porque tudo o que vive n'este mundo, é o que foi e o que ha de ser. Só Deus é o que é. E por isso mesmo, nolae.

Porque só Deus é o que é.

Ego sum.

Appareceu Deus ao mesmo Moysés nos desertos de Madian: manda-o que leve a nova da liberdade ao povo captivo; e perguntando Moysés quem havia de dizer que o mandava para que lhe dessem credito, respondeu Deus e definiu-se: *Ego sum qui sum:* Eu sou o que sou. Dirás que o que é te manda: *Qui est misit me ad eos.* O que é? *Qui est?* E que nome, que distinção é esta? Também Moysés é o que é; também Pharaó é o que é; também o povo com que ha de fallar é o que é. Pois se esse nome e essa definição loca a todos e a tudo, como a toma Deus só por sua? E se todos são o que são, e caiam um é o que é, porque diz Deus, não só como atributo, senão como essencia propria da sua divindade: Eu sou o que sou? Excelentemente S. Jeronymo: «sabeis porque só Deus é o que é? Porque só Deus foi Deus e ha de ser Deus; e porque é aquele Deus que sempre foi e ha de ser, é o que é, De todas as outras cousas não é assim. Porque elias em toda a eternidade foram nada e mudam-se incessantemente, por isso não são o que são. E S. Gregorio, declarando o mesmo logar: só Deus pôde dizer: Sou o que sou; porque só elle é immudavel: as suas criaturas que de continuo acabam de ser o que foram, e começam a ser o que não são, mais propriamente se deve dizer que não são, ou são nada: *Qui est misit me ad eos.*»

No dia que da terra não houver mais por isso não po.

Pt. vi.

Eu bem sei que também ha deuses da terra: deuses na grandeza, deuses na majestade, deuses no poder, deuses na adoração e também deuses no nome: *Ego dixi: di estis.* Mas se houver (que pôde haver) se houver algum d'estes deuses, que cuide ou diga: Eu sou o que sou; olhe primeiro o que foi e o que ha de ser. Se foi Deus e ha de ser Deus, e Deus: eu o creio e o adoro. Mas se não foi Deus, e não ha de ser Deus; se foi po, e ha de ser po: faça mais caso da sua sepultura, que da

sua divindade. Assim Ibo disse e os desenganou o mesmo Deus que lhes chamou deuses : *Ego dixi : dii estis ; vos autem sicut fumines mortemini.* Quem foi pó e ha de ser pó, seja o que quizer e quanto quizer, é pó : *Pulvis es.*

IV. Ora supposto que já somos pó, e não pôde deixar de ser, porque Deus o disse « e o manifesta a nossa natureza », perguntar-me-heis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos ? Os mortos são pó, nós também o somos ; em que nos distinguimos uns dos outros ? « Respondo que os vivos são pó levantado, os mortos são pó caido : os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz : *Hic jacet.* Estão essas praças no verão cobertas de pó : dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar, e que faz ? O que fazem os vivos. Não aquietam o pó, nem pôde estar quedo : anda, corre, vôle por esta rua, sâe por aquela ; já vai adiante, já torna a traz : tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cêga, tudo penetra, em tudo e por tudo se mette sem aquietar nem socegar um momento, em quanto o vento dura. Acalmou o vento : cai o pó ; onde o vento parou, alli fica : ou dentro da casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim ? E que pó e que vento é este ? O pó somos nós : *Quia pulvis es ; e o vento é a nossa vida : quia ventus est vita mea.* Deu o vento, levantou-se o pó : parou o vento, caiu. Os vivos, pó levantado, os mortos, pó caido : os vivos, pó com vento, e por isso vãos ; os mortos, pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distinção, e não ha outra.

Formou Deus de pó aquella primeira estatua que depois se tornou corpo de Adão. Assim o diz o texto original : *Formavit Deus hominem de pulvra terrae.* A figura era humana e muito timorosamente delineada ; mas a substancia e a materia, não era mais que pó. Chega-se pois Deus á estatua ; e que fez ? soprhou-a ; e tanto que o assopro deu no pó : *Factus est homo a animam viventem :* eis o pó levantado e vivo : já é homem, se chama Adão. Ah pó ! se aquietaras e pararas ahi ! « Mas o pó levantado, ainda que foi pelo assopro dos labios divinos, só aquietou, nem parou um momento. » Ei-lo abaxo, ei-lo acima, e tanto acima e tanto abaxo, dando uma tão grande volta, e tantas voltas. Já senhor do universo, já escravo de si mesmo, já só, já acompanhado, já nu, já vestido, já coberto de roupas, já de pelles, já tentado, já vencido, já homisiado, já desgraçado, já peccador, já penitente ; e para maior penitencia, pae ; cravando os filhos, lavrando a terra, recolhendo espinhos pelos dentes, suando, trabalhando, lidando, fatigando, com tantos

Os vivos e os mortos como se distinguem ? Aquelles são pó levantado, estes são pó caido.

Job. 77.

Protra-se com a história da criação do primeiro pai.
Gen. 1.

vaivens do gosto e da fortuna. Assim andou levantado o pó em quanto durou a vida: a vida durou muito; porque n'aquele tempo era mais larga: mas alli parou. E que lhe sucedeu no mesmo tempo a Adão? *Ventus est rita mea:* o que sucede ao pó. Assim como o vento o levantou, o sustinha; tanto que o vento parou, caiu. Este foi o primeiro pó, o primeiro vivo e o primeiro condenado à morte; e esta é a distinção que ha dos vivos aos mortos.

Dous momentos ao pó.

V. À vista d'esta distinção tão verdadeira e d'este desengaço tão certo, que posso eu dizer ao nosso pó, senão o que lhe diz a Egreja *Memento homo! Sim, Memento direi ao pó levantado, e Memento ao pó caido: Memento ao pó que somos, e Memento ao pó que havemos de ser: Memento ao pó que me ouve, e Memento ao pó que me não pôde ouvir.*

*Lembra-se o
pó levantado
que ha de ser
pô caido. A mi-
tânia de Na-
bóis e a justi-
ça dos pobres.*

*Hegar de San-
to Agostinho*

Douz. 2.

Digo «primeiro» que se lembre o pó levantado que ha de ser pô caido. Levanta-se o pó com o vento da vida e muito mais com o vento da fortuna; mas lembre-se que o vento da fortuna, não pôde durar mais que o vento da vida, e que pôde durar tanto menos, porque é mais inconstante. O vento da vida por mais que cresça, nunca pôde chegar a ser bonança: o vento da fortuna se cresce pôde chegar a ser tempestade, e tão grande tempestade, que se afogue n'ella a mesma vida. Pô levantado, lembra-te outra vez, que has de ser pô caido e que tudo ha de cair e ser pô contigo. Estatua de Nabucco, ouro, prata, bronze; lustre, riqueza, fama, poder; lembra-te que tudo ha de cair de um golpe, e que então se verá o que agora não queremos ver, que tudo é pô e pô de terra. Eu não me admiro, senhores, que aquela estatua em um momento se convertesse toda em pô; era imagem de homem, isso bastava. O que admira, e admirou sempre h, que se convertesse, como diz o texto, em pô de terra: *In farillam aestuacae areae.* A cabeça da estatua não era de ouro? Pois porque se não converte o ouro em pô de ouro? O peito e os braços não eram de prata? Porque se não converte a prata em pô de prata? O ventre não era de bronze e o demais de ferro? Porque se não converte o bronze em pô de bronze e o ferro em pô de ferro? Mas o ouro, a prata, o bronze, o ferro, tudo em pô de terra? Sim, tudo em pô de terra. Cuida o illustre desvanecido, que é de ouro; e todo esse resplendor em caíndo ha de ser pô e pô de terra. Cuida o rico inchado que é de prata; e toda essa riqueza em caíndo h^á de ser pô e pô de terra. Cuida o robusto que é de bronze, cuida o valente que é de ferro, um confiado, outro arrogante; e toda essa fortaleza e toda essa valentia em caíndo ha de ser pô e pô de terra; *In farillam aestuacae areae.* A pedra que desfaz em pô esse ouro, essa

prata, esse bronze e esse ferro» é a pedra d'aquelle sepultura. Aquella pedra é como a pedra do pintor, que mõe todas as cõres e todas as desfaz em pó. Desengane-se a escarlata mais fina, mais alta e mais coroada, e desenganem-se d'ahi abaixo todas as cõres; que todas se hão de moer n'aquelle pedra e desfazer em pó: e, o que é mais, todas em pó da mesma cõr. Na estatua o ouro era amarelo, a prata branca, o bronze verde, o ferro negro: mas tanto que a tocou a pedra, tudo ficou da mesma cõr, tudo da cõr da terra: *In farillam artivae areae.* O pó levantado faz diferença nas cõres. Porém a morte como vingadora de todos os aggravos da natureza a todas essas cõres faz da mesma cõr: para que não distinga a vaidade e a fortuna os que se faz iguaes a razão. Abri aquellas sepulturas, diz Agostinho, e véde qual é alli o senhor e qual o servo: qual é alli o pobre e qual o rico. Distingui-me alli, se podeis, o valente do fraco, o formoso do feio, o rei ferreado de ouro, do escravo de Argel carregado de ferro. Distinguil-os? Conheceis os? Não por certo. O grande e o pequeno, o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, o senhor e o escravo, o principe e o cavador, o allemão e o ethiope, todos alli são da mesma cõr. Passa Sancto Agostinho da sua África á nossa Roma: e pergunta assim: onde estão os consules romanos? Onde estão aquelles imperadores e capitães famosos que desde o capitolio mandavam o mundo? Que se fez dos Cesares e dos Pompeos? Dos Marios e dos Sylas? Dos Scipiões e dos Emilios? Os Augustos, os Claudios, os Tiberios, os Vespasianos e os Trajanos, que é d'elles? Tudo pó, tudo cinza: não resta de todos elles outra memoria mais que os poucos versos das suas sepulturas: *Nunc in paucis terribus eorum memoria est.* Meu Agostinho, também esses versos que se liam então, já os não ha: apagaram-se as letras; comeu o tempo as pedras; também as pedras morrem: *Mors etiam sarcis nominibusque venit.*

Oh que *Memento* esse «para a nobilissima metropoli onde prego.» Já não digo como até agora: Lembra-te, homem, que és pó levantado e has de ser pó caido. O que digo é: Lembra-te, Roma, que és pó levantado e és pó caido juntamente. Olha, Roma, d'aqui para baixo, e ver-te-has caida e sepultada debaixo de ti: olha, Roma, de lá para cima, e ver-te-has levantada e pendente em cima de ti; a cidade sobre as ruinas, o corpo sobre o cadaver, a Roma viva sobre a morta. Que cousa é Roma senão um sepulcro de si mesma? Em baixo as cinzas, em cima a estatua; em baixo os ossos, em cima os vullos. Este vulto, esta majestade, esta grandezza, é a imagem e só a imagem do que está debaixo da terra. Ordenou a Providencia di-

Apostrophe à
Roma.

vina que Roma fosse tantas vezes destruida e depois edificada sobre suas ruinas «para que livesse sempre diante dos olhos no cadaver de si mesma, o sim das grandezas d'este mundo.» Que é Roma levantada? «A metropoli do mundo christão.» Que é Roma caida? «O cadaver do mundo pagão.» E esses pedaços de Thermas e Colisseus, e essas columnas, essas agulhas desenterradas pôdem ser outra cosa senão os ossos rotos e troncados d'esse grande cadaver? Oh que sisuda seria esta grande metropoli se considerasse com attenção na sua ossada! Nabuco depois de ver a estatua convertida em pó, editou outra estatua. Louco, que é o que te disse o propheta? Tu, rei, és a cabeça da estatua: *Tu rex es caput.* Pois se tu és a cabeça e estás vivo, olhe a cabeça viva para a cabeça defunta: olhe a cabeça levantada para a cabeça caida; olhe a cabeça para a caveira. Oh se Roma fizesse o que não soube fazer Nabuco! Teria por certo menos logar a vaidade e maior materia o desengano. Isto fui e isto sou. N isto parou a grandeza d'aquele immenso todo, de que hoje sou tão pequena parte? N isto parou. E o peior é, Roma minha (se me dás licença para que l'o diga) que não has de parar só n'isso. Este destroço e estas ruinas que vés tuas, não são as ultimas: ainda te espera outra antes do sim do mundo, prophetizada nas Escripturas. Aquella Babylonia de que fala S. João, quando diz no Apocalypse: *Cecidit, cecidit Babylon* «se refere a ti não pelo que hoje és, senão pelo que has de ser.» Assim o intendem S. Jeronymo, Sancto Agostinho, Sancto Ambrosio, Tertulliano, Eumenio, Cassiodoro e outros padres, a quem seguem concorde mente interpretes e theologos, como Bellarmino, Suarez e Cornelio a Lapide. Roma a espiritual é eterna: porque *Portae inferi non praevalebunt.* Mas Roma a temporal sujeita está como as outras metropoles das monarchias; e não só sujeita, mas condenada á catastrophe das cousas mudaveis e aos eclypes do tempo. «Logo ó Roma, nas tuas ruinas vés o que foste, nos teus oraculos lês o que has de ser; e se queres fazer verdadeiro juizo de ti mesma, pelo que foste e pelo que has de ser, estima o que és. No passado foste pó? No futuro has de ser pó? Logo no presente és pó: *Pulvis es.*

MARCA 16.

Lembre-se o pó levantado que ha de ser pó caido, disse eu primeiro aos vivos. Lembre-se o pó caido que se ha de levantar novamente, direi em segundo lugar aos mortos. Ninguem morre para estar sempre morto; por isso a morte nas Escripturas se chama sonmo. Os vivos caem em terra com o sonmo da morte; os mortos jazem na sepultura dormindo sem movimento nem sentido aquelle profundo e dilatado letargo: mas quan-

do o pregão da trombeta final os chamar a juizo, todos hão de acordar e levantar-se outra vez. Então dirá cada um com David: *Ego dormiri et soporatus sum et exsurrexi.* Lembre-se pois o pó caindo que ha de levantar-se novamente.

Este segundo *memento* é muito mais terrível que o primeiro. Morrerei no meu ninho, disse Job, e como phenix multiplicarei os meus dias: *In nidulo meo moriar, et sicut phoenix multiplicabo dies meos*¹. Os dias somma-os a vida, diminui os morte e multiplica-os a resurreição. Por isso Job, como vivo, como morto e como immortal, se compara á phenix. Bem poderia este grande heroe, pois chamou ninho à sua sepultura, comparar-se á rainha das aves, como rei que era. Mas falando se si e comnoseo n'aquelle medida em que todos somos iguaes, não se comparou á aguia senão á phenix; porque a aguia morta foi aguia e não ha de tornar a ser aguia; mas a phenix morta foi phenix e ha de tornar («como se cria») a ser phenix. Assim és tu que jazes n'essa sepultura: molto sim, deserto em cinzas sim, mas como a phenix. A phenix desceita em cinzas, porque foi phenix, ha de tornar a ser phenix. E tu deserto também em cinzas, porque foste homem, has de tornar a ser homem. Todos nascemos para morrer; e todos morremos para resuscitar. Para nascer antes de ser tivemos necessidade o pae e a mãe que nos gerasse; para renascer depois de morrer, o mesmo pó em que se corrompeu e desfez o nosso corpo, o pae e a mãe, de que havemos de tornar a ser gerados: *Pueri dixi: Pater meus es, mater mea et soror mea veribus,* quando pois igualmente certa esta segunda metamorphose como primeira, preguemos também aos mortos, como pregou Ezequiel para que nos ouçam mortos e vivos. «*Ossa arida audite rbum Domini.* E qual é a palavra do Senhor que os ossos secos hão de ouvir? *Hec dicit Dominus ossibus his: Ecce ego invictam in eos spiritum et rivetis.* Isto diz o Senhor a estes ossos: eis abi vou eu a introduzir em vós o espírito e vivei.»

Senhores meus, não seja isto cerimonia: fallemos muito seriamente; que o dia é d'isso. Ou cremos que somos imortaes, não. Se o homem acaba com o pó, não tenho que dizer: se o pó ha de tornar a ser homem; como vivemos tão des-

Pt. 2.

Job. 19.

Item. 17.

Ezech. 37.

Que afeto faz nos homens a fé da resurreição e da imortalidade.

É assim que os antigos Padres gregos liam este lugar de Job para firmar e ilustrar com elle a fé da resurreição. E segundo este modo traduzir passou o mesmo sentido para as antigas babilônicas latinas e foi seguido também pelos padres latinos S. Clemente romano, Tertulliano, São Ambrosio e outros. A vulgata lê: *Sicut palma multiplicabo etc.*

(Nota do COMPILADOR).

cuidados da immortalidade? Eu não temo hoje o dia «da morte», temo o dia da «resurreição»; temo, porque sei que hei de viver para sempre, porque sei que me espera uma eternidade ou no céu, ou no inferno. Este homem, este corpo, estes ossos, esta carne, esta pelle, estes olhos, este eu, e não outro, é o que ha de «resuscitar»: *Credis hoc? Utique, Domine.* Pois que esteio faz em nós «esta fé da resurreição e da immortalidade?»

Joh. 4.

Os homens não vivem nem como mortaes nem como imortaes.

Quando considero na vida que se usa, acho que nem vivemos como mortaes, nem vivemos como imortaes. Não vivemos como mortaes; porque tracelamos das causas d'esta vida como se esta vida fôra eterna; não vivemos como imortaes, porque nos esquecemos tanto da vida eterna, como se não houvera tal vida. Se essa vida fôra imortal e nós imortaes, que havíamos de fazer, senão o que fazemos? Estae commigo. Se Deus assim como fez um Adão, fizera dous, e o segundo fôra mais siso que o nosso, nós havíamos de ser mortaes, como somos; e os filhos do ouro haviam de ser imortaes. E estes homens imortaes que haviam de fazer n'este mundo? Isto mesmo que nós fazemos. Depois que não coubessem no paraizo o se fossem multiplicando, haviam-se de estender pela terra: haviam de conduzir de todas as partes do mundo todo o bom, precioso e deleitoso que Deus para elles tinha criado: haviam de ordenar cidades e palacios, quintas, jardins, fontes, delicias, banquetes, representações, musicas, festas e tudo aquillo que podesse formar uma vida alegre e deleitosa. Não é isso o que nós fazemos? E muito mais do que elles haviam de fazer: porque o haviam de fazer com justiça, com razão, com modéstia, com temperança, sem luxo, sem soberba, sem ambição, sem inveja e com concordia, com caridade, com humildade. Mas como se ririam então e como pasmariam do nós aquelles homens imortaes! Como se ririam das nossas loucuras, como pasmariam da nossa cegueira, vendo-nos tão ocupados, tão solientes, tão desvelados pela nossa vidazinha de dous dias e tão esquecidos e descurados da morte, como se fôramos tão imortaes como elies! Elles sem dor, sem infermidade; nós infermos e gemendo; elles vivendo sempre; nós morrendo; elles não sabendo o nome á sepultura; e nós enterrando uns a outros; elles gozando o mundo em paz; e nós fazendo demandas e guerras pelo que não havemos de gozar. Homensinhos miseraveis, haviam de dizer, homensinhos miseraveis, loucos, insensatos, não vedes que sois mortaes? Não vêdes que haveis de acabar amanhã? Não vedes que vos hão de meter debaixo de uma sepultura; e que de tudo quanto andais afanando e adquirindo, não haveis de lograr mais que seple pés de terra? Que

doidice e que cegueira é logo a vossa? Não sendo como nós, quereis viver como nós? Assim é: morremos como mortaes que somos, e vivemos como se fôramos immortaes.

VI. Ora, senhores, já que somos christãos, já que sabemos que havemos de morrer e que somos immortaes, saibamos usar da morte e da imortalidade. Tractemos d'esta vida como mortaes, e da outra como immortaes. Pôde haver loucura mais rematada que empregar-me todo na vida que ha de acabar e não tratar da vida que ha de durar para sempre? Cançar-me, affigir-me, matar-me pelo que forjósamente hei de deixar; e do que hei de lograr ou perder para sempre não fazer nenhum caso! Tantas diligencias para esta vida; nenhuma diligencia para a outra vida! Tanto medo, tanto receio da morte temporal; o da eterna nenhum temor! Mortos, mortos, desenganæ estes vivos! Dizei-nos, que pensamentos e que sentimentos foram os vossos, quando entrastes e saistes pelas portas da morte? A morte tem duas portas: uma porta de vidro, por onde se sai da vida; outra porta de diamante, por onde se entra à eternidade. Entre estas duas portas se acha subitamente um homem no instante da morte sem poder tornar a traz, nem parar, nem fugir, nem dilatar, senão entrar por onde não sabe e para sempre. Oh que transe tão apertado! Oh que passo tão estreito! Oh! que momento tão terrivel! Quem disse que entre todas as buscas terríveis a mais terrivel é a morte, disse bem; mas não entendeu o que disse. Não é terrivel a morte pela vida que acaba, senão pela eternidade que começa. Não é terrivel a porta por onde se sai; é terrivel a porta por onde se entra. Se olhais para cima, uma escada que chega até ao céu; se olhais para baixo, um precipicio que vai parar no inferno! Oh que momento, torno a dizer, oh que passo, oh que transe tão terrivel! Oh que temores! Oh que afflictão! Oh que angustias! Tudo o que alli dá pena é tudo o que n'esta vida deu gosto, e tudo o que buscámos por nosso gosto muitas vezes com lantas penas. Nhum homem ha n'aquelle poncto que não desejará muito sair de duas: ou não ter nascido, ou tornar a nascer de novo para fazer uma vida muito diferente. Mas já é tarde, já não ha tempo: *Quia tempus non erit amplius.*

Christãos e senhores mens, por misericordia de Deus ainda temos em tempo. É certo que todos caminhamos para aquele destino: é infallivel que todos havemos de chegar; e todos podemos de ver n'aquelle terrivel momento: e pôde ser que seja cedo. Julgue cada um de nós se será melhor arrepender-se, ou deixar o arrependimento para quando não tenha lo-

Daremos tratamento d'esta vida como mortaes " da outra como immortaes. A morte é a causa mais terrivel.

Aristoteles

Apoc. 10
Concluído
Estamos em
tempo de
remediar
o mal. Com
havemos de re-
mediar o

Fz. 24. gar, nem seja arrependimento. Deus nos avisa, Deus nos dá estas vozes: não deixemos passar esta inspiração, que não sabemos se será a ultima! Se então havemos de desejar em vão, começar outra vida, começemola agora: *Dixi nunc coepi.* Começemos de hoje em deante a viver como quereremos ter vivido na hora da morte. Vive assim como quizeras ter vivido quando morras. Resolução, numa vez; que sem resolução nada se faz. E para que esta resolução dure e não seja como outras, tomemos cada dia uma hora em que cuidemos «na alma.» De vinte e quatro horas que tem o dia, porque se não dará uma hora á triste alma? Esta é a melhor devoção e mais útil penitencia e mais agradável á Deus, que podeis fazer n'esta quaresma. Tomar «uma hora cada dia em que só por só com Deus e connosco cuidemos «na alma, meditando e perguntando cada um á sua consciencia:» quanto tenho vivido? Como vivo? Quantto posso viver? Como é bem que viva? *Memento homo.*

(Ed. ant. tom. 4., col. 87, ed. mod. tom. 2.º pag. 330)

II. SERMÃO NA QUARTA FEIRA DE CINZA ..

Em Roma, na egreja de Sancto Antonio dos Portuguezes, no anno de 1673, aos 15 de Fevereiro, dia da trasladação do Sancto.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR—Este sermão tem primeira e segunda parte conforme o estylo dos sermões italianos; e pode servir de modelo para tal modo de pregar. Repare-se na arte admiravel com que as duas partes são no mesmo tempo acabadas em si e correlativas. É tambem digna de reparo a naturalidade com que o orador inseriu no fim da primeira os louvores de Sancto Antonio.

Pulris es, et in pulcerem reverteris.
GEN. 3.

Notável foi o caso sucedido em tempo do imperador Valente. Quiz uma inimiga domestica tirar a vida com veneno ao señor da casa; e depois de ter medicado a bebida com certos pós venenosos, duvidando ainda se teriam bastante efficacia, para segurar melhor o efeito mandou buscar outros. vieram os segundos pós, lança-os na mesma taça a traidora, bebe o inocente marido; mas quando ella esperava que caisse subitamente morto, elle ficou tão vivo e sem lesão como d'antes. Admirável acontecimento! A guerra que aquelles pós haviam de ferver ao coração, lizeram-na entre si, e em vez de matar, mataram-se: os segundos pós foram correctivos dos primeiros.

Taes são os dous pós com que hoje a Egreja nos ameaça a intenção universal de Adão: *Pulris es, um pó: et in pulcerem reverteris*, outro pó: ambos mortaes, ambos venenosos: mas de maneira que «se nós quizermos, em a nossa mão está que o seja a triaga e o correclivo do outro, e n'esta feliz combinação conservem a vida espiritual.» Isto é o que determina pregar hoje. «Digo que se nós quizermos intender e applicar

Bebida medicada com dous pós venenosos, o tornada salutaria.

Os dous pós do texto são de tal natureza que se nós quisermos, o pó que somos é remedio do pó que seremos.

como convem o pó que somos, *pudis es*; teremos o remedio mais efficaz do pó que havemos de ser: *in pulverem reverteris*: e mais claramente: se soubermos desde agora morrer ao mundo e assim viver como mortos, no lim da nossa vida não temeremos a morte. Para que vós e eu saibamos intender esta verdade como convem, não por ceremonia (que não é dia d'isso) senão muito de coração peçamos a assistencia da divina graça.

Ave Maria.

*Para não morrer
a morte deve
ser usada
como morto.
Verdade rara,
nada avr pelos
gentios.*

H. *Pudis es, et in pulverem reverteris.* Homem christão, com quem falla a Egreja, es pó e has de ser pó; que remedio? Fazer que um pó seja correctivo do outro. Sê desde logo o pó que es, não lemerás depois o pó que has de ser. Sabéis, señores, porque tememos o pó que havemos de ser? E porque não queremos ser o pó que somos. Pois não é melhor que faça desde logo a razão, o que depois ha de fazer a natureza? Não sei se intendestes todos a metaphor: quer dizer mais claramente que o remedio unico contra a morte é «desapegar o coração das vaidades e prazeres do mundo; e assim morrer ao mundo com o affecto antes de morrer effectivamente». Este é o meu pensamento; e envergonho-me, sendo um pensamento tão christão, que o dissesse primeiro um gentio. *Consulera quam pulchra res sit consummare vitam ante mortem; deinde expectare securum reliquum temporis partem.* Lueílo meu, diz Seneca escrevendo de Roma a Sicilia, Lucitio meu, considera com attenção o que agora te direi, e loma um conselho que te dou, como mestre e como amigo: se queres morrer seguro e viver o que te resta sem temor, acaba a vida antes da morte. Oh grande e profundo conselho, merecedor verdadeiramente de melhor auctor e digno de ser abraçado de todos os que tiverem fé e intendimento! *Consummare vitam ante mortem;* acabar a vida antes de morrer; e ser pó por eleição, antes de ser po por necessidade. Isto disse e ensinou um homem gentio; porque para conhecer esta verdade não é necessário ser christão: basta ser homem: *Memento homo.*

*Propositio
de Mortalitate
a St. Ambrosio*

Suba agora a fé sobre a razão, venha a auctoridade divina sobre a humana; e ouçamos o que diz o céu à terra: *Andici vocem de coelo dicentem mihi: Scribe: beati mortui qui in Domino mormantur.* Ouvi, diz S. João, uma voz do céu que me dizia e me mandava escrever esta sentença: bemaventurados os mortos que morrem em o Senhor. Celestial oraculo, mas difficultoso! Argui e pergunta St.º Ambrosio: que morto ha que possa morrer? Nenhum: *Quis mortuus mori potest? Nullus procul dubio.* Todo acaba a morte, e tudo se acaba com a morte. Quem morreu, ja não pode morrer outra vez. São sujeitos á morte os

príncipes, os reis, os monarcas: só os mortos, depois que uma vez lhe pagaram o tributo, ficaram isentos de sua jurisdição. Por isso Tertulliano chamou judiciosamente à sepultura *Mortis asylum*, asylo e sagrado da morte. Contra a algada da morte nem o Vaticano é sagrado, mas a sepultura sim; porque os mortos já não podem morrer. Como diz logo a voz do céu a S. João: Bemaventurados os mortos que morrem em o Senhor? que mortos são esses? Responde o mesmo Stº Ambrosto: são aquelles mortos que morreram ao mundo: *Illi sunt beati et illi in Domino moriuntur, qui prius moriuntur mundo, postea carne.* Estes são os mortos que morrem em o Senhor: estes são os que a voz do céu canoniza por bemaventurados.

Senhores meus, o dia é de desenganos, morrer em o Senhor, ou não morrer em o Senhor, haver de ser bemaventurado ou não haver de ser bemaventurado, é o poncio unico a que se reduz toda esta vida e todo este mundo, todas as obras da natureza e todas as da graça, tudo o que somos e tudo o que havemos de ser: porque é salvar ou não salvar. Este é o negocio de todos os negocios, este é o interesse de todos os interesses, esta é a importancia de todas as importâncias: porque este é o meio de todos os meios e o fim de todos os fins: morrer em graça e segurar a bemaventurança. E se me perguntardes: Essa bemaventurança e esse seguro e essa graça, porque não promette a voz do céu aos vivos, senão aos mortos que morrem no Senhor: *Beati mortui qui in Domino moriuntur;* a razão verdadeira e natural e provada com a experiência de todos os que viveram e morreram, é, porque aquelles que morrem «no fim da vida ao seu corpo e não morreram antes ao mundo», bão de contrastar com todos os perigos e com todas as dificuldades da morte que os tira do mundo (que é rouse aquito arriscada n'aquella hora): porem os que «já morreram ao mundo», levam vencidos e superados todos esses perigos e todas essas dificuldades; porque na primeira morte desarmaram venceram a segunda.

Tres cousas (dividimos o discurso para que declaremos e pertemos bem este poncio), tres cousas fazem duvidosa, pernosa e terrível a morte: ser uma, ser certa, ser momentanea: das são as tres gargantas por onde o inferno engole o mundo. de todas estas dificuldades e perigos se livra seguramente quem? Quem não guarda para a morte «o morrer ao mundo.» Illi Primeiramente é terrível e terribilissima condição da morrer uma. *Statutum est hominibus semel mori:* hei de morrer uma só vez. A lei geral de Adão diz: morrerás: *Morte morie-* A glossa de S. Paulo acrescenta: uma vez: *Semel.* E sen-

*Quanto importa
esta verdade.*

*Tres cousas
fazem terrível a
condição da
morte.*

*A primeira con-
dição da morte
é ser uma.
Hbr. 9.
Gen. 7.*

do a lei tão temerosa, muito mais terrível é a glossa que a mesma lei. Os males d'esta vida, quanto mais se multiplicam, tanto são maiores. Porém o maior mal da morte é não se poder multiplicar. Se a unidade da morte se multiplicara, e se podera morrer mais de uma vez, appellara-se de uma para a outra. Quando David saiu a desafio com o gigante metteu cinco pedras no surrão: porque se errasse a primeira pedrada, podesse appellar para as outras pedras. Todos havemos de sair a desafio com este gigante, com este Golias da morte: mas o vencer ou não vencer está em um só tiro. O que se erra em uma batalha pode-se emendar na outra; e o que se perdeu em uma derrota, pode-se recuperar em uma victoria: só a morte e aquella em que não é licito errar duas vezes. *Ergo erravimus: emlum errámos, díziam depois de mortos aquelles que tinham dito pouco antes: Coronemus nos rosis antequam morcescant: coruemo-nos de rosas antes que se murchem.* Pois se errastes, porque não emendaís o erro? Porque já não é tempo; somos mortos; e para a morte não ha remedio: quem a errou uma vez, errou-a para sempre. A transmigração d'este mundo para o outro não é como «a sonhada por» Pithagoras. Se a alma depois de viver em um corpo, podera animar outro; se depois de o homem morrer a primeira vez em um ladrão, podera morrer a segunda em um anachoreta; a morte teria remedio: mas quem uma vez morreu Judas, não lhe resta outra para morrer Paulo. Uma só morte, ou boa para sempre, ou má para sempre: *Semel.*

*Os que morrem
também se ressuscitam
sobrevivem d'esta
condição*

Não ha duvida que é terrível condição esta da morte. Mas para quem é terrível? Para quem «só deixa o mundo» quando morre. Porém quem «deixa» antes de morrer, zomba d'essa condição e ri-se d'essa terribilidade. Que se me dá a mim que a morte seja uma, se eu posso fazer que sejam duas? A morte não tem remedio depois; mas tem remedio antes. A morte é um termo que se não pode passar da parte d'alem; mas pode-se antecipar da parte d'aquem. Por lei e por estatuto hei de morrer uma vez; mas na minha mão e na minha eleição, está morrer duas: «morrendo antes ao mundo, e depois ao meu corpo»; e este é o remedio. Nenhuma cousa se faz bem da primeira vez: quanto mais a maior de todas que é morrer bem. Reparo é digno de toda a admiração, que sendo tantas as meditações da morte e tantos os espertadores d'este desengano, sejam tão poucos os que sabem morrer. Mas a razão d'esta experiença e d'esta desgraça é, porque as artes ou sciencias practicas não se apprendem só especulando, senão exercitando. Como se aprende a escrever? Escrevendo. Como se aprende a esgrimir? Esgrimindo. Como se aprende a navegar? Navegando. Assim tam-

bem se ha de apprender a morrer, não só meditando, mas morrendo.

O inferno e a condenação eterna (que é o paradeiro dos que morrem mal) chama-se no Apocalypse morte segunda. E faz menção alli S. João de certas almas em que a morte segunda não tem poder: *In his secunda mors potestatem non habet.* E que almas venturoosas são estas em que não tem poder a morte segunda? Todos, em quanto estamos sujeitos à morte primeira, que é morte temporal, estamos também arriscados à morte segunda, que é morte eterna; porque todos nos podemos condenar e ir ao inferno. Que almas são logo estas tão privilegiadas que totalmente se isontam do poder e jurisdição da morte segunda? São as almas d'aquelles que com verdadeira resolução e perseverança souberam acabar a vida antes da morte e morrer «ao mundo antes que a morte os tirasse do mundo». Ditosos aquelles que, para evitar o perigo da morte segunda, souberam metter outra morte antes da primeira. Christãos e senhores meus, se quereis morrer bem (como é certo que queréis) não deixais o morrer ao mundo para a ultima infernidade e para «o leito da morte»: morrei na saude e em pé: e se quizerdes para esta grande empreza um corpo ou jeroglyphico natural notado por auctor divino e canonico, eu vol-o darei.

Foi notar S. Judas Thadeu n'aquelle sua admiravel epistola que as arvores morrem duas vezes: *arbores autumnales infra-ruentes, bis mortuae.* A primeira vez morrem as arvores em pé, a segunda deitadas: «a primeira quando se seccam, a segunda quando caem. Assim hão de morrer os homens para morrer bem. Na arvore, em quanto lhe dura a vida ou a verdura, tudo são galas, tudo pompa, tudo novidade. Morre finalmente a arvore com o tempo a primeira vez; e d'aquelle corpo tão formoso e vario que vestiam as folhas, que guarneциam as flores, que enriqueciam os fructos, não se vê mais que um cadaver seco, triste e destroncado. Neste despojo de tudo que tinhaido, presa ainda pelas raizes e sustentando-se na terra, mas do da terra, espera a arvore em pé a ultima caida; e esta é segunda morte, com que de todo acaba. Assim ha de morrer das vezes, quem quer morrer bem. Quantas primaveras teem passado por nós, quantos verões e quantos outonos, e pode que com menos fructo que folhas e flores! O que fazem os homens nas arvores, bem o poderam já ter feito em muitos de os mesmos annos. E é bem que a razão e o desengano o fa em todos, pois são mais fracas as nossas raizes. Esperemos mortos pela morte; e esperemo-l-a em pé antes que ella deite na sepultura. Oh ditosa sepultura a d'aquelle na qual

A morte segunda
da dos condenados.

Aper. 20.

As arvores
mortas duas
vezes nos ensinam
o que devemos fazer.

Jud. 12.

se possa escrever com verdade o epitaphio vulgar do grande Escoto: *Semel sepultus, bis mortuus*: uma vez sepultado e duas morto.

A segunda con-
tingüia da morte
é ser incerta.

IV. Vencida assim esta primeira dificuldade de ser a morte uma, segue-se a segunda não menos perigosa, nem menos terrible, que é o ser incerta. Certa a morte, porque certa e infallivelmente havemos de morrer; mas n'essa mesma certeza incerta; porque ninguém sabe o quando. Repartimos a vida em edades, em annos, em meses, em dias, em horas; mas todas estas partes são tão duvidosas e tão incertas, que não ha edade tão florente, nem saude tão robusta, nem vida tão bem regada, que tenha um só momento seguro. Perplexo no meio d'esta incerteza e temeroso d'ella David, fez esta petição a Deus: *No-tum fac mihi Domine finem meum et numerum dierum meorum; ut sciam quid dent mihi*: Senhor, não vos peço larga vida, mas esses dias poucos ou muitos que hei de viver, peço-vos que me digais quantos são, para saber o que me resta. Assim o pedia David: mas é a lei da incerteza da morte tão indispensavel, que nem a David o concedeu Deus. Era David aquelle homem que com verdade dizia de si: *Inculta et occulta sapientiae tue manifestasti mihi*; e manifestando-lhe Deus os seus segredos e as outras cousas mais incertas e occultas de sua providencia, só o incerto e occulto de sua morte lhe não quis revelar. Tão reservado é só para Deus o certo d'esta incerteza da morte.

Ps. 38.

Ind. 30.

Foi incerta
amida para S.
Pedro,
não obstante a
certeza do
que em breve
havia de mor-
rer.
1. Pet. 1.

Marc. 13.

E para que o vejas melhor, reparaes no que diz S. Pedro na sua segunda epistola. Estou certo que hei de morrer brevemente; porque assim m o significou o mesmo Christo: *Certus sum quia velox est depositio tabernaculi mei, secundum quod et Dominus noster Jesus Christus significavit mihi*. Apostolo e pontifice sancio, a brevidade d'essa mesma morte, de que estais tão certo, saber-nos-heis dizer quão breve ha de ser? Se será n'este anno ou no seguinte? Se será n'esto mes ou em algum dos outros? Se será n'este mesmo dia, n'esta mesma hora e n'este mesmo logar em que estais escrevendo? Nada d'isto podia dizer nem afirmar S. Pedro; porque debaixo d'aquelle certeza particular, significada e declarada por Christo, estava ainda encoberta e duvidosa e igualmente infallivel aquella outra incerteza geral pronunciada pelo mesmo Christo: *Quocunq[ue] necristus diem neque horum*. Da sorte que sabia S. Pedro que havia de morrer brevemente; mas o quando e onde não o sabia: estava certo da morte e da brevidade, mas do dia e da hora não estava certo; e esta é a incerteza da morte, com que se acaba a vida do nosso corpo.

Porém a morte «com que morremos ao mundo» é tão certa em si e em todas as suas circunstâncias, que se eu me resolvo n'este ponto (como devo resolver), não só sei com certeza o logar e o dia, senão com certeza a hora e com certeza o momento em que «morri ao mundo». E a razão d'esta diferença é, que o quando d'aquelle morte está «sómente» em Deus, e o quando d'est'outra está «junctamente» em mim. Aquelle está «sómente» em Deus, porque depende só da sua vontade: este «junctamente» está em mim, porque com a graça do mesmo Deus, que nunca falta, depende da minha vontade. Ditoso resolução! Ditoso morte! Agora me não espanto que Deus não deferisse à petição de David: porque o despacho, na parte que lhe aproventava, se elle quizesse, estava na sua mão. Que dizia David e que pedia a Deus? Pedia que Deus lhe revelasse o fim da sua vida: *Natum fac mihi. Domine, finem meum.* E para David, ou qualquer outro homem, sem ser propheta saber o «seu» fim «com proveito de sua alma», não é necessário que Deus lhe revele «a hora de sua morte», mas que elle ponha fim à sua vida mundana. Então será verdadeiramente fim seu; porque será livre e não necessário, será voluntário e não forçoso, será de sua eleição e de seu merecimento; será fim de sua vida e não da vida que não é sua; porque só é sua a presente e não a futura. «Assim é que cada um de nós pode tornar certo o fim da sua vida».

Ouvi a S. Paulo: *Ego curro non quasi in incertum:* eu corro a carreira da vida como os outros homens; mas não corro como elles ao incerto, senão ao certo. Allude o Apostolo aos jogos d'aquelle tempo em que os contendores corriam até certa baliza ou meta, incertos de quem havia de chegar primeiro ou depois. A meta é a morte, a carreira é a vida. E porque diz S. Paulo que elle corria ao certo e não ao incerto, como os demais? Porque os demais acabavam a carreira quando chegavam á meta; Paulo antes de chegar á meta tinha já acabado a carreira. Os demais acabam a vida, quando chegam á morte; Paulo tinha acabado a vida antes de morrer. O mesmo Apostolo disse «edn outro lugar usando» da mesma metaphora: *Bonum certamen certavi, cursum consummavi;* já tenho vencido o certame, já tenho acabado a carreira. Já! Para bem vos seja, apóstolo sagrado: mas quando? Aqui está a duvida. Disse isto S. Paulo na segunda epistola que escreveu a Timotheo; a qual (como diz o cardeal Baronio) foi escripta no anno quinto de Nero, 16 annos antes que o mesmo Nero lhe tirasse a cabeça. Pois S. Paulo lhe restavam ainda tantos annos de vida e podia vivermos mais, como diz que já tinha acabado a sua carreira,

Quem morre ao mundo não mente esta incerteza.

*Por isso dizia
S. Paulo
que não corría
ao incerto.
I Cor. 9.*

2. Tim. 4.

cursum consummari? Porque não esperou pela morte para acabar a vida; e como tanto tempo antes podia dizer com verdade *cursum consummari;* por isso disse tambem com a mesma verdade: *Ego curro non quasi in incertum;* porque «era certo o fim que tinha posto á sua carreira.» «Deste modo», señores, na nossa mão está fazer certo o fim da vida antes de morrer.

A terrível condição da morte
é ser momentânea.

Job. 11.

Apoc. 10.

V. A ultima dificuldade e o maior perigo e aperto da morte é ser momentânea. Que cousa é a morte? É um momento d'onde pende a eternidade, ou para melhor dizer, as eternidades. O momento é um, e as eternidades, que d'elle pendem, são duas: ou do ver a Deus para sempre, ou do carecer de Deus para sempre. É uma linha indivisível, que divide este mundo do outro mundo; é um horizonte extremo d'onde para cima se vê o hemisphério do céu e para baixo o do inferno: é um poncio preciso e resumido, em que se ajunta o fim de tudo o que acaba e o princípio do que não ha de acabar. Oh que terrível poncio este e mais terrível para os que n'esta vida se chamam felizes: *Ducunt in bonis dies suos, et in puncto ad infernum descendunt.* Se este poncio livra partes, libra menos leineroso; porque entre uma e outra pudera caber alguma esperança, alguma consolação, algum remorso, algum recurso. Mas este poncio não tem partes, nem ata ou se ata com partes; porque é o ultimo. O instante da morte não é como os instantes da vida. Os instantes da vida ainda que não teem partes, unem-se com partes; porque unem a parte do tempo passado com a parte do futuro. O instante da morte é um instante, que se desata do tempo que lhe e não se ata com o tempo que ha de ser; porque já não ha de haver tempo: *Et tempus non erit amplius.* Não vos parece que é terrível cousa ser a morte momentânea? Não vos parece que é terrível momento este? Pois eu vos digo que nem é terrível, nem é momento para quem souber fazer pe'alraç; porque ainda que a morte é momento e não é tempo; quem «morre ao mundo» antes de morrer «ao corpo», mette tempo entre a vida e a morte.

Comendo o almoço
e partindo para
morrer ao mundo

Exemplo de
Carlos V e do
seu soldado.

Não vos quero allegar para isto com auctoridades de Jerónimo ou Agustinho; nem com exemplos dos Hilários e Pacomios; senão com o exemplo e com a auctoridade de um homem de capa e espada; ou de espada sem capa, que é ainda mais. Entrou um soldado veterano a Carlos V e pediu-lhe licença com um memorial para deixar seu serviço e se retirar das armas. Admirou-se o imperador; o parecendo-lhe que seria descontentamento e pouca satisfação do tempo que havia servido, respondeu-lhe, chamando-o por seu nome, que ello

conhecia muito bem o seu valor e o seu merecimento; que tinha muito na lembrança as batalhas, em que se achara e as victorias que lhe ajudara a ganhar; e que as merces que lhe determinava fazer, lhe faria logo effectivas com grandes vantagens de posto, de honra, de fazenda. Oh venturoso soldado com tal palavra e de um principe que a sabia guardar! Mas era muito melhor e muito maior a sua ventura. Sacra e real majestade, disse, não são essas as merces que quero, nem essas as vantagens que pretendo: o que só peço e desejo da grandeza de vossa majestade, é licença para me retirar; porque quero meter tempo entre a morte e a vida. E que vos parece que faria o Cesar n'este caso? Concedeu internecidio a licença; retirou-se ao gabinete, tornou a ler o memorial do soldado e despachou-se a si mesmo. Oh soldado mais valente, mais guerreiro, mais generoso, mais prudente e mais soldado que eu! Tu até agora foste meu soldado, eu teu capitão; desde este ponto, tu sorras meu capitão e eu teu soldado: quero seguir tua bandeira. Assim discorreu consigo Carlos e assim o fez. Arrima o basião, renuncia o imperio, despe a purpura; e tirando a coroa imperial da cabeça, «foi ganhar a ultima e maior» de todas suas victorias; porque saber morrer é a maior façanha. Resolveu-se animosamente Carlos a acabar elle primeiro a vida, antes que a morte o acabasse a elle. Recolheu-se ou acolheu-se ao convento de Juste, metteu tempo entre a vida e a morte; e porque a primeira vez soube morrer imperador, a segunda morreu sancto. Oh generoso principe e prudente general, que soubeste seguir e apprender do teu soldado! Oh valente e sabio soldado que soubeste ensinar e vencer o maior general! Ambos tocaram a recolher a tempo; e por isso seguraram a maior victoria, porque fizeram a seu tempo a retirada.

Estes são os exemplos, senhores, que vos prometti. E se por ventura quereis outros mais antigos e mais sagrados, els aqui um de David e outro de Job. Desenganado David, como vimos, de não poder alcançar de Deus o numero que lhe restava de seus dias e o fim e o termo certo de sua vida, reformou o memorial, e pediu assim nas ultimas palavras do mesmo psalmo: *Remitte mihi ut refrigereret priusquam abram et amplius non ero.* Já que, Senhor, não sois servido que eu saiba a certeza de minha morte e os dias que na vossa Providencia me tendes determinado de vida, ao menos vos peço que me concedais algum espaço de quietação e socego em que possa meter tempo entre a vida e a morte: *Sine me refrigerari et quiete, priusquam moriar et non existam in rivis; sic enim portea placide exibo ex hac vita et sine terroribus conscientiae, qui*

Exemplo de
David.

p. 22.

hunc exoriri solent: commenta Genebrardo. De maneira que desenganado David, mudou e melhorou de pensamento; e a sua ultima resolução foi segurar o estreito passo e momento da morte com meter tempo entre ella e a vida.

E de Job

Job. 10.

Quasi pelas mesmas palavras de David o tinha já dicto e podido Job: *Nunquid non paucitas dierum meorum finietur brevi?* *Dimitte me ut plangam paululum dolorem meum, antequam vadam et non revertar.* Os dias da minha vida, diz Job, ou eu queira ou não queira, hão-se de acabar brevemente. O que pois vos peço, Senhor, é que antes da morte me concedais algum tempo em que chore meus peccados, em que tracte só de compor a minha consciencia e apparethar a minha alma. Vede quão conformes foram «ambos» n'esta galharda resolução! Nenhum d'elles se atreveu a deixar a morte para a morte: ambos tractaram de ter tempo e meter tempo entre a morte e a vida.

Quem era Da-
vid

Mas este David e este Job que homens eram? Oh miseria e confusão de nosso descuido e de nossa pouca fé! David era aquelle homem que, sendo ungido por Deus, quiz antes perdoar a seu maior inimigo, que pôr na cabeça a coroa e empunhar o sceptro. Era aquelle que depois de ser rei tinha entre noite e dia sete horas de oração, trazendo debaixo da purpura cingido o círculo e domando ou humilhando (como elle dizia) seu corpo com perpetuo jejum. Aquelle que dos despojos de suas victorias ajuntava thesouros, não para si e para a vaidade, senão para a fabrica do templo. Aquelle que sendo leigo ordenou o canto ecclesiastico, distingui os ministros, reformou as ceremonias e poz em perfeição todo o culto divino e cousas sagradas. Aquelle que, se commeteu um peccado, ainda depois de absolto e perdoado, o chorou com rios de lagrimas por todos os dias e noites de sua vida. Aquelle finalmente de quem disse o mesmo Deus que tinha achado n'elle um homem à medida do seu coração. Este era David.

E Job.

E Job quem era? O espelho da paciencia, a columna da constancia, a regra da conformidade com a vontade divina. Aquelle a quem Deus poz em campo contra todo o poder, astucias e machinas do inferno. Aquelle que na prospera e aduersa fortuna com a mesma igualdade de animo recebia da mão de Deus os bens e lhe agradecia os males. Aquelle com quem nasceu e crescia juntamente com a idade a compaixão dos trabalhos alheios, a misericordia e piedade com todos. Aquelle que (como elle dizia) era os olhos do cego, os pés do manco, o pão dos orphelos, o amparo das viuvas, o remedio dos necessitados; e que nunca comeu uma farta de pão, que não partisse d'ella com os pobres. Aquelle finalmente a quem canonizou o mesmo Deus,

não só por inocente, mas pelo maior justo e sancto de todo o mundo. Este era Job e este David e cada um d'elles muito mais do que eu tenho dicto e do que se pôde dizer. Agora pergunto: e se qualquer de nós se achara com a vida de um d'esses homens, não se atreveria a esperar pela morte muito confiadamente? Se vivemos como os que vivem e como os que vemos morrer, certo é que sim. E contudo nem David, nem Job, com tanto cabedal de virtudes, com tantos thesouros de merecimento, e o que é mais, com tantos testemunhos do céu, tiveram confiança para que os tomasse de repente o momento da morte: ambos pediram tempo a Deus para meter tempo entre a morte e a vida.

Mas para que me dilato eu em buscar exemplos estranhos, quando tenho presente em sua casa e no seu dia o mais nosso e «não menos admirável que os outros sanctos?». Acabou Santo António a vida em tempo que a edade lhe prometia ainda muitos annos, porque não tinha mais de trinta e seis. E que eram muitos dias antes? Despede-se de todas as ocupações, ainda que tão santas e tão suas: deixa a cidade; vai-se a um deserto; e alli, só com Deus e consigo, se dispõe muito de variar e muito de propósito para quando o Senhor o chamasse. Verdadeiramente que nenhuma consideração me faz fazer maior conceito da morte, nem me causa maior horror d'aquelle perigoso momento, que esta ultima acção de Sancto António. Que eris o fio ordinario de sua vida e que sendo a sua vida qual era, faça mudança de vida para esperar pela morte! Dizei-me, ancião meu, que vida era a vossa? Não era a mais inocente, mais pura, a mais rigorosa? O vosso vestido não era um círculo inteiro atado com uma corda? A vossa mesa não era sempre um perpetuo jejum e uma pobre e continuada abstinência? A vossa cama não era uma dura taboa ou a terra nua? Não passavais a maior parte da noite em oração e contemplação dos misterios divinos? Os dias não os gastavais em pregar, em converter pecadores, em reduzir hereges? Os vossos pensamentos não eram sempre do céu e de Deus? As vossas palavras não eram raios de luz e de fogo com que alumiaveis intendimentos e abraçavais corações? As vossas obras não eram saude a infernos, la a cegos, vida a mortos, finalmente prodigios e milagres apêndos em testemunho da fé que pregavais? Pois com esta vida ainda fugis do mundo para um deserto? Com esta vida da vos retirais de vós para vós e para vos unirdes mais com os? Com esta vida ainda vos não atreveis a morrer? Ainda queréis acabar esta vida e fazer outra? Ainda quereis meter tempo entre esta vida e a morte? Pare o discurso n'esta admira-

*Exemplo do
Santo António*

ração; porque nem en sei como ir por diante, nem haverá quem deseje maior, mais apertada e mais temerosa prova de quão necessaria seja esta antecipada prevenção para quem sabe que ha de morrer e o que é morrer.

*Único antidoto
contra o veneno
da morte.*

Este é o unico antidoto contra o veneno da morte: este é o unico e só eficaz remedio contra todos seus perigos e dificuldades: acabar a vida antes que a vida se acabe. Se a morte é terrível por ser uma, com esta prevenção serão duas: se é terrível por ser incerta, com esta prevenção será certa: se é terrível por ser momentânea, com esta prevenção será tempo e dará tempo. D'esta maneira faremos da mesma vibora a triaga; e o mesmo pô que somos será o correctivo do pô que haveremos de ser: *Pulvis es, et in pulvere revertaris.*

SEGUNDA PARTE

*Fracção do dia-
curso.*

VI. Parece-me senhores meus, que tenho satisfeito ao meu argumento, e tanto em communum como em cada uma das suas partes demonstrado a verdade d'elle, mais pela evidencia da materia que pela força das razões, menos necessarias a um auditorio de tanto juizo e letras. Para o que se deve colher d'esta demonstração quizera eu que subisse agora a este logar quem com diferente espírito e eficacia perorasse. Mas já que hei de ser eu, ajude-me a pedir de novo à divina bondade o favor e auxilio de sua graça, que para materia de tanto peso nos é necessaria.

*De que morrem
antes do tempo
que imaginam.
Palavras
de elles barbatas
e do resto do
Evangelho*

Ano. 38.

Tudo o que lemos dicto e ouvido é o que nos ensina nas escripturas a so, nós sanctos o exemplo e ainda nos gentios o lume da razão natural. Mas quando vejo e considero o modo com que comunmente vivem os christãos e o modo com que morrem, acho que em vez de acabarmos a vida antes da morte, ainda depois da morte continuamos a vida. Parece paradoxo; mas é experiência de cada dia. Que morto ha n'essas sepulturas, e mais nas tuas altas, em quem a morte se não antecipasse à vida? Que morto ha que não esperasse e presumisse que havia de viver mais do que viveu? *Dum adhuc ordurer, succidit me.* Nós urdimos a lèa, a vida a tecê, a morte a corta; e quem ha, ou quem houve, a quem não sobejasse depois da morte muita parte da urdulura? E possível, (dizia Ezequias, quando o propheta o avisou para morrer), é possível que hei de acabar a vida no meio dos meus dias: *In domino dierum meorum radam ad portas inferi?* E quem lhe disse a este enganado rei que aquelle era o meio e não o fim dos seus dias? Disse-lh'o a sua imagi-

nação e a sua esperança. Cuidava que havia de viver oitenta annos e a morte veio aos quarenta. Eis-aqui como continuava a extendia a vida, quarenta annos além da morte. Quantos estão já debaixo da terra que ainda lhes faltam por viver muitos annos? Ouçamos a um d'estes: *Anima mea, habes multa bona posita in annos plurimos;* alma minha, tens muitos bens para muitos annos; *comede, epulare, bibe;* leva-te boa vida, regala-te, gasta largamente e a teu prazer; já que tiveste tão boa fortuna. Não tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando ouvia uma voz que lhe dizia: *Stulte, hac nocte animam tuam repetenter te;* nescio, ignorante, insensato, este dia que passou foi o ultimo de tua vida; e n'esta mesma noite has-de morrer. Morreu n'aquelle mesma noite e os muitos annos que se promettia de vida, que foi feito d'elles? Ainda se continuavam e foram correndo em vão depois da sua morte. Verdadeiramente nescio, e peior que nescio, *stulte;* os annos de que fazias conta não eram teus; e os bens que eram teus serão de outrem. Mas ainda que os annos não foram teus para a vida, serão teus para a conta: por que has de dar conta a Deus do modo com que querias viver. Quanto melhor conselho fôra acabar antes da morte os annos que viveste para o remedio, que continuar depois da morte os annos que não viveste para o castigo.

Quem haverá logo, se tem juizo, que se não persuada a um lho justo, tão necessário e tão útil partido, como acabar a vida antes da morte? Faça a nossa alma com o nosso corpo e o nosso corpo com a nossa alma o concerto que fez Elias. Ia Elias fugindo pelo deserto á perseguição da rainha Jezabel que o queria matar; e vendo quão dificullosa cousa era escapar á fúria de uma mulher poderosa e irada, diz o texto que pediu a morte da sua alma: *Petivit animas suae ut moreretur;* alma minha, porramos; já que se ha de morrer por força, morramos por vontade. Isto pediu o corpo á alma; e isso deve também pedir alma ao corpo; por que ambos vão igualmente interessados o mesmo partido. Alma minha (diga o corpo á alma) corpo meu (diga a alma ao corpo), se havemos de morrer depois por força e com perigo, morramos agora e logo, de grado e com segurança. Eu bem vejo que o vir facilmente n'este concerto é lhe para os desertos que para as cidades. Na corte fugia Elias da morte, no deserto chamava por ella. Mas se uma tal resolução no deserto é mais fácil, na corte é mais necessaria; por que nos cortes é muito mais arriscado o esperar pela morte e acabar a vida.

Supposto pois que o dictame é certo, conveniente e forçoso; ouçamos á practica d'elle, sem a qual tudo o demais é nada.

A nossa alma
deve fazer com
o corpo o conge-
cunto de Elias
quando fugia
de Jezabel.

3. Reg. 19.

O que se faz na
corte fazel-o
antes.

Isto de acabar a vida antes da morte como se ha de fazer? Respondo que fazendo resolutamente e por propria eleição na morte anticipada e voluntaria tudo aquillo que se faz prudente e christâmente na morte forçosa e precisa. Que faz um christão quando o avisam para morrer? Primeiramente (que isto deve ser o primeiro) confessase geralmente de toda sua vida, arrepende-se de seus peccados, compõe do melhor modo que pôde suas dívidas, faz seu testamento, deixa suffragios pela sua alma, põe-na fuleiramente nas mãos do padre espiritual, abraça-se com Christo crucificado; e dizendo como elle: *Consummatum est;* espera pela morte. Este é o mais feliz modo de morrer que se usa. Mas, como é forçoso e não voluntario, e aquelles poucos e perturbados actos que então se fazem não bastam para desfazer os maus hábitos da vida passada; assim como a contrição é pouco verdadeira e pouco firme; e as tentações então mais fortes; assim a morte é pouco segura e muito arriscada. A contrição, diz Sancto Agostinho, na infirmitade é inferma; e na morte temo muito que seja morta. Deixemos logo os peccados quando nós os deixamos, e não quando elles nos deixam a nos; e acabemos a vida quando ainda podemos viver e não quando ella se tem acabado. Que damos a Deus quando elle nos-a tira? Demos a «nossa» vida a Deus em quanto elle nos-a dá; demos a Deus o tempo que sempre é seu, em quanto é também nosso; e não quando já não temos parle n'elle. Que propositos são aquelles de não offendere mais a Deus, se eu já não tenho lugar de o offendere? A fazenda que se ha de alijar ao mar no meio da tempestade, não é mais tão conselho que fique no porto e com ganancia? Se eu posso ser o testador do meu e mais o testamenteiro, porque o não serei? Não é melhor levar obras pias, que deixar demandas?

D. Joaquim James
que apresentava
mundo contra
esta
resolução.

VII. Para a outra vida ninguem haverá (se crê que ha outra vida) que não tenha por bom este conselho; e que só elle no negocio de maior importância é o verdadeiro, o sólido, o seguro. Mas que diremos ao amor deste mundo a que tão pegados estamos? É possível que de um golpe hei de cortar por todos os costos e interesses da vida? Aquelles meus pensamentos, aquelles meus desenhos, aquellas minhas esperanças, com tudo isto hei de acabar desde logo e para sempre e por minha vontade; e que hei de tomar a morte por minhas mãos, antes que ella me mate, e quando ainda podera lograr do mundo e da mesma vida muitos annos? Sobre tudo tenho muitos negocios em aberto, muitas dependencias, muitos embargos. Comporei primeiro minhas causas; e depois que tiver acabado com elas, então tomarei esse conselho e tractarei de acabar a vida antes

da morte. Eis aqui o engano e a tentação com que o demônio nos vence, depois de convencidos, e com que o inferno está cheio de bons propositos.

Primeiramente esses vossos negócios e embaraços não devem de ser tão grandes e de tanto peso, como os de Carlos V. Mas dado que o fossem e ainda maiores, se no meio de todos elles n'este mesmo dia viesse a febre maligna, que havieis de fazer? Não havieis de cortar por tudo e tractar de vossa alma? Pois o que havia de fazer a febre, não o fará a razão? Se hoje tendes muitos embaraços, amanhã haverás de ter muitos mais; e ninguém se desembaraçou nunca d'esta meada, se não cortando-a. E quanto aos annos que ainda podeis ter e lograr do vida, pergunte-se cada um a si mesmo, quantos annos tem? Eu quantos annos tenho vivido? Sessenta; e quantos morreram de quarenta? Quantos annos tenho vivido? Quarenta; e quantos morreram de vinte? Quantos annos tenho vivido? Vinte; e quantos morreram de dez e de dous e de um e de nenhum: *Do utero transstatus ad tumulum?* E se eu tenho vivido mais que tantos, que injuria faço à minha vida em não a querer «gozar»? Que injuria faço aos mesmos annos em renunciar os poucos e duvidosos pelos seguros e eternos? Finalmente se tanto amo e tão regado estou aos dias da vida presente, por isso mesmo os devo dar a Deus, para que elle me não tire os que ainda naturalmente posso viver, segundo aquella regra geral de sua prudencia e aquelle justo castigo dos que os gastam mal: *Vix agnatum et dolosi non dimidiabunt dies suos.*

Só resta o mais dificultoso laço de desatar ou cortar, que são os que vós chamais gostos da vida; os quaes se ella se caba, tambem acabam. Ajude-me Deus a vos desenganar este poncio; e seja elle, como é, o ultimo. Se n'esta vida (vêde que digo), se n'esta vida, e n'este miserável mundo cheio para dos os estados de tantos pezares, pôde haver gosto algum real e sincero, só os que acabam a vida antes de morrer, o gozem. Para todos os outros é a vida e o mundo valle de lagrimas: só os que acabaram a vida antes da morte, é paraíso na terra. Dous homens houve só n'este mundo que verdadeira e realmente acabaram a vida antes de morrer, Henoch e Elias. Ambos acabaram esta vida ha muitos séculos, e ambos hão de morrer ainda no fim do mundo. E onde estão estes dous homens que acabaram a vida antes de morrer? «Não o sabemos: mas o quer que estejam, hão de viver uma vida quieta, descansada, feliz, e livre de todas as perturbações, de todos os desgostos, de todos os infelizinhos do mundo. Depois que Henoch acabou a vida do mundo, sucedeua logo

Como se resolvem.

Ju. 10.

Pl. 54.

O laço mais difícil de desatar ou cortar

Como Henoch e Elias acabaram a vida antes de morrer, e como são felizes.

Henoch e o dilúvio universal.

n'elle a maior calamidade, que nunca se viu, nem verá, o diluvio universal. O mundo grande estava já todo afogado debaixo d'aquelle immenso mar sem porto nem ribeira: o mundo pequeno metido em uma area, já subindo ás estrelas, já descendo aos abyssos, sem piloto, sem leme, sem luz, fluctuava attonitamente n'aquelle tempestade de tempestades. Os montes soçobrados, as cidades sumidas, o céu de todas as partes chovendo lanças e fulminando raios. E só Henoch no meio de tudo isto como estava? Sem perigo, sem temor, sem cuidado. Porque ainda que lhes chegassem lá os echos dos trovões e o ruido da tormenta, nada d'isso lhe tocava. Eu já acabei com o mundo, o mundo já acabou para mim; que importa que se acabe para os outros? Lá se avenham com os seus trabalhos, pois vivem; que eu já acabei a vida.

Elias e os
captiveiros do
porto de Israel

Neste tempo não era ainda nascido Elias. Nasceu Elias, viveu annos, e antes de morrer acabou a vida do mesmo modo. Mas que não padeceu o mundo e a terra onde Elias vivia, depois d'este seu apartamento! Veio contra Samaria Sennacherib e Salmanazar. Veio contra Jersalem Nabuchodonosor: tudo guerras, tudo fomes, tudo batalhas, ruinas, incendios, captiveiros, desterrados. As dez tribus de Israel levadas aos assyrios, d'onde nunca tornaram: as duas tribus de Judá e Benjamin transmigradas a Babylonia, d'onde voltaram despedaçadas depois de septenta annos. Porém Elias, que n'outro tempo o comia tanto o zelo e amor da patria, estava-se «no lugar aonde foi arrebatado» em summa paz, em summa quietação, em summo socorro, em summa felicidade. Volte-se o mundo debaixo para cima, reine Joakin ou reine Salmanazar, reine Nabuco ou reine Cyro, vença Jersalem ou vença Babylonia, vão uns e tornem, e vão outros para não tornar; que se lhe dá d'isso a Elias? Quem tem acabado a vida, de todos estes vaisvess da fortuna está segura.

Fevereiro de 1865
que morrem os
mortais,
finalmente a Je-
Honech e Elias
Paulo
comentado
por S. Bernar-
do

Gal. 2

O mesmo acontece, senhores meus, e o mesmo experimenta todo aquele que devéros se resolve a deixar o mundo ao mundo e acabar a vida antes da morte. Não são necessários para isso arrebatamentos, como o de Henoch; nem carros de fogh, como o de Elias, senão uma valente resolução. Quem assim se resolveu, goza como Henoch e como Elias todos os privilégios de morto. Corra o mundo por onde correr, nenhuma cousa lhe empece nem lhe dá encargo. Um dos professores d'este estado foi, como vimos, S. Paulo e por isso ainda vivo dizia: *Vivo ego; jam non ego.* E que quer dizer: Eu vivo, mas já não sou eu! Quer dizer, responde S. Bernardo: *Ad alia quidem omnia mortuus sum, non sentio, non attendo, non custedo.* Todas as cousas d'este mundo são para mim,

como para os mortos; nem as sinto, nem me dão cuidado, nem faço mais caso d'ellas que se não foram; porque se ellas ainda são, eu já não sou. Considerae as immunidades dos mortos, e vereis o descanso de que gozam, e os trabalhos de que se livram, os que antecipam a morte. O epitaphio que eu pozera a um morto d'estes é aquelle verso de David: *Inter mortuos liber:* entre os mortos livre. Livre dos cuidados do mundo, porque já está fóra do mundo. Livre das emulações e invejas; porque a ninguem faz inveja. Livre de esperanças e temores; porque nenhuma cousa deseja. Livre de contingências e mudanças; porque se isentou da jurisdicção da fortuna. Livre dos homens, que é a mais dificultosa liberdade; porque se descaptivou de si mesmo. Livre finalmente de todos os pezares, molestias e inquietações da vida; porque já é morto.

D'aqui se seguem duas consequencias ultimas, ambas notáveis e de grande consolação: a primeira, que só elles gozam seguramente n'esta vida de paz e descanso; a segunda, que d'esta paz e descanso se segue tambem seguramente a paz e descanso na outra, que é o argumento de todo o nosso discurso. Pelo contrario os que não morrem ao mundo antes da sua morte, perdem o descanso da vida e não conseguem ordinariamente o da eternidade; porque passam de uns trabalhos a outros maiores. *Lassati sumus in tua iniurialis:* chegamos cançados ao inferno, diziam aquelles miseraveis que já tinham sido felizes. Ao inferno e cançados! Porque lá não tivemos descanso, e cá teremos tormentos eternos. «Senhores meus, é tempo de concluir o discurso. Desapeguemos o coração dos bens d'este mundo, considerando-nos como mortos no meio das suas pompas, das suas honras, das suas riquezas, dos seus prazeres;» e acabando d'esta maneira a vida, esperaremos confiadamente a morte; e por beneficio do pó que somos, *Pulvis es, non temeremus o pó que havemos de ser:* *In pulverem reverteris.*

p. 57.

Conclusão.
Os que chegam
cançados ao
inferno.

Sep. 5.

(Ed. ant. tom. 1.º, col. 1039, ed. mod. tom. 1.º, pag. 280.)



III. SERMÃO NA QUARTA FEIRA DE CINZA ..

PARA A CAPELLA REAL

Que se não pregou por infermidade do auctor

OBSERVAÇÃO DO COMPILEADOR—O assumpto d'este discurso é tirado de S. João Chrysostomo. O seu desenvolvimento distingue-se por uma branda insinuação, com a qual vai diminuindo o horror à morte e o amor à vida presente sobre tudo em pessoas de corte.

Pulcis es, et in pulverem reverteris.

Esta é a sentença de morte fulminada contra Adão e todos seus descendentes; a qual se tem executado em quantos até agora viveram, e se ha de executar em nós sem appellação de innocencia, sem respeito de estado e sem excepção de pessoa. A Egreja solemnemente hoje não só nol-a repete aos ouvidos com a voz, mas nol-a escreve na testa com a cinza: como se dissera a seus filhos uma piedosa mãe: Filhos, ouvi e lêde a sentença de vosso pae; e sabei que sois pó e vos haveréis de converter em pó: *Pulcis es et in pulverem reverteris.* Outras vezes e por varios modos n'este mesmo dia e sobre estas mesmas palavras tenho comparado e combinado entre si o pó que somos com o pó que havemos de ser; e posto que me não arrependo do que então disse, o que hoje determino dizer não é menos qualificada verdade, nem menos importante desengano. O pó que somos, é o de que se compõem os vivos: o pó que havemos de ser, é o em que se resolvem os mortos; e sendo estes douos extremos tão oppostos, como o ser e o não ser, não é muito que os effets e affectos que produzem em nós sejam também muito diversos: por isso amamos a vida e tememos a morte.

Mas porque en depois de larga consideração tenho conhecido que estes douos effectos no nosso intendimento e estes douos affectos na

De homens
amam a vida
e temem a
morte.

Mas a morte
deve ter a amar-
da e a vida a
temida.

nossa vontade andam trocados, o meu intento é pôr os hoje em seu lugar. O amor está fóra de seu lugar, porque está na vida; o temor também está fóra de seu lugar, porque está na morte: o que farei pois hoje, será destrocar estes lugares com tal evidencia que fiquemos intendendo todos que a morte que tanto tememos deve ser a amada; e a vida que tanto amamos deve ser a temida. Isto é o que hei de provar: Deus nos assista com sua graça para o persuadir. *Ave-Maria.*

A vida deve-se considerar como é no estado presente da natureza, e a morte em quanto é fim de uma vida tão trabalhosa

«É primeiramente não nego que, consideradas a vida e a morte, cada uma por si só e em si mesma, a vida naturalmente é mais amável que a morte. «Mas a vida deve-se considerar como ella é» no estado presente da natureza, isto é, acompanhada dos trabalhos, das misérias e das aflições que ella traz consigo; «e a morte se deve também considerar precisamente em quanto é fim de uma vida tão misera e trabalhosa, e n'este caso» não ha dúvida que muito melhor e mais para appeler é a morte que a vida. «Vede-o no propheta Elias.»

Elias preferia a morte à vida.

Desejou elle a morte e a pediu a Deus quando ia fugindo de Jezabel; «e com tudo» fugia de Jezabel por temor da morte. Pois se Elias fugia por temor da morte, porque deseja e pede a morte no mesmo tempo? Porque então acabou de conhecer quanto melhor é a morte que a vida. Antes d'esta experiençia, pela apprehensão natural de todos os que vivemos, parecia-lhe a Elias que melhor era a vida do que a morte. Mas depois que começou a subir montes e descer vales, de dia escondido nas grutas, de noite caminhando pelos horrores das sombras e dos desertos, figurando-se-lhe a cada penedo um homem armado e a cada rugir do vento uma fera, sem outro comer nem beber tais que as raízes das hervas e os orvalhos do ceu, cego sem guia e solitário sem companhia (porque até um criadinho que levava consigo, o despediu por se não fiar d'elle); tudo miseria, tudo temor, tudo desconfiança, tudo desamparo, sem luz ou esperança de remedio, ou d'onde pudesse vir; no meio d'estas angustias, considerando o miseravel propheta (n'outras ocasiões tão animoso) quão trabalhosa e cara de sustentar lhe era a mesma vida duvidosa e incerta, pela qual tanto padecia; então acabou de conhecer quanto melhor lhe era o morrer que o viver; e por isso, despedindo-se da vida, pediu a morte: *Suffici mehi, Domine; tolle animam meam.*

3 Reg. 19.

E também Salomão.

«Mas eu não faço caso de que assim falle Elias perseguido por Jezabel: o que mais me admira é, que o mesmo diga Salomão no meio dos prazeres, das riquezas e das adorações do seu reñado.» Quem mais que todos quiz, soube e pôde experimentar os bens d'esta vida, e com effeito fez de todos elles a mais uni-

versal e exacta experincia, foi Salomão. E que juízo fez Salomão com toda a sua saheteria e depois de todas as suas experincias entre a morte e a vida? Elle mesmo o declarou e com palavras tão expressas, que não hão mister commento, nem admitem duvida: *Laudari magis mortuos quam viventes.* Lançando os olhos por todo este mundo e considerando bem a vida dos que vivem sobre a terra e a morte dos que jazem debaixo d'ella, resolvi, diz Salomão, que muito melhor é a sorte dos mortos, que a dos vivos: *Laudari magis mortuos quam viventes.* Nota a energia d'aquelle palavra *Laudari.* Como se dissera o mais sabio de todos os homens: se com toda a minha eloquencia houvera de orar pelos mortos e pelos vivos, aos mortos havia de dar os parabens e fazer um largo panegyrico de suas felicidades; e aos vivos havia de dar os pezames e fazer uma oração verdadeiramente funebre e triste em que lamentasse suas misérias e desgraças.

Eccl. 4.

Isto diz Salomão com cuja auctoridade neohuma outra humana pôde competir: só foi maior que ella a que jundamente é humana e divina, a da eterna saheteria. Christo: *Et ecce plusquam Salomon hic.* E porque tambem nos não falté esta, ouçamos ao mesmo Christo e vejamos o que disse e o que fez em similhante caso.

Auctoridade
mesmo Verbo
incarnado.

Matth. 12.

Morreu Lazaro e resuscitou Lazaro. Ponhamos pois a Lazaro resuscitado entre os vivos, e a Lazaro defuncto entre os mortos, e noitemos no supremo Senhor da vida e da morte como lhe lamenta a morte e como lhe festeja a vida. Quando Christo declarou aos discípulos que Lazaro era morto disse: *Lazarus mortuus est, et gaudeo «propter vos.»* É morto Lazaro, e folgo «por amor de vós.» Partiu d'alli a resuscitar-o o mesmo Senhor e chegado à sepultura não só choreu, *lacrymatus est;* mas mostrou que se lhe angustiava o coração, *rursum fremens in semetipso.* Repara S. Pedro Chrysologo no encontro verdadeiramente admiravel d'estes dous affectos, um de alegria e gosto na morte, outro de pena e lagrimas na resurreição do mesmo Lazaro; e diz assim elegantemente: *Certe ipse qui dixerat Lazarus mortuus est et gaudeo; de quo gaudet mortuo ipsum cum resuscitat tunc lamentatur: qui cum amittit non flet, cum recipit tunc deplorat: nunc fundit mortales lacrymas, rite spiritum cum refundit.* Notável caso, diz Chrysologo, que o mesmo Christo sobre o mesmo Lazaro, quando diz que é morto, se alegre; e quando o quer resuscitar, o lamente! Notável caso que, quando perde o amigo, se chore; e que chore, quando o ha de ter outra vez consigo! Notável caso que, quando lhe ha de infundir o espirito de vida, lhe affilia e angustie o coração; e que o haja de receber vivo

As lagrimas de
Christo na
resurreição de
Lazaro como
foram explicadas
pelos Santos Padres.

Jean. 11.

com as mesmas lagrimas com que nós nos despedimos dos mortos! *Tunc fundit mortales lacrymas, vitae spiritum cum refundit.* Pois se Christo se alegra com a morte de Lazaro; porque se entristece com a sua resurreição, e porque chora quando lhe ha de dar a vida? Eu não nego que, quando Christo chora por uma causa, se pôde alegrar por outras. Isso significou o mesmo Senhor, quando disse: *Gaudeo propter vos.* Mas ainda que tivesse uma causa e muitas para se alegrar com a morte de Lazaro; que causa, ou que razão pôde ter para chorar a sua resurreição e a sua vida? *Lacrymatus est, non quod mortuus erat, sed quod recocare illum oportebat ad tolerandas rursus hujus ritac miseras* diz Ruperto; e o mesmo tinha dicto antes d'elle Sancto Isidoro Pelusteta. Mas eu tenho melhor auctor que ambos, que é o Concilio Toletano III, o qual dá a razão por estas palavras: *Christus non ploravit Lazarum mortuum, sed ad huius vitae aerumnas ploravit resuscitandum.* Chora Christo a Lazaro, quando o ha de resuscitar, não o chorando morto, porque estando já livre dos trabalhos, das miseras e dos perigos da vida por meio da morte, agora por meio da resurreição o tornava outra vez a meter nos mesmos trabalhos, nas mesmas miseras e nos mesmos perigos. A todos esteve bem a resurreição de Lazaro, e só ao mesmo Lazaro «sob um justo respeito não esleve bem.» Esteve bem a Deus (se assim é licito falar); porque foi para sua gloria: esteve bem aos discípulos, porque os confirmou na fé: esteve bem aos de Jerusalém, porque muitos se converteram. Esteve bem às irmãs, porque recobraram o amparo e arrimo de sua casa. Esteve bem ao mesmo Christo; porque então manifestou mais claramente os poderes da sua divindade. Só a Lazaro não esteve «de todo bem»; porque a resurreição o tirou do descanso para o trabalho, do esquecimento para a memoria, da quietação para os cuidados, da paz para a guerra, do porto para a tempestade, do sagrado da inveja para a campanha do odio, da clausura do silencio para a soltura das linguas, do estado da invisibilidade para o de ver e ser visto, de entre os ossos dos paes e avôs, para entre os dentes dos omelos e inimigos; em sum da liberdade em que o tinha posto a morte para o captivero e captivoiros da vida.

Persuadidos os homens da verdade d'este desengano, não é muito que a morte lhes começasse a parecer menos feia do que a vida. Os passianos e outras nações, que «injustamente» se chamam barbaras, choravam e pranteavam os nascimentos dos filhos e celebravam com festas as suas mortes; porque intendiam que nascendo entravam aos trabalhos e morrendo passavam ao descanso. E certamente que as lagrimas dos nascimen-

O mesmo
descrigendo
adua-se da lei
da natureza,
na lei eterna
e na lei da
graga.

tos, os mesmos nascimentos, sem mais ensino que o da natureza, as approvavam e ajudavam com as suas; e as festas com que se celebravam as mortes, tambem os mortos pela experien-
cia do seu descânço, se podessem fallar, as louvariam. Por isso Samuel obrigado a fallar com Saul depois de morto e sepultado, o que lhe disse foi: *Quare inquietasti me: porque me inquietaste?* Por isso Moyses, governador supremo do povo de Deus e, o que mais é, com uma vara milagrosa e omnipotente na mão, pediu ao mesmo Deus que o livrassse d'aquelle peso; e se não, que o matasse antes; e lhe daria muitas graças por tamanha mercê: *Sin aliter tibi videtur, obsecro ut interficias me et inveniam gratiam in oculis tuis.* «Por isso» Job, o maior exemplo de paciencia e constanca, de tal modo se resolveu a querer antes morrer do que viver, que considerando todos os generos de mortes possiveis, ainda aquella affrontosa e infame que se dá aos facinorosos mais vis, tinha por melhor que a vida: *Quam-obrem suspendium elegit anima mea et mortem ossa mea.* Estes eram os ais que, saindo do valentissimo peito de David, o obriga-
vam a bradar, não porque se lhe estreitasse a vida, mas por-
que se lhe extendiam e alongavam os termos d'ella: *Heu mihi quia incolatus meus prolongatus est.* E para que em um coro tão sublime não nos falte uma voz do terceiro céu, ouçamos a S. Paulo: *Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis hujus?* Miseravel de mim, homem infeliz, quem me livrará d'este corpo mortal? Em summa, que os maiores homens do mundo em to-
dos os estados do genero humano, ou com fé ou sem fé, ou na
lei da natureza ou na escripta ou na da graça, sempre deseja-
ram mais a morte do que estimaram a vida; e sempre em suas
afflicções e trabalhos appellaram do pó que somos sobre a terra
para o pó que havemos de ser na sepultura.

III. De tudo o dicto alié aqui se segue, que melhor e mais para appetecer é a morte que vida. Mas contra «a verdade do nosso» assumpto inventou o amor da vida uma distincção fundada no que ella mais aborrece, que são as miserias; e no que mais estima, que são as felicidades. Fazendo pois uma grande diferença entre os miseraveis e os felizes, dizem os defensores da vida que para os miseraveis é maior bem a morte; mas para os felizes não.

«E se me não engano» estes são aquelles dous affectos ou aquellas duas queixas na apparença tão encontradas e tão concordes na realidade; uma de Sirac contra a morte e outra de Job contra a vida. Sirac diz: *O mors quam amara est memoria tua homini pacem habenti in substantiis suis.* Ó morte, quão amarga é a tua memoria para o homem que vive em paz

1. Reg. 22.

Num. 41.

Job. 7

Pz. 119.

Rom. 7.

Alguns querem distinguir no amor da vida os miseraveis dos felizes.

Fundando esta distincção na Escritura.

non erit, neque clamor neque dolor erit ultra; quia prima absurunt. Aos que forem ao céu enxugar-lhes-há Deus todas as lagrimas: e já não haverá morte, nem clamores, nem gemidos, nem dôres: porque estas misérias e penalidades todas pertenciam ao estado da primeira vida, que já passou. «Vede as misérias» de que estão isentos os mortos na sepultura. Já para elles não ha lagrimas, nem gemidos, nem dôres, nem infermidades, nem a mesma morte. As dôres e as infermidades d'esta vida tem dous remedios ou allivios; um natural, que são as lagrimas e os gemidos; e outro violento e artificial, que são os medicamentos. E a morte não só nos livra das misérias da vida, senão tambem dos remedios d'ellas. E taes são as dobradas misérias a que está sujeita a maior felicidade da natureza, que é a saude; bastando para a tirar padecidas, e não bastando para a conservar remedias.

Não ha distinção quanto aos bens da fortuna. Estado dos reis.

V. Passemos aos bens da fortuna; e subindo ao mais alto ponente aonde ella pôde chegar, preguemos um cravo na sua roda, para que concedendo ás suas felicidades a constância que não tem, vejamos se se podem jactar ou presumir de que carecem de misérias. Os sceptros e as corôas são as que, postas no cume da majestade, levam apôs si com o imperio os applausos e adorações do mundo, e ao mesmo mundo: o qual cégo com os reflexos d'aquelle esplendor, os acclama felizes e felicissimos, não penetrando o interior e sólido da felicidade: mas olhando só e parando no sobreporado das apparencias. Assim como os tectos sobreporados dos templos e dos palacios, o que mostram por fora, é ouro; e o que escondem e encobrem por dentro, são madeiros comidos do caronho, pregos ferrugentos, lidas de aranhas e outras sevandijas; assim debaixo da pompa e apparatus com que costumamos admirar os que vemos levantados ao zenith da fortuna, se viramos juntamente os cuidados, os temores, os desgostos e tristezas que os cometem e roem por dentro, antes havíamos de ter compaixão das suas verdadeiras misérias, que inveja à falsa representação e engano dão que n'elles se chama felicidade.

Bem e mostra-
rem Carlos V.
Seluco, rei da
Asia e el rei
Amugue.

Quem duvidou jámais de repudiar a Carlos V por felicissimo com tantas victorias, tanta fama, tantos augmentos de monarquia? E contudo, no dia em que renunciou o governo, confessou que em todo o tempo d'elle nem um só quarto de hora tivera livre de allijões e molestias. O diadema antigo, insignia dos reis e imperadores, era uma faixa atada na cabeça. E dizia Seluco, rei da Asia, que se os homens soubessem quão pesada era aquella tira de panno e quão cheia de espinhos por dentro, nenhum haveria que a levantasse do chão para a pôr na cabeça.

El-rei Antígo, vendo que seu filho pelo ser se ensobrbezia, com que lhe abateria os fumos? *An ignoras, fili, regnum nostrum non esse aliud nisi splendidam servitutem?* Não sabes, filho (lhe disse), que o nosso reino e o reinar não é outra cousa que um captiveiro honrado? Os reis são senhores de todos, mas também captivos de todos. A todos mandam como reis; e de todos são julgados como réos. Como o rei é a alma do reino, tem obrigação de viver em todos seus vassalos e padecer n'elles e com elles quanto elles padecem. Se não padece assim, não é rei; e se padece, que maior martyrio? Ha-se de matar e morrer, para que elles vivam: ha-se de cançar, para que elles descancem; e ha de vellar, para que elles durmam; sendo mais quieto e socegado o sonno do cavador sobre uma cortiça, que o do rei debaixo de céus de brocado. Alli desvellado marcha pelas campanhas com os seus exercitos em perigo da vida e da dynastia; alli navega os mares com as suas armadas; e a qualquer bandeira que tremula com o vento, lhe palpita o coração na contingencia dos successos. Taes são as miseraveis felicidades, ou as adoradas misérias, dos que poslos na região dos raios, dos trovões e das tempestades, a dignidade com razão e a li-sonja sem ella chama serenissimos.

Que seria se eu aqui ajunctasse agora as catastrophes e fins tragicos dos Xerxes, dos Cressos, dos Darios e infinitos outros? Mas o meu intento só é descobrir as misérias dos felizes. A um certo rei de Lídia, que inchado com a singular prosperidade da sua fortuna se quiz canonizar pelo mais feliz homem do mundo, «foi mostrado» que mais feliz que elle era um lavradorzinho velho, o mais pobre de toda Arcadia; ao qual um pequeno enxido, que tinha juneto á sua choupana, cultivado por suas proprias mãos, sem inveja sua ou alheia, lhe dava o que era bastante para sustentar a vida. Porque as mesmas fortunas dos reis «ainda que grandes e continuas, os não livram do temor da sua inconstância; o qual só basta, a os fazer infelizes. Debaixo d'este temor se comprehendem os cuidados, as suspeitas, as duvidas, as imaginações, os indícios falsos ou verdadeiros da ruina que se lhes machine ou pôde machinar; e todos os infortunios possíveis no mar e na terra, na guerra e na paz, na inveja dos emolos, no odio e potencia dos inimigos, no discontentamento e rebellião dos vassalos: enfim as violências secretas, os roubos, os subornos, as traições, os venenos, com que nem o sustento necessário á vida, nem a mesma respiração é segura: para que se veja, se é feliz quem todo este tumulto de inquietações traz dentro no peito. E como os bens da fortuna, ainda os maiores, quaeas são os dos reis, e ainda

outros examplos.

nos singular e unicamente felizes, estão sujeitos a tantas misérias, ou padecidas em si mesmas, ou no temor e receio (que não é tormento menor), nenhum outro remedio tem para escapar e se livrar d'ellas a vida, senão o da morte.

Facto do sacerdote
rei Josias.

Seja prova em caso e pessoa não de outra, senão da mesma suposição e dignidade, o modo, com que Deus livrou a el-rei Josias. Quando Josias começou a reinar, todo o reino (que era o de Jerusalém e Judá) não só privada, mas publicamente professava a idolatria com templos, com altares, com ídolos, com sacerdotes, e com todas as outras superstições gentílicas. A primeira causa pois, que fez o zelosíssimo e sancto rei, foi arrasar os templos, os altares, queimar os ídolos e sacrificar-lhes os seus próprios sacerdotes, mandando degolar a todos; e logo tractou de reformar e restaurar o culto do verdadeiro Deus, rependo em seu lugar a arca do Testamento, restituindo a seus ofícios os sacerdotes e levitas e tornando a introduzir a observância da celebriade das festas e sacrilícios com todos os ritos e ceremonias da lei. Mas como pagou Deus a Josias este zelo, esta piedade, e esta valorosa resolução? Aqui entra o admirável do caso. Duas causas mandou Deus annunciar e notificar ao rei: a primeira que Jerusalém seria destruída e todos seus habitadores rigorosíssimamente castigados. E assim foi: porque conquistados pelos exercitos de Nabuchodonosor, todos foram levados captivos a Babylonia. A segunda, que el-rei morreria antes d'este captiveiro. E assim sucedeu também: porque saindo a uma batalha foi morto n'ella. Pois o rei pio, zeloso e sancto ha de morrer e o povo idolatra não? Antes foi tanto pelo contrário, que durou o captiveiro septenta annos; que era todo o tempo que, os que tinham sido idolatras, podiam viver. E porque ordenou Deus, que os idolatras vivessem tantos annos, e o rei morresse tão antecipadamente, que não chegou a contar quarenta? A razão d'esta justiça verdadeiramente divina foi, para que vivendo elles e morrendo o rei, o rei fosse premiado e os idolatras castigados. De sorte que aos idolatras, para que padecesssem as calamidades e misérias do captiveiro, extendeu-lhes Deus a vida; e ao rei para o livrar das mesmas calamidades e misérias antecipou-lhe a morte. Assim o disse o mesmo Deus: *Hiccirco colligam te ad patres tuos et colligeris ad sepulchrum tuum in pace, ut non culcent oculi tui mala, quae inducturus sim super locum istum.* Em summa que conservou Deus a vida ao povo, porque o quiz castigar; e antecipou a morte ao rei, porque o quiz livrar do castigo, que tão certo é ainda no maior auge dos bens da fortuna, qual é a dos reis; e d'abi se deduz novamente o que dizíamos, que ainda nos maiores bens

da fortuna, quaes são a gloria, o poder e a grandeza dos monarcas, se deve temer mais a vida que a morte.»

VI. Nos bens da graça, que são os que só restam, passa o mesmo. Sendo estes os maiores de todos e os que propriamente só merecem nome de bens, nenhum são mais difíceis de guardar, nem mais sujeitos à miseria de se perderem. Os anjos perderam a graça no céu; Adão perdeu a graça no paraíso; e depois destas duas ruínas universais, quem houve que a conservasse sempre? Só a Mãe de Deus, pelo ser, a conservou inteira: os demais, ou a perderam por culpas graves, ou mancharam com as leves: *Qui stat, culet ne cadat;* quem está em pé, veja não cair, diz S. Paulo. E elle depois de subir ao terceiro céu, se viu tão arriscado a cair, que tres vezes rogou a Deus o livrasse de uma tentação, que se o não tinha derrubado, o astormentava: *Angelus Satanae qui me colaphizet.* Caiu Sansão, caiu Salomão, caiu David; e nem ao primeiro a sua fortaleza, nem ao segundo a sua sabedoria, nem ao ultimo a sua virtude os livraram mão para que não caissem. O mundo todo é precipícios, o demônio todo é laços, a carne toda é fraquezas. E contra estes tres inimigos tão poderosos da alma, stando ella cercada de um muro de barro tão quebradiço, quem poderá defendêr e quem n'ella defenderá a graça? Já sabem todos que hei de dizer que só a morte; e assim é.

Diz Job que a vida do homem é uma perpetua guerra: *Ullitia est vita hominis super terram;* tanto assim que ao mesmo viver chama elle militar: *Cunctis diebus, quibus nunc milito.* Qual seja a campanha d'esta guerra não é Cartago, ou Flandres, ou como agora Portugal: senão o mundo e a terra toda a qualquer parte: *Super terram.* Mas como o mesmo Job não faz menção de muitos, senão de um ou de qualqner homem, *ia hominis;* com razão podemos duvidar quem são os combatentes entre os quaes se faz esta guerra e se dão estas batalhas. foram gentes de diversas nações, também elle o dissera; mas faz menção de um homem: porque dentro em cada um de si, como de inimigos contra inimigos, se faz esta guerra, se lo estes combates; e vence ou é vencida uma das partes. O nem não é uma só substancia, como o anjo; mas composto de duas totalmente opostas, corpo e alma, carne e espírito; e os são os que entre si se fazem a guerra, como diz S. Paulo: *o concupiscit adversus spiritum, spiritus autem adversus carnem:* a carne peleja contra o espírito, e o espírito contra a carne. Por parte da carne combatem os vícios com todas as razes da natureza: por parte do espírito resistem as virtudes e os auxílios da graça. Mas como o livre alvedrio subornado

*Nos bens da
graça passa o
mesmo.*

1. Cor. 11.

2. Cor. 12.

*A vida do ho-
mem é uma per-
petua guerra.*

Job 10.

Idem. 6.

Gal. 5.

do deleitavel, como rebelde e traidor, se passa á parte dos vicios; quantos são os peccados que o homem commette, tantas são as feridas mortaes que recebe o spirito; e basta cada uma d'ellas para se perder a graça. Por isso com razão exclama Sancto Agostinho, como experimentado em outro tempo: *continua pugna, rara victoria:* a balalha é continua e a victoria rara.

*Só a morte da
paz do homem.*

Haverá porém quem possa pôr em paz estes dous tão obstinados inimigos, e um d'elles tão cruel e pernicioso? N'esta vida, em quanto a mesma vida dura, não; mas no fim d'ella, sim: porque só a morte pôde fazer e faz estas pazes. Que cousa é a morte? *Est separatio animae a corpore:* é a separação com que a alma se aparta do corpo; e como por meio da morte a alma se divide do corpo e o spirito da carne, no mesmo poncto, divididos os combatentes, cessou a guerra e ficou tudo em paz. Esta é a grande energia e alto pensamento com que disse Job que aquella guerra era nomeadamente do homem vivo sobre a terra: *militia est vita hominis super terram.* Porque em quanto o homem vive e está sobre a terra, padece a guerra da carne contra o spirito. Mas depois que o homem morre e jaz debaixo da terra, toda essa guerra já acabou; e se segue entre a carne e o spirito uma, não tregua, senão paz perpetua e para sempre. Por isso quando lançamos os desfuntos na sepultura, essas são as palavras de consolação com que nos despedimos d'elles, dizendo: *Requiescat in pace.*

*Quem bem lo-
gra seguido a
Escritura
que a morte da
mortalidade.*

Sep. 14.

E como por meio d'esta perpetua paz cessa a guerra da carne contra o spirito, e cessam as victorias do peccado e perigos da graça: esta natural impeccabilidade da morte é a mais natural razão de ser a morte digna do nosso amor, não só como um bien, mas como o maior bem da vida: porque sendo o maior mal da vida o peccado e estando a mesma vida sempre sujeita e arriscada a peccar, só a morte a livra e segura d'esta maior de todos os males. Morreu um moço virtuoso e pio na flor de sua idade; e admirou-se muito o mundo de que morresse tão depressa o bom, ficando vivos e sãos no mesmo mundo muitos maus, que pareciam mais dignos da morte. Mas a causa d'esta admiração é, diz o Espirito Sancto, porque os homens não intendem as razões de Deus. Tres razões teve Deus para anticipar ou apressar a morte aquelle moço: a primeira porque lhe agradou a sua alma e a quiz levar para si: *Placuit enim erat Deo anima illius:* a segunda porque o quiz livrar das occasões da maldade: *Properarit educere illum de medio iniuratum:* a terceira, porque o quiz fortisear: *Quare munierit illum Dominus.* Aqui reparo. Se Deus lhe tirou a vida para o fortisear, que fortificação é ella, e contra quem? O contra quem

são os vicios e peccados: a fortificação é aquella, onde a morte defende os que matou, que é a sepultura. O homem vivo com todas as portas dos sentidos abertas é como a praça sem fortificações, que pôde ser accomettida e entrada por toda a parte. Porém o morto com as mesmas portas cerradas, e cerrado elle dentro da sepultura, não ha castello tão forte, nem fortaleza tão inexpugnable a todo o inimigo: porque nem pode ser vencida do peccado, nem ainda accomettida. Muitas fortificações inventaram os sanctos para defender do peccado os vivos: sendo a principal de todos os muros da religião. Mas nem os muros, nem os claustros, nem os templos, nem os sacrários bastam para os defender e ter seguros. E quando nem os muros, nem os claustros, nem os templos, nem os sacrários bastam para defender e segurar do peccado os vivos: basta uma só pedra, ou a pouca terra de uma sepultura, para ter tão defendidos e seguros os mortos, que nem pequem jámais, nem seja possível pecarem. E esta é a sua impeccabilidade.

Resumindo pois as tres partes d'este ultimo discurso, d'ellas consta que os bens da natureza, da fortuna e da graça todos estão sujeitos a grandes misérias; das quaes só nos pôde livrar a morte. D'onde se segue «o que eu disse no principio,» que a parte que tanto tememos deve ser a amada, e a vida que tanto amamos deve ser a temida.

VII. «Dir-me-heis como intendidos que deveis ser, que é mais para temer a morte não pelo que é em si mesma, em quanto sim a vida presente, mas pela incerteza da vida futura que se hâ de seguir. Mas esse argumento tão fôra está de abater a verdade do meu assumpto, que a estabelece e confirma ainda mais. Pergunto: Os sanctos não amavam ardenteamente a morte? Sim, haviam-na. E porque não temiam essa incerteza? Respondeis, porque eram sanctos. E nós porque o não somos? Deveremos considerar que é, porque não queremos viver mortificados. Logo o mal que nos causa a incerteza da vida futura, é também um ótimo efeito da vida presente; e por isso torna menos amável a mesma vida.

Emfim, senhores, posto que a vida presente ha de necessariamente passar, e a morte, ha de chegar também necessariamente, quereis não temer a morte, antes amá-la com preferência à mesma vida? Ouvi ao apostolo S. Paulo que vos exhorta (verdes como mortos, isto é escondidos em Deus com Christo.) *Im estis, et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo.* «In vive em Deus, não vive em si: quem vive com Christo, vive com o mundo; e quem não vive em si, nem com o

Logo não ha
alma a distan-
ção quanto aos
bens da natu-
reza da fortuna
e da graça.
E sempre a mor-
te é preferível
à vida.

A incerteza da
vida futura,
que depois da
morte se ha de
seguir, torna
mais temível
não a morte,
mas a mesma
vida presente,
de que é efeito.

Para amar a
morte com pre-
ferencia da
mesma vida é
necessário viver
como os mor-
tos. Isto é, es-
condido em
Deus com
Christo
Col. 3.

mundo, este verdadeiramente vive como morto. O morto tem olhos, e não vê; tem ouvidos, e não ouve; tem língua, e não fala; tem coração, e não deseja; e posto que quem vive como morto, pode desejar, falar, ouvir e ver; nem vê o que não é lícito que se veja; nem ouve o que não é lícito que se ouça; nem fala o que não convém que se fale; nem deseja o que não convém que se deseje: porque é morto ás paixões e aos appetites; e se vive no sentimento, não vive á sensualidade. Isto é viver em Deus e não em si. E que é viver com Christo, e não com o mundo? É estar morto a tudo o que o mundo ama, a tudo o que o mundo estima, a tudo o que o mundo venera, a tudo o que o mundo adora, a tudo o que chama honra, a tudo o que chama interesse, a tudo o que chama boa ou má fortuna: porque tudo o que é prospero ou adverso, alto ou baixo, precioso ou vil, pesado na balança da morte, é vaidade, é sumo, é vento, é sombra, é nada. E a todos os que assim vivem ou vivorem podemos dizer com S. Paulo: *Mortui estis.*

*E viver como
pessoas que de
vem mortas*

Acto 3.

Mas porque o pó que somos é solto, inquieto, vâo e com qualquer sopro de ar se levanta e desvanece e de si mesmo forma remolhados e nuvens, com que na maior luz do sol fica ás escuras; por isso o mesmo apostolo nos remete, como por ilhação do pó que somos, ao pó que havemos de ser, dizendo: *Mortificate ergo membra vestra, quae sunt super terram:* pelo que mortificae os membros do vosso corpo que estão sobre a terra. A palavra *super terram* não carece de grande mysterio. A mortificação só pertence aos que vivem e todos os que vivem estão sobre a terra. Pois se isto por si mesmo estava dicto, porque o nota e pondera o apostolo como causa particular? Porque falou do nosso corpo em quanto está sobre a terra com allusão ao mesmo corpo, quando estará debaixo da terra. E se o corpo que está sobre a terra se comparar consigo mesmo quando estiver debaixo da terra, nenhuma consideração pode haver mais eficaz para o persuadir a quo viva como morto. Dize-me: corpo meu, depois que estiveres debaixo da terra, que has do fazer? Has de continuar nos mesmos vícios, em que todo le empregavas, quando estavas sobre a terra? Has de continuar nos mesmos vícios, que pôde ser foram os que te mataram e te apressaram a sepultura? O morto não tem odio, não tem inveja, não tem cubiga, não tem ambição: não se querxa, não murmurra, não se vinga, não mente, não adulga, não rouba, não adultera. Pois se de tudo isto has de carecer debaixo da terra; porque te não abstens disso mesmo em quanto estás sobre a terra?

*N descontento
matar os meus
vícios*

O morto, quando o levam á sepultura pelas mesmas ruas por

onde passeava arrogante, tão contente vai en volto em uma mortilha velha e róla, como se fôra vestido de purpura ou brocado. Chegado á sepultura, tão satisfeito está com septe pés de terra, como com os mausoleus de Cária ou as pyramides do Egypto. E se até essa pouca terra que o cobre lhe fallasse, diria, se podesse fallar, que a quem não cobre a terra, cobre o céu. Pois se então tão pouca diferença has de fazer da riqueza ou pobreza das roupas; porque agora te desvaneces tanto e gastas o que não tens na vaidade das galas? Pois, se então has de caber em uma cova estreita, porque agora te não mettes entre quatro paredes; e procuras a larguezza da moraila tanto maior que a do morador, e invejas a ostentação e magnificencia dos palacios? Ainda resta por te dizer o que mais me escandaliza. Se quando estás debaixo da terra, todos passam por cima de ti e te pizam, e te não alteras por te vér debaixo dos pés de todos; agora que és o mesmo e não outro, porque te ensüberbeces, porque te iras, porque te inchas e enches de colera, de raiva, de furor; e a qualquer sombra ou suspeita de menos veneração ou respeito, o queres vingar não menos que com o sangue e a morte? Mas é porque a morte «ainda» te não amansa e emenda. A morte é uma correcção geral que emenda em nós todos os vicios; e de que modo? Por meio da mansidão, porque a todos amansa. Morreu o leão, morreu o tigre, morreu o basilisco; e onde está a bravura do leão, onde está a fereza do tigre, onde está o veneno do basilisco? Já o leão não é bravo; já o tigre não é fero; já o basilisco não é venenoso; já todos esses brulos e monstros indomitos estão mansos: porque os atmansou a morte. E se assim emenda e tanta mudança faz a morte «por necessidade e sem fructo; porque a não fará a eleição do alvedrio com grande prazer?»

Seja esta a ultima razão, a qual devem «os que me ouvem» var na memoria, para que considerem em quanto estão sobre terra o que hão de ser quando estiverem debaixo d'ella; e um este espelho posto diante dos olhos de seu proprio corpo persuadam a que se accommode a ser por mortificação, em tanto vivo, aquillo mesmo que ha de ser em quanto morto depois de sepultado. Perguntou um monge ao abbade Moyses, mosso padre do ermo, como poderia um homem adquirir a mortificação que ensina S. Paulo, tal que estando vivo vivesse como morto? E respondeu o abbade que de nenhum outro modo nem tempo, senão quando totalmente se persuadisse que havia já um morto que estava debaixo da terra. E quem está certo que o seu tempo ha de estar debaixo da terra, não tres annos, nem tres secundas em quanto durar o mundo até o fim, como não persuadirá

Quanto vale
esta considera-
ção.

ao mesmo corpo e o sujeitará a que viva como morto esses quatro dias e incertos em que pôde tardar a morte? Se este corpo, que hoje é pó sobre a terra, amanhã ha de ser pó debaixo da terra; porque se não accomodará e concordará consigo mesmo a viver e morrer de tal modo que na vida logre «a paz, o sosiego e a impeccabilidade da morte; e na morte não padecer as inquietações, as angustias e o desespero da vida?» Assim faremos que o pó que somos e o pó que havemos de ser «não seja esteril, mas fecundo; e tão fecundo, que» na vida colharmos d'elle o fructo da graça e na morte o da gloria: *Quam mili et tobis praestare dignetur Dominus Deus omnipotens.*

(Ed. ant. tom. 6., pag. 58, ed. mod. tom. 9., pag. 102.)

I. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA ***

PRÉGADO EM LISBOA

Na capella real, no anno de 1649.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—É este um dos sermões mais sublimes e eloquentes do ensaio, sobre tudo nos numeros II, III, IV, V, VI. É impossível achar argumentos mais nobres, varios e poderosos tirados da philosophia natural e da revelação.

Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros, benefacite his qui odiunt vos, ut sitis filii Patris vestri qui in cœlis est.

MATTE. 5.

Difícuolloso preceito, •poderoso motivo, sublime exemplo, que Christo Nosso Senhor deu, allegou e propoz a todos os fieis nas palavras citadas de S. Mattheus! Tendes ouvido o que se disse : amareis ao vosso proximo e aborrecereis ao vosso inimigo. Eu porém vos digo: amae aos vossos inimigos; fazei bem aos que vos temem odio, orze pelos que vos perseguem e calumniam, para serdes filhos do vosso Pae que está nos céus. É este o sentido e juncionalmente o contexto das palavras do Evangelista. amae aos vossos inimigos: *Diligite inimicos vestros*, difícuolloso preceito! Amae-os, porque eu sou o que voi-o mando : *Ego autem dico vobis*, poderoso motivo! Amae-os para serdes filhos nascitantes ao vosso pae celestial: *Ut sitis filii Patris vestri qui in cœlis est*, sublime exemplo!

Mas, se o preceito de amar os inimigos é diffícuolloso, por que o declaro de antemão tão afontamente e o não dissimulo em arte, como parece estar pedindo a prudencia da прégação angelica? Quando os exploradores da terra de Promissão cercaram ao povo de Israel que peregrinava pelo deserto, se-riam grandes e cercadas de muros as cidades de todo aquelle paço, e os habitadores mui valorosos e geração de gigantes;

O texto inclui
um preceito,
um motivo, um
exemplo.

Não se dissimula
a diffícuollo-
de do preceito
de perdoar aos
inimigos. Caso
aconterisse ao
povo de Israel
quando peregrinava
pelo deserto.

posto que no mesmo tempo contavam os maiores prodigios da fertilidade do terreno, com tudo o povo ficou tão assombrado com a arduidade da empreza que chorou uma noite inteira, e levantando a voz e amotinando-se contra Moysés e Arão por querer voltar ao Egypto, pouco faltou que não levasse a cabo um conselho tão desesperado. Tanto assombro pôde causar a declaração de similares dificuldades, ainda quando se trate de apossear-se da terra de Promissão.

O pregador evangelico não deve dissimular a dificuldade, mas impugná-la para da impugnação inferior as qualidades admiráveis do preceito do perdão.

Com tudo para um pregador evangelico, que ha de ser mestre de verdade, negar ou dissimular a dificuldade nos preceitos divinos não é arte, nem valor, nem razão; reconhecel-a e impugnal-a sim: isto é o que pretendo fazer hoje. E porque no texto allegado o preceito se ata com o motivo e o motivo com o exemplo, «depois de vos declarar e encarecer a dificuldade do preceito, fal-a-hei desapparecer com a força do motivo e com a sublimidade do exemplo para concluir contra a razão enganada nas suas balanças e contra o mundo louco nas suas leis ignorantes e vis, quão natural, util, facil, generoso, honrado e descansado conselho é e quão rigorosa obrigaçao do christão querer e fazer bem e amar de coração e de obras aos que nos querem mal.» Ouçam-me com attenção os maiores e os melhores, porque esses, «como logo veremos», são os que teem mais inimigos.

Terror que inspiram à este preceito os gentios e os judeus

II. Começando pela primeira parte, é tão difficultoso preceito o de amar os inimigos, que em todas as leis o repugnaram os homens e se armaram contra esta lei. Na lei da natureza abominaram os gentios: na lei escripta a descompozeram os judeus: na lei da graça a desprezam e temem por affronta os maus christãos. Abominaram tanto este preceito os gentios que o lançavam em rosto aos christãos, como escreve S. Justino, e diziam que era lei barbara, irrational e impossivel. E verdade que d'este amor se acham exemplos nos escriptores gentilicos. Mas como bem os arguiu S. Gregorio Nazianzeno, nos historicos foi mentira, nos oradores lisonja, e nos philosophos vaidade. Os judeus tinham expresso este preceito como parte da lei natural e moral. No cap. 23 do Exodo: *Si occurreris bori inimici tui, aut asino erranti, reduc ad eum.* E no cap. 25 dos Proverbios: *Si esurierit inimicus tuus, cida illum.* Mas foi tanto o horror que concebeu aquella gente, tanta a violencia que experimentou, e tanto o odio com que aborreceu esta lei, que sem respeito a Moysés, nem a Deus, para mais coradamente quererem mal a seus inimigos, conservando o texto, adulteraram e corromperam o sentido. Esta foi aquella glossa sem nome, que Christo

hoje emendou, tão antiga como impia: *Audistis quia dictum est: Diliges proximum tuum, et odio habebis inimicum tuum.*

Finalmente nos os christãos, que professamos, cremos e adoramos o Evangelho, como o observamos n'esta parte? Os odios públicos o dizem e os ocultos não o calam. *Comnosco fallou Christo*, quando disse: *Ego autem dico vobis: porque então pregou a sua lei e a ensinou a todos os christãos. Mas tem chegado a tal extremo de infamia o desprezo d'este ponto, que honrando-nos da lei, fazemos honra de a não guardar. Se fôramos verdadeiros christãos, cessava entre nós este preceito: porque não havia de haver inimigos a quem amar.* Assim o presumia Tertulliano, quando disse: *Christianus nullius est hostis;* «que o christão é ninguém é inimigo.» Porem Christo, que tão interiormente conhecia a perversa inclinação da natureza humana e tão experimentavelmente começava já a padecer em si mesmo a repugnância e dificuldade do que mandava, por isso supoz que sempre havia de haver inimigos: *Dilige inimicos vestros.*

Temos posto em campo contra a verdade e equidade d'este famoso preceito, divididos em tres esquadrões, porém unidos no mesmo parecer, «os gentios na lei da natureza, os judeus na lei escripta, e até na lei da graça uma multidão innumerable de christãos:» em summa, o genero humano «quasi» todo. E na testa d'este immenso exercito, como o gigante Golias no dos philisteus, desatiando a parte contraria e blasonando e defendendo a sua, quem? «O nosso orgulho armado de sophismas.» É possível, diz elle, é possível que haja eu de amar a quem me aborrece; desejar bem a quem me faz todo o mal que pôde; honrar a quem me calunia; interceder por quem me persegue; e não me desafrontar de quem me affronta? E que tudo isso ha de caber em um coração de barro? Abalam-se rebentam os montes; sáí de si o mar; ensurecem-se os ventos; fulminam as nuvens; escurece-se e descompõe-se o céu, nem abe em si mesmo o mundo com quatro vapores insensíveis que se levantam da terra, e que em um vaso tão estreito e tão sensitivo, como o coração humano, hajam de caber juntas e estar em paz todas estas contrariedades? Alma, corpo, que dizeis este preceito? Ajunete-se a republica interior e exterior do homem, chame a cōrtes ou a conselho todas suas potencias, todos sens sentidos; e sejam ouvidos n'esta causa todos, pois todos. Que é o que dizem? Todos repugnam, todos reclamam, todos se alteram, todos se unem e conjoram em odio e luta do inimigo. A memoria sem jámais se esquecer reprende o aggravo; o intendimento pondera a offensa; a phanta-

Os maus christãos mostram o mesmo horror.

Sophismas do nosso orgulho contra este preceito.

sia afeia a injuria; a vontade implora, e impõe a vingança. Salta o coração, bate o peito, mudam-se as cores, chamjam os olhos, desfazem-se os dentes, escuma a boca, morde-se a língua, arde a colera, serve o sangue, fumejam os espíritos; os pés, as mãos, os braços, tudo é ira, tudo fogo, tudo veneno. Accende e provoca esta lamação a trombeta da fama, dizendo e bradando que é honra: põi-se da parte do ódio e da vingança o mundo todo, que assim o manda, que assim o julga, que assim o aplaude, que assim o tem estabelecido por lei. Sobretudo o tribunal supremo da razão «parece que» assim o prova: porque amigo de amigos, e inimigo de inimigos é voz que soa justiça, merecimento, proporção, igualdade. Finalmente o mesmo Deus condena o meu inimigo, porque é meu inimigo. Pois se Deus o condena e aborrece, porque o hei de amar eu. Deus que isto manda não é o autor da natureza? E que faz a mesma natureza toda movida e governada pelo mesmo Deus? Vingam-se por instinto natural as feras na terra; vingam-se as aves no ar; vingam-se os peixes no mar; vinga-se a mansidão dos animais domésticos; vinga-se, e cabe ira em uma formiga; e basta que a natureza viva n'aqueles alomos, para que n'elles offendida se doa, n'elles aggravada morda, n'elles tome satisfação da sua injuria. E se a natureza onde é incapaz de razão, não é capaz de sofrer sem razões; que o homem, criatura racional, a mais nobre, a mais viva e a mais sensível de todas, com a balança da mesma razão no juizo, não haja de pesar agravos; antes contra a força e violência do mesmo peso haja de pagar odios com amor: *Diligite inimicos vestros?* Não é homem quem aqui não pasma, ou não diga olhando para si: Não posso.

*Comida pro-
va-se que cada
presente é facil
e natural,
sob o influjo da
graça de Deus.*

*Ter inimigos
uma honra*

III. Estas são as dificuldades que todos reconhecem e chamam grandes n'este preceito, que verdadeiramente é o grande. Mas com estarem tão declaradas e por ventura encarecidas, eu espero mostrar e demonstrar, que com a graça de Deus não só não é tão difficultoso, como parece, o amar aos inimigos, senão muito fácil e «quasi» natural ao homem; e tanto mais quanto for mais homem.

Primeiramente isto de ter inimigos é uma razão ou injuria tão honrada, que ninguem se deve offendêr d'ella. Quem a não aceita como adulação e lisonja de sua mesma fortuna, ou tem pequeno coração, ou pouco juizo. Se o ter inimigos é tentação, antes é tentação de verdade que de vingança. É motivo de dar graças a Deus e não de lhes ter ódio a elles. Sabeis porque vos querem mal vossos inimigos? Ordinariamente é porque vêem em vós algum bem que elles quizeram ter e lhes falta. A quem

não tem bens, ninguem lhe quer mal. No nosso mesmo texto o temos. Não só diz Christo que amemos a nossos inimigos, senão que lhes façamos bem: *Diligite inimicos vestros, et beneficite his qui oderunt vos.* Esta segunda parte parece mais dificultosa que a primeira; e talvez não só dificultosa, senão impossível: porque para amar basta a vontade, para fazer bem é necessário ter com que o fazer. E se eu acaso fôr tão pobre e miserável, que não tenha bem algum, como posso fazer bem a meus inimigos? Enganais-vos. Ninguem tem inimigos, que lhes não possa fazer bem: porque quem não tem bens, não tem inimigos. Tendes inimigos? Pois algum bem tendes vós, por que elles vos querem mal. E porque esta suposição universalmente é certa; por isso Christo manda a todos os que tiverem inimigos, que não só os amem, senão que lhes façam bem: *Et beneficite his qui odierunt vos.* Quem tem bens, assim como é certo que ha de ter inimigos, assim é certo que pôde fazer bem.

O primeiro inimigo que houve n'este mundo foi Lucifer. Ele o primeiro traidor, que se revestiu da serpente; elle o primeiro falso-rio, que enganou a Eva; elle o primeiro ladrão e homicida, que não só roubou a Adão quanto possuia, mas ate o despojou da mesma imortalidade. E porque quiz tanto mal Lucifer a Adão, que lhe não tinha feito nenhum mal? Porque, «responde Suárez», tinha Christo revelado ao mesmo Lucifer que se havia de fazer homem e não anjo. Bem se via na promessa da divindade *Eritis sicut dii.* que essa era a espinha, que elle trazia travessada na garganta; e como Adão teve aquella fortuna que Lucifer pretendeu primeiro e não pôde alcançar, claro está que devia ser seu inimigo.

O primeiro inimigo também que houve entre os homens foi Caim; e porque teve tanto odio Caim a Abel sendo seu irmão? Porque os sacrifícios do irmão eram mais agradáveis ao Criador: isto era o que tanto lhe doia o quebrava os olhos, que os lio levantava da terra. Também José padeceu os odios não de um, mas de dez irmãos; e porque causa? Porque elle só valia mais que todos elles. Grande caso, que porque o seu pellote fo era de panno da serra, como o dos outros, se resolvessem, indo irmãos, a lho tingir no proprio sangue! Se cavarmos bem o pé de todas as inimizades e odios do mundo, acharemos que mas são as raizes. Assim como o motivo de amar é o bem próprio, assim o de aborrecer são os bens alheios. Nem Abimelech via de aborrecer a Isaac, se não fôra mais rico; nem Saul a David, se não fôra mais valente; nem os satrapas a Daniel, se não fôra mais sabio.

Se passarmos dos solios aos estrados, também acharemos nos

Outra foi a causa do odio de Lucifer contra o gênero humano.

Gen. 3.

E de outros malvados contra o seu proprio.

Outras inimizades.

toucados estes malmequeres. Nenhuma gentileza ha tão confiada, a que não piquem os alineles de vér a outrem mais bem prendida. Também o exemplo é de duas irmãs. Rachel não era amiga de Lia, nem Lia de Rachel ; e porque ? Porque a cada uma d'ellas faltava o bem que lograva a outra. A Lia não lhe parecia bem Rachel, porque era formosa ; e Rachel não gostava de Lia, porque era secunda. Deus repartiu entre as duas irmãs os dous bens que ellas mais estimam ; e elles em lugar de se darem os parahens, tomaram d'elles occasião para não «se amarem.» Todos os bens, ou sejam da natureza, ou da fortuna, ou da graça, são benefícios de Deus ; e a ninguem concedeu Deus estes benefícios sem a pensão de ter inimigos. Molino é miserável aquelle que os não teve ! Ter inimigos parece um gênero de desgraça ; mas não os ter é indicio certo de outra maior. Não ter inimigos tem-se por felicidade : mas é uma tal felicidade, que é melhor a desgraça de os ter, quo a ventura de os não ter. Pode haver maior desgraça que não ter um homem bem algum digno de inveja ? Pois isso é o que se argui de não ter inimigos. Themistocles, «famoso capitão da Grecia», em seus primeiros annos andava muito triste. Perguntado pela causa, sendo amado e estimado, como era, de toda a Grecia, respondeu : Por isso mesmo. Signal é o vér-me amado de todos, que ainda não tenho feito acção tão honrada que me grangeasse inimigos. Assim foi. Cresceu Themistocles e com elle a fama das suas victorias ; e não destruia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos se levantavam contra elle na patria : para que vejam os odiados ou pensionados do odio, se se devem prezar, ou offender de ter inimigos. Aquelles inimigos eram as trombetas da fama de Themistocles ; e os vossos são testemunhas em causa propria de vos ter dado Deus os bens que lhes negou a elles.

Porque devemos pensar nos inimigos Exemplo de Davi

IV. Supposto, pois, que o ter inimigos é pensão dos benefícios que recebemos de Deus, segue-se saber a quem havemos de pagar esta pensão e em que. A pensão havemol-a de pagar a Deus, que nos fez o benefício ; e a paga ha de ser em amor dos inimigos, que o mesmo Deus nos manda amar. Elles querem-nos mal pelos bens em que Deus vos avantageou a elles ? Pois vós havéis de pagar a pensão d'esses bens a Deus em querer e fazer bem aos quo vos querem mal. Um dos homens mais beneficiados de Deus, que houve n'este mundo, foi David ; e uma das mais famosas acções de David foi o desafio seu com o gigante e a victoria que alcançou d'elle. E que se seguiu de uma façanha tão notável e tão importante à honra, à liberdade e à conservação do reino de Israel ? Da parte d'el-rei Saul foi

a inveja e o odio mortal contra David ; e da parte de David o amor e respeito com que sempre guardou e perdoou a vida a Saul. Tinha Deus dado licença a David para que tirasse a vida a Saul, a quem havia de suceder na coroa ; e elle o que fez, tendo-o muitas vezes debaixo da lança ? Sempre lhe guardou a vida muito melhor que os capitães e soldados da sua guarda.

Assim se viu n'aquelle noite, em que estando Saul em campanha, David occultamente entrou na tenda real ; e dormindo elle, lhe tomou da cabeceira a lança e com ella na mão bradou de fóra ao general Abner, que guardasse melhor o seu rei. Pois se Deus tinha dado esta licença a David, porque não usou d'ella ? Porque o mesmo Deus, que por uma parte lhe dava licença para que matasse a seu inimigo, por outra lhe atava as mãos para que o não fizesse. A licença de matar o inimigo era privilegio ; o não o matar, antes amal-o e fazer-lhe bem, era lei geral : e David teve por melhor guardar a lei sem obrigação, que usar do privilegio : porque se o privilegio o desobrigava de se não vingar do odio do seu inimigo, a pensão de pagar e agradecer a Deus a causa do mesmo odio era nova circunstância da mesma lei, que mais nobre e mais apertadamente o obrigavam a o amar e lhe querer bem. Como se dissera David : Qual foi a causa da inveja e odio com que me persegue Saul ? Foi aquella singular mercê que Deus me fez na victoria que em seu nome alcancei do gigante. Pois já que Saul é tão ingrato, que me paga tão grande serviço com me querer mal ; en hei de ser tão agradecido a Deus e a causa d'essa mesma ingratidão, que a hei de pagar com lhe fazer bem. *Inverso gratus officio* : disse com profunda elegancia S. Zeno Veronense.

Julgue agora todo o homem, se é causa dificultosa e impossível, antes muito facil e natural amar os inimigos : sendo este menor pensão dos benefícios de Deus, e os mesmos benefícios occasião d'esse odio. Pergunto : esses bens por que vos não querem bem vossos inimigos, quem vol-os deu ? Deus. Pergunto mais : e esse preceito de amar os mesmos inimigos, quem vol-o deu ? Também Deus. Pois se vossos inimigos não vos amam por amor dos bens que Deus vos deu, porque não amareis vós a esses inimigos por amor do Deus que vos deu os bens ? Se esses bens são poderosos para causar odio em quem os inveja : por que não serão poderosos para causar amor em quem os logra ? Igreja e não os queirais perder : porque quem não paga a penitência que o privem de beneficio. O mesmo David o disse assim e confessou diante de Deus : *Si reddidi retribuentibus mihi illa, decidam meritum ab inimicis meis inimicis* : se eu, Senhor, o dei a meus inimigos bem por mal, senão mal por mal, jus-

1 Reg. 26.

Caso em que
elle, tendo li-
cenza de tirar
a vida a Saul,
a não tirou.

Com o perdão
pagamos a
Deus os seus
benefícios.

Pt. 7.

tamente me derrubareis do estado em que me tendes posto, e me privareis e despojareis de todos os bens que me tendes dado. Reparemos muito n'aquelle *merito*, justamente. E qual é o fundamento d'esta justiça? E a lei do amor dos inimigos e de querer e fazer bem aos que nos querem mal. E como Deus nos da os bens com esta pensão e com esta obrigação, justamente são privados do beneficio os que não guardam a obrigação e pensão com que lhes foi dado.

*E assim Deus
acrescentará
os mesmos be-
nefícios.*

Pelo contrario, (notae muito o que quero dizer), pelo contrario, se guardardes a lei de amar os inimigos; não só vos não tirará Deus os bens, por que elles vos querem mal, senão que de tal sorte vos acrescentará os mesmos bens, que a vós se-rão premio do vosso amor e a elles castigo de seu odio. Lembra-me a este propósito um discreto e galante memorial, presentado ao imperador Domiciano, o qual dizia assim: Diz Marcial, que elle tem em Roma um inimigo, o qual se döe muito das merces que vossa majestade lhe faz. Pede a vossa majestade lhas faça maiores, para que o dicto seu inimigo se döa mais. Isto mesmo faz a justiça e liberalidade divina. Acrescenta os bens ao invejado para maior castigo e maior dör do inimigo invejoso. Para que a prova mostrasse a coherencia e consequencia natural d'este discurso, quiz que nol-a dësse o mesmo David e no mesmo Saul. Mas vindo à combinação do caso acabei que ainda prova mais do que eu tinha promettido: porque não só prova que acrescenta Deus os bens ao invejado para maior castigo e dör do invejoso: mas que diminui e tira tambem os bens ao invejoso para maior honra e vingança do invejado. Seja pois isto o que digo.

*Otro exemplo
de David*

1 Reis 21

Quando David dentro na mesma cova, em que tinha a Saul já sepultado antes de morlo, lhe perdoou a vida; disse-lhe Saul que então conheceu e soube de certo, que elle havia de reinar e Deus lhe havia de dar a sua coroa: *Scio quod certissime re-
gnaturus sis*: agora acabei de intender certissimamente que tu, e não eu, has de ser o rei. E d'onde colhei Saul esta consequencia tão certa? De duas premissas: uma da sua parte, outra da parte de David. Da sua parte, porque Saul dava mal por bem a David; da parte de David, porque elle dava bem por mal a Saul. E não podia haver mais justo premio para um, nem mais justo castigo para outro, que acrescentar os bens ao invejado para maior dör do invejoso: e tirar os bens ao invejoso para maior vingança do invejado. Não é isto interpretação de doutores, senão testo expresso da Escritura sagrada no capitulo terceiro do segundo livro dos Reis: *Facta est longa con-
cilio inter dominum Saul et dominum David: bouye grande com-*

pelencia entre a casa de Saul e a casa de David: *David profuscens, et se ipso semper robustior*: David e a sua casa sempre crescendo e cada dia mais forte: *Domus autem Saul decrescens quatuor*; e a casa de Saul sempre diminuindo e cada vez mais fraca. Para que vejam os que se amam a si e desejam o seu augmento e das suas casas, se é melhor ser inimigo como Saul, ou amar os inimigos como David.

E para que tambem n'este exemplo passemos dos solios aos estrados, onde não são menores os odios e as invejas; Elcaná, principe do povo de Israel, ao uso d'aquelles tempos tinha duas mulheres, uma chamada Anna, esteril como Rachel, outra chamada Phenenna, fecunda como Lia. Anna triste pela sua desgraça encomendava-se a Deus; mas não queria mal a Phenenna; Phenenna, soberba com a sua fortuna, desprezava e tractava mal a Anna. E qual foi o successo de ambas? Tambem é texto expresso: *Donec sterilis peperit plurimos, et quae multos habebat filios infirmata est*. Trocou as mãos a divina justiça; e a Phenenna tirou-lhe os filhos que tinha, e a Anna deu-lhe os que não tinha. Mas com tal proporção e energia da divina justiça, diz a tradição dos hebreos, que a cada filho que nascia a Anna, morriam dous a Phenenna. Concorda com esta tradição muito ajustadamente a mesma historia sagrada: porque d'ella consta, que os filhos que tinha Phenenna eram dez, e os que depois teve Anna foram cinco. De sorte que ao mesmo compasso com que Deus ia favorecendo e levantando a Anna, que não queria mal a Phenenna, ia justamente castigando e abalendo a Phenenna, que tratava mal a Anna; até que, a que carecia de filhos, teve muitos, e a que contava tantos, ficou sem nenhum: *Donec sterilis peperit multos, et quae multos habebat filios, infirmata est*. • Por tantas e tão poderosas razões fica logo provado e manifesto, que o preceito de perdoar aos inimigos, ainda que à primeira vista pareça tão difficultoso, não o é de facto para quem considera este perdão à luz da razão e da fé, e não o julga pela falsa apprehensão do mundo.

V. Ora vede, e notas muito. Estas e infinitas outras razões e motivos podera dar o Senhor para persuadir o que mandava no preceito: *Diligite inimicos vestros.* Ama a teu inimigo (podera dizer) para que elle tambem te ame: porque não ha modo, nem meio, nem diligencia, nem seifço mais effiz para ser amado, que amar. Ama a teu inimigo: porque se lle te offende com o seu odio, mais te offendes tu com o teu: Isto te melle no inferno, e o seu não. Ama a teu inimigo; porque amigos já os não ha; e se não amares os inimigos, estarás

Exemplo de
Anna, mãe de
Samuel.

t. Noy. 2

Estas e muitas outras razões podia allegar o Salvador para nos persuadir ao perdão dos inimigos.

ociosa a tua vontade, que é a mais nobre potencia, e privarás o teu coração do exercicio mais natural, mais doce e mais suave que é o amar. Ama a teu inimigo: porque o não ajudes contra ti; e tenhas deus inimigos, um que te queira mal e outro que te faça o maior de todos. Ama a teu inimigo: porque, se elle o faz com razão, deves emendar-te; e se contra razão, emenda-o. Ama a teu inimigo: porque se o seu odio vil é filho da inveja, mostre o teu amor generoso que por isso não é digno de vingança, senão de compaixão. Ama a teu inimigo: porque ou elle é executo da divina justiça para castigar a tua soberba, ou ministro da divina providencia para exercitar a tua paciencia e coroar a tua constancia. Ama a teu inimigo: porque Deus perdoa a quem perdoa; e mais nos perdoa Elle na menor offensa do que nós ao odio de todo o mundo nos maiores agravos. Ama a teu inimigo: porque as settas do seu odio, se as recebes com outro odio, são de ferro; e se lhes respondes com amor, são de ouro. Ama a teu inimigo: porque melhor é a paz que a guerra; e n'esta guerra a victoria é fraqueza, e o ficar vencido triumpho. Ama a teu inimigo: porque elle em te querer mal imita o demonio: e tu em lhe querer bem pareceste com Deus. Ama a teu inimigo: porque se o não queres amar, porque é inimigo, dével-o amar, porque é homem. Ama a teu inimigo: porque, se elle te parece mal, atinando-o tu não serás como elle. Ama a teu inimigo: porque as maiores inimizades cura-as o tempo; e melhor é que seja o medico a razão, que o esquecimento. Ama a teu inimigo: porque os mais empenhados inimigos dão-se as mãos se o manda o rei; e o que se faz sem descredito, porque o manda o rei; porque se não fará, porque o manda Deus? Finalmente, sem subir tão alto, ama a teu inimigo: porque, ou elle é mais poderoso que tu, ou menos: se é menos poderoso, perdoa-lhe a elle; se é mais poderoso, perdoa-te a ti. «E assim poderá Christo allegar outras razões.

Com tudo o divino Mestre e Legislador deixa todos estes motivos: e só diz: *Ego autem dico vobis: Diligit inimicos vestros.* amae os vossos inimigos, porque eu sou que o mando. • Pois se a divindade e humanidade de Christo tinha tantos motivos, ou conformes á natureza ou superiores a ella, com que nos persuadir o amor dos inimigos; «porque não allega senão este»: *Ego autem dico vobis?* Porque elle é o mais forte, o mais poderoso e o mais eficaz motivo de todos. Ajuntem-se todos os philosophos de Athenas, todos os oradores de Roma, e o que é mais, os prophetas de Jerusalem: façam discursos, inventem razões, exogitem argumentos, formem syllogismos, demonstrações e

evidencias para persuadir um homem a que ame seus inimigos : todos estes motivos comparados com um *Ego dico robis* de Christo, não pésam um atomo.

VI. Pesemos e consideremos bem o poder infinito da palavra de Deus, e veremos a autoridade immeosa d'aquelle *Ego dico*. Antes da criação do mundo não havia nada. Appareceu subitamente esta grande máquina que vemos, e quem a fez ? Aquelle que com a sua palavra pôde mandar ás criaturas, antes de existir e fazer que existam : *Ipse dixit et facta sunt*. Não havia céu ; disse Deus : Faça-se o céu; e fez-se o céu. Não havia terra; disse Deus : Faça-se a terra ; e fez-se a terra. Estava tudo ás escuras; disse Deus : Faça-se a luz ; e fez-se a luz. Pois se o dizer de Deus é tão poderoso, que de nada fez tudo e do não ser tirou o ser de todas as cousas ; que motivo podia, nem pôde haver tão poderoso para que de não ser amigos nos fizesse ser amigos, como *Ego dico*? Quem é este *Ego*? É Deus, infinito ser: é Deus, infinita sabedoria; é Deus, infinita verdade. Pois se uma só palavra do mesmo Deus, *Ipse dixit*, bastou para dar todo o ser ao não ser; porque não bastará para que sejamos o que elle quer, depois de elle nos dar o ser que temos?

Véde o que fizeram todas as criaturas depois de Deus lhes dar o ser; bastando, para que o fizessem, outro dizer sómente do mesmo Deus. Disse Deus á terra que produzisse as plantas sem outra semente ou agua que a regasse, mais que a mesma palavra; e no mesmo poncio os montes, os valles, os campos, se vestiram todos de verde: nasceram ás herbas, brotaram ás flores, levantaram-se ás arvores com os ramos cobertos e sombrios de folhas, e carregados de tanta variedade de fructos. Disse Deus ao elemento da agua que produzisse os peixes e as aves; e logo começaram a nadar nas mesmas aguas o vulgo dos peixes menores em cardumes de tão diversas cores e figuras, uns bicos, outros encrespados de escamas, e no pego mais profundo ás boleias e os outros gigantes e monstros do mar, como galeças da natureza, remando com as barbatanas e batendo ou escutando ás ondas, como senhoras d'ellas. As aves, ou pintadas de diversas cores, ou vestidas de uma só, com liberdade de vagar por tres elementos; umas mais affectas á patria onde nasceram, habitaram ás ribeiras, os rios, os lagos; outras fabricaram seus ninhos na frescura das arvores, outras nos cerros mais altos, em quanto não havia torres; e todas recobraram por sua rainha a aquia; porque só ella vôle e sobe direita até a esconder nas nuvens. As feras que povoaram os bosques, as serpentes que arrastando saíram das covas, e os rebanhos inno-

A palavra de
Christo como
Dona dão o seu
Reino ás
cousas.

P. 16.

E das ilhas engrapadas
que juntaram os
seus effectos,
Pois tanto é que
nossa efficaçõe
mostrou de
perdida

centes e pacíficos que cobriram e secundaram os prados, também foram parte de um só dizer de Deus à terra. E como do dizer de Deus dependem as existências, «os actos e as qualidades das coisas», para os homens amarem a seus inimigos, como Christo lhes mandava, nenhuma razão ou motivo podia Christo allegar nem mais eficaz, nem mais forte, nem mais irrefragável, que dizer: Eu o digo: *Ego autem dico vobis.*

A palavra de
Deus
motivo da fé e
da caridade.

Houve-se Christo (notae muito) com as nossas vontades para o amor dos inimigos, como se ha com os nossos intendimentos para os mysterios da fé. Se perguntarmos aos theologos, qual é o motivo por que cremos os mysterios da fé sem nenhuma dúvida, respondem todos com S. Paulo, que o motivo (a que elles chamam objecto formal) é, *porque Deus o disse.* Todas as outras razões (que também se chamam manuducções) bastam para conhecer o intendimento com evidencia, que os mysterios da fé não são incriveis; antes, que evidentemente são mais críveis que tudo o que propõem as seitas e erros contrarios: mas para fazer um acto verdadeiro e sobrenatural de fé, não ha nem pôde haver outro motivo, senão porque Deus o disse. De maneira que, quando Christo para persuadir o amor dos inimigos disse sómente *Ego autem dico vobis;* quiz por modo altissimo e verdadeiramente divino, que o que é unico motivo da fé, fosse também unico motivo da caridade; e que a mesma caridade nas repugnâncias d'este amor nos captivasse as vontades; assim como a fe nas dificuldades dos seus mysterios nos captiva os intendimentos: *In captitatem redigentes omnem intellectum in obsequium Christi.*

2. Cor. 10.
Aplicação ao
misterio da
SS. Trindade.

Uma das maiores dificuldades da nossa fé é o mysterio altissimo e profundissimo da Sanctissima Trindade em que confessamos a Deus por Trino e Um. Creio que o Padre é Deus, creio que o Filho é Deus, creio que o Espírito Sancto é Deus; e crendo juntamente que estas tres pessoas são realmente distintas, creio outra vez e mil vezes que a Pessoa do Padre Deus e a Pessoa do Filho Deus e a Pessoa do Espírito Sancto Deus, não são tres deuses, senão um só Deus. E alcanga, ou comprehende o meu intendimento como isto pôde ser? Não. Pois se o não intendo, nem o alcango, como o creio e com tal certeza que daria por ella a vida? Porque Deus o disse: *Tres sunt qui testimonium dant in celo, Pater, Verbum et Spiritus Sanctus; et hi tres unum sunt.*

1. John. 3.
E no mysterio
da Eucaristia

Outra grande dificuldade da fé, e mais sensivel ainda, é o mysterio occultissimo e patente do Sanctissimo Sacramento do altar. A vista diz que vê pão, o olfacto que cheira pão, o gosto que gosta pão, o tacto que apalpa pão, e até o ouvido, quando se

parte a hostia, que ouve pão; e eu rindo-me dos meus próprios sentidos e do testemunho conteste de todos cinco, creio que ali não ha substancia de pão; e que a substancia, que debaixo d'aqueles accidentes se oculta, inleira e perfeita em qualquer parte minima d'elles, é todo o corpo de Christo. E porque creio firmíssimamente tudo isto, que não vejo nem sinto, contra o que parece que estou sentindo e vendo? Porque o mesmo Christo o disse : *Hoc est corpus meum.* Pois assim como este unico dizer de Christo é uma razão sobre todas as razões, um motivo mais poderoso que todos os motivos e uma mysteriosa escuridade mais clara que a luz do sol, para eu crer e defender até à morte o que elle disse; assim o mesmo Senhor e Legislador divino para persuadir e estabelecer nos corações dos homens o amor dos inimigos contra todas as dificuldades, repugnâncias e rebeldias da nossa inclinação não podia, nem devia allegar outras razões, outros motivos, ou outras evidencias mais fortes, que dizer: Amae a vossos inimigos, porque eu sou que o digo: *Ego autem dico vobis.*

VII Vencida a dificuldade do preceito «com a força de tantos motivos e sobretudo do principal entre elles, segue-se a sublimidade do exemplo com que o divino Mestre conclui a sua doutrina e desperta o nosso brio.» Amae e fazet bem a vossos inimigos, diz Elle, para que sejais filhos de vossa Pae que está no céu, o qual faz nascer o sol sobre os bons e sobre os maus, e descer a sua chuva sobre os justos e sobre os injustos: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in caelis est, qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos.* Os bons e os justos são os amigos de Deus; os maus e os injustos são os seus inimigos; e é tal a bondade e beneficencia do mesmo Deus ou com amor ou com odio, que aos amigos e inimigos sem diferença communica os seus thesouros. Se nasce o seu sol, para todos nasce; se desce a sua chuva, para todos desce. Bem podera Deus fazer que só para os bons e justos houvesse laz, e para os maus e injustos trevas, como no Egypto os hebreus estavam alumadios e os egypcios ás escoras. E do mesmo modo, como lhe pedira o real propheta David, bem podera negar a chuva aos montes de Gelboé e dal-a abundantemente aos outros montes. Mas posto que os bons e os justos sejam os seus amigos, e os maus e os injustos os seus inimigos, sobre o que lhe merecem ons e sobre o que lhe desmerecem os outros quer que assentem igualmente os seus benefícios n'esta vida mortal.

Deixado porém o sol no céu e a chuva nas nuvens, passemos à terra, e a toda a terra, onde moram os inimigos de Deus

Sublimidade
do exemplo que
Christo nos
propõe ao amar
Pao.

Moral.

Como Deus
neste mundo
trata os seus
inimigos.

e onde se vêem mais varia e opulentamente beneficiados de sua mão. Em todo este mundo quantos são os amigos de Deus e quantos os seus inimigos? Os amigos são muito poucos, e os que se conservam em sua amizade e graça sem cair em seu odio, rarissimos. Pelo contrario os inimigos de Deus e os que vivem perpetuamente em seu odio são sem numero. Estes são os hereges e os scismaticos, estes os mahometanos e os judeus, estes os gentios e os ateus, estes os apostatas e maus christãos. E a insolencia de todos estes, armados do odio que teem ao Supremo e Eterno Deus, está sempre subindo e fazendo guerra ao céu, á escala vista, com as suas ingratidões, com as suas injurias, com as suas affrontas, com as suas blasphemias de pensamento, de palavra, de obra: *Superbia carum qui te oderunt, ascendit semper.* E quem é o que lá desfaz ou suspende estas tremendas exhalações e vapores «da soberba humana», para que não desçam sobre o mundo em raios «de vingança», senão o braço ou coração do mesmo Deus com as indulgencias do seu odio? Elle é o que os soffre; elle é o que os dissimula; elle é o que tem mão em si e na sua justa ira. Mas não pára aqui. Este mesmo Deus que aos seus inimigos deu o ser, antes de o poderem ter merecido, lhes dá a vida, lhes conserva a saude, lhes acrecenta as riquezas, as horas, os estados, os reinos e os imperios: como se para a distribuição dos bens ou da natureza ou da fortuna (sendo elle Senhor de ambas) os bons e os maus todos foram bons, os justos e os injustos todos foram justos, e os amigos e os inimigos todos foram amigos. É verdade que nos affectos de odio ou amor de Deus ha a diferença de amados ou aborrecidos: mas nos effeitos da beneficencia do mesmo Deus são n'este mundo tão favorecidos e tão inimigos uns e os outros, como se os amados e aborrecidos todos foram amados.

*De que modo
Deus nos favo-
cava a Jacob
mostrando Jacob*

M. 2.

Rom. 22.

Bens de amigos.

O propheta Malachias fallando em nome de Deus, ou Deus falando por boeca do mesmo propheta diz: *Dilexi Jacob, Esau autem odio habui:* eu amei a Jacob e tive odio a Esaú. E S. Paulo escrevendo aos romanos, e fallando Deus pela sua pena, repele a mesma sentença pelas mesmas palavras: *Jacob dilexi, Esau autem odio habui.* De sorte que em dous textos, um do Testamento velho e outro do novo, temos expresso o odio de Deus e o amor de Deus, e as pessoas uma amada e outra aborrecida, não ocultas, senão declaradas por seu proprio nome Jacob e Esaú. Agora vamos á historia sagrada e vejamos o que fez Deus a Esaú com odio de Esaú, e o que fez a Jacob com amor de Jacob.

O que mais estima a felicidade humana é vida, riqueza, hon-

ra. Quanto á vida, assim como Jacob e Esaú nasceram na mesma hora, assim acabaram a vida da mesma idade; e essa tão extendida, que não se podiam queixar da morte. Quanto á riqueza, ambos cresceram tanto na multiplicação e fecundidade dos gados que creavam os seus pastores (e eram as minas e thesouros d'aquelle bom tempo), que por não caberem no campo foi necessário que as duas poderosas famílias se dividissem, como dividiram, habitando e dominando Jacob as terras de Canaan, e Esaú as de Edom e Seir. Aliás aqui nem o ódio nem o amor de Deus se distinguiram nos efeitos, e o odiado e o amado continuaram a sua peregrinação (quo assim lhe chama a Escriptura), tão irmãos na fortuna como no sangue.

Mas vindo ao ponelo da honra, que é o de maior estimação e reparo, tendo já as duas famílias crescido a ser duas nações ou duas gentes (como Deus revelou à mãe de ambos, quando ainda os trazia no ventre: *Duae gentes sunt in utero tuo*); foi muito notável a grandeza e majestade com que a descendência de Esaú por mais de quinhentos annos se avantajou á de Jacob. Trocando o nome de Edom, chamaram-se os descendentes de Esaú idumeus: e governando-se toda a nação umas vezes como republica, outras como monarquia, sempre os descendentes e netos de Esaú foram os principes soberanos d'ella, ou na república com título de duques, ou na monarquia com majestade e coroa de reis. E posto que em similhantes sucessões costuma haver muitas mudanças e quebras, esta foi tão continuada de pais a filhos sempre no mesmo domínio, que quando Moysés escreveu no cap. 36 do Genesis já o numero dos duques tinha sido onze e o dos reis coroados nove. E o que de nenhum modo se deve passar em silêncio é, que o segundo d'estes reis bisneto de Esaú, ainda em sua vida, foi o famosissimo Job, que tanto pela constância na adversa fortuna, como pela moderação na prospera, podia fazer insigne e memorável qualquer rei dos maiores do mundo. E quem poderá esperar nem imaginar tæs excessos de felicidade na pessoa e descendência de um homem, do qual disse o mesmo Deus que lhe tinha ódio: *Tan odio habur?*

O reparo, porém, mais notável e digno de admiração n'esta literaria é a advertencia e reflexão com que a Escriptura sagrada começa a escrever o catalogo dos reis descendentes de Esaú: *qes autem qui regnauerunt in terra Edom, antequam haberent eum filii Israel, fuerunt hi.* Quer dizer: Estes foram os reis dos de Esaú, antes que os filhos de Jacob tivessem rei. Portanto que não ha outra similar reflexão em toda a historia sagrada. Primeiramente Moysés não podia notar esta dife-

Esaú herrado
nos seus des-
cendentes.

Gen. 25.

Começa a Escritura
para escrever o
seu catalogo.

Gen. 26.

rença sem particular revelação de Deus: porque quando os filhos de Jacob tiveram o primeiro rei, que foi Saul, havia de ser mais de quinhentos annos depois d'este tempo. Pois por que razão, ou com que mysterio, fez Deus esta revelação a Moysés e lhe mandou fazer esta reflexão e notar esta grande diferença entre os filhos de Esau e os filhos de Jacob em materia tão relevante de gerações do mundo, qual é ter reis ou não ter reis? Para que intedessem os que isto haviam de ler que o odio de Deus n'este mundo é tão benéfico, tão generoso, tão heroico e tão inclinado a fazer bem a seus inimigos, que não só pode competir com o amor do mesmo Deus em respeito de seus amigos; mas adiantar-se e vencel-o em matérias de tanto preço e tanto peso, como foram n'este caso a dignidade real e o tempo d'ella. O tempo, quanto vai de quinhentos annos antes a quinhentos depois: a dignidade, quanto vai de ter reis e tantos reis a não ter reis. Isto é o que o odio de Deus a Esau fez a Esau; e isto o que o amor de Deus a Jacob não fez a Jacob «por tantos annos, posto que depois lhe deu a terra de promissão». Tão heroica é a beneficencia de Deus em preferir «quanto aos bens d'este mundo até os inimigos aos amigos, ainda sobre a confissão expressa do amor que lhe mereceram os amigos e do odio que tem aos inimigos: *Jacob dilexit, Esau autem odior habuit.*

*A teologia
é um exemplar
de perfeição
facil de imitar.*

*Doctrina de
Santo Thomaz*

Sec. 2.

VIII E porque nós não podemos imitar o exemplar de Deus, como n'este caso, em dar sceptro e corôas, «concluimos» o nosso discurso com outro acto não menos heroico nem menos generoso, senão mais. E qual é ou pode ser este acto? «A incarnação do Verbo divino pela qual podemos ser filhos do Pae celeste: *Ut situs filii Patris restri qui in carnis est.*» Attenção.

É theologia certa que Deus podia remir o genero humano por um homem, ou por um anjo. E porque se deliberou e derretou no consistorio divino que o remisse Deus por si mesmo? Porque o pecado de Adão na desobediencia não só offendeu a soberania de Deus, senão que direita e mais formalmente offendeu a sua divindade, querendo e crendo que podia ser como Deus: *Eritis si ut dm.* E como a divindade n'aquelle caso foi a mais offendida, à mesma divindade pertencia o perdão e o remedio do inimigo que o offendeu; e por isso o mesmo Deus foi o redemptor. Assim o resolve e ensina toda a mesma theologia com o doutor angelico Sancto Thomaz; «e assim quiz Deus tanto à sua custa perdoar a seu inimigo.» Mas ainda aqui não está totalmente satisfeita a fineza do divino exemplar. Na divindade o Padre é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus; e tão offendido foi Deus no Padre, como no Filho; tão

offendido no Filho, como no Espírito Santo; e tão offendido no Espírito Santo, como no Padre. Porque foi logo o Redemptor não a Pessoa do Padre, nem a do Espírito Santo, senão a do Filho? Pela mesma razão. O atributo em que Adão quiz ser similar a Deus foi na sabedoria de todas as cousas: *Eritis sicut dii, scientes bonum et malum.* Assim o disse o demônio; e assim o creu e quiz Adão. Ao poncio agora. Nas tres Pessoas divinas da Sanctissima Trindade, ao Padre atribui-se a omnipotencia, ao Filho a sabedoria e ao Espírito Santo a bondade; e como na Pessoa do Filho, a que se attribui a sabedoria foi maior e dobrada a offensa do peccado de Adão, uma vez offendido na divindade, outra vez offendido na sabedoria; por isso foi também no mesmo Filho maior e dobrada a misericordiosa obrigação de ser elle, e não outra Pessoa divina, o que procurasse o perdão, o remedio e todo o bem do mesmo Adão que o offendera.

Finalmente porque este exemplo de havermos de amar e fazer bem aos inimigos, quanto mais offendidos d'elles, se acabe de verificar em Deus na Pessoa do Filho, esse foi o altissimo mysterio com que o mesmo Filho, em quanto homem, pondo nos por exemplo a Deus acrescentou que o baviamos de imitar como filhos do mesmo Pae; que é fazendo o que a Pessoa do mesmo Filho fez «como Deus e como homem, não só quando incarnou vestindo-se da uossa fragilidade para remedio das nossas culpas, senão tambem quando morreu implorando perdão para os seus crucificadores: *Pater dimitte illis, non enim scunt quid faciunt.* Imitando, pois, taes exemplos, seremos verdadeiros irmãos de Jesus Christo, e por conseguinte verdadeiros filhos do Pae celestial, porque imitamos Áquelle que *solem suum trahi facit super bonos et malos;* e porque imitamos ao nosso tão primogenito que *peccata multorum tulit et pro transgrediibus rogarit.*

IX Agora para confusão e affronta dos que, com nome de cristãos, não obedecem á fé «d'este preceito, d'este motivo, este exemplo, deixae que remate o meu discurso repetindo e aplicando a queixa que Deus fez por boca de Jeremias contra israelitas.» Quando Nabuchodonosor veio sitiaria a cidade de Iusalem em tempo d'el-rei Joakim, havia trezentos annos que os desertos vizinhos habitavam como ermitões uns pastores imados Rechabitas; os quaes por temor dos inimigos se refugiam á cidade. Então falou Deus ao propheta Jeremias e disse que hospedasse um dia aos Rechabitas em um cenario do templo; e quando estivessem á meza lhes dissesse que bebessem do vinho que n'ella lhes teria preparado. Fez-o assim

Mystério da morte do Salvador.

Lvc 13.

Pa. 53.

Os Rechabitas que confundem aos israelitas, a os turcos que confundem aos christãos.

o propheta ; mas elles responderam que não podiam nem haviam de beber vinho: porque Jonadab, filho de Rechab, de quem traziam o nome e a origem, lhes tinha prohibido. Ouvida a resposta, esperava Jeremias o mysterio e sim com que Deus lhe mandara fazer aquella experiecia; e a declaração do enigma, ou a segunda parte da parabola, foi que o mesmo Jeremias mandasse chamar os magistrados da cidade, e que com aquello exemplo á vista lhes notificasse a grande razão com que Deus tinha chamado o exercito de Nabucodonosor, executor de sua justiça, para a destruição e captividade de Jerusalém. As palavras da consequencia e comminatio divina foram estas: É possivel, diz Deus, que tão pouco respeito e tão pouca obediencia se ha de guardar em Jerusalém ao que eu digo? Com os filhos de Rechab, moabitas e gentios, poderam tanto as palavras de Jonadab, que prohibindo-lhes uma cousa que é licita a todos os homens, haveria tantos centos de annos, a observam sempre até hoje ; e que eu falando aos filhos de Israel desde pela manhã até noite e prohibindo-lhes o que não é licito a nenhum homem, nenhum caso façam do que lhes digo ? Tanto respeito ao que diz Jonadab, e tão pouco ao que diz Deus? «A mesma queixa e com maior de razão Deus faz agora dos christãos confrontando-os com os Rechabitas. Com os Rechabitas digo? Antes com gentios muito peiores, quaes são os lurcos». Pois o mesmo preceito de não beber vinho, que poz Jonadab aos Rechabitas, poz Masoma aos seus sequizes. E que maior vergonha e affronta da christandade que resistir o fisco ao seu appetite e á sua sede, porque o manda o Alcorão e o disse Masoma ; e não mortificar o christão a sua paixão da ira e o seu odio, porque o prega o Evangelho e o diz Christo? «Mas ha ainda mais.»

Antes os christãos que se confessam com bons pratos actos.

Não é necessario ir tão longe nem sair de casa «para o christão se envergonhar da sua rebeldia. Os seus proprios actos o confutam e cobrem de vergonha». Dizei-me : E se estais tão offendido e tão aggravado de vosso inimigo, porque vos não vingais? Por me não perder. Bem. E porque beijais aquella mão que desejais ver cortada? Porque depende d'ella. Melhor. E porque lisonjeais com a boanca este e aquelle que aborreceis com o coração? Porque assim importa ás minhas conveniencias. Pois o que fazéis por essa politica vil, baixa e infame, não o fareis porque o manda Christo? «E sois christãos? E crèdes no Evangelho? E esperais a herança dos filhos de Deus? E todos os dias chamais a Deus vosso pae? E o que é mais para lastimar, todos os dias o empenhais a perdoar-vos as vossas dividas assim como vós perdoais aos vossos devedores? Senhores e christãos da minha alma, mais coherencia entre as conclusões e os

princípios, entre as obras e as palavras, entre a vida e a profissão. Provado temos que o preceito de amar os inimigos não é tão difficultoso como á primeira vista nos parecia. Mas fosse embora difficultosíssimo. É Christo que manda este amor: *Ego autem dico vobis; e para comprir um preceito de Christo não ha difficultade que não se deva e não se possa vencer. Omnia possibilia sunt credenti*: Tudo é possível a quem crê e confia na graça do mesmo Senhor: tudo é possível a quem o ama de coração: tudo é possível a quem intende a virtude e omnipotencia d'aquellas palavras: *Ego autem dico vobis diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos; ut sitis filii Patris vestri qui in cælis est.*»

Marc. 9.

. Ed. ant. tom. 11.^o pag. 96, ed. mod. tom. 8.^o pag 263



II. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1651

SERVAVIÇÃO DO COMPILADOR—Este discurso prima no artificio oratório, na riqueza da elocução e na liberdade apostólica com que Vieira pregava à corte sem rebuço nem lisonja as verdades do Evangelho. É um dos sermões que mais revelam o genio do orador.

Ego autem dico vobis: Diligitе inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos.

MATTH. 5.

Que depressa nos leva a Egreja a Deus e com toda a alma! Anteontem nos excitou a memoria, hontem nos illustrou o intendimento, hoje nos aperfeiçoa a vontade. Excitou-nos a memoria na lembrança da morte: *Memento homo quia pulvis es.* Ilustrou-nos o intendimento com o maior exemplo da fé: *Non inihi tantam fidem in Israel.* Aperfeiçoa-nos a vontade com o mais heroico da caridade, que é o amor dos inimigos: *Dilecte inimicos vestros.* Este acto, como tão singular da lei e tão próprio da perfeição christã, será o assumpto unico de todo o discurso. E posto que a materia do amor dos inimigos seja batida; o que determino tratar hoje, é uma questão muito grande e muito propria d'este lugar.

Claro está que quando Christo disse: *Ego autem dico vobis: Dilecte inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos;* não só a devoção do povo, mas também as altezas e majestades por mais elevadas e soberanas que sejam, se intenderem e comprehendem dentro d'aquele *vobis;* e todas igualmente, como os outros christãos, sem dephuma exceção, nem privilegio, estão sujeitos ao efeito de Christo e obrigados a amar os seus inimigos e a fazer bem. • Basta examinar o fundamento d'esta obrigação para estar na primeira palavra do texto: *Ego autem dico vobis.* Eu. E quem é esse Eu? Não é Platão, nem Lycurgo, nem

Como a Egreja prepara os fiéis ao princípio da Obediencia

MATTH. 5.

Ora mais estes
sujectos a obrigações como os
outros homens ao preceito de
amar os inimigos. Qual o
fundamento d'esta obriga-
ção.

Noma Pompilio, cujas leis comtudo por serem racionaes as veneravam e obedeciam todos os reis que alcançaram fama de justos; mas é aquelle Eu que disse a Moysés: *Ego sum qui sum: Eu sou o que sou.* O que só tem o ser de si e o deu a todas as cousas. Aquelle Eu que faz os reis, e tambem os desfaz, quando elles não fazem o que devem: *Per me reges regnant.* Aquelle Eu que traz escripto na orla da opa real: *Rex dos reis e Senhor dos senhores: Rex regum et Dominus dominantum.* Aquelle Eu de quem os reis são mais subditos do que os vassallos dos reis; porque os reis todos receberam o dominio e jurisdição da mão e consenso dos povos; e se conservam em si e perpetuam na sua posteridade o mesmo poder e soberania, é por mercê e à merecê de Deus, em quanto elle for servido e com um aceno da sua vontade não mandar o contrario. E este Eu, *Ego autem dico vobis,* este Eu e o que diz a todos sem distinção, nem excepção de pessoas ou dignidades: *Dilegit inimicos vestros:* para que intendam os reis da terra e de terra, que este e qualquer outro preceito de Deus o devem receber não pezadamente, senão com alegria e observar com temor e tremor: *Et nunc reges intelligite: crudelimi qui iudicatis terram: servite Dominum cum timore et exultate ei cum tremore;* sob pena de que se elles não amarem os inimigos, Deus os terá por inimigos a elles, e os destruirá, e perecerão como taes: *Ne quando trascuratur Dominus, et pereat de via iusta.*

*Porquê Jacob
não deu a ben-
ção da realeza,
nem a Rubem,
nem a Simeão,
 nem a Levi*

Gn. 49.

Caso notável é que repartindo Jacob na hora da morte a bênção que tocava ou havia de tocar a cada um dos seus filhos, a do sceptro e coroa de Israel a deu e collocasse ao quarto. Este quarto filho era Judas do qual descendiam os Davis, os Salomões e os outros reis do reino por isso chamado de Judá, e do qual também desceu Christo. Mas porque razão? O reino é a primeira bênção, segundo o uso dos patriarchas e conforme à lei natural que ainda hoje se observa, pertencia ao primogénito, que era Rubem. E posto que Rubem perdeu este direito e se fez indigno da coroa pela gravíssima injúria que cometeu contra seu pai no incesto que todos sabem, a Rubem seguiu-se com o mesmo direito Simeão, que era o filho segundo, e a Simeão se seguiu Levi, que era o terceiro. Pois porque não deu Jacob a bênção e a investidura do reino, nem a Simeão, nem a Levi, senão a Judas; o devendo desherdado d'aquele grande e supremo morgado ao segundo e terceiro filho, o assentou e instituiu no quarto? Não é necessário que o digam doutores ou expositores; porque na bênção de ambos os desherdados dá o mesmo testo e o mesmo Jacob a causa: *Simeon et Levi fratres, vasa iniquitatis bellantia: in constitutum eorum non renuntiavit*

anima mea, et in coetu illorum non sit gloria mea: quia in furore suo occiderunt virum, et in voluntate sua suffoderunt murum. Maledictus furor eorum quia pertinax et indignatio eorum quia dura. Simeão e Levi foram aquelles dous irmãos, que para vingar a injuria que o principe Sichem tinha feito a sua irmã, mataram ao mesmo Sichem e a todos os sibimilas, e lhe destruiram e assolararam a cidade. E homens tão duros de coração, homens tão furiosos, pertinazes e vingativos (posto que a causa parecesse justificada) não só não são dignos de reinar, nem de ter supremo domínio sobre os outros homens, mas merecem justissimamente que, se por outra qualquer via lhe pertence o sceptro e a coroa, de nenhum modo e em nenhum tempo a lo-grem: antes sejam para sempre privados e desherdados do reino; como eu com a minha maldição em nome de Deus os desherdo Isto disse e fez Jacob, desherdando e privando do reino aos dous filhos, a quem de direito pertencia, só por serem vingativos e não perdoarem agravos.

De tão longe ia Deus estabelecendo e fundando já o preceito que havia de promulgar por sua própria boca; ensinando com tão grandes e temerosas experiencias aos reis, que, quando dissesse *Ego dico vobis*, tambem fallava com elles. E notem os que de presente reinam que com muito maior razão lho diz hoje Christo do que o disse antigamente; porque aquelle Eu ainda então não era o que hoje é. Era Deus, era supremo Legislador, era Rei dos reis; mas ainda não era Rei que tivesse pedido perdão pelos que o crucificavam, nem Rei que tivesse tomado por título Rei dos que lhe tiraram a vida. Lendo Sancto Agostinho no título da cruz *Rex Iudeorum*, admira-se muito de que Christo tomasse título de Rei dos judeus, sendo rei de todo o mundo e de todas as nações d'elle. Nas letras hebraicas, gregas e latinas em que estava escrito o título, e que eram as mais universaes, se significava o dominio, que tinha o rei crucificado, sobre todas as nações. Pois se Christo era Rei de todo o mundo e de todos os homens, porque toma só por título o de Rei dos judeus? Porque ainda que era Rei de todos, só os judeus foram aquelles que lhe tiraram a vida; e onde foi maior o amor dos inimigos, alli assentou melhor o título de Rei. Rei de todos, Redemptor de todos e o que perdoou os peccados de todos: mas dos judeus de que recebeu os maiores agravos; dos judeus que lhe tiveram maior odio; dos judeus que mais que todos foram seus inimigos; d'esses particularmente Rei: *Rex iudeorum*. Para que acabem de intender os que são e se chamam reis, que não só pelo preceito que lhes puz, senão pelo exemplo que lhes dei, e para perpetuarem os seus reinos, como

O exemplo do
Christo obriga
hoje aos da mis-
ão a ten claus-
tos. Porque
Christo tem o
o domínio de Reis
dos Judeus.
Admiração de
S. Agostinho.

eu eternizei o men, todos sem excepção são obrigados ao amor dos inimigos e todos a fazer bem aos que lhes tiverem odio: *Dilegitate inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos.*

Objecto do novo assumpto de este sermão.

Pergunta que fez a Christo um doutor da Igreja, e pergunta que se podia fazer ao orador.

A resposta a esta pergunta é díficil, e para prova, mas nem por isso se deve dissimular.

«Porém essa obrigação que tem os reis, como todos os outros christãos, é verdade muito certa e muito sabida, e por isso não pôde ser o objecto do novo assumpto que eu pretendo tratar. Qual será, pois, este objecto?» Saber e distinguir quem são os inimigos dos reis.

Perguntando um doutor da lei a Christo Senhor nosso que havia de fazer para se salvar, respondeu o Senhor que amar a Deus sobre todas coisas e ao proximo como a si mesmo. Porém o doutor para se justificar, como diz S. Lucas, d'esta mesma resposta de Christo levantou outra questão dizendo: Bem está que seja eu obrigado a amar o meu proximo; mas esse meu proximo quem é? O mesmo digo eu, ou me podem dizer e perguntar a mim. Bem provado está que os reis tem obrigação de amar a seus inimigos; mas esses inimigos quem são?

A resposta não é facil; antes tal e de tão mau gosto, que se encontra como devo, também pôde grangear inimigos. «Comtudo não a dissimularei; pois a religiosidade dos nossos reis me deu sempre a liberdade que me é necessaria para o desempenho do ministerio apostolico. Portanto com os olhos no Soberano Mestre e Legislador que me é testimonha de que só quero a sua gloria e o bem das vossas almas, direi a verdade» com a graça do mesmo Senhor e sem lisonja de nenhum outro, «declarando desassombroadamente quaes são os inimigos dos reis, e como estes os devem amar para cumprir com o preceito de Christo: *Dilegitate inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos.*

II. Quaes são, pois, os inimigos dos reis? Começando pelos de mais longe, parece que os inimigos dos reis são os que lhes impugnam o reino e os que lhes sitiaram as cidades, os que lhes infestam os mares, os que lhes roubam as conquistas e os outros que por qualquer modo lhes fazem guerra. Mas estes não são os de que mais propriamente fala Christo. Os que nos fazem guerra (posto que a nossa lingua equivocamente lhes dá o mesmo nome) não se chamam propriamente *inimicos*, chamam-se *hostes*. *Inimicos* são os inimigos por inimizade e odio, como costumam ser os de dentro; *hostes* são os inimigos por hostilidade & por guerra, que só podem ser os estranhos e os de fora. Isto posto, Tertulliano teve para si que nenhum christão podia ser hoste: *Christianus nullus est hostis*. E persistindo coerentemente n'este seu parecer, chegou a afirmar que nenhum rei podia ser christão, nem algum homem que fosse christão podia ser rei: *Si christiani caesares esse possunt, aut caesares chri-*

stiani. E que fundamento teve, ou podia ter, este antiquissimo autor e de muito são e profundo juizo em outras materias (ao qual S. Cipriano chamava mestre) para ensinar uma doutrina tão alheia do que hoje se practica em toda a christandade? O fundamento que teve foi o exemplo da humildade e paciencia de Christo, persuadindo-se que as armas do christão não podiam ser a espada, que o mesmo Senhor mandara embainhar a S. Pedro, senão a mansidão e paciencia. E como via, pelo contrario, que á obrigação e officio dos reis e imperadores eram necessarias as armas e os exercitos para defender seus estados e vingar as injurias que lhes fizessem ou intentassem fazer seus inimigos; esta mesma vingança dos inimigos julgou que os excluia da lei do Evangelho e os fazia incapazes de ser christãos; delinuindo, como por conclusão evidente, que todo aquelle que por este modo fizesse mal a seus inimigos e por consequencia os não amasse, se fosse rei não podia ser christão; e se quizesse ser christão, havia de deixar de ser rei. Este erro de Tertulliano (que ainda hoje seguem os herejes anabaptistas) se refutou e desfez publicamente d'ahi a cento e vinte annos com a conversão e baptismo do imperador Constantino Magno, que foi o primeiro principe christão que houve no mundo: o qual contudo, sendo convertido pelo mesmo successor de S. Pedro, nem por isso desistiu da guerra e emprezas militares; armando, como d'antes, exercitos, dando batalhas, alcançando victorias, conquistando cidades e provincias. Nem d'aqui se segue que elle, ou outro imperador e rei christão, podesse ter odio a seus inimigos e fazer-lhes mal: porque (como bem supunha Tertulliano n'esta parte) seria obrar diretamente contra o preceito expresso de Christo, que manda amar e fazer bem a todos e quaesquer inimigos.

Mas se esses reis christãos na invasão das terras de seus inimigos talam os campos, arrasam castellos, escalam cidades e derramam tanto sangue, matando homens a milhares, como podem fazer tudo isto e amar junctamente aos mesmos seus inimigos? Eu o direi; e respondo a uma pergunta com outra. Quando o legitimo juiz, segundo o merecimento dos autos, condena á morte e á confiscação de bens um réu, e manda executar n'elle a sentença, pôde fazer isto sem odio? É certo que não só sem odio, senão amando muito ao mesmo homem e não procedendo áquelle rigor senão muito a seu pezar, e obrigado sómente das leis da justiça, de que é ministro. Pois do mesmo modo obra o rei christão na guerra que faz a seus inimigos: porque n'aquelles casos elle e só elle é o legitimo juiz. Qual cuidais que é a maior dignidade e auctoridade do rei? Por ven-

Os reis christãos
podem
e devem amar
os seus inimigos
de guerra,
ainda que pro-
curam des-
truir-os

tura o domínio e superioridade suprema sobre tantas cidades e povos de quantos se compôi um reino e muitos reinos? Não. A maior auctoridade e soberania dos reis é que nas controvérsias com outros príncipes estranhos elles sejam e Deus fiasse d'elles o serem juizes em causa propria. E como os reis são juizes, e juizes postos por Deus em seu lugar; assim como o juiz inferior pôde sentenciar o reu a perdimento da vida e da fazenda sem odio, antes com amor, assim o rei na guerra justa e julgada por sua propria auctoridade, pôde mandar matar e despojar seus inimigos, amando-os jucilmente e observando o preceito de os amar: *Dilegit inimicos vestros.*

*E cum iustis
et a guerra e
iustis. Restaram
bem.*

Acto 12

Mas Christo não só manda que amemos aos inimigos, senão que lhes façamos bem: *Et benefacite his qui olerunt vos.* Pois se o rei christão com a guerra e hostilidade d'ella faz a seus inimigos o maior mal d'esta vida, antes os dous maiores males, que é despojar os dos bens que possuem, e da mesma vida, se resistirem; como pôde estar com isto o não lhes fazer mal (que não basta), mas o fazer-lhos positivamente bem, que é o que manda o preceito *Dilegit et benefacite?* Tainbem a esta pergunta respondo com outra dentro no mesmo exemplo. Quando o juiz entre dous litigantes condenma o injusto possuidor e o executa com violencia, privando-o do que injustamente passuia, faz-lhe bem ou mal? Não ha dúvida que lhe não faz mal, senão bem e o maior de todos os bens. Porque? Porque o obriga a restituir por força o que nunca havia de restituir por vontade; e por meio d'esta restituição, sem a qual se não podia salvar, o põe em estado de salvação. Tal é o bem e grandissimo bem que os reis christãos fazem aos outros príncipes seus inimigos, quando por meio da guerra justa e poderosa recuperam d'elles as terras, cidades ou reinos que elles ou seus maiores lhes tinham usurpado. Porque obrigando-os por força a restituir o alheio, os desobrigam da restituição quo nunca haviam de fazer de grado; sendo n'este caso mais venturosos os despojados e vencidos do que cuidam e festejam os vencedores. A espada antigamente era a insígnia do juiz; por onde disse S. Paulo: *Non enim sine causa gladium portat,* e como os juizes inferiores não tem jurisdicção nem algada sobre os pleitos dos reis, o que elles não podem com a espada da justiça, fazem os reis com a justiça da espada. É verdade que derramam sangue e muito sangue; mas assim como o medico o tira sem querer mal, nem fazer mal; assim o podem fazer os reis não por odio, senão com boa vontade, e não para matar o corpo mal afecto, senão para o descarregar do humor que o mata e o reduzir á saude. Esta é a recta intenção com que deve proceder na guerra todo o rei

justo, por duas razões: a primeira, para obedecer ao preceito de Deus, que é o Senhor dos exercitos; a segunda, para o sazer proprio ás suas armas, que movidas por odio ou vingança nunca pôdeam ter bom successo. Assim o intendeu e deixou escrito aquelle tão grande rei, como soldado, David: *Si reddidi retribuentibus multi mala, decidam merito ab inimicis meis dominis.*

III. Temos visto e distinguido quaes são os inimigos que se chamam *hostes*; e declarado em todo o rigor da theologia como se podem amar e devem amar, ainda quando se lhes faz ou faça guerra: matéria muito propria do tempo presente e não menos necessaria a purificar a emulação nacional, que entre gente de pouca nobreza e entendimento passa talvez a ser odio. Agora recolhendo-nos dos muros ou das raias a dentro, segue-se ver quaes sejam os outros que propriamente se chamam *inimicos*: *Diligite inimicos vestros.* E supposto que não faltamos de inimigos em geral, senão dos inimigos dos reis dentro dos limites da nossa questão: uma cousa intendo n'este ponto, e outra parece que se não pode entender. Intendo que os inimigos dos reis neste caso não podem ser outros, senão os vassallos: mas não entendo, nem sei como se pôde entender, nem imaginar (ao menos entre nós), que haja homem tão indigno e tão vil, que meiga tão abominavel nome. Se o primeiro e maior amor dos vassallos é o do seu rei; se os mortos suspiravam por este nome e elle se sustentam os vivos; se para o sustentar, defender e preservar, todo o outro amor já não é amor, desprezando-se a zenda, o sangue, a vida, a mulher, os filhos: como pode ser que haja ainda, ou possa haver, não digo homens, senão monstros que sejam ou se possam chamar inimigos dos reis? Eu não sei quaes são, porque o não sei intender, como já disse: mas ferirei, e me referirei sómento aos que os nomeiam, e são dumunhas todas legaes e a quem a opinião do mundo dá credito.

Entre os politicos Xenofonte, Tacito, Cassiodoro; entre os historios Tito Livio, Suetono, Quinto Cureio; entre os philosophos Seneca, Plutarcho, Severino Boecio; entre os Santos Padres Jeronymo, Chrysostomo, Gregorio, Agostinho, Bernardo (lixando os demais), todos, só com discrepancia no encarecimento, dizem e ensinam concordemente que os inimigos dos reis e os maiores inimigos são os aduladores. E supposto que em os aduladores, como logo se provará largamente: onde tem ou onde estão encastellados estes inimigos dos reis? É do que não são os que lavram os campos, nem os que aram mares, nem os que presidiam as torres, nem os que plei-

Os verdadeiros
inimigos da rei
se acham
entre os seu
vassalos

E são os adu-
ladores que
vivem no paço.

Mark. 10

teiam nos tribunaes, nem os que commerceiam nas praças, nem menos todos os outros, que com o trabalho de suas mãos servem à republica, e só conhecem de palacio as paredes e as adoram de fóra. Logo se não são os que só as vêem de fóra, devem ser sem duvida os que as frequentam de dentro: verificando-se tambem dos reis o que Christo pronunciou geralmente de todos os homens: *Inimici hominis domestici ejus.* Os domesticos e os familiares, os que são admitidos a ouvir e ser ouvidos, estes são os aduladores e por isso os inimigos: assim commenta o lexlo de Christo S. Bernardino de Sena, declarando que a razão de serem inimigos os domesticos, é por serem aduladores; e que esta pensão ou desgraça é a mais perniciosa dos principes: *Nihil principi perniciosius esse potest, quam domesticus inimicus: hujusmodi autem sunt adulatores.* S. Gregorio Magno que depois de grandes cargos politicos nas duas maiores cortes de Roma e Constantinopla, foi cabeça suprema de toda a Egreja, e por si mesmo e seu juizo, seten la e experientia uma das mais eminentes cabeças do mundo; não só diz que os aduladores secretos são publicos inimigos dos reis, mas dá como regra e canteia aos mesmos reis, que quanto virem que são maiores os louvores com que forem adulados d'elles, tanto os reconheçam por maiores inimigos e creiam que o são: *Tanto maiores hostes credendi sunt, quanto magis laudibus adulantur.* E se isto não vêem claramente todos os reis, é porque é tal o doce veneno da lisonja, que entrando pelos ouvidos, lhes cega tambem os olhos. Por isso S. Pedro Damiao tão pratico e enganado das cortes, que por fugir muito longe d'ellas renunciou a purpura, a que compararia os aduladores de palacio? Comparou-os ás andorinhas de Tobias, as quaes, fazendo ninho na sua casa, lhe pagaram a hospedagem com lhe tirar a vista.

*Universidade de
S. Agostinho
e dos meus ex-
professores
gentios*

Sancto Agostinho auctor em toda esta materia primaz, com doutrina tirada da eschola de David, ensina que ha dous generos de inimigos, uns que perseguem, outros que adulam: mas que mais se ha de temer a lingua do adulador, que as mãos do perseguidor: *Duo sunt genera inimicorum, persequendum et adulandum: sed plus persequatur lingua adulantium, quam manus persecutoris.* A mão do perseguidor arma-se com a espada, com a lança, com a seta, com o veneno, e com todos os outros instrumentos de ferir e matar, que a furia e violencia do fogo acrecentou a dureza do ferro; e contudo diz o maior doutor da Egreja, que mais se ha de temer a lingua desarmada do adulador que todas as armas do perseguidor e do inimigo. Mas porque dirão os palacianos (como dizem aos de nossa profissão) que saiu Sancto Agostinho como theologo e como sancto, e

não como politico; ponhamos-lhe de um lado a Pythagoras e do outro a Socrates, que não foram theologos, nem sanctos, mas ambos famosissimos mestres da republica mais politica, qual foi a de Athenas. Que diz Pythagoras? Gosta antes dos que te arguem, que dos que te adulam; e tem maior aversão aos aduladores, que aos inimigos; porque são peiores. E Socrates que diz? A benevolencia dos aduladores dá-lhe logo as costas e foge d'elles como de inimigos; porque te não succeda algum infotunio dos que a adulação traz sempre consigo. Creiam ao menos a Socrates e Pythagoras os que não quizerem dar credito a Sancto Agostinho.

Synesio, aquelle insigne varão que compoz os livros de *Regno*, e depois de governar prudentissimamente o mundo, com igual zelo e sanctidade governou e illustrou a Egreja, escrevendo ao imperador Arcadio, o conselho que lhe dá sobre todos, exhortando-o a que o observe com o primeiro e maior cuidado, é que não consinta juncto a si aduladores e se guarde e vigie d'elles; porque, por mais cercado que esteja de guardas o seu palacio, a adulação se sabe introduzir subtilissimamente sem ser sentida, e bastará ella só para primeiro o sujeitar e dominar a elle e depois o despojar do imperio. Causa dificultosa parece, que tendo Arcadio presidiado o seu imperio com as legiões romanas e não havendo então inimigo estranho que com poderosos exercitos lhe fizesse guerra, houvessem de bastar poucos homens desarmados para dentro em sua propria casa destruirem o imperador e mais o imperio. Mas tão occulta e poderosa guerra é a que faz aos principes a adulação, e tão perniciosos inimigos, mais que todos, são os aduladores. Ouçam os politicos «o seu famoso mestre Cornelio Tacito»: *Adulatio perpetuum malum regum, quorum opes saepius assentatio, quam hostis erit: a adulatio e aquelle perpetuo mal ou achaque mortal dos reis, cuja grandeza, opulencia e imperios muitas mais vezes destruiu a lisonja dos aduladores, que as armas dos inimigos.*

Commentando este texto de Cornelio Tacito outro Cornelio de maior erudição, de melhor juizo e de mais largas experiencias que elle, confirma a verdade do seu dicto com a falta da verdade, de que só carecem os que são senhores de tudo, e com os exemplos de Nero, Cesar e Roboão, todos desastradamente perdidos não por inimigos de fôra, mas pelos aduladores domesticos: *Et quidem reges abundant rebus omnibus in aula, excepta veritate. Quid Neronem castissime educatum crudelem fecit? Adulatio. Quid Caesarem contra patriam rebellare fecit? Adulatio. Quid Roboam tyrannum redditus? Adulatio. Nem a*

Auctoridade é
Synesio e do
Tacito.

Cornelio a Lao
pide o condr.
ma com exem-
plos.

Prov. 30. as mãos mora nos palacios dos reis: *Stellio manibus mititur et moratur in aedibus regis.* Bom fôra que moraram nos palacios dos reis e tiveram n'elles grande lugar os que só teem mãos. - Mas a aranha não tem pés, e tem pequena cabeça, e sabe muito bem o seu conto. Sobe-se mão ante mão a um canto d'essas abobadas douradas; e a primeira cousa que faz é desentranhar-se toda em finezas. Com estes fios tão finos, que ao principio mal se divisam, lança suas linhas,arma seus teares; e toda a fabrica se vem a rematar em uma rede para pescar e comer. Taes são (diz o rei que mais soube) as aranhas de palacio. Quem vir ao principio as finezas com que todos se desfazem e desentranham em zelo do serviço do principe, parece que o amor do mesmo principe é o que unicamente os trouxe alli. Mas depois que armaram os teares como tecedeiras e as redes como pescadores, logo se descobre que toda a teia, por mais fina que pareresse, era urdida e endereçada a pescar, e não a pescar inocas. E senão, veja-se o que todos pescam. As melhores commendas, os titulos, as presidencias, os senhorios: e talvez, diz o mesmo Salomão, que sendo a malha tão miuda, pescam o mesmo dono da casa: *Homo qui blandis fictisque sermonibus loquitur omniu suo, rete expandit gressibus ejus.* As palavras brandas do adulador são redes que elle arma para tomar n'ellas o mesmo adulado. E este é o artifício sem arte dos aduladores reaes. Servem lisonjeiramente aos principes para os ganhar, ou lhes ganhar a graça, e para se servirem da mesma graça para os fins, que só pretendem, de seus próprios interesses. E como por declaração do mesmo Legislador do nosso texto ninguem pode servir a dous senhores sem amar a um e ser inimigo do outro, provado fica sem replica e concluido, que quantos forem em palacio os amigos dos seus interesses, tanto são os inimigos dos reis.

A nome dos
reis e serem
louvados em
todo o que fa-
zem. A benção
que Jacob deu
a Judá.

Gen. 49.

V. E se elles disserem que são isto discursos, tambem eu folgara muito que não só foram discursos, senão muito mal fundados e muito falsos. Mas no mesmo texto o *benefacere* é prova do *diligere*: *Diligite*, disse Christo, *et benefacite*. Vejamos, pois, o bem ou mal que os aduladores fazem aos reis; e logo se verá claramente se os amam, ou são seus inimigos. A maior fatalidade dos reis é nascerem todos em signo de ser louvados. Lançou Jacob a benção a Judas seu querido filho, e as palavras por onde começou foram estas: *Juda, te laudabunt fratres tui: Judas, a ti louvarão teus irmãos.* Os irmãos eram onze e muitos d'elles tiveram muito que louvar; pelo contrario Judas não deixou de fazer muitas ações dignas de ser vituperadas. Pois, se nos outros houve também cousas merecedoras de louvor, e

em Judas merecedoras de vitupério; porque se dá por benção só a Judas, que elle será o louvado e que todos o louvarão? «Bem sei que a causa sobrenatural e divina d'estes louvores prophelizados foi porque da sua descendencia havia de nascer o Messias; mas deve-se tambem attender que não faltou outra muito natural e muito humana». Judas, ainda que era o filho quarto, foi o que levou o sceptro e a corôa e em quem se fundou o direito hereditario da casa e successão real; e é benção ou fatalidade dos reis que tudo o que fizerem ou quizerem, ainda que não seja louvável, seja louvado: *Te laudabunt.* Se o rei, como Saul, tomar para si os despojos de Amalec consagrados a Deus e os applicar a usos profanos, *Te laudabunt.* Se o rei, como Salomão, para edificar soberba e deliciosamente o bom ou mau retiro do Libano, derribar as casas dos ponce poderosos e queimar as choupanas dos miseraveis, *Te laudabunt.* Se o rei, como Roboão, sobre o jugo pezadissimo e intoleravel de seu pae accrescentar tributos sobre tributos, oppressões sobre oppressões e rigores sobre rigores, nadando todo o reino em rios de lagrimas, *Te laudabunt.* E quem são os panegyristas d'estes louvores? Não são os que padecem o diluvio fora da arca; não são os que moram e morrem fora das paredes do palacio; senão os que vivem e reinam das portas a dentro. Estes são os aduladores que louvam o que não deveram louvar; e applaudem o que não deveram applaudir; e ajudam o que deveram estorvar: attentos sómente a não desgostar ou entristecer o agrado, em que teem fundado seus interesses; sem attenção ao credito e à fama, nem talvez à cousciencia dos mesmos reis, como verdaderos inimigos: *In malitia sua laetificaverunt regem.*

Eu bem creio do bom entendimento de alguns, que ao mesmo tempo em que louvam e applaudem com a boca, gemem e choram com o coração. Nem elles deixam de o confessar assim, onde não é perigoso o sigillo. Mas como servem mais ao proprio interesse que ao rei, esta covarde dependencia lhes equivoca a dor com a alegria e o coração com a lingua. Caso verdadeiramente lamentavel e tragicó; mas já representado no theatro de Roma. Depois que o imperador Nero se esqueceu de si da temperança e compostura real em que fôra criado, fez tão pouco caso da propria auctoridade e decencia, que entre os cíñaredos e histriões saiu no theatro publico a competir com elles em todas as baixezas ridiculas d' aquellas artes, proprias de gente vil e infame. A este espectaculo, ou ludibrio da maior forma, assistiam todas as ordens, senatoria, consular e equestre; assistiam os centuriões, os tribunos e toda a flor das legiões

Or. 7.

Ainda quando os palacianos louvam com a boca o que respeitam no coração, como fizeram Afranio Hurbo, são a ruma dos reis.

romanas: assistiam principalmente todos os familiares do palacio imperial; e entre elles diz com grande ponderação Tacito: *Et moerens Burrhus ac laudans.* Era Afranio Burro homem de grave e maduro juizo, mestre ou aio que tinha sido com Sene-
ca do mesmo Nero. E quando todos os outros faziam grandes aplausos ás mudanças, saltos e gestos do imperador citharo-
do, como se foram outros tantos triumphos, si Afranio estava triste; mas tambem louvava com os demais: *Et morrens Bur-
rhus ac laudans.* Pois, homem ou animal, (que não te quero chamar com o nome proprio por não parecer que o faço appellativo), se reconheces a indecencia, a desauctoridade e a affronta do teu principe; se estás engulindo as lagrimas, e assogando os gemidos; porque ao menos não emmudeces e calas, para que veja Nero na tua tristeza a tua dôr e leia no teu silencio o teu voto? Mas ao mesmo tempo em que estás chorando o que condenas, has de louvar o que choras? Sim, que taos são os aduladores de palacio, ainda os de maiores obrigações e de menos corrupto juizo.

Os aduladores
são como o ca-
maleão, a som-
bra, o espelho
e o echo.

Uns autores compararam estos aduladores ao camaleão, que não tendo cor certa nem propria, se reveste e pinta de todas as cores, quaesquer que sejam as do objecto vizinho. Outros os compararam á sombra, que não tem outra acção, figura ou mo-
vimento que a do corpo interposto á luz, do qual nunca se aparta, e sempre e para qualquer parte o segue. Outros os compararam ao espelho, retracto natural e reciproco de quem n'elle se vê; porque se lhe pondes os olhos, olha para vós; se rídes, ri; se chorais, chora; lagrimas porém sem dôr e riso sem alegria; que não fôra o espelho adulador, se assim não fôra. Mas como o camaleão, a sombra e o espelho, tudo são assis-
tentes mudos, a comparação de Sancto Agostinho é a mais pro-
pria e similhante de todas; porque os comparou ao echo: *Ju-
cundum est ac volupe, cum clamantibus nobis responsant silvae
et acceptas voces numerosiori repercutissu reddunt: talis echo adu-
lator.* O echo sempre repele o que diz a voz; nem sabe dizer outra cousa; o onde as concavidades são muitas, é scena ver-
dadeiramente aprazivel ver como os echos se vão responden-
do successivamente uns aos outros, e todos sem discrepan-
cia dizendo o mesmo. O que disse a primeira voz, é o que todos uniformemente repetem. E isto que faz a natureza nos bosques, faz a adulação nos palacios, diz Agostinho. Diz o rei que quer fazer uma guerra; e ainda que a empreza seja pouco provavel e o successo do perigosas consequencias, que respon-
dem os echos? Guerra, guerra, guerra. Diz que quer fazer uma paz; e ainda que a occasião seja intempestiva e os pactos e as

condições pouco decorosas, que respondem os echos? Paz, paz, paz. Diz que quer enriquecer o erario e para isso multiplicar tributos; e ainda que os fins ou pretextos tenham mais de vaidade que de utilidade, que respondem os echos? Tributos, tributos, tributos. «Bem sei que» a intenção recta dos principes não é esta, senão que cada um diga livremente o que intende e aconselhe o que mais importa. Mas como o norte sempre fixo do adulador é o interesse e conveniencia propria, nenhum ba que se tie d'este seguro real, e todos temem arriscar a graca, onde teem posta a esperança. Dizia um antigo que antes queria offendur com a verdade, que agradar com a lisonja. «E tal é a disposição de todo o homem desinteressado». Porem, aquelles que com os thesouros do rei querem accrescentar a sua casa e enriquecer a sua pobreza ou a sua vaidade, que se pode crer ou esperar que façam? Que digam cincuenta lisonjas para grangear uma commenda; e que não se atrevam a dizer meia verdade por se não arriscar a perde-la. O reis, o monarcas do mundo, que por esta causa e só por esta é digna de compaixão a vossa suprema fortuna!

O psalmo *Miserere mei Deus* não só o fez David para lamentar a sua miseria como peccador, senão tambem como rei. Esse foi o seu pensamento e o seu sentimento, quando disse: *Tibi soli peccavi*: eu, Senhor, só para vós pequei; porque só vós extranhastes o meu peccado: fui peccador, e nenhum dos outros o extrahou, porque era rei. Em proprios termos Hysichio: *Quoniam reliquis omnibus ei tanquam regi indulgentibus, solus Deus misit Nathan. et nefarium scelus reprehendit.* O peccado de David só para Deus foi peccado: porque para todos os outros, como era rei, foi indulgencia. Eis aqui do que serve aos reis o ser reis e quão lisonjeiramente o servem os que o servem. Se alguma vez na antecamara de David (onde elle o não visse) se tocou no seu peccado, o que os palacianos discorram era d'esta maneira: que o amor de Bersabé fôra um galanteio de principe soldado; que o casar-se com ella fôra uma tonrada restituicão da sua fama; que o matar Urias fôra um conselho necessario, prudente e generoso: generoso porque o morrer nobremente na guerra; prudente, porque pareceu caso o que foi industria; e necessario, porque o modo mais seguro de sepultar o aggravo é metter debaixo da terra o aggrado. Tão levemente se fallava em palacio em um caso mais ou escandaloso, atroz: chamando ao adulterio galanteio, ao homicidio necessidade, e á aleivosia prudencia. No cap. 8.^o do grande livro dos Reis se nomeiam as pessoas de que constava casa e familia de David; e é cousa que excede todo o enca-

O que aconteceu a David depois do seu peccado

recimento da lisonja, que em tantos homens de tão grandes qualidades e suposições se não achasse nem um só, que, ou por zelo da honra, ou por escrupulo da consciencia, ou por obrigação do officio, ou por memoria de benefícios e mercês recebidas, se atrevesse a accudir a um rei na sua desgraça e lhe abrir os olhos com a verdade em tão perigosa cegucira. Por isso elle, considerando o seu desamparo e conhecendo o risco da propria salvação, orava e clamava a Deus dizendo: *Salve me fac. Domine, quoniam defecit sanctus, quoniam diminutae sunt veritates a filiis hominum.* Salvae-me vós, Senhor, accudime e soccorrei-me, como Deus: porque entre os homens já não acho nem um só que tenha virtude e valor para me dizer a verdade. *Quoniam defecit sanctus:* porque faltaram os sanctos, que são os que não querem nada d'este mundo. Essa é a razão, porque David e os outros reis não tem quem lhes diga a verdade, estando cercados de lantos que os lisonjeiam e adulam.

*O aduladores
afastam de pe-
go os que di-
nam a verdade*

VI. E se ha algum d'estes sanctos (que sim ha); o primeiro cuidado dos que «estão ao redor do throno» e n'ello leem cercados ou sitiados os reis; o primeiro e maior cuidado dos aduladores «é que David não ouça a Nallian», antes se asseste contra elle toda a artilheria, para que não succeda romper as linhas da circumvallação; e pôr força ou por vontade se retire muito longe da corte. È texto o caso expresso da Escriptura sagrada, não já em homem philosopho, senão propheta. El-rei Jeroboão, depois da divisão das corôas de Israel e Judá, tinha o seu palacio em Bethel, o juncto d'elle a mesquita que edificara aos dous bezerros de ouro para divertir o povo de irem a sacrificiar ao templo de Jerusalem. Vivia na mesma cidade de Bethel o propheta Amós; o qual dizia a Jeroboão algumas verdades das que Deus lhe revelava áerea d'aquelle reino e seu perigo. E como os aduladores de Jeroboão se temessem da efficacia e energia de Amós, ao qual caluniavam com o rei, que totalmente lhe não tinha perdido o amor e reverencia, um d'elles chamado Amastas se foi ter com o propheta e lhe disse em termos de amizade estas palavras: *Qui rides, gradere, fuge in terram Iuda,* et comedere ibi panem, et prophetabis, et in Bethel non adicies ultra ut prophetes, *quia sanctificatio regis est et domus regni est:* quer dizer «segundo a força da vulgata»: Tu, Amós, que vés os futuros, põe-te logo a caminho e foge d'aqui e vai-te para a tua patria: lá comerás o teu pão e prophetizarás; porém aqui não te aconteça faltar mais palavra: porque Bethel é a casa e palacio do reino e a sanctificação do rei. Reparae muito n'esta ultima clausula, que em moral e politico sentido fecha admiravelmente todo o nosso discurso: *Quia sanctificatio regis est et*

domus regni est. «O original hebraico em logar de *sanctificação* tem *sanctuario*; mas a palavra da vulgata nos declara melhor que ídolo se adorava n'aquelle sanctuario ou mesquita; e diz que não era outro, senão o capricho e a ambição do rei: *Sanctificatio regis*. Por isso exhortando Amasias ao propheta Amós, ou comminando-lhe que saía da corte e fuja de lá, o motivo que illega, é que a casa e palacio real é a sanctificação do rei. Não podia melhor definir um adulador o que é palacio. É o palacio a definição dos aduladores a sanctificação do rei: porque alli são sanctificados os reis e todas suas acções; e quanto o rei é, ordena, deseja, ou imagina, tudo é sancto. Se Jeroboão se divide de Roboão, seu legitimo senhor, ainda que seja rebelião, sancto. Se proíbe ao povo que appareça no templo de Jerusalém tres vezes no anno, ainda que seja contra a lei expressa de Deus, sancto. Se levanta altares aos bezerros de ouro e os manda adorar, ainda que seja manifesta e publica idolatria, sancto. porque tu, Amós (diz Amasias) aconselhas outra cousa ao rei contra o que todos seus creados lhe approvamos, e não queres juntares a tua voz com as nossas dizendo também commosco certo, sancto; não só não has de entrar mais em palacio, mas tir logo da corte e de todo o reino: *Gradere et fuge in terram Iuda, et in Bethel non adjicies ultra ut prophetes*. Tal é a sagadeza dos aduladores e sua potencia; e tão tyrannizadas audam entre elles as mesmas majestades aduladas, que não só lhes dizem a verdade, nem querem que outros lha digam; mas castam e lançam muito longe da corte todos os que lha podem lzer. Não é isto manifesta *tyrannia*? Bianto, um dos septe sabios de Grecia, perguntado qual era o animal mais venenoso, respondeu, que dos bravos o tyranno, dos mansos o adulador. Em latmar veneno a adulção, acertou-lhe o nome; mas em distinguir o tyranno do adulador, não disse bem: porque, «como acanmos de demonstrar», todo o adulador é tyranno.

VII. Supposto pois que os aduladores são inimigos dos reis, os reis como todos os christãos tem tambem obrigaçao de quer a sens inimigos e fazer-lhes bem, seguia-se agora exhortar os principes a este amor e beneficencia *Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos.* «Mas que necessidade tem ter d'esta exhortação», se é tão notorio, que sendo os aduladores de palacio os seus maiores inimigos, esses são os maiores validos, os mais favorecidos, os mais amados e os mais pais de honras, mercês e beneficios? «Se não fôra assim, Amos estimados, premiados e satisfeitos os que não servem sombra de telhados de ouro, nem ao calor de brazeiros de lata, senão ao sol e ao frio lidando com as ondas e com as balas.

Como os reis
amam estes
seus inimigos.

E como os
deverem amar.

«Oh se os reis amassem estes inimigos como David amava os que por mofa lhe diziam: *Euge, euge*: Bem, bem; sabida linguagem de aduladores». No psalmo 69 diz David estas palavras, ou as torna a repetir (porque já tinha dito as mesmas no psalmo 39): *Anpertantur, statim erubescentes qui dicunt mihi: Euge, euge*. «Duas cousas queria David acontecessem a estes inimigos: a primeira que logo logo se voltassem a traz *avertantur statim*; a segunda, que fossem publicamente envergonhados: *Erubescentes*. Isto é, David, o que vós «desejaveis e alim conseguistes fazer a vossos inimigos, como rei: mas não é isto o que lhe deviers fazer como propheta, que tão clara luz tivestes do Evangelho de Christo. Pois se Christo vos manda que ameis a vossos inimigos, como vós os aborreceis tanto, que os não podeis ver, e os lançais de vossa presença? E se Christo vos manda que lhe façais bem, como vós lhe fazeis tanto mal, que os affrontais e envergonhais, não secretamente, mas com infamia publica; que para homens honrados é o maior vilupero? «Por isso mesmo, responde o sancto propheta: amar é querer bem áquelle a quem se ama. E que maior bem posso eu querer a os que fallam d'este modo, que tiral-os da occasião de cometer novos peccados?» Se elles são meus inimigos, maiores inimigos são de si mesmos; e eu quero que cessem d'este odio que se leem, tanto maior, quanto menos conhecido. «Esta é resposta de David, e este o modo com que os reis devem amar os aduladores, seus verdadeiros inimigos».

O maior bem
que se pode fa-
zer ao adulador
é afastá-lo da
corte. Pense-se
com exemplos.

E na verdade o maior beneficio quo se pode fazer ao adulador é afastá-lo logo da corte para que cesse com a adulação e não se arruine completamente. Se Assuero depois de conhecer a cubica e o falso amor de Aman, o lançara de sua graça e de sua casa, não chegaria elle a ser tão molino quo viesse a morrer em um pau. «O mesmo se diga da sorte não menos infeliz que liveram outros muitos aduladores famosos, como Sejanu em Roma, Olivato em França, Volseu em Inglaterra, Alvaro de Luna em Hespanha, e os de antiga e fresca memoria no nosso Portugal. «Salveim os reis a tempo de simlhante ruinas aos seus aduladores; e guardardo para com elles o preceito de Christo: *Diligite inimicos vestros, et benefacite his qui odorunt eos*».

Conclusão.
As crenças da
Diossava de Illo-
novo e os adul-
adores da
corte de Portu-
gal.

VIII. Remato o meu discurso omendando com a doutrina evangélica um documento que parece deixado á nossa corte por aquelle que cantou as viagens e façanhas de seu primeiro fundador. Navegava Ulysses em uma formosa galé da Grecia e havia de passar junclo a Scylla e Charybdes, onde acontecia que as sereias com a suavidade de suas vozes de tal modo encan-

tavam os navegantes, que voluntariamente se lançavam e precipitavam ás ondas e se afogavam no mar em que ellas viviam. «Que fez Ulysses?» Para que a chusma não faltasse á voga dos remos nem a outra gente nautica á mareação das velas, e todos escapassesem do encanto das sereias, tapou-lhes a todos os ouvidos de tal sorte que as não ouvissem. Ele porém, para que podesse ouvir as vozes, deixou os ouvidos abertos, e para não padecer os efeitos do encanto nem se precipitar ao mar, como acontecia a todos, mandou-se atar ao mastro tão fortemente, que ainda que quizesse, não se podesse bulir nem mover. Esta é a historia ou fabula engenhosamente fingida por Homero para ensinar que os varões sabios e constantes, como Ulysses, ainda que ouçam os aduladores e o contraponcto doce das lisonjas, nem por isso se hão de deixar vencer de seus enganos e artifícios, mas persistir e continuar a derrota certa sem mudar, deter nem torcer a carreira do bom governo. «Mas eu digo com o Evangelho que não só é indigno de varão sabio e constante deixar-se levar das lisonjas, mas é tambem reprovável gostar d'ellas, e ouvil-as. Por isso segundo o conselho da verdadeira sabedoria não quizera eu os reis» com os ouvidos abertos e as mãos atadas, senão com os ouvidos tapados e as mãos soltas. Porque com os ouvidos tapados não dariam entrada á adulação e mostrariam todo o horror que d'ella se deve ter: com as mãos soltas seriam todas as acções suas e, como suas, verdadeiramente reaes. D'este modo se conquista no mundo a fama immortal e se assegura tambem no céu a gloria eterna.

(Ed. ant. tom. 4.º, pag. 210, ed. mod. tom. 7.º, pag. 176)

III. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA ***

PRÉGADO NO CONVENTO DE ODIVELLAS NO ANNO DE 1644

SERVAÇÃO DO COMPILADOR. — Fallando o orador a dous auditórios mui diferentes, tracta de dous preceitos da lei evangélica que dizem respeito ao amor e ao ódio; porque para um era mais a propósito o primeiro e para outro o segundo. O sermão tem muita philosophia, lindos quadros oratórios, e é muito práctico.

Dilegit inimicos vestros.

S. MATTH. 5

Qui non odit patrem suum et matrem et uxorem et filios et fratres et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus.

S. LUC. 14.

Temos hoje em controvérsia os dous mais poderosos afectos, os dous mais perigosos da vontade humana. Tão poderosos, que se a vontade os vence, é senhora; tão perigosos que se elles vencem a vontade, é escrava. E que dous afectos são estes? Amor e ódio. O amor tem por objecto o bem para o abraçar, ódio tem por objecto o mal para o fugir; e este é o poder universal que se extende sem limite a quanto tem o mundo. Mas como o mal muitas vezes anda bem trajado e o bem pelo contrário mal vestido, d'aqui vem, que, enganada a vontade com apparencias, facilmente ama o mal, como se fôra bem; e aborreça o bem, como se fôra mal; e aqui está o perigo.

Os antigos diziam: Amae a quem vos ama e abhorrecai a quem vos aborrece; isto é, querei bem a quem vos quer bem, e querei illa quem vos quer mal. Mas este mesmo dictame ainda hoje é seguido, posto que parece fundado em igualdade e justiça. O maior e mais perigoso erro que a sabedoria divina veio alinhar e reformar ao mundo. No evangelho de hoje nos manda Iristo amar aos inimigos; em outro parece nos manda abhor-

Amor e ódio
não sabemos o
que são.

O evangelho
de hoje é uma
 prova deste
desengano.

recer os amigos; e sendo o mesmo Legislador Divino o auctor d'estes douos preceitos, que nos parecem tão encontrados, d'aqui se deve persuadir a nossa pouca capacidade, que nem sabemos o que é amor, nem sabemos o que é odio: nem sabemos amar, nem sabemos abhorrecer; nem sabemos querer bem, nem sabemos querer mal. Engana-nos o mal com apparencias de bem, e leva-nos o amor: engana-nos o bem com apparencias de mal, e mette-nos no coração o odio. E que fará a triste vontade enganada assim e captiva? O desengano d'estes douos erros é o que determino pregar hoje: e ensinar, não ás más, senão ás boas vontades, como bão de saber amar e como bão de saber abhorrecer. Ajudae-me a pedir a graça. Ave Maria.

*Christo nos dá
dous preceitos
um de amar
outro de abhor-
recer.*

II. O mesmo Christo que disse «no evangelho d'este dia»: *Amae aos vossos inimigos: Diligit inimicos vestros;* diz «tambem» no cap. 14 de S. Lucas: Quem não aborrece a seu paes e a sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, e a seus irmãos e a suas irmãs e, o que é mais, a si mesmo, não pode ser meu discípulo: *Qui non odit patrem suum, et matrem et uxorem et filios et fratres et sorores, abhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus.* Este «segundo» preceito obriga em todos aquelles casos em que o amor dos paes e parentes se encontra com a observancia da lei de Deus. E geralmente é obrigação de todo o christão não corresponder a quem o ama, se ilicitamente é amado; ainda que não fosse com perda da graça senão da perfeição que professa. De maneira, que combinados os canones da lei de Christo, em uma parte manda-nos que amemos a quem «injustamente» nos aborrece, em outra que aborreçamos a quem «illicitamente» nos ama. Agora pergunto eu: e qual d'estes douos preceitos é mais difficultoso: aborrecer um homem a quem o ama, ou amar a quem o aborrece? Responder com odio ao amor, ou com amor ao odio?

*Dificil é amar
o preceito pre-
ceto*

«Por uma parte» parece mais difficultoso amar a quem «injustamente» me aborrece do que aborrecer a quem «illicitamente» me ama. Provo. O agravo com que me offende o inimigo é dor no coração proprio; a correspondencia com que faço ao amigo, é dor no coração alheio; e no remedio das dores sempre se acode primeiro à que mais lastima; e sempre é mais sensitiva a que está mais perto. Mais difficultoso é logo deixar de aborrecer a quem nos aborrece, que deixar de amar a quem nos ama.

*Autoridade do
B. Agostinho
do cap. 14. Ama
o inimigo
na Igreja*

«Por isso» Sancto Agostinho com o peso do seu singular julgo sondando a profundidade do preceito de amar aos inimigos, diz assim: *Iecule in omnibus justificationibus Domini nulla esse mirabilia nec difficultiora, quam ut suos quisque diligat inimi-*

os. Vede todas as Escripturas sagradas, ponderae todos os preceitos, conselhos e documentos divinos; e nenhum achareis (diz Agostinho) nem mais admiravel, nem mais difficultoso, que mandar Deus a um homem de carne e sangue que ame a seus inimigos. É tão difficultoso este preceito que os gentios o livaram por impossivel, e muitos hereges tambem, aos quaes resta doutissimamente e convence S. Jeronymo. Porem em ser difficultoso e muito, o mesmo S. Jeronymo concorda com Sancto Agostinho, e com Jeronymo e Agostinho todos os outros Santos padres e doutores da Egreja. Todos dizem e confessam que este é o mais rigoroso preceito da lei evangelica e esta a mais ardua e difficultosa empreza da religião christã.

Por outra parte parece que é mais difficultoso abhorrecer a quem «illicitamente» nos ama, que amar a quem «injustamente» nos abhorrece. Provo. Amar a quem me aborreces e ser humano com quem o não é contigo; abhorrecer a quem me ama «ainda que fóra dos limites da razão, dir-se-ha que» é ser cruel com quem in' o não merece: o ser humano é ser homem, ser cruel é ser fera: logo abhorrecer a quem nos ama tanto mais difficultoso é, quanto mais repugnante à natureza. Mais, amar a quem nos aborreces é acto de generosidade; abhorreter a quem nos ama «(posto que nos ama contra as regras do verdadeiro amor)» parece acto de ingratidão. E que coração haverá tão irracional que queria outes «parecer» ingrato que generoso? Quem ha de trocar a nobreza e filalgia de uma generosidade pela vileza e baixeza de uma ingratidão?

Por estas «e muitas outras» razões dizem as almas mais distinas e de melhor coração: Do amor me livre a mim Deus, que o odio não me ha de levar o diabo ao inferno. O estado religioso, como livre das injurias do mundo, quasi é incapaz de illo, mas para o isentar do amor, que tem penas e azas, não istam cercas nem muros. Um amor naturalmente chama por illo; e não ha coração nem tão surdo, que, se é chamado, não responda; nem tão mudo que, se ouviu, não responda. «É facil não par primeiro: p'réim não corresponder ao amor é quasi impossivel. São notáveis os termos com que a Escriptura expõe o modo pelo qual Jonathas amou a David: *Anima Jonathae conglutinata est animae David*. Não diz que Jonathas amou David, e David a Jonathas; senão que a alma de Jonathas se uniu com a alma de David. Porque assim como uma taboa não pôde grudar com outra sem que ambas fiquem unidas; assim uma alma não pôde amar a outra alma sem que ambas amem. O valor de David moveu a alma de Jonathas a que o amasse; e o amor de Jonathas obrigou a alma de David a que

Dificuldades
da segund. pre-
cepto

Força do amor
nas almas
mais nobres
Exemplo de
Jonathas e Da-
vid.

o correspondesse. Jonathas não amado, amou: mas David depois de amado não pôde deixar de amar. O primeiro amor foi livre, o segundo quasi necessario. Por isso diz S. João Chrysostomo, que a vontade de cada um é lei da vontade alheia; porque segundo cada um quizer ou não quizer amar, assim será ou não será amado. De sorte que o amar eu é mandar e obrigar a que me amem. O amor é preceito, a correspondencia obrigação: o amor imperio, o ser amado obediencia.

Theoria de
Santo Agostinho. O amor é
como a calamita.

Sânto Agostinho em menos palavras não disse menos: *Nulla est major ad amorem invitatio, quam amantem amore praevenire.* O maior e mais certo motivo de ser amado é anticipar o seu amor, quem quer alcançar o alheio. Todos os outros motivos por mais fortes que pareçam e por mais usados que sejam, conquistam vaidade e engano: mas não amor. A formosura entretem os olhos; as dadiwas enchem as mãos; a discrição lisonjeia os ouvidos; os regalos saboreiam o gosto, o poder e a majestade faz dobrar os joelhos: mas sujeitar e render o coração, só o amor. E o coração humano tão generoso, que não se rende, senão a seu igual: nem ha outro interesse, força ou arte com que se possa conquistar, senão amando: *Nulla major ad amorem invitatio quam amantem amore praevenire.* A palavra *invitatio* sóa *invite*; e o *praevenire* é ganhar por mão. Quem tomou a mão em amar primeiro, esse levou o resto ao amor. «Vede a natural sympathia que se dá entre o ferro» e a magnete, ou calamita, ou pedra iman (que me não cabe na bocca o nome do nosso vulgo). É o ferro amado da pedra iman (a quem os franceses discretamente chamam pedra amante). Ela o chama, elle se move; ella o guia, elle o segue; ella o eleva, elle se suspende; ella o ata, elle se deixa prender. Se ella pára, elle pára; se sobe, sobe; se desce, desce; se anda à roda, rodeia; sempre juntos, sempre conformes, sempre unidos e tão pegados entre si, como se um e outro foram de cera. «Eis o que obra no coração humano» um amor declarado. Um ferro, amado «por assim dizer» de uma pedra não pôde deixar de pagar amor com amor; e poderá um coração humano amado não amar? Todos estais dizendo que não, e parece que dizeis bem.

Necessidade
d'outras adver-
tências.

III. Temos philosophado assaz: posto que todo este discurso foi necessario «para concluirmos que um e outro preceito é tão dificultoso que não sabemos decidir qual excede em arduidade». D'estas grades para fóra pôde ser que haja alguns animos tão briosos ou vingativos, que tenham por mais dificultoso amar inimigos e perdoar agravos. Mas das mesmas grades para dentro (que é a melhor e principal parte do auditorio) como os corações naturalmente são mais benignos, cuido eu que o amor

ha de ter por si os mais votos, e tanto mais e melhores quanto mais bem intencionados. Dado pois, e não concedido, que algum amor modesto e commedido podesse aqui entrar ou entrasse, não haver de amar n'este caso nem corresponder com amor um coração que é amado, não ha duvida que este é o ponto mais estreito e difficultoso, e este o preceito mais arduo da lei de Deus. Assim me parece, senhoras, que o está votando geralmente e concedendo o vosso silencio.

À vista pois de tantas e tamanhas difficultades que faria a vontade humana cercada e sitiada por todas as partes? Um preceito lhe manda amar os inimigos, outro lhe manda abhorrecer e não amar nem corresponder (para que o digamos por seu nome) aos amantes. E bastando qualquer d'estas obediencias por si a fazer desmaiar e estremecer o mais animoso coração, todas junctas que será? Pela parte do vivente, pela parte do sensitivo e pela parte do racional se vê o homem aqui nas mais apertadas angustias. Quem o manda amar o inimigo parece que o quer insensivel; quem o manda abhorrecer o amigo, parece que ne tira o racional. Que remedio logo para satisfazer a tantas e tão difficultosas obrigações junetas, e para que não fique n'ellas entendimento esmorecido, a vontade desesperada e toda a alma opprimida? «Eu o direi. Todas estas obrigações se representam tão difficultosas segundo as erradas prevenções da nossa ignorancia e pela tyrannia das nossas paixões; mas não segundo os principios certissimos da divina sabedoria e sob os influxos da graça de Quem disse que suave é o jugo e leve o peso da sua lei: *Jugum meum suave est et onus meum lece.*»

Para intelligencia d'esta grande verdade «e fallando primeiramente do preceito que respeita aos amigos» havemos de appor que ha dous generos de amar e dous generos de abhorrecer: ha amar bem e amar mal; e ha abhorrecer mal e abhorrecer bem. A Esposa sancta dizia: *Ordinavit in me charitatem.* Amor ordenado é caridade; e o amor desordenado, ainda que desordem seja ou pareça leve, nem é caridade, nem amor, odio. Como pôde ser amar, nem querer bem o que me priva e aparta do Summo Bem?

Os antigos pintavam o amor e o odio igualmente armados, bos com arco e aljava: mas o amor diziam que atirava com las de ouro, as quaes tinham por effeito dar vida: e o odio a setas de ferro, que tinham por effeito matar. Agora perito: e se o amor e o odio trocassem as aljavas, que successa n'este caso? Succederia sem duvida o que conta o poeta que sucedeu ao mesmo amor com a morte. Caminhavam, diz, amor e a morte, cada um a seus intentos, e vieram ambos a

Resolução
d' difficultades

Math. 11

Ha dous gene-
ros de amar e
dous de
abhorrecer.

Cant. 2.

Como os antigos
pintavam o
amor e o odio.
Ficção da An-
tiguidade.

fazer noite e alvergar na mesma estalagem. Levantaram-se muito cedo para continuar seus caminhos; e como havia pouca luz, sucedeu que as aljavas se trocaram; e porque o amor levou as settas da morte, d'aqui veio que d'alli por diante as suas feridas são mortaes. O mesmo digo eu que succederia no nosso caso, não fabulosa senão verdadeiramente. Se o amor atirasse com as settas do odio, o amar seria abhorrecer; e se o odio atirasse com as settas do amor, o abhorrecer seria amar. Pois isto mesmo que succederia, é o que sucede; e isto mesmo que havia de ser, é o que é, diz Sancto Agostinho: *Si male amaveris, tunc odisti; si bene oderis, tunc amasti*: se amastes mal então abhorrecestes; se abhorrecestes bem, então amastes. É sentença expressa e sem variação alguma tirada dos textos citados do Divino Mestre.

Amar mal e
abhorrecer, e
abhorrecer bem
é amar

Suppostas estas verdades certas e evidentes em que muitos corações andam tão enganados e tão cegos, cuidando que amam e são amados, quando abhorrecem e são abhorrecidos, vede quão facil fica a execução e quão natural e leve o exercicio de todas aquellas que ao principio nos pareciam dificuldades, violencias, tyrannias. Pergunto: não é muito facil não amar eu a quem me não ama e abhorrecer a quem me abhorrece? Sim. Pois isso é o que Deus nos manda. Se os que me amam, me amam mal, d'aqui se segue que tão facil é não amar eu a quem me ama mal, como não amar a quem me não ama: porque quem me ama mal, não me ama.

Como se torna
tão o presente
de amar aos
inimigos.

Do mesmo modo se explica a facilidade de amar os inimigos, que é o outro ponto. Pergunto outra vez: não é facil amar eu a quem me fez bem? Sim. Pois os nossos inimigos nos procuram com o seu odio o maior de todos os bens: porque este odio nos merece a corda de gloria que Deus promete a quem com paciencia soffre perseguição por amor de justiça: *Broti qui persecutionem patiuntur propter iustitiam*. E se o odio dos inimigos é tão vantajoso para a nossa alma, segue-se que é tão facil amar aos inimigos, como amar a quem procura o nosso maior bem.

Declaração
desta facilida-
dade

IV. Mas desçamos à practica d'estes preceitos, que é o que mais importa; e primeiramente expliquemos com maior clareza como na escola de Christo se facilita a observancia do segundo: *Dilexite inimicos vestros*. O odio com que nos perseguem os nossos inimigos julgam o nosso mal, e não advertimos, como disse, que é o nosso maior bem. Reparae.

O odio por nos-
tros é de
modo
Exemplo da
Escritura.

Este odio é effeito ou do zelo que persegue os nossos vicios, ou da inveja que não soffre as nossas virtudes. Se do zelo, devem-se amar os inimigos como benfeiteiros; porque querem

livrar a nossa alma do nosso maior mal que é o peccado: se da inveja, devem-se também amar os nossos inimigos como bemfeiteiros, porque dão mais brilho a nossas virtudes. Por isso não se pode duvidar que devesse mais José ao odio dos irmãos, que ao amor do pae. O odio dos irmãos lhe abriu o caminho ao throno do Egypto, à gloria do céu e à admiração da posteridade; o amor de pae apenas o pode aranhar com algum afago de maior ternura e vestir de um pelote menos grosso para gente do campo. Não se pode duvidar que maior fructo colhesse David do odio de Saul, que do amor de Jonathas. O odio de Saul lhe mereceu a coroa de rei e a aureola de sancto; o amor de Jonathas apenas lhe pode indicar alguma traça engenhosa para defendel-o da lança de seu pae. Não se pode duvidar que tivesse maior obrigação Mardocheu ao odio de Aman, que ao amor de Esther. O odio de Aman o fez levar às primeiras honras da corte de Assueru; o amor de Esther, ainda que esposa do monarca e esposa tão querida, não lhe obtivera antes d'aquele tempo nem sequer uma entrada no paço. Sem o odio dos seus inimigos como teriam alcançado tanta gloria a innocencia de Abel, a paciencia de Job, o amor patrio de Moysés, o valor de Gedeão, a intrepidez de Judith, a castidade de Susanna, a piedade de Ezequias, o zelo de Dias e de Eliseu, a fé de Malhatias, a constancia da mãe dos nachabeus, e finalmente o heroismo de tantas myriadas de marques que sellaram com o seu sangue a verdade da nossa santa religião? Tal é a doutrina que com exemplo e com palavras os ensinou o Divino Mestre.

Quando resuscitado appareceu aos discípulos de Emmaüs, porque os viu escandalizados da sua paixão e morte, reprehenderam-no fortemente com dizer: Ó estultos e tardos de coração para crér o que annunciaram os prophetas! Pois não sabieis que impria padecer Christo essas perseguições para assim entrar em sua gloria: *O stulti et tardi corde ad credendum in unibus quae locuti sunt prophetae. Nonne haec oportuit Christum pati et ita intrare in gloriam suam.* Em summa, assim como a Christo o odio com que o perseguiram seus inimigos lhe trouxe as portas da sua gloria, assim ha de abril-as a todos os cristãos o odio com que elles também são perseguidos. Esta é estrada real da sancta cruz: nem ha outro caminho para a glória e para a verdadeira paz do coração: porque aos que seguem as verdades a cruz do Salvador, esta perseguição aviva a fé, desafia a esperança, abina a caridade, exercita a paciencia, prova a constancia, accende o fervor da oração, desapega o afecto dos bens caducos d'este mundo, e lhes abraza o coração em

Christo e os
discípulos de
Emmaüs.

Luc. 24.

purissimo amor de Deus. E inimigos que com seu odio nos procuram tanto bem não se deveriam amar?

*Sancio Estevão
e S. Cypriano*

E não se deveriam amar depois do exemplo que nos deu o mesmo Legislador, quando crucificado por seus inimigos orou por elles na mesma cruz? Vede como após o exemplo de seu divino Mestre os amou Estevão. Quando os judeus com grande furia e gritaria todos junctos arremetteram ao valoroso diacono e o levaram fora da cidade para o apedrejar, elle pondo-se de joelhos clamou dizendo: Eis aqui estou eu vendo os céus abertos e o Filho do Homem que está á mão direita de Deus. E pouco depois ajuntando: Senhor Jesus, recehei o meu espírito e não lhes imputeis este peccado; com estas ultimas palavras dormiu no Senhor. Ditoiso mancebo e generoso proto-martyr da fé! Que doces foram para elle as pedras do torrente! Bem merece que todas as almas justas o sigam com a imitação e com o afeto: *Lapides torrentis illi dulces fuerunt: illum sequuntur omnes animae justae*, canta a Egreja contemplando tão glorioso espectáculo. Emfim, todos os sanctos amaram tanto aos seus inimigos, que S. Cipriano chegou a nomear herdeiro de todos os seus bens ao algoz que o havia de degolar. Tão facil é na religião de Jesus Christo o preceito de amar aos inimigos, tão practicado e tão proprio das almas justas!

*Como devemos
abhorrecer o
amor desorde-
nado como
que nos amam
os nossos paes*

E abhorrecer aos que nos amam mal terá a mesma facilidade? E a outra parte que devemos declarar». Os que nos amam mal são todos aquelles que por sangue o parentesco mais ou menos estreito, ou por benefícios, ou por esperanças e dependências, ou por graças e prendas pessoaes, ou por qualquer motivo de afseição nos amam desordenadamente. Nenhum amor ha mais natural, mais lícito e menos suspeitoso, que o dos paes para com os filhos: e comtudo é cousa que excede toda a admiração dizer o Divino Mestre, como referimos no principio, que quem não abhorrecer seu paes e sua mãe, não pôde ser seu discípulo: *Qui non odit patrem et matrem, non potest meus esse discipulus*. Abaixo de Deus devemos estar aos paes, que depois d'elle nos deram o ser. Como diz logo o mesmo Deus que para ser seu discípulo é necessário abhorrecer e ter odio aos proprios paes? Bem se está vendo que este texto ha misto declaração: e nenhum lh'a deu melhor que S. Gregorio papa. Muitas vezes o amor dos paes é desordenado e não conforme à lei e amor de Deus. Não são todos como Jephile que sacrificou a filha unica: nem todos como Abrahão que não duvidou levar tambem ao sacrificio o seu primogenito. Quantos por estabelecer a successão da casa impedem o estado religioso ás filhas! E quantos por terem perto de si os filhos, não fazem caso

de que elles andem muito longe de Deus! E paes que querem mais á sua casa que à minha alma, paes que estimam mais o seu gosto que a minha salvação, paes que porque me deram a vida temporal, me apartam de segurar eu a eterna, vede se são merecedores de amor ou de odio! Ditosas vós que por amor do Esposo e do céu, tivestes valor para deixar os paes da terra! Ditosas, se por vontade sua os deixastes; e muito mais ditosas, se contra sua vontade fugistes d'elles. Elles voluntariamente deixados sacrificaram em vós o seu amor; e vós, violentamente fugindo d'elles, consagrastes n'ellas o vosso odio. Este é o odio sancto com que Christo manda abhorrecer pac e mãe aos que se quizerem fazer dignos da sua escola; é este o verdadeiro abhorrecimento com que lhe devem pagar os filhos o seu falso amor. Mas nem se encontra o preceito de amar os mesmos paes com este preceito ou conselho de os abhorrecer, diz S. Gregorio: porque se elles me abhorrecem com amor, justo é que eu os ame com odio: *Quasi enim per odium diligitur, qui dum prava nobis suggestum, tunc odit.* Elles abhorrecem-me com amor, porque me amam mal; e eu amo-os com odio, porque os aborreço bem: *Si male amaveris, tunc odisti; si bene oderis, tunc amasti.*

Assim o fizeram todos os que seguiram os conselhos evangelicos.

Na verdade foi este sancto odio que em diversas edades povou os claustros religiosos de tantos heroes de um e outro sexo, que por amor de Jesus Christo renunciaram aos afagos e ternuras da casa paterna, e ás pompas e grandezas do seculo. Foi por este sancto odio que elles ouviram da boca do Redemptor aquellas promessas tão amplas e tão consoladoras de que receberiam n'esta vida o centuplo do que deixaram e a eterna bemaventurança na outra. Foi com este sancto odio que elles procuraram a salvação e perfeição não sómente de suas proprias almas, mas tambem das almas de seus mesmos paes: *Si male amaveris, tunc odisti; si bene oderis, tunc amasti.*»

Depois do amor dos paes (em que se comprebendem todos os gráus do sangue) debaixo do nome commun de amigos entrarão geralmente e com maior decoro todos os outros que amam e são amados. Quando os amigos eram verdadeiros amigos, era tambem o nome d'esta profissão sagrado e admiravel: *Illud amicitiae sanctum et venerabile nomen.* Mas depois que a sincera amizade, a qual entre o coro das virtudes tinha tão honrado logar, se desceu de sua dignidade e acompanhou com os vicios; que amigo, ou chamado amigo, ha hoje que, assim como é o maior inimigo de si mesmo, o não seja tambem do seu amigo? E senão, dizei-me os mais moços (para que guardemos esse respeito ás cans), dizei-me e confessae sem rebuço: de que vos

O que os exemplos da lei evangélica.

Matth. 19.

O amor que ha no mundo entre os amigos e os amantes não é amor.

servem esses que tendes por amigos mais íntimos, e que amizades são as suas? Irem comvosco an passeio e á comedia, levarem-vos á casa do jogo e ás casas ou serralhos da ruim conversação: acompanharem-vos de noite aos furtos da honra alheia ou á vingança occulta: serem vossos padrinhos no desatão, a que vos levam já excommungado, e vos trazem morto, ou mal ferido; serem os secretarios de todos vossos cuidados e pensamentos e os conselheiros de todas as traças, enredos e execuções de vossas loucuras e appetites sem freio: em sum os complices inseparaveis de todos vossos vicios e peccados e as guias mais certas para o inferno, cujas estradas vos alargam e asseguram; e tudo isto com tal esquecimento da fé e desprezo da razão, como se não houvera outra vida, nem conta, nem consciencia, nem alma, nem Deus. E se quanto tenho dicto é meios do que calo e vós sabeis; julgæse se pôde haver algum inimigo mais cruel que estes amigos? Não só são os maiores inimigos, mas muito maiores que o maior: porque o maior inimigo pôde-vos tirar una vez a vida do corpo; e estes tiram-vos mil vezes a vida da alma. E a amizade de taes inimigos não é verdadeiro odio? Que muito logo que tendo-se verdadeiro odio se queiram mal e se façam mal? O mesmo que se querem, isso se fazem: *Si male amaris, tunc odisti.* «Tal é o amor que se ensina fóra da eschola de Christo.» Se no mundo houvera verdadeiro amor, ainda que acima do mesmo mundo não houvera céu, nem abaixo d'elle inferno, eu vos concedera que amasseis. Mas perder, não digo já a alma, de que agora não fallo, mas a liberdade, a quietação, o socego, o descanso e a vida; e condenar o triste coração ao perpetuo martyrio de cuidados, confusões e tormentos, e a estar ou andar sempre penando fóra de si, por uma imaginação phantastica do que não ha, nem é; nem o nome de loucura e cegueira basta a declarar o desvario de tão custoso engano.

*Exemplo de
amor de Adão
para com Eva.*

E para que vos desenganeis ainda mais que não ha amor fóra da eschola de Jesus Christo; e que este nome especioso, ainda que nos parece mais fino, é falso, ponhamos o exemplo um ambos os sexos para que chegue o desengano a todos; e nem os homens se enganem com as mulheres, nem as mulheres com os homens. Entre os homens houve por ventura algum amante mais perdido, que Adão por Eva? Tão perdido que por ametade de uma maçã deu um mundo inteiro; e não pelo que era a maçã, senão pela mão de quem vinha. Tão perdido, que perdeu o paraíso e se perdeu a si, e nos perdeu a nós e todos seus descendentes por não perder um leve agrado de quem imaginava então que amava muito. Mas assim como Adão se enga-

nou com o pomo, se enganou tambem com o seu proprio amor. Chegou a occasião de mostrar qual elle era; e logo desfez a mesma fineza tão grosseiramente, que sendo o preceito sob pena de morte, para elle se livrar a si, accusou a Eva: *Mulier quam dedisti mihi.* Em quanto cuidou que a pena da lei era sómente comunicação, grandes apparencias de fineza (que tudo o que dissemos foram só apparencias): mas tanto que viu que a devassa ia deveras, livre-me eu uma vez, e padeça Eva embora. Pois estes eram, Adão, os vossos amores, estas as vossas finezas, estes os vossos extremos tão affectuosos? Estes eram. Estes eram os de Adão; e estes são os de todos seus filhos: para que na primeira mulher aprendam as mulheres, e no primeiro homem se desenganem de todos.

Gen. 3.

E os homens onde conhecerão o amor das mulheres? Não é necessário «contar o exemplo que todos sabem» da amante de José. Não reparou na auctoridade, sendo princeza: nem na lealdade, sendo casada: nem na desegualdade, sendo ella senhora e elle escravo: porque em tudo o que fez e pretendeu, obrou como cega. Mas tanto que recuperou a vista, logo viu a falsidade de seu amor; e como se quizesse vingar a Eva, o mesmo que Adão disse a Deus, disse ella ao marido: *Ingressus est servus hebreus, quem adduxisti, ut illudere mihi:* eis aqui para que me trouxestes a casa o servo hebreu, para que elle se atrevesse a me querer descompôr. Ó falsa! Ó desleal! Ó fementida! Ó traidora! Agora porém só verdadeira, quando descobriste o avesso de teu coração e n'elle o interior inconstante e já mudado, com que a José enganavas e a ti mesma mentias. Mas que muito é que mudasse tão de repente a scena o amor de uma mulher, quando o primeiro actor de similhante tragedia foi o primeiro homem?

E da mulher de
Putifar para
com José.

Gen. 39.

Se os homens querem outro exemplo lembrem-se do amor de Dalila para com Sansão: e se as mulheres quizerem tambem outro, não se esqueçam do amor de Amon para com Thamar, no mesmo dia com os maiores extremos amada e no mesmo com muito maiores abhorrecida. Assim traicionou um homem, que tinha obrigações de ser honrado, a mulher mais illustre de Israel; e assim pagou uma mulher, de quem se tinha feito a maior confiança, ao homem mais famoso do mundo. Eu bem ouço que as mulheres, e não os homens, leem a opinião da inconstância: mas estes são filhos d'ellas. Olhae que bem o notou Job, com ser homem: *Homo natus de muliere... nunquam in eodem statu permanet*: o homem filho da mulher é tão vario, tão mudavel e tão inconstante, que nunca permanece nem dura no mesmo estado. A mulher inconstante por condição; o homem inconstante

De Dalila para
com Sansão;
e de Amon para
com Thamar.
O homem é na
inconstância
filho da mulher.

Job. 16.

por nascimento. A mulher como a lua por natureza; o homem como o mar por influencia. Bem digo eu logo que isto que no mundo se chama amor, é uma cousa que não ha, nem é: é chimera, é mentira, é engano; é uma doença da imaginação e por isso basta para ser tormento. «E aquelles que na escola do Divino Nestre intendem a falsidade d'este amor, não o aborrecerão com facilidade? Não fugirão d'elle com a maior indignação? Não pagarão com o odio que lhes ensina o Evangelho amor tão mentiroso? Sim: porque elles tem deante dos olhos a regra de Agostinho compendiando a doutrina evangelica: *Si male amaveris, tunc odisti; si bene oderis, tunc amasti.*»

Deveremos amar amigos e inimigos como Christo ensina que nos amamos a nós mesmos.

Jo. 17.

VI. Tempo-e já de colhermos as rodas. Se d'estes a todo o discurso attenção, bem creio terais entendido a resolução que vos pretendo persuadir. Não digo que se deixem de amar os que se amavam, nem de querer-se bem os que se queriam bem, «para amar sómente aos inimigos: digo que devemos amar amigos e inimigos, mas amal-os deverás segundo a doutrina de Christo.» *Qui amat animam suam, perdet eam; et qui odit animam suam, in vitam aeternam custodit eam.* Quem amar a sua alma (diz a Suprema Verdade) perde-a-ha; e quem lhe tiver odio, salva-la para sempre. Não é melhor o odio que me salva, que o amor que me perde? Não é melhor a triaga amargosa que me dá vida, que o veneno doce que me mala? Pois este é o amor e o veneno que o Medico Divino condenma: e este o odio e a triaga que recenta, approva e persuade. Oh como é louco e sem juizo todo o amor desordenado! Pôde haver maior loucura que estimar mais a infermidade que a saude, e mais a morte que a vida? Se vós amais mal, ao menos não mateis a quem vos ama. *Animam suam* na lingua em que fala Christo quer dizer a alma, a vida e a pessoa. E porque se não contentará quem vos ama de ser amado como vós amais a vossa alma, como amais a vossa vida e como vos amais a vós mesmo? Não é isto desamar: nem pretendeu Christo, quando o disse, que nos amassemos menos: mas que fizessemos verdadeiros os encarecimentos vãos dos que se amam. Então amareis a quem vos ama, como a vossa vida, como a vossa alma e corpo, quando amardes e zelardes igualmente tanto a sua salvação como a vossa, a qual se não consegue nem pôde conseguir senão por beneficio d'este odio: *Qui odit animam suam, in vitam aeternam custodit eam.* Reparae se tendes fé, n'aquelle aeternam. A vida que depende d'este odio não é outra que a eterna. Esta é a que se perde por quatro dias de «mal entendido» amor, e esta a que por outros tantos de «bem entendido» odio se assegura para sempre. E então que digam e cuidem que se querem o summo bem? E que creiamos que

nos amamos e não nos abhorrecemos, quando nos abhorrecemos para o céu e nos amamos para o inferno? Se vós amais e estimais tanto o ser amados, por este mesmo amor deveis fazer taes treguas e suspensão de affectos entre vós. Porque se fordes ao céu, os mesmos que agora vos amais, lá vos haveréis de amar eternamente; e pelo contrario se fordes ao inferno (o que Deus não permitta), lá vos haveréis de abhorreter com odio eterno, em quanto o mesmo Deus sór Deus. Será logo bem, que por um falso amor de poucos dias percais o verdadeiro amor de toda a eternidade, e que este mesmo amor com qua vos amais (e só porque vos amais) se haja de converter em odio eterno?

«Leimbrae-vos porém que, se a doutrina de Christo nos ensina o como devemos amar aos que nos amam, a mesma doutrina nos prescreve também o amor dos inimigos e prescreve-o como mandamento peculiar da nova lei, que é lei toda de amor: *Audistis quia dictum est: Diliges proximum tuum, et odio habebis inimicum tuum: ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros.* Bem facil nos seria este amor dos inimigos, se amassemos aquelle Soberano Amante, que nol-o manda em nome de seu mesmo amor, tão fiel, tão constante, tão liberal», que paga uma nossa vontade com duas suas, a divina e a humana, e que a todos os que o amam com verdadeiro amor, posto que limitado, não deixou jámais de amar com amor immenso e infinito. E sendo isto assim, e o mesmo Christo quem é, e nós cristãos e tendo fé, que seja tal a nossa demencia que o não amemos a elle, e empreguemos nosso coração em outro amor «deixando de amar no modo que elle quer amigos e inimigos»? E que haja almas rationaes tão sem juizo e tão inimigas de Deus e de si, que contra si commettam uma tal deshumanidade e contra Deus tão descommedido desprezo? Desprezo digo, porque com o nome de desprezado e engeitado se lamenta de nós o mesmo Senhor.

Appareceu Christo Senhor nosso a sancta Brigida com rosto compungido e cheio de consusão; e como envergonhado e corrido lhe disse estas sentidas palavras: Não estranhes, filha, que me saiam ao rosto estes signaes de magoa e sentimento; porque todos me prezam, todos me engeitam e lançam de si, e não ha quem aceite o meu amor: *Ab omnibus neglectus sum, ab omnibus repulsus sum; quia nemo me in dilectione habere desiderat.* Verdadeiramente que quem se não enternece com estas palavras e não se compadece do Filho de Deus e não tem lasma ao seu amor tão justamente queixoso e magoado, nem é cristão, nem é homem. E que seria se nós entrassemos também n'este numero dos que o engeitam e desprezam?

Quem ama a
Jesus Christo
facilmente ama
também os seus
amigos e inimi-
gos como os
dele amar.

O Salvador se
questiona a San-
cta Brigida
de ser despre-
zado pelos
homens

Concluso.

Senhor, Senhor, não permitta vossa bondade tal, nem nos castigue tão severamente a justa indignação de vosso amor. Todos prostrados a vossos pés nos arrependemos, não de o ter desprezado, não: que sempre o estimamos e adoramos como nosso; mas de o ter tão cegamente offendido. Confessamos nossa cegueira, confessamos nossa ingratidão, só menor que vossa misericordia. Ela nos valha com vosso piedosíssimo coração. E nós com todos os nossos, desde esta hora para sempre, abjuramos, renunciamos e condennamos a perpetuo esquecimento todo o outro desejo e todo o outro pensamento que não for de só a vós amar e querer. Morra n'esta hora, e acabe-se n'esta geral despedida para sempre, todo o amor que não for de Jesus. E desengane-se toda a outra aféição, vista, conversação, ou correspondencia humana, que só com o aborrecimento d'aqui por deante será amada na terra; para que o falso e breve amor convertido em verdadeiro se continue eternamente e dure sem fim no céu.

(Ed. ant. tom. 4., pag. 76, ed. mod. tom. 6., pag. 190.)

I. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA • •

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1655

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—A segunda parte d'este sermão e sobretudo a peroração mostram ate onde pôde chegar a eloquencia do Chrysostomo portuguez. Note-se a facilidade com que o orador vai juntamente explicando o Evangelho e provando o seu assumpto.

*Ostendit ei omnia regna mundi et
gloriam eorum, et dixit ei: Huc
omnia tibi dabo, si cadens adorare-
ris me.*

MATTII. 4.

Se o demonio é tão astuto, que até dos nossos remedios faz tentações; porque não seremos nós tão prudentes, que até das suas tentações façamos remedios? Esta é a conclusão que tiro hoje de toda a história do Evangelho. Quarenta dias havia e quarenta noites que jejuava Christo em um deserto; sucedeu ao jejum naturalmente a fome e sobre a fome veio logo a tentação: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant:* se és Filho de Deus, diz o demonio, manda a estas pedras que se convertam em pães. Vêde se inferi bem, que dos nossos remedios faz o demonio tentação. Com as pedras se defendia das suas tentações S. Jeronymo: os desertos e soledades são as fortalezas dos anachoretas: o jejum de quarenta dias foi uma penitencia prodigiosa: procurar de comer aos que hão fome, é obra de misericordia: converter pedras em pão com uma palavra é omnipotencia: ser Filho de Deus é divindade. Quem cuidará que de tudo isto se havia de armar, uma tentação? De pedras, de deserto, de jejum, de obra de misericordia, de omnipotencia, de divindade? Se o demonio tenta com as pedras, que fará com a prata e ouro? Se tenta com o deserto que será com oovoado e com a corte? Se tenta com o jejum, que será com o

O demonio
faz dos nossos
remedios ten-
tagens. Protra-
se com a pri-
meira tentação
com que tentou
a Christo
no deserto

regalo? Se tenta com a obra de misericordia, que será com a injustiça? Se tenta com a omnipotencia, que será com a fraqueza? E se até com a divindade tenta, com a humanidade e com a desbumanidade que será?

*Prova-se com a
segunda.*

Vencido o demonio n'esta primeira tentação, diz o texto que levou a Christo à cidade sancta de Jerusalem; e pondo-o sobre o mais alto do templo, lhe disse d'esta maneira: *Mitte te deorsum: scriptum est enim, quia angelis suis Deus mandarit de te, ut custodiant te in omnibus vnis tuis:* deita-te d'aqui abaixo: porque prometido está na sagrada Escriptura que mandará Deus aos seus anjos, te guardem em todos teus caminhos. Vede outra vez como tornam os remedios a ser tentações, e n'esta segunda tentação ainda com circumstancias mais notaveis. E quaes foram? A cidade sancta, o templo de Jerusalem, as sagradas Escripturas, os mandamentos de Deus, os anjos da guarda. Podia haver cousas menos occasionadas para tentações? Pois d'isto fez o demonio uma tentação. E se o demonio tenta com a cidade sancta, que será com a cidade escandalosa? Se tenta com os templo de Deus, que será com as casas dos idolos? Se tenta com as sagradas Escripturas, que será com os livros profanos? Se tenta com os mandamentos de Deus, que será com as leis do mundo? Se tenta finalmente com os anjos da guarda, que será com os anjos da perdição?

*Como será
possivel que obs.
das tentações
façamos reme-
dios?*

Eis-aqui como o demonio, dos remedios faz tentações. Mas como será possivel que nós das tentações façamos remedios? O demonio na primeira tentação pedia a Christo que fizesse das pedras pão; e na segunda que fizesse dos precipícios caminhos. Que cousa são as tentações senão pedras e precipícios? Pedras em que tropeçamos, e precipícios d'onde cainmos. Pois como é possivel que das pedras em que tropeçamos, se faça pão com que nos sustentemos; e dos precipícios d'onde cainmos, se façam caminhos por onde subamos? Isto havemos de ver hoje. Para reduzir todo este poncio tão grande e tão importante a uma só maxima universal tomei por fundamento a terceira tentação que propuz, que é a maior que o demonio fez hoja a Christo, e a maior que nunca se fez, nem ha de fazer, nem pode fazer no mundo.

*Mostre-se-lhe
na terceira tem-
tacão e vera
exemplar da
tentação.*

Vencido a primeira e segunda vez o demonio não desesperou da victoria; porque lhe faltava ainda por correr a terceira lança, em que mais contava. Levou a Christo ao cume de um monte alussimo e mostrando-lhe d'ali todos os reinos e monarchias do mundo com todas suas glórias e grandezas, com todas suas riquezas e delícias, com todas suas pompas e majestades, apontando em roda para todo este mappa universal, tão grande, tão

formoso, tão vario, disse assim: *Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me:* tudo isto que vés, te darei, se com o joelho em terra me adorares. Esta foi a ultima tentação do demônio: esta foi a terceira victoria de Christo. As armas com que o Senhor se defendeu e o remedio que tomou n'esta tentação, como nas outras, foram as palavras da Escriptura sagrada: *Dominum Deum tuum adorabis, et illi soli servies:* Adorarás e servirás só ao Senhor teu Deus. É a Escriptura sagrada um armazem divino, onde se acham todas as armas; é uma officina medicinal, onde se acham todos os remedios; esta é aquella Torre de David da qual disse Salomão: *Mille clypei pendent ex eo, omnis armatura fortium:* porque como commenta S. Gregorio: *Universa nostra munitione in sacro eloquio continetur.* «Certamente» poderosissimas armas e efficacissimos remedios contra as tentações do demônio são as divinas Escripturas. Mas como eu prego para todos, e nem todos podem manejar estas armas, nem usar d'estes remedios; é o meu intento hoje inculcar-vos outras armas mais promptas e outros remedios mais facéis, com que todos possais resistir a todas as tentações. Na bocca da vibora poiz a natureza a pegonha e juntamente a triaga. Se quando a serpente lentou aos primeiros homens, souberam elles usar bem das suas mesmas palavras, não haviam mister outras armas para resistir, nem outro remedio para se conservar no paraíso. Não cortou David a cabeça ao gigante com a sua propria espada? Judith, sendo mulher, não degolou a Holofernes com a sua? Pois assim o havemos nós de fazer: nem necessitamos de outras armas mais que as mesmas com que o demônio nos tenta. A mesma cousa offerecida pelo demônio, é tentação; bem considerada por nós é remedio. Isto hei-de pregar hoje. Oh se Dens me ajudasse a vos mostrar com evidencia «a efficacia de um tal remedio!» Vamos ponderando uma por uma as mesmas palavras da tentação.

II. Ostendit ei omnia regna mundi et gloria eorum. Desde aquele monte alto, onde o demônio subiu a Christo, lhe mostrou todos os reinos do mundo e sua gloria. Isto que facilmente se diz, não é tão facil de intender. De um monte, por alto que seja, não se podem descobrir todos os reinos do mundo. O sol está tão levantado; e comtudo descobre um só hemisphério, e nem vó nem pôde ver os antipodas. Pois como foi possível que o demônio desde aquele monte mostrasse todo o mundo a Christo? A sentença mais certa e mais seguida é, que o mundo que o demônio mostrou a Christo, não foi este mundo verdadeiro, senão um mundo phantastico e apparente, uma apparencia e representação do mundo. Assim como os anjos quando aparecem aos homens, se vestem de corpos phantasticos,

Como o demônio pôde mostar a Christo todos os reinos do mundo,
• que são estes reinos.

Vide Cornelium
a Lap. in hunc locum.

que parecem corpos formosissimos e não são corpos; assim o demonio que no poder natural é igual aos anjos, em todo o ar que se extendia d'aquelle monte até os horizontes, com cōres, com sombras, com apparencias, pintou e levantou em um momento montes, valles, campos, serras, cidades, castellos, reinos: emsím um mundo. De maneira que todo aquelle mundo, todo aquelle mappa de reinos e de grandezas, bem apertado vinha a ser um ponco de vento. E com ser assim esta representação (notae agora), com ser o que o demonio mostrava, uma só representação phantastica, uma apparencia; comtudo, diz o evangelista, que o demonio mostrou a Christo todos os reinos do mundo e suas glorias; porque todas as glorias e todas as grandezas do mundo, bem consideradas, são o que estas eram: ar, vento, sombras, cōres apparentes. E senão dizei-me: de todos aquelles reinos, de todas aquellas majestades e grandezas que havia no tempo de Christo, quando sucedeua esta tentação, ha hoje alguma cousa no mundo? Nenhuma. Pois que é feito de tantos reinos, que é feito de tantas monarchias, que é feito de tantas grandezas? Eram vento; passaram: eram sombra; sumiram-se: eram apparencias; desappareceram. Ainda agora são o que d'antes eram: eram nada, são nada. Até dos marmores d'equelle tempo não ha mais que pó e cinza; e os homens, como bem nota Philo Hebreu, vendo isto com os nossos olhos, somos tão cegos que fazemos mais caso d'este pó e d'esta cinza, que da propria alma: *Qui cinerent et puluerent pluris facilis quam animam.*

Auctoridade de
Salomão

Ecccl. 4.

Isto são hoje os reinos d'aquelle tempo, e os reinos de hoje que são? São por ventura outra cousa? Diga-o o rei do reino mais florente, e o mais sabio de todos os reis: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas.* Eu fui rei e filho de rei, diz Salomão; experimentei tudo o que era, e tudo o que podia dar de si o poder, a grandeza o senhorio do mundo; e achei que tudo o que parece que ha n'elle, é vão e nada solido, e que bem pensado e apertado não vein a ser mais que uma vaidade composta de muitas vaidades: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas.* Vaidade os seephiro's, vaidade as corūas, vaidade os reinos e monarchias; e o mesmo mundo que d'ellas se compôi, vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum.* Esta é a verdade que não sahemos vér por estar escondida e andar enseitada debaixo das apparencias que vemos; e este é o conhecimento e desengano com que devemos rebater e desprezar o tudo, ou o nada, com que nos tenta o mundo. Oh como ficariam desvanecidas as maiores tentações, se soubessemos responder ás palavras do demonio com as palavras de Salomão: *Omnia regna mundi? Omnia vanitas. Omnia tibi dubo? Omnia vanitas.*

Mas se todo este mundo e tudo o que n'elle mais avulta, é vã, antes a mesma vaidade, como é possível que tenha tanto valor e tanto peso com os homens, que pese para com elles mais que o céu, mais que a alma e mais que o mesmo Deus? Tão falsas são as balanças do juizo humano? Não são elles as falsas: somos nós: *Mendaces filii hominum in stateris, ut decipiunt de vanitate in idipsum.* São laes os homens, diz David, que com a balança na mão trocam o peso ás cousas. Não diz que as balanças são falsas, senão que os homens são falsos. E a razão d'esta falsidade, ou d'esta falsificação, é porque os mesmos homens se querem enganar a si mesmos com a vaidade. Não é o nosso juizo o que nos engana, é o nosso affecto; o qual pendendo e inclinando para a parte da vaidade, leva apôs si o fiel do juizo. N'estas balanças de uma parte está a alma, da outra está o mundo. De uma parte está o temporal, da outra o eterno: de uma parte está a verdade, da outra a vaidade. E porque nós pômos o nosso affecto e o nosso coração da parte do mundo e da vaidade, esse affecto e esse coração é o que dá á vaidade do mundo o peso que ella não tem, nem pôde ter. A vaidade não amada não tem peso, porque é vaidade. Mas essa mesma vaidade amada pesa mais que tudo; porque o nosso amor e o nosso affecto é o que falsamente lhe dá o peso. De maneira quo o peso não está nas cousas, está no coração com que as amamos. Amamos e estimamos a vaidade; e por isso a balança inclina a ella e com ella, e nos mostra falsamente o peso onde o não ha. Oh se pesassemos bem e fielmente, com o coração livre de todo o affecto! Como veríamos logo que a inclinação e movimento da balança pendia todo para a parte da alma; e que todo o mundo contrapesado a ella não pesa um atomo.

Chegou Esau do campo, cançado e com fome de todo o dia; e chegou a desastrada hora, porque estava no mesmo tempo seu irmão Jacob cozinhando, diz o texto, umas lentilhas. (Estes eram os grandes homens, e estes os grandes regalos d'aquelle tempo). Pediu Esau a seu irmão um pouco d'aquelle vianda: mas elle aproveitando-se da occasião e da necessidade respondeu, que dar, não; mas vender, sim: que se Esau lhe vendesse o seu morgado, começaria desde logo a lhe dar aquelles alimentos. Deus nos livre de se ajuncular no mesmo tempo a fome e a tentação. O successo foi que Esau aceitou o contracto: deu o morgado. Pois, valha-me Deus! o morgado de Isaac, a herança de Abrahão, a benção dos patriarchas, que foi a maior cousa que desde Adão houve no mundo, por uma escudella de lentilhas! Este homem era cego? Era louco? Era vil? Nada disto era: mas era um homem (diz a Escriptura) que vendeu e não pesou

Os bens do mundo tem valor para nós, porque os não pesamos.

Pt. 61.

E nos acontece como a Esau.

Gra. 35.

bem o que vendia: *Abit parri pendens quod primogenita vendisset;* e homem que vende sem pesar bem o que vende, não é muito que por uma escudella de grosserias dêsse o maior morgado do mundo. Se Esaú antes de vender tomara a balança na mão e pozera de uma parte o morgado e da outra a escudella, parece-vos quo o venderia? Pois eis áhi porque ha tantas almas venaes. Esta historiá de Esaú e Jacob aconteceu una só vez antigamente; mas cada dia se representa no mundo: o papel de Jacob sal-o o demônio; o de Esaú fazomol-o nós. O demônio oferece-nos um gosto ou um interesse vil; e pede-nos o morgado que nos ganhou Christo. E nós, porque contractamos sem a balança na mão, e não posamos a vileza do que recebemos com a grandeza do que damos; consentimos no contracto e ficamos sem benção. Quando Esaú vendeu o morgado, não o sentiu, nem fez caso d'isso. Mas depois quando viu que Jacob levava a benção e elle ficava sem ella, diz o texto quo *irrigit clamore magno, et consternatus est:* que tudo era encher o céu de clamores e gemidos e despedaçar-se a si mesmo e desfazer-se com dor. Ah mal aconselhados Esaús! Agora vendemos a alma e o morgado do céu pela vileza de um gosto, pelo engano de um appetite, pela grosseria de um manjar de brutos; e d'isto não fazemos caso. Mas quando vier aquele dia em que Christo dê a benção aos que estiverem à sua mão direita; e nós virmos quo ficamos sem ella por umas cousas tão vis; oh que dor! oh que desesperação! oh que circumstancia de inferno será esta tão grande para nós!

Porque mostrou o demônio a Christo os reinos do mundo em um instante?

Lor. 4.

Agora intendereis a astucia da tentação do demônio no modo com que hoje mostrou a Christo todos os reinos do mundo. Diz S. Lucas que lhos mostrou em um instante: *Ostendit ei omnia regna mundi in momento.* E porque razão em um instante? Porque não deu mais espaço de tempo a quem tentava com uma tão grande ostentação? Seria por ventura, porque ainda o demônio, quando engana, não pôde encobrir a brevidade momentanea com que passa e se muda esta scena de cousas do mundo, aparecendo e desaparecendo todas em um instante? Assim o diz sancto Ambrosio: *Non tam conspersus celeritas indicatur, quam carduca fragilitas palestatis exprimitur: in momento enim cuncta illa praeterunt.* Mostrou o demônio todos os reinos e grandeszas do mundo em um instante; porque as mostrou assim como elles são; e tudo o que ha n'esto mundo, não tem mais ser que um instante. O que foi, já não é: o que ha de ser, ainda não é; e o que e, não é mais que no instante em que passa: *In momento cuncta illa praeterunt.* Boa razão e verdadeira, como de tal auctor. Mas ainda debaixo d'ella se encobria outra astucia

do tentador; o qual não quiz dar tempo ao tentado para pesar o que lhe oferecia. O peso das cousas vê-se pela inclinação e movimento; por isso lhe mostra tudo em um instante. Veja o tentado o mundo que lhe ofereço: mas veja-o em instante sómente, e não em tempo, para que não possa averiguar o pouco que pesa: *In momento omnia regna mundi.*

Andou o demônio muito «astucioso» em mostrar o mundo e suas glórias a quem queria tentar com elas. O mundo prometido forte tentação parece: mas «pesado» não é tentação. E senão, discorrei por todos os bens do mundo: e vereis que são tão vãos que nenhum pendor fazem à balança da razão. O que mais pesa e o que mais luz no mundo são as riquezas. E que cousa são as riquezas, senão um trabalho para antes, um cuidado para logo e um sentimento para depois? As riquezas, diz S. Bernardo, adquirem-se com trabalho, conservam-se com cuidado e perdem-se com dor. Que cousa são as galas, senão um engano de muitas cores? Cabellos de Absalão, que pareciam madeixas e eram lagos. Que cousa é a formosura, senão uma caveira com um volante por cima? Tirou a morte aquelle seu; e fugis hoje do que bontem adoráveis. Que cousa são os gostos, senão as vespertas dos pezares? «É dos proverbios de Salomão: *Extrema gaudii luctus occupat.*» Que cousa são as delícias senão, o mel da lança de Jonathas? Junctamente vai á boca o favo e o ferro. Que cousa são os passatempos da mocidade, senão arrependimentos depositados para a velhice? E o melhor bem que podem ter é chegarem a ser arrependimentos. Que cousa são as honras e as dignidades, senão fumo? Fumo que sempre cega e muitas vezes faz chorar. Que cousa é a privança, senão um vapor de pouca dura? Um raio de sol o levanta e outro raio o desfaz. Que cousa são as provisões e os despachos grandes, senão umas cartas de Urias? Todas parecem cartas de favor; e quantas foram sentenças de morte. Que cousa é a fama, senão uma inveja comprada? Uma funda de David que derruba ao gigante com a pedra e ao mesmo David om o estalo. Que cousa é toda a prosperidade humana, senão o vento que corre todos os rumos? Se diminui não é bonau-
to; se cresce é tempestade. Finalmente que cousa é a mesma da senão uma alampada aceza, vidro e fogo? Vidro que com o assopro se faz: fogo que com um assopro se apaga. Este o mundo com todas as suas glórias: *Omnia regna mundi et omnia eorum.* E por estas glórias falsas, vãs e momentaneas mos aquella alma immortal que Deus creou para glória verdadeira e eterna? Quem haverá que olhe para o mundo com oshos bem abertos; que veja como todo é nada, como todo é

Nisto antec.
mundo astucios-
so, porque to-
dos os bens
do mundo são
vãos e não fa-
zem pendor.

Prov. 11.

mentira, como todo é inconstancia, como hoje não são os que hontem foram, como ámanhã não hão de ser os que hoje são, como tudo acabou e tudo acaba, como todos havemos de acabar e todos imos acabando; emsí que veja ao mundo bem como é em si, que não se desengane com elle e se não desengane d'elle?

Onde o peso da alma.

III. Mas demos já uma volta à balança. Vimos quanto pesa o mundo: vejamos agora quanto pesa uma alma. Neste peso entramos todos. O peso do mundo não pertence a todos; porque muitos tem pôoco que pesar. O peso da alma ninguem ha a quem não pertença: o rei, o vassallo, o grande, o pequeno, o rico, o pobre, todos tem alma. Ora vejamos quanto pesa e quanto val isto que todos trazemos e temos dentro em nós.

A cruz e a sua balança.

Onde porem acharemos nós uma balança tal que se possa pesar n'ella uma alma? Quatro mil annos durou o mundo sem haver em todo elle esta balança. E por ventura essa foi a occasião de se perderem n'aquelle tempo tantas almas. Chegou finalmente o dia da redempção; poz-se o Filho de Deus em uma cruz; e ella foi a verdadeira e fiel balança que a divina justiça levantou no monte Calvario; para que o homem conhecesse quão immenso era o peso e o preço da alma que tinha perdido. Assim o conta e nolo ensiná a Egreja: *Beata cuius brachis pretium peperit saeculi: statera facta corporis, tulitque praedam tartari!* Vós homem aquella cruz em que está pendente e morto o Filho de Deus? Pois sabe que ella é a balança justa em que Deus pesou o preço da tua alma para que tu a não desprezes. O mundo custou a Deus uma palavra; e a alma custou a Deus o sangue, custou a Deus a vida de seu Filho. É tal o preço que Deus deu pelas almas que posta de uma parte a alma e da outra o preço, parece (diz Eusebio Emisseno) que val tanto a alma como Deus. Parece, diz: porque Deus verdadeiramente val e pesa mais que toda a alma. Mas a divina justiça não poz em balança com a alma outro peso, nem aceitou por ella outro preço que o do mesmo Deus; porque de peso a peso, só Deus se pode contrapesar com a alma; e de preço a preço só Deus se pode avaliar com ella. Sendo pois esta a verdadeira balança e sendo esta o peso e o preço da alma que tão cara comprou Deus e nos tão barata vendemos ao demónio, não vos quero persuadir que a não vendais: só vos peço e vos aconselho que a não vendais senão muito bem vendida. O demónio no primeiro lanço ofereceu por ella o mundo; Deus no segundo lanço deu por ella a si mesmo. Se achardes quem vos dé mais pela vossa alma, dae-a etabura.

A desvalorização da alma mostra o seu preço.

Toda a desgraça da pobre alma, tão falsamente avaliada e tão vilmente trocada e vendida, é porque a não vemos, como vemos

ao mundo. O demonio mostrou a Christo todos os reinos do mundo: *Ostendit ei omnia regna mundi;* se eu vos podera mostrar uma alma, estavam acabadas todas as tentações e não eram necessarios mais discursos. O demonio daria todo o mundo por uma alma; porque a vê e conhece: é espirito vê as almas: nós como somos corpo, vemos ao mundo e não vemos a alma; e porque a não conhecemos, por isso a desestimamos. Oh! se Deus nos mostrasse uma alma! Que pasmo, que estimação seria a nossa e que desprezo de quanto ha no mundo e na vida! mostrou Deus uma alma a sancta Maria Magdalena de Pazzi; e oito dias ficou fora de si, arrebatada de assombro, de pasmo, de estranheza, só na memoria, na admiração, na novidade do que vira. Isto é uma alma? Isto é. A sancta Catharina de Sena mostrou-lhe Deus tambem uma alma; e dizia (como refere S. Antonino) que nenhum homem haveria, se tivesse visto uma alma que não desse por ella a vida cem vezes cada dia; e não pela propria, senão pela alheia. De sorte que toda a diferença e toda a desgraça está em que o mundo com que o demonio nos engana, é visivel e a alma invisivel. Mas por isso mesmo haviamos de estimar muito mais a alma, se tivermos juizo. O mundo é visivel, a alma é invisivel; o mundo vê-se, a alma não se vê? Logo muito mais preciosa é a alma e muito mais val que todo o mundo. Ouvi a S. Paulo: *Non contemplantibus nobis quaeridentur, sed quae non videntur: quae enim videntur, tempora sunt, quae non videntur eterna.* Não havemos de admirar, nem estimar o que se vê, diz S. Paulo: porque o visivel, o que se vê, é temporal; o que se não vê, é eterno. O mundo, que o demonio me mostra é visivel, porque é temporal como o corpo: a alma, que o demonio me não pôde mostrar (nem me havia de mostrar se podera), é invisivel, porque é eterna como Deus. E assim como os olhos não podem ver a Deus por sua soberania, assim não podem ver a nossa alma. Não é a nossa alma tão baixa que a houvessem de ver os olhos. Vêem o mundo, vêem o céu, vêem as estrelas, vêem o sol: a alma não a podem ver, porque não chega lá a sua esphera.

Mas já que somos tão corporaes e damos tanto credito aos olhos; os mesmos olhos querem que nos digam e que confessem que é a alma. Quereis ver o que é uma alma? Olhae (diz octo Agostinho) para um corpo sem alma. Se aquelle corpo de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão res, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão res, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos

2. Cor. 4.

Um corpo sem alma nos revela o que ella é.

humanos e divinos que admiramos e excedem a admiração; tudo isto era a alma. Se o corpo é de um artifice; quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amolhecia o ferro, quem dava nova forma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou n'aquelle corpo regras ao fogo, secundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos e a unir as distancias do universo e meter todo o mundo venal em uma praça? A alma. Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e machinas bellicas, o valor, a bizarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia; quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é de um principe; a majestade, o domínio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade na adverso, a vigilancia, a prudencia, a justica; todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa, de quem eram governadas e de quem eram? Da alma. Se o corpo é de um sancto; a humildade, a paciencia, a temperanca, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das cousas divinas, os extasis, os raplos, solido o mesmo peso do corpo e suspendido no ar; que maravilha! Mas isto é a alma. Finalmente os mesmos vicios nossos nos dizem o que ella é. Uma cobiça que nunca se farta; uma soberba que sempre soha; uma ambição que sempre aspira; um desejo que nunca aqueta; uma capacidade, que todo o mundo não enche, como a do Alexandre; uma altiveza, como a de Adão que não se contenta menos que com ser Dens; tudo isto que não vemos com nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso — a alma. Até a formosura que parece dote proprio do corpo e tanto arrebata e captiva os sentidos humanos, aquella suavidade de cor, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida; que é tudo senão uma alma? E se não vêde o corpo sem ella, insta Agostinho, *Non facit corpus unde ametur nisi animus.* Aquillo que amaveis e admiraveis não era o corpo, era a alma: *Recessit quod non videtur, remansit quod cum dolore videatur:* apartou-se o que se não via: ficou o que se não pode ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de majestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma. Viu S. Francisco de Borja o corpo defuncto e desformo da imperatriz Dona Izabel; e que lhe sucedeu? Pela differença do corpo morto viu n'aquelle espelho o que era a alma; e como viu o que era a alma, deixou o mundo. Não nos enganara o demonio com o mundo, se nós viramos e conhecermos bem o que é a alma e o que é o mundo.

Então que nos diga o demonio com a boca muito cheia e

muito inchada: *Haec omnia tibi dabo si cadens adoraveris me.* Parece que faz estremecer a grandeza d'esta tentação! Mas o demônio é o que havia de temer d'ella! Desarmou-se a si e armou-nos a nós. Tu, demônio, offereces-me de um lança todo o mundo para que caia, para que peque, para que te dê a minha alma? Logo a minha alma por confissão tua val mais que todo o mundo. A minha alma val mais que todo o mundo? Pois não te quero dar o que val mais pelo que val menos: *Vade retro.* Pode-nos o demônio dar ou prometer alguma cousa que não seja menos que o mundo? Claro está que não. Pois aqui se desarmou para sempre: n'esta tentação perdeu todas; se nós não temos perdido o juizo. Ouve a Salviano: *Quis ergo furor est tuis a nobis animas nostras haberi, quas etiam diabolus putat esse retinas?* Homens loucos, homens sem entendimento, nem juizo; é possível que sendo as nossas almas na estimação do demônio tão preciosas, no vosso conceito e no vosso desprezo hão de ser tão vis? O demônio quando me quer roubar, quando me quer enganar, não pode deixar de confessar que a minha alma val mais que todo o mundo; e eu, sendo essa alma minha, não val de haver no mundo cousa tão baixa, tão vã e tão vil pela qual a não dé sem nenhum reparo? *Quis furor est?* Que loucura, que demencia, que furor é este nosso? Muito mais obrida está a nossa alma «ao juizo» do demônio, que ao nosso. do demônio a honra, o nosso a affronta. Envergonha-se o monstro no primeiro lança de offerecer menos por uma alma que todo o mundo; e nós a damos por nada. Caio Cesar, como fere Seneca, mandou de presente a Demetrio duzentos talentos de prata, que fazem hoje da nossa moeda mais de duzentos mil cruzados. Não creio que haveria na nossa corte quem não heiisse a mão real e não aceitasse com ambas as mãos a mercê. E porém Demetrio philosopho estoico «dos mais sabios de u tempo»; e que respondeu? Andae, levae os seus talentos ao perador; e dizei-lhe, que, se me queria tentar, havia de ser a todo o seu imperio. E se chama-se senhor do mundo? Com o mundo me havia de tentar. Não no fez assim o Cesar, que não conhecia Demetrio: mas sel-o assim o demônio; por-sabe o que val uma alma.

Ah! idolatras do mundo que tantas vezes daes a alma e dois o joelho ao demônio, não pelo mundo todo, senão por partes tão pequenas d'elle, que nem migalhas de mundo podem chamar! Quantos principes dão a alma e tantas almas ao demônio por uma cidade, por uma fortaleza? Quantos titulos por uma villa? Quantos nobres por uma quinta, por uma vinha, por uma casa? Que palmo de terra ha no mundo que não teubha

O homem pelo contrário dão a sua alma por nada.

levado muitas almas ao inferno pela demanda, pelo testemunho falso, pela escriptura supposta, pela sentença injusta, pelos odios, pelos homicidios e por infinitas maldades? Se o mundo todo não pesa uma alma, como pesam tanto estes pedacinhos do mundo, que todos se vão ao fundo e nos levam a alma apoz si? Como estamos em poncto de tanta importancia, que é a maior e a unica e toca igualmente a todos e a cada um, dae-me licen-ça com que acabe de desarmar ao demonio, apertando o argumen-to de maneira que não haja coração tão duro, nem inten-dimento tão rebelde, que não dê as mãos e fique convencido.

*Suposicio
de offerecimen-
tos muito mai-
amplos por
parte do demo-
nio.*

Luc. 4.

Quando o demonio offerecia o mundo a Christo, disse-lhe juntamente (como refere S. Lucas) que elle tinha poderes de Deus para dar o que offerecia: *Tibi dobo potestatem hanc uni-versam et glorium eorum: quia mihi tradita sunt et cui volo do illa.* Estes poderes que o demonio allegava, eram tão falsos como as mesmas promessas. Mas supponhamos que os poderes eram verdadeiros e que eram ainda maiores. Neste caso se o demonio nos propusesse o mesmo contrato que hoje propoz a Christo: se nos offerecesso todos os reinos e grandezas do mundo, aceitá-lo-hiamos? Eu intendo que n'este caso qualquer homem bem intedido podia ver tres replicas ou tres instancias a este offerecimento. A primeira na brevidade da vida; a segunda na inconstancia dos reinos, a terceira na limitação da natureza hu-mana. Ora discorrei comigo e fallemos com o demonio. Tu, dem-onio, me offereces todos os reinos do mundo. Grande offere-cimento é: mas bem sabes tu que Alexandre Magno não durou mais que seis annos no imperio; e outros imperadores duraram muito menos e algum houve que durou só tres dias. Pois por seis annos, ou por vinte annos, ou por quarenta annos que posso viver e esses incertos, hei eu de entregar a minha alma? Não é bom partido. Não seja essa a duvida («diga» o demonio): eu te seguro com os poderes que tenho, cem mil annos de vida e esses sem dor, sem velhice, sem infirmitade. Ha mais outra duvida? Sim, ha. Ainda que en haja de ter cem mil annos de vida, quem me segurou a mim a duração e permanencia d'esses reinos e d'essa monarchia? Não ha consa mais inconstante no mundo que os reinos, nem menos duravel que sua gloria e felicidade. Sem recorrer aos exemplos passados digam-no as mu-danças que vimos n'estes dias em que tão pouco seguras tive-ram os reis a obediencia dos vassallos e a corda e ainda a mesma cabeça sobre que assentam as cordas. Pois se os vassallos mesmos se me houvessem de rebellar, ou os estranhos me hou-vessem de conquistar os reinos; que me importaria a mim ter o nome e o domínio d'elles? Não seja essa tambem a dificul-

dade («demos que o demônio possa responder»): eu te asseguro a duração e perpetuidade da monarchia e de todos os reinos que te mostrei, por espaço de cem mil annos, e te prometto que os possuirás sempre quietos e pacíficos. Ha mais alguma cousa em que reparar? Ainda uma. Sendo eu rei de todo o mundo não me posso gozar de todo elle ao mesmo tempo. Quando tiver a corte em Lisboa, não a posso ter em Paris: quando a tiver em Roma, não a posso ter em Constantinopla. Se lograr as terras da Europa não posso lograr as de America: se gozar as delícias de Italia, não posso gozar as da India. Pois se eu não hei de ter mais capacidade para os gostos da vida, do que tem qualquer homem; que me importa ter tanto poder e tanta materia para elles? «Se enfim o demônio podesse também satisfazer a esta ultima dificuldade fazendo que em troca da alma se possam lograr as delícias e as honras de todo o mundo»; parece-vos, christãos, que seriam boas condições estas e dignas de se aceitarem? Um homem com cem mil annos de vida seguros, sem dor nem infernidade: um homem monarcha universal de todos os reinos do mundo com certeza de não se mandarem: um homem com o singularíssimo privilegio de poder gozar no mesmo tempo as delícias de todo elle. Parece que a imaginação não pôde inventar mais, nem querer mais o desejo. Comtudo ha alguém entre vós tão falso de juizo, que aceitaria esta vida, esta majestade, estas delícias de cem mil annos com condição de no cabo d'elles perder a alma e ir ao inferno? É certo que nenhum de nós aceitaria tal contracto: ao menos eu não. Pois se não aceitariam os ao demônio um tal contracto, como aceitamos tentações tão diferentes? Dizei-me: quando o demônio vos tenta promete-vos larga vida? Antes são muitas vezes tais as tentações que sabéis de certo que caindo n'ellas, quando menos, haveis de encurtar a vida e perder a saúde. Mais quando o demônio vos tenta promete-vos reinos e monarchias universaes do mundo? Não: um morgado, uma herança e outros interesses menores. Mais. Quando o demônio vos tenta, multiplica-vos a capacidade dos sentidos, para que possais gozar um maior largueza e sem limite os gostos e delícias do mundo? Toda d'isto. Pois se sórta loucura e rematada loucura, entregar um homem a sua alma por aquelle contracto; que será entre-mol-a cada dia e cada hora por pretenções de tanto menor? Por uma valdade, por um desejo, por uma representação, por um pensamento, por um appetite, que no instante antes o desejais e no instante depois o aborreceis? Tomara que me respondessemos a esta evidencia para ver que razão me dis.

Alma que a
perda da alma
seja duvidosa,
não se fave ar-
riscar.

Só uma vos pôde ocorrer, que tenha alguma apparencia; e é o que nos engana a todos. Padre, entre aquelle contracto e as tentações ordinarias do demonio ha uma diferença grande. Consentindo n'aquelle contracto ficava eu perdendo a minha alma de certo: consentindo nas outras tentações sómente ponho a minha alma em duvida; porque depois de aceitar a tentação e lograr o quo o demonio e o appellite me promette, posso arrepender-me e salvar-me. Respondo. Primeiramente essa mesma conta lizeram todos os christãos que estão no inferno. Mas sem chegar a esta suposição, tão leve negocio é pôr a alma e a salvação em duvida? Aprendamol-o do mesmo demonio, e torna a tentação a ser remedio. Quando o demonio tentou a Christo, bem via que n'aquelle homem, quem quer que fosse, depois de aceitar o partido, assim como se houvesse posto de joelhos deante do demonio para o adorar, assim se podia pôr de joelhos deante de Deus para pedir perdão, se restituir á sua graça e salvar-se. Pois se isso era assim: porque o tentou offerecendo-lhe todo o mundo só por aquella adoração, só por aquele peccado? Porque aquelle peccado em um homem ainda que lhe não tirava a salvação com certeza, punha-se-lhe a salvação em duvida; e só por pôr em duvida a salvação de uma alma, daria o demonio todo o mundo.

Poçoas o nego-
cio da alma
é o maior que
temos.

Christãos, Deus nos livre de pôr a salvação de nossa alma em duvida, ainda que seja pelo preço de todo o mundo e de mil mundos. O que se pôr em duvida, pode ser e pode não ser; e se for? Se a duvida inclinar para a peior parte, se eu me não salvar e me condennar, como se condemnaram tantos que lho lizeram esta mesma conta, será bem que ligue a alma n'essas contingencias? Oh tristes almas as nossas, que não sei que nos tem feito, que tanto mal lhe queremos! Por certo que não nos havemos nós assim nas temporalidades. O negocio em que vos vai a vida ou a fazenda ou a honra ou o governo, contentais-vos com o deixar n'essas duvidas? Não buscais sempre o mais seguro? Pois só a Deus e à ventura hão de ser para a triste alma? Só a alma fazes tão pouco caso d'ella que a lançais a sortes quasi ao tomblo de um dado?

O Redemptor
faz tanta conta
das nossas al-
mas que morreu
que não se sal-
vam.

Ouvi uma ponderação que me faz tremer. É de fé que o Filho de Deus morreu por todos os homens. Assim o definiu Inocencio decimo em nossos dias contra os erros dos Jansenistas; e assim o diz expressamente S. Paulo em deus logares de suas epistolas: na segunda aos coríntios cap. 5. *Christus pro omnibus mortuus est;* e na primeira a Timóteo cap. 2. *qui dedid redemptionem semel ipsorum pro omnibus.* Que Christo morresse pelas almas «que se salvam», bem está: pois para a sal-

vação d'ellas era necessário o preço infinito de seu sangue. Mas morrer Christo e dar o preço infinito de seu sangue também pelas almas «que não se querem salvar?» Sim: porque é tão grande o valor das almas por si mesmas, ainda sem o respeito de se haverem de salvar, que deu Christo por bem empregado n'ellas o preço infinito de seu sangue. Grande exemplo em uma alma particular.

Fez Christo por Judas os extremos que todos sabem: mas nem todos os ponderam como merecem. Se Christo tivera certeza de que Judas se havia de salvar, bem empregadas estavam todas aquellas despezas de trabalho e de amor. E se, quando menos, a salvação de Judas estivera duvidosa, também podia aventurar todas aquellas diligencias na contingencia d'essa dúvida. Mas Christo sabia de certo que Judas se havia de condenar. Pois, Senhor, como empregais e despendeis tantas vezes o preço infinito de vossas palavras, de vossas acções e de vossas lagrimas com esse infeliz homem? Não sabeis que se ha de perder a sua alma? Sim, sei: mas, ainda que se ha de perder, é alma. A certeza de sua perdição não lhe tirou o ser, antes accrescenta a dor de taqüanha perda. E que haja ainda almas que se queiram perder certamente! Que haja ainda tantos Judas que dêem entrada ao demonio em suas almas, não por todo o mundo, nem por trinta diabrilhos; mas por outros prejos mais vis e mais vergonhosos.

IV. Ora, cristãos, se uma alma ainda sem o respeito da salvação val tanto, as nossas almas que pela misericordia de Deus ainda estão em estado de salvação, porque as estimamos tão pouco? Que nos fizeram as nossas almas para lhe querermos tanto mal, para as desprezarmos tanto? Christo estima infinitamente a minha alma, mais que todo o mundo: o mesmo demonio na sua tentação mostra estimar a minha alma mais que todas as cousas do mundo; e só eu hei de estimar todas cousas do mundo mais que a minha alma? Que cousa ha n'este mundo tão vil, ou seja da vida ou seja da honra ou seja do interesse ou seja do gosto, que não estimemos mais que a alma e que não vendamos a alma por ella? Ponhamos os olhos em Christo crucificado; e aprendamos d'aquelle balança a pesar e estimar nossa alma. Como está Christo na cruz? Despido, affrontado, atormentado, morto: despido pela minha alma, para que eu estime mais minha alma que a honra: atormentado pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que os gostos: morto pela minha alma, para que eu estime mais a minha alma que a vida. Vamos pesarmos e pesemos bem o que é, o que ha de ser o mundo; o que é e o que ha de ser a nossa alma. Seja esta a prin-

*Conta que
faz da alma de
Judas*

*Recapitulação
e conclusão pa-
ra a prática
da quaresma*

cipal devoção d'esta quaresma e seja tambem a principal penitencia. Não vos peço que n'esta quaresma accrescenteis as devoções, nem as penitencias; só uma commutação d'ellas vos peço; e é que tomeis na mão a balança d'a quella cruz para intender quanto pesa a vossa alma e tractarmos d'ella e com ella. De vinte e quatro horas do dia, não lhe bastarão ao corpo vinte e tres e meia; e a pobre alma não terá sequer metà hora? E que seja necessário que isto se vos esteja rogando e pedindo; e que não baste? Ora, fieis christãos, façamol-o assim todos n'esta quaresma, para que tambem a quaresma seja christã. Consideremos que a nossa alma é uma só: que esta alma é immortal e eterna; que a união que tem esta alma com o corpo (a que chamamos vida) pôde desatar-se hoje; que todas as cousas d'este mundo cá hão de ficar e só a nossa alma ha de ir commosco; que a esta alma a esperam uma de duas eternidades; se formos bons, eternidade de gloria; se formos maus eternidade de pena. E isto verdade ou mentira? Cremos que temos alma ou o não cremos? São estas almas nossas ou são alheias? Pois que fazemos?

Devemos tam-
bem cuidar das
almas alheias.

Tambem das alheias nos devemos lastimar muito. Todo o mundo que o demônio hoje ofereceu a Christo foi por uma alma alheia. Se oferece todo o mundo o demônio por perder uma alma; porque não daremos nós e porque não faremos alguma cousa por tantas almas que se perdem? N'este mesmo instante se estão perdendo infinitas almas na Africa, infinitas almas na Asia, infinitas almas na America (cujo remedio venho buscar); tudo por culpa ou negligencia nossa. Verdadeiramente não ha reino mais pio que Portugal; mas não sei intender a nossa piedade, nem a nossa fé, nem a nossa devoção. Para as almas que estão no purgatorio ha tantas irmandades, tantas confrarias, tantas despezas, tantos procuradores, tantos que as encorramendam de noite e de dia: só aquellas pobres almas que estão indo ao inferno não tem nada d'isso! As almas do purgatorio, ainda que padecam, tem o céu seguro: as que vivem e morrem na gentilidade ^e nos peccados proprios d'aquelle estado: não só tem o céu duvidoso, mas o inferno e a condenação certa sem haver quem lhes acuda. Não é maior obra de misericordia esta? Pois porque não haverá tambem uma irmandade, porque não haverá tambem uma junta; porque não haverá tambem um procurador d'aquellas pobres almas?

Senhor, estas almas não são todas reunidas com o vosso sangue!¹? Senhor, estas almas não são todas reunidas com o san-

Suppica em
favor d'ellas

¹ Faixa alternadamente com Deus e com o rei.

gue de Christo? — Senhor, a conversão d'estas almas não a entregastes aos reis de Portugal? — Senhor, estas almas não estão encarregadas por Deus a vossa majestade com o reino? — Senhor, será bem que estas almas se percam e se vão ao inferno contra o vosso desejo? — Senhor, será bem que aquellas almas se percam e se vão ao inferno por nossa culpa? — Não o espero eu assim da vossa majestade divina, nem da humana. Já que ha tantos expedientes para os negocios do mundo, haja também um expediente para os negocios das almas; pois valem mais que o mundo.

Desengenemo-nos: quanto mais se adiantar o negocio da salvação das almas, tanto os do mundo irão mais por deante. O demônio ofereceu todos os reinos do mundo a Christo pela perdição de uma alma; e Christo porque tractou da salvação das almas, está boje feito senhor de todos os reinos do mundo. Assim nos sucederá a nós também; e assim o prometto em nome do mesmo Christo. «Vede como Elle» nos está mostrando todos os reinos d'este novo mundo que por sua liberalidade nos deu e por nossa culpa nos tem tirado em tanta parte, e aponctando para a África, para a Ásia, para America nos está dizendo — Reino de Portugal, eu te prometto a restituição de todos os reinos que te pagavam tributo e a conquista de outros muitos e mui opulentos d'esse novo mundo, se tu, pois te escolhi para isso, fizeres que creias em mim e me adore.

Assim o prometto da bondade de Deus, assim o espero do grande zelo e piedade de sua majestade, assim o confio da muita christandade de todos os ministros; e se tractarmos das almas alheias, este meio de que tanto se serve Deus, será o mais efficaz de conseguirmos a salvação das proprias, n'esta vida com grandes augmentos de graça e na outra com os premios da gloria.

Adiantar o
negocio da sal-
vação das
almas e adian-
tar o seu con-
quistar.

Conclusão

(Ed. ant. tom. 2.^o pag. 53, ed. mod. tom. 5.^o pag. 182.)

II. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA •

PRÉGADO NA CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHÃO, ANNO DE 1653

OBSERVAÇÃO DO COMPILEADOR.—Este sermão alcançou um dos maiores triumphos da arte oratoria; e foi que o povo do Maranhão desse a liberdade aos escravos mal havidos, ainda que por esta questão se tivesse amotinado contra o orador e os outros missionários da Companhia. Veja-se com que rodeio dispõi os animos dos ouvintes e se vai chegando ao ponto da questão, para depois apertar com o raciocínio e triumphar na peroração. Não faz pompa de enfeites de estylo, que estariam muito fora de lugar, fallando aquele povo e para o fim que pretendia: mas nem por isso o seu discurso deixa de ser um dos mais dignos d'esta primeira collecção.

Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.

MATTII. IV.

Oh que temeroso dia! Oh que venturoso dia! Estamos no dia das tentações do demonio, e no dia das victorias de Christo. Dia, em que o demonio se atreve a tentar em campo aberto po mesmo Filho de Deus: *Si Filius Dei es: oh que temeroso dia!* Se até o mesmo Deus é tentado; que homem haverá que não lema ser vencido? Dia, em que Christo com tres palavras venceu e derribou tres vezes ao demonio, oh que venturoso dia! A um inimigo tres vezes vencido quem não terá esperanças de vencer?

Tres foram as tentações, com que o demonio hoje acommeteu a Christo: na primeira offereceu: na segunda aconselhou: na terceira pediu. Na primeira offereceu: *Dic ut lapides isti panes fiant:* que fizesse das pedras pão; na segunda aconselhou: *Nolle te deorsum:* que se deitasse d'aquelle torre abaixo; na terceira pediu: *Si cadens adoraveris me:* que caido o adorasse. Vêde que offertas, vêde que conselhos, vêde que petições!

O dia das tentações do Christo é temeroso por uma parte e venturoso por outra. Explique-se.

Tres foram estas tentações. A terceira como a maior e a mais universal sera o assumpto do sermão.

Offerece pedras, aconselha precipicios, pede caidas. E com isto ser assim, estas são as offertas que nós aceitamos, estes os conselhos que seguimos, estas as petições que concedemos. De todas estas tentações do demônio, escolhi só uma para tratar, porque para vencer e convencer tres tentações, é pouco tempo uma hora. E quantas vezes para ser vencido d'ellas basta um instante! A que escolhi das tres, não foi a primeira, nem a segunda, senão a terceira e ultima; porque ella é a maior, porque ella é a mais poderosa, e ella é a mais propria d'esta terra em que estamos. Não debalde a reservou o demônio para o ultimo encontro, como a lança de que mais se fiava: mas hoje lh'a havemos de quebrar nos olhos. De maneira, christãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos também a maior victoria. Bem sabeis que victorias, e contra tentações, só as dá a graça divina; peçamol-a ao Espírito Santo por intercessão da Senhora; e rogo-vos que a peçais com grande alerta, porque nos ha de ser hoje mais necessaria que nunca.

Ave Maria.

Offerece o demonio mundos, e que peça adorações!
do seu nome só
se ha que te-
mer, essa é a
bem que imi-
tar

II. *Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.* Que offereça o demônio mundos, e que peça adorações! Oh quanto temos que temer: oh quanto temos que imitar nas tentações do demônio! Ter que temer, e muito que temer, nas tentações do demônio, cousa é mui achada e mui sabida; mas ter nas tentações do demônio que imitar? Sim; por que somos taes os homens por uma parte, e é tal a força da verdade por outra, que as mesmas tentações do demônio, que nos servem de ruiua, nos podem servir de exemplo. Estae commigo.

*Offerece o
demonio para
ganhar uma al-
ma ou via
fazer muita ou-
tuma das qmas*

Toma o demônio pela mão a Christo, leva-o a um monte mais alto que essas buevas, mostra-lhe d'alli os reinos, as cidades, as cortes de todo o mundo e suas grandezas, e diz-lhe d'esta maneira. *Haec omnia tibi dabo si cadens adorareris me.* Tudo isto te darei, se dobrando o joelho me adoras. Ha tal proposta? Vem cá, demônio, sabes o que dizes, ou o que fazes? É possivel que promette o demônio um mundo por uma só adoração? É possivel que offereço o demônio um mundo por um só peccado? É possivel que não lhe parece muito ao demônio dar um mundo só por uma alma? Não; porque a conhece; e só quem conhece as cousas, as sabe avaliar. Nós os homens, como nos governamos pelos sentidos corporaes e a nossa alma é espiritual, não a conhecemos, e como não a conhecemos, não a estimamos; e por isso a damos tão barata. Porem o demônio, como é espirito, e a nossa alma também espirito, conhece muito bem o que ella é, e como a conhece, estima-a tanto, que do primeiro lance offerece por uma alma o mundo

todo; porque val mais uma alma, que todo o mundo. Vede se as tentações do demônio que nos servem de ruina, nos podem servir de exemplo. Aprendamos se quer do demônio a avaliar e a estimar nossas almas. Fique-nos, cristãos, que val mais uma alma que todo o mundo. E é tão manifesta verdade esta, que até o demônio, inimigo capital das almas, a não pôde negar.

As coisas estimam-se e avaliam-se pelo que custam. Que lhe custou a Christo uma alma, e que lhe custou o mundo? O mundo custou-lhe uma palavra: *Ipse dicit, et facta sunt*; uma alma custou-lhe a vida e o sangue todo. Pois se o mundo custa uma só palavra de Deus e a alma custa todo o sangue de Deus; julgue se val mais uma alma, que todo o mundo. Assim o julga Christo, e assim o não pôde deixar de confessar o mesmo demônio. E só nós somos tão baixos estimadores de nossas almas, que Ihes vendemos pelo preço que vós sabeis.

Espantamo-nos que Judas vendesse a seu Mestre e a sua alma por trinta dinheiros; e quantos há, que andam rogando com ella ao demônio por menos de quinze! Os irmãos de José eram onze, e venderam-no por vinte dinheiros; saiu-lhe por menos de dois dinheiros a cada um. Oh se consideraram bem os nadados por que vendemos a nossa alma! Todas as vezes que um homem offende a Deus mortalmente, vende a sua alma. *Venundatus est, ut faceret malum*, diz a Escriptura fallando de Achab. Eu, cristãos, não quero agora, nem vos digo que não vendais a vossa alma, porque sei que a haveis de vender; só vos peço que, quando a venderdes, que a vendais a peso. Pesae primeiro o que é uma alma, pesae primeiro o que val e o que custou; e depois eu vos dou licença que a vendais embora. Mas em que balanças se ha de pesar uma alma? Nas balanças do juizo humano não; porque são mui falsas: *Mendaces sunt hominum in stateris*. Pois em que balanças logo? Cuidarieis que que vos havia de dizer que nas balanças de Deus? Não quero tanto: digo que as peseis nas balanças do mesmo demônio, e eu me dou por contente. Tomae as balanças do demônio na mão: pondre de uma parte o mundo todo, e da outra uma alma, e achareis que pesa mais a vossa alma, que todo o mundo. *Haec omnia tibi dabo, si cadens adorareris me*: Tudo isto te darei, se me deres a tua alma. Mas já que vos dou licença para vender, ponhamos este contracto do demônio em practica, e vejamos se é bom o partido.

Supponhamos primeiramente que o demônio no seu oferecimento fallava verdade, e que podia e havia de dar o mundo: que aproveitaria lucrar todo o mundo e perder a alma?

Supponhamos mais que Christo não fosse Deus, senão um puro

O mundo
custou a Deus
uma palavra e
as almas
que costaram
todo o seu
valor.
P. 113

Muitos chris-
tãos vendem
barato as pro-
prias, porque
as não pensam
ser superiores
nas balanças do
demônio.

3 Reg. 21.

P. 61.

Mark 10

homem, e tão fraco, que podesse e houvesse de cair na tentação. Pergunto se este homem recebesse o mundo todo, e ficasse senhor d'ele, e entregasse sua alma ao demônio, ficaria bom mercador? Faria bom negócio? O mesmo Christo o disse n'outra occasião: *Quid prodest homini si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur?* Que lhe aproveita ao homem ser senhor de todo o mundo, se tem a sua alma no captiveiro do demônio? Oh que divina consideração! Alexandre Magno, e Julio Cesar foram senhores do mundo: mas as suas almas agora estão ardendo no inferno, e arderão por toda a eternidade. Quem me déra agora perguntar a Julio Cesar e a Alexandre Magno, que lhes aproveitou haverem sido senhores do mundo, e se acharam que foi bom contracto dar a alma pelo acquirir. Alexandre, Julio, foi bom serdes senhores do mundo todo e estardes agora onde estais? Já que elles me não podem responder, respondei-me vós. Pergunto: Tomáreis agora algum de vós ser Alexandre Magno? Tomáreis ser Julio Cesar? Deus nos livre. Como: se foram senhores de todo o mundo? E verdade: mas porderam as suas almas. Oh regueira! E para Alexandre, para Julio Cesar, parece-vos mau dar a alma por todo o mundo; e para vós parece-vos bem dar a alma pelo que não é mundo, nem tem de mundo o nome? Sabéis de que nasce tudo isto? De falta de consideração; de não temardes o peso à vossa alma. *Quid prodest homini?* Que aproveita ao homem lucrar todo o mundo e perder a sua alma? *Aut quam dabut homo commutationem pro anima sua?* Oh que cousa ha no mundo, pela qual se possa uma alma trocar?

Não ha cousa
que a alma
possa trocar,
comida ou
roupa a trouxa,
por alguma
mais despre-
zível.

Todas as cousas d'este mundo tem outra, porque se possam trocar. O descanço pela fazenda, a fazenda pela vida, a vida pela hora, a hora pela alma: só a alma não tem por que se possa trocar. E sendo que não ha no mundo cousa tão grande, porque se possa trocar a alma: não ha cousa no mundo tão pequena e tão vil, porque a não troquemos, e a não démos. Ouvi uma verdade de Seneca, que por ser de um gentio folgo de a repetir muitas vezes: *Nihil est homini se ipso ruinus:* não ha cousa para comnosco mais vil, que nós mesmos. Revolvei a vossa casa, buscaes a coisa mais vil de toda ella, e achareis que é vossa propria alma. Provo. Se vos querem comprar a casa, o canavial, o escravo ou o cavallo, não lhe pondes um preço muito levantado e não o vendes muito bem vendido? Pois se a vossa casa, e tudo o que n'ella tendes, o não quereis dar, se não pelo que val; a vossa alma, que val mais que o mundo todo; a vossa alma, que custou tanto como o sangue de Jesus Christo, porque a haveis de vender tão vil e tão baixamente? Que vos

fez, que vos desmereceu a triste alma? Não a tractareis sequer como o vosso escravo, e como o vosso cavallo? Se vos perguntem acaso, porque não vendéis a vossa fazenda por menos do que val, dizeis que a não quereis queimar. E quereis queimar a vossa alma? Ainda mal, porque a haveis de queimar; e porque ha de arder eternamente.

Ora, Christãos não seja assim: aprendamos ao menos do demônio a estimar a nossa alma. Vejamos o que o demônio fez por uma alma alheia, para que nós nos corramos. consummos do pouco que fazemos pelas próprias. Vai-se o demônio ao deserto, está-se n'ele quarenta dias e quarenta noites: em todo este tempo estiver vigiando e espreitando oração; e tanto que a teve, não deixou pedra por mover para a conseguir. Vendo que não lhe sucedia, parte para Jerusalém: e sendo tão inimigo de Deus, vai-se ao templo, para persuadir a Christo que se arrojasse do pinnaculo: *Mitte te deorsum: consulta livros, allega escripturas, interpreta psalmos: Scriptum est enim, quia angelis suis mandarit de te, et in manibus tollent te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum.* Resistido também aqui, e vencido segunda vez o demônio, nem por isso desmaia: corre valles, atravessa montes, sobe ao mais alto de todos; e só por ver se podia fazer cair a Christo, não repara em oferecer de uma só vez o mundo todo. E que o demônio faça tudo isto por uma alma alheia; e que façamos nós tão pouco pela própria! Que se ponha o demônio quarenta dias em um deserto para me tentar; e que eu nos quarenta dias da quaresma não tome um quarto de hora de retiro para lhe saher resistir! Que vigie o demônio e espreite todas as ocasiões para me condenar; e que deixe eu passar tantas de minha salvação; e ocasiões que uma vez perdidas, não se podem recuperar! Que vá o demônio ao templo de Jerusalém distante tantas leguas, para me despenhar ao peccado; e que lendo eu a egreja á porta, não me saiba ir meter em um canto d'ella, como o publicano, para chorar meus peccados! Que o demônio, para me persuadir estude e allegue os livros sagrados; e que eu não abra um só espiritual, para que Deus falle comigo, já que eu não sei falar com elle! Que o demônio, vencido a primeira e segunda vez, insista e não desmaie para me render, e que eu, se comecei acaso alguma obra boa, á primoira desculpade desista, e não tenha constância nem perseverança em nada! Que o demônio para me fazer cair, desça valles e suba montes; e que eu não dé um passo para me levantar, tendo dado tantos para me perder! Finalmente, que o demônio para grangear a minha alma, não repare em oferecer no primeiro lance o mundo todo; e que eu estime a minha alma tão

Industrias
e trabalhos do
demônio para
roubar a alma
de Christo e
quem julgara
para homem; e
destruindo dos
christãos em
salvar as pro-
prias.

Deus que para pôr em liberdade captivos, bastava uma vara, ainda que fosse libertá-los de um rei tão tyranno como Pharaó, e de uma gente tão barbara como a do Egypto. Não quiz Pharaó dar liberdade aos captivos; começam a chover as pragas sobre ele. A terra se convertia em rãs; o ar se convertia em mosquitos; os rios se convertiam em sangue; as novens se convertiam em raios e coriscos; todo o Egypto assombrado e perreendo! Sabeis quem traz as pragas ás terras? Captiveiros injustos. Quem trouxe ao Maranhão a praga dos hollandezes? Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a fome e a esterilidade? Estes captiveiros. Insistiu e apertou mais Moysés para que Pharaó largasse o povo: e que respondeu Pharaó? Disse uma cousa e fez outra. O que disse foi: *Nescio Dominum, et Israel non dimittam.* Não conheço a Deus; não hei de dar liberdade aos captivos. Ora isso me parece bem: acabemos já de nos declarar. Sabeis porque não dais liberdade aos escravos mal havidos? Porque não conhecéis a Deus. Falta de fé é causa de tudo. Se vós tiverdes verdadeira fé, se vós crereis que há inferno para toda a eternidade; bem me rio eu que quizesseis ir já pelo captiveiro de um tapuya. Com que confiança vos parece que disse hoje o demônio: *Si cadens adoraveris me?* Com a confiança de lhe ter oferecido o mundo. Fez o demônio este discurso: Eu a este homem ofereço-lhe tudo; se elle é cúbicoso e avarento, ha de aceitar; se aceita sem dúvida me adora idolatrando; porque a cobiça e avarice são a mesma idolatria. É sentença expressa de S. Paulo: *Avaritiam quae est simulariorum servitus.* Tal foi a avarice de Pharaó em querer reter e não dar liberdade aos filhos de Israel captivos, confessando juntamente que não conhecia a Deus: *Nescio Dominum, et Israel non dimittam.* Isto é o que disse.

EPISTOLAS

O desugo
e na escriptura
e na outra.

O que fez foi, que fugindo todos os israelitas captivos, saí o mostino rei Pharaó com todo o poder do seu reino para os tornar ao captiveiro; e que aconteceu? Abre-se o mar Vermelho, para que passassem os captivos a pé enxuto (que sabe Deus fazer milagres para libertar captivos). Não cuideis que mereceram isto os hebreus por suas virtudes; porque eram peiores que esses tapuyas: d'ahi a poucos dias adoraram um bezerro; e de todos, que eram seiscentos mil homens, só dous entraram na terra de promissão. Mas é Deus tão favorecedor de liberdades, que o que desmereciam por maus alcançaram por injustamente captivos. Passados á outra banda do mar Vermelho, entra Pharaó pela mesma estrada, que zaida estava aberta, e o mar de uma e outra parte como em muralhas, caem sobre elle e sobre o seu exercito as aguas, e asfogaram a todos. O em que aqui reparo, é o modo com que conta isto Moysés no seu can-

tico: *Operuit eos mare: submersi sunt quasi plumbum in aquis vehementibus. Extendisti manum tuam, et decoravit eos terra: que caiu sobre elles, e os affogou o mar, e os comeu e enguliu a terra? Pois se os affogou o mar como os tragou a terra? Tudo foi: aquelles homens como nós tinham corpo e alma: os corpos affogou-os a agua; porque ficaram no fundo do mar: as almas tragou-as a terra; porque desceram ao profundo do inferno, sem ficar nenhum: porque onde todos perseguem, e todos captivam, todos se condennam. Não está bom o exemplo? Vá agora a razão.*

Todo o homem que deve serviços ou liberdade alheia, e podendo-a restituir, não restitui, é certo que se condena: todos ou quasi todos os homens do Maranhão devem serviços e liberdades alheias, e podendo restituír não restituem: logo, todos ou quasi todos se condennam. Dir-me-beis que ainda que isto fosse assim, que elles não o cuidavam, nem o sabiam, e que a sua boa fé os salvaria. Neço tal: sim cuidavam, e sim sabiam, como também vós o cuidais e o sabeis; e se o não cuidavam, nem o sabiam, deveram cuidal-o e saber-o. Pôde-se dar ao que digo alguma rara exceção; mas essa confirma a regra geral que condena ao inferno os que devem serviços e liberdades alheias. A uns condena-os a certeza, a outros a dúvida, a outros a ignorância. Aos que tem certeza, condena-os o não restituírem: aos que tem dúvida, condena-os o não examinarem: aos que tem ignorância, condena-os o não saberem, quando tinham obrigação de saber.

Ah se agora se abrissem essas sepulturas, e aparecera aqui alguns dos que morreram n'este infeliz estado, como é certo que ao fogo das suas lavaredas haveria de ler claramente esta verdade! Mas sabeis porque Deus não permite que vos appareça? É pelo que Abraão disse ao rico avarento, quando lhe pedia que mandasse Lazaro a este mundo: *Habent Moysen et prophetas:* não é necessário que vá do cá do inferno quem lhe appareça e lhe diga a verdade: lá tem a Moysés e a lei: lá tem os profetas e os doutores. Meus irmãos, se ha quem duvide d'isto, ah! estão as feis, ah! estão os lettrados; pergunte-lh'o. Tres religiões tendes n'este estado, onde ha tantos sujeitos de tantas virtudes, e tantas letras; perguntare, examinare, informare-vos. Mas não é necessário ir ás religiões; ide á Turquia, porque não pôde haver turco tão louco na Turquia, que diga, que um homem livre pode ser captivo. Ha algum de vós só com o lume natural, que negue? Pois em que davidais?

V. Vejo que me dizeis: Bem estava isso, se nós tiveramos outro remedio; e com o mesmo Evangelho nos queremos desen-

Exod. 15.

Prov. da razão
n'explique seu
fundamento.

Ah! se se abri-
ram as sepul-
turas! Mas não
é necessário
este milagre
quando as Es-
cripturas fal-
tam tão clara-
mente!
Luc. 16.

Os captivos,
ainda quando
necessários, se-
ram libertos.

der. Qual foi mais apertada tentação, a primeira ou a terceira? Nós intendemos que a primeira, porque na primeira estava Christo com fome de quarenta dias, e offereceu-lhe o demonio pão; na terceira offereceu-lhe reinos e monarchias; e um homem pôde viver sem reinos, e sem imperios; mas sem pão para a bocca não pôde viver; e n'este aperto vivemos nós. Este povo, esta república, este estado, não se pôde sustentar sem indios. Quem nos ha de ir buscar um pote de agua, um seixe de lenha? Quem nos ha de fazer duas covas de mandioca? Não de ir nossas mulheres? Não de ir nossos filhos? — Primeiramente não são estes os apertos em que vos hei de pôr, como logo vereis; mas quando a necessidade e a consciencia obriguem a tanto, digo que sim; e torno a dizer que sim: que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos, e que todos nós nos sustenblassemos dos nossos braços; porque melhor é sustentar do suor proprio, que do sangue alheio. Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e capas se forcearam, haviam de lançar sanguel A Samaritana ia com um cantaro buscar agua á fonte, e foi tão sancta como sabemos. Jezabel era mulher d'el-rei Achab, rainha de Israel, e foi comida de cães e sepultada no inferno, porque tomou a Naboth uma vinha, que não lhe chegou a tomar a liberdade. Pergunto: Qual é melhor, levar o cantaro á fonte e ir ao céu como a Samaritana; ou ser senhora, servida, e rainha, e ir ao inferno como Jezabel? Melhor era que nós Adão, o tinha offendido a Deus com menos peccados; e devia ao trabalho de suas mãos o bocadão de pão que metia na boca. Filho de Deus era Christo; e ganhava com um instrumento mechanico o com que sustentava a vida que depois havia de dar por nós. Faz isto por nós o mesmo Deus; e nós desprezar-nos-hemos de fazer outro tanto por guardar a sua lei? Direis que os vossos chamados escravos são os vossos pés e mãos; e também podereis dizer que os amais muito, porque os creastes como filhos, e porque vos criam os vossos. Assim é: mas já Christo respondeu a esta replica: *Si oculus tuus scandalizat te, erue eum: et si manus vel pes tuus scandalizat te, amputa illum.* Não quer dizer Christo que arranquemos os olhos, nem quer que cortemos os pés e as mãos; mas quer dizer que se nos servir de escândalo aquillo que amarmos como os nossos olhos, e aquillo que havemos mister como os pés e as mãos, que o lancemos de nós, ainda que nos dâa, como se o cortaramos. Quem ha que não ama muito o seu braço e a sua mão? Mas se n'ella lhe saltaram herpes, permite que lhe cortem por conservar a vida. O mercador ou passageiro, que vem da India ou do Japão, muito estima as drogas que tanto lhe custaram lá; mas se a vida perigar, vai tudo ao mar, para

que ella se salve. O mesmo digo no nosso caso. Se para segurar a consciencia e para salvar a alma, for necessario perder tudo e ficar como um Job, perca-se tudo.

Mas, bom animo, senhores meus, que não é necessario chegar a tanto, nem a muito menos. Estudei o poneto com toda a diligencia, e com todo o affecto; e seguindo as opiniões mais largas e mais favoraveis, venho a reduzir as causas a estado, que intendo que com muito pouca perda temporal se podem segurar as consciencias de todos os moradores d'este estado, e com muito grandes interesses se podem melhorar suas conveniencias para o futuro. Dae-me attenção.

Todos os indios d'este estado, ou são os que vos servem como escravos, ou os que moram nas aldeias d'el-rei como livres, ou os que vivem no sertão em sua natural, e ainda maior liberdade: os quaes por esses rios se vão comprar, ou resgatar (como dizem) dando o piedoso nome de resgate a uma venda tão forcada e violenta, que talvez se faz com a pistola nos peitos. Quanto áquelle que vos serveim, todos nesti terra sou quasi todos, são herdados, havidos e possuidos de má fé, segundo a qual não farão pouco (ainda que o farão facilmente) em vos perdoar todo o serviço passado. Contudo se depois de lhes ser manifesta esta condição de sua liberdade, por serem criados em vossa casa, e com vossos filhos, ao menos os mais domesticos, espontanea e voluntariamente vos quizerem servir e ficar n'ella; ninguem, em quanto elles tiverem esta vontade, os poderá apartar de vosso serviço. E que se fará de alguns d'elles, que não quizerem continuar nesta sujeição? Estes serão obrigados a ir viver nas aldeias d'el-rei, onde tambem vos servirão na forma que logo veremos. Ao sertão se poderão fazer todos os annos entradas, em que verdadeiramente se resgatem os que estiverem (como se diz) em cordas, para ser comidos; e se lhes commutará esta crudelidade em perpetuo captiveiro. Assim serão tambem captivos todos os que sem violencia forem vendidos como escravos de seus inimigos, tomados em justa guerra; da qual serão juizes o governador de todo o estado, o ouvidor geral, o vigario do Maranhão ou Pará, e os prelados das quatro Religiões, carmelitas, franciscanos, mercenarios, e da Companhia de Jesus. Todos os que d'este juizo sairem qualificados por verdadeiramente captivos, se repartirão aos moradores pelo mesmo preço por que foram comprados. E os que não constar que a guerra em que foram tomados foi justa, que se fará d'elles? Todos serão alreadeados em novas povoações, ou divididos pelas aldeias que boje ha; d'onde repartidos com os demais indios d'ellas pelos moradores, os servirão em

Mas não são necessarios.

Propõe-se um
alivio para
conceder a li-
berdade dos in-
dios e os in-
teresses tem-
porais e eternos
dos
maranheiros.

seis mezes do anno alternadamente de dous em dous, ficando os outros seis mezes para tractarem de suas labouras e familias. De sorte que n'esta fôrma todos os indios d'este estado servirão aos portuguezes; ou como propria e inteiramente captivos, que são os de corda, os de guerra justa, e os que livre e voluntariamente quizerem servir, como dissemos dos primeiros; ou como meios captivos, que são todos os das antigas e novas aldeias, que pelo bem e conservação do estado me consta, que sendo livres, se sujeitaram a nos servir e ajudar ametade do tempo de sua vida. Só resta saber qual será o preço d'estes que chamamos meios captivos, ou meios livres, com que se lhes pagará o trabalho do seu serviço. É materia de que se rirá qualquer outra nação do mundo, e só n'esta terra se não admira. O dinheiro d'esta terra é panno de algodão, e o preço ordinario por que servem os indios, e servirão cada mez, são duas varas d'este panno, que valem dous tostões! D'onde se segue, que por menos de septe réis de cobre servirá um indio cada dia! Causa que é indigna de se dizer, e muito mais indigna de que, por não pagar tão leve preço, baha homens de intendimento, e de christianidade, que queiram condennar suas almas e ir ao inferno.

Moderação do
alvitre.

VI. Pôde haver causa mais moderada? Pôde haver causa mais posta em razão, que esta? Quem se não contentar e não satisfizer d'isto, uma de duas: ou não é christão, ou não tem intendimento. E senão, a pertemos o poncio, e pesemos os bens e os males d'esta proposta.

Acceitando-o
não se encontra
outro mal que
pudesse
alguns indios.

O mal é um só, que será haverem alguns particulares de perder alguns indios, que eu vos prometto que sejam mui poucos. Mas aos que n'isto repararem pergunto: Morreram-vos já alguns indios? Fugiram-vos já alguns indios? Muitos. Pois o que faz a morte, porque o não fará a razão? O que faz o sucesso da fortuna, porque o não fará o escrupulo da consciencia? Se vieram as bezigas e volos levaram todos, que havia de fazer? Havia de ter pacienza. Pois não é melhor perdel-os por serviço de Deus, que perdel-os por castigo de Deus? Isto não tem resposta.

E logram-se
quatro bens
1.º Ficar-vos a
consciencia
segura.

Vamos aos bens, que são quatro, os mais consideráveis: O primeiro é ficardes com as consciencias seguras. Vede que grande bem esta. Tirar-se-ha este povo do estado do peccado mortal; viverais como christãos, confessar-vos-heis como christãos, morrerais como christãos, testareis de vossos bens como christãos: em fin, ireis ao céu; não ireis ao inferno, ao menos certamente, que é triste causa.

Lidar-se d'esta
maldição.

O segundo bem é, que tirareis de vossas casas esta maldi-

ção. Não ha maior maldição n'uma casa, nem numa familia, que servir-se com suor e com sangue injusto. Tudo vai para traz: nenhuma cousa se logra: tudo leva o diabo. O pão que assim se grangeia, é como o que hoje ofereceu o demônio a Christo; pão de pedras, que, quando se não atravessa na garganta, não se pôde digerir. Vede-o n'esses que tiram muito pão do Maranhão: vede se o digeriu algum, ou se se lhe logrou algum. Houve quem se lhe atravessou na garganta, que nem confessar-se pôde.

O terceiro bem é, que por este meio haverá muitos resgates, com que se tirarão muitos indios: que d'outra maneira não os haverá. Não dizeis vós que este estado não se pôde sustentar sem indios? Pois se os sertões se fecharem, se os resgates se prohibirem totalmente, mortos estes poucos indios que ha, que remedio tendes? Importa logo haver resgates, e só por este meio se poderão conceder.

Quarto e ultimo bem, que feita uma proposta nesta forma, será digna de ir ás mãos de sua majestade, e de que sua majestade a approve e a confirme. Quem pede o ilícito e o injusto, merece que lhe neguem o lícito e o justo; e quem requere com consciencia, com justiça, e com razão, merece que lha façam. Vós sabeis a proposta que aqui fazieis? Era uma proposta, que nem os vassallos a podiam fazer em consciencia, nem os ministros a podiam consultar em consciencia, nem o rei a podia conceder em consciencia. E ainda que por impossivel el-rei tal permitisse, ou dissimolasse, de que nos servia isso, ou que nos importava? Se el-rei permitir que eu jure falso, deixará o juramento de ser peccado? Se el-rei permitir que eu surte, deixará o surto de ser peccado? O mesmo passa nos indios. El-rei poderá mandar que os captivos sejam livres; mas que os livres sejam captivos, não chega lá sua jurisdição. Se tal proposta fosse ao reino, as pedras da rua se haviam de levantar contra os homens do Maranhão. Mas se a proposta for leita, se for justa, se for christã, as mesmas pedras se porão da vossa parte, e quererá Deus que não sejam necessarias pedras, nem pedreiras. Todos assignaremos, todos informaremos, todos ajudaremos, todos requereremos, todos recomendaremos a Deus, que elle é o autor do bem, e não pôde deixar de favorecer intentos tanto de seu serviço. E tenho dito.

VII. Ora, cristãos, e senhores da minha alma, se nestas verdades e desenganos, que acabo de vos dizer; se nesta minha breve proposta consiste todo o vosso bem e toda a vostra esperança espiritual e temporal; se só por este caminho vos po-

2.º Poder res-
gatar outros
indios para o
serviço.

4.º Poder esta-
proposta ir
áas mãos de sua
majestade e
se aprovada.

Conclusão
e pororação.

deis segurar nas consciencias ; se por este caminho vos podes salvar e livrar vossas almas do inferno ; se o que se perde, ainda temporalmente, é tão pouco, e pôde ser que não seja nada, e as conveniencias e bens que d'ahi se esperam, são tão consideraveis e tão grandes ; que homem haverá tão mau christão, que homem haverá tão mal intedido, que homem haverá tão esquecido de Deus, tão cego, tão desleal, tão inimigo de si mesmo, quo se não contente de uma cousa tão justa e tão útil, que a não queira, que a não approve, que a não abrace ?

Dá-se liberdade
aos infiéis
por amor da
Christo.

Por «amor» e reverencia de Jesus Christo, christãos : por amor «e reverencia d'aquele Senhor quo» hoje permittiu ser tentado, para nos ensinar a ser vencedores das tentações ; que mettamos hoje o demônio debaixo dos pés, e que vençamos animosamente esta cruel tentação, que a tantos n'esta terra tem levado ao inferno, e nos vai levando tambem a nós. Dêmos esta victoria a Christo, dêmos esta gloria a Deus, dêmos este triumpho ao céu, dêmos este pezar ao inferno, dêmos este remedio á terra em que vivemos, dêmos esta honra á nação portugueza, dêmos este exemplo á christandade, dêmos esta fama ao mundo.

E por gloria
da nação portugueza.

Saiba o mundo, saibam os herejes e os gentios, que não se enganou Deus, quando fez aos portuguezes conquistadores e pregadores de seu sancto nome. Saiba o mundo, quo ainda ha alma, que ainda ha consciencia, e quo não é o interesse tão absoluto e tão universal senhor de tudo, como se cuida. Saiba o mundo que ainda ha quem por amor de Deus, e da sua salvacão, metta debaixo dos pés interesses. Quanto mais, senhores, que isto não é perder interesses, é multiplical-os, é accrescental-os, é semeal-os, é dal-os á usura.

Deus ha de com
injustos
fazendo remunerar
pessoas
este sacrifício.

Dizei-me, christãos, se tendes fé : os bens d'este mundo, quem é quo os dá ; quem é quo os reparto ? Dizeis-me, quo Deus. Pois perguntai ; Qual será melhor diligencia para mover a Deus a que vos dê muitos bens, servil-o, ou odiadel-o ? Obedecer e guardar a sua lei, ou quebrar todas as leis ? Ura tenhamos Ie, e tenhamos uso de razão. Deus para vos sustentar e para vos fazer ricos, não depende de que tenhais um tapuya mais, ou menos. Não vos pôde Deus dar maior novidade com dez enxadas, que todas as vossas diligencias com trinta ? Não é melhor ter dous escravos que vos vivam vinte andos, que ter quatro que vos morram ao segundo ? Não rendem mais dez caixas de assucar quo cheguem a salvamento a Llaboa, que quarenta levadas a Angel ou Zelandia ? Pois se Deus é o Senhor dos ventos, dos mares, dos cosecados, e das navegações ; se todo o bem ou mal está fechado na mão de Deus ; se Deus tem laços

modos, e tão faceis de vos enriquecer, ou de vos destruir: que loucura, e que cegueira é cuidar que podeis ter bem algum, nem vós, nem vossos filhos, que seja contra o serviço de Deus? Faça-se o serviço de Deus, accuda-se á alma e á consciencia; e logo os interesses temporaes estarão seguros: *Quaerite primum regnum Dei et justitiam ejus, et haec omnia adjicientur vobis.*

Mat. 6.

Mas quando não fôra, nem se seguraram por esta via nossos interesses, faça-se o serviço de Deus, accuda-se á consciencia, accuda-se á alma, e corte-se por onde se cortar, ainda que seja pelo sangue e pela vida.

Em todo o caso
o serviço de
Deus seja so-
bre tudo

Dizei-me, christãos: Se vos vireis em poder de um tyranno que vos quizesse tirar a vida pela fé de Christo; que havieis de fazer? Dar a vida, e mil vidas. Pois o mesmo é dar a vida pela fé de Deus, que dar a vida pelo serviço de Deus. Não ha mais cruel tyranno, que a pobreza e a necessidade; e padecer ás mãos d'este tyranno, por não offendere a Deus, tambem é ser martyr, diz Sancto Agostinho. Nada d'isto ha de ser necessario, como já vos tenho dicto; mas quem é christão verdadeiro, ha de estar com este animo e com esta resolução.

O incontrar a
pobreza por
este serviço de
Deus é o mes-
mo que alcan-
tar o martyrio.

Senhor Jesus: este é o animo e esta a resolução, com que estão de hoje por deante estes vossos tão fieis católicos. Ninguem ha aqui que queira outro interesse mais, que servir-vos: ninguem ha que queira outra conveniencia mais, que amar-vos: ninguem ha que tenha outra ambição mais, que de estar eternamente obediente e rendido a vossos pés. A vossos pés está a fazenda, a vossos pés estão os interesses, a vossos pés estão os escravos, a vossos pés estão os filhos, a vossos pés está o sangue, a vossos pés está a vida; para que corteis por ella e por elles, para que façais de tudo e de todos o que fôr mais conforme á vossa sancta lei. Não é assim, christãos? Assim é, assim o digo e prometto a Deus em nome de todos. Victoria, pois, por parte de Christo, victoria, victoria contra a maior tentação do demonio. Morra o demonio, morram suas tentações, morra o peccado, morra o inferno, morra a ambição, morra o interesse; e viva só o serviço de Deus, viva a fé, viva a christandade, viva a consciencia, viva a alma, viva a lei de Deus, e que elle ordena, viva Deus, e vivamos todos, n'esta vida com muita abundancia de bens, principalmente os da graça, e na outra por toda a eternidade os da gloria: *Ad quam nos, etc.*

Promette-se
tudo isto aos
pés de Jesus
Christo

the first time in the history of the world, the
whole of the human race has been gathered
together in one place, and that is the
present meeting of the World's Fair.
The whole of the human race has been
gathered together in one place, and that is
the present meeting of the World's Fair.
The whole of the human race has been
gathered together in one place, and that is
the present meeting of the World's Fair.
The whole of the human race has been
gathered together in one place, and that is
the present meeting of the World's Fair.
The whole of the human race has been
gathered together in one place, and that is
the present meeting of the World's Fair.
The whole of the human race has been
gathered together in one place, and that is
the present meeting of the World's Fair.
The whole of the human race has been
gathered together in one place, and that is
the present meeting of the World's Fair.
The whole of the human race has been
gathered together in one place, and that is
the present meeting of the World's Fair.
The whole of the human race has been
gathered together in one place, and that is
the present meeting of the World's Fair.
The whole of the human race has been
gathered together in one place, and that is
the present meeting of the World's Fair.
The whole of the human race has been
gathered together in one place, and that is
the present meeting of the World's Fair.

III. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA ••

PRÉGADO NA EGREJA DE SANTO ANTONIO DOS PORTUGUESES EM ROMA

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Este terceiro sermão, por ser dirigido a eclesiásticos, é mais positivo e menos figurado do que os dois precedentes; mas é muito chistoso e elegante.

*Tunc assumpsit eum diabolus in sanctam
civitatem et statuit eum super pinnaculum
tempis, et dixit ei: Si filius Dei es, matte te
deorsum.*

S. MATTH. 4.

Sancto Antonio (não o nosso, em cuja casa estamos, senão o de Egipto chamado por antonomasia o grande), abriu-lhe Deus um dia os olhos para que visse neste mundo o que nós não vemos; e é que todo ele está cheio e armado de laços; laços no mar e laços na terra, laços nos desertos e laços no povoado, laços das ruas e laços dentro das casas; e não só nos lugares profanos, senão também nos sagrados, e até nos mesmos templos não de ídolos, senão do verdadeiro Deus, laços. Significava esta visão que não ha lugar no mundo livre de tentações do demônio; e isto é o que temos no evangelho presente. Tentou o demônio a Christo; e onde o tentou? Tentou-o no deserto, tentou-o no monte, tentou-o em Jerusalém e tentou-o no templo. Se nos desertos apartados da comunicação da gente, se nos montes, que estão mais vizinhos ao céu, se nas cidades de profissão e de nomes santos, e nos templos consagrados a Deus, ha tentações; que lugar haverá ou pode haver no mundo, onde o demônio não tente? Não é necessária uma revelação para sabermos destes laços: pois vemos por experiência os que caem n'elos, e nos vemos a nós mesmos tantas vezes caídos.

Permitiu pois Christo Senhor nosso ser tentado do demônio hoje, não para se honrar com a vitória (que era pequeno triun-

Este mundo
é o cheio de
laços. Prova-se
com o
Evangelho.

Exemplo de
Christo para
resistir às ten-
tações.

pho); mas para nos ensinar a vencer com seu exemplo. Tentado no deserto com o pão e com a fome, para exemplo à abstinença do monge: tentado no monte com as promessas de todo o mundo, para exemplo à cubica do leigo; e tentado na cidade sancta com o logar mais alto do templo, para exemplo à ambição do ecclesiastico. Esta ultima tentação, por ser tão propria do logar e tão accommodada ao auditorio, será hoje o argumento de todo o meu discurso. Veremos n'ella um corleão de Roma, segundo as tres partes do thema, tres vezes e por tres modos tentado. Tentado quando vem pretender á cidade sancta: *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem.* Tentado quando consegue o logar ou dignidade da egreja que pretendia: *Statuit cum super pinnaculum templi;* e tentado com o mesmo logar depois de conseguido, quando o demonio o instiga a que se precipite: *Mitte te deorsum.* Nota o evangelista no nosso texto que o Espírito Sancto foi o que levou a Christo ao logar onde havia de ser tentado: *Ductus est Jesus in desertum a Spiritu, ut tentaretur a diabolo.* E pois o motor e auctor das victorias contra as tentações «diabolicas» é o Espírito Sancto, peçamos ao mesmo divino Espírito nos ajude com sua graça. *Ave Maria*

O demônio quando quis tentar espreitar a occasião Assim o fez tentando a Christo.

II. *Tunc assumpsit cum diabolus in sanctam civitatem, etc.* A primeira cousa em que topa o meu reparo n'estas palavras do nosso thema é aquelle *tunc*, então. Então? Quando? Não sóra o demonio «tentador tão astuto», se não fizera tudo a seu tempo e não soubera observar a occasião. Quando viu a Christo com fome, então o tentou com o pão. E agora quando levou o Senhor á cidade sancta, também espreitou a occasião: porque já tinha experiencia do sujeito a quem tentava. Levantar os sujeitos aos logares da Egreja sem os conhecer e experimentar primeiro, é cousa que nem o diabo faz. Quando Christo esteve mais qualificado para o logar, então o tentou o demonio com elle; e quando merecia a assumpção, então foi a tentação. Para um sujeito ser sublimado ao logar mais alto da Egreja, que qualidades são as quo se requerem? Requere-se, ainda que menos, a nobreza do nascimento; requere-se o exemplo da vida; requere-se o exercicio das virtudes; requere-se o espírito muito provado; e requerem-se finalmente as letras, não só sabidas, mas practicadas. Todas estas qualidades então concorriam juntas em Christo, e já reconhecidas pelo mesmo demonio. A nobreza do nascimento: *Si Filius Dei es;* o exemplo da vida: *Ductus a spiritu in desertum;* o exercicio das virtudes: *Cum jejunasset quadraginta diebus et quadraginta noctibus;* o espírito provado: *Ut tentarem a diabolo;* as letras, não só sabidas, mas practicadas: *Scriptum est non in zolo pane civit homo, sed in omni verbo quod procedit de ore Dei.*

E que sobre todas estas qualidades junctas, sobre toda esta capacidade de merecimentos, ainda seja tentação subir ás alturas do templo! Ó mundo! Ó cabeça do mundo! E que tentação seria se o ecclesiastico tentasse a subida, não com o espirito provado, mas reprovado: não com exemplo, mas com escandalo: não com virtudes, mas com vicios: não com letras, mas com ignorâncias? Não fallo na qualidade do nascimento: porque depois que Christo tirou a Pedro e André da barca para a cadeira, ainda que não reprovou a grandeza dos appellidos, mostrou que se era decente para o sujeito, não era necessaria para o oficio. Esta foi «a occasião em que foi tentado Christo.» Vamos agora «às ocasiões em que são tentados os ecclesiasticos».

Em tres partes (como dizia) dividiu o demonio a sua tentação: vir, subir, cair. Vir á cidade sancta: *Assumpsit eum in sanctam civitatem*; subir ao pinnaculo do templo: *Et statuit eum super pinnaculum templi*; cair e arrojar-se ao precipicio: *Malle te deorsum*. Sigamos o tentador pelos mesmos passos.

III. *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem*. A primeira parte da tentação, senhores meus, é vir o pretendente á cidade sancta. Pois vir á cidade sancta e pretender uma egreja pode ser tentação do demonio? Sim: porque quando a eleição é de Deus, e não tentação do demonio; quando Deus quer que o ecclesiastico tenha egreja; não é elle o que ha de ir á cidade sancta: a cidade sancta é a que ha de ir a elle. No cap. ultimo do Apocalypse conta S. João o que viu; e diz assim: *Vidi civitatem sanctam Jerusalem descendentem de coelo a Deo, paratam sicut sponsam ornatam viro suo*: vi descer do céu a cidade sancta, mandada por Deus e ornada como esposa para se receber com o esposo. Notavel visão! Os homens são os que vão á cidade e não a cidade aos homens. Pois porque viu S. João tudo ás avessas? Vinha a egreja do céu, vinha de Deus, *descendentem de coelo a Deo*, «porque» quando a egreja e a esposa vem pelo céu e por Deus, não é o homem o que vai á cidade sancta; a cidade sancta é a que vem ao homem: não é o esposo o que vai buscar a esposa; a esposa é a que o vem buscar a elle: *Sicut sponsam ornatam viro suo*. E quando isto não é assim, se não ás avessas, que será? Não é a eleição de Deus, é tentação do demonio: *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem*.

Do testamento velho e na mesma casa temos douz desposos «por uma parte» muito similhantes, e «por outra» muito diferentes. Isaac desposou-se com Rebecca, Jacob desposou-se com Rachel: esta foi a similhança; a diferença foi que só Jacob não Isaac, padeceu os enganos, os enredos e as maldades de Labão. E esse Labão quem era, ou quem representava? S. Gre-

Tres passos em
que tenta
os ecclesiasti-
cos

Premio, vir à
cidade sancta,
Vista do Fim
do Apocalypse.

Similaridade e
diferença que
há entre os
desposos de
Isaac
e os de Jacob.

gorio e todos os padres dizem que Labão significava o demônio, os seus enganos e as suas tentações. Pois porque padecem Jacob nos seus desposorios as tentações do demônio, e Isaac não? Lêde a Escritura. Jacob foi buscar a Rachel; Isaac não foi buscar a Rebecca; Rebecca o foi buscar a elle. E quando Rebecca vai buscar Isaac, quando a esposa vai buscar o esposo, não ha enganos de Labão, não ha tentações do demônio. Mas quando Jacob vai buscar a Rachel, quando o esposo vai buscar e pretender a esposa; ahí é que Labão trama os seus enganos; ahí é que o demônio executa as suas tentações. Haverá aqui algum Isaac? Nenhum. Se houvesse algum Isaac, esperaria na sua terra que o fosse lá buscar a esposa: mas todos e cada um são Jacob, e Jacob muito empenhado na sua pretenção; e por isso todos lontados e todos enganados. Quanto melhor providas seriam as igrejas, e quanto mais descansados viveriam os que fossem dignos d'ellas, e quanto menos ocasiões daria às tentações do demônio na cidade sancta, se as esposas fossem buscar os esposos, como Rebecca a Isaac; e não os esposos as esposas, como Jacob a Rachel!

Documentos
dos espousos
dos Cantares, e
exemplos da
história ecclésia-
stica.

Cant. 2.

Ind. 3.

Ind. 4.

Na cidade sancta estava recolbida a esposa dos Cantares dentro do seu aposento, quando o esposo que a vinha pretender, atravessando serras e passando montes, *salicus in montibus et transiliens colles*, «foi bater á sua» porta com grandes artas e insolências «dizeendo-lhe» com palavras cortezas e commedidas: *Aperi mihi, soror mea, columba mea.* «E por mais que lhe i representou seus merecimentos, seus trabalhos e suas dilações; *Quia caput meum plenum est rore et cincinni mei guttis noctium;* a esposa respondeu com esquivanças, «e tardou tanto a abrir, que o esposo», cansado de esperar e de bater, mudou de pensamento, deixa a prelênia, sai-se da cidade. «Mas que sucede?» Levanta-se a esposa, abre a porta, sai pelas ruas e praças buscando-o, chega aos muros da cidade, passa pelas guardas, põi-se no campo e nas estradas publicas, caminha, pergunta, sollicita, sofre por amor d'elle grandes desacatos; e achando finalmente o esposo, dá-se os parabens de o haver achado, tem mão n'elle, e diz que já o quer, que já o ama, «que ella é toda do Esposo e o esposo todo d'ella: *Ego dilecto meo et dilectus meus mihi.*» Ha tal mudança? Quando o esposo vem, quando pede, quando roga, quando bate, quando importuna, quando allega finezas, merecimentos, trabalhos; acha «estó vagares ou desdêns:» e quando se vai sem se despedir e não quer nada d'ella; então o busca a esposa, então o deseja e só lhe entrega «com todo o affecto:» *Ego dilecto meo?* Sim: que este é o modo com que Deus quer que as suas esposas te-

nbam esposo. Não ha de ser o esposo o pretendente, e a esposa a pretendida; senão o esposo o pretendido, e a esposa a pretendente. «É o vosso caso.» Saistes de Portugal, atravessando os montes Pyrenéus e passando as serranias dos Alpes: chegastes emtum á desejada cidade sancta: começaste a perlender, a fallar, a requerer: batestes á porta principal, e tambem á travessa: batestes com a mão fechada, e tambem com a mão aberta; e a porta fechada, a resposta desvios. Sabeis porque? Porque negociais ás avessas. Não quer Deus que vós pretendais a esposa; quer que ella vos prelenda a vós; e em tal forma que a egreja se dê os parabens de vos haver achado «depois de muito trabalho.» Assim se desposou a egreja de Milão com Ambrosio, assim a de Magdeburgo com Norberto, assim a de Cracovia com Estamslau, assim a universal com Gregorio. Uns escondiam-se, outros fugiam, e todos resistiam e repugnavam; e por isso mereciam que Deus por força e com milagres os subisse á maior altura do templo e os collocasse n'ella. Mas quando estes logares se pretendem e se veem a buscar, ainda que seja á cidade sancta, quem duvida que pode ser, como hoje, tentação do demonio: *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem?* Até qui o vir, que é coussa cançada: passemos ao subir, que ainda que seja costa arriba, é mais suave; e subamos quanto é possível.

IV. Chegados o tentador e o Tentado á cidade sancta, não parou o demonio até o pôr no pinnaculo do templo: *Et statuit eum super pinnaculum templi.* Em nenhuma corte do mundo tem lugar o extremo d'esta tentação, senão na corte da cidade sancta, onde estamos. Em todas as outras cortes podem os cortezãos aspirar a subir, mas não ao pinnaculo. Podem aspirar á grandeza, mas não á majestade; ao titulo, mas não á corda. O fidalgo particular pode aspirar a conde, o conde a marquez, o marquez a duque; e aqui pára o desejo: porque o ser rei está fóra da esphera da ambição. N'esta corte não é assim. Da sotana podeis subir á murça; da murça ao mantelete; do mantelete á mitra; da mitra á purpura; e da purpura á tiara.

Sobre o modo com que o tentador subiu o levou a Christo no pinnaculo não concordam os expositores do nosso texto. Uns fundados na palavra *assumpsit eum* tem para si que foi voando pelos ares. Outros dizem que foi caminhando naturalmente; e esta opinião não só é para mim a mais verisimil, senão a verdadeira: porque S. Lucas fallando da mesma subida diz: *Duxit illum in Jerusalém, et statuit eum super pinnam templi.* Nem a palavra *assumpsit*, de que usou S. Matheus, obriga a outro sen-

Segundo, sube
ao pinaculo
do templo. Co-
mo esta ten-
tação é só pro-
pria dos
ecclésiásticos.

A subida de
Christo ao pi-
naculo
como se faz.

Or. 5.

Matth. 17.

tido e modo extraordinario. Porque quando Christo levou os apostolos ao monte da transfiguração diz o mesmo S. Matheus: *Assumpsit Jesus Petrum et Jacobum et Joannem, et duxit illos in montem excelsum seorsum;* e é certo que os levou o Senhor ao cume do monte, não pelo ar, senão pela terra. Assim quo o medo com que levou o tentador a Christo até o pór no pinnaculo, não foi voando, senão andando naturalmente por seus passos contados e por seus degraus, subindo sempre A cidade de Jerusalém não estava situada no campo raso, senão em alto: *Ecce ascendimus Jerosolymam.* No alto da cidade estava o monte Sion: no alto do monte Sion estava o templo; e por aqui levou o tentador ao Tentado sempre subindo. Do deserto e da campanha subindo á cidade; da cidade subindo ao monte; do monte subindo ao templo; do templo subindo ao tecto; e do tecto subindo ao pinnaculo: *Et statuit eum super pinnaculum templi.*

Querer subir
sempre e pro-
prio do demon-
nio

P. 20.

Se o evangelista me não dissera que esta ação ou modo de levar era do demonio, eu me atreveria a afirmar com toda a segurança que a tal condução era sua: porque isto de subir e subir sempre, ou seja por tentação ou por inclinação, é só proprio e natural do demonio. O subir e querer subir bem pode ser do homem; mas o subir sempre, ainda depois de ter subido, sem descansar, nem parar, só do demonio pôde ser. Grande texto de David: *Superbia eorum qui te oderunt, ascen-
dit semper;* a soberba dos que tem odio a Deus, é soberba que sempre sobe. E quem são os que tem odio a Deus? São os demonios, diz S. Thomaz: porque os homens ainda que offendem a Deus, não lhe tem odio. Esta foi a soberba que condenou os anjos e de anjos os fez demonios: soberba que sempre quiz subir: *Superbia eorum ascendit semper.* Que a soberba não quira nem saiba descer, isso é ser soberba: mas que não saiba parar? Tal foi a soberba dos anjos. A natureza angelica tinha muitos degraus por onde subir sem sair da sua esphera: mas em nenhum quiz parar: *ascendit semper.* Anjo do infimo coro, não te contentarás com ser archanjo? Não: *ascendit semper.* Archanjo, não te contentarás com ser principado, que é a mais alta dignidade da tua jerarchia? Não: *ascendit semper.* Principado, não te bastará ser virtude? Virtude, não te bastará ser potestade? Potestade não te bastará ser dominação? Ainda é pouco: *ascendit semper.* Ora suba a dominação a ser throno: mas se sou throno, hei de ser cherubim; se sou cherubim, hei de ser seraphim. Seja assim, para que acabe já de subir a sua soberba; pois chegaste á suprema eminencia da tua natureza e de todas. Ali pararás, ali descansarás. Parar? Isso não, diz o

seraphim: ascendit semper. Sempre hei de subir. Pois aonde, ou para onde?— Aonde ou para onde? Até ser como Deus: *Similis ero Altissimo.* Assim se tentou Lucifer; e para subir sempre a sua soberba, não tendo para onde subir em todo o creado, quiz subir ao increado e impossível: *ascendit semper.* Admirais-vos de tão teimosa ambição e de tão pertinaz desejo de subir? Pois ainda não está bem declarado o texto: ainda hoje sobe a soberba de Lucifer: que isso quer dizer: *ascendit semper.* Mas se Lucifer tinha chegado a querer ser similhante a Deus, como podia subir mais? Ninguem o poderia entender nem imaginar se o não tiveramos na Escritura. O nosso evangelho o diz. Quando o demônio na terceira tentação offereceu todo o mundo a Christo, foi com a condição de qđe se lhe prostrasse de joelhos e o adorasse: *Haec omnín tibi dabo si cadens adoraveris me.* Pois vem cá, demônio; se tu intedes que esse homem a quem tentas é Deus: «ou pelo menos duvidas d'isso; pois tu mesmo disseste» na primeira e segunda tentação: *Si Filius Dei es;* e se das suas respostas tão sabias e tão dignas de Deus te devias confirmar muito mais no mesmo pensamento; como lhe dizes que se põnhá de joelhos deante de ti e que te adore? «Já não te basta ser similhante a Deus; pretendes ser adorado pelo mesmo Filho de Deus? Assim é: porque a soberba do demônio *ascendit semper.»*

E assim sobe e está subindo sem aquietar nem parar jámais a soberba dos que elle tenta, ou dos que sem ser tentados o seguem. Subir ás digoidades pôde ser bom e pôde ser mau: mas o que sempre é mau e nunca pôde ser bom, senão pessímo, é fazer de uma dignidade degrau para a outra e querer sempre subir sem jámais parar. Não se sobe hoje ás dignidades, sobe-se por ellas. Haviam de ser fins, e são meios: haviam de ser termo, e são degrau. E tal modo ou tal suria de ambição não é humana, é diabolica, é luciferina. Por isso dizia o mesmo David, temendo-se de cair em similhante tentação: *Non veniat mihi pes superbiae;* ah! Senhor, dae-me vossa graça e lende-me le vossa mão, para que não entre em mim o pé da soberba. Eu cuidava que o perigo da soberba estava na phantasia da cabeça; e não está senão no ardimento dos pés. São uns pés que não pôdem aquietar em nenhum logar por alto que seja: sempre estão em movimento, e sempre para cima. Sempre em movimento, porque não sabem parar; e sempre para cima, porque não sabem descer, senão subir: *ascendit semper.* E notae que soberba e ambição de subir nunca está mais que sobre um. Tem um pé no logar que possui, e o outro já vai pelo ar para o logar que pretende. Isto é subir sempre. Quem sobe, quando

Como o imitam os excentrados.

Ibid.

P. 33.

firma o pé num degráu, já levanta o outro para o pór ao que se segue; e assim sobe e vai subindo sempre (por mais alto que seja o logar a que tem subido) quem fór tocado d'esta tentação.

A forma do leito
de Salomão é a
corte romana.

Lect. 3.

*Feculm fecit sibi rex Salomon: reclinatorium aurum, a-
scensum purpurnum.* Fez Salomão um leito para si, cujo reclinatorio era de ouro e a subida de purpura. Com licença da sabedoria de Salomão, eu não fizera o leito por esta traça. Fizera o reclinatorio de purpura e a subida de ouro. Para reclinar e descansar a cabeça, o ouro, ainda que seja muito lustroso, é muito duro e muito frio. Para os degráus era muito decente e muito auctorizado o ouro: porque não ha modo de subir mais majestoso que mettendo o ouro debaixo dos pés e pizando-o. Pelo contrario a purpura era muito accommodada para o reclinatorio: porque é branda e conserva o calor. Mas a purpura para os degráus: *ascensum purpureum?* «Se não houvesse mais profundo mysterio, eu dissera que Salomão queria symbolizar o que não raras vezes se vê n'esta corte:» sendo tal a tentação de subir, que nem nas purpas se pára, nem nas purpuras se desce: *ascensum purpureum: ascenit semper.*

Corte de Salo-
mon feita por
mechanico
portuguez
Auctoratio de
Bellarmine.

Estou vendo porém que me dizem os meus portuguezes: Ainda que lemos o exemplo de S. Damaso e de João vigesimo segundo, os nossos pensamentos não solem ao piunaculo, nem a tão alla supposição. Com uma egreja das que vagam na nossa terra nos contentamos: isso é o que só pretendemos na cidade sancta. Mas tambem ahí pôde entrar com igual perigo a tentação do demônio. Eu não sou muito curial d'estas tentações; e assim fallarei por boca de quem tinha grande experiençia e grande practica d'ellas. O cardenal Bellarmino passando por um lago d'estes arredores viu um moço que estava pescando rãs; e a isca com que lhes armava, era a pelle de outra rã já morta. Lançava o anzol com aquella pelle da morta, e assim pescava as vivas. Eis aqui diz Bellarmino, como pesca o demônio aos eclesiasticos. Morreu o conego, o prior, o abbade; e que faz o demônio? Toma a pelle do defuncto, que é a murça ou a sobrepelliz e estola: mette-a no anzol, que é a tentação, e vem-se de Portugal a pescar a Roma. Quem cuidasse tal cousa? Que o demônio se venha fazer pescador na barca de S. Pedro? E que fazem as rãs que estão esperando no lago e atroam os ouvidos de todos? Tanto que chega a nova, tanto que vêem a pelle da morta, todas a ella com tanta boca aberta; e se alguma se adeanta ás demais, todas a abocanhal-a e a mordel-a. Eu não o vi: mas assim o ouço. N'isto são peiores as rãs que os peixes. Os peixes mordem e calam: as rãs atroam, e não

ha quem se ouça nem se valha com ellas. Que cada um pretenda para si, humano é: mas é grande deshumanidade que homens da mesma patria, da mesma nação, e do mesmo sangue se mordam, se maltractem e se affrontem por se introduzir a si e afastar os outros.

Combatiam-se no ventre de Rebecca Jacob e Esaú; e consultado o oráculo divino, respondeu: *Duae gentes sunt in utero tuo. Saberás, afflita mãe, que trazes em tuas entradas duas nações. Que duas nações sejam inimigas e se façam guerra e dêem batalha uma contra a outra, não é maravilha. Mas que se vejam similhantes hostilidades em homens da mesma geração e do mesmo sangue, como se foram de nações não só diferentes, mas inimigas? Este é o prodigo. E porque se combatiam, porque se maltractavam os dous irmãos com tanta ilór e affronta da mãe? Porque cada um d'elles pretendia levar a benção do pae e derrubar ao outro para que a não levasse. E quando chegou a benção tão debatida? Nasceram, cresceram, esperaram; e a benção não chegou senão d'abi a muitos annos; e levou-a quem menos se cuidava. Eis aqui porque se estão combatendo, perseguindo e affrontando Esaú e Jacob. Por uma benção que, sabe Deus quando chegará: por uma benção que muitas vezes a leva o engano, e não o merecimento: por uma benção que ha de dar um velho cego ás apalpadellas, prometida por um regalo e alcançada com umas luvas. Não era esta a tenção de Isaac, verdadeiro pae e sanclo. Mas assim sucede, e assim sucede. Vede se esta tentação é peior que a de Christo. A Christo levou-o o tentador pelos degraus ordinarios ao templo: vós derribais os companheiros e fazais d'elles degrau para subir á Egreja. As egrejas não se hão de levar por escala. Quando se escalam os muros, sobem os que veem detrás por cima dos que caem deante: mas não são elles os que os derribam. O dote da suftileza do céu faz que o logar que occupa um não impida a passagem ao outro: e cá «não sei se devo dizer que» o estudo e emprego de todas as subtilezas é impedir aos outros para lhes ocupar o logar. Emfim, bem ou mal ocupado, que se segue depois d'isso? A terceira parte da tentação é a mais perigosa de todas.*

V. *Et dixit ei: Mitte te deorsum.* Depois de vir e subir, segue-se o cair. Conseguiu o pretendente o seu despacho, expeliu as suas bullas, voltou contente para a patria, vê-se collocado ou collado na egreja com a superioridade e auctoridade d'ella; e aqui está o fim de toda a tentação, que é o precipicio: *Mitte te deorsum.* Este precipicio pode ser, como ordinariamente e, ou para a parte da primeira tentação, ou para a parte da terceira, com

Jacob e Esaú
que se comba-
tiam no ventre
da mãe, são
figura dos
pretendentes.
Gen. 25.

Terceiro, cair.
Quase as que
dão dos
ocelos e as que

que ficará caindo em todas tres. Na primeira tentação tentou o demônio a Christo com pão: *Dic ut lapides isti panes fiant:* na terceira tentou-o com tudo: *Haec omnia tibi dabo;* e em ambas pode cair facilmente o tentado, ou por fome, ou por cubiça. Traetava-se aqui em Roma de mandar a Portugal contra Viriato, e eram pretendentes do posto Sulpicio Galba e Aurelio Colta; e como os votos dos padres conscriptos se dividissem no senado, uns por parte do primeiro, outros do segundo, diz Vалерий Maximo que Scipião excluiu a ambos; e deu a razão excelente por estas palavras: *Neuter mihi placet: quia alter nihil habet; alteri nihil est satis.* Não convém que se mande a Portugal nem um nem outro; porque um nenhuma cousa tem, e outro nenhuma cousa lhe basta. Aos que nada tem, tenta-os o demônio com o pão: aos que nada lhe basta, tenta-os com tudo; e sendo tão perigosa tentação a da necessidade, como a da cubiça, estes são os dons precipícios em que pode e costuma cair quem vai de Roma com despacho.

*Perigos de quo
os eclesiásticos
comem o
pão dos pobres.*

Os que de cá vão com fome, tenta-os o demônio com pão e muito mais apertadamente do que a Christo: porque a Christo tentou o demônio com pão que se havia de fazer: *Dic ut lapides isti panes fiant:* mas a estes tenta-os com o pão feito e preparado. A Eva tentou-a com a fructa madura e sazonada; a Esau tentou-o com as lentilhas cozinhadas e temperadas. E que sucedeu a ambos? Ambos cairam sem resistencia. Ser tentado com o comer que se ha de fazer, ainda que haja fome, não é tão grande tentação. Se o pomo estivera em flor e as lentilhas em herva, nem Eva, nem Esau se haviam de tentar, quanto mais cair. Porem tentar com o pão e feito; tentar com o pão que outros fizeram, e vós o tendes recolhido no vosso celleiro com a obrigação de o repartir aos pobres, grande tentação! O eclesiástico e dispenseiro do pão e não senhor. Mas é grande tentação do dispenseiro, que podendo-se fazer senhor, se não faça, e podendo comer o pão, o não coma. Nesta parte são mais venturoosas as ovelhas do campo que as de Christo: porque o pão das ovelhas do campo não o pode comer o pastor; e o das ovelhas de Christo, sim. E quando o pão do gado é de tal qualidade que o pode comer o pastor, aqui está a tentação.

*Entre os pro-
res do que o
filho prodigo,
porque comem
o pão
de seu gado.*

O filho prodigo, depois de desbaratar todo o patrimonio, para remediar a sua necessidade poz-se a pastor, e o mantimento de seu gado era tal, que também o pastor o podia comer. Foi porem tão honrado e tão punctual este moço (como filho de bons pais que era), que até d'aquele mantimento rustico e grosseiro que se lhe dava para o seu gado, nem uma bolota tomava para

si. Mas qual era a sua tentação? *Cupiebat explore ventrem de siliquis quas porci manducabant.* E se isto fazia a fome do filho prodigo, que fará a do padre avarento? Pastor com fome ha de comer o pão do gado, qualquer que seja; e mais os que de cá vão com fome de tantos annos. Os pregadores zombam do demonio em tentar a Christo com pão de pedras; e não reparam em que estava o Tentado com fome de quarenta dias. Para fome de muitos dias não ha pão duro: quanto mais para fome de tantos annos! Nas grandes fomes, como a de Jerusalém e de Samaria chegaram as mães a comer os proprios filhos. Haveis de comer o pão das ovelhas e haveis de fazer das mesmas ovelhas pão: *Qui devorant plebem meum ut cibum panis.* E se isto faz a fome que é natureza, a cubica que é vicio e vicio insaciavel que fará?

O demonio quando tentou a Christo pela cubica (que é o segundo precipicio) pôz-lhe por condição que o havia de adorar: *Si cadens adoraveris me.* Quem não pasma de tal atrevimento, e mais ainda de tal confiança? Adorar o demonio, posto que disfarçado em outra figura como aqui appareceu, é a mais impia, a mais sacrilega e a mais abominavel idolatria. E parece que se não pode presumir nem temer que haja de cair em tal precipicio algum homem christão, quanto mais coroado com o sacerdocio. Mas o demonio que teve atrevimento e confiança para tentar com similhante condição a um homem que «elle podia presumir que era» Deus, tambem o fará a qualquer outro por mais sagrado que seja. Quando o propheta Zacharias exclamou: *O pastor et idolum,* bem anteviu que o officio de pastor e o peccado de idolatria podiam andar junclos. E S. Zeno, bispo de Verona, que tinha grandes experiencias, não só diz que sim, mas declara o como. Pondera o sancto aquelle logar do psalmo: *Simulacra gentium argentum et aurum:* os idólos dos gentios são ouro e prata; e afirma que o mesmo ouro e prata em mão do sacerdote que é pastor, ainda que o não adore com idolatria expressa, tambem é o pôde ser idolo. E de que modo? Não pondo-o sobre os altares, mas mettendo-o na arca ou debaixo da terra. Ouvi as palavras do sancto que são admiraveis: *Aurum et argentum si erogaveris, pecunia est: si servaveris, simulacrum.* Tendes ouro e prata, vos que sois sacerdote e pastor? Pois sabei que esse ouro e prata, se a derdes aos pobres, é dinheiro; mas, se a guardardes, é idolo. O pastor que reparte o que tem ás suas ovelhas, é pastor; o que o guarda e enterra, é idolatra: repartil-o é esmola, guardal-o é idolatria.

Vejo que estão dizendo consigo os apaixonados da avareza, que a sentença d'este sancto tem mais de encarecimento que

Luc. 1

Ps. 13.

As tentações
da cubica são
da maior
natureza. Testi-
do de Zacharias
e auctoridade
de S. Zeno.

Zach. 11.

Ps. 13.

S. Paulo chama
idolatra ao
avarento e ois
ao cubicoso.

de theologia rigorosa e solida. E para que se desenganem, se temem fé, e saibam que não só é fundada esta doutrina em autoridade humana, senão na verdade divina e irrefragavel; ouçam o oráculo de S. Paulo, não só uma vez incólado, mas uma e outra vez repetido. No capítulo quinto da epistola aos ephesios, fazendo o apostolo um relatorio dos vicios por que não só os gentios senão os christãos são desherdados do céu, chegando aos avarentos diz que este peccado é peccado de idolatria: *Aut avarus, quod est idolorum servitus;* e no capítulo terceiro da epistola aos colossenses, que também eram christãos, repele e qualifica o peccado da avaricia com a mesma censura: *Et avaritiam, quae est idolorum servitus.* De sorte que em sentença de S. Paulo, canonica e de fé, se tomarmos a avarice em si mesma e em abstracto, é idolatria: *Avaritiam, quae est simulacrorum servitus;* e se a tomarmos em concreto e no sujeito, o avarento é idolatra: *Avarus, quod est idolorum servitus;* ou como diz com mais expressão o original grego, *Idolatra.* Mas qual é a razão d'esta grave censura, que sempre parece difficultosa! O mesmo S. Paulo diz que a cubiça é raiz de todos os males; *Radix omnium malorum est cupiditas.* E comtudo não chama idolatra ao cubiçoso, senão ao avarento. Em que consiste logo esta especial razão de idolatria que se acha só no avarento e não no cubiçoso? O cubiçoso e o avarento igualmente appelecem o dinheiro; igualmente amam mais o dinheiro que a consciencia. Porque é logo o avarento o idolatra, e o cubiçoso não? S. João Chrysostomo na exposição d'este texto allude a uma historia que refere Philostrato; o qual conta que os alodadas prenderam «um ídolo;» e depois de incarcorado e debaixo de chave, então lhe fizeram sacrifício. E isto mesmo diz o sacerdote que fazem os avarentos. Fieham o dinheiro e fecham-se com elle; mettem-no lá onde não appareça, nem veja sol, nem lua, e assim encarcerado e escondido o antepõem ao verdadeiro Deus e como seu Deus o adoram. O exemplo está muito accommodado; mas não chegon ainda a dar a razão, nem a declarar a diferença, porque o avarento é idolatra e o cubiçoso não. Eu porque a não achei em nenhum expositor, darei a que me parece. A diferença entre o cubiçoso e o avarento é, que o cubiçoso quer o dinheiro para gastar, o avarento quer o dinheiro para o guardar. O cubiçoso, ou seja liberal ou prodigo, comtanto que não seja avarento, quer ter dinheiro para ter outras cousas: o avarento quer ter o dinheiro só para ter; e como o cubiçoso usa do dinheiro como meio e instrumento para conseguir outros fins, e o avarento não tem outro fim em ter dinheiro senão o ter, e faz do mesmo dinheiro o seu ultimo fim;

Eph. 5.

Coloss. 3.

I Tim. 6.

d'aqui se segue que o cubiçoso não é idolatra, e o avareo sim: porque o ultimo fia natural e sobrenatural de todas as cousas é Deus; e quem tem por ultimo fim qualquer cosa que não seja Deus, é idolatra. Por isso o Apostolo com grande advertencia chamou a este genero de idolatria servidão dos idólos: *Quod est idolorum servitus*: porque o cubiçoso que não é avareto serve-se do dinheiro: o avareto serve ao dinheiro; e tão incompativel é servir ao dinheiro e a Deus, como servir a Deus e ao ídolo: *Non potestis Deo servire et mammonae*. Assim que o que se vê colocado sobre o templo, se não tiver mão em si e Deus o não tiver de sua mão, ou caiá para a parte da primeira tentação, ou caiá para a parte da terceira, sempre leva consigo o precipicio: *Mitte te deorsum*.

VI. Tenho acabado, senhores, o meu discurso: e mostrado as tres partes da tentação que encerram as palavras do demônio, que tomei por thema, que eram vir, subir e cair. Já vistes à cidade sancta, que fôra melhor não vir: já subisteis, aquelles com quem fallo, ao logar da egreja quo pretendieis: queira Deus que seja para bem. Resta agora na volta para a patria e na administração do mesmo logar o perigo de cair. Os vossos intentos ate agora bem creio que são quaes devem ser, religiosos, pios e sanctos; e tambem aqui pode estar escondida a tentação: porque tambem o demônio allegou a Christo que os anjos o levariam e guardariam em todos os seus caminhos, como diz o psalmo: *Angelis suis mandavit de te ut custodiant te in omnibus viis tuis*. Para que assim seja, sem perigo de algum dos dous precipícios que acabo de ponderar, permitti-me que vos dê duas advertencias sobre os mesmos caminhos. • A primeira que na volta para a patria (que rogo a Deus seja muito feliz) • não chegueis lá: *Quasi navis institoris de longe portans panem suum*: como nau de mercador que «foi» buscar o pão a outra terra longe da sua para o vender e commerciar com elle. Nenhum peccado provocou a Christo a tomar o açoite na mão n'este mesmo templo onde hoje o tentou o demônio, senão o da cubiça e indecencia com que da sua casa, que é a egreja, faziam os ministros d'ella casa de negociação: *Nolite facere domum Patris mei domum negotiationis*. O mercador licitamente negoceia com o seu pão, porque é seu: no ecclesiastico não só é indecente similhante negociação, mas illicita e injusta; porque o pão absolutamente não é seu; e tirada a congrua sustentação sua e da propria e moderada familia, tudo o demais é dos pobres. Até Judas, a quem a Egreja chama mercador pessimo, não se atrevem a enseitar a sua cubiça senão com pretexto dos pobres: *Poterat enim unguentum istud venumdari plusquam trecentis denariis et dari pauperibus*.

Matth. 6

Conclusão &
carroça de que
falta
S. Bernardo

P. 20

Prov. 21

Judas.

Marc. 16.

Mas como elle fallou em vender *venundari*, bem mostrou que o seu espirito era mais de mercador que de sacerdote: mercador, porque quiz vender o que era consagrado a Chrislo, e pessimo porque o quiz vender sendo ecclesiastico. «Esta é a primeira advertencia. A segunda que vos guardais de fazer viagem em uma carroça que» S. Bernardo elegante e gravemente descreve por estas palavras: *Avaritia rotis vehitur quatuor vitiorum: quae sunt pusillanimitas, inhumanitas, contemptus Dei, mortis oblivio. Porro jumenta trahentia tenacitas et rapacitas; et his unus auriga praesidet ardor habendi.* Posto que os avarentos por não gastar costumem andar a pé, a avareza (diz S. Bernardo) anda em carroça. Sustenta-se esta carroça sobre quatro rodas, que são qualtro vicios que sempre acompanham a avareza e sem os quaes não dá passo. A primeira roda é a pusillanimidade, *pusillanimitas*: porque assim como dos animos grandes e generosos é propria a liberalidade, assim é propria condicão e vileza do avarento ser miseravel e não dar nada. A segunda roda é a deshumanidade, *inhumanitas*: porque não ha fera mais deshumana e cruel, que o avarento: como o outro que vendo a pobreza e necessidade de Lazaro e as chagas de que estava coberto, se não movia a compaixão, e nem com as migalbas que lhe caiam da mesa o soccorria. A terceira roda é o desprezo de Deus, *contemptus Dei*: porque na estimação do avarento não ha outro Deus mais que o dinheiro: e n'elle, como diz o nosso poeta portuguez, adora mais os cunhos que a cruz. A quarta e ultima roda é o esquecimento da morte: *mortis oblivio*: porque o avarento não se lembra que tudo o que guarda e ajunta, mais tarde ou mais cedo ca ha de ficar: e como tem o coração onde tem o thesouro, mais quer enthesourar na terra que depositar no céu. Os douos cavallos que tiram por esta carroça ou os douos jumentos, como lhes chama o sancio, são a rapacidade e a tenacidade: *Jumenta trahentia tenacitas et rapacitas*: porque o avarento com a rapacidade apanha, juncta e rouba quanto pode e não pode; e com a tenacidade relem, conserva e aferrolha tudo de tal arte, que nenhuma cousa lha sai da mão. Finalmente o cocheiro que governa esta carroça, estas rodas e estes douos brutos, já largando as redeas a um, já estreitando-as a outro, é o appetite insaciavel de ter: *Ardor habendi*.

Repreensão
que um grande
príncipe fez a
um ecclesiastico.

Vede agora, senhores, como já irá seguro e livre de infinitos perigos quem se metter em tal carroça e nas mãos de tal cocheiro e sobre o rodar de taes rodas! Não vos temo tanto os despenhadeiros dos Alpes, nem a fragosidade dos Pyrenéus, quanto os valles e campinas da nossa terra. N'aquellas searas,

n'aquellas vinhas, n'aquelles oliveas, de que se tiram os rendimentos para as egrejas e seus ministros, aqui é que mais repara o meu temor, e aqui receio que topem os cavallos, se embrace o cocheiro e se descomponham as rodas. O fundamento que tenho para assim o temer, é que, quando ouço fallar nos vossos provimentos ou promoções, só se estimam os despachos e se avaliam os logares pelo que rendem. A um gran principe d'esta Italia pedia um ecclesiastico seu vassallo que lhe fizesse mercê de certa egreja. E quanto rende essa egreja? perguntou o principe. Serenissimo, respondeu o pretendente, rende oitocentos até mil escudos. Bem está, não é muito o rendimento. E quantos freguezes tem? tornou o principe a perguntar. E como o pretendente dissesse que não sabia, o despacho com ultima e severa resolução foi este: E vós sabeis a conta aos escudos que haveis de comer, e não sabeis o numero ás almas que haveis de curar? Pois não sois digno de ter egreja, nem de a pretender deante de mim: ide embora. Oh se todos os que fazem similhantes provimentos fizessem este exame; e se ao menos o fizessem os que os pretendem e são providos! Por isso guardam os escudos e não guardam as ovelhas: mercenarios e não pastores, ou trosquiadores, que é peior. Estes são as contas que se fazem, sem se fazer conta da que se ha de dar a Deus, quando a pedir do preço de seu sangue. Mões aquelles que só se governam pelo *ardor habendi* irão arder onde elle os leva. Aqui irá parar a alegria dos bons despachos, e os falsos parabens dos que os recebem, tão falsos como os dos que os dão.

E para que ninguem despreze esta doutrina, tão temerosa como verdadeira, e tema o precipicio da terceira parte da tentação a que o demonio encaminha as duas primeiras, acabemos por onde começamos. Sancto Antonio viu o mundo cheio de laços. S. Paulo viu os que caem n'elles; e quem são estes? *Qui volunt dirites fieri, incident in temptationem et in laqueum diaboli:* os que caem na tentação e no laço do demonio são os que querem ser ricos. Não diz os que querem roubar ou tomar o alheio: senão os que sómente querem ser ricos, ainda que seja por meios licitos: porque do lícito se passa ao ilícito, e do justo ao injusto, e do necessário ao superfluo, e do superfluo ao nocivo e mortal: *Et desideria multa inutilia et nociva, quae mergunt homines in interitum et perditionem.* Por isso o demonio começou a primeira tentação pelo pão e acabou a segunda pelo precipicio. S. Paulo n'este logar fallava com Timótheo, ecclesiastico, sacerdote e prelado. Os que teem as mesmas obrigações ouçam e imprimam no coração o que elle lhe aconselha e manda: *Tu autem, o homo Dei, haec fuge: sectare*

Os que querem
ser ricos
caem nos laços
do demonio

I Tim. 6

vero justitiam, pietatem, fidem, caritatem, patientiam, mansuetudinem: certa bonum certamen fidei: apprehende vitam aeternam. Não é necessário que eu diga o que significam estes documentos: porque fallo com quem os intende ou deve entender; e só digo que com elles se pôde compôr uma outra carroça triumphal, bem diferente da de S. Bernardo. As quatro rodas sejam as quatro primeiras virtudes São, piedade, justiça, caridade, *justitiam, pietatem, fidem, caritatem.* Os cavallos mais sujeitos e bem arrendados, que brioso, a paciencia e a mansidão, *patientiam et mansuetudinem.* O cocheiro, que evite com toda a vigilancia e fuja dos passos perigosos, o mesmo homem lembrado que é ministro de Deus. *Tu autem homo Dei, haec fuge.* D'este modo pelejando fortemente contra o demônio vencerá suas tentações n'esta vida e triumphará na eterna. *Certa bonum certamen fidei, apprehende vitam aeternam.*

(Ed. ant. tom. 7., pag. 305, ed. mod. tom. 8., pag. 35)

SERMÃO DA SEGUNDA QUARTA FEIRA *

PRÉCADO NA MISERICORDIA DA BAHIA NO ANNO DE 1638

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.— Vai agora um dos sermões com que Vieira deu princípio áquella maravilhosa pregação que depois continuou por pouco menos de sessenta annos. É muito digno de se ler pela ordem e disposição das partes oratorias e pela liberdade apostólica com que já então fallava nos grandes da terra, subjugando-os com a valentia de seu ingenho e com a auctoridade da sua eloquencia.

*Generatio mala et adultera signum
quaerit; et signum non dabitur ei nisi
signum Jonae prophetae.»*

S. MATTH. 12.

Se o evangelista o não dissera, não o crêra. Diz o evangelista S. Matheus que pedindo os escribas e phariseus a Christo Redemptor nosso, que fizesse algum signal milagroso, com que o conhecessem por Deus, o Senhor se indignou contra elles, chamando-lhe de maus homens a geração adultera: *Generatio mala et adultera signum quaerit.* Torno a dizer que se o evangelista o não dissera, não o crera. Christo irado? Christo chamando nomes affrontosos aos homens? Christo desenterrando gerações alheias? Quem pôde turbar tanta serenidade, quem pôde provocar tanta mansidão, quem pôde alterar tanta paciencia? Não é este Senhor o mesmo que não respondia ás blasphemias, que ouvia calado as injurias, que não acudia por si nos falsos testimonhos, que recebia as bofetadas com rosto sereno, os açoites sem se lhe ouvir uma queixa? Pois se injurias, blasphemias, falsos testimonhos, bofetadas, açoites não foram nunca poderosos para tirar de seu compasso a serenidade de Christo, para lhe arrancar do peito uma palavra irada; como agora diz tantas e tão pesadas a uns homens que chegaram a pedir-lhe uma mercê: *Magister, volumus a te signum videre?*

Christo irado
contra os
judeus não ob-
stante a
sua mansidão.

Como o caso foi tão extraordinario e a dificuldade tão digna de reparo, notavelmente bão trabalhado os doutores em descobrir a razão d'elle.

Busto de Theophylacto
que se agastou o Filho de Deus contra es-
tes homens, porque entraram adulando. Entraram chamado a
Christo Mestre: Magister, titulo n'aquelles tempos tão autoriza-
do, quanto era bem que o fosse n'estes; e ainda que o Se-
nhor verdadeiramente era Mestre, Vos vocatis me Magister; et
bene dicitis: sum eternus; contudo, na boca dos phariseus e na
intenção com que o diziam, vinha a ser adulação e lisonja. Eis
aqui quem são os aduladores: gente que mente com a verdade
e affronta com a corteza. Isto haviam de escrever os politicos
no seu livro do duello: que mais affronta uma medida de um
adulador, que uma bofetada de um inimigo. Por isso Christo,
que nas bofetadas se mostrou tão soffrido, quando ouviu as adul-
ações parece que perdeu a paciencia: *Generatio mala et adulteria signum querit.*

Iacob. 13

Razão de S.
Chrysostomo
porque não
queriam ouvir
a Christo

Luc. 16.

Theophylacto diz que se agastou o Filho de Deus contra es-
tes homens, porque entraram adulando. Entraram chamado a
Christo Mestre: Magister, titulo n'aquelles tempos tão autoriza-
do, quanto era bem que o fosse n'estes; e ainda que o Se-
nhor verdadeiramente era Mestre, Vos vocatis me Magister; et
bene dicitis: sum eternus; contudo, na boca dos phariseus e na
intenção com que o diziam, vinha a ser adulação e lisonja. Eis
aqui quem são os aduladores: gente que mente com a verdade
e affronta com a corteza. Isto haviam de escrever os politicos
no seu livro do duello: que mais affronta uma medida de um
adulador, que uma bofetada de um inimigo. Por isso Christo,
que nas bofetadas se mostrou tão soffrido, quando ouviu as adul-
ações parece que perdeu a paciencia: *Generatio mala et adulteria signum querit.*

S. Chrysostomo respondeu á dúvida por outro caminho. Diz que se mostrou Christo irado, porque, tendo-lhe chamado Mestre, em lugar de dizerem que o queriam ouvir, disseram que queriam ver: *Magister, volumus a te signum videre.* É vicio este que por nossos peccados reina hoje muito no mundo; e não ser se somos complices n'ele os pregadores. Estava Christo pregando em Jerusalem, e pedindo attenção ao auditorio, pe-
diu-a d'esta maneira: *Qui habet aures audiendi, audiatur:* quem tem ouvidos de ouvir, ouça-me. Notavel modo de fallar! Que quer dizer, quem tem ouvidos de ouvir? Ha ouvidos que não sejam de ouvir? Nos ouvintes dos pregadores, sim. Os ouvin-
tes dos pregadores uns tem ouvidos de ouvir, outros ouvidos de ver. Uns tem ouvidos de ouvir, porque veem ouvir para ouvir—para ouvir aquella doutrina, para a tomar, para se apro-
veitar d'ella. Outros tem ouvidos de ver; porque não veem ouvir senão para ver—para ver se fallou o pregador com equi-
vocos ao uso, ou com ihaneza e gravidade apostolica; para ver se trouxe conceitos ou pensamentos novos, como se a verdade por antigua seja menos verdadeira ou menos veneravel; para ver se tocou n'este ou n'aquelle, e mais nos maiores; e o peior é,
que estes ouvintes de ver, muitas vezes são as toupeiras do
lugar, aquelles que sabemos que vêm menos que todos. Pois
estes que com tão contrario fim veem ouvir a palavra de Deus,
provocari tanto sua ira, diz Chrysostomo, que parece que se
não pôde conter a paciencia divina dentro dos limites de sua
inmensidate; e assim sai da madre boja: *Generatio mala et
adulteria signum querit.*

Sancto Agostinho ainda dá outra razão e muito como sua. Diz que por dizerem *Volumus*, queremos, por isso foi sua petição tão pesadamente recebida. Entrais a pedir a Deus, e dizeis *Volumus*: mau princípio. Se queremos, senhores, sair bem despachados da mão da liberalidade de Deus, havemos de dizer: *Fiat voluntas tua, e não a nossa.* Assim como não ha cousa que mais obrigue a Deus, que uma vontade sujeita; assim não ha outra que mais o provoque a ira, que uma vontade presumida. Nenhuma cousa nos deu Deus que fosse toda nossa, só não a vontade. E porque «dando-a» quiz que fosse toda nossa, por isso quer que «lha ofereçamos, e assim» seja toda sua: deu-nos-a para que fivessemos que lhe dar. E porque estes em lugar de a darem a Deus, a tomaram para si, *Volumus*; essa é a razão de se irar Christo contra elles e os tratar tão asperamente: *Generatio mala et adultera signum quaerit.*

Todas estas razões, como de tão grandes doutores, as venero e ponho sobre a cabeça. A primeira funda-se em uma lisonja, a segunda em uma curiosidade, a terceira em um amor proprio; e estas faltas são motivos bastantes para o Senhor lhes negar o signal da sua divindade que lhe pediam, e os tratar com tanta aspereza. «Mas, com licença d'estes mesmos sanctos doutores,» vejamos se podemos alcançar outra solução d'esta dificuldade, mais propria e também menos sabida, a qual seja a materia do sermão: e peçamos a graça do Espírito Sancto por intercessão d'aquele grande signal que S. João viu no céu: *Signum magnum apparuit in coelo: Mulier amicta sole. Ave Maria.*

II. *Generatio mala et adultera signum quaerit; et signum non dabitur ei, nisi signum Jonae prophetae.* Estes doux nomes de geração má e adultera com que Christo Senhor nosso, como juiz de vivos e mortos, hoje castiga e condena os escribas e phariseus, nunca foram mais justificados e bem merecidos que na presente occasião, em que, para crer a divindade do Filho de Deus, lhe pediam milagres: *Volumus a te signum videre.* Nesta mesma petição procediam como geração má e adultera; porque sem o querer confessar, mostravam claramente não ser filhos legítimos d'aquele honrado pae, de que tanto se prezavam. A nobreza e descendencia de que mais se prezavam os escribas e phariseus, a qual traziam sempre na boca, e pela qual desprezavam a todos os outros homens, era serem filhos de abrahão: *Patrem habemus Abraham. Semen Abrahae sumus.* E de similitudem ou parentesco tinham as ações d'estes filhos, com as d'aquele pae, como o mesmo Senhor outra vez lhe unçou em rosto: *Si filii Abrahae estis, opera Abrahae facite?*

Razão de Santo Agostinho, porque podiam com presunção.

Propõe-se outra razão como auxílio do sermão

Os judeus são justamente repreendidos porque procedem com filhos degenerados de Abrahão, pae dos credentes.

*Matth. 3.
Joan. 8.*

pit.

Mandou Deus a Abrahão que saisse da sua pátria, que deixasse a casa de seu pae e o tracto e companhia de todos seus parentes, e fosse peregrino ou verdadeiramente desterrado para outra terra que elle lhe mostraria: *Egredere de terra tua et de cognatione tua et de domo patris tui, et veni in terram, quam monstrabo tibi.* A obediencia não se pôde negar que por todas suas circumstâncias era dificultosa e aspera. Até as arvores insensíveis, quando se arrancam de uma terra para se transplantarem a outra, se seccam e murcham. Havia de romper Abrahão todas aquellas cadeias, com que o amor natural desde o dia do nascimento, tão forte como docemente, nos prende. Havia-se de arrancar não só d'aquella primeira terra ou segunda mão que em seu regaço nos recebeu nascidos, senão também d'aqueles primeiros ares com que respiramos e bebemos a vida. Havia de deixar o presente pelo futuro, o proprio pelo estranho, o conhecido pelo ignorado, e o possuido e certo pelo que podia parecer duvidoso; e contudo, para se justificar e segurar Abrahão e para crer a Deus, pediu-lhe por ventura algum signal? Nem por pensamento. Cren e obedeceu a olhos fechados: *Creditit Abraham Deo, et reputatum est illi ad justitiam;* e d'aqui começou a merecer o nome ou autonomasia universal de *Pater credentium;* pae de todos os que crêem em Deus e a Deus. E se Abrahão nem n'aquella, nem em alguma outra occasião pediu signal a Deus para crer; quando os escribas e phariseus, tão prezados e presumidos do filhos de Abrahão, para crer ao Filho de Deus lhe pedem signal; bem se vê n'este seu querer, que se são filhos e geração de Abrahão, não são geração legitima e boa, senão má e adulterina: *Generatio mola et adultera signum quererit.*

Pois é uma pena da diversidade de Christo e não querem atender que a maior pena é a sua passividade. Estava o rei carlo por sua Christo na traçada elles

Tal é a propria e literal razão da pagie dos escribas e phariseus, que Christo Senhor nosso leve para se irar contra elles e para os tractar com palavras tão pesadas e asperas e tão alheias da mansidão, benignidade e paciencia do mesmo Senhor. Mas aqui é que se funda toda a duvida e dificuldade da nossa proposta. Posto que os escribas e phariseus merecessem aquelle castigo e outros maiores, bem podera o Senhor, como em outras occasões de mais alrevidos descommeditamentos contra a sua Pessoa, dissimular debaixo do silencio a sua justa ira e acrecentar este exemplo a tantos outros da sua mansidão e sofrimento. Qual é logo a razão, porque quando lhe pedem signaes da sua divindade, elle responde com signaes de ira? Porque os escribas e phariseus com tão presumida e arrogante petição se mostravam cada vez mais obslunados na sua perfidia, ainda tendo deante dos olhos a maior prova da divin-

dade do Salvador, isto é a paciencia com que os soffria; e porque a paciencia, se é desprezada, se reveza com a ira, por isso Christo os reprehende com palavras tão asperas e pesadas: *Generatio mala et adultera signum querit; et signum non dabitur ei, nisi signum Jonae prophetae.* Assim pois o maior signal da divindade do Salvador é a sua paciencia.» Este é o meu pensamento e este será o argumento de todo o sermão.

Em um tempo, em que tanto e por tantos modos se padece em todo este estado, não se pôde falar em materia mais propria do tempo, nem mais util e necessaria ao estado que a do mesmo padecer. Por isso fiz eleição d'ella muito de proposito e com o empenho que se verá. Só me peza de não ter presentes n'este auditorio todos os que lançados e despojados das suas terras se veem recolbendo a esta, não menos arriscada, para que elles saibam vencer a sua fortuna e nós armar-nos para a nossa com a paciencia. Queira Deus que a não hajamos mister.

III. De maneira, senhores, (torno a dizer) que a razão de Christo não soffrer n'esta occasião aos escribas e phariseus e lhes chamar *generatio mala et adultera*, foi porque «não queriam reconhecer a sua paciencia como o maior signal da sua divindade; e por isso pediam outro: *Magister volvimus a te signum videre.* E verdadeiramente que o maior signal e milagre da sua divindade, era a paciencia com que os supportava.»

Quiz provar S. Paulo aos corinthios que era verdadeiro apostolo mandado por Deus, e diz assim: *Signa apostolatus mei facta sunt super vos in omni patientia, in signis et prodigiis:* os signaes do meu apostolado, ó corinthios, não são ocultos e invisiveis, se não manifestos a todos: vós os vedes e experimentais. E quaes são? A paciencia com que vos soffro, e os milagres e prodigios que entre vós tenho obrado. Nota aqui S. João Chrysostomo que primeiro poz S. Paulo a paciencia e depois os milagres: *in omni patientia, et signis et prodigiis.* Os milagres são os sellos pendentes das provisões de Deus; porque só Deus, e quem tem os poderes de Deus, pôde obrar sobre as forças da natureza. E esta pôde ser a energia d'aquelle sobre vós: *Facta sunt super vos.* Pois porque põi S. Paulo em segundo lugar os milagres e no primeiro a paciencia? Porque maior prova dos poderes divinos com que obrava era a paciencia de Paulo, que os milagres de Paulo. Para que ninguém duvide, diz S. Lourenço Justiniano, que para persuadir e convencer maior é a força da paciencia, que a dos milagres: *Ut signis et miraculis majorum esse patientiam non dubitamus.*

D'aqui se entenderá um bem notável reparo do que disse e do que calou Christo na conversão e eleição do mesmo S. Paulo:

Opportunitade
de tratar este
argumento.

Prova-se
o assumpto.

1º Geralmente
com o exemplo
de S. Paulo.

2. Cor. 12.

Cuja paciencia
foi a maior
prova do
Evangelho.

Art. 9.

Vas electionis est nahi iste, ut portet nomen meum coram gentibus et regibus et filis Israel. Ego enim ostendam illi quanta oporteat cum pro nomine meo pati. Vêste este Paulo (diz Christo a Ananias) que até agora tão cruel e raiosamente perseguia a minha Egreja? Pois este tenho eu escolhido por vaso de eleição para que leve meu nome a todas as gentilidades e reis do mundo; e para isso lhe mostrarei o muito que ha de padecer por mim. Aqui está o reparo. S. Paulo para converter os gentios obrava muitos e prodigiosos milagres; sarava todas as infirmitades, resuscitava os mortos, pisava os mares, enfreava os ventos, apagava os incêndios, e não só dominava e dominava as feras, as serpentes, os basiliscos, senão também os demônios. Uma vez, porque em Malta o mordeu uma cobra, tirou alli o veneno a todos. Pois porque não faz menção Christo d'esta virtude e d'estes poderes que lhe havia de dar, senão do muito que elle por seu nome havia de padecer? Porque para derribar a idolatria e estabelecer no mundo a fé da sua divindade, mais importava a paciencia de Paulo que todos os seus milagres.

*Ato os milagres
se valham da
sua paciencia.*

Art. 10.

Note-se muito aquelle *Oporteat cum pati*. O que importava era o seu padecer, e não o seu poder: o ser padecente e paciente, e não o ser omnipotente e milagroso. Tanto assim que para os mesmos milagres de S. Paulo serem milagres talvez se valham dos instrumentos e reliquias «que mais faziam lembrar» a sua paciencia. S. Lucas, que n'aquelle occasião era compatrioto do mesmo apostolo na Asia, diz que em toda ella fazia S. Paulo *Virtutes non quilibet*, não quaisquer, senão grandes milagres; e que levados os seus lenços ou os sens cínclos aos enfermos e aos endemoninhados, os doentes saravam e os demônios fugiam: *Ut etiam super languidos deferrentur a corpori eius sudario et semiemunctu; et recedebant ab eis languores, et spiritus nequam crediebantur.* Mas porque eram os instrumentos d'estes milagres os lenços e cínclos de Paulo? «Respondei: porque os seus devotos os podiam alcançar e ter ás mãos mais facilmente. E assim havia de ser: porém, não podeis negar que» os cínclos exercitados nos seus aperlos e os lenços banhados nos seus suores «despertassem facilmente a memória da sua paciencia. Por isso d'ella se valham os milagres, e não ella d'elles. E agora creio eu na energia com que dizia o mesmo S. Paulo: *Quis informatur, et ego non infirmor?* Quem ha que adoeça, que eu não adoeça com elle? Não dir: Quem ha que adoeça, que eu o não cure; senão, quem ha que adoeça, que eu não adoeça também? Porque o curar era milagre, o adoecer paciencia. E como a paciencia é mais poderosa e effi-

Art. 11

caz que os milagres para persuadir; por isso o divino Mestre quando os escribas e phariseus debaixo d'este nome «e á vista da sua paciencia» lhe pediram que para prova da sua divindade fizesse um milagre, repreendendo-os tão fortemente com aquellas palavras: *Generatio mala et adultera signum quaerit; et signum non dabatur ei, nisi signum Iona prophetae?*

IV. Até agora vimos a força e verdade d'esta consequencia em commom e por comparação alheia: Véjamol-a agora propria e singularmente no mesmo Christo. Por mandado de Deus ofereceu o propheta Isaias a el-rei Achaz, que em prova de certa promessa que lhe tinha feito pedisse o signal e milagre que quisesse. Respondeu Achaz que não queria pedir nem tentar a Deus. Mas pois estes escribas e pharisens, peiores que Achaz, não repararam em tentar a Deus e pediram signal e milagre, eu lhes mostrarei que a paciencia de Christo é muito maior prova da sua divindade que o milagre que pediam.

Transfigurou-se Christo no Thabor e não parou a transfiguração na sagrada Humanidade; mas d'ella trasbordou e redundou nas roupas de que estava vestido. O rosto resplandecente como coroado do sol; as vestiduras brancas como tecidas de neve: *Resplendebat facies eius sicut sol; vestimenta autem eius facta sunt sicut nix.* Ora, escribas e pharisens, já tendes cumpridos vossos desejos. Se quereis ver um milagre e grande milagre, ide ao monte Thabor, e vel-o-beis não feito só por Christo, senão no mesmo Christo. Nunca o mundo viu mais ilustre milagre. Mas se ainda vossa increduldade se não contenta, véde este mesmo milagre cercado de outros douz também nunca vistos: *Et apparuerunt illis Moyses et Elias cum eo loquentes.* Vêde resuscitado a Moyses, cuja sepultura ainda hoje se ignora. Vêde aparecido a Elias, que também se não sabe onde está escondido. Tudo isto estavam vendo os tres apostolos assombrados, quando se acharam cobertos de uma nuvem e do meio d'ella ouviram a voz do Eterno Padre que disse: *Ihc est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacuit;* *Ipsum audite:* este é o meu Filho amado, em que muito me agradei; ouvi-o: *Ipsum audite.* Cuidava eu que o Padre n'este passo, tão agradado da gentileza do Filho, havia de dizer: Olhai para Ele e vede-o; e não, Ouvi-o. Com tão bizarras e novas gafas parece que o mais formoso dos filhos dos homens mais estava então para ver, que para ouvir. Assim parece: mas ouçamos contudo o que dizia e em que falava. Diz o evangelista a Lucas, que o que falava o transfigurado Senhor e a practica que tinha com Moysés e Elias, era sobre o excesso do que havia de padecer em Jerusalem: *Et dicebant excessum eius, quanto*

2º Prova o
exemplo
proprio e sin-
gularmente
no mesmo
Christo.

Isto foi o que
na Thabor
o Padre celeste
não deu ouvir
da fôrça de seu
divino Filho.

March. 19

completurus erat in Jerusalem; e isto é o qua Deus mandou ouvir: Ipsum audite. Cresce a enchente dos mysterios de monte a monte. O Filho leva os tres discípulos ao monte Thabor para lhes encher os olhos de glorias: o Pae manda-os ao monte Calvario para lhes encher os ouvidos de penas; e porque? Porque o intuito do Padre era provar a divindade do Filho: *Hic est Filius meus dilectus;* e esta divindade melhor se provava pelas penas futoras do Calvario, que ouviam, que pelas glorias e milagres presentes do Thabor que estavam vendo.

O demônio
e a mulher de
Pilatos
a respeito do
mesmo assunto.
pto

Matt. 27.

In foli. ad
Polycarp

«Deixemos o Thabor: vamos a Jerusalem.» Ao tempo em que os judeus instalavam a Pilatos, que sentenciasse a Christo à morte, teve elle um aviso de sua mulher, que de nenhum modo condennasse aquelle Justo; porque em sonhos tischa padecido uma terrivel visão, na qual fôra ameaçada com grandes medos para que assim lho persuadisse: *Nihil tibi et Iusto illi: multa enim passa sum hodie per eum propter eum.* É questão entre os interpretes, se esta visão foi do anjo bom ou do anjo mau; e posto que sejam mais os que dizem que foi do anjo bom, S. Cipriano, S. Bernardo, Caetano e outros teem para si que foi visão do demônio. E que motivo «(segundo a opinião d'estes padres) teria o demônio» para impedir que Christo padecesse? Não foi o demônio que persuadiu a Judas que vendesse a Christo? Não foi o demônio que armou os ministros da justiça para que o fossem prender? Que novo motivo teve logo o demônio agora, quando já os judeus bradavam *Crucifige, crucifige,* para querer desviar a Christo da arvore da cruz por meio da mulher de Pilatos, assim como por meio da mulher de Adão o levou á arvore da sciencia? Sancto Ignacio martyr, contemporaneo dos apostolos, diz que agora acabou o demônio de conhecer que Christo era o verdadeiro Messias Filho de Deus, e que para impedir a salvação do genero humano e a sua propria perdição, procurava com tanto empenho que não morresse. Pois agora, demônio cego, agora e ainda agora se te abriram os olhos? Não viste a este mesmo homem caminhar seguro por cima das ondas? Não o viste imperar aos ventos e ser obedecido d'elles? Não o viste com tão poucos pães matar a fome a tantos mil homens? Não o viste resuscitar a Lazaro sepultado de quatro dias; e aos outros que referem os evangelistas, e muitos mais que não referem? Sobre tudo, não viste o domínio que tinha sobre os mesmos demônios, lançando-os dos corpos a legiões inteiras, e confessando elles que era Filho de Deus? Pois se a ti, espirito contumaz, protervo e obstinado, não puderam tantos milagres persuadir a divindade d'esto mesmo homem; que viste agora n'elle para creres que é Deus? Viu

a mansidão e paciencia com que se deixou prender pelos soldados da cohorte romana, podendo-a prostrar toda com uma palavra, como tinha feito. Viu como mandou embainhar a espada a Pedro, e sarou a orelha de Malcho. Viu como se deixou mauiatar e levar pelas ruas publicas a casa de Anás e de Caiphás. Viu como no palacio do pontífice, onde são mais afrentosas as affrontas, escarnecido, cuspido, eshofeteado, blasphemado, negado, tudo soffreu como um cordeiro, sem se alterar, nem queixar. Viu como relaxado a Pilatos e de Pilatos remetido a Herodes, nem aos ludibrios e insolencias das guardas, nem aos desprezos do rei, nem à roupa de mentecapto de que o mandou vestir, respondeu, resistiu ou mostrou differente semblante, senão o mesmo. Viu finalmente que, chegada a perseguição aos ultimos termos, em pé deante do tribunal do juiz impio e deshumano, ouvia as accusações e os falsos testimonhos, como se fôra sordo, e calava como se fôra mudo, sem negar, sem contrariar, sem replicar, sem se defender nem accudir por sua innocencia. E á vista de tudo isto o demônio, que posto que seja mau, é muito bem intendido, não pôde deixar de intender que aquelle homem não era só homem nem anjo, senão juntamente Deus; e que maior prova de sua divindade era a paciencia d'aquelle dia, que os milagres de tantos annos.

Lembras-te tu, demônio, do que te respondeu Christo na terceira tentação? Pois agora conhecerás e conhecerão os escribas e phariseus (também tentadores como tu) quão dependentes trouxe sempre esse Senhor e quão atados entre si o credito da sua divindade com a se da sua paciencia. Quando o demônio na terceira tentação offereceu a Christo todo o mundo se o adorasse; o que o senhor lhe respondeu foi: *Vade retro, satana:* vae-te d'aqui, salanaz: não appareças mais deante de mim. Isto refere o evangelista S. Mattheus no cap. 4.^º e no cap. 16 diz que depois que S. Pedro confessou ao mesmo Christo por Filho de Deus, então começou o Senhor a falar dos seus discípulos aquelle grande segredo de que havia de ir a Jerusalém a padecer e morrer a mãos dos principes dos sacerdotes. Diz mais que ouvindo isto S. Pedro, tomou à parte o mesmo Christo, e lhe extranhou muito aquella resolução dizendo: *Absit a te, Domine.* É possivel, Senhor, que tal cousa vos ha de entrar no pensamento? Vós arriscar vossa Pessoa e a vossa vida! Vós ir padecer e morrer a mãos de vossos inimigos! De nenhum modo, nem Deus ha de permitir isso, nem vós o haveis de querer. Assim falou S. Pedro levado do grande amor que tinha a seu Mestre. E que vos parece que responderia o Senhor? *Vade post me, satana:*

Christo dá a
S. Pedro a
mesma respos-
ta que ao de-
mônio quando
S. Pedro o que-
ria persuadir
a que não
padecerias.

Matth. 4.6.

aparta-te d'aqui, satanaz: não appareças mais deante de mim. Quem haverá que não pague ta combinação d'esses dous casos tão diferentes «nas pessoas» e tão parecidas «nas ameaças?» Basta que ao demônio e a S. Pedro mede Christo com os mesmos termos! Ao demônio e a S. Pedro lança de si! Ao demônio e a S. Pedro chama satanaz! Tanto merece a soberba do demônio, quando quer que Christo o adore; e tanto desmerece o amor de Pedro, quando persuade a Christo que não padeça? Sim; porque «considerando a petição e prescindindo da malícia de quem fallava» tanto offendia a fé da divindade do Filho de Deus, o demônio pedindo-lhe a adoração, como Pedro impedindo-lhe a morte. Não queres Pedro que eu padeça? Pois tanto me ferias tu agora como o demônio, e tão satanaz és tu como ele. Ele com querer que eu o adore quer que o trate como Deus; e tu em quereres que não padeça, queres que não prova que o sou. Pouco ha que me confessasse por Filho de Deus; e agora mostras que não sabes o que é ser Deus: *Non sapis ea quae Dei sunt.* «E como a maior prova da divindade de Christo se funda na sua paciencia, claro está que assim como o divino Mestre repreendeu a Pedro, havia muito mais de reprehender os escribas e phariseus, pois desprezando esta prova ou signal, pediam outro: *Magister tolamus a te signum ridere. Genitio mala et adultera signum querit; et signum non dabitur ei, nisi signum Jonae prophetae.*

A proximidade
que Christo
tinha de morrer
na cruz, f. o. o.
que o Senhor
propheta que
prometiam
lhe os judeus
Argumentos
de S. Jerónimo
e Hieronim
Agostinho
Moral 13

na. 27.

V. Mas passemos já a ver e considerar mais de propósito o signal de Jonas propheta, com que Christo Senhor nosso assentou a sua paciencia divina quando os escribas e phariseus mostraram ao mundo os extremos da crueldade e da obstinação. Engolido Jonas e sepultado no ventre da baleia «e depois de tres dias resuscitado nas praias de Ninive» foi prophecia e signal da morte, sepultura e «resurreição» de Christo, como declarou o mesmo Senhor: *Sic erit Filius hominis in corde terrae;* «começou o signal no Calvario a sexta feira sancta e acabou no logar da sepultura a madrugada da resurreição. Constou por tanto de duas partes uma de paciencia outra de poder: mas os escribas e phariseus, como já se não renderam à primeira, assim persistiram obstinados na segunda.» Pregado, pois, Christo na Cruz tornaram a instar com a sua petição, pedindo-lhe novo signal da sua divindade e oferecendo-lhe a sua fé: mas tal como sua: *Si Filius Dei est (dizem), descendat nunc de cruce; et credimus ei;* se é Filho de Deus, como dizia, desça agora da cruz e crecremos n'ele. Esta promessa de erarem, era, torna a dizer, como sua, falsa, aleivosia e atraçoadas. S. Jerónimo os convence bem claramente. Menos era descer-se um homem vivo da cruz,

que depois de morto levantar-se vivo da sepultura. Pois se vós, judeus, não crestes fazendo elle o que era muito mais, como bavieis de crer se fizesse o que é menos? E porque não desceu Christo da cruz, como podera tão facilmente, sendo menor este milagre, ainda que estava com as mãos e pés pregados, do que o da resurreição de Lazaro, quando a uma voz sua não só saiu amortalhado da sepultura, senão tambem com as mãos e pés ligados? Responde Sancto Agostinho, que não quiz descer, porque antes quiz dar os signaes da sua paciencia, que os da omnipotencia: *Quare non descendit ut ei descendendo suam potentiam monstraret? Quia patientiam docebat, ideo potentiam differebat;* quiz differir para depois os signaes do poder, porque então estava ensinando a paciencia; e se os judeus não foram e estiveram tão cegos, bastavam os signaes de uma tal paciencia para prova da divindade de que duvidavam: *Si Fidus Dei est.*

Excellent e fortemente Tertulliano: *Hinc vel maximo, pharisei, Domum agnoscere debuistis: patientiam hujusmodi nemo hominum perpetraret.* Dizeis, ó judeus, que crerieis a divindade do Crucificado, se descesse da cruz; e dizeis que a não credes, porque não desceu; antes por isso mesmo devieis crer; porque tal acto de paciencia nenhum homem teria valor para o fazer. Intendamos e sondemos bem o fundo d'este fortissimo pensamento. Que homem haveria no mundo que condemnado a tão inflame suppicio e arguido de falsario, podendo desmentir a seus accusadores e confundirlos descendo da cruz, como elles lhe offereriam por partido, o não fizesse e se deixasse padecer aquella affronta, e que os mesmos inimigos ficasssem triunphando na sua opiniao, e crendo e publicando que o não fazia, porque não podia: *Se ipsum non potest salutem saceret?* É certo que nenhum homem, sendo somente homem se poderia vencer tanto e acabar tal causa consigo. E que Christo podendo descer da cruz para desmentir aquella affronta e tornar a pôr-se na mesma cruz para remir o mundo, livesse contudo paciencia para suportar uma tal confusão e uma tal dor, maior sem comparação que a da cruz e dos cravos? Não ha duvida que este foi o mais profundo signal e a mais authentica prova da sua divindade: *Si enim commotus ad eorum verba descenderebat, victimus conatus dum dolore putaretur;* diz Sancto Agostinho. «Mas a esta prova de paciencia os escribas e phariseus fecharam obstinadamente os olhos, e por isso não se renderam a nenhuma do poder.»

Não quero por fim d'este discurso dever «aos meus ouvintes» maior cousa que nunca se disse da paciencia de Deus combinada com a sua divindade. É uma sentença do «mesmo» Tertul-

*Ang. trág. 17
In Iacob.*

Outro de
Tertulliano.

Texto singular
do
mesmo padre.

lano, em cuja intelligencia teem trabalhado muito todos os seus commentadores, e nenhum ha dos modernos, que n'ella como em pedra de atiar não tenha provado a agudeza do seu ingenho. Eu que com tão pouca edade e menos scienza não posso ter lugar em tão veneravel consistorio, e só me é lícito ouvir ou ler de fôra, não direi o que elles disseram e sómente construirei o que me parece que quiz dizer Tertulliano. As suas palavras são estas: *Patientiam Dei esse naturam effectam et praestantian ingenitae cuiusdam proprietatis.* Ou essa sentença quer dizer que a paciencia se fez natureza de Deus, ou que a natureza de Deus se fez paciencia. Que a paciencia se fez natureza de Deus construindo assim: *Patientiam effectam esse Dei naturam.* Que a natureza de Deus se fez paciencia, construindo assim: *Naturam Dei effectam esse patientiam.* Não se podia dizer nem imaginar maior encarecimento. Mas como pôde ser verdadeiro? O mesmo Tertulliano se explica: *Et praestantiam ingenitae cuiusdam proprietatis;* porque sendo a paciencia uma propriedade ingenita e natural de Deus, chegou a tal extremo ou a tal excellencia (isso quer dizer *Praestantiam*), que, sendo propriedade, passou a se fazer natureza. Aqui está outra dificuldade ou outra maravilha. As propriedades não são natureza. Porein a paciencia em Deus é tal propriedade, tão natural e tão intima sua, quo de ser propriedade de Deus se introduziu a ser natureza de Deus: *Patientiam esse Dei naturam.* Explico em theologia moral isto que na especulativa parece difícil. Não ha cousa mais communum, mais ordinaria, mais frequente, mais habituada e mais experimentada sempre e em tudo na paciencia de Deus quo o seu sofrimento. Sofre aos gentios, que negando-lhe adoração idolatrem os paus e pedras e as sevandijas mais vis. Sofre aos christãos, que dentro dos lumes da razão e da fé obedecam aos impulsos do seu appetite e desprezem os seus preceitos. Sofre os magos e magas, que em logar de servirem a seu Creador e Senhor, sirvam aos seus maiores inimigos, que são os demônios. Tudo isto e muito mais é o que Deus costuma sofrer e está soffrendo sempre; e como *Constructudo* em sentença do todos os philosophos est altera natura; este costume, este hábito e esta perpetua e quasi immutável continuação do seu sofrimento é a quo tem convertido a sua paciencia em natureza: *Patientiam effectam esse Dei naturam.*

Já eu, parece, que me podera aquietar aqui; mas «estudando melhor o lexio» entro em pensamento que ainda Tertulliano quiz dizer outra cousa. Em Deus propriamente não ha paciencia; porque a paciencia não consiste só em sofrer, senão em sofrer padecendo; e Deus, ainda quo sofre, não padece, porque é impasivel.

A explicação
mais concreta
e natural
do
mesmo texto

Como se ha de intender logo Tertulliano fallando da perfeita e inteira paciencia? Demos outra volta e outra construcção ás suas palavras; a qual verdadeiramente parece a mais corrente e natural. *Patientiam Dei esse naturam effectam*: quer dizer: que a paciencia é a natureza de Deus feita. Deus depois do mysterio da Incarnação tem duas naturezas: uma feita, outra não feita. A natureza não feita é a divina; porque nem outrem a fez, nem Deus se fez a si mesmo. Por isso o Verbo incarnado segundo esta natureza se chama *genitum, non factum*: gerado sim, feito não. A natureza feita é a natureza humana; e segundo esta natureza se chama o mesmo Verbo propriamente feito: *Verbum caro factum est.* «*Factum ex muliere*» E como Deus com a natureza divina, increada e não feita, era impassível, e por excesso de perfeição lhe faltava este complemento da inteira paciencia, que era soffrer padecendo; essa foi a razão por que tomou a segunda natureza humana creada e feita: *Dei naturam effectam*. E por este modo passou a paciencia a ser natureza de Deus, isto é a ser natural a Deus a propria e perfeita paciencia, conseguindo tambem pela mesma paciencia toda a excellencia da propriedade ingenita que lhe faltava: *Et praestantiam ingenitae cuiusdam proprietatis*.

VI. Este é, senhores, o grande parentesco que tem o sofrimento com Deus, e a sua e nossa paciencia com a sua divindade. E para que tomem o exemplo na divindade do céu as divindades ou deidades da terra, deixados já os escribas e phariseus obstinados e incredulos, fallemos brevemente com os christãos, que talvez se deixam tão mal persuadir como elles. As divindades ou deidades da terra são os que n'ella com o poder sobre os demais representam a Deus. O mesmo Deus por boca de David lhes chama deuses; *Ego dixi: dii estis et filii Excelsi omnes.* E o mesmo David diz que viu a Deus julgando a esses deuses: *Deus stetit in synagoga deorum: in medio autem deos dijudicat.* Estes deuses, pois, que agora julgam e depois não de ser julgados, cuidam ordinariamente que para elles é só a majestade (ainda que não sejam majestades nem altezas); e que para elles é só a soberania (quando não seja a soberba), e para os outros a paciencia. Oh presunção tão cega e tão ignorante! Basta, deidades ou idólos de barro, que o Deus verdadeiro se fez bonem para verdadeiramente exercitar a paciencia em si mesmo; e vós, deuses de nome, como questão de vocabulo, não só vos fazeis divinos, senão tambem deshumanos! Para vós é o poder, para os outros a paciencia. Assim o dizem e fazem muitos, e quasi todos o fazem sem o dizer. Por isso quando Deus lhes chamou daisse, juntamente os des-

*Joan. 1.
Gal. 4.*

Este exemplo
de parentesco da
Deus do céu
não egeritmen-
te imitado
pelos deidades
da terra

Ps. 81.

engano que os outros homens, sem a sua fortuna, são tão bons como elles; e elles com toda essa fortuna nem por isso são melhores que os outros: *Vos autem sicut homines miserimi.*

194

*Opusculum
de Tertulliano
de Tertulliano
com o poder
deus deu a humana
pacientia*

O mesmo Tertulliano, a quem ha pouco interpretavame, disse com igual juizo, que assim como Deus quando dá o poder delega no homem a representação da sua divindade, assim com o mesmo poder delega n'ele a imitação da sua paciencia: *Nobis quidem exercendae patientiae auctoritatem divina dispositio delegat, Neum ipsum ostendens patientiae exemplum.* De sorte que o exemplo e imitação da paciencia de Deus é uma segunda delegação com que Deus delega no homem não a sujeição, senão a auctoridade da paciencia: *Patientiae auctoritatem.* Para que intendam os que mandam e governam que tão fôrta está a paciencia de os desauctorizar, que antes por ella cresce e lhe dobra a auctoridade n'esta segunda delegação: uma vez delegados de Deus no poder da sua divindade, e outra vez delegados do mesmo Deus na imitação e auctoridade da sua paciencia: *Patientiae auctoritatem delegat.* Altamente ponderado e elegantemente dicto!

*Exemplo
de Moysés na
corte
de Pharaó.*

Exod. 7

E para que vejamos uma e outra cousa com os olhos, «vamos á corte de Pharaó». Elegera Deus a Moysés para libertador do captiveiro do seu povo no Egypto. Trocou-lhe o cajado de pastor em bastão de general; e o titulo que lhe deu não foi de rei ou de imperador, senão de Deus: *Constitui te Deum Pharaonis:* eu te constituo e faço Deus de Pharaó. Entra Moysés com o titulo de Deus e com a vara omnipotente no Egypto; e que fez? Parece que se competiam alli a dureza e a brandura: a dureza da parte de Pharaó e a brandura da parte de Moysés. Começou a primeira praga: *Induratum est cor Pharaonis.* Seguiu-se a segunda: *Induratum est cor Pharaonis.* Continuaram as demais: *Induratum est cor Pharaonis.* Muito espera e muito soffre Moysés. Bastava a dureza, a rebeldia e a blasphemia com que Pharaó respondeu na primeira falla: *Nescio Domini;* que não conhacia a Deus; para que Ibo's fizesse conhacer Moysés levantando a vara e derribando-o do throno desfeito em cinza. Mas nem esta blasphemia contra Deus, nem os desprezos do mesmo Moysés e do seu poder foram bastantes para que elle Ibo's fizesse sentir como merecia e os levasse ao cabo. Seis vezes orou a Deus pelo mesmo Pharaó, e fez cessar as pragas: com que ellas vinham a ser como a mesma vara de Moysés, quando se converteu em serpente: tomada pela parte da cabeça era um dragão medonho e ferocissimo; tomada porém pela cauda, já deixava de ser serpente. Assim aquellas

pragas e castigos no principio começavam contra Pharaó com estupendo horror e assombro, e no fim paravam na mansidão de Moysés, e cessavam com nova paz e serenidade. Cuidará alguém que eram estes efeitos do natural brando e benigno d'aquelle grande heroe: mas não era assim. Moyses era farlamento; e os gagos naturalmente são coléricos; e Moyses de sua natureza o era tanto, tão impaciente e mal soffrido, como se viu d'aquelle encontro, quando, vendo que um egípcio astrotava a um hebreu, arremeteu a elle e sem mais armas, que as suas proprias mãos, o lançou morto a seus pés. Pois se Moyses era tão arrebatado e iracundo, e tão aspero de condição, como agora se mostrou tão manso e tão benigno, que d'ahi lhe começou o nome de *Vir misericordus super omnes?* Porque então obrava como homem particular, agora como Deus de Pharaó. Este nome de Deus era o santeimo que na maior furia das tempestades lhe serenava as ondas. Que havia de fazer aquelle delegado de Deus, que debaixo do mesmo nome o representava, senão imitar a sua pariciencia?

VII. Que diriam a isto os deuses da terra (ainda que ella não seja das maiores do mundo), os quaes em se vendo copi uma varinha na mão, se acaso souberam que os mordeu um mosquito, ou que uma rã abriu contra elles a bocca (posto que os mosquitos não sejam tão venenosos, nem as rãs tão desentoadas, como as que produziu no Egypto a vara de Moysés) já não cabem dentro em si de inchação, de ira e de vingança? Já ameaçam ferros, enxovias, degredos; e se alguém fôra Deus que tivesse inferno, também abrazariam n'elle eternamente os réos da sua lesa divindade. Ouçam estes deuses como se hão de portar, não digo nas execuções furiosas, mas na moderação das palavras e no agrado do semblante com os mesmos inferiores que os ofenderam.

Depois que o apostolo S. Philippe por testimunho do Baptista soube que Christo era o verdadeiro Messias, communicou aquella grande nova a Nathanael, letrado da lei, e o levou a ver o mesmo Senhor. Vendo Christo a Nathanael disse d'elle: Este é o verdadeiro israelita, em quem não há engano. Perguntou Nathanael d'onde o conhecia? E o Senhor respondeu que o tinha visto à sombra d'aquelle figueira; onde estava antes que Philippe o chamassee. Ouvida tal resposta disse Nathanael: Mestre, vós sois o Filho de Deus e o Rei prometido de Israel. Até aqui a breve e notável histori. Nas Ponde inferiu Nathanael que Christo era Deus? Iudicou-o o Divino Mestre quando lhe disse: *Quia dixi tibi: Vidi te sub fieri, credis:* porque agora te disse que te vi à sombra da figueira,

Num. 12.

Como os deuses
da terra se
hão de portar
na moderação
das palavras e
no agrado
do semblante.

Christo não
ignorava a Na-
thanael que
sabe o que elle
responderá
a Philippe em
desabono
de Nazareth.

Jona. 1.

ver. Comunica o São Francisco que dentro dum grande silêncio e de quietude que era de dia e não havia vento nem som de mar, ouvoi a voz divina que em voz das palavras do Salvador: «Tu eris Ihesus». Isto é: Philippe disse a Pedro que era Ihesus e Pedro respondeu que era Jesus, Ihesus de Nazaré, o Nazareno. Porém: Pedro disse que era de Nazaré, eternamente e sempre assim, que de tal figura representava o Filho de Deus que era Ihesus de Nazaré pelo qual se o nome Ihesus de Nazaré pode ser considerado de Deus. De fato Pedro sempre é Pedro e o Ihesus de Nazaré é sempre que é. Philippe é Pedro, Ihesus de Nazaré que é Pedro tanto é de fato Ihesus e que ele de representar é o próprio Deus que é Ihesus de Nazaré. e que de tal forma não possa ser de outra forma. E esse silêncio de contemplação havia de desaparecer com que falei de sua patim e de seu desventuro, e restabelecer com palavras de maior agrado e satisfação da alma consoladora. Logo tal homem só e só homem, vendo também Deus, se fizer só homem, ou me haverá de despedir da sua presença, ou reprender-me de que tinha dito, ou quanto menos significar-mão com a goma alusão e remoção. Porém que tão ofendido das minhas palavras, posto que em austeridade, as suas na presença fossem tão cortezas e tão cheias de benignidade e amor, como se pagara lisonjas com louvores; tal generosidade, tal mansidão, tal paciencia, só se pôde achar em homem que juntamente seja Deus. Isto é o que devem imitar os deuses da terra no Deus do céu, quando ao agrado das palavras.

*um mortal
uma alusão
ao Rosto de
Deus em si
mesmo, como
visto de Deus*

600 31

Quanto ao do semblante depois da pessoa offendida benevolo, amigo e alegre, também resplandece n'elle a face de Deus; porque no rosto carregado e sombrio basta uma carranca muda e desabrida para descobrir o fel que está escondido no coração. Quando Jacob, depois de quatorze annos de peregrino voltou para a patria, recebeu-o Esaú não só nos braços como irmão; mas com tal agasalho de olhos e com tal alegria e agrado de todos aqueles signaes que redundam do coração e com que elle só ao rosto, que o mesmo Jacob (o qual não esperava tão affável correspondencia, antes temia a contraria) não achou nem teve outros termos com que a declarar e agradecer, senão dizendo, como disse, que quando viu o rosto de Esaú lhe pareceu via o de Deus: *Sic vidi faciem tuam, quasi viderim vultum Dei*. Que admiração haverá que não pasme ou se não ria de tal dicio? Como o rosto de Deus o rosto de Esaú? Se Esaú algum dia se viu ao espelho, não podia o vidro ser tão lisonjeiro que lhe mettesse pelos olhos similantes reflexos. Não era

Esaú um moço rustico, creado nos matos e na charneca em segnimento das lebres e dos gamos, com uma cara muito parecida ao seu exercicio, queimado, grosseiro, fero e que para salyro ainda lhe sobejava pintura? Não era a pelle agreste e o pello espesso e rispido de Esau, aquelle que para Rebecca o fingir nas mãos e pescoço de Jacob, o tomou das mesmas pelles do fato montezinho, d'onde elle fôra buscar a primeira urdidura d'aquelle engano? Que gentileza viu logo o mesmo Jacob no rosto de Esau para se lhe representar como o rosto de Deus? *Quasi viderim cultum Dei?* A gentileza foi, diz Lirano, *Quia ita pacificum et mitem eum vidit.* Roubou Jacob a Esau o morgado; e roubou-lho com engano, que foi maior agravo. Fez-lhe esta mesma guerra desde o ventre da mãe e usou do amor da mesma mãe para lhe roubar o do pae: ciumes, ainda entre irmãos, tão mal soffridos, como se viu dentro na mesma familia na venda de José. E que sobre tantas offensas, não sonhadas, mas padecidas, em logar de por elles lhe tirar Esau a vida, como n'outro tempo tinha determinado, agora festejasse sua vinda, o levasse nos braços e o recebesse com tão bom rosto? Pois tal rosto (dizem os olhos de Jacob) não tem physionomia de homem, senão de Deus: *Quasi viderim cultum Dei.* Se fôra rosto de homem, achara-o Jacob, quando menos, carregado, sem levantar para elle os olhos; as sobrancelhas caídas, a lisura da testa em rugas, o rosado das faces murcho, a boca sem se despegar, e tudo mudado de cor e linelo de malenconia e desagrado. Porém como Esau o recebeu com tantas demonstrações de alegria e amor e com tanto esquecimento do passado, não lhe podia parecer o seu rosto como de homem, senão como de Deus: que só em Deus se acha uma paciencia tão magnanima e uma magnanimidade tão divina. Para que apprendam os nossos deuses cá debaixo como hão de representar bem a figura. As palavras como as de Christo a Nathanael, e o rosto como o de Esau a Jacob, são os actos positivos ou os testimunhos oculares e de ouvida com que hão de provar as suas divindades, tão mal endeuadas como mal soffridas.

VIII. Tenho acabado o sermão. E para que d'elle possam colher algum fructo os que mais necessidade teem da paciencia, consideremos que a divindade n'este mundo está repartida em tres partes: em um, em muitos e em todos. Em um «quanto» à realidade, que é Christo verdadeiro Filho de Deus; em muitos «quanto» à representação, que são os que leem o mando e o governo; e em todos quanto ao desejo e appetite: porque todos somos filhos de Adão, do qual herdamos aquella inclinação e desejo com que o tentou o demonio de ser como Deus:

A paciencia
divina fôrça uns
imitada
por todos

Et eritis sicut dei. E toda esta divindade, ou verdadeira, ou representada, ou appellecida se reduz por diversos modos à paciencia. Christo verdadeiro Deus quando quiz «provar» a Divindade, foi «manifestando» a paciencia. Os deuses da terra, que representam «a mesma Divindade», já ouviram como a bão de representar com a paciencia; e todos os que o appellecem, desejando ser como Deus, só imitando a paciencia do mesmo Deus o pôdem conseguir. A todos sem excepção de pessoa, qualidade ou estado diz Christo Senhor nosso: Sede perfeitos, como vosso Pae celestial, que vos creou, é perfeito. E em que consiste esta perfeição que havemos de imitar em Deus? Na paciencia. Não ha paciencia mais offendida, mais provocada e, quanto é da nossa parte, mais forçada e constrangida a não sofrer, que a de Deus. E elle que faz? Diga-o o seu sol, que a bons e maus allumia: diga-o a sua chuva, que aos justos e aos injustos, a todos rega e fertiliza os campos. No Egypio os hebreus tinham luz, e os egipcios estavam em trevas: sobre as searas dos hebreus chovia agua, sobre as dos egipcios, fogo e raios. Esta mesma diferença podera a justica divina observar em todo o mundo; e contudo é tanta a sua paciencia, que, negado de uns, blasphemado de outros e continuamente desobedecido e offendido de todos, allumia, sustenta, conserva e provê de tudo o necessário aos maus, como se foram bons, e aos injustos, como se foram justos.

... no con.
Caristio.

... 19.

... testimo-
... no Gal-
... o deu
... o deu
... e no
... dade.

E porque ninguem me diga que Deus é impassivel e não é muito que tenha tanta paciencia: descemos do ceu e das nuvens ao Calvario. E aquelle Deus pregado em uma cruz, cujo rosto que n'outro monte resplandeceu como o sol, em lugar de raios está coroado de espinhos, e cujos pés e mãos, em lugar de agua do céu, estão chovendo sangue divino, é passivel ou impassivel? Não só tudo isto está padecendo com invencivel paciencia, mutia para a queixa e só com voz para pedir perdão pelos mesmos que o crucificaram: mas sem responder nem confundir os que no mesmo tempo o estão arguindo de que falsamente se fez Filho de Deus. Pasmae n'este passo tanto da paciencia do Filho, como do Pae.

Quando Christo se fez baptizar no Jordão, testimoniou a voz do Padre que era seu Filho. E quando o mesmo Senhor se transfigurou no Thabor, a voz do mesmo Padre deu segundo testimunho pelas mesmas palavras de ser seu Filho. Pois se no Jordão e no Thabor deu uma e outra vez o Eterno Padre este testimunho de ser Christo seu Filho, quando ninguem lhe negava esta perfeição e esta divindade; agora que no Calvario lhe negam uma e outra, porque não accorde a voz do Padre a con-

fundir aquella blasphemia e dar o mesmo testimonho? Primeiramente, porque a mesma paciencia de Christo, como deixamos provado, era o mais forte, o mais authentico e o mais evidente testimonho da sua divindade, sem ser necessario quo o proprio Pae o confirmasse com o seu. Assim o intendeu o centurião romano e gentio, que disse: Verdadeiramente este homem era Filho de Deus; e assim o intenderam os judeus menos cegos, que do Calvario voltaram para a cidade batendo nos peitos.

Mas a principal e mais universal razão foi, para que na paciencia do Pae e do Filho aprendessemos todos a ser filhos do mesmo Pae pela imitação da paciencia de ambos. Oh quanto pouco sabemos estimar as occasões de paciencia, e quanto cegos somos em conhecer a grande providencia e amor com que Deus as dá maiores aos que mais estima e ama! A quem mais estimou e amou Deus na lei da natureza que a Job? E a quem den maiores occasões de padecer que a elle? *Suffrerentiam Job andistis.* A quem mais estimou e amou na lei escripta que a Tobias? E quaes foram os trabalhos e tormentos na propria pessoa e familia com que exerceu a sua paciencia? • Todos o sabem; e não ignoram a razão: *Ut posteris daretur exemplum patientiae eius sicut et sancti Job.* Mas que comparação tem a paciencia d'este segundo Job e do primeiro com a do Filho de Deus, a quem elle em um e outro testimonho chamou o seu muito amado: *Filius meus dilectus, in quo multi bene complacui?*

IX. Agora quizera aqui, como dizia no principio, todos os retirados de Pernambuco, martyres da fe divina e da humana por não licarem sujeitos a homens tão herejes de uma como rebeldes à outra. Dizei-me, verdadeiros christãos e verdadeiros portuguezes, que queixas são as da vossa fortuna e que repugnacias as da vossa paciencia n'esta retirada tão hourada e tão fiel a Deus e ao rei? Se é verdes-vos desterrados da vossa patria, ponde-vos com o Filho de Deus no Egypto entre barbaros, também desterrado e por fugir a sua innocencia da espada e violencias do mais cruel tyranno. Se é por haverdes deixado a vossa casa e commodidades d'ella, ouvi ao mesmo Filho de Deus, dizendo que os animaes da terra tem covil e os do arinhos; e elle não tem onde reclinar a cabeça. E se acaso a pouca caridade d'aquelle a cujo amparo vos recolhestes vos não receber na sua casa, dæ outra vista com o pensamento a Belem e vel-o-beis em um presepio. Finalmente se é grande a vossa pobreza e todas as outras penas e trabalhos que d'ella se seguem, vede-o despido na cruz e que os soldados nimigos estão jogando as suas roupas: vede que lhe dão a co-

*Matth. 27.
Luc. 23.*

Para que
aprendessemos na
paciencia do
Pae e do Filho
a ser filhos
do mesmo Pae.

Jacob. 5.

Tob. 2.

Exhortação
aos desterrados
de
Pernambuco.

mer fel e a beber vinagre: vede que está reduzido a tanta estreiteza, que sendo cruz o logar não lhe cabem divididos n'ello ambos os pés. E se uns vistes derramar o sangue dos filhos, oulros o dos paes e irmãos, ou mortos na guerra ou nos tormentos, que é muito maior dôr; n'aquellas quatro fontes de sangue, abertas a ferro nos pés e mãos do mesmo Filho de Deus, podeis refrigerar, lavar, e ainda afogar gloriosamente a voessa.

PACIENCIA
necessaria
na felicidade
de eterna
vida.

Act. 10.

Act. 15

Sobre tudo e por fim de tudo, sabei vós e saibam todos, que para a bemaventurança, que esperamos e Deus nos tem promettido, é necessaria e forçosa a paciencia: *Patientia robis necessario est, ut reportetis promissionem.* Saibamos outra vez, e saibam todos, que nenhum homem, de qualquer estado que seja, pôde entrar no céu, senão pela porta da paciencia: *Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei.* Assim que animados e armados com estes douis textos da fé mandados apregoar a todo o mundo por bocca de S. Paulo, quando mais vos aperlar a paciencia, ainda que vos vejais reduzidos ás misérias de outro Job, respondei-lhe constantemente com o sim d'elle e d'ella. Este sim foi na terra e mais no céu: na terra recuperando-lhe Deus em dobro a felicidade temporal, como nós tambem esperamos; e no céu coroando-lhe a paciencia passada com a eterna bemaventurança da gloria. *Quam mihi etc.*

(Ed. ant. tom. 7, pag. 253, ed. mod. tom. 6, pag. 35).

I. SERMÃO DA SEGUNDA DOMINGA *

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O exordio d'este discurso é verdadeiramente digno do seu assumpto, que é a Transfiguração no Thabor ou a gloria do paraíso comparada com as misérias d'este mundo. Note se a ordem admirável da argumentação, a clareza e sublimidade dos argumentos. O estylo é mavioso, cheio de unção, e por vezes artificiosamente desdornado para com o enfeite da phrase não divertir a attenção da belleza dos pensamentos.

Assumpsit Jesus Petrum et Jacobum et Joannem, et duxit illos in montem excelsum seorsum, et transfiguratus est ante eos.

S. MATTH. 17

As portas quasi da terra de promissão, mandou Moysés apregoar em dous montes altos e oppostos (com vozes que todo o exercito immenso dos filhos de Israel extendido pelos campos milagrosamente ouvia), em um chamado Garizim as felicidades dós que guardassem a lei de Deus, e em outro que se chamava Hebal as maldições e desgraças dos que a não guardassem. Taes se me atiguram n'esta entrada da quaresma os dous montes, tambem muito altos, e não só oppostos, mas totalmente contrarios, cuja historia evangelica n'este domingo e no passado nos representou e representa a Egreja. No primeiro monte o demônio, que ainda se chama principe d'este mundo, mostrou a Christo todos os reinos do mesmo mundo e todas suas glorias. No segundo, Christo verdadeiro Rei e Senhor do céu, mostrou a alguns discípulos seus mais familiares, não todo o reino, nem toda a gloria do mesmo céu, porque não eram capazes de a ver os olhos humanos, mas alguma parte d'ella. Oh quanto vai de monte a monte! Oh quanto vai de reinos a reino!

O monte da tentação e o monte da transfiguração.

Oi quanto vai de glorias a gloria! Tambem um d'estes montes e com mais razão se podia chamar o das felicidades, e outro o das maldições. E tambem está bradando o pregão em cada um d'elles: Que as felicidades estão guardadas para os que guardarem a lei de Deus, a que Christo Transfigurado nos anima com a vista da gloria do céu: e as maldições do mesmo modo estão apparelhadas para os que desprezam e quebrantam a mesma lei, a que o demonio tentador nos incita com a falsa apparencia das glorias do mundo.

A cada um
delle responde
a sua assumpção
e cada um
tem
seu caminho.
Matt. 6.
Idem 17.

PI. 53.

Como ambos estes montes são de gloria, posto que tão diversos, a cada um d'elles responde a sua assumpção. Ao primeiro *assumpsit eum diabolus*: ao segundo: *Assumit Jesus Petrum et Jacobum et Joannem*. E certo que bastava ser uma assumpção do demonio, e outra assumpção de Jesus, para todos amarem e desejarem a assumpção de Jesus e abominarem e renegarem da assumpção do demonio. Mas que é o que vemos? O caminho do monte Thahor, por onde se vai à gloria do céu, deserto e quasi sem haver quem o pize: e a estrada do outro monte seu nome, por onde se vai às glorias do mundo, cheia e rebentando de gente de todos os estados, ainda d'aquelle que professam o desprezo do mesmo mundo! Lá disse David, que todo o homem que tem se e intendimento, o que faz muito de proposito n'este vale de lagrimas é dispor a sua ascenção: *Ascensiones in corde suo disposuit, in valle lacrimarum, in loco quem posuit*. Pois se todos desejamos e esperamos que a nossa ascenção e assumpção seja para gozar eternamente as verdadeiras felicidades da benaventurança: como deixamos o caminho do monte por onde Christo nos guia á gloria do céu, e seguimos com tanta aancia e contenda, não digo já a estrada, senão os precipícios por onde o demonio, debaixo do falso nome de glorias do mundo, nos leva ás maldições do inferno?

Saber-se-ia a
diferença dos
bons verdadeiros
aos falsos.

Ora eu com a graça divina quizera hoje desfazer esta cegueira que tantas almas tem enganado e perdido, as quaes n'esta vida a não conhecerao e agora sem nenhum remedio a chorão. A este fim porei um monte á vista do outro monte, e umas glorias á vista da outra gloria: o monte da tentação á vista do monte da transfiguração, e as glorias do mundo á vista da gloria do céu; comparando não bens com males, senão bens com bens. Por este meio, mais clara e manifestamente que por nenhum outro, se verá a diferença dos falsos aos verdadeiros: e já que os nossos intendimentos e vontades andam tão enganados, ao menos nos desenganarão os olhos. A loz da divina graça se sirva de nos-lós abrir e alumiar por intercessão da Cheia de graça. *Ave Maria.*

II. Posto o monte da tentação com as glórias do mundo à vista do monte da transfiguração com a glória do céu, quem nos mostrará a diferença dos bens que se prometeram no primeiro monte e se prometem no segundo, senão quem se achou em ambos, tentado em um e transfigurado no outro? Esta mesma dúvida tiveram muitos que refere David, os quais perguntavam: Quem nos mostrará os bens: *Multa dicunt: quis ostendit nobis bona.* E responde o mesmo profeta que o lume do rosto do Senhor nos mostraria: *Signatum est super nos lumen cultus tui, Domine.* «O lume de que fala o profeta é do rosto do Senhor em quanto Deus; mas hoje nos mostrará os mesmos bens o rosto do Senhor em quanto homem.» Nunca o rosto de Christo Senhor nosso esteve mais alumiado e mais luminoso que neste dia de sua transfiguração, em que resplandeceu o seu rosto como o sol: *Iespelund facies ejus sicut sol;* e em signal de que logo aqui se viram os bens, disse S. Pedro em nome de todos: *Bonum est nos hic esse.* Sendo pois o lume do rosto de Christo o que nos ha de mostrar os bens, e sendo o lume do mesmo rosto como o do sol, «duas» cousas acho no lume do sol que, tão claramente como a luz do mesmo sol, nos podem mostrar a grande diferença que ha entre os bens da glória do céu e os que também se chamam bens das chaminadas glórias do mundo. O lume do sol é puro e sem mancha: é tanto para cada um como para todos. Nestas «duas» propriedades, pois, do lume do sol nos mostrará o rosto de Christo «duas» diferenças dos bens do céu aos do mundo, que também serão os «dous» pontos do nosso discurso. No primeiro veremos que os bens do mundo são bens com mistura de males, e só os bens do céu são puros e sem mistura: no segundo que dos bens do mundo, quando muito, logra cada um os seus, e nos bens do céu logra cada um os seus e mais os de todos. «Dae-me atenção.»

III. Diz a primeira diferença da nossa proposta que todos os bens do mundo são bens com mistura de males e só os bens do céu, bens puros e sem mistura. E assim é. Quando Deus nosso Senhor fabricou este grande edifício do universo, dividiu-o a nosso respeito em tres partes: uma na terra, que é este mundo em que vivemos; outra debaixo da terra, que é o inferno; outra acima da terra, que é o céu: e em todas estas tres regiões repartiu os bens e os males, mas com grande justiça e diferença. No inferno ha só males sem bens: no céu ha só bens sem males; na terra ha bens e males junctamente. E por que razão? No inferno ha só males, porque ha só maus: no céu ha só bens, porque ha só bons; e na terra, onde andam de

só Christo que
se achou em
um o outro
monte, nos pode
mostrar e
mostrar-nos
diferença

P. 1.

Os bens do
mundo são com
mistura de
males.

mistura os bons e os maus, era justo que andassem também misturados os bens e os males.

*Ensina-o
à natureza.*

A primeira mestra d'esta verdade é a mesma natureza em tudo o que creou para o homem. No maior mimo dos sentidos que é a rosa, cercando-a de espinhos, nos deixou, diz Sancto Ambrosio, um claro e desenganado espelho d'esta deliciosa e dolorosa mistura: *Spina sepsit gratiam floris, tanquam humanae speculum praeferens ritae, quae suavitatem perfunctionis suae fuitimis curarum spinis saepe compungat.* A mesma consideração seguiu e adeantou Boécio, o qual ajoutando ao exemplo da beleza o da doçura cantou ou chorou elegantemente; *Armat spina rosam, mella tegunt apes.* E assim como não ha n'esta vida rosa sem espinho, nem mel sem abelha; assim não ha perola sem todo, nem ouro sem fezes, nem prata sem liga, nem ceu sem nuvem, nem sol sem sombra. No mesmo tempo de que se compôi a nossa vida, não ha verão sem hinverno, nem dia sem noite; e n'esta mesma semelhança é tanta a diferença que para haver verão e hinverno é necessário um anno, e para haver noite e dia são necessarias vinte e quatro horas; mas para haver mal e bem, basta um só momento.

*Allegoria dos
poetas grecos.
Texto de Boé-
cio, interpreta-
do por Sancto
Agostinho*

l. 25.

Os gentios, sem fé, ensinados só da experiência, disseram que Deus tinha dous tanques, um de mel, outro de fel, e que nenhuma cousa mandava aos homens que não viesse passada por ambos: e que esta era a causa, porque em todas as que chegavam á terra vinha a doçura do bem misturada com a amargura do mal. Diz o real propheta que Deus tem na mão um canix, pelo qual dá de beber aos homens, cheio de vinho puro e misturado: *Calix in manu Domini, cuius meri plenus mirto.* Repara e pergunta Sancto Agostinho: *Quomodo meri, si mirto?* Se o vinho era puro, como era misturado: e se era misturado, como era puro? Porque não ha bem natural e d'este mundo, ainda que dado pela mão de Deus, por mais puro e delecta lo que seja, que não traga em si o consigo alguma mistura de mal. O vinho é aquelle cordeal simples, medicado pela natureza para alegrar o coração humano: mas não ha alegria na causa de alegria tão contraria e alheia de toda a tristeza que não dê que penar ao coração. Se ri, o riso será misturado com dór: se gosta, o gosto será metido entre pezares. Assim o deixou em proverbio Salomão, de presente como experimentado, e de futuro como propheta: *Risus dolore miscebitur, et extrema gaudi luxus occupat.*

*Allegoria dos
poetas grecos.
Texto de Boé-
cio, interpreta-
do por Sancto
Agostinho*

E pois nomeamos o mais sabio de todos os homens e o mais opulento e delicioso de todos os reis, elle nos dirá o verdadeiro conceito que fez e nós devemos fazer dos bens do mundo. Eu

me resvolvi, disse Salomão, a me dar a todas as delicias e gozar todos os bens d'esta vida: *Duri ego in corde meo: radum et affluam deliciis et fruar bonis.* Com este presupposto querendo, podendo e sabendo fazer quanto quizesse; porque ninguem pôde tanto, nem quiz mais, nem soube melhor, que Salomão, vêde o que farial Fabricou um palacio real em Jerusalém, que depois do templo, que elle edificara, foi o segundo milagre: no monte Libano traçou varios retiros e casas de prazer; em que de mais de se ver juncto todo o raro e curioso do mundo, a amenidade dos jardins, a frescura das fontes, a espessura dos bosques, a caça e montaria das aves e feras, e ate as sombras no verão e os soes no inverno, excediam com a arte a natureza. O throno de marfim, em que dava audiencia, e a carroça chamada *Fer-culo*, em que passeava, eram de tal architectura e prego, que faz particular descripção d'elles a Escriptura: as galas de Salomão o mesmo Christo lhes chamou gloria: os thesouros de ouro e prata que ajunclou eram immensos: os gados maiores e menores, que n'aquelle tempo tambem eram riquezas de reis, não tinham numero: os cavallos estavam repartidos em quarenta mil presepios: a sumpluosity da mesa para a qual concorriam diversas provincias, e a majestade, grandeza e ordem dos officiaes e ministros com que era servido, foi a que encheu de pasmo a rainha Sabhá: as baixellas e vasos eram de ouro, as musicas de vozes exquisitas de ambos os sexos, e os cheiros e aromas com que tudo rescelandia, quanto cria e exhala o oriente. Não fallo na qualidade e gentileza das damas, filhas de príncipes, e escolhidas em diferentes nações: entre as quaes só as que tinham nome e estado de rainhas eram septcentas; servidas todas com apparato e magnificencia real. Tudo isto gozava Salomão em summa paz e com equal fama, sem inimigo, ou receio que lhe desse cuidado, e em tudo se empregava com tal applicação e excesso, que elle mesmo confessava de si que nenhuma cousa viram seus olhos, nem inventaram seus pensamentos, nem appeteceram seus desejos, que lhes negasse: *Omnia quae desideraverunt oculi mei, non negari eis; nec prohibui cor meum quin omni voluptate frueretur.* Estando pois n'estas felicidades de Salomão, não só recopilados, mas extendidos todos os bens do mundo, saibamos portim que conceito fez d'elles? Elle o diz e em bem poucas palavras: *Cum me convertissem ad universa opera quae fecerant manus meae, et ad labores in quibus frustra sudareram, vidi in omnibus vanitatem et afflictionem animi.* Voltando os olhos a tudo quanto tinha feito, em que debalde tinha trabalhado e suado (feito, diz, e trabalhado e suado; e não gozado), o que vi e achei em tudo, é,

que tudo é vaidade e afflição de animo: *Vanitatem et afflictionem animi.* Logo se todos os bens do mundo são vaidade, como podem ser verdadeiros bens? E já que lhes concedemos o nome de bens; se todos causam afflição de animo, como podem ser bens sem mistura de males?

Anecdotado
do imperador
Carlos V.

Mas porque não cuide alguém que do tempo de Salomão para cá terão mudado os bens do mundo ou melhorado de natureza; ouçamos outro grande oráculo quasi de nossos dias. Quando o imperador Carlos V fez aquella grande acção em que teve poucos a quem imitar, e terá menos imitadores, de renunciar o imperio; dando as causas d'esta retirada depois de tantas victorias, confessou com lagrimas deante de todo o senado de Bruxellas, que a principal, ou uma das principaes, fôra: Porque em todo o tempo (diz) de minha vida, depois que puz na cabeça a corôa, nem um só quarto de hora tive de pura alegria, senão sempre misturada com cuidados, afflições e dores. E se esta triste mistura experimentaram nas maiores felicidades do mundo, entre os reis Salomão, e entre os imperadores Carlos; que poderão dizer das suas particulares ainda os mais bem vistos da fortuna?

Argumento li-
rado da His-
tória sagrada
Primerão do
2016.

IV. Grandes foram as que sonhou José, e sairam-lhe tão verdadeiros os sonhos, que de vendido e escravo se viu vice-rei do Egypto, e com tal auctoridade e poderes que só no nome e na corôa o precedia o rei. Tudo governava, tudo mandava José, tudo lhe obedecia com nunca vista nem esperada felicidade; mas onde? No Egypto. Ninguém é, nem pode ser feliz com a alma n'outra parte. O corpo, o poder e a dignidade estavam no Egypto: a alma, o amor e a saudade andavam peregrinando em Canaan: com que toda aquella apparencia dos maiores bens da fortuna vinham a ser suppicio e desterro. No Egypto vivo, na patria morto; no Egypto applaudido, na patria chorado; no Egypto dando de comer ao mundo, na patria comido das feras: no Egypto tudo, na patria nada. Ainda que José não fôra levado ao Egypto para escravo, senão para vice-rei, «em seu coração dissera que» igualmente ia vendido; porque muito melhor fortuna era para elle estar em casa de Jacob, sendo o filho mais amado do pae, que na corte e no palacio de Pharaó, sendo o primeiro ministro e o mais valido do rei. Abra os olhos o mundo, e não se contente com ver os homens por fôra: penetre-os também e considere-os por dentro, e achará que andam n'elos tão contrapesados os males com os bens, que ainda em comparação dos maiores se pode pôr em balança se pesam mais os males.

Segundo da de
Jacob.

De José foi pae Jacob, também assaz diligoso. A que Jacob

teve pela maior ventura de sua vida foi quando ao cabo de tantos annos de servir alcançou por premio a companhia de Rachel. Se o que muito se deseja, muito se preza; se o porque muito se trabalha, muito se estima: nenhum gosto, nenhuma alegria teria jámais quem tanto amava, que se equalasse com esta. Mas vede quão pensionados dá o mundo os gostos e bens d'esta vida. A felicidade foi nata, as pensões foram tres e todas assaz pesadas. A esterilidade da mesma Rachel, os enganos de Labão e os ciúmes de Lia. Por mais amadas e por mais pretendidas que sojam as que chamamos venturas, todas no cabo são Racheis. Não ha Rachel que não tenha o seu Labão e a sua Lia. Se Rachel agrada, Labão molesta; se Rachel dá gosto, Lia dá pena. Quanto mais que, para molestar e dar pena, basta-lhe a Rachel ser Rachel. Léde a historia sagrada e achareis que foi tão mal acondicionada aquella formosura, que era necessário todo o amor de Jacob para aturar e sofrer seus antojos. Muito mais trabalho lhe deu depois, do que tinha trabalhado por ella antes. Tão travados andam n'esta vida os gostos com os desgostos, tão misturados os males com os bens! Se Rachel tem bom rosto, tem má condição; se Lia tem boa condição, tem mau rosto: e não ha bem nem um tão inteiro, que possa encher os olhos e mais o coração.

Extendei a vista ou o pensamento por todas as cousas do mundo, e vereis que não achais n'uma só instancia, nem um só exemplo contrario a esta verdade. Muito estimam os homens a gentileza, muito estimam o valor, muito estimam o intendimento. Mas perguntam os formosos a Absalão, os valentes a David, os intendidios a Achitophel, que pensão pagou o primeiro á sua gentileza, o segundo ao seu valor, e o terceiro ao seu intendimento. Era Absalão tão galhardo mancebo, que do pé alé o cabello da cabeça, como falla a Escriptura, nenhum pintou a natureza mais bello. As damas lhe compravam os cabellos a peso de ouro; e dos mesmos cabellos lhe teceu a morte o laço, com que pendurado dos ramos de um carvalho, acabou infamemente a vida passado pelos peitos com tres lanças. E esta foi a pensão que pagou Absalão á sua gentileza. Era tão valente David, que, tremendo todo o exercito de Israel á vista do gigante Golias, elle só e desarmado aceitou o desafio, e derribado a seus pés, com a sua propria espada lhe cortou a cabeça. Mas foi tal a inveja e o odio que desde aquella hora lhe cobrou el-rei Saul, que mais de uma vez com a lança, que trazia na mão por sceptro, o quiz pregar a uma parede. De maneira que lhe foi necessário a David homiziár-se pela morte do gigante, como se matara um hebreu, e fugir da sua victoria,

Terceiro
da de Abrahão;
David e
Achitophel.

como se fôra delicto. E esta foi a pensão que pagou David ao seu valor. Era tão intendo Achitophel e tão prudentes e sábios seus conselhos, que, por testimonho do texto sagrado, se ouviam como oráculos do mesmo Deus. Segui as partes de Absalão, quando se rebellou contra seu pae; aconselhou-o como lhe convinha; e porque o moço fatal não quiz seguir senão o que já o levava ao precipicio, foi tal a sua desesperação, que atando a banda ao pescoço e a uma trave se afogou a si mesmo. E esta foi a pensão que pagou Achitophel ao seu intendimento. Fiae-vos lá de intendimentos! Fazei lá caso de valentias! E presae-vos de gentilezas! Nem os males tão viciados e corrompidos os bens, que a gentileza é laço, o valor delicto, e o intendimento loucura.

A practica
que Moyses e
Elias tiveram
com Christo na
transfiguração
prova a mesma
verdade.

Lxx. 9.

Mas para que é irmos buscar exemplos ao Testamento velho, se no novo e no nosso evangelho temos o maior de todos? Transtigurou-se Christo no Thabor, apareceram alli Moyses e Elias; e quando parece que haviam de dar o parabem ao Senhor, da gloria cum que o viam n'aquelle monte, o em que lhe fallaram foi da morte que havia de padecer no do Calvario: *Loquebantur de excessu quem completurus erat in Jerusalem.* Pôde haver practica mais alheia da occasião que esta? Quando o rosto de Christo está resplandecente como o sol, então lhe fallam no eclipse «da morte»? Quando as suas roupas estão brancas como a neve, então lhe fallam «nas mortalhas do sepulcro»? Sim. Porque não ha alegria n'este mundo tão priviligiada, que não pague pensão á tristeza. Até no monte Thabor, até na Pessoa de Christo, até no milagre da sua transfiguração; por mais soberanos que sejam os bens, uma vez que tocaram na terra, não pôde haver gosto, nem gloria sem pena. Tanto assim, que se faltar o motivo na presença do que é, havel-o-ha na memoria do que ha de ser: transligurado agora, mas crucificado depois. E sendo a transfiguração, como logo disse o mesmo Christo, tão parecida com a resurreição e não com a morte, virão dous «grandes prophetas» que misturem a morte com a transfiguração e confundam o Calvario com o Thabor. Seja pois a conclusão d'estas experiencias e desenganos do mundo fazermos tão pouco caso dos seus chamados bens, pela mistura que sempre trazem de maus, como se verdadeiramente foram puros maus sem nenhuma composição ou temperamento de bens.

Só os bens co-
lestinos
são puros bens.

V. Só os bens d'aquelle patria celestial, só os bens d'aquelle terra de promissão da gloria, só os bens d'aquelle Thabor da bemaventurança, só aquelles unicamente se podem chamar bens, porque só são bens sem mistura de nenhum mal. É o céu como o templo de Salomão, em que nunca se ouviu golpe de mar-

tello; porque lá, como diz o evangelista propheta, não ha cosa que cause dôr ou pena; nem tire da bocca um ai; e são os moradores do mesmo céu como as estrelas fixas do firmamento, onde não chegam fumos dos vapores da terra que as offusquem, gozando todos em summa paz a patria do Summo Bem, que não seria Summo Bem se não exclusisse todo o mal por minimo que seja. E por isso só os bens naturaes da mesma patria são puros, sinceros e perfeitamente bens, sem corrupção, contrariedade, nem mistura de mal.

Entre todas as plantas do paraíso terreal houve duas arvores mais insignes, e de que só sabemos o nome: que foram a arvore da scienza e a arvore da vida. Mas a da scienza continha dous contrarios; a da vida, não: porque a scienza era do bem e juncionalmente do mal; e a da vida era da vida sómente, e não da vida e da morte. Pois se ambas eram arvores do paraíso, porque havia n'ellas esta diferença? Porque também o paraíso, não era absolutamente paraíso, senão paraíso terreal: e por isso uma das suas plantas era parecida ás delicias da terra e outra similar ás do céu. A parecida ás da terra era a scienza do bem e do mal: porque na terra sempre o mal anda misturado com o bem; e a similar ás do céu era de vida sem morte; porque do céu todo o bem é puro e sincero, sem mistura nem companhia de mal. Assim o diz S. João descrevendo a Jerusalém da gloria: e não dá outra razão d'esta diferença de cousas, senão serem umas as segundas, que são as do céu, e outras as primeiras, que são ou foram as d'este mundo: *Et mors ultra non erit, neque luctus, neque dolor erit ultra; quia prima abierunt.*

Para prova dos bens d'este mundo sempre misturados com os males tomei por testemunha a natureza; e para prova dos bens do céu puros e sem mistura tomemos por testemunha a arte. A arte para purificar o ouro, como elle é o mais precioso metal, applica-lhe também o mais efficaz e poderoso elemento, que é o do fogo: *Aurum quod per ignem probatur.* Alli o purga e alimpa das fezes, alli o prova e lhe apura a fineza dos quilitates; e então se reputa entre nós por ouro purissimo. Mas para que se veja o nosso engano, ponhamos este mesmo ouro no céu. Diz S. João que as ruas da cidade do céu são de ouro limpo: *Plata cibitatis aurum mundum.* E se perguntarmos esta limpeza e pureza do ouro do céu em que consiste? Depois de dizer *Aurum mundum,* acrescenta *tanquam vitrum pellucidum,* que é puro e limpo, porque é diaphano e transparente como vidro. Logo se o ouro então é puro e limpo quando chega a sua fineza a ser diaphana e transparente como vidro; bem se segue

A arvore da
vida e a arvore
da scienza do
bem e do mal.

Apoc. 21.

Qual o ouro da
cidade do céu
segundo a dou-
trina de S. João.

1 Pet. 1.

Apoc. 21.

que o nosso ouro crasso, espesso, opaco e que nenhuma consa
lem de diaphano nem transparente, por mais que nos lisonjeie
com a sua cor e nós nos enganemos com elle, de nenhum modo
é ouro limpo e puro. «Bem sei que o extatico de Patmos falla
na sua visão em sentido figurado: mas nem por isso deixa de
ter força o meu argumento. Pergunto: se o Espírito Santo para
explicar a preciosidade da mansão dos benventurados lança
mão da imagem do ouro, porque não se contenta com o ouro
natural? Sem dúvida porque não lhe achou os quilates necessa-
rios para ligurar tanta preciosidade.» De maneira que compa-
rado o ouro da terra, que os reis põem sobre a cabeça, com o
ouro do céu, que os benventurados trazem debaixo dos pés;
todo o da terra está penetrado de fezes e cheio de escoria, posto
que nós a não vejamos, e só o do céu é puro e limpo. «E as-
sim» a mesma diferença de ouro a ouro nos ensina «a diffe-
rença de bens a bens; pois» como na terra não pode haver bem
que careça da mistura do mal, assim todos os do céu são pu-
ros e sem mistura.

*Anctoerida de
Santo
Agostinho.*

Se quereis saber de mim (dizia pregando Santo Agostinho) o que ha no céu, não vos posso dizer o que ha sem dizer tam-
bem o que não ha: *Ibi erit quidquid roles, et non erit quidquid nates.* No céu ha tudo o que quizerdes, e só não ha o que não
quierdes. Logo parece que o céu é feito pela medida da nossa
vontade? Não, a nossa vontade é feita pela medida do céu; e
porquê? Porque o objecto da nossa vontade, em quanto quer, é
o bem, e em quanto não quer, é o mal, e como tudo o que ha
no céu é o bem, e o que não ha no céu, só é o mal; por isso
ha no céu tudo o que quizermos, e só não ha o que não quiz-
ermos. Se nos bens do mundo houvera esta separação, tam-
bém na terra podera o homem querer e gozar o bem sem o mal:
mas por mais que queira não pôde; porque sempre o mal anda
não só junto, senão penetrado e inseparável do bem. E para
que acabemos de conhecer a subtileza com que os mesmos cha-
mados bens nos lisonjeiam e alegram, e com falsas apparencias
de gosto disfarçam o mal que sempre levam consigo, leve-
molos nós ao exame do céu; e lá se descobrirá o seu engano.

*S. João
commentado
por Santo An-
tônio.*

Diz o mesmo evangelista S. João (o qual é força que torne-
mos a ouvir, supposto que S. Paulo, que também viu o céu,
nos não quiz dizer nada). Diz, pois, o evangelista tão notável
no que diz, como nas palavras com que o diz, que a todos os
que d'este mundo passam ao céu Ihes enxuga Deus os olhos
de toda a lagrima: *Et absterget Deus omnia lacrimam ab oculis eorum.* E que quer dizer toda a lagrima? Quer dizer todo
genero de lagrimas (como aguda e litteralmente commenta San-

cto Ambrosio); porque n'este mundo não só ha lagrimas de dor e tristeza, senão tambem lagrimas de gosto e de alegria; e assim de umas como de outras enxuga Deus os olhos dos que vão ao céu. As palavras do grande doutor da Egreja são estas: *Absterget Deus omnem lacrimam: nam tristitia saepe lacrimas educit, saepe et laetitia, saepe et gaudium.* Mas que as lagrimas da tristeza e da dor não tenham lugar no céu, bem está: porém as lagrimas da alegria e do gosto, e mais as do grande gosto e as da grande alegria (que só a grande alegria e o grande gosto fazem rebentar dos olhos as lagrimas); porque se não hão de admittir no céu? Porque todas essas lagrimas foram d'este mundo; e lagrimas d'este mundo, ainda que fossem de alegria e grande alegria, nunca podiam ser de pura alegria; e ainda que fossem de gosto e grande gosto, nunca podiam ser de puro gosto; porque no mundo não ha gosto sem mistura de pezar, nem alegria sem mistura de tristeza; e similhantes misturas de nenhum modo tem lugar no céu, onde as alegrias e os gostos, como todos os outros bens são puros e sem mistura de mal. A alegria no céu é sem tristeza, o gosto é sem pezar, o descanso é sem trabalho, a segurança é sem receio, o socego sem sobre-salto, a paz sem perturbação, a honra sem agravo, a riqueza sem cuidado, a fartura sem fastio, a grandeza sem inveja, a abundancia sem mingua, a companhia sem emulação, a amizade sem cautela, a saude sem infirmitade, a vida sem temor da morte; enfim todos os bens puros e sem mistura de mal, e por isso verdadeiros bens. Ó bemaventurados do céu, olhae lá de cima cá para este mundo e tende nova gloria accidental dos bens que gozais, não digo em comparação dos maus, se não dos bens que nós padecemos.

VI. A segunda diferença da nossa proposta é que dos bens do mundo, quando muito, logra cada um os seus; dos bens do céu e no céu logra cada um os seus, e mais os de todos. Disse, quando muito; porque muitas vezes não basta que os bens d'este mundo sejam nossos, para que o mesmo mundo nos os deixe lograr. Sua era de Naboth a vinha, e não só sua por todos os direitos humanos, mas por distribuição e doação divina; e por mais que elle quiz lograr e defender, bastou que o rei Acah tivesse appetite de plantar no mesmo sitio, não um bosque ou um jardim, senão uma horta de verduras populares, *hortum olerum*, para que em adulações do mesmo rei lhe fosse tirada por justiça a mesma vinha e mais a vida. Sua era de Miphiboseth a herança de seu pae Saul, em que vivia privadamente, quando tinha direito para aspirar á coroa; e bastou o falso testemunho de um creado intiel, para que accusado falsa-

Como se logram
os bens d'este
mundo, e como
os do céu.
Factos
de Naboth de
Miphiboseth e
do pae de
familias
do Evangelho.

mente de lesa majestade, lhe fosse confiscada a mesma herança; e ainda depois de conhecida a verdade se lhe não restituisse. Sua era a fazenda do pae de familia do Evangelho, encomendada a um feitor, para que arrecadasse as rendas dos que a cultivavam; e não bastou que constasse por escriptos o que cada um devia, para que o mesmo feitor não roubassem grande parte das mesmas com tal astucia, que nem demandar o pôde o senhor, e em vez de o acusar o louvava. Mas que muito que a cobiça e infidelidade alheia nos não deve lograr os bens d'este mundo, por mais que sejam nossos, se nós mesmos, sem outro inimigo ou ladrão, bastamos e por nossa vontade para nos despojar d'elles, «satisfazendo ás nossas paixões, que como logo destruem tudo!».

*Qual a razão
da diferença
segundo S. João
Chrysostomo.*

Dando a razão d'esta diferença entre os bens do mundo e os do céu S. João Chrysostomo, diz em uma palavra, que é porque no mundo ha meu e teu, e no céu não: *Ubi non est meum et tuum, frigidum illud verbum.* Antes parece que porque no mundo ha meu e teu, por isso havia de lograr cada um o seu pacificamente e sem contenda: eu o meu, porque é meu; e vós o vosso, porque é vosso. Mas não é assim. Eu para lograr o meu hei-me de guardar de vós; e vós para lograr o vosso, havezis-vos de guardar de mim. Por isso chama o sancto o meu e teu com elegancia verdadeiramente aurea, palavra fria: *frigidum verbum.* E que frieza ou frialdade é essa do meu e teu? E tal frieza e tal frialdade, que não ha amor no mundo tão ardente por natureza e tão intenso por obrigação que logo não esfrie. Em havendo meu e teu não ha amor de amigo para amigo, nem amor de irmão para irmão, nem amor de filho para pae, nem amor de pae para filho, nem amor de proximo, por mais religioso que seja, para outro proximo, nem amor do mesmo Deus para Deus. Antes de haver meu e teu, havia amor porque eu amava-vos a vós e vós a mim: mas tanto que o meu e teu se metteu de per-medo e se atravessou entre nós, logo se acabou o amor; porque vós já me não amais a mim, senão o meu; nem eu vos amo a vós, senão o vosso.

*Como os roubos
e as lides contra
as roubas
mostram que os
homens
neste mundo
não podem
lograr o que
querem.*

Que direi dos meios e dos remedios, das industrias, das artes e instrumentos que os homens teem inventado para que cada um possesse possuir e lograr o seu segura e quietamente, mas sem proveito? Para guardarem as casas inventaram as portas e as fechaduras; mas pela mesma abertura por onde entra a chave deixa também aberta a entrada para a gazua. Para signalar os direitos de cada um inventaram os marcos; e para guardar a vinha e o pomar inventaram os vallados, as silvas, as seves, e as paredes de pedra ligada ou solta; mas tudo isto se rompe

e se escala. Para guardar as cidades inventaram os muros, os fossos, as torres, os baluartes, as fortalezas, os presídios, a polvora; mas não ha cidade tão forte, que por bateria ou por assalto, ou minada por baixo da terra, ou pelo ar, se não expugne e renda. Para guardar os reinos e os imperios inventaram as armadas por mar e os exercitos por terra, tantos mil soldados a pé, tantos mil a cavallo, com lanta ordem e disciplina, com tanta variedade de armas, com tantos artiliceios e machinas bellicas; mas nenhum desses apparatus tão estrondosos e formidaveis tem bastado, nem para que os assirios guardassem o seu imperio dos persas, nem os persas o seu dos gregos, nem os gregos o seu dos romanos, nem os romanos finalmente o seu d'aquelles a quem o tinham tomado; tornando a ser vencidos dos mesmos que tinham vencido e dominado. Mais inventaram e fizeram os homens a esse mesmo fim de conservar cada um o seu. Inventaram e firmaram leis, levantaram tribunaes; constituiram magistrados, deram varas ás chamadas justicas com tanta multidão de ministros maiores e menores; e foi com esfólio tão contrário, que em vez de desterrarem os ladrões, os meteram de portas a dentro; e em vez de os extinguirem, os multiplicaram; e os que furtavam com medo e com rebuço, furtam debaixo de provisões e com immunidade. O solicitador com a diligencia, o escrivão com a penno, a testimunha com o juramento, o advogado com a allegação, o julgador com a sentença, e até o belegním com a chuça, todos foram ordenados para conservarem a cada um no seu, e todos por diferentes modos vivem do vosso.

VII. Esta é uma das razões, a qual o divino mestre Christo Senhor nosso, nos allega para que façamos os nossos thesouros dos bens do céu e no céu, e não dos bens do mundo e na terra; porque na terra ha ladrões, no céu não: *Nolite thesanizare robis thesauros in terra, ubi arrugo et tinea demolitur, et ubi fures effodunt et furantur. Thesaurizate autem robis thesauros in caelo, ubi neque arrugo neque tinea demolitur, et ubi fures nun effodunt, nec furantur;* nas quaes palavras se deve notar muito que não só nos aconsilha e manda o Señor que guardemos os nossos bens dos ladrões da cubica, senão tambem dos ladrões da natureza: *Ubi arrugo et tinea demolitur.* Os bens d'este mundo como são corruptiveis, ainda que não ha ladrão que os furte, elles mesmos se nos roubam; porque as roupas, por preciosas que sejam, come-as a polilha, que nasce das mesmas roupas; e os metaes, ainda que sejam ouro e prata, rói-os a ferrugem que nasce dos mesmos metaes. Porém os bens do céu que são incorruptiveis, nem d'elles se pode gerar vicio de corrupção que os gasto, nem a lima curda do tempo que tudo consome lhes pode meter o dente;

Por isso o
divino Mestre
nos exhorta a
descarmos
os thesouros do
céu e não
os da terra.

Math. 6.

fóra d'ella vivesse tão perdidamente; porque já estava arrependido d'essa mesma vida. Pois se os herdeiros e os irmãos eram dous, como diz o pae, que tudo era de um irmão, sendo também do outro? Porque faltou como Pae do céu e dos bens do céu, onde tudo é de todos e tudo de cada um: *Sed sic a perfectus et immortalibus filius habentur omnia, ut sint et omnium singula et omnia singulorum:* responde elegante e doutamente o mesmo Sancto Agostinho. Neste mundo, onde os homens são mortaes e os bens tambem mortaes, cada um logra sómente o seu; porém no céu, onde os homens e os bens são immortaes, cada um logra o de todos e todos o de cada um. O peccador arrependido logra a gloria do innocentie que nunca pecou, o innocentie, logra a do peccador arrependido; e nem o innocentie por innocentie exclui o peccador, nem o peccador por peccador desmerece o que logra o innocentie: mas todos gozam o de cada um e cada um o de todos, *Omnium singula et omnia singulorum.*

Haverá por ventura na terra algum exemplo que nos declare esta reciproca e total communicação, tão total e toda em todos, como total e toda em cada um? «Ha, como dissemos, na luz do sol, que tanto é para cada um como para todos: mas exemplo ou similitanga mais appropriada a temos na luz que do mesmo sol de justiça se nos revela no sacramento da Eucaristia». O divissimo sacramento é penhor e figura da gloria: *Futureae gloriae pignus datur, quam corporis et sanguinis tui temporalis perceptio præfigurat;* «são palavras e doutrina da Egreja». O penhor, para ser penhor, não é necessario que tenha a similitanga, senão o preço e valor do que assegura. Assim vemos que a baixella ou tapeçaria é penhor de tanta quantia, quanta se nos trou debaixo d'ella; e isto mesmo tem o valor e preço intimo do sacramento em quanto penhor da gloria. Mas para ser figura da gloria, não basta só o valor e o preço senão tambem a similitanga: porque sem similitanga não pode haver figura. Logo se o Sacramento, em que não vemos a Deus, é figura da gloria que consiste em ver a Deus, onde está esta figura ou esta similitanga? Não consiste a figura ou similitanga do Sacramento com a gloria no que recebemos, posto que seja o mesmo Deus, mas consiste no modo com que o recebemos: *Temporalis perceptio præfigurat;* e porque? Porque assim como no Sacramento tanto recebe um, como todos, o tanto recebem todos, como cada um: assim na gloria tanto logram todos como cada um; o tanto cada um como todos. Cá na terra, como ha divisão de meu e teu, cada um logra os seus bens; mas não participa os dos outros; porém no céu os proprios e os dos outros tanto são communs de to-

dos, como particulares de cada um; porque lá não tem lugar esta divisão.

D'aqui se entenderá «um dos fundamentos» por que S. Pedro no Thabor foi notado pelos dous evangelistas S. Marcos e S. Lucas com uma censura tão pesada como de não saber o que disse *Nesciens quid diceret*. O que disse Pedro foi que fizessem alli tres tabernaculos um para Christo, outro para Moyses, outro para Elias: e em que esteve o erro ou desacerto digno de tão notável e declarada censura? «Cornelio a Lapide diz que esteve em um complexo de incongruencias involvidas naquelle pedido. E a primeira era julgar que Christo glorioso tinha precisão de tabernaculos e que estes haviam de ser tres; como se o mesmo não podera servir para todos: *Petrus quasi rationis impos dicerat incongrua et quasi delirabat; idque primo quia putabat Christum glorificatum item Moysem et Eliam egere tabernaculis usque tribus, quasi unum tribus non sufficeret*». Sendo o Thabor não só um retrato da gloria do céu, senão uma participação propria e verdadeira do que nella se goza, «supoz S. Pedro que podia haver no Thabor necessidade de tabernaculos», o quiz introduzir e estabelecer nella uma causa tão impropria e alheia da mesma gloria como teu e meu: *Moysei unum et Eliae unum*. Excellentemente S. Paschasio: *Error in causa est, quia tria se promittit facere tabernacula, unum scilicet et privatum Iesu, alterum Moyse et alium Eliae, quasi non eos caperet unum tabernaculum, seu in uno simul consistere non possent*. S. Pedro como desinteressado não quiz introduzir na gloria o meu e o nosso: porque não disse que faria tabernaculo para si, nem para os companheiros, e ate aqui não errou callando. Porem tanto que fallou e disse *Unum tibi*, não parando alli, mas querendo dividir os tabernaculos e fazer outro para Moyses e outro para Elias, como se todos não coubessem no mesmo tabernaculo, ou o mesmo tabernaculo não fosse capaz de todos, aqui é nesta divisão é que esteve o seu erro; porque na gloria do céu que o Thabor representava, o tabernaculo de Moyses é de Elias, e o de Elias e de Moyses, e o de Moyses e Elias é de Christo; e o de Christo é de Moyses e é de Elias e é de Pedro e é de João e é de Diogo, sem excluir a ninguem, mas comunicando-se não só universalmente a todos, senão particularmente a cada um.

VIII. Contra esta doutrina, porém, posto que tão provada, me parece que estão replicando não só os doutos e indoutos da terra, senão tambem os bemaventurados do mesmo céu. Os doutos porque muitas vezes leram no Evangelho: *Tunc reddet unicuique secundum opera eius. In qua mensura mensi fueri-*

Desacerto das palavras de S. Pedro no Lcua da Transfiguração.

Corn. a Lap.
in Matth. 17

Pash. L. B.
in Matth.

Replicas a esta
última parte.

Matth. 26.
Marc. 9.

2. Cor. 9. *tis remetetur vobis: e em S. Paulo: Qui parce seminat, parce et metet. Unusquisque propriam mercedem accipiet secundum suum laborem.* Os indoulos, porque tambem muitas vezes teem ouvido na interpretação d'estes textos que os premios do céu so hão de distribuir a cada um por justiça; e que a medida lá do gozar ha de ser a mesma que cá foi do servir; e que quem setneia pouco, colherá pouco, e quem muito, muito; e que a paga que ha de receber o trabalhador, ha de ser conforme o seu trabalho. Os bemaventurados finalmente, porque é certo que no céu ha muito diferentes gráus de gloria, como foram diferentes na terra os da graça; e que assim como cá por fóra vemos que no mesmo céu uma é a claridade do sol, outra a da lua, outra a das estrellas: *Alia claritas solis, alia claritas lunae et alia claritas stellarum: stella enim a stella differt in claritate;* assim lá por dentro ha maiores e menores dignidades, maiores e menores corolas, maiores e menores lumes da vista de Deus; e na mesma bemaventurança maiores e menores participações, ou como diz S. Paulo, pesos d'ella. Pois, se os bemaventurados na gloria e as glorias dos bemaventurados não são iguaes; como pode ser primeiramente que em tanta desegualdade do que possuem, estejam todos igualmente contentes; e que sendo o que cada um possui proprio de cada um, gozem todos igualmente o de cada um, e cada um igualmente o de todos?

Resposta declarada com razões similares.

Para declaração d'este que parece enigma havemos de suppor que no céu ha vér e gozar a Deus, em que consiste a gloria essencial, e ha gozar-se da mesma gloria dos que vêem a Deus e o gozam, que são duas coisas muito diversas. Na gloria que consiste em vér e gozar a Deus, ainda que alguns possam ser iguaes, ha muitos gráus de diferença e excesso, segundo o maior ou menor merecimento de cada um. Mas n'esta mesma diferença, posto que desigual, todos respectivamente e cada um estão igualmente contentes; porque neihum quer ou deseja mais do que tem: fundando-se a igualdade do mesmo contentamento na medida da propria capacidade e na proporção da justiça com que se vêem premiados. Cá, onde todos appeteçemos ser maiores, não se intende isto; mas facilmente se pode comprehender por varias similitanças. Levae ao mar tres vasos; um grande, outro muito maior, outro muito mais pequeno, e enchei os todos. Neste caso o vaso menor tem menos agua, o grande tem mais e o maior muito mais; e com tudo n'esta mesma desegualdade neihum admite, nem pode admitir mais do que tem; porque cada um segundo a sua capacidade está igualmente cheio. Tem um pae tres filhos, um menino, outro moço, outro

já homem feito: vestiu a todos da mesma túnica; e qual está mais contente? Por ventura o que levou mais covardos? De nenhum modo. E se não, trocae os vestidos; e vereis se quer algum o do outro. Mas cada um se contenta igualmente do seu: porque é o que lhe vem mais justo e mais proporcionado á sua estatura. O mesmo passa nos bemaventurados do céu. Porque assim como a gloria da vista clara de Deus os enche por dentro, assim os veste por fora. Nem obsta a capacidade maior ou menor do merecimento, nem a estatura mais ou menos alta da dignidade para alterar ou diminuir a igualdade d'esta satisfação e contentamento de cada um no seu estado. Porque, como bem declara com outra similitude Sancto Agostinho, também a cabeça é mais nobre que a mão, e a mão mais nobre que o pé; e nem por isso o pé deseja ser mão, nem a mão deseja ser cabeça, nem a cabeça deseja ser coração; porque assim o pede a natureza «de cada parte,» e a harmonia do todo. E se esta união, conformidade e ordem se acha em um corpo natural e corruptível; qual será a do corpo celestial d'aquelle soberana e sobrenatural república, onde a vontade do mesmo Deus que o beatifica, e a alma que o informa?

E quanto á segunda parte da objecção em que parece difficultoso gozar-se cada um das glórias de todos e gozarem-se todos da glória de cada um; assim como satisfizemos á primeira dificuldade com a proporção da justiça, assim respondendo á segunda com a intensão da caridade. O céu é uma república imensa; mas onde todos se amam; e está lá a caridade tanto no auge de sua perfeição, que todos o cada um amam tanto á qualquer outro como a si mesmo. D'onde se segue que ainda que os graus de glória sejam desiguais, segundo o merecimento de cada um, a alegria e o gosto d'essa mesma glória ou glórias é igual em todos; porque todos as estimam como proprias e cada um como sua. Expressamente S. Lourenço Justiano: *Tanta vis in illa coeli patria nos sociat, ut quod in se quisque non accepit, hoc se acceperit in altero exultet. Una cunctis erit beatitudo laetitiae, quamvis non una sit omnibus sublimitas ritus.* Note-se muito a palavra *beatitudo laetitiae* em que o santo distingue na mesma bemaventurança duas bemaventuranças, uma da glória, outra da alegria: a da glória é particular e determinada; porque consiste na vista de Deus, que se mede com o merecimento e graça d'esta vida; porém a da alegria não tem termo nem limite, porque é imensa, e sem medida, segundo a extensão da caridade, a qual comprehendendo e abrangendo a todos, se alegra e goza da glória de todos e cada um, como se fôra propria. E este *como se fôra propria*

*De loc. Dei
lib. 21. c. 30.*

A bemaventurança da glória e da alegria

*Lairr. Justian.
de long. come
c. 7*

não quer dizer que não tem, nem possui cada um a gloria dos outros; porque verdadeiramente a tem e possui, diz o santo, não em si, mas nos que ama, como a si mesmo: *Ut quod in se quisque non accipit, hoc se accepisse in altero exultet.* Esta mesma razão é de Santo Agostinho, de S. Boaventura, de Santo Anselmo e de todos.

A caridade de
S. Paulo
explata a dos
homem-
bemaventurados

2. Cor. 11.

E para que o uso, ou abuso, da pouca caridade d'este mundo nos não escureça a intelligencia d'esta verdade, com dous exemplos d'este mesmo mundo a quero declarar, um singular em S. Paulo, outro universal em todos os homens. Era tão immensa a caridade de S. Paulo, que elle padecia os males de todos os homens, e nenhum mal temporal ou espiritual sucedia n'este mundo que não acrescentasse nova e particular materia ao fogo em que ardia o seu coração: *Quis infirmatur, et ego non infirmor? Quis scandalizatur, et ego non uror?* Assim como todo o peso da redondeza da terra pesa e carrega para o centro, assim todas as infirmitades, «de que o apostolo tinha noticia», todas as dores, todas as penas, todos os trabalhos, todas as afflições e tribulações, misérias, pobrezas, tristezas, angustias, infortúnios, desgraças; enfim todos os males do genero humano carregavam de toda a parte sobre o coração de Paulo adoeçendo elle de todos e com todos: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* Ardia no coração de Paulo o fogo da caridade tão forte e intensamente, que todos os escândalos e culpas que de novo se commetiam não só o atormentavam de qualquer modo, mas verdadeiramente o abrazavam e queimavam: *Quis scandalizatur et ego non uror?* E se a caridade de Paulo o fazia padecer os males de todos, sendo mais natural à natureza humana gozar-se dos bens que padecer os males: quem duvida que a caridade de qualquer bemaventurado, a qual no céu é mais perfeita que a dos maiores santos na terra excede, aflicção e obrigue naturalmente, e sem milagre, a cada um a que se alegre e goze dos bens de todos?

Exploração tri-
pla do
amor paterno.

E sendo (para que cada um se persuada pelo que experimenta em si mesmo), pergunto a todos os que sois pais e mães: Não é certo que os pais e as mães tanto amam e estimam os bens de seus filhos, como os proprios? Além as feras, se se lhes fizer esta pergunta, responderão que sim. E eu acrescento que não será verdadeiro pae, nem verdadeira mãe, o que não estimar menos os seus bens que os de seus filhos. Por isso os corceiros de Jerusalém, quando David renunciou a coroa em seu filho Salomão, a lisanja com que beijaram a mão ao mesmo David foi dizendo todos a uma voz e com o mesmo conceito, que Deus fizesse o trono e reino do filho maior e mais feliz

ainda que o do pae. E por isso a mãe de Nero, tendo ouvido de um oraculo que se chegasse a ser imperador seu filho, a havia de matar, respondeu; *Occidat, dummodo imperet: male-me embora, com tanto que seja imperador.* Assim estimou mais a mãe a honra e imperio do filho que a vida propria. E se a estes extremos se extende o amor natural da terra, que será o sobrenatural do céu? É tão grande, ou por falar mais propriamente, é tão perfeito, tão puro e tão sobrehumano o amor com que todos os bemaventurados reciprocamente se amam, que se o amor de todos os paes e mães, quantos houve desde o principio do mundo e haverá ate o fim, se unisse em um só amor, comparado esse com o amor do menor bemaventurado do céu, não só o não equalaria, mas nem pareceria amor. Vede agora, conclui S. Boaventura, que immensa será a gloria dos que assim se amam, sendo elles infinitos, e a gloria de cada um as glorias de todos!

Oh bemaventurados vós, e bemaventuradas, não digo a vossa, senão as vossas bemaventuranças. Lá está gozando esta verdade quem a disse na primeira palavra que escreveu. A primeira palavra do primeiro psalmo de David é *Beatus vir: Bemaventurado o homem.* E qual é a bemaventurança que o faz e lhe dá o nome de bemaventurado? Não é uma, nem são muitas, senão todas as bemaventuranças de todos os bemaventurados. Porque todas as bemaventuranças de todos concorrem a fazer bemaventurado a cada um. Assim o declara o mesmo lexto original hebraico em que David escreveu; o qual tem em logar de *Beatus vir.* *Beatus viri.* E se cada um pela sua gloria particular é perfeitíssimamente bemaventurado e glorioso, que será pelas suas glorias e bemaventuranças de todos? Pela sua gloria bemaventurado cada um, pelo que elle mereceu; e pelas glorias de todos sobre bemaventurado tambem, pelo que elles mereceram. Excesso verdadeiramente de communicação de bens, que podera parecer injusto se a gloria não sóra premio da graça. De vós pois, e de todos vós, ó felicissimos habitadores da corte celestial, se pode dizer com verdade que não só gozais o que vós merecestes, mas o que os outros mereceram que estão convosco: «porque gozais o vosso nas vossas pessoas e gozais o dos outros nas pessoas d'elles, segundo a lei da caridade perfeita que vos une entre vós para serdes com Christo e com toda a Trindade uma causa só na mesma bemaventurança. *Et ego claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis, ut sint unum, sicut et nos unum sumus:* foi a promessa que vos fez o mesmo Christo. Eis aqui, Christãos, largamente provado que os bens do mundo são bens com mistura de males, e só os bens do céu são puros

Commento da
primeira pa-
vira do
primeiro
psalmo de
David.

e sem mistura; e que dos bens do mundo, quando muito, logra cada um os seus, e dos bens do céu logra cada um os seus e mais os dos outros.»

O caso que
muitos christ
ãos fizeram
dos bens
deste mundo e
o que fizeram
muitos gentios.

IX. Acalhô com fazer a todos os que me ouviram uma só pergunta: Christãos, credes isto que ouvistes ou não? «Se o não crêdes, como vos chamais christãos? Se o crêdes, como fazes tamanha conta dos falsos bens d'este mundo, e tão pouca dos bens verdadeiros do céu?» O gentio não sabe que a alma é immortal, nem crê que ha outra vida. E comtudo se lerdes os livros dos gentios, «achareis muitissimos» que só com o lume da razão e experiência do que vêem os olhos, condemnam o amor ou a cobiça dos chamados bens d'este mundo e louvam o desprezo d'elles. Gentio houve que reduzindo a dinheiro um grande patrimonio que possuia o lançou no mar dizendo: Melhor é que eu te asogue, do que tu me percas. Deixo os risos de Diogenes, que mettido na sua cuba zombava dos Alexandres e suas riquezas. Deixo a sobriedade dos Socrates, dos Senecas, dos Epicletos; e só me admira e deve envergonhar «a muitos christãos que o mesmo Epicuro tivesse» este conhecimento, sendo elle e a sua seita a que mais professava as delícias. *Gaudetis minus? minus dolebis:* dizia o comicó gentio e fallando com gentios, «ainda que epicurios:» Se tiveres menos gostos, também terás menos dores. E porque na mistura dos falsos e enganosos bens dividiam o bem do mal e contrapesavam o que tinham de gosto com o que causavam de dòr; antes queriam não padecer a parte do verdadeiro mal, que gozar a do falso bem. Não seria louco o que pela docura da bebida tragasse junctamente o veneno? Esta pois era a razão e a evidencia com que sem fé nem conhecimento da outra vida se desengauavam os gentios, e uns pelo peso se descarrregavam dos falsos bens, outros pelo desprezo os mettiam debaixo dos pés.

Os cas
christãos nã
mostram
bem o seu
intendimento.
Benedicto e
concluado.

E se assim os tractava o gentio; que não temia d'elles que o levassem ao inferno, nem lhe impedissem o céu; que deve resolver e fazer o christão que não só conhece nos bens do mundo a vaidade do presente, senão tambem, e muito mais, o perigo do futuro? Será bem que por um instante de gosto me arrisque eu a uma eternidade de pena, e por uma apprehensão de bem misturado com tantos males, perca a gloria da vista de Deus e o gozar não só a minha bewaventurança, senão a de todos os bemaventurados? O te, ó intendimento onde estás? Mas o certo é que nem intendimento temos, pois não fazemos o que fizeram tantos gentios; nem fe, senão morta e sem acção vital, pois ella nos não move a viver como christãos. Se o queremos ser e emendar o deslumbramento d'esta tão enorme cegueira eu não

vejo outro remedio que nos abra os olhos, senão tornar pelos mesmos passos d'estes nossos doux discursos aos doux montes d'onde elles sairam. Oh que duas estações tão proprias de um tempo tão sancto como o da quaresma ! Uma ao monte da tentação, outra ao monte da transfiguração : uma ao monte onde o demonio mostrou a Christo as glorias do mundo ; outra, onde Christo mostrou aos apostolos a gloria do céu. Olhae e notae bem quanto vai de monte a monte : vede e considerae bem quanto vai de glorias a gloria. N'aquelle monte estão os maes sobredourados com nomes de bens; n'este estão os bens sem sombra nem apparencia de mal. Alli está o falso, aqui o verdadeiro: alli o duvidoso, aqui o certo: alli o momentaneo, aqui o eterno : alli o que vai parar no fogo do inferno, aqui o que nos leva a ser bemaventurados no céu. Vede, vede e considerae bem o que deveis escolher ; porque qual fôr a vossa eleição n'esta vida, tal será a vossa remuneração na outra, ou padecendo sem fim todas as maldições com o demonio, ou gozando na eternidade todas as felicidades com Christo.

(Ed. ant. tom. 5., pag. 431, ed. mod. tom. 7., pag. 290.)

—

—

—

—

—

II. SERMÃO DA SEGUNDA DOMINGA **

PRÉGADO EM LISBOA NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1651

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — No assumpto e na argumentação este discurso é mais original que o precedente; e a sua bella conclusão merece particular estudo.

Resplenduit facies eius sicut sol : vestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix.

S. MATTH. 17.

Entre os extraordinarios favores que Deus fez a David, como homem tanto do seu coração, um d'elles foi, e por ventura o maior, arrebatá-lo um dia e leval-o em espírito ao céu, onde correndo as cortinas ao throno da Majestade Divina e a todo o theatro da gloria, lhe mostrou a que elle havia de gozar depois, quando o Filho de Deus e Filho do mesmo David a comprasse com seu sangue. Vendo, pois, David a gloria dos bemaventurados, que havia de ser tambem sua, que conceito vos parece que faria da gloria? Elle mesmo o disse, e foi admiravel: *Ego dixi in excessu meo: Omnis homo mendax.* N'aquelle extasi em que fui arrebatado e levado ao céu, o que fiz depois de vêr o que vi, foi dizer e exclamar que todo o homem mente. Notavel consequencia, e com admiravel discurso! Como se dissera: É possivel que esta é a bemaventurança do céu? E possivel que isto é o que lá no mundo chamamos gloria? Ora o certo é, que nenhum homem ha, que fallando da gloria, não diga uma cousa por outra: nenhum homem ha que fallando da gloria diga o que ella é, senão o que não é: emfim que fallando da gloria todo o homem mente: *Omnis homo mendax.* Este foi o conceito que fez David quando foi arrebatado ao céu, e nem eu tinha habilidade para dar em tão alto pensamento, nem tivera confiança para sair com elle a publico, se o não dissera primeiro, commentando as

Doutrina de
David acerca
da gloria
do céu segundo
o commentario
de Thosmás
Heracleoto.

mesmas palavras, Theodoro Heracleota, insigne entre os padres gregos, que floreceu ha mil e trezentos annos, bispo de Heraclea na Thracia, como d'elle escreve S. Jeronymo no catalogo dos escriptores ecclesiasticos. Exclamou David no seu extasi, diz o grande Heracleota, e não duvidou dizer que todo o homem mente; porque todo o homem que quer explicar com palavras as cousas que são ineffaveis, e não tem termos com que se declarar, necessariamente ha de mentir, não porque seja inimigo da verdade, mas porque a não pode dizer como ella é. »Tal e o commento do grande Bispo de Heraclea.»

A duas especies da mentira segundo S. Thomás. De uma nem os escriptores inspirados se podem livrar quando fallam da gloria.

A mentira, diz Sancto Thomás, divide-se em duas especies uma por excesso e outra por defeito: a mentira por excesso é a que excede a verdade, porque diz mais; e a mentira por defeito, é a que falta á verdade, porque diz menos. Funda-se esta divisão (a qual é adequada) na opposição que a mentira tem com a verdade: porque a inteireza da verdade consiste em dizer o que é, assim como é; e assim como dizer mais do que é, é mentira por excesso; assim dizer menos do que é, é mentira por defeito. E d'esta segunda especie de mentira, que é natural e não moral, «nenhum homem, nem sequer» os prophetas, nem os evangelistas se podem livrar, quando fallam da gloria; não porque não queiram dizer a verdade e a não digam do modo que podem; mas porque as verdades da gloria são tão altas, tão sublimes, e tão superiores a toda a capacidade e linguagem humana, que por mais que digam o que é, sempre dizem muito menos. «E se não, consideremos o que estes mesmos nos deixaram escripto da gloria nos livros sagrados; e veremos à luz da fé e da razão esta verdade: que, sendo um bem tão grande o que dizem, o que não dizem, mas deixam arguir, é immensamente maior.»

Moura-se no evangelho do dia a gloria de Christo descripta como um resplandor do sol e da luna.

II. Comecemos pelos evangelistas e seja S. Mattheus o primeiro no mesmo evangelho de hoje. Conta S. Mattheus a famosissima historia da transfiguração de Christo Senhor nosso no monte Thabor, aonde levou consigo os tres mais avantajados e mais familiares discípulos e se lhes manifestou glorioso. E que é o que refere d'esta gloria o evangelista? Diz que o rosto do Senhor ficará resplandecente como o sol e as suas vestiduras alvas como a neve: *Resplenduit facies eius sicut sol: vestimenta autem eius farta sunt alba sicut nix.* As causas porque Christo Senhor nosso se transfigurou com tantas circunstancias de resplendor, grandeza e majestade, descendo do céu o Padre, subindo do seio de Abrahão Moyses, vindo Elias do logar donde foi arrebatado, e assistindo a tudo os tres maiores apóstolos, como notam com Sancto Agostinu os Padres e com Sancto Tho-

más os Theologos, foram duas: a primeira para nos dar algumas mostras na terra da gloria que havemos de gozar no céu; a segunda, para que a verdade da mesma gloria ficasse provada e estabelecida com o testimonho universal de todas as tres leis— a da natureza em Moysés, a escripta em Elias, e a da graca nos apostolos—, e sobre tudo com a voz infallivel do mesmo Deus que de todos foi ouvida. «De sorte que» no mysterio e testimonho da transfiguração de Christo não só se contem a gloria dos bemaventurados em si mesma, senão tambem a verdade da mesma gloria para comnosco; e esta verdade e esta gloria «está expressa nas palavras *Resplenduit facies eius sicut sol, vestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix.*» Com tudo S. João Chrysostomo, descrevendo o resplendor que terão no céu os corpos gloriosos, diz que farão tanta vantagem á luz do sol, quanta faz a luz do sol a uma candela. E se a luz de qualquer corpo glorioso não só é tão superior á do sol, senão totalmente diversa e d'outra especie; sendo o resplendor do corpo de Christo glorioso quasi infinitamente maior que o de todos os bemaventurados; como diz o Evangelista que era como o sol⁹ Sancta Thereza, a quem Christo repartidamente mostrou as mesmas galas do Thabor, diz que aquelle resplendor e brancura são diferentes de tudo o que cá se vê e a que se sabe o nome, que a neve lhe parecia preta, e o sol escuro e indigno de se pôrem u'elle os olhos. Os mesmos tres apostolos experimentaram bem no mesmo caso esta grande diferença, porque com a vista do Senhor transfigurado ficaram tão assombrados e atontados que estavam fóra de si, como notou S. Marcos: *Non enim scribat quid diceret; erant enim timore exterriti.* Logo se em homens costumados a vér o sol e a neve causou aquella vista tão estupendos efeitos, muito diferentes eram do sol e da neve o resplendor e brancura que viam. Finalmente S. João Damasceno, Sancto Epiphonio, S. Gregorio Nazianzeno, Sancto Agostinho e outros padres dizem que aquelle resplendor e aquella brancura, não só emanou do corpo glorioso, nem só da alma sempre bemaventurada de Christo, senão da mesma divindade do Verbo, unida hypostaticamente a uma e outra parte da humanaidade sagrada; da qual divindade como de fonte e principio principal se diffundiam no rosto e nas vestiduras do Senhor aqueles admiraveis efeitos, em prova manifesta e quasi sensivel de que o homem que viam era junctamente Deus, como logo apregoou a voz do Padre: *Hic est Filius meus dilectus.* O Verbo divino chama-se nas Escripturas resplendor da gloria e figura da substancia do Padre: *Splendor gloriae et figura substantiae eius;* e tambem se chama candor e

Marc. 9.

Hebr. 1

brancura da luz eterna: *Candor est enim lucis aeternae;* e d'este resplendor divino é que manou o resplendor do rosto, e d'este candor tambem diviuo a brancura das vestiduras na transfiguração de Christo.

Quão longe da
verdade
estão estas
similhanças-

Pois se a comparação do sol e da neve applicada a qualquer corpo bemaventurado e glorioso mais é injuria que similitudine: se o resplendor e brancura do rosto e vestiduras de Christo excediam com infinitas vantagens a formosura e galas de toda a corte do Empyreo; e se estes dous reflexos da majestade, ou estas duas amostras da gloria no Senhor d'ella, mais tinham de divinas que de sobrenaturales, e no candor e na luz eram raios expressos da divindade; como diz o evangelista que o resplendor do rosto era como o do sol: *Resplenduit facies eius sicut sol;* e a brancura das roupas como a da neve: *Vestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix.*⁴ Aqui vereis com quanta verdade disse David que nas materias da gloria *Omnis homo mendax.* A verdade dos evangelistas em todas as outras materias é tão adequada como infallivel. Mas quando chegam a falar da gloria, não por desfeito do historiador, mas por excesso da mesma gloria, são tão imperfeitas as cores com que a pintam, e tão deseguadas as similitudes com que a descrevem, que não dizem o que é, como é, «senão iminensamente menos.» Declararam o muito pelo pouco, encarecem o mais pelo menos, explicam o que chamam similitude por uma sombra levíssima de similitude. «Assim falou o evangelista S. Mattheus no evangelho de hoje. Ora vejamos o que diz S. João, juntamente evangelista e profeta.

4. João amea-
ça a gloria
como evan-
gelista
(Evangelho c.
1.), e à des-
crite como
profeta
(Apocalypses
c. 11 e 21)

Forma exterior
da cidade de
Deus.

III. Ele como evangelista não tenta a descripção da gloria de Christo: só a deixa inferir da qualidade de Filho unigenito do Pae celestial: *Et vidimus gloriam quasi Unigeniti a Patre.* Mas quem é que pôde sondar este abysmo? *Generationem eius quis enarrabit?* Comtudo bem a descreve e muito de proposito, como profeta, no capitulo vinte e um e vinte e dous do seu Apocalypse. E que é o que n'elle diz? Diz que viu descer do céu a cidade triunphantemente da gloria, ornada como a Esposa no dia das bodas: diz que «esta cidade» alumava a claridade de Deus e que esta claridade era similitante a uma pedra preciosa, e esta pedra preciosa similitante a jaspe, e este jaspe similitante a crystal. Diz que «seus» muros altissimos e fortissimos eram edificados em quadro e todos d'este mesmo jaspe. «Diz» que um anjo os mediu com uma canna de ouro e achou que tinham por cada lado dous mil estádios de cumprimento, que fazem das nossas leguas quatrocentas e quarenta e quatro, para que até o numero seja quadrado, em tudo significador de

firmeza. «Diz» que nos quatro lanços do muro havia doze portas, as quaes nunca se fechavam, porque n'aquelle região não ha noite. Que d'estas doze portas tres olhavam para o oriente tres para o occidente, tres para o septentrião e tres para o meio dia, em signal de que para todas as partes do mundo, para todas as nações e estados d'elle sem excluir a ninguem está o céu patente. «Diz que» as portas todas eram da mesma architectura e todas da mesma grandeza proporcionada á altura e á magnificencia dos muros e cada uma d'ellas aberta em uma perola. Se no antigo Pantheon, que era o templo de todos os deuses, se mostra ainda hoje por maravilha a porta d'elle aberta em uma só peça de marmore, quão admiraveis seriam aquellas portas muito maiores que o mesmo templo, abertas em uma só perola? «Diz mais S. João que» a estas doze portas respondiam outros tantos fundamentos, sobre os quaes assentava toda a cidade e cada um era lavrado, não da mesma, senão de varias pedras, e tão preciosas como varias: o primeiro fundamento era de diamante, o segundo de saphira, o terceiro de carbunculo, o quarto de esmeralda, o quinto de rubi, o sexto de sardo, o septimo de chrysólitho, o octavo de berillyo, o nono de topazio, o decimo de chrysopraso, o undecimo de jacintho, o duodecimo de amethysto. E segundo o numero e ordem d'estes doze fundamentos estavam esculpidos e gravados n'elles os mesmos doze apostolos: porque só fundada na fe e doutrina dos apostolos pode estar segura a esperança de entrar na gloria. E toda esta grandeza não era outra causa que a forma exterior da nova cidade de Jerusalém, «que S. João viu descer do céu: *Vidi civitatem Jerusalem novam descendenter de coelo a Deo, paratam sicut sponsam ornatam virgo suo.*»

Mas se tão sumptuoso e magnifico era o exterior da cidade, qual vos parece que seria e será o seu interior? Toda a cidade em toda a sua grandeza, todos seus edificios e palacios (que todos são palacios reaes), todas suas ruas e praças diz o mesmo propheta e evangelista que eram de ouro puro e solido, mas não ouro espesso, como o nosso; senão diaphano e transparente, como vidro. De sorte que a cidade da gloria no pavimento, nas paredes e no interior dos aposentos toda é um espelho de ouro; porque todos perpetuamente se vêem a si mesmos, todos vêem a todos, e todos vêem tudo. Nada se esconde illi; porque lá não ha vicio: nada se encobre; porque tudo é para ver: nada se recata ou difficulta; porque tudo agrada; e porque tudo é amor, tudo se communica. Ainda tem uma outra excellencia aquella hemaventurada cidade, a qual se lhe altara não fôra da gloria. Vindo a Roma nos tempos da sua

o interior da
mesma cidade

maior opulencia e grandeza um embaixador de Pyrrho rei dos epirotas, não fazia sim de admirar o que o poder e a arte tinha juncto n'aquelle empório de riquezas e delicias. E perguntado pelos romanos se achava algum desfeito na sua cidade? Sim, acho, respondeu o embaixador. E qual é? Que tambem em Roma se morre. Não assim, diz S. João, n'esta riquissima cidade que vos tenho descripta: *Mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* Não ha lá morte, nem luctos, nem dôr, nem queixa: porque do throno do supremo rei sai um rio de crystal, que rega toda a cidade, cujas margens estão cubertas de arvores e as arvores carregadas de fructos e os fructos melhores que os da arvore da vida, que não só fazem os homens immortaes senão eternos: *Fluvium aquae vivae, splendidum tamquam crystallum, procedentem de sede Dei et Aqni. In medio plateae eius et ex utraque parte fluminis lignum vitae.*

*Como se leva
intendendo a
descripção da
S. João
descriptiva e po-
sitivamente
A gloria do ceu
nunca se viu.*

C. cap. 2

Esta é, senhores, a cidade da gloria descripta por S. João «como a viu extatico em Patmos»; e basta que fosse assim como se descreve, para ser merecedora das nossas saudades, e que fizessemos mais do que fazemos por ir viver n'ella. Mas é necessário intender com distinção isto mesmo que está dito. Em dizer S. João que n'aquelle bemaventurada patria não ha morte, nem dôr, nem tristeza, nem queixa, nem algum dos outros accidentes que tão molesta fazem a vida d'este valle de lagrimas, é verdade, intendida assim como só, em que não pôde haver duvida. Porém isto não é dizer o que ha no céu, senão o que não ha: não ha morte, não ha dôres, não ha trabalhos. O demais que pertence à magnificencia e riqueza da mesma cidade; o ouro, as perolas, os diamantes, e todo o outro apparato e preço da pedraria de que são edificados os muros, e quando elas abraçam e cercam, é o de que só se duvida; e com razão. Alguns doutores tecem por provavel que tudo isto haja no céu: os demais o negam absolutamente, e para mim com evidencia. Os vossos mesmos olhos e os vossos mesmos pensamentos me hão de fazer a prova. Pergunto: Vistes já ouro, vistes já perolas, vistes já diamantes, e todas as outras pedras de preço, de que S. João fabrica a cidade da gloria? Sim. Logo é certo e evidente que a cidade da gloria não é edificada d'esse ouro nem d'essas perolas. Porque? Porque S. Paulo que foi ao céu e viu o que la ha, diz que o que Deus tem apparelhado na bemaventurança para os seus escolhidos, são tudo coisas que tunica os vossos olhos: *Oculis non vidit quae proparavit Ihesus us qui diligunt illum.* Logo pelo mesmo raso que nós vemos esse ouro e essas pedras, segue-se com evidencia que não são esses os

materiaes de que é fabricada a cidade ou corte da gloria.

Dirá alguém que ainda que vemos ouro e pedras preciosas, não vimos nunca cidade alguma, nem ainda uma só casa fabricada d'esse ouro e d'essas pedras; e a cidade que descreve S. João, não só é cidade de qualquer modo, senão uma cidade de mais de quatrocentas leguas em quadra. Boa solução ou instancia. Mas eu torno a perguntar: E imaginando vós com o pensamento, podeis conceber e fabricar n'elle uma cidade tão grande como esta, edificada toda de ouro, de diamantes e perolas? Não ha dúvida que sem sermos grandes architectos, a podemos imaginar e idear assim; e ainda mais a gosto de cada um. Logo a cidade da gloria não é como a descreve S. João: porque o mesmo S. Paulo diz que, o que Deus lá nos tem apparelhado, não só não o viram jámais olhos, mas que nem o pôde conceber o pensamento, nem entrar na imaginacão humana: *Oculis non vidit, nec in cor hominis ascendit.* Pois se isto é assim com verdade infallivel e irrefragavel; como nos pinta o evangelista S. João e nos descreve a cidade do ceu feita toda de ouro e pedras preciosas?

Explicarei este desenho do discípulo amado de Christo com o que aconteceu a um discípulo de Zeuxis, famosissimo pintor da antiguidade. Disse-lhe o mestre que por obra de examinação lhe pintasse uma imagem da deusa «mais bella» com todos os prumores da formosura, a que podesse chegar a sua arte. Fez-o assim o discípulo, e com estudo e applicação de muitos dias e desvelo de muitas noites apresentou o quadro ao mestre. Via-se n'elle a deusa toda ornada e enriquecida de joias, que mais pareciam roubadas à natureza, que imitadas da arte: nos dedos aneis de diamantes, nos braços braceletes de rubis, na garganta asfogador de grandes perolas, no toucado grinalda de esmeraldas, nas orelhas chuveiros de aljofar, no peito um camafeu em figura de «seu filho», cercado de uma rosa de jacinthos com os ais da mesma flor servindo de raios, as alparagas semeadas de todo o genero de pedrarias, as roupas recamadas de ouro, e tornadas airosoamente em um cintilho de saphiras. Esta era a forma do quadro, e n'elle todo o ingenho e a arte do discípulo. Estava esperando a approvação do mestre. Mas quo vos parece que lhe diria Zeuxis? *Fecisti dicitem, quia non potuisse facere pulchram:* fizestes-a rica, porque a não podeste fazer formosa. O mesmo digo eu ao ouro, ás perolas, e ás pedras preciosas com que S. João nos descreve a cidade da gloria. Evangelista «e propheta» sagrado, riquissima está a cidade que nos pintastes: mas fizestes-a rica, porque a não podeste fazer formosa. A formosura que espera ver a nossa fé

*Nem se pode
imaginar*

*S. João faz
toda a dica
pelo de Zeuxis.*

no céu, não é como esta, em que só se pôde enlevar a cubija da terra. Bem o advertistes vós, aguia divina, quando tomastes por salva que a cidade que descrevies era descida do céu á terra: *Civitatem Jerusalem descendentem de cœlo.* O ouro, os diamantes, as perolas, tudo é terra e da terra. E como pôde o lustroso e precioso da terra informar-nos com verdade da beleza sobrenatural e formosura inextinuável da gloria? É verdade que S. João na idéa que formou, imaginou quanto se podia imaginar, e na descrição que fez, disse quanto se podia dizer. Mas como as cousas da gloria são tão diversas de todo o que se vê e tão levantadas sobre tudo o que se imagina, por mais e mais que se diga d'ellas, sempre se diz menos.

O que disseram
Os profetas
no antigo testa-
mento.
Cousas a
touar e prati-
car no cap.
G. 12.13 que
nunca se
soube o que
Deus tem
preparado na
gloria

IV. Passemos aos prophetas «do antigo testamento» Isaias, que n'este poneto é singular entre os demais, porque vin a Deus no trono da gloria, diz: *A saeculo non audierunt neque auribus perceperunt, quae praeparasti expectantibus te;* quer dizer que as cousas que nos esperam e Deus nos tem preparado na gloria, são tão altas, tão sublimes e tão superiores a tudo o de que n'este mundo se tem noticia, que nunca jâmais chegaram ás ouvidos dos homens. Que sejam as cousas da gloria maiores que tudo o que viram os olhos e tudo o que pode inventar a imaginação, já o mostrâmos; mas que sejam também maiores que tudo o que ouviram os ouvidos, é cousa para mim muito difficultosa. Que ha on pôde haver que não tenham ouvido os ouvidos? Ouviram tudo o que escreveram os historiadores, ouviram tudo o que fingiram os poetas, ouviram tudo o que especularam os philosophos, ouviram tudo o que publicou, acrescentou e exagerou a fama, ouviram tudo o que debaixo do mais sagrado secreto descobriu e não calou o silencio. Mas não está aqui a difficultade. Pois em que está? Está em que os ouvidos teem ouvido tudo o que disseram os prophetas, e tudo o que está escrito e dicto nas Escripturas sagradas. Argumento agora assim. É certo que os prophetas e os outros escriptores sagrados falam muitas vezes na gloria e no que Deus tem prometido e apparelhado no céu para bemaventurança e premio dos que o servem n'esta vida. Também é certo que tudo o que nos prophetas e nos outros livros sagrados se diz e n'elles está escrito, nós o temos e ouvimos. Logo se as Escripturas sagradas dizem o que Deus nos tem apparelhado na gloria, e nós ouvimos tudo o que dizem essas mesmas Escripturas; como diz Isaias que ninguem ouvia o que Deus nos tem apparelhado na gloria: *A saeculo non audierunt quae praeparasti expectantibus te?*

O que d' aquí
se continua.

A solução d'este fortissimo argumento é a mais evidente

prova de tudo o que imos dizendo. Os prophetas e as outras Escripturas fallam da gloria: nós ouvimos tudo o que dizem os prophetas e as Escripturas, e comtudo não ouvimos nada da gloria; porque por mais que os prophetas e as Escripturas digam da gloria, nunca chegam a dizer o que ella é. Mais ainda. Se ninguem ouviu o que é a gloria, segue-se que nem os prophetas que fallaram d'ella o ouviram. Maravilhosa consequencia, mas verdadeira! E assim é. Ouviram os prophetas aos outros prophetas, e ouvia-se cada um a si mesmo: mas nem ouvindo todos a todos, nem ouvindo-se cada um a si, ouviam o que é a gloria: porque por mais levantado que seja o espirito dos prophetas, por mais sublime que seja o seu estylo e por mais que sobrehumana a sua eloquencia, em chegando a fallar do gloria, «hão de dizer sempre infinitamente menos do que é.» Dizem figuræ, dizem comparações, dizem similitudines: mas todas essas comparações são tão desiguaes, todas essas similitudines tão diferentes, todas essas figuræ tão pouco parecidas, que nas comparações fica a gloria totalmente abatida, nas similitudines desluzida e nas figuræ desfigurada. E senão vejamos, ou ouçamos o que os mesmos prophetas leem dito.

Quer Isaías que começemos desde o principio do mundo: *A saeculo non audierunt.* Seja assim. E quaes foram desde o principio do mundo as figuræ com que Moyses e os outros prophetas nos representaram a gloria? A primeira foi o paraíso terreal, depois o tabernaculo e a arca do testamento, o manna, a terra de promissão, a cidade de Jerusalem, o templo de Salomão. Mas que similitudine tem estas cousas, por mais que fossem os milagres da natureza e da arte, com a gloria do céu? No paraíso terreal entrou a serpente e o peccado; e a primeira prerrogativa da gloria é a segurança da graça, em que todos os que lá vivem são confirmados. No tabernaculo de Moysés, andou a arca do testamento com os filhos de Israel peregrinando pelo deserto; no céu está Deus e os bemaventurados de assento, como na propria patria. O manna, posto que tinha todos os sabores, não durava de um dia para o outro; porque se corrompia: e a gloria não só é perpetua e incorruptivel em si, mas aos mesmos nossos corpos de carne faz incorruptiveis e immortales. Da terra de promissão se dizia por encarecimento que manava leite e mel. Mas que comparação tem o leite com «as delicias» do céu e o mel com as doçuras da gloria? A cidade de Jerusalem quer dizer visão de paz: e quantas vezes se viu a mesma Jerusalem combatida, sitiada e destruida com guerras? Só no céu é a paz segura sem temor; porque dentro não pode haver desunião, e de fóra não chegam lá inimigos. No

Prova-se com a
introdução
Todas as figu-
ras da gloria
que os homens
nas Escriptu-
ras são
imperfetas.

templo de Salomão estava coberto com um véu o Sancta-Sanctorum, donde Deus occulto e invisivel fallava por oráculos, e onde só podia entrar o summo sacerdete uma vez no anno: mas na gloria sem véu nem cortina se deixa Deus ver e gozar manifesto a todos; e não em um só dia ou anno (que fôra assaz) senão por toda aquella eternidade, inteira sem divisão, e continuada sem limite, em que não ha annos nem dias.

E las são
as similitanças.
Pr. 85.

Isa. 25.

Sap. 4

Oz. 2

Isa. 9.

Que mais dizem os prophetas? Dizem que o céu é um rio de delicias que sempre corre: *Torrente voluptatis tuae potabis eos.* Mas se todo o mar oceano comparado com a immensidate das delicias celestiaes é estreito, que será um rio? E se as delicias são permanentes e eternas e não diversas, senão sempre as mesmas, como podem ser correntes? Dizem que o céu é um perpetuo convite de exquisitos e soberanos manjares: *Faciet Dominus in monte hoc convitum pinguum, pinguum medullatorum.* Mas os convites começam com fome, continuam com gosto e acabam com fastio. A gloria, pelo contrario, é uma perpetua satisfação do desejo e um perpetuo desejo da mesma satisfação; em que não ha fome, porque a fome molesta; nem fastio, porque o fastio cança; nem o gosto acaba jámais, porque não tem fim. Dizem que é um reino em que todos os que n'elle entram recebem a coroa da mão de Deus: *Accipient regnum decoris et diadema speciei de manu Domini.* Mas o reino compõi-se de rei e vassallos, e na gloria não ha subditos: só são sujeitos a Deus por vontade os que reinam com elle; e essa mesma sujeição amorosa é o sceptro da liberdade e a coroa do alvedrio. Dizem que é um dia de vodas com vinculo indissoluvel: *Sponsabo te mihi in sempiternum.* Mas que amor ou que gosto ha nas vodas, que em poucos dias não enfraqueça ou se mude? Cresce com a esperança, galisfaz-se com a novidade, e diminui com a posse. Na gloria não é assim: porque o bem infinito sempre é novo; e onde a novidade não envelhece, o amor e o gosto não diminui. Dizem finalmente que a alegria da gloria será como a dos lavradores no dia da messe, quando colhem o fructo dos seus trabalhos; e como a dos soldados victoriosos, quando repartem os despojos dos inimigos vencidos: *Lactabuntur coram te, sicut qui laetantur in messe, sicut exultant victores capta præda, quando diridunt spolia.* Mas que similitança tem a baixeza d'estas comparações e a desproporção de todas as outras, para mediarmos ou estimarmos por elles as felicidades do céu? Mais parecem inventadas para abater a grandeza da gloria, para escurecer seu resplendor e para alejar sua formosura, que para nos representar nem as sombras do que ella é.

Quasi lhes aconteceu aos prophetas com o céu lá de cima, que não vemos, o mesmo que aos mathematicos e astronoms com este céu cá de baixo, onde chega a nossa vista. Viram os mathematicos esse labyrintho de luzes, de que está semeada sem ordem toda a esphera celeste, tão diversas na grandeza, como varias no movimento e infinitas no numero; e para assentir alguma causa certa em uma confusão tão immensa, que fizeram? Repartiram o mesmo céu e flugiram em todo elle grande multidão de figuras, umas naturaes, outras fabulosas. Aqui pozeram um touro, ali um leão, acolá uma serpente; aqui um cervo, ali um asno, acolá uma aguia: em uma parte a Hercules, em outra a Orion, em outra a Medusa, a Berenice, a Andrómeda, o centauro, a hydra, o capricornio e outras chimeras, como estas, tão feias nos aspectos como nos nomes. Pois no céu ha estes animaes, estas fabulas, estes monstros? Não: que tudo são estrelas resplandecentes e formosas. Mas foi necessario aos mathematicos fingir no céu estas mentiras e pôr lá estas fabulas, para por meio d'ellas se intenderem entre si e ensinarem de algum modo a verdade do que se passa no céu. Perdoae-me a comparação, prophetas sagrados, no céu não ha segadores, nem messes, nem soldados, nem despojos: no céu não ha convites, nem vodas, nem inundação de torrentes: no céu não ha Jerusalens, nem tabernaculos, nem paraisos terreaes, nem terras de promissão: que tudo isso é terra, e cousas da terra. Mas vós, como mathematicos do céu empyreo, poestes lá todas essas figuras com tão pouca similitudão e proporção, como com necessaria impropriedade; para por meio d'ellas ensinar a nossa rudeza e pela consideração dos gostos grosseiros que percebemos nos levantar a fé e o pensamento à conjectura dos que não alcançamos. Nem podia haver outro argumento ou experiência que melhor nos mostrasse o eminentissimo conceito que devemos fazer das cousas da gloria; pois os vossos mesmos intelligimentos, ainda sobrenaturalmente elevados, não teem conceitos nem palavras bastantes com que nos declarar suas grandezas.

VI. Supposto pois que tudo o que se tem dito, tudo o que se diz, e tudo que se pode dizer da gloria que nos espera no céu, é tanto menos e tão pouco e tão nada, que sem encarecimento se pode chamar mentira; que haverais ou que podemos fazer para saber verdadeiramente o que é e como é a gloria? Não ha, nem pode haver mais que um só meio; mas esse muito certo e adequado. E qual é? Ir ao céu e vel-a. Perguntavam uma vez a Christo dois que queriam ser seus discípulos, onde morava: *Habbi, ubi habitas?* E o Senhor, que não tinha casa na terra,

Os prophetas
fallando da glo-
ria fizera-
m como os auto-
res dos
nomes de-
screvendo o céu

Para saber o
que é a gloria
é necessário
ir ao céu e vel-a.
O tempo e sede
dito por
Christo e con-
mentado por
Beda

Jam. 1

senão no céu, d'onde nunca saiu, ainda quando veio ao mundo, respondeu: *Venite et videte*: vinde e vê-lo-heis. E sem irem e verem não o podiam saber? Não. Excellentemente Alcuino e Béda: *Ideo non dixit ubi habitaret, sed illos ut venirent et viderent invitauit; quia habitatio, idest gloria Christi, videri quidem potest, verbis explicari non potest.* Não disse o Senhor, onde morava, aos que o queriam saber, e sómente lhes respondeu que viam e vissem: porque a morada de Christo é a gloria; e o que é, e como é a gloria, só se pode ver, mas não se pode dizer. Isto é o que respondeu Christo, e isto é o que eu digo e o que só podem dizer os pregadores sobre este assumpto. Façamos muito por ir ao céu e vermos verdadeiramente o que é a gloria, então veremos e conheceremos também, quão pouca similitudem de verdade quanto cá se diz e se ouve.

A rainha Sabá
e a gloria de
Salomão.

Quando a rainha Sabá viu a corte e casa real de Salomão, não só admirada do que via, mas, como diz o texto sagrado, quasi desmaiada de pismo rompeu nestas palavras: Eu, sapientissimo rei Salomão, quando estava nas minhas terras, muitas cousas tinha ouvido da vossa sabedoria, da vossa grandeza, da vossa corte, e da magnificencia da vossa casa: ás quaes porém não dava credito por me parecerem incríveis; mas depois que vim e as vejo com meus olhos, já tenho conhecido e provado que nem a metade se me tinha dicto do que verdadeiramente é. Bemaventurados os vossos servos, e bemaventurados os vossos cortezãos, pois tem e gozam a felicidade de estar sempre em vossa presença. Parece que não podera dizer mais, se fallara com Deus na gloria. E se as grandezas da corte e casa de Salomão as não pode crer nem perceber uma rainha tão sabia, senão depois de vir e ver: *Donec ipsa rem et vidi:* e se tudo o que tinha ouvido na sua terra não chegava a ser ametade do que agora via com seus olhos; que proporção e que similitudem pôde ter o pouco ou nada que cá dizemos e ouvimos com o muito, com o infinito, com o imenso da gloria que lá vêm os que a gozam? Por isso o Senhor e Auctor d'ella diz: *Venite et videntur*: vinde e véde.

3 Reg. 10.

Todos querem
ver, mas
muito poucos
querem vir
até ao rei
de Israel.

Mas o mal e a desgraça é que todos querem ver e ha muito poucos que queiram vir. Todos querem ver e gozar a gloria; mas ha muito poucos que queiram vir e seguir a Christo pelo caminho que elle nos veio ensinar para chegarmos a ella. Se o Divino Mestre trocara os termos, e assim como disse: *Venite et videte*, dissera *Videntur et veniente*; se fôra possivel e conveniente que primeiro se nos desse vista da gloria e depois se nos promellessem os meios de a conseguir; como é certo, que não seria necessario que Deus nos chamasse ou rogassem, seuão que nós

mesmos, arrebatados d'aquelle immensa formosura e felicidade incomprehensivel, não só com vontade e desejo, mas com impelo e violencia romperíamos por todas as dificuldades da vida e pela mesma vida e mil vidas por alcançar tanto bem! Porem que merecimento seria então o da fé, que premio o da esperança e que valor o da caridade, sendo necessaria e não livre? Para maior nosso bem e para maior augmento da nossa gloria, nos pede Deus primeiro os passos e depois nos promette a vista: *Venite et videte.*

E verdadeiramente que ainda que o caminho do céu e a passagem d'este Cabo de Boa Esperança tivesse maiores dificuldades, bem se poderam imprehender todas, sem o testemunho da vista debaixo da palavra de Christo. Quando o mesmo Senhor antes de se fazer homem por nós disse a Abrahão que deixasse a sua patria, não lhe prometeu o céu, senão outra terra; e não lh'a mostrou então, mas sómente lhe disse que lh'a mostraria depois: *Veni in terram quam monstravero tibi.* E que fez Abrahão debaixo d'esta palavra? Apenas se pode dizer sem injuria e affronta da nossa fé. Deixou a patria, deixou a casa nobre e rica que tinha herdado de seus paes, deixou a companhia dos parentes, o amor dos amigos, a familiaridade dos conhecidos, para ir peregrinar entre gentes estranhas. Em fim rompeu todas aquellas cadeias com que a criação e a natureza costumam prender o coração humano; que tudo nota e pondera a historia sagrada. E que tudo isto executasse com tanta promptidão de animo um homem que pouco antes fôra gentio? Sim, diz Santo Estevão e ninguem se espante: porque o Deus que mandou a Abrahão que fizesse este divorcio e renuncia geral de quanto tinha e amava no mundo, era o Deus da gloria: *Deus gloriae apparuit Patri nostro Abraham et dixit ad illum: Exi de terra tua et de cognatione tua, et veni in terram quam monstravero tibi.* Em toda a sagrada Escriptura se não lê ou dá a Deus similbante titulo ou epitheto de Deus da gloria, senão n'este logar unicamente. E porque usou de tal paraphrase aquelle famoso pregador apedrejado, a quem entre as mesmas pedras se lhe abriu o céu? Não foi só para encarecer a fineza do que Abrahão obrára; mas para distinguir os motivos que elle podia ter na mesma obra e nós podemos ter nas nossas. Se não fazemos grandes cousas por amor de Deus, ao menos, porque as não faremos, porque é Deus da gloria, *Deus gloriae?* Fazel-as por Deus, porque é Deus, é fineza: fazel-as porque é Deus da gloria, é conveniencia. Fazel-as por Deus porque é Deus, é amor de Deus: fazel-as por Deus porque é Deus da gloria, é amor proprio. E que nem por esse amor proprio, nem porque Deus

Abrahão ob-e
dece a Deus
sem a testemu-
nio da vista.
Razão d'esta
obediencia.

Gm. 12.

Act. 7.

nos ha de premiar com a gloria, lhe façamos taes serviços que sejam merecedores d'ella? Grande miseria!

Atropado e
bonitudo ex-
pressas com as
palavras do
Filho prodigo.

Lxx. 15.

E se é miseria grande o pouco que fazemos por alcançar e vêr a gloria, muito maior miseria é o muito que fazemos pela perder e não vêr. Cada peccado que cometemos, é um pecado e duas offensas: uma offensa contra Deus e outra offensa contra a gloria. Assim o intenden aquele moço prodigo, a quem a experientia das pagas que o mundo dá, restituui o intendimento que o mesmo mundo lhe tinha tirado: *Pater, peccavi in coelum et coram te.* Pae meu (dizia elle em pessoa do peccador arrependido falando com Deus), pequei contra o céu, e pequei contra vós: contra o céu, que é a gloria para que fui criado; e contra vós, que sois o Deus que me creastes para ella. Em primeiro lugar poz a offensa do céu e no segundo a de Deus: porque, como era homem que se tinha posto à soldada, mais sentia a perda do galardão, que o desagrado do amo. Eu já me contentava que nas nossas fidalguias se usaram com o céu e com Deus estes despridores. Se não deixamos os peccados por contrição, e por serem offensas de Deus; deixem-los ao menos por altricão, e porque nos privam da gloria. Não offendere a Deus porque é Deus, é obrigação; não o offendere por não perder a gloria, é interesse. E sendo nós tão interesseiros, ou tão servos e tão escravos dos interesses da terra, que ao menos pelos interesses do céu e da gloria não deixemos de offendere a quem nol-a ha de dar ou tirar para sempre! «Lamentavel desconcerto o nosso!» Somos avarentos da fazenda, e prodigos do céu e da gloria. Oh como podem temer que não são creados para ella os que tão pouco fazem pela vêr, ou tanto fazem pela não vêr!

Convite de
Christo para a
gloria.

Math. 10.

De quantos deixaram o coração no Egypto oenbum chegou a vêr a terra da promissão; porque sem vir não ha ver, e quem não vem de todo o coração, não se move. Desde essas moradas eternas nos está Christo glorioso chamando e convidando a todos; e dizendo como aos que lhe perguntavam onde morava: Vinde e vede. Vinde, nos diz agora aquelle mesmo Senhor que no dia do juizo, unidas outra vez nossas almas a estes mesmos corpos, ha de dizer aos que ouvirem sua voz: *Venite benedicti.* Vinde, nos diz; e d'onde e para onde? Da terra para o céu, do desterro para a patria, da captividade para a liberdade, da guerra para a paz, da tempestade para o porto, do trabalho para o descanso, do tempo para a eternidade, do valle de lagrimas para o monte da gloria. E que haja ainda quem duvide vir? Vinde; e se não vos atreverdes a vir, como Pedro, João, Diogo, pelo caminho estreito dos conselhos, vinde pelo mais largo dos mandamentos, com

tanto que venhais em meu seguimento: que para isso fiz dous caminhos, desejando que venham todos. Vinde emfim e vereis o que, antes de vir, se não pôde vêr: *Venite et videte.* Vereis o que nunca vistes, vereis o que nunca ouvistes, vereis o que nunca imaginastes, e vereis quão diferentes, quão outras e quão infinitamente incomparaveis são as cousas da gloria a todas as que lá vos disseram os meus prophetas e evangelistas: não por elles quererem mentir (que não é possivel), mas porque tudo o que ha na terra, ou desde a terra se vê no céu, nenhuma comparação tem, nem similitança, com o que se vê e goza na gloria. Em particular vos convido, como a homens, a vêr gloriosa em seu throno a minha humanidade; e então julgareis, se os raios de que se corda são de sol, e a cõr de que se veste, de neve. *Resplenduit facies eius sicut sol, vestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix.*

(Ed. ant. tom. 4.^o pag. 179, ed. mod. tom. 7.^o pag. 234.)

—

SERMÃO DA SEGUNDA FEIRA DEPOIS DA SEGUNDA DOMINGA **

PRÉGADO EM TORRES VEDRAS ANDANDO O AUCTOR EM MISSÃO
NO ANNO DE 1652

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O argumento d'este sermão é terrível e dificultoso de tractar com fructo onde a fé não esteja muito firme; mas nem por isso deixa de ser verdadeo evangélica que se deve pregar sobre tudo em tempo de missão. O assumpto está dividido em tres partes, nas quaes se dá o sentido literal e mystico do texto; o primeiro contra os judeus, que ainda esperam o Messias; o segundo contra todos os peccadores que deixaram a conversão para a hora da morte. O terceiro poncto não está desenvolvido como o primeiro e o segundo; mas não carece de artificio oratorio. O orador ainda quando traz preventido o sermão, ha de fallar como se improvisasse; e quem improvisa nem sempre pode medir bem o tempo para repartil-o proporcionadamente aos varios ponctos do sermão: n'este caso querendo satisfazer ao assumpto sem enfadar aos ouvintes, dá em resumo o que restava provar, e logo conclui.

*Ego vado, et quaeretis me et in pec-
cato vestro moriemini.*

JOAN. 8.

Entre as famosas e escuras visões do Apocalypse é notável a de uma aguia, a qual diz o texto que voando pelo meio do céu repetiu tres vezes a grandes vozes esta palavra: *Vae, vae, vae; ai, ai, ai.* Mas se a aguia voava pelo meio do céu e no céu não pode haver dor, que ais são estes que se ouvem no céu? A mesma aguia declarou que a causa dos ais não estava no céu senão na terra: *Vae, vae, habitantibus in terra: ai, ai, ai,* sobre os habitadores da terra! Por isso diz Aretas um dos mais doutos e graves commentadores do Apocalypse que os ais não eram de propria e verdadeira dor ou tristeza, de que não é capaz a gloria, mas de compaixão e piedade, condoendo-se o

Os tres ais da
aguia do Apo-
calypse
(cap. 8) com-
mentados por
Aretas.

bemaventurados, quanto lhes é possível, e lamentando as desgraças e misérias a que estamos sujeitos os homens em quanto vivemos n'este mundo.

Estes ais lamentam a desgraça dos pecadores obstantes.

E porque o juizo que os bemaventurados fazem das que nós chamamos desgraças e misérias é muito diferente do nosso, com muita razão se me pode perguntar, que desgraça e miséria humana será principalmente aquella que obrigue aos bemaventurados na segurança do céu a se condoer tanto de nós e lamentar com tão repetidos ais os perigos dos que vivemos na terra? Confiadamente respondo que não é, nem pode ser outra, senão o descuido continuo da salvação, com que vivem os pecadores, e a impenitencia final com que acabam a vida e morrem em peccado. Provo. É verdade de fé afirmada por bocca do mesmo Christo, que quando um peccador se converte com verdadeira penitencia dos seus peccados, se fazem maiores festas no céu, do que lá se festeja e celebra a innocencia de noventa e nove justos, que não leem necessidade de penitencia. Logo se a penitencia de um peccador verdadeiramente arrependido se celebra no céu com tantas demonstrações de festa e de alegria; que outro motivo igual pode haver que cause lamentações e tão repetidos ais no mesmo céu, senão a vida habitualmente depravada dos peccadores e a impenitencia ultima e final com que, morrendo como vivem, se perdem para sempre e se condemnam? Assim se deve crer e assim o fomos a afirmar; nem quero outra maior ou melhor confirmação do que digo que a auctoridade do mesmo S. João, nem outras palavras suas, senão as que tomei por thema: *Ego rado, et quaerelis me; et in peccato vestro moriemini.*

De meus
ais concordam
com as amena-
ças do thema

S. João, primeiro escreveu o Apocalypse e depois o Evangelho; e assim como no capitulo oitavo do seu Apocalypse via a aguia e ouviu o que dizia, assim hoje no capitulo também oitavo do seu Evangelho disse o que ouviu para que nós também o ouçamos. Lá fallou a aguia com tres ais: *Vae, vae, vae;* e cá explica S. João aquelles tres ais com outros tres que são as tres clausulas do nosso thema: *Ego rado, o primeiro ai; et quaerelis me, o segundo; et in peccato vestro moriemini, o terceiro.* As palavras que disse a aguia do Apocalypse não foram suas, sendo de Deus, o qual lh'as pôz na boca para que com sobrenatural instincto as dearticulasse; e do mesmo modo estas palavras que refere S. João no Evangelho não são suas, senão de Christo, o qual as tinha denunciado em Jerusalem antes que elle as escrevesse. Não queriam aquelles homens obstinados crer que era Filho de Deus e o verdadeiro e esperado Redemptor de Israel; e como a todos os argumentos de sua divin-

dade cerrassem os ouvidos e a todas as evidencias da sua omnipotencia os olhos; já que assim é, conclui o Senhor, eu me irei d'este mundo e vos deixarei; mas virá tempo em que me busqueis e não me acheis, e todos morrereis em vosso peccado: *Ego vado, et quereretis me; et in peccato restro moriemini.*

Esta sentença prophetica se cumpriu punctualmente nos judeus, e se vai cumprindo ainda nos que obstinados e impenitentes vivem e morrem na mesma cegueira. Mas porque não basta só a fé a impedir a mesma desgraça e que se não extenda a muitos christãos; para que estes ouçam e conheçam e evitem a tempo o seu perigo, ajunctaremos aos tres ais de S. João as tres partes da sentença de Christo que elle refere, e será cada um claramente, se caem ou podem cair estes ais sobre a sua vida e morte. *Vae, ai de vós aquelles que fordes deídos de Deus: Ego vado! — Vae, ai de vós aquelles que o haveis a buscar debalde: Et quereretis me! — Vae, ai de vós aquelles que morrerdes no vosso peccado: Et in peccato restro moriemini.* Da temerosa consideração d'estes tres ais se comporão os tres ponctos do nosso discurso, bastante cada um d'elles a quebrar as pedras e derreter os bronzes. Mas porque sem a graça de Deus ainda ha corações mais duros; peçamol-a ao Espírito Santo por intercessão da Cheia de graça. *Ave Maria.*

II. Ao primeiro ai responde a primeira clausula da sentença o que significa ser deído de Deus.

Christo, em que diz o mesmo Senhor que ha de deixar n'elle ingrato e obstinado povo com quem fallava e se ha de *Ego vado.* O que terrivel ameaça! O que lastimosa despedida. Terrivel e lastimosa na figura, que foi a reprovação temporal da Inagoga; e mais terrivel e lastimosa no figurado, que é a revogação eterna da alma obstinada no seu peccado. Só quem desse comprehender aquelle *Ego* intenderia o que encerra em esta ameaça e esta despedida. Nem comovescio ha mal que fa mim seja mal, nem sem vós pôde haver bem que para mim seja bem, dizia a Deus Sancto Agostinho. Se Deus que me é o ser, e de quem depende quanto sou e quanto posso e tanto tenho, se apartar de mim, que ha de ser de mim? Quem penetra o fundo d'esta verdade, nem tem fé, nem intendo. Vede que bem a intendeu David e tambem seus inimigos.

Considerando-se David nos ultimos annos da velhice, compoz salmo septenta em que faz esta oração: Peço-vos, Senhor, no tempo da velhice, quando me saltarem as forças, não lanceis de vós nem me deixeis. Porque meus inimigos uniram e fizeram conselho contra mim, no qual disseram: Us deixou a David, agora é tempo de o perseguirmos e

Assim o experimentaram os judeus e o experimentam muitos christãos.

Como o intencionaram David e os seus inimigos.

Ibe tirarmos a vida, porque não tem quem o livre nem defenda: pelo que vos peço, Senhor, que não vos aparteis de mim. Duas grandes ponderações se encerram n'estas palavras. A primeira o fundamento que tomam os inimigos de David no seu conselho para o destruirem a seu salvo: a segunda o socorro que David pede a Deus para se defender e prevalecer contra elles. O fundamento do conselho dos inimigos é, que Deus deixou a David; e o socorro que David pede a Deus é, que o não deixe nem se aparte d'elle. De sorte que em Deus se apartar ou não apartar de David, assim no seu juizo como no de seus inimigos, consistia ou a sua vida, ou a sua morte; ou a sua destruição, ou a sua felicidade; ou todo o seu bem, ou todo o seu mal. Bem podera o conselho dos inimigos de David discorrer e dizer prudentemente: Agora é a occasião de prevalecermos contra elle, porque aquelle valor e brio com que vencia e matava os gigantes, carregado com o peso dos annos e cansado com os trabalhos da vida, já está enfraquecido e frío: agora é a occasião, porque pretendendo por uma parte Adonias e por outra Salomão succeder-lhe na corôa, não só está dividido o reino, mas vacillante a fé dos vassallos entre duas parcialidades: agora é a occasião, porque estando criminoso Joab pelas duas mortes de Abner e Amaza e tendo o governo das armas, antes se quererá defender com ellas, que expor-se desarmado ao castigo. Mas nem d'estas, nem de nenhuma outra consideração política, fizeram caso; e toda a resolução do seu conselho se fundou em Deus ter deixado a David, como suppunham. E do mesmo modo David não pediu a Deus a fidelidade dos vassalos, nem a concordia das parcialidades, nem o acerto da successão, nem a obediencia do general e sujeição do exercito, senão uma e outra vez que Deus o não deixasse nem se apartasse d'elle: *Ne derelinquas me; Deus, ne elongeris a me.* Porque, se Deus o não deixasse nem se apartasse d'elle, em qualquer estado e perigo das cousas humanas estava seguro; e pelo contrario, deixado e apartado de Deus, nem todo o mundo, ainda que o tivesse por si, o poderia defender nem livrar.

Livro de
experiencias
Samsão.

E se queremos vér a verdade d'este discurso de David e seus inimigos reduzida à practica e canonizada na experiençia; ponhamos deante dos olhos a famosissima historia de Samsão na primeira e segunda parte da sua vida; ou em quanto conservou inteiros os seus cabellos, ou depois que os teve cortados. E caso que parece fabuloso, se não fôra da Escriptura sagrada. Em quanto conservou os cabellos, era tão valente Samsão, que com as mãos nuas mettidas dentro das boccas dos leões lhes partia os queixos e os lançava mortos aos pés: era tão valente, que

terrando as portas da cidade de Gaza os philisteus para o prenderem dentro, elle, tambem sem outro instrumento que as mãos, quebrou os ferrolhos, e tomado as mesmas portas aos homens ih'as foi pôr sobre um monte á vista: era tão valente, que cercado de um grande exercito dos mesmos philisteus, com a queixada que ali achou de um jumento, matou não menos que mil d'elles: era tão valente, que dormindo e atado com septordas, uma vez de linho nunca usadas, outra vez de nervos rúis, outra cravadas fortemente na terra, só com o movimento de espantar rompeu tão facilmente aquellas ataduras, que pôderam ter mão em sete elefantes, como se foram teias de aranha. Pode haver maior maravilha, maior assombro, maior prodigo de forças? Nem se pode imaginar maior, nem já mais houve imilhante. Assim era aquelle só homem o terror e o medo universal das cidades e dos exercitos da mais forte e belicosa nação d'aquelle tempo. Voltemos agora a folha á mesma historia, veremos outro assombro maior. Vedes levar preso e maniando um miseravel homem, com o rosto derribado para a terra com a cabeça escalvada e sem cabello? Pois aquelle é o mesmo Samsão: porque uma mulher o entregou a seus inimigos e lhe o seu segredo a uma mulher, lá o levam a um carcere, cujas cadeias elle não pode quebrar e cujas portas não pode abrir: lá lhe arrancam ambos os olhos com que de novo lhe tam as mãos que já não temiam: de lá o tiram para morrer em sua atafona como jumento, ou esquecidos ou lembrados da queda do outro: e para mais escarneo e affronta do que tantas vezes os affrontou, nos dias de festa publica o mandavam bailar os seus banqueles; e aquelle mesmo Samsão, de cujo nome mudaram as trombetas dos exercitos de philisteus, agora mil adeante delles ao som das suas guitarras!

Ó mudança estupenda e inaudita! E mais estupenda ainda a causa que pelo effeito! Em Samsão não houve outra mudança que conservar ou não conservar os cabellos. E é possível que só porque perdeu os cabellos, perdesse o valor, as forças e a virtude com que obrava tantas maravilhas? E que a ma e gloria que com elles tinha ganhado se convertesse em extremo de miseria e infamia? Sim: porque debaixo d'esta sua exterior havia outra principal e occulta, que era haver-se apartado e deixado a Samsão. O mesmo texto sagrado o expressamente. Depois que Dálila lhe tinha cortado os cabelos sem o mesmo Samsão o sentir, porque estava dormindo, brado de que os philisteus vinham sobre elle, espertou sem mor, cuidando que se livraria das suas mãos tão facilmente, como as outras vezes: mas não sabia, diz o texto, que Deus

E por qual motivo foi ferzado do Deus.

Judeo. 46. se tinha apartado d'elle; *Nesciens quod recessisset ab eo Dominus.* Esse agora no caso e na verdadeira causa d'aquella tão notavel mudança. Samsão era de religião e profissão nazareno, cujo instituto principalmente consistia em conservar e nunca cortar os cabellos. Assim o declarou elle a Dálila, quando lhe descobriu o segredo. E como n'aquella cerimonia e protestação exterior consistia a observancia do seu instituto, em quanto conservou os cabellos, assistiu-o Deus; tanto que se sujeitou a que lh'os cortassem, apartou-se d'elle. De sorte que a fortaleza dos braços de Samsão e as maravillas que com ella obraava, não era virtude natural que os seus cabellos tivessem, mas concurso e influxo particular de Deus, com que pela observancia da sua profissão sobrenaturalmente o assistia. Assistido Samsão de Deus era o terror de seus inimigos, a fama, o assombro e o milagre da valentia; e pelo contrario, deixado de Deus, era o ludibrio e o escarnio dos mesmos inimigos e não só o exemplo mais raro da mudança, mas o despojo mais vil da fraqueza, do despotismo e da miseria. Assim levanta Deus a quem assiste: assim fica quem elle deixa; e assim ficou o ingrato e infeliz povo a quem hoje disse que havia de deixar. *Ego vado.*

*Como foi
deixada Jerusalem.*

III. E quando leve seu effeito esta partida e despedida do Senhor, deixando não as pedras de Jerusalem, senão os seus habitadores, mais duros que ellas? Segundo a historia de Josepho se pode reduzir ao tempo do cerco e destroição da mesma cidade por Tito e Vespasiano: porque então se ouviu claramente sair do templo uma voz que dizia: *Migremus hinc: Viamonos d'aqui: para que constasse aos de dentro e aos de fóra que Deus deixava e desamparava aquella casa que em todo o mundo era conhecida por sua.*

*E quando foi
deixada.*

Ieron. 42. Mas o certo é que o tempo em que Deus deixou aquelle ingratissimo povo, foi o mesmo em que elles o pozeram em uma cruz e o mesmo Senhor, que da sua carne e do seu sangue tinha tomado o corpo mortal, deu a vida tambem por elles. Ouve e ouçam os mesmos a clareza com que o tinha prophetizado o seu propheta Jeremias: *Reliqui domum meam: dimisi haereditatem meam: dredi animum meum in manu inimicorum meus.* Jerusalem e Judea era a que antigamente se chamava a casa e a herdade de Deus; e diz agora o mesmo Deus que não só deixou a sua casa, e renunciou e abriu mão da sua herdade; senão que a sua propria vida entregou nas mãos de seus inimigos: porque tudo sucedeu juntamente e no mesmo dia. No dia em que Deus se entregou nas mãos de seus inimigos e morreu pregado por elles em uma cruz, n'esse mesmo dia deixaram de ser casa sua e herdade sua; porque n'esse mesmo

dia os deixou e os lançou de si, e passou a sua fé, o seu culto e a sua egreja do povo judaico para o gentílico. Assim o significou na hora «de sua morte» o véu do templo, que cobria o Sancta Sanctorum, rasgando-se; e assim o ensinam S. Jeronymo, Sancto Ambrusio, Origenes, Theophylacto, Euthymio; e o confirma com autoridade pontifícia S. Leão.

Oh que admiravelmente concorda com este facto aquelle Vae do mesmo Christo, em quanto Deus, por boca do propheta Oseas Vae eis cum recessero ab eis! Onde a nossa vulgata diz: Ai d'elles quando eu me apartar d'elles! a versão hebraica tem: Ai d'elles quando eu tomar a carne d'elles. Assim trasladaram os septentriões, aos quaes seguem todos os padres principalmente gregos. Pois, porque Deus se havia de unir tanto com os hebreus que havia de tomar carne d'elles, por isso diz: Ai d'elles, e que se hade apartar d'elles? Sim: porque antes de Deus se fazer homem, muitas vezes quiz deixar e lançar de si aos hebreus pelas grandes ocasiões que para isso lhe deram com as suas ingratidões; mas sempre lhes perdoou. Porém depois que se fez homem da sua nação, e elles foram tão proterva e obstinadamente impios que, lomando d'elles o corpo e sangue, o corpo o pregaram em uma cruz e o sangue o derramaram, então se fizeram indignos de todo o perdão.

Ouvi quão descoberta e sentidamente lh'o declarou o mesmo Senhor: Ah! Jerusalém, Jerusalém, que matas e apedrejas os prophetas por meio dos quaes te chamou Deus e te quis unir a si! E quantas vezes quiz eu fazer o mesmo chamando os teus filhos, como a ave mais amorosa chama os seus para os abraçar consigo e os meter debaixo das azas, e tu não quizeste? Mas pois tu me não quizeste a mim, também eu te deixarei a ti. Porque depois d'este dia me não verá mais Jerusalém, senão quando eu fizer n'ella a ultima entrada, que será também ultima despedida. «Assim o disse Christo. E na verdade» ento o viram para nunca mais o verem, porque entraram em Jerusalém para morrer e «assim» a deixar e se ir: Ego rado.

IV. Miserevel foi Jerusalém, e sobre toda a miseria miserável, quando Deus a largou de si e a deixou. E acabou-se então quella miseria? Não. Porque na mesma Jerusalém, que acabou, era significada a alma, que não acaba, á qual tantas vezes a sagrada Escriptura se dá o mesmo nome de Jerusalém; e o é menor, nem menos lastimosa, mas digna de ser lamentada com maiores ais a miseria de qualquer alma, quando Deus a aparta d'ella e quando verdadeiramente se pode chamar alma exada de Deus. «Eu bem sei que em quanto o pecador vive toca a graça de Deus o deixa inteiramente. Porém desmere-

Confirma-se
com a
propheta de
Oseas c. 9.

E com as
palavras do
mesmo Salva-
dor em S.
Matheus c. 33.

Em Jerusalém
era significa-
da a alma do
christão.

cendo elle por seus peccados aquelles auxilios extraordinarios que triumphariam da obstinação de sua vontade, acontece quo, ainda que com a graça ordinaria absolutamente possa converter-se, de facto não se converte. E n'este sentido é deixado de Deus, porque fica entregue á sua obstinada vontade e a seus perversos appetites. E que lhe sucede em um estado tão lastimoso? O que sucede ao corpo quando d'elle se aparta a alma. Tem olhos e não vê: tem ouvidos e não ouve: tem lingua e não fala: tem pés e não anda: tem mãos e não obra: tem coração e não vive. Cego para não ver o que lhe convem, surdo para não ouvir os dictames da verdade, mudo para não confessar seus peccados, ou só por cerimonia e sem emenda: paralytico e tollido de mãos e pes para não fazer ação nem dar passo que não seja para sua perdição. Perdido nos pensamentos, perdido nas palavras, perdido nas obras, e dentro e fora de si todo e em tudo perdido. Considera-me um homem «que voluntariamente vive» sem uso de razão e um christão «que voluntariamente anda» sem lume de fé; e tal é o que Deus deixou e lançou de si. Cavallo no precipicio «que sacudiu o cavaleiro», nauio na tempestade «que perdeu o piloto», doença mortal sem medico «porque o não quiz receber». Em quanto a mão de Deus o deteve, não caiu: em quanto as suas inspirações o guiaram, não se afogou: em quanto os seus auxilios o socorreram, não morreu: mas «porque elle obstinadamente se retirou de Deus», logo o vereis precipilado, afogado e morto sem remedio.

Quantos deixados de Deus enchem o mundo!

Oh quantos deixados de Deus enchem hoje o mundo! E quão cegos são elles se não se vêem, e nós tambem se os não conhecemos! Quem é aquelle poderoso que de dia e de noite não cuida nem imagina senão como ha de faltar a cubija, inventando novas traças de adquirir e roubar o alheio, sem escrupulo nem pensamento de o restituir? E quem é aquelle prodigo no pedir, insensivel no dever e insaciavel no gastar sem conta, sem peso, sem medida, como se a culpa de não pagar, devendo, não fôra estar sempre roulhando; e assim vive, porque assim ha de morrer? É um deixado de Deus. Quem é aquelle soberbo, que por faltar sua ambição, reconhecendo em si a falta que tem de merecimento, não repará em derribar por meios caluniosos e traições os que quer fazer degraus para elle subir? E quem é aquelle que com subornos, com adulações, com hipocrisias e enganos, apezar da natureza, da fortuna, da justiça e da opinião, chega a conseguir e ser o que ellas lhe negavam; e não teme que ha de pagar na outra vida o que n'esta não hão de lograr sens descendentes? É um deixado de Deus. Quem é aquelle sensual que por faltar seu appetito com tanta publici-

dade nos vicios, como se foram virtudes, sem reverencia de Deus, nem respeito do mundo, nem pejo de si mesmo, nos anmos mais que da mocidade desbaratou a fazenda, a saude, a honra e a vida? E quem é aquelle que não tendo já mais que os ossos que mandar á sepultura, pelos não descarnar de todo, ainda á vista da morte, os leva a queimar no mesmo cemiterio; e por dar aquella lenha secca ao fogo que se accende e apaga em um momento, não faz caso, como se não tivera se, do ir arder para sempre no do inferno? É um deixado de Deus.

Estas são as tres estradas geraes por onde são deixados de Deus os que elle deixa «e os deixa, porque é deixado primeiro.» Assim o escreveu o mesmo Deus por lei expressa no capitulo trinta e um do Deuteronomio: *Ibi derelinquet me et derelinquam eum.* E assim o tirou por consequencia no segundo do Paralipomenon: *Quare dereliquistis Dominum ut derelinqueret eos?* Porque deixastes a Deus, para que elle vos deixasse? De sorte que o deixar e o ser deixado entre Deus e o homem é condição reciproca. Se Deus houvera de ser o primeiro que nos deixasse, nunca nos deixaria; mas porque nós somos os primeiros em deixar, por isso somos deixados de Deus. «E oh que estado terribilissimo, sobretudo quando este desamparo é final!»

Depois que o medico receiptou e applicou todos os remedios na arte sem nenhum esfeito ou proveito, antes vê que a infidelidade vai sempre de mal em peior, posto que deixa o inferno muito contra sua vontade, deixa-o em fim, porque é incapaz de traia. E isto mesmo é o que faz Deus: *Curavimus Babylonem, non est sanata: derelinquamus eam.* curamos a Babylonica, lo sarou, porque não quiz sarar, deixemola para sempre. Oh que terrível palavra *Derelinquamus* «deixar e para sempre.» Em todas occasões, ó alma («parece-me ouvir dizer ao Juiz eterno») em quantas occasões, ó alma, deixando-me tu lantas vezes, preceste que eu te deixasse! Quantas vezes te quiz trazer a mim; quantas vezes te quiz corar, e tu não quizeste! Aplicai-te primeiro os remedios brandos e lenitivos: vim por amor de ti à terra, prometi-te o céu, ensinei-te o caminho da vida e verdade, e fiz-me eu o mesmo caminho: temporalmente dei-te que tu chamas bens da fortuna e são meus; espiritualmente dei-te dos verdadeiros bens, que são os da minha graça, a ti tu perdeste, e eu te torno a restituir muitas vezes: cheguei a te dar minha propria carne e sangue por alimento e memento; e tu surda aos meus conselhos, rebelde ás minhas irações, dura e ingrata a tanto amor, a tudo resististe, e measte sempre as costas, fugindo como de inimigo de quem

Deus não deixa,
se não é
deusa.
do primeiro.

o desamparo
final.

Jerem. 31.

tanto te amava e tão devéras procurava seu bem. Não aproveitando os meios e remedios brandos, passei aos asperos e sensitivos. Dei-te doenças com que te mortifiquem a saude, dei-te perdas com que te diminui a fazenda, dei-te descreditos e desares com que magoem a honra: puz-te à vista ainda maiores trabalhos e desgostos que outros padeceram e as causas d'elles, para que com o exemplo das suas chagas curasses e emendasses as tuas: cheguei-te uma e outra vez ás portas da morte com as do inferno abertas, que tantas vezes me tinhas merecido: cuidei que com uma eternidade de fogo aquecesse a tua frieza, e a tua dureza se abrandasse: mas porque nada disto bastou para te reduzir, nem no céu, nem no inferno, nem em mim, nem fora de mim, tenho já que te applicar: posto que o meu amor e a minha misericordia te não quizera deixar, é força (pois assim o quer o seu depravado e obstinado alvedrio) é força que eu te deixe. Fica-te, e fica-te para sempre, que eu me vou: *Ego vado.*

O que faz n'este
desamparo
a alma infeliz
Texto de Da-
vid, commenta-
do por
Hugo Cardenal.

1700

Parece-vos, christãos, que ouvindo esta despedida uma alma, ainda que fosse de pedra, não se derreteria em lagrimas de dor e arrependimento? Pois sabei que quando Deus assim deixa estas miseraveis almas, então ficam elles mais contentes, e satisfeitas: porque como não tractam mais que do presente sem memoria do passado nem temor do futuro, deixados á natureza vivem ao sabor de seus desejos; com que esse pouco caminho, que lhes resta, o andam todos e cada um segundo as invenções de sua propria phantasia: *Dumisi eos secundum desideria cordis eorum, ibunt in adiventionibus suis;* «disse o mesmo Deus por hoca de David.» Não se pode passar em silencio o conceito da Hugo cardenal n'esse passo: *Bene dicit: ibunt in infernum, et hoc in adiventionibus suis, quasi in quibusdam vehiculis, quibus portabatur ad inferos.* Diz o texto que irão, *Ibunt;* e se vão, para onde vão? Para o inferno. Diz mais que irão nas suas invenções: *In adiventionibus suis;* e que invenções são estas? São como as que os homens inventaram para andar mais descansados, *quasi in quibusdam vehiculis.* Os da Europa andam em liteiras e carroças: os da Asia em palanquins: os da America em serpentinas. Os da Europa vão assentados: os da Asia e da America deitados e jazendo. Os da Europa tirados por animaes: os da Asia e da America levados em hombros de homens. «E do mesmo modo vão elles» carregados dos seus captiveiros, violencias e oppressões, mais facil e mais descansadamente ao inferno. Caim, depois que ouviu que a terra e o sangue que tinha derramado pediam ao céu justiça contra elle, que fez? É caso verdadeiramente digno de pasmo. Diz o texto sagrado que se

poz a edificar uma cidade, que foi a primeira do mundo, e lhe deu o nome de seu primogenito Henoch, e se chamou Henochia. Quem esperava de tal homem, e em tal estado, taes pensamentos e taes cuidados. De maneira que, condenado por Deus e vivo por particular indulgência de sua misericordia, em vez de te metteres em uma cova a fazer penitencia do teu peccado e ver se podes applicar a justiça divina, te pôis a fundar jurisdições e edilicar palacios ao teu morgado? Mas isto é o que fazem os deixados de Deus, como Caim e seus imitadores. Estão as terras bradando ao céu, está o sangue, ou derramado ou cbupado violentamente, pedindo justiça a Deus; e elles em vez de arrependidos tornarem a repor os cabedaelos, que adquiriram por força ou por más artes, e os dispenderem nas devidas restituções, o que fazem e o que sempre desejaram e pretendem por meio de tantos perigos da vida e da alma, é empregar o assim adquirido em morgados para os filhos e em edifícios vãos, que levantados hão de ser a ruina das mesmas casas. Ó ambição! Ó cegueira! Ó falta de fé e de juizo? Mas estas são as consciencias e as consequencias dos deixados de Deus: *Dimisi eos secundum desideria cordis eorum, ibunt in invenientibus suis.* Ai d'elles!

V. Ouvido o primeiro *Vae* da aguia e o primeiro ai da senga de Christo. *Ego rado;* passamos a ouvir o segundo: *Et quaeretis me.* Diz Christo Senhor nosso que depois de deixar quello ingrato e obstinato povo elles o hão de buscar, «mas abalde, porque não o acharão» e esta segunda clausula da sua sentença parece que se encontra «com a idea que temos da divina misericordia segundo todas as Escripturas do velho e novo Testamento.» Ora vede.

Virá tempo em que buscará a Deus, mas abalde.

Primeiramente, já no Testamento velho tinha Deus prometido a todos os que o buscassm o achariam. Assim o diz pelo profeta Jeremias: *Quaeretis me et invenietis.* E para maior confirmação o mesmo que acabava de dizer pela activa o torna a repetir na passiva: *Et inveniar a vobis:* achar-me-heis; e eu serei achado vós. «E no Testamento novo» não só nos aconselha e exhorta Christo a que o busquemos (que de si e de Deus falla principalmente); mas tambem nos promete e dá sua palavra, em que pode haver duvida, que o acharemos: *Quaerite et invenietis.* porque não cuidasse alguém que a esta diligencia de buscar teria faltar a ventura de achar pela indiguidade «de quem ca», confirma o Senhor a mesma promessa com uma proposta universal, que a ninguem exclui: *Omnis enim qui quaerit inveniet;* porque todo aquelle que me busca, me acha, seja quem for. Pois se é certo que todos os que buscam a Christo o acham:

Este desamparo parece que se encontra em a i feia que temos da divina misericordia segundo a Escritura. Jerem. 39.

Lxx 11

como diz o mesmo Christo que aqueles, de quem elle se apartou, o hão de buscar: *Quaeretis me:* porem que nem na vida, nem na morte o hão de acabar: *Et in peccato vestro moriemini?*

*Exemplos e
parabolias do
Evangelho.*

Isai. 65.

Mais. Não só é proprio da misericordia e bondade de Deus acharem-n'os os que o buscam; senão tambem os que o não buscam. Assim se gloria o mesmo Deus, e com muita razão, por Isaias: *Intenerunt qui non quaesierunt me:* acharam-me os que me não buscavam. A Magdalena buscou a Christo e achou-o: porém a Samaritana achou-o sem o buscar; ia buscar agua, e achou a Christo. Uma e outra cousa nos ensinou o mesmo Senhor em duas parabolias. Um homem, diz, indo seu caminho achou um thesouro no campo; e foi logo vender quanto tinha e comprou o campo para lograr o thesouro. E um mercador que andava buscando perolas, achou uma muito preciosa, e para a comprar deu por ella todo o cabedal que tinha. De sorte que o caminhante achou o thesouro sem o buscar, e o mercante achou a perola buscando-a; e ambos deram tudo pelo thesouro e pela perola: porque na perola e no thesouro era significado o que val mais que tudo, que é Christo. No mercante foi cuidado e diligencia achar a perola, porque buscava perolas, no caminhante foi caso e ventura achar o thesouro, porque não buscava thesouros; e em um e outro nos ensinou o mesmo Senhor que não só acham os que o buscam, senão tambem os que o não buscam. Pois se tambem os que não buscam a Christo o acham; como diz o mesmo Christo e annuncia aos de Jerusalem que o não hão de achar ainda, que o busquem, suppondo e affirmando que o hão de buscar: *Quaeretis me?*

*Outras parabolias que siguiam
ficaram
para mais.*

Mais ainda. Não só acham a Christo os que o buscam e os que o não buscam, senão tambem aquelles que nem o buscam nem o podem busear. Havia um pastor (diz o Divino Mestre) o qual tinha cem ovelhas, e como se lhe perdesse uma, deixou as noventa e nove no deserto e foi buscar a perdida. Achou-a e tomindo-a aos hombros a trouxe muito contente para o rebanho. Havia assim mesmo uma mulher a qual tinha dez drachmas, que era certa moeda d'aquelle tempo; e como perdesse uma, accendeu a candela e varreu a casa para a achar. Achou-a tambem, e convocou as vizinhas para que lhe dessem o paraben de ter achado a sua drachma perdida. Aquelle pastor e esta mulher significam o amor e a diligencia com que Christo busca aos homens, por mais perdidos que sejam. A ovelha e a moeda são as almas, marcadas ambas, a moeda com a sua cruz e a ovelha com o seu sangue. Agora pergunto: «A ovelha buscava ao pastor? E a moeda podia buscar à mulher? Nem uma nem outra cousa.» E comtudo assim a ovelha como a moeda

foram buscadas e achadas: para nos ensinar o mesmo Christo que é tão diligente o seu amor e tão amorosa a sua diligencia em buscar as almas, por mais perdidas que estejam, que não só busca e acha as que o não buscam, senão tambem as que o não podem buscar. Ajuntemos agora todas estas demonstrações e tiremos e apertemos a consequencia, que não pode ser nem mais admiravel, nem mais temerosa. É possivel que busca Christo e acha aos que o buscam, e busca e acha aos que o não podem buscar; e que ameaça e prophetiza ao povo hebreu «e a todos os outros peccadores rebeldes á sua graça» duas cousas tão encontradas com estas escripturas e estes exemplos: a primeira, que o hão de buscar: *Quaeretis me;* e a segunda, que o não hão de achar, mas perecer em sua propria perdição: *Et in peccato vestro moriemini?*

VI. A resposta d'esta tão fundada e apertada duvida, quanto ao povo hebreu, é tão expressa na Escriptura como manifesta na experientia. Sabes, povo ingrato e cego, porque ha tantos annos que buscas e esperas com tantas ancias o teu verdadeiro Messias, e não o achas, nem elle a ti? «É porque o não buscas como o havias de buscar»: é porque o buscas indo para deante, sendo que o havias de buscar tornando atraz. Se um piloto para achar a terra que lhe demora ao norte, a buscasse pelo rumo do sul, e para o mesmo sul navegassem sempre, claro está que não só não havia de achar o porto que buscava; mas que quanto mais navegassem, tanto mais se havia de apartar a estar mais longe d'elle. Isto mesmo é o que succede aos judeus com o seu Messias. Como o Messias ha «tantos seculos» que veio e lhe fica ao tempo passado, e elles ha outros tantos me o esperam e buscam no futuro, dizendo que não veio, sendo que ha de vir; esta é a razão, porque não só o não acham or mais que o buscam, antes quanto mais o buscam indo para deante, tanto mais se apartam d'elle e se impossibilitam de o achar. D'onde se segue que para os judeus acharem o Messias necessario que o busquem tornando atraz; e que quando assim o fizerem, como farão, quando se converterem no fim do mundo, então o acharão. «Porém no entretanto» não ha duvida se bem digna é a miseravel Jerusalem d'aquele segundo dia cegueira culpavel e obstinada com que ha tantos centos de milhares que busca e espera; alongando-se cada dia mais do que seca e não ha de achar, do que espera e não ha de vir.

Como se explicava isto em a nação judaica.

VII. Mas como na mesma Jernisalem é significada a alma de qualquer christão, tão maravilhosa como tremenda cousa é que obtem em nós se possa verificar que busquemos a Christo, quem cremos com verdadeira fé, e com tudo o não achemos.

Como se explicava na alma christã. Expli-
cação de Sancto Agostino.

«Este é, christãos,» o poncio mais apertado e terrível da materia presente. O propheta Isaias, que mais que todos foi propheta da lei da graça, diz que busquemos a Christo em quanto o podemos achar, e chamemos por elle em quanto está perto: *Quaerite Dominum, dum inveniri potest, invocate eum, dum prope est.* Logo suppôi que ha tempo em que o não podemos achar, ainda que o busquemos, «e suppôi que elle se pode afastar de nós. E como é que Deus estando em toda parte se pode afastar de alguem? Eu o explicarei, responde Sancto Agostinho:» Vedes dous homens junctos; e se perguntardes se são amigos, responderá quem os conhece, que estão muito longe d'isso: pela presençā ambos junctos, pela amizade muito longe um do outro. Tal é a similitudā de que usa o propheta. Cada peccado grave aparta a Deus de nós; e se os peccados são muitos e continuados por muitos dias, a cada dia e a cada peccado se vai sempre Deus apartando mais e mais. Faça agora o cōmputo o peccador, que não ha dias nem mezes, senão annos e muitos annos, que continua a estar sôra da graça de Deus, e conte quantos são os dias e quantos os peccados (que ao menos de pensamentos sempre são muitos mais que os dias); e d'ali conjecturará de algum modo quanto longe estará de Deus «no poncio da morte» e Deus d'elle. E quando conhecer quão longe «estará de Deus n'aquelle hora», então intenderá tambem se poderá ser ouvido quando o invocar de tão longe.

Não é absolu-
tamente impor-
tante a con-
versão em pon-
cto de morte,
mas é
rareissima.

Eu não quero desconfiar nem meter em desesperação a nenhum peccador, por grande que seja, e por mais que se acho cercado de todos os peccados de sua vida, ainda na ultima desconfiança e perigo d'ella, e já a braços com a mesma morte. «O que sei é, que pode Deus na maior manifestação da sua misericordia buscar tambem aos que o não buscam, antes fogem d'ele, como fez com Paulo, seu perseguidor; e vencer até no poncto da morte a obstinação de algum peccador dos mais endurecidos, como o fez com Dimas, o ladrão convertido. Porrém não é esta a regra ordinaria. De regra ordinaria os que não buscam a Deus em quanto o podem achar, e não chamam por elle em quanto está perto, ainda que depois o busquem no poncto da morte não o acharão».

Por não se bus-
car a Deus
com todo o co-
ração. P.
de Agostino ex-
pressa la Deus
em *Deuterocor-
inio* e I
Testo de Sancto
Agostinho.

Esta sentença que é commun na doutrina dos sanctos Padres se prova por dous principios um da parte de Deus, outro da parte do mesmo homem. Comegando pelo homem: «não nego que se buscar a Deus com todo o coração, ainda que esteja com a candeia na mão, achal-o-ha, e Deus não o lançará de si: se chamar por Deus com todo o coração, ainda que seja com a ultima boqueada, por muito longe quo esteja Deus, o

ouvirá : *Cum quæsieris Dominum Deum tuum, invenies eum, si tamen todo corde quæsieris*: é doutrina expressa do capítulo quarto do Deuteronómio. «Mas o perigo da dificuldade está em buscar a Deus com todo o coração.» Porque para o homem buscar a Deus com todo o seu coração é necessário que o coração do homem seja todo seu, e n'aquelle hora não é seu, nem é todo. Quando é o coração todo e quando é nosso? É nosso quando o não domina, e é todo quando o não diverte outro cuidado: *Tunc porro todo corde clamatur, quando alunde non cogitatur*, diz Santo Agostinho. Considerae-me agora um homem nas últimas angustias da infermidade e quasi luctando já com a morte; e vereis não só com o discurso, mas com os olhos; quão dividido tem o coração, para que não possa ser todo, e quão divertido e senhoreado de diferentes cuidados, para que não possa ser seu.

Os que se guardam para aquella hora no principio da infermidade, ou lisonjeados dos medicos e dos que os assistem, ou enganados do amor da vida, só tractam da saude do corpo; e quando esta se desconfia totalmente e se começa a dizer entre dentes que morre o inferno, então lembra e se accede à alma e aos remedios da salvação; então se chama o confessor á pressa, então vem o notario para o testamento, então cresce a febre e as dores, então se applicam os medicamentos extremos e os martyrios mais fortes. E qual estará o coração do miseravel inferno n'esta angustia? Vede qual será a confessão dos peccados de toda a vida! Vede quaes serão as clausulas e declarações do testamento, em quem sempre viveu com pouca conta e com pouco ou nenhum escrupulo! A memoria perdida; o intendimento sem juizo; a vontade attonita e pasmada; os sentidos todos só vivos para a dor, e para o mais já quasi mortos; a alma na garganta, e a respiração agonizante. O que transstão apertado! Ajunctas ao interior d'estas afflicções as lagrimas da mulher, o amparo ou desamparo dos filhos, a satisfação dos criados, a paga das dívidas, a instancia dos acreedores, as restituções do mal adquirido, as negociações dos interessados na herança do que se deixa por força, e sobre tudo o temor da conta, tamhein forçado, e não por verdadeiro arrependimento; ouvindo-se a invocação do nome de Jesus na bocca do religioso que assiste à cabeceira, e não saindo do coração de quem nunca o amou e só agora o teme, porque mais não pôde. Oh! valha-me Deus, quão longe estará de ouvir estas vozes sem alma o mesmo Deus! E n'esta perturbação, n'esta confusão, n'este labirinto de cuidados e afectos, tão implicados os d'este mundo com os do outro, como poderá dar todo o coração a Deus, nem

Estado de um
moribundo.

Or. 10.

offerecer-lho como seu, quem por dividido e alienado totalmente já não é senhor de si, nem possui d'elle a minima parte? Aqui se cumpre o que disse o propheta Oséas: *Dicatum est cor eorum, nunc interibunt.* Ai dos que assim seem dividido o coração, que n'este estado e n'este instante lhes chegou a hora de perecerem!

A graça de Deus e os que morrem em peccado.

Esta é a razão natural e evidente pela qual o homem reduzido áquelle ultimo conflito não pode invocar a Deus de todo seu coração, porque já não é todo, nem seu. E sobre esta, que tanto devemos temer, se accrescenta da parte de Deus outra muito mais temerosa, porque não é fundada na nossa fraqueza senão na sua justiça. N'aquelle estado tão estreito e em qualquer extremo da ultima desesperação, poderosa é a misericordia e graça divina para livrar e pôr em salvo ao maior peccador; mas justissimamente não quer Deus «de lei ordinaria» usar com elle da eficacia d'estes seus poderes na morte, porque também elle se não quiz converter a Deus, em quanto pôde na vida. E porque a maleria é tão occulta aos vivos que só passa entre Deus e as almas dos que morrem; ouçamos de boca do mesmo Deus esta sentença e regra geral do seu tremendo e rectissimo juizo.

Deut. 32. 10. Proverbios.

No primeiro capítulo dos Proverbios fala Deus não com um senão com muitos, porque aquelles a quem succede esta desgraça não são poucos; e diz assim: Chamei-vos com as vozes e não me quizestes ouvir: chamei-vos com as mãos e com os braços abertos, e não quizestes vir a mim: aconselhei-vos, e desprezastes todos os meus conselhos: reprehendi-vos, e não fizestes caso de minhas reprehensões; e eu que farei? Quando vier a morte e com ella tudo o mais que vós temieis ou devieis temer, eu também zombarei e rirei de vós: *Ego quoque in interitu restro ridebo et subsannabo, cum robis id, quod timebatis, advenierit.* Quando a ultima calamidade da vida, que é a morte, vier sobre vós como uma tempestade subita e repentina, porque a não esperaveis; e quando vos vírdes afogados de afflições e angustias, então recorrereis a mim: mas, assim como quando chamei por vós me não quizestes ouvir, assim eu vos não ouvirei, quando me chamardes: *Tunc invocabunt me, et non exaudiam;* e assim como quando vos eu busquei, vos não achei, assim vós me buscareis e não me achareis: *Mane consurgent et non invenient me.* Deixados pois de mim na morte, como elles me deixaram na vida (diz Deus), lá irão onde comam os fructos das suas obras e se fartem dos seus conselhos: *Comedent igitur fructus riae suae, suisque consilii saturabuntur.* Vede se cairá bem o segundo ai de S. João, sobre esta far-

tora de penas, que será insaciável por toda a eternidade: acabando n'aquelle hora os que se guardaram para ella e não achando a Deus, posto que o busquem, nem sendo ouvidos d'elle, posto que o chamem; «porque o não buscam nem chamam com todo o seu coração.» Ai de vós, infelizes almas e para sempre infelizes!

Grande parte d'este mundo, e não a menor dos grandes d'elle, acaba d'esta sorte; e deixam tão enganados os mortos aos vivos, que não só crêem estes e celebram que morreram pia e christâmente; mas não faltam espíritos ilusos ou lisongeiros que com singidas ou sonhadas revelações afirmam que brevemente os viram sair do purgatorio; onde, foram ditosissimos, se tivessem entrado. A verdadeira revelação da boa morte é a boa vida. E para que acabem de se desenganar os que debaixo d'esta vã confiança assegura o demônio para que vivam e morram do mesmo modo, ouçam a Sancto Agostinho. Se algum obrigado da ultima necessidade da doença nos pede o sacramento da penitencia, confessoso-vos, diz pregando Sancto Agostinho, que os bispos e sacerdotes lhes não negamos o que pede; mas nem por isso presumimos que sai bem d'esta vida: *Si quis positus in ultima necessitate aegritudinis suae poenitentiam accipit et hinc vadit, fateor vobis, non illi negamus quod petit; sed non praesumimus quia bene hinc exit.* E Sancto Ambrosio apertando o mesmo ponto: Se cuidais que os que deixam o arrependimento de seus peccados para a infernidade da morte, não seguros de sua salvação, eu vos protesto que nem afirmo nem prometto, nem digo tal cousa, porque o não presumo assim, nem vos quero enganar. Notae o peso das palavras com que diz e repete este desengano o eloquentissimo doutor: *Non prae sumo, non pollicor, non dico, non vos fallo, non vos decipio, non vobis promitto.* E o que Sancto Agostinho e Sancto Ambro-
nio não se atrevem a presumir e protestam que vos não enganam, isso credes vós e celebrais, porque também fazeis conta de vos salvar na mesma tafosa.

A causa d'este engano e falsa apprehensão dos que cá ficam são aquelles actos exteriores com que parece morrem contritos os que viveram impenitentes: mas vai muito do medo à condenação e da penitencia apparente á verdadeira. E para prova solidá e irrefragável no mesmo caso ouvi outra revelação, não como as vossas, senão divina e de fé escripta no livro dos Mâhabeos. Autiocho Epiphanes, rei da Grecia, foi o mais capital oprimigo da fé e lei de Deus e da gente hebréa, em a qual n'aquelle tempo estava a verdadeira egreja. Resoluto pois este tyranno de destruir totalmente, extinguir e tirar do mundo o nome

*Geralmente os
que viveram
mal,
morrem mal.*

*Exemplo
do Autiocho.*

E a nação dos judeus, marchava com formidavel exercito contra Jerusalém a grandes jornadas, quando subitamente se achou opprimido de uma grandissima e mortal infernidade, a qual obrou n'elle aquellos efeitos que costuma cansar nos mais obstinados animos a vizinhança da morte, quando se não esperava. Foi tal a mudança em tudo o que se via e ouvia em Antiocho, que não parecia o mesmo. Era soberbissimo; e já não só conhecia, mas confessava publicamente a fraqueza e miseria de todo o poder humano: era gentio; e não só prometeu de receber a fé do verdadeiro Deus, mas de a extender e pregar por todo o mundo: ia determinado a destruir e extinguir os judeus; e não só lhes pediu perdão dos danos rerebidos, mas lhes ofereceu satisfação com vantagens eguaes aos seus mais nobres e estimados vassallos: levava no pensamento a destruição de Jerusalém e do templo: e sobre os votos de o enriquecer com novos thesouros e ornamentos, elle tornou por sua conta as despesas de todos os sacrificios, sacerdotes e culto divino. De todas estas promessas fez Antiocho escripturas authenticas, firmadas de sua propria mão e encarregada a execução d'ellas depois de sua morte a seu filho e successor, com as maiores demonstrações de benignidade e encarecido affeto. Emlim morreu d'aquelle infernidade e n'aquelle estado Antiocho, e pergunto se se salvaria? Este homem e senhor de tantos homens, com tantas e tão manifestas demonstrações de arrependimento, salvar-se-ia n'aquelle hora? Bem creio que dirão que sim os que com menos milagres e muito diferentes exemplos beatificam e canonizam outras mortes. Mas que diz a revelação divina expressa na Escriptura sagrada? Diz que pesando mais doante do tribunal divino os peccados da vida passada que as demonstrações da emenda presente, por mais que o miseravel Antiocho orou a Deus, não foi ouvido d'ele: *Orabat autem hic scelustus Dominum, a quo non erat misericordiam consecuturus.* Oh! quanto vai dos juizos dos homens, que não passam do exterior, ao juizo e conhecimento de Dens, que vê e penetra os corações! Todo aquelle apparato, de promessas e arrependimentos não foi bastante para livrar a Antiocho da culpa, nem da pena eterna; porque era nascido de medo e desejo de escapar do perigo em que se via, e não de pezar de haver offendido a Deus, nem da verdadeira contrição; diz com a voz commun dos interpretes Lyrano. Pois se a doença era verdadeira e as dores que padecia verdadeiras e o perigo com a morte deante dos olhos verdadeiro, o sobre todo verdadeiro o conhecimento de que Deus o castigava por seus peccados, e a confissão d'elles verdadeira; porque não foi tambem verdadeira a

contrição? Porque «ainda que buscou a Deus e chamou por elle, não o buscou nem chamou com todo o seu coração.»

Por certo tenho que se Antiocho escapasse da doença com vida e se visse outra vez inteiramente convalescido, com as mesmas trombetas que lhe festejassem a saude havia de mandar marchar o exercito contra Jerusalem e pôr em execução quanto d'antes pretendia. E se não, ponhamos os olhos na experiença, em homens de menos má vida e de mais antiga fe que a de Antiocho. Quantos vimos que chegados áquelle extremo perigo, abraçados com um Christo, se empenham com suas chagas de nunca mais o offender, premettendo e multiplicando votos de emendar a vida e ser sanctos se escapassem? Escaparam por mercê do mesmo Senhor; e que fizeram? Depois que se pozeram em pé, a primeira jornada foi ir dar graças a Deus à Penha de França; e a segunda romaria a reconciliar-se com o ídolo a quem d'antes adoravam. Pois estes eram os votos? Estes os arrependimentos? Estas as contrições? Ou estas as trações? Sim. E vi eu algum que depois de assim escapar com a saude do corpo e recair com a da alma, lhe sobreveio subitamente um tal accidente que logo lhe tirou a saffá e pouco depois a vida; para que no mesmo que não tinha cumprido as suas promessas se cumprisse a de Christo: *Et in peccato restro moriemini.*

VIII. Somos chegados ao terceiro e ultimo ai, que será eterno no inferno; e a mim me falta o tempo para o ponderar dignamente. Abbreviando pois esta grande materia, saibamos que pecado é este em que diz Christo que hão de morrer os ameaçados; e propriamente se chama peccado seu: *in peccato vestro.* Aquelles com quem o Senhor immediatamente fallava, quando pronunciou esta sentença era o povo de Jerusalem; e assim como todas as nações teem os seus vicios particulares a que naturalmente são inclinadas e sujeitas, assim o vicio e peccado da nação hebreia e que propriissimamente merece o nome de seu, é o errar na fé. Não são só os nossos livros, nem só os nossos autores, que testimunham a uma voz esta verdade, senão os mesmos Livros e Escripturas sagradas de todo o Testamento velho em que elles e nós cremos. E de nenhum modo podem negar os hebreus haver sido sempre este o seu vicio e o seu peccado.

Os doze tribus de Israel, como filhos nasceram na Mesopotamia e como povo no Egypto. Na Mesopotamia como filhos na casa e família de Jacob, e no Egypto como povo, porque alli engrossaram, cresceram e se multiplicaram em grande numero. Mas passando depois de livres a captivos, devendo como filhos

A sua conser-
são foi si-
milante a de
muitos chris-
tianos

O pecado em
que imediatamen-
te o judeu foi
errar na fé, pec-
cado proprio
de iquelle
nação

Prova-se com
toda a sua his-
tória e com o
testo do
psalmo 91.

confessar a fé de seus pais, seguiram como escravos a idolatria de seus senhores. Depois de libertados pelos erros que commetteram nos quarenta annos do deserto, mereceram da bocca de Deus ser chamados os que erram sempre: *Quadraginta annis proximus fui generationi huic, et diri: Semper hi errant corde.* Sempre disse a censura divina, e foi prophecia do que sempre haviam de ser, como verdadeiramente tem sido. E como este é o vicio nacional e o peccado em que, antes do Christo e depois de Christo, sempre cairam e obstinadamente perseveraram os judeus, que o não receberam nem conheciam; este é o peccado em que vivem e este o peccado em que morrem, e este o peccado seu, em que Christo lhes prophelizou que haviam de morrer: *Et in peccato vestro moriemini.* «Tremendo castigo que, ha mil e seiscentos annos, se está executando punctualmente» como vêem os olhos de todo o mundo e os mesmos judeus não podem negar. Sem rei, sem principe, sem sacrificio, sem altar, sem sacerdocio e o mais que a elle pertence, andam deslerrados «conservando no meio de todas as nações o ferrete da sua reprovaçao.» *Dies multos sedebunt filii Israel sine rege et sine principe et sine sacrificio et sine altari et sine ephod et sine theraphim:* lhes prophelizou Oseas oitocentos e cincoenta annos antes da vinda de Christo.

O peccado pro-
vado em que
morrerá os om-
bros judeus
não tem es-
pecie
particular.

«E se tal» é o peccado e a morte sobre que cai na obstinação final do judeu o ai de S. João tão justa como lastimosamente, qual será o peccado em que morre ou ha de morrer «o peccador christão» e se chama com a mesma propriedade peccado seu: *Et in peccato vestro moriemini?* Não tem especie particular; mas pode ser de qualquer especie. É pois aquelle vicio a que a inclinação de cada um mais o arrasta e sujeita, o qual começando em acto passa a ser habito, e continuando em habito chega a ser natureza, como diz Sancto Agostinho; e como a natureza não se muda até à morte, também elle não tem emenda na morte, se a não leve na vida.

Observação
festa do psalmo
Miserere

No psalmo *Miserere*, em que David pede perdão a Deus e chora o adulterio commetido com Borsabé, cinco vezes «em cinco clausulas seguidas» chama seu aquelle peccado: *Dele ini-
quitatem meam: amplius lava me ab iniuitate mea, et a pec-
cato meo munda me: quoniam iniuitatem meam ego cognosco;
et precentum meum contra me est semper.* E quanto durou Da-
vid n'aquelle peccado? Muito, mas não chegou a um anno. E se a um peccado emendado e chorado, e que não chegou a um anno, lhe chama David tantas vezes seu: o peccado de tantos annos e de toda a vida; o peccado que nasceu, cresceu, envelheceu e viveu sempre com vosco, porque não será vosso? Vosso,

porque o comprastes com a fazenda, com a honra, com a saúde e com tantos perigos da vida. Vosso, porque d'estes por elle a consciencia, a alma, a graça de Deus e o mesmo Deus. Vosso porque vos vendestes ao demonio para o adquirir e possuir, sem vos poder arrancar d'esta continuada e escandalosa posse, nem o respeito da justiça ecclesiastica, nem as ameaças da divina, nem o amor do céu, nem o temor do inferno. Vosso, emtis, porque nem na morte o deixastes, nem a morte que tudo acaba pôde acabar que o não levasseis comvosco: *Et in peccato vestro moriemini.*

Não ha melhor exemplo nem mais propria similitudine para explicar o inseparavel perigo de morrer em peccado, que o casamento. O casamento é um contracto que de sua natureza dura até á morte, nem antes d'ella pôde haver separação dos que o contrahem. Tal é o jugo inseparavel a que estão sujeitos os que vivem «como» casados com o seu peccado. Ainda que se queiram apartar, tanto pelo costume inveterado que se tem convertido em necessidade, quanto pelo justo juizo e castigo de Deus que assim o permite, nem o peccado habitual se aparta do peccador, nem o peccador, do peccado senão mediante a morte; e por isso todos morrem geralmente no seu peccado: *Et in peccato vestro moriemini.* Vae ai de ti, miserável! que se apartou Deus de ti: *Ego rado.* Vae ai de ti, infeliz homem! que não achaste a Deus «quando o buscaste, por não buscal-o como devias:» *Et quareritis me.* Vae ai de ti, mofino e maldito homem! que porque não tractaste da salvação na vida, a perderás por toda a eternidade na morte: *Et in peccato vestro moriemini.*

IX. Homens, se temos uso de razão, christãos, se ainda não está apagado de todo em nós o lume da fé, reparemos bem e consideremos n'estas clausulas tremendas da sentença de Christo: «não nos lisonjeemos, não nos enganemos, não atraíçoeamos as tristes almas nossas com differir a penitencia para o ponto da morte. Penitencia, penitencia em quanto é tempo. O tempo que temos para fazer penitencia é o tempo presente: *Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis.* Agora é o tempo de achar a Jesus, agora é o tempo aceitável, este é o dia da salvação. Notae bem *ecce nunc dies*, o dia de hoje e não o dia de amanhã: até um poeta gentio e de má vida o intendeu e aconselhou assim: *Sera nimis vita est crastina, vive hodie:* se queres viver bem, começa, e vive hoje; que amanhã já é tarde. Todos os homens prometem a Deus o dia de amanhã, e quasi todos dão ao demonio o dia de hoje. Este é o contracto tacito ou expresso que tem feito com o inferno: *Cum inferno fecimus*

O peccador
morre naquelle
peccado com
que se acha co-
mo casado.

Conclusão.
Deve se fazer
penitencia, e
já sem demora.

pactum. «Oh que contracto tão injusto! oh que contracto tão horroroso! Dar ao demônio o dia de hoje, e deixar para Deus o dia de amanhã! Dar ao demônio o dia de hoje que é certo, e deixar para Deus o dia de amanhã que é incerto! Dar ao demônio o dia de hoje que está presente, e deixar para Deus o dia de amanhã que nunca chega!» E por este modo de manhã em manhã e de dia em dia, leva o demônio todos os dias e também leva os que lhe dão. «Logo penitencia, chrisíos, e penitencia desde o dia de hoje.» Se queremos segurar a vida e saúde eterna, não guardemos o arrependimento para a morte, nem a emenda para a infirmitade. *Poenitentiam age dum sanus es*, conclui São Ambrosio; *Si enim agis poenitentiam dum sanus es, et incenerit te novissimus dies, securus es*. «Oh que palavras tão divinas! *Poenitentiam age dum sanus es*. Confessa-te com verdadeiro arrependimento, desconta os teus peccados com obras de satisfação, como jejuns, esmolas, orações; mortifica os teus appetites desordenados, a tua cubica, a tua vaidade, o teu orgulho, a tua gula, a tua sensualidade; enfim começa nova vida: mas tudo isto em quanto estás com saúde, *dum sanus es*. E qual será a consequência? A consequência será qual eu desejo para cada um dos meus ouvintes e foi o fim d'este largo sermão: se fizeres penitencia em quanto estás com saúde, achar-te-há a morte sem receio de morreres em peccado: *Si enim agis poenitentiam dum sanus es, et invenerit te novissimus dies, securus es*.»

(Ed. ant. tom. 6.^o pag. 446, ed. mod. tom. 9.^o pag. 300).

I. SERMÃO DA TERCEIRA QUARTA FEIRA

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1669

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—É este um dos sermões mais perfeitos que saíram da pena do grande Vieira. Invenção, disposição, elocução, tudo n'ele é sumamente admirável: porque no mesmo tempo é claro, practico e sublime. Mercoer ser lido e estudado muito.

Nescitis quid petatis.

S. MATTH. 20.

Dous logares e dous pretendentes, um memorial e uma intercessora, um principe e um despacho são a representação política e a historia christã d'este evangelho. Nos logares temos as mercês, nos pretendentes as ambições, na intercessora as valias, no memorial os requerimentos, no principe o poder e a justiça, no despacho o desengano e o exemplo. «D'este ultimo havemos de fallar hoje.» A infermidade mais geral de que adoecem as cōrtes, e a dôr ou o achaque de que todos commumente se queixam, é de mal despachados. Em alguns se queixa o merecimento, em outros a necessidade, em muitos a propria estimação e em todos o costume. O benemerito chama-lhe sem razão, o necessitado diz que é crueldade, o presumido toma-o por agravo, e o mais modesto da-lhe nome de desgraça e pouca ventura. E que não houvesse alégora no pulpito quem tomasse por assumpto a consolação d'esta queixa, o alívio d'esta melancolia, o antídoto d'este veneno e a cura d'esta infermidade! Muitos dos infermos bem haviam mister «algum socorro efectivo;» mas à obrigação d'esta cadeira (que é de medicina das almas) só lhe toca disputar a doença e receitar o remedio. E se este for provado e pouco custoso, será facil de aplicar. Ora eu movido da obrigação e da piedade, e parecendo-me esta matéria uma das mais importantes para todas as cōrtes do

o evangelho do dia e os tal despachos fôr com necessidade de consolation.

mundo e a mais necessaria para a nossa no tempo presente, determino pregar hoje a consolação dos mal despachados. Nem com a ambição dos Zebedeus hei de condemnar os pretendentes, nem com a negociação da mãe hei de arguir os intercessores, nem com a resolução de Christo hei de abonar os principes e os ministros; só com o desengano do requerimento, *Nescitis quid petatis*, pretendo consolar efficazmente a todos os que se queixam dos seus despachos, ou se sentem dos alheios. Consolar a um mal despachado é o assumpto do sermão. Se com a graça divina se conseguir o intento, sairão hoje d'aqui os pretendentes commedidos, os ministros alliviados, os bem despachados confusos e os mal despachados contentes. Ajude Deus o zelo com que elle sabe que fiz eleição d'este poncto.

O que se deve tem excluir d'este numero.

II. Havendo pois de consolar os mal despachados, aquella gente muita e não vulgar «que vive sem consolação»: para que procedamos distinctamente e fallemos só com quem devemos falar, e necessário excluir primeiro d'esta honrada lista os que importunamente e sem razão se querem metter n'ella. E quem são estes? São aquelles que sendo hoje tanto mais do que eram, e tendo tanto mais do que tinham, e estando tanto mais levantados do que estavam, ainda se queixam e se chamais mal despachados.

*Pretendão de
os que se deve
tem excluir
d'este numero.*

Adão, antes de Deus o formar, não era nada; formado era uma estalua de barro lançada n'aquelle chão. Bafejou-o Deus, pôz-se Adão em pés, começou a ser homem; e foi com tão extraordinaria fortuna que tinha (diz o texto) elle só tres presidencias: a presidencia da terra sobre todos os animaes, a presidencia do ar sobre todas as aves, a presidencia do mar sobre todos os peixes. Estava bem despachado Adão? Parece que não podia ser mais nem melhor. Com tudo nem elle, nem sua mulher ficaram contentes; ainda pretendiam. E que? Não mais que ser como Deus! *Eritis sicut dii.* Ha tal ambição de subir? Ha tal desatino de crescer? Antehontem nada, hontem barro, hoje homem, amanhã Deus? Não se lembrava Adão do que era hontem e muito mais do que era antehontem? Quem hontem era barro não se contentará com ser hoje homem e o primeiro homem? Quem antehontem era nada, não se contentará com ser hoje tudo e mandar tudo? Não: porque já então era Adão como hoje são muitos de seus filhos, que saem como elle ao barro e ao nada de que foram creados, descontentes e ingratos, quando deveram estar mui contentes e mui agradecidos. E a razão «de estarem descontentes» é, porque dos sentidos perderam a vista e das potencias a memoria: nem olham para o que são, nem se lembram do que foram.

Mas do que ereis e do que sois passemos ao que tinheis e ao que tendes. Entronizado José no governo e imperio do Egypto, soube el-rei Pharaó que tinha pae e irmãos na terra de Canaan, e mandou-os logo chamar para que viessem ser companheiros da fortuna de seu irmão. O recado foi notavel e dizia assim: Vinde logo e não deixeis causa alguma das vossas alfaias; porque todas as riquezas do Egypto hão de ser vossas. Este porquê não intendo. Antes porque todas as riquezas do Egypto haviam de ser suas, não era necessário que trouxessem causa alguma do que tinham em Canaan. Pois porque lhes manda Pharaó que tragam todas as suas alfaias? Por isso mesmo: para que cotejando as alfaias da fortuna presente com as da fortuna passada conhecessem melhor a mercé que o rei lhes fizera. Eram os irmãos de José uns pobres lavradores e pastores: saiam de cabanas e telhados de colmo para virem morar em palacios dourados debaixo das pyramides e obeliscos do Egypto. Pois tragam as suas pelles, as suas mantas, os seus pellotes de panno da serra: tragam as suas samarras, as suas alpacaas, as soas gualteiras: tragam as suas escudellas de pau e os seus farros de cortiça, para que quando se virem com as paredes ricamente entapizadas, a prata rodar pelas mezas, a seda e o ouro das galas, as perolas e os diamantes das joias, os creados, os cavallos, as carroças, conheçam quanto vai de tempo a tempo e de fortuna a fortuna e dêem muitas graças a Pharaó. Quer cada um conhecer e vér e apalpar a muita mercé que o rei lhe tem feito? Coteje as suas alfaias; as da casa e as da rua, as suas e as dos seus. A comparação d'este muito com aquelle pouco, oh! quanto serviria para o agradecimento e para a modestia, e ainda para fazer lastro á mesma fortuna!

Visto já o que ereis e o que sois; o que tinheis e o que tendes, resta a combinação dos logares onde estaveis e onde estais. No segundo livro dos reis capítulo septimo, estão registradas as mercês que Deus tinha feito a David e diz assim o registro: Eu tirei, a David, de entre os pastores onde guardava as ovelhas de seu pae; e o fiz capitão e governador sobre todo o meu povo: *Ego tuli te de pascuis sequentem greges, ut esses dux super populum meum.* Não só diz Deus o logar onde o poz, senão tambem o logar d'onde o tirou; o onde e mais o d'onde. Pois, Senhor meu, que tão grandioso sois, se quereis que liquem registradas em vossos livros as mercês que fizestes a David, porque mandais que se registrem tambem n'elle o exercicio de que vivia e o logar humilde de que o levantastes? Para que á vista d'esto logar conheça melhor David a grande mercé que lhe tenho feito. Quando se vir com o bastão na mão, lembre-se que

Os irmãos
de José que por
mandado de
Pharaó levaram
as suas
alfaias para o
Egypto.

Deus lembra
a David o d'onde
de o tirou.

na mesma trazia o cajado. Se algum dia (que tudo se pôde temer dos homens) lhe parecerem pequenas a David as mercês que lhe fiz, lembrar-se-ha do logar que tinha antes, e do que tem agora: lembrar-se-ha d'onde o tirei, e onde o puz; e logo lhe parecerão grandes. Estes ondes e estes d'ondes não se costumam registrar nos livros das mercês: seria bem que ao menos se registrassem nas memórias dos que as recebem. Lembre-se o descontente, com David, onde estava e onde está: lembrar-se, com os irmãos de José, do que tinha e do que tem: lembrar-se, com Adão, do que era e do que é; e logo verá qual deve ser o queixoso, se o despacho ou o despachado?

Lembrados
da sua condi-
ção os preten-
dentes do
evangelho não
se quisaram
de resposta de
Christo.

Não despachou Christo hoje os nossos pretendentes; mas en-
noto que nenhum d'elles se queixou. Pediram as duas supre-
mas cadeiras do reino: pediram que Christo os despachasse logo:
*Dic ut sedent hi duo filii mei, unus ad dexteram tuam et unus
ad sinistram in regno tuo:* «dizei que estes meus dous filhos se
assentem no vosso reino, um á vossa direita e outro á vossa es-
querda.» E foram respondidos logo: *Non est meum dare robis:*
«não me pertence a mim o dar-vol-o.» E sendo esta «negativa»
tão clara, tão secca, tão desenseitada, queixou-se por ventura a
intercessora? Queixaram-se os pretendentes? Nem uma palavra
disseram; e porque? Porque eram gente que sabia tomar as
medidas à sua fortuna. Compararam o que tinham sido com o
que eram; e o que eram com o que pretendiam ser. Na com-
paração do que tinham sido, com o que eram, viam a melhoria
do seu estado; na comparação do que eram, com o que preten-
diam ser, reconheciam o excesso da sua ambição; e estas duas
comparações lhes taparam a boca de maneira que não teve por
onde brotar a queixa. Hontem remando a barca e remendando
as rôdes; hoje despachados cada um de nós com uma das doze
cadeiras do reino de Christo: e que ainda não estejamos con-
tentos, e nos atrevamos a pretender os dous lugares supremos?
Mais razão tem logo nosso Mestre de negar, do que teve a nossa
mãe e nós de pedir. Elle negou como justo, nós pedimos como
demasiados e nescios: *Nescitis quid petatis.*

Quais os
mais desfor-
dos que tem-
rassado de queixa.

III. Excluidos já os queixosos e descontentes sem causa (o que por ventura são a causa de haver tantos descontentes), ou-
çam agora os benemeritos mal despachados a muita razão que
tem de se consolar. A do evangelho, como logo me trarei, e a
mais forte de todas. Mas sem recorrer a motivos da fe, se eu
fôra um dos benemeritos, em mim mesmo e no meu proprio
merecimento achara tão grandes razões de me consolar, que sem
outra mercê nem despacho me dera por mui contente e satis-
feito. Discorrei um pouco comigo.

OU mereceis os premios que vos faltam, ou não: se os não mereceis, não tendes de que vos queixar; se os mereceis, muito menos. Ainda não sabieis que não ha virtude nem merecimento sem premio? Assim como o vicio é o castigo, assim a virtude é o premio de si mesma. O maior premio das acções heroicas é fazel-as. O premio das acções honradas ellas o teem em si e o levam logo consigo: nem tarda, nem espera requerimentos, nem depende do outrem: são satisfação de si mesmas. No dia em que as fizestes, vos satisfizestes.

Lembrem-se
de que a virtude
é premio de si
mesma.

E se fóra de vós mesmos esperareis outro premio, contentae-vos com o da opinião e da hora. Se vossos serviços são mal premiados, baste-vos saber que são bem conhecidos. Este premio mental assentado no juizo das gentes ninguem vol-o pôde tirar nem diminuir. Que importa que subais mal consultado dos ministros, se estais bem julgado da fama? Que importa que saisseis escusado do tribunal, se o tribunal fica accusado? Passae pela chancellaria esse despacho, deixae-o por brasão a vossos descendentes, e sereis duas vezes glorioso. Só vos dou licença que vos arrependais de ter pretendido. Pouco fez, ou baixamente avalia suas acções, quem cuida que lh'as pôdem pagar os homens.

E se contentarem
com o premio
da boa opinião
e da hora.

Se servistes a pátria que vos foi ingrata, vós fizestes o que devieis, ella o que costuma. Mas que paga maior para um coração honrado, que ter feito o que devia? Quando fizestes o que devieis, então vos pagastes. Ouvi ao Nostro Divino que tudo nos ensinou. Dizia Christo a seus soldados, a quem encarregou não menos que a conquista do mundo, em que lodos deram a vida: *Cum feceritis omnia, dicite: Servi inutiles sumus.* Quando fizerdes tudo, dizei que sois servos inuteis. Notável sentença! O servo inutil é aquele que não faz nada: mas o que faz muito, e muito mais o que faz tudo, ha de cuidar e dizer que é servo inutil? Sim. Ninguem intendeu melhor este texto que o veneravel Beda. Não falla Christo da utilidade que recebe o Senhor, senão da utilidade que não recebe o servo. O servo não recebe utilidade de seu serviço, porque é obrigado a servir; e assim ha de servir quem serve generosamente. O mesmo Christo se declarou e deu a razão muito como sua: *Quod debuimus facere fecimus:* o que deviamos fazer, isso fizemos. Quem fez o que devia, «não fez favor;» e ninguém espera paga de «cumprir» o que deve. Se servi, se pelejei, se trabalhei, se venci, fiz o que devia ao rei, fiz o que devia à pátria, fiz o que me devia a mim mesmo; e quem se desempenhou de tamanhas dividas, não ha de esperar outra paga. Alguns ha tão desvanecidos que cuidam que fizeram mais do que deviam. Enganam-se. Quem mais é e mais

A maior paga
para um cora-
ção honrado
é ter feito o que
devia.

Luc. 17.

pôde, mais deve. O sol e as estrelas servem sem cessar e sempre com grande utilidade; mas esta toda é do universo e nada sua. Prezae-vos lá de filhos do sol e tão illustres como as estrelas, e abatei-vos a mendigar outra pagal

A ingratidão
das raias o mer-
cimento.

Eu não pretendo com isto escusar os que vós accusais. Porque vós sois benemerito, não devem elles ser injustos, antes apprender da vossa generosidade a ser generosos e liberaes. Que dão ou que pôdem dar a quem deu por elles o sangue? Mas porque ainda com o pouco, que pôdem, faltam ao agradecimento, quero eu que vos não falte a consolação. Se vossos feitos foram romanos, consolae-vos com Catão, que não teve estatua no capitolio. Vinham os estrangeiros a Roma, viam as estatuas d'aqueles varões famosos, e perguntavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatua de todas. Aos outros pôr-lhes estatua o senado; a Catão o mundo. Deixaes perguntar ao mundo e admirar-se de vos não ver premiado. Essa pergunta e essa admiração é o maior e melhor de todos os premios. O que vos deu a virtude, não vol-o pôde tirar a inveja; o que vos deu a fama, não vol-o pôde tirar a ingratidão. Deixaes os ser ingratos, para que vós sejais mais glorioso. Um grande merecimento sobre uma grande ingratidão fica muito mais subido. Se não houvesse ingratidões, como haveria linezas? Não deis logo queixas ao desagradeçimento, dac-lhe graças.

Em geral as
merces não si-
gnificam valor
senão valia

Dir-me-heis que vedes differentemente premiados os que fizeram menos ou não fizeram nada. Dôr verdadeiramente grande! Já disse uma rainha de Castella que os seus serviam como vasallos, os nossos como filhos. E não pôde deixar de ser grande escandalo do amor e grande monstruosidade da natureza que fossem uns os filhos e outros os herdeiros; mas essa mesma injustiça vos deve servir de consolação. Se o mundo e o tempo fôra tão justo quo distribuira os premios pela medida do merecimento, então tinheis muita razão de queixa, porque vos faltava o testemunho da virtude, para que os mesmos premios fôram instituidos. Mas quando as mercês não são prova do ser homem, senão de ter bombe e quando não significam valor serão valia, pouca injuria se faz a quem «se negam». Dizia com verdadeiro juizo Marco Tullio que as mercês feitas a indignos não honram os homens, affrontam as honras. E assim e. As commendas em similhautes peitos não são cruz, são aspa; e quando se vêem tantos ensambelitados da honra, bem vos podeis honrar de não ser um d'elles. Sejam estes embora exemplo da fortuna, séde-o vós da virtude.

Os homens
que servem de
ingrato a Deus.

Finalmente, se os homens vos são ingratos, não sejais vós ingrato a Deus. Se os reis vos não dão o que pôdem, conten-

faze-vos com que vos deu Deus o que não pôdem dar os reis. Os reis pôdem dar títulos, rendas, estados: mas animo, valor, fortaleza, constancia, desprezo da vida e outras virtudes de que se compõi a verdadeira honra, não pôdem. Se Deus vos fez estas mercês, fazei pouco caso das outras, que nenhuma val o que custa. Sobre tudo lembre-se o capitão e soldado famoso de quantos companheiros perdeu e morreram nas mesmas batalhas, e não se queixam. Os que morreram, fizeram a maior fineza, porque deram a vida por quem lha não pôde dar. E quem por mercê de Deus ficou vitorioso e vivo, como se queixará de mal despachado? Se não beijastes a mão real pelas mercês, que vos não fez, beijae a mão da vossa espada que vos fez digno d'ellas. Olhe o rei para vós como para um perpetuo acreedor; e gloriate-vos de que se não possa negar de devedor vosso o que é senhor de tudo. Se tivestes animo para dar o sangue e arriscar a vida, mostrae que também vos não falta para o sofrimento. Então batalhastes com os inimigos, agora é tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê despidio, folgue de descobrir as feridas e de envergonhar com ellas a patria, por quem as recebeu. Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se emlim se vê morrer à fome, deixe-se morrer e vingue-se. Perdeu-o-ha quem o não sustenta e perderá outros muitos com esse desengano. Não faltará quem diga por elle: *Quanti mercenarii abundant panibus, ego autem hic fame pereo.* E este ingrato e escandaloso epitaphio será para sua memoria muito maior e mais honrada commanda de quantas pôdem dar os que as dão em uma e muitas vidas.

IV. Estes são os motivos gloriosos com que eu não só me consolara, mas ainda me desvanecera, se fôra um dos mais bennemitos. Mas vamos á razão divina do Evangelho, com que se não pôdem deixar de consolar e conformar todos os que leem fé; e ainda os que a não leem; «se consideram que o texto, que tomei por thema, se extende a todos os homens, porque o motivo se funda na sua natureza.» Ouvi-me ao principio como homens, e depois como christãos.

Nescitis quid petatis: não sabeis o que pedis. Nenhum homem ha n'este mundo (fallando do céu abaixo) que saiba o que deseja nem o que pede. Fundemos esta verdade na experienca, para que as consequencias d'ella sejam de maior e mais segura consolação. E porque a petição do evangelho foi de uma mãe e douis filhos, ponhamos também o exemplo em douis filhos e uma

Luc. 15.

Motivos de consolação tirados do texto.

Ninguém sabe o que pede.

A mais encarecida, a mais empenhada e a mais importuna é

Exemplo da Rachel

Gra. 30.

impaciente petição, que fez mulher n'este mundo, foi a de Rachel a seu marido Jacob: *Da mihi liberos, alioquin moriar*: Jacob, dae-me filhos, senão hei de morrer. Respondeu-lhe Jacob irado, como diz o texto, mas com arrufo de esposo,» que os filhos só Deus os dá e só elle os pôde dar. E com ser esta razão tão certa e experimentada, não se conformava com ella Rachel. Instava «na mesma petição. E aqui deixae-me imaginar que Jacob desagastando-se lhe dizia» que advertisse como estava na primavera de seus annos e que ainda lhe restavam muitos em que podia ter naturalmente o que tanto desejava. «Mas esta mesma esperança a inquietava mais. Animava-a com o exemplo de sua avó Sara, que depois de tão comprida esterilidade houvera a Isaac seu pae. Ajunctava a estas razões as da lisonja, mais ponderosa muitas vezes com a fraqueza e presunção d'aquele sexo: dizia-lhe que olhasse para si e se consolasse com a rosa, a qual sendo a beleza dos prados e a rainha das flores, é flor que não dá fructo. Mas nem a lisonja, nem a razão, nem o exemplo, nem a esperança bastava a lhe moderar as ancias nem as vozes. *Da mihi liberos*. Esta era a petição, este o aperto, estas as instâncias «de Rachel.» Nas qual foi o despacho e o successo? Caso verdadeiramente admirável! O despacho foi assim como Rachel pedia, e o successo em tudo contrario ao que pedia. O que pedia Rachel não só era filho, senão filhos: *Da mihi liberos*; e assim lho concedeu Deus, porque a fez mãe de José e de Benjamin. Mas o successo foi em tudo contrario ao que pedia; porque «dando felizmente à luz» o primeiro filho, morreu de parto e no mesmo parto do segundo. Lembrae-vos agora dos termos com que Rachel pedia os filhos: *Da mihi filios, alioquin moriar*: dae-me filhos (dizia), senão hei de morrer. E quando cuidava que havia de morrer se não tivesse filhos, porque teve filhos e no mesmo ponto em que os teve, morreu. Cuidava que pedia a vida, e pedia a morte; cuidava que pedia a alegria sua e de sua casa, e pedia a tristeza, o lucto, a orphandade d'ella e os que lhe haviam de trair a mesma casa em sepultura. Tão errados são os pensamentos e desejos humanos; e tão certo é que do que pedimos com maiores ancias, não sabemos o que pedimos! *Nescius quid petatis*.

Exemplos do
Álbum Prodigio e
de Samsão.

Confirmado o desengano da mãe dos Zebedeus com o exemplo d'esta mãe, confirmemos o de seus dous filhos com o exemplo de outros dous, posto que filhos de diferentes paes. Sabida é a historia de Samsão e sabida a do Prodigio; ambos famosos por seus excessos. Deixados pois os principios e progressos de uma e outra tragedia, ponhamo-nos ao fim de ambas e vejamos

o estado de extrema miseria a que os passos de cada um os levaram por tão diversos caminhos. Vedes aquelle homem robusto e agigantado, que com aspecto ferozmente triste, trosquiados os cabellos, cavados os olhos e correndo sangue, atado dentro em um carvere a duas fortes cadeias, anda moendo em uma alafona? Pois aquelle é Samsão. Vedes aquelle mancebo macilento e pensativo, que roto e quasi despido, com uma corneta pendente do hombro, arrimado sobre um cajado, está guardando um rebanho vjl do gado mais asqueroso? Pois aquelle é o Prodigio. Quem haverá que se não admire de uma tal volta de fortuna em dous sujeitos tão notaveis; um tão valente, outro tão altivo? É possivel que n'isto pararam as façanhas e victorias de Samsão? É possivel que n'isto pararam as riquezas e bizarrias do Prodigio? N'isto pararam: ou para melhor dizer, não pararam só n'isto: porque o Prodigio, perecendo á fame no meio do montado, não tinha licença para se sustentar das bolotas com que se apascentava o seu gado; e Samsão tirado em publico para ludibrio do povo, foi tractado com taes escarneos e indecencias, que de corrido e affrontado com suas proprias mãos se tirou a vida. Mas qual seria a causa d'estes successos e de duas mudanças tão extranhas? Agora não vos peço admiração, senão pasmo. Ambas estas mudanças de fortuna não tiveram outra causa que o bom despacho de duas petições em que Samsão e o Prodigio se empenharam. Pediu Samsão a seus paes que lhe dessem por mulher uma philistea. Concederam-lhe os paes o que pediu; e esta philistea foi a causa das guerras que Samsão teve com os philisteus, e dos enganos e traïções de Dátila, e da sua prisão, e do seu captiveiro, e da sua cegueira, e das suas affrontas, e do fim lastimoso e tragico de seu valor. Da mesma maneira pediu o Prodigio a seu pae lhe desse em vida a herança que lhe havia de caber por sua morte. Concedeu-lhe o pae o que pedia; e esta herança consumida em larguezas e vicios da mocidade foi causa da sua pobreza, da sua vileza, da sua miseria, da sua fame, da sua servidão, da sua deshonra, que só tiveram de desconto o pezar e arrependimento. Torne agora Rachel e perguntemos áquelle mãe e a estes dous filhos; se pediriam, depois de tão pesadas e contrarias experiencias, o que antes d'ellas pediram? Pediria Rachel filhos, se soubesse que o ter filhos lhe havia de custar a vida? Pediria Samsão a philistea, se soubesse que ella havia de ser a causa de sua affronta, de sua morte e de perder os olhos com que a vira? Pediria o Prodigio a herança antecipada, se soubera que com ella havia de comprar a miseria, a servidão, a deshonra? Claro está que não. Pois se agora não haviam de pedir nada do que

pediram, senão antes o contrario, porque o pediram então? Já sabeis a resposta. Pediram-no, porque não sabiam o que pediam: pediram-no, porque ninguem sabe o que pede; e pediram-no, porque foram aquella mãe e aquelles doux filhos como a mãe e os doux filhos do nosso evangelho: *Nescitis quid petatis.*

Lembrem-se os
mal despachados que não
sabiam
o que pediam.
A fabula de
Phaeton e a
historia de
muitos
que acharam
nos despachos
a sua ruina.

Supposto este principio certo e infallivel, que ninguem sabe o que pede, tirem agora a consequencia os que se leem por mal despachados. Se vós soubesseis que vos eslava bem o que pedisteis, então tinheis razão de estar contente, se vol-o concederam, ou descontente se vol-o negaram. Mas quando ignorais igualmente se vos estava bem ou mal o que pretendieis, porque vos desconsolais? Se me desconsolo, porque cuido que me podia estar bem; porque não me consolo, considerando que me podia estar mal; e mais quando nas cousas d'este mundo o mal é o mais certo? Consolae-vos com a tragedia de Samsão: consolae-vos com o arrependimento do Prodigio. E se estes exemplos vos movem menos por serem de longe, consolae-vos com os de mais perto e com os que vistes e vedes com vosso olhos. Quantos vistes que cuidavam que estava o seu remedio onde acharam a sua perdição? Quantos vistes que cuidavam que estava a sua honra d'onde tiraram o seu descredito? Quantos vistes que cuidavam que eslava o seu augmento onde experimentaram a sua ruina? Quantos finalmente vistes que os esperava a morte, onde elles esperavam os maiores interesses e felicidades da vida? Alcançaram o que pediram, aceitaram muito contentes o parabem do despacho; mas o despacho não era para bem. *Poenam pro munere poscis disse clá na fabula:* o sol a Phaeton quando lhe pediu o governo do seu carro: Olha, filho, que cuidas que pedes mercê e pedes castigo. O auctor é fabuloso; mas a sentença verdadeira. E se não, perguntareis aos nossos phaelontes: aos do oriente na Asia: aos do meio-dia na Africa: aos do occidente na America. O mesmo carro que pediram foi o seu precipicio e o mesmo excesso dos raios o seu incendio. Se lhes buscardes os ossos fulminados, uns achareis nas ondas, outros nas areias, outros nos hospitaes, outros nos carceres e nos desferros, e poucos nas mesmas terras quo perderam, que fôra mais honrada sepultura. Estes são os vossos bem despachados. Quando partiram, levavam apôs si as invejas; quando tornaram ou não tornaram, trouxeram as lagrimas. E se elles se enganaram com o seu desejo e com a sua fortuna, porque não souberam o que pediram, vós que também o não sabeis, porque vos havelis de enganar? Desenganae-vos com o seu engano e consolae-vos com o seu erro; puis nem elles, nem vós sabeis o que pedis: *Nescitis quid petatis.*

V. Oh se soubessemos o que nos está bem ou mal, como nos havíamos de dar muitas vezes por bem despachados com aquelle mesmo que chiamamos mau despacho! O que nos está bem ou mal só Deus o sabe, todos os mais o ignoramos. E esta sciencia de Deus e esta ignorancia nossa, são os dous polos em que ha de estribar toda a indifferença de nossas petições, e tambem a resignação dos despachos. As petições havemolas de fazer, como quem não sabe o que pede; e os despachos havemolas de aceitar, como de Quem só sabe o que dá. Cuidamos que os homens são os que nos despacham; e por isso murmuramos e nos queixamos d'elles; e não advertimos que em todos os conselhos assiste invisivelmente Deus como presidente supremo; e que elle é o que nos dá ou nega o que pedimos, como Quem só sabe o que nos está bem ou mal. As sortes, diz Salomão, não dependem da mão do homem que as tira, senão da mão de Deus que as governa: *Sortes mittuntur in sinum, sed a Domino temperantur.* Se vos saiu a sorte em branco, se vos não responderam como pedieis, consolae-vos e aceitae esse despacho como da mão de Deus, que só sabe o que vos convém. Os homens só fazem mercé quando dão: Deus não só faz mercé quando dá, senão tambem quando nega.

Petite et dabitur vobis: Pedi e recebereis, diz Christo. E para maior confirmação d'esta promessa accrescenta: *Omnis enim qui petit, accipit;* porque todo o que pede, recebe. A proposição não pode ser mais universal, nem mais clara, mas tem a replica e a instancia muito à flor da terra; e apenas haverá n'este mesmo auditorio, quem não possa testimoniar n'ella com a propria experientia. Quantos senhores de ricas e grandes casas pediram a Deus um herdeiro, e não o alcançaram. Quantos pobres carregados de filhos pediram para elles o sustento, e não teem com que lhes matar a fome? Quantos na infermidade fizeram votos pela sande, e morreram sem remedio? Quantos na tempestade, bradando ao céu, foram comidos das ondas? Quantos no captiveiro, orando continuamente pela liberdade, acabaram a miserável vida nos ferros e nas masmorras? E para que não vamos mais longe, do mesmo caso do nosso texto temos a mãe dos filhos de Zebedeu pedindo e pedindo de joelhos: *Adorans et petens aliquod ab eo.* E a resposta da sua petição (sendo o mesmo Christo a quem pediam) foi um não muito desenganado e muito liso: *Nou est meum dare vobis.* Pois se é verdade certa e evangélica, experimentada, ordinaria e manifesta que muitos pedem a Deus e não alcançam o que pedem, como diz Christo: Pedi e recebereis? E como affirma absoluta e universalmente que todos os que pedem, recebem? A duvida não pode ser mais apertada;

Deus é que nos dá ou nega o que pedimos, como quem só sabe o que nos está bem ou mal.

Prov. 16.

Como se intende de a tentação de Christo:
Todo o que pede recebe.
Luc. 11.

mas é da casta d'aquellas que se fundam na falsa intelligencia ou errada apprehensão do texto. Ponderao e reparas bem no que dizem as palavras e no que não dizem: *Petite, et accipietis: omnis enim qui petit, accipit.* Não diz Christo: Pedi e receberes o que pedis: senão; Pedi e recebereis. Não diz; Todo o que pede, recebe o que pede; senão: Todo o que pede, recebe. E quo é o que recebe? O que Deus sabe que lhe está melhor. Se pedis o que vos convem, receberes o que pedis: mas se pedis o que vos não convem, receberes o não se vos dar o que pedeis. D'este mundo todo o que pede, recebe: *Omnis qui petit, accipit:* porque ou recebe o que pede; ou recebe o que havia de pedir, se soubera o que pedia. Quando um homem pede o que lhe não convém, se soubera o que pedia, havia de pedir que lho negassem; e porque só Deus sabe o que nos convem. supra com a sua sciencia a nossa ignorancia, e por isso nos responde como aos Zebedens com um não e nos nega o que pedimos.

*Exemplos com
que o Divino
Mestre
confirma a sua
secolena.*

O mesmo Christo declarou a sua proposição e a fez evidente com tres exemplos familiares e caseiros, que se eu os trouxera haveríeis de dizer que eram baixos. Tão altaiva é a nossa rudeza, e tão humana a sabedoria divinal! Se um filho (diz Christo) pedir pão a seu pae, dar-lhe-ha uma pedra? Se lhe pedir peixe, dar-lhe-ha uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, dar-lhe-ha um escorpião? Pois esta é a razão, porque Deus, que nos trata como filhos, nos diz muitas vezes um não e nos nega o que pedimos: porque pedimos pedras, porque pedimos serpentes, porque pedimos escorpiões. Cuidamos que pedimos o necessário e pedimos o inutil; cuidamos quo pedimos o proveitoso e pedimos o nocivo; e isto é pedir pedras. Cuidamos que pedimos sustento, e pedimos veneno: cuidamos que pedimos o queываемos de comer, e pedimos o quo nos ha de comer: cuidamos que pedimos com que viver, e pedimos o quo nos ha de matar; e isto é pedir serpentes e escorpiões. Quando somos tão nescios ou tão meninos que não distinguimos o escorpião do ovo, nem a serpente do peixe, nem o pão da pedra, Deus, que é pae e tão bom pae, porque nos não ha de negar o quo tão ignorante e tão perigosamente pedimos? Oh ditosos aqueles a quem Deus assim despacha, porque não sabem o quo pedem: *Nescitis quid petatis.*

*Os despachos
algumas vezes
não para
o maligo como
apontaram
aos remissos
no deserto.*

E porque vos consoleis dobradamente não tendo nenhuma inveja aos quo o mundo chama bem despachados, sabei e saibam elles que Deus assim como tem um não para as merrés, também tem um sim para os castigos. Entre os homens o melhor despacho das petições é: *Como pede.* No tribunal de Deus muitas vezes é o contrario. Deus nos livre de um como pede,

quando os homens não sabem o que pedem. Caminhavam pelo deserto os filhos de Israel, e enfadados do manná e lembrados das olhas do Egypto pediram carne. Levou Moysés a Deus a petição, não porque elle a approvasse, mas importunado do povo. E que responderia Deus? Pedem carne? Sou muito contente: faça-se assim como pedem. Não só lhes darei carne, se não muita e muito regalada. No mesmo ponto à maneira de chuva começaram a cair sobre os arraiais infinitas aves de pena, que assim falla o texto. Ora grande é a paciencia e liberdade de Deus! A uns homens tão ingratos, desprezadores do manná do céu, assim lhes concede o que pedem? A um appetite desordenado tanto favor? A uma petição tão descommedita tanta mercé? Esperae um pouco pelo sim, e logo vereis. Muito contente o povo com a chuva nunca vista de aves de pena, começam a malar, a depennar, a guizar de varios modos: assentam-se ás mezas com grande festa; e que sucedeua? Ainda tinham o comer na bocca, quando veio a ira de Deus sobre elles. Comiam das aves, e como se foram serpentes ou escorpiões cada boccardo era outro tanto veneno, e caiam mortos. Eis-aqui o fim do *Como pedem*. Parecia favor, e era castigo; parecia mercé de Deus, e era ira de Deus: *Et ira Dei ascendit super eos*. Por este e outros exemplos, diz altamente Sancto Agostinho, que Deus irado concedeu muitas coisas as quaes havia de negar se estivera propicio: *Multa Deus concedit iratus, quae negaret propitus*. Se Deus estivera propicio ao povo, havia-lhe de negar o que pedia: concedeu-lho, porque estava irado contra elle. Cuidais que esse despacho tão venturoso e tão invejado é mercé? Esperae-lhe pelo sim e vereis que é castigo.

E se Deus concede por peccados, para que os bem despachados se não desvaneçam; tambem nega por merecimentos, para que os mal despachados se consolem. Ouvi um grande reparo sobre o nosso evangelho. Pedem os Zebedeus as cadeiras: não lh'as quer Christo conceder; porque não sabiam o que pediam, como pouco ha dissemos: mas antes de lh'as negar, pergunta-lhes se se atreviam a beber o calix, isto é se se atreviam a morrer por elle e como elle. Responderam ambos animosamente que sim. E porque o testimunho d'este valor e serviço não ficasse só na fé dos pretendentes, o mesmo Christo o qualificou e justificou e lhes deu certidão authentica de que assim era ou bavia de ser: *Calicem quidem meum bibetis*; e depois d'estas provanças tão miudas e tão exactas, então lhes respondeu: *Non est meum dare vobis*. Pois se o Senhor lhes havia de negar o que pediam, para que lhes examina merecimentos? Para que lhes prova o valor? Para que lhes certifica a morte e o san-

P. 22.

Outras vezes o despacho é negado por merecimentos. Atual acontecimento aos filhos de Zebedeu.

gue do calix? Se todas estas diligencias foram feitas para sobre elles lhes fazer a mercé, bem estava. Mas para lhes negar o que pediam? Sim: porque tambem o negar é mercé. E porque mercés, e mais se são grandes, senão devem fazer senão por grandes serviços e muito justificados, por isso Christo lhes pediu primeiro os serviços e os justificou por verdadeiros, para lhes fazer a mercé de lhes negar o que pediam. De maneira que aos filhos de Israel concedeu-lhes Deus a sua petição por peccados, e aos filhos de Zebedeu negou-lhes Christo a sua por merecimentos; porque no primeiro caso o conceder era castigo, e no segundo «conforme veremos d'aqui a pouco» o negar era mercé. E como o despacho dos que se leem por bem despachados pode ser castigo e grande castigo, e pelo contrario o dos que se leem por mal despachados pode ser mercé e grande mercé, tão pouca razão teem uns de se desvanecer, como outros de se consolar; pois uns e outros não sabem o que lhes deram, assim como não sabem o que pedem: *Nescitis quid petatis.*

Aos os philosophos pagos intenderam estaa verdades.

Outras razões proprias dos christãos.

VI. Eslou vendo, senhores, que já me haveis por desempenhado do que ao principio prometi: intendendo que na primeira parte d'este discurso vos preguei como a homens e na segunda como a christãos. Não é assim; posto que n'esta segunda parte falei tantas vezes em Deus, atribuindo á sua justiça e providencia os vossos bons ou maus despachos. Até os gentios fallaram d'este modo e conhecerais isto mesmo, só pelo luine da razão, por serem homens posto que sem se. Socrates, aquelle grande philosopho da Grecia, dizia que nenhuma causa em particular se havia de pedir aos deuses, senão em geral o que estivesse bem a cada um; porque isto só elles o sabem, e os homens ordinariamente appetecemos o que nos fôra melhor não alcançar. E Platão para ensinar o metodo com que havíamos de pedir a Deus compoz esta oração: Jupiter, dæ-me o bem ainda que vol-o não peça, e livræ-me do mal ainda que vol-o peça. Sabiamente por certo. Não adoravam a Deus aquelles philosophos, mas sahiam o que se deve pedir e como se deve pedir a Deus. Pedir-lhe que nos dê o bem, ainda que lho não peçamos; porque muitas vezes pedimos o mal, cuidando que é bem; e não pedimos o bem, cuidando que é mal; e só Deus, que sabe o que nos está bem ou mal, nos pode dar o que nos convém. Assim que alegora somente preguei como a homens; e por isso todos os bens ou maus de que falei foram do céu abaixo: agora subamos mais acima, e dæ-me attenção como christãos ao que brevemente me resta por dizer, qua é o que sobre tudo importa.

Nescitis quid petatis. São tão nescias, cristãos, as nossas petições, são tão arriscadas e tão perigosas muitas vezes, que cuidando que pedimos os bens temporaes, pedimos os males eternos; cuidando que pedimos nossas conveniências, pedimos a nossa condenação. Não é consequência ou consideração minha, senão doutrina expressa do mesmo Christo: *Sedere autem ad dexteram meam vel sinistram non est meum dare robis, sed quibus paratum est a Patre meo.* Notável e profunda resposta! Os dous discípulos e sua mãe, pediam as duas primeiras cadeiras do reino temporal de Christo, intendendo erradamente que o Senhor havia de reinar temporalmente neste mundo, assim como David, Salomão e os outros reis seus primogenitos. Este era o seu pensamento e esta a sua petição, conforme a esperança vulgar a que todos estavam persuadidos, ainda depois da Ressurreição de Christo, quando perguntaram: *Domine, si in tempore hoc restitues regnum Israel.* Pois, se pediam lugares e dignidades temporaes, como lhes responde Christo, quando lhes nega, com os decretos da predestinação do Padre: *Sed quibus paratum est a Patre?* Por duas razões o fez: a primeira para mostrar-lhes que os despachos das nossas petições, ainda que sejam de causas temporais, são efeitos da predestinação eterna. Muitas vezes sai despachado o pretendente, porque é prescrito; e não sai despachado, porque é predestinado. Pediu o demônio a Deus que lhe desse poder sobre os bens e pessoa de Job; e concedeu Deus ao demônio o que pedia o demônio. Pediu S. Paulo a Deus e pediu-lhe tres vezes que o livrasse de uma tentação; e negou Deus a S. Paulo o que pedia S. Paulo. Pois a S. Paulo se nega o que pede, e ao demônio se concede? Sim, diz Saneto Agostinho. Ao demônio para maior confusão, a S. Paulo para maior gloria; a S. Paulo como a predestinado, ao demônio como a prescrito. Quantos prescritos estão hoje no inferno arrenegando dos seus despachos! E quantos predestinados estão no céu dando eternas graças a Deus, porque os não despacharam!

A segunda razão porque Christo respondendo aos dous apóstolos citou os decretos da predestinação, foi para lhes provar com o facto que não sabiam o que pediam. Cuidavam que pediam dignidades e honras do mundo, e pediam, sem saber o que pediam, a sua condenação: *Unus ad dexterum et unus ad sinistram.* A mão direita de Christo, como se verá no dia de juizo, é o logar dos que se hão de salvar, a mão esquerda é o logar dos que se hão de condenar. E como cada um dos dous apóstolos pedia indiferentemente a mão direita ou esquerda, ambos se expunham e se offereciam (sem o saberem) ao logar

Sem o saberem
offereciam-se
à condenação.

da condenação. É observação de S. João Chrysostomo: Eu (diz Christo) escolhi-vos para a mão direita, e vós por vosso juizo e por vossa vontade (sem saber o que pedis) pedis e fazéis instancia pela mão esquerda. Oh quantos requerentes da mão esquerda, oh quantos pretendentes da condenação andam hoje em todas as cidades da christandade, sem saberem o que pedem e o que requerem! Andam requerendo e sollicitando e contendendo sobre quem ha de levar o inferno. E os que o alcançam ficam muito contentes, e os que o não conseguem, muito tristes.

*Para a predestinação
Tanto se serve
Deus de ministros justos
como de injustos*

Então tudo é queixar e infamar os ministros, e talvez com tanto excesso e atrevimento, que ainda sobem as queixas mais acima. Eu não tenho tanta opinião dos nossos tribunais na justiça distributiva, como n'outras espécies d'esta virtude: mas para o fim da predestinação e salvação (que é o ultimo despatcho e o que só importa) tanto se serve Deus de ministros justos, como dos injustos; e tanto da sua justiça, se a observam, como da sua injustiça. Quis Deus salvar o genero humano n'aquelle dia fatal em que deu a vida por elle; e de que ministros se serviu sua Providencia? Caso estupendo! Serviu-se de Judas, de Annás, de Caiphás, de Pilatos, de Herodes; e por meio da injustiça e impiedade de homens tão abominaveis, se conseguiu a salvação dos predestinados. Se esperais ser um d'ellos, não vos queixais: e se me dizeis que foram injustos os ministros convosco, também vó-lo concedo, posto que o não creio. Mas que importa que, ou n'este conselho fossem Judas, ou n'aquelle Annás e Caiphases, ou no outro Herodes e Pilatos, se por meio da sua injustiça tinha Deus predestinado a vossa salvação? Elles irão ao inferno pela injustiça que vos fizeram, e vós por occasião da mesma injustiça ireis ao céu.

*Prota-se com o
concurso de
Christo com Ba-
rabhás e de
Dimas com Gestas.*

Notae n'este mesmo dia dous concursos dignos de toda a ponderação, para que vos não queixais de ver preferidos os que concorreram convosco. O primeiro concurso foi de Christo com Barabbás, e ambos foram julgados com summa injustiça; porque Barabbás ladrão, adultero, homicida e traidor saiu absolto; o Christo sumamente inocente e sumamente benemerito, condenado. O segundo concurso foi de Dimas e Gestas, o bom e o mau ladrão; e ambos foram condenados com igual justiça, porque ambos como ladrões mereciam a forceda. E que tirou Deus d'estes dous concursos e d'elles dous juizes tão encontrados? O primeiro foi por ambas as partes injusto, o segundo por ambas as partes justo, e de ambos tirou Deus igualmente a condenação dos prescelos e a salvação dos predestinados. Do primeiro tirou a condenação de Barabbás e a gloria de Christo:

do segundo tirou a gloria do bom ladrão e o inferno do mau; porque para salvar ou não salvar tanto se serve Deus da justiça dos homens como da sua injustiça. Concedo-vos que podeis ser consultado, julgado e despachado, ou injustamente como vós dizeis, ou justamente como não confessais; mas nem da justiça, nem da injustiça dos ministros vos deveis queixar, se tendes fé; porque tanto pode pender d'essa justiça a vossa condenação saindo bem despachados para o inferno, como depender d'essa injustiça a vossa salvação saindo mal despachados para o céu.

E se não tendes razão para vos queixar dos ministros, muito menos a tem a vossa temeridade para subirem talvez as quais-
xas até o sagrado, onde se decretam as resoluções. E porque? Porque, ainda que os reis são homens, Deus é o que tem nas suas mãos os corações dos reis: *Cor regis in manu Domini: quo-
cumque voluerit, inclinabit illud.* O coração do rei (diz Salomão) está na mão de Deus; e a mão de Deus é a que o move e inclina a uma ou a outra parte, segundo a disposição da sua provi-
dencia. Como o coração de rei está na mão de Deus, se Deus abre e alarga a mão, alarga-se também o coração do rei e faz
vos merecer com grande liberalidade; e se Deus aperfeia e estreita a mão, estreita-se do mesmo modo o coração do rei, e, ou vos dá muito menos, ou nada do que pedieis. De maneira que, ainda que o rei é o senhor que dá ou não dá, tem sobre si outro senhor maior, que é o que lhe alarga ou estreita o coração para que dê ou não dê. Rei era Cyro e rei era Pharaó: Cyro dominava os mesmos hebreus no captiveiro de Babylonia, e Pharaó domi-
nava os mesmos hebreus no captiveiro do Egypto; mas a causa superior de serem tão differentemente tractados, não foi Cyro nem Pharaó, senão Deus. Como Deus tinha na mão o co-
ração d'aquelles reis, alargou a mão ao coração de Cyro, e deu Cyro liberdade aos hebreus; e estreitou a mão ao coração de Pharaó, e não só os não libertou Pharaó, antes lhes apertou mais o captiveiro. Advertí porém para consolação vossa, que este mesmo aperto e esta mesma estreiteza e dureza do co-
ração de Pharaó foi a ultima disposição que Deus traçava para levar os hebreus (como levou) á terra de promissão. Se o co-
ração do rei, tão largo e tão liberal com outros, é para com-
vosco estreito e ainda duro, alargae vós o vosso coração e con-
solae-vos; e intendei que por esse meio vos quer Deus levar á terra de promissão do céu, para que vos tem predestinado. Pode haver maior consolação que esta? Não pude.

Agora acabaremos de intender a providencia que está escon-
dida em uma desigualdade que cada dia experimentamos, e não

Os corações dos
rei: estão
nas mãos de
Deus, como se
viu em Cyro e
Pharaó.

Prov. 21.

A intercessão
dos santos nos
maus despachos.
Exemplo
de S. Fran-
cisco Xavier.

sei se advertimos bem n'ella. Requere um pretendente: solicita, negocia, insta e talvez peita e saborna; e sai despachado. O outro seu competitor encommenda o seu negocio a Deus, mette a sua petição na mão de Sancto Antonio, manda dizer missas a Nossa Senhora do Bom Despacho, e sai escusado. Pois este é o fructo de negociar com Deus? Estes são os poderes da oração? Esta é a valia e a intercessão dos sanctos? Sim! esta é. Porque elles intercederam por vós, por isso não saistes despachado. Um sancto que pregou n'este mesmo pulpite, nos ha de dar a prova. Havia na India um fidalgo muito devoto de S. Francisco Xavier: tinha suas pretenções com o senhor rei D. João o terceiro; pediu uma carta de favor ao sancto para seu companheiro o padre mestre Simão, que era mestre do principe e muito bem visto d'el-rei. Escreveu S. Francisco Xavier, e dizia assim o capitulo da carta: Dom fulano é muito amigo da Companhia: tem requerimentos com sua alteza: peço a vossa reverencia, pelas obrigações que devemos a este fidalgo, que procure desviar os seus despachos quanto for possível: porque todo o que vem bem despachado para a India, vai bem despachado para o inferno. Eis aqui as intercessões dos sanctos.

Como o
Espirito Sancto
encontra
as petições dos
justos.

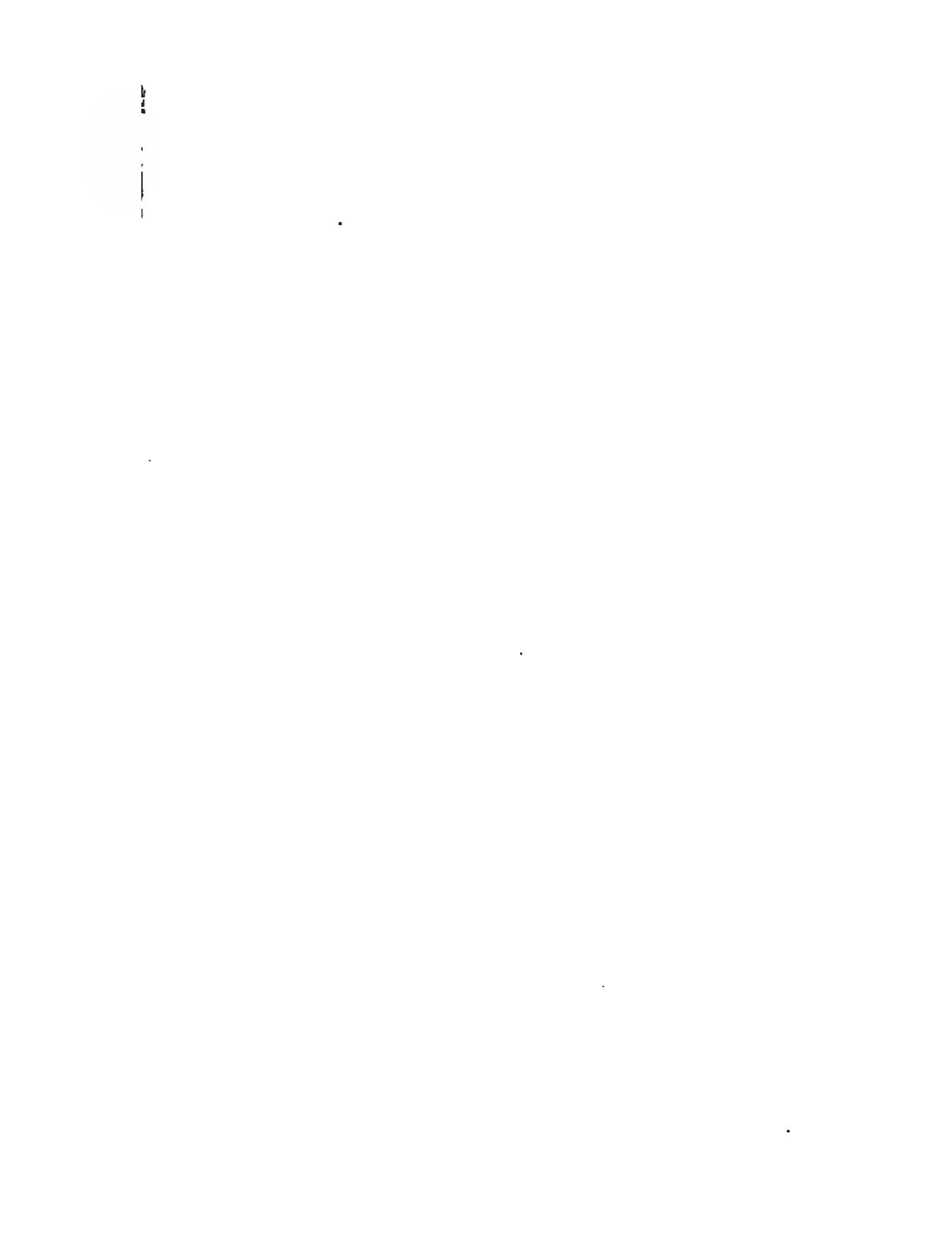
Sabeis porque saiu o outro despachado e vós não? Porque elle tevo a valia dos homens, e vós a intercessão dos sanctos. Esperaveis que vos despachassem bem para o inferno, quando tinhais encommendado o vosso requerimento á Senhora do Bom Despacho? Dae graças a Deus e a sua mãe; e ouvi tudo o que tenho dito e tudo o que se pôde dizer n'esta materia em um texto estupendo de S. Paulo: *Quid oremus sicut importet, necessimus: ipse autem Spiritus postulat pro nobis gemitibus inenarrabilibus.* Nós não sabemos pedir o que nos convém. E que faz Deus auctor da nossa predestinação e salvação, quando pedimos o que é contrario a ella? O mesmo Espirito Sancto (diz S. Paulo) por sua infinita bondade e misericordia troca, emenda e ordena as nossas petições, e elle mesmo pede por nos a si mesmo com gemidos que se não podem declarar. De sorte que quando pretendemos o que encontra a nossa salvação, nós pedimos na terra e o Espirito Sancto gemo no céu: nós fazemos instâncias, e elle dá ais. Ai homem cego que não sabes o perigo em que te mettest! Ai que se quer perder aquella alma! Ai que anda sollicitando a sua condenação! Ai que pretendo aquelle officio! que pretendo aquella judicatura! que pretendo aquelle governo! e se alcança o que pretende se vai ao inferno! Pretende o Brazil: se vai ao Brazil, perde-se. Pretende Angola: se vai a Angola, condenua-se. Pretende a India: se passa o Cabo de Boa Esperança, lá vai a esperança da sua salvação. As-

sim gome o Espírito Sancto por nos desviar do que pretendemos com tantas aneias, porque não sabemos o que pedimos.
Quid oremus sicut aportet, nescimus.

VIII. Pois que ha de fazer um homem depois de servir tantos annos? Não ha de pretender? Não ha de requerer? Pôde ser que esse fôra o melhor conselho. Mas não digo tanto, porque não vejo tanto espírito. O que só digo é, pelo que cada um deve a sua salvação, que o nosso modo de requerer seja este. Ponde a petição na mão do ministro e o despacho nas mãos de Deus. Señhor, eu não sei o que peço: o que mais convém a minha salvação, só vós o sabeis; vós o encamuhæ, vós o dispõe, vós o resolvei. Com isto ou saireis despachado, ou não. Se sairdes despachado, aceitae embora a vossa portaria ou a vossa provisão; e começae a temer e tremer: porque pôde ser que aquella folha de papel seja uma carta de Urias. Urias levava no seio a sua carta, cuidando que era um grande despacho, e era a sentença da sua morte. Cuidais que levais no vosso despacho o vosso remedio e o vosso augumento, e pôde ser que levais n'elle a sentença de vossa condenação. Não lhe fôra melhor a Pilatos não ser julgador? Não lhe fôra melhor a Caiphás não ser pontifice? Não lhe fôra melhor a Herodes não ser rei? Todos estes se condemnaram pelo officio; e mais com Christo deante dos olhos. Mas se fôrdes tão venturosamente desgraçado que não consigais o despacho, consolae-vos com estes exemplos e com o de S. João e Sanct'-Iago. Se Christo não despacha a dous vassallos tão benemeritos, folgæ de ser assim benemerito. Se Christo não despacha a dous creados tão familiares de sua casa, folgæ de ser assim da casa de Christo. Se Christo não despacha os dous discípulos tão amados, folgæ de ser assim amado seu: e intendei que vos não despachou Deus, nem quiz que vos despachassesem, porque não sabieis o que pedieis, e porque sois predestinado. Lá na outra vida haveis de viver mais que n'esta. Se aqui tiverdes trabalhos, lá tereis descanço: se aqui não tiverdes grandes logares, lá tereis o lugar que só é grande: e se aqui vos faltar a graça dos homens, lá tereis a graça de Deus e o premio d'esta graça, que é a gloria.

Conselho.
Quem requerer,
ponha o des-
pacho nas mãos
de Deus
e tem a sair
despachado.

(Ed. ant. tom. 1.º, columnas 299, ed. mod. tom. 1.º pag. 225.)



II. SERMÃO DA TERCEIRA QUARTA FEIRA

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1670

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Este discurso é na forma d'aqueles que hoje se chamam conferencias moraes, muito uteis para instruir os ouvintes nos principios da religião ou nos deveres de seu estado. O assumpto é ensinar aos que governam qual é segundo o Evangelho a politica com que devem promover a observancia das leis. Maravilhoso sermão! que deveria ser bem estudado por todos os que no ecclesiastico ou no civil teem que governar. Os pensamentos são muito nobres, o estylo elegantissimo. O ultimo numero, attendendo ás circumstancias em que o orador fallava, julgar-se-ha superior a todos os elogios.

*Non est meum dare vobis, sed quibus
paratum est a Patre meo.*

S. MATTH. 70.

Terrible palavra é um «Não». *Non*. Não tem direito nem avesso: por qualquer lado que o tomeis, sempre sóa e diz o mesmo. Quando a vara de Moysés se converteu n'aquelle serpente tão feroz, que fugia d'ella, porque o não mordesse; disse-lhe Deus que a tomasse ao revés, e logo perdeu a figura, a ferocidade e a peçonha. O *non* não é assim: por qualquer parte que o tomeis, sempre é serpente, sempre mordo, sempre fere, sempre leva o veneno consigo. Mata a esperança, que é o ultimo remedio que deixou a natureza a todos os males. Não ha correctivo que o modere, nem arte que o abrande, nem lisonja que o adoce. Por mais que conseiteis um *não* sempre amarga; por mais que o enfeiteis, sempre é seio; por mais que o doureis, sempre é de ferro. Em nenhuma solfa o podeis pôr, que não seja mal soante, aspero e duro. Quereis saber qual é a dureza de um *não*? A mais dura cousa que tem a vida é chegar a pedir; e depois de chegar a pedir ouvir um *não*, vêde o que será!

Qndo dura
cousa é receber
uma negativa.

A lingua hebraica que mais naturalmente significa e declara a essencia das cousas, chama ao negar o que se pede, envergonhar a face. Assim disse Bersabé a Salomão: *Petitionem unam precor a te, ne confundas faciem meam;* trago-vos, senhor, uma petição; não me envergonheis a face. E porque se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer *não* a quem pede, é dar-lhe uma bofetada com a lingua. Tão dura, tão aspera, tão injuriosa palavra é um *não*. Para a necessidade dura, para a hora affrontosa e para o merecimento insoltrivel.

E não menos dura é dizer *não* que um rei ha de falar a este respeito.

E se um *não* é tão duro para quem o ouve, creio eu que não é menor a sua dureza para quem o diz: e tanto mais, quanto mais generoso for o coração e mais soberano o animo que o houver de pronunciar. Os reis e principes soberanos não podem deixar de ouvir petições e ser importunados de requerimentos a que não devem deferir. E porque dizer *não* aos pretendentes e cousa tão dura para elles, como para o principe, será materia mui propria d'este logar e d'este evangelho por hoje em questão e averiguar duas cousas. Primeira: se é conveniente e decente a um rei dizer *não*. Segunda: qual é o modo com que o deve dizer no caso que convenha. Uma e outra resolução nos darão as palavras do thema: *Non est meum dare vos, sed quibus paratum est a Patre meo.*

Os palavros dizem que um rei nunca a deve dizer directamente.

II. Dos imperadores que precederam ao imperio de Trajano, diz o seu panegyrista Phmio, que desejavam muito ser rogados e que todos lhe pedissem, só pelo gosto que tinham de dizer *não*. Mas como estes, que elle chama principes, verdadeiramente eram tyrannos e mais monstros da natureza humana, que homens; excluido seja controvérsia este escandalos da razão e da humanidade, e começando a nossa questão pelas razões provaveis de duvidar, parece («dizem os politicos») que não é conveniente nem decente à magestade e auctoridade de um rei que pronuncie de palavra ou firme com a pena um *não*. Ou o rei diz *não*, porque não quer ou porque não pode («argumentam elles»); se é porque não quer, offende o amor; se porque não pode, desarredita a grandeza. E se as petições e requerimentos são tais que se não devem conceder, intendam os pretendentes o *não*, mas não o ouçam; seja discurso seu, e não resposta ou resolução real. Mais decente negativa é para o governo e menos desonra desconsolação para os que requerem que elles tomem por si o desengano. Desengane-os a dilação, engane-os o tempo; e se de dia não cuidam, nem de noite sonham mais que no seu despacho, os mesmos dias e noites lhes digam o que se lhes não diz, e por elles saibam o que não querem intender. Susentem-se na sua esperança, posto que

falsa; e fique sempre inteiro ao principe o perdónor de que não negou. Se por este modo se extindem os requerimentos e se entretecem e multiplicam os que veem requerer, isso mesmo é um certo genero de grandeza e auctoridade haver muitos pretendentes. O que elles gastam e despendem sustenta a majestade da corte e tambem as cõrtes dos que não são majestades. Já que pretendem sem merecimento, paguem as custas da sua ambição; e sirva-lhes a elles de castigo e aos mais de exemplo.

Contra o sophistico d'estas razões (que verdadeiramente tecem muito de vaidade) parece que são mais solidas as do dictame contrario. Tão vil e na mentira o *sim*, como honrado na verdade o *não*. A verdade (que por isso se pinta despida) não sabe encobrir, nem fingir, nem enfeitar, nem côrar e muito menos enganar; e a primeira virtude do throno, ou seja da justiça, ou da graça, é a verdade. Todo o artificio e couisa mechanica é não nobre, quanto mais real. O sol abranda a cera e endurece o barro, porque obra conforme a disposição dos sujeitos; mas em todos e com todos descobertamente: por isso o calor é inseparável da luz. Importa distinguir o bastão do sceptro: os estratagemas não são para o despacho; sejam embora para a campanha, mas não para a corte; para os inimigos e não para os vassallos. Saibam os pretendentes se podem esperar ou não; para que ao fim não desesperem. Quem diz que é arte de não desgostar, não diz, nem cuida bem. Melhor é dar um desgosto que muitos. Queixem-se de que os não satisfizeram; mas não possam dizer justamente que os enganaram. Se é dura palavra um *não*; mas duras são as boas palavras que suspendem e encobrem o mesmo *não*, até que o descobre o efeito.

Pediu Philippe rei de Macedonia á republica de Athenas o deixasse passar com exercito pelas suas terras, o que o senado lhe não quiz conceder; e porque o estylo dos Athenienses (que ainda hoje se chama estylo laconico) era resumir tudo o que se havia de dizer ás palavras mais breves; tomaram um grande pergaminho (que era o papel d'aquelle tempo), e escreveram n'ele um *não* com tamanhas letras que o enchia todo; e cerrado e sellado, esta foi a resposta que deram aos embaixadores de Philippe. É mui celebre nas historias gregas este breve e grandissimo *não*; mas na nossa Athenas ainda os ha maiores. Tantas petições, tantas remissões, tantas provisões, tantas patentes, tantas certidões, tantas justificações, tantas folhas corridas, tantas vistas, tantas informações pedidas muitas vezes á Asia e á America, tantas consultas, tantas interlocutorias, tantas replicas e tantas outras ceremonias e mysterios por escrito, a que se não sabe o numero nem o nome; e ao cabo de

Podem enganar-se porque a primeira virtude do throno é a verdade ou honestade.

Resposta laconica e franca que o governo de Athenas deu a Philippe rei de Macedonia, quando disse-lhe que costuma dar o governo de Lisboa.

quatro, de seis e de dez annos, ou o despacho ou o que significa o despacho, em meia resma de papel, é um *não*. Não fôra melhor este desengano ao principio? E as despezas d'este injusto interimento que se devem restituir n'esta vida, ou se hão de pagar na outra, por cuja conta correm? Já que não ha'veis de fazer ao pretendente a mercê que pede; porque não lh'a fareis ao menos do que ha de gastar inutilmente na pretenção?

*Prompta negativa d'el-rei
D. João II to.
mada
por mercé.*

Ao outro que presentava o seu memorial, disse el-rei D. João II na primeira audiencia, que não tinha lugar o que pedia; e elle beijou-lhe a mão. Intendestes-me? (Replicou el-rei)—Senhor, sim—Porque me beijais logo a mão?—Porque me fez vossa alteza mercê do dinheiro que trazia para gastar na corte; e agora o torno a levar para minha casa. Estas são as mercês do desengano e os despachos do *não* dicto a seu tempo. Não o dizer será maior política, maior auctoridade e decencia: mas dizel-o em muitos casos é obrigação e consciencia.

*Meios para
não desconten-
tar com
negativas.*

III. Disputada assim problematicamente a nossa questão; de umas e outras razões de duvidar se conclui com certeza que o *não* é como as outras cousas d'este mundo, que todas teem seus bens e seus males, suas utilidades e seus inconvenientes. Para não cair ou tropeçar n'estes que a cada passo se offerecem, ou atravessam, em tanta multidão de requerimentos, o primeiro cuidado ou cautela do prudente principe deve ser evitar, quanto fôr possivel, as occasiões de dizer *não*. Mas como se podem evitar ou aliar estas occasiões, sendo os pretendentes e as pretenções, os requerentes e os requerimentos tantos? Digo que fazendo com destreza e constancia que sejam menos e muito menos, e usando para isso dos meios que agora apontarei e nos ensina o evangelho.

*O primeiro é
negar aos vali-
dos o que
não se pode con-
ceder a ou-
tros. Exemplo
de Christo.*

Lxx. 21.

O primeiro meio é que os validos ou privados, por mais juntos que estejam á pessoa real e por mais dentro que estejam na graça, sejam os primeiros a que se não conceda o que pretendem. A razão ou consequencia é manifesta. Porque se os que estão de fôra virem que os que estão de dentro, e tão de dentro, não alcançam o que pretendem, como se alreverão elles a pretender nem pedir? No nosso texto o temos. Os apostolos, antes de descer sobre elles o Espírito Sancto, eram muito tocados da ambição e appetite de ser, como homens assim levantados do pó da terra ou das areias da praia. D'aqui nasceu aquella contenda tão indigna do sagrado collegio: *Facta est contentio inter eos, quis eorum videtur esse major.* Descobertamente disputaram e altercaram entre si sobre a preferencia, cuidando e defendendo cada um que elle era o maior. E tão

aferrados estavam todos á propria opinião, que ainda consultando a seu divino Mestre sobre a materia, não se sujeitaram a que elle absolutamente a delmisso: circumstancia digna de grande ponderação: *Quis putas maior est in regno coelorum.* Não disseram: Quem de nós é maior? Senão: Quem vos parece que o é? Para que ainda depois da resposta ficasse a maioria em opinião, e cada um seguisse a sua e se não descesse d'ella. Pois se esta ambição era de todos, e não só de João e Diogo; como foram só estes douos os que pretendiam e pediram as primeiras cadeiras; e nenhum dos outros, que tanto como elles o desejavam, intentou tal cousa? Por isso mesmo. Diogo e João eram conhecidamente os maiores validos de Christo e os mais entrados na sua graça, e os que a tinham mais bem fundada ainda n'aquelle razão natural que corre pelas veias. E como os outros apostolos viram que os logares que todos appeteciam se negaram aos validos, todos amainaram as velas e recolheram os remos da sua ambição, e nenhum teve confiança nem atrevimento para pretender nem pedir, quando a elles se tinha negado. Vede a virtude de um não para evitar muitos. Com o Senhor dizer uma vez Não: *Non est meum dare robis,* se livrou de o dizer oitenta e duas vezes. Se Christo concedera ou condescendera com esta petição dos douos apostolos, logo os outros dez haviam de vir com as suas; e após os dez apostolos os septenta e douos discípulos, que todos se haviam de querer aproveitar de tão boa maré. Mas com um não que disse aos validos, se livrou o Senhor de dizer dez nãos e septenta e douos nãos. Porque os reis não imilam este exemplo do Rei dos reis, por isso se vêem tão perseguidos de petições e tão atribulados de requerimentos, de que se não pôdem desembaraçar, mais constrangidos da consequencia que obrigados da razão; devendo e querendo negar a muitos, e não o podendo fazer pelo que teem concedido a poucos. Diga-se um não a João e Diogo, ainda que sejam validos; e logo, não só se poderá dizer com liberdade aos mais, mas cessarão as occasiões de ser necessário dizer-se.

Dirão, porém, os mesmos validos, ou alguém por elles, que não parece nem é justiça nem ainda bom exemplo e credito do mesmo rei, que os que servem e trabalham junto da sua pessoa e sustentam o peso da monarchia, devendo ser os primeiros e mais remunerados, fiquem sem mercê e sem premio. E é pouca mercê e pouco premio o ser validos? É pouca mercê e pouco premio estar sempre junto da pessoa real? O premio que Christo prometteu a seus ministros foi que estariam onde elle está: *Ubi ego sum, illic et minister meus erit:* nem o rei pôde dar maior premio, nem o ministro desejar mais avantajada mercê.

Contentam-se
os validos com
a graça de
estarem ao lado
da pessoa real.

Jean. 12. É verdade que isto mesmo se concedeu a um ladrão venturoso: *Hodie mecum eris in paradyso;* o que tambem pôde ter sua propriedade e sua applicação: «como, porém, este ladrão foi um só, a lei não pode ser, e não é (louvado Deus) lei geral».

Peçâo de
S. Paulo não
despachada
por Christo.

2. Cor. 12.

Did. 11.

Mas ouçamos o que sucedeua a S. Paulo, e como Christo o tractou em uma só petição que lhe fez, sendo o ministro que mais trahallou que todos em seu serviço. Pedia S. Paulo a Christo que o isentasse de certa pensão que pagava por conta de uma pouca de terra que herdara de seus pais e nossos, cujo exacter o apertava e molestava muito; e fazendo tres vezes esta petição: *Propter quod ter Dominum rogaui,* nem á primeira, nem á segunda, nem á terceira se serviu o Senhor de lhe deferir; sempre saiu escusado. Pois a Paulo, que se não era o primeiro valido, não era o segundo, porque dos dous primeiros ministros da casa e reino de Christo elle era um: a Paulo, que só para o melhor em seu serviço desceu o mesmo Christo segunda vez do céu á terra e o levou em vida ao céu para lhe communicar seus segredos; a este ministro, a este valido, a este que tanto privava com o seu principe, nega o Senhor uma pretenção tão justa e tão facil; e não uma só vez na petição, se não outra vez na nova instancia, e lerceira na replica? Sim: para que nem os validos extrahem as negativas, nem os principes se encolham e desanimem, ou cuidem que os aggravam e faltam á sua obrigação em lhes negar o que pedirem. Não era Paulo ministro que servisse em palacio à sombra de tectos dourados, sem molhar o pé no mar, nem o metter na campanha; mas era um ministro que em serviço e honra de seu principe peregrinava e corria o mundo em roda viva desde levante até poente, sempre com o montante na mão em perpetuas batalhas e conquistas por mar e por terra, e supportando no mar taes tempestades e naufragios que tal vez passou um dia e uma noite debaixo das ondas: *Die ac nocte in profunda maris fui.* E com que rosto (para quo o digamos assim) ou com que palavras negou Christo a um tal ministro o que pedia? O mesmo S. Paulo as referiu e são dignissimas de Quem as disse: *Et dixit mihi: sufficit tibi gratia mea:* Negó-te, Paulo, o que me pedes; porque te basta a minha graça. «Bem sei que a graça do principe, a qual é uma simples benevolencia ou favor externo, é mui diferente da de Christo, a qual influi internamente na alma e lhe comunica o seu poder. Mas, ainda supposta a infinita diferença que vai de graça a graça, é certo que aos validos e que logram a graça do principe, basta-lhes a merecida mesma graça; e todas as outras se lhe podem negar confiadamente. Confiadamente, digo, e podera dizer que com resabios

de desconfiança; porque o ministro que se não contenta com a graça, e além da graça quer outra mercê, não só é indigno da mercê, senão também da graça.

Mas há muitos que não conhecem o preço d'ella; e por isso com injuria da mesma graça e do príncipe fazem da graça degrau para outros interesses, que é o mesmo que pizal-a. Todo o ser que tenho, o devo à graça de meu Senhor, dizia S. Paulo da sua graça: *Gratia Dei sum id quod sum*. Assim o devem dizer e confessar ainda os que por merecimentos seus, e não por nossos peccados, estiverem na graça «do príncipe»; porque o contrato seria muita solerba e maior ingratidão. «E como S. Paulo continuou dizendo: *Gratia eis in me vacua non fuit*, a sua graça não foi em mim vazia; e o modo com que a encheu foi trabalhando e servindo, não só muito, senão mais que todos; «assim os validos do príncipe» não hão de encher a graça com mercês, senão com novos e maiores serviços. E segundo esta obrigação bem lhes pôde o príncipe negar o que pedirem; e elles prezarem-se muito d'essas negações.

Os philosophos distinguem douos generos de negações: umas que se chamam puras negações, e outras a que deram nome de privações. A pura negação nega o acto e mais a aptidão: a privação supõe a aptidão e nega o acto. O silencio é negação de fallar; mas com grande diferença no homem e na estatua. Na estatua é pura negação; porque a estatua não falla, nem é apta para fallar, senão inepta. Porém no homem é privação; porque ainda que o homem não falle é apto e capaz de fallar. D'aqui se segue que assim como o silencio na estatua é incapacidade e no homem virtude; assim o que se nega ao indigno é pura negação, a qual o affronta; e o que se nega ao digno, é privação, que o honra e acredita; e tanto mais quanto for mais digno. Taes são as negações que o príncipe fizer e deve fazer aos seus validos. São privações com que não só se acredita a si, senão também a elles; porque o maior credito do valido é que a sua privança seja privação. Por isso os validos com mais nobre e heroica etymologia se chamam privados. E quando elles folgarem de o ser, ou o príncipe fizer que o sejam, ainda que não folguem, as privações dos privados farão mais toleraveis as negações dos que o não são. E desenganados os demais com este exemplo, nem elles se atreverão a pedir o que se lhes deve negar, nem o príncipe será forçado a negar o que lhe pedirem, ficando livre por este meio de muitas e molestas occasões em que contra o decoro e agrado da majestade seja obrigado a dizer *Não*.

IV. O seguido meio ou industria de prevenir e atalhar o

Lembrem-se os
validos de
quanto devem
à graça
do príncipe.

1. Cor. 15.

Na negativas
que são honras
para
quem as recebe.

O seguido meio
é a justiça
e tolerância do
mesmo rei
conhecida por
Ist. Louvor
dado a Catão

não e as occasiões de o dizer, é que o principe em todos seus despachos e resoluções seja inteiro, justo e recto, e conhecido por tal. D'esta justiça e inteireza (que por outra parte é a sua primeira obrigação) se seguirão douz effeitos notaveis. O primeiro que ninguem se atreverá a pedir, senão o que fôr justo, o segundo que pedindo todos sómente o justo, a todos concederá o principe o que pedirem; e nunca dirá *não*. O mais justo, recto, inteiro e constante homem que houve entre os romanos foi Marco Porcio Catão. E que conseguiu com esta inteireza e constancia de sua justiça insflexivel? Conseguiu, como refere Plinio, que ninguem no seu consulado se atreveu a lhe pedir cousa que não fosse justa. Assim Ibo disse com admiração a eloquencia de Tullio: *O te felicem, Marce Porci, a quo rem improbam petere nemo audet!* Tal será a reverencia do governo e tal a felicidade do rei, que em todas suas resoluções e despachos observar constantemente a justiça. A justiça, como a deslinem os theologos e juristas, não é outra cousa que uma perpetua e constante vontade de dar a cada um o que merece. Se esta vontade (que ordinariamente é tão mudavel nos affecções humanas) fôr constante e perpetua no principe, todos se desenganarão, que não hão de alcançar d'elle senão o que fôr devido a seus serviços e proporcionado a seus merecimentos. E por meio d'esta desengano conseguirá a felicidade de que ninguem se atreva a lhe pedir, senão o que fôr justo: *O te felicem, a quo rem improbam petere nemo audet.* Feliz! porque não se atrevendo ninguem a pedir senão o justo, serão muito menos as petições e requerimentos. Feliz! porque não pedindo ninguem senão o que lhe é devido, haverá com que satisfazer a todos. Feliz! porque sendo as petições e requerimentos justificados, sempre o principe concederá o que se lhe pedir, e nunca dirá *não*. Não é melhor e mais decente e mais breve e mais util, que o *não* o digam a si mesmo aquelles que haviam de pedir, do que dizer-Ibo a elles o principe depois de pedirem? Pois isso é o que sucederá, se ninguem se atrever a pedir senão o que merecer.

Peções que
bem interpretar,
das q.
nibello inflam-
tores.

Seja o principe justo; e tão constantemente justo, que por nenhum outro motivo nem respeito dé a ninguem, senão o que merecer e lhe fôr devido, e logo os vassallos se não atroverão a pretender as sem-razões e exorbitancias que vemos, e se benzerão de pedir como de tentação. Oh se os reis tantas vezes e tão injuriosamente tentados, ao menos não consentissem na tentação! Não digo que castiguem severamente algumas petições; posto que imitariam n'isso a Salomão, o qual por uma petição-zinha (que assim lhe chamou a intercessora *Petitionem parvum*

Iam) mandou cortar a cabeça a Adonias. E verdadeiramente ha petições que bem interpretadas são libellos infamatorios dos mesmos principes em cujas mãos se mettem. Porque, se são dolosas, como era esta de Adonias, suppôem que são nescios: se são exorbitantes, suppôem que são prodigos: se são contra os canones apostolicos (como são muitos) suppôem que não são catholicos; e de qualquer modo que peçam o que não é justo, suppôem que são injustos. Mas se antes de fazerem as petições suppozerem e se desengarem que nenhuma causa hão de conseguir, senão o que dictar a inteira e recta justiça, elles se comporão com a sua ambição e tomarão por partido o não pedir. Este «partido» é mais conveniente para o vassallo, porque melhor lhe está «prevenir a negativa que recebel-a.» E' mais expediente para o governo; porque cessando o tumulto e inundação dos requerimentos, que verdadeiramente o afogam, terão mais facil expedição os negocios. E finalmente é mais decente e decoroso para o rei; porque nenhum que vier buscar o premio ou o remedio aos pés da majestade, se apartará d'elles descontente.

Mas que fará o rei para adquirir este credito e reputação universal de justo e por meio d'ella evilar as petições e requerimentos injustos? Digo que só o poderá conseguir aplicando o não tambem a si e primeiro a si que aos suhditos. É um grande documento do nosso texto e digno de se reparar muito n'elle. *Non est meum dare vobis:* diz o Senhor que o dar não é seu: o não primeiro cai sobre elle, que sobre os dous a quem negou o que pretendiam. Assim ha de fazer o rei que quer ser justo e ter opinião de tal. Cuidam os reis que o dar é seu; e o Rei dos reis diz que não é seu o dar. Pois Christo, em quanto Deus e em quanto homem, não é senhor de tudo? Sim é. Logo pôde-o dar a quem quizer e como quizer. Distingo: com justiça sim, sem justiça não. *Sancto Ambrosio: Non est meum, qui iustitiam servo, non gratiam.* Eu dou por justiça e não por graça. Os logares da mão direita e esquerda, que pretendiam os dous irmãos, eram do reino de Christo: *Ad dexteram et sinistram in regno tuo.* O modo por que pediam, não era por merecimento e por justiça, senão por graça e por parentesco: *Dic ut sedeant hi duo filii mei;* e por isso respondeu o Senhor, que não era seu o dar: *Non est meum dare vobis.*

Nenhuma cousa anda mais mal intendida e peior practicada nas cortes que a distincção entre a justiça e a graça. D'onde se segue que apenas ha mercê das que se chamam graça, que não seja injustiça e contenha muitas injustiças. Não nego que os reis podem fazer graças, e que o fazel-as é muito proprio da

Para o rei
adquirir fama
de justiça
não é a facil
em dar por
graça.

beneficencia e magnificencia real: mas isso ha de ser depois de salisfeitas as obrigações da justiça. Zacheu disse que daria a metade da sua fazenda aos pobres e que da outra ametade pagaria as suas dívidas e os danos d'ellas: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus; et, si quid aliquem defraudari, reddo quadruplum.* Disse bem, mas «com este modo de fallar» perverteu e trocou a ordem: porque em primeiro lugar estava o pagar as dívidas, que é obrigação de justiça, e depois o dar as esmolas, que é acto de liberalidade. E que desordem seria se se tomasse aos pobres e não se pagasse aos acredores? Que desordem seria (por lhe não dar outro nome) se a uns se tomasse violentamente o necessário, para se dar a outros prodigamente o superfluo? Como o pagar é especie de sujeição, e o dar é soberania e gratuleza, gostam mais os principes de dar que de pagar. Dêem: mas dêem do seu, se o tiverem; que dar e não pagar é dar o alheio. E se os Zebedeus (que são os que levam as graças) os importunarem que dêem, respondam como Christo: *Non est meum dare vobis.* O que perde não só o governo, mas as consciencias e almas dos principes, é cuidarem que pôdem tudo, porque pôdem tudo. Se assim lh'o dizem, e lisonja; e se o crêem, é engano. O rei pôde tudo o que é justo; para o que for injusto nenhum poder tem. Esta é a verdadeira e maior lisonja que se pôde dizer aos reis; porque é fuzel-los poderosos como Deus. Deus é omnipotente; e poderá Deus fazer uma injustiça? De nenhum modo. Pois assim devem intender os reis que são poderosos. E se os subditos se persuadirem que o rei assim o intende e assim o observa, nem elles desenganados pedirão, senão o que for justo, nem o rei importunado terá occasões de dizer *não*.

V. O terceiro meio de se cortarem as occasões de dizer *não*, é a observância inviolável das leis. Se as leis se conservarem em todo seu vigor sem dispensação, sem privilegio, sem exceção de pessoa, «conforme pede a commun utilidade», o *não* dil-o-ha a lei e não o rei. Houve algum homem alé hoje, por alrevido e insolente que seja, que fizesse petição a Deus para adulterar, para furtar, para levantar falso testimonho? Nenhum; porque estas leis são inviolaveis e indispensaveis. Pois o mesmo succederá ao principe, se conservar e mantiver as suas inviolável e indispensavelmente. E por este modo tão decoroso e tão facil se livrará de muitas occasões de dizer *não*; porque já o tem dicto a lei.

Pronunciou Deus depois do primeiro peccado a lei universal da morte, à qual quiz que ficasse sujeito Adão e todo o genero humano; e no mesmo ponto em que fez a lei, fez tambem que

O terceiro meio
é a observan-
cia invio-
lável das leis.

Todo o genero
humano es-
tava da para-
sa terreal
onde havia a
arvore da vida,
e para que?
Bonaria do
s. Thomas e
Hugo.

fosse inviolável. A lei da morte parece inviolável de sua mesma natureza; mas n'aquelle tempo podia-se violar facilmente; porque comendo Adão e qualquer outro homem do fruto da arvore da vida, ficava isento de morrer. «Tal era a virtude da arvore da vida ainda depois do peccado, como notam Sancto Thomás e Hugo citados por Cornelio a Lapide. E para o impedir que faz Deus? Pôz à porta do paraíso um cherubim com uma espada de fogo, para que sem exceção defendesse a entrada a todos, e se algum intentasse eximir-se da lei de morrer, morresse primeiro. Esta foi a ordem cerrada do cherubim, e este o rigor indispensável da lei, da qual não quiz Deus que fosse privilegiado nem seu proprio Filho. O privilegio chama-se em direito ferida da lei, *rulnus legis*; e o poder e espada do legislador não ha de ser para ferir as leis, senão para ferir a quem intentar quebrá-las, que por isso a espada do cherubim era espada e de fogo. Bem podéra Deus cortar ou seccar a arvore da vida, com que se escusavam todos aquelles apparatus de horror; quiz porém que a arvore ficasse em pé, e a lei se guardasse contudo inviolavelmente, para que intendesssem os legisladores que ainda que elles possam dispensar as leis, e o modo da dispensação seja facil, nem por isso o hão de permitir «como costumam, a não ser em casos tão raros que de razão se intenda não os abranger a lei.» Mas, Senhor, a arvore da vida está carregada de fructos; uns nascem, outros caem, e todos se perdem, podendo-se aproveitar com tanta utilidade. Oh maldictas utilidades! Este é o engano que perde aos principes. Dispensam-se as leis por utilidades (que ordinariamente são dos particulares e não suas); e abre-se a porta á ruina universal, que só se pôde evitar com a observância inviolavel das leis. Percam-se os fructos da arvore da vida, que são a mais preciosa cousa que Deus creou; percam-se as mesmas vidas, morra e sepulte-se o mundo todo; mas a lei não se quebre, nem se dispense.

E que se seguiu d'este rigor indispensável da lei? Seguiu-se aquele desengano universal que prêgou David: *Quis est homo qui taret et non videbit mortem?* Que homem ha que viva e não haja de morrer? E desenganados uma vez os homens de que a lei era inviolável; sendo a morte a cousa mais abhorrecida e a vida a mais amada, ninguém houve jámais que se atrevesse nem lhe viesse ao pensamento intentar ser dispensado para não morrer. Guardem-se as leis tão severa e inviolavelmente, que se desenganem todos que se não hão de dispensar; e com o não que elles dizem, se livrarão os principes de o dizer. Mas porque alguns principes são de tão bom coração, ou

Para desengano
universal
acerca
da morte.
Ps. 88.

de tão pouco, que nem á mãe dos Zebedeus, nem a seus filhos se atrevem a dizer *Nescitis quid petatis*, elles tomam a confiança para pedir: as petições são despachadas; e o não das leis cai sobre ellas e não sobre o que prohibem. Tanto que o prohibido se dispensa, logo a lei não é lei; não só porque o que se concede a um, não se pode negar aos outros; senão também, e muito mais, porque o que se concede a um que o pede, também se ha de conceder aos outros, ainda que o não peçam.

O que se concede a um que pede, se deve conceder aos outros ainda que o não peçam. Partida do filho Prodigio.

Luc 15.

Pedi o filho Prodigio a seu pae, que lhe desse em vida a parte da herança que lhe pertencia: *Pater, da mihi portionem substantiae quae me contingit*. Bem mostrou na petição o que havia de ser, ou o que já era. Vem cá, moço louco e atrevido; não sabes que os filhos não herdam de seus paes, senão depois da morte? Pois como te atreves a pedir a teu pae, que te dê a tua herança estando vivo; e como se te mette em cabeça que elle te ha-de conceder uma cousa tão albeia de toda a razão e de toda a lei? Fiou-se no grande amor que o pae lhe tinha; e o amor assim como é cego para conceder, assim é fraco para negar. Einfim, o bom velho dispensou na lei *communum* e deu-lhe a parte da herança que lhe pertencia: mas com uma circunstância notável; porque os filhos eram dous; e quando deu a sua parte a este, deu também a sua ao outro: *Dicisit illis substantiam*. Repara molto no nosso caso S. Pedro Chrysologo; e admira-se com razão de quo sendo um só filho o que pediu esta dispensação, o pae a concedeu logo a ambos: *Uno petente, ambobus totam substantiam mox divisit*. Que o pae em sua vida dê a parte da herança a um filho porque a pede, muito tinha que duvidar; mas passe. Porém ao outro filho, que não teve tal desejo, nem pediu tal cousa, porque lhe dá também logo a sua parte e não o deixa esperar pelo fim de seus dias? Porque procedeu coerentemente: a dispensação que se concede a um porque a pede, não se pode negar a outro, ainda que a não peça: *Uno petente, ambobus totam substantiam mox divisit*.

Por isso Christo não despachou os filhos de Zebedeu.

É o caso do nosso evangelho, mas decidido mais attentamente por Christo. Os apostolos eram doze; dous pediram; dez não pediram; e se o Senhor concedesse aos dous o que pediam, também o havia de conceder aos dez, posto que não pedissem. Pois assim como o pae do Prodigio obrou coerentemente em conceder ao filho que não pediu o que tinha concedido ao que pedira; assim o Senhor com mais alta coerencia negou aos dous que pediram o que se não devia conceder nem a elles, nem aos dez que não tinham pedido. O pae pela petição de um despachou a ambos; e Christo pelo despacho de dous respondeu a todos.

Persuada-se o principe que o que se concede a um, porque o pede, tambem se ha de conceder aos outros ainda que o não peçam, «sendo a lei igual para todos e nos casos que se opõem ao fim da mesma lei, não admittindo excepção». Intenda que as dispensações e privilegios não só são feridas da lei, mas feridas mortaes; e que a lei morta não pode dar vida á republica. Considere que as leis são os muros d'ella, e que, se hoje se abriu a brecha por onde possa entrar um só homem, amanhã será tão larga que entre um exercito inteiro. Olhe para as leis politicas, para as ordenanças militares e para tantas pragmáticas economicas, que sendo instituidas para remedio, vieram por esta causa a ser descredito. E seja a ultima e unica resolução do principe justo tractar as suas leis como suas, sustentando-as e mantendo-as em seu vigor inviolavel e indispensavelmente: porque o que a lei nega a todos sem injuria, depois que se concede a um (ainda que seja com razão), não se pode «em euquas circumstancias» negar a outro sem agravo; e é melhor, mais facil e mais decente que as mesmas leis digam o não conservando-se, do que quebra-las o principe pelo não dizer.

VI. O quarto e ultimo meio ou industria de evitar o não é anticipar os provimentos e não ter logares vagos; porque tanto que o logar está provido, cessam as prelengões. Admiravel é a diligencia e cuidado («hypothese de physicos antigos») que a natureza põi em impedir o vacuo e que em todo o universo não haja logar vazio. A este fim («segundo tal theoria») vemos subir a agua, e descer o ar, mover-se a terra, romperem-se os marmores, estalarem os bronzes e correrem todas as creaturas com impeto contra suas proprias inclinações. D'aqui nascem os frequentes terramotoes, e os extraordinarios e horrendos que não poucas vezes derribaram e destruiram cidades inteiras. O mesmo que «segundo a opinião d'estes physicos» faz a natureza por impedir o vacuo, faz a ambição pelo ocupar. Em havendo logares vagos, de todas as partes concorrem tumultuariamente a elles os pretendentes, não por impedir (que só se impedem uns a outros) mas por ocupar o vacuo. E quaes sejam os terramotoes e perturbações que d'ahi se levantam, basta que o digam as batalhas interiores de Roma no concurso dos consulados. No governo monarchico é muito facil alalhar todos estes inconvenientes, anticipando o vacuo de tudo aquillo que se pode pretender ou pedir, com prevenir vigilantemente que não haja logares vagos. E assim o deve fazer todo o prudente principe.

Partindo-se Christo para o céu mandou a seus apostolos e discípulos que se recolhessem a Jerusalém e que ali esperas-

As dispensações
só feridas
mortaes da lei.

Último meio a
anticipar os
provimentos e
não ter logares
vagos. Expli-
ca-se com uma
hypothese
de physicos an-
tigos.

S. Pedro profe-
ta o logar vago
pela
morte de Judas.

sem a vinda do Espírito Santo, que não tardaria muitos dias. Fizeram-não assim recolhidos ao cenáculo; e S. Pedro que já tinha recebido a investidura de princípio da Egreja, sem esperar que o Espírito Santo viesse, a primeira e única causa que logo fez, foi provér, como proveu em S. Mathias o logar que estava vago pela morte de Judas. Ninguém haverá que se não admire d'esta notável resolução e ação de S. Pedro em tal logar e tal tempo. O tempo em que os apostolos se haviam de repartir pelo mundo não era chegado, nem havia de ser, como não foi, senão d'ahi a alguns annos, depois de compostos e bem assentados os fundamentos de um tão grande edifício, como era o da nova e universal Egreja. Pois, porque não ditata S. Pedro este provimento ao menos por alguns dias; e porque não espera que desça o Espírito Santo sobre elle para fazer com mais infallível acerto a eleição d'aquelle logar? Porque tanto importa, e tanto intendeu S. Pedro que importava que os logares não estejam vagos nem por um momento. *Oportet* foi a primeira palavra com que começou a sua proposta o grande princípio do apostolado; e as ultimas com que concluiu a sua oração: *Accipere locum ministerio hujus et apostolatus, de quo praeunricatus est Judas, ut abiret in locum suum.* Os que alli se achavam, como nota o evangelista, eram cento e vinte homens, (que bastava serem homens para se temer algum inconveniente): *Erat autem turba hominum simul fere centum rigint.* Os que se converteram e se lho aggregaram no mesmo dia em que desceu o Espírito Santo foram tres mil: *Et apposita sunt in die illa animae circiter tria millia.* O numero que depois accresceu foi muito maior; e com tanta multidão de gente, toda capaz de aspirar e pretender aquelle logar se estivesse vago, bem se vê quão perigosa occasão podia ser de perturbar a paz e esfriar a união dos que convinha que fossem, como verdadeiramente diz o Evangelista que eram, *Cor unum et anima una.* Pois para prevenir este perigo e os inconvenientes que d'elle humanamente se podiam temer, proveja-se logo o logar, diz S. Pedro e não estaja um momento vago; d'onde se seguirá que, vendo-o os presentes e achando-o os que vierem provido, a todos se tire a occasão de o pretender ou pedir. Nem se pode duvidar que o provimento, que parecia anticipado, e a eleição d'elle seria acertada. Porque, como S. Pedro «pela» razão do seu officio tinha segura a assistencia do Espírito Santo; posto que o mesmo Espírito desceu sobre todos visivelmente ao decimo dia, n'aquelle mesmo dia desceu invisivelmente sobre S. Pedro, como já tinha descido quando eficazmente lhe inspirou que não dilatasse o provimento.

Act. 1.

Act. 2.

Act. 3.

Se assim o fizerem os principes seculares, a quem também por seu modo não falta a assistencia do Espírito Sancto, esta será uma discreta politica com que livrem aos pretendentes do trabalho ou tentação de pedir o a si mesmos das ocasiões de negar. A maior e mais dificultosa occasião que tem havido n'este genero foi o provimento da successão de David. Queria David, e sabia que era conveniente ao bem do reino, que o seu successor fosse Salomão, e que assim o tinha Deus decretado. Contra isto estava ser Salomão menor, e Adonias seu competitor, de todos os filhos de David que então viviam o primogénito, e como tal assistido do sequito communum do ecclesiastico e popular e de grande parte da milicia. Era chegado o negocio a termos que em um banquete, que n'aquelle dia tinha dado Adonias a todos os principes e senhores da sua parcialidade, já se lhe faziam os brindes à saude d'el-rei. Teve notícia d'isto n'aquelle mesma hora David; e que resolução tomaria? Selle-se, diz, a minha mula (que eram os cavallos de que então usavam os reis); monte n'ella Salomão; e ungido pelo propheta Nathan saia por Jerusalém com trombetas e atabales deante, e digam todos: Viva el-rei. Assim se executou no mesmo ponto. Ouviu-se no banquete com assombro o som das trombetas: soube-se o que passava; retiraram-se cheios de medo os convidados e todos no mesmo dia beijaram a mão a Salomão. Mas que razão deu de si David, e do que tinha mandado? Como respondeu ao direito e prelêngão de Adonias? E como enfeitou ou adouçou o não de o não ter nomeado a elle? Nenhuma cousa lhe disse, nem teve necessidade de lh'a dizer: porque vendo Adonias o logar provido, compoz-se com a sua fortuna, foi beijar a mão a Salomão; e nem a elle, nem a seu pae replicou uma só palavra. Tanto importa o prompto provimento dos logares para pôr silêncio á ambição dos pretendentes.

Exemplo
de David no
provimento da
successão
ao seu throne.

A praxe d'esta politica exerceu gloriosamente no nosso reino el-rei D. João o segundo, digno de ser chamado D. João o de bom memorial, assim como D. João o primeiro se chamou o de boa memoria. Tinha este prudentissimo rei um memorial secreto, no qual trazia apontados todos os que se avantajavam em seu serviço, ou fossem ministros do estado, ou da justiça, ou da fazenda, ou da guerra; e segundo o merecimento de cada um lhes tinha destinado os logares e os premios, assim como fossem vagando. Era proverbio dos hebreus, de que também usou Christo: *Ubicunque fuerit corpus, illuc congregabuntur et aquile*: onde houver corpo morto, logo ali correrão as aguias. Falla das aguias vulturinas, que são aves de rapina, as quaes têm agudissima vista e subtilissimo olfacto; e, em vendo ou

Exemplo
d'el-rei D. João
o segundo.

Luc. 17.

cheirando corpo morto, logo correm a empolgar e cevar-se n'elle. Assim sucede com a ambição dos pretendentes a todos aquelles por cuja morte vaga officio, commenda, vara, cadeira, mitra, governo, ou outro emolumento util e pingue, em que empregar (não digo as unhas) as mãos. Mas que fazia n'estes casos quotidianos o rei do bom memorial? Como n'elle tinha já destinadas as pessoas a quem havia de fazer o provimento, respondia que já o logar, officio ou beneficio estava provido; e as aguias que corriam famintas aos despojos do morto, encolhiam as azas, embainhavam as unhas e, ainda que queriam grasar, tapavam o bico.

Exemplo, que
Christo aliega,
do Pácreste
na prede-
sunião eterna.

É o que aconteceu hoje aos nossos dous pretendentes. A razão com que Christo lhes tapou a bocca, foi com dizer que aquelles logares já estavam destinados a outrem: *Non robis, sed quibus paratum est a Patre meo.* Se vós soubereis que para se proverem os logares do meu reino não se espera que concorram os pretendentes a pedil-os, senão que muito antes d'isso estão já destinados, é certo que os não pretendereis, nem pedireis: mas porque não sabeis este estylo do meu governo, por isso pedis e não sabeis o que pedis: *Nescitis quid petatis.* Podem replicar a isto os nossos pretendentes, que os logares que pediam não eram vacantes, senão creados ou que se haviam de crear de novo. Mas tambem esta instancia se desfaz com o *quibus paratum est* e com a prevenção ou predestinação dos providos. Deus quando cria officios de novo, primeiro cria os officiaes que os officios; e assim já nascem providos sem terem instante de vagos. Houve de crear de novo o officio de restaurador do mundo; e primeiro, e cem annos primeiro, nomeou a Noé e lhe mandou fabricar a arca, do que lhe desse e exercitasse o officio. Houve de crear de novo o reino de Israel; e primeiro creou o rei e mandou ungir a Saul por Samuel, do que creasse e lhe desse o reino. Assim o fez tambem Christo: muito antes de morrer nomeou a S. Pedro e depois de resuscitar lhe entregou a barca «ou governo da Egreja.» Não posso deixar de me lembrar n'este passo de quantas vezes se tem visto as náus da India de vergas de alto sem se saber nem estar nomeado quem as ha de governar. Nós começamos as nossas náus pela quilha, «Christo» começou a sua pelo píleto. Imitem esta política do céu os principes da terra: nos officios que se criarem façam primeiro os officiaes que os officios, e nos ordinarios e de successão tenham-lhes prevenidos os successors; e desta sorte, activa e passivamente, cessará em grande parte o desagrado do não.

Modos de negar
mais
vantajoso.

VII. Temos apontado os meios com que anticipadamente se

podem atalhar ou diminuir as occasões de se dizer nem ouvir este tão duro adverbio. Mas porque se podem offerecer com tudo algumas em que seja forçoso negar, vejamos agora o modo ou modos com que nos taes casos, com menos sentimento dos vassallos e menor mortificação do principe, se ha de dizer o *não*. El-rei que está no céu disse a um seu confidente que tinha vinte e quatro modos de negar. Teve esta notícia um embaixador, que bavia tempos requeria certo despacho; e com a confiança de creado antigo, que tinha sido de sua majestade, começoou uma nova instancia com estas palavras: Cá ouço que vossa majestade tem vinte e quatro modos de negar. Senhor, se vossa majestade tem vinte e quatro modos de negar, eu tenho vinte e cinco de pedir. Quaes fossem estes vinte e quatro modos de negar, eu o *não* sei, nem me ocorrem. Mas como são e podem ser mais os modos de pedir, necessário será contra a importunidade dos pretendentes repulsal-os talvez com um *não*, mais ou menos desenganado, segundo o que pedir a materia.

Primeiramente me parece que são merecedores de um *não* muito claro e muito secco, certo genero de alvitreiros que inventando e offerecendo novos arbitrios e industrias de accrescentar o erario ou fazenda real, jnctamente dizem (e aqui bata o poncto) que elles hão de ser tambem os executores, e para isso pedem meios e jurisdições. Nasceu zizania, diz Christo, entre a seara de um pae de familias; o que vendo os creados, vieram logo mui zelosos encarecendo aquella perda da fazenda de seu amo; offerecendo-se a ir mondar a seara e arrancar a zizania: *Vis, imus et colligimus ea?* Quereis, senhor, que a vamos colher? Colher disseram, «com muita propriedade» e não arrancar, porque estes zelos e offerecimentos sempre se encaminham a colheita. Respondeu o pae de familias sem lhes agradecer o cuidado. E que respondeu? *Ait illis: Non.* Disse-lhes *não*. Assim se ha de responder com um *não* muito secco e muito resoluto a similares propostas. O pae de familias intendia melhor da lavoura, que os creados. Os creados representavam a utilidade, e o amo reconhecia os inconvenientes: elles diziam que queriam mondar a seara, e elle reconheceu que haviam de arrancar o trigo: *Ne colligentes zizania eradicetis simul et triticum.* Nem se ha de fazer o que quereis, nem o haveis de fazer vós: far-se-ha a seu tempo e fal-o-hão os segadores, que é seu officio e o entendem: *In tempore messis dicam messoribus.* Quando os que não intendem as cousas, nem tem experiençia d'ellas, offerecem alvitres e se offerecem para os executar, sendo as utilidades só apparenles, as occasões intempestivas e os danos certos (como ordinariamente acontece), despida-os o pae de familias a elles e

Anecdotis da
côrte
de D. João IV.

^{1.º} A certo ge-
nero de alvi-
treiros negar re-
dondamente
o que podem. A
parábola da
zizania.

Matth. 13.

ás suas propostas; e diga-lhes um *não* muito resumido e muito claro. *Ai illus: Non.*

Descripar negativas com o costume e cosa barbara. A casa de Labão e a cória de Portugal.

Grau 29.

Em outras ocasiões de negar se costuma escusar um *não* com outro; e porque é modo muito ordinario e usado, não é bem que passe sem exame e sem censura. Negou Labão a Jacob o premio de sete annos de serviço, em que se concertaram; e em logar de Rachel (que foi peior que negar), coino quem paga com moeda falsa, lhe introduziu a Lia. Descobriu a luz o engano: queixou-se Jacob a Labão de lhe não ter dado a Rachel. E que satisfação lhe daria Labão? Disse que não era costume da sua terra casarem em primeiro logar as filhas segundas: *Non est in loco nostro consuetudinis ut minores ante tradamus ad nuptias.* E é costume da vossa terra não cumprir o promellido? É costume da vossa terra faltar á justiça e á razão e dar por escusa que não é costume? Passemos da terra de Labão á nossa. Em toda a terra, como demonstra Aristoteles, é lei natural que os sabios governem e mandem, e os que menos sabem obedeçam e sirvam. Em toda a terra é lei natural, confirmada com as civis, que os que forem mais eminentes em cada genero suham aos maiores logares e tenham os primeiros prémios. Mas tira-se por excepção a nossa terra, na qual para alcançar estes prémios e para subir a estes logares não basta a eminencia dos talentos, nem dos merecimentos, se falta certo grau de qualidade; bastando só esta qualidade, sem outro merecimento nem talento, para pretender e alcançar, ou alcançar sem pretender, os mesmos logares. E se os extrangeiros se admiram e pasmam de vér que os homens, que elles e o mundo venera, não ocupem aquelles postos, responde-se: *Non est in loco nostro consuetudinis.* Se um dos nossos pretendentes do evangelho (e seja Sanct'-Iago, que veio a Portugal) viera hoje, e em logar da cadeira que pedia, pretendera a de qualquer bispoado do reino, haviam-lhe de responder que no reino não; porque era filho de um pescador: que o maior favor que se lhe podia fazer era dar-lhe um bispoado ultramarino; e logo lhe nomeariam salyricamente o de Melapor por ser na costa da Pescaria. Se Josue, conquistador de trinta e tres reinos, quizesse ser capitão general: também lhe haviam de oppôr que tinha sido criado de Moysés. E Jose, o qual teve maior industria que todos os homens para adquirir fazenda a seu rei e maior fidelidade para a conservar, se quizesse ser vedor da fazenda; vede se lho consentiriam as ovelhas que tinha guardado seu pacl Não fallo em Bartolo, se lhe viesse ao pensamento a regencia da justiça, ou a Navarro a da conscientia: porque o segundo tendo eosinado em Portugal, com assombro de todas as univer-

sidades, o que apprendeo na de Coimbra, foi a tomar por si o *não* e ir morrer em terras estranhas, porque se lhe não dissesse na nossa: *Non est in loco nostro consuetudinis*. A censura d'este que se chama costume, é que não é costume, senão abuso contrario à natureza, à razão, à virtude, e prejudicial à república; e que os principes que se excusam com este modo de *não*, elle não só os não excusa, mas accusa e condena mais; fazendo-os odiosos aos vassallos, ao mundo e aq mesmo Deus; o qual por isso fez a todos os homens filhos do mesmo pae e da mesma mãe.

Excluido pois este abuso particular da nossa terra, o modo que em todas e todos approvam e os melhores politicos ensinam como mais decente, é que nas occasões de negar, para abrandar a dureza do *não*, depois de mandar consultar as matérias, se excuse o sahio principe com os seus conselhos. É necessário porém advertir n'este meio que deve ser applicado com tal moderação e cautela, que por enseitar o *não* não se afeie a auctoridade do rei, nem o credito dos conselhos, nem as mesmas razões da excusa. Negou el-rei Achis a David a licença que lhe pedia para o servir em certa guerra como aventureiro entre suas mesmas tropas, e excusou o *não* com os seus conselheiros: *Non places satrapis*. Porem antes de chegar a pronunciar este *não*, e depois d'elle, fez com juramento um protesto mais honrado para quem o ouvia, que para quem o jurava: *Vixit Dominus, quia reclus es tu et bonus in conspectu meo; sed non places satrapis: scio quia bonus es tu in oculis meis sicut angelus Domini*. Juro-vos, David, que no meu conceito sois recto e bom; e me pareceis tão bom e tão recto como um anjo de Deus: mas não contentais aos do meu conselho. Quantas cousas se negam aos grandes sujeitos, como David, não porque não sejam dignos e dignissimos d'ellas, mas porque não contentam aos do conselho dos reis. Se dissera que lhes não contentavam os offerecimentos de David, motivos podia ter para isso: mas que lhes não contentava a pessoa? E se o conceito do rei era tão diverso, que o tem por homem justo e bom e que mais lhe parece anjo que homem: porque se não conforma o rei antes com o seu parecer e com o seu juizo, que com o descontentamento dos conselheiros? E já que se conforma com elles na resolução; porque a intima a David florreada de tantos louvores, que os mesmos louvores confutam e condennam a negativa? Todo isto disse Achis para enseitar o *não* com que negava a David o que lhe pedia. Mas com estes mesmos enseites afeiou primeiramente a auctoridade e soberania de rei; porque, seguindo o voto dos conselheiros contra o

2.º Temporar
as negativas al-
terando com
os seus conse-
lhos Exemplo
d'el-rei Achis.

1. Reg. 20.

juizo e experientia propria, mostrou que era subdito dos seus conselhos e não superior e senhor. Afeiou tambem o credito dos mesmos conselhos; porque dizendo que David lhes não contentava, mostrou que se governavam mais pelo affecto das pessoas que pelo merecimento das cousas. Afeiou finalmente a mesma razão com que se excusava; porque sendo os procedimentos de David tão rectos como elle reconhecia, jurava e tinha experimentado, elles mesmos desfaziam toda a chamada razão da excusa e convenciam ser pretexto. Havendo pois o principe de se escusar ou escudar com os seus conselhos, diga que mandou considerar a materia e que se conformou com elles, e não diga mais.

3.º Imitar ao
Filho de Deus
que allegou
as disposições
de seu Pae.

VIII. Isto é, Senhor, o que prudentemente ensina a politica humana, confirmada mais altamente com os documentos da sagrada que tenho referido. O meio, porém, que sobre todos represento e offereço a vossa Alteza para a feliz administração do sceptro, que com tão particular providencia poe nas reaes mãos de vossa Alteza a Divina, é o exemplo do Filho de Deus nas palavras que tomei por thema, tão proprias do tempo, circunstancias e occasião presente, que parecem dictadas e escriptas só por ella. Negou Christo aos dous irmãos os logares que pediam; e o meio com que lhes adoçou a elles o não e com que o fez decoroso e decentissimo para si, foi com allegar os decretos e disposições de seu Pae: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.* Não é meu, diz o Senhor, conceder-vos o que pedis; porque esses logares, já meu Pae os decretou para outros; e assim como d'elle herdei o poder, assim d'elle hei de seguir e confirmar os decretos. Isto é o que devem imitar os principes herdeiros; e tanto mais gloriamente, quanto filhos de pais mais gloriosos. É consequencia natural que com o sol que se põi se escureçam uns logares, e com o que nasce se alumiem outros; e esta é a alva, ou alvo, das preleções no oriente dos reis que começam e occaso dos que acabam. Mas o principe que leva a fortuna de succeder a um pae tão digno das saudades dos vassallos, como da imitação dos filhos, com se referir ás eleições de seu pae se livra de inovar outras. Se João e Diogo, ou por si ou por outrem, fizerm instancias, responda com o formulario dos Rei dos reis: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo;* ser-lhe-ha tão facil o Não como decoroso e reverente.

Instauro recomendação de Ribeiro
por não seguir essa política

Haverá, não duvido, (como sempre ha nos novos reinados) ambições desejosas de se introduzir, que aconselhem e persuadam o contrario. Mas quaes sejam os efeitos d'estas novidades que tão docemente se ouvem e tão facilmente se abracam, bem o podem ver os conselheiros e os aconselhados e es-

garmentar (se quizerem) no novo e infiusto reinado de Roboão, filho d'el-rei Salomão, por cuja morte o juraram todas as doze tribus de Israel nas cõrtes de Sichem. Assentaram tambem nas cõrtes pedir ao novo rei os alliviasse dos tribulos, que pagavam no tempo de seu pae; os quaes por occasião das fabricas, assim do templo como dos palacios reaes, e muito mais pela excessiva despeza com que Salomão sustentava tanto numero de rainhas, chegaram a ser insupportaveis. Feita esta petição, diz o texto sagrado, que chamou Roboão a conselho os velhos do tempo de seu pae, e que todos lhe aconselharam concedesse benignamente aos povos o que tão justamente pediam : porque assim lhes ganharia as vontades e se conservaria no reino. Não se aquietando porém Roboão com este conselho, diz o mesmo texto, que consultou o negocio com os moços com quem se tinha creado, e o assistiam, e que aconselhado por elles respondeu ao povo que o seu dedo meminho era mais grosso que seu pae pela cinctura ; e que, conforme esta diferença da sua grandeza, não só lhes não havia de moderar o açoite dos tributos ; mas que se as correias no tempo de seu pae eram de couro, no seu haviam de ser de ferro: *Pater meus cecidit vos flagellis, ego autem caedam vos scorpionibus.* Esto foi o conselho, esta a resposta; e o successo, em summa, qual se podia esperar de tal resposta e de tal conselho. Porque das doze tribus que juraram a Roboão, as dez lhe negaram logo a obediencia, e a deram a Jeroboão, creado que tinha sido de seu pae ; querendo antes ser vassalos de um creado de Salomão, que de um tal filho de Salomão.

E se buscarmos a origem de tão infeliz e desastrado successo, em que um rei sem batalha perdeu as dez partes do seu reino para si e para todos seus descendentes em uma hora, acharemos que foi por não querer conservar os ministros antigos que assistiam ao lado de seu pae, e tomar outros. Assim o diz e pondera a Escriptura : *Reliquit consilium senum, qui assistebant coram Salomone patre ejus cum adhuc viveret ; et adhibuit adolescentes, qui nutriti fuerant cum eo et assistebant illi.* Nota-se este o aquelle assistebant. A causa proxima da ruina de Roboão foi deixar o maduro conselho dos velhos experimentados e tomar o dos moços orgulhosos e sem experiençia. Mas a origem d'essa mesma causa esteve um passo mais atraç, que foi mudar os ministros que assistiam ao lado de seu pae. *Qui assistebant coram Salomone, patre ejus ;* e « nomear » de novo aquelles com que se tinha creado, para que o assistissem a elle: *Qui nutriti fuerant cum eo et assistebant illi.* A ultima decocção dos negocios faz-se entre os ministros que estão ao lado

2. Reg. 12.

A origem da
sua ruina foi
deixar os conse-
lhadores
de seu pae.

dos reis, como se viu n'este mesmo caso; e se os mesmos que assistiam a Salomão, assistissem a seu filho, o voto d'estes havia de ser o que prevalecesse, e os povos ficariam contentes, o reino inteiro, o rei obedecido e amado; e Roboão, que dizia que era maior que seu pae, tão grande como elle.

*Os filhos devem
herdar os
amigos de seu
pae.*

Prov. 13.

Nem deve passar sem advertemcia a repetição emphatica com que o texto sagrado depois de dizer: *Assistebant coram Salomonem, acceresenta Patre ejus.* Parece desnecessaria esta nova expressão; pois de toda a narração da histori constava ser Salomão pae de Roboão. Mas foi nota e ponderação dignissima de se não dissimular, como de uma maior circumstancia que notavelmente agrava o caso. Porque, ainda que os ministros de quem Salomão em sua vida se tinha servido juncto a sua pessoa, por serem ministros do rei mais sabio que leve o mundo, mereciam ser estimados, honrados e conservados no logar que com elle tinham; só por serem ministros de seu pae (ainda que esse pae não fôra Salomão) se devia Roboão servir d'elles e tel-os sempre juncto a si e fazer maior confiança da sua fidelidade, da sua verdade, do seu zelo e do seu amor, que do de todos os outros: *Amicum tuum et amicum patris tui ne dimisiris,* diz o Espírito Santo por boca do mesmo Salomão: o teu amigo e o amigo de teu pae não o apartes de ti. E que mais leem os amigos que foram amigos dos paes, do que os amigos novos que os filhos elegem? Teem de mais aquella diferença que ha entre o certo e o duvidoso. Os amigos novos que os filhos elegem poderá ser que sejam bons e fieis amigos; mas os que foram amigos dos paes, já é certo que o são; porque estes já estão experimentados e provados; aquelles ainda não. Por isso disse sabiamente Socrates, que os mais seguros amigos são os que se herdaram. A amizade dos que se fazem de novo é duvidosa, a dos que se herdaram, e vem de paes a filhos, certa. E d'aqui conciliá este famosissimo plulosopbo, que os filhos não só são e devem ser herdeiros da fazenda dos paes, senão tambem dos amigos. Se Roboão, assim como herdou a coroa, herdara tambem os amigos de seu pae, elle não perdera o reino: mas porque herdando o reino quiz fazer novos amigos, elles o perderam. Quando estes se quizeram introduzir á assistencia da pessoa e logares do lado de Roboão, facilmente e sem os escandalizar lhe podera elle dizer, que estavam deante os que tinham servido a seu pae e de quem elle tinha feito eleição. Mas o erro de Roboão estava em que os que se tinham criado com elle, a primeira causa que lho persuadiram foi que as suas eleições haviam de ser melhores. Porque, se poderam tanto com as suas lisojas e se cogou tanto

com elas o pobre moço, que se persuadiu e se atreveu a dizer que o seu anel tinha maior roda que o cíntio de seu paes; como lhe não meteriam também em cabeça que, sendo seu paes Salomão, sabia mais que elle?

Esta é a cegueira em que ordinariamente caem os filhos dos reis; e por isso em succedendo no governo, mudam creados e officios e quanto seus paes tinham ordenado: não advertindo que em materia de prover logares, sabem mais os paes com os olhos fechados, que os filhos, por mais sabios que sejam, com elles abertos. Estava Jacob já cego com a velhice, quando seu filho José lhe apresentou os dous netos Manassés e Ephraim, para que lhes lançasse a benção. Era Manassés o maior e por isso lho pôz José à mão direita, como a Ephraim, porque era menor, à esquerda. Porém Jacob cruzou e trocou as mãos, e pôz a direita sobre a cabeça de Ephraim e a esquerda sobre a de Manassés. Não, senhor, replicou José; que este, sobre que pondes a mão direita, é menor, e o maior fica à esquerda. E que responderia Jacob? Que responderia o paes cego? *Scio, fili mi, scio:* Bem sei, filho meu, qual é o maior e o menor, e bem sei também o que faço; porque sei o que não vedes. Vós vedeis só as edades d'esses dous meninos, eu vejo-lhes as edades e mais as fortunas. E porque a fortuna de Ephraim ha de ser muito maior que a de Manassés; por isso ponho a mão direita sobre o que vós tendes por menor, e a esquerda sobre o outro. José era tão sabio, como todos sabem e como experimentou e admirou o Egypto, onde sucedeu este caso: e comitudo Jacob estando cego via duas vezes mais que José, e sabia duas vezes mais que elle: porque mais sabe, como dizia, um paes com os olhos fechados, que o mais sabio filho com elles abertos. Cuidem os filhos, e não descontiem de que se cuide, que seus paes sabem mais que elles.

Uma vez perguntaram os discípulos a Christo quando havia de restituir o reino de Israel; e outra vez se escusou o Senhor com responder que esses segredos só os sabia seu Paes. Pois, Mestre Divino, em quem o mesmo Paes tem depositado os tesouros de sua sabedoria, não sabeis vós também estes dous segredos? Sim, sei: mas sei-os para os guardar, não os sei para os dizer. Excellent solução; e esta é a verdadeira d'estes dous textos. Será bem comitudo, Senhor, que cuidem vossos discípulos que não sabeis tudo? Como a comparação não é mais que entre meu Paes e mim, cuidem embora. Nenhum filho deve desconfiar de que se cuide que seu paes sabe mais que elle; e assim o ha de entender e suppor, como também Christo o supunha em quanto homem. E se alguém me replicar que este, ou

Em materia de prover logares, em geral os paes sabem mais que os filhos. Benção de Jacob aos dous filhos de José.

Gra. 18

Todo o filho christão, à imitação do Divino Mestre, não se suvergonde de confessar que sabe menos que seu paes, e será feliz.

outro mal maior, é o de peccado e mudo. O mais desventurado homem de que Christo nos quiz deixar um temeroso exemplo foi aquelle da parabola das vodas, a quem o rei, atado de pés e mãos, mandou lançar para sempre no carcere das trevas. O rei era Deus, o carcere o inferno, e o homem foi o mais desventurado de todos os homens; porque no dia e no logar em que todos se salvaram, só elle se condemnou. E em que esteve a sua desgraça? Só em peccar? Não; porque muitos depois de peccar se salvaram. Pois em que esteve? Em emmudecer depois do peccado. Extranhou-lhe o rei o descommmediamento de se assentar à sua mesa e em tal dia com vestido indecente; e elle em vez de sollicitar o perdão da sua culpa confessando-a, confirmou a sua condemnação emmudecendo: *At ille ohmutuit;* e elle, diz o evangelista, emmudeceu. Aqui esteve o remate da desgraça. Mais motivo em emmudecer que em peccar; porque, commettido o peccado, tinha ainda o remedio da confissão; mas, emmudecida a confissão, nenhum remedio lhe ficava ao peccado. Peccar é infermar mortalmente: peccar e emmudecer é cair na infermidade e renunciar o remedio. Peccar é fazer naufragio o navegante: peccar e emmudecer, é ir-se com o peso ao fundo e não lançar mão da tábua em que se pôde salvar. Peccar é apagarem-se as alampadas ás virgens nescias: peccar e emmudecer é apagar-se-lhes as alampadas e fechar-se-lhes a porta. O peccado tem muitas portas para entrar e uma só para sair, que é a confissão. Peccar é abrir as portas ao demônio para que entre á alma: peccar e emmudecer, é abrir-lhe as portas para que entre e cerrar-lhe a porta para que não possa sair. Isto é o que em allegoria commum temos hoje no evangelho: um homem endemoninhado e mudo: endemoninhado, porque abriu o homem as portas ao peccado; mudo, porque fechou o demônio a porta á confissão.

O evangelho do
padre veneciano
nhando mundo.

E que fez Christo n'este caso? Maior caso ainda! *Erat ejiciens.* Não diz o evangelista que lançou Christo o demônio lárs, senão que o estava lançando. Achava Christo repugnancia, achava força, achava resistencia; porque não ha cousa que resista a Deus n'este mundo, senão um peccador mudo. Tantas vozes de Deus aos ouvidos, e o peccador mudo. Tantos raios e tantas luxes aos olhos, e o peccador mudo. Tantas razões ao entendimento, tantos motivos á vontade, tantos exemplos, e tão desastrados, e tão repetidos á memoria; e o peccador mudo. Que fez assim Christo? Applicou a virtude de seu poder eficaz: bateu á porta: porque não bastou bater á porta, insistiu, aperlou, venceu, saiu rendido o demônio, e fallou o mudo: *Cum ejecisset daemonum, locutus est mutus.* Este foi o fim da batalha, glorioso para Christo.

venturoso para o homem, affrontoso para o demonio, maravilhoso para os circumstantes; e só para o nosso intento parece que menos proprio e menos airoso: «porque, como femos ouvido» primeiro saiu o demonio, e depois fallou o mudo; e n'esta circunstancia parece que se encontra a ordem do milagre com a essencia do mysterio.

Na confissão primeiro falla o mudo e depois sai o demonio; primeiro se confessa o peccador e depois se absolve o pecado. Logo, se n'este milagre se representa o mysterio da confissão, primeiro havia de fallar o mudo e depois havia de sair o demonio. Antes não; e por isso mesmo: porque aqui não só se representa a confissão, senão a confissão perfeita; e a confissão perfeita não é aquella em que primeiro se confessa o peccado e depois se perdão; senão aquella em que primeiro se perdoa e depois se confessa.

Se não houvera no mundo mais modos de confissões que estes dous que tenho dicto, não me ficava a mim para fazer hoje mais que seguir (como dizia) as pizadas dos nossos prégadores antepassados e exhortar á frequencia d'este Sacramento e á confissão e arrependimento dos peccados. Mas, se me não engano, ainda ha outro modo de confissão e mui propria da corte. Deve ser como os trajos, confissão alamoda. Dissemos que havia confissão em que primeiro sai o demonio e depois falla o mudo, e confissão em que primeiro falla o mudo e depois sai o demonio. Ainda ha mais confissão; e qual é? Confissão em que o mudo falla e o demonio não sai. «E que confissão é esta? E a confissão não como se deve, mas como se costuma fazer, não como Christo a instituiu, mas como o demonio a transtornou; emtím é a confissão mal feita.» A razão é manifesta. A confissão bem feita é sacramento, a mal feita é sacrilegio: a confissão bem feita lira todos os peccados, a mal feita acrescenta mais um peccado; e «assim» a confissão bem feita lança o demonio fóra e a mal feita mette-o mais dentro. Ora eu hoje hei de tractar da confissão, como prometti. Mas porque o remedio se deve applicar conforme a chaga, não hei de tractar da confissão «como se deve fazer, mas da confissão como se faz; isto é tractarei da confissão mal feita». Eis aqui a velhice e novidade do assumpto; e assim como hoje as turbas se admiraram, porque no milagre de Christo saiu o demonio e o mudo fallou; nós também teremos muita materia de admiração; e não porque o demonio sai e o mudo falla, senão porque o mudo falla e o demonio não sai.»

II. Admiravel cousa é ver muitos peccados como se fazem e ouvir como se confessam! Vistos fóra da confissão e em si mes-

*Neste estranho
lugar é figura-
da a confissão
perfeita.*

*Onde a confis-
são das cortes.
E o assunto
do sermão.*

*Como se fazem
os peccados
e como
se confessam.*

mos são peccados e graves peccados: ouvidos na confissão e com as cores de que alli se revestem, ou não parecem peccados, ou parecem virtudes. Seja exemplo (para que nos accommodemos ao logar) o peccado e a confissão de um grande ministro.

Historia de Arão na adoração do bezerro.

Esd. 32.

Tractaram os hebreus de ter um deus, ou um ídolo, que em logar de Moysés os guiasse pelo deserto. Vão-se ter com Arão e dizem-lhe: Arão, fazei-nos um deus, ou uns deuses, que vão deante de nós. Arão n'este tempo era supremo ministro eclesiástico e secular: porque em ausencia de Moysés ficara com o governo do povo; e como cabeça espiritual e temporal tinha dobrada obrigação de não consentir com os intentos impios dos idolatras e de os reprehender e castigar, como um atrevimento tão sacrílego merecia, e de defender e sustentar a fé, a religião, o culto divino; e quando mais não podesse, dar a vida e mil vidas em sua defensa. Isto é o que Arão tinha obrigação em consciencia de fazer. Mas que é o que faz? Ide advertindo as palavras e acções todas, porque todas importam muito para o caso. Respondeu Arão, em consequencia da proposta d'aquella gente, que fossem a suas casas, que tirassem as arrecadas das orelhas a suas mulheres, a suas filhas e a seus filhos (conforme o uso da Asia) e que lh'as trouxessem todas: *Tollite inaures aureas, de uxorum filiorumque et filiarum restrarum auribus, et afferte ad me.* Trazidas as arrecadas, tomou-as Arão, derreteu o ouro e, feitas suas formas segundo a arte, fundiu e fez um bezerro: *Quis cum ille accepisset, formari opere fusorio, fecit que eis ritulum constatim.* Tanto que apareceu acabada a nova imagem, aclamaram logo todos, em presença de Arão, que aquelle era o deus que os tinha livrado do captiveiro do Egypto. E por se não mostrar menos religioso o sacerdote supremo, *Artificariit altare coram eo, et praeconis rote clamat dicens: Cras solemnitas Domini est:* edificou Arão um altar, pôz sobre elle o ídolo; e mandou lançar pregão por todos os arraiais que no dia seguinte se celebrava a festa do Senhor; chamando Senhor ao bezerro. Ha ainda mais blasphemias e mais indignidades? Ainda. Amanheceu o dia solemníssimo, fizeram os sacerdotes muitos sacrifícios, seguiram-se aos sacrifícios banquetes e aos banquetes festas e danças: tudo em honra e louvor do novo deus. Atéqui ao pé da letra a primeira parte da história.

Como Arão pecou e como confessou o peccado.

Pergunto agora: E se Arão houvesse de confessar este peccado, parece-vos que tinha bem que confessar? Pois assim aconteceu. Houve de confessar seu peccado Arão: confessou-o; mas vede como o confessou, que é muito para ver e para apprender.

Desceu Moyses do monte no mesmo ponto em que se estavam fazendo as festas: vê o ídolo, accende-se em zelo, abomina o caso, argui a Arão de tudo o sucedido «bradando:» Que te fez este pobre povo para o fazeres reu deante de Deus do maior de todos os crimes? Confessou Arão a sua culpa e confessou-a por estes termos: Vós, senhor, bem sabeis que este povo é inclinado ao mal: disseram-me que lhes fizesse deuses a quem seguissem (agora vai a confissão. Ide-vos lembrando de tudo o que temos dito.) Perguntei quem tinha ouro? Foram-no buscar e trouxeram-m' o, e eu o lancei no fogo, e saiu este bezerro: *Quibus ego dixi: Quis vestrum habet aurum? Tulerunt et dedecunt mihi, et projici illud in ignem, egressusque est hic vitulus.* Ia tal confissão? Ia tal verdade? Ha tal caso no mundo? Vinde cá, Arão; estae a contas commigo deante de Deus. Vós não mandastes a todos estes homens que fossem buscar as arrecadas de ouro de suas mulheres, de suas filhas e de seus filhos, e que lhas tirassem das orelhas e vol-as trouxessem? Pois como agora na confissão dizeis que perguntastes sómente: Quem tinha ouro? Mais. Vós não tomastes o ouro e não o derretestes, não o fundistes, não formastes e fizestes o bezerro? Pois como dizeis agora na confissão que lançastes ouro no fogo, e que o ídolo se fez a si mesmo, e não vós a elle? Mais ainda. Vós não fabricastes o altar? Não pozeastes n'elle o ídolo? Não lhe dedicastes dia sancto? Não lhe chamastes Senhor? Não lhe fizestes ou mandastes fazer sacrifícios, holocaustos, banquetes, jogos, festas? Pois como na confissão agora calais tudo isto, e não se vos ouve nem uma só palavra em matérias de tanto peso? Eis aqui como dizem os peccados com as confissões e as confissões com os peccados. E assim confessou os seus o maior ministro ecclesiastico e secular do povo de Deus.

Falou Arão no que disse e foi mudo no que calou. Mas nötate que, se fez grande injuria à pureza da confissão no que calou, muito maior injuria lhe fez no que disse pelo modo com que o disse. Porque, no que calou, calou peccados; no que disse, fez de peccados virtudes. Que é o que calou Arão? Calou o altar que levantara ao ídolo, a adoração que lhe dera, o nome de Senhor com que o honrara, os pregões, o dia solemne, as ofertas, os sacrifícios, as festas; e sobre tudo abrir a primeira porta e dar princípio às idolatrias do povo de Israel, que duraram com infinitos castigos por mais de douz mil anos. São boas venialidades estas para se calarem na confissão? Pois isto é o que calou Arão. E que é o que confessou, e como o confessou? O que confessou foi o seu peccado; mas o modo com que o confessou foi tão diverso, que sendo o maior pec-

Do seu peccado
que é fer
quasi virtude.

cado parecia a maior virtude. O que Arão disse a Moyses foram estas palavras formaes: Pediram-me que lhes fizesse um ídolo, perguntei-lhes se tinham ouro; trouxeram-m'o e eu arremesset-o no fogo. Olhae como referiu a historiæ! Olhae como despiou a acção! Olhae como enseitou o peccado! Pedir o ouro para fazer o ídolo e derretele-o e fundil-o e formal-o e expol-o para ser adorado; isso não era só concorrer para a idolatria, mas ser auctor e dogmatista d'ella; e isto é o que fez Arão. Pelo contrario pedir o ouro de que o povo cego queria se formasse o ídolo e arremessal-o no fogo, era pôr o fogo á idolatria, era abrazal-a, era queimal-a, era fazel-a em pó e em cinza; e isto é o que Arão confessou que fizera. Julgae agora se similhantes confissões são boas para lançar o demônio fóra da alma, ou para o meter mais dentro. Fallo da confissão de Arão: cada um examine as suas. Se as vossas confissões são como a de Arão, leem muito que condennar: bem será que desçamos a fazer um exame particular d'ellas, para que cada um conheça melhor os defeitos das suas.

A confissão de um ministro e sete circunstâncias de seu exame.

E para que o exame se accommode ao auditorio, não será das consciencias de todos, senão só dos que leem o estado á sua conta. Será um confessionario geral de um ministro. Os theologos reduzem ordinariamente este modo de exame a sete titulos: *Quis, quid, ubi, quibus, auxiliis, cur, quomodo, quando*; «que abrangem todas as circumstâncias de pessoa, materia, logar, meios, motivos, modo e tempo». A mesma ordem seguiremos, eu para maior clareza do discurso, vós para maior firmeza da memoria. Deus nos ajude.

Circumstância da pessoa que se confessa.
Ministros universais.

III. *Quis.* Quem sou eu? Isto se deve perguntar a si mesmo um ministro, ou seja secular ou seja ecclesiastico. Eu sou um desembargador da casa da supplicação, dos agravos, do paço: sou um procurador da corôa: sou um chanceller-mór: sou um regedor da justiça: sou um conselheiro d'estado, de guerra, do ultramar, dos tres estados: sou um vêdor da fazenda: sou um presidente da camara do paço, da mesa da consciencia: sou um secretario d'estado, das mercês, do expediente: sou um inquisidor: sou um deputado: sou um bispo: sou um governador de um bispado, etc. Bem está, já temos o officio: mas o meu escrupulo ou a minha admiraçâo não está no officio, senão no *um*. Tendes um só d'esses officios, ou tendes muitos? Ia sujeitos na nossa corte que teem logar em tres ou quatro tribunaes; que teem seis, que teem oito, que teem dez officios. Este ministro universal não pergunto como vive, nem quando vive: não pergunto como accode a suas obrigações, nem quando accode a ellas. Só pergunto como se confessa?

Quando Deus deu fórmula ao governo do mundo poz no céu aqueles dous grandes planetas, o sol e a lua, e deu a cada um d'elles uma presidencia: ao sol a presidencia do dia: *Luminare majus, ut praecesset diei;* e á lua a presidencia da noite: *Luminare minus, ut praecesset nocti.* E porque fez Deus esta repartição? Por ventura porque se não queixasse a lua e as estrelas? Não, porque com o sol ninguem tinha competencia, nem podia ter justa queixa. Pois, se o sol tão conhecidamente excedia a tudo quando havia no céu, porque não proveu Deus n'elle ambas as presidencias? Porque lhe não deu ambos os ofícios? Porque ninguem pode fazer bem dous ofícios, ainda que seja o mesmo sol. O mesmo sol, quando allumia um hemispherio, deixa o outro ás escuras. E que haja de haver homem com dez hemispherios! E que cuide e se cuide que em todos pode allumiar! Não vos admiro a capacidade do talento, a da consciência sim.

A presidencia
do sol e da lua.

Gen. 1.

Dir-me-heis (como doutos que deveis ser) que no mesmo tempo em que Deus deu uma só presidencia e um só hemispherio ao sol, deu tres presidencias e tres hemispherios a Adão. Uma presidencia no mar para que governasse os peixes, outra presidencia no ar para que governasse as aves, outra presidencia na terra para que governasse os outros animaes: *Et praecepit pascibus maris, et volatilibus coeli, et bestiis, universaque terrae.* E o mesmo é governar a animaes que governar a homens? E o mesmo é o estado da innocencia em que então estava Adão, e o estado da natureza corrupta e corruptissima em que estamos hoje? Mas quando tudo fôra igual, o exemplo nem faz por vós, nem contra mim. Por vós não: porque n'aquelle tempo não havia mais que um homem no mundo, e era força que elle tivesse muitos ofícios. Contra mim não, antes muito por mim: porque Adão com esses ofícios bem se vê a lòga conta que d'elles deu. Não eram passadas vinte e quatro horas em que Adão servia os tres ofícios, quando já tinha perdido os ofícios, e perdido a si e perdidos a nós. «Que prevaricou tão cedo, dizem-no Sancto Ireneu, S. Cyrillo, Sancto Epiphaniô, Sancto Ephrem e outros Padres.» Se isto aconteceu a um homem que saia flammando das mãos de Deus, com justica original e com sciencia infusa: que será aos que não são tão justos, nem tão scientes, e aos que leem outros originaes e outras infusões?

A presidencia
de Adão, e a
conta que deu
dos
seus ofícios.

Não era christão Platão e mandava na sua Republica que nenhum oficial podesse apprender duas artes. E a razão que dava era: porque nenhum homem pode fazer bem dous ofícios. Se a capacidade humana é tão limitada que para fazer este barrete são necessarios oito homens de artes e ofícios diferentes; um

Ninguem pode
fazer bem
muitos ofícios.

que crise a lan, outro que a trosquie, outro que a cardie, outro que a sie, outro que a teça, outro que a tinja, outro que a tóse e outro que a corte e cosa; se nas cidades bem ordenadas o oficial que molda o ouro não pode lavrar a prata, se o que lava a prata não pode bater o ferro, se o que bate o ferro não pode fundir o cobre; se o que funde o cobre não pode moldar o chumbo nem tornear o estanho; no governo dos homens que é a arte das artes, como se hão de ajuntar em um só homem, ou se hão de confundir n'elle, tantos ofícios? Se um mestre com carta de examinação dá má conta d'um ofício mechanico, um homem (que muitas vezes não chegou a ser obreiro) como ha de dar boa conta de tantos ofícios politicos? E que não faça d'isto consciencia este homem! Que se confesse pela quaresma e que continue a servir os mesmos ofícios, ou a servir-se d'elles depois da paschoa! Isto me admira.

Moyses assumiu todo peso da dificuldade de desempenhar bem uma presidencia.

Nem 11.

Moyses, aquelle gran ministro de Deus e da sua republica, mettendo-lhe o mesmo Deus na mão a vara e mandando-o que fosse libertar o povo, respondeu: E quem sou eu, Senhor, ou que capacidade ha em mim para essa commissão? Mandae a a quem vos possa servir como convém. Oh ministro verdadeiramente de Deus! Antes de aceitar o cargo, representou a insufficiencia; e para que se visse que esta representação era consciencia e não cortezia, repugnou uma e outra vez, e não aceitou senão depois que Deus lhe deu Arão por adjuncto. Tinha já Moyses muitos annos de governo do povo, muitas cans e muita experiença; tornou a fazer outra proposta a Deus; e quero referir os termos do memorial, para que se veja quão apertados foram: *Non possum solus sustinere hunc populum. Sin aliter tibi videtur, obsecro ut interficias me, et inveniam gratiam in oculis tuis.* Eu, Senhor, não posso só com o peso do governo d'este povo; e quando vossa Divina Majestade não fôr servido de me aliviar, peço e protesto a vossa Divina Majestade me tire a vida, o receberei n'isso muito grande merecê. Não pediu o ofício para toda a vida, nem para muitas vidas, senão que lhe tirasse a vida só para não ter o ofício. E com muita razão, porque melhor é perder o ofício e a vida, que reter o ofício e perder a consciencia. E que fez Deus n'este caso? Mandou a Moyses que escolhesse septenta anciãos dos mais prudentes e auctorizados do povo; e diz o texto que tirou Deus do espirito de Moyses e repartiu d'elle por todos os septenta. Eis aqui quem era aquelle homem que se escusou do oficio. De maneira que um homem que val por septenta homens não se atreve a servir um só ofício! E vós, que vos fará Deus muita mercê que sejais um homem, atreveis-vos a servir septenta ofí-

cios! «E que entretanto vos confesseis, e que no serviço dos vossos septenta ofícios continueis a viver com o maior socego! Pasma da vossa consciencia».

IV. Depois de o ministro examinar que ministro ou que ministros é; segue-se ver o que faz. *Quid?* Um dia do juizo inteiro era necessário para este exame, «a confrontar-se o que faz com o que accusa em confissão.» Que sentenças! Que despa-chos! que votos! que consultas! que eleições! Mas paremos n'esta ultima palavra, que é de maiores escrupulos.

Não me atrevo a fallar n'esta materia senão por uma parábola, e ainda essa não ha de ser minha, senão do propheta Isaías. Foi um homem ao mato diz Isaías (ou fosse esculptor de officio, ou imaginario de devação): levava o seu machado ou a sua acha ás costas; e o seu intento era ir busear um madeiro para fazer um ídolo. Olhou para os cedros, para as faias, para os pinhos, para os ciprestes; cortou d'onde lhe pareceu um tronco, e trouxe-o para casa. Partido o tronco em duas partes, ou em dous cepos, a um d'estes cepos metteu-lhe o machado e a cunha, fendeu-o em achas, fez fogo com ellas e aquentou-se e cosinhon o que havia de comer. O outro cepo, poe-lhe a regra, lançou-lhe as linhas, desbastou-o, e tornando já o maço e o escópro, já a goiva e o buril, foi-o afeiçoando em forma humana. Alizou-lhe uma testa, rasgou-lhe uns olhos, alisou-lhe um nariz, abriu-lhe uma boca, ondeon-lhe uns cabellos no rosto, foi-lhe seguindo os hombros, os braços, as mãos, o peito, e o resto do corpo ate aos pés. E feito em tudo uma figura de homem, pô-lo sobre o altar e adorou-o. Pasma Isaías da cegueira d'este esculptor; e eu tambem me admiro dos que fizeram o que elle fez. Um cepo, conhecido por cepo, feito homem e posto em logar onde ha de ser adorado! *Meditatatem eus combussi igni, et de reliquo eius idolum faciam!* Duas ametades do mesmo tronco, uma ao fogo, outra ao altar! Se são dous cepos, porque os não haveis de tratar ambos como cepos? Mas que um cepo haja de ter a fortuna de cepo e vá em achas ao fogo, e que outro cepo, tão madeiro, tão tronco, tão informe e tão cepo como o o outro, o haveis de fazer á força homem e lhe haveis de dar auctoridade, respeito, adoração, divindade? Dir-me-heis que este segundo cepo, que está muito bem feito e que tem «tudo o que é necessário.» Sim, tem; mas «tudo» o que vos fizestes n'elle. Tem boca, porque vós lhe fizestes boca; tem olhos, porque vós lhe fizestes olhos, tem mãos e pés, porque vós lhe fizestes pés e mãos. E senão dizei-lhe que ande com esses pés, ou que obre com essas mãos, ou que falle com essa boca, ou que veja com esses olhos. Pois se tão cepo é agora, como era d'an-

Circunstancia
da materia.

A obra do
escultor
em Isaías o
de um
ministro.

Isai. 44.

tes; porque não vai também este para o fogo? ou porque não vem também o outro para o altar? Há quem se confesse dos que fez e dos que desfez? A um queimastes, a outro fizestes; e de ambos deveis restituição igualmente. Ao que queimastes deveis restituição do mal que lhe fizestes; ao que fizestes deveis restituição dos males que elle fizer. Fizestes-lhe olhos, não sendo capaz de ver; restituireis os danos das suas cegueiras. Fizestes-lhe boca, não sendo capaz de falar; restituireis os danos das suas palavras. Fizestes-lhe mãos, não sendo capaz de obrar; restituireis os danos das suas omissões. Fizestes-lhe cabeça, não sendo capaz de juizo; restituireis os danos dos seus desgovernos. Eis aqui o encargo de ter feituras. Estante prevais-vos de poder fazer e desfazer homens? Quanto melhor fora fazer consciencia dos que fizestes e desfizestes! Deus tem duas acções que reservou para si: crear e predestinar. A acção de crear já os poderosos a teem tomado a Deus, fazendo criaturas de nada: a de predestinar também lha vejo tomada n'este caso. Um para o fogo e outro para o altar. Basta que também haeis de ler prescritos e predestinados! Se fostes prescrito (não sei de quem), fostes mesino, haeis de arder: se fostes seu predestinado, fostes ditoso, haeis de reinar.

*Este é um Arão
ao P.
da letra.*

E haverá algum d'estes omnipotentes que se lenha ocupado alguma hora d'este peccado de predestinação. Ocupado não, excusado sim, e por galante modo. Safo fulano com tal despacho: Sain fulano com tal mercê. E o que fez a mercê e o que fez o despacho e o que fez o fulano, é o mesmo que isto diz. Se vós o fizestes para que dizeis que saiu? O nosso Arão ao pé da letra. Que fez Arão e que disse no caso do outro ídolo? O que Arão fez foi que fundiu e forjou e formou o bezerro: *Formavit secutique vitulum conflatilem*; e o que o mesmô Arão disse foi que o bezerro saíra: *Egressusque est hic vitulus*. Saiu! Pois se vós o fizestes, e se vós o fundistes, e se vós o forjastes e vós o limastes: se é certo que vós pedisteis o ouro das arreiaadas, porque dizeis que saiu? Porque assim dizem os que fazem bezerros. São taes as vossas feituras, que vos affrontais de dizer que vós as fizestes.

*Obra completa
de Chrysostomus.*

Mas já que as negais aos olhos dos homens, porque as não confessareis aos pés de Deus? Pois crède-me que o bezerro de ouro tem muito mais que confessar que ouro e bezerro. E que tem mais que confessar? Os danos particulares e publicos quo d'ali se seguiram. Seguiu-se d'este peccado quebrar Moyses as tábuas da lei escripta pela mão de Deus. Seguiu-se ficar o povo pobre e despojado das suas joias, que eram o preço de quatrocentos annos de serviço seu e dos seus antepassados no

Egypto. Seguiu-se morrerem n'aquelle dia á espada de Moysés e dos levitas vinte e tres mil homens. Seguiu-se deixar Deus o povo, e não o querer acompanhar, nem assistir com sua presença, como até alli fizera. Seguiu-se querer Deus acabar para sempre o mesmo povo, como sem duvida fizera se as orações de Moysés não aplacaram sua justa ira. Seguiu-se finalmente, e seguiram-se todos os outros castigos que Deus então lhes ameaçou e reservou para seu tempo, de que em muitas centenas de annos e de horrendas calamidades se não viram livres os hebreus. Que vos parecem as consequencias d'aquelle peccado? Cuidais que não ha mais que fazer um bezerro? Cuidais que não ha mais que entronizar um bruto, ou seja cepo de pau ou cepo de ouro? As mesmas consequencias se seguem dos indignos que vós fazéis e pondes nos logares supremos. E se não olhais para elles. As leis divinas e humanas quebradas, os povos despojados e empobrecidos; as mortes de homens a milhares, uns na guerra por falta de governo, outros na paz por falta de justiça, outros nos hospitaes por falta de cuidado: sobre tudo a ira de Dens provocada, a assistencia da sua protecção desmerecida; as provincias, o reino, e a mesma nação inteira arriscada a uma extrema ruina: que, se não fôra pelas orações de alguns justos, já estivera acabada; mas não esião ainda acabados os castigos. E sobre quem carrega o peso de todas estas consequencias? Sobre aquelles que fazem e que sustentam os autores e causadores d'ellas. Vós o fizestes, vós o pagareis. E que com esta carga ás costas andem tão leves como andam! Que lhes não pose este peso na consciencia? Quo os não morda este escrupulo na alma! Que os não inquiete, que os não assombre, que os não traga fôra de si esta conta que hão de dar a Deus! E que sejam christãos! E que se confessem! «Quem não pasma ou não se admira d'isto, não sahe o que é pasmo e admiração.»

V. «A terceira circumstancia que é a do onde, *Ibi*, tem muito que reparar em toda a parte, mas no reino de Portugal muito mais; porque ainda que os seus ondes dentro em si podem comprehender-se facilmente, os que tem fôra de si são os mais diversos, os mais diferentes e os mais dilatados de todas as monarchias do mundo. Tantos reinos, tantas nações, tantas províncias, tantas cidades, tantas fortalezas, tantas egrejas cathedraes, tantas particulares na Africa, na Asia, na America; onde pôi Portugal vice-reis, onde pôi governadores, onde pôi generaes, onde pôi capitães, onde pôi justiças, onde pôi bispos e arcebispos, onde pôi todos os outros ministros da fé, da doutrina, das almas.

Circumstancia
do lugar quale
dilatada
e grave para os
ministros
de Portugal.

*Perigos de errar
nesta
circumstancia.*

E quanto juizo, quanta verdade, quanta intelecto, quanta consciencia é necessaria para considerar e distribuir bem estes «lugares»; e para ver onde se põe cada um? Se pondes o cuiçoso onde ha occasião de roubar, e o fraco onde ha occasião de defender, e o infiel onde ha occasião de renegar, e o pobre onde ha occasião de desempobrecer; que ha de ser das conquistas e dos que com tanto e tão honrado sangue as ganham? Oh que os sujeitos que se põem n'estes lugares são pessoas de grande qualidate e de grande auctoridade: fidalgos, senhores, titulos! Por isso mais. «Um fidaldo, um senhor, um titulo» deve-se pôr onde obra proezas dignas de seus antepassados, onde despenda liberalmente o seu com os soldados e benemeritos, onde peleje, onde defende, onde vença, onde conquiste, onde faça justica, onde adeante a fé e a christandade, onde se honre a si e á patria e ao principe que fez eleição de sua pessoa; e não onde se aproveite, e nos arruine; onde se enriqueça a si, e deixe pobre o estado; onde perca as vitorias, e venha carregado dos despojos.

*Quanto mais
longe o logar
tanto maior o*

*perigo.
Parece-lhe dos
talentos.*

E quanto este onde fôr mais longe, tanto hão de ser os sujeitos de maior confiança e de maiores virtudes. Quem ha de governar e mandar, tres e quatro mil leguas longe do rei, onde em tres annos não pôde haver recurso do sens procedimentos, nem ainda noticias; que verdade, que justica, que fé, que zelo deve ser o seu! Na parabola dos talentos diz Christo que os repartiu o rei a cada um conforme a sua virtude, e que se partiu para outra região d'ali muito longe a tomar posse de um reino. Se isto fôra historia, podera ter sucedido assim: mas se não era historia senão parabola, porque não introduz Christo ao rei e aos creados dos talentos na mesma terra, senão ao rei em uma região muito longe e aos creados dos talentos em outra? Porque os creados dos talentos ao longe do rei é que melhor se experimentam; e ao longe do rei e que são mais necessarios. Nos Brazis, nas Angolas, nas Goas, nas Malacas, nos Macáus, onde o rei se conhece só por fama e se obedece só por nome: ali são necessarios os creados de maior fé e os talentos de maiores virtudes. Se em Portugal, se em Lisboa onde os olhos do rei se vêem e os brados do rei se ouvem, faltam «aos seus deveres» homens de grandes obrigações, que será em uma região muito longe? Que será n'aquellas regiões remolissimas, onde o rei, onde as leis, onde a justica, onde a verdade, onde a razão, e onde até o mesmo Deus parece que está longe?

*Escrupulo dos
que devem
aceitar estes
logares.*

Este é o escrupulo dos que assignalam «o logar»; e qual será o dos que o aceitam? Que me mandem onde não convém,

culpa será ou desgraça de quem me manda; mas que eu não repare aonde vou? Ou eu sei aonde vou, ou o não sei. Se o não sei, como vou onde não sei? E se o sei, como vou onde não posso fazer o que devo? Tudo temos em um propheta, não em prophecia, senão em historia. Ia o propheta Habacuc com uma cesta de pão no braço, em que levava de comer para os seus segadores, quando lhe saí ao caminho um anjo, e diz-lhe que leve aquelle comer a Babylonía, e que o dê a Daniel que estava no lago dos leões. Que vos parece que responderia o propheta n'este caso? Senhor, se eu nunca vi Babylonía, nem sei onde está tal lago, como hei de levar de comer a Daniel ao lago de Babylonía? Eu digo que o propheta respondeu prudente: vós direis que não respondeu bizarro; e segundo os vossos brios assim é. Se os segadores andaram aqui nas lezirias e o recado se vos dera a vós, como havieis de aceitar sem replica! Como vos havieis de arrojar ao lago, a Babylonía e aos leões! Avissam-vos para a armada, para capitão de mar e guerra, para almirante, para general; e sendo o lagosinho o mar oceano, na costa onde elle é mais soberbo e mais indomito, ver como vos arrojais ao lagol Acenam-vos com o governo do Brazil, de Angola, da India, com a embaixada de Roma, de Paris, de Inglaterra, de Hollanda; e sendo estas as Babylonias das quatro partes do mundo, ver como vos arrojais á Babylonía! Ha de se provér a gineta, a bengala, o bastão para as fronteiras mais empenhadas do reino; e sendo a guerra contra os leões de Hispanha, tanto valor, tanta sciencia, tanto exercicio; ver como vos arremessais aos leões! Se vós não vistes o mar mais que no Tejo; se não vistes o mundo mais que no mappa; se não vistes a guerra mais que nos pannos de Tunas; como vos arrojais ao governo da guerra, do mar, do mundo?

Mas não é ainda este o mais escandaloso reparo. Habacuc levava no braço a sua cesta de pão; mas elle não reparou no pão, nem na cesta, reparou sómente na Babylonía e no lago. Vós às avessas: na Babylonía e no lago, nenhum reparo: no pão e na cesta, ah! está toda a duvida, toda a dificuldade, toda a demanda. Babylonía, Daniel, lago, leões, tudo isso é mui conforme ao meu espirito, ao meu talento, ao meu valor. Eu irei a Babylonía, eu libertarei a Daniel, eu desqueixarei os leões, se for necessário: não é esta a dificuldade; mas ha de ser com as conveniencias de minha casa. Não está a duvida na Babylonía, está a duvida e a Babylonía na cesta. O pão d'esta cesta é para os meus segadores: ir e vir a Babylonía e sustentar a Daniel á custa do meu pão, não é possível, nem justo. Os meus segadores estão no campo, a minha casa fica sem mim, Baby-

O propheta Habacuc mandado a Babylonía com a cesta de pão.
Dan. 14.

Nos que acediam qual por commissão qual o mais escandaloso re-

paro

lonia está d'aqui tantos centos de leguas: tudo isto se ha de compôr primeiro: hão me de dar pão para os segadores, e pão para a minha casa, e pão para a ida, e pão para a volta, e para se acaso lá me comer um leão (que só n'esta contingencia se suppôi o acaso) e por se acaso eu morrer na jornada, esse pão ha-me de ficar de juro e quando menos em tres ou quatro vidas. Não é isto assim? O ponto está em encher a cesta e seguir o pão; e o demais? Succeda o que succeder: confunda-se Babylonica, pereça Daniel, fartem-se os leões, e leve o peccado tudo. Por isso leva tudo o peccado. E quantos peccados vos parece que vão n'esta envolta de que nem vós nem outros fazem escrupulo?

Como se deve limitar o propheta Habbacuc.

Mas dir-me-hois (se acaso vos quereis salvar): Pois, padre, como me hei de haver n'este caso? Como se h'ouve o propheta. Primeiro escusar, como se elle escusou; e se não valer a excusa, ir como elle foi. E como foi Habbacuc? Tomou-o o anjo pelos cabellos e pôl-o em Babylonica. Se vos não aproveitar uma e outra excusa, ide, mas com anjo e pelos cabellos: com anjo que vos guie, que vos encaminhe, que vos allumie, que vos guarde, que vos ensine, que vos tenha mão; e ainda assim muito contra vossa vontade, pelos cabellos. Mas que seria se em vez de ir pelos cabellos, fosseis por muito gosto, por muito desejo e por muita negociação? E em vez de vos levar da mão um anjo, vos levasssem da mão dous demonios, um da ambição, outro da cobiça? Se estes dous espíritos infernaes são os que vos levam a toda a parte onde ides, como não quereis que vos levem ao inferno? E que n'estes mesmos caminhos seja uma das alfaias d'eles o confessor! E que vos confesseis quando ides assim, e que em velsas assim, e quando tornais assim! «Isto não só me causa d'el agoo, mas pena e horror do vosso estado.»

Circunstancia dos meios.
O que fazem
tres dedos com
uma pena
Ech. 1. a
real na mao de
Balthazar.

VI. E que meios se fazem e se conseguem todas estas coisas que fizeste? *Qibus auribus?* «Quarta circumstancia do caso é isto: Os meios são papel e muitos papeis, com queladas e folhas se fazem e se conseguem: com certidões, com leis, regos, com decretos, com consultas, com despachos, com portarias, com provisões. Não ha cousa mais eserupulosa no mundo que papel e pena. Tres dedos com uma pena na mão é o ofício mais arriscado que tem o governo humano. Aquella escriptura fatal que appareceu a el-rei Balthazar na parede, diz o texto que a formaram uns dedos como de mão de homem. E estes dedos quem os movia? Dizem todos os interpretes com S. Jeronymo que os movia um anjo. De maneira que quem escrevia era um anjo e não tinha de homem mais que tres dedos. Tão puro como isto ha de ser quem escreve. Não ha de

ser mais que dedos. Com estes dedos não ha de haver mão, não ha de haver braço, não ha de haver ouvidos, não ha de haver bocca, não ha de haver olhos, não ha de haver coração, não ha de haver homem. Não ha de haver mão para a dadiva, nem braço para o poder, nem ouvidos para a lisonja, nem olhos para o respeito, nem bocca para a promessa, nem coração para o afecto; nem finalmente ha de haver homem, porque não ha de haver carne nem sangue? A razão d'isto é, porque, se os dedos não forem muito seguros, com qualquer geito da pena podem fazer grandes danos.

Quiz Pharaó destruir e acabar os filhos de Israel no Egypto e que meio tomou para isso? Mandou chamar as parteiras egypianas, e encommendou-lhes, que quando assistissem ao parto das hebreas, se fosse homem o que nascesse, lhe torcessem o pescoco e o matassem sem que ninguem o intendesse. Eis aqui quão occasionado officio é o d'aquelle em cujas mãos nascem os negocios. O parto dos negocios são as resoluções: e aquelles em cujas mãos nascem estes partos, ou seja escrevendo ao tribunal ou seja escrevendo ao principe, são os ministros de pena. E é tal o poder, a occasião e a subtileza d'este officio, que com um geito de mão e com um torcer de pena podem dar vida e tirar vida. Com um geito podem-vos dar com que vivais, e com outro geito podem-vos tirar o com que viveis. Vede se é necessário que tenham muito escrupulosas consciencias. Quantos delictos se enseitam com uma pennada! Quantos merecimentos se apagam com uma riscal! Quanlas famas se escurecem com um horrão! Para que vejam os que escrevem, de quantos danos podem ser causa, se a mão não for muito certa, se a pena não for muito aparada, se a tinta não for muito fina, se a regra não for muito direila, se o papel não for muito limpo.

Eu não sei como não treme a mão a todos os ministros de pena, e muito mais áquelle que sobre um joelho, aos pés do rei, recebem os seus oraculos e os interpretam e extendem. Elles são os que com um adverbio pôdem limitar ou ampliar as fortunas: elles os que com uma cifra pôdem adeantar direitos e atrazar preferencias: elles os que com uma palavra pôdem dar ou tirar peso à balança da justiça: elles os que com uma clausula equivoca ou menos clara, pôdem deixar duvidoso e em questão o que havia de ser certo e efectivo: elles os que com meter ou não meter um papel, pôdem chegar e introduzir a quem quizerem, e desviar e excluir a quem não quizerem: elles finalmente os que dão a ultima forma ás resoluções soberanas, de que depende o ser ou não ser de tudo. Pôde haver officio mais para gloriar por uma parte e mais para tremer por

As parteiras do
Egypto
e os nossos
ministros.

Consequências
das suas
cifras, risca,
informações e
relatórios.

todas? «Até no serviço de Deus» quantas emprezas de grande honra «sua» poderam estar muito arleantadas, se estas penas, sem as quaes se não pôde dar passo, as zelaram e assistiram como era justo! E quantas pelo contrario se perdem e se sepultam, ou porque falta o zelo e diligencia, ou porque sobreja o esquecimento e o descuido, quando não seja talvez a oposiçao. Julgoem as consciencias sobre que carregam estes escrupulos se temem muito que examinar e muito que confessar e muito que restituir em negocios e materias tantas e de tanto peso. «Mas examinam-se elles? confessam tudo isto? restituem o que devem por tantas injusticas? E acham quem os absolve sem restituirem? Nova e dolorosa materia de admiraçao!»

Circunstâncias
das causas
Muito se faz por
dinheiro e
mais por moti-
vo de res-
peito humano

VII. E de todas estas sem-razões que temos referido ou admirado quaes são as causas? Quaes são os motivos? Quaes são os porquês? «Eis a quinta circumstancia.» *Cur?* Não ha causa no mundo, porque um homem deva ir ao inferno: comtudo ninguem vai ao inferno sem seu porqué. Que porquês são logo estes que tanto pôdem, que tanto cegam, que tanto arrastam, que tanto precipitam aos maiores homens do mundo? Já vejo que a primeira causa que ocorre a todos é o dinheiro. *Cur?* Porquê? Por dinheiro que tudo pôde, por dinheiro que tudo vence, por dinheiro que tudo araba. Não nego ao dinheiro os seus poderes; nem quero tirar ao dinheiro os seus escrupulos: mas o meu não é tão vulgar, nem tão grosseiro, como este. Não me temo tanto do que se furtá, como do que se não furtá. Muitos ministros ha no mundo, e em Portugal mais que muitos, que por nenhum caso os peitareis com dinheiro. Mas estes mesmos deixam-se peitar da amizade, deixam-se peitar da recommendação, deixam-se peitar da dependencia, deixam-se peitar do respeito. E não sendo nada d'isto ouro nem prata, são os porquês de toda a injustica do mundo.

A semi-justiça
que fez Pilatos
não por
dinheiro, mas
por um respeito.

19.

A maior sem-justiça que se commeteu no mundo foi a que fez Pilatos a Christo condemnando à morte a mesma Innocencia. E qual foi o porqué d'esta grande injustica? Peitaram-no? Deram-lhe grandes sominas de dinheiro os principes e os sacerdotes? Não. Um respeito, uma dependencia foi a que condemnou a Christo: *Si hunc dimittis, non es amicus Caesaris;* se não condemnais a este, não sois amigo de Cesar. E por não arriscar a amizade e graça de Cesar, perdeu a graça e amizade de Deus, não reparando em lhe tirar a vida. Isto fez por este respeito Pilatos; e no mesmo tempo pediu agua e lavou as mãos. Que importa que as mãos de Pilatos estejam lavadas, se a consciencia não está limpa? Que importa que o ministro seja limpo

da mãos, se não é limpo de respeitos? A maior peita de todas é o respeito.

Se se pozer em questão qual tem perdido mais consciencias e condenado mais almas se o respeito, se o dinheiro; eu sempre dissera que o respeito; por duas razões. Primeira porque as tentações do respeito são mais e maiores que as do dinheiro. São mais; porque o dinheiro é pouco, e os respeitos muitos. São maiores; porque em animos generosos mais facil é desprezar muito dinheiro, que cortar por um pequeno respeito. Segunda e principal, porque o que se faz «por algum respeito humano» tem muito mais dificultosa restituição que o que se faz por dinheiro. Na injustiça que se faz ou se vendeu por dinheiro, como o dinheiro é causa que se vê e que se apalpa, o mesmo dinheiro chama pelo escrupulo, o mesmo dinheiro intercede pela restituição. A luz do diamante dá-vos nos olhos: a cadeia tira por vós; o contador lembra-vos a conta; a lâmina e o quadro peregrino, anda que seja com figuras mudas, dão brados à consciencia. Mas no que se faz por «algum» respeito, por amizade, por dependencia; como estas appre-hensões são causas que se não vêem; como são causas que vos não armam a casa, nem se penduram pelas paredes; não tem o escrupulo tantos despertadores que façam lembrança á alma. Sobre tudo, se eu vendi a justiça por dinheiro, quando quero restituir (se quero), dou o que me deram, pago o que recebi, desembolso o que embolsei; que não é tão dificultoso. Mas se eu vendi a justiça, ou a de de graça pelo respeito, haver de restituir sem ter adquirido, haver de pagar sem ter recebido, haver de desembolsar sem ter embolsado, oh que dificuldade tão terrivel! Quem restitui o dinheiro, paga com o alheio; quem restitui o respeito, ha de pagar com o proprio; e para o tirar de minha casa, para o arrancar de meus filhos, para o sangrar de minhas veias, oh quanto valor, oh quanta resolução, oh quanto poder da graça divina é necessario! Os juizes de Samaria «pelo» respeito de Jezabel condenaram inocente a Naboth; e foi-lhe confiscada a vinha para Acab que a desejava. Assim Acab como os juizes deviam restituição da vinha: porque assim elle como elles a tinham roubada. E a quem era mais facil esta restituição? A Acab era muito facil, e aos juizes muito dificultosa: porque Acab restituia a vinha, tendo recebido a vinha; e os juizes haviam de restituir a vinha, não a tendo recebido. Acab restituia tanto por tanto: porque pagava a vinha pela vinha: os juizes restituiam tudo por nada; porque haviam de pagar a vinha por um respeito. Quasi estou para vos dizer, que se houverdes de vender a alma, seja antes por dinheiro que por

mais perde
mais consci-
encias que o
dinheiro. Os
juizes de Samaria
na causa
da vinha de Na-
both.

«algum respeito humano»; porque ainda que o dinheiro se restitui poucas vezes, «o que se fez por motivo de respeito humano quasi nunca tem restituição». Torne Pilatos.

Judas e Pilatos
mostrava que
e mais tard' a
rendição
nos tempos que
nos respeitos
humano.

Entregou Pilatos a Christo; e Judas também o entregou. Conheceu Pilatos e confessou a innocencia de Christo; e Judas também a conheceu e a confessou. Fez mais alguma cousa Pilatos? Fez mais alguma cousa Judas? Judas, sim; Pilatos, não. Judas restituui o dinheiro, lançando-o no templo: Pilatos não faz restituição alguma. Pois porque restitui Judas, e não restitui Pilatos? Porque Judas entregou a Christo por dinheiro: Pilatos entregou-o por «um respeito humano». As restituições de dinheiro algumas vezes se fazem; as dos respeitos «ou nenhuma ou quasi» nenhuma. E senão dizei-o vós. Fazem-se nestas cónques muitas cousas por «estes» respeitos? Não perguntei bem. Faz-se alguma cousa nestas cónques que não seja por «estes» respeitos? Ou nenhuma ou muito poucas. E ha alguém na vida ou na morte que faz restituição d'isto? Nem o vemos, nem o ouvimos. Pois como se confessam d'isto os que o fazem, ou como os absolvem os que os confessam? Se eu estivera no confessionário, eu vos prometto que os não houvera de absolver: mas como estou no pulpito «não posso fazer outra cousa senão pasmar de tanta cegueira e lastimar tão desditsa condição»!

Greenstainza
dos modos
O maior boby
rindo da
consciencia de
um ministro.

VIII. «Somos chegados á sexta circumstancia dos peccados que se confessam; e entramos no labirintho mais intricado das consciencias, que são os modos, as traças, as artes, as invenções de negociar, de entremeler, de insinuar, de persuadir, de negar, de annullar, de provar, de desviar, de encontrar, de preferir, de prevalecer: finalmente de conseguir para si ou alcançar para outrem tudo quanto deixamos dicto. Quomodo? por que modo ou por que modos? Para eu me admirar e nos assombrarmos todos do artifício e subtileza do ingenho com que estes modos se fiam, com que estes leares se armam, com que estes entredos se tramam, com que estas negociações se tecem, «não será necessário um largo discurso»; porque nas historias sagradas temos uma tal tecelheira que na casa de um pastor honrado nos mostrará quanto d'isto se tece na cónque mais cónque do mundo.

Jacob e Esau
quando ao
meritamento do
morgado.

O maior morgado que houve no mundo foi o de Jacob, em que sucedeu Christo. Sobre este morgado pleitearam desde o ventre da mãe os dous irmãos Jacob e Esau. Esau tinha por si a natureza e a edade, tinha por si o talento e o merecimento, tinha por si o favor, o amor, a vontade, e o decreto e a promessa do pae que lhe havia de dar a benção ou a investidura. De maneira que de irmão a irmão, de homem a homem e de

favorecido a favorecido, tudo estava da parte de Esaú e contra Jacob. Tinha da sua parte Esaú a idade e a natureza, porque ainda que eram gemios e batalharam no ventre da mãe sobre o logar, Esaú nasceu primeiro. Tinha mais da sua parte Esaú o talento e o valor; porque era forte, robusto, valente, animoso, inclinado ao campo e às armas; e que com a aljava pendente do ombro, e o arco e setas na mão, se fazia temer do leão do monte, do usso e javali no bosque. Pelo contrario Jacob nunca saía do estrado da mãe; mais para a almofada, que para a lança; mais para as «luvas», que para a espada. Finalmente Esaú tinha da sua parte o favor, o amor e o agrado, porque era as delícias da velhice de Isaac seu pae, a quem elle sabia muito bem merecer a vontade: porque, quando vinha do campo ou da montaria, com a caça miuda lhe fazia o prato, e da maior enramada lhe dedicava os despejos. Este era Esaú, este era o competidor de Jacob, estes eram os seus serviços, este era o seu merecimento, estas eram as suas vantagens com que a natureza o tinha feito herdeiro da casa de Isaac. E contudo (quem tal cuidara?) Jacob foi o que venceu a demanda, Jacob o que levou a benção, Jacob o que ficou com o morgado. Pois se o morgado por lei da natureza se deve ao primogenito, e Esaú nasceu primeiro; se o primeiro logar por lei da razão se deve ao de melhor talento, e o talento e valor de Esaú era tão avantajado; se a vantagem e a maioria do premio por lei da justiça se deve ao maior merecimento, e os serviços de Esaú eram tão conhecidamente maiores; se finalmente a benção e a investidura do morgado dependia do pae, e o pae era tão afecçgado a Esaú, e lh' o tinha prometido, e com efeito lh' o queria dar; como foi possível que prevalecesse Jacob sem talento, Jacob sem serviços, Jacob sem favor? Porque tudo isto pode a traça, a arte, a manha, o engano, o enredo, a negociação.

«Bem sei que Deus tinha revelado a Rebecca o ler elle assentado nos seus decretos que o maior havia de servir ao menor: *Major serviet minori*. Mas não foi esta a razão que Rebecca fez valer para tirar a seu filho primogenito o que segundo todo o direito natural lhe competia.» N'aquelle mesmo dia tinha determinado Isaac de dar a benção a Esaú; e porque esta solemnidade havia de ser sobre mesa, quiz o bom velho, para mais sazonar o gosto, que se lhe fizesse um guizado do que matasse na caça o mesmo filho. Parte ao campo alegre e alvorçoado Esaú; porém Rebecca, que queria o morgado para Jacob a quem mais amava, aproveitando-se da ausencia do «outro filho» e da cegueira do «marido», já sabeis o que traçou. Manda a Jacob ao rebauno; veem cabritos em vez de lebres: da carne faz o gu-

Rebecca não faz valer a revelação que trouxe, mas a intuição e o engano.
Gen. 25.

zado, das pelles guiza o engano. E vestido Jacob das roupas de Esau, e calçado (que é mais) de mãos também de Esau, aparece em presença do cego pae, e pôi-lhe o prato deante. Pergonton Isaac quem era? E respondem mui bem ensaiado Jacob, que era seu primogenito Esau. Admirou-se de que tão depressa podesse ter achado a caça; e respondeu, com singeleza sancta, que fôra vontade de Deus. E com estas duas respostas, depois de lhe tentar as mãos, lhe lançou Isaac a bendição e ficou o benedito Jacob com o morgado e casa de seu pae, e Esau com o que tivesse no cincto. Ha tal engano? Ha tal fingimento? Ha tal «entredor»? Pois estes são os modos de negociar e vencer. Sepis enganos fingiu Rebecca para tirar a casa a cuja era. Fingiu o nome a Jacob, porque disse que era Esau. Fingiu-lhe a edade, porque disse que era o primogenito. Fingiu-lhe os vestidos, porque eram os do irmão. Fingiu-lhe as mãos, porque a pele e o pello era das luvas. Fingiu-lhe o guizado, porque era do rebanho e não do mato. Fingiu-lhe a diligencia, porque Jacob não tinha ido à caça. E para que nem a summa Verdade tivesse fôra do fingimento, fingiu que fôra vontade de Deus, secul e duas vontades de Rebecca: uma com que queria a Jacob, e outra com que desqueria a Esau. E com nome fingido, com edade fingida, com vestidos fingidos, com mãos fingidas, com obras e serviços fingidos, e ate com «vontade de» Deus fingida, se tirou a fazenda, a honra, a successão a quem a tinha dado o nascimento uma vez e o merecimento muitas.

O mesmo se
na cõrte

Parece-vos grande semi-razão esta? Tendes muita razão. Mas esta tragedia, que uma vez se ensaiou em Hebron, quantas vezes se representa na nossa cõrte? Quantas vezes com nomes suppostos, com merecimentos fingidos e com benções falsificadas se roubam os preimios ao benemerito e triompha com elles o indigno? Quantas vezes alcança mais Jacob com as luvas calçadas, que Esau com as armas nas mãos? Se no ocio da paz se medra mais que nos trabalhos da guerra, quem não ha de trocar os soes da campanha pela sombra d'essas paredes? Não o experimentou assim David: e mais servia a um rei injusto e inimigo. David serviu em palacio e serviu na guerra: em palacio com a harpa, na guerra com a funda. E onde lhe foi melhor? Em palacio medrou tão pouco, que da harpa tornou ao cajado: na guerra montou tanto, que da funda subiu à coroa. Se se visse que David crescia mais á sombra das paredes de palacio, que com o sol da campanha: se se visse que intrinava mais lisonjeando as orelhas com a harpa, que defendendo e honrando o rei com a funda; se se visse que merecia mais galanteando a Michol, que servindo a Saul, não seria uma grande

injustiça e um escândalo mais que grande? Pois isto é o que padecem os Esaús nas preferências dos Jacobs.

Mas eu não me admiro tanto de Jacob e de Rebeca que fizeram o engano quanto de Isaac, que o não desfez depois de conhecido. Que Esaú padeça, que Jacob possua, Rebeca triunphe e que Isaac dissimule? Que esteja tão poderosa a arte de furtar bênçãos, que tire Jacob a bênção da algibeira de Esaú, não só depois de prometida e decretada, senão depois de firmada e passada pela chancelaria? E que haja tanta paciencia em Isaac, que lhe não troque a bênção em maldição? O mesmo Jacob o temeu assim. Quando a mãe o quiz meter n'estes enredos, disse elle que temia que seu pae descobrisse o engano; e que em lugar da bênção lhe deitaria alguma maldição. Mas Rebeca não fez caso do reparo; porque conhecia bem a Isaac e sabia que não tinha o velho cholera para tanto. Se Isaac tivera outro valor, Rebeca sentiria o flagimento, e Jacob amargaria o engano. Mas nem Isaac era pae para aquelle Jacob, nem marido para aquella Rebeca. E que Esaú fique privado do seu morgado para sempre, e que nem Rebeca que lho lira, nem Jacob que lho possui, nem Isaac que lho consente façam escrupulo d'este caso! Dontores ha que condemnam tudo isto; e outros ha que o excusam. Eu não excuso nem condemnno: «só pasmo do mysterio e do exemplo.»

IX. «Temos finalmente» a ultima circunstancia do nosso exame: Quando. Quando fazem os ministros o que fazem? e quando fazem o que devem fazer? Quando respondem? Quando deferem? Quando despacham? Quando ouvem? Que ate para a audiencia são necessarios muitos quandos. Se fazer-se hoje o que se podera fazer hontem: se fazer-se ámanhã o que se devêra fazer hoje: é materia em um reino de tantos escrupulos e de danos muitas vezes irremediables; aquelles quandos tão dilatados, aquelles quandos tão desattendidios, aquelles quandos tão eternos, quanto devem inquietar as consciencias de quem tiver consciencia!

Antigamente na republica hebrea, e em muitas outras, os tribunaes e os ministros estavam ás portas das cidades. Isso quer dizer nos Proverbios: *Nolitis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoriis terrae.* Para qualificar a nobreza do marido da mulher forte, diz que tinha assento nas portas com os senadores e conselheiros da terra. Mas que razão tiveram aquelles legisladores para situarem este logar aos tribunaes e para pôrem ás portas das cidades os seus ministros? Varias razões apontam os historiadores e politicos: mas a principal, em que todos concordam, era a brevidade do despacho. Vinha o lavrador, vinha o

Bo que mais
admira e que
Isaac não
desfizesse o en-
gano

Circunstanca
do tempo

Antigamente os
ministros
estavam ás por-
tas
das cidades.
Prov. 31.

soldado, vinha o estrangeiro com a sua demanda, com a sua pretenção, com o seu requerimento, e sem entrar na cidade, voltava respondido no mesmo dia para sua casa. De sorte que estavam tão promptos aquelles ministros, que nem ainda dentro na cidade estavam, para que os requerentes não tivessem o trabalho, nem a despeza, nem a dilação de entrarem dentro.

Hoje as cidades
estão ás
portas, dos mi-
nistros.

Não saíam os requerentes a diferença d'aquella éra à nossa, para que se não lastumem mais. Antigamente estavam os ministros ás portas das cidades: agora estão as cidades ás portas dos ministros. Tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo (que os de a pe não fazem conto, nem d'elles se faz conta); as portas, os paleos, as ruas rebentando de gente; e o ministro encantado, sem se saber se está em casa ou se o ha no mundo, sendo necessaria muita valia só para alcançar de um creado a revelação d'este mysterio. Uns batem, outros não se atrevem a bater: todos a esperar, e todos a desesperar. Sai finalmente o ministro quatro horas depois do sol, apparece e desapparece de corrida: olham os requerentes para o céu e uns para os outros; aparta-se desconsolada a cidade que esperava junta. E que vivam e obrem com esta inhumanidade homens que se confessam, quando procediam com tanta razão homens sem fé nem sacramentos!

Com perda
do dinheiro, do
tempo e
das passadas

Aquelles ministros ainda quando despachavam mal os seus requerentes, faziam-lhes tres merdes. Poupavam-lhes o tempo, poupavam-lhes o dinheiro, poupavam-lhes as passadas. Os nossos ministros, ainda quando vos despacham bem, fazem-vos os mesmos tres danos. O do dinheiro, porque o gastais; o do tempo porque o perdeis; o das passadas, porque as multiplicais. E estas passadas, o este tempo, e este dinheiro quem o ha de restituir? Quem ha de restituir o dinheiro a quem gasta o dinheiro que não tem? Quem ha de restituir as passadas a quem dá as passadas que não pôde? Quem ha de restituir o tempo a quem perde o tempo que havia mister? Oh tempo tão precioso e tão perdido! Dilata o julgador oito mezes a demanda que se podera concluir em oito dias. Dilata o ministro oito annos o requerimento que se devéra acabar em oito horas. E o sangue do soldado, as lagrimas do orphão, a pobreza da viuva, a ellheção, a confusão, a desesperação de tantos miseraveis?

Danoso po-
blano que se
segura.

O que mais se deve sentir n'estas desattenções dos que tem officio de responder, são os danos publicos que d'ellas se seguem. Vai um soldado servir na guerra e leva tres cousas: leva vontade, leva animo, leva alegria. Torna da guerra a requerer, e todas estas tres cousas se lhe trocam. A vontade troca-se em fastio; o animo troca-se em temor; a alegria troca-se em tristeza. E quem tem a culpa de toda esta mudança tão danosa

ao bem publico? As dilações, as suspensões, as irresoluções, o hoje, o amanhã, o outro dia, o nunca dos vossos quandos. E faz consciencia d'estes damnos algum dos causadores d'elles? Pois saibam, ainda que o não queiram saber, e desenganem-se, ainda que se queiram enganar, que a restituição que devem não é só uma, senão dobrada. Uma restituição ao particular e outra restituição à republica. Ao particular, porque serviu; à republica, porque não lerá quem a sirva.

Dir-me-heis que não ha com que despachar e com que premiar a lantos. Por essa excusa esperava. Primeiramente, elles dizem que ha para quem quereis e não ha para quem não quereis. Eu não digo isso, porque o não creio. Mas se não ha com que, porque lhes não dizeis que não ha? Porque os trazeis suspensos? Porque os trazeis enganados? Porque os trazeis consumidos e consumindo-se? Esta pergunta não tem resposta: porque, ainda que pareça meio de não desconsolar os pretendentes, muito mais os desconsola a dilação e a suspensão, do que os havia de desconsolar o desengano. A dilação sem despacho são dous males; o desengano sem dilação é um mal temperado com um bem: porque se me não dais o que pego, ao menos livrais-me do que padeço. Livrais-me da suspensão, livrais-me do cuidado, livrais-me do engano, livrais-me da ausencia de minha casa; livrais-me da corte e das despezas d'ella, livrais-me do nome e das indignidades de requerente, livrais-me do vosso tribunal, livrais-me das vossas escadas, livrais-me dos vossos creados, emlím livrais-me de vós. E é pouco? Pois se com um desengano dado a tempo os homens ficam menos queixosos, o governo mais reputado, o rei mais amado e o reino mais servido; porque se ha de entreter, porque se ha de dilatar, porque se não ha de desenganar o pobre pretendente, que tanto mais o empobreceis, quanto mais o dilatais? Se não ha cabedal de fazenda para o despacho, não haverá um não de tres letras para o desengano? Será melhor que este se desengane depois de perdido? E que seja o vosso engano a causa de se perder? Quereis que se cuide que o sustentais na falsa esperança, porque são mais rendosos os que esperam que os desenganados? Se lhes não podeis dar o que lhes negais; quem lhes ha de restituir o que lhes perdeis? Oh restituições! Oh consciencias! Oh almas! Oh exames! Oh confissões!

X. De todo este discurso se colhe (se eu me não engano) com evidencia, que ha muitos «peccados» no mundo de que se faz pouco escrupulo; que ha confissões em que falla o mudo e o demonio não sai; e que supposta a obrigação de se confessarem todos os peccados «é necessário reformar estas confissões».

Mais descon-
solo a dilação
e a sus-
pensão que o
desengano.

Conclusão.
Deverem-se refor-
mar as con-
fissões com uma
boa confissão.

Grande mal é não sarar com os remedios; mas adoecer dos remedios, ainda é mal maior. E quando se adoecer dos remedios, que remedio? O remedio é curar-se o homem dos remedios, assim como se cura das infermidades. Este é o caso em que estamos. O remedio do peccado é a confissão. Mas se as minhas confissões em lugar de me tirarem os peccados, por minha desgraça m'os accrescentam mais, não ha outro remedio senão dobrar o remedio sobre si mesmo e confessar as confissões «mal feitas», assim como se confessam «todos os outros» peccados. D'aquelles que tornam a recair nos peccados passados, dizia Tertuliano, que faziam penitencia da penitencia e que se arrependeriam dos arrependimentos. Se os maus se arrependerem dos arrependimentos, os que devem e querem ser bons porque se não confessarão das confissões? Uns o devem fazer pela certeza, outros o devem fazer pela duvida; e todos é bem que o façam pela maior segurança.

Para elle é
necessario um
bon exame.

Para que esta nova confissão saia tal que não seja necessário tornar a ser confessada, devemos seguir em tudo o exemplo presente de Christo na expulsão d'este diabo mundo. Primeiramente *Erat iugens*. Todos os outros milagres fazia-os Christo em um instante; este de lançar fóra o demônio não o fez em instante, nem com essa pressa, senão devagar e em tempo. É necessário, primeiro que tudo, a quem houver de reconfessar as suas confissões tomar tempo competente, livre e desembargado de todos os outros cuidados, para o ocupar só n'este; pois é o maior de todos. Como poderão os que governam julgar as suas consciencias e examinar os seus «peccados», se não tomarem tempo para isso? Dirá algum que é tão ocupado que não tem esse tempo. E ha tempo para o jogo? E ha tempo para a quinta? E ha tempo para a conversação? E ha tempo e tantos tempos para outros divertimentos de tão pouca importancia, e só para a confissão não ha tempo? Se não houver outro tempo, tome-se o do officio, tome-se o do tribunal, tome-se o do conselho. O tempo que se toma para fazer melhor o officio, não se tira ao officio. Mas para acutar de razões, pergunto: Se agora vos dera a febre maligna (como pôde dar), hacieis de cortar por tudo para accudir a vossa alma, para tractar de vossa consciencia? Sim. Pois o que havia de fazer a febre, porque o não fará a razão? o que havia de fazer o medo e a falsa contrição na infermidade, porque o não fará a verdadeira resolução na saude.

E na
bon confessor.

Tomado o tempo (e tomado a qualquer força e qualquer preço), segue-se a eleição do confessor. Quem aqui obrrou o milagre foi Christo. O confessor está em lugar de Christo; e

quem ha de estar em lugar de Deus Homem é necessario que seja muito homem e que tenha muito de Deus. *Non confundaris confiteri peccata; et ne subjecias te omni homini pro peccato.* Não vos corrais de confessar os vossos peccados (diz o Espírito Santo); mas advertei que na confissão d'elles não vos sujeitais a qualquer homem. Se a saude do corpo (que assim é mortal) a não fiais de qualquer medico, a saude da alma, de que depende a eternidade, porque a haveis de tirar de qualquer confessor? Indento, claro está que não deve ser: mas não basta só que seja douto, senão douto e timorato. Confessor que saiba guiar a vossa alma e que temer perder a sua. Confessou Judas o seu peccado aos principes dos sacerdotes: *Peccati tradens sanguinem justum.* E elles que lhe responderam? *Quid ad nos?* *Tu culeris:* e a nós que se nos dá d'isso? Lá te avem. Vede que sacerdotes que nem se lhes dava da sua consciencia, nem da do penitente que se lhes ia confessar!

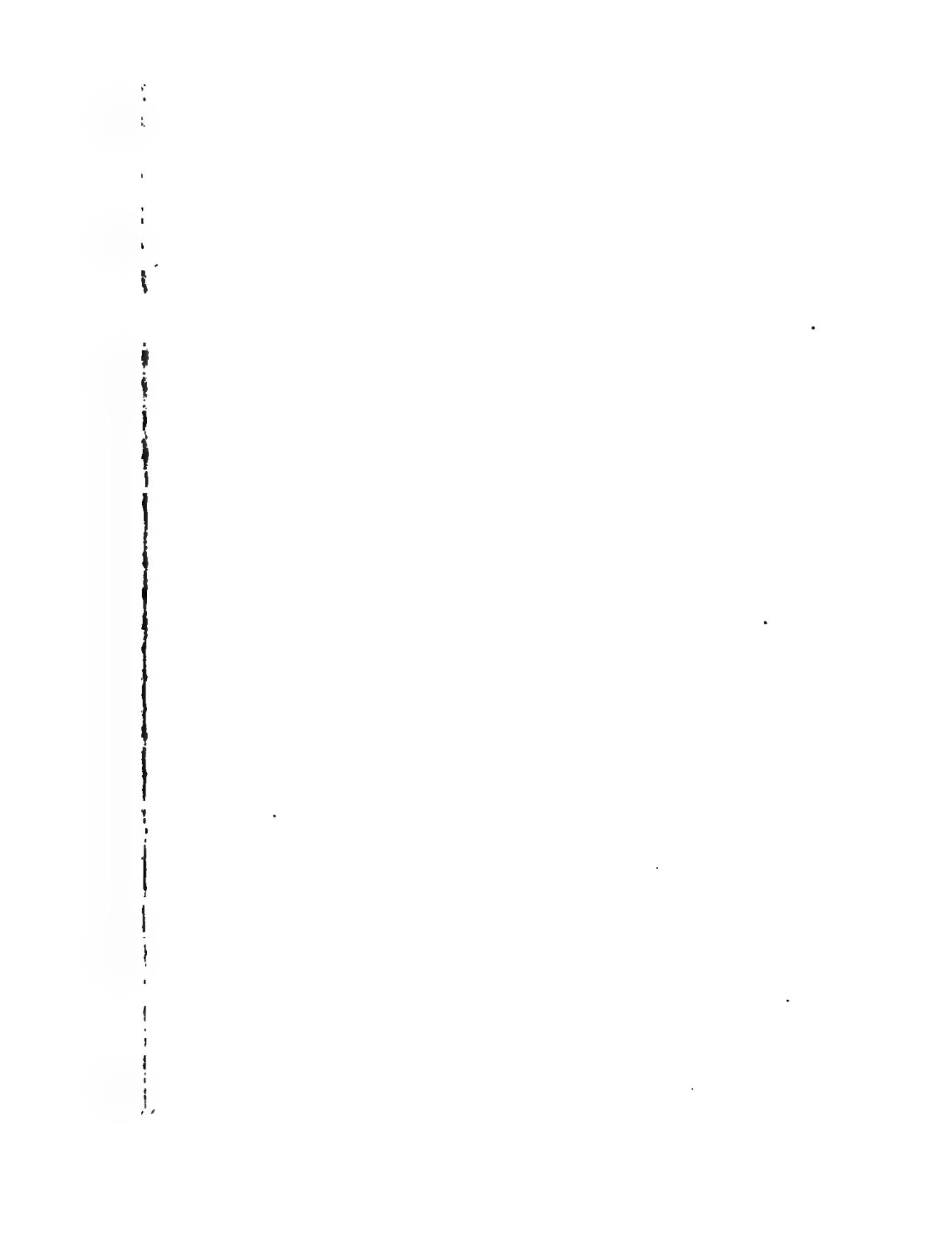
Haveis de escolher confessor que se lhe dé tanto da vossa consciencia, como da sua. E basta que seja douto e timorato.^{o confessor ha de ser franco quanto o sacerdote de Philippe II.} Não basta. Ha de ser douto e timorato e de valor. É tal a fraqueza humana, que até no tribunal de Christo se olha para os grandes, como grandes: e se lhes guardam respeitos, quando se lhes não faça lisonja. Andando Philippe segundo à caça, foi-lhe necessário sangrar-se logo, e chamaram o sangrador de uma aldeia, porque não havia outro. Perguntou-lhe o rei se sabia a quem havia de sangrar? Respondeu: Sim; a um homem. Estimou o grande rei este homem, como merecia, e serviu-se d'ele d'alli em deante. Com similhantes homens se hão de curar no corpo e na alma os grandes homens. Com homens que sangrem a um rei como a um homem.

Posto aos pés d'este homem e n'elle aos pés de Deus, falle o mudo com tal verdade, com tal inteireza e com tal distinção do que confessou ou não confessou, dos propósitos que teve ou não teve, da satisfação que fez ou deixou de fazer, quo de uma vez e por vna vez acabe de sair o demônio fóra. E seja com tão viva deteção de todos os peccados passados, com tão firme resolução da emenda de todos elles e com tão verdadeira e intima dor de haver offendido a um Deus infinitamente amável e sobre todas as coisas amado, que não só saia o demônio para sempre e para nunca mais tornar, mas que já esteja lançado da alma quando faltar o mudo. *Et cum exercisset daemonium, locutus est mutus.*

Eccl. 4.

Matt. 27.

*Confissão
verbal e contribu-
ção.*



I. SERMÃO DO QUARTO SABBADO *

PRÉGADO NA EGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA DA BAHIA
NO ANNO DE 1640

Pede o auctor a todos que tomarem este livro nas mãos, que por amor de si leiam este sermão do peccador resoluto a nunca mais peccar, com a attenção e paciencia que a matéria requer.

OBSERVAÇÃO DO COMPIILADOR — Se todos os sermões de Vieira foram, como este e o precedente, isentos de gongorismo, era escusado o meu trabalho. O sermão e o pedido que precede indicam bastante o juizo do auctor sobre o modo de pregar e o como pregava, quando seguia o genio e dictado proprio, não o uso e gosto alheio.

Iam amplius noli peccare.

S. JOAN. 8.

O maior mal de todos os males; (não digo bem) o mal que só o peccado é mal summo, é o peccado: porque assim como Deus por essencia é o summo bem, assim o peccado por ser offensa de Deus é o summo mal. Mas se entre peccado e peccado, pelo que toca a nós, pôde haver comparação e diferença, o peccado futuro é o peior e mais perigoso mal. O passado e o presente, porque foi e é peccado, é a summa miseria; mas o futuro, porque ainda ha de ser, sobre ser a summa miseria é o summo perigo.

Esta é, fieis, a importantissima doutrina que Christo, soberano Mestre e Senhor nosso, nos deixou recomendada como documento final na ultima clausula do presente evangelho. Trouxeram uma peccadora a Christo achada em flagrante delicto, para que o Senhor, como interprete da lei, a sentenciasse. E qual seria a sentença? Foi aquella que se podia esperar da piedade e misericordia de um Deus feito homem por amor dos homens. Confundiu os accusadores com lhes mostrar escriptos seus pecados (que só Deus sabe livrar a uns pelos processos de outros); e depois de absolver a peccadora do peccado de que era

Prova-se com as palavras que Christo disse a uma peccadora achada em flagrante delicto.

acusada e de todos, o documento breve, maravilhoso e divino com que a despediu consolada, foram as palavras que propuz: *Iam amplius noli peccare*: não queiras mais pecar.

Este facto é segurança do sacramento da confissão.

Isto é o que encommendou Christo áquella venturosa peccadora, em cuja maravilhosa historia se nos representa com grande propriedade o juizo sacramental, a que todos somos chamados ou citados no termo peremptorio d'estes quarenta dias. Todos somos peccadores e todos temos obrigação n'este sancto tempo de nos presentar em pessoa, e não por outrem, n'aquelle sagrado tribunal onde o mesmo Christo é o juiz e preside invisivelmente. Ali sondo nós mesmos os réus e os acusadores, confessamos espontaneamente todas nossas culpas; e se o fazemos com a verdadeira detestação e arrependimento que devemos a um Deus infinitamente bom e infinitamente offendido, o mesmo Senhor que hoje escreveu peccados manda riscar os nossos dos seus livros, e totalmente perdoados e absoltos nos recolhe entre os braços de sua misericordia e nos recebe em sua graça. Tal é o felicissimo estado a que por virtude do sacramento da penitencia se restituem todos aqueles que dignamente o recebem: bem assim como a peccadora do evangelho, quando ouviu da boca do Redemptor: *Nec ego te condemnabo*. Mas porque a absolvição e a graça, posto que livre dos peccados passados, não segura do perigo para os futuros, sobre este grande risco de tornarmos a adovecer depois de sãos e a cair depois de levantados, nos avisa e acautela o Divino Oraculo, exhortando-nos a todos e a cada um, como á mesma peccadora, a nunca mais pecar: *Iam amplius noli pecare*.

*Assumpto O
peccador
resolutio a nun-
ca mais pec-
car.*

Este foi o poncto unico da doutrina de Christo, (que não só é conselho, mas preceito); e n'este mesmo determino também insistir unicamente, hoje; pois sendo sua a eleição do assumpto, nem eu posso tomar outro, nem devo. A materia, pois, de todo o sermão, summamente necessaria e summamente util, será esta: O peccador resoluto a nunca mais pecar. Na primeira parte do discurso lhe descobrirei a falsidade e o engano de todas as razões ou pretextos com que o demonio o facilita a continuar os peccados. Na segunda lhe inculcarei um motivo «que eu julgo» o mais efficaz, o mais forte, o mais terrivel, que pode haver para nunca jamais pecar: *Iam amplius noli peccare*. À Virgem Sanctissima, em quem nunca houve peccado, peçamos muito de coração, que, como Mãe e Advogada de peccadores, nos alcance para esta tão importante resolução a graça que havemos mister. *Ave Maria*.

*Falta do ame-
r e temor de
Deus para não
pecar.*

II. *Iam amplius noli peccare*. Para não pecar mais, nem ter

peccado jámais, bastava ser o peccado offensa de Deus e ser Deus quem é: infinita e inefável bondade, infinita e immensa grandeza, infinita e incomprehensivel majestade, infinita sabedoria, infinita omnipotencia; infinito, increado, eterno e imutavel Ser, que só elle é de si mesmo; e por tudo isto digno de ser infinitamente amado, como elle, que só se comprehende, se ama, e não por outra causa ou respeito, senão por ser quem é. Mas como a vileza do nosso barro para subir tão alto é muito pesada e para amar tão fina e desinteressadamente muito grosseira, accommodando-se o Espírito Sancto à incapacidade de nossa fraca natureza e à corrupção em que a deixou o primeiro peccado, nos ensinou para não peccar aquelles quatro motivos de temor, tão fortes e tão sabidos, como de nós mal applicados: *Memorare norissima tua, et in aeternum non peccabis:* lembra-te, homem, dos teus novíssimos; e não peccarás jámais. E verdadeiramente que homem haverá, se não tem perdido o juizo e uso da razão, que sabendo de certo que ha de morrer, sem levar d'esta vida mais quo as suas boas ou más obras, e que com ellas se ha de presentar deante do tribunal da Divina Justiça para ser severissimamente julgado, e que, dada a sentença, de que não ha appellação nem embargos, ou ha de gozar de Deus para sempre na gloria, ou carecer de Deus para sempre e penar sem remissão no fogo do inferno—que homem haverá torno a dizer, se não tem perdido o juizo e uso da razão, que com a fé e consideração viva d'estes quatro motivos seja tão temerario e cego que se atreva a commetter um peccado?

Sendo pois esta verdade tão certa e infallivel, e a consequencia d'ella tão racional, tão util, e tão conforme por uma parte ao temor e por outra ao desejo e esperança humana; qual é ou pôde ser a causa, porque a experientia de cada dia nos mostre o contrario e seja cousa tão ordinaria nos homens, que isto mesmo crêem e confessam, o peccar, o ter peccado e o tornar a peccar? A causa ou occasião não é outra, senão que assim como o Espírito Sancto nos deu quatro motivos para espertadores da memoria, assim o demonio inventou e nos dá outros quatro para adormecedores do esquecimento, aquelles espertam o intendimento para que sempre vigilante e com os olhos abertos nos não consinta peccar; e estes adormecem a vontade para que frouxa, descuidada e cega, nos facilite o peccado. E que motivos infernaes são estes quatro? Para serem mais infernaes, vão todos fundados «com falso discurso» na verdade da fé e experientia. O primeiro é a dilatação do castigo, o segundo a confiança da misericordia, o terceiro o propósito do arrependimento, o quarto a facilidade e promptidão do reme-

Ecc. 7.

Quatro motivos
do Espírito
Sancto para não
peccarmos e
quatro motivos
do demonio
para faci-
litar o peccado.

dio. Como o Espírito Santo nos refreia do peccado com a memória e consideração dos quatro novissimos, diz assim o demônio ao peccador e o peccador a si mesmo: Os novissimos da gloria e do inferno não hão de vir senão depois do juizo; o novissimo do juizo não ha de vir senão depois da morte; o novissimo da morte não vem senão no fim da vida: logo, em quanto dura a vida, quero fazer a minha vontade e viver a meu gosto. E para que seja sem perigo da salvação, d'esse me asseguram quatro motivos e fundamentos, tão certos (diz o peccador) como as verdades de fé; e são os que já referimos e agora veremos.

Estes são: 1.º
a dilação do
castigo. Decep-
tus de David
ara tirar os
pecca-
dos do mundo.
Pt. 113, 100, 7.

III. Anima-se primeiramente o homem e facilita-se a peccar pela dilação do castigo: porque, ainda que crê pela fé que Deus nunca deixa de castigar o peccado, vê contudo pela experiência ordinaria que Deus não castiga logo. D'aqui nasceu um notável pensamento em que deu David para tirar os peccados do mundo. Sentia tanto o sancto rei a facilidade com que se quebravam as leis de Deus e os homens não reparavam em peccar, que este sentimento quasi lhe tirava a vida: *Defectio tenet me pro peccatoribus dereliquentibus legem tuam.* O primeiro pensamento com que accordava e a sua primeira meditação era cuidar e excogitar como se podiam tirar do mundo todos os peccadores: *In matutino interficibam omnes peccatores terrae;* e finalmente veio a dar em um meio, o mais eficaz e effectivo que podia haver, e como tal o presentou a Deus em uma proposta. Senhor, diz David, eu não posso dar conselho, nem vossa infinita Sabedoria o ha mister. Mas não pode o meu zelo deixar de vos representar um meio em que tenho dado, para que não haja peccados, nem vossa divina Majestade seja offendido. Que diferente alvitre era este dos que ordinariamente se costumam inventar e pagar com grandes mercês, todos para utilidade dos principes e para destruição dos vassallos! Porém este de David tão útil era para Deus, como para os homens, e mais ainda para os homens que para Deus; porque Deus não seria offendido, se os homens não fossem peccadores. Mas que meio era ou podia ser este, que tirasse os peccados do mundo e não bolvesse n'ele quem não observasse as leis de Deus? As palavras da proposta o dizem: *Exurge, Domine, in ira tua: exurge in praecepto quod mandasti; et synagoga populorum circumdat te.* Mostre-se vossa Majestade irado todas as vezes que for offendido; e assim como a comminación da pena anda juncta com o preceito, ande também a execução do castigo juncta com o peccado. Porque tanto que os homens virem que o castigo não tarda, nem se dilata, logo todos obedecerão promptamente e servirão a Deus, e nehum haverá que se atreva a peccar. Esta foi a proposta e o

alvitre de David. E que respondeu Deus? O mesmo David o disse logo. Ainda que o coração de David era semelhante ao coração de Deus, o de David era tão pequeno que cabia no seu peito; e o de Deus era tão grande como a sua imensidão. Respondeu Deus aquillo mesmo que dizem os que fiados na diligência do castigo se animam a continuar no peccado: *Deus judex justus, fortis et patiens, nunquid irascitur per singulos dies?* Deus (diz o peccador usando das palavras divinas a sabor de seu appétite) Deus ainda que é justo Juiz e tão forte, que nenhum culpado ou réu lhe pode escapar das mãos: comtudo o seu coração é muito largo e a sua paciencia muito soffrida; e ainda que os nossos peccados são quotidianos, a sua ira não é de cada dia: *Nunquid irascitur per singulos dies?*

Este é o fundamento com que disse judiciosamente Tertuliano que Deus padece na sua mesma paciencia: *Deus sua sibi patientia detrahit*: porque dá occasião o seu sofrimento a que se perca o temor de sua justiça e o respeito á sua autoridade. Atreveu-se Oza, posto que com boa tenção, a locar na arca do testamento, e no mesmo poncto pagou aquella temeridade, caindo de repente morto. Oh se Deus o fizesse assim sempre, ou muitas vezes, e os peccados se pagassem logo e de contado, como haviam os homens de ir atento em peccar e como se lhes haviam de atar as mãos, ainda quando o peccado fosse duvidoso! Porque cuidais que peccou Adão em comer da fruta vedada, lendo-lhe Deus comminado a morte se comesse? Porque viu que Eva tinha comido e não morreu. O preceito e a pena do preceito foi posta a ambos: pois se Eva comeu e não morreu, também eu (diz Adão) não morrerei, ainda que coma. Isto é que fez Adão; e isto o que fazem seus filhos. O pensamento, diz o texto sagrado, com que depois de ter peccado se animam os homens a tornar a peccar é este: *Peccari, et quid mihi accidit triste?* Eu peccai e nem por isso me sucede mal ou desgraça alguma: estava vivo e estou vivo: estava são e tenho a mesma saude: tornei para casa e nem por isso a achei caida e meus filhos mortos debaixo d'ella, como Job: os gados não m'os roubaram os inimigos, nem me mataram os escravos: às labouras não lhes faltou a chuva que as regasse, nem o sol que as amadurecesse: se metti os fructos no celleiro, conservaram-se: se os naveguei, chegaram a salvamento: tudo me sucedeu tão prosperamente, que no mesmo dia em que peccai, se fui à casa do jogo, ganhei; se pleiteava, tive sentença por mim; se tinha algum requerimento, sai despachado; e se fui beijar a mão ao rei, olhou-me com bons olhos. Pois se na vida, na fazenda, na honra, em nada me empêceu o peccado, porque

Texto do
Tertuliano so-
bre o abuso
que fazem da
pacientia
divina. Por isso
Adão
imitou Eva no
peccado.

Ecclesiastes 5.

não hei de tornar a peccar? Quero pecar como d'antes e mais ainda.

Porem Deus quanto mais dilata, menos perdão. Testos de Tertuliano e S. Gregorio.

Este é o discurso, ou mais ou menos expresso, com que os homens se precipitam a continuar no peccado. Mas vede o que lhes diz o Espírito Santo: *Ne dixeris: Peccari et quid mihi accedit tristis? Altissimus est enim patiens redditor:* não digas: Pequei e não me sucedeu nenhum mal; porque a paciencia do Altissimo, ainda que dissimule muito tempo e se não pague logo do que lhe deves, no cabo puxa pelo capital e mais pelos redititos. Redditos lhe chamou Tertuliano: *Peccati censum.* E S. Gregorio, declarando quão grandes e quão custosos serão estes redititos, diz que sera tão estreita e insosfrível a execução do juizo, quão larga foi a paciencia e sofrimento de Deus na dilação do castigo: *Tanto strictiorem justitiam in iudicio eriget, quanto largiorem patientiam ante iudicium prorogarit.* Oh como nos enganamos os homens com a paciencia e sofrimentos de Deus, que quanto mais dilata menos perdão!

Exemplos da Escritura.

Sofreu Deus o fratricídio de Caim e não o castigou logo com a morte: mas depois de andar desterrado e fugitivo por esse mundo e aborrecido de todos, com summa confusão e miseria, veio a morrer desastradamente em um bosque a mãos de seu proprio neto Lamech. Sofreu Deus as desobediencias de Saul e a usurpação do officio sacerdotal, e as invejas e ingratidões com que perseguiu a innocencia e pagou os merementos do David, a quem devia a honra, a vida e a coroa. Mas perguntae aos montes de Gelboé qual foi o triste fim do mesmo Saul, affrontosamente vencido, morto com sua propria espada e depois pendurado de uma ameia nos muros de seus inimigos. Sofreu Deus as ambicões e loucuras de Absalão, rebelde a seu rei e seu pae, e as politicas impias de Achitophel, albeias de toda a lei divina e humana. Mas a um vereis enforcado por suas proprias mãos em uma trave de sua casa; e ao outro preso por seus proprios cabellos nos braços de uma euzinheira, com o coração, que lhe não cabia no peito, passado com tres lanças. Sofreu Deus as idolatrias d'el-rei Acab e de sua mulher Jezabel, as perseguições dos prophetas, e os falsos testimonhos levantados contra Naboth e o roubo perjurado da sua herda. Mas no cabo, elle e ella infameamente privados do reino, elle foi ferido e morto de uma seta perdida e ella precipitada de uma janella do seu palacio: a ella lhe roeram os cães os ossos, e a elle lhe lambiram o sangue. Deixo os exemplos de Nabucodonosor, de Antiocho sacrilego e de Judas traidor; um convertido em bruto, outro comido vivo dos bichos, e o terceiro rebentado pelo meio, vomitando a infeliz alma junctamente com as entra-

nhas: todos tres longamente sofridos, mas depois severissimamente castigados, para que ninguem se fie na dilação do castigo; que, se tarda, sempre chega e recompensa com o rigor as usuras da tardança.

IV. O segundo motivo que facilita e quasi parece que convida os homens a perseverar na continuação do peccado é a confiança na misericordia divina. Nenhum atributo pregam e apregoam mais em Deus todas as Escripturas que a sua misericordia, grande, infinita, immensa. Não só chamam a Deus misericordioso, senão misericordiador: *Misericors et miserator*. E como se Deus só multiplicara a si mesmo para multiplicar as misericordias, dizem que é *Multus ad ignoscendum*. A mesma misericordia, sendo uma, dão nome de multidão: *Secundum multitudinem miserationum tuarum*. E finalmente, porque a multidão se compõe de numeros, acrescenta «a Egreja» que a misericordia de Deus não tem numero: *Cujus misericordiae non est numerus*. Que muito logo que, se Deus se multiplica para perdoar, multiplique também os homens materia do perdão, que são os peccados, e que não reparem em accumulator uns peccados sobre outros! Pois ainda que o numero e multidão d'elles seja grande, o numero innumerável e a multidão sem conto das misericordias de Deus sempre é maior. Tão assentado está este desprezo do peccado na confiança da misericordia divina, que se eu (diz Sancto Agostinho fallando de si) se eu quizer persuadir aos homens que temam a Deus e o rigor de sua justiça para que se abstêmham de pecar, haverá algum que fundado nas Escripturas se levante contra mim e não duvide dizer-me na cara: *Quid me terras de Deo nostro? Ille misericors est et miserator et multum misericors*. Que medos são estes, Agostinho, que cá nos quereis meter com o nosso Deus? Ele é misericordioso e mais misericordioso e muito mais misericordioso; e sendo tanta e tal a sua misericordia, como é de fô, ainda que nós pequemos, e mais pequemos e tornemos a pecar, sempre seremos perdoados. Isto dizem muitos peccadores e isto fazem todos, ainda que o não digam. E é cousa sobre toda a admiração e sobre todo o encarecimento notavel, que promettendo Deus o céu e a bens-aventurança e não podendo o demonio dar senão o que tem, que é o inferno, sendo Deus tão bom e o demonio tão mau, Deus tão formoso e o demonio tão feio, haja comtudo tantas almas enganadas e cegas que deixando a Deus se amiguem com o demonio.

Ouçam agora estes enganados com a misericordia o que lhes diz o mesmo Pao das misericordias: *Ne adjicias peccatum super peccatum, et ne dicas: Miseratio Domini magna est, multitu-*

*2.º Motivo que
facilita o
peccado: a con-
fiança na
misericordia de
Deus
mal entendida.
Texto fe Sancto
Agostinho.
Ps.410. Isa.53.
Pt. 50.*

*Porém a miser-
icordia e a
justiça
estão muito
perto
uma da outra.*

dinis peccatorum meorum miserebitur: não accrescentes peccados sobre peccados, e não digas que a misericordia de Deus é grande e perdoará todos os peccados ainda que sejam muitos. E porque razão, Senhor? Se os nossos peccados foram muitos e a vossa misericordia pouca ou pequena, então tínhamos fundamento para desconfiar do perdão: mas se a misericordia é grande e sempre maior que os nossos peccados, por mais e mais que os accrescentemos; porque não havemos de confiar e estar muito seguros que sempre nos perdoará vossa misericordia? O mesmo Deus dá a razão, e é tão divina, como sua: *Misericordia enim et ira ab illo cito proximant.* Não vos fieis demasiadamente da minha misericordia, diz Deus, porque a misericordia e a justiça em mim estão muito perto uma da outra. Admirável sentença! Em Deus, cuja natureza e essencia é simplicissima, tudo é a mesma cousa; porque tudo é Deus. Mas nenhuma cousa há em Deus mais unida entre si, nem mais identificada e mais uma e mais a mesma, que a misericordia e a justiça. Em Deus o Pae é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Sancto é Deus, a misericordia é Deus e a justiça é Deus. Mas o Padre, o Filho e o Espírito Sancto, ainda que sejam Deus e o mesmo Deus, distinguem-se realmente; porém a misericordia e a justiça não tem distinção alguma. O Padre é Deus, mas não é Filho, o Filho é Deus, mas não é Padre, o Padre e o Filho são Deus, mas não são Espírito Sancto, o Espírito Sancto é Deus, mas não é Padre nem Filho. Porém a misericordia e a justiça em Deus de tal maneira são Deus, que a mesma justiça é misericordia e a mesma misericordia é justiça, «distintas entre si no conceito, mas não distintas na realidade.»

Por isso nos devemos lembrar das tentações maus da justiça que da misericordia.

Sendo, pois, tão inseparável e tão intima, não digo a união, se não a unidade d'estes dous attributos divinos, dos quaes depende o perdão ou condenação de todos os que peccam, vede agora se é bom conselho e digno de Deus aquelle com que o mesmo Deus tanto nos exhorta e admoesta, que não accrescentemos peccados sobre peccados, fiados na sua misericordia: porque a misericordia e a justiça em Deus estão muito perto uma da outra. *Ne adjicias peccatum super peccatum, et ne dicas: Miseratio Domini magna est. Misericordia enim et ira ab illo cito proximant.* É comtudo tal a cegueira e malicia humana, que escondendo a misericordia e justiça divina tão perto uma da outra, não só os herejes, senão também os catholicos teem achado invenção com que as dividir. Os herejes marcionitas diziam que Deus tinha misericordia e não tinha justiça, por ser cousa alheia da sua bondade o castigar, como se Deus fôra bom para que os homens fossem maus, como bem os argui Tertulliano. E os catholicos

ainda com maior incoherencia, conhecendo e confessando que Deus é misericordioso e justo, que fizeram e que fazem? Partem Deus pelo meio, diz S. Basilio. D'onde vem que peccando facilmente contra a metade de Deus que reconhecem por misericordioso, da outra metade não fazem caso, como se não creiram que é justo. Oh que sisudos seriam os homens, já que «nas ocasiões de peccado» fazem esta divisão, se a fizessem às avessas. Assim a fazia David, depois que o seu mesmo peccado o fez sisudo: *Domine, memorabor justitiae tuae solus.* Senhor, eu d'aqui por deante só me hei de lembrar de vossa justiça. E da sua misericordia porque não, tendo vós recebido tantos favores da misericordia divina? Por isso mesmo: para não abusar d'ella. Quem se lembra só da justiça de Deus, como se não tivera misericordia, teme de peccar e salva-se. Pelo contrario os que se lembram da misericordia de Deus, como se não tivera justiça, não reparam em peccar e condennam-se. E isto é o que acontece a todos os que peccam em confiança da misericordia divina.

V. O terceiro motivo com que o homem se facilita a peccar mais e a continuar ou multiplicar os peccados é o propósito do arrependimento. Eu, diz o peccador, peccoo e peccarei agora, sim; mas não com resolução de perseverar sempre no peccado, senão com intento e propósito firme de me arrepender depois e de me pezar e doer de todo coração d'isto mesmo que agora faço. Este é o modo e a suposição com que se libera a pecar todo o homem que tem fé da outra vida: primeiro faz conceito do arrependimento futuro e propõe de se doer e arrepender do mesmo peccado que está deliberado a commetter; e sobre este propósito de dóir e arrependimento que já tem concebido, como sobre carta de seguro e imunidade da pena, então pecca confiadamente e sem receio. Bem conhece o peccador christão, que o peccado mata a alma e a condena ao inferno. Mas lisonjeado e vencido do appetite, como se tomara a salva e se desculpara com a sua alma, lhe diz dentro em si mesmo: Alma minha, eu bem sei que te malo e te condenno: mas se agora te mato e te condenno com o peccado, eu te resuscitarei depois e te livrarei com a dóir.

Este é aquelle concerto ou pacto mal considerado e peior intendido que o propheta Isaías diz fazem os homens com a morte e com o inferno: *Audite verbum Domini, viri illusores: dixistis enim: Percussimus foedus cum morte, et cum inferno fecimus pactum.* Aos que assim pactearam com o demônio e se deliberaram a pecar, chama-lhes Deus não illusos, senão illusores; porque não só o demônio os engana a elles, mas elles cuidam que en-

Pt. 70.

3º O demônio
facilita o
peccar com pro-
positos de ar-
rependimento.

Contracto quo
os pecca-
dores fazem
com o demônio.
Isaias, 28.

ganam o demonio. Dão-lhe agora a alma pelo peccado para depois lha tornarem a tirar pela dôr e arrependimento. E desta maneira, ou por esta traça, o demonio é o que ficaria illuso e não elles. Mas vamos ás condições. O que os homens podem temer e o que temem todos os timoratos é que pelo peccado, morrendo n'ele, vão ao inferno; e por isso o contracto e pacto que fazem com o demonio é sobre a morte e sobre o inferno: *Percussumus fidelis cum morte, et cum inferno fecimus pactum.* Pelo contracto sobre a morte, promete-lhes o demonio que antes da morte terão tempo para cumprir os seus propositos e se doer e arrepender do peccado; e pelo contracto sobre o inferno assegura-os o mesmo demonio que de nenhum modo poderão ir lá: porque todo o que se arrepende verdadeiramente de seus peccados antes da morte, é certo que não vai ao inferno. Pois se estas condições assim praticadas são tão uteis ao homem e o demonio n'ellas fica perdido; como o mesmo demonio, que é tão sabio e astuto, pactea tão facilmente com tais condições? Porque debaixo d'ellas, o que vai enganado e totalmente perdido, não é elle, senão o homem.

Diz ao demonio o presente e rezebem uns al promessas de futuro
Sexto dia de S. Basilio.

A razão de estado do demonio nos seus contractos com os homens, diz S. Basilio, é com condição da nossa parte que nós lhe demos o presente, e com promessa da sua que elle nos dará o futuro: pecca agora, e depois te arrependeras; e como o presente é o fácil e o certo, e o futuro o contingente e dificultoso; d'aqui se segue que agora, que era o tempo da emenda, todos peccam; e depois, que é o tempo da conta, em castigo do mesmo peccado, poucos ou nenhum se arrepende. D'esta sorte os nossos mesmos propositos, que nós chamamos de arrependimento, são de condenação; e os mesmos peccados que em conilhaço d'elles nos deliberamos a commeter, nos deveram desenganar da sua falsidade. Ou esses propositos são falsos, ou são verdadeiros. Se são falsos, porque nos liamos d'elles? E se são verdadeiros e são propositos de arrependimento, porque nos não arrependemos logo, em quanto temos tempo de não peccar? O certo é que nem são propositos, nem tão de ser arrependimentos.

O que estabelece
que todos
estão
no inferno
e não
ram ilusos.

Mas supposto que este pacto é feito com o inferno, desçamos ao mesmo inferno e vejamos como lá se guarda. Na n'este carcere infernal, ha n'esta masmorra escurissima, algum homem que fosse christão? Muitos. Responda-me alguém homem desventurado. Quem quer que sejas, se foste christão, ainda hoje o és, porque o caracter do baptismo imposto na alma nunca se perde. Pois se es a foste christão, e crías tudo o que crê a Sancta Madre Egreja, como te não aproveitaste da fe e dos Sacramen-

tos; como te não aproveitaste da doctrina e exemplos do Evangelho, que tantas vezes ouviste; e como em fin te condemnaste? Por meus peccados. E sabias tu que os peccados e um só peccado basta para levar ao inferno? Bem sabia tudo isso; mas tambem sabias que basta o verdadeiro arrependimento dos mesmos peccados para Deus os perdoar; e por este conhecimento que eu tinha, todas as vezes que me resolvia a peccar era com grandes propósitos de depois me arrepender. Pois se fazias tantos propósitos de arrependimento, porque te não arrependeste? Porque esse é o engano que cá nos traz a todos. Estes dous que aqui estão ardendo junto de mim, foram os dous irmãos Ophni e Phinees, filhos do summo sacerdote Heli e como taes muito bem doutrinados e instruidos em todos os mysterios da fé e da salvação. Reprehendia-os seu pae, e dizia-lhes que se emendassem e arrepencessem de seus peccados; e elles respondiam, que eram moços e queriam viver com liberdade, que depois se arrependessem: mas veio a morte, os arrependimentos e os propósitos ficaram no ar, e as almas desceram ao inferno. Aqui estão ardendo ha dous mil e septecentos annos: e arderão, e eu com elles, porque fiz a mesma conta, em quanto Deus for Deus.

Christãos, tomemos exemplo n'este e não nos siemos de similantes propósitos. Quando o propósito do arrependimento se ajunta com a resolução do peccado, nem é arrependimento nem é propósito: porque a resolução do peccado contradiz o propósito da emenda e o peccado presente desfaz o arrependimento futuro. Se os propósitos de não peccar, ainda feitos em graça de Deus, são pouco seguros; os propósitos de arrepender do peccado, que se fazem querendo peccar o peccando actualmente, que firmeza podem ter? Os mais valentes propósitos que se fizeram n'este mundo foram os de S. Pedro: valentes não só na boca, mas, o que poucas vezes se ajunta, na boca e mais na espada. E que disse Pedro? *Etsi omnes scandalizari suerint in te, ego nunquam scandalizabor.* Ainda que todos, Senhor, faltem á fidelidade e amor que vos devem, eu nunca hei de faltar. Que mais disse? *Etiam si oportuerit me mori tecum, non te negabo.* E quando seja necessário dar a vida e morrer convosco, primeiro morrerei que negar-vos. Podia haver mais animosos e mais resolutos propósitos, que estes, e mais bizarramente declarados? Não podia. E com serem tão repetidos, tão constantes, e feitos, como verdadeiramente eram, de todo coração; não se tinham passado seis horas, quando o mesmo Pedro caindo, recaindo e tornando a cair, tinha negado a seu Mestre não menos que tres vezes. E se os propósitos de não peccar acabam negando a Christo, os que começam peccando

Propósito de arrependimento com resolução de pecar, não é arrependimento, nem propósito. Peccado de S. Pedro depois de tantos propósitos.

Mach 10.

e negando a Christo, que se pode esperar d'elles? Ao peccado de Pedro seguiu se depois o arrependimento; porque foram propositos de não pecar estando em graça. Mas a quem pecca com propositos de se arrepender depois, d'onde lhe ha de vir o arrependimento, se o nega e desmerece com o mesmo peccado? Peccareis como peccais; mas não vos arrependerais, como prometeis.

4.º O demônio incita ao peccado fazendo confiar na facilidade do remedio, que é a confissão.

VI. O quarto e ultimo motivo com que os homens se cegam e não temem continuar no peccado, posto que conhecem ser infermidade mortal, é a facilidade e promptidão do remedio. O remedio que Christo Senhor Nosso, condescendendo com a fraqueza humana, deixou para os peccados que depois do baptismo se commetessesem, foi a confissão dos mesmos peccados. Por isto o sacramento da penitencia se chama segunda tábua em que o homem depois do naufragio se pôde salvar. Mas assim como seria temeridade mais que grande a d'aquelle que voluntariamente se lançasse ao mar mui seguro de chegar ao porto sobre uma tábua, e maior temeridade ainda se em confiança da mesma tábua se fosse sempre engolfsando mais e mais; assim o fazem os que debaixo do pretexto da confissão se precipitam a peccar, e dizendo eu me confessarei, multiplicam peccados sobre peccados.

Não se nega que a confissão é remedio prompto e facil.

Testo de Oseas.

Ob. 16.

16.

Não pretendo negar com isto que o remedio da confissão não seja muito prompto e muito facil. Não é muito facil remedio o de curar só com palavras, ou fosse inventado pela superstição, ou pela arte? Pois d'este genero é, e com muito grandes vantagens, o remedio da confissão. Não só cura de algumas feridas, senão de todas, ainda que sejam mortaes; não só de poucas ou de muitas, senão de todas, ainda que sejam innumeraveis; e de tal maneira cura de todas quantas padece o inferno, que, se uma só se lhe exceptuasse, não curaria de nenhuma. E tudo isto faz a confissão, não em largo tempo, senão em um instante, e sem outra applicação da nossa parte mais que palavras. O propheta Oseas exhortando aos homens a que se convertam a Deus diz assim: *Convertimini ad Dominum, et dicite ei: Omne aufer iniquitatem:* convertei-vos a Deus e dizei-lhe que vos tire todos vossos peccados. Pois não ha mais, que dizer a Deus que nos tire nossos peccados, e não alguns senão todos: *Omne aufer iniquitatem?* E se Deus da sua parte nos ha de tirar todos os peccados, nós da nossa que havemos de fazer para que elle nos tire? O mesmo propheta o diz e é cousa bem notavel: *Tollite vobiscum verba: levae comvosco palavras.* Bem differentemente fallavam os outros prophetas no mesmo tempo de Oseas, que era o da lei velha. O que diziam

os outros prophetas era: *Tollite hostias*: levae a Deus sacrificios, para que por meio d'elles aplaqueis sua justa ira e vos perde os peccados. Pois se os outros prophetas diziam: *Tollite hostias*, porque diz Oseas, *Tollite verao?* Porque Oseas n'este texto, como diz a Glossa com Ruperto, fallava propheticamente do sacramento da confissão, que Christo havia de instituir na lei da graça; e para conseguir o perdão dos peccados por meio da confissão não são necessarias da nossa parte mais que as palavras (não informes, mas formadas) com que os confessamos. Excellentemente Ruperto, «comentando o mesmo texto de Oseas»: Não vos digo que tragais comvosco ao sacrificio multidão de bezerros ou de cordeiros, senão sómente palavras, para as quaes todos tendes cabedal, sem dispendio da fazenda ou necessidade d'ella; porque virá tempo em que bastem para Deus as palavras da vossa confissão, e só com essas palavras se dê por satisfeito de todos vossos peccados. Pôde haver maior facilidade que esta?

É tão grande, que, como refere Sancto Agostinho, os gentios do seu tempo o lançavam em rosto aos christãos, dizendo que não podia ser boa aquella lei em que tão facilmente se perdoavam os peccados; pois era dar licença para pecar. Assim o diziam ignorantemente os barbaros; e poderam provar a blasphemia do seu pensamento com o exemplo ou escândalo de muitos christãos os quaes de tal modo abusam da facilidade da confissão, como se fôra licença ou immunidade dada por Deus para poderem pecar quanto quizessem. Mas o mesmo Sancto Agostinho ensinou aos gentios que tão fôra está a confissão de facilitar o peccado, que antes é um novo freio com que mais se dificulta; porque, como na confissão só se perdoam os peccados de quem leva resolução de nunca mais pecar, se no peccado se quebra a lei, com que Deus nos manda que não pequemos, na confissão não só se torna a ratificar a mesma lei de Deus, mas nós mesmos nos pomos outra lei de novo, com que nos obrigamos a não reincidir n'aquelle peccado, nem commetter algum outro. Foi tão ingenhosa a traça da confissão, ou verdadeiramente tão divina, que quando por uma parte abre a porta ao perdão, por outra fecha a porta ao peccado. Se duas casas teem as entradas juntas, com a mesma porta com que se abre uma, se pode fechar a outra. E isto é o que fez Deus no sacramento da confissão. E como a confissão verdadeira inclui essencialmente detestação dos peccados cometidos e resolução firme de nunca mais pecar, com a detestação abriu a porta ao perdão dos peccados passados e com a resolução fechou a porta á continuação dos futuros.

Porem a confis-
são não
facilita, mas
difficulta o pec-
cado. Re-
sposta de San-
cto Agost-
inho aos gen-
tios.

A confissão verdadeira é efectiva tanto de la
var comsigo ao confessado e
entrar o a
Deus
para sempre.

II Reg. 12.

I Reg. 15.

E justo castigo
de Deus pa-
nho que vede a
confissão
aos que pecam
na confissão.

Jer. 2

Já d'aqui começarão a entender os que tanto se confiam no remedio da confissão, quão enganada e enganosa é esta confiança. A confissão verdadeira e efectiva ha de levar comsigo ao confessado e jol-o todo e para sempre aos pes de Deus. Se não leva comsigo ao confessado, não é confissão. Olhae o que dizia Oseas e ainda não notastes: *Tollite robiscum verba et dicite: Quoniam aufer iniquitatem.* Para que Deus vos perdoe os peccados, não só diz que leveis as palavras à confissão senão que as leveis convosco. Porque se vós não levais as palavras da confissão convosco e ellas vos não levam comsigo, a confissão não é confissão, são palavras. O sacrificio de Abel porque contentou a Deus? Porque levou comsigo ao mesmo Abel. E o de Cain porque lhe não contentou? Porque não levou comsigo a Cain David disse a Nathan: *Peccavi;* e Saul também disse a Samuel: *Peccei;* e sendo as palavras as mesmas, David ficou absoluto do seu peccado e Saul não; porque a David levou-o comsigo a sua confissão e a Saul não o levou a sua. Vejam agora os que guardam a confissão para a hora da morte, se as suas palavras os podem levar comsigo, quando elles já não estão em si. Eis aquí porque vemos morrer tantos sem confissão, ou com confissões que não são confissões. Porque o justo castigo de Deus que a quem peccou em confiança da confissão, essa mesma confissão lhe falte ou lhe não aproveite.

Os moradores de Jerusalém pecavam dissoluta e desaforadamente, como se para elles não houvera lei, nem castigo; e toda a sua confiança se fundava em que Deus tinha o seu templo na mesma Jerusalém. Deus, diziam elles, tem o seu templo na nossa cidade! Pois elle defenderá as nossas casas por não perder a sua. Mas vede o que thes disse então o propheta Jeremias: *Nolite confidere in verbis mendacii ducentes: Templum Domini, templum Domini, templum Domini est.* Vos faias no templo de Deus, matais, roubais, adulterais, como se no mesmo templo tiverdes licença e immunidade de Deus para pecar livremente? Pois sabei que toda essa vossa confiança é falsa e enganosa e que no cabo vos ha de mentir; porque a quem pecca em confiança do templo não val o templo. E assim sucedeu. O mesmo digo da confissão; porque Deus e sua justiça sempre é o mesmo e a mesma. Assim como não val o templo a quem pecca em confiança do templo, assim é justo castigo de Deus que não aproveite a confissão aos que pecam todos na confissão. Deus fez a confissão para remedio da fraqueza e não para esfumado da malicia. E medicina para sarar e não carta de seguro para adoecer. Por isso permite Deus justissimamente que ou falle a confissão, ou não aproveite a muitos; porque não

é razão que o remedio seja proveitoso a quem foi injurioso ao mesmo remedio.

Aqui parara eu já e me dera por satisfeito, se não tivera notícia que anda mui valida pela terra uma nova proposição ou theologia, a qual eu não posso crer senão que o norte a trouxe de Hollanda a Pernambuco e o nordeste de Pernambuco à Bahia. E que proposição é esta? Que para um christão ir ao céu basta ter confessor e dinheiro: o confessor para os peccados, o dinheiro para os suffragios: o confessor para as culpas com que vos livrais do inferno, e o dinheiro para as penas com que vos livrais do purgatorio. Ainda agradeço aos que isto dizem, crêrem que ha purgatorio e inferno: mas assim começam as heresias. Eu lhes concedo que tenham confessor e dinheiro; e deixado o exemplo de Judas, ainda lhes mostro com outro mais apertado que com dinheiro o confessor podem morrer sem confissão. No tempo da primitiva egreja todos os christãos levavam o dinheiro que tinham aos pés dos apostolos, porque viviam em comunidade, como hoje os religiosos. Houve contudo dous casados, Ananias e Saphira, que vendendo uma sua heridade, contra o voto que tinham feito reservaram escondidamente parte do prego. Chamou S. Pedro a Ananias, fez-lhe cargo do seu peccado e de ter mentido ao Espírito Sancto, quando estava em sua mão lograr o que tinha; e no mesmo ponto, sem dizer palavra, caiu Ananias morto. Veto depois, do mesmo modo, Saphira chamada a juizo: arguiu-a S. Pedro da mesma culpa, como mecia da mesma fazenda e cumplice na reserva do dinheiro: e também caiu de repente muda e morta. Agora pergunto: E estes dous desventurados tiveram confessor e dinheiro? Uma e outra causa tiveram. Tiveram confessor, e tal confessor como S. Pedro, summo pontífice da Egreja: tiveram também dinheiro, que para isso o esconderam e reservaram. E confessou-se algum d'elles? Nenhum. De maneira que ambos tiveram dinheiro; ambos tiveram confessor, ambos morreram aos pés do confessor; e ambos morreram sem confissão. Levae lá as novas aos da nova theologia: porque não quero affrontar a nenhum dos presentes com presumir d'elle tal ignorância.

Não basta ter confessor na hora da morte para a alma se salvar: porque, com o confessor á cabeceira, a uns falta a confissão e outros faltam a ella. Aos que falta a vida, a falta e o juizo, falta a confissão: e os que tem vida, falta e juizo, faltam á confissão muitas vezes: porque, em pena de a guardarem para aquella hora e peccarem em confiança d'ella, permite justissimamente Deus que por falta de verdadeira disposição (que pode ser de muitos modos) lhes não aproveite a confissão. Dizei-me

Para ir ao céu
não basta
ter dinheiro e
confessor.
Casos de Ana-
nias e Saphira.

At. 5.

Nem ainda com
o confessor
falta a confissão.

se um homem por suas proprias mãos se dêra uma estocada penetrante e sobre esta outras e outras, não o terieis por doido? E se elle respondesse que fazia tudo aquillo, porque tinha uma redoma de oleo de ouro muito provado, com que facilmente se curaria, não o terieis por mais doido ainda! Pois isto é o que fazem os que liados na facilidade da confissão continuam a pecar. E a doidice e loucura d'estes é muito mais rematada; porque nem a confissão nem o effeito d'ella está na sua mão. Por isso ha tantos que se condemnam sem confissão, e tantos que se condemnam confessados, para que ninguem finalmente se fie na facilidade d'este remedio.

O meio mais
efficaz para não
peccar mais:
que é o
poncio princi-
pal do sermão.

VII. Temos visto mais largamente do que eu quizera, posto que com a maior brevidade que me foi possivel, quão enganosos são os motivos e quão falsos os pretextos do nosso appetite, com que o demonio nos anima a pecar e a continuar nos peccados, contra o preceito e conselho de quem tanto nos deseja salvar que deu por isso a vida: *Iam amplius noli peccare*. Vimos que todos são falsos e enganosos; porque nem a dilação do castigo o diminui, antes o acrecenta; nem a confiança na misericordia divina nos assegura da sua justiça, antes a provoca; nem os propositos do arrependimento tecem firmeza alguma na vida, nem ainda na vontade; nem finalmente a facilidade do remedio é tão desembaraçada e prompta, que não tenha tantas dificuldades, como perigos; bastando o menor d'elles para que a alma se perca e se condemne. Mas porque este poncio de não haver de peccar mais é tão arduo, a natureza tão corrupta e o habito de cair e tornar a cair tão commun na cegueira humana; desejando eu algum meio que vos propôr mais poderoso que tudo isto, foi Deus servido por sua bondade de me descobrir e inspirar um tão forte, tão efficaz e ainda tão terrivel, que depois de ouvido e sabido, como é em si mesmo, nenhum homem baverá que se atreva a commetter um peccado mortal, se não for tão obstinado e tão prescrito que se queira condemnar sem remedio. Este é o meio que ao principio prometi; e agora torno a pedir de novo áquelle Senhor crucificado, pelo preço infinito de seu sangue e pela intercessão de sua santissima Mãe, me assista e nos assista a todos n'este poncio, com a efficacia e força de sua graça, que a importancia d'elle requer. Se em algum discurso me destes attenção, seja n'este; que, para que o leveis na memoria, todo será substancia e muito breve.

Soppor que
Deus tem certa
medida para
os peccados de
cada um.
Castigo
dos amores.

Por primeiro fundamento de tudo havemos de saber e suppor que Deus na sua mente divina tem certa medida destinada aos peccados de cada um, a qual medida em quanto não está cheia, tem remedio e podem ter perdão os peccados; mas tanto

que se encheu não tem nenhum remedio. A primeira vez que Deus revelou este segredo da sua providencia e justiça foi nos peccados dos reinos, das republicas e das cidades, que tambem é muita boa supposição e doutrina para o tempo, estado e contingencias em que se acha o Brazil. Prometeu Deus a Abrahão que a elle e a seus descendentes daria as terras dos amorrheus, por isso chamadas da promissão: mas que não seria logo senão d'abi a muitos annos; porque (disse) os amorrheus ate o tempo presente não encheram ainda a medida dos peccados que eu tenho decretado e taxado para seu castigo. E essa foi uma das razões, porque os filhos de Israel andaram tanto tempo aos bordos pelo deserto, ate tomarem porto no rio Jordão; para que entretanto se acabasse de encher a medida dos peccados dos amorrheus. Este mesmo foi o sentido em que Christo Senhor Nossa disse aos escribas e phariseus, depois de reprehender suas impiedades e injustiças, que enchessem a medida de seus paes: *Implete mensuram patrum vestrorum.* Porque nos corpos politicos, quaes são as republicas, que duram em muitas vidas, os peccados dos paes, filhos e netos, todos concorrem a encher a medida.

Gen. 15.

A amphora na
visão
de Zacharias.

No propheta Zacharias temos uma illustre representação d'esta verdade por todas suas circumstancias. Appareceu um anjo a Zacharias: disse-lhe que levantasse os olhos e visse o que saia pelas portas de Jerusalem. Olhou e viu que saia uma amphora, que era certo genero de medida, quadrada por todas as partes, de que usavam n'aquelle tempo assim hebreus como latinos. Após a amphora saiu uma grossa pasta de chumbo, a qual pesava um talento, que do nosso peso vem a ser tres arrobas; e atraz d'estes douos instrumentos ou figuras inanimadas viu o propheta que saia pela mesma porta uma mulher, a qual encaminhando-se para a amphora se assentou sobre ella; porém o anjo, declarando que aquella mulher era a Impiedade, a lançou e metteu dentro da mesma amphora e a fechou e tapou com a pasta de chumbo, que como cortada para o mesmo efecto se ajustou naturalmente com ella. Feito isto tornei a olhar, diz o propheta, e vi sair da cidade outras duas mulheres, voando com azas de minhoto, as quaes levantaram a amphora por uma e por outra parte e a levaram pelos ares á terra de Sennaar. Atéqui, palavra por palavra e letra por letra, a visão de Zacharias, na qual lhe representou Deus a destruição de Jerusalem e reino de Judá, quando sitiada e devastada a cidade pelos exercitos de Nabucodonosor, todos presos e captivos foram levados a Babylonía. Isso quer dizer a terra de Sennaar, porque n'esta terra foi edificada a torre de Babel d'onde Babylonía tomou o nome. Mas se todo

Zach. 5.

o intento d'esta visão era significar Deus a Zacharias o captivo e transmigração do seu povo, que se podia declarar em tão poucas palavras, como eu o digo; para que o fez a divina sabedoria com tantas ceremonias, tantos apparatus, tantas figuras, e com tal ordem e successão de umas depois das outras, e com tão nolaveis circumstâncias em cada acto ou scena da mesma representação? Porque assim quiz revelar Deus ao seu propheta e n'elle a todos nós, quaes são os estylos occultos de sua justiça e as causas da assolação das cidades, reinos e nações, quando contra elles se procede ao extremo castigo.

Explica-se a
visão.

A primeira cousa que apparece em juizo e a amphora ou medida que Deus tem destinado aos peccados, a qual em quanto não está cheia, dilata-se e suspende-se o castigo; mas tanto que se encheu, executa-se sem remedio. Este foi o mysterio com que o anjo metteu dentro da amphora a mulher chamada Impiedade, em que eram significados os peccados de Jerusalem e de toda a nação, impia contra Deus nas idolatrias e sacrilegios e impia contra o proximo nos roubos, nos homicidios, nos adulterios e em todo o genero de injusticas e crueldades. E porque estes peccados tinham já cheia a medida de sorte que não podia levar mais, por isso o anjo, como cheia e arrasada, a tapou logo com aquella cobertura de chumbo, tão pesada e tão justa que nem para diminuir nem para accrescentar se podia abrir. Cheia assim até cima a medida, o que só restava era a execução do castigo, sem demora ou momento de dilatação; e essa foi a consequencia com que no mesmo ponto sairam as duas mulheres com azas, as quaes não por terra e andando, senão pelo ar e voando, tomado sobre os bombros a amphora, a passaram de Jerusalem a Babylonie. E se perguntarmos que duas mulheres eram estas que não tocaram a terra; respondem os melhores interpretes, fundados nos oraculos dos prophetas, que eram a misericordia e a justiça divina: a misericordia para justificar o castigo e a justiça para o executar. Porque se os homens suspendessem o curso e multiplicação dos peccados, sempre a misericordia divina, que a isso os exhortava pelos prophetas, esteve prompta para os perdoar. Mas porque elles não quizeram desistir e chegaram a encher a medida, já não podia a justiça deixar de executar, como executou, o castigo. So resta saber, porque as azas d'estas duas executoras eram de minhoto. Mas isso declarou admiravelmente o mesmo successo: porque minhoto foi Nabuzardão, general dos exercitos de Nabuco, o qual dando um e outro cerco á cidade de Jerusalem, como fazem as aves de rapina, finalmente empolgou em todo o povo e o levou nas unhas a Babylonie.

De maneira que por esta e as outras revelações allegadas nos consta (o que d'outro modo se não podia saber) que Deus na sua mente divina, como diziamos, e nos decretos altissimos da sua Providencia tem taxado a cada cidade, reino, província e nação certa medida de peccados, aos quaes infallivelmente se segue o castigo, tanto que se encheu; e antes de estar cheia, não. E n'este caso do captiveiro de Babylonia notam graves autores e fazem uma adverencia, a qual eu não devo passar em silencio pelo muito que nos pode importar. Durou aquele captiveiro setenta annos, depois dos quaes foram os judeus restituídos à patria; mas tão pouco emendados e lembrados do primeiro castigo que d'allí a pouco tempo começaram outra vez a encher a medida com tal excesso, que depois de estar cheia de todo, os castigou Deus com outro captiveiro e transmigração universal não de septenta nem de septecentos annos, mas dos que ainda hoje vão continuando e são já mil e quinhentos e septenta e sete, sem se saber quantos serão ainda. Disse que esta adverencia nos podia também importar a nós e já creio me tereis entendido. No anno de 1624 castigou Deus a Bahia com a entregar aos hollandezes, posto que não passou o captiveiro de um anno, como já passou de nove o de Pernambuco. De então para cá é certo (ainda mal) que os peccados começaram outra vez a encher a segunda medida e se dão tanta pressa que não sei como não está já cheia. Na nossa não está fazer que se não encha de todo, porque as azas de minhoto andam já tão perto que não será necessário à divina justiça mandal-as vir de Amsterdão.

VIII. Mas passando da medida dos peccados communs á dos particulares de cada um, assim como Deus tem signalado certa medida aos peccados de cada cidade ou reino, assim a tem signalada tambem aos peccados de cada homem. Quanto seja mais para ferner esta segunda medida, ninguem o pode duvidar; por que as cidades e os reinos não vão ao inferno, os homens, sim; e que Deus o temha determinado e taxado a cada um de nós e cousa não só manifesta, senão manifestissima, diz Sancto Agostinho. Traz o Sancto os exemplos da Escritura já allegados e outros e conclui assim no livro de *Vita christiana*: *Manifestissime instruimur et docemur, singulos secundum peccatorum suorum multitudinem consummari, et tandem ut convertantur sustineri, quando cumulum suorum non habuerint delictorum consummatum.* Manifestissimamente nos ensina e declara Deus, diz Agostinho, que a cada homem tem signalado certa medida ou numero de peccados, o qual enquanto não está cheio e consummado, nos espera para que nos convertamos; mas tanto que a dicta medida

Advertencia a respeito dos peccados da nação judaica e da Bahia.

Textos de Sancto Agostinho, Sancto Ambrósio e Cornélio à Lapide a respeito dos peccados de cada homem.

se encheu e o numero ou cumulo dos peccados chegou ao ultimo, então não espera Deus mais e se segue sem remedio a condenação. O mesmo affirma Sancto Ambrosio. E porque este é o commun sentir dos expositores da Escriptura sagrada, contento-me com referir o mais practico e versado em todos, o donatissimo e diligentissimo Cornelio á Lapide. Sobre a amphora de Zacharias diz assim: *Amphora est mensura peccatorum cuiusque tum hominis tum populi; qua impleta, Dei vindicta prospicit ad ultionem.* E o mesmo commento e declaração faz sobre outros lugares, assim do velho como do novo Testamento, collhendo sempre das revelações divinas expressas nos mesmos textos, que a cada homem tem Deus signalada certa medida e taxado certo numero de peccados, o qual quando se acaba de encher pelo ultimo, já não ha lugar de perdão, senão de castigo.

Esta medida
é alberga da
justiça e
misericordia
divina.

Nem deve parecer nova ou admiravel, e muito menos atheia da justiça ou misericordia divina, a determinação antecedente d'esta medida decretada aos peccados de cada homem; porque se nos castigos dos reinos e das cidades se ajuntam os peccados dos presentes e vivos que acabaram de encher a medida, com os dos passados e mortos que a começaram a encher, que muito é que cada homem com os seus, que elle mesmo commetteu e ultimamente commette, encha tambem a sua? Nem acrecenta a dificuldade que a medida dos peccados seja maior para uns homens e menor e de menos numero para outros; porque esta mesma que a nosso fraco entender pode parecer desegualdade, no arbitrio da Providencia Divina é summa justitia. E senão respondei-me: Deus também pôi medida aos dias da vida de cada homem; e esta medida é tão certa e determinada, que chegado ao ultimo dia não tem remedio. Pois, assim como ninguem se queixa de Deus, nem lhe extranha que a medida dos dias em uns e outros homens seja tão desigual, muito menos se deve admirar que a dos peccados o seja tambem, principalmente bastando um só e o primeiro peccado para ter Deus justissimo direito de lançar logo no inferno a quem o commetteu. E a razão fundamental de uma e outra justitia e providencia é o supremo dominio de Deus igualmente auctor da graça e da natureza; e assim como em quanto auctor da natureza pôde limitar á vida certo numero de dias sem injuria do homem, assim sem injuria do mesmo homem pôde limitar ao perdão certo numero de peccados: d'onde se segue, que assim como aquelle dia que encheu o numero dos vossos dias necessariamente é o ultimo, e chegado a elle não podeis deixar de morrer; assim aquelle peccado que encheu o numero dos peccados, tambem é o ultimo e, commettido elle, não podeis dei-

xar de vos condemnar, porque se cerrou a medida e já não ha logar de perdão.

Ouvi ao mesmo Deus por bocca do propheta Amós : *Haec dicit Dominus : Super tribus sceleribus Iuda, et super quatuor non convertam eum.* E o mesmo annuncia a «Israel», a Damasco, a Tyro, a Moab, a Edom e a outros. E quer dizer : Commetteram o primeiro peccado e perdoei-lhes: commetteram o segundo e perdoei-lhes: commetteram o terceiro e tambem lhes perdoei: mas porque commetteram o quarto, não lhes hei de perdoar. Pois Deus infinitamente misericordioso não perdoa mais que tres peccados ? Sim perdoa. Perdoa trezentos e perdoa tres mil e, se o peccador se arrepende de todo o coração, perdoa tres milhões. Mas n'estas sentenças põi-se o numero certo pelo incerto, para que por este exemplo e suposição se intenda melhor o que se quer dizer. Reduzida pois a medida ou numero de peccados a quatro, diz Deus que perdoará o primeiro e perdoará o segundo e perdoará o terceiro, e que para perdoar todos estes peccados converterá em todos, o peccador: Porém que se elle commetter o quarto, que o não ha de converter, nem lhe ha de perdoar; porque o quarto peccado n'este caso é o que acaba de encher a medida : e o peccado que acaba de encher a medida é peccado sem remedio e sem perdão, porque nem Deus o ha de perdoar, nem o peccador se ha de converter.

D'aqui se entenderá facilmente um difficultosissimo logar da primeira epistola de S. João, em grande prova do que dizemos. As palavras do sancto apostolo, entre todos por antonomasia o theologo, no capitulo quinto são estas: *Qui scit fratrem suum peccare peccatum non ad mortem, petat et dabitur ei vita peccanti non ad mortem. Est peccatum ad mortem: non pro illo dico ut roget quis.* Se algum christião sonher que seu proximo pecca, rogue por elle e dar-se-lhe-ha a vida, se o peccado não for peccado *ad mortem*: mas se for peccado *ad mortem*, não digo que rogue por elle pessoa alguma. A difficultade d'este texto é tão grande que os expositores e theologos na intelligencia d'elle se dividem em mais de quinze opiniões, não concordando em que peccado seja o que S. João chama peccado *ad mortem* e pelo qual se não deve orar, como incapaz de perdão, irremissivel e sem remedio. Alguns dizem que é o peccado de homicidio, outros o de adulterio; e Sancto Agostinho e Beda não duvidaram dizer que era o da inveja. E porque estes delictos não parecem tão enormes, outros subindo mais alto, dizem que é o peccado da blasphemia, outros o da infidelidade, outros o da apostasia, outros o da obstinação e outros sem nomearem a

Testo do propheta Amós, c.
2, sobre a medida dos peccados.
de varios portos.

E de S. João
Quanto ao pecado de que
não se pode um
plorar perdão
I. Joam. 5.

especie, dizem em geral, que é algum peccado gravissimo. Mas contra todas estas sentencias está, que não ha peccado algum, por grave e gravissimo que seja, que Deus não perdoe. Que peccado é logo este, incapaz de perdão e irremissível, que S. João chama peccado *ad mortem?* Respondo, que não é nenhum peccado particular, nem de sua natureza mais grave que os outros, senão qualquer peccado mortal, ainda de muito inferior malicia aos referidos, com tanto que seja o ultimo e o que acaba de encher a medida que Deus tem taxado a cada homem: porque tanto que a medida se encheu com qualquer peccado que seja, já não tem logar de perdão nem de conversão. E essa é a propriedade com que S. João lhe chama *peccatum ad mortem*, peccado que leva sem remedio à morte eterna, porque, ainda que todo o peccado mortal mata a alma, dos outros pode a alma resuscitar e tornar a viver; e d'este não, como claramente distingue o mesmo texto: *Et dabitur ei vita peccanti non ad mortem.*

O peccado
que se quer
committer, po-
de ser o que
encha
a medida.

IX. Supposta esta verdade tão assentada e este estylo da providencia e justiça divina tantas vezes revelado pelo mesmo Deus, veja agora cada um de nós se pode haver, como no principio prometti, meio ou motivo algum, nem mais etilicaz, nem mais forte, nem mais terrivel, para que um homem que tem juizo e um christão que tem fé, não só se resolva firmíssimamente, mas nem tenha, nem possa ter atrevimento para jamais peccar: *Iam amplius noli peccare.* Os outros motivos ou pretextos sempre deixam alguma esperança depois do peccado; porém este de tal modo a jarréta e corta totalmente, que só quem se quizer condemnar de contado e ir resolutamente ao inferno, se atreverá a peccar. Porque, se eu sei que Deus me tem taxado certo numero e talhado certa medida aos peccados e sei que, cerrado este numero e cheia esta medida, já não ha logar de perdão, senão de condemnação sem remedio; quem me diz a mim, ou me pode assegurar que aquelle peccado que quero commetter não seja o ultimo e o que só falta á medida para se encher de todo? Direis que, assim como pode ser o ultimo, pode também não ser. E se for? E se for? Quasi estive deliberado a acabar aqui o sermon e vos despedir com esta pergunta. Mas é bem que saibais para maior assombro o que Deus faz n'aquelle mesmo poncto em que o homem pelo ultimo peccado acaba de encher a medida.

Neste poncto
ou Deus mata o
peccador
ou abre mão
d'ele.

O que Deus faz no poncto em que o peccador acabou de encher a medida, ou é matá-lo logo, ou abrir d'ele a mão e deixá-lo para sempre. Vede que disjunctiva esta igualmente terrivel por ambas as partes. Ou ir para o inferno logo, ou ir alguns

dias depois; mas ir infallivelmente. Quanto á primeira parte, de que Deus tira logo a vida aos que acabaram de encher a medida de seus peccados, é sentença expressa de Sancto Agostinho, que Deus, como consta por seu proprio e divino testemunho, tem determinado aos peccados de cada homem certo numero e medida, a qual em quanto não está cheia, o soffre com sua infinita paciencia; porem tanto que elle a encheu, logo no mesmo poncto lhe tira a vida, sem mais remedio, nem lugar de perdão. Assim aconteceu a el-rei Balthazar, cuja sentença de morte estando à mesa lhe apareceu escripta na parede em tres palavras. Quando Balthazar se assentou à mesa tinha menos um só peccado dos que eram necessarios para encher o numero; e como elle na mesma mesa mandou vir a ella os vasos sagrados do templo, para que fossem profanados: este peccado de sacrilegio foi o que acabou de cerrar o numero e encher a medida; e tanto que ella esteve cheia, foi morto violentamente.

Quantas vezes se vê isto no mundo sem se entender! Mataram esta noite a sulano, vindo de tal parte. E quantas noites tinha elle ido e vindo d'essa mesma parte? Muitas. Pois porque o não mataram então, senão agora? A offensa de Deus e o agravo dos homens era o mesmo e muitas vezes publico: pois porque o dissimulou Deus e o não vingaram os homens, senão n'este dia e n'esta hora? Porque os peccados antecedentes iam enchendo a medida, o d'este dia e d'esta hora foi o que a acabou de encher. O mesmo passa nas mortes e accidentes repentinios, ainda que pareçam naturaes, e em outros desastres e casos que parecem fortuitos e as mais das vezes são effeito e execução do peccado ultimo e decretorio, que ajunctando-se aos outros e accrescendo sobre elles, acabou de encher a medida. Tanto assim (diz o grande Dionysio Garthusiano, tão aluminado no espirito, como insigne em todo genero de letras) tanto assim que aquelle mesmo homem que, segundo as leis da natureza e disposição da saude e da edade, havia de viver ainda muitos annos, só porque acabou de encher a medida dos peccados, acabou juntamente e sem remedio os dias da vida. Diz Job que o peccador morrerá antes de encher os seus dias; e a causa não é outra senão porque, antes de encher o numero dos dias, encheu o numero dos peccados. E quem assegurou aos que n'este dia e n'esta hora estão vivos e sãos, que o primeiro peccado que se deliberarem a commetter não seja tambem o ultimo? Aquelle hebreu e aquella madianita aos quaes matou o zelo de Phinees no peccado actual, bem mal cuidavam que no mesmo acto se lhes havia de acabar a vida, como tem acontecido a outros muitos. Mas, como só aquelle peccado faltava a

Prova-se com a
respectividade,
com a autorité
da Igreja Dio-
nysio Gar-
thusiano e com
exemplos
da Escritura.

ambos para encherem a medida dos peccados, a vida e o peccado tudo se acabou juntamente, para que temam e tremam todos de se resolver mais a peccar; pois não sabem se aquele peccado será o ultimo.

Como é que
Deus abre mão
do peccador.

Or. 9.

Mas quando com o ultimo peccado se não acabe juntamente a vida (que era a segunda parte da nossa disjunctiva) nem por isso ficam de melhor condição os que já encheram a medida dos peccados: porque, deixados da mão de Deus, só lhes servirão esses dias que viverem de maior inferno. *Vae eis cum recessero ab eis:* ai d'elles, diz Deus pelo propheta Oseas, ai d'elles quando eu me apartar d'elles! Oh se os homens podessem alcançar e comprehendêr a significação de um ai de Deus! Oh que alto e que profundo at! Tão alto que chega ao céu empyreo, d'onde o peccador é lançado e desherdado para sempre: tão profundo que penetra até os abyssos do inferno, onde o peccador será metido e asfrolhado para arder em quanto Deus fôr Deus. A este ai responderão por toda a eternidade infinitos ais: mas ais de dor sem arrependimento, ais de tormento sem alívio, ais de desesperação sem remedio.

Texto de Isaías
e Sua explica-
ção
dos theologos

Os theologos vindo a declarar rigorosamente em que consiste deixar Deus uma alma, alguns disseram que em a privar totalmente dos auxílios ainda ordinarios em pena dos peccados antecedentes. E verdadeiramente, deixados outros logares da Escritura, um do capítulo quinto de Isaías parece que o diz assim à letra: Deixarei a minha vinha (diz Deus) por me responder com labruscas em lugar de ovas: *Ponam eam desertam.* E que lhe farei então? Arrancar-lhe-hei as seves e derrubar-lhe-hei o muro, para que homens e animaes entrem por ella e a pizem: não a podarei, nem cavarei, nem lhe farei outro beneficio ou cultura: já não será vinha, senão mato; e em lugar de brotarem n'ella as vides, crescerão abrolhos e espinhos; e sobretudo mandarei ao ceu e ás nuvens que não chovam sobre ella: *Et nubibus mandabo ne pluant super eam imbre.* Se isto não e privar a alma de todo o auxilio, ninguém negará que o parece. E para Deus no tal caso justificar a sua Providencia basta a definição do concilio tridentino: *Nunquam Deus deserit hominem, nisi prius ab homine deseratur:* que nunca Deus deixa o homem, se o homem não deixa primeiro a Deus. Mas porque a sentença mais pia, mais recebida e approvada comumente por certa, é que Deus em nenhum estado d'esta vida falta ao homem com os auxílios sufficientes; que se segue d'aqui, depois de cheia a medida dos peccados, senão, como dizia, maior inferno? Ou o peccador encheu a medida dos peccados, ou não. Se a não encheu, salvou-se; se a encheu, con-

demnou-se. E que importa que se condemnasse com auxilios, se não usou bem d'elles?

Este é o estado infelicissimo da impenitencia final, a qual se consumma na outra vida, mas começa n'esta. Oh! quantos condenados vivem ainda e andam entre nós, não porque absolutamente não podessem, mas porque se não hão de converter. Estão atados aos peccados de que já encheram a medida. Cuidam que se hão de desatar do ultimo, como por ventura se desataram dos outros; mas engana-os seu pensamento, como enganou a Samsão. Tres vezes rompeu Samsão as ataduras com que os philisteus o queriam prender; mas quando veio a quarta, depois de cortados os cabellos, nota a Escriptura que accordando disse consigo: tambem d'esta vez me desatarei como das outras: porque não sabia que Deus o tinha deixado. Tinha Deus deixado a Samsão; e porque o tinha deixado, não se desatou como d'antes: prenderam-no os philisteus, tiraram-lhe os olhos e levaram-no a moer em uma atafona. O mesmo acontece á alma deixada de Deus. Prendem-na os demonios e tomam posse d'ella, como dizia Sancto Isidoro, *Quem Deus deserit, demones suscipiunt*: tiram-lhe os olhos com que fica cega, obstinada e impenitente; e levam-na a moer e arder na atafona do inferno, cuja roda em qualquer parte pôde ter principio e em nenhum tem fim, porque é a roda da eternidade. E se isto faz ou acaba de fazer o ultimo peccado que enche a medida e ninguém sabe qual seja, nem ha peccado que o não possa ser; quem haverá que se atreva a commetter qualquer peccado e se não resolva firmemente a nunca mais peccar?

X. Por fim quero responder a duas duvidas que podem ocorrer, para que nos não enganemos com elles. A primeira é se os peccados já confessados e perdoados entram tambem na conta para encher a medida. Respondo que sim: porque, ainda que estejam perdoados quanto á culpa e satisfeitos quanto á pena, para encherem o numero e perfazarem a conta basta haverem sido. Assim como os dias, que todos passam ou fossem bem ou mal gastados, enchem a conta e a medida da vida; assim os peccados, ou perdoados ou não, enchem a sua, a qual se determinou e compoz de todos os que cada um commettesse: *De proprio peccato noli esse sine metu*. O peccado já perdoado (diz o Espírito Santo) não deites de o temer. E porque, se já está perdoado? Porque ainda que o peccado perdoado já não é quanto á culpa, e pôde tambem ser que já não seja quanto á pena; quanto ao numero e á somma com que já entrou na conta com os demais, basta ter sido peccado para ajudar a encher a medida. E como o chegar a medida dos peccados a se

Por isso ha
muitos que ve-
rem e já es-
tão condena-
dos, decaiu-
dos de Deus co-
mo Samsão.
Texto de Sancto
Isidoro.

Ainda os peccados
dos confessados
dos outros na
medida.

Ecc. 5.

encher é cosa tão temerosa e de summo perigo: por isso todo o peccado, ainda que nos conste moralmente, ou nos constasse por outra via mais certa estar já perdoado, nos deve causar temor: *De propitiato peccato noli esse sine metu.*

Pode-se encher
a mesma
medida ainda
com um pecca-
do inferior ao
commetido.

I. Thes. 2.

A outra duvida ainda nos pôde enganar mais apparentemente; porque a materia com que o demônio nos tentar, pôde ser muito menos grave que a de outros peccados que já tenhamos commettido; e se aquelles, sendo muito maiores, não encheram a medida, muito menos parece que a pôde encher esto com que agora sou tentado, sendo muito mais leve ou menos grave. Também isto é engano; e se demostra com auctoridade de fe e com o maior e mais evidente exemplo que se podia excogitar. Fala S. Paulo dos judeus que o perseguiam e impediam a прѣдѣлъ do Evangelho; e sendo esta perseguição vinte annos depois da morte de Christo, diz o Apostolo que com ella encheriam os judeus a medida dos peccados pelos quaes totalmente haviam de ser destruidos com castigo, assolação e exterminio ti-
nal. A morte de Christo foi o maior peccado que nunca se com-
meteu nem podia commetter; e a perseguição de S. Paulo e o
impedimento que com ella se punha á прѣдѣлъ do Evangelho,
ainda que grande peccado, era sem comparação muito menor.
Pois como diz o mesmo S. Paulo, fazendo menção da morte de
Christo pelos judeus, que elles com a perseguição que lhe fa-
ziam encheriam a medida dos seus peccados: *Ut impletant pec-
cata sua.* Porque para encher a medida dos peccados não é ne-
cessario que o peccado que acaba de encher, seja maior, nem
equal aos peccados já commetidos; e basta que seja muito me-
nor. Nas cousas secas o ultimo grão e nas liquidas a ultima gotta
são as que acabam de encher a medida, e não pela grandeza ou
quantidade de cada uma, senão porque é a ultima. O mesmo passa em qualquer peccado, com tanto que de sua natureza
seja mortal: para que temamos a todos e a cada um, e nos não
liliemos em ser ou parecer menor para nos arriscarmos a o com-
meter.

Orem e que nos
de que pecc-
ados expomos
d e p
não peçamos.

XI. Oh! Praza á majestade e misericordia divina que esta li-
ção do ceu se nos imprima dentro na alma; e nol-a penetre de
tal sorte que d'esta hora e d'este momento em deante nos re-
solvamos constantissimamente a nunca mais peccar por nenhum
interesse, por nenhum gosto, por nenhum receio, por nenhum
caso ou sucesso da vida, nem da morte. Vêdo quem vos diz
que pequéis e quem vos diz que não pequéis. Quem vos diz
que pequéis, pôde ser o mundo, pôde ser o demônio, pôde ser
a carne, tres inimigos capitais que só pretendem e machucam
vossa eterna condenação. E quem vos diz que não pequéis é

aquele mesmo Deus que, depois de vos dar o ser, se fez homem por amor de vós; é aquele Deus e Homem que só por vos salvar e vos fazer eternamente bemaventurado não duvidou padecer tantos tormentos e affrontas e morrer pregado em uma cruz. Este Senhor tão poderoso, este conselheiro tão sabio, este amigo tão verdadeiro e tão fiel é o que vos diz que não peques: *Iam amplius noli peccare.*

Considerae bem estas palavras do amorosissimo Jesus, que não só são para persuadir, senão para enternecer a quem ainda tiver coração: *Iam amplius:* já não mais. Baste já, christão remido com o meu sangue, baste já o que tens peccado, baste já o que tens vivido sem lei, sem razão, sem consciencia, sem alma: baste o que me tens offendido, baste já o que me tens desprezado, baste já o que me tens crucificado. Se te não compadeces de mim, compadece-te ao menos de ti: que a ti e por amor de ti o digo. Se não basta que eu te mande que não peques, eu t'o peço, eu t'o rogo; e não só te represento a minha vontade, mas me valho e invoco os poderes da tua: *Noli, noli peccare.* Que não queiras peccar te advirto uma vez e outra; porque não coides que não podes. Na tua mão, no teu alvedrio, na tua vontade está o salvar-te, se quizeres: para que vejas, que cegueira, que loucura, que infelicidade, que miseria e que eterna confusão e dôr irremediavel será a tua, se por tua propria vontade e por não resistires a um peccado te condenares. Se já estiveras no inferno, para onde corrias tão precipitadamente, e onde já havias de estar ardendo, se eu não tivera mão na minha justiça; que havia de ser de ti a esta hora? E se n'esta mesma hora eu te offerecesse o partido de te livrar do inferno e te dar o céu, só com a condição de não quereres mais peccar; que havias de fazer e que graças me havias de dar? Pois, se por mercê e misericordia minha ainda estás em tempo, porque não tomarás muito devéras e para sempre a mesma resolução? Porque te não livrarás dos males eternos e segurarás os eternos bens? Porque não ganharás a coroa e reino do céu e te farás para sempre bemaventurado? E tudo isto só por ter uma vontade tão honesta, tão útil e ainda tão deleitavel, como é o não querer peccar. Acaba, acaba já de ser inimigo de ti mesmo: acaba já de offendere a quem tanto te ama: acaba já de querer antes o inferno sem nüm que a gloria comigo; «filho meu, acaba de peccar:» *Iam amplius noli peccare.*

Analyse do texto que serve de tema, e conclusão.

(Ed. ant. tom. 4.^o pag. 1, ed. mod. tom. 3.^o pag. 1).



II. SERMÃO DO QUARTO SABBADO

PRÉGADO EM LISBOA NO ANNO DE 1652

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Tudo é admirável n'este discurso; mas principalmente o exordio e a conclusão. Note-se a agudeza, variedade e elegância com que no exordio se apostilla todo o Evangelho do dia. Ainda que Vieira sempre é coerente ao seu princípio de tirar toda a matéria do sermão de algum texto ou trecho da Escriptura; com tanta variedade o faz, quo é difficultoso achar dous sermões que se pareçam inteiramente na disposição.

*Hoc autem dicebant tentantes eum,
ut possent accusare eum.*

S. JOAN. 8.

Outra vez (quem tal imaginara?) outra vez temos tentado a Christo. Não ha que fiar em vitorias. A mais estabelecida paz é tregua. Quando cessam as baterias, então se fabricam as machinas. A machina da tentação que hoje temos é admirável juntamente e formidável; e não foi o machinador, nem o tentador o demonio: foram os homens. D'estes tentadores e d'estas tentações hei de tratar. Ouçamos primeiro o caso.

Tal dia, ou tal noite, como a d'este dia, diz S. João que foi Christo orar ao Monte Olivete. Sabia que havia de ser tentado; foi-se armar para a batalha com a oração. Em Christo foi exemplo; em nós é necessidade. Não tem armas a fraqueza humana, se as não pede a Deus. Até aqui não houve perigo. Do monte e muito de madrugada veio o Senhor ao templo a pregar, como costumava; e diz o evangelista que concorreu todo o povo a ouvil-o: *Et omnis populus venit ad eum.* Tanto concurso, Prégador divino? Já temo que vos hão de tentar. Veio o povo todo aquella hora; porque os que não são povo não madrugam tanto: põi-se-lhe o sol à meia noite, e amanhece-lhes ao meio dia.

Christo outra
vez tentado;
e tentado
por homens.

Tentaram os
fariseus
acusando uma
mulher achada
em adultero.
Morali-
dade das
circunstâncias
do caso.

Estava o Senhor ensinando (diz o texto) quando chegaram os escribas e phariseus a perguntar um caso. Traziam uma pobre mulher atada e disseram assim: *Magister, haec mulier modo reprehensa est in adulterio*: esta mulher n'esta mesma hora foi achada em adulterio. Esta mulher? E o complice? Foram dous os peccadores, e é uma só a culpada? Sempre a justiça é zelosa contra os que podem menos. Moysés (dizem) manda na lei, que os que commetterem adulterio sejam apedrejados; e vós, Mestre, que dizeis? Os escribas e phariseus eram os doutores d'aquelle tempo. Bem me parecia a mim, que quando os doutos e presunidos perguntam, não é para saber, senão para tentar. Assim o diz o evangelista nas palavras que propuz: *Hoc autem dicebant tentantes eum*. Em que consistia a tentação e onde estava armado o caso, diremos depois. E que respondeu o Senhor? Levantou-se da cadeira sem falar palavra e inclinando-se: *Inclinans se...* Alvícaras, peccadora, enxuga as lagrimas. Christo começa inclinando-se? Tu sairás perdoada: «esse acto bem indica que» a sua inclinação não é de condennar. Deus nos livre «porem» de juizes inclinados, se não são Deus: aonde vai a inclinação, lá vai a sentença. Não quiz o Senhor responder por palavra: quiçá porque li'as não trocassem: respondeu por escrito: *Digito scribebat in terra*: escrevia com o dedo na terra. Não vos espanteis que no templo lageado de marmores houvesse terra: literalmente; porque era muito o concurso e pouco o cuidado: moralmente; porque não ha logar tão santo e tão sagrado, ainda que seja a mesma egreja, em que não haja terra. O que Christo escrevesse não se sabe de certo. Intendeu communamente os padres que foram os peccados dos acusadores. Que accuse o homicida ao homicida, o ladrão ao ladrão, o adultero ao adulterio? Homem, accusa-le a ti: olha que quando accusas os peccados alheios, te condennas nos proprios. Assim sucedeu. Depois que o Senhor escreveu o processo, não da accusada, senão dos accusadores, levantou-se e não lhes disse mais que estas palavras: *Qui sine peccato est restrum, primus in illam lapidem mittat*: aquelle de vós que se achar sem pecado, seja o primeiro que atire as pedras. Aqui me lembraram as de S. Jeronymo. As pedras que traziam apparelhadas contra a delinquente, «as havia de converter» cada um contra o seu peito; «mas não lh'o consentiu a sua consciencia de phariseus. Então vendo que o Senhor os conhecia a todos tão intimamente, os que tinham entrado tão zelosos, começaram a se sair confusos. Saíram-se «todos»; e nota o evangelista que os que sairam primeiro, foram os mais velhos: *incipientes a senioribus*. Miseravel condição da vida humana! Quantos mais annos, mais cul-

pas. Todos se devem arrepender das suas; mas com mais razão e mais depressa, os que estão mais perto da conta. Ficou só Christo e a delinquente; isto é a misericordia e a miseria. Perguntou-lhe: Onde estão os que te accusavam? Condemnou-te alguem? Nemo, Domine: Ninguem, Senhor. Pois se ninguem te condenou, nem eu te condemnarei; vae-te e não peques mais. Este foi o fim da historia, admiravel na justiça, admiravel na misericordia, admiravel na sabedoria, admiravel na omnipotencia. A lei ficou em pé, os accusadores confusos, a delinquente perdoada; e Christo livre dos que o vieram tentar. Esta tentação, como dizia, será a materia do nosso discurso. Peçamos a graça a quem a dá tão facilmente até aos que a não merecem «e peçamol-a por intercessão de sua Mãe». Ave Maria.

II. *Hoc autem dicebant tentantes eum.* «Que seja mais para temer o odio dos homens» que o dos demonios, é verdade que eu tenho muito averiguada. Busque cada um os exemplos em si e achal-os-ha: por agora baste-nos a todos o de Christo. Depois de trinta annos de retiro houve Christo de sair a tractar com os homens, ou a lidar com elles. E porque não basta scien-
cia sem experiecia, nem ha victoria sem batalha, nem se pe-
leja bem sem exercicio; antes de entrar n'esta tão perigosa cam-
panhia, quiz-se exercitar primeiro com outros inimigos. Parte-se
o Senhor, depois de baptizado, ao deserto; e diz S. Marcos
que estava e vivia alli com as feras: *Eratque cum bestiis.* Pas-
sados assim quarenta dias, seguiram-se as tentações do demo-
nio: *Et accedens tentator.* Tentado Christo no mesmo deserto,
tentado no templo, tentado no monte. E depois c'estas duas ex-
periencias então finalmente saiu, e apareceu no mundo, e co-
meçou a tractar com os homens, entre os quaes havia de en-
contrar tantos inimigos: *Exinde coepit praedicare.* Não sei se
reparastes na ordem d'estes ensaios. Parece que primeiro se
bavia de exercitar o Senhor com os homens, como rationaes e
humanos; depois com as feras, como rationaes e indomitas; e
ultimamente com os demonios, como tão deshumanos, tão crueis
e tão horrendos. Mas não foi assim, senão ao contrario. Primeiro
com as feras, depois com o demonio e ultimamente com os ho-
mens; e porque? Porque o exercicio e o ensaio ha-de ser do
menor inimigo para o maior, e os homens, «se estão possuidos
de odio contra outros homens», não só são inimigos mais feros
que as feras, senão mais diabolicos que os mesmos demonios.
Vede-o na experiecia. Que aconteceu a Christo com as feras,
com o demonio e com os homens? As feras nem lhe quizeram
fazer mal, nem lho fizeram; o demonio quiz-lhe fazer mal, mas
não lho fez; os homens quizeram-lhe fazer mal e fizeram-lho.

O ódio dos ho-
mens é maior
para ferir que
o das demo-
nios. O que fi-
zeram a
Christo as fe-
ras, os
homens é o de-
mônio.

May, 1.

KELIA. 6.

Olhae para aquella cruz. As feras não o comeram, o demonio não o despenhou: os que lhe tiraram a vida foram os homens. Julgue se «quando vos perseguem» são peiores inimigos que o demonio! Do demonio defendeis-vos com a cruz: os homens põem-vos n'ella.

Também não
mais para
temer as tenta-
ções dos ho-
mens. Prouva-se
com esta ten-
tação
dos phariseus.

De maneira que não ha duvida que o «odio dos homens é mais para temer que o do demonio». A minha duvida hoje é se «quando os homens tentam, são também mais para temer as suas tentações». Os demonios tentam, os homens tentam; o demonio tentou a Christo, os homens tentaram a Christo: quaes são as maiores e peores «tentações, as dos homens ou as dos demonios?» A questão é muito alta e muito util; e para que não gastemos o tempo em esperar pela conclusão, digo que comparadas (como se devem comparar) tentações com tentações, «peiores e mais para temer são as tentações dos homens, que as dos demonios». Comecemos pelo evangelho, com o qual tambem havemos de continuar e acabar.

Accusam a pec-
cadora
para conde-
mnar o justo.
O demonio
não faz isto.

Lev. 20.

III. *Hoc autem dicebant tentantes eum.* Vieram os escribas e phariseus (como diziamos) ao templo; que contra o odio e inveja humana não lhe val sagrado à innocencia. Presentaram deante de Christo a adultera tomada em flagrante delicto; e allegaram o texto, que é do capitulo vinte do Levitico, em que a lei mandava que fosse apedrejada: *Moyses mandauit nobis huiusmodi lapidare.* Pois se a lei era expressa e o delicto notorio, se no caso não havia duvida de feito, nem de direito; porque não executam elles a lei? Se é delinquente, castiguem-na; se a pena é de morte, tirem-lhe a vida: se o genero da pena são pedras, apedrejem-na; levem-na ao campo e não ao templo. E se aguardam a sentença, queiram os juizes e não a Christo. Isto era o que pedia a justica, o zelo e a razão. Mas não o fizera assim, diz o evangelista; porque o seu intento não era castigar a accusada, senão accusar a Christo: *Ut possent accu-
sare eum.* Traziam uma accusação para levar outra. Vede a mal-dade mais que infernal e a astucia mais que diabolica. O demonio no juizo universal e no particular ha-me de accusar a mim, para me condenar a mim; e ha-vos de accusar a vós, para vos condenar a vós; porém estes tentadores não só accusavam um para condenar outro; mas accusavam a peccadora para condenar o justo, accusavam a delinquente para condenar o inocente.

Sancto Agosti-
nho desco-
briu um dialet-
ma em que
ainda escondida a
tentação

Mas como havia isto de ser, ou como queriam que fosse? Como tinham ordido a trama? Onde estava armado o laço? Onde vinha escondida a tentação? Descobriu-a maravilhosamente Sancto Agostinho: *Ut si diceret, non lapidetur adultera, iniquus con-*

cinceretur; si diceret, lapidetur, mansuetus non rideretur. Ou Christo havia de dizer que fosse apedrejada a adultera, ou não: se dizia que não fosse apedrejada, convenciam-no de injusto; se dizia que a apedrejassem, parecia que não era misericordioso; e ou faltasse á justiça, ou á misericordia, concluiam que não era o Messias. Christo (como Deus e humanado) era todo mansidão, todo benignidade, todo misericordia; as suas entranhas e as suas ações todas eram de fazer bem, de remediar, de consolar e de perdoar, de livrar a todos; e por isso todos o amavam, todos o veneravam, todos o acclamavam; todos o seguiam, que era o que mais lhe doia aos escribas e phariseus. Accrescentava-se a isto o que o mesmo Senhor dizia de si, do seu espirito e das causas que o trouxeram ao mundo. Aos discípulos que queriam que descesse fogo do céu sobre os samaritanos, disse: *Filius hominis non venit animas perdere, sed salvare:* que não tinha vindo a matar homens, senão a salval-os. Sobretudo n'aquele mesmo templo, abrindo o Senhor a Escritura, ensinou publicamente, que d'elio se intendia o famoso logar do capítulo sessenta e um de Isaías: *Ad annuntiandum mansuetis misit me, ut mederer contritis corde, et praedware captivis indulgentiam, ut consolarer omnes lugentes.* Quer dizer: mandou-me Deus ao mundo para curar corações, para remediar afligidos, para consolar os que choram e dar liberdade e perdão aos que estão presos. Parece que tinha o propheta deante dos olhos tudo o que concorria no estado e fortuna d'esta pobre inúlher. Assim a apresentaram deante de Christo presa, afillida, angustiada, chorando irremediavelmente sua miseria; e aqui, e mais na lei, vinha armada a tentação. Se diz que não seja apedrejada a adultera, é transgressor da lei; se diz (o que não dirá) que a apedrejem, perde a opinião de misericordioso e a estimação do povo; e sobretudo, contradiz-se a si mesmo e ás escripturas do Messias, que interpreta de si. Logo, ou diga que se execute a lei, ou que se não execute; ou que seja apedrejada a delinquente, ou que não seja, sempre o temos colhido, porque não pode escapar de um laço sem cair no outro. A este modo de arguir, que é fortissimo e apertadissimo, chamam os dialecticos dilemma ou argumento «de duas pontas», porque vai n'elle uma contradiction com tal artifício dividida «em proposições opostas como» duas pontas; que se escapais de uma, necessariamente haveis de cair na outra. Assim investiram hoje a Christo os escribas e phariseus: ia disposta «a sua tentação» e dividida em duas pontas tão bem armadas, que ou Christo dissesse sim, ou dissesse não, se escapasse de uma, levavam-n'o na outra. De maneira que as pedras de que vinham prevenidos os es-

Luc. 9.

Isai. 61.

cribas e phariseus, não eram para apedrejar a adultera, senão para que Christo tropeçasse e caisse n'ellas e no laço que allí lhe tinham armado.

Isaias no c. 8.^o
prophetisou
este laço arma-
do em pedras.

D'este modo de laços armados em pedras faz elegante menção Isaias no capitulo oitavo : *Et erit in lapidem offensionis, et in petram scandali, in laqueum, et in ruinam. Et offendent, et cadent, et conterentur, et irretinentur, et capientur.* Allude o profeta ao uso dos caçadores d'aquelle tempo, os quaes armavam as suas redes e laços cercados de pedras ; para que tropeçando n'ellas a caça caisse incautamente e ficasse enredada e presa. Tal era o laço que os escribas e phariseus traziam hoje armado debaixo das pedras da lei, para que tropeçando Christo nas pedras caisse e o tomassem no laço.

Foi a Christo
mais difícil li-
var-se d'esta
tentação que da
do demônio.

Lembrados estareis que o demônio também armou o laço a Christo com pedras. Mas, com os laços e as tentações parecerem tão similhantes, vede quanto mais astutos tentadores foram os homens que o demônio. Da tentação do demônio livrou-se Christo com um *não*. Porém da tentação que hoje lhe armaram os homens, não bastava dizer *não*, para se livrar ; porque ou dissesse *não*, ou dissesse *sim*, sempre ficava no laço. Ou Christo havia de dizer : *sim, apedrejae*; ou havia de dizer : *não, não apedrejeis*. Se dizia *não*, ia contra a justiça; se dizia *sim*, ia contra a piedade; se dizia *não*, ia contra a lei; se dizia *sim*, ia contra si mesmo. Se dizia *não*, offendia o magistrado; se dizia *sim*, offendia o povo. De sorte que lhe armaram os páus, ou as pedras, em tal forma, que ou quizesse observar a lei, ou não quizesse, sempre ficava réu. Se se mostra rigoroso, falta à piedade : se se mostra piedoso, falta à justiça ; e se falta à justiça, ou piedade, não é Messias.

A tentação so-
sobre o tributo
de Ceser
foi similhante a
esta.

Math. 22.

Outra tentação similhante ordiram os mesmos escribas e phariseus contra Christo sobre o tributo de Ceser, quando o Senhor lhes disse : *Quid me tentatis?* Mandaram juntas duas escholas, a sua e a dos herodianos ; e depois de uma longa presfação de louvores falsos, propozeram esta questão : *Licet censum dare Caesari, an non?* Mestre, é lícito dar o tributo a Ceser, ou não? Notae a apertura dos termos. O que pediam era um *sim*, ou um *não* : é lícito, ou não é lícito ? E porque com tanta formalidade e com tanto aperto ? O evangelista o disse : *Ut caperent cum in sermone.* Porque com qualquer d'estas duas respostas, ou Christo dissesse *sim*, ou dissesse *não*, sempre ficava encravado. Se dizia *não*, era contra a regalia do imperador; se dizia *sim*, era contra a liberdade e immunidade da nação. Se dizia *não*, crucificava-o Ceser; se dizia *sim*, apedrejava-o o povo. E de qualquer modo (diziam elles) se perde, e o lemos apanhado

e destruído. Isto é o que se machinou e resolveu n'aquelle conselho injusto, impio e tyrannico : *Consilium inierunt, ut caperent eum in sermone.* Houve algum dia demônio que ordisse tal tentação e mettesse um homem em tais talas ? « Dos demônios não o leio na Escriptura ; dos homens sim, e duas vezes contra Christo. »

E Christo que fez no caso « que boje examinamos » ? Viu que os cordeis com que traziam presa a adultera, eram laços com que o pretendiam atar : viu que as pedras da lei que allegavam, vinham cheias de fogo por dentro, e que ao toque de qualquer resposta sua, não só haviam de brotar faiscas, mas um incêndio de calumnias : viu que, supposta a temção e astúcia dos tentadores, tanto se condemnava condemnando, como absolvendo, e que um e outro perigo era inevitável ; que conselho tomaria para se livrar de uma tal tentação ? Agora o vereis.

IV. Levantou-se o divino Mestre da cadeira sem responder palavra. Não havia alli outro papel senão a terra, inclina-se e começa a escrever n'ella : *Digito scribebat in terra.* Esta foi a única vez que sabemos da historia sagrada que Christo escrevesse de seu punho. Mas, em quanto Christo escreve e estes tentadores esperam, tornemos ao deserto e às tentações do demônio. Tentou o demônio a primeira vez a Christo ; e rebateu o Senhor a tentação com as palavras do capítulo oitavo do Deuteronomio : *Non in solo pane vivit homo.* Tentou a segunda vez ; e foi rebatido com as palavras do capítulo sexto do mesmo livro : *Non tentabis Dominum Deum tuum.* Instou a terceira vez ; e a terceira vez o lançou Christo de si com outras palavras do mesmo capítulo : *Dominum Deum tuum timebis et illi soli servies.* Quem haverá que se não admire á vista d'estas tres tentações e da que temos presente ? Estes homens eram leitrados de profissão, eram lidos e versados nas Escripturas e actualmente estavam allegando textos da lei de Moysés. Pois se Christo se defendeu das tentações do demônio com as escripturas sagradas e com os textos da mesma lei ; porque se não defende também d'estes tentadores com as mesmas escripturas ? Nas escripturas que então havia, que são todas as do Testamento velho, ha trinta e nove livros com mais de mil capitulos. Pois se Christo tinha tantas armas, tão fortes, tão diversas e tão prevenidas, porque se não defende com ellas d'esta tentação ? Aqui vereis quanto mais terríveis tentadores são os homens que o demônio. Para Christo se defender das tres tentações do demônio, bastaram-lhe as escripturas antigas ; para se defender de uma tentação dos homens, não lhe bastaram todas quantas escripturas havia ; jul-

Como Christo
se livrou d'ella.

Foi como o dedo novoas escripturas. As do antigo Testamento, que lhe bastaram contra o demônio, não lhe bastaram contra os homens.

gou» necessário fazer escripturas de novo : *Digito scribebat in terra.*

Os phariseus
peleiros que
Balthazar nem
a esta escri-
ptura se rendo-
ram.

Mas qual foi o efeito d'esta escriptura. Escreveu e escrevia a Mão omnipotente; e os tentadores com «tal» escriptura deante dos olhos não se rendem, nem desistem, nem fazem caso d'ella, nem da mão que a escreve ; ainda insistem e apertam que responda á pergunta : *Cum perseverarent interrogantes.* Oh escriptura ! Oh Balthazar ! Oh Babylonia ! Appareceram tres dedos em uma parede, sem mão, sem braço, sem corpo ; e com tres palavras que escreveram, sem saber o que significavam, começa Balthazar a tremer de pés e mãos, sem cór, sem coração, sem alento. Treme o mais poderoso rei do mundo ; e quattro homens, sem majs poder que a sua malicia, não tremem. Agora acabareis de intender quanto mais dura é a pertinacia dos homens quando tentam, que a do demonio. Viam os dedos, viam o braço que escrevia ; sabiam, e tinham obrigaçao de saber pelas maravilhas que obrava e de que elles tanto se doiaram, que era Homem e Deus juntamente ; e á vista de uma escriptura tão larga de sua mão, em que se viam processados a si mesmos, não tremem, nem se movem, antes perseveram obstinados a perguntar e tentar : *Cum perseverarent.* Digam agora os escribas e phariseus, se é o gentio Balthazar, ou elles ? Mas o meu intento não é comparar homens com homens ; senão homens com o demonio.

Tres circum-
stancias d'esta
escriptura.

Tres circunstancias particulares notou o evangelista n'esta accão de Christo. Notou que escrevia, e com que escrevia, e onde escrevia : *Digito scribebat in terra.* Escrevia Christo, e escrevia com o dedo, e escrevia na terra. E em todas estas circumstancias venceram os homens ao demonio na pertinacia de tentadores.

1.º Escrevia.
Porque não dia-
sem voz o que
escreveu ? Por-
que a palavra
de Deus tem mais força
escripta
que fallada.

Joan. 30.

Primeiramente : *Scribebat*, escrevia. E porque quiz escrever? As mesmas cousas, que Christo escrevia, podia dizer em voz e mais facilmente. Pois porque as não quiz dizer em voz, senão por escripto? Porque as mesmas palavras divinas leem mais eficacia, para vencer as tentações, escriptas que dictas. Na morte de Christo tentou o demonio aos discípulos na fé da resurreição; e todos ou foram vencidos, ou fraquearam na tentação, como o mesmo Senhor Ihes tinha predicto. E dando a causa d'esta fraqueza S. João, diz que foi porque ignoravam as Escripturas da resurreição : *Nondum enim sciebant scripturam, quia operebat eum a mortuis resurgere.* Contra, Evangelista sagrado. Christo tinha dito por muitas vezes que havia de resuscitar, e particularmente o disse ao mesmo S. João e a S. Pedro e a Sancto Iago no monte Thabor : *Nemini dixeritis visionem, donec Filius ho-*

Matth. 17.

minis a mortuis resurgat. Porque excusa logo o evangelista a fraqueza de não resistirem à tentação com a ignorância das Escripturas? Porque ainda que as palavras divinas, ou dictas ou escriptas, tenham «em si» a mesma auctoridade; escriptas «teem mais auctoridade para nós» e maior efficacia para resistir às tentações. Vede-o no modo com que Christo resistiu ao demonio em todas as suas.

Em todas as tres tentações se defendeu Christo do demonio com a palavra divina: mas não sei se tendes reparado que em todas e em cada uma advertiu que era palavra ecripta. Na primeira tentação *Scriptum est: Non in solo pane vivit homo.* Na segunda: *Scriptum: Nest on tentabis Dominum Deum tuum.* Na terceira: *Scriptum est: Dominum Deum tuum timebis.* Pareço que para resistir á tentação e rebater ao demonio bastava referir as sentenças e palavras sagradas; porque acrecenta logo o Senhor e deita deante de cada uma d'ellas a declaração de que eram ecriptas, repetindo uma, duas, tres vezes: *Scriptum est, scriptum est, scriptum est?* Porque, sendo palavras de Deus e ecriptas, tinham não só a virtude e efficacia das palavras, senão tambem a das letras «que lhes dão maior authenticidade. Notae. S. Pedro na epislola 2.^o cap. 1.^o chama a palavra dos prophetas mais firme que a voz que vinha do céu e que elle ouviu estando com Christo no monte sancto: *Et hanc vocem nos audivimus de coelo allatam, cum essemus cum ipso in monte sancto. Et habemus firmorem propheticum sermonem.* Mas como podia ser que a palavra dos prophetas fosse mais firme que a voz do céu, a qual era a mesma voz do Padre Eterno? Mais firme, porque mais certa e mais authentica, responde Agostinho; não porque mais digna de respeito e mais conforme á verdade: *Certiorum sane dicit, non meliorem non veriorem. Quid est ergo certiorum nisi in quo magis confirmatur auditor?* O que se escrevo é por si mesmo mais authentico que o que se diz; porque, em sum, *verba volant, scripta manent.* Por isso Christo n'este caso vendo-se tão apertadamente tentado dos homens não tractou de se defender d'elles dizendo, senão escrevendo: *Scribebat.*

Mas se tanta é a força e efficacia de um *Scriptum est*, e Christo hoje escrevia, *Scribebat*, e os seus tentadores o estavam vendendo escrever, e viam e liam a ecriptura; porque persistem ainda e perseveram na tentação *Cum perseverarent?* Não persiste o demonio, e persistem os homens? Sim: porque o demonio é demonio, e os homens são homens, e por isso mais teimosos e mais pertinazes tentadores. Onde muito se deve advertir a diferença d'esta ecriptura de Christo ás ecripturas com que resistiu ao demonio. As ecripturas que o Senhor referiu ao de-

Por isso Christo contra o demonio alleiou sempre a Ecriptura.

S. Pedro (ep. 2 c. 1) comentado por Sancto Agostino Serm. 13. 1. 27 de verbi Ap.)

Novas circunstâncias da obstinacão dos phariseus maior que a do demonio.

monio eram escripturas geraes. As escripturas que hoje escreveu eram particulares, e escriptas sómente para os que o estavam tentando e dirigidas ao coração e à consciencia de cada um. Bastou «ao demonio» serem as escripturas de Deus para ou as reverenciar, ou as temer, posto que não fallassem «de modo particular» com elle. Os homens pelo contrario, fallando com todos e com cada um d'elles a escriptura de Christo, nem a reverencia os refreia, nem a força os quebranta, nem a consciencia os intimida, nem a certeza com que se vêem feridos os rende; continuam, instam e perseveram obstinados. *Cum perseverarent.* Que mais?

2.º Escrevia com o dedo Sôrsta escriptura fui feita com o dedo da Homem-Deus.

Digito. Escrevia Christo com o dedo. As escripturas com que o Señor rebateu as tentações do demonio não eram escriptas com o dedo de Deus, «porque ainda não tinha tomado carne humana»: mas bastou serem escripturas sagradas e canonicas, para que o demonio se não atrevesse a lhes resistir. Vede se se podia e devia esperar hoje que os tentadores de Christo se rendessem ás suas escripturas; pois eram escripturas não só de Deus, mas escriptas com o seu dedo. Claro está que se haviam de render, se os tentadores fossem demonios; mas não se renderam, porque eram homens: *Cum perseverarent.* Que mais?

3.º Escrevia na terra Opinião do Cartílio. Usado Outras circunstâncias da mesma obstinação.

In terra. Nota finalmente o evangelista que escrevia Christo na terra. E porque na terra? Para que os que esquecidos da propria fragilidade accusavam tão rigorosamente uma fraqueza no sexo mais fraco, considerassem e advertissem que ella era terra e elles terra. É tão propria do caso e tão natural esta consideração, que d'aqui veio a ter para si Carthusiano que as palavras que Christo escreveu foram estas: *Terra terram iudicat:* a terra accusa a terra. Se os accusadores foram céu, não era de extranhar que accusassem a terra; mas quo a terra accuse a terra! Ainda faziam mais estes tentadores. A terra accusava a terra para condemnar o céu; porque accusava a adultera para condemnar a Christo. Pois se a terra muda, e por si mesma, estava dando brados contra estes accusadores formados da mesma terra; agora que já não é muda, com as palavras e vozes de Christo que tem escriptas e eslampadas em si, porque os não confunde, porque os não convence, porque os não rende? Já me canço de dizer: porque eram homens. E senão, tornemos a comparar esta tentação com a do demonio. S. Paulo chamou aos demonios potestades do ar: *Secundum principem potestatus aeris hujus.* As palavras com que Christo se defendeu do demonio foram pronunciadas no ar, que é incapaz de escriptura: as com que se quis defender d'estes homens, foram escriptas e impressas na terra. As palavras pronunciadas passam, as escri-

ptas permanecem: as pronunciadas entram pelos ouvidos, as escriptas pelos olhos. E sendo aquellas só pronunciadas, e estas escriptas; aquellas sucessivas, e estas permanentes; aquellas ouvidas, e estas vistas; aquellas breves e poucas, e estas muitas e continuadas, que isso quer dizer *Scribebat*; aquellas formadas no ar bastaram para vencer as potestades do ar; e estas impressas na terra não bastaram para render os homens formados de terra: *Digito scribebat in terra*.

V. Assim resistido Christo, e assim rebatida, por não dizer affrontada, a força de sua mão e da sua escriptura, que novo meio buscaria a sabedoria omnipotente para se defender de tão pertinazes tentadores? Assim como elles perseveraram em tentar, assim elle perseverou em escrever; porque a pertinacia da tentação só se vence com a constancia da resistencia. Torna Christo a inclinar-se e a escrever outra vez: *Iterum inclinans se digito scribebat in terra*: «mas antes d'esta segunda escriptura dá em voz a explicação ou commento da primeira dizendo: *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mutat*. E foi tal a efficacia da sua palavra juncta com as duas escripturas» que allim se renderam a ella «os mesmos escribas e phariseus.» Então se foram retirando uns após outros, «sendo os mais velhos os primeiros: *Audientes autem unus post unum exibant, incipientes a senioribus*; mas se vencidos de Christo na retirada, vencedores contudo do demonio na arte e pertinacia da tentação.

Ainda quando desistem, são peiores tentadores os homens que o demonio. O demonio tentou a Christo tres vezes: mas nota que respondendo o Senhor a cada tentação com a Escriptura, nunca o demonio esperou «nem commento da primeira, nem allegação da» segunda. Em o demonio ouvindo «a simples allegação de» uma escriptura, calava, desistia, não resistia nem replicava, mudava logo de tentação e ainda de logar. Vencido de Christo ainda presumia e esperava vencer a Christo: resfolado «porem» com uma escriptura, nunca teve atrevimento para persistir, nem esperar outra escriptura. E os homens? Olhae para elles. Os homens mais pertinazes, mais impudentes, mais duros e mais feros tentadores, que o mesmo demonio, vêem uma vez escrever a Christo, e não se movem: vêem e intendem o que escreve, e não se rendem. É necessario que a sabedoria divina «faça commentos,» multiplique escripturas sobre escripturas e que tendo escripto uma vez torne outra vez a escrever: *Iterum scribebat*; não já para persuadir aos tentadores, mas para se defender e se livrar a si mesmo de suas tentações.

Mas que direi eu n'este passo tirando os olhos dos ministros

Rendem-se al-
ém os phari-
seus ouvindo o
commento de
Christo

Porém mostra-
ram-se ainda
a isto mais ob-
stinados que
o demonio.

Mais obsti-
nados são os here-
jes, e porque.

da Synagoga e pondo-os em muitos que se chamam christãos? Já me não queixo dos escribas e phariseus, nem Christo se podia queixar tanto; porque haviam de vir ao mundo taes homens que com a sua pertinacia os haviam de fazer menos duros e com as suas tentações menos tentadores. Os escribas e phariseus não se renderam ás primeiras escripturas do dedo de Christo, mas «depois do commento que lhes deu em voz» renderam-se ás segundas e largaram as pedras. Os herejes com nome de christãos nem ás primeiras nem ás segundas escripturas se rendem, «nem a todos os commentos ou declaracões que Christo lhes está fazendo por bocca da sua Egreja;» antes das mesmas Escripturas adulteradas fazem pedras com que abalar a Christo.

*As escripturas
do novo Testa-
mento
mais fermosas que
as do velho.
S. Aug tract.
33 in Joan
S. Ambr ep 78
ad Stud.*

Sancto Agostinho e Sancto Ambrosio dizem que escreveram Christo duas vezes para mostrar que elle era o auctor e legislador de ambas as escripturas: das escripturas do velho Testamento e das escripturas do novo; e que as primeiras escripturas foram escriptas em pedra, porque haviam de ser estereis; as segundas escriptas na terra, porque haviam de ser secundas; e haviam de dar fructo, como altim deram hoje. Mas estou vendo, Senhor meu, que essa terra em que escreveis e escrevestes, arada duas vezes pela vossa mão e semeada duas vezes com a vossa palavra, em lugar de dar fructo ba da produzir espinhas. Esta foi a maldição que lançastes a Adão, que não só se cumpriu e extendeu, mas cresceu e crescerá sempre em seus filhos. Os escribas e phariseus foram peiores que o demônio: virão homens que sejam peiores que os escribas e phariseus. O demônio rendeu-se a uma escriptura: os escribas e phariseus renderam-se a duas «com um brevissimo commento;» virão homens que nem a «todas as escripturas largamente commentadas» se rendam, e perlizes contra ambos os Testamentos com ambos vos façam guerra. Dae-me licença para que vos repita a minha dôr parte do que está antevendo vossa salvedoria.

*Herejes que se
obstinaram
contra todas as
tas escriptu-
ras.*

Escrivestes em ambos os Testamentos e «explicastes por hocco da Egreja» a verdade e fé de vossa divindade, tão expressa no Testamento novo e tão convencida por vós mesmo no velho; e virá um Ebion, um Cerinhalo, um Paulo samosateno, um Photino que impudicamente neguem que fostes e sois Deus. Escrivestes e «explicastes» (e não era necessário que se escrevesse «nem explicasse») a verdade de vossa humanidade em tudo similar à nossa; e virá um Manicheu, um Priscilliano, um Valentino, que contra a evideucia dos olhos e das mesmas mãos que a tocaram, digam que a vossa carne não foi verda-

deira, senão phantastica, celeste e não humana. Escrevestes e «explicastes» a unidade de vossa Pessoa uma em duas naturezas, humana e divina; e virá um Nestorio, que reconhecendo as duas naturezas diga pertinazmente que também houve em vós duas pessoas; e um Eutyches e um Dioscoro, que confessando a vossa humanidade e a vossa divindade, digam que de ambas se formou ou transformou uma só, convertendo-se uma na outra. Escrevestes e «explicastes» a perfeição e inteireza de vosso ser humano, composto de corpo e alma; e virá um Arrio e um Apolinar, que digam que livestes sómente corpo de homem e que a alma d'esse corpo era a divindade. Escrevestes e demonstrastes «por vossa boca» contra os saduceus a futura resurreição nossa e de todos os mortaes; e virá um Simão Mago, um Basilides, um Hymeneu, um Phileto, que, merecedores de morrer para sempre como os brutos, neguem a esperança e a fé da resurreição. Escrevestes «e explicastes» (bastando só a experiência) a verdade e absoluto domínio do livre alvedrio humano; e virá um Bardesanes, um Pedro Abaylardo, e modernamente um Oecolampadio, um Melanchthon, que dizendo uma liberdade tão inaudita, neguem que ha liberdade. Escrevestes e «explicastes» que sem graça não ha mérito e que do concurso de vossa graça e do nosso alvedrio procedem as obras dignas e só elles dignas da vida eterna; e virá um Pelagio, um Celestino, um Juliano, que impotentemente concedam todo este poder ao alvedrio; acrescentando as forças do primeiro benefício com que nos creastes, para vos negarem ingratissimamente o maior e segundo com que nos justificais. Escrevestes e «explicastes» a necessidade e merecimento das boas obras; e virá um Luthero, que não só negue serem necessarias as boas obras para a salvação, mas se atreva a dizer que todas as boas obras são peccado. Assim o ensinaram ele e Calvin (aqueles dous monstros mais que infernaes do nosso seculo) para tirar do mundo a oração, o jejum, a esmola, a castidade, a penitencia, os suffragios, os sacramentos. «Assim estes e outros homens» pregaram contra o que Christo pregou, escreveram contra o que Christo escreveu; formando novas tentações contra o mesmo Christo das mesmas escripturas com que elle se defendeu: para que se veja quanto se adéantaram nas artes de tentar e quanto atraç deixaram ao mesmo demônio.

O demonio vendo na primeira tentação que Christo se defendia com a Escriptura, para o tentar pelos mesmos fios, allegou na segunda tentação outra escriptura. Mas o que é muito para admirar, e ainda para reverenciar, foi que nem contra o primeiro, nem contra o segundo, nem contra o terceiro texto

O demônio tenta como sabio, e os homens como desonestos.

allegado por Christo arguisse nem instasse o demonio uma só palavra. O demonio é mais letrado, mais theologo, mais philosopho, mais agudo e mais subtil que todos os homens. Pois se os homens, e tantos homens, tem arguido tanto e por tantos modos contra umas e outras escripturas de Christo, antes se atreveram a lhe fazer guerra com elles, voltando as mesmas escriptoras contra o mesmo Christo, e interpretando-as não só em sentido falso, mas totalmente contrario; porque não fez tambem isto o demonio? Porque era demonio e não homem. Porque era demonio, tentou como sabio; porque não era homem, não tentou como nescio e impudente. Tentar, e arguir, e levar contra a verdade conhecida das Escripturas não é insolencia que se ache na maldade do demonio; na do homem sim. Ao menos eu, se houvera de escolher tentador, antes havia de querer ser tentado pelo demonio, que pelos homens. «Não vedes que com maior dificuldade arredou Christo a tentação dos homens, que a do demonio?» *Digitus scribebat in terra. Cum persicerarent interrogantes cum.*

● *Demonio nos
grava la
das tentações
uns das
outros. Não é.
ter tentado
muitos os homens
que
os demonios.*

VI. Supposto isto, senhores, supposto que os homens são maiores e peiores tentadores que o demonio, que havemos de fazer? Se eu pregara no deserto a anachoretas, dir-lhes-ia que se guardassem «das tentações do demonio»; mas como prego no povoado e a cortezaõs, digo-vos que vos guardais «das tentações» uns dos outros. O demonio, «ao que parece», já não tenta no povoado, porque os homens lhe tomaram o officio, e o fazem muito melhor que elle. Christo (como, pouco ha, diziamos) quiz ser tentado do demonio e foi-o buscar ao deserto. Senhor, se quereis ser tentado do demonio, porque o não ides buscar à cidade, à corte? Porque nas cidades e nas cortes já não ha demonios. E não se sairão por força de exorcismos, senão porque o seu talento não tem exercicio. Se à corte veem alguns artífices estrangeiros mais insignes e de obra mais prima, os oficiares da terra ficam a pá, vão-se fazer lavradores. Assim lhe aconteceu ao demonio. Ele era o que tinha por oficio ser tentador; mas como sobrevieram os homens, mais industriosos, mais astutos, mais subtils e mais primos na arte, ficou o demonio vazio; se tenta por si mesmo, e lá a um ermitão solitário, onde não ha homens; por isso se anda pelos desertos, onde Christo o foi buscar. Não digo que vos não guardais «das tentações» do demonio, que alguma vez dará cá um saito, o que vos digo é, que vos guardais muito mais «das» dos homens; e visto se tenho razão.

Depois que a moça entrou na alma de Saul (induziu magica de um rei), cárroo-lhe também o demonio no corpo. Fóra

causa da inveja a funda de David; e não bavia outro remedio contra aquelle demonio, senão a sua harpa. Vinha David, tocava a harpa em presença de Saul, e deixava-o o demonio. Foi-o assim uma vez; e depois que o demonio se saiu, deita mão Saul a uma lança, e fez tiro a David (diz o texto) para o pregar com ella a uma parede. Que um rei commettesse tal excesso de ingratidão contra om vassallo, a quem devia a honra e a coroa, não me admira. Assim se pagam os serviços que são maiores que todo o premio. O que me admirou sempre, e o que pondera muito S. Basilio de Seleucia, é que não tentasse Saul esta aleivosia em quanto tinha o demonio no corpo, senão depois que saiu d'elle. Quando Saul tem o demonio no corpo, modera a inveja, o odio, a furia; e depois que o demonio o deixa, agora commette uma traição e uma aleivosia tão enorme? Sim: agora. Porque agora está Saul em si; d'antes estava o demonio n'elle; d'antes obrava como endemoninhado; agora «tenta» como homem. Se Saul intentara esta infame acção em quanto estava possuido do demonio, havíamos de dizer que obrava o demonio n'elle: mas quiz a Providencia do céu que o não fizesse Saul senão depois que esteve livre, para que soubessemos que «n'esta tentação» obrava como homem, e nos guardassemos dos homens mais ainda que do demonio. *O novum injuriamque facinus!* (exclama Basilio) *Dæmon pellitur, et daemone liberatus arma capiebat. Daemon cincetur, et hominis mores plus sumebant audaciae.* Era peior Saul livre do demonio, que possuido d'elle; porque possuido, obrava pelos impulsos do demonio; livre, obrava pelos seus, pelos de homem «tentador e malvado:» *et hominis mores plus sumebant audaciae.* «Parece» que o demonio, vendo tãoせia-mente inclinado a Saul, se saiu fóra, envergonhando-se que podesse o mundo cuidar que aquella tentação era sua. Oh que bem lhe estivera ao mundo, que entrasse o demonio em alguns homens, para que fossem menos maus e menos tentadores! Compadęço-me de David, honrado, valoroso, fiel; mas enganado com o seu amor e com o seu principe. Se não sabes, ó David, a quem serves, vê ao teu rei no espelho da tua harpa: emmudece-a, destempera-lhe as cordas, faze-a em pedaços. Em quanto Saul estiver endemoninhado, estarás seguro; se tornar em si, olha por ti. Não é Saul homem que queira juneto a si tambo homem.

Bem provado cuido que está com o horror d'esle exemplo, Não só os inimigos, mas também os amigos tentam. que nos devemos guardar e recatar «das tentações» dos homens mais ainda que «das do demonio.» Mas vejo que me dizéis que Saul era inimigo capitalissimo de David; e que dos ho-

mens que são inimigos bem é que nos guardemos com toda a cautela; porém dos amigos parece que não. São elles homens? Pois ainda que sejam amigos, vos «pôdem tentar» e de mais perto; e se vos tentarem, crede-me, hão de fazer e poder mais que o demônio para vos derrubar.

*Cosso Job foi
tentado por
seus amigos.
Job 1.*

Nunca o demônio teve mais ampla jurisdição para tentar com todas suas artes e com todo seu poder, que quando tentou a Job. Tentou-o na fazenda, tirando-lh'a toda em um momento; tentou-o nos filhos, matando-lhos todos de um golpe; tentou-o na propria carne, cobrindo-a de lepra e cancer, e fazendo-o todo uma chaga viva. E que fez ou que disse Job? *Dominus dedit, Dominus abstulit; sit nomen Domini benedictum.* Paciencia, humildade, resignação na vontade divina, graças e mais graças a Deus; dando testimonho a mesma Escriptura que em todas estas tentações não lhe pôde tirar da bocca o demônio uma palavra que não fosse de um animo muito constante, muito recto, muito pio, muito timorato, muito sancto: *In omnibus his non peccarit Job labius suis, neque stultum quid locutus est contra Deum.* Neste estado de tanta miseria e de tanta virtude, vieram os amigos de Job a visital-o e consolal-o. Erain estes amigos tres, todos principes, todos sabios e que todos professavam estreita amizade com Job.

*A sua paciencia
não se salvou
pelas tentações
do demônio e
pelos dos
amigos sim.
Vide Chomel in
ib. 1.*

Ao principio estiveram mudos por espaço de septe dias; depois fallaram e fallaram muito. E que lhe sucedeu a Job com estes amigos? O que não pôde o demônio com todas as suas tentações. «Parece incrivel; mas é testimonho authentico da mesma Escriptura.» Fizeram-lhe perder a constancia, fizeram-lhe perder a paciencia, fizeram-lhe perder a conformidade, e ate «o respeito devido a Deus» lhe fizeram perder. Porque se pozeram a altercar contra elle, e o arguiram, e o caluniam, e o apertaram de tal sorte, que deixou Job de ser Job. Não só analdiçou a sua vida e a sua fortuna; mas ainda em respeito da Justica e da Providencia divina disse cousas muito indignas da saluedoria e muito alheias da piedade de um homem sancto, pelas quaes foi asperamente reprehendido de Deus. O mesmo Job as confessou depois, e se arrependeu e fez penitencia d'ellas coberto de cinza: *Insuperter locutus sum; idcirco ipse me reprehendo, et ago poenitentiam in favilla et cinere.* Eis aqui quão pouco lustroso saiu das mãos dos homens o espelho da paciencia, tendo santo das tentações dos demonios vencedor, glorioso, triunfante. O demônio era demônio e inimigo: os homens eram amigos, mas homens; e bastou que fossem homens, para que tentassem mais fortemente a Job que o mesmo demônio. As tentações do demônio foram para elle corda, e as

consolações dos amigos não só tentação, mas «caida.» E se isto fazem os amigos sabios e zelosos da honra de Deus e da alma de seu amigo (como aquelles eram), quando o veem consolar em seus trabalhos; que farão amigos perdidos e loucos, que só se buscam a si e não a vós, que estimam mais a vossa fortuna que a vossa alma, e que fazem d'ella tão pouco caso como da sua?

• Accresce que os amigos de Job liveram este poder contra elle em tentações de ira, mas quanto mais facil é que vos derubem os vossos nas da concupiscencia! Diga-o às mulheres Thamar, infeliz irmã de Salomão, vituperada com a maior infâmia por um bomem que lhe devia o maior respeito e pouco antes lho protestava. Diga-o aos homens o mesmo Salomão já velho e mais infeliz que sua irmã, porque se despenhou na idolatria impelido por mulheres que lhe professavam amor e acatamento. E Adão a quem o demônio não se atreveu a tentar, porque não esperava vencer, tentado e vencido por Eva, não caiu, arrastando na sua ruina todo o gênero humano? Tal foi o fructo da primeira amizade, que houve no mundo, amizade tão sancta que tinha raizes na justiça original; para que saibamos inferir que fructo se deve esperar das outras que estão arraigadas na concupiscencia desordenada. Em último é cousa tão usual que a amizade dos filhos de Adão acabe como a de seu pae, que, por muito experimentado, já ninguem o ignora, e por muito commum, ninguem o estranha; havendo-se por grande milagre da graça do Redemptor poderem-se amar os homens sem ser uns aos outros laço de tentação e pedra de escândalo.

E ainda quando por este milagre vence alguém as tentações dos que lhe professam amizade, que penosas não são muitas vezes as consequencias da victoria! Vedes em Babylonie aquella matrona que banhada em pranto é levada ao mesmo supplicio e pela mesma accusação que a peccadora do nosso evangelho? Pois essa é Susanna, espelho de fidelidade conjugal: e seus falsos accusadores são dous anciões que ainda ha pouco a tentavam com protestações do mais extremoso affecto. Ainda bem, que um menino propheta faz conhecer a innocencia da calumniada e virar as pedras contra os calumniadores! Mas bem claro tendes o perigo que se corre até vencendo as tentações dos que vos admiram e talvez adoram. E aquele mancebo que está gemendo nas prisões do Egypto entre dous criminosos, d'onde em breve a Providencia o tirará para sentar-se ao lado de Pharaoh, não o conhecis? Pois esse é José, que não quiz satisfazer aos peccaminosos desejos da mulher de seu senhor, a qual

As tentações de concupiscencia dão em se tomar muito mais que as da ira.

Nestas tentações o perigo é ate a morte.
Exemplos de Susanna e José, filho de Jacob.

tambem lhe protestava extremos da mais sincera benevolencia; mas logo com requintes de aleivosa lhe assacou deante do marido a sua mesma tentação. Dizei lá que as tentações dos homens, quaesquer que sejam, não são peiores que as do demônio. O demônio vencido, foge: os homens vencidos não só vos não deixam, mas leem ainda traças para provar que vós os tentastes e que elles saíram vencedores.

O maior tentador do homem é para cada um o seu appetite.

Jacob 1

Ha mais tentações de homens? Ha entre elles mais algum tentador, de que nos devamos guardar? Sim: o maior tentador de todos. E quem é este? Cada um de si mesmo. «O tentador» de quem mais nos devemos guardar é eu de mim e vós de vós: *Unusquisque tentatur a concupiscentia sua abstractus et illectus.* Sabeis (diz Sanctiago apostolo) quem vos tenta? Sabeis quem vos faz cair? Vós a vós: cada um a si: *Unusquisque tentatur.* Nós, como filhos de Eva, tudo é dizer *Serpens decepit me:* tentou-me o diabo, enganou-me o diabo; e vós sois o que vos tentais e vos enganais, porqne quereis enganar-vos. O vosso diabo é o vosso appetite, a vossa vaidade, a vossa ambição, o vosso esquecimento de Deus, do inferno, do céu, da alma. Guardae-vos de vós, se vos quereis guardado. Sois homem? guardae-vos d'esse homem: guardae-vos do seu intendimento, que vos ha de enganar: guardae-vos da sua vontade, que vos ha de trair; guardae-vos dos seus olhos e dos seus ouvidos e de todos os seus sentidos, que vos hão de entregar. Guardou-se David de Saul; e caiu, porque se não guardou de David. Guardou-se Samsão dos philisteus; e perdeu-se, porque se não guardou de Samsão. Guarde-se David de David; guarde-se Samsão de Samsão; guarde-se cada um de si mesmo. De todos os homens nos havemos de guardar, porque todos tentam: mas d'este homem mais que de todos, porque é o maior tentador. Por isso dizia Sancto Agostinho, como sancto, como douto e como experimentado: *Liberet te Deus a te ipso:* livre-te Deus de ti. Christo livrou-se hoje dos homens que o tentaram: mas elles não se libertaram de si: porque quando vieram a tentar, já vinham tentados; quando vieram a derribar, já vinham caídos. Para si e para Christo homens; e por isso contra si e contra Christo tentadores: *Tentantes eum.*

Enfim só com
Christo pode-
mo tractar com
toda a
confiança

VII. Ninguem me pôde negar que é muito verdadeira e muito certa esta doutrina: mas parece que eu tambem não posso negar que é muito triste e mui desconsolada. O homem é animal sociável: n'isso nos distinguimos dos brutos; e parece cousa dura que havendo necessariamente um homem de tractar com homens se haja de guardar «das tentações de todos.» Não haverá um homem, com quem outro homem possa tractar sem te-

mor, sem cautela e sem se guardar d'elle? Sim, ha. E que homem é este? Aquelle Homem a quem hoje vieram tentar os homens; aquelle Homem que é juntamente Deus e Homem; aquelle Homem em quem só achou refugio e remedio aquella miserável mulber, de quem se não se compadeceram e a quem accusavam os homens.

Arguiu subtilíssimamente Sancto Agostinho que esta mulber, depois que se viu livre de seus accusadores, parece que devia fugir de Christo. A razão é manifesta; porque Christo tinha dicto na sua sentença que quem não tivesse peccado lhe atirasse as pedras, logo só de Christo se podia temer; porque só Christo não tinha peccado. Mas porque só elle não tinha peccado, por isso mesmo se não temeu de tal Homem: e por isso só d'aquelle Homem e n'aquelle Homem se devia fiar e contiar. Primeiramente Christo na sua sentença já se tinha exceptuado a si: *Qui sine peccato est restrum:* quem de vós não tem peccado, esse alire as pedras. Não disse quem absolutamente, senão quem de rós para se exceptuar a si, que é a excepção de todos os homens. E o mesmo não haver em Christo peccado era a maior segurança da peccadora.

Duas condições concorriam em Christo n'este caso para se compadecer e usar de misericordia com aquella pobre mulber. A primeira e universal o ser isento de peccado; verificando-se só n'elle o *Qui sine peccato est*. A segunda e particular o estar n'aquelle occasião tentado pelos homens: *Tentantes eum*. Como tentado não podia deixar de se compadecer: como isento de peccado não podia deixar de perdoar. A tentação o fazia compassivo, e a isenção de peccado misericordioso. Tudo disse admiravelmente S. Paulo fallando de Christo: *Non enim habemus pontificem qui non possit compati infirmitatibus nostris, tentatum per omnia pro similitudine absque peccato. Adeamus ergo cum fiducia ad thronum gratiae, ut misericordiam consequamur.* Notae todas as palavras e particularmente aquellas, *tentatum, e absque peccato*. Como tentado não podia deixar de se compadecer: *Qui non possit compati:* como isento de peccado não podia deixar de ser misericordioso: *Adeamus ergo cum fiducia ut misericordiam consequanur.* Na verdade n'este ergo de S. Paulo esteve toda a confiança da delinquente; e por isso não quiz fugir. Como se interpretara a sentença de Christo e dissera: Se só me ha de atirar as pedras quem não tem peccado; ninguem m'as ha de atirar. Os phariseus que teem peccado, não; porque teem peccado. Christo que não tem peccado, também não; porque o não tem; quem não tem peccado não atira pedras.

Assim foi e assim lh'o disse Christo: *Nemo te condemnavit,*

*Observação de
Santos Ago-
stinho n'este
logar do
Evangelho.*

*Christo é mis-
ericordioso e
sem peccado,
por isso se
compadeceu
d'aquelle mu-
lher. Texto
notável
de S. Paulo.
Hebr. 5.*

*Palavras com
que Christo a
absolveu.*

mulier? Neque ego te condemnabo: se ninguem te condemnou, nem eu te condemnarei. Elles não te condemnaram, porque tinham peccado: eu não te condemnarei, porque o não tenho. Eis aqui porque este Homem é tão diferente dos outros homens. Os homens que tinham peccados, tentavam, accusavam, perseguiam: o Homem que não tinha peccado, accusou, defendeu, compadeceu-se, perdoou, livrou; e de tal modo condennou o peccado, que absolveu a peccadora: Vade et noli amplius peccare.

Conclusão.
Christo se fez
homem para
que tivessemos
um verdadei-
ro amigo de
nos
nos podessemos
fiar.

Jerem. 17.

A melhor fian-
do só por si
com Christo re-
mediou o
passado e mais
o futuro.

O mesmo acon-
teceu a Sa-
maritana. Con-
selhaço de
Christo
e aquela con-
versão.

Senhores meus, conclusão. Pois que os homens são peiores tentadores que o demônio, guardemo-nos dos homens; e pois que entre todos os homens não há outro homem de quem seguramente nos possamos fiar senão este Homem que juntamente é Deus; tracemos só d'Elle e tracemos muito familiarmente com Elle. Toda a fortuna d'aquella tão desgraçada criatura esteve em a trazerem deante do «Homem-Deus»; e a primeira mercê que lhe fez foi livral-a dos homens «tentadores». Porque cuidais que Deus se fez homem? Não só para remir os homens, senão para que tivessem um Homem de quem se podessem fiar, a quem podessem accudir e com quem podessem tractar sem receio, sem cautela, com segurança. Só n'este Homem-Deus se acha a verdadeira amizade, só n'este Homem-Deus se acha o verdadeiro remedio; e nós a buscar homens, a comprar homens, a pôr confiança em homens! *Maledictus homo qui confidit in homine:* maldicto o homem que confia em homem; e bemdicto o homem que confia «no Homem Deus» e só «n'Elle», e muito só por só com «Elle» tracta d'is que lhe convém. Levae este poncto para casa, e não quero outro fructo do sermão.

Depois que se apartaram aquelles más homens, diz o evangelista que ficou só Christo e deante d'elle a venturosa peccadora: *Remansit Jesus solus et mulier in medio stans.* Esta foi a maior ventura d'aquella alma e esta a melhor hora d'aquelle dia: aquelle breve tempo em que esteve só por só com Christo. N'este breve tempo remediou o passado e mais o futuro: o passado, *Neque ego te condemnabo;* o futuro, *Noli amplius peccare.* Já que os homens nos levam tanta parte do dia, tomemos todos os dias, sequer, um breve espaço em que a nossa alma se recolha com Deus e consigo, e esteja só por só com Christo. Oh se o fizermos assim, quão verdadeiramente nos convertermos a elle!

Chegado Christo á fonte de Sichar mandou todos os apostolos que fossem á cidade buscar de comer, porque era (diz o evangelista) a hora do meio dia. Veio n'este tempo a Samari-

tana, converteu-a o Senhor; e tornando os apostolos e pondo-lhe deante o que traziam, não quiz comer. Duas grandes duvidas tem este lugar. Primeira, porque mandou Christo à cidade os apostolos todos, sendo que para trazer de comer bastava um ou dous? Segunda, se os mandou buscar de comer, e o traziam e lh' o offereceram, e era meio dia, porque não comeu? Primeiramente não comeu, porque «outra pessoa lhe tinha trazido um comer que elles não sabiam.» Assim o suspeitaram os discípulos, dizendo entre si: *Nunquid aliquis attulit ei manducare?* Mas não intenderam que quem lhe tinha trazido de comer era a mesma Samaritana. Aquella alma convertida foi para Christo não só a mais regalada iguaria; mas o melhor e o mais esplendido banquete que lhe podia dar o céu, quanto mais a terra. Tal foi o que também hoje lhe deu na conversão d'esta peccadora. Notae. Quando Christo venceu no deserto as tentações do demônio, banqueteou o céu a Christo vencedor com iguarias da terra; porém hoje, como as tentações foram maiores e maiores os tentadores e a victoria maior, foi também maior e melhor o banquete. Lá a Christo vencedor das tentações do demônio serviram-no os anjos com manjares do corpo, e a Christo vencedor das tentações dos homens banqueteou-o a convertida com a sua alma, que é para Christo o prato mais regalado e aquelle que só lhe podem dar os homens e não os anjos. Esta foi a razão, porque o Senhor disse que tinha ainda «para comer um manjar que elles não sabiam:» *Ego cibum habeo manducare, quem eos nescitis.*

E a razão, porque mandou ir à cidade não parte dos apostolos senão todos, foi porque havia de converter alli a Samaritana; e para uma alma se converter verdadeiramente a Christo é necessário que estejam muito a solas, Christo só por só com a alma, a alma só por só com Christo: *Remansit Jesus solus et mulier in medio stans.* Jesus e alma sós: esta é a solidão que Deus quer para fallar ás almas e ao coração: *Ducam eam in solitudinem; et loquar ad cor ejus:* não é a solidão dos ermos e dos desertos; é a solidão em que a alma está só por só com Jesus. N'esta solidão só por só lhe falla; n'esta solidão só por só o ouve: n'esta solidão só por só lhe representa as suas misérias e lhe pede e alcança o remedio d'ellas; e ainda sem o pedir, o alcança só com o silencio e conhecimento humilde de suas culpas, como aconteceu a esta solitaria peccadora.

Façamol-o assim, cristãos, por amor de Christo que tanto o deseja e por amor de nossas almas, que tão arriscadas andam e tão esquecidas de si. Não digo que deixeis o mundo e que vos vades metter em um deserto: só digo que façais o deserto

Também a esta peccadora foi necessário tratar só por só com Christo. A solidão necessária para se converter e reformar.

Como a podemos e devemos procurar cada dia.

dentro no mesmo mundo e dentro de vós mesmos, tomândo cada dia algum espaço de solidão só por só com Christo; e vereis qnanto vos aproveita. Ali se lembra um homem de Deus e de si: ali se faz rezenha dos peccados e da vida passada: ali se delibera e se compõi a futura: ali se contam os annos que não hão de tornar: ali se mede a eternidade que ha de durar para sempre: ali diz Christo á alma efficazmente e a alma a si mesma um *Nunca mais*, muito firme e muito resoluto: *Noli emplius peccare*: ali enfim se segura aquella tão duvidosa sentença do ultimo juiz: *Neque ego te condemnabo*: nem eu te condemnarei. Esta é a absoluoção das absoluções: esta é a indulgencia das indulgencias, e esta a graça das graças, sem a qual é infallivel o inferno e com a qual é certa a gloria.

(Ed. ant. tom. 1.º col. 759, ed. mod. tom. 2.º pag. 261.)

I. SERMÃO DA QUARTA DOMINGA ..

PRÉGADO NA CAPELLA REAL

Este sermão prêgou o auctor no anno de 1655, na occasião em que tendo feito a primeira retirada da corte para o Maranhão, dispunha a segunda que também executou.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Prêgando Vieira na corte, à primeira vista causa estranheza que fizesse um sermão tão largo e tão eloquente sobre os benefícios do retiro e vida religiosa. A este reparo responde elle cabalmente no ultimo numero. Mas ha também outra razão que elle não produz, e todos a deviam entender. Porque, andando já para despedir-se da corte, quiz mostrar a el rei D. João IV que o não queria deixar partir, até onde chegavam as suas saudades do retiro e quietação da vida religiosa, e quão resoluto estava para vencer todas as dificuldades, que podessem impedir-lhe a retirada.

Fugit iterum in montem ipse solus.

S. JOAN. 6

Não foge uma só vez quem foge de coração. Já o evangelista S. João tinha dito que o Senhor e Salvador dos homens sugira dos mesmos homens uma vez; e agora nos diz que fugiu outra: *Fugit iterum*. Quando Herodes quis matar a Christo para que não fosse rei, fugiu para o Egypto; agora que o querem fazer rei foge para o monte: *In montem*. Os amigos e os inimigos todos por seu modo perseguem; e quem consegue que o amor de uns e o ódio de outros tudo é perseguição, foge de todos. Não só fugiu o Senhor hoje das turbas que o seguiam; mas também dos mesmos discípulos que o acompanhavam; e por isso fugiu só: *Ipse solus*.

Os apostolos recolheram das sobras do banquete doze alcofias, uma para cada um; e parece que haviam de ser treze, para

Novo Senhor
foge só para o
monte depois
de faltar com
cinco pães a
cinco mil pessoas.

Vantagens
d'este retiro
para elle
e os discípulos.

que ao obrador do milagre coubesse tambem a sua. Com tudo muito mais recolheu do banquete o Mestre que os discípulos. Elles recolheram o pão, elle recolheu «a oportunidade de fugir dos homens e retirar-se a um monte a tractar com Deus». Oh se o mundo conhecera quanto se tira de um «tal fugir»; e quanto colhe quem assim se accolhe! O evangelista «S. Marcos» diz que os discípulos não intenderam o milagre dos pães: *Non enim intellexerunt de panibus*; e «não é menos dificultoso de intender o retiro de Christo que o milagre. Se depois, muitos de seus discípulos ouvindo fallar do pão eucaristico, scandalizados por não terem entendido o milagre dos pães, tornaram atraç e o deixaram; que fariam quando o mesmo Senhor os deixou a elles para se recolher ao monte? Quanto maior escândalo não tomariam do seu retiro? Assim o podia temer a prudencia humana; mas foi tanto pelo contrario, que precisamente n'aquele tempo estiveram por affecto mais unidos com elle. Tão necessário é o fugir dos homens para tractar com Deus, e tão proveitoso não só para quem foge, senão tambem para os mesmos de quem se foge! Mas quem intende esta verdade?»

Não é fora de
logar pregar na
corte as ran-
tagens
da soledade.

Ora eu que n'este logar fiz antigamente alguns sermões de corte, quizera fazer hoje um sermão de deserto, «explicando aos cortezãos os bens que logram os solitários». Bem creio que será pregar em deserto; mas será pregar. Vós, Senhor, que tentado do demônio o vencestes em um deserto e applaudido dos homens fugistes d'elles para outro, sêde servido de me assistir n'este assumpto «pelos merecimentos da vossa mesma soledade, para que haja quem queira fugir de si para vós; e n'esse monte, onde estais tão só, viver só por só convosco.

Este retiro de
Christo foi
como a sobre-
mesa do
seu banquete.

II. *Fugit iterum in montem ipse solus*. Não é cousa nova em Christo Mestre divino e Senhor nosso depois de dar o mantiemento ao corpo dar tambem o seu à alma. Assim o fez na mesa do pharisen, assim nas bodas de Canâ, assim quando foi hospede de Martha; e sobre tudo na ultima ceia, em que ensinou e revelou aos discípulos os mysterios mais altos da sua divindade. A solemnes pois do famoso banquete de hoje qual cuidamos que seria? Poi o exemplo com que o Senhor fugiu dos mesmos que lhe queriam dar o que elle não queria, nem havia mister; e a doutrina não de palavra, mas de obra com que se foi meter só consigo na soledade de um monte: *Fugit in montem ipse solus*. Deixar o povoado pelo deserto, trocar as cidades pelos montes, fugir do trato e frequencia das gentes para viver com Deus e consigo; grande poncio de doutrina em Christo e grande resolução de prudencia em quem o imitar.

Bem sei que dizem os defensores das cidades, ou os enfeitiçados d'ellas, que também se pode ser ermitão em Mexico, como respondeu em nossos dias um varão de mui celebrado espirito, a quem se queria retirar d'aquelle grande cidade e lhe pedia conselho. Mas nem todos os conselhos servem para todos os casos, como nem todas as receitas para todos os infernos. Bem sei que dizem (e por modo de affronta) que o fugir é fraqueza. Como se quem foge se quizera acreditar de valente; e como se não fôra valor quebrar as cadeias de que tantos se não desatam! Catão com Cesar e Pompeo á vista dizia: Sei de quem devo fugir, mas não sei para onde. E quem sabe e tem para onde, porque se envergonhará de que lhe chamem fraco? Dizem que a natureza fez ao homem animal sociável, e que trocar a sociedade e communicação dos homens pela solidão dos desertos é querer accusar ou emendar a natureza e como arrepender-se de ser racional. «Como se fôra um crime emendar a natureza quando ella está tão corrupta, e fôra um arrependimento de ser racional apartar-se dos homens para mais se chegar a Deus e trocar a sociedade e comunicação dos homens pela sociedade e comunicação de Deus!» Dizem «também» que deixar a corte, o serviço dos principes e a benevolencia e a graça dos amigos é falta de juizo e rematada loucura. Assim o digo, porque assim lho ouvi dizer. Mas a esta censura, que mais pertence aos medicos que aos theologos, responderá Hippocrates.

Democrito, aquelle famoso philosopho que de tudo se ria e fez chorar a Alexandre Magno por dizer que havia mais mundos, cançado de zombar dos despropositos d'este que tão mal conhecemos, deixou a patria e todo o povoado e foi-se meter em um deserto. Correu logo fama que Democrito endoudecera; e compadecidos os seus naturaes, que eram os abderitas, mandaram rogar por uma embaixada a Hippocrates, que pelo amor que tinha e honra que fazia ás sciencias, se dignasse de querer tratar um sujeito tão notável e tão benemerito d'ellas. E que vos parece que responderia Hippocrates? Respondeu, como refere Laercio, que se a infirmitade fosse outra, elle iria logo curar a Democrito; porém que retirar-se das gentes e ir-se viver nos desertos, o que elles repulavam por doudice, mais era para invejar que para curar: porque nunca Democrito estivera mais sisudo nem tivera o juizo mais sâo, que quando fugia dos homens.

Isto é o que faziam e isto é o que ensinavam os philosophos (já que começamos por elles), e a razão ou razões que para isso tiveram dâ em varios logares Seneca, mais venturoso se os imitara. «São elas tres; e porque mostram com a maior eviden-

Várias replicas
ao documento
do retiro.
Dicto de Greg.
Lopes.

Auctoridade de
Hippocrates

Seneca dá
tres razões. A
primeira, o
tractar com os
homens dos
mais viciosos

cia, que basta o lume da razão natural para conhecer as vantagens da soledade, dæ-me licença que as retira com alguma extensão.» Escreve a seu amigo e discípulo Lucilio o qual lhe tinha perguntado, de que se havia de guardar para viver quieta e felizmente; e o primeiro documento que lhe dá é que fuja da multidão e frequencia da gente: *Quid libi citandum maxime existemem, quaeris? Turbam.* Oh quanto resumiu o grande philosopho em uma só palavra! E a razão é, diz elle, porque o tracto e conversação dos homens é uma especie de contagio, com que sem querer nem sentir, nos pegamos uns a outros cada um a sua doença; e assim como nos maiores lóghares se accende mais a peste, assim nas cidades mais populosas é maior o perigo. Já eu d'aqui podera inferir que, assim como no tempo da peste deixam os que podem as cidades e se retiram aos campos, assim é prudente cautele em qualquer tempo, pois todo é de peste, fugir para os desertos. Mas sigamos ao nosso philosopho e a bandeira da saude que elle nos levantou. Prova Seneca o seu documento e allega a Lucilio um exemplo não alheio senão domestico e experimentado em si mesmo. Confesso-te (diz o estoico) a minha fraqueza. Nunca sai a tractar com os homens, que não tornasse peior do que foi. Sempre se me descompoz alguma das paixões que já tinha composto; e sempre torno a trazer comigo algum dos vícios que já tinha desterrado. Cuidarás por ventura que te hei de dizer que torno só mais avarento, mais ambicioso, mais incontinentemente? Pois sabe (o que não imaginas) que também torno mais cruel e mais deshumano, só porque estive entre homens: *Ino rero et crudelior et inhumanior, quoniam inter homines fui.* Não se podera mais altamente encarecer o perigo de tractar com homens! Se dissera que nos pegavam outros achaques, miseria é do seculo tão inferno: mas pegarem os homens deshumanidade? As feras com o tracto do homem não se humanam? Assim é, ou assim era: mas tem degenerado tanto a natureza humana de seu proprio ser, que em logar de se tirar humanidade do tracto com os homens, o que se bebe d'estas fontes é deshumanidade. Erei humano antes de tractar com elles; depois que os tractasles, sem o sentir nem saber como, achais-vos deshumano: *Inhumanior quoniam inter homines fui.* Já se não contentam os homens com fazer deshumanidades; mas chegam a fazer deshumanos, que é muito peior. Fazer deshumanidades é ser cruel, fazer deshumanos é não ser homem; antes ser o contrario de homem. Se vissemos que o sol, devendo alumiar, escurécia, e que o fogo, devendo aquecer, esfriava, e que um homem em logar de gerar homens, gerava tigres e serpentes,

não seria uma horrenda monstruosidade? Pois isso é o que fazem os homens. Não só leem deshumanizado a sua, mas deshumanam a humanidade d'aqueles que os tractam. Vêde se é prudencia fugir dos homens quem quizer conservar o ser homem.

A segunda razão que dá Seneca para isto, é serem muitos aqueles de que se deve fugir. Nas facções ou parcialidades é muito natural seguir o partido dos mais: *Facile transitur ad plures*. E como a multidão dos homens toda propende para os vícios, que virtude haverá tão forte que possa resistir ao impeto e torrente de tantos? Até Socrates, até Catão, até Lelio, que entre gregos e romanos foram os atlantes da virtude, se não poderiam (*argumenta o estoico*) sustentar firmes contra o peso e bateria dos vícios, acompanhados de tão numeroso exército. E se estes, perdidas as cores da propria vida e costumes, se revestiriam das contrarias, posto que tão dissimilhantes; quanto mais os que conhecemos a fraqueza de nossa imperfeição e só temos o estudo de a enfeitar? Forçados pois da violencia do exemplo *commum* e quasi necessitados entre os homens a ser como elles, que remedio pode haver em partido tão desegual senão fugir? Assim o resolve o mesmo Seneca com um argumento muito do seu ingenho. Sendo esta a condição dos que enchem o mundo e por ventura também a dos que o mandam, que pode fazer um homem entre taes homens? Ou os ha de imitar, sendo taes, ou os ha de abhorrecer, porque são laes; e na duvida de os imitar ou abhorrecer, nem a imitação nem o odio lhe pode estar bem: porque para imitados são maus e para inimigos são muitos: *Vel similes malis, vel inimicius multis*. Logo o que convém é fugir; e queira Deus que baste.

A terceira razão e que no mesmo Seneca tinha grande logar, e o pode ter em outros, declara elle com esta queixa da sua primeira vida: Trabalhei, diz, com todas as minhas forças por me separar do numero dos muitos e por fazer alguma obra notável, a qual me servisse de dote para o credito e estimação do mundo. E que tirei d'este meu trabalho? O que tirei foi provocar contra mim e expôr o peito ás lanças e dar materia á malevolencia em que empregasse os dentes e tivesse que morder; e porque? Dá a razão aponctando-a com o dedo. Vés tu estes que louvam a eloquencia, que seguem a cubica, que adulam a graça, que adoram a potencia? Pois sabe que todos ou são inimigos ou o podem ser, que vale o mesmo. Quão grande é o povo dos que te admiram, tão grande é o numero dos que te invejam. A admiração estará por algum tempo suspensa e muda, como costuma: mas a inveja reconcentrada rebentará com mais força como de mina; e o que foram aplausos serão estragos.

A segunda, por
que é difícil
resistir
à multidão.

A terceira,
porque seremos
perseguidos
da inveja.

Antes nos tenham inveja que compaixão, sentença foi nascida na gentilidade, que depois fez christã S. Gregorio Nazianzeno. Mas no mesmo Nazianzeno mostrou a experencia «até onde pode chegar a inveja»; porque a de seus emulos o perseguiu de tal modo (ou tão sem modo) que, obrigado a se lançar ao mar como Jonas, a mesma inveja lhe veio a ter compaixão. Em quanto ella não chega a se despistar assim, não descança. Por isso Seneca conclui, que arrependido do primeiro instituto da sua vida e de se ter mostrado ao mundo, tomara por ultimo conselho recolher-se consigo dentro em si mesmo, e cultivar a propria alma com taes exercícios que elle só os podesse sentir e nenhum homem os podesse ver.

Saber viver só
comigo é
argumento da
sabedoria.

Estas, «senhores», foram as razões, por que se retiravam aos desertos e fugiam da communicação dos homens aquelles grandes philosophos: um dos quaes, perguntado que fructo tinha colhido de todos seus estudos, respondeu: Saber viver só comigo. O primeiro argumento não de se ter alienado o juizo, como ao principio se dizia, mas de estar muito em seu lugar e bem composto, é saber um homem morar consigo: *Secum morari*: assim o disse o mesmo Seneca. Mas passemos da philosophia á christandade, e dos documentos da razão sem fé aos da fé e razão, que são os dos sanctos.

Documentos de
christãos.
Retiro de Arse-
nio mestre de
Arcadio.

III. Arsenio, aquelle insigne varão em todos os estados, pedido pelo imperador Theodosio e nomeado pelo papa S. Damaso para mestre de Arcadio já declarado successor do imperio, era tão estimado do mesmo imperador que entrando uma vez a ouvir dar lição a seu filho e vendo que Arsenio estava em pé e Arcadio assentado, reprehendeu a ambos d'aquelle que elles não tinham por indecencia; e mandou que d'alli por deante Arsenio ensinasse assentado e Arcadio ouvisse em pé e com a cabeça descoberta. Com este credito e favor de um tão grande monarca e com o aplauso de todo o paço e corte, que por lisonja ou reverencia sempre seguem ou mostram seguir o afeto dos principes, vivia comtudo inquieto e descontente Arsenio, não se fiando nem do que era, nem do que lhe prometia aquella fortuna. Duvidoso pois da resolução que devia tomar, não pediu conselho aos amigos de maior auctoridade e mais fiéis, nem menos se quiz aconselhar consigo; mas recorrendo a Deus que só é o norte seguro nas bonanças ou tempestades de um mar tão incerto, ouviu uma voz do céu que lhe dizia: Arsenio foge dos homens e salvar-te-hás. Com este aviso, que não era necessário ser em voz para se intender, sem pedir licença ao imperador (porque sabia que lha não havia de dar) se embarcou occultamente Arsenio de Constantinopla para o

Egypto; e mettendo-se pelo mais interior do deserto, ali escolheu para perpetua morada uma cova; na qual, porque se soube enterrar em vida, tanto verificou o oráculo do céu em se salvar, como o tinha obedecido em fugir dos homens.

Oh se tomassemos este aviso, como feito a todos, e se intendesse cada um que falia com elle! Quando Christo disse a Martha: *Mariam optimam partem elegit*: quando disse ao outro moço rico: *Vende quae habes et da pauperibus*: quando disse ao que tinha sarado na piscina: *Jam noli peccare*; as palavras eram dictas a um só, mas o documento fallava com todos. Tire cada um o nome de Arsenio e ponha no mesmo lugar o seu; e desengane-se que no deserto e no povoado, quem de coração se quer salvar hade fugir dos homens. Assim o fez elle constantemente e vede como.

Tanto que se soube que Arsenio era passado a África, informados do lugar onde se tinha recolhido, vieram logo a visitar-o Theophilo bispo de Alexandria e o presidente d'aquella real cidade; e como Arsenio os recebesse, não com as cortezias que tinha deixado no paço, mas com as que são proprias do deserto, modestia e silencio; rogaram-lhe os hospedes que os não quizesse despedir tão secamente, e ao menos lhes dissesse algumas palavras de edificação, com que tornassem consolados. E que responderia Arsenio? Respondeu que assim o faria, se ambos tambem lho promlettessem de fazer o que elle lhes dissesse. Aceitaram facilmente a condição e o que disse Arsenio, como refere Metaphrastes, foram estas palavras: Se ouvirdes dizer onde está Arsenio, o que baveis de observar é que não torneis mais ao lugar onde elle estiver. Este foi o sermão que fez áquelles tão auctorizados ouvintes, com o qual elles se partiram tão editicados, como compungidos: e como prudentes que eram e verdadeiros amigos que tinham sido de Arsenio, de tal sorte cumpriram o que tinham promettido e se conformaram com a sua resolução, que nem esperaram d'ella outra correspondencia, nem inquietaram mais o seu silencio.

Viviam no mesmo deserto, não juntos mas apartados cada um na sua cova ou choupana, outros anachoretas; e com estes fallava algumas vezes Arsenio ouvindo-os como mestres da disciplina monacal e vida eremítica. E como um dos mais anciãos lhe perguntasse qual sôra o motivo d'aquella sua retirada tão extraña, a resposta que deu foi esta: Que o motivo que tivera para fugir do mundo, sôra ter experimentado no mesmo mundo, que viver juntamente com os homens e mais com Deus não é possivel. E declarando a razão d'esta impossibilidade, dizia que era, porque as vontades dos homens raramente se

*o seu exemplo
é para todos.*

Luc. 10.

Math. 19.

Joan. 5.

*Arsenio recebeu
visitas de
grandes perso-
nagens.*

*Diz que não é
possível viver
juntamente
com os homens
e mais
com Deus.*

ajustam com a vontade de Deus; e porque sendo a vontade de Deus uma só e sempre a mesma, as dos homens pelo contrario são tantas tão diversas e tão encontradas, quantos são os mesmos homens e seus interesses e appetites; e porque ainda no mesmo homem não dura muito a mesma vontade por ser inconstante e varia. Assim provava e concluia a sua razão Arsenio; e d'esta demonstração infallivel se tira uma de tres conclusões igualmente certas: ou que os que cuidam que vivem com Deus e com os homens, se enganam: ou que os que vivem com Deus e com os homens, não vivem com Deus: ou que quem quizer viver com Deus, ha de deixar os homens.

Nem o mesmo
Deus concorda as vontades dos homens
com a sua, como poderá um homem, por mais que faça ou se desfaça, concordar as vontades dos homens com a de Deus? De David disse Deus que tinha achado um homem conforme seu coração, o qual faria todas as suas vontades: *Inveni David, trirum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas.*

Act. 13.

E com ser este homem singular entre todos os homens e este rei a excepção de todos os reis, quando elle mandou tirar a vida a Urias, quando o fez portador de sua propria morte em uma carta aleivosa, e quando no primeiro acto d'esta tragedia lhe mandou roubar a mulher de casa, sem se lembrar que o mesmo Urias o estava servindo na campanha com tanto valor e lealdade; haveria algum adulador tão sabio ou tão sem pejo que pudesse concordar estas vontades com a de Deus? Mal podiam logo caber similhantes concordatas em um animo tão amigo da verdade, tão recto, tão intiero e tão constante como o de Arsenio. As experiencias a que elle se referia, eram as de Roma e Constantinopla, as duas maiores cidades do mundo; das quaes costumava dizer que os tres mais fortes inimigos que n'ellas lhe faziam guerra, um se chamava ver, outro ouvir, outro fallar; e que de todos estes o livrara o deserto, onde se não vê, nem ouve, nem falla. E em um mundo, onde se vêem tantas coisas que se não podem ver, e se ouvem as que se não podem ouvir, e se fallam e são falladas as que se não podem dizer, como pôde viver um homem que não for cego, surdo, nem mudo, senão fugindo dos homens?

Exemplo de
Santio António.

Assim o tinha já entendido quasi um seculo antes de Arsenio o primeiro fundador depois de Paulo e o segundo habitador d'aquelle mesmo deserto. Movido o imperador Constantino Magno da fama de Antonio, tambem por antonomasia o Magno (que só os grandes homens sabem estimar e não descontiam de ter junclo a si os grandes), mandou-lhe rogar ao Egypto que se quizesse passar a Roma, porque o queria ter consigo

e ajudar-se de seu conselho e exemplos. Porém o sancio anachoreta que estimava mais as faias e ciprestes de seu ermo que os palacios e torres da cabeça do mundo, dando as graças á majestade cesárea da mercé e honra que lhe desejava fazer, se escusou de a receher com os termos geraes de religião e modestia, como convinha ao retiro da sua profissão e humildade do seu estado. Esta foi a resposta publica. Mas em particular e privadamente aos seus deu Antonio outra razão de não aceitar, tão emphatica e discreta, que mais parece de algum politico da mesma Roma, que de um ermitão da Thebaida; e foi esta: Se eu fór ao imperador, serei Antonio; se não fór, serei Antonio o Abhade. Até nos desertos ha razão de estado. Pesou o grande varão na balança da propria conveniencia o que perdia com o que ganhava, e o que era com o que havia de ser: pesou a Antonio no paço com Antonio no deserto; e porque no paço *inventus est minus habens*, quiz antes ser no deserto Antonio abhade, que no paço só Antonio sem este sobrenome.

Mas dae-me licença, politico sancto; que nem como sancto, nem como politico, me parece bem fundada a vossa resolução. Se chamado do imperador não ides por não deixar de ser Antonio abhade, ide e sereis muito mais. Se não fordes Antonio abhade, sereis Antonio bispo, sereis Antonio arcebispo, sereis Antonio presidente, sereis Antonio conselheiro de estado, sobretudo sereis Antonio o valido, que sem nome é a maior dignidade e sem jurisdição o maior poder: emlim sereis «juncto de» Constantino o que foi José «juncto de» Pharaó e o que foi Daniel «juncto de» Nabuco: elle terá o nome de imperador e vós o imperio da monarchia. E se acaso, como politico do deserto vos não movem estas ambições cá do mundo; ao menos, como sancto, deveis lançar mão de uma occasião de serviço e gloria de Deus, tão grande e tão opportuna, como o imperador e o tempo vos offerecem. Ainda Roma não está de todo sujeita a Christo: ainda no capitolio é invocado e adorado Jupiter: ainda o anno acaba e começa com as festas e duas caras do Jano: ainda no redondo pantheon se ouvem os nomes e se vêem em pé as estatutas de todos os falsos deuses. Se até agora servistes a Deus no deserto com o silencio, tempo é já de o servir também com a voz. Ide a Roma, prégae, confundi, convertei; e se o zelo de Constantino começa a edificar templos, acabe o vosso de derribar os idolos. Lembrae-vos que viu Esdras sair dos bosques um leão o qual só com o bramido de sua voz derribava uma aguia que tinha usurpado a potencia do mundo. E pôs esta aguia é a romana, sede vós o leão africano, que saindo

*Cornelius in
a. 3 Eccl.*

Nao se deixou
mover por
motivos nem de
honra
nem de zelo.

Edu. 4

das brenhas d'esse deserto lhe tireis o sceptro das mãos e o passeis ás de Christo. Pois se Antonio tinha tantas razões humanas e divinas de deixar o deserto e vir á Roma, porque se escusa, porque não vem?

Tese modo de
perder o
espírito religio-
so e não ga-
nhar a conser-
vão dos
peccadores.

É certo que não recusou a jornada o grande Antonio «senão» porque temeu vir meter-se outra vez entre os homens, quem, tantos annos havia, tinha fugido d'elles. Por isso diz que se viesse, tornaria a ser o Antonio que d'antes tinha sido e não o abbade Antonio que ao presente era. O que temia perder não era o nome da dignidade, senão o espírito da profissão. A profissão dos anachoretas era viver longe da communicação dos homens; e isto é o que significa o mesmo nome, como escreveu S. Jeronymo que visitou pessoalmente aquelles desertos. E se a profissão de Antonio era viver longe dos homens, como podia conservar-se na sua profissão, nem conservava na sua inféreza, se se viesse meter não só na mais populosa cidadel, mas na mesma cabeça do mundo, onde concorriam todas as gentes d'elle? Se Ambrosio com o seu exemplo de fugir dos homens tinha povoados os desertos, como agora os não tornaria a despovoar com o exemplo de tornar para elles? A mesma razão porque era chamado do imperador se desfazia se viesse; e só não vindo, nem deixando o seu deserto, se conservava. Bem sabia Antonio que maior opinião grangeou ao Baptista o seu deserto sem milagres, que a Christo os seus milagres no povoados. Quanto mais que se viesse á corte de Roma, muito mais era o que devia tentar, que o que podia esperar. Que fizeram a David os satrapas d'el-rei Achis, e como tractaram a Daniel os conselheiros de Nabucodonosor e de Dario? Se Constantino acaso se cansasse da austeridade de Antonio, logo os lisonjeiros de palacio haviam de seguir o mesmo dictame; e dessacreditado o pregador, que fructo podia fazer a sua doutrina? Se pelo contrario o imperador o tivesse na sua graça e essa graça fosse crescendo, que laços lhe não armaria a inveja para o derribar e destruir? Finalmente, se o mesmo Constantino era de tão inconstante condição e tão facilmente suspeitoso, que a seu sobrinho Licinio e a Crispo seu proprio filho e a sua mulher Fausta tirou a vida sem causa; que podia não receiar de tal homem qualquer outro homem? Fez muito como homem Antonio, e muito como político, e muito como sancto, em se conservar no seu deserto longe dos homens.

Não preparam
vencer aos
homens,
como vencerá
aos demônios.
Obstina-
ção de Judas.

Só resta n'esta materia um escrupulo muito bem fundado, porque se funda nas forças da graça e poderes do céu, com que o mesmo céu assistia e defendia a este grande varão. Ninguém alcançou maiores victorias do inferno, ninguém desatiou a todos

os demonios juntos e os venceu em todas as batalhas, como Antonio: os leões, os ursos, os tygres, as serpentes e os outros monstros da África não só não offendiam a Antonio, mas o obedeciam e reverenciavam. Pois se nos dentes e peçonha das feras, se no poder e astúcias dos demonios não tem que temer Antonio, porque teme e foge dos homens? Porque «os homens de que fugia Antonio» eram peiores que os demonios do «inferno, sendo» demonios com carne e sangue; eram peiores que as feras «do mato, sendo» feras com intendimento e vontade. Para reduzir demonios com carne e sangue não bastam razões, nem bastam exemplos, nem bastam milagres, nem bastam ameaças, nem bastam terrores, nem há diligencia alguma que baste. Causa admirável é que sujeitando Christo em um momento e com uma só palavra uma legião de seis mil e seiscentos demonios, como lhe sucedeu em Genezareth; a Judas com tantos benefícios, com tantos exemplos, com tantas exhortações e com tantas ameaças, o não abrandasse nem reduzisse em um anno inteiro! Assim consta da chronologia evangelical; porque, um anno antes de Judas consummar a traição, tinha o Senhor dicto d'elle: *Ex vobis unus diabolus est:* um de vós é demonio. Pois se Christo sujeitou tão facilmente a tantos mil demonios, ao demonio Judas porque o não pôde reduzir? Porque os outros demonios eram puramente espíritos, o demonio Judas era demonio com carne e sangue. E esta foi a razão porque o grande Antonio, depois de vencedor de todos os outros demonios, não se quiz tomar com demonios de carne e sangue.

E para se não tomar com feras de intendimento leve a mesma razão. Sendo assim que Deus desde o principio da criação deu logo a todas as feras as suas armas naturaes e só ao homem creou desarmado; comtudo não só no estado da innocencia, senão também depois do diluvio, disse que o homem seria o terror das feras: *Terror vester ac tremor sit super cuncta animalia terrae.* Parece que antes as feras armadas haviam de ser terror do homem e não o homem desarmado terror das feras. Porque diz logo o Auctor e Legislador da natureza que todos os animaes, por bravos e feros que sejam, temerão e tremerão do homem? Porque ao homem, ainda que desarmado, deu-lhe intendimento, e ás feras não; e mais para temer é um homem desarmado com intendimento, que qualquer fera armada sem elle. Mas se o intendimento dos homens se passasse e se unisse ás feras, ou a fereza das feras se unisse ao intendimento dos homens, estas feras com intendimento quem as poderia domar, ou quem escaparia d'ellas? Uma e outra causa advertiu excellentemente S. Lourenço Justiniano: *Deserta sunt castra Dei et refu-*

Os homens per-
versos são
feras com in-
tendimento.

Gen. 9.

Laur. Justin.
l. 17 c. 8

gia munitissima ab incursibus intellectualium bestiarum valde secura. Saheis, diz o grande Patriarca (que como pastor d'este gado o conhecia bem), sabeis o que são os homens «perversos de que abunda a sociedade?» São umas feras intellectuaes; e o unico refugio que Deus deixou ao mundo para escapar d'estas feras não é outro mais que os desertos. É verdade que esses mesmos desertos estão habitados por outras que vulgarmente se chamam feras; mas essas, ainda que sejam leões e tigres, «muitas vezes» reverenciam, como no primeiro Adão, a innocencia, e respeitam a sanctidade dos que vivem entre elles: porém das feras intellectuaes, das feras que são feras com intendimento e por isso com vontade e má vontade, não ha outro remedio seguro, senão fugir e fugir para os desertos: *Deserta sunt refugia munitissima ab incursibus intellectualium bestiarum.* Muita razão teve logo o grande Antonio, posto que dominador das feras do deserto, de não querer provar forças com as feras do povoado, nem arriscar-se a perder com as feras intellectuaes o que tinha ganhado com as feras sem intendimento; e mais em Roma, onde os homens de tal modo eram feros e intendidos, que por jogo e recreação lançavam os homens ás feras.

Intendeu que a conversão de Roma para otra para outro tempo Tertio notável de Amón, c. 5.

Mas aqui replicará alguém ou replicarão todos, e com maior fundamento, que por isso mesmo devia Antonio vir a Roma. Venha como pedra de David á cabeça do mundo e da idolatria; pregue livremente a fé de uma só divindade; confute a falsidate dos que ainda são chamados deuses immortaes; e se por esta causa o lançarem aos leões dos amphitheatros, deixe-se comer vivo, e será o segundo Ignacio: ou se os leões o respeitarem, como costumam, deixe-se cortar a cabeça, e será o segundo Baptista. Confesso que esta ultima instancia parece que tem dificultosa saida. Mas assim como foi prudencia em Constantino dissimular por então e não conquistar a idolatria com as armas, assim foi prudencia em Antonio não a impugnar com a pregação. É doutrina expressa de Deus pelo propheta Amós; a qual, como servia para aquelles tempos, pode tambem servir para outros: *Odio habuerunt corripiente in porta, et loquentem perfecte abominati sunt: ideo prudens in tempore illo tacebit, quia tempus malum est.* Chegou a corrupção dos costumes a tal estado (diz o propheta) que os poderosos tem odio a quem reprehende suas injustiças e abominam a quem lhes fala verdade; e nos taes casos o que deve fazer o prudente pregador é calar; porque, ainda que a doutrina seja bôa, o tempo é mau: *Prudens in tempore illo tacebit, quia tempus malum est.* Prudentemente fez logo o grande Antonio em anteponer o silencio do seu

deserto à pregação da cabeça do mundo: porque no mundo não podia colher fructo para os outros e no deserto podia fructificar para si. Em sum fez Antonio então como Christo hoje, que podende pregar ás turbas, fugiu d'ellas: *Fugit.*

IV. *Fugit in montem.* Diz o evangelista que fugiu o Senhor para o monte, e não diz qual fosse o monte para que fugiu. Mas até o fugir para monte sem nome é circunstância que acredita o fugir. Fugiu como quem buscava o retiro e não a fama; fugiu como quem queria que não soubessem d'elle, nem onde estava. Assim sepultou Deus a Moysés sem se saber jámais aonde; e assim se deve enterrar e esconder quem toma o deserto por sepultura. E porque o nome de sepultura não faça horror aos vivos, nem os echos do deserto aos que não sabem viver sós; ainda leve maior mysterio o evangelista em não dizer o nome do monte. Tinha dicto que era deserto e por isso lhe calou o nome proprio: porque todas as prerrogativas que fizeram celebrados os montes de grande nome se encerram n'este nome *deserto*. Ora vamos vendo estas mesmas prerrogativas de monte em monte e de deserto em deserto, para que lhe percamos o medo.

Appareceu Deus a Moysés no deserto de Madian para que fosse libertado o povo do captiveiro do Egypto; e porque elle difficultava a empreza, o signal com que o Senhor o assegurou do successo d'ella, foi que n'aquelle mesmo monte lhe faria sacrificio em acção de graças. Este monte era o monte Horeb sito no mais interior d'aquelle deserto. E que quer dizer Horeb? Horeb em hebreu é o mesmo que deserto; e n'este monte que tinha por nome deserto e se levantava no mais interior do deserto, aqui é que os filhos de Israel deram as primeiras graças a Deus de se verem livres do captiveiro do Egypto: porque a primeira prerrogativa de que gozam os que habitam o deserto é livrarem-se do captiveiro do povoado.

Ouví um logar admiravel em confirmação d'esta figura. O psalmo septenta tem este titulo: Psalmo de David, o qual cantaram os filhos de Jonadab que foram os primeiros captivos: *Psalmus David, filiorum Jonadab et priorum captivorum.* Os filhos de Jonadab, por outro nome, os Rechabitas eram uns como monges ou anachoretas da lei velha, os quaes viviam solitarios nos ermos de Jerusalem. E o captiveiro, de que fala a Escritura, é aquelle com que, sitiada a mesma Jerusalem e conquistada pelos exercitos dos chaldeus, todos os hebreus que então estavam, foram levados captivos a Babylonica. Isto suposto, entra agora a duvida: porque razão os filhos de Jonadab que eram aqueles habitadores do ermo se chamam os primeiros captivos?

Christofugio de
maneira que
não podessem
saber
onde se tinha
recolhido.

O deserto e
o monte Horeb.

E os Rechabi-
tas no Ps. 70
commen-
tado por S. Jero-
nimo.

Porventura foram os primeiros captivos, porque quando chegaram os exercitos dos chaldeus, como elles estavam retirados no deserto, foram os primeiros que vieram ás mãos dos inimigos? Não: porque os que governavam e defendiam a cidade de Jerusalém, tanto que tiveram novas do exercito dos chaldeus, a primeira diligencia que fizeram, foi obrigar aos mesmos eremitas que todos se retirassem dos seus desertos e se viesssem meter na cidade. Pois se, rendida a mesma cidade e com ella todo o reino, o captiveiro foi um só e commum a todos e todos juntamente foram levados a Babylonia; como diz a Escritura que estes habitadores do deserto foram os primeiros captivos? Dá a razão ou distincção S. Jeronymo, digna verdadeiramente da sua erudição e juizo. A razão (diz o doutor Maximo), porque n'aquelle captiveiro e transmigração geral os filhos de Jonadab se chamam os primeiros captivos, não foi porque os chaldeus os captivassem a elles primeiro que aos demais: mas porque sendo habitadores do deserto, os mesmos hebreus os obrigaram a se vir meter na cidade; e virem-se meter na cidade homens que eram costumados a viver nos desertos, este é o que para elles foi o primeiro captiveiro: porque nos desertos se tinham por livres e no povoado por captivos. Os outros foram captivos, quando de Jerusalém os levaram para Babylonia: mas elles quando do seu deserto os trouxeram para Jerusalém, então começaram a padecer a sua Babylonia e o seu captiveiro. *Filii Jonadab... primi captivitatem sustinuisse dicuntur, quod post solitudinis libertatem urbe quasi carcere sunt reclusi.* Falhou S. Jeronymo como quem tão experimentado tinha a quietação do deserto e as perlurbanções do povoado. Tinha gastado a vida alternadamente já em Roma e nas cidades da Grecia, já nos desertos da Thebaida e da Palestina; e assim escrevendo a Rustico dizia: *Mhi oppidum carcer est, solitudo paradyssus:* para mim o povoado é carcere e o deserto paraíso. Livrar-se pois de tal carcere, de tal Babylonia e de tal captiveiro, esta é, como dizia, a primeira prerrogativa dos que se deliberam a deixar o povoado e fugir com Christo ao monte; onde por isso, como Moysés, lhe devem offerecer sacrifícios e dar infinitas graças.

O deserto e
o monte Sinai.

Do monte Horeb passemos ao monte Sinai, ambos desertos e ambos no deserto. Causa notável e muito digna de reparar é que, havendo Deus de escrever e dar lei aos homens, escolhesse para isso um monte no meio de um deserto, qual foi o monte Sinai nos desertos da Arabia. As leis não se fizeram para os desertos, sendo para o povoado e para as cidades. As partes de que se compunha a mesma lei, todas se ordenam a povo,

a cidade, a congregação de homens. Porque na parte moral o segundo preceito da primeira lábua e os septe da segunda, todos estão fundados na justiça e caridade do proximo, sem lesão nem offensa do tracto humano: a parte ceremonial que pertencia ao culto divino expiações e sacrifícios, tambem tinha todo o seu exercicio não fóra, senão dentro da cidade: porque o templo era um só e na cidade de Jerusalém, e a elle havia de concorrer todo o povo tres vezes no anno: finalmente a parte civil e forense no mesmo nome está dizendo cidade, comunidade, republica, tribunaes, juizes, partes. Pois se as leis se fizeram para os povos, porque as dá Deus no despovoado? Se para as cidades e republicas, porque as dá em um monte e no meio de um deserto? Porque «fóra dos montes e dos desertos, difficilmente se acham» homens capazes de receber em suas almas como convém os preceitos e dictames da sabedoria divina. Para receber e perceber a sanctidate e espirito das leis divinas é necessario que os animos estejam puros e sem mistura nem mancha dos affectos e cuidados terrenos, que os descompõem e alteram; e esta pureza, tranquillidade e serenidade do animo não a pode haver entre a perturbação e tumulto dos povos e labirinto das cidades, senão no retiro dos montes e na quietação e silencio dos desertos. As leis de Deus são as regras da vida, os espelhos da alma e as balanças da consciencia; e no meio dos embaraços, encontros e batalhas continuas do povoado, as regras perdem a rectidão, os espelhos a pureza, as balanças a egualdade; e tudo se descompõe e perturba: com que não é possível, diz Philo, que nem o que Deus manda se perceba, nem o que mal se percebe se guarda. «Eu bem sei que nunca faltaram nem faltam os que no meio das perturbações do seculo vencem com a graça de Deus esta impossibilidade e observam fielmente a sua lei. Mas estes quantos são e quaes? Os pouquissimos que, como Moysés, quer ás fraidas do Horeb, quer sobre o Sinai, tractando só por só com Deus, no povoado saem achar o deserto».

Mas porque não pareça que só na lei antiga nos deu Deus este documento, venhamos á lei nova. Publicou Christo, Senhor e Reparador nosso, a lei nova e mais propriamente sua; e onde a publicou? Também em um deserto e em um monte: *Ascendit in montem et cum sedisset accesserunt ad eum discipuli ejus, et aperiens os suum docebat eos.* Era este monte na sentença commun de todos os padres, o monte Thabor, alto sobre as campinas de Galilea trinta estádios e distante da corte de Jerusalém quarenta leguas como descreve Egesippo; e n'este monte por todas as partes deserto assentou o Mestre Divino a sua cadeira: *Cum*

Também a nova lei foi publicada em um deserto.

Matth. 5.

sedisset; aqui ajuntou seus discípulos: Accesserunt ad eum discipuli ejus; e aqui lhes começou a ler as primeiras lições de sua celestial doutrina: Et aperiens os sicum docebat eos. Bem podera o Senhor escolher outro logar no povoado, e ainda outro monte (como o de Sion no meio de Jerusalém), para assentar n'ella a sua eschola: mas elegeu este tão distante da mesma cidade e tão apartado do mundo, para nos ensinar com o primeiro exemplo que a eschola da sabedoria do céu é a vida solitaria e do deserto.

Textos de
S. Pedro Damião
e S. Bernardo.

Assim o diz S. Pedro Damião, aquelle que pelo deserto troueu a Roma e pelo sajal a purpura: *Solitaria vita coelestis doctrinae schola est et dirinariam artium disciplina: illic enim Deus est totum quod discitur.* A vida solitaria é a eschola da doutrina do céu e as artes que n'ella se professam todas são divinas, porque todo o que alli se apprende é Deus: *Illic enim Deus est totum quod discitur.* Oh quem levantara uma d'estas cadeiras sem emulação nem oposição em todas as universidades do mundo! Aqui se graduaram os já nomeados Antonios e Arsenios, aqui os Paulos, os Hilariões, os Pacomios e todos aquelles doutissimos idiotas laureados na eternidade, que, ou de ignorantes se fizeram sabios, ou de sabios ignorantes por Christo. Os livros por que estudavam sem especulação, e mais com o esquecimento que com a memoria, são aquelles tão approvados por S. Bernardo e tão alheios de toda a inveja como de toda a censura. Escrevia S. Bernardo a um desejoso de saber, a quem elle desejava fazer mais sabio; e diz assim: *Experto crede, aliquid amplius invenies in silvis quam in libris:* crâde-me como a experimentado, que mais haveis de apprender nos bosques que nos livros. Que arvore ha em um bosque, ou mais alta ou mais humilde, que não cresça sempre para o céu? E se tanto anhelam ao céu as que tem raizes na terra: que devem fazer as que não tem raizes? As do povoado e cultivadas, dependem da industria dos homens; as do deserto e sem cultura, dependem só do céu e de Deus; e nem por isso crescem ou duram menos. As que despe o hiverno ensinam a esperar pelo verão, e as que veste e enriquece o verão, a não fiar da presente fortuna, porque lhe hade succeder o bioverno. As que se dobram ao vento, ensinam a conservação propria; e as que antes querem quebrar que torcer, a rectidão e a constancia. Emfim cada arvore é um livro, cada folha uma lição, cada flor um desengano e cada fructo tres fructos: os verdes ainda não são, os maduros duram pouco e os passados já foram. Esta é a eschola muda do deserto, em que S. Bernardo estudou no seu valle; e esta a que Christo assentou no mesmo monte, onde disse a voz do

céu: *Ipsum audite.* Mas deixemos o Thabor e pare o nosso discurso no Olivele.

O monte Olivele, desabitado de homens e povoado só das arvores que lhe deram o nome, foi o logar deserto d'onde Christo, e por onde, subiu ao céu, mostrando-nos com sua subida que o caminho mais direito e estrada mais segura para nós tambem subirmos é o deserto. Duas vezes viram os anjos subir para o céu a alma sancta: mas d'onde e por onde subia? Uma e outra cousa é bem notavel. A primeira vez viram que subia pelo deserto: *Quae est ista quae ascendit per desertum;* e a segunda vez que subia do deserto: *Quae est ista quae ascendit de deserto.* Quem sobe, aparta-se de um logar e sobe por outro. Pois se esta alma subia do deserto para o céu, *ascendit de deserto;* como subia pelo deserto, *per desertum?* O deserto era o logar d'onde subia, e o deserto tambem o logar por onde subia? Sim: porque isso é ser deserto o monte Olivele. Christo com sua ascensão primeiro subiu pelo monte acima e depois subiu do monte; e este é o modo com que tambem se sobe do deserto. Por isso os anjos primeiro viram que a alma subia pelo deserto e depois viram que subia do deserto. De sorte que o deserto é o d'onde e o por onde se sobe ao céu.

E se eu disser que não só é o d'onde e o por onde, senão tambem o para onde, não direi cousa nova, posto que grande. Disse o mesmo Christo em uma parábola que a certo pastor o qual guardava cem ovelhas, se lhe perdera uma, e que para achar esta ovelha perdida deixou as noventa e nove no deserto: *Nonne dimittit nonaginta novem in deserto?* O pastor é Christo, a ovelha perdida o homem, as noventa e nove os nove còros dos anjos e o deserto o céu. Mas se esse mesmo céu o deixou o Senhor povoado com tantas jerarchias e tantos còros de anjos, como lhe chama deserto? Porque fallava por comparação ás cousas da terra; e na terra não ha cousa que se pareça «tanto» com o céu e mereça «tanto» o nome de céu «como» o deserto. Logo o deserto é o d'onde, o deserto o por onde e o deserto o para onde sobe quem sobe ao céu.

E para que este encarecimento da summa verdade ajunclemos outro ainda maior, digo que se depois de um benventurado subir ao céu, lhe fôra licito descer de lá, por nenhum outro logar trocárá o céu senão por um deserto. O estado do céu excede á vida do deserto em lá se gozar a Deus com maior claridade: mas o deserto excede ao céu em cá se gozar a Deus com o merecimento que lá não tem logar, e por isso sem agravo antes com lisonja do amor de Deus se pode trocar o céu por um deserto. E como estas prerrogativas do deserto excedem

O deserto e o
monte Olivele.

Cant. 3.
Bld. 8.

O deserto é o
logar d'onde,
por onde e para
onde se sobe
ao céu. Pa-
rabola das no-
ventas e nove
ovelhas
deixadas no de-
serto
Lxx. 45.

Os benven-
tados
se podessem
trocáram o céu
pelo deserto.

ás do monte Horeb, ás do monte Sinaí e ás do monte Thabor e do mesmo monte Olivele; grande razão teve o evangelista em calar o nome proprio do monte onde o Senhor se retirou; e por isso tendo já declarado que era deserto, se contentou com lhe chamar monte: *In montem.*

Quem está só
com Deus
não tem os pe-
rigos da so-
ledade. Exem-
plo de Chri-
sto e testem.
S. João
Chrysostomo e
S. Bernardo.
Eccles. L.

Joan. 16.

V. *Ipse solus.* Esta é a ultima clausula que só resta do nosso texto e peza-me de chegarmos a ella tão tarde. Retirou-se o Senhor ou fugiu para o monte, e retirou-se elle só: *Ipse solus.* N'esta palavra estão recopilados ou seiamente pintados todos os horrores e medos da soledade. E quantos d'estes medrosos, cobrindo o mesmo medo com apparencias de discretos, estarão allegando com Salomão e dizendo com elle: *Vae soli:* ai do só. «Mas», na soledade tomada por Deus «o homem» nunca está só. Está só, assim como Christo esteve só quando hoje se retirou ao monte: *Ipse solus.* Prophetizando o mesmo Senhor aos discípulos que todos haviam de fugir e o haviam de deixar disse-lhes assim: *Venit hora ut me solum relinquatis, sed non sum solum:* virá hora em que todos me haveis de deixar só, mas eu nunca estou só. E porque razão quando todos deixaram a Christo só, não está Christo só? Porque como Christo é Deus e homem juntamente, nem em quanto Deus está só, porque está com o homem, nem em quanto homem está só, porque está com Deus; e isto que faz em Christo a união da pessoa, «proporcionadamente» faz na soledade a união do logar. O «homem» na soledade nunca está só, porque Deus está com elle e elle com Deus. Profundamente S. João Chrysostomo. Sendo este fadidíssimo varão o mais eloquente de quantos escreveram e tendo composto um livro inteiro em louvor da soledade, conclui o seu discurso com esta protestação: Confesso, ó soledade bendicta, que eu e tudo quanto tenho dicto é muito desegual a teu merecimento e muito inferior a teus louvores: mas uma só cousa sei de ti, a qual affirmo constantemente. E que cousa é ou será esta? O que affirmo indubitavelmente, diz Chrysostomo, é que todo aquelle que te habitar, ó soledade, será juntamente habitador e mais habitado: habitador porque habitará em ti; e habitado, porque habitará n'elle Deus. E como Deus habita no solitário, porque o solitário habita na soledade, d'aqui se segue que o mesmo solitário, nunca está, nem pode estar só: porque mais é morar Deus n'elle, que morar elle «com todos os homens». Por isso dizia S. Bernardo: *Nunquam minus solus, quam cum solus:* nunca estou menos só, que quando estou só: porque quando não estou só, estou com os homens; e quando estou só, estou com Deus. E é demonstração evidente que quem está com Deus, está menos só, que quem está com os homens: por-

que a companhia dos homens, ainda que sejam muitos, é limitada; a companhia de Deus, ainda que seja um só, é imensa.

Oh se acabassem de intender os homens quanto perdem de si e de tudo em não saberem estar sós com Deus e consigo! Em quanto Adão esteve só, conservou-se no paraíso, na graça de Deus e na monarquia do mundo: depois que esteve acompanhado, perdeu o paraíso, perdeu a graça, perdeu o imperio, perdeu-se a si, perdeu-nos a nós, perdeu tudo. E esta diferença de Adão não só a não notou algum ermitão ou anachoreta do deserto, senão um cortezão de Paris, o grande cancellario Gerson: *Adam tandem salvus mansit, quandiu solus.* Só saiu Jacob da casa de seus paes; e gloriava-se elle depois, que, lendo passado o Jordão só com a companhia do seu cajado, quando da volta que fez para a patria o tornou a passar, era tão acrescentado de familia, que os filhos, creados, carros, cavallos e grossos rebanhos formavam duas grandes esquadras. Para bem vos sejam, Jacob, todas essas boas fortunas e todos esses grandes augmentos de casa e fazenda. Mas fazei-me graça de ajudar com essa tão notável diferença, outra em que vós não reparais, e eu sim. Quando vistes só, vistes a escada; mas agora, quando ides tão acompanhado, não a vistes. Quando vos fazem corpo de guarda estes douos esquadrões, não ides seguro dos temores de Esau: mas quando jazieis só com uma pedra por cabeceira, Deus e os anjos vos guardavam o sonno. Só para os sós falta a terra; mas só para os sós se abre o céu. Só estava Abrahão e só Moysés, quando lhes appareceu Deus. Só estava Iosué, só Gedeão e só Elias, quando lhes accudiram os anjos. Só estava Isaias, quando viu o throno da majestade divina cercado de seraphins; e só Ezequiel, quando viu o carro triumphal de suas glórias. Só tambem S. Pedro, quando lhe foi mostrado em um painel todo o mundo gentilico convertido, que descia e se tornava a recolher ao céu; e só finalmente João o amado, quando se lhe abriram os septe sigilos do seu Apocalypse, e os misterios sacratissimos de todos os tempos futuros lhe foram só a elle revelados.

E porque não pareça que ponho a felicidade da solidão em revelações interiores occultas aos sentidos humanos; outras visões tem os solitarios manifestas e que todos vêem, sendo elles porém mais ditosos que todos, porque as vêem de longe e em lugar seguro. N'esta mesma occasião em que Christo Senhor nosso se retirou do monte, os discipulos, que se tinham embarcado padeceram uma terrivel tempestade; na qual, já desconfiados de remedio, faltou pouco que o mar os não comesse; e no mesmo tempo nota o evangelista, que o Senhor estava só

*Observação de
Gerson acerca
de Adão,
quando estava
só. Outros
exemplos
da Escritura.*

*Tranquili-
dade dos soli-
tarios é
preferencia dos
sociares.
Texto
de S. Cipriano*

Marc. 6.

em terra: *Et ipse solus in terra*. O mesmo sucede a quem vive só no seu deserto. Os outros que andam no mar d'este mundo luctam com os ventos e com as ondas: uns se perdem e se afogam, outros se salvam mal a nado, e todos correm fortuna: e o só vê tudo isto de longe, porque está em terra *Et ipse solus in terra*. Arde o mundo em guerras: uns vencem, outros são vencidos, combatem-se cidades, conquistam-se reinos, morrem os homens a milhares; e o só, se lá lhe chegam os echos, tudo isto ouve sem temer, porque a sua paz é segura: *Et ipse solus in terra*. Volta-se o mesmo mundo em perpetua roda; a uns derriba, a outros levanta: uns crescem até às nuvens, outros descem até os abyssmos; e o só, que está fora da jurisdição da fortuna, nem á prospera tem inveja, nem da adversa tem medo; porque o seu estado é incapaz de mudança: *Et ipse solus in terra*. Por isso disse altamente Cipriano: *Una placita et fida tranquillitas, una sola et perpetua securitas est, si quis ab inquietantibus sacculi turbibibus extractus, Deo suo mente proximus, quidquid apud caeteros in rebus humanis sublime et magnum videtur, intra suam facere conscientiam gloriatur*. N'esta vida, diz o Sancto, não ha mais que uma só tranquilidade fiel e uma só segurança perpetua; e esta só a goza aquelle que apartado das perturbações do mundo sempre inquieto, e unido só a Deus; quando olha para as cousas que os outros estimam e temem por grandes, elle as vê todas abaixo de si; e como todas lhe ficam abaixas, nenhuma o altera, nem lhe dá cuidado.

A solidão logo
dos encalhados
de Deus.
retrato do

E para reduzir a breve compendio tudo o que os outros santos disseram das excellencias da solidão e felicidade sem egual dos que a habitam: os que habitam a solidão são aqueles a quem Deus escolheu de entre os outros homens e os chamou e levou consigo a viver sós nos desertos, não porque elles não fossem dignos de ilustrar o mundo; mas, como diz o Espírito Sancto, porque o mundo não era digno de os ter a elles: *In soliditudinibus errantes, quibus dignus non erat mundus*. E a solidão é aquella que, não tendo similhante na terra, só a tem na bemaventurança do céu; sendo tão parecidas reciprocamente uma com outra, que a solidão só se pode retratar pela bemaventurança como por seu original; e a bemaventurança só se pode ver na solidão como em seu espelho. E assim acabo com aquella famosa exclamação, que todos quizera levasseis na memoria. *O beata solitudo! O sola beatitudo!*

Este discurso
não é inappro-
priado para a
corte.

VI. Tenho dado sim ao meu discurso, largo para o tempo, mas breve e diminuto para o merecimento da causa. Veja porém que não faltaria em todo elle quem extrahisse a matéria, como imprópria do logar e do auditorio e mais accommo-

dada para os desertos do Bussaco ou para as serras da Arrabida, que para a capella real e corte de Lisboa. Assim julgam os que sabem pouco do mundo, do christianismo e das historias: como se não fossem as cortes catholicas em todas as edades as que mais illustremente povoaram os ermos; e por isso com melhores e mais qualificados exemplos. No baixo (ou no alto) d'esse pavimento e no mais alto de umas e outras tribunas, estou eu vendo muitas almas, livres ainda d'aquellas cadeias, que se não podem quebrar, as quaes se trocassem a vaidade pela verdade, a corte pelo deserto, o paço pela clausura, as galas pelo cilicio e o captiveiro do mundo pelo jugo suave de Christo, triumphando do mesmo mundo com a fé e de si mesmas com o intendimento, não só teriam muito de que se gloriar na outra vida; mas tambem de que se não arrepender n'esta.

Mas vindo aos que por estudo, profissão e officio teem para si que se não podem retirar do povoado e deixar o tracto das gentes; saibam que para satisfazer ás obrigações do mesmo estado, da mesma profissão e do mesmo officio, tambem elles devem alternar o exercicio com o retiro e partir os dias e a vida com o deserto: não sempre (que isso é alternar), mas a seus tempos. Todas essas obrigações do estado e do officio ou são ecclesiasticas ou seculares; e nemhum homem, por mais capaz que se imagine, as poderá administrar como convém ou no espiritual ou no politico, se não fôr aprender na eschola do deserto o modo justo e acertado com que as ha de exercitar.

Quanto aos ecclesiasticos, quem mais obrigado ás ovelhas que o pastor? E que pastores mais obrigados á conta que Deus lhes ha de pedir d'ellas, que os supremos? Mas esses, se retirados ao deserto com Deus e consigo se não tomarem a si mesmos a mesma conta, nunca a darão boa. Que pastores mais zelosos e vigilantes, que bispos e arcebispos mais doutos e sanctos, que um Chrysostomo em Constantinopla, um Basilio em Cesarea, um Ambrosio em Milão, um Athanasio em Alexandria, um Agostinho em Hippona? E todos, se lerdes as suas vidas, já os vereis na cadeira, já no deserto, já anachoretas e sós, e já cercados de infinito povo convertendo gentios, confortando hereges e aperfeiçoando christãos; e cultivando de tal modo as suas egrejas e dioceses, que as casas pareciam religiões e as cidades paraïsos. E d'onde nasciam esses effeitos tão maravilhosos, senão porque os mesmos prelados no deserto recebiam a luz e a graça e na solidão o espirito e fervor, com que no povoado accendiam as almas, arrancavam os vícios e plantavam as virtudes?

Quando Saul foi a Ramá e perguntou por Samuel, responderam-lhe que chegara a bom tempo; porque n'aquelle dia havia

Partir os dias e
a vida
com o deserto.

E necessário
para os
ecclesiasticos.
Exemplos
dos sanctos.

Exemplo de
Samuel notado
por
S. Gregorio.

I. Reg. 9.

de vir á cidade a offerecer sacrificio : *Hodie enim venit in civitatem, quia sacrificium est hodie populi in excelso.* E porque disseram que n'aquelle dia havia de vir á cidade? Porque Samuel, que era o sacerdote e prelado do povo em tal forma tinha repartido os dias, que parte d'elles gastava com Deus no deserto e parte com os homens na cidade. E nota S. Gregorio papa, sobre as mesmas palavras, que n'essa repartição do tempo a melhor e maior parte era a de estar só com Deus : porque tanto que tinha satisfeito a obrigação dos sacrificios e governo espiritual das almas, logo, sem se deter um momento no povoado, se tornava a recolher para o deserto : *Quia raro videbatur in civitate: videlicet tarde veniens et cito recedens.* E se isto fazia Samuel, antes da vinda, antes da doutrina e antes do exemplo de Christo, vejam os sucessores do mesmo Christo o que devem fazer e o que podem.

Também os
leigos tem esta
necessidade da
assistencia das
pessoas publicas em
materias tanta

Exemplo
de David.

Pr. 34.

e de tanto peso, como as que ordinariamente ocorrem no governo de uma monarchia. Assim o propôi a politica humana ou mais verdadeiramente gentilica, como se o acerto dos negocios por muitos e grandes, necessitara menos da providencia de Deus, e a vista das cousas da terra, ou no claro, ou no escuro, não dependera toda das luzes do céul Rei era o de populosissimo reino David : gravissimos foram os ponctos de estado que em quarenta annos do seu reinado, assim dentro como fóra de casa, lhe puzeram em perigo e contingencia a coroa; e aonde ia elle buscar a luz e consultar as resoluções sendão ao deserto? Ouçamol-o de sua mesma boca: *Cor meum confutabat in me, et formido mortis cecidit super me: timor et tremor venerunt super me, et contexerunt me tenebrae.* Oh quantas vezes, diz David, se viu o meu coração confuso e perturbado no meio de perigos e horrores mortaes que o faziam palpilar e tremer; e sobre tudo cercado e coberto de escuridades sem o menor raio de luz, que me mostrasse o caminho por onde escapar! E n'esse tempo e n'essas angustias qual era o meu refugio? *Ecce elongari fugiens et mansi in soliditudine: expectabam eum qui salrum me fecit a pusillanimitate spiritus et tempestate.* O meu refugio e remedio nos taes casos não era outro, senão fugir muito longe das cidades e meter-me na solidão dos desertos ; e alli só por só com Deus esperar d'elle que me illuminasse e me levasse a salvamento d'aquellas tempestades, das quaes eu, como piloto areado e com a nau quasi perdida, me não sabia, nem podia livrar. E se isso fazia um cora-

ção tão animoso e intrepido e um juizo tão sabio, tão experimelado e tão prudente como o de Davíd, porque cuidarão os outros principes (e mais sobre a experiençia de muitos erros), que sem se retirar a seus tempos das còrtes e sem consultarem sós por sós a Deus, poderão elles por si e por seus ministros conseguir os acertos do bem publico, que talvez não sabem desejá, quanto mais conseguir?

E se disserem que não ha tempo para esses tempos e para esses retiros, ninguem me negará que ha dias e semanas e mezes para outros retiros, para outros desertos, para outros bosques e para outros montes, e não dentro ou perto das còrtes, senão muito longe d'ellas; sendo certo que o traballo (chamado recreação) que se toma para cercar e ferir um javali e morto o levar em triumpho, fôra mais bem empregado em montear outras feras que se tornam a trazer da caça tão vivas como se levam. Aos vicios coroados chamou a Egreja *citiorum monstra*: não vicios de qualquer modo, senão monstros; e a montaria d'esses monstros e tambem a altaneria d'elles é a que se faz nos desertos só por só com Deus. Alli se quebram as azas á vaidade, alli se dá em terra com a soberba, alli se atalham os golpes á cubiça, alli se quebram as mãos á vingança, alli caem em si a injustiça e a semrazão, alli morre e se desfaz escumanando a ira: e todos os outros monstros da intemperança poderosa e sem freio ou se matam, ou se afugentam, ou se domam. E estas caçadas que se fazem deante de Deus, são as recreações que devem tomar os principes e as valentias de que mais se devem prezar; pois são as verdadeiras valentias. E se no tempo que tomam para a caça ausentando-se das còrtes não temem perder a benção e o morgado, como o perdeu Esaú; muito menos devem temer esta perda, ou outro detimento da monarchia, no tempo em que se retirarem a traclar com Deus e receber d'ele a luz com que só a podem conservar e reger.

Emilim (para «concluirmos e» convencermos com o maior de todos os exemplos assim o estado ecclesiastico como o politico), Christo Redemptor e Senhor nosso que juntamente era Supremo Rei e Summo Sacerdote, não só nos tres annos em que exercitou no mundo uma e outra dignidade repartiu sempre a vida entre o povoado e o deserto, mas n'este mesmo dia, em que com as obras provou o que era e todos o reconheceram por tal, uma parte do mesmo dia deu ás turbas e ao povo e a outra parte ao deserto e ao monte: *Fugit iterum in montem ipse solus*.

E não ha desculpa na falta de tempo.

Enfim o exemplo de Christo é para todos.



II. SERMÃO DA QUARTA DOMINGA *

PRÉGADO NA MATRIZ DA CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHÃO
NO ANNO DE 1857

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.— O sermão que se segue é um dos melhores e mais praticos, com tal nobreza de estylo e de pensamentos, que não só na capital do Maranhão, mas em qualquer outra se poderá pregar, menos algumas particularidades proprias do Brazil.

*Ut autem impleti sunt, collegerunt,
et impleverunt duodecim cophinos
fragitorum.*

S. JOAN. 6.

I. Bem me podeis ouvir hoje desassustadamente, porque vos hei de pregar muito à vontade. E justo é que entre tantos discursos tristes, meltamos tambem algum menos funesto para desenfastiar a quaresma. Queixa-se de mim o corpo que todos os domingos passados preguei sómente da alma. Deus assim como creou as almas, tambem creou os corpos, antes os corpos primeiro. Pois porque se não tractará tambem do corpo alguma vez? Sou contente. O sermão de hoje todo será do corpo e para o corpo. Nos passados tractámos de como havemos de alcançar os bens espirituais, hoje ensinaremos como se hão de alcançar e ainda accrescentar os temporaes.

A maior pensão com que Deus creou o homem é o comer. Lançae os olhos por todo o mundo e vereis que todo elle se vem a resolver «mediata ou immediatamente» em buscar o pão para a bocca. Que faz o lavrador na terra cortando-a com o arado, cavando, regando, mondando, semeando? Busca pão. Que faz o soldado na campanha carregado de ferro, vigiando, pelejando, derramando o sangue? Busca pão. Que faz o navegante no mar, içando, amainando, sondando, luctando com as ondas

Sermão agra-
dável por-
que todo de
corpo
e para o corpo.

Todos buscam
pão.

e com os ventos? Busca pão. O mercador nas casas de contratação, passando letras, ajustando contas, formando companhias; os estudantes nas universidades, tomado postillas, revolvendo livros, queimando as pestanas; o requerente nos tribunaes pedindo, allegando, replicando, dando, promettendo, annullando? Buscam pão. Em buscar pão se resolve tudo e tudo se applica a o buscar. Os pobres dão pelo pão o trabalho: os ricos dão pelo pão a fazenda: os de espíritos generosos dão pelo pão a vida: os de espíritos baixos dão pelo pão a honra: os de nenhum espirito dão pelo pão a alma; e nenhum homem ha que não dê pelo pão e ao pão todo o seu cuidado. Parecevos que tenho dicto muito? Pois ainda não está discorrido tudo.

*Ocupação de
toda
a natureza.*

Tirae o pensamento dos homens e lançae-o por todas as outras cousas do mundo, achareis que todas elles estão servindo a este fim ou pensão do sustento humano. A este fim nascem as hervas, a este fim crescem as plantas, a este fim florescem as arvores, a este fim produzem e amadurecem os fructos, a este fim trabalham os animaes domesticos em casa, a este fim nascem os mansos no campo, a este fim se criam os silvestres nas brenhas, a este fim os do mar e os dos rios nadam em suas águas; emfim tudo o que nasce e vive n'este mundo, a este fim vive e nasce. Que digo eu, o que vive e nasce? Os elementos não são viventes; e a este mesmo fim cançamos e fazemos trabalhar aos próprios elementos. O fogo nas forjas e nas fornalhas, a agua nas levadas e nas azenhas, o ar nas velas e nos moinhos, a terra nas vinhas e nas searas, e até o sol e a lua e as estrelas não deixamos estar ociosas d'esta pensão: porque o que todos aquelles orbes celestes fazem andando em perpetua roda e voltando sem nunca descançar, é produzir e temporar com suas influencias o que ha de comer o homem. Ha mais para onde subir? Ainda ha mais Subi do céu acima até o mesmo Deus e achareis que elle é o que mais ocupado está que todos em nosso sustento: porque todas as outras cousas cada uma trabalha em si; e Deus, ainda que sem trabalho, obra em todas.

*Dous alvitres
para ter pão •
muito pão.*

De maneira, senhores, que a ocupação do céu e da terra e de todo este mundo, a maior pensão, o maior cuidado, e o maior trabalho dos homens é buscar o pão para a bocca. Pois isto porque todos trabalham, hei de ensinar hoje o modo com que se possa alcançar sem trabalho. Todos os homens querem ter pão e muito pão: dois alvitres lhes trago hoje para isso: um para terem pão, outro para terem muito. Esta será a matéria do sermão. Peçamos a graça ao Espírito Santo por intercessão da Senhora. Ave Maria.

II: Propõi-nos hoje a Egreja aquelle famoso milagre, tão famoso como sabido, em que com cinco pães e douz peixes em um deserto deu Christo de comer a cinco mil homens alfora mulheres e meninos, e sobejaram doze alcofes de pão. Duas cousas fez Christo n'este milagre: deu pão e deu muito. Deu pão, porque todos comeram à vontade: *Manlicaverunt et saturati sunt;* e deu muito, porque a todos sobejou: *Et tulerunt duodecim cophinos fragmentorum.* Estas duas cousas que Christo fez n'aquelle milagre são as que vos prometi sem milagre: alvitre para ter pão: alvitre para ter muito. Vamos ao primeiro.

Mas que alvitre vos parece que será esto? Que meio vos parece que se pôde dar para um homem em toda a sua vida ter o pão certo sem nunca lhe haver de faltar? Será por ventura ajuntar mais? Trabalhar mais? Lavrar mais? Negociar mais? Desvellar mais? Poupar mais? Mentir mais? Adular mais? Alguns cuidam que estes são os meios de ter pão; mas enganam-se. Sabeis qual é o meio seguro de ter pão, sem nunca haver de faltar? É seguir a Christo. Assim lhes aconteceu a estes cinco mil homens; porque seguiam a Christo, tiveram pão do deserto. Se cinco mil homens com mulheres e filhos entrassem de repente em uma grande cidade, não haveria promptamente que lhes dar a comer, quanto mais em um deserto! Em um deserto porém se achavam estes homens, sem casa, sem venda, e sem dinheiro para comprar o mantimento ainda que o houvesse, e sobre tudo com fome de tres dias. Mas porque seguiam a Christo tiveram que comer todos, sem lhes faltar nada. Senhores meus, que tão desvellados andais todos e tão esfaimados por ter de comer e por deixar de comer a vossos filhos; segui e servi a Christo; e eu vos seguro de sua parte que nem a vós nem a elles lhes faltará pão.

Ora porque este poncio em que estamos, assim como é muito para desejar e para aceitar, não é facil de persuadir, eu vol-o quero mostrar evidente por todos os meios por que se pôde uma cousa fazer certa. A Escriptura Sagrada divide-se em livros historias, sapiencias, psalmos, prophetas, evangelhos, epistolras canonicas. Com textos de todas estas Escripturas hei de provar primeiramente o que dign, logo com figuras do Testamento velho, depois com exemplos, ultimamente com a experiençia. Dae-me attenção.

III. Começando pelos livros historias no capitulo vinte e seis do Levítico diz Deus: Se guardardes a minha lei e os mens preceitos dar-vos-hei a chuva a seu tempo, e os fructos de todo genero serão fantos, que quando colhordes os novos, para os

É o que faz
Christo no mi-
lagre da
multiplicação
dos
cinco pães.

Alvitre para ter
pão é se-
guir a Christo.
Prova-se
com o evange-
lio do dia.

Com todas as
outras
Escripturas e
com a
experiencia.

Livros
historias.

recolher lançareis fóra dos celeiros e das adegas os velhos. Pelo contrario se me não ouvirdes nem guardardes meus mandamentos, o céu será para vós de ferro e a terra de bronze: aral-a-heis e trabalhareis debalde; porque as sementeiras não nascerão e as arvores não darão fructo. Isto mesmo repete Deus no livro do Deuteronomio e em outros muitos logares dos historias.

Sapiencias.

Nos sapiencias (capitulo decimo dos Proverbios): Não affligirá Deus com fome a alma do justo. Parece que havia de dizer: Não affligirá o Senhor com fome o corpo do justo; mas não diz senão a alma: porque a fome e a pobreza afflige o corpo e mais a alma, ao corpo com a falta de comer e à alma com o cuidado d'onde ha de vir. E Deus tem tanto cuidado e providencia com os que o servem, que não só os sustenta com tal abundancia que lhes livra o corpo da fome, mas com tal certeza que lhes livra a alma do cuidado.

Psalmos.

Nos psalmos diz assim (psalmo trinta e tres): Temei a Deus todos os que o servis, porque os que o temem, elle os livrará da pobreza. Os ricos empobrecerão e padecerão fome; porém os que servem e temem a Deus e o buscam não sentirão falta de bem algum. No psalmo trinta e seis: Esperae em Deus e fazei boas obras; e elle vos sustentará com suas riquezas. E dá a razão no psalmo trinta e douz: Porque os seus olhos estão postos sobre os que o temem para os livrarem da morte e os sustentarem no tempo da fome.

Prophetas.

Nos prophetas, Isaías, primeiro: Se quizerdes servir-me, comereis os bens da terra; e se não quizerdes e me provocardes a ira, a minha espada vos comerá a vós. Notae «as palavras Vos comerá a vós». Se me servirdes, comereis; se não me servirdes, sereis comidos. Quantos ha que não leem que comer e se andam comendo? Pelo propheta Oseas «no capitulo decimo»: Semeae boas obras e colhereis misericordias. E quantas? Quantas vós pedirdes pela boca, que isso quer dizer «o teatro latino» in ore misericordiae. Vamos aos evangelhos.

Evangelhos.

S. Mattheus «no capitulo sexto»: Buscae primeiro o reuho da Deus e tudo o que vos fór necessario vos buscará a vós. «Dizei: Seja feita, Senhor, a vossa vontade assim na terra como no céu: o pão nosso de cada dia nos dae hoje.» Quão errados vão os que para o ter andam esfaimados após as riquezas. Façamos nós a vontade de Deus, e elle nos não faltará com o pão de cada dia; porque a disposição para ter o pão é «fazer a vontade de Deus.»

Epistolas canonicas.

Finalmente nas epistolas canonicas: S. Paulo na primeira ad Corinthios, capitulo terceiro: Omnia vestra sunt: vos autem Christi,

Christus autem Dei: Christo é de Deus: vós sois de Christo: logo todas as cousas são vossas: porque quem serve a Christo, não lhe pôde faltar cousa alguma.

Eis-aqui como todas as Escripturas conformemente estão dizendo que o meio mais certo e mais seguro de ter pão e de nos não faltarem os bens temporaes, é seguir a Christo e servir a Deus. Agora quizera eu perguntar pela vossa cubiça á vossa fé e pela vossa fé á vossa cubiça. Se tendes fé e tendes cubiça, porque não encaminhais a vossa cubiça pelos caminhos que vos ensina a fé para assegurar os interesses que pretendais? Nem christãos nem cubicos sabemos ser. Mas é que não temos fé. Ouvi a S. Pedro Chrysologo: *Homo homini exiguae cartulae obligatione constringitur: Deus tantis ac tantis voluminibus caret; et debitor non tenetur.* Ides d'aqui para Portugal: não embarcais nada com vosco, que haveréis de comer? Respondeis: Levo uma letra de tantos mil cruzados. Pois tendes por certo que não vos pôde faltar pão, porque levais a letra de um mercador; e não tendes por certo com tantas Escripturas de Deus que vos não ha de faltar nada? Aperlemos mais este poncto. Na praça de Londres quereis ir para Liorne, levais letra de um hereje: na de Amsterdão para Allemanha, levais letra de um judeu: na de Veneza para Constantinopla, levais letra de um turco; e ides seguro de que vos não ha de faltar pão. Pois com as letras de um hereje, de um judeu, de um turco, cuidais que ides muito seguro; e com as de Deus não? «Ah que esandalosa mingua de fé!»

IV. Vamos ás figuras do Testamento velho. O maná deu-o Deus aos filhos de Israel, quando caminhavam para a terra de Promissão; e não quando estavam no Egypto. Parece que no Egypto fôra mais razão que Deus os socorresse por afflictos. Ora vêde. A terra de Promissão significava o céu; o captiveiro do Egypto significava o peccado; pois por isso lhes não dá Deus o maná, senão depois que sairam do Egypto e quando caminhavam para a terra de Promissão; porque aos que se tiraram do peccado e aos que caminham para o céu, a esses tem Deus prometido de susentar e de lhes não faltar em nenhum tempo e em nenhum lugar com o necessário. Oh quantos e quantas ha n'este mundo, que quando vão ao confessionario choram mais as suas pobrezas que os seus peccados, devendo ser ás avessas! Saí vós do peccado em que estais, resolvi-vos a caminhar para o céu, e vereis como vos chovem os bens de Deus e vos não falta nada. E se estiverdes em lugar ou em estado que não possais buscar de comer, o mesmo comer vos buscará a vós, como buscava aos filhos de Israel todos os dias.

Que vergonha
que laudos
christãos não
fêm de
tantas letras
de Deus o que
fiam de le-
tras de homens.

Porque Deus
não deu aos ju-
deus o maná
quando estavam
no Egypto?

Mas vós quereis estar no Egypto do peccado, que vos tem captivo e captiva ha tanto tempo, quereis caminhar para o inferno a vêlas tendidas; e no cabo que vos faça Deus a malaolagem? Isso não pôde ser: dar volta á vida, deixar o caminho do inferno e tomar o do céu, e vereis como vos não falla cousa alguma.

A benção trocada que Isaac deu a Jacob.

Gen. 27.

Segunda figura. Quiz Isaac dar a benção a Esaú seu primogénito e disse-lhe que fosse primeiro caçar e que lhe trouvesse alguma cousa. Em quanto Esaú foi ao monte veio Jacob e fingindo ser Esaú, como Isaac era cego, furtou-lhe a benção. Abençoou pois Isaac a Jacob e disse d'esta maneira: *De te Deus de rôbre coeli et de pinguedine terrae.* Dê-te Deus das influencias do céu e da abundância da terra. Levada assim a benção, veio Esaú com a caça e conhecendo o engano pediu ao pae que ao menos lhe desse outra benção: ao que respondeu o velho, que outra benção lhe não podia dar; mas para o consolar o abençoou também com estas palavras: *In pinguedine terrae et in rôbre coeli erit benedictio tua.* A vossa benção será da abundância da terra e das influencias do céu. Notavel casal! As mesmas palavras que Isaac disse a Jacob disse também a Esaú. Pois se em Jacob foram «a benção promettida e o seguro do morgado», como em Esaú o não foram? Ora notae: ainda que as palavras foram as mesmas: a ordem d'ellas foi trocada. Na benção de Jacob pôz em primeiro logar os bens do céu e no segundo os da terra; e na benção de Esaú pôz primeiro os bens da terra e depois os do céu. E eis aqui em que esteve ser benção «de morgado» a de Jacob e não ser tal benção a de Esaú.

A benção dos filhos de Deus faz procurar primeiro os bens da outra vida.

Senhores meus, todos havemos mister os bens da terra e mais os do céu: os da terra para esta vida e os do céu para a outra; e ainda que esta vida é primeiro que a outra, o buscar os bens d'ellas ha de ser ás avessas. Os bens da outra não se de buscar no primeiro logar e os d'esta no segundo; porque n'isso consiste termos benção «de filhos de Deus.» Eu não vos digo que não busqueis os bens da terra, que isso de os deixar e de os desprezar é espirito que Deus dá só a quem é servido: não vos digo que os não busqueis; só vos digo que os busqueis por caminho em que seguramente os possais achar, que é buscando em primeiro logar os do céu e servindo a Deus. Servi a Deus e estareis seguros que é impossivel faltar o necessário. E senão vamos aos exemplos.

Exemplos do Abrahão, Jacob, José e David.

V. Quem parece que tinha menos fundamento para ter, que Abrahão, a quem Deus mandou sair de sua patria e viver desterrado d'ella? E contudo, porque tractou de servir a Deus e particularmente porque teve tanta fé e obediencia que chegou

a lhe sacrificar seu filho, veio a ser tão rico e poderoso, que sendo necessário socorrer a seu sobrinho Lot, levou só de sua casa trezentos e dezoito criados. Jacob, desamparado e fugitivo da casa de seu pai; e comtudo, porque serviu a Deus e particularmente porque foi tão dado à oração e contemplação, que chegava a andar a braços com os anjos, veio a ter tanta fazenda, como elle mesmo disse, que saindo da patria só com seu bordão, depois se recolheu a ella com a familia de gente e gados dividida em duas esquadras. José, vendido para o Egypto e lá escravo; comtudo porque foi casto que resistiu aos requerimentos e violencias de sua má senhora, veio a ter tanto pão, que não só sustentou a seus irmãos e a toda a casa de seu pai, senão a todo o Egypto e a todo o mundo. David, da menor familia e o menor de seus irmãos, como elle mesmo confessava; e comtudo, porque foi grande perdoador de injurias, cresceu a tanta opulencia, que os lhesouros de que testou não se contavam por mil cruzados, nem por centos, senão por milhões. Eis aqui o que fez Deus a estes; e se acaso vol-o não faz a vós, não é porque Deus não seja o mesmo qua era; mas porque vós não sois quaes elles foram. Seja o soldado como foi David; seja o lavrador como foi Jacob; seja o desterrado como foi Abrahão; seja o desamparado e perseguido como foi José; e eu vos prometo que lhes não falle Deus com muitos bens. Mas concluamos com a nossa prova e vamos á experienzia.

VI. A experienzia verdadeiramente parece que a lenho contra mim: porque não ha duvida que vemos muitas pessoas virtuosas que padecem grandes necessidades; logo não é verdade que o caminho de ter pão é servir a Deus. Primeiramente eu hei de crer mais ao testimonho de David que ao vosso. Olhae o que diz David: *Junior fu, etenim senu, et non vidi justum derelictum, nec semen ejus quaerens panem.* Eu fui moço e também fui velho, e nunca vi um justo desamparado e a sua familia sem o pão para a bocca. Se vós tiverdes os olhos tão alumiados como David, pôde ser que disserais o mesmo. As vezes os que nós cuidamos que são justos, não são justos: às vezes os que nós cuidamos que servem verdadeiramente a Deus, não o servem verdadeiramente; e por isso lhes falta Deus com os bens. Serem os homens uma causa e parecerem outra é fácil: saltar a palavra de Deus é impossivel. Em resolução: todos aquelles que parecem bons e padecem necessidades, é uma de duas: ou é que o não são, ou é que quer Deus provar se o são.

Faz um criado d'el-rei uma petição a sua majestade e diz

Prova da experienzia.
Texto notável
de David p. 36.

Dono antes de
prover co-
luna provar.

d'esta maneira: Diz fulano que elle é criado da casa de vossa majestade: e porque ha tanto tempo que serve e não se lhe paga sua moradia: Pede a vossa majestade seja servido de lhe mandar pagar com esfeito: e receberá mercé. Responde el-rei pelo seu mordomo-mór: Prove o fôro e desferir-se-lhe-ha. O mesmo passa no nosso caso. Serve um homem ou uma mulher a Deus: vê-se em necessidade, recorre áquelle Senhor, allegalhe com suas palavras e com suas promessas e pede-lhe que o socorra; e com tudo vemos que o não socorre Deus logo, e que padece. Que é isto? É que o mandou Deus provar os serviços, e está fazendo as suas provações; e como tiver provado, logo se lhe desferirá com grande abundancia.

Assim o fiz com
os sanctos
patnarchas e
com lodo o
povo que seguiu
a Christo
no deserto.

Christãos e christãs da minha alma; se servis a Deus e sentis falta do necessário, tende mão, que vos prova Deus: *Expecta Dominum viriliter age*, diz o mesmo David, *et confortetur cor tuum et sustine Dominum*. É estylo este da casa de Deus. Vede-o nos mesmos exemplos. Abraão rico por servir a Deus; mas provado primeiro com o desterro. José rico por servir a Deus; mas provado primeiro com o captiveiro; David rico por servir a Deus; mas provado primeiro com as perseguições; Jacob rico por servir a Deus; mas provado primeiro com os trabalhos. E aos do evangelho lhes sucede o mesmo. Não lhes deu Christo de comer ao primeiro dia nem ao segundo, senão ao terceiro: *Quia iam triduo sustinuit me*. Depois que provou a constancia e pariciencia com que o seguiam, então lhes deu o pão milagroso. Primeiro os provou; depois os proveu. Em Deus não ha prover sem provar.

Desservir a
Deus e caminho
certo de
empobrecer.

Sabeis, senhores e senhoras, porque Deus nos não provê bem? Porque nuns provamos mal; e a quem o não serve verdadeira e constantemente não tem elle obrigaçao de sustentar. Somos christãos, servimos a Deus, vemo-nos em pobreza e necessidade: em lugar de então o servirmos melbor para que nos socorra, tomamos por meio de nos remediar o offendel-o. Quantos e quantas ha que, tanto que se vêem em necessidade, vendem a consciencia, vendem a alma e ás vezes o corpo? E que faz Deus então? Como justissimo Juiz, em lugar de lhes dar a abundancia que lhes havia de dar se perseverassem constantemente, tira-lhes esse pouco remedio que tinham, com que fiquem perdidos de todo. Porque assim como o caminho certo de ter pão é servir a Deus, assim o caminho certo de se perder o pão que se tem, é desservil-o. Não vos quero trazer d'isto mais que douz exemplos em douz mandamentos: um da primeira lábua, outro da segunda. Da primeira lábua o terceiro, da segunda o septimo.

Diz Deus no septimo mandamento: Não furtarás; e vós com cobiça de accrescentar fazenda, ajunctais a alheia à vossa por todas as partes que podeis. E que se segue d'aqui? Que pelo mesmo caso vos lira Deus a que tinbeis e mais a que lhe ajunctastes. Dos lhesouros do céu dizia Christo, taxando os da terra, que não os come a ferrugem nem a traça, nem os roubam os ladrões. Quaes sejam os ladrões, já o sabemos: mas qual é a ferrugem e a traça dos bens d'este mundo? A ferrugem é o alheio. Assim como a ferrugem come e consome os metaes; assim o alheio come o proprio, se se lhe ajuncta. E qual é a traça que tambem o rói e o come? A «peior» traça são as traças. Buscais mil traças e invenções para ajuntar o alheio ao vosso; e essas são as que em lugar de vol-o accrescentar, vol-o roem e vol-o desbaratam. Achab era rei, tomou a Naboth uma vinha; e tanto que a vinha se ajunctou ao reino, perdeu o reino e mais a vinha. Fez a vinha o que faz o vinho, vomitou-a Achab e com ella tudo o mais. Assim é o alheio: guardae-vos de o metter no estomago; porque primeiramente não vol-o ha de lograr, e ha-vos de puxar e levar consigo o mais que tiverdes n'ele.

Conta Tito Livio de um principe dos piezenigos chamado Cures, que, querendo-lhe tomar suas terras Sualislao principe dos ruthenos, elle o houve ás mãos em uma emboscada e mandando-lhe tirar a cabeça fez da sua caveira uma taça encastelada em ouro, por onde bebia, com esta letra: *Quaerendo aliena, propria amisi*: buscando o alheio, perdeu o proprio. «Horrorosa barbaridade, sem duvida, mas» boa lembrança para as mesas dos principes e dos que o não são! Se em todas as mesas se «lembresse» esta taça, não se comeria em tantas o pão alheio; e se no Brazil deramos em desenterrar caveiras, em quantas poderamos escrever a mesma letra! Cuja é esta caveira? É de sulano. Viveu rico e morreu pobre; testou de muitos mil cruzados e seus filhos pedem esmola. Pois que foi isto? Que ar mau deu por esta fazenda? *Quacrendo aliena, propria amisi*. Misturou a sua fazenda com a alheia, perdeu a alheia e mais a sua. Fazenda acquirida com desserviço de Deus e contra seus mandamentos? Deus nos livre. O servil-o é o verdadeiro caminho de a acquirir e de a conservar.

Vamos ao segundo exemplo da primeira tábua. Diz Deus no terceiro mandamento: Guardarás os domingos e as festas; e vós, porque aquele dia vos não sique sem grangear fazenda, não mandais á missa os vossos escravos, antes mandais ou, quando menos, permittis que trabalhem. Pois sabei e desenganae-vos que tudo quanto se trabalha ao domingo é destruição de tudo o que se acquire pela semana. Dir-vos-hei agora um lugar que, ha

Prova-se com as quebras do septimo mandamento.

A caveira do principe dos piezenigos.

Prova-se com as culpas contra o terceiro.

muitos annos, tenho notado para os homens do Brazil: Se fizerdes trabalhar a terra aos dias sanctos («diz Deus no capitulo vinte e seis do Levitico») eu a entregarei aos inimigos; e então guardará os dias sanctos a terra. Perguntemos aos nossos vizinhos da Parahiba e da Guayana, quanto ha que se não cultivam as suas cannas e que não moem os seus ingenhos? Pois que é isto? É que estão agora as terras e os ingenhos guardando os dias sanctos que seus donos antigamente lhes não deixavam guardar.

Peccado geral
do Brazil.

É peccado geral do Brazil deitar a moer ao dia sancto. Deus deu à terra um dia na semana para descansar; vós não quizestes que descansasse e louvasse a Deus um dia. Pois descansará agora toda a semana e todo o mez e todo o anno, e tantos annos! Senhores, porque cuidais que vos morrem as peças? Porque cuidais que vos fogem e desapparecem? Porque cuidais que se arruinam e desfabricam e estão feitos láperas tantes ingenhos? Eu vol-o direi: por descuido e pouco zelo d'esta capitania. Não mandaí o vosso escravo ao domingo á egreja? Pois que faz Deus? Já que vós não obedecéis ao meu preceito e não quereis que o vosso escravo venha um dia na semana á egreja, eu vol-o matarei e virá estar toda a semana no adro. Sabéis que fazem alli os vossos escravos? Estão para ouvirem as missas que vós lhes não fizestes ouvir. Por cubica de lavrar e grangear mais, mandastes trabalhar o vosso escravo ao dia sancto: que faz Deus? Deixa-o fugir para o mato e que nunca mais appareça; e agora anda folgando sete dias da semana, porque vós não quizestes que descansasse um só. Por fazer as seis tarefas redondas mandastes deitar a moer ao domingo á tarde; e Deus que faz? Dispõi que tenhais taes perdas no mar e na terra que não possais sustentar a fabrica e que não moais nem uma só tarefa. Sabéis que faz agora a tapera do ingenho? Está guardando os dias sanctos, que seu dono lhe não deixou guardar.

Como Deus con-
funde a cubi-
ca humana.

Eis aqui, senhores, como anda enganada a vossa cubica. Cuida que pôde avançar fazenda, quebrando os mandamentos de Deus; e é tanto pelo contrario, que não só se não acquires fazenda por este caminho, antes se perde a que estava acquirida. O caminho certo e seguro de ter fazenda é fazer o que Deus manda; o caminho certo e seguro de ter pão e seguir a Christo como experimentaram os do nosso evangelho: *Mundu-
caverunt et saturati sunt.*

Qual o alívio
para ter
muito pão. Não
é negociar.

VII. Temos dicto o primeiro alívio que prometemos, que é como havemos de alcançar o pão: vamos agora ao segundo, como havemos de alcançar muito. Oh que ponto este para os cubi-

çosos e para os avarentos! Se eu os consultasse a elles do remedio para accrescentar pão, para multiplicar fazenda; uns haviam de dizer que negociaç; e melhor que tudo, negociaç para o Maranhão: porque o que em Portugal val dous, aqui se vende por vinte. Este, meio será muito bom, quando no mundo não houver quatro cousas: quando em Zelanda não houver poche-lingues: quando em Argel não houver turcos: quando na agulha de marear não houver suestes; e quando na costa do Maranhão não houver baixios. Mas em quanto ha estas quatro cousas, é muito arriscado modo de ganhar esse.

Outros dirão que é bom meio servir a el-rei em algum posto grande ou muito juncto a elle, ou muito afastado d'elle: que estes são os postos em que os homens se aproveitam. Dizem que o rei não se ha de tractar como o fogo: nem tão perto que queime, nem tão longe que não aqueça: ás avessas deve ser. Do rei ou muito perto ou muito longe. Se tendes posto muito perto do rei, tudo se vos sujeita, tudo vos vem ás mãos; e se tendes posto muito longe do rei, tudo vós sujeitais e em tudo vós melteis a mão. Este modo de accrescentar fazenda não ha duvida que é muito prompto e muito efectivo; e tambem me atrevera eu a dizer que era bom, se n'este mundo não houvera nma conta e no outro mundo outra. Se no outro mundo não houvera inferno e n'este mundo não houvera justiça, era muito bom. Mas n'esta vida Limoeiro e na outra vida fogo eterno, n'esta vida contiscado e na outra vida queimado; não é bom modo de ganhar.

Outros dirão que para ter muito o melhor remedio é tel-o, guardar, poupar, não gastar, morrer de fome e matar á fome: porque dizem que muito mais cresce a fazenda com poupar muito, que com ajuntar muito. Este meio eu confesso que é muito bom: mas bom para ajuntar á fazenda para outros e não para si: porque o que eu poupo e o que não gasto não é meu, é d'aqueles a quem o hei de deixar, e depois o hão de gastar muito alegremente. E poupar e morrer de fome para que outros vivam e alardeiem, é uma avarice mui louca.

Pois que remedio para accrescentar a fazenda, util, discreta e muito seguramente? O remedio é muito facil: dar da que tiverdes por amor de Deus. Quereis ter pão? Servi a Deus. Quereis ter muito? Dae por amor de Deus. Pois o dar, o tirar de mim, é caminho de accrescentar? Antes parece caminho de diminuir. Se sóra dar por amor dos homens ou por outro respeito, sim, que era caminho de perder o que se dá; mas dar por amor de Deus não ha mais certa negociação, não ha mais certo modo de ajuntar fazenda.

Não é estar
muito longe ou
muito
perto do rei.

Não é poupar
muito.

Mas é fazer
bem.

*Prova-se com
o evangelho do
dia.*

Vêde-o no nosso evangelho. Perguntou o Senhor onde achariam o pão para que comessem todos. Respondeu Sancto André que todos os pães que' havia não passavam de cinco; e com estes, sendo cinco, quiz Christo dar de comer a todos. Pois, Senhor, não vedes que tendes doze discípulos que sustentar e que os pães não são mais que cinco? Se tivesseis muito pão, então estavam bem essas liberalidades; mas sendo tão pouco? Antes por isso mesmo. Se os apostolos tiveram doze pães, então não era necessário mais. Porém como não tinham mais que cinco, era força buscar algum modo de os accrescentar; e não podia haver meio mais breve nem mais certo, que dal-os aos pobres. E assim foi: que os apostolos, porque deram cinco pães, não só receberam doze pães, senão doze alcofas. Se os apostolos foram de animo avarento e acanhado e quizeram comer os seus cinco pães, saira menos de meio pão a cada um. Mas porque cada um deu o seu pedaço de pão, ficou com uma alcofa cheia. Quando abris uma mão para dar por amor de Deus, é necessário abrir duas para receber: quando o que dais cabe n'uma mão, o que recebeis não cabe em duas. Assim lhes aconteceu hoje aos apostolos. O pão que deram (que era o que tocava a cada um) cabia em tres dedos; e o que recolheu cada um, não cabia em duas mãos; por isso foi necessário tomarem alcofas.

*Come sacrificio
que Noé
fez depois do
diluvio.*

Tudo temos em um caso do Testamento velho. Acabado o diluvio saiu Noé em terra com seus filhos e todos os animaes e lançou-lhes Deus a benção dizendo: Crescei e multiplicae sobre a terra. E que fez Noé? Levantou um altar e começou a degollar de todos os animaes de que era licito fazer sacrificio e queimou-os sobre elle. Parece que de repente se esqueceu aqui Noe do que Deus tinha dicto e mandado. Não tinha dicto Deus que crescessem e multiplicassem sobre a terra todos os animaes? Pois como os degolla Noé e queima e sacrificia sobre o altar? Olhae: Noé não matou as rezes para as comer; matou-as para as offerecer e sacrificar a Deus; e para as cousas crescerem e multiplicarem, o meio mais certo e mais seguro é dal-as a Deus.

*O que se dá nos
pobres,
dá-se a Deus.*

E de que modo as daremos a Deus? Bendicta seja sua infinita Majestade e Bondade, pois se serviu ensinar-nos por sua propria boca o que nem imaginar nos acreditamos: *Quando scicistis uni ex fratribus meis minimis, mihi secutis.* Tudo o que dais ao pobre, dai-o a mim. Vedes, christãos, como podemos dar a Deus tudo? Tudo o que damos ao pobre, damo-lo a Deus; e se quereis que as vossas cousas cresçam e se multipliquem, repartiu-as com os pobres. Dous modos ha no mundo com que

as cousas crescem e se multiplicam muito: um natural ou da arte, como na lavoura; outro industrial, como na mercancia. Na lavoura, semeais um alqueire de pão; colheis quinze, colheis vinte, e se a terra é muito boa, colheis trinta. Na mercancia empregastes cincoenta; ganhastes canto, ganhastes duzentos e ás vezes mais. Tudo isto tendes na esmola. Dar esmolas é semear e é negociar, mas com grandes vantagens. Para semear não ha melhor terra que as mãos do pobre e para negociar não ha melhor correspondente que Deus. Não são considerações minhas, tudo é fé e sagrada Escritura.

VIII. Nos Proverbios, capítulo dezenove, diz assim o Espírito Santo: *Foeneratur Deo qui miseretur pauperis.* Sabeis que cousa é dar esmola? Quem dá esmola ao pobre, dá a cambio a Deus. Cuida o outro que quando dá esmola que a dá para a perder; e engana-se, porque a dá a cambio; e dar a cambio não é perder o que se dá, antes é acrescental-o. Quem dá a cambio sempre tem o seu capital seguro e sobre isso recebe as ganancias. Assim lhe acontece a quem dá esmola: segura tudo o que deu e sobre isso recebe as ganancias. Mas que ganancias? Não como as dos homens, porque Deus paga muito melhor. Os homens, se lhes dais dinheiro a cambio, dão-vos, quando muito, a seis e quarto por cento; e Deus não dá a seis por cento, senão a cento por um: *Centuplum accipiet et ritam aeternam pos-sidebit:* no outro mundo a vida eterna e n'este cento por um.

Querei-l-o ver por experientia? Ora ouvi um gran'caso. S. João Esmoler mandou dar a um homem pobre e honrado quinze livras: deram os criados sómente cinco. Ao outro dia veio uma mulher com um escripto de quinhentas livras. Extranhou o sancto o escripto: chamou o thesoureiro, perguntou-lhe quanto dera: Disse que quinze livras; mas replicou o sancto: Não pôde ser: que Deus paga cento por um, e por quinze livras haviam de vir mil e quinhentas e aqui não veem mais que quinhentas. Confessou então o criado a sua avareza. Ficaram todos admirados; mas muito mais quando ouviram o que accrescentou a mulher: Eu, señor bispo, tinha intenção de trazer mil e quinhentas livras e assim o escrevi hontem n'este papel; mas esta manhã não achei mais que quinhentas com grande admiração minha, porque não sabia a causa, e agora sei. Dizei-me: se no monte de piedade de Roma ou no banco de Veneza se dera a cento por um, houvera quem alli não mettera o seu dinheiro? Pois os pobres são os banqueiros de Deus. Dá-se n'aquelle banco a cento por um; e sendo nós tão amigos de accrescentar, não mettemos todo o nosso cabedal n'aquelle banco. Pois crede-me que o banco de Veneza pôde quebrar, como está hoje

*Poder esmola é
negociar
com Deus*

*Maria. 19.
Caso de S. João
Esmoler.*

menos seguro com a guerra do turco; e o de Deus não ha de quebrar, nem quebrou nunca.

Fazer esmola é semelhar. É boa mercancia a esmola? Pois ainda é melhor laboura. O Ecclesiastico no capitulo onze: *Mitte panem tuum super transiuentes aquas, quia post tempora multa invenies illum: semeae o vosso pão em terra regada com aqua; e eu vos prometto que, ainda que pareça perdido, o achareis depois. Que terra é esta regada com aguas, diz S. Basilio, senão as mãos dos pobres? Estão os pobres chorando a sua miseria e regando as suas mãos, assim como a Magdalena regava os pés de Christo. Pois n'esta terra assim regada semeae o vosso pão e vereis quão abundantemente o recolheis. Está a viuva, a douzella hourada padecendo necessidade: pôde chorar, porque padece; mas não pôde pedir, porque é nobre: estão-lhe correndo as lagrimas pelas faces abaixo. Pois semeae alli a vossa esmola, semeae alli o vosso pão; e vereis quão bem vos rende a seara, porque não ha terra mais fertil. Semeae o vosso pão n'esta terra; e vereis que vos rende mais de cento por um.*

Facto de S. Paulino bispo. S. Paulino bispo, antes de o ser, foi casado: pediu-lhe esmola um pobre: disse à mulher que lhe desse dous pães que havia em casa; mas ella não deu mais que um. Ao outro dia chegou uma barca de pão mandada ao sancio, e juntamente nova que outra, que vinha com ella, se perdera. Admirou-se não da que chegou, mas da que se perdera: a mulher então confessou que não dera os dous pães, senão um só. Pois esse que destes nos trouxe a barca de pão que chegou a salvamento; e o que deixastes de dar metteu no fundo a que se perdeu. Quantas vezes perdeis muito pão, porque não dais um pão? Nas outras terras colhe-se o trigo aos alqueires, aqui ás barcadas.

Dovendo imitar o exemplo de S. Joaquim. Pois, senhores, se tendes tão boa terra em que semear, porque a deixais estar muitas vezes arma e devoluta? S. Joaquim, cujo dia celebramos hoje, repartia a sua fazenda em tres partes e uma era para os pobres. Com menos me contento. Aquello semeador do Evangelho semeou em quatro partes: nas pedras, nos espinhos, no caminho e na terra boa. Já que se semeia tanto nos espinhos, que são os vicios; já que se semeia tanto na rua, que é a vaidade; já que se semeia tanto nas pedras, que é o que levam os ingratos; porque se não semeará a quarta parte na terra boa, que são as mãos dos pobres? Porque se não semeará alguma parte dos bens n'esta terra boa que multiplica cento por um?

A quaresma é tempo de semear com esmola. IX. Ora, senhores, o tempo em que se faz esta laboura é este da quaresma. Este é o tempo de semear. Não faltam pobres. Para que cuidais que se faz a quaresma? Para duas causas: para

jejuar e para dar esmola. O que agora d'frei é de Sancto Agostinho, de Sancto Ambrosio e de todos os doutores. Nos dias que são de jejum comemos uma só vez: jantamos e não ceamos. E para quê? Para que demos aos pobres o que havíamos de cear. Jejuar e guardar pão, não é abstinencia, é avareza. Pois assim como a avareza tira o merecimento ao jejum, a esmola lh'o accrescenta. Dêmos esmola, e todos; que todos a podem dar: os que tem muito, dêem do muito, os que tem pouco, do pouco: e os que não tem que dar, tenham paciencia de não ter e desejo de poder dar por amor de Deus.

Bem sei que ha muita caridade n'esta terra: mas não posso deixar de extranhar uma muito grande falta que aqui ha. É possivel que n'uma cidade tão nobre e cabeça de um estado não haja um hospital e que a misericordia não sirva mais que de enterrar os mortos? Vede o que ha de dizer Christo no dia do juizo. *Vinde, bendictos de meu Pae, e possui o reino que vos está appareihado desde o principio do mundo: «porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber; era peregrino e recolhestes-me: estava nu e cobristes-me: estava infermo e visitastes-me.» Notae «n'estas palavras de Christo» primeiro que não fez menção do enterro dos mortos: porque a principal misericordia é com os corpos vivos. Segundo, que fez menção da casa de hospitalidade para os peregrinos e infermos. Terceiro, que não disse: foram infermos os outros, se não, fui inferno eu: não disse foram peregrinos os outros, se não, fui peregrino eu e hospedastes-me e visitastes-me. Pois se ria bem que viesse Christo a esta cidade com fome, com sede, despido, peregrino, inferno e não haver casa onde o hospedar? «Quasi estou para vos dizer» que melhor fôra não haver na Misericordia egreja que não haver hospital: porque a imagem de Christo que está na egreja é imagem morta, que não padece; as imagens de Christo que são os pobres, são imagens vivas que padecem. Fazei casa aos pobres: que Deus vos fará casa a vós: tireis das vossas casas com que a fazer; que Deus vos lançará sobre ellas uma benção, como a que hoje lançou sobre o pão dos apostolos, com que tudo se accrescente e multiplique com grandes augmentos de bens temporaes e da graça penhor da gloria. *Ad quam, etc.**

Necessidade de
um hospital
para S. Luiz de
Marenha.

(Ed. ant. tom. 12., pag. 299, ed. mod. tom. 1., pag. 203.)



III. SERMÃO DA QUARTA DOMINGA **

PRÉGADO NA EGREJA DA CONCEIÇÃO DA PRAIA DA BAHIA
NO ANNO DE 1633

O primeiro que pregou na cidade o auctor
antes de ser sacerdote

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR — Tinha então Vieira 26 annos de edade; e bem mostrou n'este primeiro passo donde havia de chegar na carreira da eloquencia. Falando em tempo de guerra, a soldados e sobre assumpto dado pelo mesmo general, não podia desempenhar-se com maior felicidade. Notem-se em modo particular os numeros II, III, V.

Colligite quas superaverunt fragmenta, ne pereant.

S. IOAN. 6

Como é uso antigo e sempre practicado na guerra, depois das batalhas, principalmente victoriosas, tocar a recolher os exercitos, para que descansem os soldados, e sejam vistos como em triumpho e conheridos os vencedores, assim o General Supremo da Egreja militante, «sob cujas bandeiras militam não menos as criaturas insensíveis que as rationaes, manda hoje a seus apóstolos que toquem a recolher para que sejam conhecidos e levados em triumpho os vencedores de um combate de novo gênero, qual nol-o deixa suppor o presente evangelho nas palavras citadas: *Colligite quas superaverunt fragmenta, ne pereant.* »O pensamento não é meu, mas de um tão grande e judicioso interprete, como é entre os antigos padres o subtilissimo Eusebio Emisseno. As palavras do seu novo e maravilhoso commento são estas: *Non sunt panes nisi quinque; manducantes autem plus nullibus quinque:* os pães são sómente cinco; os que comem são mais de cinco mil: *Illi manducant, panes crescunt;* os homens comem, os pães crescem: *Certamen fit inter panes et homines:* que é isto, senão uma batalha campal entre pães e homens? E qual o fim d'ella? Milagroso, e que de ne-

Os fragmentos
dos pães no
milagre da mul-
tiplicação.
Pensamento de
Eusebio
Emisseno.

nhum modo se podia esperar: *Vincunt panes, superantur homines*; os pães vencem, e os homens são vencidos. Isto disse com tão maravilhosa novidade, como é a do caso, o grande Emisseno: e isto é o que nós «vemos nas» relíquias e fragmentos dos cinco pães «vencedores, que o Senhor manda recolher, e levar em triumpho para que se não perca no esquecimento a memoria de tão illustre combate «e se celebre publicamente tão gloria victoria».

*Circunstancias
bellicas
desto sermão.*

Uma das maiores escholas de guerra, que hoje tem o mundo, é a nossa Batalha; e porque o mestre unico d'esta bem exercitada milicia, sobre querer auctorizar com a sua illustrissima presença o auditorio, adveriu que sendo o dia de banquete fossem proporcionadas as iguarias; que outra proposição lhe podia eu achar mais accommodada aos ouvidos tão acostumados ao som das caixas e trombetas, senão fazel-as tambem bellicas, marciaes e de guerra? Taes foram as vozes com que o propheta Isaías, tendo el-rei Balthazar convidado a mil principes do seu imperio, lhes locou não esperadamente a rebale, e que trocassem os pratos com os escudos: *Comedentes et bibentes: surgite, principes; arripite clypeum.*

*Isai. 21.
Applica-se o
tema as cir-
cumstancias.*

Esta é a razão com que não pôde deixar a minha obediencia de responder ao favor do offereamento, que em todas as leis da cortezia devia eu acceptar como mandado. «Segundo, pois, o sublime pensamento de Emisseno, accommodarei o evangelho ás circumstancias do tempo, lugar e auditorio» e desde o principio até o fim mostrarei em toda a narração do milagre os verdadeiros preceitos «da guerra» e o que desde o tomar das armas, até o recolher os despojos devem desejar os vencedores soldados. *Ave Maria.*

*Gabinio, como
bom capri-
tio, pede conse-
lho, para
que não presta
á este
Resposta
de S. Philippe
Prov. 20.*

II. Altamente disso Salomão que as guerras só hão de governar com o leme: *Gubernaculis tractanda sunt bella.* E qual será, não digo nas guerras navaes, mas nas terrestres o leme? Não ha duvida que é o conselho. Por isso os cultos da grammatica militar dizem acertadamente, que as batalhas se dão na campanha, mas as victorias se alcançam no gabinete. Christo, Redemptor nosso, não perguntava para saber, senão para ensinar; e para ensinar que nos casos similhantes ao presente se ha de tomar conselho e de quem, apontando primeiro para a grande multidão dos que o seguiam, perguntou a Philippe: *Linde enim panes, ut manducent hi?* D'onde compraremos pão para dar de comer no deserto a tanta gente? Antes de ouvir a resposta, é muito de notar a quem Christo fez a pergunta e a quem a não fez. Parece que o consultado em primeiro lugar havia de ser Judas, como aquelle que tinha cuidado do pro-

vimento e sustento do collegio e era o thesoureiro das esmolas, de que a sua pobreza se valia. Mas assim na pessoa perguntada, como na que não perguntou, nos deu Christo dous soberanos documentos. Não perguntou a Judas, porque era traidor; e de um ministro de pouca fôrça e verdade talvez se podem dissimular os furtos da fazenda: mas os segredos da guerra, de que depende a conservação do estado, por nenhum modo se lhe deviam liar. Consultou, porém, e perguntou a Phillippe, porque era natural de Bethsaida e pratico d'aquele paiz, de cuja experiência em qualquer lavrador ou pastor rustico depende muitas vezes o acerto das resoluções mais que da agudeza e discurso dos sabios, que intendem, mas não adivinham. Porém Phillippe, como se viu chamado a conselho, vendo que só se lhe perguntava o logar d'onde se podia comprar pão, *Unde ememus panes;* metteu-se a ministro, dificultando e impossibilitando a compra e exagerando a somma de dinheiro necessaria para ella: *Ducentorum denariorum panes non sufficiunt eis, ut unusquisque modicun quid accipiat.* E se o seu voto se seguirá, sem duvida morreria à fame toda aquella multidão de homens, como outras vezes acontece pelo mal intencionado zelo de ministros tão acanhados no animo, como Phillippe o era na fôrça. Não ha votos mais perniciosos na paz e na guerra, nem mais bem acceptos commumente aos que governam o leme, que os que por poupar a fazenda impossibilitam as ações; com que o que havia de ser trabalho, é ociosidade, e o que havia de importar muito, se resolve em nada.

De Phillippe passou o Senhor a sancto André, o mais antigo de todo o apostolado e por isso com a principal qualidade de conselheiro. Mas tambem aqui se pôde com razão duvidar, porque não consultou antes a S. Pedro. Direi: S. Pedro era tão destemido e arrojado, que elle só se atreveu tirar pela espada e investir com um esquadrão armado de soldados romanos; e homens de espíritos tão alentados são mais para desfazer as dificuldades na execução, que para consultar se se devem ou não emprehender. Duas partes leve o voto de Sancto André, e a primeira de grande juizo e acerto. Aqui ha, disse, um moço que tem cinco pães: *Est puer unus hic, qui habet quinque panes.* O voto verdadeiro ha se de fundar no que é e no que ha, ou seja muito ou pouco; e não votos mui elegantes e discretos, mas fundados no impossivel, que dizem o que fôra bom haver e não ha, e fôra bom ser e não é. Na segunda parte reconheceu André a dificuldade e desproporção dos cinco pães para sustentar a tantos mil: *Sed haec quid inter tantos?* E também aqui acertou como bom conselheiro de guerra, sem ad-

*Resposta de
Sancto André.*

verlir porém qual era o general debaixo do qual militava.

Ainda que se deve acreditar
ao numero dos soldados, a victoria não segue o maior numero.

*Luc. 14.
I. Machab. 8.*

Considerando Christo Senhor nosso esta mesma proporção do numero que ha de haver dos combatentes de uma e outra parte, disse assim: Que rei ha, o qual sabendo que vem outro a accommettel-o com um exercito de vinte mil soldados, não cuida primeiro muito de vagar se pode sair só com dez mil a pelejar com elle em campanha? Boa consolação, e tão necessaria como animosa, para os capitães mais versados na arithmetica que na milicia, os quaes dizem, quasi hereticamente, que Deus sempre se costuma pôr da parte onde ha mais mosqueteiros. Heresia muitas vezes condemnada na Sagrada Escritura, onde se diz, que tão facil é a Deus vencer com poucos, como com muitos: *Non est differentia in conspectu Dei coeli liberare in multis vel in paucis.*

Muito mais quando a guerra não é na campanha.

D'esta sentença de Christo pôde inferir não digo o nosso temor, mas o nosso cuidado, que ainda que os inimigos que nos infestam, tenham dobradas boccas de fogo, nem por isso devemos receiar ou descontiar da victoria. Mas não é isso só o que aquella sentença significa, sendo a nossa guerra puramente defensiva. Quando Christo diz que pôde um rei esperar que com dez mil combatentes resista e prevaleça contra o que o accommelte com vinte mil, falla expressamente da batalha campal e guerra em campanha, como se colhe das palavras: *Si possit cum decem milibus occurrere ei; e a nossa guerra nas circunstancias presentes pôde com dez mil resistir e defender-se não só de vinte, senão de cem mil: porque na campanha peleja um homem contra outro homem de peito a peito; porem os que se defendem cobertos e armados das suas fortificações, com uma muralha deante, ainda que sejam pygmeus, em respeito de outros homens são gigantes.* Assim o diz o propheta Ezequiel da confiança ou desprezo com que os soldados da cidade de Tyro zombavam, sendo pygmeus, de todos os seus sitiadores, mostrando-lhes os arcos e as aljavas penduradas da altura dos muros, d'onda comparados com os outros homens eram gigantes.

Ezech. 27
Christo dá graças velas do combate, por que está certo da victoria.

III. Mas que é o que ouço? São as trombelas e caixas da nossa guerra, do nosso evangelho, que tocam a arma. Pede Christo os cinco pães e com elles nas mãos, e os olhos nos cinco mil homens, diz o evangelista que levantando-os ao ceu deu as graças a Deus antes de partir nem distribuir os pães: *Et cum gratias egisset, distribuit discubentibus.* Esta anticipada acção nos obriga, posto que já com as armas nas mãos, a reparar n'ella e a não passar em silencio, sendo tão nova e ainda encontrada com a razão. As graças dão-se depois da guerra, da batalha e da victoria: então se canta o *Te-Domin* e

se fazem as outras solemnidades. Pois se isto, segundo o pensamento que seguimos de Emisseno, era uma batalha entre os pães e os homens: *Certamen fit inter panes et homines;* como anticipa Christo as graças antes de se dar a batalha? Porque era sua. Nas guerras de Christo primeiro é o vencer que o pelejar, «porque antes da peleja é certa a victoria.»

Arrebatado S. João nas visões do Apocalypse ouviu uma voz que lhe dizia: *Veni et vide;* vem e vê. Abriu os olhos e viu sobre um cavalo branco um mancebo de gentil disposição, armado de arco e aljava; e não tinha bem admirado o ar e bizarria com que o cavalleiro do céu vinha saindo, quando viu que lhe punham uma coroa na cabeça: *Ecce equus albus, et qui sedebat super eum habebat arcum; et data est ei corona.* Coroa? Logo já tinha vencido. Mas como tinha vencido, se só trazia na mão o arco e ainda não tinha disparado as setas? Porque este gallardo mancebo, como diz Sancto Agostinho, era o Verbo Eterno que saia do céu a conquistar o mundo; e nas conquistas e batalhas de Christo, primeiro é o vencer que o pelejar: primeiro a victoria que a batalha. O mesmo texto o diz expressamente: *Et erexit rincens ut rinceret;* saiu vencedor para vencer. Se vencedor, já tinha vencido; se para vencer, ainda não tinha dado a batalha. Mas isto mesmo era ser Christo: que só elle, antes de pelejar, vence; e, antes de dar a batalha, já é senhor da victoria. Por isso estando ainda com os cinco pães nas mãos, antes do famoso e nunca visto combate, pondo os olhos na multidão que havia de ser vencida e levantando-os juntamente com as mãos ao céu, dá as graças a Deus, como vencedor «n'aquellas criaturas insensíveis que trazia a seu soldo.»

Primeiro que tudo mandou o Senhor a seus doze apostolos, como a outros tantos sargentos maiores de batalha, que dividissem os cinco mil homens em cem esquadras cada uma de cincuenta; e ao uso com que se punham á mesa os hebreus, os fizessem recostar sobre o feno, de que havia muito n'aquele deserto. Se o pão se houvesse de dar juntamente a tanta multidão de homens famintos de tres dias, qual seria o tumulto e labirinto? Por isso mandou que se dividissem e possesem primeiro em ordem. Multidão desordenada é confusão; com ordem é exercito. Desordenada só serve de levar despojos ao inimigo; com ordem, na mesma ordem e em si leva já segura a victoria. Esse é o respeito por que Salomão, pintando um exercito formidável e terrível, não o encareceu pelo numeroso dos combatentes ou pelo lucido das armas, senão pela ordem de todo elle: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* Ordenada e disposta assim a campanha, então reparliu Christo aos doze apo-

Prova-se com a
visão do cap.
6.º do apoc.

Como Christo
dispus a nova
batalha dos
pães. Na oí tem
esta a beleza
e força de
um exercito.

Marc. 6.
Cant. 6.

stolos os cinco pães, lançando-lhes primeiro a sua benção; e divididos em igual proporção com os homens, saíram os pães ao combate por todos os moços novo; elles cinco e estes cinco mil.

*Difficultade da
victoria, e
comeresta se
alcançou.*

Nºm. 46.

Agora se verá a muita razão que teve sancto André e a pouca fé com que disse: *Quid haec inter tantos?* Quanto à razão: os mesmos que haviam de comer se podiam rir dos poucos bocados de pão com que os apostolos queriam tapar tantas bocas. Quando Josué e Caleb tornaram de explorar a terra de promissão, disseram que não havia que temer na conquista, porque os filhos de Israel aos amorrheus os podiam comer a boceados como pão: *Neque timeatis populum terrae hujus, quia sicut panem,* ita eos possumus devorare. Devorar, disseram, e engolir, que é muito mais facil que comer, zombando da dificuldade do pão, em que não ha osso nem espinha. O mesmo podiam dizer n'este caso os cinco mil «homens» não havendo para a sua fome pão, senão tão pouco para tantos; e cuidando todos que «um combate d'aquelle natureza» havia de acabar em um momento, sendo tantos os gastadores e tão pouco o que se havia de desbastar. Mas depois que os apostolos, começando pela primeira, acabaram pela ultima das cem esquadras, então comendo todos passou a admiração a espanto; e a primeira e mais que admirada foi a natureza. En, dizia a natureza, também sei e posso fazer do pouco pão muito pão: mas isto quando mais apressadamente em tres mezes. Ha-se de arar a terra, ha-se de semear e gradar o trigo, ha-de regal-o o céu, ha-de amadurecel-o o sol, hão de colhel-o suando os segadores; posto em paveias na eira, depois de calcado e limpo, ha de ser moido, depois amassado e levedado, depois finalmente cozido, até que se possa comer. Mas isto quando menos, como dizia, em trez mezes; e ordinariamente desde as neves de dezembro até às calmas de agosto. Mas em um momento crescer das mãos á boca! Sancto Agostinho diz que crescia nas mãos de Christo: S. Chrysostomo, que nas dos apostolos: Sancto Hilario, que nas dos que comiam, e tudo era, mas principalmente n'estes ultimos: porque, partido o pão que a cada um coube, em quanto a mão direita o partia e levava á boca, já na esquerda ficava outro tanto que se podia tornar a partir; e d'esta maneira quanto mais partiam os comedores, tanto mais cresciam os pães comidos.

*O mundo de multipliçar o pão
é repetir o que
pediram, ou em-
bargo em tempo
de guerra.*

Thren. 6.

Oh se o mundo soubesse intender e aprender esta traça de multiplicar o pão! *Pareuli petierunt panem, et non erat qui frangeret eis,* diz Jeremias: pediram pão os pequenos, e não havia quem lh'o partisse. Partisse, diz, porque a falta de não haver pão, é porque não ha quem o parta e reparta. Grande prova no mesmo evangelho. Neste milagre, como veremos, so-

bejaram doze alcosas; em outro similbante septe; e porque menos pão n'aquelle, que n'este? N'aquelle eram mais os pães e menos os comedores; porque os pães eram septe, e quatro mil os comedores: n'este os pães eram cinco, e os comedores cinco mil: logo, lá onde os pães eram mais e os comedores menos, haviam os pães de crescer mais; e cá, onde os pães eram menos e os comedores mais, haviam os pães de crescer menos. E porque não foi assim, senão pelo contrario? Pela razão expressa e infallivel que tenho dicto. Onde os pães eram septe e os comedores quatro mil, foi necessario que os pães se partissem e repartissem menos; e onde se partiram e repartiram menos, tambem cresceram menos: porém no nosso caso, em que os pães eram menos e os homens mais, foi necessário e forçoso que os pães se partissem e repartissem mais, e por isso cresceram mais. Não vos cresce o pão em casa, porque o não sabéis partir e repartir com os que carecem d'elle. «Boa consideração e melhor experiença pelas vantagens da esmola, que em tempo de guerra se torna tanto mais necessaria, quanto maior é o numero dos necessitados e mais forçosas as misérias que após a devastaçāo dos campos, o incendio e ruina das habitações e o desamparo das famílias, fazem parecer pequenas estas primeiras calamidades!»

Mas a milagrosa multiplicação dos pães lembra também que a sabedoria e providencia do capitão pôde multiplicar soldados para os levar consigo ás mais heroicas emprezas. Que outra força arrojava Grecia e Ásia após Alexandre de Macedonia, senão a persuasão de que militavam debaixo das bandeiras de quem os conduzia á victoria? Este foi o secreto poder ou condão de fazer valentes, que liveram os mais celebres capitães da historia antiga e moderna; pela mesma razão que ouvistes pouco antes n'aquelle dictame do mais sabio rei: *Gubernaculis stricta sunt bella.* Como o piloto governa o baixel com os acertados movimentos do leme, assim o capitão supremo maneja a guerra com os acertados alvitres da sua providencia.

IV. Vencida a batalha mandam os generaes tocar a recolher os soldados vencedores; e assim mandou Christo a seus discípulos, que em signal da victoria recolhessem as reliquias e fragmentos d'ella para que se não perdessem: *Colligite quae superaverunt fragmenta ne pereant.* Fizeram-no assim os apostolos; e admira-se com razão S. João Chrysostomo, que recolhessem cheias doze alcosas, nem mais nem menos. Doze e só dozel Bem: porque eram doze os apostolos. Mas porque não treze, para que chegasse também a Christo a sua? Porque era Christo o general; e o general de sublimes pensamentos, qual Christo,

A sabedoria e
providencia do
capitão
multiplica os
soldados.

O desiderio
de Christo
n'este milagre
e o que
deverem fer os
generaes.

da victoria só quer a honra: dos interesses d'ella, nada para si, tudo para os seus soldados. Assim o fizeram generosamente sem conhecimento do verdadeiro Deus um Agesilau, um Alexandre, um Vespasiano; e dos que o conheceram antes de ser homem, David, Josué, Jephite, Gedeão, Samsão e Judas Machabeu; dos quaes disse com não menos levantado pensamento S. Bernardo: *Nemo eis communicarit in gloria.* «E se homens que não viram os exemplos e as façanhas do nosso divino General se assignalaram com obras tão desinteressadas, que devem fazer os que estão vendo com os olhos da fé este e tantos outros milagres da sua divina liberalidade?

Fugindo dos que queriam fazê-lo rei, considerava que devemos morecer as horas e depois fugir d'ellas.

Ainda mais, que esta prodigiosa acção segundou Christo com outra não menos admiravel, que faz subir de ponto este seu desinteresse.» Vendo os cinco mil homens o milagre, e parvendo-lhes acção verdadeiramente real «aquelle providencia e sabedoria com que accudira à necessidade de povo tão numeroso,» que resolvaram entre si? Resolvem e determinam todos de acclamar rei a Christo, ainda que elle o repugnasse: *Uti roperent eum et facerent eum regem.* «Fazê-lo rei e por força? Raperent eum? Sim: porque bem persuadidos estavam todos de que elle por vontade não acceptaria jámais as proprias horas devidas a seus benefícios. E senão, vede qual foi a conclusão.» Intendeu-lhe o Senhor os pensamentos e deixando-os com o titulo de Rei quasi na boca, se retirou só para o monte: *Fugit iterum in montem ipse solus.* «Tão illustre exemplo, não sei se de maior modestia ou desinteresse, não pode ser commentado; considerado sim, e muito considerado, sobretudo por aquelles que nenhuma recompensa acham proporcionada a seus serviços. Vedes aquelle fugitivo que se apressa a ganhar os esconderijos de um monte da Palestina para occultar-se a uma multidão de gente que o vai buscando? Não é a malevolencia, mas a honra que o persegue, e a honra da realeza que por muitos títulos se lhe deve. Bem sabeis que elle é o Redemptor dos homens e que foge para nos ensinar com o exemplo de que devamos fugir. Se o que fizestes em serviço da patria merecesse não só bastão de general, mas coroa de rei; ainda então devéreis olhar para Christo e apprender que o verdadeiro merecimento não requer horas, mas foge e se esconde.» *Fugit iterum in montem ipse solus.*

Observação do
Santuário
Agostinho.
Recapitulação
concluída.

V. Aqui acaba o evangelho, e eu também tenho acabado o sermão. Mas se é verdade, como é, o que diz Sancto Agostino, que os milagres depois de intendidos fallam: *Habent miracula, si intelligantur, linguam suam;* ainda que o evangelista se nos calou, não deixa o milagre de fallar. Ouçainos-lhe duas

palavras. Em Christo, sabedoria eterna, pedir conselho, *Unde ememus panes*, diz que sem conselho nenhuma cousa façamos; porque nenhum homem é tão sabio que não esteja sujeito a errar. Em ser errado o dos apostolos por não recorrerem aos poderes de Christo, *Sed haec quid inter tantos*, diz que elle deve ser o oráculo a que em todas as nossas duvidas e dificuldades devemos recorrer. Em o Senhor dar as graças antes da mercê recebida, *Et cum gratias egisset*, diz que ao menos depois de as receber não sejamos desconhecidos e ingralos. Em partir e repartir o pão para o multiplicar, *Distribuit discumbentibus*, diz que a melhor traça de accrescentar os nossos bens é soccorrer com elles aos pobres. Em, finalmente, não querer Christo nada para si, senão tudo para os seus, *Collegerunt duodecim cophinos*; que é o que diz? Sem duvida que nos diz o Senhor «com mais nobre sentido» o que lá disse a Abrahão «o rei de Sodoma» sobre os despojos de uma victoria: *Da mihi animas, caetera tolle tibi*: tudo o mais vos dou, dae-me as almas. Exhortar este só poncto é o que aqui cabia; mas porque fio mais do bom juizo com que os que me ouvem o poderão considerar, do que das razões com que eu o posso persuadir, acabo «com rogar, que assim como Christo fugindo das honras da realeza se recolheu ao monte para, só por sô, segundo nota S. Mattheus, fazer oração: *Ascendit in montem solus orare*; assim nos recoilhamos, á sua imitação, de quando em quando a orar meditando a caducidade dos bens d'este mundo, pelos quaes se comprehendem tantas guerras, e a preciosidade das nossas almas que n'estas guerras estão tão expostas a perigo de se perder; e o fructo d'esta oração será que, desprendidos do amor desordenado dos bens terrenos, logremos «todos n'esta vida a graça e na outra a gloria: *Ad quam nos perducat etc.*

Gm. 43.

(Ed. ant. tom. 12.^o pag. 433, ed. mod. tom. 11.^o pag. 424).



SERMÃO DA QUINTA QUARTA FEIRA ..

PRÉGADO NA MISERICORDIA DE LISBOA NO ANNO DE 1669

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O fundamento d'este discurso é tirado de um tropo mui frequente na Escriptura: a cegueira dos olhos corporeos é transferida a significar o erro e ignorancia do intendimento. Por isso a anatomia e declaração das varias especies de cegueira são cousas tão uteis, quão util é a explicação dos varios textos e factos do antigo e novo testamento aqui citados, e das consequencias que se deduzem. O discurso não é menos practico do que ingenhoso e erudito; a peroração é eloquentissima.

Vidit hominem caecum.

S. JOAN. 9.

Um cego e muitos cegos: um cego curado e muitos cegos incuraveis: um cego que não tendo olhos viu e muitos que tendo olhos não viram, é a substancia resumida de todo este largo evangelho. Deu Christo vista milagrosa em Jerusalém a um cego de seu nascimento: examinaram o caso os escribas e phariseus, como cousa nunca vista, nem ouvida até áquelles tempos: convenceu-os o mesmo cego com argumentos, com razões, e muito mais com a evidencia do milagre. E quando elles haviam de reconhecer e adorar ao obrador de tamanha maravilha por verdadeiro Filho de Deus e Messias promettido, como fez o cego; cegos da inveja, obstinados na perfidia e rebeldes contra a mesma omnipotencia, negaram, blasphemaram e condenaram a Christo. De maneira que a mesma luz manifestada Divindade a um homem deu olhos, aos outros deu nos olhos: para um foi luz, e para os outros foi raio: a um allumiou, aos outros ferio: a um sarou, aos outros adoecen: ao cego fez ver, e aos que tinham vista cegou. Não é a ponderação minha nem de alguma auctoridade humana, senão toda do mesmo Christo. Vendo o milagroso Senhor os effeitos tão encontrados d'aquelle sua maravilha, concluiu assim: *Ego in hunc mundum veni, ut qui non vident videant, et qui vident caeci fiant.* Ora o caso é, diz Christo, que eu vim a este mundo para que os cegos ve-

O cego de nascimen-
to e
a cegueira dos
phariseus.

jam, e os que tem olhos ceguem. Não porque este fosse o fim de sua vinda; senão porque estes foram os efeitos d'ella. Os cegos viram, porque o cego recebeu a vista; e os que tinham os olhos cegaram, porque os escribas e phariseus ticaram cegos.

Tracta-se da
segunda co-
gueira.

Suppostas estas duas partes do evangelho, deixando a primeira tractarei só da segunda. O homem que não tinha olhos e viu, já está remediado: os que tem olhos e não vêem, estes são os que hão mister o remedio, e com elles se empregará todo o meu discurso: *Vidit hominem caecum.* Christo viu um homem cego sem olhos, nós havemos de ver muitos homens cegos com olhos. Christo viu um homem sem olhos que não via, e logo viu. Nós havemos de ver muitos homens com olhos que não vêem, e também poderão ver se quizerem. Deus me é testimunha que fiz eleição d'este assumpto para ver se se pode curar hoje alguma cegueira. Bem conheço a fraqueza e a desproporção do instrumento: mas o mesmo com que Christo obrou o milagre me anima a esta esperança. Inclinou-se o Senhor á terra, fez com a mão omnipotente um pouco de lodo, aplicou-o aos olhos do cego; e quando parece que lh'os havia de escurecer e cegar mais com o lodo, com o lodo lh'os abriu e allumiou. Se Christo com lodo dá vista, que cego haverá tão cego e que instrumento tão fraco e inhabil, que da eficacia e poderes de sua graça não possa esperar similhantes efeitos? Prostremos-nos, como fez o cego, a seus divinos pés, e peçamos para nossos olhos um raio da mesma luz, por intercessão da Mãe de misericordia, em cuja casa estamos. *Ave Maria.*

Não é esta
padecida mas
gozada.

II. *Vidit hominem caecum.* O cego que hoje viu Christo padecia uma só cegueira: os cegos que nós havemos de ver, sendo as suas cegueiras muitas, não as padecem, antes as gozam e amam: d'ellas vivem, d'ellas se alimentam, por ellas morrem e com ellas. Estas cegueiras irá descobrindo o nosso discurso. Assim o ajude Deus, como elle é importante.

É cegueira de
homens que
tem olhos, e
por isso maior.
Texto de Isaías
e 29. O que
Christo man-
dou dizer
ao Baptista.

O maior desconcerto da natureza, ou a maior circunstância de malícia, que Christo ponderou na cegueira dos escribas e phariseus, que será o triste exemplar da nossa, foi ser cegueira de homens que tinham os olhos abertos: *Ut ridentes caeces fiant.* Os escribas e phariseus eram sabios e letrados da lei: eram os que liam as Escrituras, eram os que interpretavam os profetas: e por isso mesmo eram mais obrigados que todos a conhecer o Messias, e nunca tão obrigados como no caso presente. Isaías no capítulo trinta e cinco, fallando da divindade do Messias e de sua vinda ao mundo, diz assim (onçam este texto os incredulos): *Datus ipse veniet et salvabit vos. Tunc aperientur*

oculi caecorum. Virá Deus em pessoa a salvar-vos; e em signal de sua vinda e prova de sua divindade dará vista a cegos. O mesmo tinha já dicto no capítulo vinte e nove e o mesmo tornou a dizer no capítulo quarenta e dous. Por isso quando o Baptista mandou perguntar a Christo, se era elle o Messias; querendo o Senhor antes responder com obras que com palavras, o primeiro milagre que obrou deante dos que trouxeram a embaixada, foi dar vista a cegos: *Renunciente Ioannem quae audistis et ridistis: caeci vident.* Pois se o primeiro e mais evidente signal da vinda do Messias, se a primeira e mais evidente prova de sua divindade e omnipotencia era dar vista a cegos; e se entre todos os «homens» a que Christo deu vista, nenhum era mais cego que este, e nenhuma vista mais milagrosa, por ser cego de seu nascimento, e a vista não restituída, senão creada de novo; como se allucinaram tanto os escribas e phariseus, que vendo o milagre, não viam nem conheciam o milagroso? Aqui vereis qual era a cegueira d'estes homens. A cegueira que cega cerrando os olhos, não é a maior cegueira; a que cega deixando os olhos abertos, essa é a «maior» de todas, e tal era a dos escribas e phariseus. Homens com os olhos abertos e cegos! Com olhos abertos, porque, como letrados, liam as Escripturas e intendiam os profetas; e cegos, porque vendo cumpridas as prophecias, não viam nem conheciam o prophetizado.

Um d'estes letrados cegos era Saulo antes de ser Paulo, e vede como lhe mostrou o céu qual era a sua cegueira. Ia Saulo caminhando para Damasco, armado de provisões e de ira contra os discípulos de Christo; quando, ao entrar já da cidade, eis que fulminado da mão do mesmo Senhor, cai do cavalo em terra, assombrado, atônito e subitamente cego. Mas qual foi o modo d'esta cegueira? *Apertis oculis* (diz o Texto) *nihil videbat:* Com os olhos abertos sem ver nenhuma cousa d'estas, nem se ver a si! Aqui esteve o maravilhoso da cegueira. Se o raio lhe tirara os olhos ou lhos fechára, não era maravilha que não visse. Mas não ver nada estando com os olhos abertos: *Apertis oculis nihil videbat!* Assim se lhe mostrou milagrosamente qual fôrâ a sua cegueira quando perseguiu a Christo. Tal era a dos escribas e phariseus, quando o não criam, e tal a nossa (que é mais) depois de o crermos. Muito mais maravilhosa é esta nossa cegueira, que a mesma vista do cego do evangelho. Aquelle quando não tinha olhos, não via; depois que teve olhos, viu: nós temos olhos e não vemos. N'aquelle houve cegueira e vista; mas em diversos tempos: em nós no mesmo tempo está junta a vista com a cegueira, porque somos cegos com os olhos abertos, e por isso mais cegos que todos.

Matth. 11.

A cegueira de
S. Paulo quando
era
Saulo e a dos
phariseus

O mundo está cheio de estes cegos. Os mais cegos são os maus christãos.

Se lançarmos os olhos por todo o mundo, acharemos que todo ou quasi todo é habitado de gente cega. O gentio cego, o judeu cego, o herege cego, e o catholico (que não davera ser) tambem cego. Mas de todos estes, quaes vos parece que são os mais cegos? Não ha duvida que nós os catholicos: porque os outros são cegos com os olhos fechados, nós somos cegos com os olhos abertos. Que o gentio corra sem freio apôs os appetites da carne, que o gentio siga as leis depravadas da natureza corrupta, cegueira é; mas cegueira de olhos fechados: não lhe abriu a fé os olhos. Porém o christão que tem fé, que conhece que ha Deus, que ha céu, que ha inferno, que ha eternidade, e que viva como gentio? É cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo gentio. Que o judeu tenha por escandalo a cruz, e por não confessar que crucificou a Deus não queira adorar a um Deus crucificado; cegueira é manifesta: mas cegueira de olhos fechados. Por isso mordidos das serpentes no deserto só saravam os que viam a serpente de Moysés exaltada; e os que não tinham olhos para ver, não saravam. Porém que um christão, (como chorava S. Paulo) seja inimigo da cruz; e que adorando as chagas do crucificado, não sare das suas; é regneira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo judeu. Que o hereje, sendo baptizado e chamando-se christão, se não conforme com a lei de Christo e despreze a observancia de seus mandamentos, cegueira é, mas cegueira tambem de olhos fechados: crê erradamente que basta para a salvação o sangue de Christo e que não são necessarias obras proprias. Porém o catholico, que crê e conhece evidentemente pelo lume da fé e da razão que fé sem obras é morta e que sem obrar e viver bem ninguem se pôde salvar, que viva nos costumes como Lutthero e Calvino, é cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego que o mesmo hereje. Logo nós somos mais cegos que todos os cegos.

Auctoridade de
Isaias 43.
c. 13 o 43.

E se a alguém parecer que me alargo muito em dizer que a nossa cegueira dos catholicos é maior que a do hereje e a do judeu e a do gentio, «ouça» ao mesmo Deus por boca de Isaias: *Quis caecus nisi servus meus? Quis caecus nisi qui renundatus est? Quis caecus nisi servus Domini?* Falla Deus com o povo de Israel, o qual n'aquelle tempo, como nós hoje, era o que só tinha a verdadeira fé; e diz não uma, senão tres vezes, que elle era o cego. Porque todos os outros povos eram cegos com os olhos fechados; só o povo de Israel era cego com os olhos abertos. O mesmo propheta o disse: *Populum caecum et oculos habentem:* povo cego e com olhos. Triste e temerosa cousa é que se diga, mas é forçosa consequencia dizer-se, que nós os ca-

tholicos «merecemos a mesma reprehensão.» Porque o gentio, o judeu, o herege são cegos sem fé e com os olhos fechados; e só nós os catholicos somos cegos com a verdadeira fé e com os olhos abertos. Grande miseria e confusão para todos os que dentro do gremio da Egreja professamos a unica e verdadeira religião catholica, e para nós os portuguezes (se bem olharmos para nós) ainda maior!

No psalmo cento e treze zomba David dos idólos da gentilidade, e uma das cousas de que principalmente os moteja é, que teem olhos e não vêem: *Oculos habent et non videbunt.* Bem podera dizer que não tinham olhos; porque olhos abertos em pedra, ou fundidos em metal, ou coloridos em pintura, verdadeiramente não são olhos. Também podera dizer, e mais brevemente, que eram cegos. Mas disse com maior ponderação e energia que tinham olhos e não viam: porque o encarceramento de uma grande cegueira não consiste em não ter olhos ou em não ver, senão em não ver tendo olhos: *Oculos habent et non videbunt.* Depois disto volta-se o propheta com a mesma galanteria contra os fabricadores e adoradores dos dictos idólos, e a benção que Ihes deita, ou a maldicção que Ihes roga, é que sejam similhantes a elles os que os fazem: *Similes illis fiant qui faciunt ea.* Porque assim como a maior benção que se pode desejar aos que adoram o verdadeiro Deus, é serem similhantes ao Deus que os fez, assim a maior praga e maldicção que se pôde rogar aos que adoram os deuses falsos, é serem similhantes aos deuses que elles fazem: *Similes illis fiant qui faciunt ea.* Agora dizei-me. E não seria muito maior desgraça; não seria muito maior miseria e sem razão nunca imaginada, se esta maldicção caisse não já sobre os adoradores dos idólos, senão sobre os que crêem e adoram o verdadeiro Deus? Pois isso é o que com efeito nos tem sucedido. Que cousa são pela maior parte hoje os christãos, senão umas estatutas mortas do christianismo, e umas similhanças vivas dos idólos da gentilidade, com os olhos abertos e cegos?

Miseria é grande que sejam similhantes aos idólos os que os fazem; mas muito maior miseria é, e muito mais extranya, que sejam similhantes aos idólos os que os desfazem: e estes somos nós. Estes somos nós (torno a dizer) por christãos, por catholicos, e muito particularmente por portuguezes. Para que sej Deus Portugal e para que levantou no mundo esta monarquia, senão para desfazer idólos, para converter idolatrias, para desterrar idolatrias? Assim o fizemos e fizemos com gloria singular do nome christão nas Asias, nas Africas, nas Americas. Mas, como se os mesmos idólos se vingaram de nós, nós

E de David
ps. 113

christãos cegos
como
os idólos
da gentilidade.

derribámos as suas estatutas e elles pegaram-nos as suas cegueiras. Cegos e com olhos abertos como ídolos: cegos e com olhos aberlos como o povo de Israel: cegos e com olhos abertos como Saulo: e cegos finalmente e com os olhos abertos como os escribas e phariseus.

Tres especies
de cegueira.

III. Está dicto em *commun* o que basta; agora para maior distinção e clareza desçâmos ao particular. Esta mesma cegueira de olhos abertos divide-se em tres especies de cegueira, ou, fallando medicamente, em cegueira da primeira, da segunda e da terceira especie. A primeira é de cegos que vêem e não vêem juntamente: a segunda da cegos que vêem uma cousa por outra: a terceira de cegos que, vendo o demais, só a sua cegueira não vêem. Todas estas cegueiras se acharam hoje nos escribas e phariseus; e todas, por igual ou maior desgraça nossa, se acham tambem em nós. Vamos discorrendo por cada uma e «descobriremos» no nosso ver muita cousa que não vêmos.

A primeira.
ver e não ver.

Começando pela cegueira da primeira especie digo que os olhos aberlos dos escribas e phariseus eram olhos que juntamente viam e não viam. Bem sei que ver e não ver «parece que» implica contradicção; mas assim o disse Christo fallando d'estes mesmos homens no capítulo quarto de S. Marcos: *Ui videntes rideant et non videant*: para que vendo vejam e não vejam. Agora esperaveis que eu saisse com grandes espantos. Se viam, como não viam? E se não viam, como viam?! Difficiliter sobre tal auctoridade seria irreverencia. Christo o diz, e isso basta. Eu porém não me quero escusar por isso de dar a razão d'este que parece impossivel: mas antes que lá chagoeemos, vejamos esta mesma implicação de ver e não ver practicada em dous casos famosos, ambos da historia sagrada.

Deuse o caso
nos soldados
que queriam
prender a Eliseu.

6. Reg. 6.

Estando el-rei de Syria em campanha sobre o reino de Israel, experimentou por muitas vezes que quanto deliberava no seu exercito, se sabia no do inimigo. E imaginando ao principio que devia de haver no seu conselho alguma espiã comprada que fazia estes avisos, soube dos capitães e dos soldados mais praticos d'aquelle terra que o propheta Eliseu era o que revelava e descobria tudo ao seu rei. (Oh se os reis tiveram ao seu lado prophetas!) Achava-se n'este tempo Eliseu na cidade de Dotân: resolve o rei mandal-o lomar dentro n'ella por uma entrepresa; e marchando a cavalaria secretamente em uma madrugada, eis que sai o mesmo Eliseu a encontrar-se com elles: diz lhes que não era aquelle o caminho de Dotân: leva-os à cidade fortissima de Samaria, mette-os dentro dos muros, fecham-se as portas, e ficaram todos tomados e perdidos. E certo que estes soldados d'el-rei de Syria conheciam muito bem a cidade de Do-

tão e a de Samaria, e as estradas que iam a uma e a outra, e muitos d'elles ao mesmo propheta Eliseu. Pois, se conheciam tudo isto e viam as cidades e os caminhos e ao mesmo propheta, como se deixaram levar onde não pretendiam ir? Como não prenderam Elyseu, quando se lhes veio meter nas mãos? E como consentiram que elle os mettesse dentro dos muros e debaixo das espadas dos inimigos? Diz o texto sagrado que toda esta comedia foi esfeito da oração de Eliseu, o qual pediu a Deus que cegasse aquella gente: *Percute, oro, gentem hanc caecitate.* E foi cegueira tão nova, tão extraordinaria e tão maravilhosa, quo juntamente viam e não viam. Viam a Eliseu, e não viam a Eliseu: viam a Samaria, e não viam a Samaria: viam os caminhos, e não viam os caminhos: viam tudo, e nada viam. Pôde haver cegueira mais implicada, e de homens com os olhos abertos? Tal foi por vontade de Deus a d'aqueles barbaros, e tal é contra a vontade de Deus a nossa, sendo christãos. Eliseu quer dizer *saudade de Deus*: Samaria quer dizer *carrere e diamante*. E que é a saude de Deus, senão a salvação? Que é o carcere de diamante, senão o inferno? Pois assim como os assyrios indo buscar a Eliseu se acharam em Samaria, assim nós buscando a salvação nos achamos no inferno. E se buscarmos a razão d'este erro e d'esta cegueira, é porque elles e nós vemos e não vemos. Não vés christão, que este é o caminho do inferno? Sim. Não vés que est'outro é o caminho da salvação? Sim. Pois como vais buscar a salvação pelo caminho do inferno? Porque vemos os caminhos, e não vemos os caminhos: vemos onde vão parar, e não vemos onde. Tanta é com os olhos abertos a nossa cegueira!

Segundo caso e maior. Mandou Deus dous anjos á cidade de Sodoma para que salvassem a Loti e abrazassem a seus habitantes; e eram elles tão merecedores do fogo, que lhes foi necessário aos mesmos anjos defenderem a casa onde se tinham recolhido. Mas como a defenderam? Diz o texto sagrado que o modo que tomaram para defender a casa foi cegarem toda aquella gente desde o maior até o mais pequeno: *Per-
cusserunt eos caecitate a marimo usque ad minorem.* Quando eu li que os anjos cegaram a todos, cidei que lhes fecharam os olhos e que ficaram totalmente cegos e sem vista; e que a razão de cegarem não só os homens, senão tambem os meninos, fôra, porque os meninos não podessem guiar os homens. Mas não foi assim. Ficaram todos com os seus olhos abertos e inteiros como d'antes. Viam a cidade, viam as ruas, viam as casas; e só com a casa e com a porta de Loti, que era o que buscavam, nemhum d'elles afimava. Buscavam na cidade

E nos habitan-
tes de Sodo-
ma junto da
casa de Loti.

Gen. 19.

a rua de Loth; viam a rua, e não atinavam com a roa. Buscavam na rua a casa de Loth; viam a casa, e não atinavam com a casa. Buscavam na casa a porta de Loth; viam a porta, e não atinavam com a porta: *Ita ut ostium incenire non possent*, diz o Texto. E para que cesse a admiração de um caso tão prodigioso, isto que fizeram n'aquelle olhos os anjos bons, fazem nos nossos os anjos maus. Estamos na quaresma, tempo de rigor e de penitencia; e sendo que a penitencia é a rua estreita por onde se vai ao céu; vemos a rua, e não atinamos com a rua. Entramos e frequentamos agora mais as egrejas: ponmos os pés por cima d'essas sepulturas; e sendo que a sepultura é a casa onde havemos de morar para sempre, vemos a casa, e não atinamos com a casa. Sobem os pregadores ao pulpito, põem-nos deante dos olhos tantas vezes a lei de Deus esquecida e desprezada; e sendo que a lei de Deus é a porta por onde se pôde entrar á bemaventurança, vemos a porta, e não atinamos com a porta.

E facio de todos os dias.

Paremos a esta porta ainda das telhas abaixo. Andam os homens cruzando as cidades, revolvendo os reinos, dando voltas ao mundo; cada um em demanda das suas preleções, cada um para se introduzir ao fim dos seus desejos; todos aos encontros uns sobre os outros: os olhos abertos, a porta à vista, e ninguem atina com a porta. Andais buscando a honra com olhos de lince; e sendo que para a verdadeira honra não ha mais que uma porta, que é a virtude, ninguem atina com a porta. Andais-vos desvellando pela riqueza com «cein» olhos; e sendo que a porta certa da riqueza não é acrecentar fazenda, senão diminuir ciúça, ninguem atina com a porta. Andais-vos matando por achar a boa vida; e sendo que a porta direita por onde se entra á boa vida, é «viver bem», ninguem atina com a porta. Andais-vos cançando por achar o descanso, e sendo que não ha nem pôde haver outra porta para o verdadeiro e seguro descanso, senão accommodar com o estado presente e conformar com o que Deus é servido, não ha quem atine com a porta. Ha tal desatino! Ha tal cegueira! Mas ninguem vê o mesmo que está vendo: porque todos, desde o maior ao menor, somos como aquelles cegos: *Percusserunt eos caecitate a maximo usque ad minorem.*

A causa d'esta
cegueira é
falta de
advertencia.

Sobre estes douz exemplos tão notaveis entre agora a razão, por que estais esperando. Que seja possivel ver e não ver juntamente, já o tendes visto. Direis que sim, mas por milagre. Eu digo que tambem sem milagre e muito facil e naturalmente. Não vos tem acontecido alguma vez ter os olhos postos e fixos em uma parte e, porque no mesmo tempo estais com o pensa-

mento divertido ou na conversação ou em algum cuidado, não dar fé das mesmas cousas que estais vendo? Pois esse é o modo e a razão por que naturalmente e sem milagre podemos ver e não ver juntamente. Vêmos as cousas, porque as vemos; e não vemos essas mesmas cousas, porque as vemos divertidos.

Iam para Emmaus os dous discípulos, praticando com grande tristeza na morte de seu Mestre; e foi cousa maravilhosa que aparecendo-lhes o mesmo Christo e indo caminhando e conversando com elles, não o conhecessessem. Alguns quizeram dizer que a razão d'este engano, ou d'esta cegueira, foi, porque o Señor mudou as feições do rosto e ainda a voz ou tom da fala. Mas esta exposição, como bem notou Sancto Agostinho, é contra a propriedade do texto, o qual diz expressamente que o engano não foi da parte do objecto, senão da potencia: não da parte do visto, senão da vista: *Oculi illorum tenebantur ne eum agnoscerent*. Como é possível logo que não conhecessem a quem tão bem conheciam, e que não vissem a quem estavam vendo? Na palavra *tenebantur* está a solução da duvida. Diz o evangelista que não conheciam os discípulos ao mesmo Senhor que estavam vendo, porque tinham os olhos presos. Isto quer dizer *tenebantur*. Mas se os olhos estavam presos, como viam? E se viam como estavam presos? Não estavam presos pela parte da vista; estavam presos pela parte da advertencia. Iam os discípulos divertidos na sua practica, e muito mais divertidos na sua tristeza; e esta diversão do pensamento era a que lhes prendia a advertencia dos olhos. Como tinham livre a vista, viam a Christo: como tinham presa a advertencia, não conheciam que era elle. Vede a força que tem o pensamento para a diversão da vista! Os olhos estavam no caminho com Christo vivo, o pensamento estava na sepultura com Christo morto; e pôde tanto a força do pensamento, que o mesmo Christo ausente em que cuidavam, os divertia do mesmo Christo presente que estavam vendo. Tanto vai de ver com attenção e advertencia, ou ver com desattenção e divertimento.

Por isso Jeremias bradava: *Attendite et ridete*: attendei e vede: não só pede o propheta a vista; mas a vista e a attenção, e primeiro a attenção que a vista: porque ver sem attenção é ver e não ver. Ainda é mais próprio este ver e não ver, do que o modo com que viam e não viam aquelles cegos nos dous casos milagrosos que referimos. Elles não viam o que viam: porque lhes confundiu Deus as especies. Nós sem confusão nem variedade das especies, não vemos o que vemos, só por desattenção e divertimento da vista. Agora intendereis a energia mysteriosa e discreta com que o propheta Isaias nos manda olhar para ver:

Aconteceu aco-
diu malos
de Emmaus co-
mo nota San-
cto Agostinho
n.º 16.

Por isso Jero-
mias c. 1 e
Isaias c. 43 in-
dicavam tanto esta ad-
vertencia.

Intuemini ad videndum. Quem ha que olhe, senão para ver? E quem ha que veja, senão olhando? Porque diz logo o propheta, como se nos inculcara um documento particular: Olhae para ver? Porque assim como ha muitos que olham para cegar, que são os que olham sem tento, assim ha muitos que vêem sem olhar, porque vêem sem attenção. Não basta ver para ver, é necessario olhar para o que se vê. Não vêmos as cousas que vêmos; porque não olhamos para ellas. Vêmolas sem advertencia e sem attenção; e a mesma desattenção é a cegueira da vista. Divertem-nos a attenção os pensamentos; suspendem-nos a attenção os cuidados; prendem-nos a attenção os desejos; roubam-nos a attenção os affectos; e por isso vendo a vaidade do mundo, imos após ella, como se fôra muito solida. Vendo o engano da esperança, confiamos n'ella, como se fôra muito certa. Vendo a fragilidade da vida, fundamos sobre ella castellos, como se fôra muito firme. Vendo a inconstancia da fortuna, seguimos suas promessas, como se foram muito seguras. Vendo a mentira de todas as cousas humanas, crêmos n'ellas como se foram muito verdadeiras. E que seria se os affectos que nos divertem a attenção da vista fossem da casta d'aquelle que tanto divertiram e perturbaram hoje a dos escribas e phariseus? Divertia-os o odio: divertia-os a inveja: divertia-os a ambição: divertia-os o interesse: divertia-os a soberba: divertia-os a auctoridade e ostentação propria; e como eslava a attenção tão divertida, tão embaragaçada, tão perturbada, tão presa; por isso não viam o que eslavam vendo: *Ut videntes caeci siant.*

A segunda especie de cegueira é ver as cousas como não são.
Jom. 9.

IV. A cegueira da segunda especie, ou a segunda especie da cegueira dos escribas e phariseus, era serem laes os seus olhos, que não viam as cousas ás direitas, senão ás avessas: não viam as cousas como eram, senão como não eram. Viam os olhos milagrosos, e diziam que era engano. Viam a virtude sobrenatural, e diziam que era peccado. Viam uma obra que só podia ser do braço de Deus, e diziam que não era de Deus, senão contra Deus: *Non est hic homo a Deo.* De maneira que não só não viam as cousas como eram, mas viam-nas como não eram; e por isso muito mais cegos, que se totalmente as não viram: «emfim, dignos filhos dos primeiros paes».

Tal foi a dos primeiros paes.
Gen. 3.

Os mais cegos homens que houve no mundo foram os primeiros homens. Disse-lhes Deus, não por terceira pessoa senão por si mesmo; e não por enigmas ou metaphoras, senão por palavras expressas: que aquella fructa da árvore que lhes prohibia, era venenosa; e que no mesmo dia em que a comessem, baviam de perder a imortalidade em que foram creados, não só para si, senão para todos seus filhos e descendentes; e com-

tudo comeram. Ha homem tão cego que coma o veneno, conhecido como veneno, para se matar? Ha homem tão cego que dê o veneno, conhecido como veneno, a seus filhos, para os ver morrer deante de seus olhos? Tal foi a cegueira dos primeiros homens. Pois como cairam em uma cegueira tão estranha? Como foram ou poderam ser tão cegos? Não foram cegos, porque não viam, que tudo viam muito mais clara e muito mais evidentemente do que nós o vemos e admiramos: mas foram cegos, porque viram uma cousa por outra. O mesmo texto o diz: *Vidit mulier quod bonum esset lignum ad vescendum.* Viu a mulher que aquella fructa era boa para comer. Mulher cega «que visse as cousas ás avessas!» A fructa vedada era má para comer e boa para não comer. Má para comer, porque comida era veneno e morte. Boa para não comer, porque não comida era vida e immortalidade. Pois se a fructa só para não comer era boa, e para comer não era boa, senão muito má, como viu Eva que era boa para comer? Porque era tão cega a sua vista, ou tão errada a sua cegueira, que olhando para a mesma fructa não via o que era, e via o que não era. Não via que era má para comer, sendo má; e via que era boa para comer, não sendo boa: *Vulit quod bonum esset.*

Esta foi a cegueira de Eva; e esta é a dos filhos de Eva: *Vae qui dicitis malum bonum, et bonum malum.* Andam equivocados dentro em nós o mal com o bem e o bem com o mal; não por falta de olhos, mas por erro e engano da vista. No paraíso havia uma só arvore vedada, no mundo ha infinitas. Tudo o que veda a lei natural, a divina e as humanas, tudo o que proíbe a razão e condena a experiência, são arvores e fructas vedadas; e é tal o engano e illusão da nossa vista, equivocada nas cores com que se disfarça o veneno, que em vez de vermos o mal certo para o fugir, vemos o bem que não ha para o appetecer. D'aqui nasce, como da vista de Eva, a ruina original do mundo, não só nas consciencias e almas particulares; mas muito mais no commun dos estados e das republicas.

Caiu a mais florente e bem fundada republica que houve no mundo, qual era antigamente a dos hebreus, fundada, governada, assistida, defendida pelo mesmo Deus. Qual vos parece que foi a origem ou causa principal de sua ruina? Não foi outra senão a cegueira dos que tinham por officio ser olhos da república. E não porque fossem olhos de tal maneira cegos que não vissem; mas porque viam trocadamente uma cousa por outra, e em vez de verem o que era, viam o que não era. Assim o lamentou o propheta Jeremias nas lagrimas que chorou em tempo do captiveiro de Babilonia sobre a destruição e ruina de

E é de quasi todos os seus filhos
Isai. 5.

Por ella caiu a
republica dos
hebreus seguindo
do os falsos
prophetas.
Thren. 2.

Jerusalem: *Prophetae tui viderunt tibi falsa.* Os olhos d'aquelle republica, que não só linham por oficio ver o presente, senão tambem o futuro, eram os prophetas que por isso se chamavam *Videntes*. E diz Jeremias á enganada e já desenganada Jerusalem, que os seus prophetas lhe viam as cousas falsas. Nota-se muito a palavra *viderunt*. Se dissera que prophetizavam, ou pregavam, ou aconselhavam, ou finalmente diziam cousas falsas; bem estava; mas dizer que as viam? Se as cousas eram falsas, não eram; e se não eram, como as viam? Porque essa era a cegueira dos olhos da triste republica. Olhos que não viam o que era, e viam o que não era, nem havia de ser. Os prophetas verdadeiros viam o que era; os prophetas falsos viam o que não era; e porque a cega republica se deixou governar por estes olhos, por isso se perdeu. Jeremias, propheta verdadeiro, dizia que se sujeitassem a Nabucodonosor; porque, se assim o não fizessem, havia de tornar segunda vez sobre Jerusalem e destruir-a de todo. Pelo contrario Hananias, propheta falso, pregava e promellia que Nabuco não havia de tornar, antes havia de resguardar os vasos sagrados do templo que tinha saqueado. E porque estes oraculos falsos, como mais plausiveis, foram os cridos, foi Jerusalem de todo destruida e assolada e as reliquias de sua ruina levadas a Babylonica.

Caso do voto de
Micheas con-
tra o de Sede-
cias e outros
400 prophetas

Micheas, propheta verdadeiro, consultado sobre a guerra de Ramoth Galaad disse que via o exercito de Israel derramado pelos campos, como ovelhas sem pastor. Pelo contrario Sedeicias com outros quatrocentos prophetas falsos, persuadiriam a guerra e asseguravam a victoria. E porque el-rei Achab quiz antes seguir a falsidade lisonjeira dos muitos, que a verdade provada e conhecida de um, posto que entrou na batalha sem coroa e disfarçado para não ser conhecido, um só tiro de uma seta perdida matou o rei, desbaratou o exercito e sentenciou a victoria pelos inimigos. Assim viram Micheas e Jeremias o que havia de ser, e os demais o que não foi. Para que abram os olhos os principes e vejam quaes são os olhos por coja vista se guiam. Guiem-se pelos olhos dos poucos que vêem as cousas como são, e não pelos dos muitos e cegos que vêem uma cousa por outra.

Caso d'esta
segunda voto
e a passão
com que se fez

Mas como pode ser (para que demos a razão d'esta segunda cegueira, como a demos da primeira) como pode ser que haja homens tão cegos que com os olhos abertos não vejam as cousas como são? Dirá alguém que este engano da vista procede da ignorancia. O rustico, porque é ignorante, vê que a lua é maior que as estrelas: mas o philosopho, porque é sabio e mede as quantidades pelas distancias, vê que as estrelas são

maiores que a lua. O rustico, porque é ignorante, vê que o céu é azul: mas o philosopho, porque é sabio e distingue o verdadeiro do apparente, vê que aquillo que parece céu azul, nem é azul nem é céu. O rustico, porque é ignorante, vê muita variedade de cores no que elle chama arco da velha: mas o philosopho, porque é sabio e conhece que até a luz engana quando se dobra, vê que alli não ha cores, senão enganos corados, e illusões da vista. Eu não pretendo negar á ignorancia os seus erros. Mas os que do céu abaixo padecem communmente os olhos dos homens e com que fazem padecer a muitos, digo que não são da ignorancia, senão da paixão. A paixão é a que erra, a paixão a que os engana, a paixão a que lhes perturba e troca as espécies para que vejam umas cousas por outras. E esta é a verdadeira razão ou semrazão de uma tão notável cegueira. Os olhos vêem pelo coração; e assim como quem vê por vidros de diversas cores, todas as cousas lhe parecem d'aquellea cor, assim as vistas se tingem dos mesmos humores de que estão bem ou mal affectos os corações.

Tinham os moabitas assentado seus arraiaes de fronte a fronte com os de Josaphat e Jorão reis de Israel e de Judá; e vendo ao amanhecer que por entre elles corria uma ribeira, julgaram que a agua, ferida dos raios do sol, era sangue, e persuadiram-se que os dous reis amigos por alguma subita discordia tinham voltado as armas um contra o outro.

Caido da graça d'el-rei Assuero seu grande valido Aman e condenado á morte, lançou-se aos pés da rainha Esther no throno onde estava, pedindo perdão e misericordia; e como Assuero o visse n'aquellea postura, foi tal o juizo que formou e tão alheio de sua propria honra, que não ha palavras decentes com que se possa declarar.

Corria fortuna a barca de S. Pedro no mar de Tiberiades, derrotada da furia dos ventos e quasi sossobrada do peso das ondas, quando apareceuu sobre ellas Christo caminhando a grandes passos a soccorrel-a. Viram-no os apostolos; e então tiveram o naufragio por certo e se deram por totalmente perdidos, julgando, diz o texto, que era algum phantasma.

Voltemos agora sobre estes tres casos tão notaveis e saibamos a causa de tantos enganos da vista. Os apostolos, Assuero, os moabitas, todos estavam com os olhos abertos, todos viram o que viam e todos julgaram uma cousa por outra. Pois se os apostolos viam a Christo, como julgaram que era phantasma? Se Assuero viu a Aman em acto de pedir misericordia, como julgou que «desacalava a rainha»? Se os moabitas viam a agua da ribeira, como julgaram que era sangue? Porque assim con-

Caso
dos moabitas

De Assuero

Dos discipulos
de Christo no
mar de Tiberiade

Estes tres ca-
sos explicam
que é a segun-
da especie
de regueira

fundem e trocam as especies da vista os olhos perturbados com alguma paixão. Os apostolos estavam perturbados com a paixão do temor: Assuero com a paixão da ira; os moabitas com a paixão da vingança; e como os moabitas desejavam verter o sangue dos dous exercitos inimigos, a agua lhes pareceu sangue: como Assuero queria tirar a vida a Aman, a contrição lhe parecia peccado: como os apostolos estavam medrosos com o perigo, o remedio e o mesmo Christo lhes parecia phantasma. Fiae-vos lá de olhos que vêm com paixão.

O amor e o odio
transformam
os objectos da
vista

As paixões do coração humano, como as divide e numem Aristoteles, são onze; mas todas elles se reduzem a duas capitaes: amor e odio. E estes dous affectos cegos são os dous pólos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são os que pesam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que repartem as fortunas. Elles são os que enseitam ou descompõem, elles os que fazem ou anniquilam, elles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando a seu arbitrio a cor, a figura, a medida e ainda o mesmo ser e substancia, sem outra distinção ou juizo que abhorrecer ou amar. Se os olhos vêm com amor, o corvo é branco; se com odio, o cysne é negro: se com amor, o demônio é formoso; se com odio, o anjo é feio: se com amor, o pygmeu é gigante; se com odio, o gigante é pygmeu: se com amor, o que não é tem ser; se com odio, o que tem ser e é bem que seja, não é, nem será jámais. Por isso se vêm com perpetuo clamor da justiça os indignos levantados e as dignidades abatidas; os talentos ociosos e as incapacidades com mando: a ignorância graduada e a sciencia sem honra; a fraqueza com bastão e o valor posto a um canto; o vicio sobre os altares e a virtude sem culto; os milagres accusados e os milagrosos réus. Pôde haver maior violencia da razão? Pôde haver maior escandalo da natureza? Pôde haver maior perdição da república? Pois tudo isto é o que faz e desfaz a paixão dos olhos humanos, cegos quando se fecham e cegos quando se abrem; cegos quando amam e cegos quando abhorrecem; cegos quando approvam e cegos quando condemnam; cegos quando não vêm e quando vêm muito mais cegos: *l'iridentes cacci fiant.*

A terceira espe-
cie de ce-
gueira é não se
conhecer
e si mesma

V. Temos chegado á cegueira da terceira especie, na qual estavam confirmados os escribas e phariseus; porque sendo tão cegos, como temos visto, não viam nem conheciam a sua propria cegueira. O cego que conhece a sua cegueira não é de todo cego; porque, quando menos, vê o que lhe falta: o ultimo extremo da cegueira é padecer-a e não a conhecer. Tal era o estado mais que cego d'estes homens, dos quaes disse aguda-

mente Origenes, que chegaram a perder o sentido da cegueira. A natureza quando tira o sentido da vista deixa o sentido da cegueira, para que o cego se ajude dos olhos alheios. Porém os escribas e phariseus estavam tão pagos dos seus e tão rematadamente cegos, que não só tinham perdido o sentido da vista, senão também o sentido da cegueira: o da vista, porque não viam, o da cegueira, porque a não «sentiam». Arguiu-os Christo hoje facilmente d'ella; e elles, que entenderam o remoque, responderam: *Nunquid et nos caeci sumus?* Por ventura somos nós também cegos? Como se disseram: Os outros são os cegos; porém nós que somos os olhos da republica, nós que somos as sentinelas da casa de Deus, nós que temos por officio vigiar sobre a observancia da fé e da lei, só nós temos luz, só nós temos vista, só nós somos os que vemos. Mas por isso mesmo era maior a sua cegueira que todas as cegueiras, e elles mais cegos que todos os cegos: porque não pôde haver maior cegueira, nem mais cego, que ser um bom cego e cuidar que o não é.

Introduz Christo em uma parábola um cego que ia guiando a outro cego: *Si caecus caecum ducat.* O que ia guiado era cego, o que ia guiando também era cego. Mas qual d'estes dous cegos vos parece que era mais cego, o guia ou o guiado? Muito mais cego era o guia. Porque o cego que se deixava guiar conhecia que era cego, mas o que se fez guia do outro tão sórava estava de conhecer que era cego, que cuidava que podia emprestar olhos. O primeiro era cego uma vez; o segundo duas vezes cego: uma vez, porque o era; outra vez, porque o não conhecia.

S. João no seu apocalypse escreve uma carta de reprehensão ao bispo de Laodicea e diz n'ella assim: *Nescis quia miser es et miserabilis et caecus?* Não sabes que és miserável e miserável e cego? No *miser et miserabilis* reparo. Que lhe chame miserável, porque era cego, bem clara está a miseria: mas porque lhe chama não só uma senão duas vezes miserável? Chama-lhe duas vezes miserável, porque era duas vezes cego: uma vez cego, porque o era; e outra vez cego, porque o não conhecia. Ser cego era miseria, porque era cegueira: mas ser cego e não o conhecer, era miseria dobrada. A primeira cegueira tirava-lhe a vista das outras cousas, a segunda cegueira tirava-lhe a vista da mesma cegueira: e por isso era cego sobre cego e miserável: *Miser et miserabilis et caecus.*

Oi quantos miseráveis sobre miseráveis e quantos cegos sobre cegos ha como este no mundo! Refere Seneca um caso notável sucedido na sua familia; e diz a seu discípulo Lucílio, que

Joan. 9.

Na parábola
cego que guia
a outro cego
qual
o mais cego?

Matth. 15.

S. João ao
bispo da
Laodicea

Seneca refere
um caso que
gura os cegos
dos costumes

Ihe contará uma cousa incrivel, mas verdadeira. Tinha uma creada chamada Harpastes, a qual, sendo fatua do seu nascimeto, perdeu subitamente a vista. E que vos parece que faria Harpastes cega e sem juizo? Aqui entra a cousa incrivel. Era cega e não o sabia: quando o que tinha cuidado d'ella lhe dava a mão para a guiar, lançava-o de si: dizia que estava a casa ás escuras; que abrissem as janellas; e as janellas que tinha fechadas não eram as da casa, eram as dos olhos. Pôde haver cegueira mais fatua e mais digna de riso? Pois d'esta maneira somos todos: cegos e fatuos: cegos, porque não vemos; e fatuos, porque não conhecemos a nossa cegueira. Não é cegueira a sberba? Não é cegueira a inveja? Não é cegueira a cubica? Não é cegueira a ambição, a pompa, o luxo? Não é cegueira a lisonja e a mentira? Sim. Mas a nossa fatuidade é tanta como a de Harpastes, que sendo a cegueira e a escuridado nossa, atribuimol-a á casa e dizemos que não se pôde viver de outro modo n'este mundo e muito menos na corte. Se somos cegos, porque o não conhecemos? Isaac era cego; mas conhecia a sua cegueira; por isso locou as mãos de Jacob para suprir a falta da vista com o tacto. O mendigo de Jericó era cego; mas conhecia que o era; por isso a esmola que pediu a Christo não foi outra, senão a da vista. Como havemos nós de surpir as nossas cegueiras, ou como lhes havemos de buscar remedio, se as não conhecemos?

As nossas ca-
das provam
que estamos ce-
gos.

Pois por certo que não nos faltam experiencias muito claras e muito caras para as conhecer, se não fomos cegos sobre cegos. Olhae para as vossas quedas; e vereis as vossas cegueiras. Quando Tobias ouviu que vinha chegando seu filho, de cuja vinda e vida já quasi desesperava, foi tal o seu alvoroço, que, levantando-se, remetteu a correr para o ir encontrar e receber nos braços. Tende mão, velho enganado: não vedes que sois cego? Não vedes que não podeis andar por vós mesmo, quanto mais correr? Não vedes que podeis cair, e que pôde ser tal a queda, que funesta um dia tão alegre e entristeça todo este prazer vosso e de vossa casa? Assim foi em parte; porque a poucos passos litubantes e mal seguros tropeçou Tobias e deu consigo em terra, diz o texto grego. Levantado porém em braços alheios deu a mão a um creado, e com este arrimo sem novo risco chegou a receber o filho. De maneira que o alvoroço, a alegria subita e o amor cegaram de tal sorte a Tobias, que não viu nem reparou na sua cegueira; porém depois que caiu, a mesma queda o fez conhecer que era cego, e que como cego se devia pôr nas mãos de quem o sustentasse e guiasse. Todas as cousas se vêem com os olhos abertos, e só a propria

cegueira se pôde ver com elles fechados. Mas quando ella é tão cega que não se vê a si mesma, as quedas lhe abrem os olhos para que se veja. Cairam os primeiros paes tão cegamente como vimos; e quando se lhes abriram os olhos para verem a sua cegueira? Depois que se viram caídos: *Et aperti sunt oculi amborum.* O appetite os cegou e a caida lhes abriu os olhos. Que filho ha de Adão que não seja cego? E que cego que não tenha caido uma e muitas vezes? E que não bastem tantas caiadas e recaidas para conhecermos a nossa cegueira! Se cais em tantos tropeços quantas são as vaidades e loucuras do mundo, porque não acabais de cintnder que sois cego e porque não buscais quem vos levante e vos guie? Só vos digo que se derdes a mão para isso a algum creado, como fez Tobias, que seja tão seguro creado e de tão boa vista, que saiba por onde põi os pés, e que vos possa guiar e suster. E quando ainda assim lhe derdes a mão, adverte que não seja tanta, que se cague também elle com a vossa graça e vos leve a maiores precipícios.

Mas já é tempo que demos a razão d'esta ultima cegueira como das demais. Parece cousa incrivel e impossivel que um cego não conheça que é cego. Mas como já temos visto que ha muitos cegos d'esta especie, resta saber a causa de tão extraña cegueira. Se algum cego podera haver que se não conhecesse, era o nosso cego do evangelho: porque era cego de seu nascimento; e quem não conhecia a vista, não é muito que não conhecesse a cegueira. Elle, porém, é certo, que a conhecia; e nós fallamos de cegos com os olhos abertos, que sabem o que é ver e não ver. Qual é logo ou qual pôde ser a causa, porque estes cegos se ceguem tanto com a sua cegueira que a não conheciam? Outros darão outras causas (que para errar ha muitas): a que eu tenho por certa e infallivel é a muita presumpção dos mesmos cegos. A causa da primeira cegueira, como vimos, é a desattenção: a da segunda a paixão; e a d'esta terceira e maior de todas, a presumpção. Nos mesmos escribas e phariseus lemos a prova. D'elles disse Christo n'outra occasião a seus discípulos: *Sinete eos: caeci sunt et duces cæcorum: dei-xae-os,* que são cegos e guias dos cegos. Mas por isso mesmo é bem que nós os não deixemos agora. Se eram cegos e não viam, como eram e se faziam guias de cegos? Porque tanto como isto era a sua presumpção. Para um cego guiar cegos é necessário que tenha dous conhecimentos contrarios: um com que conheça os outros por cegos; e outro com que conheça e tenha para si que elle o não é. E tal era a presumpção dos escribas e phariseus. Nos outros conheciam que a cegueira era cegueira: em si afirmavam que a sua cegueira era vista. Por

Gen. 3.

Causa d'esta
uma cegueira
à presu-
mpção.

Matth. 5.

peccados publicos, vêdes os escandalos, vêdes as simonias, vêdes os sacrilegios, vêdes a falta da doutrina sá, vêdes a condenação e perda de tantas almas dentro e fora da christandade? Se o vêdes, como o não remedialis? e se o não remedialis, como o vêdes? Estais cegos. Ministros da republica, da justiça, da guerra, do estado, do mar, da terra; vêdes as obrigações que se descarregam sobre o vosso cuidado, vêdes o peso que carrega sobre vossas consciencias, vêdes as desalentações do governo, vêdes as injustiças, vêdes os roubos, vêdes os descaminhos, vêdes os enredos, vedes as dilações, vêdes os subornos, vêdes os respeitos, vêdes as potencias dos grandes e as vezações dos pequenos, vêdes as lagrimas dos pobres, os clamores e gemidos de todos? Se o vêdes, como o não remedialis? e se o não remedialis, como o vêdes? Estais cegos. Paes de famílias que tendes casa, mulher, filhos, creados; vêdes o desconcerto e descamínho de vossas famílias, vêdes a vaidade da mulher, vêdes o pouco recolhimento das filhas, vêdes a liberdade e más companhias dos filhos, vêdes a soltura e descommendimento dos creados, vêdes como vivem, vêdes o que fazem e o que se atrevem a fazer tiados muitas vezes na vossa dissimulação e no vosso consentimento e na sombra do vosso poder? Se o vêdes, como o não remedialis? e se o não remedialis, como o vêdes? Estais cegos. Finalmente, homem christão, de qualquer estado e de qualquer condição que sejas; vês a fé e o caracter que recebeste no baptismo, vês a obrigação da lei que professas, vês o estado em que vives ha tantos annos, vês os encargos de tua consciencia, vês as restituições que deves, vês a occasião de que te não apartas, vês o perigo de tua alma e de tua salvação, vês que estás actualmente em peccado mortal, vês que se te toma a morte n'esse estado, que te condennas sem remedio; vês que se te condenñas, has de arder no inferno enquanto Deus for Deus, e que has de carecer do mesmo Deus por toda a eternidade? Ou vemos tudo isto, christãos, ou não o vemos. Se o não vemos, como somos tão cegos? e se o vemos, como o não remediamos? Fazemos conta de o remediar alguma hora, ou não? Ninguem haverá tão impio, tão barbáro, tão blasphemoso, que diga que não. Pois se o havemos de remediar alguma hora, quando ha de ser esta hora? Na hora da morte? Na ultima velhice? Essa é a conta que lhe tizeram todos os que estão no inferno; e lá estão e estarão para sempre. E será bem que façamos nós tambem a mesma conta e que nós vamos apôs elles? Não, não; não queiramos tanto mal á nossa alma. Pois se algum dia ha de ser, se algum dia havemos de abrir os olhos, se algum dia nos havemos de resolver, porque não será n'este dia?

Ah! Senhor, que não quero persuadir aos homens nem a mim, pois somos tão cegos; a vós me quero tornar. Não olheis, Senhor, para as nossas cegueiras, lembrae-vos dos vossos olhos, lembrae-vos do que elles fizeram hoje em Jerusalém. Ao menos um cego saía hoje d'aqui allumiado. Ponde em nós esses olhos piedosos, ponde em nós esses olhos misericordiosos; ponde em nós esses olhos omnipotentes. Penetrae e abrandae com elles a dureza d'estes corações: rasgae e allumiae a cegueira d'estes olhos, para que vejam o estado miseravel de suas almas; para que vejam quanto lhes merece essa cruz e essas chagas; e para que, lançando-nos todos a vossos pés, como hoje fez o cego, arrependidos com uma firmissima resolução de nossos peccados, nos façamos dignos de ser allumiados com vossa graça e de vos vêr eternamente na gloria.

Só Deus pode
fazer o milagre
de allumiar a
nossa cegueira.

(Ed. ant. tom. 4.º, pag. 609; ed. mod. tom. 3.º, pag. 295).



I. SERMÃO DA QUINTA DOMINGA **

PRÉGADO NA CATHEDRAL DE LISBOA NO ANNO DE 1651

OSSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — Também este é um dos melhores e mais proveitosos sermões do grande Vieira. Note-se a facilidade, evidencia e naturalidade da argumentação e a harmonia de todas suas partes : dotes que o fazem um modelo de arte oratoria.

Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?

S. JOAN. 8.

Estas palavras que hoje nos propõi a Egreja e nos manda pregar ao povo christão são as mesmas que Christo antigamente pregou contra os escribas e phariseus; e porque são as mesmas, parece que não é razão se nos preguem a nós. Christo n'estas palavras queixa-se dos judeus, porque o não criam: *Quare non creditis mihi?* E não seria grande impropriedade, e ainda afronta da nossa fé, se em um auditorio tão catholico fizesse eu a mesma queixa e affirmasse ou supposesse de nós que, sendo christãos, não crêmos a Christo? Este foi o primeiro reparo; e me pareceu, conforme a elle, que as palavras do evangelho que propuz, só as mandava referir a Egreja como historia do tempo passado e não como doutrina necessaria aos tempos e costumes presentes. Dei um passo mais avante com a consideração e comecei a duvidar d'isto mesmo. Olhei para a fé que se usa: olhei para a vida e obras que correspondem à mesma fé; olhei para os pequenos, e muito mais para os grandes; olhei para os leigos e também para os ecclesiasticos; e achei, e me persuadi, com grande confusão minha, que tão necessaria é hoje esta pregação, como foi no tempo de Christo. E porque? O dia é de verdades; hei de dizer o porque muito claramente. Porque se os escribas e phariseus não criam a Christo; também os christãos

Christo queixa-se dos judeus porque
não criam; parece que a mesma queixa se pôde fazer de muitos cristãos.

e catholicos não crêmos a Christo. Iramo-nos muito e dizemos grandes injurias contra os judeus d'aquelle tempo; e nós somos como elles. Contra elles pregou Christo: contra nós prega o evangelho. E se Christo fallara d'aquelle sacrario, assim como então disse aos judeus *Quare non creditis mihi*, assim havíamos de ouvir que nos dizia a nós: Christãos porque me não crêdes? Se sois e vos chamais christãos, porque não crêdes a Christo?

Isto não
é calunnia.

Parece-me, senhores, que vos vejo inquietos e ainda indignados contra mim por esta proposta; e que cada um dentro de si não só me está arguindo e condemnando, mas cuida que me tem convencido. Nós (dizeis todos) por graça de Deus somos christãos; e o Christo em que crêmos e por cuja fé daremos a vida, é o mesmo Christo que os judeus hoje negaram. Elles crucificaram-no, nós adoram-o: elles não creram que era o verdadeiro Messias, nós cremos que é verdadeiro Deus e verdadeiro homem; que encarnou, que nasceu, que morreu, que resuscitou, que salvou e remiu o mundo. Logo grande injustiça é a que faz á nossa fé e á nossa christandade, quem diz que somos como os judeus em não crer a Christo. E que seria se eu dissesse que n'esta parte ainda somos peiores?

Porque muitos
ba que crêem
em Christo,
mas não crêem
a Christo.

Anno. 14. 21. 6.
50.

Intendei bem o que diz o texto de Christo: e logo vereis como a vossa instancia nem desfaz a minha proposta, nem é argumento contra ella. Dizeis que sois christãos? Assim é. Dizeis que crêdes muito verdadeiramente em Christo? Tambem o concedo. Mas Christo não se querxa de não crerem n'elle; queixa-se de o não crerem a elle. Notae as palavras. Não diz: *Quare non creditis in me?* Porque não credes em mim? O que diz é: *Quare non creditis mihi?* Porque me não credes a mim? Uma cousa é crer em Christo, que é o que vós provais e eu vos concedo: outra cousa é crer a Christo, que é o que não podeis provar e em que eu vos hei de convencer. De ambos estes termos usou o mesmo Senhor muitas vezes. Aos discípulos: *Creditis in Deum et in me creditre.* A Martha: *Qui credit in me, etiam si mortuus fuerit, vivet.* Por outra parte á Samaritana: *Mulier, crede mihi;* e aos mesmos judeus: *Si mihi non vultis credere, operibus credite.* De maneira que ha crer em Christo, e crer a Christo; e uma crença é muito diferente da outra. Crer em Christo é crer o que elle é: crer a Christo é crer o que elle diz. Crer em Christo é crer n'elle: crer a Christo é crer-a a elle. Os judeus nem criam em Christo, nem criam a Christo. Não criam em Christo, porque não criam a sua divindade; e não criam a Christo, porque não criam a sua verdade. E n'esta segunda parte é que a nossa fé ou a nossa incredulidade se parece com a sua e ainda a excede mais feitamente. O judeu não crê em

Christo, nem crê a Christo; e que não creia a Christo quem não crê em Christo, é proceder coherentemente. Pelo contrario nós cremos em Christo, e não cremos a Christo; e não crer a Christo, quem crê em Christo; não crer a sua verdade, quem crê na sua divindade; é uma contradicção tão alheia de todo o intendimento, que só se pode presumir de quem tenha perdido o uso da razão: e por isso o mesmo Senhor nos pergunta por ella: *Quare non creditis mihi?* Por que razão me não crèdes?

Isto que já tenho dicto é o que resta declarar e provar. Mostrarei que a queixa de Christo Senhor Nossa, feita contra os escribas e phariseus, «a julgarmos das obras de grande numero de christãos», tambem pertence a este auditorio e que, se condenma a parte secular d'elle, tambem fere a ecclesiastica. As palavras dizem: *Non creditis mihi;* e nós veremos debaixo de toda a sua propriedade, e com grande confusão nosea, que por mais que nos prezemos tanto de christãos, cremos em Christo, mas não cremos a Christo. Esta é a verdade que trago para pregar hoje. Se vos parecer nova, será por ignorada ou mal advertida: se amargosa e de pouco gosto, esse é o sabor da verdade: se finalmente difficultosa de crer, isso fica por conta do que haveis de ouvir. A materia não pode ser nem mais christã, nem mais importante, nem mais útil. Assista-nos Deus com sua graça. *Ave Maria.*

II. De maneira, senhores catholicos, que, as nossas obras estão dizendo que somos christãos por metado: temos uma parte da fé e falta-nos outra: cremos em Christo, mas não cremos a Christo. Quando Christo saiu ao mundo com a primeira prova da sua omnipotencia e divindade, convertendo uma creatura em outra nas vodas da Caná de Galilea, conclui o evangelista S. João a narração do milagre com esta notavel advertencia: *Hoc fecit initium signorum Jesus in Cana Galilaeo, et crediderunt in eum discipuli ejus:* este foi o primeiro milagre que fez o Senhor Jesus; e creram n'ele os seus discípulos. Segue-se que antes do milagre não criam n'ele; e se ainda não criam n'ele, como eram já seus discípulos? Eram já seus discípulos, porque criam a sua doutrina; mas ainda não criam n'ele, porque não conheciam a sua divindade. Criam-no a elle, mas não criam n'ele: criam-no a elle como Mestre, mas não criam n'ele como Deus. De sorte que crer em Christo e crer a Christo não são crenças que andem sempre juntas. Os discípulos n'aquelle tempo e n'aquelle estado criam Christo, mas não criam em Christo; e nós agora ás avessas d'elles cremos em Christo, mas não cremos a Christo: cremos em Christo, porque cremos o que é; não cremos a Christo, porque não cremos o que diz.

Será esta o assunto do sermão.

No efeito do milagre das vodas da Caná se prova a diferença de crer em Christo e crer a Christo.

Joan. 2.

Tambem dos
acontecimentos
da ultima
cela.

Isto mesmo que a nós, sucedeua aos mesmos discipulos, quando já tinham não menos que tres annos de escola divina e no dia em que acabaram o curso d'ella. N'este dia (que foi a vespera da Paixão de Christo) disse o Senhor a todos os discipulos que todos n'aquelle noite deviam padecer escandalo, faltando á fé e amor que lhe deviam. Respondeu Pedro, que ainda que todos faltassem, elle não havia de faltar; e replicando o Senhor que, antes que o gallo cantasse, o negaria trez vezes; tornou Pedro a dizer que, se fosse necessário dar a vida, primeiro a daria e se deixaria matar, do que negar a seu Mestre; e o mesmo disseram todos os mais discipulos. Se, antes de Christo ter dicto o que acabava de affirmar com tanta asseveração, Pedro presumisse tanto de si e o mesmo presumissem a dissessem os outros discipulos, não me admirara; porque falavam pela boca do coração, o qual de longe e antes das ocasiões sempre nos engana. Mas depois de o Senhor ter dicto a Pedro e aos demais que elle nomeadamente o havia de negar e todos os outros o haviam de desamparar e fugir, como não deram credito a um oráculo tão expresso de Christo? Pedro e os demais não criam que Christo era Deus? Sim, criam; que assim o tinha confessado o mesmo Pedro e todos com elle. Pois se criam a divindade de Christo; se criam que Christo era Deus, como não creram o que lhes dizia? Porque a sua fé n'aquelle tempo era como a nossa; e todos criam então como nós cremos hoje. Criam em Christo, mas não criam a Christo. Os apostolos e discipulos antes de descer sobre elles o Espírito Sancto, eram sujeitos como homens a defeitos e talvez padeciam os mesmos em quo nós incorremos. No principio e no fim criam «por metade»; e em um e outro caso só chegou a sua fé a ser meia fé, diversamente repartida. No principio «pela sua» ruideza e imperfeição criam a Christo e não criam em Christo; no fim por fraqueza e tentação criam em Christo, mas não criam a Christo. E porque este modo de crer era muito mais arriscado e perigoso; por isso acrescentou o Senhor que o demônio n'aquelle occasião os havia de crivar: *Erre Satanas expetivit vos, ut cribraret sicut triticum.*

Lxx. 22.

E ao percado
de Eva.

Tenta e engana o demônio aos filhos de Eva com a mesma traça e com a mesma astucia com que a enganou a ella. Como a fé é o fundamento da graça, contra a fe vomitou a serpente o primeiro veneno e na fé armou o laço á primeira mulher. Mas como? Por ventura intentou persuadir-lhe que não cresse em Deus, ou duvidasse da sua divindade? Tão sora esteve d'isto o demônio, que antes elle ratificou a Eva essa mesma crença de Deus uma e outra vez, supondo sempre que o que lhe po-

zera o preceito era Deus: *Cur praecepit vobis Deus?* e o que lhe ameaçara a morte também era Deus: *Scit enim Deus quod in quocunque die comedetis ex eo, etc.* Pois em que esteve logo a tentação contra a fé? Não esteve em que Eva não cresse o que Deus era; esteve em que não cresse o que Deus dizia. Deus disse a Eva e a Adão, que no poncio em que comessem da árvore vedada haviam de morrer; e isto que Deus lhes tinha dicto é o que o demônio procurou que não cressem: *Nequaquam morte moriemini.* Deus disse-vos que haveríeis de morrer se comedes da árvore? Não creais tal cousa. Ele é o Deus que vos creou, elle é o Deus que vos deu o paraíso, elle é o Deus que vos pôz o preceito, isso crede vós: mas crer que depois de vos crear, e crear tanta diversidade de fructos para que sustenteis a vida, vos haja de tirar a mesma vida. *Nequaquam:* de nenhum modo: não creais tal, ainda que elle vol-o tenha dicto. Crede n'elle, sim: mas não creais a elle. Isto é o que pretendeu o demônio, isto é o que conseguiu; e como enganou a nossos paes, assim nos engana a nós. Dá-nos de barato amelade da fé para nos ganhar a outra metade. Crer em Deus, quanto nós quizermos; mas crer a Deus, isso não quer o demônio. Por isso cremos em Christo e não cremos a Christo.

Gen. 3.

Mas vejo que ainda ha quem repugne; ou quando menos duvide e pergunte como pôde ser e se pôde dizer com verdade que nós os christãos cathólicos não crêmos a Christo? Para nós não ha outra fé, nem outra autoridade, nem outro oráculo infallível, senão o da palavra divina «interpretada pela Egreja». Logo como não crêmos a Deus? O mesmo Deus respondeu a esta dúvida e nos deu uma regra certa por onde conhecemos sem engano se o crêmos a elle ou não. Cuidamos que crêmos a Deus e enganamo-nos. Mas qual é a regra? *Qui credit Deo, attendit mandatus.* Sabeis quem crê a Deus, diz o Espírito Santo? Quem faz o que Deus lhe manda. Se fazeis o que Deus manda, crêdes a Deus: se não fazeis o que elle manda, não o crêdes a elle; crêdes-vos a vós, crêdes ao vosso appetite, crêdes ao diabo, como crêva Eva: Por isso dizia David: *Quia mandatus tuis credidi:* Eu, Senhor, cri aos vossos mandamentos. Isto é só o que é crer a Deus. A nossa fé pára no credo, não passa aos mandamentos. Se Deus nos diz que é um, creio: se nos diz que são tres Pessoas, creio: se nos diz que é Creador do céu e da terra, creio: se nos diz que se fez homem, que nos remiu e que ha de vir a julgar vivos e mortos, creio. Mas se diz que não jureis, que não mateis, que não adultereis, que não furteis, não crêmos. Esta é a nossa fé, esta a nossa christandade. Somos católicos do credo e herejes dos mandamentos. Vede se se deve

Em conclusão
somos ca-
thólicos do cro-
do e herejes
dos mandamen-
tos.

Eccl. 32.

p. 113

contentar Christo com tal invenção de crér: e se tenho eu razão de pregar que cremos em Christo, mas não cremos a Christo.

Prova-se a mesma verdade com exemplos particulares.

Os homens buscam o descanço e não o acham, como a pomba de Noé.

Gen. 8

III E para que esta verdade, que só está provada em commun, se veja com os olhos e se apalpe com as mãos, descamos a exemplos particulares e postiamos para maior clareza nas matérias mais familiares e usuaes ainda da conveniencia, do interesse e do gosto.

Que homem ha, senhores, que não busque o descanço? Este é o lín que se busca e se pretende por todos os trabalhos da vida. O soldado pelos perigos da guerra busca o descanço da paz. O mareante por meio das ondas e das tempestades busca o descanço do porto. O lavrador pelo snor do arado, o estudante queimando as pestanas, o mercador arriscando a fazenda, todos, como diversos rios ao mar, correm a buscar o descanço, que é o centro do desejo e do cuidado. E houve algum homem tão mimoso da fortuna n'este mundo, que em alguma ou em todas as cousas d'elle achasse o descanço que buscava? Nenhum. Saiu a pomba da arca: diz o texto sagrado que já ia, já tornava, já tomava para uma parte, já para outra, e que não achava onde descansar: *Cum non invenisset ubi requiesceret pes ejus.* Primeiro lhe cançaram as azas do que achasse onde descansar os pés. E porque não achava a pomba onde descansar? Porque buscava o descanço onde o não havia. As cidades, os campos, os valles, os montes, tudo era mar. Este é o mundo em que vivemos. Antes e depois de Noé sempre foi diluvio. Uns para uma parte, outros para outra: todos cançados de o não achar.

Mas não o buscam onde está.
Explicação de Santo Agostinho e auctoritate de Christo.

Matth. 11.

A razão deu Santo Agostinho no livro quarto dos seus enganos a que elle chamou confissões: *Non est reges ubi queritis eam: querite quod queritis: sed ibi non est ubi queritis.* A razão porque não achamos o descanço é porque o buscamos onde não está. Não vos digo (diz Agostinho) que o não busqueis: buscae-o: só vos digo que não está ali onde o buscais. Pois se é bem que busquemos o descanço e elle não está onde o buscamos, onde o havemos de buscar? Onde Christo disse que o buscassemos, porque só ahí está e só ahí o acharemos: *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos. Tollite jugum meum super vos, et invenietis requiem animabus vestris.* Todos os que andais cançados (que sois todos) vinde a mim, diz Christo; e eu vos aliviarei. Tomae sobre vós o jugo da minha lei e achareis o descanço. Crédes que são estas palavras de Christo? Sim. Agora responde-me: é certo que todos desejas o descanço: é certo que todos o buscáis com grande trabalho por diversos caminhos, e que é

não achais. Pois porque o não buscais na observância da lei de Christo? Christo diz que na sua lei está o allívio de todo o trabalho: Christo diz que na sua lei, e só na sua lei, se acha o descanso. Logo se não buscais o descanso na lei de Christo, é certo que não crêdes a Christo: porque se vós buscais o descanso, onde o não ha, com trabalho, claro está, que antes o haveis de buscar, onde o ha, sem trabalho. Mas a verdade é (e vós o sabeis muito bem) que a razão por que não buscais o descanso na lei de Christo é porque a não tendes por descansada, senão por muito trabalhosa. Vós tendeis-a por trabalhosa, dizendo Christo que só ella vos pôde aliviar do trabalho? Vós tendeis-a por cansada, dizendo Christo que só n'ella está o descanso? Logo crêdes o que vós imaginais e não o que Christo diz: crêdes em Christo, mas não crêdes a Christo.

Do descanso d'esta vida passemos ao da outra. Todos dizemos que queremos ir ao céu, e não ha dúvida que todos queremos. Mas noto eu que parece que queremos chegar lá com a cabeça. Os castellos que formamos nas nossas são como o zimbório da torre de Babel: *Cujus culmen pertingat ad coelum.* Subir e mais subir: crescer e mais crescer. Os pequenos querem ser grandes, os grandes querem ser maiores, os maiores não sei nem elles sabem o que querem ser. Ninguem se contenta com a estatura que Deus lhe deu; e não ha homem tão pygmeu ou tão formiga, que não aspire a ser gigante para conquistar o céu. Assim o dizem as fabulas: mas não são estes os textos do evangelho: olhae o que diz Christo: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum coelorum.* Se vos não fizerdes pequeninos, não haveis de entrar no reino do céu. Notae muito a palavra *non intrabitis*, que é muito para notar e para tremer. Se a duvida estivera em ser pequeno ou grande no céu, bem creio eu da nossa devocão que não fizermos muito escrúpulo de ser pequenos no céu, com tanto que foramos grandes na terra. Grandes digo, porque fallo pela vossa linguagem. Um gentio (Seneca) que sabia melhor que nós medir as grandezas, dizia que indignamente se dera a Alexandre Magno o nome de Grande, posto que tivesse dominado a terra; porque ninguem pôde ser grande em um elemento tão pequeno. Grandes só no céu os pôde haver.

Mas a duvida (como dizia) não está em ser grande ou pequeno no céu, está em entrar lá ou não entrar: *Non intrabitis.* A occasião que deram a esta doutrina os discípulos foi a ambição com que todos e cada um, esquecidos de haverem sido pescadores, pretendiam ser o maior: *Quis eorum videretur esse maior.* Então lhes descobriu o mestre celestial este segredo; e

Todos querem
chegar ao céu
fazendo-se
grandes, quando se deviam
fazer
pequeninos
Gen. 11.

Matth. 18.

Confundida das
apostolos na ul-
tima ceia.
Proporção das
portas do céu.
Luc. 22.

Ihes ensinou que a architectura do céu não é como a da terra. Uma cidade tão grande como o céu, parece que havia de ter umas portas muito altas e muito largas; e não é assim. Como são fabricadas á proporção dos que hão de entrar por elles, traçou o supremo Artífice que fossem não só pequenas, mas pequeninas, porque também tinha decretado que não entrassem no céu senão os pequeninos: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum coelorum.* Isto é o que diz Christo: isto é o que repete uma e muitas vezes. Vejam agora os que todo o seu cuidado e toda a sua industria e todas as suas artes empregam em subir, em crescer, em se fazer grandes (ainda que seja desfazendo grandes e pequenos) vejam que fé ou que esperança podem ter de entrar no céu. Se quereis ir ao céu, como cuidam que podem entrar lá por onde Christo diz que não podem entrar. O certo é que todos estes grandes christãos, ou todos estes christãos que querem ser grandes, crêem em Christo, mas não crêem a Christo.

*Servir a Christo
e ao dinheiro,
o mesmo
Christo diz que
é impossivel*

Matth. 6.

IV. Mas porque esta alliveza de ser grande, é ambição de que a natureza ou a fortuna tem excluido a muitos, ponhamos o caso em materia universal e que toque a todos. Diz Christo universalmente sem excluir a ninguem, que ninguem pôde servir a dous senhores: *Nemo potest duobus dominis servire.* Isto se intende juntamente e no mesmo tempo; porque em diversos tempos bem pôde ser. E querendo o mesmo Christo pôr um exemplo muito claro de dous senhores a quem se não pôde servir juntamente, que dous senhores vos parece que serão estes? Deus e o mundo? Deus e o diabo? Deus e a carne? Não: Deus e o dinheiro: *Non potestis Deo servire et mammonae.* Se ha cousa no mundo que poderá competir no senhorio com Deus é o ídolo universal do ouro e prata. Muitas nações ha no mundo que não conhecem a Deus; nenhuma que não adore e obedeça a este ídolo. E ainda dos que professam servir a Deus quem ha que o não sirva? Pois, assim como ninguem pôde servir a dous senhores, assim diz Christo que não pôde servir a Deus e mais ao dinheiro. Servir a Deus com o dinheiro bem pôde ser, o é bem que seja; mas servir a Deus e ao dinheiro juntamente, é impossivel.

*Exemplos do
Zacheu e de Ju-
das Tendo e 43.*

Quando Zacheu se resolveu a servir a Christo, logo renunciou o dinheiro; e quando Judas se resolveu a servir ao dinheiro, logo renunciou a Christo. Arrependido o mesmo Judas de ter vendido a seu Mestre, lançou os trinta dinheiros no templo, e os ministros do templo resolveram que não se podiam meter na bolsa. Moço dinheiro que nem roubado, nem restituindo, nem no templo, nem na bolsa teve logar com Deus; e assim é

todo. Se o roubais, perdeis a Deus: se o restituís, perdeis o dinheiro. Se quereis servir a Deus e ao dinheiro, o dinheiro e Deus não cabem na mesma bolsa: ou haverás de renunciar o dinheiro se amais e prezais a Christo, como fez Zacheu; ou haverás de renunciar a Christo, se amais e prezais o dinheiro, como fez Judas. Oh quantos Judas e quão poucos Zacheus ha no mundo! Se Deus tivera tantos servos e tão diligentes, como tem o dinheiro, que bem servido fôra! Mas quantos desserviços se fazem a Deus em serviço d'este mau ídolo! O maior sacrilegio de todos é que em vez de os homens se servirem do dinheiro para servir a Deus, chegam a se servir de Deus para servir ao dinheiro: *Servire me fecisti in peccatis tuis.* Quantas vezes os bens ecclesiasticos, que são de Deus, os vemos applicados e consumidos em usos profanos; e os vasos do templo de Jerusalem ou levados aos thesouros de Nabucodonosor, ou servindo nas mesas de Balthazar. Quando jámais se encontrou Deus com o interesse, que o desprezado não fosse Deus? Ou quem seguiu os ídolos de ouro de Jeroboão, que não virasse as costas à arca do Testamento? O ouro que os hebreus roubaram no Egypto, adoraram-no no deserto. E quantos ha que fazem o mesmo só com a figura mudada? Que importa que não adoreis a forma, se adorais a materia? Que importa que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro? E no mesmo tempo, como os de Azoto, pondes a Deus e o ídolo sobre o mesmo altar; e crêdes com affectada hypocrisia que podeis servir juntamente a um e a outro? Se Christo diz sem excepção que isto é impossivel, como cuidais vós que pôde ser? Mas é que crêdes em Christo e não crêdes a Christo.

E já que fallámos em materia de interesse, que é o peccado original d'este seculo, com o mesmo interesse vos quero convencer e fazer-vos confessar sem replica, que nem como desinteressados que devêreis ser, nem como interesseiros que sois, crêdes a Christo. A fineza e ventura do interesse consiste em grangear muito com pouco; e quanto o muito que adquiris é mais e o pouco que dispenderis menos, tanto é maior a ganancia e a ventura. Agora vamos ao poncto. Todos sabeis que diz e promette Christo no Evangelho que quem deixar ou der por elle alguma cousa, receberá cento por um e a vida eterna: *Cen-
tuplum accipiet et vitam aeternam possidebit.* A circumstancia de dar a ganancia e mais a vida, ainda que não fôra eterna, é condição que nenhum assegurador, senão Deus, pôde metter nos seus contractos. E para que ninguem se defendâ com as esperas e tardanças do outro mundo, posto que tão breves, declara o mesmo Christo por S. Lucas e S. Marcos que a vida eterna

E não se acre-
ditá que a
esmola
grangeia tanto
por um.

ba de ser no outro mundo e o cento por um n'este: *Centies tantum nunc in tempore hoc, et in saeculo futuro vitam aeternam.* Estas são as palavras, esta a promessa, este o seguro real de Christo, e mais que real, porque é divino. Se o crèdes ou não, digam-no agora os vossos contractos e os vossos interesses.

Parabola dos talentos.

Aquelles dous creados do rei, a quem elle entregou os talentos para que negociassem, fizeram-no com tanta limpeza, com tanta diligencia e com tanta ventura, que ambos, diz o Texto, dobraram o cabedal. O que negociou com dous talentos, grangeou outros dous; e o que negociou com cinco, grangeou outros cinco. Diloso rei! Honrados creados! Se a similhantes creados entregaram os reis a sua fazenda, ella se vira mais acrescentada. Mas não fallo agora com os creados nem com os reis: fallo com todos. Grangular com dous talentos outros dous e com cinco talentos outros cinco é ganhar cento por cento. E que negociante haverá tão avaro, tão interesseiro e tão cubiçoso que se não contente e dê muitas graças a Deus por tão avantajada ganancia, e mais sem risco? Pois se Christo nos promette não cento por cento, senão cento por um, que são dez mil por cento em que se perdem os algarismos, porque não negociamos com elle, nem aceitamos este contracto? E se não aceitamos um tal contracto com Deus, porque fazemos outros com os homens de tanto menores conveniencias e tão diferentes em tudo?

Os homens dão menos de Deus que de um banquete.
Texto do S. Pedro Chry. sologo.

Dais o vosso dinheiro (sallemos claro e familiarmente) dais o vosso dinheiro a juro; e por quanto? A cinco por cento e por menos; e se achais a seis e quarto, é dispensação da lei e por grande favor. Pois se a um mercante, que pôde quebrar, dais o vosso dinheiro a cinco por cento, a Deus, que tem por fiador a sua palavra e por seguro a sua omnipotencia, porque a não dais a cento por um? Se tiais de um homem o vosso dinheiro por uma escriptura feita no pago dos tabelliões, porque a não tiais de Deus por tres escripturas debaixo do signal raso de S. Mattheus, de S. Marcos e de S. Lucas? Que bem aperta este argumento S. Pedro Chrysologo: *Homo homini exiguae cartulæ obligatione constringitur: Deus tot ac tantis volumibus caet, a tamen debitor non tenetur?* Estais seguro que um homem vos não ba de faltar com o lucro promettido, porque se obrigou por uma folha de papel, e temeis que vos falte Deus, lendo-se obrigado em tantos livros sagrados e com tantas escripturas? O certo é que se crereis o cento por um, que promette Christo, hacieis de dar o vosso dinheiro a Deus de muito boa vontade por metade menos. Mas porque quereis e aceitais antes o cinco por cento que vos promette um homem? Porque não dais credito ás palavras de Deus, porque não vos fiais das promes-

sas dos seus evangelhos; emfim porque crêmos em Christo, mas não crêmos a Christo.

Infinita materia era esta, se a houveramos de proseguir com ponderações tão largas. Mas não é bem que sendo tão importante não convençamos ainda mais a nossa pouca fé. Seja em termos brevíssimos. Que mais diz Christo? Diz Christo (e esta foi a primeira cousa que disse) que são bemaventurados os pobres e que d'elles é o reino do céu. Todos queremos ser bemaventurados, todos queremos ir ao céu; e sendo tão facil o ser pobre e tão difficultoso o ser rico, ninguem quer ser pobre: porquê? Porque não crêmos a Christo. Diz Christo que se nos derem uma bofetada na face direita, offereçarmos a esquerda; e sendo mais nobre a paciencia que a vingança, nós temos a vingança por honra e a paciencia por affronta: porquê? Porque não crêmos a Christo. Diz Christo que quem se humilha será exaltado e quem se exalta será humilhado; e nós cuidamos que sendo humildes nos abatemos, e sendo altivos e soberbos nos levantamos; porquê? Porque não crêmos a Christo. Diz Christo que deixemos aos mortos sepultar os seus mortos; e nós desenterrarmos os mortos para sepultar os vivos. Diz Christo que amemos e façamos bem a nossos inimigos; e quem ha que ame verdadeiramente e guarde inteira fé aos amigos? Diz Christo que se amarmos os inimigos, seremos filhos de Deus; e nós dizemos: Não serei eu filho de meu pae, se m'o não pagar o meu inimigo. Diz Christo que se por demanda nos quizerem tirar a capa, larguemos também a roupeta; e nós não fazemos já demandas para defender o vestido proprio, senão para despir o alheio. Diz Christo que vigiemos e estejamos sempre apparelhados, porque não sabemos o dia nem a hora em que virá a morte; e cada um vive e dorme tão sem cuidado, como se forram imortaes. Diz Christo que quem ouve os prelados, o ouve a elle, e quem os despreza, o despreza; e nós ainda que o prelado seja o supremo, desprezamo-nos de o ouvir; e ouvimos e ajudamos os que o desprezam. Diz Christo que é mais facil entrar um calabre pelo fundo de uma agulha, que entrar um avarento no reino do céu; e nós em vez de desfiar o calabre, todo o nosso cuidado é como o faremos mais grosso. Diz Christo que se dermos estmola, não saiba a nossa mão esquerda o que faz a direita; e nós queremos se aprugde com trombetas, que damos com ambas as mãos o que recebemos com ambas. Diz Christo que, se o olho direito nos escandaliza, o arranquemos, e que, se a mão ou o pé direito nos fôr também de escandaloo, o cortemos e lancemos fóra; e quem ha que queira cortar ou apartar de si nem a cousa que ama como

Outros exemplos em prova
do mesmo assunto.

os olhos, nem aquella de que se serve como dos pés e mãos? Finalmente diz Christo que elle é o caminho, a verdade e a vida; e nós vivemos taes vidas, e andamos por taes caminhos, como se tudo isto fôra mentira: porqué? Porque não crêmos a Christo. Fique pois por conclusão certa e infallivel, ainda que seja com grande confusão nossa e affronta do nome christão, que todos ou quasi todos «segundo testificam nossas obras» cremos em Christo, mas não cremos a Christo.

*Qual a razão
de este credor não
querer*

I. Cor. I.

*Crer em Christo
não deve
sómo crer a
Christo.*

Batr. II.

V. Admirado Christo de que sendo a summa Verdade o não creímos, pede-nos a razão d'esta incredulidade; e diz que lhe digamos o porqué d'ella: *Quare non creditis mihi?* Não ha causa mais difficultosa que dar a razão de uma sem-razão. E isto é o que só resta ao nosso discurso. Não para responder a Christo, a quem não podemos satisfazer; mas para doutrina e emenda nossa e para que intendamos e conheçamos a raiz de tamango mal. Qual é pois, ou qual pôde ser a razão, por que crendo todos nós em Christo haja tão poucos que crejam a Christo? A fé com que se crê em Christo, a fé com que se crê que é Deus um homem crucificado, tem todas aquellas difficultades que nos dous povos, de que então se compunha o mundo, experimentou S. Paulo, quando disse: *Praedicamus Christum crucifixum, judaeis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.* Pois se crê como se deva em Christo é um poncto no qual acha tanta difficultade e ainda horror o entendimento humano, em quanto Deus sobrenaturalmente o não alumia, nós que tão facilmente e sem repugnancia crêmos todos em Christo, porque não crêmos também todos a Christo?

A razão é, porque as difficultades de crê em Christo estão da parte do objecto; as repugnacias de crê a Christo estão da parte do sujeito, aquellas estão longe de nós; estas estão dentro em nós. A fé que não doe, é muito facil de crê: a fé que se não pôde praticar sem dor, é muito difficultosa de admitir. A fé com que creio em Christo, manda-me que creia a sua paixão: a fé com que creio a Christo, manda-me que mortifique «os meus appetitos»; e aqui está a difficultade. Para crê em Christo, basta fazer um acto sobrenatural; para crê a Christo é necessário fazer muitos actos contra a natureza; e é mais facil exceder-a uma vez, que batalhar continuamente contra ella e vencel-a. O mesmo S. Paulo definindo a fé diz que é *Argumentum non apparentium.* Entre as cousas que não aparecem e as cousas que não se appetecem ha grande diferença. Para crer as cousas que não aparecem, pôde não ter difficultade o entendimento; para querer as cousas que não se appetecem, sempre tem repugnacia a vontade. Com a vontade fal-

lou Christo quando admiravelmente declarou ou suppoz esta mesma diferença: *Si quis cultu venire post me, abneget semel ipsum et tollat crucem suam:* se alguém me quer seguir, negue-se a si mesmo e tome a sua cruz ás costas. Notae. Não diz Christo: Quem me quizer seguir, confesse-me a mim; senão: Negue-se a si; nem diz: Adore a minha cruz; senão: Leve a sua. Confessar a Christo e adorar a soa cruz, é crer n'elle; negar-me a mim e levar a minha cruz, é crel-o a elle. E porque isto é o dificultoso á humanidade fraca e corrupta, esta mesma apprehensão de dór, este receio de mortificação, esta contrariedade da natureza, que traz consigo a doutrina de Christo nas cousas que nos manda ou aconselha, esta é a razão que entibia e acovarda a segunda parte da nossa fé e nos aparta de crer a Christo.

O homem de todos os séculos mais afamado e celebrado em crer, e por isso chamado nas Escripturas pae dos crentes, foi Abrahão. Celebram esta sua fé no Testamento velho Moysés, no novo S. Paulo e Sanct'-Iago; e todos pelas mesmas palavras dizem que Abrahão creu a Deus: *Credidit Abraham Deo.* Abrahão antes de crer a Deus, creu em Deus, e não creu em Deus como nós, que recebemos a fé de nossos paes; senão com maior merecimento e por propria eleição, sendo filho de paes idolatras e elle também idolatra. Pois se Abrahão creu no verdadeiro Deus, abjurando os ídolos: porque se não louva e encarece n'elle a fé com que creu em Deus, senão a fé com que creu a Deus? Porque crer em um Deus e não crer em muitos, crer no Deus verdadeiro e não crer nos deuses falsos, crer no Creador do céu e da terra e não crer em páus e pedras, é crença que não tem dificuldade. O lume natural o mostra, a razão o dicta, o entendimento o alcança. Porém crer a Deus (que não é crer especulativamente o que elle é, senão praticamente o que elle manda ou aconselha) mandando muitas cousas repugnantes á natureza e contrarias á vontade, e aconselhando outras ainda mais contrárias e repugnantes, isto é o que se louva, porque isto é o que doe: isto é o que se encarece, porque isto é o que custa: isto é o grande e heroico, porque isto é o arduo e dificultoso. E senão vêde-o no mesmo Abrahão e no que Deus lhe mandou obrar.

Depois que Abrahão creu em Deus, disse-lhe Deus já crido, que saisse da sua patria e da casa de seu pae e de entre seus parentes e amigos, e se fosse peregrino a outra terra, a qual elle lhe mostraria. E crer eu a Deus quando me manda trocar a patria pelo desterro, o descanso pela peregrinação, a casa propria e grande por uma choupana, a companhia dos que são meu sangue pela de gente estranha de costumes e língua?

Matth. 10,

Porque a Es-
criptura louva
Lacto a fé de
Abrahão?

Gen. 15,
Jacob, 2, Rom. 4.

Provas da sua
fé.

PROLOGO

600
comprehender o quanto é grande prova essa de fé e se tanta afeição aos filhos, pode ser de grande provocação? Mas não parece assim. Procurava Deus o Abrahão em tudo e de todo Isaac, pertencente ao testemunho de Deus o grande levantador e grandes facilitador das que em todos os seus exercícios, como se Deus virava a face e se desquocava a natureza do que tinha prometido. Mas a Abrahão que era respeitado, logo e logo, e que viu trair a vida em um grande e alto sacrifício em sua família por que era também seu testemunho. E crer em Deus, quando se fazia sacrificio e morte, é evidentemente amar. Com todos os motivos de humor e astima, que o mesmo Deus não temia e que sejá o mesmo Abrahão com suas próprias mãos o executor do sacrifício; e que o sacrifício não seja outro, senão hospitalidade de que haja sido feita parte ou prenda mais que a dila, a saudade e as cinzas! Aqui passou a natureza, aqui triunfaram o valor, aqui batalhou a fé contra a fé e se venceu a si mesma. Por isso não se celebra em Abrahão o crer em Deus, senão o crer a Deus. **Creditit Abraham Deo.**

Mas antes que feche o discurso, quero satisfazer a uma grande objecção, com que podem replicar ao que tenho dito os versados na Escriptura. Quando a Escriptura disse de Abrahão: **Creditit Abraham Deo**, ainda Isaac não era nascido, quanto mais sacrificado; porque o caso do sacrificio sucedeu d'ahi a vinte e seis anos, tendo Isaac vinte e cinco de idade. Como logo podia cair e referir-se a esta acção o testimunho e elogio da sua fé? Que o mesmo testimunho se refira ao desterro da pátria, posto que passado, como dizem os commentadores, seja: porém ao sacrifício futuro e tão distante que nem era, nem fora, nem havia de ser, senão d'ahi a tantos annos, como pode ser? Agradecei a solução d'esta nova e fortíssima instância a um notável texto do apostolo Sancti-Iago no cap. 2 da sua cathólica: **Abraham pater noster nomine ex operibus justificatus est, offerens Isaac filium sumum super altare? Et suppleta est scriptura dicere Creditit Abraham Deo.** Notae muito esta ultima clausula, que é milagrosa. Diz pois Sancti-Iago que n'aquelle occasião famosa em que Abrahão sacrificou a seu filho, então supriu a Escriptura o illustre testimonho que tinha dado de sua fé, quando disse. Abrahão crêu a Deus. De maneira que o testimonho da Escriptura tinha sido antes, o sacrificio de Isaac foi tantos annos depois; e comtudo o testimonho passado refere-se ao sacrificio futuro; porque em quanto não chegava o acto do sacrificio, esteve a Escriptura como suspensa e embargada esperando aquella maior prova da fé de Abrahão para supplemento do que tinha

dicto. Em quanto Abrahão não sacrificou, nem o seu valor estava bastante qualificado, nem o testimonho da Escriptura cabalmente completo. Mas quando elle se arrojou ao sacrificio, então acabaram ambos de suprir e desempenhar, Abrahão a sua fé, a Escriptura a sua verdade: para que se veja quão certa é a razão que assignamos de diferença entre o crér em Deus e o crér a Deus; entre o crér em Christo e o crér a Christo; e que só crê a Deus e a Christo, como deve, quem contra as repugnancias da natureza e sobre todas as leis do proprio amor prompta e constantemente o obedece. Mas porque a nós nos falta esta resolução e valor, e nas cousas que Christo nos manda ou aconselha nos deixamos enfraquecer do receio e vencer da dificuldade, por isso crendo em Christo, não crêmos a Christo. Esta é a verdadeira resposta d'aquelle pergunta, este o verdadeiro porquê d'aquelle *quare*: *Quare non creditis mihi.*

VI. Agora que tenho satisfeito ao thema, acabado o discurso, e, se me não engano, provado o que prometti, quizera perguntar por tim a todo o christão, ou que cada um se perguntasse a si mesmo: Supposto que não crêmos a Christo, a quem crêmos? Se não crêmos a Christo no que nos manda como verdadeiro Senhor, no que nos ensina como verdadeiro Mestre e no que nos aconselha como verdadeiro Amigo, a quem crêmos ou a quem podemos crér, senão a um tyranno que nos violente, a um traidor que nos engane, a um lisonjeiro que nos perca? *Non credas inimico tuo in aeternum*: diz o Espírito Santo: a teu inimigo não o creias jámais. E quem são estes a quem crêmos, senão os tres inimigos da nossa alma? O tyranno que nos violenta e captiva é o mundo: o traidor que nos mente e engana é o demonio: o lisonjeiro que fallando sempre ao sabor dos sentidos nos precipita e perde é a carne. O carne, ó natureza corrupta, ó appetite depravado, ó fraqueza e miseria humana que facilmente te rendes ao apparente bem delectavel e que cega e poderosamente resistes ao honesto e util! Não crês a quem te promete e abre o céu; e crês a quem t' o fecha? Não crês a quem com amor te ameaça o inferno, e crês a quem com falsa docura te arrebatá e leva a elle? Tal é a nossa cegueira, tal a nossa loucura, tal a nossa pusillanimidade e covardia!

Creu Abrahão a Deus antes de ser homem, creu a Deus antes de incarnar e morrer por elle; e nós, rebeldes aos exemplos de sua vida e ingratos ás finezas de sua morte, não crêmos a Christo! Não nos manda Christo depois de deixar o céu, que deixemos a patria, como Abrahão. Não nos manda Christo, que depois de se pôr em uma cruz por nós lhe sacrificemos os filhos; e não nos envergonhamos que um homem que não

*Não crêmos a
Christo e cro-
mos ao nosso
inimigo.*

Eccles. 12.

*Quia longe est
Lambs
de Abrahão.*

tinha mais lei que a da natureza, contra as maiores repugnâncias da mesma natureza tivesse fé e valor para crer a Deus, quando lhe punha tão duras leis? Então vivemos muito confiados que nos havemos de salvar não crendo a Christo, só porque cremos em Christo. Olhae o que accrescenta o Texto à fé de Abrahão: *Creditur Abraham Deo et reputatum est illi ad justitiam.* Creu Abraão a Deus e então foi reputado e canonizado por justo. Porque creu a Deus (diz) e não porque crea em Deus. A fé com que se crê em Deus e em Christo, é fé de justos e peccadores: a fé com que se crê a Deus e a Christo, essa só é a fé dos justos: porque só essa sobre a outra é a que justifica e salva. Muitos que creram em Deus e em Christo estão no inferno; e dos que chegam a uso de razão, só os que crêem a Deus e a Christo, se salvam.

*Assim os ex-
ponentes ao per-
igo de perder
irreversivelmente
a Fé.*

E porque nos não lisonjeemos com a fé de christãos e catholicos que nos distingue dos gentios e dos herejes, quero acabar estas verdades com uma verdade em que não cuidamos os portuguezes e nos devêra dar a todos grande cuidado. Fizemo-nos muito em que cremos firmemente em Christo como fieis catholicos? Pois eu vos digo da parte do mesmo Christo e vos desengano, que, se saltarmos á segunda parte da fe, também nos faltará a primeira: e que, se não cremos a Christo, estamos muito arriscados a não crer em Christo. Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Suecia e tantas outras províncias e nações da Europa ou totalmente perdidas, ou infisionadas de heresia, também foram catholicas como nós, também floresceram na fé, também deram muitos e grandes sanctos á Egreja. E porque cuidais que apostataram da mesma Egreja e da verdadeira fé que só ella ensina? Diga-o a sua doutrina e os seus mestres. Lutero e Calvino, e os outros que elles levaram apôs seus erros, também criam em Christo; mas porque não creram a Christo, já não crêem n'ele. Impugnam e negam o Evangelho, porque não creram ao Evangelho. Deram-se solitamente aos vícios e pecados; e porque os não quizeram confessar, negaram o sacramento da confissão. Largaram a redea á lorpeza e sensualidade; e porque não quizeram guardar continencia, negaram a castidade. Entregaram-se ás demasia e intemporalidades da gula; e porque não quizeram ser sobrios, negaram o jejum e a penitência. Seguiram em tudo a largueza e liberdade da vida; e porque não quizeram obrar bem, negaram o valor e necessidade das boas obras. Em sím, deixada a lei de Deus como lixis e a razão como homens, fizeram outra que elles chamam religião, na qual só se crê o interesse e se obedece o appétite. Vede que fé se podia conservar entre costumes de brutos! Con-

servam o baptismo e nome de christãos: mas verdadeiramente são atheus; e porque não creram a Christo, passaram a não crer em Christo. Estas são as disposições por onde se introduziu e se ateou em tantos reinos a peste da heresia. E praza a Deus que do septentrião não passe tambem ao occidente! Ainda cá não chegou, mas já está em caminho; e segundo os vicios lhe teem aberto as estradas, não será dificultosa a passagem.

VII. Não lhe será (torno a dizer) dificultosa a passagem; porque assim como os que crêem a Deus, passam facilmente a crer em Deus, assim de não crer a Christo é facil passar a não crer em Christo. Ninive era a maior cidade que houve no mundo, a gente infinita, os moradores todos gentios sem fé nem conhecimento de Deus, os costumes corruptíssimos e abominaveis e em tudo similhantes aos do rei, que então era o infame Sardanapalo. E comtudo diz a Escriptura que todos os ninivilas em um dia creram em Deus. Pois se estes homens eram gentios e tantos milhares, e tão habituados nos vicios, que são os que mais escurecem os intendimentos e mais endurecem as vontades, como creram em Deus tão facilmente? Creram em Deus, porque creram a Deus. Mandou-lhes Deus annunciar pelo propheta Jonas, que dentro em quarenta dias se havia de abrir a terra e subverter a cidade; e assombrados do pregão e atemorizados do castigo, creu o rei e creu o povo o que Deus pelo propheta lhes dizia; e como creram a Deus, logo tambem creram em Deus: *Crediderunt viri ninivitae in Dru*m. Desenganeamo-nos, pois, que se de crer a Deus se passa tão facilmente a crer em Deus; tambem de não crer a Christo se passará com facilidade a não crer em Christo.

De não crer a
Christo é facil
passar a não
crer em Christo.

Jon. 3.

Não sou eu o que o digo, é S. Paulo. E fallava S. Paulo com Timotheo, melhor christão que nós e de cuja fé se podia temer menos similhante ruina. Era Timotheo discípulo do Apóstolo, era tão prorecio na fé de Christo, que no sobrescripto d'esta mesma epistola lhe chama dilecto filho na fé; era tão sancto e favorecido do céu, que tinha mui altas illustrações e revelações divinas; e comtudo o grande mestre das gentes logo no primeiro capítulo o admoesta e compunge assim: Encommendo-te, filho meu Timotheo, que te não fies nas tuas revelações para te desculpar da vida: traze sempre unidas ao coração e nas obras a boa consciencia com a fé e a fé com a boa consciencia; porque muitos, já n'este principio da Egreja, porque não fizeram caso da consciencia, sizeram naufragio na fé. Oh quanto se pôde temer à vista d'estes naufragios, que tambem o faça esta nau em que imos embarcados! Ella leva nas bandeiras a cruz e chagas de Christo: mas quando as costuras da conscienc-

Auctoritate de
S. Paulo
1. Tim. 1.

cia se vêem tão rotas e tão abertas, quando cremos tão pouco a Christo e sua doutrina; que se pôde esperar, senão o que aconteceu a tantos? Os nossos peccados não são mais privilegiados que os seus, nem menos pesados; e se os seus os levaram ao fundo e chegaram a naufragar na fé; porque não temeremos nós similhante desgraça e que também se diga algum dia dos portuguezes (o que a divina misericordia não permitta) *Circa fidem naufragaverunt?*

Exemplo do sacerdote Saprio, contado por Barroco.
Spend.
ann. 260.

S. Paulo pôi por exemplo a Timotheo dous christãos muito nomeados da primitiva egreja, Hymeneu e Alexandre, que por não se accommodarem ás leis e conselhos do Evangelho, depois de receber a fé, apostataram d'ella. Eu em lugar de peroração quero deixar-vos na memoria outro exemplo, também vizinho áquellos tempos, mas muito mais temeroso e verdadeiramente horrendo. No anno de Christo duzentos e sessenta, na cidade de Antiochia (onde primeiro esteve a cadeira da fé e de S. Pedro, que em Roma) foi preso pela consissão de Christo um presbytero chamado Saprio. Padeceu constantemente o carcere e outros tormentos: foi levado finalmente com a mesma constancia ao lugar do martyrio; e quando estava já como Isax sobre a lenha, e o tyranno com o golpe armado para lhe cortar a cabeça, chega Nicéphoro, que tinha sido seu inimigo, e lançado a seus pes lhe pede que ao menos n'aquelle hora o receba em sua graça e lhe deite a sua benção. Que vos parece, senhores, que responderia Saprio e que faria em tal acto? Claro está que se lhe não pudesse lançar os braços por ter as mãos atadas, com todo o affecto do coração e com a maior dignidade de palavras o metteria dentro na alma, que tão gloriosamente partia para o céu e dava por Christo. Caso porém inaudito e sobre toda a imaginação estupendo! Respondeu Saprio irado, que se tirasse de sua presença: que se não havia de reconciliar com tal homem; que ainda era tão inimigo seu, como sempre fôra; e que na occasião em que estava mostraria ao mundo que o havia de ser até à morte. Parece que excede toda a fé humana uma tal resposta, de tal pessoa e em tal hora. Mas quiz a Providencia divina que as actas e testimonhos authenticos de todo o successo existem ainda hoje, como refere Barnino, para que não vacilasse o credito de tamанho caso, que ainda é maior.

Como este indigno sacerdote se esqueceu do presente de perdoar aos inimigos.
Matth. 5.

Mas antes que vá por deante, ouça-me Saprio, já que não quer ouvir a Nicéphoro. Homem, sacerdote, monstro, vês onde estás? Lembras-te do que és? Conheces o que queres ser? Estás debaixo do alfange do tyranno, queres ser martyr de Christo; e não te lembras que és christão? Não te lembras que diz Christo

(e com advertencia de que elle o diz): *Ego autem dico vobis; Diligitе inimicos vestros?* Pois como não amas a este, que se foi teu inimigo, já o não é, e mais quando elle rendido aos teus pés te pede perdão? Não te lembras que diz o mesmo Christo que se fores offerecer sacrificio sobre o altar, deixes ahi o sacrificio e te vás primeiro reconciliar com teu proximo, se tiver de ti alguma offensa? Pois se Nicephoro se vem reconciliar comigo, estando tu offerecendo o sacrificio de tua vida e sangue por Christo, como não aceitas sua amizade e queres morrer como viveste em odio? Aqui vereis, christãos, como é certo o que vos préguei: que nem todos os que crêem em Christo, crêem a Christo. Saprio cria tão firmemente em Christo, que por confessar a sua fé estava dando a sua vida; e no mesmo tempo cria tão pouco a Christo, que contra dous preceitos tão expressos de sua doutrina nem amava seu inimigo, nem se quiz reconciliar com elle.

E para que vejais tambem no mesmo caso quão certo é o que eu acabava de vos dizer, que quem não crê a Christo, facilmente passa a não crér em Christo, ouvi com maior assombro o que se seguiu áquella resposta. Tanto que Saprio respondeu a Nicephoro que ainda era seu inimigo e não se queria reconciliar com elle, volta-se ao tyranno, que ia para descarregar o golpe, manda-lhe que suspenda a espada. E para quê, ou porquê? Porque eu (diz Saprio) já não sou christão, renego de Christo e quero offerecer incenso aos idолос. Assim o disse e assim o fez o falso catholico, passando em um momento de sacerdote a sacrilegio, de martyr a renegado e de christão a idolatra, conclui o mesmo Baronio. Pôde haver mais temeroso exemplo e mais para fazer temer a todo o christão? Mas assim veem a não crer em Christo os que não crêem a doutrina de Christo. E ainda mal, porque não é só Saprio o christão e o sacerdote em que se representam os actos de similhante tragedia: *Confitentur se nosse Deum factis autem negant.* Não renegam de Christo com a bocca, mas renegam-no com as obras: não offerecem incenso aos idолос, mas temem idолос a quem sacrificiam os corações: não professam publicamente o gentilismo, mas publica ou secretamente vivem como atheus. Creiamos, creiamos a Christo, e teremos segura a fé com que crêmos em Christo. E se for necessário dar por elle a vida, tambem a daremos constantemente e sem mudança.

Tal foi (ainda continuo a historia) tal foi o maravilhoso catastrophe com que a fortuna não merecida de Saprio, no mesmo theatro, no mesmo momento e na continuaçao do mesmo acto se passou a Nicephoro. Já o tyranno ia embainhando sem san-

E como
apostatos.

Como Nicépho-
ro lhe tomou
o lugar
e foi martyr.

O CHATOSTOMO PORTUGUZ

emida espada, contentando-se com a fraqueza e re-apostata, quando Nicephoro levantando-se de seus be pedira e não alcançara o perdão) e substituindo no seu lugar: Aqui estou (disse em alta voz): este posto é meu. Nem à fé de Christo lhe quis meter defensores, nem a seus altares vítima. Aqui está o porto aberto e a garganta nua. O sacrificio que começaste me cabia-o como quizeres em mim. Não soffreu a raiva do mais palavras, nem teve paciencia para mais dilatados ; começou pelo ultimo. Esperou o novo e melhor j. com a mesma constancia e alegria a ferida mortal: levou-lhe a cabeça e recebeu a coroa. Tal foi o fim de Nicéforo, tal o de Saporio: digno um e outro da fé de ambos. Credo creu em Christo, mas não crer a Christo, e perdeu a vida para sempre. Nicephoro creu em Christo, e crer a vida, e goza e gozará de Christo nas eternidades.

(Ed. ant., tom. 2.º, pag. 242; ed. mod., tom. 4.º, pag. 79).

II. SERMÃO DA QUINTA DOMINGA **

PRÉGADO EM LISBOA NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1655

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O assumpto d'este discurso tem muita affinidade com o precedente; mas no desenvolvimento não se nota a mesma facilidade. Comtudo as consequencias practicas são clarissimas, muito uteis e expostas com liberdade apostólica: é primorosa a conclusão.

*Quis ex vobis arguet me de peccato?
Si veritatem dico vobis, quare non cre-
ditis mihi?*

S. JOAN. 8

A uma corte e seus principes, á corte de Jerusalém e aos principes dos sacerdotes pregou Christo hoje um sermão, cujo exordio em duas clausulas é o que eu tomei por thema. O sermão já n'aquelle tempo, accomodando-se ao logar e aos ouvintes, foi de um famoso acto de fé contra os judeus. Na primeira clausula provou-lhes o Senhor que era o Messias: na segunda convenceu-os e condemnou-os de o não crerem: *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Quem de vós me arguirá de peccado? N'esta pergunta a que não podiam responder, nem replicar, provou Christo com evidencia que era o Messias: porque homem sem peccado «e que não se podesse em nenhum caso arquir de peccado,» ninguem o foi nem podia ser, senão um homem que fosse juntamente Deus, qual era o Messias promettido na lei. E se eu (continua a segunda clausula) se eu sou o Messias e como verdadeiro Messias vos digo a verdade, porque me não crèdes a mim? *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se eu sou o esperado, porque não sou crido? Se a vossa esperança é esta, porque não concordais a vossa fé com a vossa esperança? Dae a razão: *Quare?*

A minha obrigação hoje, como sempre, é seguir o exemplo de Christo e o texto do evangelho. E sendo o tempo, o logar e o auditorio tão diverso, qual será o sermão? Nas circumstancias

J. Christo pre-
ga a uma
corte, provocando
que os rebeldes
eram à ver-
dade os quando
lhe criam.

Este sermão
nas circumstan-
cias será di-
verso, mas no
assunto o
mesmo.

será também diverso; mas no assumpto o mesmo. O assumpto e sermão de Christo foi de um acto de fé contra os judeus: o meu será de um outro acto de fé não contra os judeus, senão contra os christãos. Praza á bondade e misericordia divina, que se não verifique também em nós a maldicção do povo judaico, que tendo olhos não vejam, tendo ouvidos não ouçam, e tendo e devendo ter entendimento não intendam: *Excavca cor populi hujus, et auris ejus agrava, et oculos ejus clauda: ne forte videat oculis suis, et auribus suis audiat, et corde suo intelligat.*

Iust. 6

O erro dos judeus e o dos christãos.

A perspectiva de Christo queria maior aos per-
gundos

Iust. 11

II. Deixados os judeus que não crêem a Christo como verdadeiro Messias e fallando com os christãos que o cremos, confessamos e adoramos, com as mesmas palavras convence o divino Prégador a uns e a outros: mas muito mais forte e muito mais efficazmente aos christãos: *Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi?* Que diz Christo aos judeus? Se vos digo a verdade, porque me não crêdes? Que diz Christo aos christãos? Se crêdes a verdade que vos digo, porque a não obrais? Os judeus erram em não concordar a sua fe com a sua esperança: os christãos erram em não concordar a sua vida com a sua fe; e qual é maior erro e maior cegueira? Não ha duvida que a dos christãos. Porque? Porque a fé é das cousas que não se vêem: *Argumentum non apparentium;* e o não crer pode ter alguma desculpa nos olhos: porém crer uma cousa e obrar a contraria, nenhuma desculpa pode ter, nem apparencia de razão ainda falsa. Aqui nos apercha a nós mais que aos judeus aquelle *Quare. Quare?* Por que razão? Dae-a cá. Todos os que aqui estamos por mercê de Deus somos homens, somos obrigados a dar razão; e se eu tenho razão para crer o que Christo diz; que razão posso ter para não fazer o que Christo diz? Se tenho razão para dar a vida pela fé, que razão posso ter para não concordar a fe com a vida?

Na christandade não havia de haver mais que duas prisões: a dos carcereis do santo officio e a da casa dos orates. Porque um homem, qualquer que seja, ou tem fé, ou não tem fé: se não tem fé, é hereje, e pertence aos carcereis do sancto officio: se tem fé e crê que ha Deus, céu e inferno, e comtudo vive, como se o não creira; e reinadamente doido, e pertence à casa dos orates. Os judeus do nosso evangelho de uma e outra censura de uma e outra pena se mostraram bem merecedores. Quanto á fé, não só renegaram a fé de Christo, mas á sua infidelidade acrecentaram blasphemias. *Nonne bene dicimus nos quis samaritanus es tu, et da monum habes?* De sorte que no mesmo acto da fé o no mesmo cadafalso se pela infidelidade mereciam a fogueira, pela blasfemia me-

reciam a mordaça. E quanto ao juizo e ao uso da razão, diz o Texto que tomaram pedras para atirarem a Christo: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum.* No sagrado do templo nem as pedras eram tão miudas, nem tão soltas, que as podessem tomar alli: signal é logo que já as traziam consigo «ou que ensurecidos as foram buscar fóra.» Vede se mereciam ser levados á casa dos orates: pois não só eram doidos, senão doidos de pedras!

Passemos agora de Jerusalem á christandade. Por ventura é melhor a nossa fé? Não crer é ter o intendimento cego e obstinado: crer uma cousa e obrar outra «é desdizer com os factos o que se crê; e por este modo ir com os olhos abertos contra a razão e renegar a racionalidade. E somos homens com uso de razão; e o que é mais, christãos e catholicos com fé? Direi que, quando menos somos herejes. Não me atreverá a dizer tanto, se não tivesse experimentado ambas estas consequencias e visto ambas com os olhos. N'esta ultima viagem (seja-me licita a narração do caso, que por tão raro e proprio do intento é bem notável): n'esta ultima viagem minha, que foi das ilhas a Lisboa, em que aquella travessa no hinverno é uma das mais trabalhosas, o navio era de herejes, e herejes o piloto e marinheiros. Os passageiros eramos alguns religiosos de diferentes religiões; e grande quantidade d'aqueles musicos insulanos que com os nossos rouxinões e pintasilgos veem cá a fazer o coro de quatro vozes, canarios e melros. As tempestades foram mais que ordinarias; mas os efeitos que n'ellas notei verdadeiramente admiraveis. Os religiosos todos estávamos ocupados em orações e ladinhas, em fazer votos ao céu e exorcismos ás ondas, em lançar reliquias ao mar; e sobretudo em actos de contrição, confessando-nos como para morrer uma e muitas vezes. Os marinheiros, como herejes, com as machadinhas ao pé dos mastos, comiam e bebiam alegremente mais que nunca; e zombavam das nossas que elles chamavam ceremonias. Os passarinhos ao mesmo tempo, com o sonido que o vento fazia nas enxarcias, como se aquellas cordas fossem de instrumentos magicos, desfaziam-se em cantar. Oh valha-me Deus! Se o trabalho e o temor não levasse toda a attenção, quem se não admiraria n'este passo de efeitos tão varios e tão encontrados, sendo a causa a mesma? Todos no mesmo navio, todos na mesma tempestade, todos no mesmo perigo; e uns a cantar, outros a zombar, outros a orar e chorar? Sim. Os passarinhos cantavam, porque não tinham intendimento: os herejes zombavam, porque não tinham fé; e nós, que tínhamos fé e intendimento, bradavamos ao céu, batíamos nos peitos, choravamos nossos peccados. Isto é o que eu vi e passei; e isto mesmo o

Crer uma cousa
e obrar outra
o que é desdizer
com os factos
causa
com um caso

PL. 106

que nós não vemos, estando no mesmo e em peior e mais perigoso estado. A travessa é da terra para o céu e da vida mortal para a eternidade: o mar é este mundo: os navegantes somos todos; o navio o corpo de cada um, tão fraco e de tão pouca resistência por todos os costados: e a tempestade e as ondas muito maiores: *Exaltati sunt fluctus ejus: ascendunt usque ad coelos et descendunt usque ad abyssos.* São tão grandes ou tão imensas as ondas, diz David, que umas sobem ate ao céu: e outras descem aos abysmos. Isto que nos poetas é hyperbole, no propheta é verdade pura e certa sem encarecimento. Se quando a onda vos afoga, estais em graça, põi-vos no céu: se quando vos sossobra e tolhe a respiração, estais em peccado, mette-vos no inferno. E que no meio de um perigo mais que horrivel e tremendo, em que o menos que se perde é a vida «corporal», uns não temem e cantem, outros zombem e não façam caso: e sejam tão poucos os que se compunjam é tracem da salvação? Sim, outra vez: porque os menos são os que tem intendimento e fé: os demais «ou não» tem fé, «ou não tem» intendimento. Ora já que todos imos embarcados no mesmo navio, pergunte-se cada um a si mesmo, a qual d'estas partes pertence. Sou dos que cantam? Sou dos que zomham, ou sou dos que choram? Sou dos christãos e catholicos, ou sou dos herejes? Sou dos homens com uso de razão, ou dos irrationaes? Que as avesinhhas não reconheçam o perigo da vida: não alcança mais o seu instinto. Que os herejes não temam a estreitza da conta: esta é a cegueira da sua infidelidade. Nas que um homem christão no meio d'estes douis perigos, com a morte e a conta deante dos olhos, n'este mesmo tempo esteja cantando ao som dos ventos e zombando ao balanço das ondas! Christão, aonde está a tua fé? Homem, aonde está o teu intendimento? Se tens uso de razão, dá cá a razão: *Quare?*

Torna recente,
com que a
vida ha de con-
cor dar
com a fe

III. É tão difficultosa e tão impossivel esta razão, que nenhum homem ha, nem houve, nem haverá, que por mais voltas que dé ao intendimento a possa dar, não digo verdadeira e solida, mas nem ainda «com alguma apparencia de verdade.» Se consultardes os bons e os justos, que caminham pela estrada real da verdade e da virtude, todos hão de dizer e dizem constantemente que a vida se ha de concordar com a fé. E se fizerdes a mesma pergunta aos maus e aos pessimos, que seguem os caminhos do erro e os precipicios da infidelidade; ate estes, se não responderem que a vida se ha de conformar com a fé, au menos hão de dizer que a fé se ha de conformar com a vida. Ouvi agora uma notável ponderação; e tão certa como admiravel. Sendo a fé uma só fé, assim como Deus é um só

Ep̄s. 4.

Deus: *Unus Deus, una fides;* qual é o fundamento ou motivos por que os homens se dividiram em tantas seitas? Não ha dúvida que se lhe cavarmos ao pé e lhe buscarmos as raizes, acharemos que todas se semearam nos vicios e d'elles brotaram e nasceram. Primeiro se depravaram as vontades e depois se perverteram os intendimentos. Epicuro era delicioso, Masoma era torpe, Luthero e Calvino eram relaxados da sua profissão; e depois depravados em tudo. Vinde cá, maus homens, sede embora maus e viciosos; vivei embora, ou na má hora, á vossa vontade: largae a redea a vossos appetites; mas não façais, nem inventeis novas seitas. Epicuro seja quão delicioso quizer; mas não negue a Deus o atributo da justiça, para que os homens tenham por bemaventurança as delicias. Masoma seja tão torpe e tão abominável como foi; mas não faça também torpe o céu, para que os homens esperem na bemaventurança as torpezas. Luthero e Calvino vivam tão viciosa e depravadamente como viveram; mas não ensinem que o sangue de Christo nos ha de salvar sem cooperação nossa, para que os homens creiam que pôde haver salvação e bemaventuraça sem obras. Pois se estes homens podiam fartar a brutezza dos seus appetites sem aggravo nem mudança da fé; porque a mudaram tão cegamente e formaram seitas tão barbaras e tão novas?

Aqui vereis como não ha intendimento tão depravado e tão cego, nem erro tão irracional e tão atrevido, que dictasse ou admittisse jámais que a vida não havia de concordar com a fé. A vida, diziam todos, necessariamente ha de concordar com a fé: nós não queremos mudar de vida, senão continuar em nossos vicios: que faremos logo? Não temos outro meio, senão trocar os nossos extremos e mudar a fé: porque d'esta maneira, já que a vida não concorda com a fé, ao menos a fé concordará com a vida. Não queremos fazer vida nova? Pois façamos fé nova: e assim o fizeram. Assim o fez na gentilidade Epicuro; assim o fez no paganismo Masoma; assim o fizeram Luthero e Calvino; e se tornarmos ao acto da fé dos judeus, assim o tinham elles já feito muito antes de todos.

Os heróis mudaram a fé
por não mudar a vida.

No cap. 32.^º do Deuteronomico, parte referindo o passado e parte prophetizando o futuro, se queixa Moyses que viessem ao povo de Israel deuses novos que seus paes não tinham conhecido. O Deus antigo e verdadeiro, em que creram seus paes, era aquelle que pelos honrar e se honrar d'elles se chamava *Deus Abraham, Deus Isaac, Deus Jacob.* E d'onde aos filhos de Abrabão, Isaac e Jacob, deixado o Deus antigo e verdadeiro, lhes vieram estes deuses novos e falsos? Vieram-lhes do Egyp̄to; vieram-lhes de Canaan; e vieram-lhes da mesma terra de

O mesmo fizera-
ram os judeus.

Bod. 3

Israel. Vieram-lhes do Egypto: porque esquecidos da doutrina de José, imitaram as larguezas e intemperâncias dos egypcios, e adoraram os deuses do Egypto. Vieram-lhes de Canaan, porque, desprezada a lei que já tinham recebido de Moyses, sem freio de lei nem razão, seguiram as cegueiras e vícios dos cananeus e adoraram os deuses de Canaan. Vieram-lhes da mesma terra de Israel: porque, abraçando os preceitos impiamente políticos de Jeroboão, deixaram o unico templo de Deus verdadeiro em Jerusalem; e em todos os montes e bosques levantavam altares aos ídolos da gentilidade e se fartavam das tempestades e abominações dos seus sacrifícios. De sorte que não foram os primeiros que vieram os deuses novos, senão os vícios covos: nem foi a fé, ou superstição, nova a que ensinou o modo de viver novo: mas a novidade das vidas e dos costumes foi a que introduziu a novidade dos deuses.

*Esse caminho
é mais longo e
mais doloroso.*

Fl. 2.

Aqui se deve notar de caminho uma advertencia de grande reparo e de grande doutrina e desengano para os que ainda não acabam de crer em Christo; e é com quanta verdade disse David ser cegueira propria dos judeus não só errar na fé, senão errar sempre: *Et dixi: Semper hi errant corde.* Vede-o no tempo passado e no presente. De maneira, filhos de Abrahão, Isaac e Jacob, que no tempo da lei velha buscaveis deuses novos e no tempo da lei nova buscais e adorais o deus velho? Não é isto errar sempre? Respondem que não: porque dizem que os judeus d'este tempo não adoram os ídolos. E se não adoram ídolos como seus antepassados o que elles confessam e não podem negar, que é o que adoram? Dizem que adoram a unidade de Deus; que é a phrase com que se explicam em toda a parte. Agora lorno eu a perguntar: E esse Deus cuja unidade adorais, confessais também que é trino? Não. E esse Deus cuja unidade adorais, confessais também que se faz homem? Não. Logo tão idolatras sois agora, como fostes antigamente: porque adorar o Deus verdadeiro, negando que é trino, e adorar o Deus verdadeiro, negando que se faz homem, é adorar um deus que não ha: é adorar um deus singido e falso, que é a verdadeira idolatria.

*O christão que
tira mal a U
mais desarran-
jado
dos homens.*

IV. Mas continuemos o acto da fé dos christãos, com os quais o juizo do meu discurso não ha de ser menos recto. Acabamos de dizer que os judeus também seguiram ou anticiparam os passos dos gentios, dos pagãos e dos herejes em trocar e mudar a fé para a concordar com a vida. Agora saibamos se os christãos procedem mais coherentemente e conforme à razão. Os outros mudam a fé; os christãos não a mudam: a fé dos outros mudada é falsa; a fé dos christãos conservada é a ver-

dadeira. Mas se olharmos para as vidas, as dos outros concordam com a sua fé: as de muitos cristãos não concordam com a sua. Quaes vivem logo e procedem mais coerentemente e «nas consequencias dos seus principios» mais conformes com a razão? Não ha duvida (miseria e vergonha grande!) não ha duvida que «mais coerentemente e nas consequencias dos seus principios» mais conforme á razão procede o gentio, mais conforme á razão o pagão, mais conforme á razão o hereje e mais conforme á razão o judeu; que são todas as quatro especies da infidelidade. E porque? Porque todos estes seguem com a vida o que crêem com a fé; e o mau christão com a fé crê uma cousa e com a vida segue outra.

Ouçamos n'este poncto ao homem mais zelador da verdadeira fé, Elias. Estava no seu tempo o povo de Israel, quasi no mesmo estado em que hoje vemos «a maior parte da christandade. E que fez o grande propheta? Vendo a diferença e confusão de adorações «com as quaes» por uma parte «se adorava» o Deus de Israel e por outra o idolo de Baal, convocou o povo e disse-lhe d'esta maneira: *Usquequo claudicatis in duas partes?* Até quando, ó povo insensato, haverás de manquejar na fé, divididos e discordes de vós mesmos em duas partes? *Si Dominus est, sequimini eum: si autem Baal, sequimini illum:* se o Deus de Israel, a quem eu adoro, é o verdadeiro Deus, segui o Deus de Israel; e se Baal, a quem vós adorais, é o Deus verdadeiro, segui a Baal. Só a espada de Elias podia cortar tão direito e falar tão resolutamente. Ouvida a galharda proposta, diz o texto sagrado que todo o povo emmudeceu, e não houve quem abrisse a bocca ou replicasse uma só palavra: *Et non respondit ei populus verbum.* E por que razão? Porque assim como não ha cousa mais coerente nem consequencia mais posta em razão que seguir um homem com a vida aquillo que adora e crê com a fé; assim não ha, nem pode haver dictame mais irracional e mais contrario a toda a razão, que crer uma cousa com a fé e seguir outra com a vida.

Christãos, (os que não obramos o que devemos) a quem adoramos? A quem cremos? A quem seguimos? *Usquequo claudicatis in duas partes?* Será bem que tenhamos um pé em Roma adorando a Christo, outro em Constantinopla guardando o Alcorão? Um em Roma beijando o pé a S. Pedro, outro em Jerusalém beijando a mão a Herodes? Um em Roma rezando a Santa Maria maior, outro em Chypre offerecendo sacrificios «ao idolo da torpeza»? Um em Roma visitando as septe egrejas, outro em Londres ou Amsterdam profanando os altares e perdendo a reverencia ás imagens sagradas? Isto faz o turco, o ju-

Argumento que
fez Elias ao
povo de Israel.

3. Brg. 18.

Aplica-se ao
povo christão.

deo, o gentio, o hereje; e cada um conforme a sua fé. E sendo a nossa tão contraria, será bem que em nós, christãos e católicos, se ache o mesmo? Se não concordar a vida com a fé e um dictame tão barbáro e tão irracional, que não cabe no entendimento de Luthero, que não cabe no entendimento de Maomé; como cabe no nosso entendimento? Pôr a bemaventurança nas delícias como Epicuro, é ser gentio; passe: pôr a bemaventurança nas torpezas como Maomé, é ser turco; seja: esperar a bemaventurança sem obras, como Luthero e Calvino, é ser hereje; vá na má hora. Mas ser christão na fé, e a vida ser de Epicuro? Ser christão e católico na fé, e a vida ser de Luthero e de Calvino; em que entendimento pôde caber tão rematada loucura? Ha quem responda? Ha quem dê razão? Ha quem diga o Quare?

*À imitação do
Pharaó, Indiais
os atenes po-
dem replicar
a este argumen-
to, não porém
o man christão.*

O povo judaico juncto ficou tão convencido da proposta de Elias, que todo emmudeceu sem haver quem replicasse uma só palavra. E eu em toda a Escriptura Sagrada só acho um homem que satisfizesse á minha pergunta e respondesse a propósito. E que homem será este? Christão? Não. Judeu? Não. Gentio? Não. Turco? Não. Hereje? Não. Pois que casta de homem sei, ou pode ser, o que só respondeu a propósito ao nosso *(mort)*? Um ateu. Todos ess'itros, ou fieis ou infieis, conhecem a Deus; só o ateu o não conhece; e só este pôde dar a verdadeira razão do que perguntamos. El-rei Pharaó tinha captivo o povo de Israel no Egylo, e com o mais duro e intolerável captiveiro que se pode imaginar. Não lhe pagava o trabalho, antes lho acrecentava cada dia, para que não tivessem hora de descanso: punha-lhes por ministros que superintendessem as obras em que serviam, os de condição aspera e cruel, para que mais os opprissem: não lhes dava de comer com que sustentar a miserável vida; e até os filhos lhes matava cautelosamente sem que os podessem esconder, nem livrar: em summo da tyrannia. Neste estado de tanto aperto, em que não ouviam mais que clamores ao céu, chegou Moysés ao Egyplo e notificou a Pharaó da parte de Deus que dêsse liberdade ao seu povo para lhe ir sacrificar no deserto. E que vos parece que responderia Pharaó? *Quis est Dominus ut audiam eum ejus?* *Nescio Dominum et Israel non dimittam.* Que Deus é que Senhor é esse, para que o eu obedeça? Não conheço tal Deus, nou tal Senhor; nem hei de dar tal liberdade ao povo. O barbáro! O rebelde! O insolente e brutal tyranno! Isto é o que estão dizendo todos; «e eu também o digo; porém ajuncto que falecido como ateu» respondeu Pharaó muito coerentemente. Não conheço a Deus e não hei de libertar o seu povo? Ruim fé: mas hei

Ezod. 5.

*Vide Corin. 4.
Lapid.*

consequencia. Na fé fallou como bruto: na consequencia respondeu como homem. Não obedecer a Deus e dar por «motivo» Não o conheço, bem se segue. Mas conhecer a Deus, e dizer, conheço a Deus; e não querer fazer o que manda Deus, é consequencia e razão que não cabe em nenhum intendimento. Ó quantos Pharaós mais barbaros. Ó quantos atheus mais irracionaes ha na christandade! Opprimir os povos, captivar os livres, gemerem os pobres, triumpharem os poderosos, não se dar de comer a quem trabalha, não se pagar a quem serve, tirarem-se as vidas aos innocentes e viverem os que as tiram não só do seu suor, senão do seu sangue e dar por «motivo» de tudo isto *Nescio Dominum*, não conheço a Deus; é obrar mal, mas fallar coherentemente. Porém opprimir, captivar, destruir, roubar, assolar, affrontar, matar, tyraonizar; e sobre isto dizer, Conheço a Deus; sobre isto dizer, Sou christão; sobre isto dizer, Tenho fé; não ha juizo humano nem intendimento racional em que caiba tal cousa. E senão, dae cá a razão: *Quare? Quare?*

V. Sou tão amigo e reverenciador da razão, que até as sombras d'ella ouço de boa vontade. Podem instar os christãos que não guardam a lei de Christo e argumentar por si n'esta forma: É verdade que os infieis de todo o genero e ainda os mesmos atheus parece que procedem mais coherentemente e mais conforme à razão, porque elles concordam a sua fé com a sua vida; e nós não concordamos a nossa vida com a nossa fé. Mas n'esta mesma diferença ha outra muito maior e melhor que faz pela nossa parte. É que n'elles a fé é má e a vida tambem má; porém em nós, ainda que a vida seja má, a fé é boa. Logo, ao menos em amelade dos procedimentos, são melhores os nossos que os seus. «Assim dizem e ponhamos por um momento que assim seja. Agora pergunto: Essa amelade de procedimentos valer-lhes-ha para a vida eterna? Claro esti que não; e elles como catholicos não podem crer o contrario. Mas pode haver mais rematada loucura, do que deixar-se a olhos vistos com amelade de bons procedimentos ir ao inferno? Pergunto em segundo logar: A bondade d'estes procedimentos será tal como elles dizem? Eu não o sei: o que sei é que S. João abertamente declara que quem diz que conhece a Deus e não guarda seus mandamentos, mente: *Qui dicit se nosse Deum et mandata ejus non custodit, mendax est, et in eo irrita non est.* Má vida e boa fé é mentira: porque o que professa a fé, nega-o a vida: o que diz o som das palavras, nega-o a dissonancia das obras. «É observação de S. Paulo.» Vede como elle concorda com S. João, os douos maiores theologos da escola de Christo: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant.* Com as vozes

A este respeito
não lhe vale
rephcar que a
sua fé é boa,
porque é nega-
da pelas
obras. Testio:
de S. João e S.
Paulo.

I. JOHN. 2.

44 T. I.

confessam a fé de Deus e com as obras negam o mesmo Deus e a mesma fé que confessam. Dizei-me: é boa a fé dos cristãos que «por medo» a negam em Argel? Puis saber que para ser «deste modo» renegados não é necessário ir lá captivos. Ovi a Salviano bispo de Marselha: *Christiani sine opere nihil ibi per fidem supercilium usurpare debent.* Note-se mais o *Fidel supercilium.* Por uma parte, não só vasios de obras boas, senão cheios e carregados de obras más; e por outra, com as sobrancelhas levantadas, muito prezados e presumidos de cristãos: por uma parte, com a voz e com os pensamentos buzzando qua navegam na barca de Pedro; e por outra, com ambos os braços remando nas galés de Maloma. É boa fé essa?

Não faltará quem replique e diga que sim e com o mesmo exemplo. Porque os cristãos forçados que remam nas gáias de Maloma debaixo das bandeiras turquescas, nem por isso perdem a fé de Christo. Agradeço a agudeza da replica: mas remos navegando pelo Mediterrâneo acima. Aporta a mesma na ao porto de Chypre: salta Muley Amet no meio da coxiz, desembainha a cimitarra e diz assim: Com esta, a todo o cristão que não adorar aquella imagem de Venus, hei de cortar a cabeça. E que succederá n'este caso? O christão que não quer adorar, perdeu a cabeça e ficou martyr: o que adorou, conservou a vida e ficou renegado. Agora pergunto: E se aquele christão que por força e contra sua vontade adorar a Venus ou uma estatua de marmore é renegado; que diremos d'aqueles que não por força, senão muito por sua vontade e por seu gosto adoram o «mesmo ídolo» em outras imagens que não são de pedra? Se aquelle que d'antes era christão e depois nezoo é renegado; o que no mesmo tempo confessa a fé e a nega, que será? Peior que um turco: porque o turco não nega o que confessa; «este christão pelo contrario» nega o que confessa com manifesta contradicção. E ninguem se admira de eu «lhe» chamar peior que um turco: porque o mesmo S. Paulo, extranstando muito menores defeitos de boas obras, não duvidou dizer que só pela omissão d'ellas era peior o christão que o infiel: *Sicut suorum et maxime domesticorum curam non habet, fidem myvit, et est infideli deterior.*

VI. Supposto o muito que fica dicto, já eu me pudera contentar com estes dous grandes testemunhos de S. João e S. Paulo: mas quero acrescentar o terceiro do apostolo Sancti Iago o qual entre todos os doze foi o primeiro que provou e sua fé com a maior de todas as obras, que é o dar a vida. Tomos Sancti Iago entre mãos este poncio da fé com obras (as quaes chamou Salviano elegantemente *Testes fidei*); e porque o apertou mas

forte e efficazmente que todos, ouçamos o que diz. «A fé, se não tiver obras, é morta em si mesma. Mas poderá alguém dizer: Vós tendes a fé e eu tenho as obras; mostrarei-vos a vossa fé sem obras, e eu vos mostrarei a minha fé pelas obras. Vós credes que há um só Deus: fazeis bem: isso mesmo é o que os demônios crêem e estremecem.» Até aqui a força dos argumentos: ponderemos cada um de per si.

Primeiramente diz Sanct'-Iago que a fé sem obras é fé morta ^{A fé sem obras}
«em si mesma»: *Fides sine operibus mortua est in semelipsa.* ^{é morta}
«Eis o que é a fé sem obras»: é fé morta em si mesma. Ainda ^{em si mesma}
que um homem não faça, nem tenha obra alguma boa, dirá: Eu
creio tudo o que crê a sancta madre Egreja: logo a minha fé é a
mesma que a do maior sancto? Assim é: a mesma, mas morta:
Mortua est in semelipsa. No sancto é viva; porque é fé com
obras; e em vós, porque carece de obras, é morta. O mesmo
Sanct'-Iago tornou a declarar a sua sentença por outra phrase:
Sicut enim corpus sine spiritu mortuum est, ita et fides sine ope-
ribus mortua est: Assim como o corpo sem alma é morto, as-
sim a fé sem obras é morta. Da maneira que as obras são a
alma da fé, assim a fé com obras é fé viva, e sem obras é fé
morta. *Sicut corpus cibo reficitur, sic fides charitate animatur*
«explica» Sancto Agostinho. Assim como o corpo vive do comer
com que se nutre e sustenta, assim a fé se anima e alimenta
com as obras de caridade. E S. Bernardo chama homicida da
propria fé ao que a mata com más obras: *Si munus mortuum*
offers Deo, sic Deum honoras et placas tuae fidei intersector?
Matador da fé, lhe chama; e verdadeiramente é mais cruel ma-
tador da fé, que os tyrannos mais crueis. Os Neros e Dioclecia-
nos não atormentavam os christãos para lhes tirarem a vida,
senão para lhes matar a fé: por signal que se negavam a fé,
logo lhes davam a vida. E que succedia então? Comparae-me
christão com christão, e tyranno com tyranno. O bom christão
sofreria as catastas, os equuleos, as laminas ardentes, as gre-
lhas, as rodas de navalhas; e deixava matar a vida para con-
servar viva a fé. E o mau christão hoje mata a fé por não per-
der um gosto, um appetite, um interesse vil da covarde e in-
fame vida. O tyranno gentio por um dos deuses falsos procu-
rava matar a tormentos a fé albeia; e o tyranno christão, mais
cruel que todos os tyrannos, sem fazer caso do Deus verda-
deiro, nem o temer, e por faltar a sua vontade, não duvida ser
homicida e matador da fé propria: *Tuae intersector fidei.*

VII. D'este primeiro argumento passa o apostolo Sanct'-Iago
ao segundo tanto mais forte, quanto mais evidente, porque desce
da especulação á practica, da razão á experiência e do discurso

Sanct'-Iago
o Elias pedem
que a fé so
prote
pelas obras.

*Aug. de cogn.
ver. vitæ c. 7.*

*Bern. serm. 21
in Genit.*

aos olhos. É um desafio de fé a fé, uma armada de obras, e outra sem ellas, confiada só em si mesma; e diz assim: *Tu fidem habes et ego opera habeo: ostende mihi fidem tuam sine operibus, et ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Faz aqui Sanct'-Iago o mesmo que fez Elias, que foram duas «das» melhores espadas da lei velha e da nova. Elias para mostrar aos olhos a verdadeira divindade de Deus e a falsa de Baal: Fazei vós, diz, sacrificio ao deus que adorais; e eu o farei também ao que adoro; e sobre qual descer fogo do céu, esse seja credo por verdadeiro Deus. Responderam todos: *Optima propositio:* boa proposta. E tal é a de Sanct'-Iago. Vós, diz o apostolo, dizes que tendes fé, eu digo que tenho obras: mostre agora cada um de nós a sua fé; vós sem obras a vossa, e eu com obras a minha, e seja tida por verdadeira fé a que mostrar que o é. A demonstração da fé, que é interior e invisivel, parece difficultosa e impossivel; e não é, senão muito facil. A fé é cega; mas assim como o cego me não vê a mim, e eu o vejo a elle, assim a fé não vê, mas vê-se: não vê, porque não vê os seus objectos; mas vê-se, porque se vê nos seus effeitos. Os seus effeitos são as obras conformes a ella: pelas obras se vê manifestamente; e sem as obras como se pode vér?

Quaes estas
obras.

Olhe agora cada um para as suas «obras» e verá qual é a sua fé. Eu taparei os ouvidos ao que se diz, e só direi o que se vê com os olhos e se aponcta com o dedo. Como estamos na corte, onde das casas dos pequenos não se faz caso, nem tem nome de casas, busquemos esta fé em alguma casa grande e dos grandes. Deus me guie.

Examina-se
alguma casa de
Sídalgos.

O escudo d'esta portada em um quartel tem as quinas, em outro as lizes, em outro as aguias, leões e castellos; sem duvida este deve ser o palacio em que mora a fé christã, catholica e christianissima. Entremos e vamos examinando o que virmos parte por parte. Primeiro que tudo vejo cavallos, liteiras e coches; vejo creados de diversos calibres, uns com librè, outros sem ella; vejo galas, vejo joias, vejo baixellas; as paredes vejo-as cobertas de ricos tapizes; das janellas vejo ao perto jardins e ao longe quintas; enfim vejo todo o palacio e tambem o oratorio: mas não vejo a fé. E porque não apparece a fé n'esta casa? Eu o direi ao dono d'ella. Se os vossos cavallos comed á custa do lavrador, e os freios que mastigam, as ferraduras que pizam, e as rodas e o coche que arrastam, são dos pobres officiaes que andam arrastados sem poder cobrar um real; como se ha de vér a fé na vossa cavalheria? Se o que vestem os lacaios e os pagens, e os soccorros do outro exercito domestico masculino e feminino, depende das mezadas do mercador que

vos assiste; e no principio do anno lhe pagais com esperanças e no fim com desesperações e risco de quebrar; como se ha de vér a fé na vossa familia? Se as galas, as joias e as baixellas ou no reino ou fóra delle foram acquiridas com tanta injustiça e crueldade, que o ouro e a prata derretidos, e as pedras preciosas se se expremeram, haviam de verter sangue; como se ha de vér a fé n'essa falsa riqueza? Se as vossas paredes estão vestidas de preciosas tapeçarias, e os miseraveis, a quem despistes para as vestir a ellas, estão nus e morrendo de frio; como se ha de vér a fé nem pintada nas vossas paredes? Se a primavera eslá rindo nos jardins e nas quintas, e as fontes estão nos olhos da triste viuva e orphãos, a quem nem por obrigação nem por esmola satisfazeis ou agradeceis o que seus paes vos serviram; como se ha de vér a fé n'essas flores e alamedas? Se as pedras da mesma casa em que viveis, desde os telhados até os alicerces estão chovendo o suor dos jornaleiros, a quem não fazieis feria, e, se queriam ir buscar a vida a outra parte, os prendieis e obrigaveis por força; como se ha de vér a fé, nem sombra d'ella, na vossa casa?

Mas passemos do pulpito ao confessionario. Se o confessor, quando com toda esta carga vos pondes a seus pés, puxa pelo Quare do nosso texto, e vos pergunta a razão por que não restituís devendo tanto; a resposta e a theologia que trazeis muito estudada, é que, sem embargo das dividas, deveis sustentar a vossa casa com a decencia que pede o vosso estado, e que as rendas não dão para tanto. Bem. E os paes de quem herdastes esse mesmo estado, e eram tão honrados como vós, não sustentavam a honra e a decencia d'elle com menos pompa, com menos creados, com menos librês, com menos galas, com menos regalos? Mais. E o que gastais por outra via, não com a decencia, senão com as indecencias da casa e da pessoa? Quare? Que respondeis a isto? A maior galanteria é que ao outro dia, depois da confissão e d'esta excusa, ouve o mesmo confessor sem sigillo, que aquella noite perdestes douz mil cruzados e que pela manhã os mandastes em dobrões a quem os ganhou: porque é contra a ponctualidade da fidalgaria não pagar logo o dinheiro do jogo. Assim jogais com os homens e assim com Deus, e esta é a vossa fé!

Dir-me-ha, porém, em contrario a nossa corte, que se em algumas casas particulares está a fé tão morta e tão corrupta, que nas casas de Deus está mais viva e mais inteira que em nenhuma parte do mundo. Assim se vê e demonstra em todos os templos de Lisboa, a qual muito à bocca cheia pôde dizer ao mesmo mundo: *Ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Eu te-

*Desculpas fri-
volas.*

*Também nas
casas de Deus
a fé está
mortia, porém
embalsamada.*

nho visto a maior parte da christandade da Europa; e em nenhuma, entrando tambem n'esta conta a mesma Roma, está o culto divino exterior tão subido de poncto, e cada dia mais. Seria lastima grande vér aqui desfazer e arruinar nos mesmos templos as fabricas antigas de tanta formosura e preço, se depois se não vissem as mesmas ruinas gloriiosamente resuscitadas com tanto maiores riquezas da materia e tanto maiores primores da arte. Em nenhuma parte do mundo é tanto a cubição de acquirir, como em Lisboa a ambição de gastar por Deus. Que egreja ha n'esta multidão de tantas, em um dia de festa, que se não pareça com a que viu descer do céu S. João *Tanquam sponsam ornatam viro suo?* O ouro e os brocados, de que se vestem as paredes, são objecto vulgar da vista; a harmonia dos coros, suspensão e elevação dos ouvidos; o ambar e almíscar e as outras especies aromaticas, que vaporam nas caçoulas, até pelas ruas rescedem muito ao longe e convocam pelo olfacto o concurso. É isto terra ou céu? Céu é, mas com muita mistura de terra. Porque no meio d'este culto celestial, exterior e sensivel, o desfazem e contradizem tambem sensivelmente, não só as muitas offensas que fóra dos templos se commettem, mas as publicas irreverencias com que dentro n'elles se perde o respeito á fé e ao mesmo Deus. Queres que te diga, Lisboa minha, sem lisonja, uma verdade muito sincera, e que te descubra um engano, de que tua piedade muito se gloria? Esta tua fé tão liberal, tão rica, tão enfeitada e tão cheirosa, não é fé viva: pois que é? É fé morta, mas embalsamada.

A lá sem obras
levá ao inferno.
Os Magos
não Oriente e
os hebreus no
deserto não
só creem, mas
arguem a sua
fé.

VIII. Passemos ao terceiro e ultimo argumeto de Sanct' Iago, que será tambem o ultimo do nosso discurso: *Tu credis quoniam unus est Deus; bene facis; et daemones credunt et contemscunt.* Vós credes em um só Deus; fazeis bem: isso mesmo é o que nós cremos, e o que ensina e canta a Egreja depois do Evangelho, *Credo in unum Deum.* Mas não basta esse primeiro bem, que é bem crér, se não for acompanhado do segundo que é bem obrar. Aquella estrella que apareceu aos Magos no oriente era muito resplandecente, muito formosa, e muito certa e segura no caminho que lhes mostrava, como é a fé: mas se elles se deixaram ficar nas suas terras e a não seguiram até Belem para onde os guiava, que importaria a sua vista intenderem o que significava? Tão magos e tão gentios ficariam, como d'antes eram. É necessario ajuntar o vér com o vir: *Vidimus et venimus.* Melhor exemplo ainda. Quando os filhos de Israel, depois de sairem do captiveiro do Egypto e passarem o Mar Vermelho, caminhavam para a terra de Promissão, levavam por pharol d'aquelle viagem uma columna, a qual de noite era de logo, que os alia-

miava, e de dia de nuvem, que lhes fazia sombra. A esta columna seguia todo o exercito (que era de mais de seiscentas mil familias); de tal sorte que, quando a columna fazia alto e parava, todos paravam e fixavam as suas tendas no mesmo logar; e quando a columna abalava e se movia, tambem o exercito se punha em marcha: e ao mesmo passo e compasso iam caminhando, ou fossem montes ou valles, sem mudar ou variar a derrota. E que figurava ou significava tudo isto? S. Paulo: *Omnia in figura contingebant illis.* Tudo era figura n'aquelle tempo do que havia de ser n'este nosso. O captiveiro do Egyplo significava o peccado: a passagem do Mar Vermelho, a agua do baptismo, que por virtude do sangue de Christo nos havia de pôr em graça: a terra de Promissão, a patria e bemaventurança do céu, para onde caminhamos; e a columna de fogo e nuvem, a fé, que vai deante e nos guia. Como columna, porque ella é a columna e firmeza da verdade: como de fogo, porque ella nos allumia; e como de nuvem, porque é luz janelamente clara e escura, em quanto nos manda crer muitas cousas que não vemos. Agora pergunto: E se quando a columna se movia e caminhava, parte do exercito se deixasse ficar nos arraiaes, chegariam estes á terra de Promissão? Claro está que de nenhum modo. Mais e peior ainda. E se em logar de seguir a columna, lhe voltassem as costas e tornassem para o Egyplo, conseguiram o mesmo fim? Muito menos. Pois estes são os que não acon panham a fé com boas obras: e muito mais, e peior, os que a contrariam com obras más. Em logar de a fé os levar á terra de Promissão e ao céu, elles com a mesma fé se acharam no inferno. Em quanto negarem a fé só com as obras e não com a palavra, não bastará esta culpa para que a sancta Inquisição da terra os condemne «como herejes»; mas será não só bastante, senão certo e infallivel que por sentença do supremo tribunal da divina justiça irão arder eternamente no fogo do inferno.

Isto é o que admiravel e tremendamente infere Sancti-Iago: *Tu credis quoniam unus est Deus; et demones credunt et contremiscunt.* Contentais-vos sómente com crer em Deus? Tambem os demonios crêem no mesmo Deus; e nem por isso deixam de ser demonios. Oh se Deus nos abrisse os olhos, como havíamos de ver todo este mundo, as ruas, as casas e as mesmas egrejas cheias de demonios, os quaes não vemos, assim como não vemos os anjos da guarda que nos assistem! E em que differem os demonios de muitos homens? Só differem em que os demonios são invisiveis e os maus homens são demonios que vemos. Primeiramente quanto à fé, o demonio não é gentio,

1. Cor 0.4.

A fé sono obras
e fa de
demonios.

nem turco, nem hereje, nem atheu. Crê no mesmo Deus verdadeiro em que nós cremos: *Et daemones credunt.* Em que são logo peiores os demonios que os homens? Em que são peiores que muitos christãos? Por ventura nas obras? Ainda mal, porque são tão similhantes. O demonio com a sua se é soberbo; e tu christão com a tua «és humilde?» O demonio sente mais os bens alheios, que as suas próprias penas; e tua inveja mais te atormenta e abraza com as felicidades que vês em quem devias amar, que todos os males que padeces em ti mesmo. O demonio procura derrubar e fazer cair a quantos quer mal; e tu com o poder do teu oficio, ou com a malignidade da tua informação e do teu conselho, a quanlos tens derrubado e destruído? O demonio favorece os maus e persegue os bons; e tu a quem persegues e a quem favoreces, se os peiores e os mais viciosos, porque servem e ajudam os teus vícios, são os teus validos? O demonio é pae da mentira; e a tua adulação, o teu odio e a tua ambicão, quando fallou verdade? Os teus enganos, as tuas artes, as tuas machinas, os teus enredos, que demonio houve jámais que tão subtilmente os inventasse? Quantos peccados commettes tu em que o demonio nunca pecou nem pôde? Ele não pecca nos excessos da gula, porque não come; nem no luxo e monstrosoidade das galas, porque não veste; nem nas intemperanças e torpezas da sensualidade, porque é espirito; e tu, escravo d'esse corpo vil, a quantas baixezas abates a tua alma, que Deus te deu egnal aos anjos?

*Antes os maus
christãos
são peiores.*

Mais. E não sou eu que o digo, senão o mesmo Sanct'-Iago na ultima clausula que nos resta por ponderar: *Daemones credunt et contremiscunt:* os demonios crêem em Deus e tremem d'elle; e tu, christão, com a tua se crês em Deus, mas não tremes, nem leimes. Grande lastima e miseria é que ate os demonios te possam servir de exemplo não só n'este mundo, senão no mesmo inferno. Apertemos bem este poneto. Crês, christão, que has de morrer? Creio. Crês quo no dia do juizo, e antes d'aquelle dia, te ha Deus de julgar na hora da morte? Creio. Crês que, se fizeres boas obras, has de ir ao céu e gozar de Deus por toda a eternidade; e se as fizeres más, por toda a mesma eternidade e sem fim has de arder no inferno? Creio. Pois se crês todas estas verdades e os demonios crêem e tremem, *Credunt et contremiscunt;* tu porque não temes e temes de offendere a Deus? Dá cá a razão: *Quare?*

*E a razão é que
olhas, por que
has sim o juiz
eterno e todo se
importam
do futuro. Ra-
zão de
teu esgredo.*

IX. A razão verdadeira nenhum intendimento a pôde dar, porque a não ha. A falsa e apparente, por mais que nós nos queiramos enganar, todos a veinos e experimentamos. O que crê a se, e o futuro, o que leva apôs si a vida, e o presente;

Lxx. 42. da vista e um sonho dos olhos abertos, e que tanto o remontado dos longes, como o vizinho dos pertos, tudo tem a mesma distancia. Aquelle nescio do Evangelho, *Stulte*, por isso era nescio; porque quando a sua falsa esperança lhe promettia tantos annos, quantos eram os bens com que o tinha enganado a fortuna, *Multa bona in annos plurimos*; nem os bens haviam de ser seus, senão alheios, nem os annos haviam de ser annos, ou dias, ou um só dia, senão os brevissimos instantes da mesma noite, em que isto imaginava: *Hac nocte animam tuam repetunt a te*. Assim empresta as vidas o Senhor d'ellas até o preciso e occulto termo da sua providencia: para que acabemos de nos desenganar quão erradas são as contas dos que sommam os futuros pelos presentes; e que só são sisudos e sabios os que não medem a vida com a esperança, mas tractam só de a concordar com a fé, em que consiste a eterna.

(Ed. ant. tom 41.º, pag. 432; ed. mod. tom. 8.º, pag. 323).

SERMÃO DA QUINTA TERÇA FEIRA **

Prégado em Roma na lingua italiana á serenissima rainha de Suecia, em obsequio de um dictame d'aquelle sublime espirito, que, detestando as beatarias publicas, só reputava por verdadeiras virtudes as que se occultam aos olhos do mundo.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Christina rainha de Suecia foi uma das mulheres mais celebres da historia não só por seu ingenho, instrução e arte de governar, mas muito mais por ter abdicado o reino e abjurado o protestantismo para professar a religião catholica. Estimou muito o grande orador portuguez a quem conheceu em Roma; e mais tarde o pediu encarecidamente por confessor ao P. Geral da Companhia: honra de que Vieira se escusou n'uma bellissima carta, por ser mais que septuagenario e cheio de achaques. Este sermão que recitou em presença da rainha responde ao ingenho e ao gosto, não menos de quem ouvia, que de quem fallava.

Nemo in occulto quid facit.

S. JOAN. 9.

A maior graça da «nossa» natureza e o maior perigo da «salvação», são os olhos. São duas luzes do corpo, são dois laços da alma. Mas como os mesmos olhos, ou são os proprios com que vemos, ou os alheios com que somos vistos; questão pôde ser não vulgar, e util curiosidade, saber quaes d'elles sejam o maior laço e o maior perigo. Eu em tanta estreiteza de tempo não o tenho para disputar; e assim digo resolutamente que o maior perigo e o maior laço são os olhos alheios; e porque? Porque sendo tão natural no homem o desejo de ver, o appetite de ser visto é muito maior. Considerava Job a sua morte, e vêde a espinha que mais lhe picava o coração: *Nec aspiciet me visus hominis: morrerei e não me verão mais os olhos dos homens.* O uso de ver tem fim com a vida; o appetite de ser visto não acaba com a morte. Esta foi a origem das estatuas romanas sepulcraes. Punha-se a estatua e imagem do defuncto sobre o se-

Quão perigosos
são os olhos,
maiormente os
alheios, pelo
appetite de ser
visto.

Texto de Job
te. 7 e uso das
estatuas
sepulcraes

pulero para que o homem, que dentro d'elle não podia ver, sobre elle fosse visto. Já que me falta a vida propria, ao menos não me falte a vista alheia. De maneira que devendo os marmores da sepultura ser uns espelhos em que se vissem os vivos, são uma anticipada resurreição da arte, em que se vêem os defunctos. Tão immortal é nos mortaes o desejo de ser vistos!

Por isso diz o
thema que
ninguem faz pe-
culamente
tanto digno do
louvor. Dois
documentos
contra este erro

Apoc. 7

I. Documento:
Não fazer na-
da para os olhos
dos homens, como
é o caso
de Iacob.
Texto do
S. Matth e 12.

E se esta ambição vive nos mortos, nos vivos que será? Será o que diz o texto que propuz, com maior erro ainda e indignidade na vida, que ambição e vaidade depois da morte: *Nemo in occulto quid facit*: ninguem faz occultamente cousa digna de louvor; porque occulta não pôde ser vista. Tirae do mundo (diz Seneca) os olhos alheios, e nada se fará do que o mesmo mundo admira e preza. Este era o uso de Roma no tempo do estoico. Mas porque então e depois, e ainda hoje «posto que menos geralmente», se usa o mesmo em tempo de Christo, que faremos? Para desterrar da Roma o *nemo*, e ajuntar n'ella o *facit* com o *occulto*; isto é, para que as boas obras se façam e junctamente se occultem, vos offerecerei brevemente n'este discurso «dous» documentos: um seguro, outro perfeito. O seguro, não obrar para os olhos dos homens: o perfeito, obrar só para os olhos de Deus. Este é o meu argumento. Bem vejo quanta dissonancia vos fará nos ouvidos a rudeza de uma voz tão pouco romana como a minha, no meio da harmonia d'estes coros reaes, pouco menos que celestes. Mas o mesmo ancor do nosso evangelho S. João diz que no tempo em que os anjos do céu estavam cantando os louvores de Deus, se fez lá pausa e silencio por espaço de meia hora para se ouvirem as vozes da terra: *Factum est silentium in coelo quasi media hora*. Eu farei por não exceder a meia, nem ainda o quasi.

II. *Nemo in occulto quid facit*. Contra o abuso tão geral como errado d'este dogma, ensina o nosso primeiro documento, a que chamei seguro, que nenhuma cousa se deve obrar para os olhos dos homens. E por que razão? Não só para justificar as mesmas obras, senão para as fazer: porque tudo aquillo que se faz para os olhos dos homens «é como se não se fizesse.» Parece paradoxo, mas é verdade divina. Ensinava Christo Senhor nosso aos homens do seu tempo que se guardassem de fazer o que faziam os escribas o phariseus: e signalando o divino Mestre o fundamento d'esta sua doutrina accrescenta: Porque dizem e não fazem: *Dicunt enim et non faciunt*. Senhor meu, dæ-me licença para que vos apresente uma réplica a minha ignorancia, que o não parece, pois se funda nas vossas mesmas palavras. Vós não dizeis que estes mesmos homens não só jejuam, mas

andam pallidos e macilentos e com apperecia mais de cadaveres, que de vivos, de pura abstinençia? Vós não dizeis que não só fazem oração no templo, mas que nas praças e nas ruas publicas com as mãos e os olhos levantados ao céu estão orando? Vós não dizeis que não só dão esmola, mas quo a som de trombetas chamam aos pobres, para que de perto e de longe vinhão todos? Como logo dizeis d'elles que não fazem, *Non faciunt?*

Aperto mais a minha admiração. Estas obras signaladas por Christo são todas aquellas a que S. Paulo reduz as obrigações de um verdadeiro christão: *Sobrie, et pie, et juste viramus in hoc saeculo; sobrie para consigo; pie para com Deus; juste para com o proximo.* Tudo isto faziam os escribas e phariseus. *Sobrie* para consigo; porque jejuavam: *pie* para com Deus; porque oravam: *juste* para com o proximo; porque davam esmola. Como logo diz Christo: *Et non faciunt?* Fazer tudo isto não é fazer? Sim; porque *Omnia opera sua faciunt, ut videantur ab hominibus* e tudo aquillo faziam para que os homens o vissem; e o que se faz para ser visto dos homens «é como se não se fizesse.» Jejuam «os escribas e phariseus como se não fizessem jejum: oram como se não fizessem oração: fazem esmolas como se não as fizessem.» Oh quantas cousas se fazem n'este mundo, «como se não se fizessem!» Discorrei vós por ellas; que eu não tenho tempo.

Senhores mens, as obras são a alma da fé: sazei-as, mas guardae-as dos olhos; que a mesma fé é cega. Faça a virtude por cautela o que faz o vicio por vergonha: *Qui male agit, odit lucem,* diz Christo: quem faz mal, foge da luz, e não quer que o vejam, porque faz mal. Quem faz bem, tenha medo da luz, porque lhe pôde tirar todo o bem que faz. Toda uma noite tinha gastado ou empregado Jacob não rondando, não jogando, não em saráus ou festins, mas abraçado estreitíssimamente com Deus. Começaram a se pintar os horizontes com as primeiras cores da manhã, e Basta, diz Deus, porque vem aparecendo a aurora: *Dimitte me, jam enim ascendit aurora.* E que importa que venha a aurora, o sol e o dia? Se Jacob fizera algum mal, soja e esconda-se da luz, para que o não vejam: mas se está bem occupado e no maior bem a que pôde aspirar um homem; também ha de fugir e ter medo da luz? Sim: porque a luz é o maior perigo das boas obras. Retire-se logo Jacob: não o veja a aurora; e pois tem vencido e triumphado de Deus, faça a retirada, para que não perca a victoria. Por isso os sanctos se retiravam aos desertos e se mettiam nas covas: sepultavam a virtude, «para que estivesse mais segura.

Comparase o mesmo texto com outro de S. Paulo ad Tit. 2.

Faça a virtude por cautela o que faz o vicio por vergonha.

Joh. 3.
Por isso a fuga de Jacob com o anjo aranjo logo au nascer da aurora.

Gen. 17.

A obrigação de
dar bom
exemplo como
se direi in-
tegrador.
Meth. 5.

Não ignoro a obrigação do bom exemplo imposta por Christo a todos os christãos, e muito mais aos que no civil e no ecclesiastico são luz do mundo: *Vos estis lux mundi.* Mas para que estes exemplos não dêem uma luz enganosa e fatua, advirta-se o que a mesma Verdade eterna ajunta immediatamente: *Sic lu-
ceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona,
et glorificant Patrem vestrum qui in coelis est.* Diz Christo que os seus discípulos devem resplandecer deante dos homens com a luz das boas obras; mas para quê? Para que a fama as apregoe de bocca em bocca e as guarde insculpidas em láminas de bronze, ou em tábuas de marmore, para noticia e pasmo da posteridade? Não por certo: mas para que n'essas obras, que necessariamente hão de ser vistas, seja Deus glorificado: *Ut glori-
fificant Patrem vestrum qui in coelis est.* Este deve ser o alvo dos seus desejos; este o termo dos seus esforços; este o objecto das suas industrias; e não a vista e os louvores dos homens. O sol, para nós divisarmos os objectos que allumia, não quer ser contemplado. Vós que como o sol estais por divina Providencia resplandecendo no firmamento da Egreja, allumiae o mundo com a luz soberana dos vossos exemplos; mas dae-me licença de notar que quanto mais vivo é o respiador das vossas obras, tanto maior ha de ser o vosso cuidado em declinar a nossa vista e não pretender as nossas admirações; se é que nos queréis manifestar a gloria de Deus e não a vossa. Assim prova-reis a sinceridade do vosso affecto áquelle que vê os corações e avalia as obras pelo que são deante de seus olhos, e não pelo que aparecem aos nossos.»

A Magdalena
aos pés de
Christo recina-
dos a declinar
a vista
dos homens.
*Observações de
S. Pedro
Chrysologo.*

Da Magdalena disse Christo: *Quoniam dilexit multum.* Mas que teve de grande este amor? Lagrimas e de uma mulher? Muitos choraram facilmente. Quebrar o alabastro? Os marmores se quebraram por si mesmos na morte de Christo. O preço do unguento? Só na avarice de Judas foi grande preço. Enxugar os pés do Senhor com os cabellos? Mais faria, se os cortara. Onde está logo a grandeza d'aquelle acto? Onde está o muito d'aquelle *dilexit multum?* S. Pedro Chrysologo o observou agudamente em duas palavras do Texto: *Stans retro.* Tudo o que a Magdalena fazia não era aos olhos senão ás espaldas de Christo, *retro;* e n'este modo de servir consistia o muito do amar. Christo com os olhos da divindade via a Magdalena; mas com os olhos da humanidade não a via; e como ella chorava e ungia, servia e amava «não pretendendo ser vista, o seu amor foi canonizado pela mesma Verdade infallivel, não só de sincero, mas de muito: *Stans retro. Dilexit multum.* Tão grande necessidade temos de nos furlar aos olhos dos homens para provar a sincero-

ridade das boas obras contra o: *Dicunt et non faciunt* tão reprovado nos phariseus.

III. Este exemplo da Magdalena não sómente nos dá o documento seguro, que é não obrar para os olhos dos homens; senão também o perfeito, que é obrar só para os olhos de Deus. E porque vale mais este segundo? Porque aquillo é o mais perfeito que mais une ao homem com Deus; e Deus só dá os seus braços a quem busca os seus olhos. Torne Jacob «a confirmar-o», já que o nosso theatro nos não dá logar de multiplicar figuras. Verdadeiramente é caso estupendo vér a Deus abraçado com um homem, e quando Deus não era homem! Cresce o pasmo com saber que Jacob não era Hilarião, nem Macario. Era um homem leigo, e tão leigo que nenhum hoje o pôde ser tanto por muitas circunstâncias. Elle, com boa licença de Rachel e de Lia, não tinha voto de castidade. Elle não professava obediencia; porque era senhor independente de copiosa familia, não faltando na investidura do morgado universal. Elle não professava pobreza; porque os seus rebanhos de gados maiores e menores, que eram os tesouros d'aquelle tempo, não cabiam nos campos. Como logo mereceu Jacob uma união com Deus tão estreita, tão forte e tão singular e inaudita? O mesmo Texto *Traductis omnibus quae ad se pertinebant, mansit solus; et recetir luctabatur cum eo usque mane.* Jacob n'aquella jornada, passado da outra parte de um rio tudo o que levava e todos os que o acompanhavam; elle só em um deserto e de noite se deixou ficar orando, onde, quando e como só os olhos de Deus o podiam vér. Onde, porque era um deserto: quando, porque era de noite; e como, porque estava só. De sorte que não uma só vez, nem por um só modo; senão tres vezes e por tres modos se retirou e escondeu Jacob dos olhos dos homens, para assim só, e mais só, e ainda mais só, buscar só os olhos de Deus. E se namorou tanto d'esta acção a divindade do Verbo, que não se podendo conter nem no céu, nem em si mesmo, como se anticipasse a incarnaçao se vestiu de homem para se abraçar e unir fortíssimamente com elle: *Ecce vir luctabatur cum eo.*

Senhores cortezãos da cabeça do mundo, isto não é só para os desertos e para os anachoretas. Querer que as vossas obras sejam boas e sejam vistas é contradição manifesta «porque se o quereis, o fim que vos leva é a vaidade; e obras feitas por vaidade não são boas. Isto é o que Christo reprovou tanto nos phariseus com o seu *dicunt et non faciunt.* E além d'isso, dizem-me: como é que os homens poderiam ver a bondade intrínseca e real das vossas obras? Os seus olhos não alcançam senão a

^{2º documento}
Fazer as
obras só para
os olhos de
Deus. Circum-
stâncias da
luta de Jacob.

Gen. 32.

Querer que as
boas obras
sejam vistas
dos homens, so-
bre ser con-
tradicitorio
é impossivel
aos homens,
porque só Deu-
pô le vir os
corações.

A obrigação de
dar bom
exemplo como a
se deve in-
tentar.
Matth. B.

O sacrifício de
Abraão
descrito a este
documento.

rezes é mentirosa.»
-tado de Deus: *Homo*
tur cor: para os olhos
para os seus os corações. E
a vista e conhecimento do
Deus podesse ver «a bondade
dos homens pôdem ver as obras; mas a
ainda que a tenham, não a pôdem
corações. E como o coração é a fonte
as obras se baptizam e recebem o «ver-
dadeiro Deus; d'aqui é que reservou Deus só para
que o homem, ainda que qui-
dirigir as suas obras boas a outros olhos
Aos olhos de Deus sim e só a elles; porque
aos outros não, porque as não vêem. E que
miseramente seria não consagrар as boas obras aos
deus, que só as vê; e sacrificá-las ao ídolo dos olhos
que as não pôde vê?

Na d'esta cegueira os mesmos que se deixam levar d'ella,
e tanta, a não sabem, nem eu a sabia; mas a agudeza de
Agostinho a descobriu suhtilissimamente. Argumentava
Agostinho contra os idolatras e dizia assim: O ídolo tem olhos,
mas não vê; o verdadeiro Deus vê tudo: como ofereceis logo
os vossos sacrifícios ao ídolo que os não vê, e não a Deus que
os vê? O mesmo argumento e a mesma pergunta faço eu aos
olhos da christandade. É certo que estes idolatras, o sim por que
dedicam as suas obras aos olhos dos homens é para que ellas,
em quanto boas, lhes grangeiem reputação e nome de bons. Mas
se a «verdadeira» bondade d'essas mesmas obras só a vêem os
olhos de Deus, e os dos homens não: porque a não dedicais aos
olhos que a vêem, senão aos que a não pôdem ver? Só a per-
spicacia da mesma aguia dos doutores podia penetrar o segredo
d'esta cegueira: *Oculos habent et non ridebunt*: os olhos do
ídolo (diz Agostinho) ainda que não vêem, vê-os o idolatra: os
olhos de Deus ainda que vêem tudo, o idolatra não os vê; e
é tal a propensão e inclinação humana a nos deixarmos levar
só do que vêmos, que antes quer o idolatra dedicar os seus
sacrifícios aos olhos visíveis do ídolo, porque elle os vê, ainda
que elles o não vejam, do que aos olhos invisíveis de Deus,
ainda quo elles o vejam; porque elle os não vê. E d'aqui se
colhe a dobrada perfeição dos que consagram visivelmente aos
olhos que as vêem e invisivelmente aos que elles não pôdem
vêr.

A façanha ou fineza que viu e celebrou o mundo com nome

de maior entre as maiores foi o sacrificio de Abrahão, «e foi devida a este documento de obrar só para os olhos de Deus.» Mandou Deus a Abrahão que lhe sacrificasse o seu filho com expressão de todos aquelles motivos quo faziam a novidade de tal acção ardua, difícil e quasi impossivel a um coração humano. E pois (dizia dentro de si o pae) que hei de sacrificar o meu filho? O meu primogenito? O meu amado? O meu Isaac? Eu sou, e outra e mil vezes eu o que lhe hei de meter o ferro pelas entradas? Eu o que hei de derramar o sangue que me saiu das veias? Eu o que, morto, com estas mãos o hei de pôr na fogueira? Eu o que com estes olhos o hei de ver arder? «E que dirão os homens de mim depois de um caso tão horroroso e inaudito? Pae cruel, hão de dizer que te fizeste algoz de teu unico filho e filho tão inocente e filho tão amável!» Mas em quanto o amor paterno estava suspenso e como irresoluto n'esta terrível consideração, vêde o pensamento com que se resolveu e lhe deu animo e valor e coragem para executar valentemente o sacrificio! Quando Deus disse a Abrahão que lhe sacrificasse o filho, foi com estas palavras: *Vade in terram visionis, atque ibi offeres eum in holocaustum super unum montium quem monstravero tibi: vae à terra da vista (notae muito o in terram visionis), vae à terra da vista e ahi sacrificarás o teu filho em um monte que eu te mostrarei.* Se Deus me ba de mostrar o monte (diz o pae) ahi ha de estar Deus: se o monte ha de ser na terra da vista, ahi me ha de vér. E é tão certo que foi este o pensamento de Abrahão, que elle deu por nome ao mesmo logar *Dominus videt;* e ao mesmo monte: *Dominus videbit.* De sorte que com certeza tres vezes repetida conheceu Abrahão que n'aquelle terra, n'aquelle logar e n'aquelle monte o havia de vér Deus: n'aquelle terra, *in terram visionis:* n'aquelle logar, *Dominus videt:* n'aquelle monte *Dominus ridebit;* e como Abrahão conheceu certamente que Deus o havia de vér e os olhos de Deus o haviam de fazer o theatro d'aquelle grande acção, este foi o pensamento e o motivo com que se resolveu a sacrificar o filho. E que se infere d'aqui conforme a verdade do nosso documento? Infere-se que «quanto mais viva for a fé da presença de Deus e mais ardente o desejo de lhe agradar obrando só para os seus olhos, tanto maior será o nosso animo e mais heroica a nossa coragem para vencer as dificuldades que se encontram na vida christã e no caminho da perfeição. *Ambula coram me et esto perfectus,* disse Deus a Abrahão quando a primeira vez lhe revelou que havia de ser na fé e na obediencia o exemplo das gerações vindouras e o pae de todos os crentes: o mesmo repete a todos os chris-

Gen. 22.

Ibid.

Gen. 17.

Conclusão.

P. 91.

Ephei. 6.

Exemplo de
Christo nas cir-
cunstâncias
do Texto.

tão que pela mesma fé são filhos d'este grande patriarcha.»

V. Tenho acabado, e não sei se persuadido o que prometi. E para que estes «dous» documentos sirvam a todos, digo só «duas» palavras conforme a generosidade de cada um. Vós almas que aspirais à perfeição, obrae só para os olhos de Deus, que isto é o perfeito. E vós os que vos contentais com menos, guardae-vos de obrar causa alguma para os olhos dos homens, que isto é o seguro. No tempo de David havia alguns impíos tão impíos, que negavam os olhos a Deus: *Dixerunt: Non videbit Dominus.* E porque negavam estes olhos a Deus? Para o offendere com maior liberdade, diz o propheta. Do mesmo modo, assim como a malicia consummada nega os olhos a Deus para o offender com maior liberdade, assim a virtude «perfeita» ha de attender aos olhos de Deus para o amar com maior fineza. •Eis aqui a perfeição do primeiro documento. E quanto à segurança do segundo, lembrae-vos que o servo fiel serve a seu senhor onde o mesmo senhor o não vê, como se o estivesse vendo: mas o infiel só o serve quando é visto, e por isso é infiel.» Divinamente S. Paulo: *Ad oculum serientes, quasi hominibus placentes.* «Logo quem não quer a censura e o castigo do servo infiel, não sirva aos olhos para agradar aos homens. Assim é que todos, uns mais, outros menos perfeitamente, imitareis a Christo e recebereis a coroa de gloria prometida aos seus imitadores.

As palavras *Nemo in occulto quid facit* disseram-nas ao Divino Mestre os seus parentes para exhortal-o a fazer em publico deante dos Judeus e na mesma corte de Jerusalém aquellas obras admiraveis que andava fazendo, como occultamente, em Galilea entre pobres pescadores. Mas nota o sancto evangelista que elles fallavam d'este modo, porque ainda não criam n'elle: *Neque enim fratres ejus credebant in eum.* Como se dissera: não eram estes os exemplos que o Filho de Deus nos havia de dar como redemptor. O mundo está perdido porque os homens se deixam levar por motivos de respeitos humanos. Por isso o salvador do mundo lhe havia de ensinar precisamente o contrario que seus parentes aconselhavam: obrando só para agradar a Deus e fugindo da publicidade. Mas elles fallavam tão erradamente, porque ainda não criam que era o Messias: *Neque enim fratres ejus credebunt in eum.* Portanto para nós, que temos fé e vimos os seus exemplos, não ha nada mais dassarrazoado que esse» indigno epitaphio das obras humanas, «mortas, porque feitas sómente para agradar aos homens;» *Nemo in occulto quid facit.*

(Ed. ant. t. 7.º, pag. 131, ed. mod. tom. 8.º, pag. 157).

SERMÃO DA SEXTA SEXTA-FEIRA *

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1662

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Já vimos sermões na fórmula dos que hoje se chamam conferências moraes: lá vai outro; e qual se podia esperar de Vieira. Veja-se nos dous últimos números com que majestade e eloquencia se remonta no seu argumento, depois de ter conversado familiarmente com os ouvintes, consoante o seu genio e auctoridade lhe consentiam.

Collegerunt pontifices et pharisaei concilium.

S. JOAN. 2.

I. A melhor e a peior cousa que ha no mundo qual será? A melhor e peior cousa que ha no mundo é o conselho. Se é bom, é o maior bem; se é mau é o peior mal. A maior maldade que commeteu n'este mundo a cegueira e obstinação dos homens, foi a morte de Christo: a maior misericordia que obrou n'este mundo a bondade e piedade de Deus, foi a redempção dos homens. E ambas estas cousas tão grandes e tão oppostas saíram hoje resolutas de um conselho: *Expedit vobis ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat.* Supposla esta primeira verdade de ser o conselho o maior bem e o maior mal do mundo, ou, quando menos, a fonte dos maiores bens e dos maiores males, quizera eu hoje que fosse matéria do nosso discurso a consideração dos bens e males que concorreram n'este conselho.

Este conselho, ou se pôde considerar pela parte que teve de político, ou pela parte que devia ter de christão. Pela parte que teve de político mostrou alguns dictames acertados: pela parte que devia ter de christão commeteu o mais enorme de todos os erros. E porque dos erros e dos acertos, como do aço

o conselho, se
é bom, é o
maior bem; se
é mau, é o
maior mal.
Conselho dos
pontífices
e phariseus.

En quanto bom
e em quanto
mau será a ma-
laria
do discurso,

e do crystal, se compõem e formam os espelhos; dos acertos e dos erros d'este conselho determino formar hoje um espelho á nossa corte. Será este espelho de tal maneira politico para os christãos e de tal modo christão para os politicos, que se possa ver e compór a elle um conselho e um conselheiro e tambem um aconselhado. Se for muito lizo e muito claro, isso é ser espelho.

Quatro propriedades de um conselho bem acertado.

II. *Collegarunt pontifices et pharisei concilium.* Quatro partes considero n'este conselho do evangelho, sem as quaes nenhum conselho pôde ser acertado, nem ainda ser conselho. A eleição dos conselheiros, a formalidade da proposta, a conveniencia dos pareceres e a eficacia da execução. A primeira contém os principios dos conselhos, a segunda o modo, a terceira os meios, a quarta o fim. Sem a primeira será o conselho imprudente, sem a segunda, confuso; sem a terceira, damnoso; sem a ultima, ocioso e inutil. Comecemos pela primeira.

I.º Eleição de conselheiros praticos na materia que se deve tratar.

III. A primeira boa propriedade que teve este conselho do evangelho foi que a materia sobre que se havia de votar era da profissão dos conselheiros. A materia era de religião, e elles eram sacerdotes: a materia era de fé, e elles eram theologos: a materia era do Messias promellido pelos prophetas, e elles eram doutos nas Escripturas: em sum a materia era de letras, e elles eram letrados. A causa de se governar tão mal o mundo e de andar tão mal aconselhado, havendo tantos conselhos, é porque de ordinario os principes baralham os metaes e trazem desencontrados os conselhos e os conselheiros. Se o soldado votar nas letras e o letrado na navegação e o piloto nas armas, que conselho ha de haver, nem que successo? Haverá letrados, e não se verá justiça: haverá pilotos, e não se fará viagem: haverá soldados e exercitos, e levarão a victoria os inimigos. Vote cada um no que professa e logo nos conselhos haverá conselho. Nos casos de religião vote Samuel e Heli: nos negorios da guerra vote Joab e Abner: nas importancias do estado vote Chusai e Achitophel; e nas occorrencias da navegação e do mar (ainda que não tenham nomes tão pomposos) vote Pedro e André.

Admittam-se tambem phariseus, se o pedido a materia.

Indigna cousa parece, e ainda escandalosa, que os phariseus entrem no mesmo conselho com os pontifices: *Collegarunt pontifices et pharisei concilium.* Tambem o phariseu ha de ter lugar no conselho? Tambem o phariseu ha de dizer seu parecer? Tambem o phariseu ha de dar seu voto? Tambem; se a materia for da sua profissão. Ainda que o nome de phariseu n'aquele tempo fôra tão vil e tão mal soante como é hoje, nem por isso se havia de excluir do conselho das materias da sua profissão:

porque o bom conselho e o bom conselheiro não o faz o nome nem a qualidade da pessoa, senão a do voto. E porque vos não pareça esta doutrina de tão má eschola como a do nosso evangelho, vede tudo o que tenho dicto no conselho de um principe melhor que os melhores pontifices e no voto de um conselheiro peior que os peiores phariseus.

Viu o propheta Micheas a Deus em conselho, assentado em um trono de grande majestade. Conta o caso o mesmo propheta no terceiro livro dos reis capítulo 22. Assiliam a Deus de uma e outra parte do conselho todas as grandes personagens das tres jerarchias: os thronos, as potestades, as dominações, cherubins, seraphins, etc. E diz o propheta que tambem veio o demonio a achar-se no conselho. Se em um conselho do céu, onde o presidente é Deus e os conselheiros os anjos, «o propheta viu» entrar um demonio; nos conselhos da terra, onde os que presidem e os que aconselham são homens, e talvez homens de muita carne e sangue, quantos demonios entrarão? Fez Deus a proposta ao conselho em voz, e disse assim: Pelas injustiças de Acab, rei de Israel e pelas da rainha Jezabel, sua mulher, assim as que elles commettem, como as que consentem no reino, tenho resoluto de lhes tirar a vida e a corôa. E por que o estylo de minha justiça e providencia é castigar os reis permittindo que sejam enganados, para que sigam os caminhos de sua ruina cuidando que são os meios de sua conservação; quizera ouvir do meu conselho que modo haverá para que seja enganado el-rei Acab, e para que emprehenda a guerra de Ramoth e acabe n'ella. E também me diga o conselho a que pessoa ou pessoas será bem encarregar esta empreza? *Quis decipiet Achab regem Israel, ut ascendat et cadat in Ramoth?* Ouvida a proposta de Deus foram respondendo os anjos como lhes cabia; e diz o Texto que uns diziam de um modo e outros de outro: *Unus verba hujusmodi, et alius alter:* porque até entre os anjos pôde haver variedade de opiniões sem menoscabo de sua sabedoria, nem de sua sanctidade; e para que acabe de entender o mundo que, ainda que algumas opiniões sejam angelicas, nem por isso são menos angelicas as contrarias.

No ultimo logar fallou o demonio; e fallou breve, resumido, substancial e resoluto: *Ego decipiam illum: egrediar et ero spiritus mendax in ore omnium prophetarum.* Supposto, Senhor, que vossa Majestade Divina tem resoluto ou permittido que seja enganado Acab para ser destruido, o meio mais a proposito para se enganar é que lhe mintam todos seus conselheiros, que são os prophetas a quem elle consulta; e a pessoa que sem duvida os fará mentir a todos (diz o demonio) serei eu, porque me

A visão de
obras atra-
tiva para
trina.

O demonio vo-
em cui con-
selho divino
Deus seu
confundira com
seu voto.

transformarei em espirito de mentira e me metterei nas suas linguas. Atéqui o demonio. Ouvi agora e pasmae. Não tinha bem acabado de dizer o demonio, quando Deus se conformou inteiramente com o seu voto; e não só lhe commelteu a empreza, mas segurou a todos o successo d'ella: *Decipies et prae-valebis: egredere, et fac ita.* «Bem sei que foi esta visão do propheta Micheas um facto allegorico e não historico: comtudo não vos posso dissimular que» ainda me estou benzendo depois que isto li. «E como se pôde imaginar» que no seu conselho sacratissimo e secretissimo ha Deus de admittir o demonio, e não só o ha de admittir e ouvir, senão que ha de approvar o seu voto e se ha de conformar só com elle, deixando o parecer de tantos anjos e de tantos principes do céu? «Todavia um propheta por divina inspiração o imaginou, para nos ensinar que» a prudencia e obrigação «de quem governa» não é tomar o conselho dos melhores, senão o conselho melhor: não é seguir as razões dos grandes, senão as grandes razões: não é sommar os votos, senão pesal-os. E porque o demonio n'este caso votou melhor que os anjos, por isso se não conforma Deus com o parecer dos anjos, senão com o voto do demonio.

*Porque votou
acertadamente
em matéria
de sua profissão
para
enganar Acab.*

Os anjos, com serem anjos, votaram uns assim, outros assim, como diz o Texto: mas o demonio vede que gentilmente votou. A gentileza de um voto consiste em duas proporções: em proporcionar o meio com o fim e em proporcionar o instrumento com o meio. E tudo fez o demonio escolhidamente. Proporcionou o meio com o fim, porque o fim do conselho era que Acab fosse enganado; e para ser enganado Acab não havia meio mais a propósito que mentirem-lhe todos os seus conselheiros. Proporcionou também o instrumento com o meio; porque para os conselheiros todos mentirem não havia instrumento mais subtil e accommodado, que o mesmo espirito da mentira, meltido nas linguas de todos. E sendo o voto do demonio tão medido com a proposta, sendo tão ajustado com o fim, sendo tão proporcionado nos meios, porque o não havia de aprovar Deus e porque o não havia de antepôr ao de todas as jerarchias? Olhar para a jerarchia de quem votou é querer venerar os votos, mas não acerlar-los. Na eleição do voto não se ha de respeitar a dignidade da pessoa; que por isso Deus se não conformou com os lhos. Nem se ha de respeitar a nobreza; que por isso se não conformou com os principados. Nem se hão de respeitar os títulos; que por isso se não conformou com as dominações. Nem se ha de respeitar o poder; que por isso se não conformou com as potestades. Nem se ha de respeitar o amor; que por isso se não conformou com os seraphins. Nem se ha de

respeitar a sciencia: quo por isso se não conformou com os cherubins. Nem se ha de respeitar a sanctidade; que por isso se não conformou com as virtudes. Finalmente não se ha de respeitar qualidade alguma, por angelica e mais angelica que seja: que por isso se não conformou com anjos nem com archanjos. Pois que se ha de respeitar no voto e por onde se ha de avaliar? Ha se de avaliar o voto pelos merecimentos do mesmo voto, e nada mais. Ainda que a pessoa que votou seja o sujeito mais vil do mundo, qual era o demonio, e ainda que seja o que está mais fóra da graça do principe, como o demonio estava, se o seu voto fôr melhor, ha se de preferir o seu voto. O principal nos falta por advertir. Conformou-se Deus com o voto do demonio e não com os dos anjos; porque o demonio votou melhor. Bem está. Mas porque votou melhor o demonio que os anjos? Porque tem mais sabedoria do que elles? Não. Porque tem mais delgado entendimento? Não. Porque ama «e respeita» mais a Deus e zela mais seu serviço? Não. Porque deseja mais dar-lhe gosto e fazer e adivinhar-lhe a vontade? Não. Pois porque vota melhor um demonio n'este conselho que todos os anjos junctos? Porque a proposta e a materia do conselho era da profissão do demonio e não era da profissão dos anjos. A proposta e a materia do conselho era enganar a Acab e fazel-o cair: *Quis decipiet Achab, ut cadat?* E como a profissão própria do demonio é enganar e fazer cair aos homens; por isso votou melhor e mais acertadamente que todos. Se a proposta fôra como se havia de guardar Acab e como se havia de guiar e encaminhar para que se defendesse e livrasse dos perigos d'aquelle guerra, então venceria infallivelmente o voto dos anjos, porque essa é a sua profissão, guardar, guiar, encaminhar, livrar e defender aos homens. Mas como o negocio era tão alheio da profissão e oficio dos anjos, e tão proprio da profissão e exercicio do demonio, por isso o demonio votou melhor que todos os anjos. Tanto importa que vote cada um no que exerceita e que aconselhe no que professa! E seria grande desgraça que se não observasse esta maxima em conselhos christãos e catholicos, quando vemos que se fez hoje assim em um conselho de inimigos de Christo: *Collegerunt pontifices et pharisaei concilium adversus Jesum.*

IV. A segunda boa propriedade, e excellentemente boa, que teve este conselho foi o modo da proposta: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit.* Que fazemos, que este homem faz muitos milagres. Não sei se reparais no que dizem e no que não dizem. Não dizem: Que havemos de fazer, senão, Que fazemos? Ah que grande conselho e que grandes conselheiros!

3.º Modo da
proposta. Como
foi acertado
no conselho dos
inimigos de
Christo.

Conselheiros de que *haremos de fazer* não são conselheiros. Os conselheiros hão de ser homens de que *fazemos*? E vede que discretamente inferiram e contrapesaram a proposta. Elles eram inimigos de Christo e tinham a Christo por inimigo, e diziam: Que fazemos, que este homem faz muitos milagres? Notae o *faz* e o que *fazemos*. Basta, que nosso inimigo faz milagres, e nós não fazemos o que se pôde fazer sem milagre? A razão, por que se perdeu tanta parte d'aquella tão honrada monarchia da Asia, ganhada com tão illustre sangue, qual foi? Porque o inimigo *fazia* e nós *hariamos de fazer*. Não vamos tão longe. Em quanto Portugal leve homens de *haremos de fazer* (que sempre os leve) não tivemos liberdade, não tivemos reino, não tivemos coroa. Mas tanto que tivemos homens de que *fazemos*? logo tivemos tudo.

Conselho para
fabricar a
torre de Babel

Gen 1

O primeiro conselho que «se lê na Escriptura sagrada» foi o da torre de Babel. Resolveram os homens em uma juncta de todos quantos então havia, que para eterna memoria de seu nome fabricassem uma torre, cujas ameias subissem até entestar com as estrelas: *Cujus culmen pertingat ad cœlum*. «Ouvido no céu este conselho, parece» mandou Deus tocar a rebata; e assistido logo de todos os exercitos dos anjos, a falla que lhes fez foi esta: Estes homens resolveram em conselho de fazer uma torre que chegue até o céu, e não hão de desistir do seu pensamento até o levarem ao cabo. O que importa é que desçamos logo logo á terra e que lhes confundamos as linguas, para que não vão por deante com seu intento. Com o seu intento, Senhor? E que importam, ou que pôdem importar os intentos dos homens contra o céu? Pois se o céu e os anjos, e muito mais Deus, estão tão seguros de todo o poder dos homens; se todas as machinas de seus pensamentos e de suas mãos, contra o céu, mais são desvanecimentos, que conselhos; de que se altera o empyreo, de que se receiam os anjos, de que se acutela Deus com tanto cuidado, com tanta prevenção, com tanto estrondo? Eu o direi, e o mesmo texto o diz.

Também acer-
tado no mo-
do da proposta.

Aquellos homens para tudo o que intentaram e resolveram não fizeram mais que douz conselhos: um dos meios, outro do il. No primeiro conselho disseram: Eia, façamos tijolos: no segundo conselho disseram: Eia, façamos a torre. E homens que em todos os conselhos não dizem *faremos nem haremos de fazer*, se não *fazemos, fazemos*: estes homens, ainda que intentem o maior impossivel, hão de leval-o ao cabo. Homens que fazem conselhos, *fazendo*; homens que as suas resoluções são de pedra e cal, e que quando haviam de parecer conselhos, aparecem muralhas; guarde-se o mundo, guarde-se o céu, guar-

dem-se os anjos, e (se é lícito dizer-o assim) guarde-se o mesmo Deus de tais homens. Não é o encarecimento meu, senão do mesmo Deus, o qual por isso se não dilatou um momento em accudir ao caso, nem se contentou com mandar, senão que desceu em pessoa: *Descendamus igitur et confundamus linguis eorum.* Tal foi o conselho que hoje fizeram «os pontífices e os phariseus» e tais foram também os efeitos d'ele. Tanto que Christo viu o que se tinha proposto e resoluto n'este conselho, que fez? Diz o evangelista que o Senhor se retirou logo de Jerusalém, e se passou escondidamente para a cidade de Ephrem, e se metteu num deserto. E retica-se Christo? Esconde-se Christo? Desaparece Christo? Sim: porque homens que nas suas propostas e nos seus conselhos não dizem que havemos de fazer, senão que fazemos, até ao «Homem-Deus» mettem em cuidado, até ao «Homem-Deus» põem em receios; até o «Homem-Deus» não está seguro de tais homens e de tais conselhos.

V. Pedia agora a ordem do conselho que depois da proposta se seguissem os pareceres e a resolução. Mas para maior clareza do discurso, tique esta terceira parte para o fim e passemos á ultima. A ultima propriedade boa, e melhor que todas, d'este conselho foi a efficacia e presteza da execução: *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere.* No mesmo dia, e, como diz o texto grego, na mesma hora do conselho, se começou a pôr o conselho em execução com todo o cuidado. A proposta do conselho foi: Que fazemos? e o fim do conselho na mesma hora foi fazer o que se resolveu que se fizesse. Cuidam os ministros que feitos os conselhos, feitas as consultas, feitos os decretos, está feito tudo; e ainda se não começou a fazer nada. O principio dos negocios é a execução: em quanto se não dão á execução, não se lhes tem dado principio. No principio creou Deus o céu e a terra: são as primeiras palavras da Escritura. Pergunto: Antes de Deus crear o céu e a terra, a criação do mesmo céu e da mesma terra não estava decretada *ab aeterno* no conselho da sua sabedoria? Sim, estava. Pois então é que se deu principio á criação do céu e da terra? De nenhum modo. Quando Deus creou o céu e a terra, então é que lhe deu principio: porque em quanto os conselhos se não dão á execução, por mais conselhos e por mais decretos que haja, ainda se não tem dado principio a nada. Que importa que haja conselhos e mais conselhos, que importa que haja decretos e mais decretos, se entre os decretos e a execução se passa uma eternidade? Os decretos serão divinos e divinissimos, como eram os de Deus; mas todas essas divindades decretadas sem execução que veem a ser? O que era o céu e a terra antes da criação do mundo?

3.º Convenien-
cia dos
pareceres.
4.º Efficacia e
presteza da
execução. Con-
selho sem
execução é
nada.

Nada. Antes da criação eslava decretado o céu, estava decretada a terra, estavam decretados os elementos: tudo estava decretado e assentado em conselho. Mas todas estas cousas decretadas que eram? O céu era nada, a terra outro nada, os elementos nada e toda essa infinitade de cousas uma infinitade de nadas. Que importa a sentença no conselho da justiça, se se não executa a sentença? Que importa o arbitrio no conselho da fazenda, se senão executa o arbitrio? Que importa a prevenção no conselho da guerra, se se não executa a prevenção? Que importam os mysterios no conselho do estado, se se não executam os mysterios? O mysterio altissimo e divinissimo da incarnação estava decretado, havia uma eternidade, e estava revelado, havia quatro mil annos; e que era este mysterio antes da execução? Nada.

O conselho das mãos.

Prov. 31.

Pois que remedio para que estes nadas sejam alguma cousa e sejam tudo? O remedio é crear um conselho de novo. E que conselho ha de ser este? E como se ha de chamar? Salomão, cujo é o arbitrio, lhe deu tambem o nome: Um conselho de mãos: *Consilium manuum*. Todos os outros conselhos sem este «não são conselhos.» Os conselhos de intendimentos, discorrem, altercam, disputam, consultam, resolvem, decretam; e atequi nada. O conselho das mãos é o que faz as cousas. O mesmo texto o diz: *Operata est consilio manuum suarum*. Os outros conselhos especulam, este conselho obra.

O seu inten-

dimento

Ps. 77.

Mas com licença de Salomão, se este chamado conselho é de mãos, parece que se não havia de chamar conselho; porque o conselho é acto de intendimento e as mãos não teem intendimento. Antes só as mãos teem o intendimento que é necessário. A cabeça tem intendimento especulativo: as mãos teem intendimento pratico; e este é só o intendimento que faz as cousas. Assim o disse um rei que tinha muito bom intendimento e muito boas mãos, David: *In intellectibus manuum suarum deducit eos*. Falla David das felicidades d'aquella mesma república em cujo conselho estamos; e conclui que em todas as occasões em que tiveram felizes successos, os governou Deus e elles se governaram com os intendimentos de suas mãos. Os mais felizes reinos não são aquelles que teem as mais bem intendidas cabeças, senão aquelles que teem as mais bem intendidas mãos. Dos intendimentos das mãos é que se fazem os prudentes conselhos; ou quando menos, nos intendimentos das mãos é que se qualificam de prudentes; porque os conselhos prudentes que não passam do intendimento ás mãos, fazem-se de prudentes nescios.

Temos o David
em
Achimbel.

Itebellou-se Absalão contra el-rei David. Seguiu a voz de

Absalão todo o reino, cujas vontades elle tinha ganhado. Chegou a nova ao rei n'estes mesmos termos; e como nos grandes casos se vêem os grandes corações, accomodou-se David á fortuna do tempo e retirou-se com os capitães de sua guarda, que só o acompanhavam. Tinha já caminhado um bom espaço do monte Olivete, quando recebeu segundo aviso, que também Achitophel, seu grande conselheiro, seguia as partes de Absalão; e aqui foi que o coração do rei sentiu os primeiros abalos. Pôz-se de joelhos, levantou as mãos ao céu e disse: *Infatun, quaesa, Domine, consilium Achitophel.* Nunca a nossa língua me pareceu pobre de palavras, senão n'este texto. *Infatuare* significa fazer imprudente, fazer ignorante, fazer nescio, e ainda significa mais; e tudo isto pedia David que sisesse Deus ao conselho de Achitophel. Vede o que pesava no juizo d'aquelle gran rei e o que deve pesar no de todos um grande conselheiro! Quando disseram a David que todo o reino unido seguia a Absalão, não fez oração a Deus para que o livrasse de suas armas: quando lhe disseram que também Achitophel o seguia, fez oração apertada, para que o livrasse de seus conselhos. Mais temeu David a testa de um só homem, que os braços de infinitos homens. Bem tinha já experimentado o mesmo David na pedrada do gigante, que importa pouco que o corpo e os braços estejam armados se a testa está «desarmada». Houve-se David n'este caso contra Absalão, como já se houvera contra Golias. O tiro da sua oração não o aponctou contra o reino, que era o corpo, senão contra Achitophel, que era a testa. Um grande conselheiro no conselho do rei ha de ser a sua maior estimação; e no conselho do inimigo ha de ser o seu maior temor.

Vamos agora ao sucesso em que a Escriptura diz duas coisas notaveis e que parecem totalmente encontradas. A primeira que Deus ouviu a oração de David contra o conselho de Achitophel; a segunda que Achitophel aconselhou a Absalão prudentemente o que lhe convinha: *Domini autem nutu dissipatum est consilium Achitophel utile.* Pois se Achitophel aconselhou util e prudentemente Absalão, como ouviu Deus a oração de David? A oração de David pedia a Deus que infatasse o conselho de Achitophel: mas se o conselho de Achitophel foi prudente e útil, como infatou Deus o seu conselho? Quereis saber como o infatou? Léde por deante o texto. Ainda que a Escriptura diz que o conselho de Achitophel foi prudente, diz também que Absalão o não executou: e este foi o modo com que Deus infatou aquelle conselho; porque conselhos prudentes sem execução, não são prudentes, são fatuos. De dous modos podia Deus infatar o conselho de Achitophel: ou no intendimento

2. Reg. 15.

Como infatou
com suas
orações o con-
selho do
Aristófet.

Nada. Antes da
tada a ter-
cretado e
tadas q
mentos
nadas
não
faz
de

O consel-
mão
Pro

*... que o conselho fosse
errado; mas o conselho
que se não
é sa-
fazem
que cabe em homens pruden-
tes, mas mentes e perdedo por falta de execução só em ho-
mens infatuados. Oh quantos reinos se perdem por
mentes infatuados! Vejam lá os principes se são
mentes infatuados! Por isso eu desejava um conselho de mãos; e por
isso, sendo o mau, leve esta parte de bom o conselho do nosso
anjo. Começou extranhando o que se fazia: Quid facimus?
E acabou começando o que se havia de fazer: Ab illa autem
de cognovimus eum interficere.*

Mas eu não acabo de entender como isto podia ser logo no
mesmo dia e na mesma hora em que se fez o conselho. Quando
se lançaram os votos? Quando se escreveu a consulta? Quando
se assignou? Quando subiu? Quando se resolveu? Quando bai-
rou? Quando se fizeram os despachos? Quando se registaram?
Quando tornaram a subir? Quando se firmaram? Quando tor-
naram a baixar? Quando se passaram as ordens? Quando se
distribuiram! Tudo isto não se podia fazer em uma hora, nem
em um dia, nem ainda em muitos. Se fôra no nosso tempo e
na nossa terra, assim havia de ser. Mas, tudo se fez e tudo se
pôde fazer. Porquê? Porque não houve tinta nem papel n'este
conselho.

*duas peças
dias ha em
um conselho co-
mo se esco-
laram
abrigamente.*

VI. Esta é a quarta e ultima propriedade boa que n'elle con-
sidero: ser um conselho em que não appareceu papel nem tinta.
Dias ha que tenho para mim, que a tinta e o papel são duas
peças ou escusadas ou quasi escusadas em um conselho. E por-
que isto parece querer condemnar o mundo, não hei de argu-
mentar ao mundo senão comsigo mesmo. Qual é mais antigo
no mundo o conselho ou o papel? Pois assim como n'aquelle
tempo se faziam as consultas sem papel; porque se não pode-
rão fazer agora? Dir-me-heis que estava aiuda o mundo pouco
polido e pouco politico. Mais politico que agora. A primeira
nação ou a primeira lingua que soube ler e escrever foi a dos
hebreus. Primeiro se governaram por familias, depois em re-
publica, depois em monarchia, ultimamente em reinos; e em
todos estes estados não achareis tinta nem papel em seus con-
selhos. Chamava o principe deante de si os de seu conselho:

propunha a materia: ouvia os pareceres: resolia o que se havia de fazer: nomeava a pessoa que o havia de executar: e acabava-se o conselho. Não era bom estylo este, senhor mundo? Agora estareis mais empapelado, mas nem por isso mais bem aconselhado.

É verdade que juncto ás pessoas reaes havia n'aquelle tempo dous officiaes de pena: um historiador e um secretario. Tirase do segundo livro dos reis capitulo oilavo; onde se referem os officiaes de que se compunha a casa real e se nomeia entre elles Josaphath *a commentariis* e Saraias *scriba*. Mas porque eram o historiador e o secretario os dous officios de pena? Discretissimamente o ordenaram assim; porque o escrever foi inventado para remedio da ausencia e da memoria. O secretario escrevia as cartas para os ausentes, e o historiador escrevia as memorias para os futuros. Por isso geralmente nas historias sagradas só achamos livros e epistololas: os livros para os vindouros, as epistololas para os ausentes. Tambem o escrever se fez para remedio dos mudos, como aconteceu a Zacharias pae do Baptista, que sendo consultado sobre o nome do filho e não tendo lingua para o declarar pediu a pena. Se os conselheiros fossem mudos e os reis surdos, então era necessario o papel: mas se os conselheiros fallam e os reis ouvem, para que são tantos papeis? Não é melhor ouvir um conselheiro que falla e responde, que ler um papel mudo que não sabe responder? E quantos conselheiros houveram de dizer de palavra o que se não atrevem a dizer e firmar por escripto? Entre a bocca do seu consultado e o ouvido do rei passa a verdade com segurança; e nem todos teem a liberdade e constancia para fiar o seu voto das riscas e dos riscos de um papel.

Introduzir papel e tinta (ao menos tanto papel e tanta tinta) nos conselhos e nos tribunaes foi traça de fazer o tempo curto e os requerimentos longos, e de se acabar primeiro a paciencia e a vida que os negocios. O maior exemplo que ha d'esta experienzia em todas as historias é a da execucao d'este mesmo conselho em que estamos: *Ab illa autem die cogitarerunt eum interficere*. A execucao d'este conselho foi a morte de Christo; e é cousa que parece excede toda a fé (se o não disseram os evangelistas) considerar o muito que se fez e o pouco tempo que se gastou n'esta execucao.

Foi Christo preso e começado a julgar ás doze da noite, e crucificado ás doze do dia. E que se fez ou que se não fez n'estas doze horas? Foi levado o Senhor a qualro tribunaes mui distantes e a um d'elles duas vezes: ajuntaram-se e fizeram-se dous conselhos: presentaram-se em duas partes as accusações: tiraram-

*Quando juncto
das pessoas
reaes nô havia
um historia-
dor e um secre-
tario. Reme-
dio e danno de
votos escriptos.*

*Tinta e papel
fazem
o tempo curto
e os requeri-
mentos longos*

*Quanto fizeram
em doze ho-
ras os inimigos
de Christo.*

se tres inquirições de testimunhas: expediu-se a causa incidente e perdão de Barabás: deram-se dous libellos contra Christo: fizaram-se arrazoados por parte do réu e por parte dos auctores: allegaram-se leis: deram-se vistas: houve replicas e treplicas: representaram-se «dous espectaculos», um de Christo propheta com os olhos tapados, outro de Christo rei com sceptro «de canna» e coroa «de espinhos»: Foi tres vezes despido e tres vestidos: cinco vezes perguntado e examinado: duas vezes sentenciado: duas mostrado ao povo: ferido e assrontado tantas vezes com as mãos, tantas com a canna, cinco mil e tantas com açoites. Preveniram-se lanças, espadas, fachos, lanternas, cordas, columna, azorragues, varas, cadeias: uma roupa branca, outra de purpura: cannas, espinhos, cruz, cravos, sel, vinagre, myrrha, esponja, titulo com letras hebraicas, gregas e latinas, não escriptas se não entalhadas, como se mostram hoje em Roma: ladrões que acompanhasssem ao Senhor: cruzes para os mesmos ladrões: Cyreneu que o ajudasse a levar a sua. Pregou Christo tres vezes, uma a Caiphás, outra a Pilatos, outra ás filhas de Jerusalém. Finalmente, caindo e levantando, foi levado ao Calvario e crucificado n'elle. E que tudo isto se obrasse em doze horas? E que ainda d'estas doze horas sohejassem tres para descânço dos ministros, que foram as ultimas da madrugada? Grave casal! E como foi possivel que todas estas cousas, tantas, tão diversas e de tantas dependencias, se obrasssem e se podessem obrar na brevidade de tão poucas horas, e mais sendo metade d'ellas de noite? Tudo foi possivel e tudo se fez, porque em todos estes conselhos, em todos estes tribunaes, em todas estas resoluções e execuções não entrou papel nem tinta. Se tudo isto se houvera de fazer com as tardanças, com as dilações, com os vagares, com as ceremonias que envolve qualquer papel, ainda hoje o genero humano não estava remido. Só quatro palavras se escreveram na morte de Christo, que foram as do titulo da cruz; e logo houve sobre ellas embargos e requerimentos e teimas e discontentamentos; e se Pilatos não dissera resolutamente, que se não havia de escrever mais, o caso era de appellação para Cesar que estava em Roma d'allí a quinhentas leguas, e demanda havia na meia regra para muitos annos.

*Castigo ou ante-
ter roubo do
papel Prova-se
com a
parábola do
mordomo*

Até Christo teve sua conveniencia em não haver papel e tinta na sua execução: porque ao menos não pagou custas. É possivel que não ha de haver justiça, nem innocencia, nem premio, que escape do castigo do papel? Chamei-lhe castigo por lhe não chamar roubo. Mas que papel ha que não seja ladrão marcado? Tirou-me o escrupulo de o cuidar assim uma só historia de papel, ou de papeis, que se acha no Evangelho. Conta S. Lucas que

certo senhor rico tendo entregue a sua fazenda a um mordomo, por alguns rumores que lhe chegaram de que não era limpo de mãos, lhe tirou de repente o ofício. Ouvindo o creado que lhe tiravam o ofício, toma muito depressa os papeis, vai-se ter com os que deviam ao amo; e que fez com elles? Ao que devia cem cantharos de azeite fazia-lhe escrever oitenta: ao que devia cem fangas de pão, dizia-lhe que escrevesse cincuenta. Pois esta é a fé dos papeis tão acreditada? Para isto servem os papeis? Para isto servem: para de cem cantharos fazer oitenta cantharos: para de cem fangas fazer cincuenta fangas. Vede se merecia o creado as marcas do papel? Mas se não houvera papeis, não tiveram tales occasões os creados.

Terrível flagello do mundo foi sempre o papel: mas hoje mais cruel que nunca. A origem e o nome do papel foi tomada das cascas das árvores que em latim se chamam *papyrus*: porque aquellas cascas foram o primeiro papel em que os homens escreviam ao princípio. Depois deram em curtir as pelles: e se facilitou mais a escriptura com o uso de pergaminhos. Ultimamente se inventou a praga do papel de que hoje usamos. De maneira que «se o facto não fosse mais para chorar que para gracejar, dir-se-ia que» foi o papel desde seus principios matéria de escrever e invenção de esfoliar. Com o primeiro papel esfoliavam-se as árvores: com o segundo esfoliavam-se os animaes: com o de hoje esfoliam-se os homens. Oh quanto papel se podera encadernar com as pelles que o mesmo papel tem despidos! Mas em nenhuma parte tanto como em Portugal, porque em nenhuma se gasta tanto papel, ou se gasta tanto em papeis. Estes socorros que damos a Veneza, não seria melhor dal-os antes em dinheiro contra o turco em Candia, que dal-os por papel contra nós? O mais bem achado tributo que inventou a necessidade ou a cubica, é para mim o do papel sellado. Mas faltou-lhe uma condição: o sello não o haviam de pagar as partes, senão os ministros. Se os ministros pagaram o sello, eu vos prometto que havia de correr menos o papel e que haviam de voar mais os negocios. Mas ainda voariam mais, se não houvesse pennas nem papel. E por isso voaram tanto as resoluções d'este conselho.

VII. «Mas finalmente» sendo este conselho tão politico e sendo tão politicos os seus conselheiros, que se seguiu de todas estas politicas? O que se seguiu foi a destruição de Jerusalém, a destruição de toda a republica dos hebreus, a destruição dos mesmos pontífices e phariseus que fizeram o conselho. E porque? Porque tendo o conselho tanto de politico, não teve o que devia ter de christão; antes todo ella foi contra Christo: *College-*

*Terrível
flagello que é o
papel.*

*Perder os con-
selhos dos
imigos de
Christo foi em
política a ruí-
na dos mesmos
conselheiros.*

runt pontifices et pharisaei concilium adversus Jesum. Estas palavras *adversus Jesum* não são do texto, senão da glossa da Egreja. Notae, diz a Egreja, que este conselho foi contra Christo, e de um conselho contra Christo que se podia esperar, senão a destruição do mesmo conselho, dos mesmos conselheiros e de toda a republica que por taes meios pretendiam defender e sustentar? E assim foi.

Para conservar a republica mataram a Cariola, e o porque mataram a Christo perderam a republica.
Sancto Agostinho

O fundamento politico de toda a resolução que tomaram de matar a Christo foi este: *Si dimittimus eum sic, venient romani et tollent locum nostrum et gentem:* Se deixamos este Homem assim, todos o hão de aclamar rei; e se se souber em Roma que nós temos rei contra a soberania e majestade do imperio romano, hão de vir contra nós os romanos, e hão de tirar-nos dos nossos logares, e hão de destruir a nossa gente e a nossa republica. Pois morra este Homem, para que nos não percamos todos. Mas vede como lhes saiu errada esta sua política. Matemos este Homem, porque nos não percamos todos; e perderam-se todos, porque mataram aquelle Homem. Matemos este Homem, porque não venham os romanos, e tomem Jerusalém; e porque mataram aquelle Homem, vieram os romanos, e tomaram Jerusalém, e não deixaram n'ella pedra sobre pedra. Que é de Jerusalém? Que é da republica hebrea? Quem a destruiu? Quem a dissipou? Quem a acahou? Os romanos. Eis aqui em que veem a parar os conselhos e as políticas quando as suas razões de estado são contra Christo. Sancto Agostinho: *In contrarium eis vertit malum consilium: ut possiderent, occiderunt; et quia occiderunt, perdiderunt.* Vede (diz Agostinho) o mau conselho como se converteu contra os mesmos que o tinham tomado. Para conservarem a republica mataram a Christo; e porque mataram a Christo, perderam a republica. Oh quantas vezes se perdem as republicas, porque se tomam por meios de sua conservação as offensas de Christo! Quem aconselha contra Deus, aconselha contra si. E os meios que os homens tomam para se conservar, se são contra Deus, esses mesmos loma Deus contra elles para os destruir.

Os romanos encalhados para a destruição de Jerusalém

Muitas vezes castigou Deus a republica hebrea em todos os estados e em todas as edades por diferentes nações. Deixo os captiveiros particulares no tempo dos juizes pelos madianitas, e no tempo dos reis pelos filisteus: vamos aos captiveiros geraes. O primeiro captiveiro geral em tempo de Moysés foi pelos egipcios: o segundo captiveiro geral em tempo de Oséas foi pelos assyrios: o terceiro captiveiro geral em tempo de Jeconias foi pelos babylonios: o ultimo captiveiro geral depois de Christo que é o presente foi pelos romanos. E porque ordenou

Deus que os executores d'este ultimo captiveiro fossem os romanos e não outra nação? Não estavam ainda ahí os mesmos egipcios, os ethiopes, os arabes, os persas, os gregos e os macedonios, que eram as nações confinantes? Pois porque não ordenou Deus que os executores d'este captiveiro fossem estas, ou outra nação, senão os romanos? Para que visse o mundo todo que a causa d'este castigo foram as politicas d'este conselho. Ora véde.

Tres resoluções tomaram estes conselheiros para conservação da sua republica, todas tres fundadas no temor, no respeito, na dependencia e na amizade dos romanos. A primeira notou S. Gregorio: a segunda S. Basilio: a terceira Sancto Ambrosio. Deixo as palavras por não fazer o discurso mais largo. A primeira resolução foi que, se Christo continuasse com aquelle séquito e applauso e com as aclamações de rei que lhe dava o povo, viriam os romanos sobre Jerusalem: *Si dimittimus eum sic, venient romani.* A segunda resolução foi entregarem Christo aos soldados romanos, porque elles foram os que o prenderam no Horto e o crucificaram: *Judas vero cum accepisset cohortem,* que era uma das cohortes romanas. A terceira resolução foi persuadirem a Pilatos governador da Judéa, posto pelos romanos, que se livrava a Christo, perdia a amizade de Cesar: *Si hunc dimittis, non es amicus Caesaris.* Ah sim! E vós temeis mais a potencia dos romanos que a justiça de Deus? Pois castigar-vos-há a justiça de Deus com a mesma potencia dos romanos. E vós entregais a Christo aos soldados romanos, para que o prendam e crucifiquem? Pois Deus vos entregará aos soldados romanos, para que vos captivem, vos matem e vos assolem. E vós antepondes a amizade do imperador dos romanos á graça de Deus? Pois Deus fará que os imperadores romanos sejam os vossos mais crueis inimigos; e que venha Tito e Vespasiano a conquistar-vos e destruir-vos. De maneira que todas as politicas dos pontífices e phariseus se converteram contra elles; e das resoluções do seu mesmo conselho se formaram os instrumentos da sua ruina. Disto lhes serviu o temor, o respeito, a dependencia e a amizade dos romanos. E esta foi o desastrado fim d'aquele conselho, merecedor de tal fim, pois tinha elegido taes meios.

VIII. Senhor. A verdadeira politica é o temor de Deus, o respeito de Deus, a dependencia de Deus e a amizade de Deus; e a verdadeira arte de reinar é guardar sua lei. Os politicos antigos estudavam pelos preceitos de Aristoteles e Xenophonte: os politicos modernos estudam pelas malicias de Tacito e de outros, indignos de se pronunciarem seus nomes n'este logar.

Observações
dos Santos
Gregorio,
Basilio e Am-
brolio.

A verdadeira
arte de reinar
é guardar
a lei de Deus.

Ouvi umas palavras de Deus no capitulo dezesepte do Deuteronomio, que todos os principes deviam trazer gravadas no coração: Tanto que o rei (diz Deus) se assentar no throno do seu reino, a primeira cousa que fará, será escrever por sua propria mão esta minha lei, e a lerá todos os dias de sua vida, para que apprenda a temer a Deus; e não se apartará d'ella um poncto nem para a mão direita, nem para a esquerda, e d'este modo conservará o seu reino para si e para seus descendentes.

As quatro partes da politica de um rei christão.

Esta é, «Senhor,» a arte de reinar, estes são os documentos politicos e estas as razões de estado que Deus dava ao rei do seu povo para a conservação e para a perpetuidade e estabelecimento do imperio: estas são e nenhuma outras. Saber a lei de Deus, temer a Deus, guardar a lei de Deus e não se apartar um poncto d'ella. Se Aristoteles sabe mais que Deus, sigam-se as politicas de Aristoteles. Se Xenophonte sabe mais que Deus, imitem-se as idéas de Xenophonte. Se Tacito falla mais certo que Deus, estudem-se as agudezas e as sentenças de Tacito. Mas se Deus sabe mais que elles, e é a verdadeira e unica sabedoria, estudem-se, apprendam-se e sigam-se as razões de estado de Deus. Não digo que se não leiam os livros; mas toda a politica sem a lei de Deus é ignorancia, é engano, é desacerto, é erro, é desgoverno, é ruina. Pelo contrario a lei de Deus, só, sem nenhuma outra política, é politica, é sciencia, é acerto, é governo, é conservação, é seguridade. Toda a politica de um rei christão se reduz a quatro partes e a quatro respeitos: do rei para com Deus; do rei para consigo; do rei para com os vassallos; do rei para com os estranhos. Tudo isto achará o rei na lei de Deus. De si para com Deus a religião; de si para consigo a temperança; de si para com os vassallos a justiça; de si para com os estranhos a prudencia. Para todos estes quatro rumos navegará segura a monarchia, se os seus conselhos levarem sempre por norte a Deus e por leme a sua lei. *Conciliarum gubernaculum lex divina* disse S. Cypriano. Os conselhos são o governo da republica, e a lei de Deus ha de ser o governo dos conselhos. Conselho e republica que se não governa pela lei de Deus é nau sem leme. Por isso o reino de Jeroboão, de Baasa, de Jehú e de tantos outros fizeram tão miseraveis naufragios.

A politica de David.
Ps. 118.

O mais politico e o mais prudente rei que temos nas historias sagradas foi David. E qual era o seu conselho? Ele o disse: *Consilium meum justificationes tuae.* O meu conselho, Senhor, são os vossos mandamentos. Oh que auctorizado conselho! Oh que prudentes conselheiros! O conselho a lei de Deus; os conselheiros os dez mandamentos. De Achitophel, aquelle famosissimo conselheiro, diz o Texto que eram os seus conselhos

como oráculos e resposta de Deus: *Tanquam si quis consulere Domum.* Os mandamentos de Deus, que eram os conselheiros de David, não são como oráculos, senão verdadeiramente oráculos de Deus. E quem se governar pelos oráculos de Deus como pode errar?

Quando Christo apareceu a el-rei D. Affonso Henriques e lhe certificou que queria fundar e estabelecer n'ele e na sua descendencia um novo imperio, assim como disse a Moysés: Eu sou o que sou; assim o disse áquelle primeiro rei: Eu sou o que edifico os reinos e os dissipo. N'estas duas maximas resumiu Christo todas as razões de estado por onde queria que se governasse um rei de Portugal. Deus é o que dá os reinos e Deus é o que os tira. O fim de toda a política é a conservação e aumento dos reinos. E como se hão de conservar os reinos, se tiverem contra si a Deus que os tira? Como se hão de aumentar os reinos, se não tiverem por si a Deus que os dá? Se não tivermos contra nós a Deus, seguro está a conservação: se tivermos por nós a Deus, seguro está o aumento. *Pone me iuxta te; et cuiuscvis manus pugnet contra me;* dizia Job, que também era rei. Ponha-me Deus junclo a si, e venha todo o mundo contra mim. Se tivermos da nossa parte a Deus, ainda que tenhamos contra nós todo o mundo, todo o mundo não nos poderá offendre. Mas se tivermos a Deus contra nós, ainda que tenhamos todo o mundo da nossa parte, não nos poderá defender todo o mundo. Fazer liga com Deus offensiva e defensiva, e estamos seguros. Eis-aqui o erro fatal d'este «lão desacertado» conselho dos pontífices e phariseus: por se ligarem com os romanos, apartaram-se de Deus; e porque não repararam em perder a Deus por conservar a república, perderam a república e mais a Deus. Este homem, diziam, faz muitos signaes. Chamavam signaes aos milagres de Christo; e ainda que acertaram o numero aos milagres, erraram a conta aos signaes. Os milagres eram muitos; mas os signaes «em que deviam atentar» não eram mais que deus: se seguissem a Christo, signal de sua conservação; se o não seguissem, signal de sua ruina. E assim foi.

Príncipes, reis, monarcas do mundo, se vos quereis conservar e a vossos estados, se não quereis perder vossos reinos e monarchias, seja o vosso conselho supremo a lei de Deus. Todos os outros conselhos se reduzam a este conselho e estejam sujeitos e subordinados a elle. Tudo o que vos consultarem vossos conselhos e vossos conselheiros, ou como necessário à conservação, ou como útil ao aumento, ou como bonoso ao decoro, à grandeza e à majestade de vossas corôas, seja de-

A que Christo
ensinou a
el-rei D. Affon-
so Henriques.

Job 17.

Em conclusão,
seja a lei de
Deus o funda-
mento de to-
dos os conse-
nhos.

baixo d'esta condição infallivel: se for conforme á lei de Deus, approve-se, confirme-se, decrete-se e execute-se logo. Mas se contiver cousa alguma contra Deus e sua lei, reprove-se, deteste-se, abomine-se; e de nenhum modo se admitta, nem consinta, ainda que d'elle dependesse a vida, a corda, a monarchia. O rei em cuja consciencia e em cuja estimação não pesa mais um peccado venial que todo o mundo, não é rei christão. *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur?* Que lhe aproveitará a qualquer homem, e que lhe aproveitou a Alexandre, ser senhor do mundo, se perdeu a sua alma? Perca-se o mundo, e não se arrisque a alma: perca-se a corôa e o sceptro, e não se manche a consciencia: perca-se o reino da terra, e não se ponha em contingencia o reino do céu. Mas o rei que, por não pôr em contingencia o reino do céu, não reparar nas contingencias do reino da terra; é certo, é infallivel que por esta resolução, por este valor, por esta verdade, por este zelo, por esta razão e por esta christandade, segurará o reino da terra e mais o do céu: porque Deus, que é o supremo senhor do céu e da terra, n'esta vida o estabelecerá no reino da terra pela firmeza da graça; e na outra vida o perpetuará no reino do céu pela eternidade da gloria.

(Ed. ant. t. 2.^o, pag. 215, ed. mod. tom. 5.; pag. 5).

SERMÃO DO SABBADO ANTES DA DOMINGA DE RAMOS *

PRÉGADO NA EGREJA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO
NA BAHIA NO ANNO DE 1634

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.— Para avaliar este bello e ingenhoso discurso com que o auctor, na edade de 26 annos, estreou a sua eloquencia, releva advertir que a homilia oratoria, não sendo uma lição de hermeneutica mas um sermão, ainda que em geral deve dar o sentido mais certo, e d'ella tirar reflexões practicas ou doutrinaes; contudo pode seguir alguma vez outros sentidos menos provaveis, que sejam mais accommodados ao proprio assumpto. Ninguem por certo pôde reprovar este uso, que é tão frequente nas homilias dos Padres e Doutores da Egreja, e em nada contrario aos principios da arte oratoria; a qual não pede sempre o certo, mas muitas vezes se contenta com o provavel.

*Cogitaverunt principes sacerdotum,
ut et Lazarum interficerent, quia multi
propter illum abiabant ex iudeis et cre-
debant in Jesum. In crastinum autem
turba multa, quae venerat ad diem
festum, cum audisset quia venit Jesus
Ierosolymam, acceperunt ramos pal-
marum et processerunt obviam ei.*

S. JOAN. 17.

O thema é grande, mas o sermão será pequeno. São as palavras do evangelista S. João aos doze capítulos de sua história sagrada. Querem dizer: Fizeram consulta os principes dos sacerdotes. Quando logo encontrei com este principio, fiz esta consideração: Consulta! os principes dos sacerdotes! sem duvida que sairão d'ella grandes bens á republica; é gente ecclesiastica, e pelo conseguinte, dulta e sancta; que se pôde esperar de uma consulta sua, senão cousas de grande gloria de Deus e grandes bens dos homens? Assim o imaginava eu; mas enganei-me. Contra Deus e contra os homens, sim. O que saiu da

A consulta dos
principes
dos sacerdotes.
O que devia
ser e o que foi.

consulta foi que em todo o caso morresse Christo, como no dia d'antes se tinha decretado: isto quer dizer aquelle *Ut et Lazarum*, como interpretam os doutores; e não só que dessem a morte a Christo, senão que também tirassem a vida a Lazaro a quem o Senhor pouco antes tinha resuscitado. Ha juizos mais apaixonados? Ha sentença mais enorme? Ora ouçamos as causas que allegam; e admirar-nos-hemos muito mais. Morra, dizem, Christo, porque faz milagres, porque dá saude a infernos e vida a mortos, porque é amado, porque é estimado, porque é seguido; e morra Lazaro, porque sendo resuscitado por virtude de Christo é causa de o amarem, de o estimarem, de o seguirem: *Quia multi propter illum abibant ex iudeis et credebant in Jesum.* Honrado crime!

Uma causa
crime senten-
ciada, appella-
da, revogada.

Tudo isto passou como hoje. *In crastinum autem:* porém ao outro dia, diz o evangelista que entrou o Príncipe da gloria a cavallo por Jerusalém triumphando (dentro porém dos limites de sua modestia e humildade), servindo-lhe de pomposo acompanhamento a multidão infinita do povo, que com palmas e aclamações devoto o seguia: *Turba multa, quae venerat ad diem festum, acceperunt ramos palmarum et processerunt obriam ei.* Até aqui a letra do nosso thema. O que temos que ver é uma causa crime sentenciada, appellada, revogada. Do primeiro tribunal sairam culpados os inocentes: do segundo sairam condenados os juizes. Pouco d'isto parece que está no thema; mas tudo tiraremos d'elle. Não o mostro logo por não gastar dous tempos. Peçamos a graça.

Os principes
dos sacerdotes
condenam a
Christo
por inveja.

II. Dizia Platão que os que julgam ou governam era bem que dormissem sobre as resoluções que tomassem. Parecia-lhe ao grande philosopho que o juizo consultado com os travesseiros era força que saisse mais repousado. Assim aconteceu aos nossos juizes do evangelho, os principes dos sacerdotes: dormiram sobre a resolução que hontem tomaram, de tirar a vida a Christo: porém hoje accordaram em conselho com «um juizo tão desrazoado» como foi confirmarem uma sentença a mais injusta, a mais barbara, a mais sacrilega, que nunca se deu, nem ha de dar no mundo. Perguntara eu a suas senhorias dos principes dos sacerdotes: E bem, senhores, fazer milagres, resuscitar mortos, ser estimado, ser querido, que culpa é ou contra que lei? No Exodo, no Levítico, no Deuteronomio, que são os canones por onde vos governais, não ha texto que tal prohiba. Pois ignorancia? Seria affronta de um tribunal tão auctorizado, querer presumil-a n'elle. Deu a razão de tudo Euthymio em duas palavras: *Itaque tota res est inuidia.* O caso é que tudo n'esta causa é inveja. Pois já me não espanto que achassem os principes dos

sacerdotes na mesma bondade crimes, na mesma innocencia culpas, no mesmo Christo peccados; porque nos tribunaes, ou publicos ou particulares, onde a inveja preside, as virtudes são peccados, os merecimentos são culpas, as boas obras, ou boas qualidades, são crimes.

Estava Saul um dia muito melancolizado e triste; desejou que lhe buscassem algum bom musico, não sei se para se alegrar, se para se entristecer mais. Accudiu logo um dos cortezões que o assistiam, dizendo que não podia sua majestade achar outro como David, porque além de grande musico, era maneiro muito valente, de grande intelligencia nas materias de guerra, cortezão, avisado, gentilhomem, e sobretudo, muito virtuoso e temente a Deus: *Vidi filium Isai scientem psallere, et fortissimum robore et virum bellicosum et prudentem in verbis et virum pulchrum; et Dominus est cum eo.* Ha mais paegyrico que este? Parece-me que estão dizendo todos os que o ouviram, que é grande cousa ter um amigo em palacio; e que este o devia ser mui verdadeiro de David; pois sabia fazer tão bons oficios para com elle deante d'el-rei. Tal é o mundo: que muitas vezes parecem linhas de amisade o que são odios refinadíssimos. Dizem os doutores hebreus, como refere Nicolau de Lyra, que este cortezão que aqui fallou, era Doég, capital inimigo de David. Capital inimigo de David, e gasta tanta rhetorica em seus louvores? Capital inimigo de David; e de um fundamento tão leve, como ser musico, toma occasião para fazer um aranzel tão largo de suas grandezas? Descobriu-lhe a tenção delicadamente um expositor grave, portuguez e de nossa Companhia: *Scio et Saul esse invidum et alienis laudibus incredibiliter cruciari. Laudat igitur Davidem apud Saulum, ut Saul incidia stimulis agitatus interficiat Davidem.* Sabia Doég que era Saul grande emulo de David, que o invejava muito, e como no juizo dos invejosos os merecimentos são culpas e as excellentes qualidades delictos, louvou e engrandeceu a David deante de Saul, para que Saul, como fez, dêsse sentença de morte contra David. Disse que era prudente, guerreiro, esforçado, gentilhomem, virtuoso e dotado de tantas outras boas partes; e quem bem intendesse toda esta ladainha de encomios e louvores, bem podia dizer por David: *Orate pro eo.* Eram capitulos que contra elle se presentavam ao rei, não menos que de lesa majestade. Pareciam louvores e eram accusações: pareciam abonos e eram calunias. Calumniado o inocente na sua virtude e accusado o benemerito nas suas boas obras, sem que à innocencia se lhe dêsse defesa, nem ao merecimento lhe valessem embargos; porque era o juiz a inveja. Que bem o intendeu assim o

No tribunal da
inveja as virtu-
des são cul-
pas. Doeg
louva alevo-
mente a Da-
vid deante de
Saul

1. Rey. 16.

mesmo David ! Dê-nos a confirmação quem nos deu a prova.

O mesmo David
foi da corte
de Achis quando
não queria que
seus aliados
as suas
deparhas.
1. Reg. 21.

Passou-se o perseguido mancebo para a corte de Achis, rei e reino contrario ao de Saul, e que por isso parecia seguro. Ia só, desconhecido e disfarçado; mas como levava por companheira a sua fama e esta nunca sabe guardar silencio, começou a correr logo pela corte que era chegado o valente de Israel, o matador de Golias; aquelle a quem as damas de Jerusalém compuzeram a ieltra que então andava muito valida: *Percussit Saul mille; David decem milia.* Causa maravilhosa a que se segue. Tanto que chegou aos ouvidos de David o que passava, diz a Escriptura que começou a receiar muito apparecer deante de Achis: *Posuit David sermones istos in corde suo; et extinxit valde a facie regis Achis;* e a ultima resolução que tomou foi fugir d'ali e ir-se metter em uma cova: *Fugit autem inde in speluncam Odollam.* Pois, David, que resolução é esta vossa? Que quer dizer irdes-vos fazer ermitão de um deserto, quando vos vedes tão acreditado em uma corte? Quando vos vedes com tanta fama deante do rei, para que fugis de sua presença? Intendia-o como prudente, obrava como experimentado. São os louvores no tribunal da inveja accusações; e porque David se viu tão louvado, homiziou-se. O vér-se louvado era vér-se acusado; o vér suas grandezas referidas, era vér as suas culpas provadas: teve logo muita razão de se homizar e fugir tanto de si, como de seus emulos. Os satrapas e primeiros ministros de Achis eram mui picados de inveja contra os hebreus; e como havia de escapar d'elles e viver na mesma corte David, criminoso das suas victorias e réu da sua fama? Se dissera de David que era um falsario, um perjuro, um adultero, um homicida, um roubador do alheio e outras baixezas, se as ba ainda maiores, passeára David na corte e entrara muito confiado no palacio do rei: porque alli teem estes serviços premio, ou quando menos, passam sem castigo. Porém dizendo-se d'elle tantas virtudes, tantas grandezas, tantas excellencias, andou como prudente em se homizar, em fugir; porque todas essas excellencias e grandezas eram crimes contra a pessoa e privados de Achis, e delictos sem perdão contra as leis da inveja.

Os mandamen-
tos da
lei da inveja.

Considero eu que ha mandamentos da lei da inveja, assim como ha mandamentos da lei de Deus. Os mandamentos da lei de Deus dizem: Não matarás, não surtarás, não alevantarás falso testemunho. Os mandamentos da lei da inveja dizem: Não serás honrado, não serás rico, não serás valente, não serás sabio, não serás bem disposto, e tambem dizem, não serás bom pregador; e se acaso Deus vos fez mercê que soubesseis pôr os pes por uma rua, que soubesseis apertar na mão uma espada,

que fosseis discreto ou rico ou honrado; no mesmo ponto tivestes culpas no tribunal da inveja, porque peccastes contra os seus mandamentos. Por estas culpas esteve tão arriscado David; por estas foi hoje condenado seu Filho Cbristo, que assim lhe cbamaram as turbas no evangelho: *Hosanna Filio David.* Era grande pregador, fazia muitos milagres, dava saude a infermos, resuscitava mortos; e como estas excellencias, ou estas culpas, estavam provadas com os aplausos, com as aclamações, com o amor e seguimento dos povos, *Multi abibant ex iudeis, et credebant in Jesum;* confirmou-se o primeiro decreto, e saiu a segunda sentença, que morra Christo: *Ut et Lazarum, id est Christum et Lazarum, interficerent.*

III. Bem está, ou mal está: porém a Lazaro porque o condemnam? Não lhe neguemos sua defensa natural. Se o condemnam, como dizem, porque o resuscitou Christo, que culpa é ser um homem resuscitado? Tão longe esteve de culpa n'este caso, que nem a teve em acto, nem em potencia: nem a teve, nem a pôde ter. Curou Christo um moço cego de seu nascimento; e perguntaram os discípulos cuidando que excitavam uma questão de grande habilidade: *Domine, quis peccarit; hic aut parentes ejus, ut caecus nasceretur?* Senhor, por cujos peccados nasceu este moço cego; pelos seus, ou pelos de seus paes? Riem-se muito d'esta pergunta os expositores e em particular Theophylacto: porque se o moço nascera cego por seus peccados, seguir-se-hia que peccará antes de nascer. E que maior disparate pôde dizer-se ou imaginar, que ter um homem peccados antes de ter ser, ser peccador antes de ser homem? Não menos inocente que isto estava Lazaro. Estava morto, quando Christo o resuscitou; e por beneficio do não ser estava impecável: assim que podemos dizer d'elle n'este caso: *Nihil iste nec ausus nec potuit:* nem teve culpa, nem a pôde ter: inocente em acto e em potencia. Mas com ser assim, são tão lynces os olhos da inveja, que n'estes impossíveis do peccado descobriram e acharam culpas dignas de morte: *Ut et Lazarum interficerent.* E por que? Eis aqui a culpa: *Quia multi propter illum credebant in Jesum:* porque muitos por causa ou por occasião d'elle criam em Jesus.

Fizeram conselho sobre José seus irmãos: saiu d'ellos que morresse; e quasi com as mesmas palavras que temos no evangelho o refere a Escriptura: *Cogitaverunt eum occidere.* Sabida a causa; era porque o amára Jacob particularmente, e além da samarra ou peilote do campo com que ia guardar as ovelhas como os demais, fizera-lhe o pae uma tunica ou peilote não sei de que estofazinha melhor: *Tunicam polymitam* com que ap-

É condenado
Lazaro por
que resuscitado
por Christo.
Questão
dos Apóstolos
acerca do moço
cego.

Joan. 9.

Viry. Lib. 9.

Porque foi José
perseguido
por seus ir-
mãos?

Gen. 37.

parecia os dias de festa na aldeia menos pastor que os outros. Ali quantos José d'estes ha hoje no mundo! Invejados, murmurados, perseguidos, porquê? Porque lhes deu a fortuna com que trazer uma capa melhor que a vossa. Assim estava condenado o inocente moço, quando trouxe sua ventura por alli um mercador ismaelita que prometeu por elle vinte reales; e os cubiqüosos irmãos, que eram dez, por quatro vintens que cabia a cada um, venderam a seu irmão e as suas consciencias.

Porque das
aldeias a sua
capa
a invera?
Obração do
Ruperlo.

Tinham-lhe já desrido a tunica, causa das invejas; e não tinha bem virado as costas José, quando os vendedores arremetem a ella e a começam a fazer ou desfazer em pedaços. Parae ahi, ingratos irmãos, parae e respondei-me; que quero arguir-vos: Não está já vendido José? Vossa cholera não está já vingada? Vossa fereza não está já satisfeita? Essa tunica que culpa tem, ou que culpa pode ter? Porque a fazeis em pedaços? Bem sei que não haveis de ter bocca para me responder; mas responderá por vós Ruperlo Abbade: *Fraternae gloriae monumentum impeccabile laceratur: adeo nec morte, nec venditione salutatur inuidia.* Notae muito aquelle *Impeccabilis*. Nenhumculpa tinha a tunica de José; que mal a podia ter a séda ou lã insensivel, sem vida, sem alma, sem vontade. Comtudo n'esta incapacidade natural e n'este impossivel de culpa, acharam uma os invejosos irmãos, e foi ser instrumento da gloria de José: *Fraternae gloriae monumentum.* Era prenda da particular affeiçao de Jacob, era gala com que José se auclorizava, com que luzia mais que os irmãos, com que grangeava respeito nos estranhos; e isto lhe bastou por culpa para sem culpa a despedaçarem: *Monumentum impeccabile laceratur.* Não sei se podera achar em toda a Escriptura passo que mais ao vivo declarasse o que temos entre mãos. Nenhumculpa tinha commettido Lazaro, antes nem a podia ter quando o resuscitou Christo, como vimos; e n'esta grande innocencia, antes n'esta impeccabilidade soube a inveja descoibir culpas e culpas dignas de morte; que foram ser instrumento das glorias de Christo: *Quia multi propter illum crudabant in Jesum.* Fôra famosa e mais que todas a resurreição de Lazaro, admirando-se e pasmando a gente de ver passar pelas ruas de Jerusalem o que tinham visto de quatro dias morto na sepultura; e como toda esta admiraçao redundava em fama e gloria do Resuscitador, por ser instrumento da gloria d'esta fama condennam a Lazaro a perder a vida: *Ut et Lazarum interficerentur.* Bem assim como a inveja dos irmãos de José, não contente com se ringar n'elle, passou a executar a vingança na tunica inocente: *Adeo nec morte nec venditione salutatur inuidia.*

IV. Pronunciada contra Christo e contra Lazaro esta tão injusta sentença; como a innocencia, quando mais cala, então alEGA melhor por si deante de Deus, serviu este silencio de apPELAÇÃO ante o seu tribunal. Não tardou muito o despacho (que no juizo do céu não ha dilações); e o que saiu n'elle foram douS decretos contra os douS dos pontifices n'esta maneira: o priMeiro que a sentença dada contra Lazaro se não executasse, que ficasse só em intentos *Cogitaverunt*: o segundo que Christo entrasse ao outro dia por Jerusalem triomphando, recebido com palmas e acclamado do povo: *Acceperunt ramos palmarum et processerunt obriam ei*. Assim o diz o thema. Mas vejo que me arguem: Não tinha eu promettido ao principio que na revogação das sentenças ficariam os juizes condemnados? Onde estão as condemnações? Onde estão as penas? Esta é a graça: serem-no e não o parecerem. Não se executar a morte de Lazaro foi a primeira pena: entrar Christo em Jerusalem triumpmando foi a segunda. Vejamos a primeira: logo passaremos á outra.

Deu Achitophel um conselho a Absalão, com que sem duvida ficaria desbaratado seu pae David, contra quem o ingrato filho se levantara. Não o acceptou Absalão por permissão do céu, e tomou outro bem differente, que lhe deu Cusai. Tanto que Achitophel viu isto (ouvi um caso raro e espantoso) pôi-se a cavalo, parte-se para sua casa, faz seu testamento, deita um laço a uma trave e enforca-se: *Abiit in domum suam et, disposita domo sua, suspendio interiit*. Agora entra a minha questão. Se estava em seu juizo Achitophel; como fez uma ação tão desassizada, como é enforcar-se um homem com suas proprias mãos? Disse-o a sagrada Escriptura; e é prova maravilhosa do nosso intento: *Videns quod non fuisset factum consilium suum, abiit in domum suam et suspendio interiit*. A unica e total razão, porque se enforcou Achitophel, diz o texto foi: *Videns quod non fuisset factum consilium suum*: porque viu que não fôra executado seu conselho. Quem dera credito a tal cousa, por mais doutores que o disseram, se o mesmo Espírito Santo o não affirmara? Tão cruel executor é «sob o influxo de uma paixão violenta» um conselho não executado; taes dôres, taes penas, taes tormentos causa na alma de quem o considera; que estando um homem em seu inteiro juizo, teve por melhor morrer a suas proprias mãos agonizando em uma forca, que viver padecendo os rigores de um tormento tão desesperado. Assim o experimentou Achitophel; e para que assim o experimentassem os invejosos pontifices, ordenou Deus que não chegasse a ter execução o conselho que entre si tomaram de tirar a vida a Lazaro, ficando n'elles esse mesmo conselho, não executado, por

A sentença
da contra
Christo e Laz
ro appelaç
ao tribunal
de Deus e con
despachad

A vida do
lazaro pena
juizes que vi
frustrados
seus consel
Achitophel
que se enfor
por suas ma

2. Reg. 17

executor «da pena que tinham merecido; de sorte que, se não liveram a morte de Achitophel, não lhos faltou uma» d'aquellas que por mais penar não matam: uma morte interior que se sabe sentir, mas não se sahe explicar; tão rigorosa, tão cruel que se Deus mandara pendurar de um pau todos estes principes dos sacerdotes contra os foros de sua dignidade, mais benigna e piedosa sóra a sentença.

*Job que recobrera por uma
de suas maiores penas os in-
tentos frustrados.*

Job 47.

Estava Job coberto de lepra com as dôres e trabalhos que tantas vezes se teem repetido nos pulpitos e nunca assaz exagerado: começa a queixar-se e dizer assim: *Dies mei transi-
erant, cogitationes meae dissipatae sunt torquentes cor meum.* Pas-
saram-se meus dias e os contentamentos que n'elles tinha tam-
bem se passaram: que para não durarem muito, bastava serem
meus. Alguns intentos tive: abortou-m'os a fortuna, não chegaram a ter execução; e isto é a maior pena que padeço, porque quantos foram então esses intentos, tantos verdugos tenho agora que me atormentam a alma: *Cogitationes meae dissipatae sunt
torquentes cor meum.* Não acabo de me admirar, que um homem que tanta razão tinha de saber avaliar tormentos saisse com si-
milhante queixa. E bem, exemplo da paciencia, tão mimoso andais vós da fortuna, que de cousas tão poucas vos queixais tanto? Não tendes perdas de fazenda, mortes dos filhos, ruina da casa e do estado, dôres, tristezas, desamparos, miserias, o corpo feito uma chaga viva? Que tem que ver com tudo isto os intentos não executados «ainda que fossem objectos do maior de-
sejo», para só vos queixardes d'elles: *Cogitationes meae dissi-
patae sunt?* Fallou como grande mestre de paciencia. Tinha to-
mado Job os pulsos «quasi» a tudo o que é dôr, o que é pena,
o que é tormento; e porque achou que «uma das dôres mais excessivas, uma das penas mais crueis e dos tormentos mais insossírviveis, é ver no maior desejo o seu pensamento frustrado e o intento sem execução; por isso tão vivamente» se queixa de se frustrarem seus pensamentos e de seus intentos se não executarem: *Cogitationes meae dissipatae sunt.* Como era tão dificultoso o credito d'este encarecimento, não o quiz fiar Job dos expoedores: elle se fez commentador de si mesmo no verso seguinte: *Si sustinuero, infernus dominus mea est.* Não cuide al-
guem, diz, que são hyperboles ou exagerações phantasticas o que digo; porque de verdade é o tormento que padeço tão insossírvivel e tão desesperado, que se durar mais um pouco, bem me podem abrir a cova. O que os mortos sem padecer expe-
rimentam na sepultura, isto é o que executam em mim os meus pensamentos: porque não ha corrupção que tanto penetre e desfaça, não ha bichos que tanto comam e carcomam um ca-

daver, como os mesmos pensamentos me estão mordendo o coração e roendo a alma. «Consideremos agora que dor, que pena, que tormento havia de ser este para os nossos juizes; e veremos se ficaram condenados. Tiveram intentos de matar a Lazaro «pelo odio immenso que tinham a Christo»: *Cogutterunt ut Lazarum interficerent.* Ficaram esses intentos no ar, não chegaram a ter execução; e assim não executados, foram os verdugos que Ihes apertaram o garrote á alma, «obrigando-os a sentir e confessar» como Job: *Cogitationes meae dissipatae sunt torquentes cor meum.*

V. Condenados temos os juizes pela primeira sentença injustamente dada contra Lazaro. A injustiça da segunda, dada contra Christo, era muito mais atroz; e para que o fosse também em a pena e o castigo mandou Deus, como dizíamos, que entrasse o Senhor por Jerusalém triumphando: *Acceperunt ramos palmarum et processerunt obriam ei.* Funda-se o rigor d'esta pena em uma villania da condição natural dos invejosos, com que mais sentem os bens alheios e suas glórias que os maus e tormentos próprios. Entrou Christo Senhor nosso um dia no templo de Jerusalém e vendo que estavam allí vendendo pombas, cabritos, cordeiros e ainda novilhos, indignado de tamanho desacato, toma as cordas com que vieram atados aquelles animaes, faz d'ellas uns como azorragues, começa a açoitar os que compravam e vendiam. Compras e vendas feitas na egreja castiga-as Deus por sua propria mão; e não commetteu a ou-trem a execução de similhantes delictos, sem reparar em sua auctoridade. Mas cuidava eu que se agravariam muito estes homens de se verem tão aspera e tão baixamente tractados por Christo; e que quando não chegassem a lhe pôr as mãos, ao menos o blasphemassem. Fui porém vêr o texto e achei que nenhuma má palavra disseram contra o Senhor, não o reconhecendo por tal. Comparando, pois, este passo com outros de sua vida, mui diferentes, faz esta ponderação S. João Chrysostomo. Se quando Christo sarou o mudo, o accusaram por endemoninhado; se quando Christo deu vista a um cego, o queriam apedrejar; se quando resuscita a Lazaro, dão contra elle sentença de morte; como agora que os açoita e os tracta como escravos, nem sequer uma só palavra dizem contra Christo? Como o não accusam? Como o não apedrejam? Como o não matam? Divinamente o sauelo padre: Não vedes, diz, a villania d'estes invejosos que mais se doiam dos bens alheios, que dos maus próprios? Sarar Christo infermos, dar vida a mortos, eram bens alheios; por isso o sentiam tanto, que queriam apedrejar a Christo e tirar-lhe a vida: açoitálos Christo a elles e tractal-os como

A entrada de Christo em Jerusalém maior supplicio dos juizes. Dosa-lhes mais que semearam lançados do templo com azorragues. S. João Chrysostomo.

escravos, eram males proprios; por isso o sentiam tão pouco, que nem uma só má palavra disseram contra o mesmo Christo. Mais, Os milagres que Christo obrava, eram fama e gloria para Christo; os açoites com que os castigava, eram pena e affronta para elles: mas como era gente invejosa, mais sentiam a fama e gloria de Christo, que as penas e affrontas suas. Excesso verdadeiramente da inveja, não só admiravel, mas incrivel! Parecerá encarecimento a confirmação que hei de dar a este passo: mas tem bom fiador.

Pensamento de
S. Pedro
Chrysologo a
resposta da in-
veja do rico
avarento
condenado ao
inferno.

Ardia no inferno o rico avarento; e vendo d'alli o pobre Lazaro no seio de Abrahão, disse assim: Pae Abrahão, tende compaixão de mim: mandaes a Lazaro que molhe a ponta do dedo na agua e me venha refrigerar a lingua. Não lhe deferiu Abrahão o gosto; mas como da avareza é tão proprio o pedir como o não dar, tornou o avarento a fazer segunda petição: Rogo-vos muito, pae Abrahão, que ao menos mandeis a Lazaro a casa de meus irmãos, que lhes diga o que por cá passo, para que não se condemnem. Ou eu me engano, ou estas petições dizem uma cousa e pretendem outra. Se as labaredas do inferno são tão grandes como sabemos, e o avarento o sabia por experien- cia, como é possivel que tivesse para si que as podia refrige- rar tão pouca agua, quanta pode levar a ponta de um dedo? Mais, Se no inferno não pode haver caridade nem amor, que se lá o houvera não fura inferno; como é possivel que tivesse este condemnado tanto amor para com seus irmãos, que lhes queira mandar pregadores da outra vida para que se conver- tam? Quanto mais que, para o refrigerar do incendio, qualquer outro o podia fazer tão bem como Lazaro; e para pregar a seus irmãos, muitos outros o podiam fazer melhor que elle. Qual é logo a razão, porque em uma e outra sempre insiste unicamente que vā Lazaro; em uma *Mitte Lazarum*, em outra *Rogo ut mittas eum!* O caso é que nenhuma d'estas cousas preten- dia o avarento; e todo o seu intento e teima era tiral-o do seio de Abrahão, e fazer que ao menos por algum tempo não go- zasse o descanso em que o via. É subtileza de S. Pedro Chrysologo; e a razão não só tão delicada, mas tão natural como sua: *Quod agit dives non est norelli doloris, sed licoris antipūz- zelo magis incenditur quam gehenna.* Sabeis, diz Chrysologo, porque busca o avarento tantas traças e invenções para que saia Lazaro, sequer por um breve espaço, do seio de Abrahão? E porque se está comendo de inveja: porque vā agora em tanta felicidade o que n'outro tempo viu em tanta miseria: *Zelo ma- gis incenditur quam gehenna.* Aqui vai o subtil pensamento. Pedia que saisse Lazaro do seu descanso e que trouxesse agua

para o refrigerar; e o refrigerio estava não na agua, que havia de trazer, senão no discanço de que havia de sair. Como era invejoso, mais o abrazavam as glorias alheias que via, que os infernos proprios em que penava: *Zelo magis incenditur quam gehenna.* Este foi o genero de castigo a que a divina justica condenou os injustos principes dos sacerdotes, mui conforme a quem elles eram. Eram invejosos, como vimos; e porque nenhuma pena os havia de atormentar tanto como as glorias de Christo, entra o Senhor deante de seus olhos em Jerusalem triumphando com uma universal acclamação de filho de David e rei de Israel, com um perpetuo victor nas boccas e nas mãos de todos: *Acceperunt ramos palmarum, et processerunt obriam ei.* Que vos parece que foi para os invejosos pontífices entrar Christo por Jerusalem triumphante, que vos parece que foi, diz Agostinho, senão crucifical-os? *Quam crucem mentis incidentia iudeorum perpeti poterat, quando regim suum Christum tanta multitudo clamabat?* Aquellas acclamações do povo eram os pregões que iam deante publicando o delicto de sua injustiça: aquellas palmas que levavam nas mãos, eram as cruzes em que invisivelmente iam crucificados na alma, *Cruce mentis.* Elles no seu tribunal quizeram crucificar a Christo, porém o tribunal divino, em pena de sua injustiça, ordenou que «antes de tudo» fossem elles os crucificados, *cruce mentis*, nas palmas do triumpho de Christo: *Acceperunt ramos palmarum, et exierunt obviam ei.*

VI. Tenho concluido com o evangelho e satisfeito ao que prometi. Resta-me dar satisfação ao logar em que estou, que é o do Desterro, cuja devoção, neste sabbado ferial convocou a elle tão grande auditorio. Considerei de vagar, que parle d'este discurso lhe accommodaria; e porque «em cada uma achava dificuldade», determinei fazer-me um acinte a mim mesmo e accommodar-lhe todo. Tudo quanto atéqui teho dicto, foi uma representação do que passou no desterro de Christo.

Para intelligencia d'esta consideração havemos de suppor o que diz S. João Chrysostomo «commentando o texto do Psalmista»: *Astiterunt reges terrae et principes convenerunt in unum adversus Dominum et aduersus Christum ejus:* Ajunctaram-se os reis da terra e uniram-se em votos os principes contra Christo. E não é pequena a dificuldade d'esta prophecia. Se a intendemos da morte que Christo com effeito padeceu, não houve então mais que um rei, que foi Herodes. Se a intendemos da morte que lhe quizeram dar quando nascido, da mesma maneira não houve mais que um rei, que foi tambem Herodes (não já o mesmo, senão outro do mesmo nome; que um tyranno que perseguiu inocentes não havia de viver trinta e

O Evangelho ap-
licado a
Nossa Senhora
do Desterro.

Herodes e o de-
mônio são,
a juiz de Chry-
sostomo, os
principes do
que fala David
no ps. 2.

tres annos). Diz agora S. João Chrysostomo: Por ventura Herodes é muitos reis: Herodes é muitos principes? Claro está que não. Pois se é um só rei e um só principe, como diz David que se ajuntaram e se uniram reis e principes contra Christo? A resposta do mesmo sancto padre é que: *In rege Herode peccati quoque regem attendit.* Olbava David com os olhos propheticos, que vêem o visivel e o invisivel; e por isso diz que se ajuntaram reis e principes contra Christo, porque os que o condemnaram á morte não foi só Herodes, senão Herodes e mais o demonio. Herodes rei da Judea, o demonio rei do peccado: Herodes principe da terra, o demonio principe do inferno. E se bem considerarmos o motivo que Herodes e o demonio tiveram para querer tirar a vida a Christo e aos innocentes na occasião do seu desterro, acharemos que é a mesma com que a inveja moveu os principes dos sacerdotes a querer matar não só ao Resuscitador, senão tambem ao resuscitado. Estes, porque viam a Christo reconhecido e acclamado por Messias e rei de Israel e que muitos criam n'elle: *Multi abiabant ex iudeis et credebant in Iesum;* e Herodes e com elle o demonio, porque já o começavam a ver em seu nascimento buscado e venerado dos reis do Oriente, e dentro da corte do mesmo Herodes acclamado por Messias e Rei dos judeus: *Ubi est qui natus est rex iudeorum.*

Multa 2.
Tormento de
Herodes por ver
seus intentos
frustrados.
O mesmo dou-
tor

Vista a similaridade da condemnação de Christo no tribunal dos homens, segue-se ver a condemnação dos juizes no tribunal de Deus com a mesma propriedade. A primeira pena a que Deus condemnou os principes dos sacerdotes, foi como vimos, que ficassem frustrados os seus intentos: e tal foi tambem a de Herodes. Disse Herodes aos magos: Ide, informae-vos d'onde está esse menino que dizeis; e como o achardes, avisae-me, para que eu tambem o vá adorar. Isto pronunciava Herodes com a bocca; e com o coração dizia: Ide, informae-me; que eu lhe tirarei a vida e mil vidas «se as tiver» (como tirou a tantos mil innocentes). Mas que fez Deus? Ou por um anjo ou por si mesmo avisou aos magos que voltassem por outro caminho. E quando o tyranno viu seus intentos frustrados, diga-nos o mesmo S. João Chrysostomo, qual ficou. São palavras que se as mandaramos fazer de encommenda, não vieram mais medidas com o intento: *Considera quanquam Herodem pati probabile fuerit; qui certe suf-
focari eliam prae indignationis magnitudine potuit, cum se ita
illusum atque irrisum rideret.* A pena que Herodes sentiu vendo suas traças desvanecidas e seus intentos frustrados, considere-o quem sabe que cousa é a inveja, que explicar-se com palavras não é possivel. Mil vezes quizera tomar o laço e enforcar-se

(digno castigo d'aquelle cabeça tão indignamente coroada); e é maravilha, como a mesma dôr cholérica, que o fazia raivar, lhe não dêsse um nó na garganta e o assogasse. Lá disse a Escritura de Achitophel: *Videns quod non fuisset factum consilium suum, abiit et suspendio interiit;* é da mesma maneira diz Chrysostomo de Herodes: *Videns quoniam illusus esset a magis, suspicari etiam prae indignationis magnitudine potuit.* E nós vejamos agora se é igual a condenação de Herodes com a dos principes dos sacerdotes. Estes condemnados a ficarem os seus intentos só em intentos; e elle condemnado a ficarem frustrados os seus e zombarem d'elle os magos: «pode haver maior equaldade?»

A segunda pena coube ao segundo juiz, o demonio; e foi ver entrar a Christo triumphante no Egypto, como os principes dos sacerdotes vérem o seu triumpho por meio de Jernusalem. Pinta-nos isto maravilhosamente o propheta Isaias: *Et ascendet Dominus super nubem levem, et ingredietur Aegyptum.* Subirá o Senhor e entrará pelo Egypto, levado como em carro triumphal em uma nuvem leve. Esta nuvem leve (diz Sancto Ambrosio) é a Virgem Sanctissima, mãe do mesmo Senhor menino, que o levou em seus braços ao Egypto: nuvem, porque Ella é a que nos defende dos raios do Sol de justiça: e leve, porque n'ella só entre todas as criaturas nunca houve peso de peccado. E que sucedeu ao demonio á vista d'este triumpho? O mesmo propheta o diz: *Et commovebuntur a facie ejus simulacra Aegypti:* e á vista d'esta entrada triumphante cairão derribados por terra todos os idólos do Egypto. Assim foi; porque assim como o desterrado Menino, tendo escapado das mãos de Herodes ia entrando vivo e triumphante nos braços da Mãe pelas ruas do Egypto, ao mesmo passo dentro dos templos e derribadas dos altares, iam caindo as imagens dos falsos deuses em que o demonio era adorado, desfeitas em pó e cinza.

É theologia certa que, quando Deus lançou do céu os anjos maus, uns foram parar ao inferno e outros ficaram n'esta região do ar; aos quaes por isso chama S. Paulo *aéreas potestates.* De sorte que n'este mesmo logar nos estão ouvindo muitos demônios; e queira Deus que sejam só os que se não vêem. Dá razão d'este conselho divinamente S. Bernardo: *Diabolus in poenam suam locum in aere, medium inter coelum et terram sortitus est, ut videat et incideat, ipsaque incidia torqueatur.* Quer dizer: Para maior tormento do demonio lhe deu Deus este carcere livre do ar, elemento meio entre o céu e a terra; porque vendo subir os homens da terra ao céu, e d'esta Egreja militante, onde os persegue, ir gozar da gloria na triumphante,

Pena do demonio por ter entrado a Christo triumphante no Egypto.
Isai. 19

Os demônios que ficaram na região do ar, a que pena são condenados seguirão
S. Bernardo.

a vista e inveja d'este triumpho lhe sirva de maior inferno. Já ouvimos a S. Pedro Chrysologo que menos pena davam ao rico avarento as labaredas do inferno em que padecia, que as glorias que Lazaro gozava no seio de Abrahão; e este foi o castigo a que Deus condemnou o demonio no mesmo Desterro com que livrou das suas mãos a seu Filho; para que, vendo-o entrar triumpante pelo Egypto, penasse mais e se destizesse de inveja; assim como se desfizeram os marmores e bronzes das imagens e simulacros em que era adorado.

Christo, que
triumphou
em Jerusalém e
no Egypto,
deve tambem
triumphar
em nossas co-
rações.

VII. Acabei. E supposto que tenho satisfeito ao evangelho e ao logar, alguma justiça parece que me fica para pedir ao auditorio a mesma satisfação. No evangelho temos a Christo triunfante em Jerusalém: n'aquelle altar temos a Christo triunfante no Egypto: justo é, senhores, que entre tambem Christo triumphando ou pelo Egypto ou pela Jerusalém de nossas almas. Que outra cousa é uma alma onde está levantado altar ao ídolo da torpeza, onde se fazem sacrificios ao ídolo da vingança, onde é adorado o ídolo da vaidade; que cousa é, digo, uma alma d'estas senão um Egypto idolatra? Entre pois Christo triumphando pelo Egypto d'esta alma; e caiam e rendam-se a seus pés todos esses ídolos. Cáia a torpeza, cáia a vingança, cáia a vaidade, e acabem-se idolatrias tão «horrorosas». Que cousa é por outro modo uma alma onde reina a ambição, onde dá leis a inveja, onde manda tudo o odio; que cousa é, torno a dizer, uma alma d'estas, senão uma Jerusalém depravada e perdida, e onde por odio, por ambição e por inveja se dá sentença de morte contra o mesmo Christo? Ora, pois, Jerusalém, Jerusalem, *Consertere ad Dominum Deum tuum*: acabem-se odios, acabem-se invejas, acabem-se ambições, caiam todos esses vicios aos pés de Christo e levantem-se palmas na mão em signal de victoria: *Acceperunt ramos palmarum et exierunt obriam ei.*

E o que peste o
tempo de
quaresma e o
logar da
Nossa Senhora
do Desterro.

Não duvido que o façam assim todos os que leem nome de christãos, não movidos da efficacia de minhas razões, mas obrigados da sanctidate e do tempo. Entramos na semana sancta em que nenhum christão ha de tão fraca fé e de tão fria piedade, que se não lance rendido aos pés de Christo. O que porém quizera eu encommendar e saber persuadir a todos é, que nos não aconteça o que aconteceu aos que acompanharam a Christo no seu triumpho. É advertencia de S. Bernardo. Quando o Senhor ia passando pelas ruas de Jerusalém, tiravam muitos as capas dos hombros, para que o Senhor passasse por cima d'ellas; porem tanto que o mesmo Senhor tinha passado, tornava cada um a levantar a sua capa e pôl-a outra vez aos hombros como d'antes. O mesmo nos acontece a nós n'esta semana.

Despimos, ou parece que despimos os maus habitos de nossos vicios; lançamol-os aos pés de Christo para que passe por cima d'elles com a cruz ás costas: porém tanto que passou, tanto que se acabou a semana sancta e chegou a paschoa, torna cada um aos mesmos vicios e a revestir-se d'elles, como se já não foram peccados. Oh sepultemol-os para sempre com Christo morto e deixemos esses maus habitos, como Christo deixou as mortalhas na sua sepultura. Façamos deante d'aquella Senhora uns propositos e resoluções muito firmes de ser perpetuos escravos seus e de seu bemeditissimo Filho, seguindo-o e servindo-o sempre e em qualquer parte: ou no Egypto, como desterrados d'este mundo, ou em Jerusalém, como mortos ao mesmo mundo: não havendo trabalho ou felicidade, nem fortuna tão prospera ou adversa, que nos aparte de seu serviço, de sua obediencia, de seu amor e de sua graça, para que, vivendo e morrendo com elle e por elle, o acompanhemos na vida onde não ha morte por toda a eternidade. Amen.

(Ed. ant., tom. 5.º, pag. 508; ed. mod., tom. 6.º, pag. 61).



I. SERMÃO DO MANDATO ***

PRÉGADO EM LISBOA NO HOSPITAL REAL NO ANNO DE 1643

OSSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Ainda que estes cinco sermões do mandato incluam a mais alta philosophia natural e sobrenatural do coração adorável do Homem-Deus ; comtudo se devem ler mais com affecto que com o intendimento ; e só quem tem fé e devoção pode sentir todo o gosto d'esta linguagem de amor.

*Sciens Jesus quia venit hora ejus
ut transeat ex hoc mundo ad pa-
trem, cum dilexisset suos qui erant
in mundo, in finem dilexit eos.*

S. JOAN. 13.

Tudo «muda» o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere. Tudo acaba, «nada, porém está tão sujeito á jurisdição do tempo como o amor.» São as afseções como as vidas, que não ha mais certo signal de haverem de durar pouco que lerem durado muito. São como as linhas que partem do centro para a circumferencia, que quanto mais continuadas tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino, porque não ha amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos, com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não tira : embota-lhe as setas, com que já não fere : abre-lhe os olhos, com que vê o que não via ; e faz-lhe crescer as azas, com que vôa e foge. A razão natural de toda esta diferença é, porque o tempo tira a novidade ás cousas, descobre-lhe os defeitos, enfastialhe o gosto e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso quanto mais o amor ? O mesmo ter amado é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.

Estes são os poderes do tempo sobre o amor: mas sobre qual amor ? Sobre o amor humano que é fraco ; sobre o amor humano que é inconstante ; sobre o amor humano que não se governa «pela» razão se não «pelo» appetite ; sobre o amor humano que ainda quando parece mais fino é grosseiro e imper-

O amor ole-
dura muito. Por
isso os anti-
gos o pintaram
menino

Este é o amor
humano,
por sua nature-
za fraco e
inconstante.

feito. O amor a quem «mudou» o tempo bem podera ser que fosse doença, mas não é amor. O amor verdadeiro vive imortal sobre a esphera da mudança; e não chegam lá as jurisdições do tempo. Nem os annos o diminuem, nem os seculos o enfraquecem, nem as eternidades o cansam: *Omnis tempore diligit qui amicus est.*, disse nos seus proverbios Salomão. Tão isento da jurisdição do tempo é o verdadeiro amor.

Prov. 17.

*Poem o amor
de Christo
e immutabil
eterno.*

Porém um tal amor onde se achará? Só em vós, amante divino, só em vós. Isso «querem dizer as palavras do vosso evangelista: *Sciens Jesus quia venit hora ut transvat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Sim, chegue e passe a vossa hora, desappareci d'este mundo, tenha o tempo jurisdição sobre os outros actos da vossa vida mortal, nunca a terá sobre o vosso amor. Como amastes sempre aos homens, assim os amais e amareis sempre.»

*Võ-se no mesmo
lugar onde so
está pregado.*

Quem entrar hoje n'esta casa, todo poderoso e todo amoroso Senhor, quem entrar hoje n'esta casa, que é o refugio ultimo da pobreza e o remedio universal das infernidades, quem entrar digo a visitar-vos n'ella (como faz todo este concurso da piedade christã) «ha de reconhecer n'este mesmo lugar que o vosso amor não está sujeito ás vicissitudes do tempo. Pobre estais aqui e inferno nos pobres e infernos que recolho a misericordia d'este povo fiel; e para saude de nossas almas estais realmente n'esse sacramento de amor; mas ou pobre ou inferno ou sacramentado, mostrais-vos hoje como sempre vos mostrastes amante extremoso e sem mudança.» Accomodando-me, pois, ao dia, ao lugar e ao evangelho sobre as palavras que tomei d'elle tractarei «da immutabilidade do vosso amor.» Este será amante divino, com licença do vosso coração o argumento do meu discurso.

*O amor de
Christo está li
ra da juris
diction do tem
po, porque é
eterno*

Jerem. 31.

II. *Cum dilexisset suos in finem dilexit eos:* como tivesse amado os seus os amou até o fim. E quando, ou desde quando os amou? Desde o principio sem principio da eternidade: porque desde então começou o Verbo eterno a amar os homens, ou desde então os amou sem começar, como elle mesmo o disse a Jeremias: *In charitate perpetua dilexi te.* «E um amor que teve as raizes na eternidade como podia cair sob as jurisdições do tempo?» O tempo começou com a criação do mundo, porque antes do mundo não havia tempo. E este tempo em Christo divide-se em duas partes: o tempo em que amou desde o principio do mundo com a vontade divina e o tempo em que amou desde o principio da vida, com vontade divina e humana. Desde o principio da vida passaram trinta e quatro annos; desde

o principio do mundo passaram mais de quatro mil; e em tantos annos e tantos seculos de amor, nenhum poder teve sobre elle o tempo. Oh amor só verdadeiro! Oh amor só constante! Oh amor só amor! Que não desfez, que não acabou a continuação pertinaz de tantos annos quantos correram desde o principio do mundo até ao fim da vida de Christo! Que cidade tão forte que não arruinasse? Que marmore que não gastasse? Que bronze que não consumisse? Todas as cousas humanas em tão comprida continuação acabou o tempo e, o que é mais, até a memoria d'ellas. Só o amor de Jesus, apesar dos annos e dos seculos, sempre intelecto sem diminuição, sempre firme, sempre perseverante, sempre o mesmo: porque assim como tinha amado no principio; *Cum dilerisset, assim amou e com a mesma intensão no fim insinuem dilexit.*

Tão fôra esteve o tempo (vêde o que digo) de poder diminuir o amor de Christo, que antes o amor de Christo diminuiu «a extensão» do tempo. No mesmo texto do nosso evangellio o temos: *Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* sabendo Jesus que era chegada a hora de passar d'este mundo ao Padre. Isto disse o evangelista fallando dos mysterios da ultima ceia em que Christo, com o maior prodigo de sua humildade e com o maior milagre da sua omnipotencia, manifestou aos homens qual era o extremo com que os amava. Mas a hora em que o Senhor passou d'este mundo ao Padre não foi n'este dia, senão no dia da sua ascensão, quarenta e douis dias depois d'este. Pois, se ainda lhe restavam a Christo quarenta e douis dias para estar no mundo antes de subir ao Padre, como diz o evangelista que já era chegada a hora: *Quia venit hora ejus?* Sim, porque todos estes dias em que o Senhor se havia de deter no mundo, eram dias de estar com os seus amados; e ainda que pela medida do tempo eram muitos dias, pela conta de seu amor eram «momentos». Notae muito agora o compulo d'estes mesmos dias, e reparae no que «talvez» nunca reparastes. Desde a hora da ceia até á hora em que Christo subiu ao céu, passaram-se ponctualmente mil horas sem faltar nem sobejar uma só. E todos estes dias, que medidos pelas rodas do tempo faziam cabalmente mil horas, contadas pelo relogio do amor que Christo tinha «no coração, eram momentos.» *Sciens Jesus quia venit hora ejus.* Vêde quão certo é o que eu dizia, que em vez do tempo diminuir o amor, o amor diminuiu «a extensão do tempo».

De Jacob diz a Escriptura que sendo septe annos que serviu por amor de Rachel, lhe pareciam poucos dias; porque era grande o amor com que amava: *Videbantur illi pauci dies prae amo-*

Antes o seu
amor diminuiu
extensão do
tempo.

O amor de Ja-
cob fez a hora do
amor de Christo.

Am. 17. *ris magnitudine.* Não seria Jacob tão celebrada figura de Christo, se também o seu amor não tivesse a propriedade de diminuir o tempo. Mas n'esta mesma diminuição é necessário advertir que os annos que a Jacob lhe pareciam poucos dias, não foram só septe, senão muitos mais ou muito maiores. Assim como o gosto faz os dias breves, assim o trabalho os faz longos. O trabalho dobra e redobra o tempo. «Se Jacob serviu septe annos» de dia e de noite, não sendo os enganos e trapaças de Labão a menor parte do seu grande trabalho, «segue-se que» assim como o amor de Jacob diminuia os annos por uma parte, assim o trabalho os acrescentava por outra; e concorrendo juntamente o amor a diminuir e o trabalho a acrescentar os mesmos annos, já que elles se não multiplicassem tanto que fossem tres vezes dobrados, ao menos haviam de ficar inteiros. Como podia logo ser que a Jacob lhe não parecessem annos senão dias, e esses poucos? Não ha dúvida que esta mesma que parece implicação é o maior encarecimento do amor de Jacob. O tempo fazia os annos, o trabalho multiplicava o tempo: mas o amor de Jacob, maior que o trabalho e maior que o tempo, não só diminuia os annos que fazia o tempo, senão também os que multiplicava o trabalho. Com o gosto de servir diminuia o amor uns annos, com o gosto de padecer diminuia os outros, e por isso, ainda que fossem annos sobre annos e muitos sobre muitos, todos elles lhe pareciam dias e poucos dias: *Videbantur illi pauci dies.*

*Sobreindo no
tempo
da Paixão.*

Muito estimava eu que estes dias do amor de Jacob, que a Escritura chama poucos, nos dissessem também a mesma Escritura quantos eram. Mas dado (impossivelmente) que cada anno lhe parecesse um só dia, ainda o amor do figurado excede infinitamente ao da figura e o de Jesus ao de Jacob. No tempo que diminuiu o amor de Christo, entra também o tempo da sua paixão; e se o trabalho acrescenta e multiplica o tempo à medida do que se padece, quem poderá medir n'este caso o tempo com o trabalho e a duração do que o Senhor padecia com o excesso do que padceu? Padceu Christo na sua paixão, como provam todos os theologos com sancto Thomás, mais do que padeceram nem hão de padecer todos os homens desde o princípio até o fim do mundo. Os tormentos em si mesmos eram acerbissimos, e fazia-os incomparavelmente maiores a delicadeza do sujeito, a viveza da apprehensão, a tristeza summa, bastante ella só a tirar a vida; e sobre tudo o conhecimento comprehensivo da injuria infinita cometida contra Deus n'aquelle e em todos os peccados do genero humano. E quantos séculos de padecer vos parece que caberiam n'aquellas compridíssimas horas? Foram tão cumpridas, que bastou a duração d'ellas para

satisfazer pela eternidade das penas do inferno, que com a mesma duração se pagavam. E que sendo tão cumpridas, ou tão eternas, aquellas horas, as reduzisse o amor de Christo «a poucos momentos». *Hora ejus?* Oh amor verdadeiramente immenso! Que as outras horas e dias lhe parecessem ao amorosissimo Senhor muito breves, não é tão grande maravilha; porque eram horas de estar com os que tanto amava. Mas que também as da paixão, sendo de tão excessivas penas as abbreviasse igualmente o seu amor? Sim e pela mesma causa. As outras eram breves, porque eram horas de estar comosco; e estas eram também breves, porque eram horas de padecer por nós. Não sofreu o amor que podesse menos contra o tempo o gosto da paciencia que o da presença; e por isso diminuiu igualmente as horas tanto o gosto de padecer pelos homens, como o gosto de estar com elles.

Uma e outra cousa comprehendeu e declarou S. Paulo em uma só palavra quando disse fallando da morte de Christo: *Ut pro omnibus gustaret mortem.* Não diz que padeceu o Senhor a morte por todos, senão que a gostou: *Ut gustaret.* Esta palavra quer dizer gostar e provar. E por isso disse com grande energia que Christo gostou a morte; porque o gosto com que a padeceu, a abbreviou de tal sorte, como se sómente a provara. Excellentemente sancto Anselmo commentando as mesmas palavras: *Ut gustaret, id est horariam et non longam, quasi aliquid gustando transiret.* Quer dizer o apostolo, diz Anselmo, que padeceu o Senhor a morte com tanto gosto, como se a não padecera toda e sómente a tocara e passara por ella; e por isso, sendo de tantas horas e tão longas, lhe pareceu de poucos momentos: *Sciens Jesus quia venit hora ejus.* «E se é assim, conclui-se evidentemente, que para o coração do amorosissimo Jesus, em vez de o tempo diminuir o amor, o amor foi que diminuiu o tempo; e como nos tinha amado desde a eternidade, immutavelmente nos amou até ao fim: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem duxit eos.*

III. Não o cançou o tempo com a sua duração; mas nem o alterou com as suas vicissitudes, que tanto influem no coração de quem ama. Tres são as principaes: a ausencia, a ingratidão, e o melhorar de objecto. A ausencia diminui o amor, a ingratidão o esfrí, o melhorar de objecto apaga-o inteiramente. Com tudo no coração de Christo estas tres vicissitudes do tempo tão longe estiveram de causar os seus efeitos, que antes produziram os contrarios. Estae commigo.»

À sepultura chamou David discretamente terra do esquecimento: *Terra oblivionis.* E que terra ha que não seja a terra do esquecimento, se vós passastes a outra terra? Se os mortos

*Por isso se diz
Hebre 2 que
Christo gostou
a morte San-
cto Anselmo.*

*Tres vicissi-
tudes do tempo.
1.º Ausentia-se.*

*A ausencia é
morte, o sepul-
tura do amor.
Ps. 89.*

são tão esquecidos havendo tão pouca terra entre elles e os vivos, que podem esperar e que se pôde esperar dos ausentes? Se quatro palmos de terra causam tais efeitos; tantas leguas que farão? Em os longes passando de tiro de setta, não chegam lá as forças do amor. Os philosophos definiram a morte pela ausencia. *Mors est ausentia animae a corpore;* e a ausencia tambem se ha de definir pela morte: posto que seja uma morte de que mais vezes se resuscita. Vêde-o nos efeitos naturaes de uma e outra. Os dous primeiros efeitos da morte são dividir e esfriar. Morreu um homem: apartou-se a alma do corpo. Se o apalpares logo, achareis algumas reliquias de calor; se tornastes d'ahi a um pouco, tocastes um cadaver frio, uma estatua de regelo. Estes mesmos efeitos ou poderes tem a vicio-morte, a ausencia. Despediram-se com grandes demonstrações de affecto os que muito se amavam; apartaram-se emlim; e se tornardes logo o pulso ao mais enternecido, achareis que palpitan no coração as saudades, que rebentam nos olhos as lagrimas e que saem da boca alguns suspiros, que são as ultimas respirações do amor. Mas, se tornardes «d'ahi a pouco,» que achareis? Os olhos enxutos, a boca muda, o coração sorgado, tudo esquecimento, tudo frieza. Fez a ausencia seu ofício como a morte: apartou e depois de apartar esfriou.

Mas não em
Christo. Dou-
trina de
S. Bernardo.

Estes costumam ser os efeitos da ausencia, ainda nos corações mais finos, «em que o amor é qualidade accidental: mas não podia a ausencia causar estes efeitos no coração de Christo, em que o amor é natureza. É doutrina de S. Bernardo: *Nunquam et nusquam potuit non amare, qui amor est.* O fogo pôde-se apartar, mas não se pôde esfriar. Ao perlo e ao longe, ou presente ou absente, sempre arde igualmente, porque é fogo. Poderá ser tão distante a ausencia que o tire da vista, mas nenhuma tão poderosa que lhe arrede a natureza. Tal o amor de Christo, diz S. Bernardo. Assim como não podia deixar de amar em nenhum tempo, porque é eterno; assim não pôde deixar de amar em nenhum logar ou distancia, porque é amor. O amor não é união de logares senão de virtudes: se forá união de logares, o podera desfazer a distancia: mas como é união de vontades, não o pôde esfriar a ausencia. A ausencia mais distante que se pôde imaginar é a que hoje fez Christo: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* ausencia d'este para o outro mundo. Todas as outras ausencias, por mais distantes que sejam, sempre se fazem dentro do mesmo elemento, de uma parte da terra para a outra. A ausencia de Christo era tão distante, que excedia a esphera de todos os elementos e passava da terra até ao céu. Mas com a distancia e ausencia serem tão excessivas

pôde a distancia apartar os corpos, mas não pôde dividir os corações; pôde a ausencia impedir a vista, mas não pôde esfriar o amor! Que digo dividir e esfriar? Antes a distancia, em vez de dividir, uniu; e a ausencia, em vez de esfriar, accendeu. A distancia, em vez de dividir, uniu as pessoas; e a ausencia, em vez de esfriar, accendeu o amor.

Depois da ceia d'este dia despediu-se o divino Mestre amrosamente de seus discípulos, e vendo-os tristes por sua partida consolou-os com estas palavras: *Expedit robis ut ego radam; si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad eos: si autem abiero, mittam eum ad eos.* Discípulos meus, não vos desconsole a minha partida. Ausento-me de vós; mas adverti que a vós vos convém e importa muito esta mesma ausencia: porque se eu não fôr para o céu, não virá o Espírito Santo; porém, se fôr, como vou, eu vol-o mandarei de lá. Todos os theologos concordam, e é sem dúvida, que tanto podia vir o Espírito Santo ausentando-se Christo da terra, como não se ausentando. Que consequencia tem logo haver de vir, se Christo se ausentasse e se fosse para o céu; e não haver de vir, se se não ausentasse? Ninguem ignora que o Espírito Santo essencialmente é amor: mas em que amor se viu jamais tal consequencia? Ir-se o amor, quando se vai o amante, essa é a consequencia ordinaria do que cá chamamos amor. Mas haver-se de ir o amante para que venha o amor, e não haver de vir o amor, se não se fôr e se não se ausentar o amante?! Só na ausencia e no amor de Christo se acha tal consequencia. Assim o prometeu o Senhor e assim o cumpriu. Partiu e foi-se para o céu; e dentro em poucos dias, ficando lá a Pessoa do amante, veio cá em Pessoa o seu amor: mas como veio? Não menos intenso, não menos ardente, não menos abrazado, que em forma de fogo. Bem dizia eu, logo, que em vez da ausencia lhe esfriar o amor, o havia de accender mais. O mesmo Christo o tinha já dicto muito tempo antes. Fallava d'este fogo de seu amor, e disse que elle viera pôr fogo à terra e que nenhuma cousa mais desejava senão que se accendesse: *Ignem veni mittere in terram; et quid volo nisi ut accendatur?* Pois se o Senhor desejava tanto que o fogo do seu amor se accendesse na terra, porque o não accendeu em quanto esleve n'ella? Porque é propriedade maravilhosa d'este fogo divino aguardar pela ausencia para se accender. E isto é o que disse aos discípulos em proprios termos: *Si autem abiero, mittam eum ad eos:* Se eu me fôr, se eu me ausentar de vós, então vos mandarei o fogo do meu amor, ou o meu amor em fogo: para que vejais quanto vos convém esta minha ausencia; e para que não receeis que ella, como costuma, me haja de es-

Antes o accendeu. Prova-se com as palavras da ultima coluna.
Joan. 16.

Luc. 12.

frir o amor, porque antes o ha de intender e acceder mais. Foi a Magdalena ao sepulcro de Christo na madrugada da resurreição, não achou o sagrado corpo, tornou a correr, perdeu, chorou. E qual cuidais, que era a causa de tadas estas diligencias tão sollicitas? Diz com notável pensamento Origenes que era priso que a Magdalena lemria de si: «pois» sabia, como experimentada, que a ausencia tem os effeitos da morte, apartar e depois esfriar; e como se via apartada de seu amado, que é o primeiro effeto, temia que se lhe esfriasse o amor do coração, que é o segundo. Pois o amor da Magdalena tão forte, tão amado, tão constante, tão ardente; o amor da Magdalena carbonizado de grande, engrandecido de muito, tão pouco liaua de si mesmo que temesse esfriar-se? Sun: que laes são os poderes da ausencia contra o mais qualificado amor «humano». E como o coração se aquenta pelos olhos, por isso procurava com tanta diligencia achar o corpo de seu Senhor; para que com a sua vista se tornasse a aqueentar o amor, ou se não esfriasse sem ella.

Estes costumam ser os effeitos da ausencia, ainda nos corações mais finos, qual era o da Magdalena: coração humano em fogo. Porem o amor perfeitissimo, qual era o do coração de Christo (humano e divino juntamente,) não depende de ver para amar: antes quando a ausencia e distancia lhe impedem a vista, então se reconcentra e arde mais. «Dizem poetas que» os olhos são as frustas do coração por onde respira; e d'aqui vem quo o coração na presença, em que tem abertos os olhos, por elles evapora e exhala os affectos: porém na ausencia, em que os tem tapados pela distancia, que lhe succede? Assim como o vaso sobre o fogo, que tapado e não tendo por onde respirar, concebe maior calor e o reconcentra todo em si e talvez rebenta; assim o coração ausente, saltando-lhe a respiração da vista, e não tendo por onde dar saida ao incendio, recolhe dentro em si toda a força e impeto do amor; o qual cresce naturalmente e se acrecenta e adelgaça de sorte que, não cabendo no mesmo coração, rebenta em maiores e mais extraordinarios effeitos. • Mas encareça muito embora a imaginação dos poetas o delectado poder do amor humano; que não passará de um poder imaginario. Só no coração de Christo produziu o amor effeitos tão maravilhosos e reaes. •

Tudo o que acabo de dizer é philosophia não minha, senão do mesmo Christo e n'esta mesma hora, declarando aos mesmos discípulos quaos haviam de ser os effeitos da sua ausencia. Na presença do seu Soberano Mestre obravam os discípulos aquellas prodigiosas maravilhas com quo assombravam o mundo; e cuidavam agora entre si estes dous que com a ausencia do sol ficariam destituidos

de todas estas influencias. Mas não ha de ser assim, diz o Senhor; cada um de vós não só ha de fazer as mesmas obras que d'antes fazia, não só tão grandes como as minhas, senão ainda maiores: e isto não por outra razão, senão porque me ausento: *Opera quae ego facio, et ipse faciet et majora horum faciet; qua ego ad Patrem vado.* Esta ultima clausula *Quia ego ad Patrem vado* é digna de summo reparo. De maneira, Senhor, que porque ides para o Padre e porque vos ausentais de vossos discípulos, por isso hão elles de fazer maiores obras que as suas e maiores também que as vossas? Por ventura haveis de ser mais poderoso no céu do que ereis na terra? Não: responde o Divino Amanante. Não hão de experimentar esta diferença meus discípulos, porque lá hajam de ser maiores as jurisdições do meu poder, senão porque hão de ser maiores os efeitos do meu amor. Porque me vou, por isso hão de ver o que pode commigo a ausencia; e porque vou para tão longe, por isso hão de ver o que obram commigo as distancias. Os longes só hão de servir de mais os favorecer, de mais os honrar, de mais os estimar: porque o meu amor todo é estimação. Quando a lúa está mais longe do sol, então se vê mais allumiada; porque «tão fora está o sol de lhe diminuir a luz por causa da distancia» que antes á medida d'esta mesma distancia lha communica maior. E se estes são os efeitos ou os primores do sol quando se ausenta, «sendo eu o creador do sol, quae serão os meus?» Cuidais que eu sou Deus de perto e não Deus de longe? Enganais-vos. De perto sou Deus e de longe Deus: antes, do modo que pode ser, mais Deus ainda de longe, do que de perto; porque de perto mostro a minha presença e de longe a minha immensidade. Tal o amor do nosso Deus, ou o nosso Deus de amor. Aparta-se, ausenta-se de nós n'esta hora: a distancia é tão grande quanto vai da terra ao céu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;* mas as gages da sua presença não se diminuem, antes crescem; porque quanto são mais remotas as distancias de sua ausencia, tanto são maiores e mais intensos os affectos e efeitos de seu amor: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

IV. «Outra vicissitude do tempo é a ingratidão.» Esfriar o amor a ausencia é sem-razão de que todos se queixam: mas que a ingratidão mude o amor e o converta em abhorrecimento, a mesma razão «quasi» o approva, o persuade e parece que o manda. Que sentença mais justa que privar do amor a um ingrato? A ausencia pode ser força, a ingratidão sempre é delicto. Se ponderarmos os efeitos de cada um d'estes contrarios, acharemos que a ingratidão é o mais forte. A ausencia tira ao amor a communicação, a ingratidão tira-lhe o motivo. De sorte que

2º A ingratidão
esfria o amor
humano; e
não o amor
de Christo

o amigo por estar ausente, não perde o merecimento de ser amado: se o deixamos de amar não é culpa sua, é injustiça nossa. Porém se foi ingrato, ficou indigno de amor. Finalmente a ausencia combate o amor pela memoria, a ingratidão pelo intendimento e pela vontade; e ferido o amor no cerebro e ferido no coração, como pode viver? «Assim o ensina a experencia no amor humano.» E a ingratidão com o amor, como o vento com o fogo: se o fogo é pequeno, apaga-o o vento; se é grande, accende-o mais. «E tal foi o amor de Christo.» Quantas ingratidões usaram com elle os homens! Mas nenhuma, nem todas juntas foram bastantes para lhe remittirem um poncto o amor, nem vivo, nem morto: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dixerit eos.*

Procura-se com
as palavras do
tema.

Aquellas palavras *qui erant in mundo*, os seus que estavam no mundo, parecem superfluas e que antes limitam do que encarecem o amor. «Mas não é assim». Christo Senhor e Redemptor Noso, como Senhor e Redemptor de todos os homens, não só amou aos que estavam no mundo, senão tambem aos que não estavam. Não só amou os presentes, senão os passados e futuros; porque por todos os que eram, foram e haviam de ser deu o preço de seu sangue. Fez porém expressa menção o evangelista dos presentes e dos que então estavam no mundo: porque estes foram os mais ingratos. Os futuros ainda não eram; os passados pela maior parte não conhereram a Christo: os presentes conheceram-no, ouviram a sua doutrina, viram seus milagres, receberam seus beneficios; e como lhe pagaram? Deixando-o, negando-o, vendendo-o, crucificando-o.

Antes o abraça,
e da vez mais.

Pode haver correspondencias mais deseguaes, mais contrarias, mais ingratas? Não pôde. Mas não podendo as ingratidões ser maiores, tiveram tão pouco poder contra o amor de Christo que (assim como dissemos «da ausencia») em vez de as ingratidões o diminuarem, o accrescentaram; e em vez de serem motivo para abhorrecer, foram «incentivo» para mais amar.

Os doce golpes
dados na pe-
dra do deserto
à ingratidão
aos deus disci-
pulos.

I. ad Cor. 10

Num. 20.

Quando os filhos de Israel caminhavam pelo deserto para a terra de Promissão, «deu Moysés com a vara» em uma pedra, da qual milagrosamente sairam ribeiras de agua com que o povo matou a sede. Falla d'este milagre S. Paulo e diz assim: *Bibe- bant de consequente eos petra: petra autem erat Christus.* Bebiam da pedra que os seguia e esta pedra era Christo. Mas que achou S. Paulo n'esta pedra milagrosa para dizer que era Christo? O mesmo texto que conta a historia, nol-o dirá: *Percutiens virga his silicem, egressae sunt aquae largissimae.* Aquella pedra era pederneira: feriu-a Moysés duas vezes com a vara, e o que a pedra ferida brotou de si foi grande copia de agua. D'aqui

«parece que» tirou a sua consequencia o apostolo. O natural da pederneira, quando lhe dão golpes, é lançar de si faiscas de fogo; e pedra que ferida uma e outra vez, em «logar» de responder com fogo, se desfaz em agua, esta pedra não «pode ser senão figura de» Christo: *Petra autem erat Christus.* Ponhamo-nos agora com o pensamento no cenaculo de Jerusalém; e veremos este mesmo milagre não só repetido, mas verificado. Dois golpes deram hoje n'aquelle pedra divina, com dous golpes feriram boje o coração de Christo dous homens de quem elle deveria esperar e a quem merecia bem diferente tractamento. Um golpe lhe deu Judas, que o vendeu; outro golpe lhe deu Pedro, que o negou. E que aconteceu? Oh milagre de amor verdadeiramente divino! Em logar de sair da pedra fogo, saiu agua: em logar de sair fogo (castigo proprio de infieis) com que os abrassasse, o que saiu foi «grande copia de agua, isto é as maiores demonstrações de amor para com elles. E senão, vede o que faz o amorosissimo Redemptor prostrado a seus pés.» *Militit aquam in preleim et coepit lavare pedes discipulorum.*

Joan. 13.

Lavando o Senhor os pés a todos os discípulos, só de Judas e de Pedro faz menção n'este acto o evangelista. De Judas: *Cum diabolus jam misisset in cor ut traderet cum Judas; surgit a cornu et ponit vestimenta sua.* De Pedro: *Coepit lavare pedes discipulorum: venit ergo ad Simonem Petrum.* Pois, Senhor, vós que tudo sabeis e estais vendo, vós aos pés de Pedro, e «o que é mais para admirar» vós aos pés de Judas? Os pés de Judas não são aquelles pés infieis que d'este mesmo logar hão de partir para vender-vos? Os pés de Judas não são aquelles pés traidores que hão de guiar vossos inimigos a vos prender no Horto? Pois deante de pés tão indignos estais vós prostrado de joelhos? Estes pés lavais com vossas proprias mãos e com «as lágrimas» que sobre essa agua estão derramando vossos olhos? Sim: que não foreis vós, Deus e Senhor meu, quem sois, nem o vosso amor fora vosso, se o podessem mudar ingratidões ou diminuir aggravos. Porque n'esses dous homens andou a ingratidão mais refinada, por isso com elles se mostra o vosso amor mais fino. E não só mais fino no acto de lavatorio dos pés, que foi commun a todos os discípulos, senão mais fino lambem nos favores particulares, com que a estes dous ingratos singularizou entre todos o vosso amor.

Se bem repararmos, antes e depois da morte de Christo, acha-remos que o mais favorecido na ceia foi Judas e o mais favorecido na resurreição foi Pedro. Na ceia todos os discípulos comeram igualmente e só a Judas fez o Senhor um mimo particular: *Et cum intinxisset panem, dedit Judae.* Na resurreição a

E figura dos pés
da Pedro e
dos de Judas.

Apostolos favo-
recidos mais
que os outros.

Marc. 16.

todos igualmente mandou a nova, e só a Pedro nomeou em particular: *Dicite discipulis ejus et Petro.* E porque só a Judas e só a Pedro estes favores particulares? Porque só Judas e só Pedro tiveram particularidade na ingratidão. Na ceia o que mais offendeu a Christo foi Judas: na paixão o que mais o offendeu foi Pedro. E como o amor de Christo das maiores ingratidões faz «incentivos» de mais amar, foram estes os dous mais favorecidos, porque foram estes dous os mais ingratos. Se o amor de Christo fôra como o nosso, haviam de ser as ingratidões motivos de abhorrecer; mas como o seu amor era o seu, foram incentivos de mais amar e razões sobre toda a razão de mais bem fazer.

*Era Christo as
ingratidões
dos motivos de
fazer mais
favores e bene-
fícios.*

Ora eu buscando a causa d'estes contrários efeitos (que todos creio desejam saber) e philosophando sobre a diferença d'elles, acho que toda procedia da qualidade singular do coração de Christo. Era tal a qualidade d'aquelle soberanissimo coração, que mettidas n'ele as ingratidões dos homens e estilladas com o fogo do seu amor, o estillado das mesmas ingratidões vinham a ser favores e benefícios. O mesmo Christo se queixava por bocca de David de que semeando benefícios nos corações dos homens, de grandes benefícios colbia maiores ingratidões. Porém o seu amor (que é o que agora digo), estillando essas mesmas ingratidões dentro no coração, de grandíssimas ingratidões tirava maiores benefícios. Já o vimos nos exemplos de Christo vivo e de Christo resuscitado, vejamel-o agora com maior assombro no de Christo morto.

*Prova-se
o mistério da
lançada.*

Morto o Redemptor na cruz, abriram-lhe com uma lança o peito e saiu d'elle sangue e agua. Tertuliano, S. Chrysostomo, Sancto Agostinho e o commun sentir dos padres concordam em que o sangue era o sacramento da Eucaristia e a agua o sacramento do baptismo; dos quaes se formou a Egreja, saindo do lado de Christo, como Eva do lado de Adão. Mas qual foi o motivo que leve o mesmo amor para sair com este prodigo? «Foi pagar com o maior dos benefícios a maior das ingratidões». A maior de todas as ingratidões que os homens usaram com Christo, é sem controvérsia que foi a lançada. Porque as outras foram commettidas contra Christo vivo, e a lançada não só contra Christo morto, mas morto pela salvação dos mesmos homens, que assim lhe pagaram o morrer por elles. Por isso o mesmo Senhor n'aquelle psalmo em que se referem todos os tormentos da paixão, só da lançada pediu a Deus que o livrasse: *Erue a franea, Deus, animam meam;* não pela dor que houvesse de sentir o corpo, que já eslava morto, mas pelo horror que já lhe feria e penetrava a alma na appreensão de

uma atrocidade tão feia e ingrata. Sendo pois esta a mais cruel e deshumana ingratidão que jámais se commetteu, nem podia commetter no mundo; que não só a convertesse o coração de Christo no maior e mais consummado beneficio, mas que esperasse com o peito fechado até que a lança, como diz S. Chrysostomo, fosse ac havo que lho abrisse, porque pela mesma ferida nos communicasse sem nenhuma reserva os ultimos thesouros de sua graça?! Não ha duvida que assim como da parte da ingratidão foi o maior excesso a que podia chegar a fereza humana, assim da parte do amor foi o maior extremo com que a podia corresponder a benignidade divina. E se este é o modo com que Christo vinga os aggravos, e esta a moeda com que paga as ingratidões; «que prova queremos mais evidente para concluir que a ingratidão, sendo o maior contrario do amor e tão penosa ao coração do amante, em vez de diminuir, ainda acrecentou o seu amor? *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

Tarde chego á terceira e ultima vicissitude que trouxe o melhorar do objecto, e sinto vivamente que não posso ponderar como convem este ultimo e maior triumpho do amor de Christo». Dizem que um amor com outro se paga; o mais certo é que um amor com outro se apaga. Ora grande cousa deve de ser o amor: pois, sendo assim que não bastam a encher um coração mil mundos, não cabem em um coração dous amores. D'aqui vem que se acaso se encontram e pleiteiam sobre o logar, sempre lica a victoria pelo melhor objecto. É o amor entre os afectos, como a luz entre as qualidades. «Uma luz apaga-se por outra maior; e assim vemos que em apparecendo o sol, que é luz maior, desapparecem as estrellas. O mesmo lhe succede ao amor, por grande e extremado que seja. Em apparecendo maior e melhor objecto, logo se desamou o menor.

E se a melhoria do objecto é «motivo» tão poderoso e efficaz para mudar de amor; não digo eu quão poderoso seria, senão quão omnipotente no nosso caso, em que a diferença ou a competencia não era de homem a homem, se não de homens a Deus: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem.* Comparaes-me o Creador do céu e da terra com os pescadores de Tiberiades, o adorado dos anjos com os desprezados do mundo, o infinito, o immenso, o incomprehensivel, o que só é e dá tudo, com os que verdadeiramente eram nada, como somos todos; e vereis quão temeraria esperança seria e quão louco pensamento o de quem cuidasse que á vista de tal objecto podia ter lugar, não digo o amor, mas nem a memoria dos homens. Comtudo o evangelista, depois de referir esta diferença e de ponderar a

O melhorar do
objecto
apaga o amor.

Muito mais o
devia apagar
em Christo,
mas ascendeu-o
mais

mesma dignidade dizendo: *Ex hoc mundo ad Patrem*; ainda persiste em afirmar, que os homens foram não os amantes senão os amados: *In finem dilerit eos*. Cuidava eu, e tinha infinita razão para cuidar e para crer, que quando o evangelista disse que Christo se partia para o Padre, o que havia de continuar a dizer em bona consequencia, era, que em quanto esteve no mundo amou aos homens; porém no fim em que se partiu do mundo para o Padre, com a mudança e a melhoria do objecto e tal objecto também mudou e melhorou o amor, e não os amou a elles, senão a elle: *In finem dilerit eum*. Assim o cuidava eu e sem injuria nem aggravo do amor dos homens. Mas o evangelista, faltando da despedida dos homens e da partida para o Padre, o que diz, com assombro da razão e pasmo do nosso mesmo juizo, é que o Padre foi o fim da jornada, porém os homens o fim do amor. O Padre o fim da jornada: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*; e os homens o fim do amor: *In finem dilexit eos*. Sem embargo de ser o Padre tão infinitamente maior e melhor objecto, tão fôra esteve o objecto de render e levar a si o amor, que antes o amor rendeu e levou a si o objecto. E de que modo? Fazendo que o mesmo Padre que havia de ser o objecto só amado, fosse elle também amante dos homens. E quando os homens parece que haviam de perder o amor do Filho que se partia, não só conservaram inteiro o amor do mesmo Filho; mas acquiriram de novo o amor do Padre. Ouvi e pasmae.

*Accrescimento
teu amor
o amor do Pae.*

Jesus 17.

O amor com que o Padre e o Filho se amam é de tal qualidade, que assim como são a mesma causa por natureza, são também a mesma causa por amor. E quando o Filho se partia dos homens para o Padre, que sucedeu? Cresceu esta mesma união de amor e se multiplicou de tal sorte, que não só Christo e o Padre entre si, senão Christo, o Padre e os homens todos ficaram a mesma causa. Nem crer, nem imaginar se podera tal extremo de união, se o mesmo Christo o não declarara como declarou na mesma hora. Despedindo-se o Senhor dos discípulos, estando ainda á mesa depois da sagrada ceia, fez este oração a seu Padre: *Non pro eis rogo tantum, sed et pro eis qui credituri sunt per verbum eorum in me, ut omnes unum sint, sicut, tu Pater in me et ego in te, ut et ipsi in nobis unum sint*. Quer dizer: Não só vos rogo, Pae meu, por estes poucos discípulos que tenho presentes, senão por todos aquelles que por meio da sua doutrina hão de crer em mim (que são todos os christãos); e o que vos peço, é, que assim como nós por união de amor somos uma mesma causa, vós em mim e eu em vós; assim eis em vós e em mim sejam também uma causa pela

mesma união. Quem não pasma, tendo ouvido taes palavras, ou não tem juizo ou não tem fé. E porque não parecesse que esta união de amor era só pedida por Christo em duvida de o Padre a conceder ou não, o mesmo Senhor testificou logo que elle em nome seu e no do Padre a tinha já concedido aos homens: *Et ego claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis, ut sint unum, sicut et nos unum sumus. Ego in eis et tu in me, ut sint consummata in unum.*

Oh se alcançassemos a comprehendêr quão alto, quão divino, quão inestimável foi este ultimo e supremo invento do amor de Christo; o qual antes de se obrar excedia toda a imaginação; e depois de obrado, excede toda a capacidade humana! O Padre no Filho, o Filho no Padre, o Padre e o Filho no homem e o homem no Padre e no Filho, com uma trindade de pessoas e uma unidade de amor tão perfeita que o mesmo Christo lhe chamou consummada. Mas até os mesmos apostolos então não poderam comprehendêr tal extremo de união e amor; e por isso lhes disse o mesmo Christo que depois de alumiados pelo Espírito Sancto o conheceriam: *In illo die vos cognoscetis quia ego sum in Patre meo, et vos in me et ego in vobis.* Fique logo por ultima conclusão que mal podia a melhoria do objecto mudar o amor de Christo para com os homens: pois, em vez de o mudar n'esta mesma partida para o Padre, o melhorou de maneira que até o mesmo amor com que Christo ama ao Padre e o amor com que o Padre ama a Christo se uniram em um amor para mais e mais amar. *Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transal ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

VI. Eis aqui, fieis, como «o amor de Christo para connosco triumphou do tempo e das suas maiores vicissitudes». Nenhum dos «motivos» que costumam acabar ou diminuir o amor, nenhum dos contrários que o costumam contrastar e vencer, foi bastante para que o intensissimo amor com que Jesus nos amou e ama não digo se esfriasse ou enfraquecesse, mas se remittisse um pouco; servindo só o poder dos «motivos» para mais o accender e a força dos contrários para mais fortemente os triumphar. Julgue agora a nossa obrigação, se quando se rendem ao mesmo amor todos os contrários será justo que lhe resistam os «nossos afectos»; e se na hora em que morre de amor o mesmo Amante, será bem que lhe faltem os corações d'aqueles por quem morre! Amemos a quem tanto nos amou; e não haja contrario tão poderoso que nos vença para que não perseveremos em seu amor. Se elle nos amou por toda uma eternidade; porque o não amaremos nós por tão poucos dias e tão

Profundidade
deste mistério.

Joan. 14.

Daremos intacto
o amor
de Christo.

breves, como são os da nossa vida? Apprenda a fraqueza da nossa virtude ao menos da constancia de nossos vicios; e pois não basta o tempo a nos mudar dos peccados, não baste tão facilmente a nos mudar do arrependimento d'elles. Não tem o nosso amor o contrario da ausencia que vencer, porque sempre temos ao mesmo Christo, em quanto Deus e em quanto homem, presente; e se a sua presença se não deixa ver de nossos olhos, não seja motivo de diminuir o amor, o que foi traça de acrescentar as saudades. Lembremo-nos todas as horas de quem hoje a esta hora se nos deu a si mesmo e ámanhã antes d'esta hora estará morrendo por nós em uma cruz. Elle de tantas ingratidões fez motivos de mais nos amar; e nós porque o não faremos de tantos e tão immensos benefícios? Que nos fez tão bom Senhor para o offendermos? Oh que ingratidão tão deshumana! Oh que ingratidão tão indigna de seras, quanto mais de criaturas com uso de razão! A quem te creou, a quem te remiu, a quem tanto te amou, não amas? A quem te comprou com o sangue o céu e te tirou do inferno, quantas vezes o offendeste, tens ainda coração para o tornar a offender? Que amamos chris-tãos, se não amamos a Jesus? Que objecto mais digno de ser amado? Que objecto que compita com elle, não digo na igualdade, senão na similitudine? Toda a outra formosura em comparação da sua, não é fealdade? Toda a oulra grandeza não é vileza? E todo o outro nome de bem não é mentira? Indignamo-nos dos que trocaram a Christo por um malfeitor e do que o vendeu por tão vil preço; o será bem que nós o troquemos e vendamos ainda mais vil e affrontosamente?

Acto de arrependimento.

Ah, Senhor que só o vosso amor pode ser o remedio das loucuras do nosso. Remediae tantas cegueiras, remediae tantos desatinos, remediae tantas perdições. E pelo amor com que nos amastes no fim, tenha hoje fim todo o amor que não é vosso. Esta é, amoroso Jesus, esta é só a mercê que por despedida vos pedimos n'esta ultima hora vossa. Lembrae-vos, Amante divino, que estais nos ultimos trances da vida. Não vos esqueçais de nós em vosso testamento. A esmola que pedimos a vossa misericordia como pobres, é que nos deixeis alguma parte do vosso amor, para que de todo o coração vos amemos. Oh quanto nos peza n'esta hora e para sempre de vos não ter amado como devíamos! Nunca mais, Senhor, nunca mais. Só a vós havemos de amar de hoje em diante; e posto que em vós concorram tantos motivos de amor e tão soberanos, só a vós, e por serdes quem sois. Assim o promellemos firmemente a vosso amor, e assim o confessarmos de vossa graça, e só para que vos amemos eternamente na gloria.

(Ed. ant. tom 3., pag. 333; ed. mod. tom. 7., pag. 33).

II. SERMÃO DO MANDATO **

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1645

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Este sermão está dividido em dous pontos não paralelos, mas subordinados de maneira que o primeiro serve de degrau para o segundo. Só o desenvolvimento do primeiro ponto podia dar largo campo a todo o discurso com unidade e divisão de assunto muito bem deduzidas e conformes aos preceitos da oratoria. Contudo o alto ingenho de Vieira não se contentou com isto e remontou-se com voo mais sublime a novos encarecimentos do mesmo assunto, considerando-o sob outro reapeito. Parece porém que n'esta segunda parte podia ser mais pratico e popular, como o está pedindo o seu thema.

*Sciens Jesus quia venit hora eius
ut transeat ex hec mundo ad patrem
cum dilexisset suos qui erant in mun-
do, in finem dilexit eos.*

S. JOAN. 13.

Considerando eu com alguma attenção os termos tão singulares d'este amoroço evangelho e ponderando a harmonia e correspondencia de todo o seu discurso, tantas vezes e por tão ingenhosos modos deduzido, vim a reparar «no estudo e na diligencia com que nos mysterios da ultima ceia o evangelista vai notando a sciencia de Christo, e Christo faz notar a ignorancia dos homens.»

Consideração
dos myste-
rios da ceia.

Sabia Christo (diz S. João) que era chegada a sua hora de passar d'este mundo ao Padre: *Sciens quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem.* Sabia que tinha depositados em sua mão os thesouros da omnipotencia, e que de Deus via-
ra e para Deus tornava: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, et quia a Deo exiit et ad Deum vadit.* Sabia que entre os doze que tinha assentados á sua mesa estava um que lhe era infiel, e que o havia de entregar a seus inimigos: *Sciebat enim quisnam esset qui tradiceret eum.* Aléqui mostrou o evangelista a sabedoria de Christo «nos amoroços mysterios da ultima ceia.» D'aqui a deante continha Christo a mostrar a ignorancia dos homens «nas apreciação dos mesmos mysterios.» Quando S. Pedro não queria consentir que o Senhor lhe lavasse os pés,

Sciencia
de Christo e
ignorancia dos
homens.

declarou-lhe o divino Mestre a sua ignorancia, dizendo: *Quod ego facio, tu nescis «modus»*: o que eu faço, Pedro, tu não o sabes «agora». Depois de acabado aquelle tão portentoso exemplo de humildade, tornou a se assentir o Senhor e voltando-se para os discípulos disse-lhes: *Scitis quid fecerim robus?* Sabeis por ventura o que acabei agora de vos fazer? Aquella interrogação emphatica tinha força de afirmação; e perguntar *sabéis?* foi dizer que não sabiam. De maneira que na primeira parte do evangelho o evangelista attendeu a mostrar a sabedoria de Christo, e Christo na segunda a mostrar a ignorancia dos homens.

*Na mesma
sciencia e igno-
rancia se
amou o amor
de Christo.*

Mas se o fim e o intento de ambos era o mesmo: se o fim e o intento de Christo e do evangelista era manifestar gloriosamente ao mundo as finezas do seu amor; porque razão o evangelista se emprega todo em ponderar a sabedoria de Christo e Christo em advertir a ignorancia dos homens? A razão que a mim me ocorre, e eu tenho por verdadeira e bem fundada, é porque as duas suposições em que mais apuradamente se afirmou o amor de Christo hoje, foram, da parte de Christo a sua sciencia e da parte dos homens a nossa ignorancia. Para que o mundo levante o pensamento de considerações vulgares e comece a sentir altamente das finezas do amor de Christo, como elles merecem, adviria-se (diz o evangelho) que Christo amou, sabendo «o que fazia em amar aos homens»; e adviria-se (diz Christo) que os homens foram amados, ignorando o que pretendia o meu amor. *Sciens Jesus quia venit hora ejus. Scitis quid fecerim robus?* Está proposto o pensamento, mas bem vejo que não está declarado. Em conformidade e confirmação d'elle pretendo hoje mostrar «quaes foram as finezas do amor de Christo, supposta a sua sciencia e a nossa ignorancia. Dae-me attenção; porque nunca houve argumento que a merecesse mais.

*O amor que ha-
entre os
homens é mais
ignorante
que amor.*

II. «Digo primeiramente que só Christo amou em amor verdadeiro, porque amou sabendo o que fazia em amar aos homens.» Para intelligencia d'esta amorosa verdade havemos de suppor outra não menos certa; e é que, no mundo e entre os homens, isto que vulgarmente se chama amor, não é amor, é ignorancia. Pintavam os antigos ao amor menino; e a razão, dizia eu o anno passado, que era, porque nenhum amor dura tanto que chega a ser velho. «Mas deve-se acrescentar que» o amor se pinta sempre menino, porque ainda que passo dos septe annos, nunca chega a uso de razão. Usar de razão e amar são «vulgarmente» duas cousas que não se ajuntam. A alma de um menino que vem a ser? Uma vontade com afectos e um intendimento sem uso. Tal é amor vulgar. Tudo conquista amor quando conquista uma alma; porém o primeiro a ren-

der-se» é o intendimento. Ninguem teve a vontade febricitante, que não tivesse o intendimento phrenetico. Nunca o fogo abraçou a vontade, que o fumo não cegasse o intendimento. Nunca houve infermidade no coração, que não houvesse fraqueza no juizo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendavam os olhos. E como o primeiro efeito, ou a ultima disposição do amor é cegar o intendimento, d'aqui vem que isto que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorancia; e quantas partes tem de ignorancia tantas lhe faltam de amor. Quem ama, porque conhece, é amante: quem ama porque ignora, é nescio. Assim como a ignorancia na offensa diminui o delicto, assim no amor diminui o merecimento. Quem ignorando offendeu, em rigor não é delinquente; quem ignorando amou, em rigor não é amante. E como a sciencia ou ignorancia é a que dá ou tira o ser, e a que diminui ou accrescenta a perfeição do amor, por isso o evangelista S. João se funda todo em mostrar o que Christo sabia para provar o que amava: *Sciens quia venit hora ejus... in finem dilexit eos.*

Quatro ignorancias podem concorrer em um amante que diminuam muito a perfeição e merecimento de seu amor: ou porque não se conhece a si, ou porque não conhece a quem ama, ou porque não conhece o amor, ou porque não conhece o fim onde ha de parar amando. Se não se conhecesse a si, talvez empregaria o seu pensamento onde o não havia de pôr, se se conhecera. Se não conhecesse a quem amava, talvez quereria com grandes finezas a quem havia de abhorrecer, se o não ignorara. Se não conhecesse o amor, talvez se empenharia cegamente no que não havia de emprehender, se o soubera. Se não conbecessse o fim em que havia de parar amando, talvez chegaria a padecer os damnos a que não havia de chegar, se os previra. Todas estas ignorancias que se acham nos homens, em Christo foram sciencias; e em todas e em cada uma crescem os quilates de seu extremado amor. Conhecia-se a si, conhecia a quem amava, conhecia o amor, e conhecia o fim onde havia de parar amando. Tudo notou o evangelista. Conhecia-se a si, porque sabia que não era menos que Deus, Filho do Eterno Padre. *Sciens quia a Deo exiret:* Conbecia a quem amava, porque sabia quão ingratos eram os homens e quão crueis haviam de ser para com elle: *Siebat enim quisnam esset qui tradiceret eum.* Conhecia o amor e bem á custa do seu coração pela larga experiença do que tinha amado: *Cum dilexisset suos.* Conhecia finalmente o fim em que havia de parar amando, que era de morte e tal morte: *Sciens quia venit hora ejus.* E que conhecendo-se Christo a si, conhecendo a quem amava, conhecendo o amor e

Quatro ignorancias que nos outros amantes diminuem o amor e quanto sciencias que em Christo o aumentaram.

Joan 13

conhecendo o fim cruel em que havia de parar amando; amasse com tudo? Grande excesso de amor: *In finem dilerit!* Para que conheçamos quanto grande e quanto excessivo foi, vamos-o ponderando por partes em cada uma d'estas circumstancias de sciencia.

I.º Christo conhecia-se a si.

III. Primeiramente foi grande o amor de Christo, porque nos amou conhecendo-se: *Sciens quia a Deo exiret.* Que conhecendo-se Christo a si nos amasse a nós, grande e desusado amor. Em quanto «aquele celebre troiano», ignorante de si e da fortuna de seu nascimento, guardava as ovelhas do seu rebanho nos campos do monte Ida, dizem as historias humanas que era objecto dos seus cuidados uma formosura rustica d'aquelles vales. Mas quando o enoberto principe se conheceu e soube que era filho do rei de Troia; como deixou o cajado e o surrão, trocou tambem de pensamento. Amava humildemente em quanto se teve por humilde: tanto que conheceu quem era, logo descondeceu a quem amava. Como o amor se fundava na ignorancia de si, o mesmo conhecimento que desfez a ignorancia, acabou tambem o amor. Desamou principe o que tinha amado pastor: porque, como é falta de conhecimento proprio nos pequenos levantar o pensamento, assim é affronta da fortuna nos grandes abater o cuidado. Ah Principe da gloria, que assim parece vos havia de succeder comvoseco; mas não foi assim! Quem ouvisse dizer que nos amava o Filho de Deus com tanto extremo, parece que poderia pôr em duvida se o Senhor se conhecia, ou vivia ignorante de quem era? Pois para que a verdade de nossa fé não perigue nos extremos de seu amor, e para que o mundo não caiá em tal engano, saibam todos (diz o evangelista) que Christo amou e amou tanto, *In finem dilerit;* mas saibam tambem que juntamente conhecia quem era: *Sciens quia a Deo exiret.*

Como o que conhecendo-se por pôr em duvida se o Senhor se conhecia, ou vivia ignorante de quem era?

Surpresa do c. 1 dos can-tares.

Cont. 1

Se Christo não se conhecera, não fôra muito que nos amasse: mas amar-nos, conhecendo-se, foi tal excesso, que parece que o mesmo amar-nos foi desconhecer-se. Disse uma vez «uma» esposa a seu esposo, que o amava muito. E que lhe responderia o esposo? Formosissima de todas as mulheres, desconhecei-vos? *Si ignoras te, o pulcherrima inter mulieres.* Notavel resposta! De maneira que quando a esposa afirma ao esposo que o ama, este lhe pergunta se se desconhece. Esposo discreto e amado, que modo de responder é esse; e que consequencia tem esta vossa resposta? Quando a esposa vos assegura o seu amor, vós duvidais-lhe o seu conhecimento; e quando affirma que vos ama, perguntais-lhe se se desconhece? Sim: porque conforme a alta estimação que o esposo fazia dos merecimentos da esposa, afirmar ella que o amava tanto, era grande razão para du-

vidar se se não conhecias. Como se dissera o esposo: Vós dizeis que me amais? Pois eu digo que vos não conhecéis: porque se vos conhecéis a vós, como é possível que me ameis a mim? Foi necessário que a vós vos faltasse o conhecimento, para que a mim me sobejasse a ventura. O amor da minha indignidade vem a parecer ignorância de vossa grandeza: porque se não deixareis de vos conhecer, como vos abaterieis a me amar?

Isto que antigamente disse Salomão á princeza do Egypto, podemos nós dizer com mais razão ao verdadeiro Salomão, Christo, á vista dos extremos de seu amor: *Si ignoras te.* É isto amor, Deus meu, ou ignorância? Amais-nos ou desconheceis-vos? Verdadeiramente parece que vos esqueceis de quem sois, e que vos tirais da memoria para vos meter na vontade. Oh que alta e profundamente considerou hoje S. Pedro estes dous extremos, quando com assombro do céu, vos viu deante de si com os joelhos em terra: *Tu mihi!* Vós a mim? Vós a Pedro? Parece, Senhor, que nem vos conhecéis a vós, nem me conhecéis a mim. Mas o certo é que a vós vos conhecéis e a mim amais. E é tão grande vossa sabedoria em conhecer estas desproporções, como vosso amor em ajuntar estas distâncias. Mas em amor infinito bem podem caber distâncias infinitas. Assim o provam as mãos de Deus «lavando» os pés dos homens: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus... coepit lavare pedes discipulorum.*

IV. A segunda ignorância que tira o merecimento ao amor é não conhecer quem ama a quem ama. Quantas cousas ha no mundo muito amadas, que, se as conhecera quem as ama, haviam de ser muito abhorrecidas! Graças logo ao engano e não ao amor. Serviu Jacob os primeiros septe annos a Labão, e ao cabo d'elles em vez de lhe darem a Rachel, deram-lhe a Lia. Ah enganado pastor e mais enganado amante! Se perguntarmos à imaginação de Jacob por quem servia? responderá que «pela sua» Rachel. Mas se fizermos a mesma pergunta a Labão que sabe o que é e o que ha de ser, dirá com toda a certeza que serviu por Lia, e assim foi. Serviu por quem servis, não servis por quem cuidais. Cuidais que os vossos trabalhos e os vossos desvellos são por «uma» Rachel amada, e amais e trabalhais e desvelli-vos por «uma» Lia aborrecida. Se Jacob soubera que servia por Lia, não servira septe annos, nem septe dias. Serviu logo ao engano e não ao amor, porque serviu por quem não amava. Oh quantas vezes se representa esta historia no theatro do coração humano, e não com diversas figuras, senão com a mesma! A mesma que na imaginação é Rachel, na realidade é Lia: e não é Labão o que engana a Jacob, senão Jacob o que

Applicada a
Christo.

2.º Christo nos
conhecia tam-
bem a nós. Não
nos ama por
engano como
Jacob
amou a Rachel.

se engana a si mesmo. Não assim o divino amante, Christo. Não serviu por Lia debaixo da imaginação de Rachel ; mas amava a Lia conhecida como Lia. Nem a ignorancia lhe roubou o merecimento ao amor, nem o engano lhe trocou o objecto ao trabalho. Amou e padeceu por todos e por cada um, não como era bem que elles fossem, senão assim como eram. Pelo inimigo sabendo que era inimigo, pelo ingrato sabendo que era ingrato, e pelo traidor sabendo que era traidor: *Sciebat quosnam esset qui traderet eum.*

Em geral os homens não sabem o que amam.

D'este discurso se segue uma conclusão tão certa como ignorada, e é que os homens não amam aquillo que cuidam que amam. Porque? Ou porque o que amam não é o que cuidam; ou porque amam o que verdadeiramente não ha. Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima e não vidros : quem ama defeitos cuidando que são perfeições, perfeições ama e não defeitos. Cuidais que amais diamantes de firmeza, e amais vidros de fragilidade ; cuidais que amais perfeições angelicas, e amais imperfeições humanas. Logo os homens não amam o que cuidam que amam. D'onde também se segue que amam o que verdadeiramente não ha ; porque amam as cousas não como são, senão como as imaginam ; e o que se imagina e não é, não o ha no mundo.

Só o amor de Christo é sabio.

Não assim o amor de Christo, sabio sem engano. *Cum dilexisset suos qui erant in mundo.* Notae o texto e a ultima clausula d'elle, que parece superflua e ociosa: Como amasse os seus que havia no mundo. Os homens amam as cousas como as imaginam ; e as cousas como elles as imaginam, bavel-as-ha na imaginação ; mas no mundo não as ha. Pelo contrario Christo amou os homens como verdadeiramente eram no mundo, e não como enganosamente podiam ser na imaginação. Não amou Christo os seus, como vós amais os vossos. Vós amais-os, como são na vossa imaginação e não como são no mundo. No mundo são ingratos, na vossa imaginação são agradecidos: no mundo são traidores, na vossa imaginação são leaes: no mundo são inimigos, na vossa imaginação são amigos. E amar ao inimigo cuidando que é amigo, e ao traidor cuidando que é leal, e ao ingrato cuidando que é agradecido, não é fineza, é ignorancia. Por isso o vosso amor não tem merecimento, nem é senão engano. Só o de Christo foi verdadeiro amor e verdadeira fineza ; porque amou os seus como eram e com inteira sciencia do que eram : ao inimigo sabendo o seu odio, ao ingrato sabendo a sua ingratidão e ao traidor sabendo a sua deslealdade: *Sciebat enim quosnam esset qui traderet eum.*

Maior fineza do amor de Christo a respeito de Judas.

Mas se esta sciencia de Christo era universal em respeito de

todos os discípulos (que eram os seus que havia no mundo), porque nota mais particularmente o evangelista o conhecimento d'esta mesma ciência em respeito de Judas, advertindo que sabia o Senhor qual era o que o havia de entregar? Tão inteiramente conhecia Christo a Judas como a Pedro e aos demais. Mas notou o evangelista com especialidade a ciência do Senhor em respeito de Judas, porque em Judas mais que em nenhum dos outros campeou a fineza do seu amor. Os outros discípulos sabia Christo que o amavam e sabia que o haviam de amar até dar a vida por elle. Porque o amavam, tinha o seu amor causa; e porque o haviam de amar, tinha fructo. Pelo contrario Judas nem amava a Christo, porque o vendia; nem o havia de amar, porque havia de perseverar obstinado até á morte; e amar o Senhor a quem o não amava, nem o havia de amar, é amar sem causa e sem fructo, e por isso a maior fineza. Amar ingratidões conhecidas, cousa é que algumas vezes se acha no amor. Mas ninguem amou uma ingratidão sabida, que abri mesmo não amasse um agradecimento esperado. Só Christo foi tão fino e tão amante, que amou sem correspondencia, porque amou a quem sabia que o não amava, e sem esperança, porque amou a quem sabia que o não havia de amar. Amar com razões de amar, isso fazem todos: mas amar com razões de aborrecer, só o faz Christo. Fez das offensas obrigações e dos agravos motivos: porque era obrigação do seu amor chegar á maior fineza: *In finem dilexit.*

V. A terceira circunstancia de ciência que grandemente subiu de ponelo o amor de Christo, foi o conhecimento que tinha do mesmo amor. Christo conhecia todas as cousas com tres sciencias altissimas: com a ciência divina, como Deus; com a ciência beata, como bemaventurado; com a ciencia infusa, como cabeça do genero humano e redemptor do mundo. O amor ainda o conheceu com outra quarta ciência que foi experimental e adquirida; porque, assim como diz S. Paulo, que apprendeu a obedecer, padecendo, assim apprendeu a amar, amando. E isto é o que ponderou muito S. João, advertindo que amou, tendo amado: *Cum dilexisset, dilexit.*

Questão é curiosa n'esta philosophia qual seja mais precioso e de maiores quilates; se o primeiro amor ou o segundo? Ao primeiro ninguem pode negar que é o primogenito do coração, o morgado dos affectos, a flor do desejo e as primicias da vontade. Com tudo eu reconheço grandes vantagens no amor segundo. O primeiro é bisonho, o segundo é experimentado: o primeiro é apprendiz, o segundo é mestre: o primeiro pode ser impeto, o segundo não pode ser senão amor. Emfim o segundo

3.^a Christo co-
nhecia
o que é amor.

Qual amor é
mais precioso:
o primeiro
ou o segundo?

P. 103.

occasum suum. O sol conheceu o seu occaso. Poucas palavras, mas dificultosas. O sol é uma criatura irracional e insensivel. Pois se o sol não tem intendimentos, nem sentidos, como diz o propheta que o sol conheceu o seu occaso: *Sol cognovit occasum suum?* O certo é (diz Agostinho) que debaixo da metáphora do sol material, fallou David do Sol divino, Christo, que só é o sol com intendimento. E porque ambos foram mui parecidos em correr ao seu occaso, por isso retratou as finezas de um nas insensibilidades do outro. Se a luz do sol fôra verdadeira luz de conhecimento; e o occidente, onde se vai pôr o sol, fôra verdadeira morte; não nos causara grande admiração ver que o sol, conhecendo o lugar de sua morte, com a mesma velocidade com que sobe ao zenith se precipitasse ao occidente? Pois isto foi o que fez aquelle Sol divino: *Sol cognorit occasum suum.* Conheceu verdadeiramente o Sol divino o seu occaso; porque sabia determinadamente a hora em que, chegando aos ultimos horizontes da vida, havia de passar d'este ao outro hemispherio: *Sciens quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo.* E que sobre este conhecimento certo do fim cruel a que o levava seu amor, caminhasse, sem fazer pé atraz, tão animoso ao verdadeiro e conhecido occaso, como o mesmo sol material que não morre nem conhece; grande resolução e valentia de amor! Não só conhecer a morte e ir a morrer; mas ir a morrer conhecendo-a, como se a ignorara.

Porque permitiu nosso Senhor que na Passão lhe cobrissem os olhos?

Luc. 22.

Este é o segredo que encobria aquelle véu, ou aquelle misterioso eclipse, com que o amor hoje cobriu os olhos a Christo por mãos de seus inimigos: *Velaverunt eum et percutiebant faciem eius.* Que sellresse o Senhor outros tormentos, não me espanto; que a tudo se oferece quem sobre tudo ama. Mas de permitir que lhe cobrissem os olhos, parece que não só se podia offendr a sua paciencia, sendo muito mais seu amor. Pois porque permite o Senhor que lhe cubram e vendem os olhos? Porque esta foi a destreza com que o amor de Christo soube equivocar a sciencia com a ignorancia. Fez que amasse de tal maneira com os olhos abertos, como se amara com os olhos fechados: que amasse de tal maneira sabendo, como se amara ignorando: *Velaverunt eum.* Conhecia-se Christo a si, e amou como se o não soubera: tinha experimentado o amor, e amou como se o não experimentara: previu o fim a que havia de chegar amando, e amou como se o não previra. E porque amou sabendo, como se amara ignorando, por isso só elle amou e soube amar finamente: *Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset Ihesus qui erant in mundo, in finem dilexerit eos.*

Temos considerado o amor de Christo pelas advertências de S. João. Consideremo-l-o agora pelas advertências do mesmo S. João, que, como quem o conhecia melhor, serão as mais claras e mais profundas. Parece que hoje o maior amor amado, Christo e S. João, apostaram em ensinamentos do mesmo amor; e depois que S. João faleceu, adverlindo que Christo amara sabendo: «...não é essa a maior circunstância que sobreveio?». Se os homens querem saber a fineza daquela afirmação, não a ponderem «sómente» pela minha saudade de S. João, mas também pela sua ignorância. Amei os homens, porque os amei sabendo eu tudo: mas muito mais que os amei, porque os amei ignorando elles quanto eu ignorava. Por mais que os homens façam discursos e levantem pensamentos, nunca poderão chegar a conhecer o amor com que os amou Christo, nem em quanto Deus, nem em quanto homem. E que se resolva Christo a amar a quem não só lhe não havia de pagar o amor, mas nem ainda o havia de conhecer! Que não haja de ter o meu amor não só a satisfação de pago, mas nem ainda o alívio de conhecido! Esta foi a maior valentia do coração amoroso de Christo; e esta a maior dificuldade por que rompeu a força do seu amor.

E senão façamos esta questão: Que é o que mais deseja e mais estima o amor, vêr-se conhecido, ou vêr-se pago? É certo que o amor não pôde ser pago sem ser primeiro conhecido: mas pode ser conhecido sem ser pago; e considerando divididos estes dous termos, não ha dúvida que mais estima o amor e melhor lhe está vêr-se conhecido que pago. Porque o que o amor mais pretende é obrigar: o conhecimento obriga, a paga desempenha: o conhecimento aperta as obrigações, a paga e o desempenho desalisa-os: logo muito melhor lhe está ao amor vêr-se conhecido que pago. Na satisfação do que o amor recebe, pode ser o afecto interessado: na satisfação do que comunica, não pode ser senão liberal: logo mais deve estimar o amor ter segura no conhecimento a satisfação da sua liberalidade, que vêr duvidosa na paga a fidelidade do seu desinteresse. O mais seguro crédito de quem ama é a confissão da divida no amado. Mas como ha de confessar a divida, quem a não conhece? Mais lhe importa logo ao amor o conhecimento que a paga: porque a sua maior riqueza é ter sempre individuado a quem ama. Quando o amor deixa de ser acrédito só então é pobre. Finalmente, ser tão grande o amor que se não possa pagar, é a maior gloria de quem ama: se esta grandeza se conhece, é gloria manifesta; se não se conhece, fica escurécida, e

O amor de Christo se afina mais na ignorância dos homens.

Todo o amor deseja ser conhecido.

não é gloria. Logo muito mais estima o amor e muito mais deseja e muito mais lhe convém a gloria de conhecido, que a satisfação de pago. Baste de razões: vamos á Escriptura.

Isto foi o que
Abrahão mais
desejou no seu
sacrificio.

Gen. 22.

A maior façanha do amor humano foi aquella animosa resolução com que o patriarcha Abrahão, antepondo o amor divino ao natural e paterno, determinou tirar a vida a seu proprio filho. Teve Deus mão na espada ao «fiel» e amorissimo servo seu; e o que lhe disse immediatamente foi: *Nunc cognoci quod timeas Deum.* Agora conheço Abrahão que me amas. Isto quer dizer aquelle *timeas* em phrase da Escriptura, e assim o trasladam muitos e interpretam todos: *Nunc cognoci quod diligis Deum.* Depois d'isto apareceu alli om cordeiro grande, embraçado entre umas sarças, que deu alegre lim ao não imaginado sacrificio: o qual acabado, tornou Deus a fallar a Abrahão e disse-lhe: *Quia fecisti hanc rem benedicam tibi et multiplicado semen tuum sicut stellas coeli:* em premio d'esta acção que fizeste, será tua geração bendicta, multiplicarei teus descendentes como as estrelas, nascerá de ti o Messias. Este foi historialmente o caso: reparemos agora n'elle. Duas vezes fallou Deus aqui com Abrahão e duas eousas lhe disse: uma logo quando lhe deteve a espada, e outra depois. A que lhe disse logo foi, que conhecia que o amava. O que lhe disse depois foi, que lhe premiaria liberalmente aquella acção. Pois pergunto: Porque diz Deus a Abrahão em primeiro logar que conhecia o seu amor e no segundo que o premiaria? E já que dilatou para depois a promessa do premio, porque não dilatou tambem as certificações do conhecimento? Fallou Deus como quem conhece os corações, e sahe o que mais estima quem verdadeiramente ama. Primeiro certificou a Abrahão de que conhecia seu amor, e reservou para depois o assegurar-lhe que o bavia de premiar, porque como Abrahão era tão verdadeiro e fino amante, mais estimava ver o seu amor conhecido que pago. As promessas do premio dilataram-se embora; mas as certificações do conhecimento déem-se logo e no mesmo instante: porque mais facilmente sofrerá um grande amor as dilações ou esperanças de pago, que as duvidas de conhecido. E que estimando o amor sobre tudo ver-se conhecido; e não conhecendo os homens o amor de Christo (antes sendo impossivel conhecê-lo como elle é); vencesse seu amor esta dificuldade e atropelasse este impossivel, e apezar d'elle e de si mesmo amasse? Estupenda resolução de amor!

Isto mesmo
desejou a Es-
posa
dos canários.

Muijo custou a Christo amar-nos, muito padeceu amando-nos: porém a mais rigorosa pena, a que o condenou seu amor, foi que amasse a quem o não havia de conhecer. Isto é o que mais sente, isto é o que mais lastima a quem ama. Dous desmaios

ou dous accidentes grandes padeceu a Esposa dos cantares, causados ambos de seu amor. Houve-se porém n'estes dous accidentes com diferença mui digna de consideração e reparo. No primeiro accidente disse : *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo:* accudi-me com confortativos, trazei-me rosas e flores ; porque estou inferma de amor. No segundo diz : *Adjuro vos, filiae Jerusalem, si inveneritis dilectum, ut nuntietis ei quia amore langueo:* pelo que vos mereço, filhas de Jerusalém, que busqueis a meu amado e lhe façais a saber que estou inferma de amor. Notável diferença ! Se a Esposa em ambos os casos estava igualmente inferma de amor ; porque razão no primeiro accidente pedia remedios e confortativos, e no segundo não ? E se no segundo não teve cuidado de pedir remedios ; porque encommenda com tanto encarecimento às amigas e lhe pede juramento de que o façam a saber a seu Esposo ? Não se podia melhor pintar a verdade do que dizemos. No primeiro accidente «a Esposa não tinha razão de duvidar que o Esposo conhecesse o seu amor, e no segundo sim. Foi o Esposo uma noite bater à porta da Esposa em quanto estava recolhida : e porque esta lhe respondeu com esquivanças e não lhe abriu logo, o Esposo se retirou e passou a outra parte: *Pessulum ostii mei aperui dilecto meo; at ille declinaverat atque transierat.* Esta era a magua da Esposa : estar inferma de amor e parecer-lhe que o Esposo a julgava desamorada. Por isso em vez de dizer, no segundo accidente, que accudam com remedios a seu mal ; diz que accudam com notícias a seu Amado ; porque não lhe doia tanto a sua dor porque ella a padecia, quanto porque «parecia» que elle a ignorava. O mesmo foi em Christo.

No psalmo 34 conforme o texto grego «e algumas versões latinas» diz assim o Filho de Deus : *Congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt:* cairam sobre mim tantos açoites, e ignoravam. Para intelligencia d'este affecto havemos de suppôr que «um dos maiores e mais sentidos tormentos de sua paixão foi» o dos açoites. Bastava a razão por prova; mas o mesmo Senhor o declarou, quando descobriu aos discípulos o que havia de padecer : *Tradetur gentibus, et illudetur, et flagellabitur, et conspuetur; et postquam flagellaverint, occident.* Em todos os outros tormentos e na mesma morte fallou só uma vez : porém o tormento dos açoites repetiu-o duas vezes; porque o que mais sente o coração, naturalmente sai mais vezes à boca. Diz pois o Senhor: Cairam sobre mim tantos açoites, e ignoravam: *congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt.* Affligido Jesus, que termos de falar são estes? Se foram os açoites o tormento de vós mais sentido, parece que hacieis de dizer: Cairam sobre

Cont. 2

Ibid. 3.

Ibid.

*Quem de Christo
ato no psalmo
34 relativa
a esta ignoran-
cia.*

Vida Calvina.

mim os açoites : oh como os senti ! oh como me alormentaram ! Mas em vez de dizer que os sentiu, queixa-se o Senhor de que os ignoravam : porque no meio dos maiores excessos de seu amor o que mais alormentava o coração de Christo não era o que elle padecia, senão o que os homens ignoravam : *Et ignoraverunt.* Não se queixa dos açoites e queixa-se da ignorancia, porque os açoites affrontavam a pessoa, a ignorancia desacreditava o amor. E quem ama com tanto extremo que quiz comprar os creditos de seu amor á custa das affrontas de sua pessoa, que visse emsim a pessoa affrontada e o amor não conhecido, oh que insossírvil dôr ! E porque esta falta de conhecimento é o que mais sente e mais deve sentir quem ama, por isso ponderou Christo a fineza de seu amor não «sómente» pela circunstancia da sua scienza, senão «tambem» pela da nossa ignorancia : *Quod ego facio, tu nescis modo. Scitis quid fecerim eobis?*

Comendo toma
na cruz as
nossas ignoran-
cias por des-
culpa da nossa
ingratidão

Lxx. 23.

VIII. Mas sendo assim que as ignorancias dos homens eram por uma parte o maior sentimento e por outra o maior credito do amor de Christo, usou o mesmo amor tão finamente d'ellas que tomou estas mesmas ignorancias por «desculpa da nossa ingratidão.» Suhindo Christo à cruz, isto é, ao throno de seu amor, no mais publico theatro d'elle, que foi o calvario, a primeira palavra que fallou foi esta : *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt.* Eterno Pae, perdoae aos homens, porque não sabem o que fazem. Porque não sabem o que fazem, Perdoador amoroso ? E sabe o vosso amor o que vos obriga «a parecer» n'esta razão que allegais ? Se a nossa ignorancia «desculpa a nossa ingratidão,» tambem vos faz «parecer» menos amante ; porque na pedra da ingratidão afia o amor as suas settas, e quanto a dureza é maior, tanto mais as afina. Como formais logo desculpas a nossas ingratidões, d'onde podieis crescer motivos a vossas finezas ? Cuidei que linha dictio a maior de todas : mas esta foi a maior. Chegou Christo a diminuir o credito de seu amor para dissimular e descobrir os defeitos do nosso ; e quiz parecer menos amante, só para que nós parecessemos menos ingratos. Mas por isso mesmo veio a não ser assim ; e onde arriscou o amor de Christo a sua opinião, d'ali saiu com ella mais acreditada ; porque não pôde chegar a maior fineza um amante, que a estimar mais o credito do seu amado, que o credito do seu amor.

E também no
presépio.

Bid. 2.

«Outro» exemplo d'este primor «lão inaudito.» Nasceu Christo em um presepio : e diz por bocea do evangelista que nasceu alli, porque não havia logar na cidade : *Quia non erat ei locus in diversorio.* Evangelista sagrado, não digais tal cousa : seria

essa a occasião; mas não foi essa a causa. Nasceu Christo em um presepio, porque foi tão amante dos homens, que logo quiz padecer por elles aquelle desamparo; e nasceu fora da cidade, porque foram os homens tão duros e tão ingratos, que lhe não quizeram dar abrigo dentro em Belem. Pois se o amor de Christo e a ingratidão dos homens foram a causa; porque se cala o merecimento de Christo, e a culpa que era dos homens se atribuí à occasião e ao tempo: *Quia non erat ei locus in diversorio?* O certo é que mais amante se mostrou Christo na causa que apontou, que no desamparo que padeceu. O que era eleição sua, quiz que parecesse necessidade; e o que era ingratidão nossa, quiz que parecesse contingencia; para que na contingencia ficasse dissimulada a ingratidão e na necessidade o amor. Assim amou no principio da vida e assim acabou no fim d'ella. Quiz parecer menos amante, para que os homens parcesssem menos ingratos.

IX. Este foi, christãos, o amor de Christo, esta a sciencia com que nos amou e a ignorancia sobre que somos amados. Tragamos sempre deante dos olhos «este mysterio»: tenhamos sempre na memoria (que o mesmo Senhor tanto nos recomendou n'este dia) a sua sciencia e a nossa ignorancia. Sirva-nos a sua sciencia de espertador para nunca deixar de amar; sirva-nos a nossa ignorancia de estímulo para sempre amar mais e mais a quem tanto nos amou. Como não havemos de amar sempre a quem sempre está vendo e conhecendo se o amamos? Como não havemos de amar muito a quem nos amou tanto, que jámais o poderemos alcançar nem conhecer? Oh que confusão tão grande será a nossa se bem considerarmos a força e a correspondencia d'esta «sua sciencia e d'esta nossa ignorancia!» Quando Christo perguntou tantas vezes a S. Pedro se o amava, respondeu elle altonito da pergunta: Bem sabeis vós, Senhor, que vos amo: *Domine, tu scis quia amo te.* Comparaes agora este *tu scis* de Pedro, dicto a Christo, com o *tu nescis* de Christo, dicto a Pedro. Quando Christo ama a Pedro, não sabe Pedro quanto o ama Christo: *Tu nescis.* Mas quando Pedro ama a Christo, sabe Christo quanto o ama Pedro: *Tu scis.* Oh que desproporção tão notável de amor e de sciencia! O amor de Pedro, sabido; o amor de Christo, ignorado. Se Christo não conhecera o amor dos homens, tivera o nosso amor essa «desculpa» nas suas tibiczas, e se os homens conhecerao o amor de Christo tivera o seu amor essa satisfação nos seus excessos. Mas que sendo o amor de Christo tão excessivo, não o conheciam os homens?! E que sendo o amor dos homens tão imperfeito, o conheça Christo?! Mui desegual a sorte é de ambos.

A sciencia de Christo e a nossa ignorancia nos devem mover a amar o cada vez mais.

Jean. 21.

Conclusão. Acto
do caridade.

O remedio que isto tinha, Senhor, era que vós e nós trocassemos os corações. Se vós nos amasseis com o nosso coração, proporcionado seria o amor e o merecimento; e se nós vos amassemos com o vosso, amar-vos-hiamos quanto mereceis. Mas já que isto não pôde ser, vós, que só vos conhecéis, vos amae; vós, que só conhecéis vosso amor, o pagae; e seja unica gloria vossa e sua, saber-se que só de vós pôde ser pago e só de vós conhecido. Assim o cremos, assim o confessamos, e prostrados aos pés de vosso amor lhe offerecemos uma eterna corda tecida «de confissões das nossas ignorancias e da nossa ingratidão, com louvores da vossa sciencia e das vossas finezas.» *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos.*

(Ed. ant. tom. 2.º pag. 371, ed. mod. tom. 6.º, pag. 139).

III. SERMÃO DO MANDATO **

PRÉGADO NA MISERICÓRDIA DE LISBOA ÁS 11 DA MANHÃ

Concorrendo no mesmo dia o da Incarnação. Anno de 1655

OBSEVAÇÃO DO COMPILADOR.—Vê-se em todos estes sermões do Mandato que o orador, seguindo o estylo dos sermões de festa, insiste mais na consideração do mystery que na sua applicação; e abunda mais de pensamentos delicados, ingenuos e por vezes poéticos, que de reflexões practicas. A razão é porque os mysteries que declara, fallam bastante ao coração dos ouvintes, para que por si mesmos com a unção do Espírito Santo tirem as conclusões de que precisam.

*Sciens quia a Deo exiit et ad Deum
vadit; cum dilexisset suos, in finem di-
lexit eos.*

S. JOAN. 43.

Grande dia! Grande amor! Depois que o Eterno se fez temporal também o amor divino tem dias. O evangelista João querendo-nos declarar a grandeza e grandezas do mesmo amor n'este dia, a primeira cousa que ponderou, com tão alto juizo como o seu, foi ser um dia antes «da Paschoa»: *Ante diem se-
stum Paschae.* Tanto pôde accrescentar qualites ao amor a reflexão ou circumstancias dos dias! E que farci eu? Dous dias hei de combinar também hoje, e não livremente ou por eleição propria e minha, senão por obrigação forçosa dos mesmos dias. Assim como depois de longo círculo de annos se encontram e ajuntam dous planetas a fazer uma conjuncção magna, assim no anno presente concorrem e se ajuntam hoje no mesmo dia os dous maiores mysteries e os dous maiores dias, o dia da Incarnação do Verbo e o dia da partida do mesmo Verbo incarnado. O dia da Incarnação do Verbo: *Sciens quia a Deo exiit,* que foi o principio do seu amor para com os homens, *Cum
dilexisset suos;* e a partida do mesmo Verbo incarnado, *Et ad
Deum vadir,* que foi o fim «e o remate» do mesmo amor, *In fi-*

O dia da Incar-
nação e o dia
Instituição do
SS. Sa-
cramento.

nem dilexit eos. «Tão breve, sublime e elegantemente soube o sagrado evangelista resumir no texto citado o amor de um e outro dia.»

O psalmo 48 interpretado por Santo Agostinho
(Serm. 30 de Nat.)

Sap. 48.

Qual dos mysterios foi maior demonstração de amor.

Pt. II.

O reat propheta David, anlevendo em espirito estes dous dias, diz que o dia de hoje falla com o dia da Incarnação e o dia da Incarnação com o dia de hoje, e que ambos se intendem entre si e se respondem um ao outro: *Dies diei eructat Verbum.* Assim explica este famoso texto Sancto Agostinho. E se perguntarmos que é o que fallam estes dias, que devem de ser cousas muito dignas de se ouvir e saber, responde o mesmo David, que as noites dos mesmos dias nos dirão e declararão o que elles fallam: *Dies diei eructat Verbum; et nox nocti indicat scientiam.* Pois as noites hão de declarar o que dizem os dias? Sim: porque os mysterios do dia de hoje e do dia da Incarnação ambos se celebraram nas noites dos mesmos dias. Tanto silencio e reverencia era devido á majestade de tão divinos mysterios! Os do dia da Incarnação de noite: *Cum quietum silentium contineret omnia et nox in suo cursu medium iter haberet, omnipotens sermo tuus de coelo a regalibus sedibus prosiluit;* e os do dia de hoje lambem de noite: *Sciens quia a Deo eruit et ad Deum radit, surgit a coena... et coepit lavare pedes discipulorum.* As luzes a que se ha de ver toda esta famosa representação são as da fé: os logares um conaculo grande em Jerusalém e uma casa humilde, mas real, em Nazareth. E a questão ou problema qual será? Se foi maior «a manifestação do amor de Christo no dia da Incarnação, ou no dia de hoje.

Posto pois um dia defronte do outro dia e um mysterio á vista de outro mysterio, e «uma manifestação» de amor competindo com outra «manifestação», é certo, que nunca o amor divino se viu em mais glorioso theatro; pois saí a competir consigo mesmo. Nas outras comparações do amor divino com o amor dos homens, ou seja com o amor dos irmãos, ou com o amor dos paes, ou com o amor dos filhos, ou com o amor dos amigos, ainda que saia vencedor o amor de Christo, sempre fica aggravado na victoria, porque entra affrontado na competencia. Só hoje se vencer, será vencedor glorioso, porque tem competidor equal, e se venceu a si mesmo. Quando o seu amor se compara com outro amor «é gigante que compete com pygmeu»: mas quando se compara o amor de Christo com o amor do mesmo Christo, como fazemos hoje, é competir gigante com gigante. Assim o disse ou cantou o mesmo David: *Eruitur ut gigas ad currēdā viam.* Entrou «o amor de Christo na estacada como gigante; e que fez? Justou consigo mesmo. A primeira carreira foi do céu para a terra: *A summo*

coelo egressio eius: a segunda carreira foi da terra para o céu: Et occursus eius usque ad summum eius: e n'este encontro se cerrou a justa e se quebraram as lanças. É o mesmo que diz o nosso evangelho. A primeira carreira foi no dia da Incarnação, quando Verbo saiu do Padre, *A Deo exiit: a segunda carreira foi no dia de hoje, quando o mesmo Verbo tornou para o Padre, Et ad Deum vadit: na primeira carreira, «manifestação» de amor, Cum dilexisset suos: na segunda, «outra e final manifestação de amor», In finem dilerit eos. «Estas duas manifestações havemos de considerar e comparar hoje». Assistir-nos-ha com a graça quem foi presente em um e outro dia, e quem leve a maior parte em um e outro mysterio, que foi a Mãe do mesmo amor: *Mater pulchrae dilectionis.* Mas como invocaremos seu favor e patrocínio? Com as mesmas palavras com que também hoje a invocou o anjo: *Ave gratia plena.**

Ecccl. 24.

II. *Sciens quia a Deo exiit et ad Deum eadit cum dilexisset suos, in finem dilerit eos.* Fallou S. João como divino theólogo, e não só como quem tecia a historia, mas como quem compunha o panegyrico do amor de Christo. Quanto à substancia do amor, Christo Senhor nosso tanto nos amou no dia da incarnation, como no dia de hoje, e em todos os da sua vida; porque o seu amor é amor perfeito e não fôra seu, se assim não fôra. O amor dos homens ou mingua, ou cresce, ou pára: o de Christo não pode minigar, nem crescer, nem parar; porque é, foi e será sempre amor perfeito, e por isso sempre o mesmo e sem alteração nem mudança. Ama Christo em quanto homem, como ama em quanto Deus. Perguntam os theologos, como amou Deus a uns mais e a outros menos, se o seu amor (o qual senão distingue da sua essencia) é sempre um só e o mesmo, infinito, simplicissimo, inmutável? E respondem que a diferença ou desigualdade não está no amor, senão nos efeitos, porque a uns sujeitos faz Deus maiores bens que a outros. Os homens amamos os objectos pelo bem que teem: Deus ama-os pelo bem que lhes faz. E assim como julgamos a maioria do amor de Deus pelos efeitos, assim havemos de julgar também a do amor de Christo. Este é o fundamento solido e certo sobre que excitamos a nossa questão, e estes os termos de igual certeza com que a havemos de resolver. Nem d'aqui deve inferir ou cuidar a rudeza do nosso intendimento, que seria menos affectuoso, ou menos amoroso este modo de amar de Christo; porque assim como em Deus o fazer o bem se chama amor effectivo, e o querer-o fazer amor affectivo; assim no amor de Christo os afectos fôram a causa dos efeitos que veremos, e os efeitos a demonstração dos afectos. Vindo pois aos efeitos e demons-

Como é que
Deus ama a um
mais a
outros menos.

trações de um e outro amor no dia de hoje e no dia da Incarnação, parece que assim no numero como no modo os esteve medindo e proporcionando o mesmo amor, que n'elles se quiz igualar e vencer.

Lavar os pés e
deixar-se no
Sacramento
Sacramento fo-
ram maiores
provas de amor
que incarnar.

O concilio Nisseno no symbolo da fé, ponderando o amor de Christo na Incarnação, reduz os efeitos d'elle a douos extremos: descer do céu e fazer-se homem: *Qui propter nos homines et propter nostram salutem descendit de coelo; et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine; et homo factus est.* Isto diz o Espírito Santo no concilio fallando do dia da Incarnação. E fallando do dia de hoje, que é o que diz e pondera o mesmo Espírito Santo no evangelho? Outros douos efeitos e outros douos extremos: lavar os pés aos homens e deixar-se no Santissimo Sacramento. *Surgit a coena... et caput levare pedes discipulorum.* Suppostos de uma e outra parte este par de extremos, uns e outros não só admiraveis, mas estupendos, comparando-se «as manifestações do amor de Christo e competindo-se n'ellas o mesmo amor, que diremos ou que podemos dizer? Sem temeridade, nem temor digo e afirmo, que maiores foram «as manifestações» do dia de hoje, que as do dia da Incarnação. E porque? Perque se no dia da Incarnação foi grande extremo do amor descer Deus do céu à terra: muito maior extremo foi no dia de hoje lavar Christo os pés aos homens: e se fez grande extremo de amor no dia da Incarnação fazer-se Deus homem: muito maior extremo foi no dia de hoje deixar Christo seu Corpo no Sacramento para que o comessem os homens. Estes serão os douos ponctos do nosso discurso, em que elle descobrirá muito mais do que apparece no que está dicto.

Como a escada
de Jacob e li-
gura da Incar-
nação.
*Vide Gen. a
top. in Gen. 28.*

III. Tão grande e tão prodigiosa cousa foi descer Deus em pessoa do céu à terra, que visto de muito longe este mysterio não só causava admiração e espanto ao intendimento, mas horror e assombro á mesma fé. Via Jacob em sonhos aquella famosa escada que chegava da terra até o céu, pela qual subiam e desciam anjos, encostado e inclinado Deus no alto d'ella; e assombrado do que via, accordou com grito dizendo: *Terribile est locus iste: o que terrível, o que temeroso logar!* «Mas por que» Jacob accordou com tanto terror e tão notável assombro? Porque Deus lhe revelou que n'aquella escada era significado o mysterio altissimo da Incarnação do Verbo, e que para elle Jacob e os outros homens poderem subir ao céu, Elle Deus havia de descer do céu à terra. «Foram as palavras que Deus lhe disse no mesmo sonho: *Et benedicentur in te et in semine tuo omnes tribus terrae.*» E vendo Jacob que a majestade suprema de Deus deixando do modo, que o podia deixar o trono do

empyreo, havia de descer em pessoa do céu à terra, a revelação d'esta estupenda novidade que nunca entrou na imaginação humana, lhe causou tal horror e assombro, que accordou tremendo e gritando: *Terribilis est locus iste!* «Que a majestade infinita de» Deus houvesse de descer e abater-se tanto «que tomasse não já» a natureza angelica senão a humana; isto era o que assombrava a Jacob e lhe parecia cousa terrível.

La disse David que Deus tinha feito ao homem pouco menor que os anjos: *Minuisti eum paulo minus ab angelis.* Mas isto se intende «mais» no domínio «que» na natureza: porque deu Deus a Adão o senhorio e imperio de todos os animaes da terra, do mar e do ar, como logo declara o mesmo propheta: *Omnia subiecisti sub pedibus eius; oves et boves insuper et pecora campi, volvures caeli et pisces maris.* De maneira que no domínio e uso de todas as cousas criadas para serviço seu nos tres elementos, é o homem pouco menor que os anjos: porem no ser e nobreza natural, não só quanto á parte de barro, em que aparentamos com os brutos, senão ainda quanto a parte espiritual da alma e suas potencias em que imitamos a natureza angelica, não é o homem pouco menor, senão muito menor e muito inferior a qualquer anjo; e tanto mais, quanto for de mais superior jerarchia. A escada de Jacob tinha nove ordens de degraus que são as nove ordens de creaturas racionaes, que ha entre Deus e o homem, as quaes por outro nome chamamos nove coros dos anjos: e todos estes degraus desceu Deus, e os deixou e passou por elles para se unir com a natureza humana, que jazia em Jacob abajo de todos.

É o que ponderou S. Paulo n'aquellas palavras: *Nusquam angelos apprehendit, sed semen Abrahae apprehendit.* Porque diz S. Paulo que não tomou Deus a natureza angelica em nenhuma parte, *nusquam?* Porque tinha Deus nove partes em que a tomar: tres na primeira jerarchia, tres na segunda e tres na terceira. E essa foi a maravilha do mysterio da Incarnação, que por tomar Deus a natureza humana deixasse em tantas partes a angelica. Na primeira jerarchia deixou seraphins, cherubins, thronos: na segunda deixou potestades, principados, dominações: na terceira deixou virtudes, archanjos, anjos: e no homem que era no decimo, ultimo e intimo lugar, onde jazia Jacob, alli tomou a nossa natureza caida, para a levantar, e inferna, para lhe dar saude, que foi o fim para que tanto se abateu e desceu: *Qui propter nos homines et propter nostrum salutem descendit de cœlo.*

IV. Isto é o que n'este dia se obrou em Nazareth. Mudemos agora a scena, e ponhamo-nos no cenaculo de Jerusalem; e ve-

Como é que o
homem foi
feito pouco me-
nor que os
anjos.
Pr. 8.

Jerarchias an-
gelicas.
Hebr. 2.

Como se abaten
o Salvador
lavando os pés
aos seus
discípulos.

Gen. 41.

*E como o deus
acto
se aniquilou.*

Psl. 3.

remos com quanta maior razão se pode dizer d'aquele logar: *Terribilis est locus iste.* Despe-se Christo das roupas exteriores; cinge-se com uma toalha, deita agua em uma bacia, com suas proprias mãos. Intende-se d'estas acções que quer lavar os pés aos discípulos. E qual foi com esta vista o assombro, o pasmo, o horror com que as mesmas paredes do cenaculo parece que tremiam? Não estava aqui Jacob, mas estava Pedro; o qual mais fôra de si que no Thabór, exclamou dizendo: *Domine tu mihi laras pedes?* Vós Senhor a mim lavar os pés? Eternamente não consentirei tal causa: *Non lavabis mihi pedes in aeternum.* Já n'este primeiro movimento se vê quanto vai de dia a dia, e de mysterio a mysterio. Comparaem-me a S. Pedro com Jacob. Jacob depois que viu a escada e que Deus havia de descer por ella, desejava summamente que descesse: e em quanto tardava a vir lhe parecia uma eternidade: *Donec veniret desiderium collum aeternorum.* Pelo contrario Pedro, vendo que Christo lhe quer lavar os pés, não sofre nem consente em tal acção; antes diz resolutamente que a não consentirá por toda a eternidade: *Non lavabis mihi pedes in aeternum.* Se isto era amor e reverencia de Christo em Pedro, tambem Jacob o reverenciava e amava muito. Pois se Jacob deseja que Deus desça e se abata a se fazer homem, porque não consente Pedro que se abata a lhe lavar os pés? Por isso mesmo. Porque tanto vai de um abatimento a outro abatimento. Incarnar Deus, era fazer-se homem: lavar os pés, era fazer-se servo dos homens: incarnar era vestir-se da nossa humanidade: fazer-se servo dos homens era despir-se da mesma «independencia e dignidade humana.»

É passo muitas vezes ouvido, mas que terá que explicar até o fim do mundo: *Qui cum in forma Dei esset, semel ipsum exinanivit, formam serri accipiens.* Quer dizer: que sendo o Verbo Eterno igual ao Padre em tudo, se fez e se desfez: se fez, porque sendo Deus se fez homem; e se desfez, porque, sendo Deus e homem, se fez servo; e fazendo-se servo, se desfez e aniquilou a si mesmo: *Exinanivit semel ipsum formam servi accipiens.* Agora pergunto: Quando se fez Deus homem e quando se fez servo? Fez-se homem na Incarnação e fez-se servo «principalmente» no lavatorio dos pés. Expressa e exquisitamente, Dionysio Alexandrino: *Jesus Christus Dominus et Deus apostolorum cum accepisset formam serri, surgit a coena et ponit vestimenta sua et linea praeceperit se: haec est forma servi.* A baixezza de servo não é obra ou injuria da natureza, senão da fortuna. A natureza a todos os homens fez eguaes; a fortuna é que fez os altos, os baixos, e os baixissimos, quaes são os servos. E esta foi a firmeza do amor de Christo hoje sobre a do dia e

obra da Incarnação. Quando se fez homem tomou as condições da natureza; quando se fez servo e lavou os pés aos homens, tomou as baixezas da fortuna. Aquillo foi fazer-se e isto desfazer-se: *Exinanivit semetipsum formam serui accipiens*. No dia e acto da Incarnação, fazendo-se Deus homem, Deus vestiu-se da humanidade; por que a unia a si e se cobriu com ella: e a humanidade que era um vaso de barro, pequeno e estreito, ficou cheio de Deus, porque o encheu com toda a immensidate de seu ser: *Quia in ipso inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter*. E sendo isto o que se fez no dia da Incarnação, tudo isto (quanto á vista dos olhos humanos) se desfez no dia e no acto de hoje. Porque lançando-se Christo aos pés dos homens e taes homens, e fazendo-se servo seu e servo em ministerio tão vil e tão abatido, parece que Deus se despira outra vez da humanidade de que estava vestido; e que a mesma humanidade que estava cheia de Deus, ficara totalmente vazia «de sua natural dignidade.» *Exinanivit semetipsum formam serui accipiens*. É o que também advertiu e ponderou o nosso evangelista na prefacção com que entrou a narrar este mesmo acto. Por isso disse que quando o Senhor começou a lavar os pés dos discípulos sabia que era Deus, e que nas mesmas mãos com que lhes lavava os pés tinha o poder de tudo: *Sciens quia a Deo exiret et ad Deum cadit, et quia omnia dedit ei Pater in manus, caput lavare pedes discipulorum*. Credo pois S. Pedro firmíssimamente esta verdade (que por isso disse: *Domine tu mihi?*) que muito é que, sendo aquelle grande piloto, que nunca perdeu o tino nas maiores tempestades, e se atreveu a caminhar a pé sobre as mesmas ondas do mar, agora areasse e não pudesse tomar pé na profundidade immensa de tão tremendo mistério?

V. Socogeu Christo o assombro e resistencia de S. Pedro: mas como? *Quod ego facio tu nescis modo, scies autem postea*. Pedro, o que eu agora faço, tu não o sabes, nem o intedes; mas sabel-o-has depois. Depois, Senhor? E quando? Quando vires no céu revestido de sua propria majestade o mesmo que agora vês meio despidão e cingido com este panno servil. Neste sentido intendeu o *Sciens autem postea* Sancto Agostinho, S. Chrysostomo, Beda, Ruperto, Theophylacto, Euthimio; e com razão. Assim como as similitanças se não podem conhecer se não de perto, assim as distancias se não podem medir senão de longe. Que importa que digas: *Tu mihi*, se de ti conheces pouco e de mim nada? Quando vires o tudo que sou; então intenderás o muito que faço. Se fallas pelo que vistes no Thabór, este é o excesso que se havia de cumprir em Jerusalém, de que Moy-

Este mistério
de humilhação
so o intende-
remos no céu.
E o que Christo
disse a S.
Pedro.

sés e Elias, mais assombrados do que tu, fallavam. Agora deixa-te lavar, sob pena de me não veres eternamente, nem chegares a saber o que estás vendo e não sabes: *Quod ego facio, tu nescis modo: scies autem postea.*

Com mais facilidade le intenderá Pedro o mistério da Incarnação que o do lavatorio
Marth. 16.

Assim disse com graves e temerosas palavras o Senhor; e se dissera o mesmo a outro apostolo, não me admirara tanto; mas a S. Pedro? Isto é o que faz pasmar: e muito mais na memoria e concurso dos dous dias em que estamos. Perguntou Christo n'outra occasião aos discípulos que também estavam juntos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis.* Quem dizem os homens que é o Filho do Homem? Os outros referiram varios díctos; porém S. Pedro respondeu: *Tu es Christus Filius Dei vivi:* Vós, Senhor, sois Christo Filho de Deus vivo. Ajunctae agora esta resposta de S. Pedro com a pergunta de Christo, e vereis como o Príncipe dos apostolos em tão poucas palavras comprehendeu todo o mysterio da Incarnação. No *Filium* e no *Filius* comprehendeu as duas gerações, uma eterna e outra temporal: no *Hominis* e no *Dei vivi* comprehendeu as duas naturezas divina e humana: e no *Tu es* comprehendeu a união hypostatica com que uma indissoluvelmente se unia á outra. Pois se Pedro antes d'este dia estando na terra foi capaz de intender e saber tão perfeitamente o mysterio da Incarnação: como agora com muito mais tempo e estudo da escola de Christo, não estava ainda com suficiente capacidade para entender e penetrar o mysterio do lavatorio dos pés: *Quod ego facis tu nescis?* E se pela confissão do mesmo mysterio da Incarnação se deram ao mesmo Pedro as chaves do céu, como se lhe reserva para o céu a sciencia do que estava vendo e admirando: *Scies autem postea?* Aqui vereis quanta maior profundidade de mysterios e de amor se encerra na acção tremenda de Christo se prostrar aos pés dos homens, do que no mysterio altissimo de Deus se fazer homem. A alteza do primeiro com luz do céu pôde-a alcançar Pedro na terra; a profundidade d'este segundo não a pôde sondar «senão no céu». A alteza do mysterio da Incarnação revelou-a a Pedro o Padre que está no céu: *Caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus qui in cordis est;* mas a profundidade do lavatorio dos pés não a revelará ao mesmo Pedro o Filho, se não quando o Filho e Pedro, ambos estiverem no céu: *Scies autem postea.* E quando Christo «não revela» a Pedro o mysterio d'este lavatorio e Pedro o não sabe intender, quem saberá fallar «d'elle»?

Como é que Deus pode ser humilde e como eu humilde no lavatorio.

À vista com tudo da sua ignorancia me atreverei a dizer as minhas, mas no concurso e comparação sómente de um dia para outro. O que todos encarecem no dia da Incarnação é humili-

Ihar-se Deus a se fazer humem: mas é certo que esta «humildade, como pode dar-se em Deus, foi maior no lavatorio dos pés que na Incarnação. Propriamente fallando» Deus não é humilde, nem pode ser humilde. Humildade essencialmente é o conhecimento da propria dependencia, da propria imperfeição e da propria miseria; e sendo Deus summa independencia, summa perfeição e summa felicidade; nem é, nem pode ser humilde. Como dizem logo todos os sanctos que Deus se humilhou n'este grande acto? Porque «se poz em um estado de humiliação.» O Filho de Deus antes da Incarnação por nenhum modo podia ser humilde; porque o seu estado era só de gloria.» Porém no primeiro instante da Incarnação ou no segundo depois de incarnado (como querem outros theologos) então começou tambem a ser humilde e summamente humilde, como hoje se mostrou mais que nunca «porque descido a tanta humiliação.» Um abyssmo chamou outro abyssmo. No abyssmo da Incarnação do Verbo, fazendo-se Deus homem se abyssmou e sumiu de tal sorte a divindade na natureza humana, que desappareceu totalmente; e por isso estando dentro n'ella, não apparecia. No abyssmo do lavatorio dos pés, tendo-se Christo sumido na Incarnação em quanto Deus, lançado depois aos pés dos homens, tambem se sumiu alli em quanto homem: «começando-se a verificar o que o mesmo Christo dissera de si por bocca do propheta:» *Ego autem sum vermis et non homo, opprobrium hominum et abjectio plebis:* eu sou um bichinho da terra e não sou homem; porque sou o opprobrio dos homens e o abjecto da plebe. E quem é esta plebe, e quem é este abjecto? A plebe eram os apostolos, por natureza, por geração e por officio, plebe, porque eram uns pobres pescadores; e o abjecto d'esta plebe era Christo, posto a seus pés e lavando-lhos, porque não pode haver acto mais abjecto e vil, e mais inferior á mesma plebe, que ajoelhar-se deante d'ella e lavar-lhe os pés. A agua era sómente a de uma bacia; mas o abyssmo da acção era tão profundo, e de tal sorte n'elle se abyssmou e sumiu Christo, ainda em quanto homem, que já não apparecia signal do que era, senão uma negação do que tinha sido: *Ego autem sum vermis et non homo.*

E se assim se sumiu Christo lavando os pés a Pedro e aos outros discípulos; que direi eu, ou que posso imaginar quando o acho prostrado aos pés de Judas? Aqui se somem tambem até os intendimentos dos seraphins, e emmudecem de pasmo as linguas dos anjos. Se Pedro, Senhor, vos disse assombrado: *Tu mihi, Vós a mim?* Com quanto maior assombro vos podemos nós dizer: *Tu Judae: Vós a Judas?* A Judas aquelle traidor endemoninhado, de quem diz João: *Cum diabolus jam missis-*

P. 21.

Principalmen-
tos
pés de Judas.
Joh. 13.
Math. 26.

set in cor ut traderet cum Judas? A Judas aquelle prescito infernal e maior de todos os prescitos, do qual vós mesmo disseses: *Bonum erat ei si, natus non fuisset homo ille?* Não quero outra ponderação que estas vossas mesmas palavras. Diz Christo que em Judas era melhor o não ser, que o ser; e não se pôdera mais encarecer, nem a intima miseria de Judas, nem o insímo abatimento de Christo posto a seus pés. Eu bem sei as subtilezas com que a philosophia disputa se em Judas ou em qualquer outro condenado fôra melhor o não ser que o ser: mas onde temos uma conclusão absoluta de Christo, não valem nada as argucias dos philosophos. Salomão faz tres classes de homens; os vivos, os mortos, e os que não nasceram; e só na consideração dos males temporaes d'esta vida antepõi os mortos aos vivos e os que não nasceram, a uns e outros. Que diria se fizera a comparação com os males eternos que esperavam a Judas e com o peccado em que estava obstinado, que é o maior mal de todos os males? Por todas as razões era melhor em Judas o não ser, que o ser. E que se puzesse Christo aos pés de um homem, cujo ser era peior que o não ser?

E assim que nos manifesta o seu amor.

• Oh mysterio de humiliação e de humildade! Oh proligio de amor e de dignação! Em sim foi esta a victoria mais assinalada do amor de Christo no dia de hoje. Na competencia de um dia com outro dia e de uma manifestação de amor com outra manifestação, temos largamente provado a vantagem que o de dia de hoje leva ao dia da Incarnação; porque, quanto maior extremo de humiliação foi lavar Christo os pés aos homens e até a Judas, que fazer-se homem, tanto mais campoeou o seu amor: *Sciens quia a Deo existit et ad Deum radit, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* E todavia esta manifestação tão extremada foi só preparação para outra.»

O mysterio da Eucaristia e da Incarnação.

VI. Tarde chego, sacramentado Senhor, á comparação d'esse sacrosancto e divinissimo mysterio com o mysterio da vossa Incarnação tambem divinissima, mas esse throno de majestade em que vos vemos e adoramos nos está publicando os triumphos do vosso amor, n'este dia, em que por ser o ultimo de vossa visível presença vos deixastes connosco. Seja esta a primeira prova.

O porto original de Maria no p. 7 de Isaías.

Prophetizando Isaías o mysterio da Incarnação do Verbo com palavras mais expressas e circumstâncias mais singulares que todos os outros profetas, disse que uma Virgem conceberia e «daria à luz» um Filho, o qual se chamaria Emmanuel: *Ecco Virgo concipiet et pariet Filium; et vocabitur nomen eius Emmanuel.* Emmanuel quer dizer: Deus connosco, *Nobiscum Deus;* e

isto é o que annunciou e prometteu Isaias n'esta famosa prophecia: dando por nova aos homens, tão admiravel como certa, que aquelle mesmo Deus, cuja majestade se conservou sempre tão retirada e longe de nós, sem jámais se abalar nem sair do céu, agora se havia de humanar tanto que se fizesse homem e descesse á terra para n'ella morar e estar commosco. Tudo conta va e cantava David por grande maravilha, que estando Deus tão alto se dignasse de olhar cá para baixo e pôr os olhos na terra: *Quis sicut Dominus Deus noster qui in altis habitat et humilia respicit in coelo et in terra.* Porem como o amor não se contenta de longes e soffre mal ausencias, pôde tanto o amor dos homens com Deus, que o trouxe do céu á terra e o fez homem.

É celeberrima questão entre os theologos, no caso em que Adão não peccasse, se havia de incarnar Deus? Sancto Thomaz e a sua eschola, dizem que não. Escoto e a sua affirma que sim. Distingo e concordo ambas as opiniões. Porque Adão pecou, incarnou Deus em carne passivel; porque era mais proporcionado á culpa, e mais conveniente á satisfação o padecer e morrer. Porém se Adão não peccára, havia de incarnar com tudo Deus, mas em carne impassivel; porque onde não havia culpa, não era necessaria a pena; e fazia-se homem no tal caso, não para satisfação do nosso peccado, senão para satisfação do seu amor. Não é esta distinção minha, senão do mesmo concilio Niceno: *Qui propter nos homines et propter nostram salutem incarnatus est.* Incarnou Deus por amor de nós e por amor de nossa saude. Onde se vê claramente que o mysterio da Incarnação teve dous motivos distintos: um motivo o remedio, e outro motivo o amor; mas o amor primeiro que o remedio. De sorte que se o remedio não fôra necessário, que pelo motivo só do amor dos homens, havia de incarnar Deus, porque esso foi o primeiro motivo e o primario: *Qui propter nos homines.* Ieis visitar um amigo, soubestes no caminho que estava ferido, e visitastel-o como amigo e como ferido; mas com tal presupposto que, se não estivera ferido, só por amigo o hacieis de visitar, que este foi o vosso primeiro intento. O mesmo succedeu no mysterio da Incarnação, ao qual Zacharias chamou visita de Deus: *Visitavit nos oriens ex alto.* O primeiro decreto de Deus se fazer homem antes da previsão do peccado foi unicamente o amor dos homens e para morar e estar com elles, como já então dizia: *Deliciae meae esse cum filiis hominum.* Aconteceu depois o peccado de Adão, e a ferida mortal do genero humano; com que ao motivo do amor se ajunctou o motivo do remedio; e Deus que só nos havia de visitar por amigos, nos vi-

Ps. 112.

Se Deus havi de incarnar no caso em que Adão não peccasse.
O amor dos homens fia da Incarnação.

Luc. 4.

Prov. 8.

sitou tambem por feridos: *Propter nos homines et propter nostram solutem.* E assim como ao outro amigo na visita que só fazia por amor e por gosto, lhe acresceu a dor e a pena, assim Deus que havia de vir homem impassivel, veio passivel. Em summa, que o intento e fim da Incarnação, como dizia, não foi tanto para Deus nos remir e salvar, que foi o segundo motivo, quanto para satisfazer a seu amor e estar comosco, que foi o primeiro; e por isso Isaias, que com tanta expressão de circumstancias revelou os arcanos da Incarnação do Verbo, podendo dizer que o Filho que havia de nascer da Virgem, se chamaria Jesus, não disse senão que se chamaria Emmanuel, que quer dizer, Deus comosco; porque o principal motivo de Deus se fazer homem, não foi tanto o remedio de salvar os homens, quanto o desejo de estar com elles: *Nobiscum Deus.* Este foi o motivo mais affectuoso, este o affecto mais fino, esta a fineza mais subida de ponelo, com que o amor divino no dia da Incarnação e logo em seu principio, mostrou o fim com que trouxera a Deus á terra. Fim, desde o primeiro decreto e da sua propria origem, pura e sinceramente amoroso, sem mistura de outro intento ou outro affecto; porque o remir foi amar com misericordia: o estar comosco puro amor.

*Contudo este
apôr se mar-
festa mais no
Sacramento da
Eucaristia.*

Mas que direi no dia de hoje, incarnado e sacramentado Deus? Por mais que vosso divino amor no dia da Incarnação se mostrasse tão sina e tão puramente amoroso, nem eu posso deixar de dizer, nem elle pôde negar que no dia de hoje foi amoroso sobre amoroso e amor sobre amor: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Porque se n'aquele dia incarnastes para estar comosco; n'este dia vos sacramentastes não só para estar comosco, senão tambem para estar em nós: comosco n'esse altar, onde vos adoramos; e em nós entrando em nossos peitos, onde vos recebemos. O amor (vêde se é maior este) o amor essencialmente é união; e quanto mais une ou procura unir os que se amam, tanto maiores efeitos tem e tanto maiores affectos mostra de amor. Estar comosco é assistencia de fôra, estar em nós é presença intima. Estar comosco é estar perto; estar em nós é estar dentro. Estar comosco é companhia; estar em nós é identidade. Logo menos fez o amor da Incarnação em estar Christo comosco que o amor do sacramento em estar comosco e mais em nós.

O principio do
Evangelho de
S. João, com-
mentado por
Sancto
Agostino

Admiravelmente uniu estes douos extremos e distinguiu estas duas «manifestações» de amor o mesmo discípulo amado. Depois de se remontar esta aguia divina com aquelle vôo altissimo, igual á voz ou trovão com que disse: *In principio erat Verbum; cerra as azas, dá consigo em terra;* e diz que o mesmo

Verbo se fez carne: *Verbum caro factum est;* e sem interpor palavra accrescenta, *et habitavit in nobis,* e morou em nós. Evangelista, que no alto e no baixo sempre vos remontais, permiti que vos intendamos. Se fallais da união do Verbo com a humanidade, porque não dizeis que se fez homem, senão que se fez carne, *Caro factum est?* E se fallais do tempo em que o mesmo Verbo, por isso e para isso humanado, morou e habitou commosco; porque não dizeis que habitou commosco, senão que habitou em nós, *habitavit in nobis?* Não fôra S. João o mais amado e o mais amante de Christo, se não acudira por seu amor e o deixara nas auroras da Incarnação sem subir ao zenith do sacramento. É agudeza de Sancto Agostinho tambem aguia. Não disse que o Verbo se fizera homem, senão carne, porque na carne *ex vi verborum,* havia de instituir o sacramento de seu corpo: *Caro mea vere est cibus:* e não disse que habitou commosco senão em nós; porque se o amor da Incarnação se satisfez com estar commosco, o do sacramento mais ancioso, porque mais amor, não se satisfez de estar somente commosco, se não tambem em nós, *et habitavit in nobis.* D'este modo se uniram juctamente ambos os fins de um e outro amor: o de estar commosco, que fôra o da Incarnação, e o de estar commosco e mais em nós, que é o de hoje.

VII. Mas ainda n'este estar sobre estar, temos outra fineza sobre fineza. Porque não só quiz o amor de hoje que Christo estivesse commosco e estivesse em nós, senão que nós tambem estivessemos n'elle. Este é o segundo efecto do sacramento, e mais amoroso ainda que o primeiro, em quem o come: *Qui manducat meam carnem in me manet et ego in illo:* quem come a minha carne está em mim e eu n'elle: não só eu n'elle por união: mas eu n'elle e elle em mim por união dobrada e modo de estar reciproco. Quando Christo na cruz substituiu em seu logar a S. João, disse á Mãe Sanctissima: *Ecce filius tuus;* e logo ao discípulo amado: *Ecce mater tua.* Parece que tanto dizem n'este caso as primeiras palavras, como as segundas; porque se a Senhora era Mãe de João, já ficava intedido que João era filho da Senhora. Porque repele logo Christo o que tinha já dicto, e em tempo que as suas palavras eram tão contadas? Porque nos douos primeiros legatarios da sua ultima vontade e reciprocos herdeiros de seu amor, queria que o amor e as correspondencias de uma e outra parte fossem tambem reciprocas. O coração da Senhora e o de S. João eram os duos corações que Christo mais amava e mais amavam a Christo; e como o Senhor na substituição da sua ausencia testava n'elles de seu proprio amor; para que o mesmo amor como seu, não só fosse

O estar Christo
commosco e o
estarmos n'elle.
Explicação
tirada do cap.
19 do S. João.

amor e grande amor, mas amor reciprocamente unido; com as primeiras palavras uniu o coração da Mãe ao novo filho: *Ecce filius tuus*; e com as segundas uniu o coração do filho à nova Mãe: *Ecce mater tua*. E se os dous legados particulares da Mãe e do discípulo, os estabeleceu o Senhor com dobrado vínculo de amor, e união reciproca; como a não dobraria também no testamento *communum*, com que nos fez herdeiros universaes de seu corpo e sangue: *Hic calix novum testamentum in meo sanguine*? Por isso na ratificação do mesmo testamento a recommendação que fez aos discípulos foi esta: *Manete in me et ego in vobis*: estas em mim e eu em vós. Tão reciproco quiz que fosse este modo de estar; e tanto se empenhou o amor de hoje em vencer o amor da Incarnação, não só com uma, senão com dobrada victoria, e não só da parte de Christo, senão da sua e mais da nossa. Para vencer o amor de hoje ao da Incarnação, bastava estar Christo no Sacramento commosco e mais em nós; mas para que a victoria não fosse como a de Jacob, vencedor com victoria claudicante, não só quiz vencer o estar commosco com o estar em nós, senão com elle estar em nós e nós estarmos n'elle: *In me manet et ego in illo*. «Notou agudamente Sancto Agostinho, commentando estas mesmas palavras do Salvador, que o estarmos n'elle é o unico modo de fazer que elle esteja em nós: *Hoc est enim in Christo manere ut in illo maneat Christus*; e este é o grande milagre da Eucaristia, que nos une com Christo, como membros em um só corpo que são de ser vivificados pelo mesmo Christo.

*Ag. lib. 19 de
at. Dei c. 91.*

Christo huma-
nado e
Christo sacra-
mentado.

VIII. «Mas» tornando separadamente e por si só, o acto de estar commosco que foi o primeiro motivo da Incarnação, comparemos de igual a igual o como está Christo commosco em quanto sacramentado e o como esteve commosco em quanto sómente incarnado; e vér-se-ha com novo e maior triumpho do amor de hoje, quanto vai de estar commosco a estar commosco.

Sacramentado
está em todos
os lugares,
mas humanado
não estava
em todos.

Luc. 4.

Em quanto incarnado esteve Christo commosco; mas onde esteve? Ou em Nazareth, ou em Belem, ou em Jerusalém, ou em outras partes: de tal modo porém e com tal limitação de lugares, que quando estava em um, faltava nos outros. Quizeram os de alem do Jordão deter a Christo para que estivesse alguns dias com elles: *Detinebant illum, ne discederet ab eis*, diz S. Lucas. E que lhes respondeu o Senhor? *Quia et alris civitatibus oportet me evangelizare regnum Dei*. Que se não podia deter mais alli, porque lhe importava ir pregar a outras cidades. Não admitto, Senhor meu, a escusa; antes me parece que desacredita o vosso poder e desabona o vosso amor. Ide pregar a es-

sas cidades, e ficas junctamente com esses homens, que com tanta devoção o desejam. Não podeis vós estar no mesmo tempo em diversas cidades? Sim, posso: mas esses modos de estar, guardo eu para quando estiver no Sacramento. Em quanto incarnado, se estava Christo em uma cidade, não estava na outra: em quanto sacramentado, não só está em todas as cidades, senão em tantas partes da mesma cidade, em quantas hoje o temos. Correi as egrejas de Lisboa, e primeiro vos cançareis de as visitar de que o Senhor se cansa de esperar por vós; porque se poe e expoz em tantas partes, só para em todas estar commosco. Esta noite vos espera com as portas abertas, e nas outras em que as portas se fecham, nem por isso elle se vai, porque sempre o detem alli seu amor solitario e saudoso, na esperança só de que amanheça para estar com os que tanto ama.

Também incarnado amava, mas com grande diferença de estar a estar. Inferiu e morreu Lazaro, de quem testimunhava o evangelho que era muito amado de Christo: e disse o mesmo Senhor aos discípulos, que morrera Lazaro, porque este não estava alli: *Lazarus mortuus est; ut credatis quoniam non eram ibi.* E Martha e Maria, ambas com as mesmas palavras disseram: *Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus:* se vós, Senhor, estivereis aqui, não morreria nosso irmão. Isto dizia Christo, e isto diziam a Christo, quando sómente tinha incarnado. Mas depois que se deixou no Sacramento, já nem Christo pode dizer *Non eram ibi:* nem nos podemos dizer *Si fuisses hic:* porque em Bethania e fóra de Bethania, na vida e na morte, na saude e na infirmitade, sempre e em toda a parte o temos, e está commosco. Só em uma parte do mundo não está Christo commosco: e qual é? Onde nós não estivermos. Morem os homens nas cidades, habitem os desertos, subam os montes, desçam os valles, penetrem os bosques, fiem a vida a um madeiro inconstante sobre as ondas, e até alli estará commosco. No mar andavam os discípulos, e bem necessitados da presença de seu divino Mestre; e diz o evangelista que n'este caso estava o Senhor só em terra; *Et ipse Jesus erat in terra.* Mas tal caso como este já não se pode dar hoje: porque só na terra, senão também no mar está e navega commosco Christo sacramentado. Noé não sacrificou no tempo do diluvio, porque estava no mar, e quando desembarcou da arca, então sacrificou. Porém hoje não espera, nem sofre aquelle amor, que os navegantes cheguem a terra: permite que sacrifiquem e consagrem sobre as ondas, para também sobre as ondas estar commosco.

Mas que digo eu sobre as ondas, se no meio de mais fúrias tempestades que as do mar, e quando vós, meu Senhor,

*Prova-se com
história da
morte de La-
zaro.
Jes. 11.*

Marc. 6.

No Sacramento
não pode
fugir de vós o
que fugia da
sua posse na
da mortal.

amor e grande amor, mas amor reciproc
as primeiras palavras uniu o coração
Ecce plius tuus: e com as segundas,
nova Mãe: *Ecce mater tua.* F

1. Cor. II.

in meo sanguine?
a recommendaç^a
et ego in robis
que fosso es'
hoje em ve
com dobr
sua e m
nação.
em !
ven
co
P

*Aug. lib. 19
ap. Dn c. 1*

*Christus
hunc
Caro*

nosco o vosso
e pouco de-
des, fugistes para
em Samaria, deixas-
o que faz vosso amor
marca, em Suecia, e em
onde n'esse mesmo sacra-
versaes de seu cort
dia heretica, e nem vos crêm
endo não fugis, assim não que-
estar entre elles, encoberto e es-
vo vosso proprio amor; porque elle
parte alguma do mundo, em que
vio fallo no que podera dizer das nos-
agravos que aquelle Senhor sacramen-
to entre os catholicos, cujos peccados occul-
ticas publicas a nossa mesma se faz muito
decedoras eram justamente de que cançada de
pacienza, dissesse, como já disse: *Eamus hinc:*
outro templo e outro povo que tambem se cha-
nos deixasse a nós. Mas foi tão firme a resoluç^a
imprenhou a Christo o amor de hoje a estar connosco
que para nunca se poder apartar de nós (ainda que
mercessemos e o mesmo Senhor quizesse) encerrando-o
antarias prisões d'aquelle Sacramento, as chaves não as
nas suas mãos senão nas nossas. Na Incarnação, por-
tinha na sua mão as chaves, tornou-se para o céu: no Sa-
mento, como as chaves estão na nossa mão, e temos ao Se-
nhor debaixo de chave, ainda que elle não «gostasse», sempre
pa de estar connosco.

S. Lourenço Justiniano, fallando de Christo sacramentado com
allusão ao texto de Isaías, disse elegantemente: *Dispar modus
et ulem Emmanuel:* que assim como na Incarnação foi Emmanuel,
tambem é Emmanuel no Sacramento, só com diferença
no modo. E qual é a diferença? Muitas, como já disse: mas a
principal e maior de todas é, que na Incarnação foi Emmanuel
e Deus connosco, mas com liberdade de nos deixar, antes com
presuposto de o fazer assim, como elle disse: *Exiit a Patre
et ueni in mundum, iterum relinquo mundum et uado ad Pa-
trem.* Porem no Sacramento é Emmanuel e Deus connosco, não
só sem liberdade para se apartar de nós, mas com obrigação
inviolável fundada em sua propria promessa, de nunca jámais
nos deixar, e estar connosco alé o fim do mundo: *Ecce ego vo-
biscum sum usque ad consummationem sarculi.* Em summa re-
sumindo tudo a duas palavras: na Incarnação foi Emmanuel e

Deus comnosco em uma só terra, no Sacramento em toda a arte: na Incarnação para poucos, no Sacramento para todos:

Incarnação só para os presentes, no Sacramento para os sentes e para os futuros: na Incarnação por tempo limitado breve, no Sacramento sem limite de duração em quanto dura o mundo e houver homens: *Usque ad consummationem saeculi.* Logo não se pôde negar, ainda na precisa similitude de estar comosco, que muito mais fino, muito mais extremado, muito mais amoroso, muito mais amorável, muito mais amante, muito mais amigo e muito mais amor, se mostrou o de Christo hoje, que no dia da sua Incarnação.

IX. Mas porque a Incarnação do Verbo Eterno foi um acto tão heroicamente divino, que infinitamente se levantou sobre todas as obras da magnificencia de Deus; para que nem por esta parte possa parecer que aquelle amor excedeu o d'este dia, ouvi como o amor de hoje sujeitou ao seu triumpho a mesma Incarnação, não só quanto aos effeitos que vimos e outros que deixo, mas em sua propria substancia. E de que modo foi isto que parece cousa impossivel? Fazendo o mesmo amor, que assim como Deus n'aquelle dia incarnou em uma só humanidade, hoje incarna (posto que sem união hypostatica) em todos os homens. No dia da Incarnação, tomando Deus a carne da Virgem Sanctissima incarnou em uma só humanidade, que foi a de Christo: e hoje dando-nos Christo sua propria carne no sacramento, incarna d'outro modo em todos os homens, que somos nós os que a commungamos. É pensamento profundissimo de S. João Chrysostomo, a quem seguiram S. João Damasceno, S. Paschasio, Ruperto e outros Padres. As palavras do Sancto, que os auctores latinos commumente ou não referem ou allegam mutiladas por deseito de traductores, tiradas do original grego em que foram escriptas são estas:—O Verbo fazendo-se homem, assim como fôra grande ab-aeterno da substancia de Deus, assim na Incarnação foi gerado em tempo da nossa propria substancia. Mas dir-me-heis que isto pertence sómente a Christo e não a todos nós. Digo o torno a dizer que a todos. E porque? Porque se Deus tomou a nossa natureza incarnando, segue-se que a mesma Incarnação se extendeu a todos, e se a todos, tambem a cada um. É verdade que Deus na Incarnação não tomou a natureza humana em *commum*, senão uma humanidade particular; mas essa mesma humanidade e essa mesma carne unida á divindade feia Christo universal e *commum* diz Chrysostomo, dando-a no Sacramento a todos os fieis e unindo-os realmente consigo; e como ficam unidos e incarnados com Christo, a mesma Incarnação do Verbo se extende e mul-

Matth. 23.

A divina Incarnação estendida pela Eucaristia a todos os homens. S. João Chrysostomo e outros Padres.

Rup. v. 2 de
ott. 11.

tiplica em todos nós. As palavras de Ruperto também são dignas de se não passarem em silencio: — Quando Deus se fez homem foi para que por meio da carne do Verbo nos unisse a si e fossemos a mesma causa com elle. Mas isto não se effectuou no acto da Incarnação, em que o corpo de Deus e os nossos eram diversos: mas ficou reservado para a instituição do Sacramento, em que unindo-se Christo por meio da sua carne a cada um de nós, todos, como membros seus, ficamos um só corpo. Baste de auctoridades. Vamos ás Escripturas e á experiençia.

Christo no Horto arrancou de si os discípulos (Luc. 22). Commentario de Tertulliano.

Acabada a ceia, parte Christo Senhor nosso para o Horto de Gethesemani, e apartando-se dos discípulos, diz o Evangelista S. Lucas: *Et ipse arulsus est ab eis*; que o Senhor se arrancou d'elles. Ninguem haverá que não note a singularidade d'esta palavra. Muitas outras vezes referem os evangelistas que Christo se apartou de seus discípulos, e em todas dizem simplesmente que se apartaria. Pois se então se apartava, porque agora se arrancou? Porque agora tinha o Senhor acabado de instituir o Sanctissimo Sacramento, e os apostolos tinham acabado de commungar, e como por meio do Sacramento se tinha incarnado Christo n'elles, e elles em Christo, por isso o apartar-se agora já não era apartar-se, era arrancar-se: *Arulsus est*. Ovi ao grande Tertulliano no livro de *Carne Christi*: *Quid avellitur nisi quod inhaeret, quod infixum et innexum est ei a quo avellatur?* E explicando-se ainda mais: *Cum quid extraneum ita convisceratur et concarnatur, ut cum avellitur rapiat secum aliquid ex corpore cui avellitur*. De maneira que a palavra *avellitur* ou *arulsus* só se diz propriamente de duas causas diversas, as quaes não só estão pegadas e unidas, *infirum et innexum*; senão entranhadas e incarnadas uma com a outra: *Convisceratur et concarnatur*. E como esta era a primeira comunhão que houve no mundo, usou o evangelista da palavra *arulsus est* com grande mysterio, para que a mesma propriedade da palavra mostrasse a eficacia e efecto do sacramento: pois não se podia apartar senão arrancando-se quem estava entranhado e incarnado nos mesmos de quem se apartava: entranhado, porque tinha entrado em suas entranhas; e incarnado porque se tinha unido com elles por meio de sua propria carne. E esta foi a diferença com que ainda de incarnado a incarnado venceu o amor e dia de hoje, ao amor e dia da Incarnação. «Outra prova.»

Os signaes pedidos por Gedeão symbolizam a verdade.

Dous signaes do céu pediu Gedeão a Deus em dous dias diferentes com modu bem natural. Poz o vello de lã no meio de uma cira, e no primeiro dia pediu que o orvalho do céu caisse só no vello e assim sucedeu. O signal do primeiro dia é certo

que significava o mysterio da Incarnação, porque o orvalho era o Verbo que desceu do céu; e o vello de lá era a humanidade de quo o mesmo Verbo se vestiu como Cordeiro de Deus, que vinha tirar os peccados do mundo. Assim o declararam depois não menos que dous prophetas, Isaias e David. Isaias pedindo a Incarnação, dizia que orvalhasse o céu sobre a terra, para que n'ella nascesse o Salvador, e David signalando o modo com que havia de vir, diz que desceria como a chuva ou orvalho sobre um vello de lá mansamente e sem ruido; e d'estes dous prophetas o tomou a Egreja quando canta da mesma Incarnação: *Sicut pluria in rillus descendisti ut salvum faceres genus humanum.* Pois se Gedeão no orvalho que havia de cair do céu pedia a Incarnação no primeiro dia, porque tornou a pedir no segundo dia a mesma Incarnação e no mesmo orvalho? E se no primeiro dia pediu que caisse sobre o vello e não sobre a eira; porque no segundo dia pediu que caisse na eira e não no vello? Porque Gedeão, como allumiado n'aquelle hora com espirito prophetico, não só via uma Incarnação do filho de Deus, senão duas incarnações em dous dias diferentes, uma no dia em que propriamente se chama da Incarnação e outra no dia de hoje. A primeira estreita e contrahida e por isso em um vello: a segunda extendida e dilatada e por isso em uma eira: a primeira no vello, onde se sumia o orvalho, e se encobria a divindade; a segunda na eira, em que se recolhe o pão, onde se nos deu no Sacramento: a primeira particular, em que se uniu Christo a uma só humanidade; a segunda universal em que uniu a todos os homens: a primeira em que incarnou só em si, tomando a nossa carne; a segunda em que incarnou em nós, dando-nos a sua: *Totus in vellere, totus in area,* diz S. Bernardo. Todo no vello, todo na eira: mas no vello todo só para sua Mãe, na eira todo para todos. É o manna com os tempos trocados. O manna que primeiro chovia do céu nos campos para que se sustentasse d'ele o povo, depois esteve encerrado na arca do Testamento, onde ninguem o comia. Porém cá, trocados os dias, no dia da Incarnação estava encerrado no ventre virginal, que por isso se chama Arca do Testamento: mas no dia de hoje se estendeu e diffundi pelo mundo todo para que todos o comam e o convertam em si. Em sim é parecido o sacramento ao mesmo amor com quo hoje foi instituido, como diz o concilio tridentino: *In quo Salvator divitias divini sui erga homines amoris veluti effudit.*

X. Só me podem oppor e dizer os doutos, que todas as vantagens ou finezas em que o amor de hoje parece vencer o amor da Incarnação se hão de referir á mesma Incarnação e ao amor

*Vide Corn.
a lap. in e.
Indic.*

*Bern. serm.
de ann.*

*Trid. sess. 13.
c. 2.*

*As palavras de
consagração
indígena lençol
da Incarnação*

d'aquelle dia, porque a mesma Incarnação foi o principio e fundamento de todas; pois se Christo não incarnara, também se não podera consagrar nem deixar no sacramento. Respondo que não se segue tal cousa. E ouvireis agora o que por ventura nunca ouvistes. Escoto e outros grandes theologos «com o doutrinário Cornelio à Lapide» dizem que é tal a força e eficacia das palavras da consagração, que se antes de Christo incarpar, e antes de Deus crear o mundo, creara um sacerdote sómente e uma hostia sobre a qual pronunciasse as palavras da consagração, no mesmo poncto havia de estar n'aquelle hostia o corpo de Christo, tão real e inteiramente como está hoje, no que temos e adoramos presente. Porque assim como a omnipotencia d'aquellas palavras tem força para reproduzir o corpo de Christo no lugar onde não estava, assim teriam também força n'este caso para o produzir no tempo em que não era; porque não se requer maior poder para um milagre que para outro.

Por isso o sacerdicio de Christo é segundo a ordem de Melchisedech.
Ad Hebr. 7.

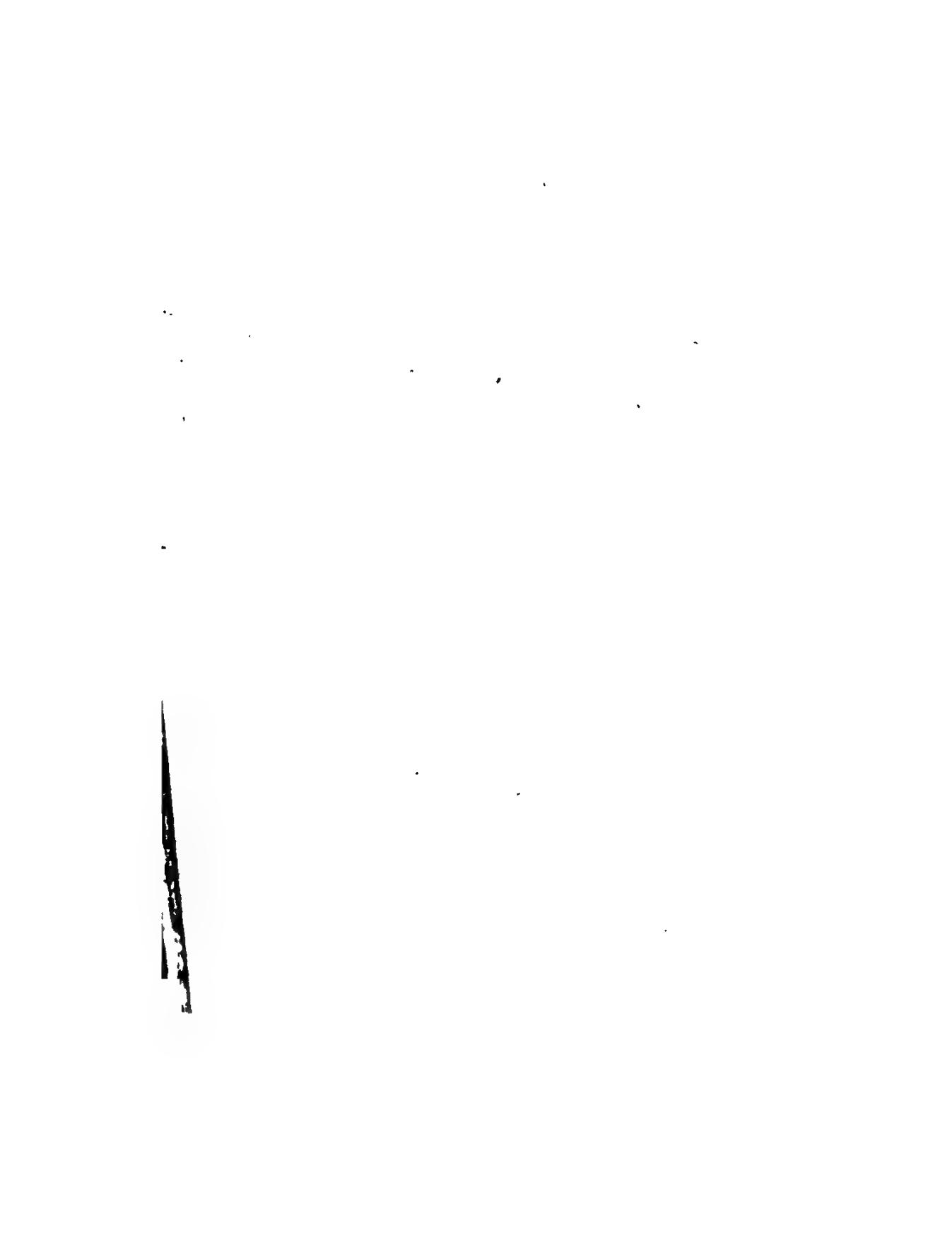
Matt. 1.

D'aqui se intenderá uma nova e excellente propriedade com que S. Paulo declarando o sacerdicio de Christo pelo de Melchisedech, nota que Melchisedech não teve pae, nem mãe, nem genealogia: *Sine patre, sine matre, sine genealogia.* O sacerdicio de Christo não foi segundo a ordem de Arão, que sacrificava cordeiros e bezerros; senão (como diz David) segundo a ordem de Melchisedech que sacrificava em pão e vinho: *Melchisedech proferens panem et cimum; erat enim sacerdos Dei altissimi.* E por isso o mesmo Christo, sendo junctamente o sacerdote e o sacrificio, consagrhou e sacrificou seu corpo e sangue debaixo das mesmas especies de pão e vinho. Mas Christo Senhor nosso teve Mãe e Pae, e a mais extendida genealogia de quantas se tem nas Escrituras: *Liber generationis Jesu Christi, filii David, filii Abraham, etc.* Pois se Christo teve uma genealogia tão grande e tão declarada; como nota S. Paulo que o seu sacerdicio foi como o de Melechisedech, homem sem pae nem mãe, nem genealogia? Porque quando Christo instituiu o sacrificio e sacramento, em que se deixou a si mesmo, foi com tanta independencia da sua propria Incarnação, como se nunca fôra gerado nem nascido. De sorte que se Christo ainda não incarnara, nem transcera, e comtudo se dissessem as palavras da consagração sobre uma hostia, em qualquer tempo e em qualquer lugar que fosse, alli havia de estar seu corpo infallivelmente. E verdade que o corpo e sangue que Christo consagrhou hoje foi o mesmo que na Incarnação tinha tomado: mas consagrhou-o por modo tão absoluto e tão independente da mesma Incarnação, que se d'antes não houvera incarnationado, incarnara então sem mãe nem genealogia; e existira sacramentaldo. Logo ainda que o Senhor no dia

de hoje nos deu a mesma carne e o mesmo sangue que tinha recebido no dia da encarnação, nem por isso a grandeza e suposição d'aquelle obra diminui nada as vantagens d'esta; porque de tal modo a supoz, como se a não supozera. Incarnado n'aquelle dia «amou» com grande amor: *Cum dilexisset suos*; mas sacramentado hoje «ama» com maior amor: *In finem dilexit eos*.

XI. Muito tempo ha que devera ter acabado. De um e outro amor recolho um só documento muito breve. E qual é? Que seja tal o nosso amor na vida, que o continuemos á vista da morte. Que amou Christo desde o instante de sua Incarnação? Aos homens: *Cum dilexisset suos*. E hoje que foi o fim da sua vida, estando com a morte á vista, *Sciens quia venit hora ejus*, que amou? Aos mesmos que tinha amado: *In finem dilexit eos*. Oh que diferente viver! Oh que diferente morrer! Oh que diferente amar foi este do que é o nosso! Aquelles a quem a misericordia de Deus concede morrerem com eleição e com juizo, o que commumente fazem na hora da morte é arrependerem-se do que teem amado na vida. Pôde haver maior loucura, pode haver maior cegueira que amar aquillo mesmo de que sei que ou me hei de arrepender, ou me hei de condennar? Oh Senhor, quem vos tivera amado desde o primeiro instante em que vos conheceu, sem nunca empregar ou esperdiçar o coração em outro amor! Se alguém se podera justamente arrepender do que amou, ereis vós: pois amais umas criaturas tão vis, tão ingratas e tão merecedoras de ser abhorrecidas, como somos os homens. Mas pois o vosso amor foi tão fino e tão constante, que amando-nos com tantos extremos desde o principio, foram ainda muito maiores os com que nos amastes até o fim; seja hoje e n'este mesmo instante o fim de todo o amor que não é vosso. Os que imitaram o Prodigio e os que imitaram a Magdalena em amar o que não deviam, assim como seguiram os passos errados e cegos de seu falso amor, assim se resolvam hoje, e de hoje para sempre, a seguir a luz de seu desengano, a verdade de seu arrependimento, e a firmeza e constância de só a vós amar até á morte. Só a vós, amorosissimo Senhor, só a vós. Só a vós e não pelos interesses do céu, que vós deixastes por amor de nós. Só a vós e não por temor do inferno, que Judas antes quiz que a vós; mas unica e puramente por serdes vós quem sois, digno de ser infinita e eternamente amado. Assim propomos de vos amar até á morte, para que a vossa graça e o vosso amor nos faça dignos, não dizemos de vos gozar, senão de vos amar por toda a eternidade. Amen.

Conclusão. Co-
mo se deve
corresponder
ao amor
de Christo.



IV. SERMÃO DO MANDATO ***

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO MESMO DIA ÁS 8 DA TARDE

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Ácerca dos dous sermões d'este dia escreveu o auctor, da Bahia no dia 23 de junho de 1683, para o conego Francisco Barreto n'estes termos—Dos dous do mandato em dia da Incarnação approvou mais o nosso juiz do officio D. Lucas o da manhã que o da tarde. O certo é que eu preguei na capella o que tive por melhor; e assim os remetto por appellação a vossa mercé—Não sei entender, porque o auctor faria maior estimação d'este segundo discurso, a não ser porque declara mais os varios mysterios do Cenaculo e do Horto, e é mais eloquente na conclusão.

Sic Deus dilerit mundum ut Filium suum unigenitum daret.

S. JOAN. 3.

*Sciens Jesus quia omnia dedit ei
Pater in manus, surgit a coena, etc.*

S. JOAN. 13.

Outra vez, Senhor, n'este mesmo dia, outra vez torno a falar do vosso amor. Dobraram-se n'este dia os dias, dobraram-se e encontraram-se os mysterios; encontrou-se consigo o mesmo amor; e pois elle no mesmo dia duas vezes nos amou tanto, porque não diremos nós tambem duas vezes no mesmo dia, já que dissemos tão pouco? Victorioso deixei hoje o amor de Christo, mas ainda n'este mesmo dia lhe resta muito que vencer; porque o amor do nosso divino Amantel, quando compete em amar, como compete hoje, não se contenta com uma só coroa, nem com uma só victoria. N'esta hora, pois, sairá outra vez em campo o amor de Christo. «Mas a nova coroa qual será?» Qual será a nova empreza de seu amor? Agora direi.

Amor de Christo novoamente vencedor.

Assim como do Eterno Padre diz o evangelho, no dia da Incarnação, que amou aos homens até lhes dar seu Filho unigenito: *Sic Deus dilerit mundum, ut Filium suum unigenitum daret;* assim de Christo nota o mesmo evangelho, no dia de hoje, que

Luc. 7.

empregou na redempção dos homens todos os bens que recebera de seu Padre: *Siens quia omnia dedit ei Pater in manus, surgit a coena etc.* Ora notae.» Quando a Magdalena pôz aos pés de Christo os alabastros, os unguentos, os cabellos, os olhos, as lagrimas, as mãos, a bocca e a si mesma; a consequencia que tirou d'alli, não outrem, senão o mesmo Christo, foi: *Quoniam dilexit multum.* De pôr tudo o que mais estimava e a si mesma a seus pés, inferiu o Senhor o grande excesso com que amava. E assim era: porque «prova do amor são as obras e medida do afecto é a dadiva, sobretudo se quem a faz a prezá muito. Portanto quem quer arguir quanto o Eterno Padre amou aos homens, calcule quanto amava a seu Filho unigenito que elle deu pela redempção dos homens: *Sic Deus dilexit mundum, ut filium suum unigenitum daret:* quem quer arguir quanto o Filho amou a estes mesmos homens, calcule quanto amava ao Padre que elle deixou para os remir e cujos dons empregou na mesma redempção: *Sciens quia a Deo exiit et quia omnia dedit ei Pater in manus, surgit a coena etc.* Esta é a nova coroa do amor de Jesus:» esta é a não imaginada empreza que o tira n'esta hora não ao mesmo, senão a outro maior theatro. Pondo, pois, de fronte a fronte o amor do Padre e o amor de Christo, «havemos de ver como o amor do Filho justou com o amor do Padre; e posto que não é possivel nem decoroso vencer a um tal competidor, summa gloria será e incomparavel triunpho não ceider á dificuldade da competencia.»

O Eterno Padre
deu-nos seu
Filho com pre-
ceto de
morrer por nós.

P. 39.

Joan. 14.

II. *Sic Deus dilexit mundum ut Filium suum unigenitum daret.* Para inteira intelligencia do que se ha de dizer, é necessario suppor com a melhor e mais bem fundada theologia, que quando o amor do Eterno Padre deu aos homens seu Filho, não só nol-o não deu com liberdade de viver quanto e como quizesse; mas com preceito e obediencia de morrer e padecer tudo o que padeceu por nós. Assim o tinha já dito o mesmo Senhor por bocea de David: *In capite libri scriptum est de me ut facerem voluntatem tuam, Deus meus, volui et legem tuam in medio cordis mei.* E n'este dia, como outras muitas vezes, fez menção do mesmo preceito: *Ut cognoscat mundus quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.* E assim como no dia da Incarnação nos deu effectivamente seu Filho, assim no mesmo dia e no mesmo instante o carregou d'estas pensões e lhe pôz esta obediencia; o que antes não podia: porque d'antes o Verbo não era sujeito ao Padre; e tanto que incarnou e se fez homem, sim.

Ainda que
Filho malco.

Isto posto, já que não podemos comprehendender o amor divino pelo que é, julgal-o-hemos pelo que parece: *Sic Deus dilexit*

mundum, ut Filium suum unigenitum daret. O que muito encarce o amor do Eterno Padre no dia da Incarnação, é que dêsse por nós seu Filho sendo unico e não tendo outro, e o dêsse com preceito de morrer e padecer por nós. Se o Eterno Padre tivera dous Filhos, muito fôra dar um «quanto mais dar um Filho unico : *Filium suum unigenitum;* e dál-o para que ? Para resgatar um captivo»: *Ut serrum redimeres, Filium tradidisti.* «canta a Egreja». Estava o homem captivo pelo peccado ; quilo resgatar o Eterno Padre ; e que fez o seu amor ? Vendeu o Filho para resgatar o servo. Hoje vereis o Filho vendido : amanhã vereis o servo resgatado.

O propheta Isaías no capítulo cincoenta e tres, em que prova a geração inesfável de Christo em quanto Filho do Eterno Padre, pondera duas resoluções admiraveis do mesmo Padre e que de nenhum pae se poderam crer em respeito de seu Filho. Por isso começa dizendo, e como duvidando, se haverá alguem que lhe dê credito : *Quis creditit auditui nostro?* E que duas resoluções foram estas ? A primeira que, para nos livrar, tirou as nossas culpas de nós e as poz em seu Filho : *Posuit Dominus in eo iniuriam omnium nostrum;* a segunda que, para nos justificar, «aceitou» os merecimentos do Filho e os poz em nós : *Pro eo quod laboravit anima ejus, justificabat ipse justus servus mens multos.* Assim foi uma e outra causa. Tirou o Eterno Padre as culpas de nós e pôl-as em seu Filho ! porque nós não podíamos satisfazer á divina justiça «por nossas» culpas ; e Christo foi que tomndo-as sobre si, satisfez por ellas. Aceitou os merecimentos do Filho e pol-os em nós ; porque não alcançamos, nem podemos alcançar a graça e a gloria, senão pelos merecimentos de Christo. Sendo, pois, certo e de fé que o Padre tirou de nós as culpas e as poz em seu Filho e «para nos livrar condenou á morte este mesmo Unigenito, quem poderá formar conceito adequado do amor com que por isto nos ama?»

Quiz Deus averiguar por experienzia «o amor» de Abrahão ; e que meio tomou para experimental-o ? Todos sabemos o caso. Manda a Abrahão que lhe sacrifique a Isaac : *Tolle filium tuum quem diligis Isaac; et offeres eum in holocaustum.* O Quem diligis mostrava bem o motivo do sacrificio. Toma, pois, Abrahão ao filho, leva-o ao monte, ata-o, põi-no sobre a lenha, tira pela espada... Basta, diz Deus, já estou satisfeito : não perdoaste a teu filho e quizeste-o sacrificar por amor de mim ? Claro está que verdadeiramente me amas: *Nunc cognori quod times Deum et non percpercisti unigenito filio tuo propter me.* Pois, Senhor, isto diz S. Paulo de vós : *Proprio Filio suo non percpercili; sed pro nobis tradidit illum;* e o diz com tanto maior assom-

Ponderações do proph. Isaías
(z. 53).

O sacrificio de
Abrahão e o
sacrificio do
Eterno Padre.
Gen. 22.

Ad Rom. 8.

bro quanto vai de sacrificio a sacrificio e de amor a amor.» Abrahão quiz sacrificar o filho, mas não o sacrificou: «Vós quizestes sacrificar vosso Filho e o sacrificastes.» Abrahão pôz o filho sobre a lenha, mas não lhe metteu o ferro: Vós deixastes pôr vosso Filho sobre a cruz e pregal-o n'ella com tres cravos até dar a vida. Abrahão se deu um filho, ficava-lhe outro: Vós destes um Filho, mas não tinheis outro nem o podieis ter. O amor de Abrahão foi forçado com o preceito: o vosso foi livre e espontaneo. O amor de Abrahão foi misturado com temor: o vosso, todo foi amor, porque não tinheis a quem temer; e só temestes que os homens se perdessem, que foi maior circunstancia de amor. Pois sendo tanta a diferença de Pae a Pae, de Filho a Filho e de amor a amor, se dar Abrahão o Filho por amor de Deus, foi «tão grande prova de amor; qual não será o dardes vós o vosso Filho por amor dos homens?»

Caso contado
por Sedulio o
aplicado.

Sedulio, padro antigo e poeta illustre da lei da graça, conta um caso admiravel. Foi á caça um famoso atirador da Thessalia, e deixou um filho pequeno ao pé de uma arvore, em quanto se metteu pelas brenhas. Quando tornou, viu que estava enroscada uma serpente no menino. E que conselho lomaria o pae em um caso tão perigoso? Se alirava á serpente, arriscava-se a matar o filho: se lhe não alirava, mordia a serpente o menino e matava-o. A resolução foi que embebeu uma seta no arco e medi a corda com tanta certeza, e pesou o impulso com tanta egualdade, que matando a serpente, não tocou no menino. Pasma Sedulio da felicidade do tiro; e diz assim: *Ars fuit esse patrem*: não cuide ninguem que isto foi destreza da arte; foi ser pae. «É o nosso caso.» Aquella serpente do paraíso enroscou-se em Adão «pela culpa original, e já lhe dava, mordendo-o, a morte eterna.» Quiz o Eterno Padre matar a serpente; mas como se houve? Faz um tiro á serpente que estava enroscada no homem, «e com tento de pae» mata a serpente e não toca no homem. «Mas onde achou seu amer o arco e a seta para obrar tão gloriosa façanha?» Oh Filho de Deus, que não sei se me compadeça de vós! «O arco e a seta estão no mysterio da vossa Incarnação; porém o tiro será a vossa morte: *Proprio Filio suo non pepercit, sed pro nobis tradidit illum?* No dia de amanhã se ha de ver isto publicamente em proprios termos.

Christo é pos-
posto a Bar-
abbás por ser
decreto do
Eterno Padre
que morra o in-
nocente para
dar vida e ab-
solver
condenados.

Quando Christo e Barabbás foram propostos por Pilatos á eleição do povo, clamou o mesmo povo, sollicitado pelos principes dos sacerdotes: Morta Christo e viva Barabbás. Grande injustiça! mas muito maior mysterio! diz Sancto Athanasio. E qual foi? Que logo na primeira sentença, com que Christo foi condenado á morte, se visse nos effeitos, que morria e era

condemnado para dar vida e absolver condemnados. O povo que costumava ser a voz de Deus, sem intender o que diziam as suas vozes, foi o pregoeiro da sentença do Padre que primeiro tinha dicto : Morra meu filho e viva o homem. E vede como em nenhuma figura se podia melhor representar o caso que na de Barabbás. Barabbás, como dizem S. Lucas e S. Marcos, era ladrão e homicida; e por isso propriissima figura do primeiro homem, que foi ladrão, roubando o fructo da arvore vedada, e homicida matando-se a si e a todos seus descendentes. Barabbás na lingua hebraica quer dizer. *Filius patris* : o Filho do Padre. *Barabbás* *Filius Patris latine dicitur* : diz sancto Ambrosio. E a razão da etymologia é porque *Bar* em hebreu quer dizer filho e *abbas* quer dizer pae. De sorte que quando o Filho é condemnado para que o homem se livre, e quando o Filho morre para que o homem viva, então o homem se chama Filho do Padre, *Filius Patris* : porque «foi pela morte de Christo que o homem se fez filho de Deus». Podia haver no Padre maior e mais custosa demonstração de amor para com o homem, creature tão indigna?»

O certo é que se em Christo podera haver inveja, caso e occasião era esta, em que podera ter invejas do homem. O mesmo Christo o disse ou descreveu assim. Quando o pae recebeu o filho prodigo com tanta festa e matou o vitello regalado (que eram as delicias naturaes d'aquelle bom tempo) para lhe fazer o banquete, o filho mais velho, que estava fóra e teve notícia do que passava, se mostrou tão sentido e queixoso, que para entrar em casa foi necessário que o pae saisse a o buscar, e dár-lhe satisfações. E quem era este pae e estes dous filhos? O pae era o Eterno Padre, o Filho mais velho, Christo, que em quanto Deus foi gerado ali-aeterno, e o filho mais moço o homem, que foi criado em tempo. Pois se o Filho mais velho era Christo, como se mostra tão sentido dos favores e regalos que o pae fez ao mais moço, que parece lhe tem inveja? A razão é, porque, consideradas todas as circumstancias do mysterio da Incarnação do Verbo a Redempção do genero humano, são tales os excessos que Deus fez pelo homem, que se o Filho de Deus fóra capaz de invejas, as livera grandes ao favor e regalo com que o Padre tractou o homem «com ser filho tão rebelde». O regalo do vitello morto para o banquete é o de que o Filho maior se mostrou mais queixoso. Mas tende mão, magoado e innocentemente Filho, tende mão na vossa justa dor e sentimento ; que a occasião da queixa e inveja, ainda se não declarou, nem mostrou até onde ha de chegar. «Bem sabeis que não de vitellos, nem de cordeiros, senão de vossa mesma carne e vosso mesmo sangue ha de guisar para os homens» a omnipotencia,

A parabola do
filho prodigo
e os mysterios
deste dia.

Joan. 6.

a sabedoria e o amor do vosso Padre um tão exquisito manjar que não tenha comparação com elle o manjá do céu. Assim foi e assim o confessou o mesmo Christo publicando que a instituição do Sacramento, antes de ser obra sua, fôra dadiva do Padre: *Non Moyses dedit vobis panem de caelo, sed Pater meus dat vobis panem de cuncto verum.* A tanto chegou, a tanto se extendeu o *Dilexit* do Padre; e tanto deu aos homens, quando lhe deu seu unigenito Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret.*

Como o amor do Filho compete com o amor do Padre.

III. Mas se no dia da Incarnação amou tanto o Padre aos homens «que deu para os remir o seu unigenito,» contrapondo agora um dia a outro dia e um amor a outro amor, vejamos como no dia de hoje «competiu o amor do Filho com o amor do Padre. E posto que o *dilexit* d'aquele primeiro dia nos abriu mais largo campo e nos deu mais ampla e copiosa materia com as obediencias então impostas por seu Padre ao Verbo recentemente incarnado, cujas execuções se extenderam até à hora da morte, à qual principalmente se ordenaram; e pelo contrario o *Dilexit* d'este dia se estreita e limita somente ás acções de poucas horas, sem mais theatro que o de um Cenaculo, nem mais campo que o de um Horto: espera comtudo o amor de hoje confiadamente, que sem sair da estacada ha de correr e quebrar as lanças com tal esforço, que «em vencer a dificuldade da competencia» se lhe não duvide «a coroa da victoria. Discorramos por todas as acções de Christo n'este mesmo dia sem sair d'elle e veremos «este novo triunpho de seu amor.» Quando o amoroso Senhor deu principio á primeira que foi lavar os pés aos discípulos, nota e pondera o Evangelista, que se deliberou o divino Mestre a uma acção tão prodigiosa, considerando e advertindo que seu Pae lhe tinha posto tudo nas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, coepit lavare pedes discipulorum.* Muitas outras vezes se faz menção no Texto sagrado d'este tudo dado a Christo por seu Eterno Padre: *Omnia mihi tradita sunt a Patre meo. Omnia quaecunque habet Pater mea sunt. Omnia quae dedisti mihi, abs te sunt;* e em outros muitos logares. Pois porque razão tantas vezes se repete e n'este logar «se pondera tanto» que o Padre deu tudo a seu Filho? O intento do Evangelista era encarecer o amor de Christo n'este dia para com os homens; e haver o Filho de Deus de lavar os pés aos homens «depois de ter recebido do Padre todos os thesouros da divindade, era pór-lhes aos pés estes mesmos thesouros com tão grande manifestação de affeito, que só ella basta a mostrar como o seu amor resistiu á competencia do amor do Padre. O Padre dá aos homens em seu Filho tudo o que

Mark. 14.

Joan. 16.

Id. 17.

tem; e o Filho pôi aos pés dos homens tudo o que recebeu.» Oh dadivas do Padre! Oh pés dos homens! Oh amor e estimação de Christo! O que podia d'aqui inferir o discurso, senão tivesse mão n'elle a fé, é que prezou Christo mais os pés dos homens, que as dadivas do Padre. Mas o certo e a verdade é, que não foi nem podia ser assim. Amou e estimou o Filho summamente as dadivas de seu Padre tanto pelo que eram em si, como pelas mãos de quem vinham. Porem esta mesma estimação, não desfaz, antes resforça mais o mesmo discurso, porque d'elle se infere estimação sobre estimação e amor sobre amor.

Quando o filho prodigo em serviço de outro amor empregou quanto tinha recebido de seu pae, e sua propria pessoa, até se abaixar ás maiores vilezas de servo, «causou certamente admiração que o inconsiderado mancebo fosse tão largo de seus bens com pessoas que tão pouco lhos mereciam. Mas quem foi o maior prodigo, antes o unico verdadeiramente prodigo que houve no mundo (diz com amoroso atrevimento) Guerrico Abade e depois d'elle Guilielmo ainda com maior energia) senão o Filho do Eterno Padre? *Quis unicus prodigus inventur nisi Unigenitus Patris.* E porque prodigo e unico? Prodigo, porque se pareceu «em certo modo» com o Prodigo: e unico, porque o excedeu. Pareceu-se com o Prodigo; porque assim como o Prodigo tudo quanto tinha recebido do pae e a si mesmo empregou em serviço e amor de quem o não merecia; assim Christo com tudo quanto lhe tinha dado seu Padre e com sua propria pessoa serviu e amou aos homens; e para que a parabola ficasse inteira, a homens peccadores. E excedeui muito ao mesmo Prodigo; porque o Prodigo obrigado da fome, foi buscar o pão a casa do pae; e Christo não o foi buscar a outra parte, mas desentranhou-se a si mesmo e fez-se pão: o Prodigo arrependeu-se do seu amor; e Christo não se arrependeu jámais, mas perseverou constante no mesmo amor até o fim: *In finem daberit eos.*

Do ministerio humilde do lavatorio passou o Senhor ao ministerio altissimo do sacramento; e aqui «muito mais competiu seu amor com o amor do Padre.» A Eucaristia é juntamente sacramento e sacrifício: como sacrifício consume-se; como sacramento conserva-se: como sacrifício é acção transeunte; como sacramento é permanente: como sacrifício tem horas e dias certos; como sacramento é de todo o tempo, de dia e de noite: como sacrifício não se aparta do altar e de sobre a ara; como sacramento sai ás ruas e entra em nossas casas; como sacrifício tem por fim occulto a adoração do Padre: como sacramento a presença, a assistencia e a união com os homens. «Vede

J. Christo prodigalizou o seu amor e por isso foi chamado o unico Prodigio

*Querr. serm. in
Pent.
Guil. apud Bas.
in Theopst.
p. I. I. I. e. b.*

O mesmo amor se prova com a instituição da Eucaristia.

agora o amor de Christo para com os homens na Eucaristia como sacramento e como sacrificio».

**Em quanto esta
é sacramento.**

John. 16.

Ibid. 6.

É tal a união que os homens contrahem com Christo no sacramento, que comparada com a mesma união que o Filho tem com o Padre, se a não «eguala» em quanto união, «enleva-nos mais» em quanto amorosa. Revelando Christo a união altissima que tem com seu Padre, diz: *Ego in Patre, et Pater in me est.* Eu estou no Padre e o Padre está em mim. E declarando a união que tem com o homem no sacramento, diz pelos mesmos termos: *In me manet et ego in illo:* elle está em mim e eu n'ella. E qual d'estas duas uniões tão parecidas é maior? A que o Filho tem com o Padre sem duvida é maior em genero de união; porque é unidade: porém a que Christo tem com o homem no sacramento «enleva-nos mais» em genero de amorosa; porque a fez o amor. Pois a união que tem o Filho com o Pae não a fez o amor? Não. Porque a união entre o Padre e o Filho funda-se na geração eterna, antecedente a todo o acto da vontade. A nossa é obra da vontade do Filho; a do Filho é obra do intendimento do Padre. O Filho está no Padre e o Padre no Filho, porque o Padre se conheceu; e nós estamos em Christo e Christo em nós, porque o Filho nos amou.

**Em quanto é
sacrificio.**

**Aug. de Trin.
C. 4, c. 13.**

Isto na Eucaristia em quanto sacramento. E passando á Eucaristia em quanto sacrificio, digo que também o mesmo sacrificio se ordenou a maior união de Christo com os homens e «por isso a maior manifestação de amor.» Sancto Agostinho distinguindo esta união e admirando o amor de Christo n'ella, depois de advertir que todo o sacrificio se compõi, de quatro partes: Quem offerece, o que offerece, a quem offerece, e por quem offerece; diz que o sim que Christo teve no admiravel invento do seu sacrificio foi fazer que todos estes quatro por meio d'elle fossem uma só causa: *Ut idem ipse unus verusque mediator, per sacrificium pacis reconcilians nos Deo, unum cum illo maneret cui offerebat: unum in se faceret pro quibus offerebat: unus ipse esset qui offerebat et quod offerebat.* Só a agudeza de Agostinho podera penetrar os intimos secretos de tão intrincado e bem tecido labyrintho de amor. No sacrificio do altar quem offerece é Christo: o que offerece é seu corpo: a quem offerece é o Padre: por quem offerece são os homens. E como pode ser que todos estes quatro em um só sacrificio se unam de tal sorte que sejam uma e a mesma causa? D'este modo. Para que Christo, que é sacerdote que offerece, fosse a mesma causa que o sacrificio, fez que o sacrificio fosse de seu corpo. Para que os homens, por quem se offerece, fossem a mesma causa com o sacrificio e com o sacerdote, fez que os homens

o comessemos. E para que o Padre, a quem se oferece, fosse a mesma causa com os homens e com Christo, fez que por meio do mesmo sacrifício se reconciliasse o Padre com os homens. Oh assombro! Oh prodigo de amor do Christo para com os homens. Só o amor omnipotente podia inventar um bocadão em que, sendo um só o que come, fossem quatro e tales quatro os que ficassem unidos.

Acabados os mysterios da sagrada ceia, querendo o Senhor partir do Cenaculo para o Horto onde finalmente se despediu dos seus «discípulos, Ihes», falhou n'esta forma: *Ut cognoscat mundus quia diligo Patrem, et sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio: surgite, camus hinc:* para que conheça o mundo quanto amo ao meu Padre e quão obediente sou a seus preceitos; levantae·vos, vamo-nos d'aqui. D'estas palavras se prova que não tinha Christo n'este mundo causa que mais amasse que os homens, nem que mais lhe houvesse de custar que apartar-se d'elles, pois este era o maior exemplo e demonstração por onde o mundo havia de conhecer quanto o mesmo Senhor amava seu Padre. «Assim é: quem quizer avaliar quanto pôde com Christo o amor do Padre, saiba» que custando tanto ao seu coração o deixar os homens e apartar-se d'elles, «só» em conflito de amor com amor prevalece o amor do Padre. «Mas ainda assim quão poderoso ha de ser aquelle amor que sómente se rendeu quando areou com o amor todo poderoso? E ainda mais que se não rendeu à discrição; mas capitulou com as condições mais honorificas e vantajosas para os seus amados, conseguindo que o apartar-se dos homens, fosse para maior bem dos mesmos homens. Assim o declarou elle mesmo: *Expedit robis ut ego radam: si enim non abierto, Paralictus non veniet ad vos.* Como se dissera o amoroso Senhor: Não é só o Padre o que me leva; também vós sois os que me levais; não só vou para o Padre, porque é obediencia sua; senão porque é conveniencia vossa: não só porque o amo a elle, senão porque vos amo a vós: «emfim» vou-me porque a vós vos convém que eu me vá «para receberdes os dons do Espírito Santo»: *Expedit robis ut ego radam: si enim non abierto, Paralictus non veniet ad vos.*

Agora ficará bem intedido e concordado aquelle encontro de S. Paulo com David, que tanta discordia tem causado entre os expoentes. S. Paulo diz que subindo Christo ao céu deu dons aos homens: *Ascendens in altum dedit dona hominibus.* E David não diz que os deu; senão que os recebeu: *Ascendisti in altum; accepisti dona in hominibus.* Pois se S. Paulo cita ao mesmo David; e David diz que Christo subindo ao céu recebeu

Amor que mostraram as palavras da despedida.

Joan. 14.

Ibid. 16.

Como é que subindo N. Senhor ao céu deu dons aos homens.

Ad Ephes. 4.

Pt. 67.

os dons; como diz, e treslada S. Paulo, não que os recebeu, senão que os deu? Porque tudo foi: recebeu-os do Padre para os dar aos homens; «e assim aquelles mesmos dons que provam o seu amor para com o Padre e o amor do Padre para com elle, provam tambem o amor de ambos para com os homens.» D'esta maneira «se apartou Christo dos homens e subiu ao céu» com grande credito de seu amor: *Expedit robin ut ego vadim.* «Não basta».

*Outro desafogo
do amor da
Gloria, quanto
ao tempo que
ainda se deu-
ria com
os discípulos.*

Vai por deante a practica: vai-se desafogando o amor e sempre em novos argumentos a favor dos homens. Desenganados os discípulos da partida por parte da obediencia do Padre forçosa, e por parte dos seus interesses conveniente; outro motivo com que o benignissimo Senhor os consolou foi a promessa de que ainda o haviam de tornar a ver, se bem por breve tempo: *Ierum modicum et videbitis me; quia vado ad Patrem.* Da intelligencia d'estas palavras duvidaram com tal admiração os discípulos, que se perguntavam uns aos outros: *Quid est hoc quod dicit nobis: Modicum et quia vado ad Patrem?* E finalmente se resolveu entre todos que nenhum d'elles sabia nem podia intender o que o Senhor dizia: *Nescimus quid loquitur.* Notavel caso! Se as palavras «parecem» tão claras, como se não achou em toda a eschola de Christo quem as soubesse intender, e mais estando alli S. João, o qual pouco antes reclinado sobre o peito do mesmo Senhor tinha apprendido e recolhido d'elle os thesouros da mais alta sabedoria? Com tudo todos elles confessaram que nenhum sabia, nem entendia o que queriam dizer aquellas palavras. Cada uma das partes da proposição era muito facil; mas ambas junetas não cabiam em nenhum intendimento. Uma parte dizia que Christo se partia para o Padre: *Quia vado ad Patrem;* a outra parte dizia que o tempo que se delivesse na terra com os discípulos havia de ser pouco: *Modicum et ridebitis me;* «Os discípulos ainda ignoravam o tempo da paixão e os quarenta dias da resurreição que estavam incluidos n'este *Modicum:* mas, ainda que o soubessessem, nem por isso desapparecia a dificuldade.» Não ha cousa que mais alargue o tempo na ausencia e na saudade que a dilação: as horas se fazem annos e os dias seculos. Pois se as saudades e desejos de Christo subir ao Padre eram quaes deviam ser as de um Filho, e tal Filho, para ver um Pae, e tal Pae, depois de uma ausencia de trinta e quatro annos, como podia ser breve tempo e tão breve o de tão larga dilação? «Eis aqui a dificuldade que embaraçava, ou podia embaraçar, qualquer dos discípulos mais adeantados na eschola de Jesus Christo, e teria igualmente encluido o intendimento de todos os cherubins: *Quid est*

dicit nobis: Modicum et quia vado ad Patrem? Nescimus quid lequitur? Ninguem podia adivinhar que o amorosissimo Redem-demptor quizesse com estas palavras encarecer tanto o seu amor para com os homens.»

O tempo define-se: *Mensura primi mobilis:* a medida do primeiro movel; e o primeiro movel n'este mundo pequeno, que chamamos homem, é o coração. D'aqui vem que segundo os movimentos do mesmo coração pôde o mesmo tempo com diferentes respeitos ser longo e breve. E taes se convencia pelo discurso serem em respeito do Padre e dos homens aquelles quarenta dias. Para ir ao Padre eram dias e quarenta: mas para se deter com os homens eram uns minutos ou momentos tão abbreviados, que não chegavam a fazer numero. Isto queria dizer a palavra *Modicum* e muito mais a palavra *Vado*. Supposto que o Senhor promettia aos discípulos que se havia de deter com elles algum tempo, parece que não havia de dizer *Vou*, senão *Hei de ir*. Antes mais propriamente havia de dizer *Não vou*, ou, *Não irei* tão depressa que não tenhais tempo de me ver. Mas diz: *Vou*; porque, como aquelles dias eram de estar com os homens, o amor dos mesmos homens os abbreviava, unia e penetrava entre si de tal sorte, quo não só cabiam todos, mas todos estavam resumidos áquelle mesma hora. Por isso, quando segundo as leis do tempo parece que havia de dizer: *Hei de ir*: segundo as experiencias do seu amor dizia: *Vou: Vado*. «Tão ardente mente amava aos homens!»

Houve de apartar-se finalmente o soberano Senhor; e porque este apartamento não causasse nos discípulos o que naturalmente costuma nos homens, exhortando-os a estarem sempre unidos com elle por memoria e por amor, lhe declarou a importancia d'esta união com o exemplo da vinha, em que as vides não podem dar fructo, senão unidas á cepa; e disse assim: *Ego sum vitis, vos palmitos: et Pater meus agricola est*: Eu, discípulos meus, sou a cepa, vós sois as vides; e meu Padre é o lavrador. Aqui temos outra vez o Padre, os homens e o mesmo Christo: que é todo o concurso da nossa questão. Christo é Filho do Padre e os discípulos são filhos de Christo, como o Senhor lhes chamou n'esta occasião: *Filioli, adhuc modicum vobiscum sum.* (Filioli diz: e quem poderá comprehendêr a imensidade de amor que n'aquelle diminutivo se encerra?) «Mas explicando a similitudânia se vê claramente quo como o lavrador ama no mesmo tempo a cepa e as vides; e a cepa, se tivesse inteligencia, amaria as vides e o lavrador; assim o Padre ama ao Filho e aos homens, e o Filho ama aos homens e ao Padre. E como a cepa não se pode apartar da terra sem se arrancar e

O amor na pre-sença do amado abre-via o tempo. Por isso Christo chama pouco tempo aos 40 dias que an-da ha-de ficar com os homens.

A promessa que faz na despedida à outra prova do amor. Exemplo da cepa e das vides.

Joh. 15.

Ibid. 13.

entre todas as piadas era só este chamar apartamento, assim Christo, partindo do mundo com as maiores angustias sentia o despedir-se das horas a quem tanto amava.

Vede como no Horlo se apartou dos discípulos para ir orar ao Padre. Assim em ob eis: diz o evangelista S. Lucas que se arrancou d'elles. Esta manhã ponderei este passo a outro lado, agora acrescento e visto mais «o que se seguiu a este apartamento». Tres horas durou aquella oração do Horlo que tres vezes nas mesmas tres horas veio o Senhor a visitar os discípulos, nem ser bastante o descendo com que os viu e o deixar que n'elles experimentou para não tornar uma e tantas vezes. E bem, Filho sempre amantíssimo de vosso Miserio Padre, ao mesmo Padre deixais vós e tão repetidamente por vir aos homens? Não argumento por parte do respeito, que também podera ter sua demanda: só duvido por parte do amor. O centro do vosso amor não é o Padre? Sim é, nem pode deixar de ser. Pois como se inquieta tanto vosso coração se está no centro? Sei eu que tres dias deixastes vós a Mãe sobre todas as criaturas amada; e a satisfação que lhe destes foi que estavais com vosso Padre. Mas isso foi então e não no dia de hoje, em que os privilégios do amor dos homens não tem exemplo. Agora sim que se desquitou bem o amor de Christo. «Tres vezes em tres horas deixar o Padre para vir aos discípulos parece que podia agradar menos ao Padre» Mas é tanto pelo contrario que nunca tanto o Filho agradou ao Padre nem o Padre o reconheceu mais por Filho, que por estes mesmos extremos com que amou aos homens. *Filius meus es tu: Ego hodie genui te:* hoje, hoje vos reconheço mais que nunca por Filho; pois em amar aos homens como os amastes, mostrantes bem ser Filho de vosso Pae.

Esta foi na competencia de um amor com outro amor, esta foi a igualdade do *Dilexit* do Padre: *Sic Deus dilexit mundum ut Filium suum unigenitum daret;* e esta a igualdade do *Dilexit* do Filho: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilicerit eos.* Mas n'esta mesma igualdade, em que se não conhece vantagem, consistiu (como prometi) a victoria do amor de hoje. E porque, ou como? Porque Christo pela parte que tem de homem o menor que o Padre, como elle mesmo ensinou: *Quia Pater maior me est;* «e por isso para igualar ao Padre n'este glorioso desafio do amor havia de vencer dificuldades desconhecidas ao amor do Padre.» Na lucta que teve Jacob com o anjo, nem o anjo derrubou a Jacob, nem Jacob derrubou ao anjo; o comtudo o texto sagrado não uma, senão muitas vezes celebrou a victoria de Jacob; e por ella lhe mudou Deus o nome

de Jacob em Israel dizendo: *Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines preevalebis.* Mas quem era este anjo, quem era este Jacob e qual foi esta batalha? O anjo representava ao Padre, que por isso disse: *Si contra Deum fortis fuisti:* Jacob representava a Christo, que muitas vezes na Escriptura se chama Jacob; e a batalha era de amor; que por esta razão «Jacob abraçado com o anjo lhe disse: Não te largarei, se me não abençoares: *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi.*» E como n'esta competencia amorosa nem o Padre pôde vencer o Filho nem o Filho vencer o Padre; bem se conclui da mesma igualdade do amor de ambos que a victoria ficou pelo *Dilexit* de hoje. *In finem*, treslada S. Chrysostomo: *In victoriam dilexit eos.*

Or. 32.

IV. Os despojos d'esta victoria pede o amor que sejam os corações dos homens. tão igual e tão excessivamente amados do Padre e do Filho. Muito sentiu o amoroso Senhor que de só doze corações que se acharam no Cenaculo lhe faltasse um: *Cum diabolus jam misisset in cor ut traderet eum Judas.* E que seria se entre os que tanto abominamos aquella ingratidão e deslealdade houvesse muitos igualmente desleaes e mais, que o mesmo Judas, ingratos? Que seria se quando o Padre e o Filho competem sobre qual ha de amar mais aos homens, os homens vivessemos como á competencia de quem mais ha de offendere ao Padre, que nos deu seu proprio Filho, e ao Filho, que se nos deu a si mesmo?

Os despojos da victoria de Christo devem ser os nossos corações.
Quanto sentiu faltar-lhe o de Judas.

Joan. 13.

Os mais obrigados a este exemplo são os paes e os filhos. Os paes, para que amem mais a Deus que aos filhos, por cuja causa muitos se condenam; e os filhos, para que amem mais a Deus que aos paes por cojo temor ou respeito não tomam aquelle estado em que mais se segura a salvação. Quantos paes ha que, por amarem falsa e erradamente os filhos e os quererem antes para o mundo que para Deus, lhe impedem o servir a Deus? E quantos filhos que, por não desagradarem aos paes nem se apartarem d'elles, deixam a Deus e servem ao mundo? Oh ditosas,¹ bem intendidas e valorosas almas, vós que com tão animosa e prudente resolução deixastes a jerarchia d'esse choro tão alto e desprezastes todas as promessas do mundo, onde elle é mais mundo; e na edade mais sujeita a seus enganos, não só lhe voltastes o rosto, mas o meltastes debaixo dos pés. Se Christo hoje chamou seus aos que estavam no mundo, *suos qui*

Os mais obrigados ao exemplo do Eterno Padre & de Jesus Christo são os paes e os filhos, principalmente tractando-se de vocação religiosa

¹ Altude ás damas do paço que n'aquelle quaresma se fizeram religiosas.

erant in mundo, só porque o mundo não estava n'elles: a vós «em quem o mundo também» não está nem pôde estar para sempre, que nome vos terá dado o seu amor e que logar o seu coração? E se os filhos, em que a delicadeza e o mimo é tão natural, com gallarda resistencia e tão constante desapego deixam a casa dos paes e não lhe faz horror o claus-tro nem o cilicio; nos filhos (comvosco fallo), nos filhos que nasceram com obrigações de maior valor e o mostram tanto onde não convinha, porque se não verão similhantes desenga-nos? Porque se não acabarão de resolver tantas mocidades enganadas a deixar o mundo, a desprezar o mundo, a con-hecer o mundo, e a o tractar como elle merece e Deus nos merece?

Quando opportu-na a esta hora para des-sair o mundo, não negar com o affecto

Missa. 25.

Desenganemo-nos, que é necessario deixar o mundo, antes que elle nos deixe. E que occasião mais apparelhada e ainda mais forçosa e mais fidalga, que deixal-o «com o affecto» quando quem o creou e nos creou o deixa «effectivamente?» Será bem que se parla Christo do mundo, *ut transeat ex hoc mundo*, e que faça esta jornada só, sem haver quem o acompanhe e o siga «com o affecto»? Que coração haverá tão esquecido de Deus e de si, que ouvindo aquelle rebate, ou aquelle pregão do céu, *Sciens Jesus quia venit hora ejus*, lhe não cause um grande abalo na alma e diga resolutamente consigo: Esta será também a minha hora? Nenhum christão ha de conscientia tão perdida, que não faça conta de se converter e se dar a Deus alguma hora. E se ha de ser algum' hora, que hora como esta! Oh como é para lember que quem se não aproveitar d'esta hora, lhe falte outra! Se cada um de nós soubera a hora, em que ha de passar d'este mundo, como Christo sabia a sua, menos cegueira fôra. Mas se este secreto é occulto a todos e ninguem sabe o dia nem a hora, *Quia nescitis diem neque horam*; porque havemos de perder tal hora como esta e tal dia como o de hoje? Tal dia como o de hoje torno a dizer. Um dia em que se ajunetaram os dous maiores dias do amor e misericordia divina. O dia em que Jesus nosso Deus e nosso Redemptor se parle do mundo e o deixa, para que nós O sigamos, e o dia em que vejo ao mundo e deixou o céu, para que nós ao menos deixemos a terra. Oh maldita terra, oh maldito mundo, que nenhum exemplo basta para te deixarmos, nenhum desengano para te conhecermos, nenhum amor de Deus para te não amarmos!

COLOCANDO.
Triunphe tam-bém de nos.
Por diligentes o
diligentes amor.

Senhor Jesus, já que hoje está vosso amor tão vencedor de tudo, venga tambem e triumphé d'estes corações tão duros, tão ingratos, tão cegos. Abrandae, Senhor, esta dureza, convertei esta ingratidão, allumiae esta cegueira, trocae e transformae de

uma vez a rebeldia d'estas vontades: para que só a vós amem, só a vós queiram, só a vós desejem, só por vós suspirem, só de vós esperem, só em vós vivam, só por vós morram; até que chegue aquella ultima e felice hora de passar comvosco d'este mundo ao Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* onde vos vejam, onde vos gozem, onde vos amem sem fim.

(Ed. ant., tom. 4.º, pag. 357; ed. mod., tom. 4.º, pag. 440).

|
|
|

V. SERMÃO DO MANDATO **

PRÉGADO EM ROMA NA EGREJA DE SANCTO ANTONIO
DOS PORTUGUEZES NO ANNO DE 1670

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.— Este ultimo sermão é um dos mais ricos em imagens grandiosas, patheticas e delicadas, desenvolvidas mui ingenhosa e eloquentemente.

*Sciens Jesus quia venit hora ejus
ut transeat ex hoc mundo ad Pa-
trem, cum dilexisset suos qui erant
in mundo, in finem dilexit eos.*

S. JOAN. 13.

Este é aquelle texto saudoso e suavissimo, este é aquelle mysterio ou enigma grande do amor, tantas vezes repetido n'esta hora, tantas vezes e por tantos modos encarecido, tantas vezes e tão subtilmente interpretado; mas nunca assaz intendidio. Diz o evangelista S. João que se parte Christo e que nos ama; que se parte: *Ut transeat ex hoc mundo;* que nos ama: *In finem di-
lexit eos.* Mas se nos ama, como se parte? Se nos ama, como se ausenta de nós? Mais diz o evangelista. Não só diz que nos ama Christo e que se parte; não só diz que nos ama e que se ausenta de nós; senão que n'esta mesma hora em que se partiü, n'esta mesma hora em que se ausentou, havendo-nos amado sempre tanto, então ou agora nos amou mais: *Sciens quia venit
hora ejus ut transeat ex hoc mundo, cum dilexisset suos, in finem
dilexit eos.*

Se dissera isto outro «historiador», não me admirara tanto. Mais João a aguia do intendimento e a phenix «não fabulosa» do amor? João o secretario do peito de Christo? João aquelle discípulo, que entre todos soube melhor amar e mereceu mais ser amado, que me diga que se parte Christo, que se ausenta, que nos deixa, que se vai de nós e que nos ama? que nos

Diz S. João q.
Christo nos
deixa e
nos ama. Q.
dificuloso
concordar em
duas
verdades.

Mais outora
parecia que de-
zasse de co-
amar, e com-
do em ausen-
tar-sobrava es-
das maiores
finezas.

ama e que agora nos amou mais? Não o intendo. Se me dissera que se ausentava Christo, porque estava arrependido de nos amar; que se ausentava, porque aquelles primeiros extremos de seu amor o tempo, que acaba tudo, os acabara; se me dissera que obrigado de nossas más correspondencias, que offendido de nossos despridores, que cançado de nossas ingratidões, que desenganado de nossa pouca fé, já nos abhorrecia, ou já nos desamava; e que por isso deixa o mundo o se ausenta dos homens: se isto me dissera S. João, sentiria-o eu muito; mas conhecera a razão e a consequencia. Confessaria e confessariam os todos, que obrava Christo como quem é, e que nos tractava como quem somos. Amou-nos sem o merecermos: ausenta-se, porque lho merecemos. O amor o trouxe, o desamor o leva: por isso se vai e nos deixa. Mas que diga o evangelista constantemente, que não é desamor, senão amor: e que quando Christo se ausenta de nós, então obravá «uma das maiores finezas, então subiu a um dos maiores extremos», então chegou ao ultimo fim aonde podia chegar amando: *Cum dilexisset suos in finem dilexit eos?*

A explicação
desta verdade
será a mate-
ria do discurso.

O verdadeiro entendimento d'esta amorosa implicação será a matéria do nosso discurso e a mesma razão de duvidar nos dará a solução da dúvida. Veremos com assombro de todas as leis do amor, como «um dos maiores extremos» do amor de Christo para connosco foi o ausentar-se de nós. Parece paradoxo, mas é extremo. Nos homens a hora da partida é o lim do amor; em Christo «um dos maiores extremos» de amor foi a hora da partida. Peçamos ao mesmo amor, pelos merecimentos d'aquelle coração que só o soube corresponder dignamente, nos assista n'esta hora com a sua graça. *Ave Maria.*

Tres oppo-
sidores que se le-
vantam con-
tra este penan-
tamento o
amor, o sacra-
mento
e a cruz.

II. *Ut transeat ex hoc mundo in finem dilexit eos.* Amou Christo tanto aos homens que chegou por elles a apartar-se d'elles. Este é o meu assumpto; e este digo que foi «um dos maiores extremos» do amor de Christo. Mas que vejo? N'aquelle monumento sagrado, n'aquelle mysterio sacrosanto (que é a cifra do amor e o memorial da morte de Christo) vejo postos em campo contra este meu pensamento tres poderosos opposidores: o sacramento, a «cruz» e o mesmo amor. O amor diz que não pôde ser amor o apartar-se Christo de nós «porque o amor naturalmente une e não aparta.» O sacramento diz que se o deixar-se connosco foi a maior fineza, «claro está que não pôde ser igual fineza apartar-se. A cruz, finalmente, sem fallar mostra no corpo do Redemptor que pende dos seus braços escripta com letras de sangue aquella sentença: Não ha maior extremo de amor que dar a vida por seus amigos: *Majorem hac dilectionem*

Joan. 13.

nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis. Estes são os assombros com quo as acções mais heroicas do amor de Christo hoje e com que as mesmas leis do amor se oppõem à novidade do nosso assumpto. Mas estas mesmas nos dividirão o discurso e nos servirão de degrau para mais subir de poncto.

Começando pelo amor: o amor essencialmente é união e naturalmente a busca: para alli pesa, para alli caminha e só alli pára. Tudo são palavras «não só de Platão, ou da razão natural; mas também de Sancto Agostinho, ou da razão allumiada pela fe.» Pois se a natureza do amor é unir, como pôde ser efeito do amor o apartar? Assim é quando o amor não é excessivo, «dão-se casos em que» divide. *Fortis est ut mors dilectio:* o amor, diz Salomão, é como a morte. Como a morte, rei sabio? Como a vida, disse eu. O amor é união de almas; a morte é separação da alma. Pois se o efeito do amor é unir e o efeito da morte é separar, como pôde ser o amor similhante à morte? O mesmo Salomão se explicou. Não fala Salomão de qualquer amor, se não do amor forte; e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo produz «se for preciso», efeitos contrários. Sabe-se o amor atar e sabe-se desatar como Samisão: afectuoso deixa-se atar; forte rompe as ataduras. O amor sempre é amoroso: mas umas vezes é amoroso e unitivo; e outras vezes amoroso e forte. Em quanto amoroso e unitivo ajunta os extremos mais distantes: em quanto amoroso e forte divide os extremos mais unidos, «com tanto que seja para maior bem do amado.» Quaes são os extremos mais distantes e mais unidos que ha no mundo? O nosso corpo e a nossa alma. São os extremos mais distantes; porque um é carne, outro é espírito: são os extremos mais unidos, porque «estão sempre juntos.» Juntos nascem, juntos crescem, juntos vivem, juntos caminham, juntos param, juntos trabalham, juntos descansam, de noite e de dia, dormindo e vellendo: em todo o tempo, em toda a edade, em toda a fortuna; sempre amigos, sempre companheiros, sempre abraçados, sempre unidos. E esta união tão natural, esta união tão estreita «quantas vezes a divide o amor forte? Vede-o nos campões da fe e da religião: vede-o nos defensores da patria: vede-o n'aqueles espíritos generosos que cifram todos seus desejos em serem desatados da carne e estarem com Christo, como o Apostolo: *Desiderium habens dissolvi et esse cum Christo.*» O amor em quanto unitivo é como a vida; em quanto forte é como a morte. Em quanto unitivo, por mais distantes que sejam os extremos, ajunta-os: em quanto

Responde-se ao
amor que
quando é forte, dilo
se casos
em que aparta.
Exemplo dos
que dão a vida
pela religião
e pela pátria, e
dos que deso-
jam morrer pa-
ra se unirem
com Christo.

Cont. 8.

Ad Phil. 1.

forte, por mais unidos que estejam os extremos, « muitas vezes » aparia-os.

*Exemplo de
Christo.*

Jean. 16.

Antes da Incarnação do Verbo quae eram os extremos mais distantes? Deus e o homem. E que fez o amor unitivo? Trouxe a Deus do céu á terra e uniu a Deus com os homens. Depois da Incarnação quae eram os extremos mais unidos? Christo e os homens: E que fez o amor forte? Leva hoje a Christo da terra ao céu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;* e apartou a Christo dos homens: *Exihi a Patre et veni in mundum:* eis ahi o amor unitivo. *Iterum relinquo mundum et vado ad Patrem:* eis ahi o amor forte. E o que diz o Evangelista: *Cum dilerisset, dilerit.* Houve diferença nos tempos; mas não houve mudança no amor. Christo unido com os homens, amor: *cum dilerisset.* Christo apartado dos homens, também amor e maior amor: *In finem dilexit.*

*Exemplo da
Esposa
dos Cantares.*

Cant. 8.

Em uma hora que era representação d'esta mesma hora (como notou S. Bernardo) estando a Esposa em um horto (que também era figura de outro horto) pediu-lhe o esposo divino que cantasse alguma letra, porque a queriam ouvir seus amigos: *Quae habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam.* Os amigos que escutam somos nós: o Esposo é Christo: a Esposa é a Egreja: qual será a letra? Cantou a Esposa em verso pastoril o que «hoje se declara na historia» evangélica. Toma a Esposa uma cithara na mão; e tocando docemente as cordas cantou assim: *Heu fuge, dilecte mi: assimilare capre & hinnuloque cervorum super montes aromatum:* Ai, ide-vos, amado meu: parti como cervo ligeiro, deixae os valles da terra; ide-vos para os montes do céu. Disso a Esposa: quebrou a cithara, e emmudeceu para sempre. Assim foi, porque este é o ultimo verso e a ultima clausula do ultimo capítulo dos canticos. Todos sabemos que a materia dos canticos de Salomão é a historia do amor de Christo com a sua Esposa a Egreja. Pois, Esposa sancta, este é o fim que dais á historia do amor de vosso Esposo? Ou quereis encarecer o seu amor, ou o vosso, ou o de ambos? Se n' seu; dizeis-lhe que se vá? Se o de ambos; conclui com o apartamento de ambos? Sim, porque este é o ultimo fim, este é o ultimo extremo a que pôde chegar o amor «do Esposo: apartar-se da Esposa por amor d'ella mesma».

*Como a Esposa
se foi aper-
seguida no
amor.*

Cant. 7.

Ibid. 3.

E senão comparemos esse fim com os principios do mesmo amor. Nos principios do amor as finezas do Esposo eram buscar a Esposa por montes e valles: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles.* Nos principios do amor as finezas da Esposa eram ter o Esposo sempre consigo e não se afastar um momento d'elle: *Inveni quem diliguit anima mea tenui cum, nec*

dimittam. Porem depois que o amor principiante passou a amor perfeito, depois que o amor proficiente chegou a amor consummado, já as presenças se trocam pelas ausências, e todos os extremos do amor se reduzem, a que? a um ai, e um Ide-vos, *Heu fuge!* O *Heu* significa a dor, significa a violencia, significa o afecto, significa o amor. O *fuge* significa o apartamento, significa a resolução, significa o sacrifício, significa a fineza e o extremo: *Heu fuge! Ai, ide-vos.* Oh que extremos tão encontrados! *Non optando loquitur;* diz Beda. Mas d'estes dons extremos tão encontrados se compunha o extremo do amor de Christo; e o encontro e a repugnancia d'estes dous extremos eram os forcedores que n'esta hora de sua partida lhe partiam o coração. O afecto pedia que ficasse; a conveniencia instava que se fosse: *Expedit vobis ut ego vadam:* mas como o afecto era seu e a conveniencia era nossa, pôde mais a conveniencia que o afecto. Vença a conveniencia, pois é vossa pelo que tem de vós: corte-se pelo afecto, pois é meu pelo que tem de mim; e seja este o ultimo fim e o extremo ultimo do meu amor: *Heu fuge dilecte mi. In finem dilexit eos.*

III. Haverá ainda quem se opõa a este extremo de fineza? Haverá ainda quem se opõa a este extremo de amor? Ainda. Ainda se oppõi e resiste o mesmo amor defendendo-se com o escudo do Sacramento e com a espada da «cruz». Fortes armas! Mas tambem as ha de render o amor ainda que tão fortes e tão finas.

Allega por parte do sacramento o amor e defende constantemente que foi maior fioeza em Christo o deixar-se «na Eucaristia» que o deixar-nos «para subir ao Padre», o ficar comnosco que o apartar-se de nós. E como o prova? Em um caso temos ambos os casos. Na terra de Moab houve tres amigas muito celebradas na Escritura, Noemi, Ruth e Orpha. Viveram muito tempo juntas estas amigas, como amigas e parentas que eram; até que veio uma hora (como esta hora) em que se houveram de ausentar. Abraçaram-se, choraram muito, fizeram as exequias à sua despedida com todas as solemnidades que costuma o amor; mas tanto que chegou o ponto preciso em que se haviam de apartar, sucedeu uma diferença notável. Orpha, diz o Texto que se apartou e que se foi para a sua patria e para o seu Deus: porem Ruth enterneceu-se tanto, que de nenhum modo se pôde apartar da companhia de Noemi; e se deixou ficar com ella por toda a vida. Eis-aqui quanto vai de amar a amar e de ficar a partir-se. Quem ama pouco, aparta-se: quem ama muito, não se pôde apartar. Orpha, que amava pouco, apartou-se e deixou a Noemi: Ruth, que amava muito, não a pôde deixar

Segunda oppo-
rção por
parte do Sacra-
mento.

Christo na Eu-
caristia é
como Ruth para
Noemi, na
partida e como
Orpha.

nem apartar-se d'ella. São os termos do nosso caso. Chegou a hora precisa em que Christo se havia de apartar dos homens. Mas n'esta amorosa despedida, n'este rigoroso apartamento quem foi a Orpha que se apartou? Quem foi a Ruth que se não pôde apartar? Uma e outra por modo admiravel foi a mesma Humanidade sacratissima de Christo. Ella foi a Orpha que n'esta mesma hora se apartou e se foi para a sua patria e para o seu Deus: *Utr transeat ex hoc mundo ad Patrem*; e ella foi a Ruth que se não pôde apartar; e recolhendo as espigas se deixou n'aquelle sacramento debaixo de especies de pão. Logo «parece que não foi em Christo igual amor» o deixar-se o o deixa-nos, o ficar comosco e o apartar-se de nós.

Resposta Jesus
Christo não
partiu como Or-
pha, porque
não partiu por
sua conve-
niencia, mas
ainda na parti-
da foi suor-
tante a Ruth.

Que grosseiros são os affectos humanos para avaliar as finezas do amor divino! Se Christo se apartara como Orpha, amando como Orpha, fôra menor o seu amor. Mas Christo apartou-se como Orpha, amando como Ruth. «Notae». Orpha amou pouco; Ruth amou muito: porque Orpha apartando-se seguiu a sua conveniencia; e Ruth não se podendo apartar seguiu «só a conveniencia de Noemi, para lhe adoçar as amarguras com esta piedade e depois com o penoso trabalho de seus braços, recolhendo espigas todo o dia atraz dos segadores de Booz. Mas Christo assim em deixar-se ficar comosco como em apartar-se de nós, sempre seguiu a maior conveniencia nossa. *Expedi vobis ut ego radam. Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, habet vitam aeternam.* Logo se Christo se apartou como Orpha: sempre nos amou como Ruth e por isso não se mostrou menos extremoso no apartamento que na presença eucaristica.»

O fim principal
Por
que ficou na
Eucaristia é o
mesmo que
leve em sahar
ao céu

Perdoae-me, sacramentado Amor. «Bem sei que» deixar-se Christo com os homens no sacramento foi seguir o amor, o seu afecto e a sua inclinação; foi satisfazer ao desejo: *Desiderio desiderari hoc Pascha manducare vobiscum;* «porque os seus gostos, as suas recreações, as suas delicias são estar no mundo com os homens e tractar familiarmente com elles. Mas sei também que não esteve ahí a maior fineza da Eucaristia por não ser esse o fim principal da sua instituição. Dar aos homens a vida da alma e dar-lhes a vida do corpo, depondo n'este a semente da resurreição: dar a vida aos homens no tempo e na eternidade, unindo-os entre si e unindo-os com o centro da vida; dar a vida aos homens com a graça e com a gloria, começando na terra aquella união bemaventurada que se ha de aperfeiçoar no céu; eis o fim principal para que Christo ficou entre elles no sacramento. Mas não é este o mesmo fim para que os deixou subindo ao trono de seu Pae? Quer fique no mundo com

visível majestade, quer não, sempre tem o intento no maior bem dos homens; e assim o extremo de amor com que ficou no sacramento não contradiz, antes declara mais que o apartar-se visivelmente não foi menor extremo de amor.»

Para Christo se apartar de nós e juntamente se deixar connosco, dividiu-se Christo de si mesmo, «e foi o mesmo» amor que fez a maravilha. Vede-o com os olhos. Para dar o passo a arca do Testamento apartou-se o rio Jordão e dividiu-se de si mesmo: uma parte do rio assim dividido correu para o mar, e a outra parte suspendeu a corrente e tornou para a fonte, d'onde tinha saído: *Quid est tibi, mare, quod fugisti; et tu, Jordanis, quia conversus es retrorsum:* «pergunta pasmado o propheta; e logo responde elle mesmo: que o correr para o mar e o voltar para a fonte foi igualmente devido á presença da Arca do Senhor: *A facie Dri Jacob.*» Ah! Jordão divino (que assim vos chamou profundamente Orígenes), vejo-vos dividido de vós mesmo com duas correntes contrárias. Com uma corrente ides para o Padre que é o princípio fontanal (como dizem os theologos) d'onde nascesteis: com outra corrente ides-vos meter n'esse mar immenso do Sacramento, onde verdadeiramente estais sem aparecer, assim como os rios entram no mar e desapparecem: «mas ou corrais para o mar, ou volteis para a fonte, sempre vos mostrais em presença da vossa Egreja igualmente extremoso.»

E senão, perguntemos ao mesmo evangelista n'estas suas reflexões tão ponderosas do amor de Christo, porque não fez menção, nem memoria alguma da instituição do Sacramento? Não fundo o reparo na relação tão copiosa que todos os outros evangelistas fizeram d'este sagrado mysterio; mas na que S. João não quiz fazer. E vede se se argui bem do seu mesmo texto: *In finem dilexit eos; et coena facta etc.* Ponderou o extremo do amor com que nos amou Christo no fim: fez menção da ceia; porém do sacramento instituido na mesma ceia nem palavra faltou. Pois se pondera o extremo de amor e faz menção da ceia imediatamente depois; porque passa totalmente em silencio a instituição de um mysterio tão soberano, tão admiravel, tão amoroso? «Porque para o seu intento não servia menos falar dos motivos do apartamento que da instituição da Eucaristia.» O intento de S. João n'este evangelho não era só provar o amor de Christo, senão realçar a fineza do mesmo amor: *Cum dilexisset, in finem dilexit;* e a instituição «da Eucaristia não era maior fineza que o ausentar-se por interesse de seus discípulos para que do seio do Eterno Padre Ihes enviasse o Espírito Sancto: *Expedit nobis ut ego radam; si enim non abierto, Paracitus non veniet ad nos.*» Por isso não diz que se sacramen-

Fer Christo
perante a sua
Egreja o que
fizera o Jordão
perante a Ar-
ca do Senhor.

Ps. 103.

Prova-o o mes-
mo texto
do Evangelista.

hou, senão que se ausentou; por isso não diz que se deixou comnosco, senão que se apartou de nós; por isso não diz que ficou no mundo, senão que se foi do mundo. E tanto que poz aquella premissa: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*, logo concluiu: *In finem dilexit eos*: porque «evidentemente foi este um dos maiores extremos do seu amor.»

Torreira oppo-
sição por
parte da Cruz.
Como
se desfaz.

IV Temos rendido o braço do escudo e só nos resta o da espada que é a «Cruz». Muito confia n'esta espada o amor, porque traz escripto e gravado n'ella «o texto que já citei:» *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*. «Mas essa arma não é contra mim; e a razão está muito à flor da terra. Se não ha maior extremo, que dar a vida por seus amigos, bem pode haver um extremo igual; e tal foi para Christo o ausentar-se como já fôra o ficar sacramentado. Mas para que o amor não infira das penas da cruz que Christo mostrou n'ella maior fineza», ponhamos o lucto defronte do Calvario e ajuntemos o theatro da despedida com o theatro da morte.

A pena com que
Jesus se apar-
tou dos seus no
valle do
Gethsemani.

O theatro da ultima despedida ou apartamento de Christo foi o valle de Gethsemani coberto das sombras da noite, onde tudo aspirava amor, tudo silencio, tudo tristeza, tudo saudade. Aqui se apartou o amoroso Senhor dos seus discípulos, não de todos juntamente, senão de uns primeiro e depois dos outros. Como o golpe lhe chegava tanto á alma, não se atreveu a levar-o todo de uma vez; foi-o dividindo por partes. Assim se apartou o Senhor: mas não digo bem: *Arulsus est ab eis*, diz S. Lucas: não se apartou, arrancou-se. Tão violentamente se apartava Christo dos homens, que o apartar-se d'elles era arrancar-se. Tão dentro d'elles estava, e tão dentro de si os tinha, que não se apartava dos seus olhos, nem se apartava dos seus braços; arrancava-se dos seus corações e arrancava-se-lhe o coração: *Arulsus est ab eis*. Por ventura chegou a dizer algum evangelista que quando Christo morreu se lhe arrancou a alma? Não por certo. O evangelista que mais disse foi S. Mattheus: e que disse? *Emisit spiritum*: despediu a alma. De sorte que quando Christo morre, despede a alma; e quando Christo se despede, arranca-se dos homens. Tão facil lhe foi o morrer, tão dificultoso o apartar-se. O laço com que a alma de Christo estava atada ao corpo, desatou-se: os laços com que o mesmo Christo estava atado aos homens, não se poderam desatar, romperam-se, rasgaram-se: arrancou-se: *Arulsus est*. Quantos eram os homens que havia no mundo, tantas eram as raizes que prendiam o coração de Christo. Eram raizes de uma eternidade inteira, profundadas com tanto amor, regadas com tantas lagrimas, en-

durecidas com tantos trabalhos; e que todas estas raizes, tantas e tão fortes se houvessem de arrancar juntas na mesma hora: *Sciens quia venit hora ejus?* Oh que dor! Oh que violencia! Oh que tormento! Cada palavra do evangelista é uma profunda ponderação d'esta força e d'esta repugnancia. É possivel que hão de ficar no mundo os homens; que hão de ficar no mundo os meus? É possivel que eu me hei de apartar d'este mundo onde os vim buscar? Oh que terrivel apartamento! Oh que terrivel hora! Oh que terrivel sim! Oh que terrivel transe!

Assim apartado ou arrancado Christo dos discipulos, começa a orar ao Padre: *Pater, si possibile est, transeat a me calix iste;* Eterno Pae, se é possivel, passe de mim este calix. Tornemos agora ao Calvario. Pregado Christo no duro madeiro da Cruz e já vizinho à morte: *Sciens quia omnia consummata sunt, dixit: Sitio;* vendo que todos os tormentos se tinham acabado disse: Tenho sede. Sede agora, Senhor? Reparae que estes echos do monte não respondem bem aos clamores do valle. No Horto repugnaveis com tantas instancias o calix, e agora no Calvario depois de ter bebido todas as amarguras d'elle publicais a vozes que tendes sede de mais: *Sitio?* Sim «e por isso mesmo», porque já bebera no Horto a amargura da despedida. O calix da paixão e morte de Christo «se compunha de douz calices, os quaes não eram outra causa senão» a mesma morte diversamente considerada (como o Senhor a considerava) no Horto e no Calvario. Toda a morte é juntamente morte e ausencia: é morte, porque nos tira a vida; é ausencia, porque nos aparta para sempre d'aquelle que n'este mundo amamos. Em quanto morte era o calix do Calvario, onde deu a vida; em quanto ausencia era o calix do Horto, onde se apartou dos seus. E este era o calix que seu amor mais recusava quando disse: *Transeat a me calix iste.*

E verdadeiramente que se o mesmo apartamento não fôra calix ou materia d'elle, nunca os evangelistas se pozeram a o descrever e encarecer com tão particulares e miudas advertencias. O *Aulus est ab eis* de S. Lucas já o ponderámos: «uma outra clausula» de S. Mattheus não é digna de menor ponderação e piedade: *Sustinete hic et vigilate mecum. Et progressus pusillum procidit in faciem suam orans et dicens: Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste.* Diz o evangelista que se apartou o Senhor *Pusillum*, um pequenino. Vede a dificuldade, vede o tento, vede o receio com que se apartava: *Pusillum*, um pequenino. Não contava os passos, mas media e pesava os indivisiveis; porque em cada um se dividia *Pusillum*, um pequenino. Como quem tocava o calix para provar se o poderia be-

A amargura da
despedida no
calix da Paixão.

O phraseado
dos evangelis-
tas prova
que a despedida
foi parte do
calix que
o amor de Chri-
sto recusava.

Math. 26.

ber; e não se atrevendo a o levar, parava e não ia por deante. E como este apartamento minimo era tão violento para o coração de Christo e lhe parecia causa impossivel o apartar-se de todo, por isso abraçado com a terra clamava: Pae meu, se é possivel passe de mim este calix. E que se seguiu a esta repugnancia tão estranha? Seguiu-se que alli mesmo começou o Senhor a entrar em agonia: *Et factus in agonia...* Christo em agonia? Christo agonizante no Horto? A agonia e o agonizar é acção ansiosa e accidente terrivel, proprio da morte: mas Christo na morte não agonizou: *Inclinato capite tradidit spiritum.* Pois se Christo não agoniza na cruz, se não agoniza no Calvario, como agoniza no Horto? Porque no Calvario morria, no Horto ausentava-se: no Calvario dividia-se de si, no Horto dividia-se de nós; e esta era a sua agonia. Por isso no Calvario passou pelo artigo da morte sem agonizar; e no Horto «quando provou os efeitos do apartamento» então agonizou: *Et factus in agonia.* Morreu Christo em quanto homem e ausentou-se em quanto homem: mas não morreu, como os homens morrem, nem se ausentou, como os homens se ausentam: porque não afinava, como os homens amam. Morreu e ausentou-se: mas com os accidentes trocados: morreu, como se se ausentara, sem agonizar: ausentou-se como se morrera agonizando. Oh que amor! Oh que fineza! Oh que extremo! A ausencia agonizante e a morte sem agonia! Na morte (segundo as leis do amor da vida) havia Christo de padecer todo aquelle tropel de penas, toda aquella tormenta de afflições, todo aquelle combate ou conflicto de angustias que padecem (o mais na edade robusta) aqueles que por isso se chamam agonizantes; e todas essas se passaram do Calvario ao Horto; porque no Horto se ausentava.

*Prora o sobre-
tudo o
cristianismo
ainda, clai-
mante a hora de
Christo não
menos a despe-
dida
que a morte*

E para que a morte não tenha que replicar contra esta amorosa verdade, concluimos com uma justificação autentica do secretario do mesmo amor, que dentro e fóra do coração de Christo foi presente a tudo. «Tornemos ao texto» por onde começamos, *Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo;* sabendo o Senhor Jesus que era chegada a hora de partir d'este mundo. Esta hora de que falla o evangelista era a hora da morte. Assim o declarou o mesmo S. João no capítulo septe fallando desta mesma hora: *Nemo misit in illum manum quia nondum venerat hora ejus.* E no capítulo oitavo tornou a declarar o mesmo: *Et nemo apprehendit eum, quia necdum venerat hora ejus.* Pois se esta hora era a hora de morrer o Senhor e dar a vida pelos homens; porque não diz: Sabendo que era chegada a hora de morrer; senão: Sabendo que era chegada a hora de se ausentar? Se o intento do evangelista era

encarecer o amor do fim: *In finem dilexit eos;* declare o fim do amor pelo fim da vida; e diga que amou Christo tanto aos homens que chegou a morrer por elles. Mas para prova e encarecimento do amor, calar o nome da morte e ostentar o da ausencia e da partida? Sim porque, como S. João tinha as chaves do coração de Christo, sabia o lugar que tinham n'elle estes dous afectos, e o preço com que lá se avaliava um e outro extremo. O preço da morte era muito alto, porque pesava tanto como a vida «do Redemptor; mas o da ausencia era mais subido; porque pesava tanto como o afecto do mesmo Redemptor áquelles» por quem dava a vida. Por isso diz o evangelista, que quando chegou a hora de partir então amou, e não quando chegou a hora de morrer; porque era muito mais dura para o coração de Christo a mesma hora em quanto hora da ausencia, que em quanto hora da morte. A hora da morte era um fim que acabava a vida; a hora da ausencia era o fim que consummava o amor: *Ut transeat ex hoc mundo: In finem dilexit eos.*

V. Concluido temos logo que o chegar Christo a apartar-se dos homens por amor dos homens foi um dos maiores extremos com que os amou «não inferior aos dous maiores do sacramento e da morte de cruz.» Só resta para inteira satisfação do amor que lhe demos a razão d'esta altíssima philosophia. Qual é a razão porque aparlar-se Christo de nós «para dispor o nosso maior bem, foi um dos maiores extremos» a que pôde chegar o seu amor? A razão é esta: porque o amor do que se ama prova-se pelo amor do que se deixa; «pois» a pedra de toque do amor é um amor com outro. Quiz Deus provar o amor de Abrahão, tocou-o com o amor de Isaac, a quem amava como filho tão esperado: quiz Deus provar o amor de Jonathas, tocou-o com o amor de Saul, a quem amou como pai e como rei. «Do mesmo modo» quem quizer apurar as qualidades do amor, toque o amor do que se ama com o amor do que se deixa, e logo conhecera quão fino é. Desde o primeiro amor que houve ao mundo, ficou estabelecida esta regra.

No poncio em que Eva saiu das mãos de Deus amou-a logo Adão tão extremadamente, quanto ella por si e por seu auctor merecia ser amada. Quiz encarecer este seu amor o novo desposado; mas como então não havia no mundo outro amor, nem outrem a quem amar, que faria Adão para provar o amor que desejava encarecer? Vede o artificio: *Propter hoc relinquet homo patrem et matrem;* por amor d'esta deixará o homem a seu pae e a sua mãe. Adão não tinha pae nem mãe: era homem; mas o primeiro homem. Pois se não tinha pae nem mãe, porque prova Adão o seu amor com o amor do pae e da mãe, que os

A razão intrínseca de todo este discurso porque o amor do que se ama prova-se pelo amor de que se deixa.

Assim o provedor Adão, mas Christo o provedor melhor.

Gen. 2.

outros homens haviam de deixar por suas esposas? Por isso mesmo. Porque o amor do que se ama, prova-se pelo amor do que se deixa: e como Adão não tinha outro amor que deixar, provou o amor com que amava a sua esposa pelo amor do pae e da mãe, que os outros homens haviam de deixar pelas suas: *Propter hoc relinquet homo patrem et matrem.* Provou Adão o amor presente pelo futuro e o proprio pelo alheio, e provou bem: porque o amor do pae e mãe que nos deram o ser é o mais natural e o mais devido; é quando se deixa por amor da esposa o que tanto se ama, é prova que se ama por extremo a esposa por amor de quem se deixa. Isto é o que fez e o que disse Adão; mas, ainda que soube provar, não soube encarecer: porque o verdadeiro encarecimento não era para o primeiro Adão; estava reservado para o segundo. Se Adão soubera encarecer o seu amor, havia de dizer assim: Eu, esposa minha, não posso qualificar o amor que vos tenho; porque não tenho outro amor que deixar por elle; e ainda que tivera pae e mãe a quem muito amara (como hão de ter os meus descendentes), deixar o pae e mãe por amor de vós, não era bastante prova do meu amor: mas para que conheçais quanto vos amo, amo-vos tanto que «se vos fôra vantajoso» chegara a vos deixar a vós, por amor de vós. Isto é o que não soube dizer Adão e isto é o que fez Christo. Deixar os paes por amor da esposa foi o poncio mais alto que soube imaginar o amor de Adão. Mas Christo chegou a fazer o que elle não chegou a imaginar: porque chegou a deixar a esposa por amor da esposa, «quando o maior bem da esposa instou pelo apartamento.» *Sacramentum magnum in Christo et in Ecclesia.* A esposa de Christo é a Egreja: a Egreja somos nós, e Christo chegou a nos deixar por amor de nós.

Ad Ephes. 5.

Jacob figura de
Christo
amante, quan-
do voltou
para a patria,
não viu a
escada porque
ento não era
similar
a Christo por
não ter deixado
a Rachel.

Quando Christo veio ao mundo, pârecen-se o amor divino com o amor humano, porque deixou o Padre por amor da Esposa; mas quando hoje Christo se vai do mundo, não leva o seu amor com quem se parecer; porque deixou a esposa por amor da esposa. Saiu Jacob peregrino da casa de seus paes para se desposar com Rachel e n'este caminho viu aquella misteriosa escada que chegava da terra ao céu. Voltou Jacob outra vez com Rachel para a patria; mas n'este segundo caminho, ainda que teve apparições de anjos, não viu a escada. Todos sabeis que Jacob não só foi figura de Christo; mas expressamente figura de Christo amante. Agora pergunto: Se Jacob viu a escada na primeira visão e no primeiro caminho, porque a não viu no segundo? Se Jacob viu a escada quando veio, porque não viu a escada quando tornou? Porque aquella escada (como dizem

communmente os padres) significava a descida de Christo e a subida: a descida quando veio ao mundo, a subida quando tornou para o Padre; e quando Jacob veio, viu a escada, porque Christo quando veio pareceu-se com Jacob; mas quando Jacob tornou, não viu a escada; porque quando Christo tornou, não se pareceu com elle, nem teve com quem se parecer. Quando Christo veio, pareceu-se com Jacob; porque assim como Jacob deixou os paes por amor de Rachel, assim Christo deixou o Padre por amor da Egreja: porém, quando Christo tornou, não se pareceu com Jacob; porque Jacob não deixou a Rachel por amor de Rachel; e Christo sim, deixou a sua Rachel por amor da mesma Rachel: deixou a sua esposa por amor da mesma esposa: deixou os seus (*Cum dilexisset suos*) «que eram os» homens por amor dos mesmos homens. «E que não deixara Christo no céu e na terra por amor dos homens? No céu deixara a gloria, deixara os anjos, deixara o Padre, por amor dos homens. Na terra, » nascendo pobre, deixou por amor dos homens a riqueza; desterrando-se, deixou por amor dos homens a patria; trabalhando, deixou por amor dos homens o descanso, entregando-se deixou por amor dos homens a liberdade; padecendo affrontas, deixou por amor dos homens a honra; morrendo, deixou por amor dos homens a vida; sacramentando-se deixou por amor dos homens a si mesmo. Mas hoje «para sacrificar tudo por amor dos homens sacrificia tambem este gosto de visivelmente estar com elles, fallar com elles, tractar com elles; e em sim chega a deixal-os tambem a elles: *Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*»

VII. Tenho acabado, sieis, o meu discurso; e não sei se tendes tambem concluido o vosso. Se me ouvistes com discurso, se me ouvistes com a devida consideração: com os mesmos argumentos com que ponderei os extremos do amor de Christo, devieis vós tambem ter ponderado e conhecido as obrigações do vosso. E que obrigações são estas? Por ventura, porque o amor de Christo chegou a nos deixar a nós por amor de nós, obriga-nos este mesmo amor a que nós tambem deixemos a Christo por amor de Christo? Se eu prégara n'outro tempo e n'outro lugar, facilmente o inferira e persuadira assim. A maior fineza que fez por Christo aquella grande alma de S. Paulo foi deixar a Christo por amor de Christo: *Desiderium habens dissolvi et esse cum Christo; manere autem necessarium propter vos.* Assim o fizeram saindo dos desertos os Arsenios e não saindo das cidades os Martinhos; e em todas as edades e ainda na nossa

As almas herdeiras mostradas num amoralogo, quando deixaram a Christo por amor de Christo.

At Phil. 1.

tudos outros vícios de esterco. A amor e zelo, a quem a mi-
 tra era peso, a vida roçando, a morte desejo, e só Christo am-
 biço e saudade
 Mas, devendo aquelles heróicos espíritos o primor tão pouco
 limitado d'estas correspondências, fallemos com o desamor, com
 a neutralidade e com o pouco juizo das nossas. É possível que
 suja tanto ónus o apartar-se de nós e que haja homens
 que não sintam o apartar-se de Christo; antes tenham por
 gosto e por vida, e ainda por felicidade, o que os aparta d'ele?
 Christo ingrato e infeliz, que ha tantos annos vivos tão apar-
 tado de Christo, que juizo é o teu n'este dia do seu amor?
 Christo sente tanto apartar-se de ti, indo para o céu; e tu
 sentes tão pouco apartar-te de Christo, indo para o inferno?
 Antes queres o inferno sem Christo, que o céu e a bemaventu-
 rança com Christo? Se como christão, não te lembras de Christo,
 ao menos como homem lembra-le de ti. Dize-me, dize-me, fazes
 tu conta de te apartar algum' hora de tudo o que te aparta de
 tua salvação? Se não fazes essa conta, que tanto devias fazer,
 não fallo contigo; porque nem és christão, nem homem; nem
 tens fé, nem tens juizo. Mas se fazes conta, como é certo que
 fazes; e se tens proposito, como é certo que tens, de algum' hora
 te converter a Christo, de algum' hora te chegar a Christo, de
 algum' hora te apartar de tudo o que te aparta de Christo, quan-
 do ha de ser essa hora? Esta é a hora, christão, esta é a hora.
 Esta é a hora de acabar com o mundo; esta é a hora de rom-
 per as cadeias d'esse mau vicio (qualquer que seja), que tão
 preso te tem e tanto te tyranniza. Esta é a hora de acabar de
 conhecer e te desenganar d'esse falso e enganoso amor. Esta
 é a hora de abrir os olhos a esse amor cego. Esta é a hora de
 reformar esse amor escandaloso. Esta é a hora de purificar esse
 amor impuro e de o pôr todo em Christo. Aproveitemo-nos,
 christãos, d'esta hora; pois não sabemos se teremos outra.
 Aproveitemo-nos (torno a dizer) d'esta hora; pois não sabemos
 se teremos outra. Ab Senhor, como se ha de converter n'outra
 hora quem se não converte a vós n'esta hora vossa? Como vos
 ha de amar n'outra hora quem vos não ama n'esta hora do
 vosso amor? Por honra e gloria d'esta hora, que triumphhe vosso
 poderoso amor d'esta dureza de nossos corações. Não permit-
 talas, Senhor, por vossa bondade que saia d'este cenaculo, n'esta
 hora vossa, algum coração que não seja vosso. Basta um Judas,
 basta um ingrato, basta um inimigo, basta um traidor. Oh triste
 alma! Oh miseravel alma! Oh desventurada alma! Oh alma,
 que melhor te fôra não ser creada, a que n'esta hora se não
 rende ao amor de Christo!

Amoroso Jesus, todos n'esta hora estamos rendidos ao vosso amor. Todos n'esta hora e desde esta hora vos queremos amar de todo nosso coração. Só a vós, Senhor, só a vós: só a vós queremos amar para nunca mais vos offendere: só a vós queremos amar para nunca mais vos ser ingratos: só a vós queremos amar para nunca mais nos apartarmos de vós: só a vós queremos amar para d'esta hora em deante nos apartarmos para sempre de tudo o que aparta de vosso amor. Seja esta hora o fim de todo o amor, que não é vosso; e seja o princípio de vos amarmos, assim como vós nos amastes, «sacrificando tudo ao vosso amor».

Conclusão. Acte
de caridade.

(Ed. ant. tom. 4.º, pag. 902, ed. mod. tom. 6.º, pag. 320).

FIM DOS SERMÕES DE QUARESMA



INDICE

PROLOGO DO COMPILADOR

§ 1.º Qual a natureza e ordem da compilação.....	v
2.º Porque não fúram estes sermones emendados pelo proprio auctor?	xii
3.º Qual o genero de eloquencia em que se funda principalmente o titulo de Chrysostomo portuguez.....	xix
§ 4.º Quanta similitudine ha entre Vieira e Chrysostomo.....	xxiv

SERMÃO DA SEXAGESIMA **

Semen est verbum Dei.
S. Loc. 8.

I Engano dos ouvintes a respeito do orador. — O sair do semeador e o do prégador evangelico. — Os animaes do carro de Ezequiel, os quaes saiam e não tornavam, significavam os prégadores evangélicos. — Porém os prégadores podem ter razões de ir e voltar para tornarem a ir. — Os contrários que encontrou e não pôde evitar o semeador evangelico. — Porém não perdeu toda a sementeira. Esperanças do orador por esta parte da parabola.....	1
II Explicação que o mesmo divino Mestre deu da parabola da sementeira. — Hoje a palavra divina faz pouco fructo ; e porque ? Esta duvida é o assumpto do sermão.....	4
III De quais principios pode proceder ? — Não é por parte de Deus. — Nem só por parte dos ouvintes : mas tambem por parte dos prégadores.....	5
IV. Qualidades de um bom prégador.— 1.º Qual devia ser a sua pessoa. — O Verbo, que é palavra de Deus, não converteu o mundo senão quando falou com o exemplo. — A melhor pregação a faz o exemplo do prégador. Pregação do Baptista.— 2.º Qual o estylo.— Ha de ser tão natural como a semente que cai. — A disposição e cla-	

reza das palavras hão de ser como a disposição e clareza das estrelas. — Esta verdade é hoje pouco intendida. — 3.º Qual o assumpto? O assumpto de sermão ha de ser unico. — Como se deve tractar o assumpto. — 4.º Qual a sciencia? O prégador ha de pregar o seu e não o alheio. — Por isso Jesus Christo chamou os apostolos ao apostolado quando refaziam as suas redes. — Confirma-se com o mysterio da vinda do Espírito Sancto. — 5.º Qual a voz do prégador? Muitas vezes podem mais os brados que as razões. — Exemplo do Baptista. — Como foi que Pilatos condenou a Christo. — Porém o sermão não deve ir todo em brados. — Auctoridade dos sanctos padres que confirmam estes preceitos..	7
V. Comtudo a razão principal de não fazer fructo a pregação ainda não esta explicada. — A razão principal é porque as pregações de hoje não são palavras de Deus. Mas são vento. — A Escritura mal interpretada pode ser palavra do demônio. — Com ella não se converte o mundo. — Maus tempos e maus prégadores. — Ha sermões que são comedias. — Antes são farças. — Os demônios não se temem d'estes sermões. — O gosto dos ouvintes não ha de ser regra do prégador.....	16
VI. Exemplo de deus prégadores que agradavam diversamente a seus ouvintes. — Conclusão.....	21

SERMÃO NA QUARTA PEIRA DE CINZA **

*Memento homo, quia pulvis es et
in pulverem revertaris*

I. O pó que somos e o pó que seremos. — Ha maior dificuldade em crer o pó que somos, do que em crer o pó que seremos. Explique-se esta dificuldade.....	23
II. Sentença que Deus produneliou ao primeiro homem e a todos seus descendentes. — A vida humana é um círculo de pó a pó; e por isso todo o homem é pó. — Tudo o que vive deve tomar o nome e a definição do que foi e do que ha de ser. Exemplo da vara de Arão transformada em serpente. — Como a serpente se chama vara, assim o homem se pode chamar pó. Tudo o que vive n'este mundo é o que foi e o que ha de ser.....	24
III. Porque só Deus é o que é. — Os deuses da terra são homens; por isso são pó.....	27
IV. Os vivos e os mortos como se distinguem? Aquelles são pó levantado, estes são pó caido. — Prova-se com a historia da criação do primeiro pae.....	27
V. Dous mementos ao pó. — Lembre-se o pó levantado que ha de ser pó caido. A estatua de Nabuco e a pedra do pintor. Reparo de Sancto Agostinho. — Apostrophe a Roma — Lembre-se o pó caido que se ha de levantar novamente. — Momento mais terrivel. A phenix e o homem. — Que effeto faz nos homens a fé da resurreição e da immortalidade. — Os homens não vivem nem como mortaes nem como immortaes.....	28
VI. Devemos tractar d'esta vida como mortaes e da outra como immortaes. A morte é a causa mais terrivel. — Conclusão. Estamos em tempo de remediar o mal. Como havemos de remedial-o.....	33

II. SERMÃO NA QUARTA FEIRA DE CINZA **

Pulvis es, et in pulvorem revertaris.

Gen. 3.

I. Bebida medicada com dous pós venenosos, e tornada salutifera.— Os dous pós do texto são de tal natureza que, se nós quizermos, o pó que somos é remedio do pó que seremos.....	35
II. Para não temer a morte devemos viver como mortos. Verdade ensinada até pelos gentios.— Prova-se com o Apocalypse (c. 44.) segundo o commento de Sancto Ambrosio.— Quanto importa esta verdade.— Tres cousas fazem terrível a condição da morte.....	37
III. A primeira condição da morte é ser uma.— Os que morrem ao mundo zombam d'esta condição.— A morte segunda dos condenados.— As arvores mortas duas vezes nos ensinam o que devemos fazer.....	37
IV. A segunda condição da morte é ser incerta.— Foi incerta ainda para S. Pedro, não obstante a revelação de que em breve havia de morrer.— Quem morre ao mundo não sente esta incerteza.— Por isso dizia S. Paulo que não corria ao incerto	40
V. A terceira condição da morte é ser momentânea.— Comtudo não o é para quem morreu ao mundo. Exemplo de Carlos V. e de um seu soldado.— Exemplo de David.— E de Job.— Quem era David.— E Job.— Exemplo de Sancto Antonio.— Unico antidoto contra o veneno da morte.....	42
VI. Fructo do discurso.— Os que morrem antes do tempo que imaginam. Palavras d'el-rei Ezechias e do rico do Evangelho.— A nossa alma deve fazer com o corpo o concerto de Elias quando fugia de Jezabel.— O que se faz na morte, fazel-o antes.— Difficultades que apresenta o mundo contra esta resolução.— Como se resolvem.— O laço mais difficultoso de desatar ou cortar.— Como Henoch e Elias acabaram a vida antes de morrer, e como são felizes.— Henoch e o diluvio universal.— Elias e os captiveiros do povo de Israel.— Felicidade dos que morrem ao mundo, similar à de Henoch e Elias. S. Paulo commentado por S. Bernardo.— Conclusão. Os que chegam cançados ao inferno.....	48

III. SERMÃO NA QUARTA FEIRA DE CINZA **

Pulvis es, et in pulvorem revertaris

I. Os homens amam a vida e temem a morte.— Mas a morte deve ser a amada, e a vida a temida.....	53
II. A vida deve-se considerar como é no estado presente da natureza ; e a morte em quanto é fim de uma vida tão trabalhosa.— Elias prefere a morte á vida.— E tambem Salomão.— Autoridade do mesmo Verbo incarnado.— As lagrimas de Christo na resurreição de Lazaro como foram explicadas pelos Sanctos Padres.— O mesmo desengano acha-se na lei da natureza, na lei escripta e na lei da graça	54
III. Alguns querem distinguir no amor da vida os miseraveis dos felizes.— Fundando esta distinção na Escriptura.— E na auctor-	

ridade de um antigo philosopho. — Mas Salomão não admite esta distinção entre miseráveis e felizes ; e não se deve admittir.....	57
IV. Prova-se quanto aos bens da natureza, da fortuna e da graça. Não ha distinção quanto aos bens da natureza. — A morte é a isenção de todos os males. Auctoridade de Sancto Agostinho e de S. João.....	59
V. Não ha distinção quanto aos bens da fortuna. Estado dos reis. — Bem o mostraram Carlos V. Seleuco rei da Ásia e el-rei Antígo. — Outros exemplos. — Facto do sancto rei Josias.....	60
VI. Nos bens da graça passa o mesmo. — A vida do homem é uma perpétua guerra. — Só a morte dá paz ao homem. — Quaes bens logra, segundo a Escritura, quem morre na mocidade. — Logo não ha alguma distinção quanto aos bens da natureza, da fortuna e da graça, e sempre a morte é preferível à vida.....	63
VII. A incerteza da vida futura, que depois da morte se ha de seguir, torna mais temível não a morte, mas a mesma vida presente, de que é effeito. — Para amar a morte com preferencia da mesma vida é necessario viver como os mortos, isto é, escondido em Deus com Christo. — E viver como pessoas que devem morrer. — E finalmente imitar os mortos. — Quanto vale esta consideração...	65

I. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA ...

Ego autem dico vobis: Diligitis inimicos vestris, beneficis hiis qui odierunt vos, ut sitis filii Patrii vestri qui in celis est.

S. MATTH. 5.

I. O texto inclui um preceito, um motivo, um exemplo. — Não se dissimula a dificuldade do preceito de perdoar aos inimigos. Caso acontecido ao povo de Israel quando peregrinava pelo deserto. — O pregador evangelico não deve dissimular a dificuldade ; mas impugnar para da impugnação inferir as qualidades admiráveis do preceito do perdão.....	69
II. Terror que tiveram d'este preceito os gentios e os judeus. — Os maus christãos mostram o mesmo horror. — Sophismas do nosso orgulho contra este preceito.....	70
III. Comudo prova-se que este preceito é fácil e natural, sob o influxo da graça de Deus. — Ter inimigos é uma hora. — Qual foi a causa do ódio de Lucifer contra o genero humano. — E de outros malvados contra o seu proximo. — Outras inimizades.....	72
IV. Porque devemos perdoar aos inimigos. Exemplo de David. — Caso em que elle, tendo licença de tirar a vida a Saul, a não tirou. — Com o perdão pagamos a Deus os seus benefícios. — E assim Deus acrecentara os mesmos benefícios. — Outro exemplo de David. — Exemplo de Anna, mãe de Samuel.....	74
V. Estas e muitas outras razões podia allegar o Salvador para nos persuadir ao perdão dos inimigos. — Só allega a mais forte	77
VI. A palavra de Christo como Deus dá o ser as coisas. — E dá-lhes energia para os seus effeitos. — Por isso é a mais elleaz como motivo de perdão. — A palavra de Deus motivo da fé e da caridade. — Applicação ao mysterio da SS. Trindade. — E ao mysterio da Eucaristia.....	79
VII. Sublimidade do exemplo que Christo nos propôi no seu Pae. — Como Deus n'este mundo tratta os seus inimigos. — De que modo	

Deus professa odio a Esau e amor a Jacob. — Bens de ambos. — Esau Conrado nos seus descendentes. — Como a Escritura escreve o seu carologo.....	81
VIII. A Incarnação é um exemplar de perdão mais facil de imitar. — Doutrina de Sancto Thomas. — Mysterio da morte do Salvador.	84
IX. Os Rechabitas que confundem aos israelitas ; e os turcos que confundem aos christãos. — Antes os christãos que se confutam com seus proprios actos.....	85

H. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA **

Ego autem dico vobis. Diligitis inimicos vestros, benefacite his qui odierunt vos.

S. MATTH. 5.

I. Como a Egreja prepara os fieis no principio da Quaresma. — Os reis estão sujeitos e obrigados como os outros homens ao preceito de amar os inimigos. Qual o fundamento d'esta obrigaçao. — Porque Jacob não deu a benção da realeza, nem a Rubem, nem a Simeão, nem a Levi. — O exemplo de Christo obriga hoje ainda mais os reis christãos. Porque Christo tomou o nome de Rei dos Judeus. Admiração de Sancto Agostinho. — Objecto do assumpto d'este sermão. — Pergunta que fez a Christo um doutor da lei, e pergunta que se pode fazer ao orador. — A resposta a esta pergunta é difícil e perigosa ; mas nem por isso se deve dissimular.....	87
II. Inimigos dos reis não são os que nos fazem guerra. Opinião de Tertulliano. — Os reis christãos podem e devem amar os seus inimigos de guerra, ainda que procurem destrui-los. — E com isto, se a guerra é justa, lhes fazem bem.....	91
III. Os verdadeiros inimigos dos reis acham-se entre os seus vassalos. — E são os aduladores que vivem no paço. — Auctoridade de Sancto Agostinho e dos maiores philosophos gentios. — Auctoridade de Synesio e de Tacito. — Cornelio a Lapide o confirma com exemplos.	95
IV. Réplica dos palacianos. — Resposta : se elles são amigos do seu interesse, são inimigos do rei. — Os Palacianos são como a hera e fazem como Jacob a respeito de Labão. — E como a aranha....	98
V. A ruina dos reis é serem louvados em tudo o que fazem. A benção que Jacob deu a Juda. — Ainda quando os palacianos louvam com a boca o que reprovam no coração, como fazia Afranio Burrho, são a ruina dos reis. — Os aduladores são como o camaleão, à sombra, o espelho e o echo. — O que aconteceu a David depois do seu peccado.....	100
VI. Os aduladores afastam do paço os que diriam a verdade.....	104
VII. Como os reis amam estes seus inimigos. — E como os devem amar. — O maior bem que se pode fazer ao adulador é afastá-lo da corte. Prova-se com exemplos.....	105
VIII. Conclusão. As sereias da Odysséa de Homero e os aduladores da corte de Portugal.....	106

III. SERMÃO DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA •••

Dilegit inimicos vestros.

S. MATTH. 5.

Qui non odit patrem suum et matrem et uxorem et filios et fratres et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus.

S. LOC. 14.

I. Amor e odio não sabemos o que são.— O evangelho de hoje é uma prova d'este desengano.....	109
II. Christo nos dá dous preceitos um de amar outro de abhorreter.— Difficultades do primeiro preceito.— Auctoridade de Sancto Agostinho e de outros doutores da Egreja.— Difficultades do segundo preceito.— Força do amor nas almas mais nobres. Exemplo de Iopathas e David.— Theoria de Sancto Agostinho. O amor é como a calamita.....	110
III. Necessidade d'estas advertencias.— Resolução das difficultades.— Ha dous generos de amar e dous de abhorreter.— Como os antigos pintavam o amor e o odio. Ficção de Anaereonte.— Amar mal é abhorreter, e abhorreter bem é amar.— Como se torna facil o preceito de amar aos inimigos.....	112
IV. Declaração d'esta facilidade.— O bem que nos fazem os inimigos. Exemplos da Escriptura.— Christo e os discípulos de Emmaus.— Sancto Estevão e S. Cipriano.— Como devemos abhorreter o amor desordenado com que nos amam os nossos pais.....	114
V. Quaes os exemplos da lei evangélica.— O amor que ha no mundo entre os amigos e os amantes não é amor.— Exemplo do amor de Adão para com Eva.— E da mulher de Putiphar para com José.— De Dalila para com Samsão; e de Aman para com Thamar. O homem é na inconstância filho da mulher.....	117
VI. Devemos amar amigos e inimigos como Christo ensina que nos amemos a nós mesmos.— Quem ama a Jesus Christo facilmente amara aos seus amigos e inimigos como os deve amar.— O Salvador se queixou a Sancta Brígida de ser desprezado pelos homens.— Conclusão.....	120

I. SERMÃO DA PRIMIBA DOMINGA ••

Ostendit ei omnia regna mundi et gloriam eorum, et dixit ei : Racc omnia tibi dabo, si cadens adorare sis me.

S. MATTH. 4.

I. O demonio faz dos nossos remedios tentações. Prova-se com a primeira tentação com quo tentou a Christo no deserto.— Prova-se com a segunda.— Como sera possivel que nós das tentações façamos remedio? — Mostrar-se-ha na terceira tentação e sera o assunto do sermão.....	123
II. Como o demonio pôde mostrar a Christo todos os reinos do mundo; e que são estes reinos.— Auctoridade de Salomão.— Os bens do mundo tem valor para nós, porque os não pesamos.— E nos acontece como a Esau.— Porque mostrou o demonio a Christo os bens do mundo em um instante.— N'isto andou muito	

astucioso ; porque todos os bens do mundo são vãos e não fazem pendor.....	125
III. Qual o peso da alma. — A cruz é a sua balança. — A invisibili- dade da alma mostra o seu preço. — Um corpo sem alma nos re- vela o que ella é. — Deduz-se da mesma tentação do demônio. — Os homens pelo contrário dão a sua alma por nada. — Suposição de offercimentos muito mais amplos por parte do demônio. — Ainda que a perda da alma seja duvidosa, não se deve arriscar. — Porque o negocio da alma é o maior que temos. — O Redem- ptor fez tanta conta das nossas almas que morreu ainda pelas que não se salvam. — Conta que fez da alma de Judas.....	125
IV. Recapitulação e conclusão para a prática da quaresma. — Devemos também cuidar das almas alheias. — Supplica em favor d'ellas. — Adeantar o negocio da salvação das almas é adeantar o das conquistas. — Conclusão.....	130
	139

II. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA *

Hoc omnia tibi dabo, nō cedens adoraveris me.

S. MATTE. IV.

I. O dia das tentações de Christo é temeroso por uma parte e ven- tuoso por outra. Explica-se. — Tres foram estas tentações. A terceira, como a maior e a mais universal, será o assumpto do ser- mão.....	141
II. Nas tentações do demônio não só ha que temer, senão também que imitar.—Offercendo mundos para ganhar uma alma mostra fazer muita estima das almas. — O mundo custou a Deus uma palavra e as almas lhe custaram todo o seu sangue. — Muitos christãos vendem barato as proprias, porque as não posam nem sequer nas balanças do demônio. — Que aproveitaria lucrar todo o mundo e perder a alma ? — Não ha causa por que a alma se possa trocar, e comtudo o hotnem a troca, por objectos os mais despreziveis. — Industrias e trabalhos do demônio para render a alma de Christo a quem julgava puro homem; e desculpo dos christãos em salvar as proprias. — Prego com que o demônio compra as almas dos maranhenses.....	142
III. Esta materia é no mesmo tempo a mais util e a menos gostosa; e por isso dificultosa de tratar no pulpite. — Por quais razões o orador não queria vencer esta dificuldade ; e como finalmente se determinou lendo a epistola da missa da sexta feira passada. — N'esta epistola falla-se dos captiveiros injustos. — Desengano dado aos maranhenses da parte de Deus.....	146
IV. Porque não dão liberdade aos índios captivos, são castigados como Pharaó. — O castigo é n'esta vida e na outra. — Prova da razão e réplica sem fundamento. — Ah ! se se abriram as sepultu- ras ! Mas não é necessário este milagre quando as Escripturas fallam tão claramente !	147
V. Os captiveiros, ainda quando necessarios, seriam ilícitos. — Mas não são necessarios. — Propõi-se um alvitre para conciliar a li- berdade dos índios e os interesses temporaes e eternos dos mara- nhenses.....	149
VI. Moderação do alvitre.—Acceptando-o não se encontra outro mal que perder alguns índios. — E logram-se quatro bens. 1.º Ficar com a consciencia segura. — 2.º Livrar-se d'esta maldição. — 3.º	

Poder resgatar outros indios para o serviço.—4º Poder esta proposta ir as mãos de sua majestade e ser aprovada.....	152
VII. Conclusão e peroração. — Dê-se liberdade aos indios por amor de Christo. — E por gloria da nação portugueza. — Deus ha de com maiores favores recompensar este sacrifício. — Em todo o caso o serviço de Deus seja sobre tudo. — O encontrar a pobreza por este serviço de Deus é o mesmo que alcançar o martyrio. — Promette-se tudo isto aos pés de Jesus Christo.....	153

III. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA *

Tunc expulsi cum diabolus in cunctum exercitum ei statim cum super pinnaculum templi, et dixit ei. Si filius Dei es, mitti te deorum

S. Mateo. 4.

I. Este mundo está cheio de laços. Prova-se com o Evangelho. — Exemplo de Christo para vencer as tentações.....	157
II. O demônio, quando quer tentar, espreta a ocasião. Assim o fez tentando a Christo. — Tres passos em que tenta os eclesiásticos..	158
III. Primeiro, vir a cidade sancta. Visão de S. João no Apocalipse. — Similhança e diferença que vai entre os desposorios de Isaac e os de Jacob. — Documentos dos esposos dos Cantares, e exemplos da história eclesiástica.....	159
IV. Segundo, subir ao pinnaculo do templo. Como esta tentação é só propria dos eclesiásticos. — A subida de Christo ao pinnaculo como se fez. — Querer subir sempre, é proprio do demônio. — Como o imitam os eclesiásticos. — A forma do leito de Salomão e a corte romana. — Como são tentados os eclesiásticos portuguezes. — Auctoridade de Bellarmino. — Jacob e Esau que se combatiam no ventre da mãe, são figura dos pretendentes.....	161
V. Terceiro, cair. Quaes as quedas dos eclesiásticos. — Perigo de que os eclesiásticos comam o pão dos pobres. — Elles são priores do que o filho prodigo, porque comem o pão do seu gado. — As tentações da cubica são da peior natureza. Texto de Zacharias e auctoridade de S. Zeno. — S. Paulo chama idolatra ao avarento e não ao cubigoso.....	163
VI. Conclusão. A carriça de que fala S. Bernardo. — Reprobração que um grão príncipe fez a um eclesiástico. — Os que querem ser ricos caem nos laços do demônio.....	169

SERMÃO DA SEGUNDA QUARTA-FEIRA *

*Generatio mala est adulteria signata
quare; si uirgo non debilitate et uite
ignorum Jones prophetae.*

S. Mateo. 11.

I. Christo irado contra os judeus não obstante a sua misericórdia. — Razão de Theophylacto: porque lhe fallavam com animo hostil. — Razão de S. Chrysostomo: porque não queriam ouvir, mas ver. — Razão de Sancto Agostinho: porque pediam com presunção. — Propõe-se outra razão como assunto do sermão.....	173
II. Os judeus são justamente repreendidos porque procedam como	

filhos degenerados de Abrahão, pae dos crentes. — Pedem uma prova da divindade de Christo e não querem attender que a maior prova é a sua paciencia. Esta é a razão porque Christo se ira contra elles. — Opportunidade de tractar este argumento.....	175
III. Prova-se o assumpto. — 4. ^o Geralmente com o exemplo de S. Paulo. — Cuja paciencia foi a maior prova do Evangelho. — Até os milagres se valiam da sua paciencia.....	177
IV. 2. ^o Prova-se o assumpto propria e singularmente no mesmo Christo. — Isto foi o que no Thabor o Pae celeste mandou ouvir da bocca de seu divino Filho. — O demonio e a mulher de Pilatos a respeito do mesmo assumptô. — Christo dá a S. Pedro a mesma resposta que ao demonio, quando S. Pedro o queria persuadir a que não padecesse.....	179
V. A paciencia que Christo havia de mostrar na sua morte, foi o sinal de Jonas propheta que prometeu dar aos judeus. Argumentos de S. Jeronymo e Sancto Agostinho. — Outro de Tertulliano. — Texto singular do mesmo padre. — A explicação mais corrente e natural do mesmo texto.....	182
VI. Este exemplo de paciencia do Deus do céu não é geralmente imitado pelas deidades da terra. — Outro texto notável de Tertulliano. — Com o poder deve ir unida a paciencia. — Exemplo de Moysés na corte de Pharaó.....	185
VII. Como os deuses da terra se hão de portar na moderação das palavras e no agrado do semblante. — Christo não significa a Nathanael que sabe o que elle respondera a Philippe em desabono de Nazareth. — Jacob recebido com affecto por Esau diz que viu o seu rosto como o rosto de Deus.....	187
VIII. A paciencia divina deve ser imitada por todos. — Sobretudo em Jesus Christo. — O Pae celeste não dá no Calvario testimunho a seu Filho como no Thabor e no Jordão. — Para que apprendamos na paciencia do Pae e do Filho a ser filhos do mesmo pae.....	189
IX. Exhortação aos desterrados de Pernambuco. — A paciencia é necessaria para a felicidade eterna.....	191

I. SERMÃO DA SEGUNDA DOMINGA *

Assumpsit Iesus Petrum et Jacobum et Joannem, et duxit illos in montem excelsum secretum, et transfiguratus est ante eos.

S. MATTE. 17.

I. O monte da tentação e o monte da transfiguração. — A cada um d'elles responde a sua assumpção e cada um tem seu caminho. — Nelles se vê a diferença dos bens verdadeiros aos falsos.....	193
II. Só Christo que se achou em um e outro monte nos pode mostrar e mostra essa diferença.....	195
III. Os bens do mundo são com mistura de males. — Eosina-o a natureza. — Allegoria dos poetas gentios. Texto de David, interpretado por Sancto Agostinho. — Auctoridade de Salomão. Descrição da sua grandeza. — Auctoridade do imperador Carlos V... IV. Argumento tirado da historia sagrada. Primeiro da de José. — Segundo da de Jacob. — Terceiro da de Abrahão, David e Achitophel. — A practica que Moysés e Elias tiveram com Christo na transfiguração prova a mesma verdade.....	195
	198

V. Só os bens celestiaes são puros bens. — A arvore da vida e a arvore da sciencia do bem e do mal. — Qual o ouro da cidade do céu segundo a doutrina de S. João. — Auctoridade de Sancto Agostinho. — S. João commentado por Sancto Ambrosio.....	200
VI. Como se logram os bens deste mundo, e como os do céu. Factos de Naboth, de Miphiboseith e do pae de familias do Evangelho. — Qual a razão da diferença segundo S. João Chrysostomo. — Como é que os roubos e as leis contra os roubos mostram que os homens n'este mundo não podem lograr o que é seu.....	203
VII. Por isso o divino Mestre nos exhorta a buscarmos os thesouros do céu e não os da terra. — Os thesouros d'este mundo não sabemos para quem os ajunctamos.....	205
VIII. Os bens d'este mundo, quando muito, logra cada um os seus; os do céu, não só logra cada um os seus, senão tambem os de todos. — Desacerto das palavras de S. Pedro no facto da Transfiguração.....	207
IX. Replicas a esta ultima parte. — Resposta declarada com varias similitanças. — A bemaventurança da gloria e a da alegria. — A caridade de S. Paulo explica a dos bemaventurados. — Explicação tirada do amor paternal. — Commento da primeira palavra do primeiro psalmo de David.....	209
X. O caso que muitos christãos fazem dos bens deste mundo e o que fizeram muitos gentios. — Os taes christãos não mostram nem fé nem intendimento. Remedio e conclusão.....	214

II. SERMÃO DA SEGUNDA DOMINGA ::

Asplenduit facies eius sicut sol: vestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix.

S. MATTE. 17.

I. Doutrina de David ácerca da gloria do céu segundo o commento de Theodoro Heracleota. — As duas especies de mentira segundo S. Thomás, De uma nem os escriptores inspirados se podem livrar quando fallam da gloria.....	217
II. Mostra-se no evangelho do dia a gloria de Christo descripta com as similitanças do sol e da neve. — Quão longe da verdade estão estas similitanças.....	218
III. S. João annuncia a gloria como evangelista (Evangelho c. 1.); e a descreve como propheta (Apocalypse c. 21 e 22). Forma exterior da cidade de Deus. — O interno da mesma cidade. — Como se deve entender a descrição de S. João negativa e positivamente. A gloria do céu nunca se viu. — Nem se pode imaginar. — S. João fez como o discípulo de Zeuxis.....	220
IV. O que disseram da gloria os prophetas do antigo testamento. Descreve-a Isaias e juntamente no cap. 61 avisa que nunca se ouvia o que Deus tem preparado na gloria. — O que d'aqui se conclui. — Prova-se com a induçao. Todas as figuras da gloria que se acham nas Escripturas são imperfeitas. — E taes são as similitanças. — Os prophetas fallaudo da gloria fizeram como os astrónomos descrevendo o céu.....	224
V. Para saber o que é a gloria é necessário ir ao céu e vel-a. O <i>Vinde e vede</i> dicto por Christo e commentado por Beda. — A rainha Sabá e a gloria de Salomão. — Todos querem ver, mas muito	

poucos querem vir seguindo a Christo. — Abraão obedece a Deus sem o testimonho da vista. Razão d'esta obediencia. — Attrição e contrição expressadas com as palavras do filho prodigo. — Convite de Christo para a gloria.....	227
--	-----

SERMÃO DA SEGUNDA FEIRA DEPOIS DA SEGUNDA DOMINGA **

*Ego vado, et quarectis me et in peccato
restro mortiemani.*

S. JOAN. 8.

I. Os tres ais da aguia do Apocalypse (cap. 8) commentados por Aretas. — Estes ais lamentam a desgraça dos pecedores obstinados. — Os mesmos ais concordam com as ameaças do thema. — Assim o experimentaram os judens e o experimentam muitos christãos.....	233
II. O que significa ser deixado de Deus. — Como o intendiam David e os seus inimigos. — Como o experimentou Samsão. — E por qual motivo foi deixado de Deus.....	235
III. Como foi deixada Jerusalém. — E quando foi deixada. — Confirma-se com a prophecia de Oséias c. 9. — E com as palavras do mesmo Salvador em S. Mattheus c. 23.....	238
IV. Em Jerusalém era significada a alma do christão. — Quantos deixados de Deus enchem o mundo! — Deus não deixa, se não é deixado primeiro. — O desamparo final. — O que faz n'este desamparo a alma infeliz. Texto de David, commentado por Hugo Cardial.	239
V. Virá tempo em que buscará a Deus, mas debalde. — Este desamparo parece que se encontra com a idéa que temos da divina misericordia segundo a Escritura. — Exemplos e parabolas do Evangelho. — Outras parabolas que significam ainda mais.....	243
VI. Como se explica tudo isto em a nação judeica.....	245
VII. Como se explica na alma christã. Explicação de Sancto Agostinho. — Não é absolutamente impossivel a conversão em poneto de morte, mas é rarissima. — Por não se buscar a Deus com todo o coração. É doutrina expressa de Deus no Deuteronomio c. 4. Texto de Sancto Agostinho. — Estado de um moribundo. — A graça de Deus e os que morrem em peccado. — Doutrina do livro dos Proverbios. — Geralmente os que viveram mal, morrem mal. — Exemplo de Antiocho. — A sua conversão foi similhante à de muitos christãos.....	245
VIII. O peccado em que morreram os judeus foi errar na fé, peccado proprio d'aquelle nação. — Prova-se com toda a sua história e com um texto do psalmo 94. — O peccado proprio em que morrem os outros pecedores, não tem especie particular. — Observação feita no psalmo <i>Miserere</i> . — O peccador morre n'aquelle peccado com que se acha ligado e como casado.....	251
IX. Conclusão. Deve-se fazer penitencia, e já sem demora.....	253

I. SERMÃO DA TERCEIRA QUARTA FEIRA *

*Nescitis quid petatis.
S. MATTE. 30.*

I. O evangelho do dia e os mal despachados com necessidade de consolação	256
--	-----

